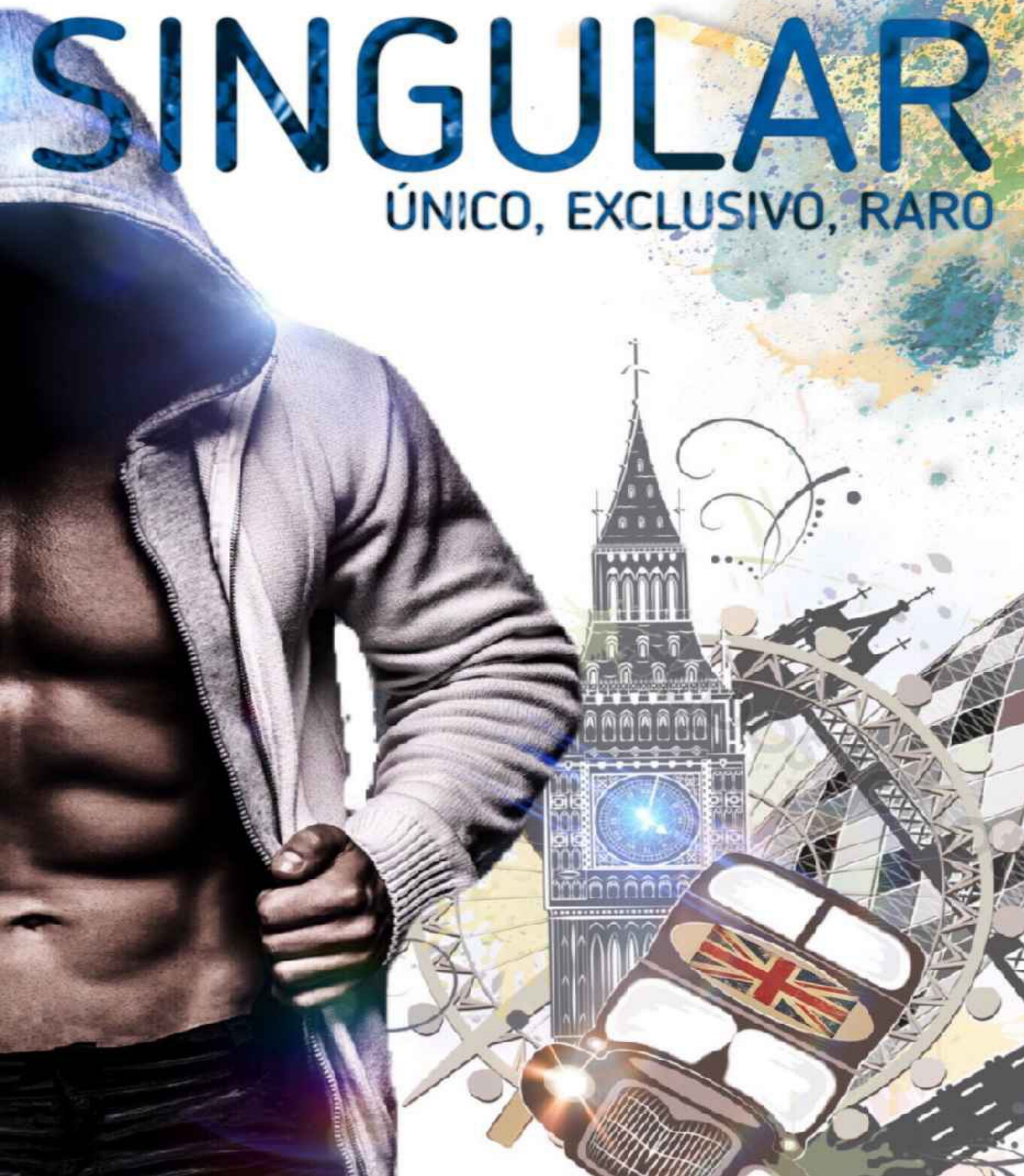


Autora - Bestseller - Amazon

ANNE KRAUZE

SINGULAR

ÚNICO, EXCLUSIVO, RARO





PERIGOSAS NACIONAIS



SINGULAR

ÚNICO, EXCLUSIVO, RARO

ANNE KRAUZE



Brasil. 2018. 1ª Edição

PERIGOSAS ACHERON

Ficha técnica
1ª Edição - Brasil – 2018



Todos os direitos desta edição são reservados à
ANA CLAUDIA SPITZNER

E-mail - annekrauze@gmail.com

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que
entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autor – Anne Krauze

Título Original – Singular

Capa – Anne Krauze

Revisão: Carla Santos

Revisão final, diagramação, coordenação e

PERIGOSAS NACIONAIS

conversão para e-book – P.A. Revisões

1ª EDIÇÃO – ANA CLAUDIA SPITZNER – SÃO
PAULO – 2018

Copyright © 2018 AnneKrauze

AVCTORIS – Registro de marca e propriedade
intelectual

HASHCODE (SHA256)

3c37ca0e50b9c64d288f3634db859c2b8b9dc3ef23e4

O presente pedido de registro está em
conformidade com: Bene Convention (INTL),
Metre Convention (INTL), Lei 9.610 (BR), WIPO
Copyright Treaty (INTL), US Copyright LAW
(US), UCC Geneva (INTL) e demais legislações
pertinentes ao Direito Autoral de países membros

PERIGOSAS ACHERON

da Convenção de Berna (INTL) e da convenção do Metro (INTL).

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora Anne Krauze foram assegurados.

Conteúdo rastreado. Plágio é crime! Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1990. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: pena de 3 (três) meses a 1 (um) ano ou multa.

Sobre a história



Livro Único.

Olha... longe de mim, fazer fofoca, mas esse casal não bate bem.

Se são as personalidades intempestivas ou do bando de coisas, algumas delas bem chatinhas, é verdade, que rolaram em suas vidas, eu não sei... Só sei que não são normais... São singulares. Dois mundos opostos que se misturam e se completam em uma aventura eletrizante. Preparem-se... Tudo pode acontecer nessa deliciosa comédia romântica sobre relacionamentos, amores, intrigas e segundas chances.

Uma loucura apimentada e surpreendente!

Ele cisma em protegê-la e ela é a campeã em salto não sincronizado em ciladas...

Juro!

Nunca vi uma mulher tão propensa a se meter em roubadas. Não que nossa Inglesinha seja uma destrambelhada, imatura ou inconsequente... Nada disso! A moça é até bem pé no chão, trabalha pra caramba e superfiel aos amigos... Coração de ouro, alguns dizem...

Mas sabe aquele tipo de gente que parece ter um imã nas costas atraindo umas merdas? Então... essa é Beatrice Wild.

Um prato cheio para ele, Dante Stoirm... o nosso antimocinho. Isso mesmo, não se iludam... Um *lord* em armadura reluzente, não é... Ah... não é mesmo. Um mão irritante e boca suja dos infernos... Ok... Tudo bem que tem um caráter impecável e dizem por aí que até herói é. Um

PERIGOSAS NACIONAIS

homão forjado em honra, coragem e condecorado por ato de bravura pela própria Rainha, acreditam? Um irlandês osso duro, tenho que admitir.

Pois é, vamos lá... essa é SINGULAR. Uma história única, exclusiva e rara como dois malucos que, talvez, por serem tão errados, sejam tão certos um para o outro.

Apreciem a viagem... sem moderação.

*** Contém cenas não recomendadas para menores de 18 anos.*

PERIGOSAS ACHERON

Sumário



PARTE 1

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[PARTE 2](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

[Recadinho da Anne Krauze](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça mais livros de Anne Krauze](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para todos que acreditam que a vida é preciosa e
não desistem nunca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PARTE 1



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

E assim começa...

Dante Stoirm tem uma mania chata. Ele insiste em ser um cara legal.

Pelo menos, era o que eu pensava.

Um cara que tinha todo o potencial para me achar um estorvo, mas não o fez. Filho de um dos melhores amigos de meu pai, um menino esperto de cabelos castanhos rebeldes, olhos azuis-escuros e queixo quadrado, que levou a sério a coisa do “mantenha sempre um olho nela”.

Era tão óbvio que um dia, o garoto, cinco anos mais velho do que eu e que vivia me tirando de enrascadas, cresceria.

Uma tragédia tão certa, como dois e dois

são quatro.

Deveria ter sacado a merda e pulado fora logo no início.

Mas como?

Era um risquinho de gente quando nos conhecemos. Uma maria-chiquinha ambulante movida a encrenca. A menor da turma de cinco crianças, três meninos e duas meninas, filhos de casais que se conheceram na faculdade: os Wild, os Stoirm e os Lacroix. Ingleses, irlandeses e franceses, uma mistura de culturas e temperamentos, no mínimo, barulhentos.

Amigos que tiveram infâncias felizes e que desejavam o mesmo para os filhos.

Por isso cresci feliz e rodeada de gente. Perdi a conta de quantos acampamentos, churrascos, festas e viagens fizemos juntos... época boa. Os meninos dos Stoirm: Dante, Maximus e

Romeo; e a menina dos Lacroix: Chloé, sempre ocuparão um lugar especial em minhas memórias... mesmo que hoje eu prefira esquecer algumas delas.

* .. ♥ .. *

Balneário de Bournemouth^[1] — Inglaterra

— Tô las-ca-da, Chloé, e a culpa é sua.

Levanto a cabeça para encarar minha melhor amiga, que está com a expressão ofendida. Faço uma viseira com a mão protegendo os olhos da luminosidade.

— Minha? Até parece — diz ofegante de tanto caminhar na areia fofa.

— Queria ter ficado em Oxford^[2]. Falei que era melhor aproveitarmos o feriado para estudar. E o que você fez?

Tiro uma mecha de cabelo da boca, que o vento teima em enfiar de volta.

— Te arrastei pra cá.

— Pois é.

Acelero o ritmo e continuo a caminhar em direção à casa que reina sozinha na encosta. Ignoro os matos que insistem em bater nas minhas pernas e a areia fofa que infiltra nos meus dedos. Ajeito a mochila e deixo Chloé esbaforida para trás.

Agradeço que me conheça, suficientemente bem, para saber que não estou em um bom momento.

Preciso de espaço, preciso pensar.

Tropeço em um tronco e amaldiçoo Romeo por ter comprado uma casa de veraneio com um acesso tão remoto. O caçula dos Stoirm sempre gostou de lances de sorte e apostas. Há um mês, ele acordou com um palpite, arrecadou uma

libra de cada irmão e, na brincadeira, faturaram uma bolada na *EuroMillions*^[3].

Este é o motivo de estarmos aqui em Bournemouth, comemorar a bunda virada para a lua dos meus amigos de infância. É claro que estou feliz por eles, mas eu estava bem mais feliz lá no meu canto.

Desgraça!

Sei que ninguém está entendendo porque ando tão esquisita. Depois de cinco meses de desculpas esfarrapadas, acho que já ficou meio evidente que tenho evitado os Stoirm, mas aquilo que aconteceu no meu aniversário foi realmente esquisito.

Droga!

Como assim, Dante ficou interessante?

Quando foi que a nossa diferença de idade ficou irrelevante?

PERIGOSAS NACIONAIS

São cinco anos, poxa vida!

Uma eternidade que evaporou no ar. De repente, os meus vinte para os vinte e cinco dele não eram nada.

Desde quando os meus hormônios davam as cartas?

Por que cargas d'água, comecei a achar que a coxa dele, na calça camuflada, a coisa mais incrível da Inglaterra?

Deus!

Eu nem gosto de militares. Senti um alívio danado quando meu avô se aposentou da polícia de Londres. Odeio armas e acho realmente que as Forças Armadas criam seus malditos uniformes exclusivamente para seduzir a frente inimiga feminina.

Que meleca!

Por que achei que seria genial subirmos no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

telhado para olhar as estrelas? Tudo bem, que sempre fizemos isso nos meus aniversários. Mas, poxa, o tempo nem estava tão bom assim. Desde quando os nossos gostos se pareciam e a conversa fluía tão bem? Ele se mostrou tão genuinamente interessado em saber sobre tudo o que aconteceu no meu primeiro ano de faculdade e eu achei tão incríveis as coisas que me contou sobre as missões de paz na África e Oriente Médio.

Que catástrofe!

Saber que pilotava helicópteros, foi demais para mim! Um calor desconhecido possuiu meu corpo e nublou minha mente. Sei lá como, mas, quando me dei conta, já estava atracada ao pescoço dele buscando por sua língua avidamente.

Esperei a rejeição, ela não aconteceu.

Claro que não aconteceu.

Dante é legal, sempre é.

PERIGOSAS ACHERON

Não dá, assim não dá.

Ele tinha a obrigação moral de ter me empurrado. Foi totalmente absurdo quando cobriu meu corpo com o dele e devorou a minha boca ardorosamente. Não interessa que eu estava adorando e implorando por mais, não é assim que as coisas funcionam. Sinceramente, os nossos governantes falharam ao não criarem leis contra isso... Pessoas que cresceram juntas, não deveriam beijar como se o mundo estivesse implodindo. O ordinário tinha que ter me chamado de louca, não sussurrado ao pé do meu ouvido:

— Porra, que delícia você é, Beatrice Wild. Sua boca é mais gostosa do que imaginei. Prometa que vai esperar por mim.

Quando Maximus berrou do jardim, que estava na hora de irem, eu deveria ter dado no pé... Foi Deus ali dizendo, através de Max, que o voo

PERIGOSAS NACIONAIS

deles para a base inglesa na Ucrânia partiria à meia-noite. Bem que o Altíssimo tentou interceder pela minha virtude, mas eu o ignorei... escolhi pecar e disse:

— *Prometo, só se me beijar de novo.*

Que beijo bom foi aquele e que burrada eu fiz!

Agora estou aqui, numa situação para lá de lascada, sem saber se ele virá ou não.

Lembro do celular, sem bateria, jogado na mochila e a agonia aumenta. A ideia de enfrentar Dante ao vivo e a cores faz meus joelhos tremerem.

Assim que a areia firma sob meus pés... jogo a mochila e caio sentada. Meu cérebro está mais agitado do que o mar.

Droga!

Não é insegurança, pelo menos, acho que não é mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois do beijo, nenhum piu veio da Ucrânia... nada. Passados quinze dias, duas horas e trinta e sete minutos... captei o recado, claro. Entendi que ele deveria ter outras prioridades como, por exemplo: salvar vidas. O beijo não significou nada. Entretanto, depois de mais um minuto, percebi que me enganei...

Não foi que o moço ligou e falou que queria me fazer feliz?

Pois é, mesmo de longe, ele tem estado por perto. Já ligou seis vezes!

Durante nossas conversas, aprendi três coisas:

 | Um: existem mais guerras, atentados, disputas armadas, conflitos religiosos e políticos rolando no mundo do que a gente imagina. O que, muitas vezes, exige a intervenção de países aliados.

 | Dois: estar nas Forças Armadas é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tipo missão impossível. Coisa séria, só para maiores, uma pauleira da braba com muita entrega, treinamento, tiros, suor e perigo.

 | Três: mais fácil achar o Santo Graal^[4] do que conseguir uma licença.

Ah... esqueci de um quarto: o quesito comunicação!

Deus me livre! Outro problema.

 | Nas áreas de conflito falta de tudo: comida, água, luz, mas internet e sinal de celular, só por milagre.

Então, tudo bem se eu estiver me achando um pouquinho especial e andar numa felicidade que não sei de onde vem. Outro dia, o professor de filosofia me chamou três vezes, antes de eu parar de sorrir para o celular e respondê-lo.

Mas como não sorrir, me diz?

Eu sei o esforço envolvido em cada
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mensagem e olha que não foram poucas.

Pois é... insegurança não deve ser. É pavor mesmo. O fantasma da virgindade rondando. Nunca passamos daqueles dois beijos no telhado. Não tenho a mínima ideia do que esperar, mas sei que não estou emocionalmente preparada para descobrir os prazeres da carne com os pais dele dormindo no quarto ao lado.

— Já posso sentar ou a madame ainda está brava?

Hã?

Levanto a cabeça e Chloé está plantada como um poste ao meu lado. Abro um meio-sorriso sinalizando que o perigo passou.

— Ótimo.

Chloé desaba na areia e olha desanimada para o tanto de encosta que teremos que subir.

— Viu o tamanho desse morro? — O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queixo dela aponta para a casa. — Depois vocês dizem que eu pego pesado. Caramba, o Pirralho ganhou milhões e me compra isso? Podia, pelo menos, ter colocado um teleférico.

Caio na gargalhada. Não tem jeito. Chloé e Romeo não se bicom. Ele odeia o Pirralho, então é assim que ela o chama. Provocação pura, porque, apesar de ser o mais novo dos Stoirm, ele tem 1,89m de altura, quase tão alto quanto os irmãos e é dois anos mais velho do que nós.

Acreditem ou não, nós duas temos a mesma idade: vinte anos e cinco meses. Culpa das nossas mães, Eleonora e Christine, que fizeram um pacto maluco de amizade e uma fertilização *in vitro*. Por meia hora, as duas não entraram de mãos dadas na sala de parto.

Chloé veio primeiro e sempre foi a mais alta. Daí a minha fama de caçula do grupo.

PERIGOSAS ACHERON

— Deixa de ser chata. — Tiro os chinelos e bato um no outro. — Conhece o jeito dele. Não serão alguns milhões que irão mudá-lo. — Espio o morro. — Se a gente empacar no meio do caminho, a guarda costeira nos salva.

— Pro seu governo, foi o maior prêmio acumulado em dez anos. Não são alguns milhões. São trezentos e noventa e quatro e a guarda costeira é pra água, não pro morro.

Caramba! É muita grana!

Minha cabeça gira tão rápido que o pescoço estala. Olho para ela com a boca aberta. Não sei o que fazer com essa informação. Fiquei tão focada na sorte de Romeo que nem tinha me dado conta de que, por uma libra, Dante também ficara milionário.

Antes que eu comece a babar, um dedo, com a unha impecavelmente pintada de verde,

ergue o meu queixo para cima.

— Será que Dante vai querer comprar a paz mundial com a parte dele? — ela pergunta.

Recuso-me a responder.

Os lábios de Chloé começam a subir para rir da própria piada, mas paralisam. Uma carranca assume o lugar. Nem preciso conferir para deduzir que é o carro do Romeo que chega a toda velocidade pela areia. A Range Rover^[5] dele tem um chiado inconfundível que ele sempre diz que vai consertar, mas que, no fundo, não está nem aí.

Calço os chinelos, levantamos e recolhemos as mochilas. À medida que o carro se aproxima, a minha ansiedade aumenta. Damos um pulo para trás, quando ele dá um cavalo de pau e para a centímetros de nós.

— Porra, Pirralho! Achou a sua licença onde? Na lixeira?

PERIGOSAS NACIONAIS

O vidro elétrico desce e um sorriso cafajeste nos dá as boas-vindas. Acho que jamais irei me acostumar com a aparência do trio Stoirm. No quesito beleza, Dante não conta, porque viola as regras da natureza, mas Romeo também é lindo e tem olhos bem diferentes dos irmãos. Não são azuis-escuros e profundos como os de Dante ou verdes sorridentes como os de Max, são claros, iguais ao céu, e têm um brilho despreocupado de quem não esquentava muito com as coisas.

Engraçado, cada irmão é de um jeito, mas o tom castanho-escuro dos cabelos é o que os une. Em Romeo, eles não são aparados militarmente, são mais compridos e bagunçados. Combinam com a personalidade dele.

— Bom te ver, Malandra! E aí, Trice?

As bochechas de Chloé ficam vermelhas. Eu saúdo Romeo com um aceno e seguro o riso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entre nós, a regra é clara: provocou, aguenta!

Ela odeia o Malandra, então é assim que ele a chama. Um dia, estávamos jogando queimada dentro de casa. Chloé acertou um vaso da mãe dela e colocou a culpa em Romeo. O pai dele o obrigou a cortar grama por um verão inteiro para comprar um novo vaso. Ele aceitou a punição, nunca a dedurou, mas a chama de Malandra desde então.

— Vem, vamos conhecer o meu cafofo.

Chloé instala-se no banco de trás e eu sento na frente. Um toque no volante, o carro liga e uma batida eletrônica explode nos alto-falantes. Outro toque e ganhamos velocidade. Abro bem a janela e deixo a maresia entrar. Está frio, mas não me importo. Ao contornar a encosta, avisto ao longe, um caminho recém-pavimentado no morro que vai até a casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah... Dante ligou. Pediu pra avisar que tentou o seu celular e nada. Parece que a coisa complicou por lá. Ele e Max não vêm.

Fico decepcionada, mas não vou admitir. Grunho um “Hum-hum” na falta de uma resposta melhor. Pelo jeito, Dante compartilhou o nosso segredo com Romeo. Não fico brava. Também contei para Chloé.

Que situação.

Estava tão sossegada. Onde eu estava com a cabeça? Por mais que eu queira, as coisas não são mais como quando éramos crianças, tínhamos um monte de nada para fazer e todo o tempo do mundo. Cada um está em seu caminho agora. Eu pensei o quê? Que ele fosse abrir mão da carreira militar e correr para mim?

É... pensei, admito, mas estava na cara que não. Alimentar expectativas foi um erro, mas foi

justamente o que eu fiz.

No fundo, mesmo sabendo o quão difíceis são as licenças, eu esperava que ele viesse, eu queria que ele viesse.

Lascou, eu sei... Não devia, mas me apaixonei.

Giro o corpo em busca do apoio de Chloé. É, pelo jeito, ela ainda está emburrada e fingindo que dorme. Endireito o corpo e quando olho de volta para Romeo, ele tem um sorrisinho de um lado da boca.

— Que foi? — pergunto por impulso.

— Tão óbvio. Eu deveria ter apostado sobre isso e ganho mais uma grana.

— Sobre o quê?

As feições de Romeo ganham um ar divertido.

— Vocês, óbvio. — Levanta a sobrancelha

PERIGOSAS NACIONAIS

morena. — O lance do telhado, estava na cara que iria acontecer.

Penso em fingir demência, não consigo.

— Na cara uma ova... aquilo foi um desvio de percurso. Não vai pra frente.

— Hum-hum, desvio... percebi, sei que não vai.

Odeio quando ele é irônico comigo.

Respiro a maresia gelada para não o esganar.

— Estou na faculdade, seu irmão nas Forças Armadas. Sabe-se lá, em qual lugar do planeta. É dinamicamente impossível rolar algum lance entre a gente.

— As coisas mudam, sempre mudam — teima.

— Não mudam, não... *não com Dante* — teimo mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu era um geek^[6] pobre, agora sou um geek cheio da grana, mudam sim.

Ponto pra ele, mas Romeo não vale.

Reviro os olhos. No quesito teimosia não sei quem é pior, os Stoirm ou os Wild. Quase jogo na cara dele que pobre é a última coisa que eles são. O pai dele, Anthony, é um juiz bem-sucedido e a mãe, Margareth, herdou um bom dinheiro dos pais... nunca foram pobres.

— Tá bom, você ganhou. As coisas mudam. Max e Dante vão largar as Forças Armadas, pegar a parte deles da grana, comprar um barco e virar pescadores, satisfeito?

Cruzo os braços e me calo. Não estou com saco para disputar quem tem mais razão. Percebo Romeo me espiar de canto de olho e sorrir satisfeito.

— Estou, mas essa coisa de peixe não vai

PERIGOSAS NACIONAIS

rolar — diverte-se. — Eles não vão largar tudo por causa de dinheiro. Com a vida que levam, não usam nem o que recebem do Exército, vão colocar a parte deles em um fundo de investimentos. A coisa está acima disso, posso apostar que meus irmãos não vão ficar nessa pro resto da vida. Não digo hoje, nem amanhã, mas as coisas mudam.

— Será que ele vai voltar para o Direito? Sempre pensei que quisesse seguir os passos do pai, não do avô.

Pergunto porque nunca entendi o que deu na cabeça de Dante. O cara se formou em primeiro lugar em Direito por Cambridge^[7] e no dia da formatura, avisou que iria se juntar ao Max nas Forças Armadas. No mínimo, um pouco louco.

— Meu avô e meu pai não têm nada a ver com isso. Max entrou mais pela ação. Ele curte a adrenalina, o combate, mas já está cansando da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rotina. Dante está pela causa... o porra acha que vai poder mudar as coisas, fazer a diferença. Cara, as coisas não mudam.

Hã?

— Caramba, dá pra decidir? As coisas mudam ou não mudam?

Romeo joga a cabeça para trás e gargalha.

— Mudam na vida, onde somos nós que criamos as regras, mas nas Forças Armadas não.

Ai, caramba... tô lascada!

O carro dá um solavanco. Saímos da areia e entramos na via asfaltada que conduz à casa. À medida que subimos, a minha ficha cai, não foi a primeira vez que as coisas complicaram para Dante e nem será a última... Perdi as contas das vezes que ouvi:

Os meninos não puderam vir.

Dante entrou em missão.

PERIGOSAS ACHERON

Ele queria vir, mas...

A coisa está séria lá na Síria.

O caos se instaurou na Venezuela.

Quantos finais de semana iguais a esse, festas, churrascos, viagens foram marcados pela ausência dele e de Max? Só o vi quando? No enterro do avô e, por sorte, nos meus aniversários? Nem no último Natal ele apareceu.

Caramba, vai ser sempre assim, não vai?

Não sei se consigo viver só de mensagens ou ligações perdidas.

Merda!

Dou-me conta de que talvez, não haja futuro para nós.

* .. ♥ .. *

Um ano e meio depois...

Oxford - Inglaterra

**“Felizes nossos aniversários.
22 anos de muito poder nos aguardam.
Pena não estar aí com você!
Se o meu italiano gostoso tiver um
amigo, eu te trago na mala!
Te amo mais que pizza.
Chloé ♥**

Sentada de pernas cruzadas sobre a cama, sorrio para o bilhete antes de jogá-lo dentro da caixa rosa da Victoria's Secret^[8]. Achei fofo ela ter deixado o meu presente. Chloé não dá ponto sem nó. A espertalhona aproveitou o recesso na faculdade para uma casadinha. Foi visitar os pais, que há nove meses mudaram para a Itália, e, de quebra, aproveitou para encontrar um cara que

conheceu pela internet.

Com o dedo, pesco o pedaço minúsculo de tecido transparente preto, adornado por delicados detalhes em verde-musgo. Sorrio de novo. A calcinha fio dental é um escândalo, mas não vai funcionar. Não vou aderir à campanha: *Beatrice precisar dar*, da minha amiga louca.

Ok, eu preciso dar.

Ser virgem aos vinte e dois, em um lugar como Oxford, cheio de homens tentadores, é no mínimo vergonhoso, beirando o patológico.

Juro que desse ano não passa.

Chloé tem razão, é broxante namorar a distância. Não importa o quanto Dante repita que temos um compromisso e que ficaremos juntos, a coisa do cara a cara é importante. As licenças estão cada vez mais raras e só o vi no ano passado duas vezes e uma delas, por sorte. No dia do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

aniversário de vinte e um, o avião dele para os Estados Unidos fez escala em Londres e ele aproveitou as duas horas de folga para passar na casa dos meus avós e me dar parabéns... depois disso, nunca mais... só as mensagens e telefonemas de sempre.

A última vez que nos falamos foi há oito dias.

Margareth precisava de ajuda e me chamou para um bate-volta até Castle Combe^[9]. O sogro morava lá antes de falecer e seu pequeno chalé ia ser reformado. Alguns de seus pertences pessoais ainda estavam lá e, como Maggie não conhecia o pessoal da empreiteira, resolveu ir buscá-los. Aceitei. A faculdade estava às moscas e adoro o vilarejo.

No caminho de volta, nós tivemos um probleminha na estradinha. Nada de mais. Foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas uma perda temporária nos freios e um quase capotamento. Por sorte, uma árvore caída no barranco impediu que a gente se estrepasse. Como eu disse, nada de mais. Não entendi a comoção.

Acabei no hospital só porque o patriarca dos Stoirm é um exagerado. Meu pai assumiu a Embaixada de Paris, há um ano, e não mora mais em Londres, então Anthony avisou meu avô materno, Jack, e os dois disputaram para ver quem era o mais histérico.

Dante ganhou, fiquei puta da vida que contaram para ele e quando ligou, até pensei que fosse ter um treco. Nunca o vi tão nervoso e acho que a convivência com os outros soldados tem ajudado a ampliar seu leque de palavrões. Ele está virando um boca suja de primeira.

Chilique desnecessário, mas acho que acalmou. Não nos falamos desde então.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pais insistiram em vir me ver, mesmo eu insistindo que tudo estava bem. *Poxa, pra quê?* Agora ele é um embaixador, tem coisas mais importantes para fazer do que socorrer a filha com alguns arranhões. Chegaram e, como nossa casa em Londres está vazia e fechada, ficamos uns dias na casa dos meus avós.

Nossa, já estava sufocada... a faculdade me tornou independente. Detesto que mandem em mim, façam tudo por mim ou me protejam como se eu fosse uma incapaz. Deus que me perdoe, mas a tal “reunião inesperada” que surgiu, veio a calhar.

Resumo da ópera, meus pais voltaram para Paris e resolvi que precisava de paz. Vovó bem que chiou, achou um absurdo eu querer voltar para cá, um dia antes do meu aniversário, mas dona Martha é sempre do contra e adora uma chantagem, então bati o pé e aqui estou.

PERIGOSAS ACHERON

O celular vibra e uma mensagem se fixa na tela.

**“Daqui a pouco, tô aí. Se prepara que hoje vai ser doce.
Prometo te levar para o céu.”**

Minha boca enche d’água. Meu amigo Lucca cursa Gastronomia e esse semestre está no módulo doces incríveis. Gosto dele, um mexicano apimentado e exagerado que sempre me faz rir. Ele achou um absurdo eu querer passar o aniversário, sozinha. Disse que, pelo menos, uma festa do pijama teria que rolar.

Saio da cama, deixo o celular sobre a mesa e começo a recolher as roupas de Chloé, espalhadas pelo chão.

Nosso alojamento vive bagunçado, mas é alegre. Acho que as paredes já foram brancas, hoje

PERIGOSAS NACIONAIS

estão amareladas. Penduramos algumas cangas, que Chloé trouxe de Bali, para decorar e esconder as marcas dos pôsters dos estudantes anteriores. Nem grande, nem pequeno, espaçoso o suficiente para comportar as nossas coisas que se resumem em duas camas de casal e pouquíssima mobília... Nada de tevê e cozinha. Só uma cafeteira e um micro-ondas que disputam lugar na estante com os livros e tranqueiras. Por sorte, temos um microcloset em anexo ao banheiro também minúsculo.

Jogo a montanha de roupas dentro do closet, recolho a caixa vazia da pizza, que foi o meu jantar, e corro para a pia do banheiro para lavar os únicos quatro copos, pratos e talheres que temos.

Ouçõ as batidas de Lucca e grito para ele entrar. Termino a limpeza e volto equilibrando os pratos e os copos.

PERIGOSAS ACHERON

Que... que é isso, Senhor?

Congelo e quase perco o equilíbrio.

A louça cai, mas, graças ao tapete felpudo e bege, ela não quebra.

— Que porra!

Escuto Dante xingar e observo boquiaberta ele recolocar o meu celular em cima da mesa, olhar para mim e vir em minha direção.

Não me movo, fico indecisa, não sei o que fazer primeiro: evitar que meu coração exploda, tentar respirar, parar de tremer, recolher a louça, dizer um: *Nossa, oi, você por aqui?* ou me trancar no banheiro.

Em segundos, os pratos e copos estão sobre a mesa e as mãos grandes vêm e seguram os meus braços.

Continuo parada, só olhando.

— Respira, Beatrice.

— Hã?

— Respira.

Ah...

Primeiro eu arquejo... para em seguida, puxar e soltar o ar como um robô.

Patético, eu sei..., mas é muito surreal pra ser verdade.

— Isso... outra vez, respira.

Repito a dose na respiração lenta e dou umas piscadas, várias delas.

Desço a cabeça e volto examinando cada pedaço do corpo bem mais forte e alto do que o meu. Coturnos cor de areia, calça cargo camuflada, camiseta quase da mesma cor das botas, o rosto sem barba e os cabelos militares impecáveis. Tão limpo... tão arrumado. Nenhuma tatuagem maculando os braços que me guiam e me colocam sentada na cama.

Não, não é miragem.

É mesmo Dante parado na minha frente, com olheiras, aparência cansada e mais magro. Nem sinal do sorriso torto que acho sexy. O uniforme indica que não está de licença.

Será que o avião dele está fazendo escala aqui em Oxford?

— Vo-cê... — balbucio. — Eu... não... eu... não... como... por quê?

— Eu precisava te ver.

Confusa, espero pelos sorrisos e abraços, mas não recebo nada. É... Dante não está feliz. Ele sempre morde o cantinho interno da boca, inclina a cabeça para um lado e solta uma respirada lenta quando algo o incomoda. A expressão dele endurece ao escrutinar os meus braços e rosto, a mão direita vem e o polegar acaricia-me na bochecha, onde uma marca arroxeadada insiste em

ficar.

Droga de pijama!

Amaldiçoo a camiseta curtinha e agradeço que uma calça de flanela xadrez rosa e branca faça parte do conjunto. Se uns arranhões e roxos nos braços e no rosto já o deixaram assim, imagina se vir as minhas pernas e joelhos.

— Pelo visto, o *não foi nada* e o *estou bem*, eram mentira. — Dá ênfase.

Sou pega de surpresa pelo tom repreensivo.

— Eu não menti... foram só umas batidinhas e raladas de nada. Estou bem — murmuro gostando do toque macio e morno em meu rosto. — Por que está aqui, Dante?

— Não está feliz em me ver?

— Estou muito.

O rosto tenso suaviza e, pela primeira vez

PERIGOSAS NACIONAIS

na vida, tento ler suas expressões e não consigo.

— Só não entendo... veio numa missão?

— espelho diante do silêncio dele.

— É só um bate-volta. Meio que fugi.

O quê?

— Como assim meio que fugiu?

— Tentei por uma semana a licença, não consegui e vim assim mesmo.

— Quebrou as regras por minha causa?

— Precisava te ver.

— Meu Deus, e a corte marcial? Não quero que se prejudique... falei que estava bem.

— Nada de corte marcial, tenho os meus truques. Ninguém me viu sair, Max vai cobrir a minha bunda. Se eu chegar antes da contagem da manhã, estarei bem.

Caramba, mesmo assim.

PERIGOSAS ACHERON

Minha cabeça entra em parafuso. Sei que foi transferido recentemente para a África. Não estou obcecada, mas depois de dois anos nessa vida de esperar por Dante, sou praticamente o *Google* dos itinerários.

— Você fugiu e viajou mais de sete horas, só pra falar comigo? Podia ter ligado.

— Na verdade, foram oito horas e meia. O avião fez escala em Paris e o que tenho pra te falar não pode esperar e nem ser dito por telefone.

— Não?

— Não.

— É tão sério assim?

— É.

Ai, meu Deus!

Será que ele vai me pedir em casamento?

Tomada pela euforia, quase solto um sim antes da hora, mas graças a Deus, me contenho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levanto e me preparo para o melhor.

Eita, Chloé vai surtar!

Quero beijá-lo, mas não sei o protocolo para esse tipo de ocasião. Mordo o lado interno da boca para segurar a ansiedade e os meus pés dançam no lugar. Tento não pular, mas estou ansiosa demais pra me conter.

Será que ele veio me buscar?

Deus! O tempo lá é tão quente!

Minhas roupas são adequadas pra morar lá.

Ai, meu Deus! Dane-se! Com ele, vivo até pelada.

A expressão dele fica confusa.

— Você quer ir ao banheiro?

Hã?

Seu olhar desce, ao mesmo tempo, que junto os pés obrigando-os a ficarem parados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Sorrio fingindo calma.

Não dá!

Preciso me mexer!

Caminho até a mesa e, para ocupar as mãos, brinco com o celular.

Dante me observa e, em seguida, seus olhos viajam do celular para a cama e o maxilar quadrado comprime quando os azuis profundos encontram a caixa de lingerie. Os ombros largos tensionam e ele volta a me olhar.

Nervosismo?

Natural.

Será que está tão ansioso com a lua de mel quanto eu?

— Quer se trocar primeiro?

— Já?

Olho para a calcinha mínima em cima da cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É... está de pijama e, pelo visto, tem planos para hoje.

— Ah... não, imagina! Pijama está ótimo para o que planejo fazer...

Ele passa a mão nos cabelos, visivelmente tenso.

Deus, é agora.

— Fala — insisto.

— Porra! Como isso é difícil.

— Seja o que for, pode falar. Meio que já sei o que é.

— Sabe?

— Hum-hum... fala... vai.

Meu coração volta a disparar freneticamente.

— É melhor colocarmos um ponto final.

O quê?!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo para... ficamos nos encarando por vários segundos enquanto meu mundo desaba.

— Está rompendo comigo? — murmuro, sem saber de onde tiro forças para perguntar.

— Estou.

Nervoso, Dante esfrega o rosto e olha para o chão.

— Não quer mais que eu te espere? — murmuro novamente.

— Merda! Pensei que fosse ser mais fácil... Já estamos nessa há dois anos e não posso sair das Forças Armadas. Quando precisou, eu estava longe... Precisa de amparo, não de alguém que a deixe sozinha.

Aperto o celular com todas as forças e meu corpo começa a tremer.

— Se eu não concordar?

Os azuis profundos encontram os meus e

PERIGOSAS ACHERON

eu nunca os vi tão sem brilho.

— É o melhor para você.

Uma erupção involuntária começa a esquentar o meu sangue.

— Você não sabe o que é melhor para mim. Não pode fazer isso, não depois de tudo! — termino a frase gritando.

— Já fiz.

A expressão dura confirma que ele já fez mesmo, e que é uma decisão sem volta.

— Seu desalmado!

Perco o controle e começo a chorar quando o celular escapa e dispara como um míssil da minha mão, colide em rota frontal com a sobrancelha dele, depois desvia e espatifa no chão. Na mesma hora, o sangue começa a escorrer pelo rosto que tanto amo.

Meu Deus!

Eu estraguei o Dante!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem aí?

Lucca surge atrás de nós. Olhamos para ele. Há um bolo em uma das mãos e uma garrafa de champanhe na outra.

— Não! — berro. — Não está nada bem!
— berro mais, choro e fico histérica.

O sangue aumenta e, desesperada, busco ao redor por qualquer coisa para estancá-lo. Na falta de algo melhor, pego a calcinha e pressiono o corte. A mão trêmula de Dante toca a minha.

Meu coração despedaça. Nossos olhares se fixam. Tento encontrar algum sinal que diga que não é isso, que é uma brincadeira de mau gosto, mas só encontro tristeza, decepção e mágoa... Os segundos viram séculos... Quando finalmente puxo a mão, todo o peso do que está acontecendo recai sobre mim.

Acabou.

PERIGOSAS ACHERON

Não existem mais sonhos. Não existe mais Dante e eu.

— Eu posso sair... Esperar lá fora —
Lucca fica indeciso.

— Você fica aqui. Já estou de saída —
Dante ordena para Lucca, sem tirar os olhos de mim. — Beatrice — sussurra. — Não queria que terminasse assim, eu juro. Me perdoe.

Mentiroso!

Se não queria, por que terminou?

Abaixo a cabeça e entrego os pontos. Ele não me quer.

— Some daqui, Dante — imploro, sem forças para olhar para ele. — Não quero te ver nunca mais. — Meu tom é tão baixo que eu quase não me escuto.

— Beatrice.

Faz menção de me tocar no rosto, mas eu

recuo.

— Não.

Sem insistir, vai até o sofá e pega a jaqueta do uniforme. Um pequeno buquê de não-me-esqueças branco, as minhas preferidas, é revelado e fica esquecido sobre o tecido envelhecido.

Desgraçado! As flores são o quê? Uma piada?

Quero gritar, mas travo. Dante busca por um último olhar, não dou isso a ele... Então se despede de Lucca, diz algo que eu não escuto, depois sai pela porta carregando os meus sonhos.

Acabou.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Quatro anos depois...

Londres - Inglaterra

Encostada na parede , que dá acesso aos bastidores, observo o vai e vem dos modelos na passarela.

Como amo a minha vida!

Inclino a cabeça e avalio o traseiro meio mirrado de um loiro, com cara de anjo, que exhibe uma sunga cinza da nova coleção outono/inverno. Olho... olho... olho... e tirando a paleta de cores mais sóbrias, não encontro nenhuma diferença destas peças para as que vi na última estação. Não sou uma especialista em moda, mas para mim cueca é cueca, embora eu prefira anos-luz as boxers às sungas.

PERIGOSAS ACHERON

Opa!

Contenho a minha vontade de aplaudir quando um homem com dreads e cara de mau, surge cheio de atitude, desprezo e uma boxer branca.

É disso que estou falando!

Graças a Deus, a era “magrelos” passou. A tendência atual são corpos malhados e tatuados. Até que enfim, resolveram dar comida para esse povo. Um bom homem precisa de carne e de músculos.

Toco na cintura e aperto o botão para cortar a comunicação com o restante da equipe. Lore, minha assistente, acabou de gritar no meu ouvido que tudo está alinhado para o evento que começará em meia hora, então posso me dar ao luxo de alguns minutinhos de diversão. Tiro os fones, que têm um microfone acoplado, e um alívio

em forma de um formigamento agradável me faz suspirar. Coço a pele atrás da orelha. Esses pontos modernos quebram um galho danado no trabalho, mas apertam a cabeça que é um inferno.

— Ouviu o que eu disse?

— Hã? — murmuro sem desgrudar os olhos da passarela.

— Poxa, Trice! Vai ser coisa rápida, eu juro. Você chega, dá uma espiada e cai fora.

Reluto em interromper meu momento apreciativo. Outro belo espécime masculino ostenta um pacote de respeito embalado em um modelo mais curto, ousado e justo. Por um segundo, reconsidero sobre a minha aversão às sungas.

Não. FRANZO o nariz. Definitivamente, as boxers.

— Beatrice Wild! Quer parar de secar o Albert? Se quiser, depois te apresento ele, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

agora foque em mim, ok? Te garanto que o meu problema é muito maior e mais real do que o pau que ele finge ter.

Imagino uma meia enfiada lá e a empolgação some.

— Se é fajuto, dispenso — resmungo. —
Deixa o Albert pra lá.

De má vontade, giro a cabeça e dou de cara com os peitões de Chloé.

Ops!

Ajusto o ângulo e levanto a cabeça mais do que de costume.

Eita, fui assaltada!

Roubaram a minha altura. Meu um metro e sessenta e seis (sim, seis, porque seis centímetros fazem muita diferença) parecem nada. Olho para baixo.

— Quantos centímetros isso tem?

PERIGOSAS ACHERON

— Vinte.

Ahhh, tá explicado...

Definitivamente o culpado é o salto. Ainda estou no meu modelo: produtora descolada de rabo de cavalo, jeans desgastados, camiseta preta escrita *Staff*^[10] em branco e meus *All Stars* vermelhos, velhos de guerra.

Ainda inconformada com a diferença de altura, faço um movimento involuntário de vai e vem com a cabeça antes de focar no rosto impressionante. Os olhos de tigresa nem piscam.

— Sério mesmo que quer que eu faça isso?
— pergunto esperançosa.

Chloé levanta uma sobrancelha que diz:

É óbvio que quero! Pra quem mais eu pediria para se disfarçar, bancar a detetive e ir a uma festa só para investigar se o cara, com quem estou tendo um caso, tem uma amante ou uma

esposa?

Pode parecer exagero que eu tenha entendido tudo isso em uma única levantada de sobancelha, mas, garanto, esse é um dos meus talentos aprimorados, sou uma excelente leitora de expressões faciais.

— Klaus não te chamou pra essa festa? —
Meus olhos já são grandes, mas os arregalo para dar mais ênfase.

— Como, se vou estar viajando?

Ah é...

Franzo o nariz e concordo. Fica um pouco difícil dela ir estando no Canadá.

— Estou com um palpite de que ele ainda possa surpreender e ir viajar com você — digo porque quero animá-la e sei que Klaus é um pouco desocupado. — Ele deve ter ficado maluco, você estava incrível no desfile de hoje.

— Ih... palpite errado, amiga. O bandido nem assistiu.

— Não? — Meu queixo cai. — Onde ele está? — pergunto incrédula.

— Evaporou. Sei lá onde está. Outro dia, eu o ouvi conversando, baixinho, no celular e tenho quase certeza de que estava combinando de encontrar alguém nessa festa.

Meu rosto franze em um legítimo: *Isso é muito suspeito...* Chloé assente com a mesma cara.

Diante das evidências, suspiro.

Chloé e seus cafajestes. Com certeza, a beleza dela é inversamente proporcional ao dedo podre para homens. Não me conformo, ela é a pessoa mais incrível e linda que conheço. Quem não babaria por um mulherão desses de rosto perfeito, cabelos de diva e quase um metro e oitenta de altura? Depois que foi descoberta e virou a

PERIGOSAS NACIONAIS

modelo *Plus Size* mais badalada do momento, vive sendo disputada por caras legais e muito gatos, mas, infelizmente, insiste nos tranqueiras.

Podemos ser muito parecidas, mas no quesito homem, sou mais pé no chão. Saio, aproveito, curto, mas não alimento ilusões... pelo menos, não mais. No primeiro sinal de problema, tiro o time de campo.

— Quando vai ser isso?

Banco a durona, mas por dentro já estou vibrando com a possibilidade de uma aventura.

— Mais ou menos, daqui uma semana, lá na Koko. Vou ver certinho no *print*^[11] que tirei escondido do celular dele e te mando por *WhatsApp*.

Chloé fica na expectativa... faz fígas e morde os lábios.

Hum...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Absorvo a informação e processo... Preciso mesmo fazer uma inspeção por lá. Alguns clientes já sugeriram a boate como local para os seus eventos, mas ainda não tive tempo de conferir.

— Por favor — Chloé apela para o olhar gatinho do Shrek.

Golpe baixo.

O desfile acaba, as pessoas vibram e aplaudem de pé. As luzes acendem e não por coincidência, o meu celular vibra automaticamente.

Droga!

Checo. Preciso ir para o saguão. Em poucos minutos, aquilo lá será invadido por uma multidão de VIPs, modelos, jornalistas e estilistas ávidos em se divertir e comemorar. A semana de moda em Londres foi incrível e merece uma festa de encerramento à altura. Euzinha aqui sou a responsável por fazer essa mágica acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok, eu topo.

— Topa?

— Hum-hum.

Recoloco os fones e ligo.

— Eu sabia! Você é foda, Beatrice Wild!

— ela explode em um grito e pessoas que passam por nós, em direção à saída, parecem reprovar a nossa euforia e quase sufoco em seu abraço apertado.

— Preciso ir. — Escapo dela, sorrio e tomo fôlego ao mesmo tempo. Gosto que me ache foda. — Mas quero essa sandália emprestada. — Aponto para a joia que tem nos pés. — Ah, e aquela peruca loira divina que usou no ensaio fotográfico que fizemos para o leilão.

— O que tem de errado com o seu cabelo ou com a sua peruca?

Penso na minha cabeleira morena e na

PERIGOSAS ACHERON

obra de arte ruiva que usei.

— Não dá... Klaus me conhece. Preciso de um disfarce e aquele troço que usei tem cinco quilômetros de comprimento, preciso de algo mais discreto.

— Feito.

O sorriso de estrela máxima das passarelas aparece.

Devolvo o meu sorriso mais doce. Definitivamente, Chloé é um dos meus pontos fracos.

— *Trice! Cadê você?*

Um grito explode em meu ouvido e tomo um susto.

— Chegando em cinco! — berro, porque é assim que Lore e eu trabalhamos.

— *Tempo demais!* — berra de volta. — *Você precisa se trocar! Chegou um Galiano*^[12],
PERIGOSAS ACHERON

incrível por sinal! Uma das caixas de som sofreu um minicurto. Lucca e o subchefe estão aos gritos lá na cozinha. Um dos garçons foi pego transando com um cara no vestiário e Jeremiah está se estranhando com um grandão, segurança de sei lá quem, que insiste em querer entrar armado. Deus, eu preciso de férias!

Lore dispara em seu modo assistente surtada à beira de um ataque de nervos, a ponto de estrangular alguém. *Caramba! Tudo isso em vinte minutos?* Suspiro e tento assimilar como fomos do tudo alinhado para o caos completo. Pobrezinha, depois da maratona dos últimos meses, eu também preciso de férias.

Opa!

Ela disse: arma?

De jeito nenhum!

— Nada de arma, Lore! — rujo como um

PERIGOSAS NACIONAIS

leão.

O falatório e os risos cessam automaticamente e os poucos que restam no local do desfile paralisam... evidentemente alarmados.

Nossa, que exagero.

Tudo bem que o meu tom de: *Não ousem me desobedecer*, assusta os marinheiros de primeira viagem. Minha voz normalmente é suave e quase doce, mas quando a necessidade aperta, sei me impor. Ninguém espera que alguém, que parece ser frágil e delicada, possa agir como um general em guerra, mas pelo amor de Deus!

Penso rápido.

— Calma, eu me confundi, ok! — começo gesticulando e pedindo para manterem a calma. Nada. — Quem nunca errou que atire a primeira pedra! — Tento parecer divertida. Nada. — Queria dizer: nada de água! — minto e nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os retardatários continuam a olhar com desconfiança. Um certo clima de histeria começa a surgir... Todos estão atentos a mim e há um pouco de tensão vindo deles, claramente não sabem se acreditam, mantêm a pose, saem correndo ou se jogam no chão.

— Sem pânico, gente — Chloé pede com seu melhor sorriso. — Por que não saem com calma e vão para a festa? Pelo jeito, a noite promete. Ouvi dizer sobre uma montanha de champanhe grátis.

A palavra grátis faz a sua mágica. Em dois segundos, a sala volta a esvaziar. Sigo o fluxo, mas paro na porta de acesso e Chloé continua no mesmo lugar.

— Você não vem? — Estranho.

— Depende... Aquela montanha de champanhe que eu prometi existe, né? Sou muito

PERIGOSAS ACHERON

linda para morrer.

Reviro os olhos. Tudo bem, uma mentirinha ou outra podem te tirar de uma enrascada, mas nunca na vida vou conseguir ser tão descarada quanto ela. Também tenho os meus jeitinhos, porém o que eu preciso mesmo é aprender a controlar a boca, isso sim.

— Existe. — Pisco. — Você vem ou não?

— Mais tarde... Tenho que me trocar. O patrocinador quer que eu use outro vestido para o encerramento.

— Ok, mas não posso esperar. A coisa está uma loucura lá embaixo. — Levanto os ombros me desculpando. — Melhor eu me apressar.

Sem esperar resposta, jogo um beijo e saio correndo. No caminho, rezo para que tudo corra bem e eu não mate ninguém.



Uma carícia suave me tira de um sonho. Continuo na mesma posição em que estou, não me mexo. Ainda de braços, abraço o travesseiro. O vai e vem em minha orelha continua em uma tortura cadenciada.

— Não, Gabriel... Sai... Preciso de mais cinco minutos.

Com o braço tento afastá-lo, ele insiste, eu ignoro e ele acaba desistindo.

Flutuo entre o alerta e a soneca... O sonho interrompido ainda está fresco em minha mente...

Credo! Isso não é sonho, é pesadelo.

Afasto a imagem indesejada do bonitão de cabelos escuros e tento não pensar em nada. Meu corpo pede por descanso, foram semanas exaustivas no trabalho. Produzir quinze coquetéis, uma festa de abertura e outra de encerramento, não foi

brincadeira.

Ajeito o travesseiro e me afundo nele com a sensação de dever cumprido... Ser escolhida como a produtora exclusiva dos eventos da London Fashion Week foi um desafio e tanto. Quase morri de tanto trabalhar, mas consegui... Nós conseguimos.

O sobrenome Wild pode ter aberto as portas. Sei que, recém-formada, muitos contratos só foram fechados graças ao respeito e admiração que a sociedade londrina nutre pelo meu pai e avô. Ser neta do ex-comissário de polícia e filha de um embaixador foi um belo cartão de visitas, sem dúvida. Entretanto, fiz por merecer... trabalhei como uma camela e mostrei competência.

Em três anos, provei que a Allegro, apesar da estrutura enxuta e da proposta moderna, tem capacidade e potencial para competir de igual para

igual com as melhores empresas de evento de Londres.

Bocejo, meio sorrindo.

— Segura essa, Nora Bronx! Quem mandou sair por aí espalhando que a filhinha do papai aqui não era páreo para a sua produtora? Aceita ou surta, querida... — murmuro para o nada e ajeito-me na cama.

Volto a dormir... sem mais sonhos, apenas um profundo e merecido relaxamento.



Um bastão peludo vai e vem como um pêndulo em meu nariz e minha bochecha esquentando. Algo muito macio e pesado está parcialmente sentado sobre ela. Espreguiço-me...

— Não, Mila... Sai... Preciso de mais cinco minutos.

PERIGOSAS NACIONAIS

O pêndulo acelera dando sinais de que não serei atendida.

Deus, como é teimosa!

Sacudo a cabeça e sou libertada do peso incômodo na bochecha para ser atingida em cheio por um minitorpedo na barriga.

Gabriel!

Tiro a máscara de dormir, abro os olhos e fecho. A luminosidade me incomoda. Cheguei tão cansada, que o máximo que consegui foi descartar os sapatos e tirar o vestido bafônico que ganhei enquanto subia para o quarto. Minhas energias não permitiram nada além de escovar os dentes, vestir uma camiseta enorme e velha e um par de meias. Checar e fechar as janelas foi demais para mim.

Com cuidado, reabro os olhos e dou de cara com outros dois pares ansiosos que me observam. Um sorriso involuntário brota em mim...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pestinhas têm esse poder: são provocadores de bom humor instantâneo.

Levo uns dois segundos para decifrar para onde Gabriel está olhando. Se para mim ou para a gata persa branca que, manhosamente, aconchega-se a ele em cima da minha barriga.

Gabriel é estrábico e tem um leve atraso de desenvolvimento. O meu pequeno Pug^[13], que ainda é um bebê, é um pouquinho confuso e estabanado. O pobrezinho foi bastante maltratado antes de ser resgatado por uma ONG. Há uns seis meses, fiz um evento para arrecadação de fundos na propriedade de Sir Lawrence. Um simpático inglês criador dos cães desta raça e um ferrenho defensor da espécie. Quando vi Gabriel, que esperava para ser adotado, não tive dúvidas, o trouxe para casa.

Estico os braços e acaricio a cabecinha de ambos.

PERIGOSAS ACHERON

Mila ronrona e Gabriel se agita.

Essa minha gata é um pouco teimosa e desconfiada, mas tem o coração enorme. Acolheu Gabriel de primeira e vive atrás dele como uma boa guarda-cães. Examino os olhos enormes e bicolores, e sorrio. Definitivamente, fomos feitas uma para a outra. Eu a ganhei de uma cliente fiel, Ingrid Crow, uma elegante senhora que promove diversos chás de caridade em Londres. Ela achou um sinal do universo eu e a gata termos olhos tão parecidos: o esquerdo, avelã; e o direito, esverdeado... uma pequena sutileza da genética que nos uniu.

Mais ronronados e uma sequência de latidos ansiosos.

Estico o braço e alcanço o celular na mesinha de cabeceira: meio-dia.

Ai, caramba! Esqueci de Dorothy!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok, vocês têm razão... A farra da soneca acabou.

Faço como todos os dias: entro no automático. Espreguiço o corpo, Mila pula aterrissando suavemente no chão e Gabriel desce por uma rampa de acesso. Jeremiah, meu fiel escudeiro, faz-tudo e segurança nos eventos, foi quem teve a ideia e espalhou algumas dessas engenhocas pela casa.

Escovo os dentes, refaço o rabo de cavalo, visto um roupão felpudo branco e desço as escadas, seguida pela dupla. Vou direto para a cozinha, ligo a cafeteira, coloco algumas fatias de pão na torradeira e abro as portas de vidro que dão para o jardim dos fundos.

Mila e Gabriel saem como foguetes e perdem-se entre as folhagens.

Enquanto espero o café, afundo no sofá e

PERIGOSAS ACHERON

observo os dois brincarem. Ter substituído a parede dos fundos por vidro foi uma escolha incrível... É muito agradável ter todo esse verde entrando pela casa.

Estamos em meados de maio e, apesar do verão só começar oficialmente em junho, o céu está azul. Engana-se quem pensa que Londres é eternamente cinza, chuvosa e fria. A primavera e o verão são estações bem agradáveis por aqui e os dias ficam quentes e preguiçosamente mais longos.

A cafeteira apita e as torradas ficam prontas. Deposito uma no pratinho de Gabriel; outra, despedaço na tigela de Mila e cubro com leite; a minha, prendo entre os dentes enquanto dou impulso e sento sobre o balcão central da ilha da cozinha.

Pensativa... alterno entre a torrada e o café.

Olho ao redor e gosto do que vejo. Assim

PERIGOSAS NACIONAIS

que a Allegro gerou algum lucro, achei que era hora de sair debaixo das asas da família e seguir por conta própria.

Com a grana ainda curta, dei uma sorte danada quando o corretor ligou oferecendo esse sobrado em Maida Vale^[14].

Acreditem em mim... esse lugar é mágico, além de bem localizado. A estação de metrô fica a cinco minutos a pé daqui e me leva rapidinho para qualquer canto da cidade.

Sempre fui encantada por esse bairro de casas fofas e coloridas com canais de águas calmas, charmosos e românticos, serpenteando entre as ruas arborizadas e floridas.

Culpa do meu avô materno que disse que paraísos existem e não precisamos ir muito longe para encontrá-los. Basta olharmos com o coração e deixar as asas da imaginação voarem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acreditei, afinal... ele era a prova concreta do que dizia.

O Jack do passado foi bem diferente do sujeito bem-humorado, leve e brincalhão que é hoje. Todos tinham medo dele, inclusive eu. Um homem da lei, durão, tenso e preocupado. Eu sabia que ele era da polícia, mas quando se é criança, a ideia que temos sobre bandidos e mocinhos está muito ligada aos desenhos animados e eu não entendia que ser policial não era tão divertido quanto imaginava. Os únicos momentos em que ele sorria, de verdade, eram aqui em Maida, quando me trazia para passar as tardes em seu refúgio: uma casa-barco. Aqui era o nosso portal para a felicidade, a nossa Veneza particular.

Sorrio.

Sou muito sortuda. O sobrado é do tamanho ideal para as minhas necessidades.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Adaptei o andar de baixo como sede da Allegro. Na entrada, a recepção; na sala, a área de reuniões; e na copa, que dá acesso a um jardimzinho privativo, fica o meu pequeno, porém aconchegante escritório. A cozinha é a nossa área de relaxamento... mantive a ilha central e os armários brancos, em estilo clássico/romântico, porém a mesa de refeições foi substituída pelo jogo de sofá e poltronas claras com estampas florais que ganhei da vovó.

Perfeito...

Eu me viro muito bem com os dois quartos e o banheiro lá em cima. Durmo no maior, de frente para a rua e o canal de águas calmas, onde fica a casa-barco que meu avô emprestou para o Jeremiah. O dos fundos, que tem um terraço com vista para o jardim comunitário que divido com mais seis sobrados, transformei em sala de

PERIGOSAS ACHERON

tevé/leitura/quarto de hóspedes.

Pra que mais?

Avisto Dorothy aproximar-se lentamente pelo jardim. Ela é a minha vizinha do lado esquerdo. Pulo do balcão e coloco a água para esquentar em uma chaleira. Como boa inglesa que é, ela prefere chá ao café. Seus cabelos brancos ficam roxos ao serem tocados pelos raios de sol. O Jeremiah jura que ela já chegou aos cem anos, mas eu duvido.

Ela para no degrau.

— Olá — cumprimenta com sua voz melodiosa e suave.

Abro um sorriso de boas-vindas.

— Estava esperando por você — digo.

— Gostei do roupão e das meias. Pronta para o nosso compromisso?

Sei que meu traje não é exatamente o ideal

para uma ocasião tão nobre, mas é o que me deixa feliz. Minha sorte é que Dorothy não é uma nacionalista fanática.

— Prontíssima. Entre e ligue a tevê, levo o chá em um minuto.

Gesticulo um “venha”, ela entra, liga a tevê, presa na parede oposta ao jogo de sofás, e, como de costume, senta-se na poltrona voltada para o jardim.

Abro a geladeira, pego a embalagem que o Lucca me entregou no fim da festa de ontem.

Ah... meu mexicano predileto, o que eu faria sem você?

Ordeno os sanduíches, canapés e minibolos em um prato bonito.

Ouvimos um miado irritado.

— Hoje aqueles dois estão impossíveis.

Dou uma pausa na arrumação da bandeja

PERIGOSAS NACIONAIS

para o chá, checo a duplinha peluda e solto uma gargalhada. Gabriel abocanhou o rabo de Mila, que o arrasta pela grama como um reboque.

— Verdade, estão cada dia mais terríveis.

Concordo e Dorothy continua a admirá-los com olhos sonhadores. O marido dela, Lincoln Graham, faleceu há um ano e desde então cuidar de Gabriel e Mila tem sido sua alegria. Nós meio que entramos em um acordo de guarda compartilhada dos pequenos. O que funciona perfeitamente bem para mim. Dorothy fica feliz e eu tranquila. Às vezes, preciso viajar a trabalho e geralmente passo longas horas ou até dias enfurnada nos locais dos eventos.

— Não foi ao casamento por que tem outra festa à noite?

Sorrio.

Até hoje, a minha vizinha não engoliu

PERIGOSAS ACHERON

muito a história de que eu só produzo as festas e eventos e dificilmente os aproveito. *Como?* São tantos imprevistos, tanta coisa para ficar atenta, que mal consigo beber um copo de água, antes que tudo termine e eu veja um sorriso satisfeito estampado no rosto dos meus clientes.

— Hoje não. Graças a Deus, a semana de moda acabou mais cedo. Esse feriado prolongado veio a calhar. — Levo a bandeja e deposito na mesinha de café da manhã em frente à poltrona. — Aproveitei e dei folga para Loreta e Jeremiah. Quero passar o fim de semana sem fazer nada.

Sento-me afundando no sofá. Ela inclina o corpo magro e com mãos firmes, serve-se do chá.

— Vi a hora em que chegou, era quase de manhã.

Será que ela nunca dorme?

Talvez o Jeremiah tenha razão e ela seja

mesmo uma vampira.

— É, ontem foi puxado. — Seguro o riso.

— Ainda não me conformo que deixou um homem como esse escapar. — Aponta para a tevê, que mostra os Irmãos Reais^[15] chegando a pé para o casamento do mais novo. — Você terminou tudo por causa da fama de encenqueiro? Ele aprontou alguma?

Eita, estava demorando a entrar nesse assunto.

Dorothy viu no jornal uma foto minha com o Príncipe Harry, tirada durante um jogo beneficente de polo, e criou a fantasia de que estávamos juntos. Contou para as amigas do pôquer e se eu não colocasse um freio, toalhinhas com as monogramas B&H teriam sido bordadas. Quando o noivado real foi anunciado, ela tomou as dores por mim.

— Não, claro que não! — Exagero na negação e os olhos dela estreitam. — Ele é um cara muito bacana. Não deu certo porque... porque... porque eu sou uma inglesa fajuta, jamais trocaria o café pelo chá. Sabe como a Família Real é rígida quanto aos protocolos.

— Protocolos! — Deixa escapar um som desdenhoso. — Quem liga pra isso hoje em dia?

Sei lá, tirando nós duas, todos os britânicos talvez?

Sorte dela que acabei de acordar e não estou afiada para um debate.

— Verdade, eu não ligo — concordo.

Aproveito, que Dorothy fica satisfeita com a resposta e experimenta um bolinho, para abraçar os joelhos e fingir interesse na chegada dos convidados famosos.

Procuro pelos meus pais e pelos Stoirm,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas não os acho. Estou curiosa para ver como mamãe e Maggie ficaram nos vestidos escândalos. Elas estavam eufóricas. Graças ao London Fashion, eu fiz amizade com alguns estilistas. O Marc Jacobs foi um doce quando eu liguei perguntando se poderíamos dar uma passadinha em seu ateliê. Foi uma manhã interessante, sem dúvida.

Nossa, que homem lindo e cheiroso é aquele!

Respiro e vejo Oprah Winfrey, Elton John, David e Victoria Beckham, George Clooney, mas um miniarrependimento de não ter ido só bate mesmo, quando vejo o ator Tom Hardy chegar com a esposa. Teria sido legal dar um oi. Não perco um filme dele e nunca tive a oportunidade de encontrá-lo em nenhum evento.

É, dona selfie dos sonhos, não foi dessa vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bolinhos deliciosos — Dorothy elogia ao terminar o de número três. — Lucca cozinha muito bem.

— Hum-hum... — respondo, mas continuo fingindo interesse na tevê.

— Ele é muito bonito, você não acha?

— Acho... Ele é muito bonito mesmo.

— Mas você não namora ele.

— É, não namoro. Amigos não namoram, Dorothy.

— Hum... sabe... eu andei pensando.

Ai, caramba, lá vem!

Deus salve a mim!

— Sobre o quê? — Viro a cabeça para dar atenção a ela.

— Se você for gay, pode me contar. Posso ser velha, mas não sou uma antiquada.

PERIGOSAS ACHERON

O quê?

Caio na gargalhada.

— Não sou gay. De onde tirou essa ideia?

— Do fato de nunca trazer rapazes para cá e não ter um namorado.

Belo ponto.

— Quem disse que não tenho um?

— Se tivesse um, ele estaria aqui e não eu.

Outro belo ponto.

Alcanço um bolinho e enfio inteiro na boca para não ter que responder.

Nossa, que delícia!

Os homens com os quais me relaciono, geralmente são decentes, mas não tão legais ao ponto de trazê-los para casa. Dorothy não aprovaria se lhe dissesse que sou mais do tipo que curte uma amizade colorida. Não estou em um nível: *Chloé devassa*, mas tenho meus bons momentos.

Espio e ela está observando o Príncipe que espera de pé no altar.

— Foi por causa dele? Ele que partiu o seu coração, não foi, querida?

Não foi o Harry que partiu o meu coração.

Aliás, se partiram, já colei. Acho até que, passado o drama que a ocasião pedia, lidei muito bem com o fato de um desalmado, desgraçado, miserável e filho da puta ter me dado um pé na bunda!

Superação total... Estou ótima!

Ótima! Grande fase mesmo!

— *Din-guém... bar-tiu ... na-da... beu...* — nego de boca cheia e muitos farelos voam no sofá.

— Tudo bem, tá tudo bem... — Inclina o corpo esguio, estica o braço e dá três tapinhas no meu joelho. — Não precisa negar, querida. Estou orgulhosa... — Dá mais três tapinhas. — Muitas

mulheres abandonadas não teriam levado isso tão bem quanto você.

Ui!

Meu corpo contrai involuntariamente.

Abandonada?

Essa doeu.

Fico indecisa entre olhar para o chão, para o teto, para ela ou para a tevê. Sei que o comentário foi inocente e sobre o Príncipe, mas foi esquisito... Tirando nossas famílias, Chloé e Lucca, ninguém sabe do meu quase não romance com Lorde V.

Sim... Lorde V, de Voldemort^[16], o inominável, o vilão sem alma e a quem não se deve dizer o nome ou ele aparecerá.

O desalmado do pé na bunda e cujo nome não pronuncio nem que a vaca tussa.

Caramba!

Se um dia eu precisar de uma médium,
PERIGOSAS ACHERON

certamente Dorothy estará no topo da lista.

— Olha! Lá vem a noiva! — Uso a tática da distração. — Nossa, como está linda! — Vibro um pouco demais, assim que os convidados vão ao delírio nos jardins da igreja, ao verem a noiva desembarcar e revelar o vestido.

Parabéns, dona Meghan. Arrasou. Amei o vestido!

Desvio o olhar da tevê para encontrar Dorothy interessadíssima na minha cabeleira.

Será que ela viu algum fio branco?

Não, impossível.

Era só o que me faltava, ficar grisalha aos vinte e seis anos.

— O seu tom castanho com essas mechas mais claras é natural, não é mesmo?

— É — respondo sem entender a pergunta.

Ela olha para mim, provavelmente

PERIGOSAS NACIONAIS

comparando a minha falta de produção com a da noiva. Fico sem graça. Coloco uma mecha solta atrás da orelha. Normalmente, mantenho os cabelos penteados e tenho até certo orgulho deles por serem longos, levemente desordenados e brilhantes. Um dos meus pontos fortes, eu diria.

— Não quero fazer fofoca e que a Rainha não nos ouça, mas acho que Meghan tinge os dela e tem apliques, li que as americanas gostam de uns truques.

— Admita, Dorothy. Ela está linda.

Sinto a necessidade de defender a sortuda da noiva.

— Magra demais. Ainda não me conformo. Você tem curvas, ela não!

Não respondo, não há o que responder. Definitivamente, Dorothy deve ser do tipo que guarda mágoa.

PERIGOSAS ACHERON

— Prometa para mim que nunca vai fazer aquela coisa de lipoaspiração. Você é o que no meu tempo chamávamos de falsa magra. Uma bela genética a sua, querida. Se eu tivesse uma cintura tão fininha e nádegas e seios firmes e redondinhos, acho que nem teria me casado. Iria curtir, não é assim que vocês jovens dizem? Curtir?

— Isso mesmo.

Dou risada, Dorothy é minha fã. Um pouco exagerada, claro. Mas não posso negar que estou muito feliz com o corpo e proporções que Deus me deu. Posso não ser um exagero voluptuoso como Chloé, mas me garanto.

A cerimônia começa e a câmera dá um zoom nos convidados.

— Olha lá os seus pais!

Dorothy os localiza antes do que eu.

Nossa, minha mãe está linda!

Sorrio com ternura para a tevê.

Eu sei que Paris fica logo ali e sempre que possível, vou visitá-los. Mesmo assim, quanto mais melhor. Foi bom meu pai ter conseguido uma brecha na agenda e trazido a mamãe para passar uns dias em Londres. Tê-los por perto foi maravilhoso e uma loucura!

Tive que me desdobrar em mil para conciliar a agenda. Tudo bem, porque estou acostumada com o ritmo frenético. Consegui ter alguns momentos livres para desfrutar da companhia deles e minha mãe ficou feliz por estar aqui. Ela sente falta de Maggie e foi bom reencontrá-la. Entendo totalmente, Chloé vai ficar fora por uns dias e já estou morrendo.

— Eles vão dormir aqui de novo?

— Não, o papai não pode ficar mais tempo afastado da Embaixada. Vão do casamento direto

para Paris.

— Uma pena, mais um motivo para ter ido... Não entendo, as pessoas fizeram loucuras por um convite e você fez pouco caso do seu.

— Não fiz pouco caso, Dorothy. Viu a hora em que cheguei. Olhe o meu estado. — Abro bem os braços. — Realmente estou exausta e não tinha um final de semana livre há meses.

Dorothy assente e parece aceitar a justificativa. *Ufa, aleluia, menos mal.* A desculpa do trabalho sempre cola quando preciso escapar de um compromisso.

O coral começa a cantar *Stand by me*, ela perde o interesse em mim e fica quieta.

“... Eu não derramarei uma lágrima.

Desde que você fique comigo.

Oh, fique comigo.

Oh, fique. Fique comigo...”

Meu coração aperta, essa música e o romantismo do casamento levam os meus pensamentos por um caminho que tenho evitado andar.

Suspiro profundo.

Estava indo tão bem na missão não pense nele. *Lord V* não ficou e não nos falamos ou nos vimos desde aquele dia no meu alojamento.

Chorei, confesso.

Desidratei, é verdade.

Estava apaixonada, caramba!

Lucca teve que aturar o meu choro por uma semana, até Chloé voltar da Itália e descartar o meu plano de fuga para o Alaska. Levei um tempo para me recuperar, mas um dia foquei na raiva e agarrei o meu amor-próprio. Decidi superar e não

me isolar do mundo. Gosto dos Stoirm e Maggie não tem culpa de ter um filho sem alma.

Todos entenderam o meu ponto quando berrei histericamente e disse que não queria ver e nem ouvir falar mais nada sobre ele. Depois de um ano sem o *Lord V* nas reuniões familiares, parei de chorar escondido e relaxei, mas não muito...

Como o seguro morreu de velho, montei um plano: Chloé é o meu agente duplo. Sabe tudo o que rola do lado de lá.

Como, por exemplo, foi Chloé quem contou sobre o convite especial que chegou em nome dele. Quando me encontrei com Maggie e mamãe para um chá, elas não disseram nada, nunca dizem... Fui eu que deduzi que a probabilidade dele estar no casamento era alta.

Há um ano, esbarrei, sem querer, com uma notícia antiga no *Google* que dizia que a Rainha

PERIGOSAS NACIONAIS

havia nomeado um Capitão das Forças Armadas por ato de bravura na África. Quase caí para trás quando vi quem era: Capitão Dante Stoirm. Claro que um Cavalheiro de Honra da Rainha deve ser figura obrigatória em uma cerimônia oficial.

Então... aqui estou eu: esparramada no sofá... esperando que a tormenta passe e que Dante volte para as profundezas em que habita.

Ai, Jesus!

Pensei no nome dele, duas vezes!

Dou batidinhas na boca... Eu deveria ter reconsiderado sobre a lobotomia.

A cerimônia prossegue e vários minutos passam. Assistimos a tudo encantadas, vibramos com o discurso do pastor americano, sorrimos durante os votos e trocas de alianças e suspiramos no momento do tão esperado beijo, que acontece na porta da igreja ao topo da escadaria.

PERIGOSAS ACHERON

Emociono-me, não tem como.

Lindo, lindo, lindo.

Quando o desfile dos noivos em carruagem aberta acaba, Dorothy vai embora e fico só.

Penso em ligar para Lucca ou para Chloé virem aqui, mas desisto. Ele deve estar exausto e ela arrumando as malas. Sou um pouco apegada nos meus amigos, admito, mas quem não é... Tudo bem, os dois merecem uma folga e domingo estaremos juntos de novo. Combinamos uma manhã divertida para comemorar o contrato que Chloé fechou com uma marca importante do Canadá.

Deixo a monotonia do feriado tranquilo tomar conta.

Passo o restante da tarde me atualizando das séries, fuço nas redes sociais atrás dos

PERIGOSAS NACIONAIS

comentários sobre os eventos que produzi e salvo várias fotos no meu arquivo pessoal. Minha mãe liga para avisar que já chegaram em Paris, ficamos horas fofocando sobre os detalhes da festa de casamento, tomo um banho demorado, brinco com Gabriel e Mila, encontro os meus óculos e tento começar um livro pela milésima vez, mas adormeço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

— **Expirem... inspirem... expirem...**
inspirem... Conseguem perceber a beleza do momento? É um ciclo, irmãos. Absorvam as vibrações da natureza entrando e limpando os chacras. Sentem a energia fluindo da planta dos pés para as palmas das mãos?

Inspiro com tanta determinação que a barriga dói. A única coisa que flui em mim é a vontade de dar na cara desse instrutor torturador. Expiro e meu nariz coça avisando que contorcionismo não é o meu lance.

Bem feito, dona Beatrice!

Apostou que praticar ioga ia ser moleza?

Tá aí... se lascou.

Minhas coxas tremem, os braços doem e nem por Cristo vou conseguir relaxar nessa posição

PERIGOSAS ACHERON

constrangedora. Estou curvada de barriga para cima, como uma ponte. Em um esforço sobre-humano continuo de olhos fechados e tento manter a dignidade e feições tranquilas. Procuro me concentrar, mas uma gota de suor começa a escorrer do meu pescoço indo até a têmpora.

Eu mato aqueles dois!

Seguro um riso nervoso, para não perder o equilíbrio. Deveria ter me escondido quando Lucca e Chloé tocaram a campainha, mas não resisti à empolgação deles e me deixei ser arrastada para o centro na cidade.

Onde esse instrutor estava com a cabeça para escolher o Green Park^[17] para uma atividade que exige paz e silêncio?

Errou, amigão.

Era só ter somado dois com dois: um parque ao lado do castelo Buckingham^[18] e a

invasão de turistas por causa do casamento. Tá aí o resultado: isso aqui parece um formigueiro.

Se não fosse de graça, pediria meu dinheiro de volta. Ao contrário do prometido, a experiência não está sendo nada maravilhosa. Sinto-me como uma impostora em um grupo que mais parece uma convenção de modelos. Já vi vários rostos conhecidos das passarelas, Chloé deve ter convencido a modelagem inteira para vir com ela. Até Albert *meia na cueca* está aqui.

Bom pro Lucca que não tira os olhos de uma modelo sueca.

— Podem relaxar.

Até que enfim!

Deixo o corpo cair e estatelar na grama.

— Agora, assumam a posição do cachorro alerta.

Ué, não era pra relaxar?

Que merda é essa de cachorro?

Minha pele começa a coçar em contato com a grama, porque claro: eu-não-tenho-um-maldito-tapetinho-como-todo-mundo! Acreditei quando os meus amigos disseram que tinham tudo que fôssemos precisar no carro. Descobri tarde demais, que o essencial para eles se resumia a três garrafinhas de água e uma montanha de camisinhas. *Caramba!* Até eu, que nunca pratiquei, sei que o tapetinho é fundamental para a ioga, assim como o maiô e os óculos são para a minha natação.

Aiii!

Uma formiga me morde. Abro os olhos e em vez do céu azul, dou de cara com o instrutor tagarela me encarando.

— Dificuldades, hum?

Nossa, sério mesmo que deu pra notar?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um pouco.

Sorrio timidamente e dou um peteleco na formiga em meu braço.

— Não está habituada com a prática, hum?

— Pois é... sou mais da nat...

Opa!

Sem aviso prévio, o instrutor me vira de bruços.

Pera lá, meu camarada!

Tento protestar e avisá-lo de que não sou um saco de batatas, mas o homem é rápido como uma flecha e forte. Claramente, subestimei a aparência de faquir subnutrido que ostenta. Posso ser magra, mas também não vivo só de alface. Como disse Dorothy, tenho carne e curvas. Sem esforço, o instrutor me põe de quatro. Em seguida, laça-me pela cintura, puxando-a para cima e ajeitando-me como um V invertido.

PERIGOSAS ACHERON

Isso é constrangedor!

Minha retaguarda, destacada pela legging esportiva e justa, projeta-se nas alturas e os meus seios balançam.

Ai, que vergonha!

Deveria ter escolhido o top reforçado e não o que me deixa peituda e gostosa. Não sou sedentária, tenho a vida agitada, nado sempre que posso e estou em forma, mas, como qualquer mortal desprovida de intervenções estéticas, meus seios tendem a se movimentar naturalmente.

— Pronto, uma perfeita cachorrinha... agora relaxe e sinta a energia.

— Obrigada.

Satisfeito, o homem vai embora e levanto a cabeça bem a tempo de pegar um sorrisinho malicioso de Chloé, que se delicia com a visão panorâmica do traseiro de um sujeito à sua frente.

Em seguida, ela me encara e levanta uma sobrancelha que diz: *melhor me garantir, caso Klaus tenha uma esposa.*

Deus, como ela é sem-vergonha!

Dou risada, essa é uma das coisas que mais admiro nela: não existe tempo ruim. Sabe como ninguém transformar as adversidades em oportunidades. O excesso de peso, que provocava o *bullying* no colégio virou motivo de admiração. Milhares de garotas que a seguem nas redes sociais se espelham nela como um modelo de superação e aceitação.

Quando me atacavam pela cor dos meus olhos, ela dizia:

— Use isso ao seu favor.

Claro que sabia que era maldade. A diferença nos tons das minhas íris é tão sutil, que muitos não percebem, mesmo assim éramos um

prato cheio para a crueldade das crianças da escola. Uma dupla e tanto: a alta gordinha e a baixinha de dois olhos. Na pré-adolescência, sofremos bastante até que começamos a nos defender.

Foi com o *Lord V*, que aprendi que uns bons socos e mordidas podiam fazer os mais corajosos se curvarem.

— *Nunca deixe os outros te diminuírem, corujinha. Está entendendo? Lute e não se entregue. Esses olhos gigantes e lindos são raros. Ninguém é como você, Beatrice. Esse é o seu poder.*

Ahhh... pra que eu fui lembrar disso agora?

Respiro fundo e mudo meus pensamentos. Espio ao redor. O paquera de Chloé olha sobre os ombros e sorri para ela. Checo o Lucca, que continua vidrado na sueca. Dou risada. Pelo jeito,

PERIGOSAS NACIONAIS

voltarei para casa de metrô. Feliz pelos progressos amorosos dos meus amigos, decido que a minha presença não é mais necessária.

Avalio a situação. Tirando Alfred *meia na cueca*, que vez ou outra, pisca para mim, ninguém mais vai notar se eu sair à francesa.

De mansinho, começo a engatinhar de ré para me desgarrar do grupo. Passo por uns arbustos e caio em uma parte gramada e mais isolada entre três árvores. Assim que estou suficientemente longe e camuflada, levanto.

Ai, caramba!

Volto a ficar de quatro quando um corpo duro, enorme, quente e peludo gruda nas minhas costas.

Nossasinhora, de onde surgiu esse monstro?

No mesmo instante, lembro-me de um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ditado popular: “*Não sinta medo que o bicho sente, finja-se de morto*”.

Como?

É impossível me fingir de morta com algo monstruoso querendo profanar o templo sagrado que é a minha bunda.

— Xô, cachorrão — digo mansinho.

Nada.

— Passa... passa... passa — insisto com mais ênfase.

Nada.

Mudo de tática.

— Sai de cima, seu monstro! Não sou cachorra! — berro.

Com o coração a mil, tento me desvencilhar.

Nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luto mais... e mais... e mais... entretanto, os meus movimentos só parecem atirar o animal, que começa a babar no meu pescoço, rosto e cabelo.

Caramba, é hoje que eu me estrepo!

— Xô... xô... xô! — ordeno e resisto como a teimosa que sou.

O bicho até pode acabar por vencer e me devorar, mas não entregarei os pontos tão fácil assim.

— Godzillaaaaa, nãoooooo!

Godzilla?

— Parado!

Tanto o animal quanto eu paralisamos. O comando que explode atrás de nós é incontestável, poderoso e salvador.

— Godzilla, junto!

O cachorro sai de cima, eu rolo o corpo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fico estirada de costas na grama. Mortalmente envergonhada e puta da vida, cubro o rosto com as mãos. Espero que ninguém mais, além da Voz, tenha visto isto. Puxo várias respirações cadenciadas. É impressionante a minha capacidade de envolvimento em situações constrangedoras.

Droga! Droga! Droga!

As batidas do meu coração bumbam e abafam o burburinho do parque. Por alguns segundos, o silêncio envolve o caos. Insisto nas respirações para diminuir a onda de adrenalina que varre as minhas veias.

Inspiro profundamente e meus pensamentos suicidas evaporam no segundo em que um cheiro muito bom chega as minhas narinas. Inspiro de novo... *muito bom mesmo*. Identifico as notas marcantes de macho misturado com sei lá... suor e alguma coisa amadeirada.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está bem? — pergunta a voz poderosa que conteve o monstro canino estuprador.

Percebo uma movimentação, giro a cabeça e espio pelas frestas dos dedos. Pernas ajoelham-se ao meu lado. Arrepio e fecho os olhos quando a energia do dono delas se conecta a minha como um imã. Minha pele esquenta onde os nossos corpos se aproximam.

Uau!

A troca entre nós é tão forte que me faz tirar as mãos do rosto e querer conferi-lo.

Abro e fecho os olhos.

Meu Deus!

Abro e fecho os olhos.

Não pode ser!

Lorde V!

— Merda! Beatrice, é você?

Que merda é essa de *Merda! Beatrice, é*
PERIGOSAS ACHERON

você? Ele não me reconheceu?

— Beatrice?

Não é a Beatrice! É o Papa, seu desmemoriado sem alma!

Não respondo.

Estou chocada que não tenha me reconhecido de primeira e ocupada demais amaldiçoando o universo. Sabia que não poderia me esquivar eternamente desse encontro e que um dia, o momento: *Olha ele aí*, chegaria.

Mas poxa vida!

Tinha que ser desse jeito?

Claro, o inominável!

Praguejo mentalmente.

Foi isso, só pode ter sido isso. Não deveria ter pronunciado o nome dele, mesmo que em pensamento! Não acredito que deixei de ir a um casamento bombástico para acabar dando de cara
PERIGOSAS ACHERON

com ele dois dias depois. Um encontro em uma cerimônia oficial teria sido menos embaraçoso. Estaria preparada, linda e de quebra tiraria a minha *selfie* dos sonhos.

Valeu, Deus!

Obrigada pela humilhação alcançada!

Muito bom mesmo, nota mil para o Senhor, pior impossível!

— Beatrice, olhe para mim.

O que aconteceu com essa voz? Os Stoirm sempre tiveram um certo sotaque irlandês, mas não tão acentuado assim. Por que ele soa tão sério e seu timbre está mais grave? Foram quatro anos, não dez. Ele está com quanto agora? Trinta e um?

— Vamos, Beatrice, preciso que olhe para mim.

Meu coração bate forte e os meus instintos gritam corra, mas a minha curiosidade se sobrepõe

a eles. Abro lentamente os olhos e encontro um homem mudado, quase um estranho, mas que ao contrário dele, reconheci no ato. Constato que não é uma miragem e nem uma alucinação provocada por um trauma pós-quase-estupro-canino.

Dante Stoirm está aqui, ajoelhado ao meu lado.

— Boa menina.

Como é que é?

Esqueço a indignação de anos, que sempre quis despejar na cara dele, e priorizo. Preciso gritar que a *boa menina* não existe mais e que tampouco sou cachorra para ser elogiada desse jeito, mas não consigo emitir um piu. Estou impressionada demais com o homem que vejo.

— Não sei por onde começar... — A boca carnuda sobe de um lado.

Puxo outra respiração ao reconhecer o

sorriso torto que sempre amei.

Deus, a aparência dele está me matando!

— Que papelão — murmuro depois de segundos de um silêncio incômodo.

— Nada de mais... papelão nenhum.

Apoio sobre os cotovelos.

A vergonha ameniza quando reparo que o pequeno canteiro de arbustos, em composição com as árvores, deixa o pedaço de grama em que me enfiiei, de fato menos visível. As pessoas, que andam e conversam mais à frente, não se deram conta do meu pequeno show de horrores.

— O que está fazendo aqui? — pergunto porque não faz sentido.

— Correndo. — Indica a pista de corrida que corta o gramado mais ao longe.

— E você?

— O quê?

— O que estava fazendo? — Seu olhar recai sobre os meus pés descalços.

Examino os dedos dos pés com as unhas bem-feitas e pintadas em um tom rosa muito claro, quase transparente. Pelo menos, eles não estão uma catástrofe.

— Ah... praticando ioga. — Aponto para trás, na direção que eu vim e não resisto. — Veio a Londres para o casamento?

— Qual casamento?

— O Real?

— Não. — O rosto fascinante enruga como se achasse a pergunta descabida. — Você foi?

Droga, a minha selfie!

— Também não.

O silêncio incômodo volta.

— Não sei o que deu nesse cachorro —

Dante retoma a conversa e eu só quero ir embora. — O Godzilla ainda é um bebê. Meio impulsivo, normal, mas nunca avançou em ninguém desse jeito.

Um bebê? Santo Deus! O nome dele é Godzilla!

E isso tudo não é normal.

— Isso não é normal — Deixo meus pensamentos escaparem.

Dante está agindo casualmente como se nos víssemos sempre e isso me incomoda. Esperava dele pelo menos um desconforto ou certo nervosismo, não entendo como pode estar tão calmo. *Eu não estou!* A última vez que nos vimos, não foi exatamente a melhor conversa do mundo e já faz um tempão.

— O que não é normal?

Meu dedo agita em todas as direções e

acaba parando nele.

— Isso, a situação.

Começo a sentir raiva. Mais de oito milhões de habitantes nessa cidade, centenas de parques, milhares de traseiros para este bendito cão molestar e tinha que ser justamente o meu?

Muito injusto tudo isso.

Passo a mão no rosto para afastar alguns fios que estão sobre ele. Devo estar uma bagunça, enquanto o destruidor dos meus sonhos femininos está mais bonito do que o homem-mais-bonito-que-eu-já-vi-na-vida e que, por sinal, já era ele mesmo.

— É, eu errei. Não deveria ter trazido o Godzilla. — Ele tira uma folha seca presa em meu cabelo.

Fico sem reação... Não quero que invada o meu espaço pessoal.

Você não deveria estar aqui!

Detesto como os anos foram generosos com ele. A maturidade lhe caiu bem, os traços continuam deslumbrantes e ainda mais masculinos. O ar de garoto bonzinho se foi... assim como o corte militar. Os fios escuros estão mais compridos e bagunçados. O rosto liso foi tomado por uma barba abundante. Gosto desta selvageria inédita e da rusticidade e isso me irrita, mordo os lábios. Quero muito odiar o que vejo, mas não consigo... Esse Dante 3.1 está anos-luz mais atraente.

Que tragédia!

— Preciso que diga alguma coisa, Beatrice.

— Quer que eu diga o quê?

— Qualquer coisa... Se está bem, sei lá, qualquer coisa.

Não digo nada.

Dante aperta a boca macia parecendo

ansioso. Noto a pequena falha na sobrancelha esquerda e percebê-la me faz sentir algo inesperado: culpa. Estremeço ao lembrar do celular batendo nele e provocando o machucado.

Acho que vou enfartar!

Inspiro e expiro profundamente, estou descompensada e preciso me recompor. Pensei que depois de tanto tempo, revê-lo seria mais fácil, até indiferente, mas a julgar pelo estado de alerta do meu corpo, errei feio. Há um tremor frenético e uma palpitação incômoda. Sou mulher feita, sei muito bem o que significa essa enxurrada de sensações: mágoa, raiva e uma atração avassaladora que não deveria estar aí.

A pele do meu rosto esquenta. De jeito nenhum, quero que perceba o quanto estou afetada.

Era só o que me faltava!

Preciso extravasar e socar alguém, de

preferência ele! Uma volta aos sentimentos passados é totalmente descabida e até ridícula.

— Está estranha... e ficando vermelha. Merda, o Godzilla é forte. Estou começando a me preocupar, você está bem? Está sentindo dor? Acho melhor te levar para um hospital.

Não!

Sento do jeito que dá, abraço os joelhos e olho de relance para o Dog Alemão, de pelagem cinza escura, atento ao que acontece. De longe, não parece assim tão assustador. Seus olhos espertos e ansiosos são de um cinza gelo. Sem dúvida um belo animal. Suspiro e, de repente, percebo que Dante ser dono de um cachorro tão impressionante lhe cai bem e natural.

Fera e mestre são magníficos.

— Caramba, Beatrice! Converse comigo!
— A voz soa autoritária, quase rude. — Ele atacou

a sua bunda, não a sua língua.

Como é que é?

O antigo Dante jamais falaria assim comigo.

Giro a cabeça bruscamente e o fuzilo.

— Também não precisa ser grosso, a vítima aqui sou eu — protesto em um tom tão alto quanto o dele e Godzilla late. — Esquece o hospital. Godzilla não me machucou, estou bem.

O cachorro vem como um louco em nossa direção. Planto as mãos na grama, pronta para levantar e correr.

— Nem se atreva! — Dante dá sinal para o cão, que congela e senta-se, mal contendo a euforia. — O senhor já aprontou demais por hoje.

O cão levanta, senta, levanta, gira, senta, late e abana o rabo parecendo ansioso por se aproximar. Sem entender a agonia do animal, olho

para Dante, que se diverte.

— Quietos! — ordena em tom firme e volta a me olhar. — Pelo jeito, não sou só eu que acredito em amor à primeira vista — sussurra.

— Hã? — Fico perplexa.

Ele conheceu alguém e está apaixonado?

— Aí está você!

Procuro o autor da frase e Albert *meia na cueca* está parado ao nosso lado. Saio da bolha: *Beatrice encontra Dante* e percebo que um pequeno grupo se formou e nos observa. *Como não reparei neles antes?* Fecho os olhos por um segundo e praguejo.

Volto a olhar e reparo que Albert soltou o cabelo. Os fios longos, loiros e muito finos parecem oleosos. Já tinha reparado pelas roupas, um pouco encardidas, que ele não é muito adepto à limpeza. Não sei se foi uma boa ideia deixar Chloé

nos apresentar.

— A aula acabou?

Esqueço o nojo e faço a pergunta fingindo uma intimidade que não existe.

— Não, gata. Fui piscar pra você e tinha sumido. Saí pra te procurar e o cara ali... — indica um gorducho tomando sorvete — falou que você levou uma enrabada e tanto! — termina a frase e explode em uma gargalhada.

O gorducho e outros curiosos começam a rir também.

— Caramba, Albert! — protesto e o peso do ridículo volta com tudo. — Precisa dar ênfase? Droga, foi constrangedor!

Os olhos azuis-índigo de Dante buscam os meus e mesmo com a barba espessa, noto que o maxilar quadrado contrai.

— Ele está com você? — pergunta

irritado.

— Está. — *Comigo... comigo, não*, mas tecnicamente, estamos juntos no mesmo grupo, estão ok, não menti. — Algum problema nisso?

A veia da têmpora de Dante pulsa.

— Tirando o fato dele ser um babaca, não... problema nenhum. Se me der licença...

— Toda — concedo achando que vai levantar e ir embora.

Respiro aliviada ao lembrar que é domingo e, provavelmente, a licença dele vá acabar. Dou graças aos bons deuses. Quanto mais cedo ele sair de Londres melhor.

Dante não levanta, como o esperado, e olha como um fuzil para Albert, que quase engasga.

Fico confusa.

— Oh, camarada! Mais respeito com Beatrice! Se continuar com o riso, vou te fazer

PERIGOSAS NACIONAIS

engolir essa merda — rosna.

Todo mundo ao redor silencia.

Surpreendida com a agressividade, ajoelho pronta para bater em retirada. Isso aqui está saindo do controle. Apoio as mãos nas coxas e vejo a apreensão no rosto de Albert. Tenho a impressão de que Dante está acostumado a esbravejar e ser obedecido.

— Tá, parei... foi mal, cara... parei. — Albert levanta os braços coloridos e mantém as mãos sobre a cabeça declarando paz. — Só fiquei preocupado.

— Tá tudo bem comigo — aviso.

Noto uma marca de suor nas axilas dele e o meu nariz enruga.

— Bom... — Albert abaixa os braços rapidamente. — Se tem certeza de que não precisa de mim, acho melhor eu voltar pra ioga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela tem certeza e pode voltar para a aulinha... — Dante responde por mim.

Olho duro para ele, que me ignora e continua firme na missão de fuzilar visualmente o Albert.

O que deu nesse homem?

— Gata, a gente se vê mais tarde? — Albert pisca com certo desconforto.

— Tá bom — concordo por inércia, tentando amenizar a situação.

— Então... valeu aí. — Ele faz sinal de positivo para Dante e sai correndo.

Observo o belo traseiro se afastar e volto para o esquentadinho, que continua a me ignorar.

Respiro para me controlar.

— E quanto a vocês... — Dante gira o olhar metralhador sobre os demais — o circo acabou! Todos circulando! Agora!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Godzilla late e ameaça ir para cima dos curiosos, que se assustam e saem correndo.

— Junto, Godzilla.

O cachorro fica indeciso entre obedecer ou ir atormentar as pessoas, mas acaba dando meia-volta e sentando dócil ao lado do dono, que começa a afagar as orelhas enormes.

— Isso... Bom trabalho, amigo.

Minha cabeça entra em parafuso... Já vi Dante brigar, coisa normal de menino, mas essa agressividade é diferente. Espio com cautela e seu foco está no cão. Seus braços fortes, cheios de músculos, veias e tendões entram no meu campo de visão. *Benza Deus!* Estava tão deslumbrada com o novo rosto que não notei as outras mudanças. Dante agora tem tatuagens... várias delas.

Mil vezes merda!

Mordo os lábios e desvio para o tórax

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

largo e musculoso demarcado sob a camiseta cinza suada. Misericórdia, ele não era assim tão forte e definido. *Não vá por esse caminho, Beatrice!* Reparar nos detalhes dessa anatomia privilegiada não vai ajudar.

Começo a suar.

Mas que inferno é esse que está acontecendo comigo?

Prendo a respiração. Com certeza, o cheiro dele está afetando o meu julgamento. *Só pode ser isso, claro!* Assisti no Animal Planet^[19] que alguns machos sofrem mutação genética e exalam feromônios perigosos que atraem as fêmeas indefesas. Sorte minha que não sou indefesa e já conheço o perigo.

— Beatrice?

Hã?

Ergo os olhos e viro um pimentão. Sei que

PERIGOSAS ACHERON

ele sabe, que eu estava babando por ele.

— O quê?

— Respira.

Não respiro porcaria nenhuma. Levanto nada graciosamente, bato a sujeira dos joelhos e das pernas, dou dois passos para trás e só daí puxo o ar.

— Quer parar com essa mania chata de me mandar respirar? — Ajeito o rabo de cavalo. — Aquilo que fez com Albert foi ridículo!

As feições bonitas endurecem indicando que não gostou do meu ato de rebeldia, o que me deixa feliz. Começo a abrir um sorriso presunçoso, mas paro no ato.

Oh, Deus!

Sou pega desprevenida. O corpo forte levanta em uma manobra rápida e ágil. Assusto e dou um pulo para trás. Os azuis-índigo estreitam e ele toca a cicatriz enquanto me analisa. Sua altura

PERIGOSAS NACIONAIS

não me assusta, continua a mesma e acima da média dos outros pobres mortais. O que me deixa inquieta é a postura intimidante, essa é nova para mim.

— Aquele cara desrespeitou você!

— E você não? — Minhas mãos vão parar nos quadris.

— Não, só fiz a gentileza de defendê-la.

Ah... faça-me um favor!

Ele está chamando aquele ataque de grosseria de gentileza?

Olho para o céu azul, clamando por paciência. Esse novo Dante pode ter virado um fodão... extraordinário, admito, mas está completamente maluco.

— Desde quando tem medo de mim, Beatrice? — provoca extraindo o pior de mim.

Fico puta da vida!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho medo de você, grandalhão! Não admito que venha me chamar de covarde! Pro seu governo, mando muito bem sozinha e não preciso das suas gentilezas. — As palavras saem apresadas em um misto de indignação e orgulho ferido.

O peito dele sobe em uma inspiração profunda.

— Beatrice...

— Não! — interrompo agitando um dedo alucinado para o tórax definido. — Não tente esfregar essa gostosura impressionante na minha cara, que não vai adiantar! Eu te conheço, Dante Stoirm, não caio mais na sua.

Solto um *merda* e cubro a boca, assim que percebo o deslize nas palavras.

Dante levanta a sobrancelha falhada e com um único passo, diminui o espaço entre nós.

PERIGOSAS ACHERON

Oh-oh...

Aflita, pisco mil vezes quando ele tira uma mecha do meu cabelo do caminho e desliza o polegar por sobre a minha bochecha.

Chocada, deixo a mão na boca cair, mas não me oponho ao toque. Não dá... É impossível pensar em reagir diante da tempestade que se forma dentro dos azuis profundos.

— Obrigado pela gostosura impressionante. — A língua que eu já chupei surge para umedecer o lábio que eu já beijei e engulo em seco. — Também acho que o tempo foi bastante bondoso com você, Beatrice. — Confere rápido, mas detalhadamente o meu corpo. — Só discordo de uma coisa: você não me conhece, não mais.

A malícia na inspeção indiscreta me irrita, mas o que me deixa mais possessa é que ele tem razão. Esse homem aí, eu não conheço.

PERIGOSAS NACIONAIS

Afasto o rosto abruptamente e me distancio.

— Não conheço e nem quero conhecer! Por que não volta pra sua guerra e me deixa em paz? — Jogo os braços para cima. — Você é um inferno, Dante Stoirm!

— Você não sabe o que é inferno, Beatrice. — A voz dele é ríspida e a expressão fecha tão dura, que começo a imaginar que queira me esganar.

Ops!

Meu coração dispara. Percebo que, talvez, eu tenha passado um pouquinho dos limites. Sinto um embrulho no estômago. Também estou a ponto de explodir. Minha respiração recomeça a acelerar. Nunca tive uma crise de pânico, mas imagino que seja assim e tudo o que eu não preciso é ter um chilique na frente dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inspiro... expiro... inspiro e meu top começa a apitar e a vibrar.

Solto o ar e puxo, da lateral interna do top, o celular que está suado e tão quente quanto eu.

Dante olha como se eu fosse um E.T..

Ignoro. Claramente ele desconhece as mil utilidades de um top.

Leio a mensagem:

Não deixe para amanhã!

Você tem 15 dias para renovar seu pacote da Netflix.

Graças a Deus!

— Droga, preciso ir — exagero no tom urgente e preocupado.

— O que foi? Algum problema?

Entorto a boca em um pesar e solto o ar lentamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais ou menos, coisa do trabalho. Preciso renovar um contrato para não perder um pacote de dados importante.

— Mas hoje é domingo.

— Pois é, que loucura! — Arregalo os olhos. — Mas no meu ramo é assim... todo dia é dia. — Sacudo o celular na cara dele, antes de enfiá-lo no top. — Disseram pra não deixar para amanhã.

— O dia ainda não acabou. Estava pensando em um café... Escuta, acho que recomeçamos com o pé esquerdo aqui. Quero conversar com você.

De jeito nenhum! Fora de cogitação!

— Conversar comigo? Ah... não... não vai dar. É mesmo urgente.

Ele não responde, apenas inclina a cabeça parecendo desconfiado.

PERIGOSAS ACHERON

Misericórdia.

Sem raciocinar direito, pego e aperto a mãozona, pronta para me despedir.

Jesus!

Quase perco o fio da meada, ao sentir quão áspera e quente, ela se tornou. Quando ela envolve completamente a minha, fico desconcertada e o resultado é que uma onda de arrepios percorre o meu corpo. Os toques dele no passado eram mornos, suaves e gentis, não quentes e excitantes como agora. Alguma coisa deve ter acontecido para transformá-lo nessa pessoa. *Coitadinho*. Meu coração dá sinais de querer amolecer.

Não vá por esse caminho, Beatrice!

Respiro fundo e aprecio, uma última vez, o perfume arrasador.

Força, Beatrice.

— Escuta, Dante, adorei te reencontrar —

minto. — Prometo que, na sua próxima licença, eu ligo e te chamo para esse café — minto de novo.

O celular apita e vibra novamente e sei que é a mesma mensagem, eles sempre a encaminham três vezes.

Em silêncio, Dante considera a minha atitude e palavras. Provavelmente, achando que eu tenha sido acometida por algum tipo de loucura nesses últimos anos.

Dane-se, ele que pense o que quiser!

Solto a mão gigante, mas mantenho o olhar obstinado. Não passei anos me aprimorando na arte de não estar nem aí, para ele surgir do nada e botar tudo a perder. Que me ache maluca, não me importo! Mereço um desconto. Não dá para passar por uma emoção dessas e bancar a superequilibrada. Tudo que sei é que esse encontro indesejado já deu o que tinha que dar. Preciso de

PERIGOSAS NACIONAIS

espaço e respirar outra coisa que não seja Dante. Mais um minuto na presença desse monumento de guerra e não responderei por mim.

O celular apita e vibra pela última vez.

— Tá vendo... Preciso mesmo ir.

Sorrio em tom de desculpas, contorno o corpo enorme e cheiroso, e saio em disparada.

— Beatrice!

— Eu te ligo! — prometo em vão, sem olhar para trás.

Quando saio de seu campo de visão, paro a corrida e apoio as mãos nos joelhos. Meu coração está palpitando. Ergo o rosto e inspiro profundamente o ar refrescante trazido por uma brisa. Inspiro e expiro purificando-me do cheiro afrodisíaco que ainda está em mim.

Meu Deus!

O que foi tudo isso que acabou de

PERIGOSAS ACHERON

acontecer?

Não é possível que depois de tanto tempo, eu ainda alimente algum tipo de sentimento por ele. Isso é loucura. Ele nem é mais o mesmo homem. Concentro-me na respiração e tento organizar os pensamentos. Não quero vê-lo nunca mais. Posso estar sendo dura ou reagindo de forma exagerada... sei lá. Eu deveria me compadecer... coisas horríveis acontecem nas zonas de conflito, que podem marcar as pessoas de forma definitiva, mas não consigo. Não tenho estrutura... O Dante que reencontrei hoje, me assustou mais do que encantou.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Com um sorriso satisfeito, desço a escadaria que dá acesso à construção elegante, em estilo vitoriano, que fica aqui mesmo em Maida. Quando chego ao final, meus *scarpins* em tom musgo tocam o caminho de pedras escuras, que permeia um jardim exuberante, e que vai até o portão de saída. Ajeito o laço do meu vestido envelope verde-água.

Sinto falta de uma presença atrás de mim e giro o corpo à procura do Lucca. Encontro-o parado no meio da escadaria dando uma última conferida no palacete de tijolos aparentes recobertos por heras, chaminés e dezenas de janelas imensas e pintadas de branco.

— Impressionante, né? — digo sabendo que é justamente isso que está pensando.

Lucca me olha e parece chocado.

— Bota impressionante nisso. — Volta a descer, agora, de dois em dois degraus. — Não é à toa que o Conde Byron^[20] foi tão generoso.

Assim que me alcança, enlaço o braço dele e começamos a caminhar.

— Verdade, essa doação vai nos ajudar a manter as coisas nos trilhos por um bom tempo — acrescento.

— Oh... se vai... Recebemos uma fortuna. Esses londrinos ricos amam caridade tanto quanto uma aposta.

Assinto, apesar de discordar.

Ok, é muito dinheiro, mas a motivação do Conde Byron, um velho conhecido do meu avô, vai muito além do fato de ser podre de rico e ter um bom coração. Quando começamos a busca por benfeitores, para financiar e sustentar o nosso

PERIGOSAS NACIONAIS

projeto social para moradores de rua, ele me procurou dizendo que queria ajudar e convidou-me para um chá.

Jamais imaginei que aquele senhor simpático e de postura aristocrática vivera um drama familiar. Entre bolinhos e xícaras de chá, confidenciou-me que perdera um filho. O rapaz, que tinha apenas dezessete anos na época, envolveu-se com drogas, fugiu de casa e foi morar nas ruas. Seu corpo foi encontrado em um beco depois de uma noite congelante. Se o garoto tivesse um abrigo seguro para ir, poderia estar vivo.

A ideia do centro de apoio Estadia veio disso. Eu e o Lucca perdemos um amigo muito querido de faculdade pelo mesmo motivo. Claro que existem inúmeros projetos sociais em Londres, mesmo assim, os números continuam alarmantes. Cerca de um londrino a cada vinte e cinco são

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

moradores de rua. Muitos deles, como o nosso amigo e o filho do Conde Byron, não são legalmente reconhecidos como desabrigados. Por serem jovens, solteiros e não terem dependentes vulneráveis acabam se tornando invisíveis aos olhos do governo e da sociedade.

Foi pensando neles que decidimos nos aventurar nessa empreitada.



Ao sair da propriedade, atravessamos a rua e seguimos ladeando o canal de águas calmas em direção a minha casa. É uma bela caminhada de quase meia hora, mas o fim de tarde está agradável, apesar de um pouco frio. Agarro mais o braço de Lucca e grudo nele para roubar-lhe um pouco do calor corporal.

— Espero que o parlamentar Watson

PERIGOSAS ACHERON

libere de uma vez por todas o prédio — Lucca quebra o meu silêncio contemplativo sobre as flores coloridas nos jardins das casas. — Aquele local é perfeito.

Mais que perfeito... penso. O prédio fica ao lado do Wild Hart^[21], o novo pub^[22] do Lucca, o que vai me quebrar um galhão. De casa para o Soho^[23] são cerca de trinta minutos. Se tivermos alguma emergência por lá, o Lucca poderá segurar as pontas até eu chegar.

— Não é possível que aquele homem asqueroso vá arrumar mais desculpas. Estamos há meses correndo atrás de todas as exigências absurdas que fez. — Penso no bairro multicolorido e agitado, com ruas caóticas, espaços modernos, cafés que nunca fecham e lojas vintage. Além, é claro, de uma concentração considerável de pessoas sem teto. — O Soho precisa de um lugar como o

Estadia — concluo.

— Precisa e muito! — Lucca se empolga, ele ama o bairro dele. — Posso cancelar o meu compromisso de amanhã à tarde e ir com você.

— Nada disso, eu dou conta. Watson late, mas não morde. — A imagem do homem grisalho e cabelo de poodle me vem à mente, e dou risada. — Além do mais, vou arrastar Lore e Jeremiah comigo. Ela é capaz de estrangulá-lo se nos pedir mais alguma alteração.

— Mesmo assim...

— Já disse que dou conta, Lucca — interrompo. — Fique tranquilo.

— Falou, Dona Chefa — brinca e beija o topo da minha cabeça. — Vai lá e consiga aquele prédio pra gente.

Olho para o rosto de traços latinos e mostro a língua. Esse apelido é um exagero. Lucca

PERIGOSAS NACIONAIS

cismou com ele depois que assistimos juntos ao filme *Austrália*. Eu nem sou tão mandona assim, mas fico feliz que, mesmo a contragosto, o meu amigo respeite e deixe que eu resolva as coisas à minha maneira. *Mexicano esperto!* Sabe que odeio que confundam a minha delicadeza com fragilidade.

— Pode contar como feito — provoco.

Lucca ignora a provocação, reduz o passo e aponta o outro lado da rua.

— Topa?

Sigo o dedo longo e minha barriga grita feliz, provavelmente, porque a última refeição que dei a ela foi o café da manhã.

— E tem como resistir?

Ali, entre duas casas, existe um cantinho do céu. Um recuo na calçada com mesinhas de madeira coloridas, fios de luzes brancas e

PERIGOSAS ACHERON

bandeirolas com um charme interiorano, grandes vasos de cerâmica repletos de gerânios e o melhor *food truck* de comida mexicana que conheço. Um trailer antigo adaptado em cozinha móvel, com um charmoso toldo vermelho e branco, e um letreiro em néon escrito *Spicy Girl*^[24].

Atravessamos a rua e, como existem algumas mesas vazias, vamos direto fazer os pedidos.

— Oi, Carmem. — Apoio os cotovelos no balcão de madeira rústica e cumprimento a dona de um dos melhores temperos que conheço.

— Olá, *hermosa*^[25]. Senti a sua falta na semana passada. O que vai querer?

— *Tava* trabalhando como louca — digo o motivo do sumiço e devolvo o sorriso que ganhei.
— Enchiladas e molho salsa, por favor.

— É pra já! — Carmem grita o pedido,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apesar do espaço interno do trailer ser minúsculo e do assistente estar bem atrás dela. — E pra você, *guapo*^[26]? — Ela pisca para Lucca.

— O de sempre: burrito. Dois deles, por favor.

— Chloé não veio hoje? — A chef projeta o corpo rechonchudo e espia ao redor.

— Não, foi pro Canadá. Está fotografando — Lucca responde por nós.

Trocamos mais algumas amenidades enquanto esperamos, pegamos os pratos descartáveis abarrotados de comida e junto com as cervejas, sentamos em nossa mesa de sempre, no canto e bem ao lado de um vaso florido.

— Chloé deu sinal de vida? — Lucca pergunta antes de dar uma mordida generosa no burrito.

Abro a cerveja e dou uns goles.

PERIGOSAS ACHERON

Nossa, que delícia!

— Nada, nenhum sinal. — Pesco uma enchilada e abocanho.

— Vai me falar o que te deu no domingo ou não? — Lucca solta a pergunta na lata e sem rodeio.

Eu sabia!

Esse é o meu Lucca, aposto que estava se remoendo, só esperando o melhor momento para começar o interrogatório.

Continuo mastigando, mesmo já tendo engolido tudo.

— Nem adianta me enrolar, Trice. Ninguém entendeu aquele seu desespero para ir embora do parque e ainda dar para trás na ida pro pub.

— Estava cansada.

— Cansaço nunca foi um problema pra

você.

Verdade.

Tomo mais um gole de cerveja e como outra enchilada, só para ganhar tempo.

E é verdade também que, desde domingo, estou explodindo em todas as direções... Sinto euforia, raiva, incompreensão, medo, revolta, tesão, saudade...

Droga!

Eu o tinha superado, pelo menos, pensei que tivesse. Se ao menos Chloé me ligasse, estou tão arrependida por ter mentido para ela e dito que não iria ao Wild Hart por causa do insuportável do Alfred... ou que a minha cara de louca era impressão, mas não tive saída, eu a conheço... Se contasse sobre Dante e o quanto eu estava desconcertada, bem capaz dela desistir do trabalho e da viagem.

Droga dupla!

Estou me esforçando para não pensar, mas já repassei o reencontro mais de 1.345.276.987 de vezes. Sinto-me sufocada, lotada de Dante e não gosto disso. De jeito nenhum, vou voltar a ficar suspirando como uma idiota, só de pensar nele. Já passei por isso, é um sentimento solitário e sufocante que te paralisa enquanto o mundo gira e a vida acontece.

— Trice...

— Ai, Lucca, sei lá o que me deu... Aquilo foi domingo, hoje já é quarta — desconverso. — Me diz e a sueca? Te achei bem animadinho com ela — tento mudar de assunto.

Visivelmente constrangido, Lucca se ajeita na cadeira... Ele sempre fica desconfortável quando pergunto sobre os casinhos que tem... É até charmoso ser discreto, mas não entendo essa

relutância em me contar.

Adoro uns detalhes sórdidos.

— O mesmo de sempre, gostosa e vazia, mas nem vem. — Foge do assunto para variar. — Vai ou não me dizer o que deu em você? Estava tão branca que parecia ter visto um fantasma.

E eu vi.

Não respondo.

— Porra, Trice, pensei que confiasse mais em mim!

Golpe baixo.

Reviro os olhos.

— Sabe que confio em você tanto quanto em Chloé.

— Se confia, por que essa relutância?

Agora seria um bom momento para jogar nessa cara bonita que ele também não me conta nada, mas... *Droga!* Se não desabafar com alguém

PERIGOSAS ACHERON

vou explodir!

— Porque você acertou, eu vi um fantasma — confesso de uma vez por todas e mil quilos saem de cima dos meus ombros.

Aliviada, solto o ar enquanto assisto a boca charmosa paralisar e o burrito parar a caminho dela.

— Lorde V? Esse fantasma? — murmura.

— Hum-hum... o próprio.

O burrito, pela metade, cai sobre o prato.

— Puta que pariu! — Lucca exclama tão alto que um casal, na mesa ao lado, olha feio para nós. Levanto os ombros e sorrio envergonhada para eles. Lucca recosta na cadeira e estica as pernas.

— Pois é, bota puta que pariu nisso — sussurro.

Os olhos do meu amigo ganham um brilho afiado; e eu, a sua atenção total.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desembucha... — Faz sinal para Carmem e pede mais duas cervejas. — Como foi isso?

Como bom mexicano que é, Lucca adora uma novela. Se tiver drama então... melhor ainda. Sem saída e porque preciso deixar sair e desopilar, conto tudo. Quase tudo... excluo as partes irrelevantes como, por exemplo: que me senti arrebatada pelo cheiro, pela voz, pela barba, pelo cabelo, pelo rosto, pelo olhar, pelas tatuagens e pelo novo corpão arrasa quarteirões de Dante.

Seis garrafas de cervejas jazem vazias sobre a mesa quando termino de narrar minha tragédia. Na expectativa, mordo o lábio. Pensativo, Lucca coça o queixo enquanto escrutina o meu rosto apreensivo.

— Genial o lance da Netflix — conclui com zero de animação.

PERIGOSAS ACHERON

— É só isso que tem pra dizer? — quase grito, mas me controlo. — Genial o lance da Netflix? — murmuro com cara de: *Ah... pelo amor de Deus, fala sério!*

— Quer mesmo saber o que eu acho? — Apoia os cotovelos na mesa e me olha sério.

— Claro!

— Que foi bom ter cruzado com o cara e ver logo qual é. Claro, que dá menos trabalho correr do que ficar e enfrentar a situação, mas nunca concordei com esse lance de fugir. O cara parece um mito.

O quê?

Essa é nova para mim.

— Eu não fugi! — protesto indignada, mesmo sabendo que correr de Dante já me levou várias vezes para uma visitinha na terra da idiotice. — Eu só... eu só... eu só o evitei. Foi ele quem

desintegrou.

Transfiro a responsabilidade e a expressão debochada, que surge no rosto liso de Lucca, indica que ele não caiu na minha. Tudo bem. Suspiro resignada. Ele me conhece e acompanhou o drama todo de perto.

— Tá... e como você está? — Lucca assume a postura de irmão mais velho tentando ajudar, que já conheço muito bem. — O que pretende fazer, agora que ele saiu das Forças Armadas?

Uma onda de adrenalina faz minha pulsação aumentar.

— Ele não saiu! — nego tão fortemente que quase destronco o pescoço. — Estava aqui de licença.

— Ele te disse isso?

— Não. — Meu corpo inteiro congela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucca bate a mão na mesa marcando um ponto.

— O mundo tá mudado. — Tento um contragolpe. — Dante pode ter sido transferido para um batalhão modernizado.

— Ué... Desde quando voltou a falar o nome dele?

— Desde quando banquei a idiota, por quatro anos, me policiando pra não dizer esse bendito nome e ele brotou das profundezas do mesmo jeito, então quero mais é que se lasque. Dante! Dante! Dante! Satisfeito?

Lucca gargalha.

— Por que acha que ele saiu das Forças?
— volto ao assunto.

— O cabelo e a barba, óbvio.

Faço cara de: *Hã?* e Lucca começa a perder a esportiva.

PERIGOSAS ACHERON

— O corte militar e o rosto liso são obrigatórios nas Forças Armadas — explica. — Se o cara está mesmo com essa aparência selvagem, ele deve ter dado baixa há algum tempo. Uma barba de respeito, como disse, não se cria da noite para o dia.

Eita, lascou-se!

Meu coração dispara.

— Isso não pode ser. — Arregalo os olhos e mordo a boca para não gritar.

Lucca estende o braço e toca a minha mão.

— Calma, só estou dizendo que ele deu baixa, não que voltou pra Londres.

— O que acha do Alaska? — Meu rosto enruga.

— Tô falando sério. — Lucca abafa uma risada, solta a minha mão e volta a se refestelar na cadeira. — Com ele fora, a possibilidade de se

reencontrarem mais vezes aumenta. É bom estar preparada. — Ergue o dedo e pede mais duas cervejas.

Oh, Deus!

Gastei tanta energia acreditando que Dante jamais abandonaria as Forças Armadas... que nunca passou pela minha cabeça outra possibilidade. Descobrir o contrário é perturbador e provoca um tanto de coisa desordenada em mim. Sinto-me fraca... uma traidora de mim mesma. Pessoas inteligentes não cometem os mesmos erros, os evitam.

Droga, será que sou tão idiota para esquecer tudo o que eu sofri?

— A minha única certeza é de que não vou mais ser motivo de pena para ninguém — confesso o que sempre me incomodou.

— É isso que acha? Que senti pena de

você? — Lucca olha irritado para o céu, que a essa altura já está escuro. Quando volta a me encarar há um brilho inédito nos olhos dourados. — Trice, olhe pra quem é... pra tudo que conquistou! Eu tenho pena é dele, por ter aberto mão de alguém especial e forte como você.

Ownnn.

Uma onda de ternura corre por mim... Lucca é sensacional, se ele não estivesse lá quando o mundo desabou na minha cabeça, nem sei onde eu estaria agora. Ele e Chloé me salvaram. Às vezes, acho que os dois depositam uma confiança em mim, que eu mesma não tenho. Eu os amo mais do que se fôssemos irmãos... e a única coisa que não quero é desapontá-los, mas preciso ser honesta.

— Talvez eu seja forte para todo o resto, mas não pra isso... não tenho estrutura pra revisar o passado. Pensei que estivesse no controle, mas

não estou. Pelo menos, não quando Dante Stoirm está metido na equação. O domingo mexeu com os meus nervos e só aumentou a minha necessidade de correr. Acredite, eu disse que a coisa mudou... Lá no parque, não fomos as melhores pessoas do mundo. Acho que sentimos vontade de nos estrangular e não quero virar uma assassina. Então, não me recrimine se eu seguir como sempre... Preciso evitar toda e qualquer situação que me ponha em rota de colisão com ele.

Termino e Lucca fica em silêncio. Quase posso ouvir suas engrenagens mentais maquinando.

— Puta merda... Você ainda gosta dele. — sussurra quase que para si mesmo.

Como é que é?

— Claro que não! Tá maluco? — Reviro os olhos e retruco. — Posso ter ficado um pouco mexida, mas não ligo a mínima. Foi só um lapso do

PERIGOSAS NACIONAIS

meu cérebro absurdo e desmemoriado, mas não...
credo! Odeio Dante Stoirm.



*Ooh, meus queridos, se resolvam... ou é
um ou é o outro.*

*Não consigo lidar com os dois reclamando
ao mesmo tempo.*

Tento negociar uma trégua entre a minha
cabeça que dói e o meu fígado que lateja. *Que sede!*
Olho para o copo vazio em cima da mesa de
reuniões... Ela é tão grande e velha que não duvido
que a Santa Ceia tenha sido celebrada nela. Checo
o relógio secular e cheio de rococós em cima da
lareira: duas e meia da tarde. Já estamos aqui, há
uma hora.

Fico tentada a levantar e me servir de mais
água, mas o parlamentar Watson já olhou esquisito

PERIGOSAS ACHERON

na terceira vez que o fiz.

Endireito o corpo e finjo que ressaca é a última coisa que sinto. Bem feito para mim, não sou contra umas cervejinhas recreativas, mas oito? Ontem eu exagerei, mas não me arrependo. Foi bom me abrir com o Lucca, chegar em casa nas nuvens e acreditando na beleza da vida. Deitei na cama de roupa e tudo e apaguei em três minutos... eu acho.

A monotonia na voz do parlamentar Watson, combinada com a sala de reuniões, que parece um mausoléu, e essas cortinas de veludo verde estão me dando sono... Não só em mim, já vi Jeremiah pescar três vezes. A única atenta a tudo, como um águia, é Lore. Não entendo porque Watson quis reler todos os tópicos do projeto, uma segunda vez e em voz alta... Tortura, só pode ser.

Mais dez minutos, até que os óculos, fundo

PERIGOSAS NACIONAIS

de garrafa, do parlamentar sejam retirados e ele nos conceda sua atenção.

— É parece que todas as alterações que pedi foram atendidas — diz em tom solene.

Eu e Lore soltamos o ar na mesma hora e aguardamos que ele continue.

— Conseguiu arrecadar uma quantia considerável, senhorita Wild. Vejo nomes de peso apoiando a causa. Uma bela demonstração de prestígio.

— Obrigada.

— Projetos como esse repercutem positivamente para a imagem das empresas. — Os dedos dele somem dentro da cabeleira encaracolada para coçar a cabeça. — Um belo golpe de marketing, não acha?

O quê?

Filho da mãe!

PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo. Apesar de querer esganá-lo pela insinuação maldosa, capricho no semblante sereno.

— Sabe a real motivação do projeto. Já a discutimos e está detalhada no documento que acaba de reler, parlamentar. — Sorrio. — Tanto eu quanto o senhor Lucca Mendez possuímos negócios lucrativos e consolidados. Posso lhe garantir que não estamos interessados e tampouco precisamos deste tipo de autopromoção.

— Mesmo assim, seu pai faz parte disso? Parece-me uma insensatez permitir que uma menina frágil se meta com aquela marginália. Acho que o embaixador irá me agradecer se eu repassar o projeto para alguém com mais experiência — ironiza.

O quê?

Meu sangue ferve e esqueço a ressaca...

PERIGOSAS NACIONAIS

Lore segura minha mão por baixo da mesa e olho com firmeza para Jeremiah que está a um triz de deslizar sobre o tampo quilométrico e esganar esse velho preconceituoso.

— Agradeço a preocupação, mas é totalmente descabida. Sou uma mulher independente e capaz de tomar as minhas próprias decisões. Repassar o projeto está fora de cogitação. Dedicamos nossas almas em cada detalhe. — Sorrio para Lore e Miah, que captam minha gratidão. — Nos empenhamos muito na arrecadação de fundos e na escolha dos colaboradores. Isso porque realmente acreditamos que aquelas pessoas, tão iguais a mim e ao senhor, mereçam um lugar que os acolha e os trate com respeito, não como marginália.

— Mesmo assim... — Watson ignora a indireta e fecha a pasta de modo sutilmente brusco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquele prédio vale milhões.

— Milhões que estão sendo desfrutados por ratos e perdendo o valor por falta de manutenção — argumento em meio a um arrepio de asco.

O rosto muito pálido do parlamentar ganha um tom escarlate.

— Nem por isso estou convencido. Vou deliberar e dar uma posição na próxima semana.

Não... não... não... Mais uma semana de enrolação não.

Quando faz menção de pegar a pasta e se retirar, Lore estica o braço e resgata os documentos. Os olhos astutos de Watson faíscam.

— Os originais são registrados e só podem circular nas reuniões oficiais, parlamentar — Lore mente com uma doçura que sei que ela não tem. — Encaminharei uma cópia protegida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Protegida? Preciso enviá-la para a especialista. Sem o aval dela, nada feito.

Especialista o seu rabo! Eu sou a especialista aqui!

Abro a boca para soltar os cachorros, mas Lore é mais rápida.

— Infelizmente, não será possível. O sistema não permite cópias, *prints*, impressões ou envio a terceiros — Lore explica com certo prazer.

— Sendo assim, acho que encerramos por aqui. — Watson levanta e sem se despedir, sai pela porta.

O quê?

Agarro o envelope de couro contendo a minha cópia do projeto e o abraço.

— Ele estava pretendendo roubar e repassar a nossa ideia, não estava? — pergunto para Lore e Jeremiah, assim que a porta bate.

PERIGOSAS ACHERON

— Parece que sim. — A boca de Lore entorta em um pesar.

— Posso ir atrás e dar um cacete nele — Jeremiah oferece, pronto para a ação.

Nego veementemente, fecho os olhos e pressiono a testa que dói.

— Ah... mas isso não vai ficar assim, não. — Corro para a porta de madeira escura e pesada, e abro. — Esse velho babão vai ouvir poucas e boas.

Saio, olho para os lados e avisto o cotonete gigante virando à esquerda no corredor. Sem pensar duas vezes, corro atrás dele o mais rápido que a minha saia lápis, justa e cinza permite.

Ordinário!

O barulho dos meus saltos altos, batendo contra o chão duro, ecoa chamando a atenção de engravatados e políticos que circulam pelo Palácio de Westminster^[27], um edifício gótico vitoriano, às

PERIGOSAS NACIONAIS

margens do rio Tâmis e que abriga as duas casas do parlamento britânico.

Jeremiah e Lore seguem apressados, logo atrás... quando viro à esquerda, muitos fios do meu coque já se soltaram e um lado da barra da minha camisa de seda, rosa bebê, escapou da bainha. Watson entra por uma porta e por sobre os ombros, grito para Jeremiah não deixar que ninguém nos interrompa e entro segundos depois.

Merda, merda, merda!

Foco um olhar determinado sobre o parlamentar. Nem sobre o meu cadáver vou demonstrar constrangimento por ter invadido, sem querer, o banheiro masculino.

— Podemos conversar, parlamentar? —
peço com gentileza.

— Caso não tenha percebido, isso aqui é um banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cruzo os braços para tomar fôlego. Avalio o ambiente enorme e compatível com as dimensões de um castelo, mas que parece recém-reformado. Tudo é luxuoso, do piso de mármore negro às torneiras douradas que adornam as dez cubas talhadas na pedra escura. Lâmpadas de halogênio iluminam o ambiente, tornando os azulejos ainda mais brancos. Uma fileira de cabines privativas se estende do meu lado esquerdo e segue até uma meia parede, também de mármore, que provavelmente garante privacidade à área dos mictórios.

— Estamos sozinhos — presumo pela falta de movimento e barulho.

Talvez sem saída, Watson inspira tão fundo que me sinto sem ar.

— Disse que encerramos — diz aborrecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Infelizmente tenho que discordar —
desafio firmemente agarrada ao envelope de couro
marrom que ganhei do meu avô.

— Sinto muito se discorda, não posso
fazer mais nada — mostra-se irredutível.

Merda!

Endireito as costas tentando parecer mais
alta do que sou.

— Seja razoável. É claro que pode fazer...
— começo mansa, trabalhada na diplomacia. — A
começar por me escutar de verdade e sem
preconceito — encerro firme e sem rodeios.

Pego de surpresa, Watson encosta na
bancada preta das dez cubas. Sua testa, já enrugada,
franze mais.

— Você não vai desistir, não é mesmo?

— Não. — Empino ainda mais o queixo
para mostrar quão teimosa posso ser.

PERIGOSAS ACHERON

— Tem dois minutos. — Ele cruza os braços e me concede atenção.

Meu coração acelera, pois sei que este é um daqueles momentos de ou vai ou racha. Penso em Lucca e em todos aqueles que nos ajudaram. Respiro fundo, encho-me de brios e seja o que Deus quiser.

— Admita, o projeto é bom... — Esforço-me para manter o tom inalterado. — Temos nos dedicado por meses a fio. Perdi a conta de quantas vezes nos reunimos. Eu só preciso de um motivo plausível, parlamentar... Diga-me: por que prefere que o prédio apodreça a dá-lo como subsídio para garantir dignidade de um povo que o senhor mesmo jurou defender? Centenas de cidadãos de Londres, que só precisam de comida, uma cama quente e cuidados... Explique-me, porque se não o fizer, vou deduzir que a sua negativa é pessoal e dirigida a

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Está me julgando incapaz, sem ao menos me dar uma chance. E isso tem um nome: preconceito. Aquelas pessoas, a quem nega humanidade, podem não saber como se defender, mas eu sei... garanto-lhe que sei... A menina frágil, como me rotulou, tem força suficiente para fazer um escarcéu tão grande, mas tão grande, que o senhor não estranhe se a própria Rainha lhe procurar.

Os olhos astutos estreitam ao me fuzilarem.

— Está me coagindo, senhorita Wild?

— Não, apenas sugerindo que me dê um voto de confiança, parlamentar Watson.

— Confiança se conquista, senhorita Wild.

Bom ponto.

Respiro.

— Como posso fazer por merecê-la, senhor?

PERIGOSAS ACHERON

Ele escrutina o meu rosto acalorado de nervoso, por mais alguns segundos.

— Façamos um acordo... um único ciclo de refeições teste. Se tudo correr bem, o prédio será de vocês. Caso contrário... um mísero deslize ou tumulto, o projeto vem pra mim e posso entregá-lo a quem tenha competência para executá-lo.

— É só dar uma data, parlamentar Watson — desafio, mesmo sabendo dos riscos.

O velho prédio do Soho não tem condições de sediar nada em seu atual estado. Ele precisa de uma boa reforma, além de um trabalho de combate aos ratos, baratas e sabe-se lá mais o quê. Arrepio-me só de pensar em todos aqueles seres rastejantes. Meses, talvez um ano. *Droga!* Até lá, esse velho babão pode mudar de ideia. Preciso do Lucca, ele é ótimo nas improvisações.

— Faça seu prazo e estarei lá para avaliar.

Temos um acordo? — Um esboço de sorriso aparece revelando os dentes amarelados.

— Sim, temos um acordo.

Estendo a mão para firmamos o combinado, mas fico no vácuo. Watson manobra o corpo, dá de ombros e sai sem me dirigir uma palavra.

Misericórdia!

Entre o abrir e o fechar da porta, escuto um burburinho vindo do corredor, mas ignoro. Coloco o envelope sobre o balcão e apoio as duas mãos na bancada. Fecho os olhos e abaixo a cabeça para recobrar os nervos. Enquanto inspiro e solto o ar lentamente, repasso a conversa com Watson. Correr como uma louca pelo corredor e invadir acidentalmente um banheiro, não foi a coisa mais sensata que fiz, mas, dessa vez, minha impulsividade não me pôs em uma enrascada, ao

contrário.

Sorrio.

Não sou lá muito adepta aos métodos extremos, mas não me arrependo da chantagem, aquele velho astuto foi preconceituoso sim e ainda queria me passar a perna.

Bem feito! Quem caiu foi ele.

Olho-me no espelho, que vai de ponta a ponta da bancada e chega até o teto. Estou vermelha e minha raiva ainda não abrandou totalmente. Respiro. Recoloco o tecido delicado e quase transparente da camisa para dentro da saia e ajeito os fios soltos que escaparam do coque. A minha bolsa e a nécessaire ficaram com Lore, então não há nada que eu possa fazer, além de molhar a nuca, para amenizar o cansaço que a maquiagem não consegue mais esconder.

— Eu nem acredito que consegui! —

Sorrio para a outra eu refletida no espelho.

— Mandou muito bem, Beatrice. O velho não teve a mínima chance, estou impressionado.

Que susto!

Dou um pulinho e meu corpo enrijece.

Será possível que esse homem vai ficar se materializando a torto e a direito?

Através do espelho confiro a fileira de janelas altas e estreitas.

Ué, se pela porta não foi e por ali é impossível, por onde então?

Ciente de que devo fazer qualquer coisa, menos estabelecer contato, giro e fico de frente para o corpo que faz o meu incendiar instantaneamente... Ao contrário de mim, que pressiono as pernas para sufocar a comichão entre elas... Dante está relaxado, sorrindo displicentemente com as mãos nos bolsos. As

PERIGOSAS NACIONAIS

costas largas apoiadas na parede dos fundos do banheiro e as pernas, com coxas grossas, cruzadas uma sobre a outra.

Nossa Mãe do céu!

Sua beleza novamente me atinge em cheio e de imediato. Perco um pouco do equilíbrio. Porém, dessa vez, eu me controlo ou, pelo menos, tento.

Ele vai ser sempre assim? De tirar o fôlego?

Precisando de ar... inspiro dando graças a Deus, que a distância entre nós é segura e não estou sentindo o cheiro provocante que ele tem.

— De onde você saiu?

Dante responde a minha pergunta com uma sutil inclinação de pescoço indicando a área privativa dos mictórios.

Pelos raios do profeta!

PERIGOSAS ACHERON

Cometo a burrada de olhar para onde não devo e, por um nanossegundo, desejo ser a mão que segurava o seu...

Credo! Tudo menos bancar a necessitada!

Olhe para qualquer coisa, menos para esse pacote recheado com promessas de pecado e luxúria.

Constrangida, com a lascívia dos meus pensamentos, faço um esforço sobre-humano para focar na obra de arte como um todo.

Ele está arrasadoramente lindo, com o corpo musculoso escondido sob o terno escuro de três peças. Só o vi vestido tão formal três vezes: nos meus quinze anos, em sua formatura e no enterro do avô. Mesmo assim, não tão elegantemente. Percorro os cabelos escuros, agora penteados em discreto desalinho e a barba ainda enorme, que foi domada de modo não tão

PERIGOSAS NACIONAIS

selvagem. Os azuis-índigo parecem não ter pressa e esperam pacientemente que eu me recomponha ou o avalie.

Meu estômago, que já não está lá essas coisas por conta da ressaca, se alvoroça. É muito charme e gostosura para um homem só. Mais uma vez, me controlo. Não quero parecer uma louca ensandecida como da última vez.

— Eu achei que estivéssemos sozinhos — explico, tentando não parecer afetada.

— Não quis interromper.

— Sabia que era eu?

— A princípio não, depois sim.

Maldito sotaque irlandês!

Apenas assinto. A consciência excessiva da presença dele está me fazendo ter sérias dificuldades de raciocínio. Preciso dar o fora o mais rápido possível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso ir. — Evito os olhos dele.

— Você está linda.

Não diga coisas assim!

O elogio inesperado pega-me de surpresa e derrete-me por dentro como um gole de conhaque. Apesar de não dever, quero que me ache linda e isso é perturbador. A minha inquietação aumenta. Não é possível que eu seja assim tão fraca quando se trata de Dante Stoirm.

— Desculpe... simplesmente não posso...
você...

— Beatrice...

— Não! — interrompo.

Esqueço o *mantenha-se controlada*, dou meia volta e abro a porta apressadamente para dar de cara com Jeremiah, Romeo e Lore que conversam como se conhecessem há séculos, o que não procede.

PERIGOSAS ACHERON

— A saída... preciso de uma saída — digo para ninguém especificamente.

Romeo desencosta da parede e com o tradicional sorriso sacana, aponta para uma escada no final do corredor. Corro em direção a ela e desço o mais rápido que consigo com os saltos altíssimos. Desço... desço... desço... encontro e abro uma porta.

Um vento fresco e o cheiro forte, característico do Tâmis, golpeiam-me. Dou-me conta de que estou no pátio inferior: um imenso espaço vazio e retangular ladeado por arcos à beira do rio. Utilizado como píer para ancorar embarcações de pequeno porte e receber visitantes que chegam pela água.

Eu mato o Romeo!

A única forma de sair daqui é de barco, que não possuo, a nado ou voltando pelo mesmo caminho que vim. Acuado, ando apressadamente

PERIGOSAS NACIONAIS

até o limite do piso rústico e irregular. Encosto o ombro em um grande arco, abraço o corpo e observo as águas do rio enquanto decido o que fazer.

Uma embarcação passa ao longe e imagino que, sob o ângulo de visão dos tripulantes, devo parecer uma formiguinha louca.

A porta pela qual entrei bate e passos firmes e decididos ecoam na minha direção.

Que inferno esse Dante!

A menos que eu pule na água, não tenho como escapar.

Lembro-me do conselho do Lucca sobre encarar e enfrentar... e meu cérebro dá um nó... um lado implora que eu corra, o outro pede que eu fique. Sem saída, fecho os olhos e aguardo o confronto. Encontrá-lo duas vezes, em menos de uma semana, é muito azar. Acho que vou aceitar de

PERIGOSAS ACHERON

Dorothy aquele vasinho de trevos de quatro folhas que ela ofereceu... ou talvez, só por garantia, eu passe na igreja e peça para o pastor Nelson me benzer.

O perfume estoura-meus-miolos de Dante chega primeiro. O melhor seria prender a respiração, mas não tenho força de vontade suficiente para isso... o cheiro dele é tão bom que inspiro e me permito absorver cada nota.

— Treas^[28]...

Não! Não! Não!

Todos os meus músculos ficam tensos... esse apelido me machuca. Não sou o tesouro dele... e muito menos seu brinquedo. Esse homem quer me provocar, só pode.

— Não me chame assim. — Giro o corpo e ficamos de frente. — Perdeu o direito de fazê-lo há quatro anos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante abre a boca para retrucar, mas desiste. Assisto, com um certo fascínio, o corpo impressionante encostar na pilastra da frente, a testa franzir e a cabeça inclinar para o lado.

Ficamos em silêncio devorando um ao outro. Talvez ele também esteja tentando me decifrar.

Escaneio cada centímetro delicioso para captar suas emoções, mas não consigo. Isso não é bom. Pergunto-me desde quando perdi a capacidade de traduzi-lo. Talvez seja toda essa barba agindo como uma camuflagem, sei lá... Só sei que o Dante do passado não tinha máscaras... era transparente. Seus sentimentos viviam escancarados em cada olhar, sorriso, expressão ou gesto.

Esse homem, emocionalmente fechado, na minha frente, é uma incógnita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos conversar, Beatrice —
rompe o silêncio. — Não pode correr toda vez que
nos encontrarmos.

— Se depender de mim não haverá
próxima vez — a sinceridade me escapa.

— Felizmente, não depende de você.
Estou aqui e não tem como fugir disso.

Quero explicar-lhe que existe uma
coisinha chamada escolha e que não sou obrigada a
nada... nada! Muito menos, a conviver com um
homem que desperta o meu lado mais insano...
Abro a boca, mas fecho quando uma possibilidade
maluca passa pela minha cabeça.

Macacos me mordam!

Não pode ser... claro que pode!

— Dois encontros inesperados, em menos
de sete dias, é demais até para o destino, não acha?
— Sorrio com ironia, não consigo evitar.

PERIGOSAS ACHERON

Ele fica surpreso, possivelmente porque minha atitude não condiz com o discurso politicamente correto que ouviu de mim, minutos atrás, lá no banheiro. Sei que o estou pré-julgando, mas não posso evitar... como eu disse: ele desperta meu lado mais insano.

— Está insinuando que forcei esses encontros? — Sua voz é áspera.

Arqueio as sobrancelhas demonstrando que é isso mesmo que estou pensando.

— Você só pode estar de brincadeira! — esbraveja.

Não me abalo, aquela coisa dele dizer que sou covarde ainda está entalada na minha garganta... Comprimo os lábios em um: *Não estou brincando*, bem claro.

Dante pragueja, mas continuo firme.

— Posso ter repensado umas coisas, me

arrependido de outras, sentido a sua falta, a merda que seja... mas não sou um lunático perseguidor... Estou tão surpreso quanto você.

Hã?

Arrependido?

Faça-me um favor!

Que cínico!

— Não precisa mentir — digo com a frieza de quem não tem motivos para acreditar.

Seus lábios formam uma linha reta. Ele parece ter se irritado.

Até que enfim algo que eu entenda!

— É a verdade — diz firme.

— Não, não é! — explodo em uma reação involuntária e um pouco imatura. — Tá me achando com cara do quê? De otária? — Cravo meu olhar fuzilante nos azuis indignados. — Não sou mais aquela bobona de antigamente, Dante. —

Aponto o terno que o deixa ainda mais charmoso.

— Há quanto tempo saiu das Forças Armadas?

— Três anos e meio.

Como é que é?

Olho boquiaberta.

Meus joelhos falham, espalmo a pilastra, mas mantenho-me em pé... há três anos e meio, eu ainda estava de luto por nós e chorava escondida de vez em quando! Se ele tivesse aparecido naquela época... eu... eu... eu nada!

Bato palmas.

— Parabéns, todo esse tempo circulando por Londres e nenhum encontro entre nós. Quer mesmo que eu caia nessa baboseira de que o acaso resolveu fazer graça só agora?

— Não disse que estava aqui.

Ops.

— Ah, não estava? — Arqueio as

sobancelhas em um gesto involuntário de espanto.
— Andou por onde, então? Escondido em uma caverna? Vivendo entre os lobos? Batendo uma bolinha com o Wilson^[29]?

— Na Irlanda.

Emito um pequeno:

— *Oh...*

Isso explica o sotaque acentuado e absurdamente sexy. Fico irritada... Ele poderia ter escolhido qualquer lugar no mundo com um sotaque horrível, mas não! Tinha que ser justo a Irlanda? E dane-se que a família dele seja irlandesa, ele poderia ter sido menos óbvio, pelo amor de Deus!

— A Irlanda é aqui do lado — mais acuso do que digo. — Se queria tanto dar um oi, fizesse isso antes.

— Não estava pronto para um oi... Além

do mais, você parecia bem empolgada em seguir sozinha enquanto espalhava por aí que eu estava morto para você.

Como ousa?

Sinto-me ultrajada, apesar de ter feito exatamente o que ele disse.

— Como sabe disso? — Arqueio uma sobrancelha em desconfiança. — Andou me espionando?

— Andei, tenho ferramentas especiais de investigação no meu celular... chamam-se: *Google*, *Romeo* e *Maggie*. Foi você que me evitou, *Beatrice*, não o contrário.

Cretino!

— E continuo querendo evitar! Sugiro que volte para a sua Irlanda e me deixe em paz.

— Não é uma opção, estou aqui a trabalho.

Hummm...

A informação faz as engrenagens do meu cérebro girarem.

Os pais dele estavam fora para o casamento. Dante pode ter se hospedado com os irmãos ou um amigo... O Green Park é pertinho daqui e muitos advogados frequentam Westminster, o que explicaria a presença dele de terno... e estar aqui não é o mesmo que morar aqui.

Solto o ar com certo alívio.

Em três anos e meio, muita coisa pode acontecer. Da mesma forma que criei a Allegro, ele pode ter aberto uma firma de advocacia na Irlanda e ter vindo temporariamente a Londres, só para resolver assuntos de algum cliente.

— Voltou para o Direito?

— Consultoria...

Desde quando ficou tão econômico nas palavras?

PERIGOSAS NACIONAIS

Enrugo o nariz indicando que preciso de mais. O antigo Dante teria feito um Power Point com gráficos explicativos e uma palestra de três horas.

— Para clientes...

Continuo com o nariz enrugado, esse fiapinho de informação não dá para nada.

— Assuntos de segurança... checagem de precedentes, intenções para o futuro... localização de pessoal... enxugamento, essas coisas.

Ahhh...

Nossa, que coisa mais sem graça.

Não sei se fico feliz ou triste por ele ter se tornado um bocó. Sempre o imaginei arrasando nos tribunais, não isso... Acho desperdício do talento alheio, mas não digo nada... só observo. As mudanças dele começam a fazer sentido.

Sei por experiência própria como é terrível

PERIGOSAS ACHERON

lidar com Recursos Humanos. Já tive que demitir um mau funcionário e não foi legal... senti-me uma carrasca por um mês. Não é à toa que tenha virado esse grosso, mal-humorado... Além de tedioso e burocrático, é preciso ter sangue frio para trabalhar com RH^[30]. Cortes de pessoal acabam com os sonhos de muitas vidas.

Uma brisa sopra forte e abraço o corpo para me proteger do frio. Dante faz menção de tirar o paletó, mas recuso com um gesto. Uma coisa é sentir o cheiro dele; outra, é mergulhar nele.

— Melhor sairmos daqui... — Dante estica o pescoço e checa as horas no relógio imenso no alto do Big Ben^[31]. — O Jubille Café^[32] ainda está aberto. Poderemos conversar com mais calma.

— Não quero conversar com mais calma, porcaria nenhuma. Aliás, quero ir embora!

Percebo que ele segura o envelope que

certamente esqueci sobre a pia, ao sair correndo. Num impulso, arranco-o da mão dele, mas calculo errado a força. Dante não o segurava tão firme quanto eu esperava.

Ai, caramba!

Para o meu desespero... o envelope voa da minha mão e faz uma rota convexa até chocar-se com a água, afundar, emergir e começar a boiar como um barquinho.

Outro mico! Eu mereço!

Desesperada para dar uma reprimidinha básica na vergonha... sinto um impulso de pular na água.

— Tá maluca? Nem pense nisso, Beatrice.
— Segura firme o meu braço. — Dou um jeito de resgatá-lo mais tarde.

De novo não!

Ofego involuntariamente, porque, assim

PERIGOSAS NACIONAIS

como aconteceu no parque, a troca de energia entre nós é inesperada, intensa e poderosa. A minha pele ferve sob o tecido fino da camisa, onde a mão possessiva envolve o meu braço. Entreabro os lábios para acalmar a respiração.

— Não... precisa. Tenho mais cópias — consigo articular a frase, mesmo sendo sugada por nosso contato.

— Vem... deixe-me ajudá-la.

— Não percebe? É um sinal! Toda vez que está por perto, uma tragédia acontece! — exagero. — Se quer mesmo ajudar, mantenha-se longe.

Saio de seu domínio e corro em direção à porta. Dante segue rápido atrás, giro o corpo e quase nos chocamos.

— Será que dá pra me dar um tempo? Preciso respirar, deixe-me em paz, caramba!

Dante não diz nada, chega até a porta,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abre-a e estende a mão para dar a passagem.

— Se é o que quer... Pode ir tranquila, Beatrice. Vou dar um tempo aqui embaixo.

Sou surpreendida pelo cavalheirismo e constato que ele não foi grosso comigo como no parque... e, de repente, acho que exagerei na dose. Sinto-me uma babaca descontrolada, que surta toda vez que esbarra com ele.

— Se fui grosseira, lamento... o dia foi tenso. — Procuro recuperar a boa educação da maneira mais digna possível.

— Dias ruins... entendo.

Assinto, dou de costas e começo a subir os degraus.

Ops.

Meu salto escorrega e dou um passo em falso. Quase perco o equilíbrio, mas recupero-me com um gíngar dos quadris.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, cuidado nessa escada!

— Sei me cuidar.

Inclino o corpo e retiro os saltos. Depois continuo a subir descalça e mais devagar, só porque eu quero e não porque ele pediu.

* .. ♥ .. *

Às 16h45, já estou em casa.

Sozinha.

Liberei Lore e Jeremiah porque os dois estavam me enlouquecendo com tantas perguntas... O adorável Romeo sentiu-se tão bem na presença deles, que deu com a língua nos dentes... Não o recrimino, nunca pedi segredo a ele.

O advento *Beatrice já teve um namorado* foi motivo de especulação no retorno de táxi.

Fiquei tentada a falar mal de Dante, mas não consegui... não sei por quê? Talvez por

PERIGOSAS NACIONAIS

nacionalismo... sei lá. contei-lhes apenas que rompemos há muito tempo. A Rainha parece que gosta dele e não seria legal que os meus funcionários fizessem um mau juízo dela ou de um Cavaleiro de Honra.

No meio do trajeto, já estava rindo. Jeremiah cismou que a vida é tão alucinada quanto um labrador... bagunçando e virando tudo de pernas para o ar. Quanto a Lore, descobri que o cabelo louco, curto e pintado das cores do arco-íris, os piercings e os óculos de armação escura e modernos são pura fachada.

Quem diria, um ano e meio, juntas e nunca tinha percebido... Aquela doida fajuta é mais romântica que a Jane Austen^[33]!

Seus olhos negros brilharam ao dizer que os nossos encontros ao acaso foram um sinal do universo... Uma nova chance para o amor. *Menos,*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

né! Depois sugeriu, toda sonhadora, que eu me jogasse de peito aberto nos braços do destino para ver no que vai dar.

Eu, honestamente, não acho nada... Graças ao parlamentar Watson, tenho um problema muito maior martelando na minha cabeça.

O que fazer com o bendito prédio do Soho?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Vida que segue...

Dou um impulso, mergulho e me delicio com a água morna envolvendo o meu corpo. Começo a dar braçadas firmes e constantes... essa é a minha terapia: nadar.

A primeira coisa que fiz quando decidi mudar para Maida foi vasculhar o bairro. A sete quadras de casa, encontrei algo encantador: um predinho de esquina. Três andares de puro charme, no melhor estilo inglês... Tijolos à vista, janelões com floreiras, simplesmente acolhedor. O que mais me chamou a atenção foi que, no lugar do telhado, uma estufa de vidro gigantesca exibia-se majestosa lá do alto.

Lindo! Lindo!

Fiquei surpresa quando vi a placa discreta na porta: Garden`s Eden Academy^[34]. Uma herança de família que foi transformada em uma academia um pouco decadente com equipamentos esportivos que não são atualizados há séculos. No primeiro andar, todo o tipo de quinquilharias para musculação... no segundo, esteiras e aparelhos aeróbicos que lembram antigas torturas medievais... Certamente não é um lugar popular e muito frequentado. O que é ótimo, gemer levantando peso e suar como uma mula velha, de tanto correr no lugar, não são atividades que eu classifique como agradáveis.

O que me pegou mesmo foi a belezura escondida sob a estufa climatizada. Uma piscina de azulejos azuis, de vinte metros, três raias e água bem tratada e cristalina. Esplêndida... no meio de um jardim de folhagens largas e centenas de

orquídeas... Um clima bem *Art Déco* que faço questão de respeitar usando um maiô clássico branco e uma touquinha plástica como margaridas.

Uma graça o conjunto.

Nado aqui, sempre que preciso pensar, resolver algum problema ou simplesmente esquecer da vida e relaxar.

Aproveitei que acordei cedo e resolvi me exercitar antes de encontrar com Lore às nove no café da Lolla, outro tesouro que encontrei. De vez em quando, nós duas fazemos isso... começamos o dia de trabalho lá.

Nado... nado... nado... e hoje, as minhas braçadas são de relaxamento.

Estou bem, de verdade!

A minha reação pós-Dante foi bem mais tranquila do que esperava. Estou orgulhosa. Dessa vez, não entrei em pânico e nem quis fugir para o

Alaska.

Mérito do meu trabalho. Felizmente ele tomou a decisão de *não podemos surtar*, por mim. Resolveu ser tão intenso nesses últimos sete dias, que não tive tempo para ficar esquentando a cabeça sobre Dante. Tá... pensei nele de quinta à noite, até sexta à tarde quando o bicho começou a pegar de verdade.

Uma editora, amiga minha, ligou desesperada pedindo que eu apagasse um incêndio. Um workshop para o lançamento de um livro que começaria, no dia seguinte, em um hotel em Canterbury^[35]. Uma cidadezinha a uma hora e meia daqui que mais parece ter saído de um livro medieval. Mística de tudo pela influência Celta^[36] e muito charmosa por causa das casinhas de madeira.

Aceitei.

Uma mudança de ares é sempre bem-

vinda... além de providencial. Dois dias inteiros sem ter que me preocupar em esbarrar com Dante, pareceram uma bênção... Depois um castigo. Entendi porque o antigo produtor do evento pulou fora... Meu inferno de Dante era nada diante da presença intragável de John Village, um autor de romances, recém-descoberto, que se acha a Ursa Maior^[37] da literatura.

Sob gritos, chiliques e ataques de estrelismos, trabalhamos como uns condenados. Chegamos exaustos na segunda de manhã... Mal tive tempo para uma soneca e fui acompanhar Lucca na vistoria do prédio.

Deus, foi uma agonia.

Tentei entrar, mas não consegui. O departamento de zoonoses deu um prazo de trinta dias, o que eu achei bem razoável... Já que, segundo eles... exterminar aquele tanto de ratos e

baratas vai ser pior do que a guerra dos mundos.

À noite, aproveitei que já estava por lá, e fui beber umas no Wild Hart...

Luca insistiu em me levar para casa e acabou passando a noite no quarto de hóspedes... o que foi bom. Trabalhamos a manhã de terça todinha revisando o projeto Estadia e tentando encontrar uma solução para o desafio imposto pelo parlamentar Watson... Chegamos à conclusão de que será impossível servir as refeições dentro do prédio. Mesmo com a dedetização, aquilo precisa de uma reforma urgente... o jeito vai ser improvisarmos no estacionamento.

Mas como?

Ainda não sei... estou quebrando a cabeça para descobrir.

Da terça à tarde até agora, foi mais do mesmo... telefonemas, e-mails, chatices

burocráticas de eventos já realizados e pedidos novos que estou ponderando se vale a pena ou não aceitarmos. A Allegro está numa fase bem favorável quanto a reserva financeira... e não posso ignorar que a necessidade de tirarmos umas férias é real e o cansaço está gritante...

Caramba, que loucura!

Dias que passaram num piscar de olhos e mantiveram a minha mente bem ocupada.

Nado... nado... nado... e quando sinto uma fisgada na coxa, decido que cem piscinas já foram suficientes. Saio, enrolo-me na toalha, arranco a touquinha e meu estômago ronca.

Aí, que delícia!

O café da Lolla não é um lugar light... é sempre bom gastar umas calorias antes de ir lá. Corro feliz para o banheiro.



Com os cabelos molhados, saio da academia. Confiro o céu... o tempo virou. A manhã, que estava agradável, ficou cinza e chuvosa. Visto um casaquinho vermelho sobre o vestido verde estampado com rosas e abro meu guarda-chuva amarelo.

Gosto de verde e de cores alegres, fazer o quê?

Ando apressada em direção ao café. Desvio dos guarda-chuvas de pessoas que passeiam com seus cachorros; e de outras, que simplesmente caminham como se não houvesse urgências no mundo. Vejo a barraca de flores e sinto um desconforto.

Droga, espero que ele entenda!

Preciso me livrar de um elefante branco que tenho em casa: um buquê de lírios, que recebi

terça-feira, junto com uma caixa de presente. Ele é lindo... incrível mesmo, mas não posso aceitar.

O meu celular vibra. Faço uma manobra meio desengonçada para equilibrar o guarda-chuva e abrir a bolsa esportiva.

Leio a mensagem:

Hoje é quinta, não esquece da festa!

Missão Klaus!

Te Amo, Chloé. ♥♥♥

Digito a resposta:

Relaxa!

A peruca ficou um escândalo. Outra pessoa!

Te amo também, Trice. ♥♥♥

Jogo o celular na bolsa e volto a caminhar.

Chloé finalmente ligou do Canadá... e a primeira coisa que falou foi sobre Klaus; e a segunda, que o nosso plano estava de pé. Estanhei, mas depois entendi. A paquera do parque não foi para frente. Parece que o cara tinha um mau hálito do cão.

Compreensível. Eu também não beijaria.

Rio sozinha.

Essa minha amiga não tem jeito.

A chuva aperta e me apresso... Chego no Café da Lolla, a uma quadra de casa, e assim que entro, esfrego as solas do meu *All Star* vermelho no tapetinho de boas-vindas. Encosto o guarda-chuva na parede de entrada, ao lado de uma outra dezena e busco por Lore.

O lugar é sempre lotado.

Um balcão de aço escovado, em frente à parede com abertura para a cozinha, ocupa toda a

lateral do pequeno salão de dimensões quadradas. Banquetas de madeira branca, prateleiras repletas com as geleias e bolachas artesanais que Lolla vende, mesinhas e poltronas espalhadas não deixam muito espaço para circulação.

Aceno para Lolla, que está atrás do balcão lutando contra a máquina de café expresso, que volta e meia dá problema. Em seguida, tomando cuidado para não esbarrar nas pessoas, serpenteio entre as mesinhas redondas, cobertas com toalhas brancas que destacam a louça rosa-bebê, marca registrada do café.

Dou um “oi” para a garçonete que passa por mim, esbaforida, e avisto Lore no nosso cantinho mais ao fundo e ao lado da janela com cortinas rendadas.

Entretida com o tablet, ela não me vê. Sento na poltrona, forrada em veludo pink, e espero

PERIGOSAS NACIONAIS

que Lore me perceba... e nada. Para variar, está vestida de preto e usando os fones de ouvido. Reviro os olhos enquanto deixo a bolsa da academia escorregar e aterrissar suavemente no chão.

Estico a perna e, com delicadeza, dou um chutinho em sua canela. A cabeça multicolorida levanta e Lore sorri antes de se livrar dos fones.

— Bom dia... Chegou bem na hora. Espero que não se importe de eu ter pedido por nós duas. A coisa tá pegando fogo hoje aqui, a Joly acabou de entregar.

Gesticula para a mesinha entre as duas poltronas e reparo que ela está com um semblante cansado.

— Bom dia. — Sorrio.

Minha boca enche d'água quando vejo o que teremos... há uma tigela de cereais, fatias de

PERIGOSAS ACHERON

pão, *scones*^[38], manteiga, geleia, suco de laranja e duas canecas com café fumegante. *Hum, delícia!* Muitos ingleses gostam de ter ovos, bacon, salsicha e feijão em suas refeições matinais, Lore e eu não.

Animada, esfrego as mãos.

— Fez bem em pedir, estou morrendo de fome. — Alcanço um *scone* e coloco no pratinho. — O que tinha de tão interessante aí? — Aponto o tablet.

— As críticas que saíram sobre o livro do Babaca Estreloso. — Ela morde uma fatia de pão.

Dou risada, cada dia que passa Lore aperfeiçoa mais a arte de criar apelidos esquisitos.

— E são boas? — Alcanço a geleia.

Lore termina de mastigar, antes de responder.

— Que nada... uma pior do que a outra. — Sorri com certa perversidade.

Não a recrimino, aquele autor é um Babaca Estreloso mesmo.

— Quem sabe assim, ele aprenda a ser um pouquinho mais humilde... — Trago umas das canecas de café para o meu lado. — Sabe... andei pensando... aquilo sobre as férias, acho que é o momento. — Tomo um gole do café. — Eu nunca tirei e você, desde que está comigo, também não. Talvez fosse melhor não pegarmos nada novo, por enquanto. Claro que ainda teremos o leilão da Fundação Hart e a ação teste do Watson pra entregar, mas já poderíamos desacelerar um pouco, o que acha?

Passo geleia e mordo um pedaço do *scone* que ainda está morno.

— Desacelerar? Por quanto tempo?

— Sei lá... um mês, um mês e meio... Meus pais vão comemorar os trinta e cinco anos de

casamento com uma festa na Embaixada. Pensei em passar um tempo lá e você poderia fazer aquela viagem para Amsterdã.

— E a Allegro?

— A Allegro está bem. Viu a montanha de e-mails pedindo por uma reunião — lembro a ela, que assente. — A gente descansa e volta com tudo.

— Vou achar o máximo... falando em reunião. Vai mesmo cancelar o jantar com Yuri Ivanov?

Penso na caixa de presente e nas flores que chegaram.

— Cancelar eu não posso. Sabe que a Fundação Hart é um parceiro importante para o Estadia, mas prefiro ter essa reunião em seu escritório, não em um restaurante.

— Ele voltou a confundir as coisas? Ué... pensei que Yuri tivesse se tocado com o passa-fora

que deu nele.

— Viu as flores. — Fico irritada só de pensar nas investidas insistentes que sofri.

— Quais flores?

— As que chegaram com a caixa da fita verde bonita... que deixaram com Dorothy.

— Ah... essas eu vi, você não abriu?

— Nem me dei ao trabalho. — Tomo outro gole do café. — Antes de ir nadar deixei um bilhete para o Jeremiah... Pedi para ele devolver tudo, assim que chegasse.

Os olhos da minha assistente arregalam em um imenso: *LASCOU-SE*.

— Que foi? — Fico alerta.

— É que... sabe como é... eu e o Miah meio que não resistimos e demos uma espiadinha.

— Com um sorrisinho sem graça, encolhe os ombros. — Aquilo não veio do Viúvo Taradão.

Como assim, não são do Yuri?

— Não? — Deposito a xícara quase cheia sobre a mesa.

— Não... são do Capitão Putão.

Hã?

— Quem?

— O irmão do Sacaninha Abusado.

Levo alguns segundos para decifrar o enigma de quem o é Capitão e quem é o Sacaninha. Meu coração dá um baque.

Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

— Merda... — Espalmo as mãos nas bochechas. — Por que não me falou, sua bandida?

Que confusão que eu fiz... Bem que reparei que lírios brancos não eram muito o estilo de Yuri, ele sempre me mandava tulipas negras. O cara é meio fissurado na cor e disse que significam

PERIGOSAS NACIONAIS

elegância e sofisticação... errou feio, tô nem aí pra esse tipo de coisa.

— Porque você disse, aquele dia no táxi, que não queria ouvir mais nem um piu sobre o seu ex.

Disse mesmo, várias vezes, aliás.

Caramba, tô lascada.

— Que horas são?

— Nove e dez.

Levanto esbarrando na mesinha do café.
Um copo vira espalhando suco por tudo.

Que bagunça!

— Peça desculpas a Lolla por isso... —
digo — Pague a conta, minha carteira tá aí na
bolsa!

Largo tudo e saio correndo.

— Aonde você vai, sua louca? — Lore
grita, mas já estou longe.

PERIGOSAS ACHERON

Voo como um jato na direção de casa, não dando a mínima para a chuva que encharca minhas roupas. É claro que preciso evitar o constrangimento de devolver para Yuri um presente que não me deu. Entretanto, saber que foi Dante quem mandou as flores e a caixa, muda tudo. Mesmo que eu não vá admitir... num piscar de olhos, a falta de interesse transformou-se em urgência... quero descobrir o que há na caixa! De repente, o brilho que não enxergava nas flores passou a existir. Eu amo a delicadeza das não-me-esqueças, mas adoro o cheiro que os lírios espalham pela casa.

Ele lembra?

Viro a esquina tão rápido que quase derrapo. Meus pulmões doem e minhas pernas, já tão exploradas na natação, pedem arrego.

Dane-se!

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois eu me entupo de relaxante muscular.

Corro... corro... corro... e acelero quando vejo um cara baixinho, parrudo e cabeludo andando, com toda a tranquilidade do mundo, protegido por um guarda-chuva preto.

Inconfundível

— Jeremiah, espere! — berro umas cinco vezes, mas não me escuta. Acelero e ele só para quando o alcanço e o seguro pelo braço. Surpreendido, ele gira o corpo enquanto grita:

— Não me assalte!

Talvez porque eu esteja parecendo um zumbi ou porque meus cabelos grudaram na cara, ele não me reconhece e ainda solta um berro horrorizado. Assustado, Miah reage e sou golpeada várias vezes com o buquê gigante de lírios. Tento me defender como posso.

PERIGOSAS ACHERON

— Pare com isso! Sou eu, a Trice! —
berro mais alto e cuspo uma pétala entalada na boca.

O ataque cessa imediatamente. O semblante dele só alivia quando afasto o cabelo do rosto e cuspo outra pétala.

Já era o meu buquê.

— Trice! Eu poderia ter atirado!

— Como? Você não tem uma arma! —
Lembro isso a ele, com certa irritação e completamente sem fôlego.

Jeremiah é neto de um amigo que joga críquete^[39] com o meu avô. Antes de vir trabalhar comigo, ele passou uma temporada na academia da Scotland Yard^[40], mas não deu muito certo. Teve um probleminha durante sua primeira aula prática de tiro e não me perguntem como, mas acabou atirando no próprio pé. Hoje, Miah não tem um

dedinho. *Coitadinho*. Então, por segurança, o Jack proibiu as armas na Allegro.

— O que deu em você? — Miah pergunta ainda segurando os ramos do buquê quase sem flores.

— Não quero mais que devolva nada para Yuri. — Entro embaixo do guarda-chuva com ele.

— Por quê?

— Porque não precisa mais.

— Por quê?

— Porque não foi ele que me mandou.

— Ah... eu já sabia. — Jeremiah abre um sorriso.

— Se sabia, por que estava levando?

— Porque não queria que você soubesse que eu já sabia — explica com naturalidade.

Ahhh!

Desisto.

Jeremiah tem umas lógicas que só ele entende.

— A caixa está aí com você?

— Na bolsa. — Sacode a ecobag a tiracolo.

— Vem... vamos pra casa. — Enlaço o braço gorducho. — Vou fazer um chá bem quente pra gente.



Depois de tomar um segundo banho e vestir roupas quentinhas, deixo Lore e Jeremiah na cozinha e vou para o escritório. Coloco a caixa em cima da cadeira e a xícara de chá ponho sobre a mesa de trabalho, bem ao lado do vasinho com os trevos de quatro folhas que pedi para Dorothy.

Indecisa entre abrir ou não a caixa, sento

PERIGOSAS NACIONAIS

no sofazinho de couro branco, que fica de frente para a mesa e para a estante superlotada de livros, enfeites e lembranças, que recobre toda a parede de trás da mesa.

Abro ou não abro?

Enquanto decido, reparo que a barra da cortina de voal branco está com uma baita mancha de barro. *Droga, vou ter que mandar lavar isso aí!* Devo tê-la sujado quando fui fechar venezianas que dão acesso ao jardimzinho privativo.

Olho... olho... olho.

Fico feliz que tenha decidido pintar as paredes no tom gelo e não de palha... Depois acho que o melhor lugar para as duas cadeiras clássicas que estão ao lado da porta, é na frente da mesa mesmo. Mudo-as de lugar...

Ahhh, meleca!

Pare de enrolação, Beatrice!

PERIGOSAS ACHERON

Pego a caixa, contorno a mesa e sento abraçada a ela, na minha cadeira de diretor branca e macia. Sem ter mais por onde fugir... conto até três e abro de uma vez.

Oh.

Encontro um bilhete e o envelope de couro do meu avô. Com as mãos trêmulas, retiro ambos e examino o envelope... intacto. Abro e minha cópia do projeto está lá.

Como ele conseguiu?

Primeiro, suspiro tendo plena consciência de que sentir qualquer coisa que não seja desprezo, raiva ou indiferença em relação a Dante é loucura, além de burrice. Depois, ofego quando um rastro de ternura risca o meu peito.

Não!

Apoio o cotovelo sobre a mesa e pressiono as têmporas. Fecho os olhos e respiro. Abro e

encaro o bilhete.

Beatrice,

Eu sei que pedi um tempo, mas julguei que os documentos fossem importantes.

Estão um pouco úmidos, mas vão sobreviver.

Quanto ao envelope, foi mais difícil de resgatá-lo do que previ, mas está aí.

Agradeça ao velho Jack por mim.

A qualidade impermeável do material garantiu que ele suportasse bem o longo passeio pelo Tâmis.

Os lírios são um pedido de desculpas e um desejo de paz.

P.S.: Esperava entregar em mãos, mas a sua vizinha curiosa disse que você não estava.

Foi curtir um final de semana com o Lucca.

Dante.

(230 1934 8060)

Talvez eu devesse ligar e agradecer.

Não, não e não!

Nem pense nisso, Beatrice.

Lágrimas ameaçam a cair.

Apressadamente, pego o bilhete e o envelope de Jack e os guardo na primeira gaveta. Corro para o lavabo. Não quero que me vejam fraquejar... De rosto lavado e recomposta, vou à procura da Lore para repassarmos as pendências para o evento de caridade da Fundação Hart.

Para não deixar que memórias indesejadas me atormentem, concentro-me no trabalho, até que Lore e Jeremiah vão embora e chega o momento de me arrumar para a missão Klaus.



Muitas horas depois...

Droga! Droga! Droga!

Uma onda de adrenalina percorre meu corpo e faz meu coração disparar. Puxo o ar para tentar recuperar o controle das pernas que doem e

não param de tremer. A coisa toda da missão Klaus virou um caos. Quero sair correndo, mas estou encurralada, presa em um quarto de hotel de quinta categoria. Eu deveria ter deixado para lá quando ele saiu da boate.

Coitadinha da Chloé, ela tinha razão...

Esse Klaus não vale nada... Tudo bem, que a tal amante que Chloé acha que existe não apareceu na festa e que posso não ter evidências concretas de traição, mas, sem dúvida, é um promíscuo. As fotos que tirei dele flertando e dançando com várias mulheres podem provar.

Eu sei que foi burrice sair de lá e segui-los, mas fiquei tão empolgada quando um nanico apareceu e Klaus o beijou! Tudo bem, que não foi aquele beijo de língua. Foi no rosto, mas não deixou de ser um beijo e juro que senti uma eletricidade no ar... Achei que Chloé sofreria

menos se o magrelo gostosinho dela fosse gay.

Sei lá o que me deu para ir atrás deles e entrar nesse maldito hotel. Como eu poderia adivinhar que o nanico, cara de cachorro, tinha um amigo gigante e mal-encarado, que me pegaria ouvindo atrás da porta no corredor do hotel? Tentei reagir, lutar... aplicar alguma técnica de defesa corporal que meu avô ensinou... não consegui. Fui arrastada para dentro do quarto e jogada contra a parede mofada.



Agora estou aqui, vivendo a pior noite da minha vida enquanto o cara de cachorro, chamado Guy, imobiliza Klaus com uma chave de pescoço.

O loiro da Chloé bem que tenta escapar, mas não consegue. Ele insiste... e seu corpo esguio entorta de um lado para o outro, fazendo a camiseta

subir e revelar um abdômen liso e marcado por tatuagens... Quero ajudá-lo, mas sei que não sou páreo para os dois homens musculosos... Impotente, grudo ainda mais as costas na parede e sinto o celular no bolso de trás do jeans. Se ao menos eu conseguisse fazer uma ligação.

Deus!

O amigo mal-encarado, que tem uma enorme cicatriz que vai da sobrancelha esquerda à boca, chamado Scarface^[41], por motivos óbvios, desfere uma sequência de socos no rosto fino e anguloso de Klaus. Um dente ensanguentado voa, bate na minha barriga e aterrissa em cima de meu dedão... Chuto-o para longe.

Meu Deus, eles vão matá-lo!

— Basta dar o que queremos — Guy fala ao pé do ouvido de Klaus.

Tudo está muito confuso para mim. Claro,

PERIGOSAS NACIONAIS

só o fato de Klaus, além de promíscuo, ser também um jogador em apuros. Parece que ele tem alguma coisa que vale uma grana preta e os amigos dele aí, querem entrar na jogada. Tipo elas por elas, em troca de uma dívida de jogo.

— É só falar e esquecerei que vocês existem! — Guy insiste com mais ênfase.

Por que ele não dá logo o que eles querem?

Quando estou prestes a argumentar e explicar que ninguém consegue raciocinar enquanto é esmurrado na boca, os socos cessam.

— E essa aí? — Scarface aponta para mim. — Nunca a vi no Flamingos. É pra ela que você trabalha?

Hã?

A confusão que já era grande na minha cabeça, aumenta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei lá quem é ela — Klaus geme.

Solto o ar, agradecida pela mentira. Ele me reconheceu no segundo em que o bandidão chutou a porta e me arrastou para dentro.

— Eu... eu... estava aqui por acaso — balbucio.

— Ninguém escuta atrás da porta por engano! — Scarface perde a paciência, se é que ele já teve alguma.

— Eu juro! — Tento parecer firme. — Estava passando, ouvi a briga e fiquei curiosa.

Guy gargalha e o som não é nada agradável.

— Hum-hum e Papai Noel existe — zomba ele. — O seu amiguinho aqui, bebeu todas e cantou como um passarinho! Vangloriou-se de que está com uma loira gostosa.

Merda!

PERIGOSAS ACHERON

Scarface varre meu corpo, detendo-se nos seios. Fico vermelha com a vulgaridade do gesto e me cubro. De repente, a regata branca e justa, em conjunto com a calça de couro preta, parece ter sido uma péssima escolha.

— Você é loira e é gostosa. — Passa o dedo sobre os lábios e há uma voracidade em seu olhar. — Acho que a descrição confere. — Sorri para mim e um dente de ouro brilha.

Estremeço.

— Ei... não sou quem estão pensando! — Começo a soluçar tomada pelo medo. — Tenho um pouco de dinheiro no bolso...

— Não queremos migalhas — Scarface me interrompe.

Guy olha para mim, pensativo.

— E se nós a levarmos? — Guy sugere. — Podemos usá-la como moeda de troca e chantagear

Klaus.

Como é que é?

— Não... essa aí parece estar mais perdida do que cego em tiroteio e, pelo jeito, não vale grande coisa. — Scarface me avalia e posso sentir o desprezo. — Loira burra... Klaus também deve estar enrolando-a.

Cretino!

Quero protestar que não sou loira... muito menos burra. Mas sou pega de surpresa pelo grito de Klaus.

— Eu blefei! — ele interrompe o devaneio de todos. — Estava bêbado, porra! Não tem negócio do século e nem loira... Quebrei a banca... precisava de crédito e banquei o fodão... foi isso.

Os caras maus começam a rir e a partir daí tudo acontece rápido...

Klaus aproveita que eles se distraem e

PERIGOSAS NACIONAIS

escapa. Depois dá um soco na cara de Guy, que cai para trás enquanto Scarface parte para cima e é atingido por um chute no peito e cambaleia... Uma arma voa de sua cintura e vem na minha direção, ela cai, eu a pego e sem saber o que fazer, jogo o revólver para Klaus, que atira de qualquer jeito, atingindo Scarface no traseiro. Urros de dor explodem segundos antes da janela estourar e o quarto ser tomado por uma fumaça branca e sufocante... Ouço gritos... engatinho tentando chegar à porta... novas vozes... xingamentos... uma presença ao meu lado... Luto e resisto quando uma mão tenta me pegar... um clique e mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Em algum ponto secreto de Londres...

Dante

Caminho apressado pelo corredor estreito e mal iluminado em direção à sala de comando. Estou puto... muito puto. A coisa toda era para ser simples e limpa... localizar e capturar.

Caralho!

Não tinha o que dar errado.... Porra, a única pista coerente que conseguimos e os merdas deixaram tudo sair do controle... Seguro a vontade de esmurrar a parede de tijolos aparentes e desgastados. Meu peito está suado das flexões. Quando Max chamou, estava no loft, só tive tempo

PERIGOSAS NACIONAIS

de arrancar a camiseta molhada, pegar um casaco de moletom e descer. A temperatura fria do corredor contrasta com o calor que exala da minha pele. Visto o casaco e puxo o capuz para encobrir o rosto e a raiva.

Foda-se que pareço um maníaco.

Calças de moletom, camisetas, bermudas ou pele suada não são novidades por aqui. Treinamos duro... treinamos forte, não importa a hora.

Empurro a porta de aço com tanta força, que ela bate na parede.

Controle... controle... controle...

Repito meu mantra e inspiro tão duro que meus pulmões reclamam do excesso de ar.

Em alerta, Max, Romeo, Trent e McDouglas me observam. Ignoro-os. Meu foco está nos botões e luzes da mesa de controle, nos

PERIGOSAS ACHERON

computadores dispostos em uma bancada parafusada na parede, na mesa preta de reuniões com dez cadeiras e na dúzia de monitores desligados presos a uma outra parede.

Puxo e solto o ar, mais uma vez.

Há uma tensão pairando e suspeito que venha toda de mim.

— Fala, Max — vou direto para o meu irmão do meio, que estava no comando.

Max endireita a coluna ficando alguns centímetros maior do que eu. Minha sobrancelha sobe, avaliando sua postura. Sei que fez isso porque conhece o meu pior lado... *É bom mesmo, ter medo que eu exploda, depois da cagada que fizeram,* penso, mas não digo. Simplesmente ignoro sua reação instintiva... Por mais que o ame e respeite, essa montanha de músculos me intimidava lá atrás, quando éramos crianças, agora não mais. As Forças

Armadas nos tornaram iguais.

— Seu tamanho não me assusta, Palhaço...
— amenizo o tom e tiro o capuz. — Vai falar ou
prefere escrever uma carta?

A risada de urso de Max enche a sala.

— Irmão, você me assustou! Pensei que
estivesse puto.

— Estou puto... desembucha.

O ar debochado de Max some, mas parece
não se importar mais com o meu estado de espírito.

— Como queira, Capitão Putão... — Ele
faz uma reverência. — Fomos pegos de surpresa,
mudamos os planos e tivemos que invadir —
resume, mal contendo a animação.

Suprimo a vontade de rir, de desgosto, e
mantenho os lábios pressionados em uma linha
fina.

Ao contrário do nosso irmão caçula,

PERIGOSAS NACIONAIS

Romeo, que dedica sua genialidade aos computadores e de mim, que hoje, só entro em campo em caso extremo, Max é um aventureiro. Um porra-louca, de dois metros e cinco de altura, viciado em ação e adrenalina. Se não soubesse o quanto leva a sério as missões, apostaria em uma invasão forçada, só para garantir um pouco de diversão.

— Imprevistos — McDonald entra na conversa no tom profissional de sempre.

Processo a informação enquanto observo o irlandês, que mais parece um viking. Tirando o Romeo, todo o resto serviu no mesmo esquadrão, incluindo Trent. Um ex-boxeador, com cara de mau, que entrou nas Forças Armadas para domar a personalidade rebelde.

— Que tipo de imprevisto? — pergunto por fim.

PERIGOSAS ACHERON

Em uma postura tipicamente militar, Trent dá um passo à frente indicando que irá falar.

— Do tipo Guy e uma loirinha gostosa pra cacete.

Para provar o quanto acha a loira gostosa, Trent desenha com as mãos curvas femininas generosas, num olhar sacana, típico dele.

Todos riem, menos eu.

Não estou interessado na porra da mulher.

— Guy Loyd? — interrompo o momento lúdico sobre anatomia feminina.

— O próprio — Trent confirma e apoia-se na bancada dos computadores onde Romeo está sentado e rindo também.

Que cacete!

Onde eles acharam essa graça toda?

Não sou contra piadas ou irreverência na equipe, mas não agora. Não quando os meus

PERIGOSAS ACHERON

homens entraram em situação de risco, à toa.

Irritado, coço a barba... começo a questionar se a pista era quente mesmo. Guy Loyd é um bosta, peixe pequeno no submundo londrino. Nada especial: jogos ilícitos, prostituição e extorsão... age com o irmão, Scarface, um descontrolado, preso várias vezes por agressão.

Caralho.

Nosso objetivo é encontrar uma possível ameaça estrangeira e não acho que seja o caso aqui. Ninguém ligado ao Guy pode ser levado tão a sério.

— E a mulher? Prostituta do Guy? —
Sento na mesa de reuniões, apoio os pés no assento de uma cadeira e os cotovelos nos joelhos.

— Não, Guy chegou sozinho e ela é requintada demais para ser uma das garotas dele. —
McDouglas encosta na parede e cruza os braços. —
Se estive na boate, não a vimos.

Assinto absorvendo as informações. Em seguida, gesticulo para que prossigam e Max toma à frente.

— Localizamos o homem na boate... A descrição bateu: loiro, olhos cinza, alto, magro e várias tatuagens — começa e explicar. — Ficamos de olho... era sair, para ser pego. A coisa mudou de rumo quando Guy chegou e logo em seguida, saíram juntos. Entraram no hotel, improvisamos e tomamos posição... McDonald no corredor, eu e Trent na janela pela escada de incêndio. Sem tempo para instalação de escuta. Mantivemos o plano... esperar que ele estivesse sozinho e convidá-lo para um passeio... O alvo e Guy começaram a brigar. Mc avisou pelo rádio que uma loirinha apareceu e estava ouvindo atrás da porta. Scarface chegou e arrastou-a para dentro... Houve uma briga generalizada e invadimos. Como adiantei, o alvo sumiu. Pegamos Guy e a mulher.

— E Scarface?

Max puxa uma cadeira de frente para mim e senta apoiando os pés cruzados sobre a mesa.

— Evaporou também.

Isso não é bom.

— Já joguei no sistema a imagem do sujeito e as impressões digitais que coletaram. — Romeo, que até agora manteve-se quieto, resolve falar. — São milhões de registros mundiais para processar, mas ainda hoje devo conseguir uma identificação positiva de todos que estiveram naquele quarto de hotel.

Ignoro o olho roxo educativo, que estampa o rosto cretino do meu irmão, assinto e agradeço.

A principal vantagem operacional de Romeo é saber explorar os recursos que a rede lhe dá. Ele tem acesso a praticamente todos os bancos de dados do mundo, incluindo aqueles que ninguém

deveria ter.

— E o hotel? — pergunto para todos.

McDouglas se adianta.

— Kurt e Claire já estão lá com a equipe de apoio. Vão limpar a área, molhar algumas mãos, dar um jeito na bagunça e viraremos sombra novamente.

Excelente.

Deixar rastros é amadorismo. Manter o anonimato e as costas protegidas é prioridade.

— Onde eles estão? — Volto para o Max.
— Guy e a tal mulher?

Pressiono a testa e passo o dedo sobre a cicatriz na sobrancelha.

— A loira, apagada na sala de interrogatório. Dona foi pra lá revistá-la... Sem identificação, estava desarmada, celular sem bateria e sem bolsa. Guy, latindo na cela. Dei uma prensa

nele. — Max abre um sorriso divertido. — Descobri que o alvo é conhecido por Klaus e sobrevive de pequenos golpes, principalmente em cima de mulheres solteiras. Ele tem uma dívida com Guy, que decidiu cobrá-la depois que o otário abriu o bico, em uma rodada de pôquer, dizendo que estava atrás de algo grande que lhe renderia muita grana.

Penso que as definições de *grande* e de *muita grana* são relativas e volto para Romeo.

— Conseguiu decifrar de onde veio aquele e-mail?

— Não é duvido que consiga. — Frustrado, Romeo esfrega a barba. — Precisava ter mais tempo de acesso. Ainda estou intrigado, nenhum cliente regular da Stoirm Security sabe o que fazemos em paralelo e muito menos que estamos apoiando o RH. E se alguém de dentro

vazou a informação? Não deveria ter aceitado essa merda.

É, não deveria...

— Sabe que recusar estava fora de cogitação, ainda mais com a pressão vindo do alto... — Aliso a barba sabendo que Romeo tem razão. Eu deveria ter dito não ao meu pai e ficado no meu canto, lá na Irlanda. *Merda!* — Vou falar com o Juiz e ver o que consigo.

— Faça isso — Romeo insiste. — Quem passou a dica da boate, sabe sobre nós e entende de internet. Muito esperto da parte dele usar um e-mail anônimo, enviado de um IP criptografado e temporário. Tentei quebrar o lacre, mas a coisa toda desintegrou.

Isso não é bom...

Preocupa-me o vazamento das informações e pondero sobre o agente duplo

encontrado morto em Moscou, que é o motivo de estarmos reunidos aqui hoje. A fonte, que enviou aquele e-mail, afirmou que o alvo estava chegando perto da verdade.

Duvido.

— Acha que pode ter ligação com Petronovic? — pergunto para Max.

— Hummm... — O jeito que Max entorta a boca diz que não vê relação e eu concordo com ele. — Os irmãos Loyd são amadores demais pra algo tão grande... Precisamos de mais informações e, pelo jeito, não virão de Guy. O cara tá por fora. — Max prende a cabeleira com um elástico. — O idiota acha que Klaus planeja chantagear algum babaca casado disposto a pagar muito para esconder seus podres. Sobre a loira, Guy disse que Klaus negou conhecê-la, mas que está na cara que é mentira... ele aposta que começaram nisso juntos,

PERIGOSAS NACIONAIS

talvez por ideia dela... mas acredita que o Klaus decidiu seguir sozinho... conseguir as informações, vendê-las e sumir.

— Faz sentido... A gostosa pode ter desconfiado e resolveu confrontá-lo — Trent palpita.

O ramal da sala de interrogatório toca. Checo o pulso... três da manhã... Levanto, vou até a mesa de controle e aperto o viva-voz.

— *Até quando os garanhões vão ficar na bate-fofoca? Preciso de apoio aqui!* — A voz de Donatela, que também serviu conosco, soa irritada pelos alto-falantes. — *Essa louca não me deixa revistá-la e já tentou me morder três vezes, porra!*

Todos riem, inclusive eu. Donatela já não tem muita paciência, mas pelo nível máximo de irritação, a loira deve estar tocando um inferno naquela sala de interrogatório.

PERIGOSAS ACHERON

Aviso que estaremos lá em alguns minutos e encerro a comunicação. Ligo o monitor da câmera número cinco. Ele chia e segundos depois a imagem aparece. Donatela está encostada na parede, perto do interfone, em uma postura feroz. Os braços cruzados e a boca pressionada em linha reta.

Giro o comando e uma loira com o cabelo à la Marilyn Monroe^[42] está sentada à mesa, com os braços delicados e torneados esticados sobre ela, os pulsos algemados e presos à barra de aço chumbada ao tampo de concreto. Desse ângulo, não consigo ver o rosto, mas vejo que Trent tinha razão em estar empolgado. A camiseta branca justa e a calça de couro a deixam gostosa pra cacete.

Aperto o botão para liberar o som.

— *Se não me soltar em dois segundos, seu poste siliconado, vou chamar a polícia! Sei que*

tenho direito a uma ligação!

Primeiro dou risada, essa loirinha tem brio, gosto disso... depois eu congelo.

Opa, essa voz.

Aperto a câmera três e dou zoom no rosto.

Concentro-me em investigar cada traço delicado que a tela me mostra. O que vejo é surreal e desafia qualquer lógica ou regra de sensatez.

Putá que pariu!

Fico hipnotizado... Apesar da maquiagem pesada e borrada, e da peruca horrorosa, sei que é ela... minha Beatrice. Está brava, vermelha de raiva, uma bagunça e isso só a deixa mais linda... não só linda, mas adorável. Gosto da braveza e do modo como se impõe projetando o queixo para cima.

Meu coração dispara freneticamente, ao passo que meus pensamentos giram em todas as

direções.

Não pode ser!

Só pode ser piada.

Juro que se for armação de Romeo, dessa vez, não vou bancar o bonzinho e pegar leve... Meus irmãos nunca aliviaram comigo e a regra entre nós sempre foi clara: quem pisa na bola, apanha.

Ainda estou engasgado com as últimas dele.

Sei que só quis ajudar, mas invadir o computador de Beatrice para ter acesso à agenda dela foi totalmente contra as regras. Não sou hipócrita para dizer que não mantive um olho atento sobre ela todos esses anos. Tirando os babacas com quem andou, sobre os quais me recuso a saber, acompanhei cada passo que deu e fui sincero sobre o *Google*, Romeo e minha mãe.

Como disse, Beatrice foi quem me evitou, não o contrário, mas porra... invasão de rede foi foda!

Eu deveria ter desconfiado quando o *Eejit*^[43] reclamou de câimbra e me infernizou para passear com Godzilla. Estranhei a mudança na data da reunião no Parlamento, mas nem passou pela cabeça uma armação fraternal. O banheiro foi obra do destino, mesmo assim, não me arrependo do soco, Romeo mereceu. Queria revê-la, lógico, mas não de maneira tão inesperada... foi um choque. Perdi o chão e reagi como um babaca inexperiente.

Porra, como não perder o chão?

Esperava encontrar a caloura magrela e bonita de Oxford, não uma mulher deslumbrante. Caralho, Beatrice mudou nesses quatro anos. Os traços delicados ainda estão lá, uma bonequinha de narizinho empinado, lábios carnudos e íris bicolores mais incríveis que já vi... Porém há algo

PERIGOSAS NACIONAIS

novo... Os olhos singulares estão afiados, profundos e furiosos, como se todas as emoções transbordassem através deles. E o corpo? Porra, fiquei chocado! Não sei o que fez, mas virou uma tremenda de uma gostosa com curvas e recheios na medida certa.

Porra... como quis agarrar aquela cinturinha fininha, pressioná-la contra um tronco de árvore qualquer e fodê-la ali mesmo.

Tentei manter a máscara para não demonstrar o quanto fiquei vulnerável. Esperava por paz, mas ela foi como a porra de uma tormenta... Estou tão acostumado a não sentir nada, que foi assustador... uma luz na escuridão.

Cacete!

Se ela soubesse o quanto o seu novo “eu” mexeu comigo... A antiga Trice era calma, essa nova... a mulher Beatrice, é tiro, porrada e bomba...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

criatura adorável... de perder a cabeça e a paciência.

Eu a quero...

Tudo que pedi foi um café, cacete! Que ela negou duas vezes!

Sim, talvez eu vire um lunático perseguidor!

Como ela pôde fugir? Não vê que essa atitude só piora tudo? Ando louco e desesperado por ela.

Estou fodido!

É claro que nunca a esqueci... Afinal, sempre fui fascinado por ela, mas nada assim... avassalador e urgente. Antes era calmo, ameno, quase inocente... um outro tipo de afeto que foi crescendo e amadurecendo com os anos.

Um clique, em seus dezessete anos... quando sorriu e não encontrei mais a garotinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encrenqueira... Havia um algo a mais... um brilho inédito nos olhos imensos... Foi ali, nocauteado por aquele sorriso e fascinado por uma beleza, que nunca tinha reparado de fato, que me perdi e entendi o porquê de tantos sentimentos: proteção, cuidado, posse, carinho, respeito e desejo.

Não planejava, mas tinha me apaixonado por ela.

Esperei anos pelo melhor momento e coloquei tudo a perder... Se as coisas tivessem sido diferentes, eu teria voltado... mas não pude.

Como?

Se não tinha nada para oferecer além de culpa, dor e revolta. Um homem endurecido... um filho da puta, um bruto... um quebrado que lutava contra a fera dentro de si... enquanto tentava esquecer os demônios do Sudão^[44].

Merda!

PERIGOSAS ACHERON

Nenhum demônio é maior do que o olhar dilacerado de Beatrice, em Oxford... Ele me persegue até hoje.

Não consigo esquecê-lo... O meu maior erro... Na época, pressionado e culpado, fiz uma escolha dura e aceitei as consequências. *Não, não, não!* Não consigo mais, preciso consertar as merdas e tê-la comigo. Tinha planejado ir com calma, reconquistá-la aos poucos.

Inferno!

Ela ficou tão incomodada comigo, mas não se intimidou. *Fascinante*. Veio para cima de igual para igual... Dobrar essa mulher não vai ser fácil.

— *Dante?*

— *Capitão?*

— *Irmão, o que aconteceu?*

— DANTE!

Sou tragado do meu universo paralelo pelo

chamado ensurdecador de Max.

— *Eejit*, se isso for obra sua, eu quebro o seu nariz!

Ameaço e Romeo fica, perplexo, com os olhos arregalados.

— Do que está falando, *Fella*^[45]? Eu nem estava no hotel! Tá maluco?

Pressiono os lábios e solto o ar pelo nariz, como um touro.

Respiro e digo:

— Maluco vou ficar quando descobrir quem arrastou Beatrice pra cá? — Indico a loira, que agora xinga Donatela de traficante de mulheres.

— O quê?

Romeo levanta e Max salta da cadeira... Todos grudam no monitor.

— Porra! É ela mesmo! — Romeo coça a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça.

— Não brinca! — Max inclina o corpo e aproxima os olhos verdes e míopes no monitor. — Porra! Tudo bem que faz tempo que não a vejo, mas ela mudou pra cacete. Por que não disse que estava tão loira?

— Porque não está! — berro irritado, já sem paciência para perder. — É peruca, seu puto!

— Ela tá... — Max leva as mãos enormes fechando-as em conchas sobre os peitos — diferente.

Um risinho escapa de Romeo, o fuzilo depois viro para Max.

— Querem morrer? — rosno e quase parto para cima deles.

Max dá dois passos ligeiros para trás e começa a gargalhar.

— Calma, foi brincadeira! Nem reparei,

PERIGOSAS NACIONAIS

juro! — Faz cara do inocente, que eu sei que ele não é.

Controle... controle... controle...

Fecho os olhos e com uma mão esfrego as sobrancelhas.

— A loira gostosa não é loira? — Trent pergunta decepcionado.

O quê?

Abro os olhos e minha cabeça gira tão rápido, que se saísse voando não estranharia.

— Mais um: *gostosa* e quebro os seus dentes, Trent! — rosno — Beatrice... senhora Beatrice pra você!

— Quem é Beatrice? — Mc invade a conversa.

— A garota de Dante

Romeo explica e Trent entra em um momento: *Ops* e exclama:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra, cacete, que merda! Foi mal, Capitão.

— Não sabia que tinha uma garota. — Mc abre um sorriso indicando que gostou.

— Garota não, mulher... — corrijo, pois é isso que Beatrice é: minha mulher. Ela pode não saber e não querer, mas esses são detalhes técnicos que não vem ao caso no momento e que pretendo dar um jeito. — Quem é o responsável por isso? — Aponto para a tela novamente.

Romeo ergue as mãos defendendo-se com dramaticidade.

Típico.

— Nem vem! — Dá dois passos para o lado e cola em Mc. — Tudo bem que eu seja um gênio e criativo pra cacete, mas isso... — indica a tela — é demais até pra mim.

A mão forte de Max pousa no meu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Respira, irmão — diz com a autoridade de um domador. — Ninguém aqui armou pra você. A única pessoa que pode explicar porque Beatrice está aqui é ela mesma.

Putá merda!

— Fiquem aí!

Por hábito, volto a encobrir o rosto com o capuz e saio em disparada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Beatrice

— **Nem pense em** me vender como escrava sexual, sua Ramba^[46] de meia-tigela! Vai quebrar a cara! Vão me devolver em três tempos e pedir o dinheiro de volta! Não sou boa em obedec...

A porta de aço abre batendo violentamente contra a parede.

Eita!

Sobressaltada, interrompo o discurso contra a escravidão sexual.

Os meus sentidos são roubados e o meu queixo cai quando um corpo masculino para na porta e torna-se onipresente. Seu tipo faz lembrar o de um boxeador... cabeça baixa, calça de moletom

preta, peito nu e o rosto encoberto pelo capuz de um casaco cinza, que está com o zíper aberto.

Meu Deus!

Ofego.

Ele tem um senhor de um peitoral musculoso, acompanhado por um tremendo abdômen definido. Dois espetáculos da genética que sobem e descem em uma respiração pesada.

Apesar de assustador, a visão é impressionante. Se eu não estivesse prestes a fazer xixi na calça, de tanto medo, até poderia apreciá-lo e dizer que é atraente... muito atraente, gostoso mesmo.

— Graças a Deus, chegou, Capitão. —
Minha carrasca solta o ar, aliviada, mas sem disfarçar a secada monstro que dá em todo o corpão do homem.

Capitão?

Meus olhos voam da mulher alta, com malhação em dia e cabelos modernamente curtos e platinados, para a figura misteriosa, que entra e para ao lado dela.

Nossasenhórasantíssima!

Só pode ser o chefe dos sequestradores traficantes de mulheres. Li sobre isso uma vez, que muitos bandidos investem em lutas violentas e prostituição. Entro em desespero e começo a puxar as algemas, numa tentativa frustrada de escapar. A pele dos meus pulsos, já avermelhada e dolorida, começa a machucar.

— Pare com isso ou vai sangrar! — ele ordena e paraliso ao reconhecer a voz. — Donatela, a chave das algemas.

Um arrepio involuntário transpassa a minha coluna.

Dante?

Esse homem não vai parar de se materializar nunca?

Droga!

Perplexa, reexamino sua figura... A cada encontro, um novo Dante aparece. Não compreendo como ficou tão forte, odeio a sensação de não saber mais quem ele é, preocupa-me que a fachada distante e furiosa esconda segredos incontáveis e irrita-me estar aqui contra a minha vontade.

Por quê? Por quê? Por quê?

A cada olhada que dou, ele fica mais tentador.

Aaaaah...

Paro a inspeção corporal e finjo examinar a sala para esconder a vergonha que é estar atraída por ele. Penso... penso... penso na tentativa de entender alguma coisa. A única possibilidade que

me vem à cabeça é que ele enlouqueceu.

Pirou total.

Ploft... bye, bye... sanidade.

Não estou a-cre-di-tan-do que o descompensado me sequestrou e me trancou nesse buraco sem janelas! Um hospício, só pode ser, com essas paredes brancas e acolchoadas. Estremeço ao me dar conta de que ele é mesmo, um perseguidor lunático.

Será que ele mentiu sobre a Irlanda e na verdade, esteve internado aqui, durante esses anos?

— Capitão... não posso... as suas regras...
— a loira argumenta contrariada.

— A chave — Dante a interrompe... tira o capuz e estende a mão exigindo que ela a entregue.

— Não pode tirar as algemas! São as regras! — a mulher protesta e não entrega a chave.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Primeiro, precisa obrigá-la a falar!

— Fodam-se as minhas regras! — ele rosna, mas a loira não cede e os dois começam uma disputa de olhares.

Deus!

O que eles querem que eu fale? Obrigada pelas flores?

Minha cabeça embola mais... Tudo bem que fui grossa em não ligar agradecendo. Deve ter dado uma trabalhadeira danada para pescar o envelope do vovô, mas sequestro já é exagero! Preciso sair daqui e contar tudo para Maggie. Vai ser uma decepção das grandes, eu sei, mas ela é mãe e merece saber que o filho precisa de tratamento psiquiátrico urgente. Meu desespero aumenta junto com a irritação... Forço mais e mais as algemas, debato-me, começo a suar e quase caio da cadeira.

PERIGOSAS ACHERON

Mas que droga!

— Me solta já! — exijo e sei que devo estar parecendo uma coruja de tanto que arregalo os olhos.

A atenção de Dante volta para mim.

— Pare com isso. Já disse que está se machucando! — Preocupado, ele se exaspera, ao passo, que eu só quero esgoelá-lo. — As chaves, porra!

Enfia essa sua preocupação no rabo!

Penso, mas não tenho intimidade para verbalizar uma baixeza dessas. Em vez disso, grito o mais alto que posso:

— Seu sequestrador dos infernos! Nunca ouviu falar em um troço chamado Gardenal, não?

— Maluca está você, Beatrice! — Dante crava os azuis furiosos em mim. Engulo em seco, tamanha a intensidade que vem deles. — Não te

PERIGOSAS NACIONAIS

sequestrei porra nenhuma!

Ah... não?

Mantenho nossos olhos grudados e estreito os meus indicando que não acredito.

— Vocês se conhecem? — Donatela pergunta contrariada, mas fica no vácuo.

Dante pragueja uma lista interminável de palavrões. Respiro e aguardo que o chilique passe.

— Jamais faria isso! — Volta a afirmar e reparo que a veia de sua têmpora pulsa. — Usou drogas naquela porra de boate? Aceitou bebida de estranhos, Beatrice? — Esmurra a parede e eu pulo de susto. — Merda, claro! Isso explicaria tudo! Está doidona e alucinando, não está? Te drogaram e te arrastaram para aquele hotel?

Como é que é?

Pera aí, boate, hotel?

Fecho os olhos quando a sequência dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fatos, ocorridos na noite, volta... Boate, Klaus, Guy, hotel, Scarface, a briga e o tiro...

Merda, merda, merda.

Chocada por ter esquecido de tudo, por ser taxada de drogada; e de quebra, por descobrir que Dante me espiona de fato, esqueço a missão:

Corra, Beatrice, corra!

Abro os olhos e paro de forçar as algemas.

— Como sabia? — Mais acuso que pergunto.

— Sobre as drogas? — Ele parece confuso.

Reviro os olhos.

Eu não bebi ou aceitei nada de estranhos. Devo ter desmaiado de nervoso... já aconteceram outras vezes quando chego no limite. Simplesmente, desligo. A minha dor de cabeça e a amnésia momentânea devem ser consequência da

PERIGOSAS ACHERON

tensão... Quando recobrei os sentidos e me vi algemada, com uma loira carrasca querendo me tocar... fiquei tão apavorada que todo o resto evaporou.

— Não sou uma drogada! — defendo-me com fervor. — Mas com certeza, você é um perseguidor bisbilhoteiro. Como sabia sobre a boate e o hotel?

As feições tensas de Dante aliviam por um segundo, provavelmente por saber que não sou uma Cristiane F. [\[47\]](#), mas logo voltam a endurecer.

— Eu não disse que sabia — defende-se.

Balanço a cabeça negando porque não faz sentido.

Dante esfrega as sobrancelhas com uma mão e começa uma sequência lenta de respirações... Depois do que parece ser um século, volta a me olhar.

— Escuta, Beatrice... Você não está aqui como refém e sim como suspeita. Meus homens estavam investigando aqueles caras e você veio no pacote. — Seu tom é comedido, claramente medindo as palavras. — Não posso liberá-la até que explique o que estava fazendo lá, na companhia de gente tão barra pesada.

Engulo em seco e processo a informação.

Suspeita?

— Beatrice? Entendeu o que eu disse? —
Dante parece ansioso.

Suspeita?

Não reajo e nem respondo... Ainda estou um pouco lenta, tonta e com uma sensação desconfortável de formigamento nas costas. Sei que o que aconteceu naquele hotel não foi bom. Não sou tão destrambelhada ao ponto de não ter notado o tamanho da encrenca e do perigo nos quais me

meti.

Mas... não sou suspeita, não fiz nada, sou a vítima.

Mais aliviada, puxo o ar. Pelo menos, Dante não está completamente surtado e tampouco me sequestrou. Tudo não passou de um engano, que pretendo esclarecer, claro. Mas primeiro, foco nas prioridades.

— Você disse que tem homens? —
disparo.

— Alguns. — A sobrancelha morena sobe.

— Da turma do escritório?

Uma profusão de gargalhadas explode atrás de Dante, que gira e manobra o corpo, dando-me a visão de um grupo, que presumo ter chegado naquele momento.

Apesar do baita olho roxo, reconheço de primeira Romeo quando acena sorridente para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não retribuo o gesto porque estou algemada e confusa... Depois... levo alguns segundos para ligar a imagem espantosa à pessoa de Max. Assim como Dante, não o via há um tempão. Ele mudou, mas não tão radicalmente quanto o irmão. O mesmo corpão musculoso, rosto bonito, jeito debochado e um sorriso aberto emoldurado por uma barba por fazer de muitos dias. Os cabelos talvez sejam a única a grande mudança, estão passando dos ombros.

Espio mais um pouco. Há outros dois homens a um passo atrás deles: um loiro com dreads moicanos, olhos gelo e jeitão de viking bravo e um negro fortão, sexy, de olhos azuis sacanas. Não os reconheço. Nunca os vi.

A presença de Romeo e Max de certa forma me acalma, cresci com os meninos Stoirm pra lá e pra cá, tirando-me de enrascadas. Não

PERIGOSAS ACHERON

estranho estarem juntos em um negócio, mas acho bem esquisito todos vestirem preto, incluindo a Donatela, que olha pra mim com cara de desconfiança.

Minha sobrancelha arqueia.

Estou no clube dos gostosos em ação?

— Vocês também são do RH? — Bato na mesma tecla.

— Cara, você enlouqueceu! — Max manifesta-se estupefato. — Abriu sobre o RH, seu puto?

Pois é, abriu?

— Não abri porra nenhuma. — Dante fica desconfortável. — Mas mandei ficarem na sala de comando.

Mentiroso!

Abriu sim e posso provar!

Abro a boca para dedurá-lo, mas Romeo é

mais rápido.

— E perder a diversão, *Fella*? Nem pensar! — Ele acena novamente. — Oi Trice, gostei do cabelo e da maquiagem.

Mesmo contrariada, murmuro um: *obrigada* e meu couro cabeludo volta a coçar quando lembro da peruca.

Nossa, que incômodo!

— Gente, estou adorando a reunião em família — digo cínica. — Mas acho que poderia ficar melhor, se me explicarem o que significa tudo isso? — Aponto minhas mãos algemadas com o queixo. — Não me parece uma reunião do RH? Vocês viraram bandidos, por acaso? Maggie sabe disso?

Max toma a frente.

— Qual é, Trice? Até parece que não nos conhece.

Arqueio a sobancelha e franzo a boca num típico: *Qual é você! Não me enrola, amigo.*

— Nada de bandidos. — Bem-humorado, Romeo se intromete. — Teoricamente somos os mocinhos. Aqui é a S.S., a empresa de consultoria que abri com Max. Dante só nos ajuda de vez em quando e comprou a nova sede pra gente.

Reviro os olhos... primeiro, para o mau gosto na escolha do lugar; e depois, para a mesma ladainha explicativa e evasiva.

Provavelmente, é a resposta padrão, do tipo que usamos quando não estamos a fim de explicar o que fazemos para os parentes chatos que nos atormentam na festa de Natal. Guardo minha curiosidade para depois e decido não insistir.

— Desculpem o mau humor, mas não estou numa noite muito boa. Será que posso ir pra casa? Não estou me sentindo muito bem e as

minhas costas estão doendo e formigando.

— Normal, o taser^[48] faz isso — o negro gato, com uma voz de locutor de motel, explica.

Como é que é?

— Taser? — murmuro a pergunta, mesmo sabendo o que é.

— Usou o taser nela, Trent? — Dante ruge.

— Qual o problema, Capitão? Procedimento padrão. A coisa virou um caos, ela não colaborou, tive que apagá-la.

Me apagar?

Dante respira fundo. Tenho a impressão de que está por um triz de esganar o tal Trent. Os demais, exceto a emburrada da Donatela, acompanham o embate com curiosidade e certa diversão.

Deus!

Isso é sério!

— Querem que eu responda qual é o problema? Vocês! — perco a calma que estava começando a ter. — Deus! Procedimento padrão? Fala sério! Não estou acreditando que usaram uma arma de choque em mim... É isso que fazem? — Olho para todos, mas em especial para Dante. — Saem por aí perseguindo pessoas, invadindo hotéis e eletrocutando inocentes? Eu poderia ter morrido! Meu marca-passo poderia ter explodido, seus idiotas!

A boca carnuda de Trent abre, fecha, abre, fecha em um momento: *Ops*.

— Que marca-passo? — Dante passa a mão no cabelo enquanto os azuis-índigo fuzilam Trent. — Desde quando tem marca-passo, Beatrice?

Volta a me encarar e reviro os olhos.

— Desde nunca, mas poderia ter! — berro indignada e Romeo ri. — Não tô acreditando! — Quero jogar as mãos para o alto, mas ainda estou com a porcaria das algemas. — Que noite de merda! Eu só queria pegar Klaus no flagra... e acabei no meio de uma discussão de bandidos lunáticos, para ser atingida por mocinhos idiotas! Sou virgem no crime, caso não saibam! Sair de um tiroteio para entrar em outro é meio apavorante! — exagero, mas é o que sinto.

— Que flagra? — Os azuis-índigo estreitam. — Que tiroteio? Ninguém relatou sobre um tiroteio. — Dante busca por Max.

— Porque não ouvimos um. — Os ombros largos de Max levantam. — Os porras podem ter usado silenciadores.

Hã?

Dante não diz nada... Arranca a chave das

mãos de Donatela, abre as algemas e me põe de pé. Seus olhos extraordinários arregalam quando focam na mancha de sangue que há na minha camiseta. Reparo que está maior.

— Não viu que ela foi atingida? — Olha furioso para Donatela antes de começar a me apalpar freneticamente. — Porra! Por que não relatou isso antes?

Sinto cócegas e a pele por onde ele toca aquece.

— Relatar como, se não consegui chegar nem perto? — Donatela exalta-se. — Essa louca tentou me morder, lembra? Três vezes. — Olha feio para mim.

Devolvo o olhar carinhoso para ela.

Opa!

Olha essa mão boba, meu camarada!

Dante faz menção de erguer minha

PERIGOSAS NACIONAIS

camiseta, afasto as mãos enormes e cambaleio para trás.

— Pode ir parando com essa bolinagem na minha barriga. — Puxo, estico e confiro o tecido fino da camiseta. — Não estou ferida! A mancha é do dente de Klaus que pulou e da bunda de Scarface, eu acho — acrescento lembrando que engatinhei no escuro.

— Klaus e Scarface foram baleados? — Dante é pego de surpresa novamente.

— Não, Klaus só perdeu um dente! — berro. — O malvadão que levou um tiro. Klaus conseguiu se soltar e atirar na bunda dele. Como ele está? Não me pareceu muito grave, mas não entendo dessas coisas de tiro nos fundilhos.

— Fugiu... — o viking manifesta-se pela primeira vez. — Ele e Klaus conseguiram escapar. Só temos você e um Guy furioso lá na cela.

PERIGOSAS ACHERON

Furioso?

Eu também estaria fula da vida se baleassem o meu irmão e se eu fosse Scarface, estaria cega de raiva. Sei que o tiro não foi meu, mas contribuí com Klaus ao repassar a arma, caramba!

— Ai, meu Deus! — Começo a entrar em desespero. — Tô lascada! Isso não é bom... isso definitivamente não é bom.

Dante chega perto, coloca-me novamente na cadeira e ajoelha-se à minha frente. Fico sem reação quando segura as minhas mãos.

— Shhhh, calma. Vou dar um jeito nessa confusão. Está segura agora. — Sua expressão fecha ao ver as marcas nos meus pulsos. — Sinto muito por isso — sussurra e seus polegares acariciam as linhas avermelhadas e esfoladas.

Tenho um impulso de retirar as mãos, mas

fico entregue quando nossas energias se misturam... Não me surpreendo mais... Tem sido assim, toda vez que nos tocamos... Fecho os olhos e tento lembrar que o detesto, mas estou apavorada, cansada e dolorida demais para resistir e lutar contra isso agora... Seu toque é quente e me acalma. *Hummm... bom... Dane-se...* Mereço um pouco de carinho e normalidade.

— Max, qual a chance de Guy nos falar o paradeiro de Scar?

Atraída pela voz firme e inebriante de Dante, reabro os olhos.

— Zero... nem sob tortura.

Dante assente sem parecer surpreender-se com a resposta e muda o foco.

— Romeo rastreie as clínicas clandestinas e os médicos que costumam atender na obscuridade gente como Scar. Donatela, traga os primeiros

PERIGOSAS NACIONAIS

socorros, depois contate Kurt e Claire e veja o que descobriram no hotel. Mc e Trent, voltem lá e vasculhem a área em busca de pistas sobre o paradeiro de Klaus e de Scar.

Uau!

É um pouco fascinante vê-lo no modo Capitão. Sem questioná-lo, um a um vai saindo para cumprir as ordens.

— Max, você fica para interrogarmos Beatrice.

Eu?

Vão me interrogar?

Por que, se sou a vítima?

* .. ♥ .. *

Maldição!

Corri, corri e corri para acabar aqui...
espiando um Dante mal-humorado, que dirige se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

achando “o piloto de Fórmula 1”, enquanto me ignora. Estamos rodando pela cidade há vinte minutos e nenhuma palavra foi dita.

Pelo menos, vestiu uma camiseta. Todo aquele peito, abdômen e músculos eram torturantes. Evito olhar para as coxas impressionantes, que ficam incríveis na calça de moletom.

Será que tem time de futebol no Exército?

Solto o ar devagarinho para aliviar a tensão.

Não funciona... o carro está impregnado pelo perfume estoura-meus-miolos de Dante, minha agonia aumenta e tenho vontade de abrir a porta e pular.

Aaaaah, que raiva!

Capitão uma ova!

Ele acha que sou o quê?

Uma de suas soldadas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Penso, mas não ousa proferir. Pelo menos, não neste momento quando a coisa do meu interrogatório não foi lá muito bem.

Para me distrair, passo o dedo no curativo que protege meu pulso direito e é irmão gêmeo de um outro, que habita o pulso esquerdo. Depois seguro, com mais força, a peruca que saiu da cabeça e agora jaz no meu colo enquanto estou sentada, contra a vontade, no carro que eu nem sabia que Dante tinha... um SUV 4x4, preto, robusto e bem macho alfa da Jeep.

Muito bacana, carro teimoso, duro na queda, combina com o dono.

Olho pelo retrovisor e Max nos segue pilotando uma moto preta e imensa.

— Falei que não precisava se incomodar, poderia ter me deixado vir com Max — rompo o silêncio porque não me aguento.

PERIGOSAS ACHERON

— Negativo — enfim, manifesta-se e odeio como a voz dele, rouca pelo cansaço, fica mais profunda e sedutora. — Max é um louco pilotando... Não vou arriscar com você.

— Nossa... e você, não é? Longe de mim querer ser chata e quebrar o seu barato, mas não sei se percebeu, senhor Ases Indomáveis^[49], que isso é um carro, não um jato... Acelerar desse jeito não vai te fazer decolar.

O pescoço poderoso vira na minha direção. Dante me encara enquanto morde os lábios... Quando penso que vai retrucar, desiste... Uma carranca marca o rosto lindo e ele suspira profundamente, antes de voltar a prestar atenção na rua e me ignorar.

Droga!

O carro perde velocidade e solto o ar devagarinho, outra vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei o que é pior, a presença irritante ou seu silêncio mortal. Cruzo os braços e olho pela janela. Há um nevoeiro no ar, tão denso quanto a tensão entre nós. As ruas mal iluminadas e vazias, prédios antigos e outros novos passam rápido lá fora.

Sei que não tenho sido a pessoa mais fácil do mundo quando se trata de Dante, mas, sinceramente, esse clima péssimo é culpa dele. Eu estava colaborando e contando tim-tim por tim-tim tudo o que aconteceu. Foi ele quem deu uma de louco! Onde já se viu, interromper o meu relato para dizer que não dava para continuar comigo daquele jeito.

Achei absurdamente ofensivo falar que a peruca era ridícula e que preferia o meu cabelo. Não gostei! Foi direito meu dar um tapão na mão intrometida quando me neguei a tirá-la e o

PERIGOSAS ACHERON

ordinário quis fazer por si mesmo.

Onde já se viu!

Tudo bem, que ele foi quase um amor ajudando com os curativos, admito que até senti um troço de leve ali... mas retirar a peruca de uma mulher é algo muito íntimo, coisa que não somos mais. Não deixaria que visse a touquinha de meia que estava usando por baixo dela, nem sob decreto da Rainha. Posso me lixar para a opinião dele, mas poxa vida... sou mulher e tenho minhas vaidades.

Supernatural exigir ir ao banheiro e bater a porta na cara dele. Quem mandou bancar o abusado e querer entrar comigo? Até parece que cairia naquele papinho furado de que eu estava fraca e poderia desmaiar.

Papo-furado, jurei que estava ótima.

Ele achou o quê? Que escaparia pela privada? Nem tinha vitrô naquele cubículo

escondido na parede acolchoada. Também não precisava todo aquele desespero de Max e dele quando gritei sem querer ao me ver no espelho.

Culpa daquela Donatela!

Como mulher, ela tinha a obrigação de ser solidária e me avisar sobre a maquiagem arruinada. Passei horas na presença dos rapazes ostentando uma cara de panda! Garanti que estava bem, não acreditaram... então ignorei os murros na porta e só saí quando estava, no mínimo, respeitável. Nunca participei de um interrogatório oficial na vida, mas sei que uma boa impressão influencia na credibilidade.

Solto o ar devagarinho, uma terceira vez.

— Mais um bufo desses e grudo a sua boca com *Silver tape*^[50] — Dante ameaça sem me olhar.

Hã?

Grosso.

Pressiono os lábios e me controlo. São quase seis da manhã, estou cansada e nem um pouco disposta para entrar em uma briga de vontades contra ele.

Resolvo fazer o mesmo jogo duro e finjo que ele não existe. O silêncio incômodo volta a reinar entre nós.

Silêncio... silêncio... silêncio...

Ai, que saco de silêncio!

— Você poderia ser mais flexível e melhorar essa cara — puxo assunto, senão vou estourar. — Não estou confortável com isso tanto quanto você.

— E você poderia ser mais razoável — rosna.

Uh, o quê?

Meus olhos arregalam em choque.

— Razoável?

— É.

— Não tô acreditando que disse razoável
— insisto, pois estou chocada com tamanha cara de pau.

— Pode acreditar.

Aaaaaah.

Esqueço que não estou disposta a entrar numa briga.

— Olha aqui, Dante Stoirm... — Meu corpo pula no banco de couro e fico de frente para a lateral dele. — Não sou sua soldada para me dar ordens. Aliás, não pode simplesmente voltar do além, materializar-se na minha frente e ainda querer sentar na janelinha. Então, meu querido, estou sendo muito razoável, sim! Não queria estar nessa situação. — A peruca agita entre nós dois. — A última pessoa com quem gostaria de estar é com

PERIGOSAS NACIONAIS

você, mas estou aqui, não estou? Sendo razoável, pois sei que meti numa merda e pessoas na merda não tem muita escolha! — berro.

— Eu te dei uma escolha — joga na minha cara com uma calma irritante.

Endireito as costas.

— Ah, fala sério... me obrigar a ficar trancada em uma casa segura, não é uma opção. Posso ter ficado um pouco apavorada, admito, mas não sou uma covarde, ok? Tenho uma vida, compromissos a cumprir, não posso e não vou largar tudo só porque um louco pode ter cismado comigo.

— Se não entendeu ainda o quanto é perigoso ter um Scarface raivoso com a bunda fodida solto por aí, posso te explicar de novo.

Tudo bem, respira, Beatrice.

Sorte dele que já dei muita cabeçada por aí

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e aprendi que vale mais a pena admitir logo que estou errada. Brigar por horas a fio, só por orgulho, é roubada, além de cansativo pra caramba.

— Não precisa, eu entendi, você está certo... Só não vou fingir que estou feliz com tudo isso — confesso. Dante desvia a atenção da via por um segundo e nossos olhares cruzam rapidamente.

— Você deveria me agradecer isso sim. Mesmo odiando, aceitei a sua imposição de me vigiar.

— Não é vigiar, é proteger...

— Ok...ok... ok... que seja.

Decido não entrar no mérito de que há uma linha tênue entre vigiar e proteger. Para se ter um, é preciso que o outro seja feito.

— Facilitaria pra cacete, se abrisse logo a porra do nome da amiga que te pediu o favor. Quem sabe ela tenha uma dica sobre o paradeiro de Klaus. Preciso falar com ele e descobrir no que está

PERIGOSAS ACHERON

metido.

Não estique demais a corda, gostosão boca suja. De novo essa história, não!

Detesto ser pressionada... Endireito o corpo e volto a observar a rua.

Não queria me ligar a Dante de maneira nenhuma, mas aconteceu. Culpa minha, sei disso, mas até que descubra como me livrar dele, vou ter que engolir as consequências da burrada que fiz.

Ele garantiu que vou ficar bem e que manterá Scarface longe de mim. Acredito nele, mesmo assim não vou envolver Chloé. Não existe a menor possibilidade de colocá-la em uma situação de risco ou que possa prejudicá-la profissionalmente.

Estremeço, o pensamento de algum mal acontecendo a ela é insuportável.

Por mais amadores que os irmãos Loyd

PERIGOSAS NACIONAIS

pareçam, eles são loucos, maus e têm armas. Não quero minha melhor amiga na mira deles. Sei que é chato desconfiar, mas achei bem estranho os homens de Dante estarem envolvidos com gente do crime. Não que eu ache que ele tenha mudado de lado, virado um mafioso ou a merda que seja... mas é esquisito e perturbador... Dante virou uma incógnita, não diz o que faz, não conheço sua equipe e aquela Donatela é uma vaca.

Se o caso dela, com um cara como Klaus, vazar para os tabloides, será como uma bomba para a sua carreira.

É, nada de Chloé.

Volto a ficar de frente para o corpão atrás do volante. A sobrancelha da cicatriz arqueia e sei que está atento a mim, mesmo mantendo o foco na direção.

Limpo a garganta e digo:

PERIGOSAS ACHERON

— Não é amiga, é uma cliente... Sinto muito, não posso revelar seu nome, mas garanto que ela não sabe das falcatruas de Klaus. — Espero uma reação, mas, pela expressão contrariada, presumo que não tenha aceitado muito bem a minha recusa. Respiro buscando por sensatez. — Engraçado, quando perguntei que tipo de consultoria fazem, você e Max falaram que não poderiam dar detalhes por uma questão ética — argumento. — Se você tem direito a ética, eu também tenho.

O carro para no farol e Dante vira para mim.

— Tudo bem... argumento aceito.

Ainda carrancudo, ele projeta o corpo enorme e ficamos nariz com nariz.

Ofego ao sentir seu hálito quente misturar-se ao meu. Uma sensação esquisita percorre a

minha espinha como se eu estivesse sufocando.

Ai, meu Deus!

Seus olhos cravam nos meus e, desconfortável com a invasão de território, recuo, mas ele avança. A sensação estranha triplica.

— O que vai fazer? — murmuro.

Os azuis-índigo descem para os meus lábios. Minha pele esquenta, meu coração acelera e mordo a boca apreensiva. Dante fecha os olhos, inspira profundamente e, quando volta a abri-los, estão mais escuros e focados nos meus novamente.

— O que eu vou fazer? — pergunta parecendo questionar a si próprio.

Aperto firmemente a peruca em meu colo e solto o ar devagarinho.

— Hum-hum... — ofego. — É... o que vai fazer?

Quando inspira parecendo sorver o meu

cheiro, agradeço mentalmente, ter encontrado uma pasta de dente, naquele banheirinho e feito um bochecho.

— Vou cuidar de você — murmura rouco e afasta-se ríspidamente sem tirar os olhos dos meus.

Pega de surpresa, sussurro:

— Não pode fazer isso.

Um músculo estremece no rosto tenso e tenho a impressão de que não gostou muito da minha recusa.

— Posso e vou. — Recosta no vidro do motorista e apoia o antebraço no volante. — Não escolhi estar no meio da sua bagunça, aconteceu. Então, é melhor se conformar e entender uma coisa: não sou homem de abrir exceções. Você sozinha por aí, vulnerável, não é uma opção. Sua segurança não está em discussão. Não vai se livrar de mim até

que eu tenha as mãos bem firmes sobre Klaus e tire o foco dos irmãos Loyd de você. Estamos entendidos?

Seu olhar determinado diz que não tenho escolha e sua paciência, ao que parece, esgotou.

Droga.

Balanço a cabeça deixando escapar um suspiro pesado e concordo.

— Diga, Beatrice. Preciso ouvir.

— Sim, estamos entendidos — murmuro sabendo que acabo de permitir que ele invada a minha vida.

O farol abre, Dante acelera e a atmosfera dentro do carro volta a mergulhar em um silêncio incômodo, repleto de sentimentos confusos e palavras não ditas.

Para o meu alívio, não demora muito até o SUV estacionar na porta da minha casa. Desço às

PERIGOSAS NACIONAIS

pressas e sinto os pelos dos braços arrepiarem em contato com o ar frio da manhã. Abraço-me para esquentar e proteger. Apreensiva, olho para os lados e a rua está vazia.

Sinto o corpo imenso de Dante quase colar nas minhas costas em uma atitude protetora.

A moto preta gigante para atrás do carro e Max desmonta. Ele parece quentinho e protegido com uma jaqueta de couro e uma touca preta.

— Falei pra vestir o meu casaco — Dante murmura aborrecido.

A voz rouca e cansada, em meu ouvido, reverbera em lugares secretos que deveriam estar imunes a ela. Arrepio em todas as partes, tenho um impulso de pressionar as pernas juntas, mas me controlo. Respiro o ar gelado misturado com o cheiro enlouquecedor de Dante e viro para encará-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Faço um gesto de recusa quando faz menção de retirar o agasalho.

— Estou bem, já vou entrar — digo entre um bocejo.

Ele fica contrariado, mas não insiste.

— Max, você fica aqui — fala por sobre a minha cabeça.

— Aqui? — rebato.

A novidade me surpreende.

— Disse que ficar sozinha não é uma opção, Beatrice.

Seu olhar é intenso, quase ameaçador, e me odeio por achá-lo sensual como o inferno. Fujo da tentação azul e busco por Max, que se aproxima e para na nossa frente.

Olho de um para o outro e me sinto um pequinês descabelado entre eles.

— Pensei que fosse assumir Trice.

PERIGOSAS ACHERON

Hã... me assumir?

— E vou. Só preciso resolver um assunto primeiro.

Dante fala de um jeito tão duro e decidido que faz o meu sangue ferver no ato. Minha razão implora para não levar suas palavras para um lado perigoso, mas não consigo... Esse maldito cheiro que ele exala está começando a me excitar.

Deus, tende piedade de mim.

Aperto a peruca como uma tábua de salvação. Definitivamente, preciso de um banho frio.

— Chamei os gêmeos, vão dar cobertura externa. — A mão enluvada e enorme de Max cobre o meu ombro. — Espero que o seu sofá seja confortável.

Gêmeos?

Pergunto-me quantos homens mais Dante

tem. Não gosto da ideia de ter a minha casa invadida por eles, mas também não posso deixar Max ao relento. Ele é família e Maggie, uma mãe urso feroz... ela me mataria se eu deixasse alguma de suas crias pegar um resfriado.

Droga, droga... um bilhão de vezes, droga!

— Tenho um quarto de hóspedes, cobertores, chá quente e... aspirinas se precisar. Tá tudo bem com você?

Seguro o impulso de pressionar a palma da mão na testa dele para ver se está com febre.

Dante me puxa para perto e a mãozona de Max cai.

— Nada de quarto de hóspedes... ele sabe se virar, preciso dele acordado.

A gargalhada acolhedora de Max explode.

— O sofá da sala já basta — diz ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

rindo. — O puto me colocaria na solitária em dois tempos, né? — Soca o braço do irmão.

Dante revida a gentileza e depois me segura pelos ombros. Estou tão aturdida com a invasão que pareço uma barata tonta.

Pisco algumas vezes, antes de firmar o foco nos azuis-índigo.

— Chega de conversa, não quero você exposta aqui fora. Está cansada. — Pressiona os lábios em desagrado. — Coma alguma coisa, tome um banho e vá pra cama. Quando eu chegar troco os curativos.

Uh, o quê?

Desde quando ele acha que manda em mim?

— Não pode mandar em mim — protesto, mas sem um pinga de energia. Percebo o quanto estou esgotada.

PERIGOSAS ACHERON

É... definitivamente, acho que não vai rolar natação hoje.

— Tá bom... depois você briga comigo. Agora entrem. — Solta os meus ombros e Max me assume com um abraço gentil.

Assinto, não porque eu concordo, mas porque prefiro estar com as baterias recarregadas para dizer umas poucas e boas para ele.

— Vamos, Trice — Max diz quase tão mandão quanto o irmão.

Sou arrastada escada acima e não viro para trás quando escuto o ronco do motor ou o carro acelerar e partir. Digito o código de entrada e pronto.

Minha casa, minha cama, minha paz... finalmente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Acordo de braços, abraçada ao travesseiro e embolada no edredom branco e macio. Inverto a posição das pernas... esticando uma e encolhendo a outra. Dormi toda torta, parecendo um daqueles corpos dos filmes policiais, nos quais passam uma fita branca ao redor. Estou um caco e todo o meu corpo dói como se tivesse sido eletrocutada.

Mas fui eletrocutada, caramba!

Meus olhos abrem e arregalam. Espero a luminosidade me atacar, mas nada acontece... o quarto está em um breu agradável. Não lembro de ter fechado as venezianas, nem as cortinas.

Até tentei me manter acordada para acompanhar o vai e vem de Max no andar de baixo. Não deu. Caí na cama e apaguei. Lembro-me de ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrado com ele, mostrado a casa, explicado que sofá, só na cozinha ou aquele minúsculo no meu escritório. Depois ofereci comida, que ambos decidimos não comer. Em seguida, tomei um banho, vesti a calça de pijama de flanela azul com unicórnios e a camiseta branca e folgada, reservados para noites tensas ou resfriados.

Com muito custo, giro o corpo e sento na cama. Encolho e abraço as pernas apoiando o queixo nos joelhos. Sinto falta de Gabriel e Mila, que, pela primeira vez, não estavam sobre mim. Estranho, mas depois desencano. Já deve ser tarde e aposto que os pequenos estão lá embaixo atazanando Lore e Miah.

A imagem de olhos azuis e mandões surge, sem que eu possa detê-la, fazendo par com um suspiro de agonia.

Que confusão eu me meti.

PERIGOSAS ACHERON

Como vou explicar a invasão do exército Dante aqui em casa? Porque a essa altura, os meus amáveis colaboradores já devem ter notado que há algo de diferente, vários *algos*^[51], aliás.

Parabéns, dona Beatrice!

Eu poderia ter me dado por satisfeita na boate, mas não, claro que não! A minha curiosidade impulsiva sempre leva a melhor sobre mim.

Bancar a detetive...

Aaaah... que furada!

Vejo a calça de couro e a camiseta suja de sangue, sobre a poltrona, que fica ao lado da cômoda antiga que reformei com pátina branca, e meu estômago vazio embrulha. Depois encontro as sandálias de Chloé, que ficaram enormes em mim, mas que usei mesmo assim. Elas estão largadas no tapete felpudo e branco posicionado embaixo da janela. Sobre ele, há também, um jogo delicado e

PERIGOSAS NACIONAIS

romântico de mesinha redonda e duas cadeiras, em madeira branca. Avisto o meu celular em cima dela, ao lado do vaso de cristal com os três lírios solitários e capengas, que consegui resgatar do buquê destruído.

Devo ter deixado o aparelho ali quando olhei pela janela para espiar Max sair e falar com os tais gêmeos. Bem iguais e bonitos, por sinal. Não reparei nos detalhes, só como são altos, fortes, sem barba, loiros e donos de um topetinho estiloso. Ouvi quando Max disse para ficarem de olho em tudo antes de subir na moto e ir embora.

Um exagero... mas enfim.

Depois disso... deitei e apaguei.

Jogo as costas para trás e quase bato na cabeceira da cama. Enquanto esfrego o rosto, bocejo e me espreguiço, penso na agenda do dia. Nenhum compromisso importante até chegar a hora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de buscar Chloé no aeroporto.

Escorrego pra fora da cama, entro no closet, pego um cardigã azul e visto sobre o pijama para esconder os curativos. Essa é uma das pequenas vantagens de se trabalhar em casa. Às vezes, me dou ao luxo de ficar de pijama mesmo. Honestamente, não estou no clima para nada além de escovar os dentes e prender os cabelos em um rabo alto.

Alcanço o celular. Uma da tarde. Desço desanimada e de meia.

Estou muito frustrada porque passei quatro anos bolando planos mirabolantes para fugir de Dante e dei com os burros na água. Sendo bem honesta, hoje seria um dia excelente para ficar às voltas com a minha cama, as minhas séries e uma caixa enorme de cupcakes de canela da Violet^[52], os meus preferidos da vida toda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha barriga ronca.

Chego ao pé da escada e estico o pescoço para espiar a sala de reuniões, vazia. Bato na porta do lavabo e abro, nada. Passo pelo meu escritório, às moscas. Estranho a ausência de miados e latidos. Viro à direita e entro no corredor que dá nos fundos. Avisto Lore e Dorothy paradas na porta da cozinha, de braços dados cochichando uma para outra.

Não estranho a presença da minha vizinha, é uma constante ela passar as tardes conosco e nos ajudar em pequenas tarefas da Allegro.

Aproveito que estão de costas para mim e distraídas, para me aproximar como uma ninja. Paro a um passo atrás delas e nada de me notarem. Encosto na parede para bisbilhotar o que tanto fuxicam.

Lore parece em dúvida, coloca o dedo no

PERIGOSAS ACHERON

queixo e diz:

— Será? Um até acredito, mas os dois?

— Claro — Dorothy sussurra convicta. —
Pelo jeito, ela ouviu o meu conselho e resolveu
trazer logo uma dupla.

Meu nariz enruga, não lembro da minha
vizinha dando conselhos sobre segurança. Bom, ela
fala sobre tanta coisa ao mesmo tempo, que é bem
capaz de ter dado e eu que não escutei... *Aaaaaah...*
Deixo passar, o que importa é que as duas já
descobriram a novidade e me preparo
psicologicamente para explicar como os gêmeos
vieram parar na cozinha.

— Acho que não. — Lore coça o queixo.

— Só pode ser. — Dorothy se estica para
ver melhor. — O que mais estariam fazendo aqui e
nesse estado? Não viu Beatrice? Não levantou até
agora.

Hã?

— Benza a Deus, a noite deve ter sido pauleira da braba. — Lore cobre a boca e solta uma risadinha maliciosa. — É muito mastro pra uma vela só.

Meu Deus!

Elas não estão pensando que eu e eles... nós... fizemos, estão?

Óbvio que estão.

Para dar um fim nos devaneios eróticos das bisbilhoteiras, dou um passo e falo entre as cabeças das duas:

— Peguei vocês, suas sem-vergonhas!

Arrependo-me da brincadeira no instante em que...

... Lore assusta e pula para frente, Dorothy desequilibra, eu piso em falso ao segurá-la e derrapo, meu celular voa e acabo patinando até

PERIGOSAS NACIONAIS

bater na ilha da cozinha, e esbarrar numa jarra vazia...

A jarra balança... Olho ao redor e vejo Max, que dorme esparramado no sofá... *Droga, não são os gêmeos!* Fico tensa enquanto a jarra balança mais... Outro giro no olhar e miro em Dante, apagado na poltrona, com os traidores do Gabriel e da Nina roncando em sua barriga... Uma onda de ternura me aquece... *Merda!* Volto para a jarra, que dá uma última balançada e despenca, estico o braço e tento pegá-la, mas ela espatifa no chão.

Max e Dante acordam em um salto sincronizado, Gabriel voa para um lado e Mila para o outro.

Quando os grandões levam as mãos para o cóis de trás dos jeans, apavoro-me, corro e cubro, com o meu corpo, a figura delicada de Dorothy, que está sorrindo sonhadora para Max.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela tem um marca-passo! — berro. — Não atirem!

Antes que possa pensar na besteira que acabo de fazer ou berrar, Max explode em uma gargalhada salvadora.

Dorothy se desvencilha de mim com destreza impressionante e crava os olhos nele.

— Vocês têm armas?

Max limpa uma lágrima e responde:

— Temos.

— Max! — Dante o repreende.

— Sabia que tinha algo aí, escondido no traseiro de vocês. Posso ver?

— A minha arma ou o meu traseiro? — Max pergunta divertido e o rosto de Dorothy se ilumina.

— Olha o respeito, Palhaço! Nada de armas. — Dante acaba com a brincadeira. — Ainda
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

temos muita coisa pra acertar aqui... Merda!

Ele manobra o corpão e com uma agilidade impressionante pesca Gabriel pela barriguinha gorducha, a milímetros dele abocanhar um caco de vidro.

Como ele viu isso?

Ele tem superpoderes, só pode ser.

Suspiro... primeiro de alívio e depois, porque não sei como lidar com a imagem do meu cachorrinho, alucinadamente feliz, tentando lambe a mãozona protetora.

Minha testa enruga e desvio o olhar da cena perturbadora. Procuro por Mila. Encontro-a assistindo ao resgate de camarote, languidamente deitada no topo do encosto do sofá.

Boa menina.

Amo que essa minha gata não se abala com nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Volto para Dante e os olhinhos confusos de Gabriel finalmente me encontram. Ele late. Sorrio e, por instinto, estico os braços e dou um passo para trazê-lo para mim.

— Cuidado!

Com o quê?

Sem que possa reagir, o braço musculoso e livre de Dante me enlaça. Ele me suspende e volve como se eu não pesasse nada, e sem que eu saiba explicar como, acabo tendo a bunda firmemente grudada no balcão da ilha central da cozinha. Constrangida, sigo o olhar profundo que examina os meus pés que, agora, balançam no ar.

— Tem um monte de caco de vidro ali — Dante explica e entrega-me Gabriel, que late parecendo curtir a bagunça do dia atípico.

Olho para as minhas meias felpudas e extra macias listradas de azul-claro e amarelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aaaaaah.

Levanto o rosto e, involuntariamente, esboço um sorriso de agradecimento.

— Gostei da calça. — Ele sorri torto e aponta para um, das centenas de unicórnios, que habitam nela. — Onde ficam as vassouras?

Hã?

Sinto o rosto corar e não respondo. Meio que hipnotizada, continuo admirando o belo semblante masculino, que ainda guarda um traço do sorriso doce, que me fez lembrar do antigo Dante e pensar o que terá acontecido com o cara sempre agradável e de boas maneiras e sua felicidade.

— Liga não, Capitão, às vezes, Trice desliga. — A voz de Lore soa divertida ao meu lado, então viro para ela. — Eu sei onde ficam as vassouras... dou um jeito nessa baderna em um segundo.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda sem reação, assisto Lore saltitar e sair da cozinha em direção ao armário embutido, embaixo da escada, que funciona como depósito de tranqueiras e materiais de limpeza. Dante se afasta assim que o celular bipa na calça jeans surrada, que entrou no lugar do moletom.

— Um minuto. — Aborrecido, levanta um dedo.

Não respondo... Apenas balanço a cabeça assentindo... Observo-o sair pela porta de vidro e começar a falar em um tom que não escuto, porém enérgico... Ele deve ter ido para casa e trocado de roupa... O casaco cinza virou uma jaqueta de couro e a camiseta que era cinza agora é preta.

Sério, o que diabos está acontecendo aqui?

Tudo está tão fora do contexto.

Incomoda-me o fato do irritante estar na

minha casa e chateia-me ainda mais ele se encaixar tão bem na minha cozinha e no meu jardim. As meninas estão à vontade com os Stoirm e divertindo-se, igual nós mesmos fazíamos antes do desalmado estragar tudo... Não está certo, não é para ser assim. Uma cena familiar é tudo o que eu não preciso e não quero. Pelo menos, não com ele...



— *Precisa superar aquele sujeitinho, Trice. Chega dessa bobagem romântica... há tantos outros rapazes bons... Que tal Lucca?*

— *Credo, vó! Já superei e pode tirar da cabeça essa obsessão pelo Lucca!*



Há alguns anos, minha avó disse para eu esquecer as mágoas de uma vez por todas e tocar a vida... Ok. Martha não tem papas na língua, mas achei uma baita insensibilidade me dizer aquilo...

PERIGOSAS NACIONAIS

Justo ela que nunca esqueceu ou perdoou meu bisavô por tê-la deixado sozinha com a mãe e partido para a guerra.

Em dias tão individualistas e solitários como os de hoje, todo mundo já se machucou de uma forma ou de outra... Ter cicatrizes não é uma exclusividade minha, sei disso. É impressionante como, na maioria dos casos, a gente sofre por nada... blá-blá-blá. Mas algumas coisas são verdadeiras: não dá para comparar sofrimentos... a dor do outro sempre vai parecer menor do que a nossa, a minha fraqueza sempre será maior do que a sua... E esperar que o outro supere aquilo que nós mesmos não superamos é pura hipocrisia... Natural... é a lei do próprio umbigo. Adoraria dizer que tudo bem, que Dante é um nada para mim, mas não é.

Acaricio a cabecinha de Gabriel, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relaxou com os cafunés e ronca no meu colo. Checo novamente Dorothy, que está sentada no sofá admirando a arma que Max segura.

Meu Deus, ela é terrível!

Lore volta com a vassoura e a pá, Dante encerra a ligação e vem ajudá-la. Ele faz um agachamento e começa numa missão para fazer do meu chão um lugar seguro de andar, examinando cada lajota em busca de cacos invisíveis como se fossem minas terrestres.

Aprecio o que vejo.

Não, não aprecio!

Evito olhar para a zona de perigo, mas não resisto. Jogo uma espiadela furtiva para a bunda espetacular que está apontada para mim.

Deus, perdoai-me, pois eu não sei o que faço...

Se é gula, cobiça ou luxúria, eu não sei...

PERIGOSAS ACHERON

Proteja-me da tentação, esse homem é gostoso demais.

Esqueço a reza, atraída pelo modo como os músculos das coxas espetaculares flexionam sob o tecido grosso da calça. Isso já é tortura. Minha boca saliva. Sou louca, só posso ser.

Chega!

— Vou fazer um café — anuncio em busca de sanidade.

Giro cento e oitenta graus, deslizo sobre a ilha e aterrisso suavemente do outro lado para não acordar Gabriel. Coloco-o com cuidado na caminha de dinossauro que fica encostada na parede da pia. Mila aproxima-se e aconchega-se a ele.

Começo a remexer em tudo... armários, gavetas... vou pegando o que preciso e mais um pouco, para fazer chá e servir o café. Preparo a cafeteira elétrica e ligo. Viro para colocar a chaleira

com água no fogo e vejo que tenho plateia. A busca pelos cacos acabou... e a conversa do sofá também. Olho para a figura dos quatro apoiados sobre o balcão e rio, um pouco histérica.

— Todo mundo vai querer? — pergunto enquanto acendo o gás.

— Eu prefiro chá, querida — Dorothy avisa o óbvio.

Um pouco corada, ela levanta a cabeça e sorri impressionada para Max, que puxa um banquinho debaixo da ilha e a ajuda a subir e a sentar. Todos se acomodam.

— Não sabia que tinha uma família tão grande. — Ela aponta o dedo delicado para Dante.

Quase rio do trocadilho.

Dorothy parece tão frágil, sentada entre eles. É impossível não me espelhar em sua figura. Talvez, pelo fato de termos crescido juntos, nunca

levei nossas diferenças como algo fora do comum, os Stoirm eram assim e pronto... grandes... Tudo bem, que no caso de Dante, não tão musculoso e forte quanto agora, mas mesmo assim. Engraçado, foi preciso passar anos sem vê-lo para me dar conta disso. A visão dele no parque foi desconcertante, isso é verdade.

— Pois é, bem grande mesmo. — Dou um passo para trás, apoio na bancada atrás de mim e cruzo os braços enquanto espero a chaleira apitar.

Os olhos perspicazes da minha vizinha não desgrudam do desalmado. Preocupo-me... conheço muito bem essa expressão investigativa que ela ostenta.

— Por que não me contou que já teve um namorado? Ele também andou aprontando com você?

Meu coração dá um salto e pego de

surpresa, Dante olha para mim.

— Quem aprontou com você? — pergunta rudemente.

— Harry — Dorothy diz aborrecida com um leve balanço de cabeça e entortar de lábios.

— Quem? — Dante insiste, claramente sem saber quem é Harry.

Não, eu sabia!

Essa história de novo, não!

— Ninguém aprontou nada, Dorothy — apresso-me em responder. — Nunca te contei sobre nós, porque foi só um namorico sem importância que acabou dando em nada. — Disparo um olhar para Dante, seu rosto está em branco, mas seus olhos queimam. *Droga!* — Nós... nós... éramos muito novos. — Fuzilo Lore, que levanta os ombros desculpando-se pela fofoca. — Jovens demais para algo sério, Dante teve razão quando

decidiu terminar.

— Pelo jeito, decidi certo, Beatrice está ótima — Dante comenta com um sarcasmo amargo.

Ótima mesmo.

Graças a você, camarada.

Finjo que não percebi o deboche e dedico-me a reorganizar as canecas já organizadas sobre o balcão.

— Decisões sempre podem ser mudadas, meu rapaz... — Dorothy palpita com uma inocência fingida.

— É, podem... seria bom — Dante divaga.

Não entendo o que ele quis dizer com *seria bom*. Intrigada, levanto a cabeça e a profundidade do seu olhar faz o meu peito comprimir. Ele é pura perfeição. Tenho certeza de que se Deus enviasse um anjo espião para me tentar seria como ele... bonito, fascinante e

impressionante, tudo ao mesmo tempo. Pena que virou um imbecil. Franzo o cenho e fujo dos azuis-índigo... esse anjo aí está mais para Lúcifer, isso sim. Concentro-me em Dorothy que ganho mais.

Os olhos sonhadores da minha vizinha piscam e posso apostar que seu cérebro romântico está matutando algo. Preparo-me para o pior.

— São irmãos? — ela pergunta por fim.

Hã?

Fico surpresa, porém aliviada pela mudança de rumo.

— Somos — Max responde.

— Tem um outro, Dorothy. — Lore inclina o corpo para vê-la melhor. — O Sacaninha Abusado.

Max gargalha.

— Capitão, Sacaninha Abusado... e eu sou o quê?

— Ele não é só Capitão... é Capitão Putão.

— Lore arremata e sorri para Dante, sem um pingo de vergonha. Reparo que a veia da tempora dele pulsa, mas não diz nada. — Você, ainda não sei.

Os olhos negros franzem ao examinar o corpo gigante e musculoso de Max... A boca em tom pink entorta de um lado para o outro, até que sorri.

— Força Bruta! — Pula no banquinho. — É... definitivamente, Força Buta combina com você.

— Se não é a porra de uma coincidência... — Max bate a mãozona no tampo e agradeço que a tensão no ar diminuiu um pouco. — Força Bruta é incrível, mas sensacional mesmo é que eu também chamo o grandão aí de Capitão Putão.

Acho graça do jeito exagerado e irreverente dele. Dou-me conta de que estava com

saudades de tê-lo por perto.

— Fala sério! — O corpo miúdo de Lore saltita outra vez.

— Seríssimo! — Os olhos verdes de Max sorriem.

— Oooh, os dois, podem parar? — Dante explode com uma voz profunda e rouca que me faz arrepiar num sentido bom. *Merda!* — Quantos anos vocês têm? Cinco? Capitão Putão é o caralho!

Lore para de rir e pressiona os lábios com tanta força que perdem a cor, mas não é de medo. A danada está segurando o riso.

— Olha a boca, caramba! — berro para ele apontando para a Dorothy.

Os azuis-índigo recaem sobre ela.

— Desculpe, Dorothy, mas putão é foda!

— Dante! — Arregalo os olhos.

— Que foi? Não acredito que vai ficar do

lado deles! — Olha inconformado para mim. — Não sou puto, sou responsável, é bem diferente, porra!

Max e Lore gargalham... Dorothy acha graça... Eu, bem... eu reviro os olhos e entrego os pontos... Nem com mil litros de sabão vou conseguir limpar a boca suja que esse homem tem.

— Desculpe de novo. — Um meio sorriso suaviza as feições de Dante e o faz ainda mais bonito.

— Tudo bem, querido, estou adorando a bagunça. Além do quê, já tive um homem em casa e sei como a boca de vocês funciona. — Sorri doce, como uma avó para ele, que continua puto. — Sabe... sempre vejo os avós e os pais de Beatrice... tem também a menina Chloé, Lucca e até aquela senhora elegante de cabelos chanel, mas vocês, eu nunca vi. Estavam brigados com Beatrice?

Olho de relance para a cicatriz na sobancelha, que levanta.

Droga!

— Não, nada de briga... só a correria da vida mesmo, que nos fez desencontrar — minto por ele e pergunto-me quando Dorothy viu a mãe deles? A senhora elegante, a que ela se referiu, é Maggie e veio aqui meia dúzia de vezes, se muito. — Dante e Max raramente estavam em Londres, por causa das Forças Armadas... Sabe como essas coisas são complicadas, Dorothy.

— Sei mesmo. — Os olhos cinzas voam para longe. — O meu Lincoln também foi militar. Tempos difíceis. Na Segunda Guerra, não o vi por dois anos. — Balança a cabeça para espantar as lembranças tristes. — Militares... hummm... com aquela arma, pensei que fossem policiais iguais ao avô bonitão de Beatrice.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esqueceu da Martha, Dorothy. Ela é brava, viu? — brinco para amenizar o clima.

— Olhar não tira pedaço, querida. — Pisca para mim.

— Não somos mais militares de campo, nossa área mudou — Dante explica de forma quase doce.

Dorothy sorri. Tá na cara que gostou dele.

— Ah... qual área? — A sobancelha branca arqueia.

— RH.

Os olhos cinzas vão de Dante para Max e voltam para Dante. Na certa, também acha que a figura dos dois não condiz com a função que dizem ter.

— Hummm, RH é bom, um pouco chato e burocrático, mas bom...

Tá vendo!

PERIGOSAS ACHERON

Controlo a vontade de rir. Até quando vão insistir nessa coisa de RH? Deveriam assumir logo que são caçadores de recompensas ou algo do tipo. Será que Anthony sabe disso? Como pai, teria a obrigação de orientar melhor os filhos e alertar que essa baboseira não cola. Homens do RH não são fodões, não andam por aí dirigindo máquinas potentes, não usam jaquetas de couro sexies e nem têm armas escondidas no traseiro.

A chaleira apita e a jarra de café está cheia. Noto que por hábito coloquei a caneca do Jeremiah.

— E o Miah? — pergunto para Lore.

Faço uma linha de produção: café, café, café, café e água para o chá.

— Foi buscar aquelas amostras de tecido para o leilão da fundação Hart. — Lore pega a xícara com café fumegante que entrego a ela. —

Por falar nisso, o Viúvo Taradão ligou.

Quase derrubo as canecas que estou oferecendo para Max e Dorothy.

— Quem? — Um músculo contrai no rosto de Dante.

Abro a boca para responder, mas Lore é mais rápida.

— Um cliente nosso, Yuri... gato pra caramba, mas inconveniente até a última — explica prestativa e quero morrer quando não se dá por satisfeita e continua. — É um amigo do pai de Trice, que depois que enviuvou começou com umas graças pra cima da Chefinha. Quer marcar um jantar.

Eu tenho uma súbita vontade de estapeá-la na nuca.

Que inferno!

— Foi só uma fase de luto confusa —

PERIGOSAS NACIONAIS

tento amenizar a merda, como se não tivesse sido constrangedor e quase abusivo. — Dei um chega para lá e nunca mais tentou nada — minto e entrego o café de Dante.

— E mesmo assim continua saindo com ele? — Ele crava os olhos nos meus.

— Não estou saindo com ele! — rebato ofendida.

— Ótimo, então nada de jantar.

O quê?

Quem ele pensa que é?

Meu dono?

— Isso é diferente, não posso recusar! Estamos começando uma relação — argumento e os azuis-índigo queimam, quase implodem. *Ai, meu Deus!* Fico vermelha. — Relação de negócios... não de sexo.

Um “*oh*” escapa da boca de Dorothy.

PERIGOSAS ACHERON

Jesus!

Fico mais vermelha ainda.

Max segura a risada, enquanto Lore acompanha ao embate interessadíssima.

Cale a boca, Beatrice!

Imploro para mim mesma, mas não consigo. A cara do irritante está tão dura que a necessidade de me explicar é quase de vida ou morte.

— É só um jantar de negócios —
recomeço ainda nervosa. — Sobre o leilão... a
Fundação Hart... era da esposa, Olívia. Depois da
morte dela, ele assumiu junto com a cunhada,
Elena.

A sobancelha da cicatriz levanta.

— Quando vai ser isso? — Sua voz parece
mais calma, mas seu rosto continua zangado.

Meu estômago aperta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, não confirmei. Por quê?

— Porque eu vou junto, não quero você sozinha por aí.

Meu coração falha por um par de batidas, isso já é invasão demais.

Não, não, não, não, não!

— De jeito nenhum! — Apoio a caneca no balcão, forte demais. O líquido escuro e quente respinga na minha mão. — Pare de querer mandar em mim!

— Não é mandar, é proteger!

Aaaaaaaah.

Reviro os olhos farta dessa ladainha.

— Por que ele tem que te proteger? — O corpo de Lore fica rígido. — O que está acontecendo?

— É... O que está acontecendo? — Dorothy não parece mais tão feliz.

PERIGOSAS ACHERON

— Satisfeito?

Cruzo os braços e encaro Dante friamente. A postura sisuda pode intimidar aos desavisados, mas não a mim. Não tenho a mínima ideia do porquê desse ataque de ditador babaca e daria tudo para saber o que se passa na cabeça louca dele, mas não sou vidente. Isso só aumenta a minha raiva. O que é bom, pois não sobra nem um espacinho em mim para o medo.

Levanto o queixo diante do seu silêncio, instigando-o a responder.

— E aí? Satisfeito?

— Não, nem um pouco. — A voz profunda é de mau humor e seu aborrecimento é palpável.

Busco por Max, que apenas balança a cabeça indicando que não vai se meter. Retenho o olhar nele alimentando-me de sua serenidade, por

PERIGOSAS NACIONAIS

mais palhaço e despreocupado que possa parecer, ele sempre foi um cara sensato e conhece o irmão melhor do que eu. Se acha que dou conta, ok.

Parabéns pra mim.

Eu posso me virar sozinha, sempre me virei.

Sorrio para Lore e Dorothy decidida a tomar as rédeas da situação. Estamos no meu território, não do dele.

— Tudo bem, meninas. — Bato e seguro as mãos juntas sobre a bancada. — Não está acontecendo nada de mais. Max e Dante resolveram passar a noite aqui, porque são exagerados e superprotetores, só isso. A boate que fui vistoriar ontem foi roubada e levaram várias bolsas incluindo a minha — minto em tudo porque estava sem bolsa e guardei os documentos no sutiã. — Esbarramo-nos por acaso no meio da confusão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por sorte, eles também estavam lá, com alguns amigos. — Dou a deixa sobre a minha versão da história a ser mantida.

— Mas você está bem? — Dorothy pergunta ressabiada.

— Estou ótima, não pegaram todos os assaltantes, mas acharam a minha bolsa. — Tento uma meia-verdade. — Só um pouco de saco cheio com toda aquela baboseira de ter que ficar horas contra a minha vontade na delegacia para prestar depoimento. Investigadores podem ser bem grossos e irritantes quando querem. — Tomo fôlego enquanto estico o braço e bato na geladeira. — Tem bolinhos e sanduíches aqui.

Ninguém diz nada, só olham para a geladeira e assentem. *Perfeito*. Satisfeita, aponto para Dante.

— Você vem comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Dou a volta na ilha sem esperar resposta. Checo Gabriel e Mila que continuam dormindo, vou até o sofá, abaixo e pego o celular que caiu lá. Saio da cozinha em direção às escadas e subo direto para o quarto, com um Dante furioso no meu encalço.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

— **Quero você fora** da minha casa!

Digo assim que entro e Dante passa por mim. Fecho a porta e viro para ficarmos de frente.

O quarto ainda está em uma penumbra agradável, com delicados feixes de luzes escampando entre as frestas das venezianas... Dante parece mágico entre eles... Seus olhos queimam enquanto examina rapidamente ao redor e passa as mãos nos cabelos deixando-os despenteados.

Jesus, Maria e José!

Por mais irritada que esteja e, acreditem, eu estou! É difícil ficar indiferente quando todo o corpão incrível grita: *Olhe e veja como fico arrasadoramente lindo de mau humor!*

— Você concordou. — A voz, afiada como uma faca, arranca-me do torpor visual. —
PERIGOSAS ACHERON

Não pode voltar atrás.

Hã?

Não posso?

Miro em seus olhos e esfrego o rosto em busca de sanidade. Meu conceito de vigila era da porta para fora ou quando muito, um: acordou, vazou... não um acampamento de férias na minha cozinha.

— Eu concordei com vocês mantendo Scarface longe de mim — alego e meu coração começa a acelerar. — Não com isso, essa invasão generalizada. — Aponto o celular delineando o corpo musculoso dele, depois miro e jogo o aparelho, que pousa suavemente na cama. — O que deu em você? Parecia um louco lá embaixo. Não tem o direito de se meter nos meus negócios.

— Aquilo não era um negócio — rebate firme. — O babaca já forçou as coisas. Está com

ele? São um casal?

— Não! Eu disse que não! — soo indignada. *Por que ele ainda está com isso na cabeça?* — Grande porcaria se forçou ou não a barra, a vida é isso. As pessoas se cruzam... umas se dão bem, outras não, e bola pra frente.

— Ele já se deu bem com você?

Nem que a vaca tussa vou confessar que sim... Yuri já se deu bem comigo. Não do tipo superbem, quando os caras chegam a base três, gozam e tudo mais... Entretanto, confesso que depois de uma noite regada a champanhe em Paris... Ele ficou tão mais interessante e tão mais atraente que acabei dando uns amassos nele, sim.

Fiquei empolgada, me processem!

— E isso importa? — A pele do meu rosto esquenta pela mentira. — Não sou mais uma garotinha que precisa ser defendida de tudo. Não é

PERIGOSAS NACIONAIS

mais como quando vocês viviam às voltas para eu não me meter em confusão. Essa época passou, não volta mais. Não sei se percebeu, mas sou adulta... uma mulher!

— Sim, eu percebi. — Os azuis-índigo descem devagar conferindo o meu corpo.

Seu olhar é lascivo e tão sexy, que por instinto, puxo o casaco para me proteger. Odeio que me olhe assim, odeio estar com esse pijama e meias ridículas e odeio mais ainda, ficar afetada por ele.

— O que achou? — Dou um passo para trás e quase grudo na porta. — Que voltaria e tudo bem? Que subiríamos no telhado para ficarmos de papo-furado relembrando o passado, como velhos amigos? Foram quatro anos, caramba. Tempo demais... silêncio demais, somos dois estranhos agora.

PERIGOSAS ACHERON

Um microsuspiro me escapa quando ele chega mais perto.

Sou patética, eu sei.

Onde eu estava com a cabeça para uma conversa em particular? Não foi uma boa ideia, devia ter mandado um e-mail. Estou percebendo tarde demais, que só consigo lidar com Dante quando não estamos a sós, porque ele sozinho, sem distrações...

Minha Virgem Mãe!

A história é outra. Seu rosto, seu cheiro, seu corpo... me tiram o fôlego.

— Ainda somos eu e você.

Balanço a cabeça negando.

— Não, não somos... — Meu corpo é tomado por um bando de mariposas malucas rumando ao sul. — Aquela Beatrice ficou lá em Oxford quando fez a sua escolha e saiu por aquela

PERIGOSAS NACIONAIS

porta. Você também não é mais o mesmo, olhe para você!

Tão gostoso, que é capaz de eu ter um troço.

— Era a única escolha que eu tinha, porra!
— Puxa o ar. — Achei que era a certa, mas não funcionou... As coisas se tornaram ruins, muito ruins... Eu quero consertá-las... acredite. Só preciso de uma chance. — Olha-me totalmente perdido. — Sei o quanto deve ser fodido para você, mas pra mim não é diferente.

Esse olhar perdido é golpe baixo dos infernos. Fico confusa, não estou entendendo nada. Ele está falando do quê? De nós? Da nossa amizade?

Deus, não faça isso comigo!

— Não dá pra consertar o que não existe mais — sussurro grudando na porta e não tenho

PERIGOSAS ACHERON

mais para onde fugir.

— Diga isso por você, não por mim.

O quê?

— Está de brincadeira comigo, Dante? —
Quero sair correndo, mas está tão próximo que não consigo virar sem que nossos corpos se esbarrem.
— Isso é loucura!

— Então eu sou a porra de um louco! —
Espalma a mão na porta e meu corpo estremece. —
Pra mim não foi só um namorico sem importância...
temos uma história.

— Que acabou mal — murmuro sem
coragem de olhar para ele.

— Que ainda não acabou.

Minha cabeça levanta instintivamente.

— O qu...

Antes de eu terminar a palavra *quê*, Dante se move mais rápido do que seja humanamente
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possível. Em um segundo, um braço está ao redor das minhas costas. Surpreendida, espalmo as mãos no peito enorme, na tentativa de evitar que todas as nossas partes se juntem, mas fracasso. Uma mão enorme domina minha nuca, abro a boca para ofegar e protestar... ensaio uma reação, mas paro quando ele abaixa a cabeça e ataca com fúria os meus lábios, esmagando-me como um tigre.

Que macheza é essa, meu bom Deus?

A descoberta deste lado quase animal, faz meu coração acelerar, o corpo tremer e o sangue ferver. Resisto ao ataque voraz por um segundo, mas perco a razão e a guerra contra mim mesma, quando uma vontade incontrollável de beijar me domina.

Esqueço que sou eu, ele ou nós...

Desgraça, eu não presto!

Mando o bom senso pelos ares e contra-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ataco. Envolver os braços no pescoço viril, afastar nossas bocas, passar a língua em seu lábio inferior e morder duro, descontando a raiva e a frustração. Ele recua de repente. Sua respiração pesa e quando penso que vai me xingar ou desistir, abre um sorriso sacana que diz que gostou.

Estou perdida!

— Abusada do cacete! — Desfaz o rabo de cavalo e puxa forte o meu cabelo.

Que macho é esse?

Minha respiração fica mais descompassada e excitada.

— Boca suja irritante! — Meu olhar devora a boca delícia inchada e maliciosa.

— Não imagina o quanto! — ruge.

Impiedosamente, volta a me atacar com sua boca, língua e gosto. *Jesus!* Deixo escapar um gemido quando a minha língua encontra a dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agarro os cabelos macios enquanto segura a minha cintura... depois de um impulso, acabo com as costas pressionadas à porta e as pernas em torno dos quadris dele.

Delicio-me com a pressão do corpo imenso... é pesado, é bruto e é duro... Chupo a língua abusada com um prazer que não cabe em mim. A barba instiga a minha pele... *Jesus Amado, que isso dá um tesão.* Não consigo pensar em nada... se é certo, errado ou loucura... tudo que passa pela minha cabeça é que o gosto dele não mudou... é único... é bom... e me dá fome.

Um arrepio de reconhecimento de bocas percorre a minha espinha espalhando desejo e luxúria... Ele aperta minha bunda e desço as mãos Tateando os músculos das costas poderosas... me entrego. Sou possuída por seu cheiro e por seus toques possessivos, urgentes e um tanto selvagens.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aprecio a novidade, o Dante antigo era suave, parecia ter medo de me marcar... Esse novo não. É sedutor, esfomeado, vem com tudo... com força e eu gosto... Não sabia, mas gosto muito.

Como desesperados em busca de tudo... nós beijamos, chupamos, lambemos, ofegamos, gememos e queremos mais.

Tateio cada parte que alcanço dele em um esfrega-esfrega ensandecido querendo descontar em um beijo a saudade de anos. Gemo apreciativa... O corpo masculino sob meus dedos está tão diferente... mais rijo e cheio de músculos novos. Isso me atíça num nível perigoso de quase insanidade que nem ele já conseguiu. Minhas feminilidades pulsam, umedecem e meus quadris começam uma dança safada e involuntária... gemo mais e mais e mais com o vai e vem delicioso... pressiono o clitóris no baixo ventre e no cócs da

PERIGOSAS ACHERON

calça em busca de alívio.

Isso... que dureza gostosa.

Gemo, esfrego e devoro. Dante grunhe e interrompe o beijo. *Não para!* Com o corpo trêmulo e em chamas, afunda o nariz no meu pescoço e inala profundamente.

Sedenta por mais, dou espaço inclinando a cabeça para o lado. Se meu coração bater um ponto a mais, tenho certeza de que vou enfartar.

Meu Deus, ele não era tão espetacular assim.

Surpresa que voltou parecendo um bicho no cio, ofego com a boca entreaberta em busca de ar.

— Caralho, desde quando sua boca ficou tão gulosa? Está me enlouquecendo em todos os sentidos, Treas... — Lambe provando-me da base do pescoço até a orelha. — Gostosa... Virou uma

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher fascinante... — Chupa o lóbulo molinho e quando o morde, estremeço. — Não faz ideia de como me sinto. Tenho tanto tesão em você, que estou me segurando para não te jogar nessa cama e fazer todas as coisas impróprias e sacanas que venho sonhando. — A mão grande sobe e aperta meu seio dolorido. — Merda! Você é tão delicada... Quero te foder tão duro e sujo que tenho medo que possa te quebrar, Treas.

O quê?

Me quebrar?

Não... não... não!

Meu corpo retesa. O pensamento de nós dois na cama faz soar os meus alertas vermelhos. A consciência do que estou fazendo e com quem, cai como um tijolo na testa. Eu deveria estar botando limites nele, não perdendo todos os meus.

Dante afasta o rosto do meu pescoço e vira

PERIGOSAS ACHERON

a cabeça para me olhar. Seus lábios estão inchados dos beijos que trocamos.

— O que foi? — Os azuis-índigo estão nublados de desejo.

— Me... so-solta... — gaguejo. — Não posso... não podemos — confesso entre uma mistura de emoções: medo, confusão, raiva e desejo.

Ele balança a cabeça, afrouxa o domínio, mas não me solta. Há tanta intensidade em seus olhos magníficos, tanta vontade implícita neles que quase cedo, mas não posso. Libero as coxas do seu redor, deixo as pernas caírem sem que meus pés toquem o chão.

— Seu corpo e seus olhos estão me dizendo o contrário. Quer isso tanto quanto eu.

Maldição!

Respiro fundo e não me ajuda em nada

PERIGOSAS NACIONAIS

estar impregnada do cheiro estoura-meus-miolos dele. Abro e fecho a boca sem saber o que dizer... posso mentir, dizer que estou naqueles dias, mas não posso bancar a estúpida. Não com ele, que parece esperto e vivido demais para cair numa desculpa tão esfarrapada. *Deus!* Incomoda-me a ideia de feri-lo, mas apavora-me muito mais a possibilidade dele me quebrar de novo.

— Existe um abismo muito grande entre querer e dever... — Decido que a honestidade é a melhor política nessa hora. — Você está tão... tão... Deus! Está tão irresistivelmente lindo que me deixei levar... Não vou negar que existe essa atração filha da mãe que me atordoa, mas não é certo, nós dois não damos certo.

— Você está confusa.

— Estou pirando! — Arregalo tanto os olhos que sei que pareço mesmo uma maluca.

PERIGOSAS ACHERON

Os lábios dele curvam abrindo um sorriso... não qualquer um, mas *O Sorriso*^[53]. Um jamais visto, surpreendente e deslumbrante que me faz querer rasgar a roupa e implorar que faça aquelas coisas sujas comigo.

— Ok, posso esperar. — Beija a minha bochecha. — Vamos mais devagar. — Os braços possessivos me soltam.

O quê?

Essa mudança de humor súbita me confunde. Duas semanas de cara fechada e agora do nada, resolve bancar o feliz? Desconfiada, meus olhos estreitam para examiná-lo. Bem-humorado, ele dá um passo para trás.

Meus olhos recaem para o impressionante volume em sua virilha.

— Puta merda.

Xingo baixinho e mudo o foco quando

meus mamilos reagem e ficam duros. Sou uma mulher controlada, não vou fraquejar só por causa de um pau... que parece ser incrivelmente grande e delicioso, tudo bem, mas não deixa de ser só um pau.

Engulo a saliva ao olhar firme para o rosto satisfeito. Tento esconder o choque, mas não consigo parar de pensar no poder de penetração daquilo.

Deus!

Não vou negar que também estou excitada de um jeito que talvez nunca estive antes. Mesmo com ele, nossos poucos beijos do passado eram mais brandos e nunca atingiram um nível de excitação máxima como esse. Quando as coisas começavam a esquentar, Dante sempre recuava dizendo que ainda não era o momento.

Sentindo-me um pouco traída, por ter sido

privada de sensações tão boas, puxo e seguro o casaco sobre os seios.

O sorriso dele passa para presunçoso.

Não tem graça!

— Dá pra tirar esse sorriso irritante do rosto?! Eu não quero ir devagar — exaspero-me. — Quero que saia da minha casa e me deixe em paz. Sua presença me paralisa, não vou conseguir fazer nada com um tipo como você aqui dentro.

— Que tipo como eu? — A cicatriz levanta.

Controlo o ímpeto de olhar para a sua virilha novamente.

— Do tipo grande, armado e que centraliza as atenções... — Minha voz soa um pouco estridente. Respiro. — Viu Lore e Dorothy ao seu redor e de Max. Estamos exaustas, queremos férias, mas só vamos consegui-las se entregarmos alguns

eventos que restam. Preciso dela me ajudando, não suspirando pelos cantos. Aposto que lá no seu trabalho, não permite distrações.

— Tem suspirado por mim, Treas?

Mas será possível que ele não está me levando a sério?

— Não! — minto. — E pare de me chamar por esse apelido!

— Eu gosto dele... soa bem pra mim.

— Não soa não... não sou seu tesouro!

— É sim... sempre foi.

— Meu Deus! — Jogo as mãos para o alto.

— Você não ouviu uma palavra do que eu disse?

— Ouvi... está confusa, cansada, me acha irresistivelmente lindo, quer férias, ir devagar, entregar seus trabalhos e me quer fora daqui.

— Isso!

Minha cabeça diz sim... mesmo não
PERIGOSAS ACHERON

concordando com todos os itens de sua lista. Tudo bem... priorizo focando no principal: Dante fora daqui.

— Não vai rolar. — Sua boca comprime, irreduzível.

— O quê? — Mordo o lábio, contrariada.

— Posso até me manter da porta pra rua, mas não vou dar o fora... Não antes de encontrar Klaus.

— Então se esforce e procure... ficar aqui me enlouquecendo não vai trazê-lo até você.

— A coisa não funciona assim... Tenho outras formas, minhas fontes e gente vinte e quatro horas nisso. Minha prioridade é você... te proteger.

— Mas que droga! Para que tanta proteção? Nem a Rainha tem tudo isso. Que exagero! Está me sufocando, os gêmeos já estão lá fora. Não vou andar por aí, com seu exército atrás

de mim.

— Se eu achar que deve, vai sim.

Minha paciência chega ao limite. Abro a porta e começo a forçar seu corpo pesado para fora.

— Você é maluco! Cansei... chega! Some daqui!

— Preciso trocar seus curativos. — Olha para os meus pulsos.

— À merda com os curativos! — Forço mais e mais seu corpo para fora. — Se em cinco minutos não estiver fora daqui... eu mesma me entrego para Scarface!

* .. ♥ .. *

Aeroporto Internacional de Heathrow

Oeste de Londres

— Você não disse isso?

Lucca precisa inclinar o corpo e falar alto no meu ouvido para que eu o entenda. A mistura dos sons dos avisos de chegadas e partidas dos voos, da música ambiente, do vai e vem de pessoas conversando e arrastando as rodinhas das bagagens é ensurdecadora.

— Pode apostar que sim! — grito com certo orgulho.

Olho para o mar de gente no terminal cinco e ajeito-me na cadeira azul e desconfortável. Demos uma sorte danada em achar esses assentos na área de espera. O aeroporto é sempre caótico às sextas-feiras, final de tarde.

— E ele?

Giro a cabeça, para responder ao Lucca, e abro um sorrisinho satisfeito.

— Não gostou muito. — Pisco. — Principalmente, na hora em que bati a porta nas

fuças dele, mas foi embora.

Lucca assente e fica pensativo.

Entediada, ajeito as mangas do casaquinho vermelho que uso. Até agora estou tendo sucesso em esconder os curativos. As marcas nos meus pulsos não estão tão fortes. Acredito que mais alguns dias passando pomada e com uma boa camada de corretivo, ninguém vai percebê-las.

Observo os gêmeos, Bob e Dylan, que estão de pé a cinco metros da gente. Sinto um pouco de pena da expressão tediosa de ambos. Passar horas em frente de casa, bancar o motorista e vigiar um aeroporto deve ser um saco. Se eu entrasse nessas de segurança, esperaria um pouco mais de adrenalina e ação do que isso.

Eu queria vir de metrô. Fui sincera. Disse para esquecerem a baboseira de ficar me seguindo por aí, mas minha sugestão para descumprirem a

PERIGOSAS NACIONAIS

uma ordem os deixou bastante irritados. Não foi muito legal quando me obrigaram a entrar no carro ameaçando ligar para o Capitão.

Sei lá, se é por honra, gratidão ou simplesmente a postura intimidante, mas uma coisa é certa, todos respeitam e são fiéis ao Capitão Dante. É impressionante, até a vaca da Donatela parece ter medo dele. Já tinha notado essa obediência insana quando aqueles homens deixaram a sala de interrogatório sem questionar suas ordens. Acho que é por isso que os gêmeos quase não abrem a boca. Tive que ralar para arrancar alguma coisa deles... Revelar que têm vinte e cinco, que trabalham com os Stoirm há um ano e que a mãe é fanática por Rock foi um pequeno milagre.

Ressabiado, Lucca olha dos gêmeos para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cacete, é muito segurança pra pouco crime. — Estica as pernas e reparo nos coturnos que está usando.

Se não fosse pela camisa xadrez vermelha e preta, amarrada na cintura, ele bem que poderia se juntar aos gêmeos. Os três estão de jeans e camisetas justas e pretas.

— Pois é, também acho — desconverso e ajeito uns fios soltos do meu coque desleixado.

— Tem certeza de que o lance da boate foi aquele mesmo?

— Claro, Dante que é um exagerado com esse troço de proteção. — Minha bochecha cora só de pensar nele. — Tinha mais de trezentas pessoas lá. Tudo bem que fui um pouco difícil e disse algumas verdades que podem ter irritado os bandidos, mas teve gente que fez coisa muito pior, duvido que lembrem ou venham atrás de mim pra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tirar satisfações por causa de meia dúzia de desaforos.

Contei a minha versão dos fatos para Lucca. Apesar dele ser anos-luz mais relaxado do que Dante, sei que também não aprovaria a missão Klaus. Já foi duro fazer com que Lore e Dorothy parassem de tagarelar sobre o quanto Dante e Max eram perfeitos, que o cuidado deles comigo era lindo e que foi inconcebível eu tê-los expulsado daquele jeito.

Ah... me poupem!

Sinceramente, já estou bastante surtada com o beijo... não consigo parar de pensar na boca safada um só segundo. A coisa do foder tão duro e sujo me consome e o meu corpo traidor arrepiava toda vez que lembra de como foi bom ficar soterrado por aquela força da natureza. Outro sermão sobre o quanto sou impulsiva e imprudente só aumentaria a

PERIGOSAS ACHERON

minha agonia.

— Talvez o cara só esteja usando o assalto como desculpa pra ficar perto. Você é marcante, Trice. Te esquecer não é fácil — Lucca divaga e me surpreendo com o comentário. *De onde tirou essa de que sou marcante?* — Parou pra pensar que ele ainda possa ter sentimentos por você?

Hã?

Olho boquiaberta para Lucca enquanto meus pensamentos voam e meus pelos arrepiam.

— *Tenho tanto tesão em você, que estou me segurando para não te jogar nessa cama e fazer todas as coisas impróprias e sacanas que venho sonhando.*

Balanço a cabeça de um lado para o outro, para contradizer Lucca e afastar a voz poderosa e profunda que me persegue.

— Nossa, nada a ver! De onde tirou um

absurdo desses? Credo! — Fico exaltada e com medo de que desconfie que esteja escondendo algo. Não quis falar do beijo e assumir minha fraqueza. — Sentimentos de ódio, só se forem. O cretino tem sido um pé no saco desde que nos reencontramos. É me ver e fechar a cara.

Um arrepio inesperado passa pela minha coluna quando *O Sorriso* volta a me perturbar.

Estremeço.

O rosto lindo de Lucca esboça uma carranca do tipo que diz que minha reação exagerada não o convenceu.

Dane-se, ele que pense o que quiser.

Levanto e vou checar o painel de voos.

— O avião dela acabou de pousar — aviso e saio andando.

Caminho apressada entre a multidão enquanto endireito a alça da bolsa e refaço o laço

do vestido envelope amarelo com minicerejas estampadas nele. O decote é um pouco ousado, mas depois do fiasco dos unicórnios, eu precisava de algo um pouquinho mais mulher. Penso nos saltos vermelhos e modernos que estou usando e sorrio, pois são mil vezes mais sexies do que as meias listradas de hoje cedo.

Paro em frente à porta de vidro de desembarque. Um gigantesco Thor olha feio para mim. *Nossa, como é gato!* Reexamino a foto estampada no vidro e lembro do Homem-Aranha de pelúcia que Gabriel vive arrastando pela casa... faz tempo que não os levo ao cinema. Acho que ele e Mila vão adorar *Os Vingadores*.

A porta abre e um grupo de pessoas felizes e outras nem tanto, saem empurrando carrinhos com bagagens. Estico-me tentando enxergar Chloé e nada. Lucca se põe ao meu lado e os gêmeos um

pouco mais atrás. Fico impaciente depois da terceira vez que a porta abre e fecha. Estou com saudades daquela bandida e ansiosa para contar tudo a ela.

A porta abre outra vez... Dois ursos polares^[54] enormes, vestindo bonés com o símbolo do Canadá e óculos escuros, saem a toda velocidade, sentados, lado a lado, em um carrinho de bagagens. Atônitas, as pessoas dispersam formando uma clareira ao nosso redor. Dou risada. O carrinho derrapa, para e uma morena deslumbrante pula sobre mim.

— Ai, meu Deus! — ela berra em seu jeito Chloé de ser. — Não via a hora de chegar. Que saudades!

Gritamos, pulamos e nos abraçamos como duas amigas que não se veem há séculos fariam. Em seguida, faz o mesmo com Lucca antes de

enfiar nos braços dele um dos ursos. As lembranças da viagem de Chloé são sempre as melhores. Gabriel vai amar o novo amigo de pelúcia.

Ao deixarmos o aeroporto, finalmente Chloé nota a presença dos gêmeos quando entramos em um pequeno embate sobre a escolta. Meus sombras não ficaram muito felizes quando enfiei os ursos no banco de trás do SUV e avisei que estava indo com Chloé e Lucca para o Soho.

— Negativo. — Bob cruza os braços sobre o peito. — O Capitão não vai gostar. Já ficou puto quando soube que estávamos no aeroporto.

O quê?

Sinto vontade de dar um tapa na cara dele, mas me contenho. Quem merece apanhar é o babaca do chefe dele, não ele.

— Não sei se perceberam, mas hoje é sexta, dia de encher a cara. — Coloco a mão na

cintura. — Não vou voltar pra casa. Vou para o pub do Lucca comemorar a volta da minha amiga.

— Não acho uma boa ideia — Dylan, que parece o mais político dos irmãos, diz com suavidade. — O Capitão não vai ficar feliz, nos deu ordens expressas de levá-la pra casa.

— Grande novidade Dante bravo! — rebato. — Tô me lixando, ele não manda em mim. — Sinto o rosto ferver.

O corpo de Chloé tensiona e seu rosto franze ao desviar o olhar dos loiros para mim.

— Qual Dante? — Os castanhos arregalam. — O nosso Dante? O Stoirm?

— O próprio — assinto e pressiono os lábios sem conseguir esconder a decepção. — Juro que depois conto tudo.

Chloé começa a pular e balançar as mãos, busco por Lucca que está mais ao fundo colocando

as bagagens no porta-malas.

Gemo frustrada, mas não recrimino a reação escandalosa da minha amiga. Se fosse ela, também estaria em choque. Eu pronunciar o nome Dante contraria toda a lógica dos últimos quatro anos: a bomba do século.

— Puta que pariu! Que babado louco foi esse que eu perdi? — ela berra e junta as mãos implorando. — Como pôde me esconder um troço desses? — pergunta para mim. Abro e fecho a boca, mas não respondo. Inconformada, fuzila Lucca, que está voltando. — Sabia disso, seu traidor?

— Sabia.

— O que é isso? Um complô? — Uma carranca se direciona a nós dois.

— Não! — Desespero-me.

Meu coração aperta. Sinto-me mal, a

última coisa que eu queria era decepcioná-la. Lucca se aproxima e sussurra algo para Chloé, pega na mão dela e a arrasta, com certa dificuldade, em direção ao carro dele. Acompanho apreensiva quando a abraça e começa a falar baixinho. Provavelmente, passando a ficha de tudo o que acha que aconteceu comigo.

Droga!

Um remorso por estar mentindo para o meu melhor amigo, mistura-se à raiva.

Olho feio para Bob, que tira o celular do bolso de trás.

Pau-mandado!

— Satisfeito? Minha amiga está chateada comigo por sua causa — acuso mesmo que não tenha culpa e ele se mantém impassível. — Não estou acreditando que já vai fazer fofoca? — Revolto-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso relatar tudo — Bob explica calmamente e aperta um botão de discagem direta. — São ordens expressas do Capitão.

Tento respirar fundo para me acalmar, mas não consigo.

— Hum-hum... sei... — Balanço a cabeça dando uma risada curta e seca. — Ok, aproveite e relate também que estou mandando que ele enfie as ordens expressas dele no rabo!



Aproveitei o trajeto, do aeroporto ao Soho, para atualizar Chloé sobre tudo e convencê-la de que não teria cabimento contar por telefone e correr o risco de estragar a viagem dela.

Tentei me segurar na emoção e narrei com todos os detalhes, os meus dois primeiros encontros com Dante e resumi a boate na versão Lucca. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assunto Klaus pairou pesadamente entre nós duas, mas como Chloé nunca contou nada sobre ele para Lucca, não tocamos no assunto.

Entramos escoltados pelos gêmeos, cumprimentamos rapidamente uns poucos conhecidos e subimos com Lucca para deixar as bagagens. Chloé tem ficado com ele no loft que mantém em cima do bar, enquanto ela está reformando o apartamento que acabou de comprar, também no Soho. Quando Lucca desceu, nós duas nos trancamos no banheiro com a desculpa de que Chloé precisava se trocar e eu retocar a maquiagem.

Primeiro, ela ficou totalmente chocada e puta com Klaus quando mostrei as fotos que tirei dele na boate. Natural, o cara é realmente um bosta. Depois, brigou comigo por tê-la deixado de fora e escondido dos Stoirm que a tal cliente era ela.

PERIGOSAS ACHERON

Discutimos feio.

Argumentei, por mais de vinte minutos, que seria idiotice da nossa parte contar tudo para Dante agora. Tudo bem que deixei meu otimismo falar mais alto quando amenizei as coisas, omiti a parte dos tiros e da possível vingança de Scarface, disse que não havia perigo e que toda essa coisa de segurança não passava de exagero.

Ela finalmente entendeu o meu silêncio quando falei dos contratos de trabalho que assinou e lembrei-a sobre as cláusulas terríveis para escândalos ou abalos na imagem. Bati o pé que não valia a pena correr o risco e pôr tudo a perder por causa de um idiota trapaceiro e mulherengo.

Quando saímos do apartamento e descemos, o pub já era outro lugar... O salão com um estilo de porão jazzista underground estava barulhento e caótico. As mesas mais ao centro,

PERIGOSAS NACIONAIS

altas e redondas, e suas banquetas, sumiram entre o mar de gente conversando e bebendo. As cabines para seis pessoas, que circundam às paredes, todas ocupadas.

Amém.

O Wild Hart, com suas luminárias estilosas nas paredes de tijolos aparentes, fotografias clássicas dos mitos do jazz, instrumentos de sopros espalhados entre elas e um charmoso palco, caiu mesmo nas graças da elite jovem e descolada de Londres.



Seguida por Chloé, faço um exercício de quadris para desviar das pessoas e chegar até o balcão de madeira de demolição, onde Lucca está enlouquecido ajudando com os *drinks*. Mesmo munido de um bom número de funcionários entre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

garçons, bartenders e o pessoal da cozinha, ele tem que trabalhar... Não dá simplesmente para jogar tudo nas mãos do pessoal e curtir a noite. Pelo menos, não em uma sexta-feira agitada como essa.

Encontramos uma brecha e apoiamos no balcão. Logo de cara, pedimos duas margaritas de frutas vermelhas. Meu celular vibra sobre o balcão, olho... *Lorde V*. Não atendo e praguejo. Deveria ter pensado e dito que ligações eram proibidas. Busco em volta e cruzo o olhar com os gêmeos, que estão de pé no canto oposto ao meu no balcão.

Dedos-duros dos infernos!

As bebidas chegam e dou um gole tão grande que quase engasgo.

Chloé vira a dela de uma vez.

— Me segura, que hoje eu tô puta. — Bate a taça na madeira.

— Ferrou, porque também estou.

PERIGOSAS ACHERON

— Se pego Klaus, acabo com a raça dele.

Assinto com vontade.

— Também estou louca para dar uns cascudos naquele trapaceiro. Primeiro por te fazer de besta e depois, porque é o culpado por eu estar nessa enrascada com Dante.

Viro o restante da bebida e peço outra rodada.

— Tivemos tanto trabalho para nada. — Chloé franze o rosto apontando o quanto está contrariada. — Acredita que o Pirralho me subornou?

Acredito.

Por mais que se impliquem, Romeo sempre foi puxa-saco de Dante e de Max.

— Falei que ficar perguntando as coisas para o Romeo era furada. — Pego as taças cheias que o *barman* entrega. Deixo uma comigo e dou a

outra para ela. — Aqueles três são unha e carne.

— Não estou acreditando! — Os olhos castanhos reviram. — Dei dois VIPs do meu desfile em troca daquela informação dos convites do casamento. Que merda! Quero bater no Pirralho também, o idiota sabia o tempo todo que Dante estava aqui e não me contou. Aposto que ficou rindo à minha custa enquanto babava nas modelos de lingerie. Tem certeza de que estão trabalhando juntos?

— Lógico! — Dou um gole. — Eu vi.

— RH? — pergunta e sei que também não caiu nessa.

— Ridículo, né?

Chloé revira os olhos e franze o rosto de um jeito engraçado que diz: *Muito ridículo. Quem acreditaria nisso?*

Respondo com uma expressão: *E não, é?*

— Onde fica? — Sua curiosidade aguça.

— Westminster com certeza, mas o lugar exato, não sei — explico, noto sua decepção e dou um gole para amenizar a minha. — Cheguei lá apagada e fiquei naquela porcaria de sala almofadada e sem janelas... Saímos pelo subsolo. O troço parecia a caverna do Batman... pegamos um túnel curto e entramos em uma garagem... a coisa se mexeu e subiu. Quando a porta abriu, vi que era aquele estacionamento^[55]... o automatizado, onde os carros sobem e descem sozinhos pelos elevadores até garagens privativas... o novo, perto do Parlamento.

— Que estranho.

— Pois é... muito. — Franzo a boca concordando.

— A coisa da consultoria de segurança até faz sentido. Eles sempre foram muito certinhos

para estarem metidos no crime.

— Sei lá, mas se estiverem... Anthony vai ter um enfarto. Foi meio assustador. — Reviro os olhos já um pouco tonta.

— Assustador foi saber que se beijaram — diz isso de um jeito esquisito, não sei se aprova ou desaprova. — Ainda não estou acreditando!

Balanço a cabeça já sentindo os efeitos da bebida. Deve ser complicado para Chloé absorver a situação, ela mais do que ninguém teve que aturar os meus discursos feministas sobre nunca recair no mesmo erro.

— Nem eu... fui fraca... deixei-me levar — grunho derrotada. — Caramba, não é justo! Ele podia ter voltado careca e barrigudo, mas não... — interrompo a frase e respiro. É contraditório e constrangedor sentir tesão por ele. — Te juro... não vai acreditar... parece até mutação genética — digo

com convicção.

Chloé segura o riso, o tom rosado nas bochechas denuncia sua embriaguez.

— Impossível alguém mudar tanto.

— Tô dizendo que mudou... — Termino a segunda taça. — Não foi só fisicamente. Aquele Dante legal e certinho já era. Ele está todo rude e mandão, parece um homem das cavernas... Irritante pra caramba e se achando o fodão. O pior que todo mundo o trata como se fosse mesmo.

— É... não queria estar na sua pele. — Chloé vira a taça e deixa cair a última gota na boca. — Se eu fosse você, estaria surtando.

— Estou surtando — confesso logo, porque está escrito nos meus olhos. — Preciso me livrar dele o quanto antes.

— Vai ser difícil com Klaus sumido. — Pede outra rodada. — Duvido que ele se entregue,

eu não me entregaria.

— O pior que Lucca me disse um troço que não sai da minha cabeça. Ele acha que Dante pode estar usando isso para se aproximar. E se ele nem estiver procurando por Klaus?

Chloé fica pensativa enquanto me avalia.

— Você quer mesmo se livrar dele?

Meu olhar flutua para os gêmeos, que continuam de braços cruzados e atentos a mim. Viro o celular e vejo que há mais três ligações do *Lord V*.

— É o que eu mais quero.

As sobrancelhas delineadas erguem e os olhos castanhos piscam como uma lâmpada.

— Então... o único jeito é a gente achar o idiota do Klaus. Primeiro, eu acabo com a raça dele; depois, a gente dá ele de bandeja para Dante. Tem certeza de que não falou do tal Clube

Flamingos?

— Tenho... Dante me deixou tão nervosa naquele interrogatório que esqueci disso aí.

— Nossa! Isso é sexy! — berra.

— O quê? — Olho para os lados.

— Ser interrogada por um gostoso mal-encarado. Estou louca pra conferir o abdômen trincado dele. — A tarada morde os lábios. — Com todo respeito, claro. — Pisca.

Minhas partes sensíveis pulsam só de lembrar toda a abundância masculina que ele é.

Não... não... não!

Eu não quero lambar cada um daqueles gominhos de músculos!

Não quero!

Ofego e me abano por impulso.

— Pelo amor de Deus, Chloé! — Dou um tapa em seu braço. — Você é uma amiga péssima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso desencanar dele, não ficar mais obcecada!

A descarada gargalha.

— Ai, ai... tá bom... deixa que eu resolvo!

— Chloé parece tão convicta que uma ponta de esperança surge em mim. — Tenho alguns amigos que conhecem uns caras que sabem das coisas... vou descobrir onde fica o Flamingos. Talvez alguém de lá nos diga onde o cretino está.

Assinto com fervor e respiro aliviada.

O movimento das luzes vindas do palco chama a nossa atenção. Três rapazes sobem e soltam um caloroso olá. Reconheço o grupo que já estive tocando aqui outras vezes. Novinhos de tudo, fazem um som recheado de baladinhas românticas.

Mais aliviada, por ter me aberto com Chloé e feliz pela possível solução dos meus problemas, não me importo quando ela me puxa em

PERIGOSAS ACHERON

direção de um grupo de amigos. Minha cabeça gira sob o efeito dos três *drinks*... Bom, o objetivo era esse: relaxar. Consegui.

Parabéns para mim.

Fico espremida entre as pessoas enquanto Chloé conversa animadamente com o grupo. Ela fala... fala... fala sobre o Canadá e a minha cabeça gira... gira... gira... A banda começa em uma batida mais animada e sigo o fluxo começando a dançar. A coisa toda fica tão contagiante que, quando dou por mim, eu e Chloé estamos dançando no meio de todos e rindo muito. Mais pessoas se juntam e é catártico... Fecho os olhos e levanto os braços deixando todas as preocupações irem embora.

A música vibra fora e dentro da minha cabeça... Pulo, danço, rebolo, canto e me esquivo de algumas cantadas... não necessariamente nessa ordem, só paro quando uma vontade insuportável

PERIGOSAS NACIONAIS

de fazer xixi vem. Penso nas possibilidades e decido que é muito mais rápido ir ao banheiro do bar do que subir para o loft. Aviso Chloé e depois me embrenho entre as pessoas... Espero um pouco na fila, mas não sofro muito até conseguir o alívio.

Olho-me no espelho enquanto lavo as mãos... Estou um pouco descabelada e vermelha. Tento ajeitar os fios o melhor que posso e dou risada quando percebo que duas de mim sorriem ligeiramente fora de foco.

Eita... pelo menos, não são três.

Quando meu estômago chia, decido que preciso de água... muitos litros, aliás. *Deus!* Estou desacostumada... A ressaca de outro dia, agora três *drinks* quase me derrubam... Devo estar trabalhando demais, bebendo de menos ou ficando velha!

Que horror!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Chego ao balcão, Lucca me vê e não preciso nem pedir. Ele aproxima-se sorrindo e me entrega uma garrafinha.

— Tudo bem?

— Rodando, mas sob controle — respondo na melhor cara sóbria que consigo, abro a garrafinha e dou uns goles. — Loucura, hein? — Aponto para o corre-corre atrás do balcão.

— Nem me fala, vai ser assim até o toque da última rodada de *drinks*.

Faço um bico achando graça da carinha de cansado dele.

— Achando ruim? — Afasto uma mecha de sua testa.

— Nem um pouco, só queria um respiro para curtir com vocês. Estava linda ali na pista. — Sorri doce como sempre faz. — Só cuidado com os predadores, os caras estavam te comendo com os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos enquanto dançava — pede com ar preocupado.

Sorrio achando um exagero, certamente os olhares não eram para mim, espio Chloé que continua dançando.

— Tô falando sério. — Os olhos dourados fixam nos meus. — Já te disse o quanto é sensual quando dança?

— Mais de um milhão de vezes. — Sorrio também doce.

O *barman* chama Lucca e pede ajuda com uns pedidos. O rosto dele franze irritado.

— Preciso ir.

— Relaxa, sei me cuidar. — Aperto a bochecha dele.

Lucca sorri e beija a minha testa antes de sair apressado para acudir ao *barman*.

Decido voltar para a pista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Dante

Controle... controle... controle...

Com os punhos cerrados sobre o granito escuro, repito mentalmente meu mantra.

Abaixo o volume do computador, que mantenho sobre o balcão, quando vejo Romeo levantar do sofá e ir até a prateleira onde guardo as bebidas.

A música irritante dá lugar a uma calma agradável e, no mesmo instante, percebo como o meu mundo é diferente do mundo de Beatrice. O meu é muito mais silencioso e monocromático. Nada comparado com aquela agitação colorida que é a casa dela. Posso me trancar aqui por dias sem que eu veja ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois da Irlanda voltar a ficar com meus pais estava fora de cogitação... Como precisava de um lugar em Londres e meus irmão de uma sede, me pareceu uma ótima solução juntar o útil ao agradável e comprar algo discreto e acima de quaisquer suspeitas para as operações da consultoria deles e minhas missões pela Coroa.

Com a ajuda de Max, encontrei um ponto de localização perfeita em Westminster. Atrás dos parques St. James's e Green Park, próximo ao palácio de Buckingham e a poucas quadras do Parlamento.

As proprietárias estavam em sérias dificuldades financeiras e precisavam vender rápido. Quando descobri quem eram e que não teriam para onde ir após a venda, meu lado cristão falou mais alto... Propus um acordo que favorecesse ambas as partes.

PERIGOSAS ACHERON

Melhor impossível.

Agora, elas são nossas inquilinas e dividem parte das instalações conosco. O velho galpão onde estou era subutilizado como centro esportivo. A construção centenária de dimensões retangulares e generosas, não possui divisórias, tem amplas janelas e portas de vidro com vista para o jardim. A cozinha é aberta. Há um mezanino cercado por barras de ferro desgastadas que transformei em escritório.

Nada além de um sofá, uma cama king size, TV e alguns poucos móveis e prateleiras decoram o lugar. Tudo rústico, sem frescuras, mas bastante confortável e funcional.

Estou mais do que satisfeito e realmente aprecio a calma da minha casa londrina, que fica a uns bons metros da construção principal e atrás de uma cerca coberta por vegetação densa... Distante e

PERIGOSAS NACIONAIS

perfeitamente camuflada, o que me confere privacidade total e me poupa tempo.

É bom estar perto da cidade e do centro de operações e treinamento que mantemos aqui.

* .. ♥ .. *

— Tudo bem, *Fella*?

Romeo volta com dois copos e uma garrafa de *whisky*.

Viro, de uma vez, a dose que me entrega.

— Tranquilo — respondo camuflando as emoções.

Uma série de coisas está fazendo meu sangue ferver, a mais nova delas é: *Ela mandou o senhor enfiar as ordens expressas no rabo, Capitão.*

Romeo puxa uma das banquetas do balcão, que separa as demais áreas e a cozinha, e faz as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes de mesa de refeições. Mantenho-me de pé de frente para ele... protegido pela camada de concreto da mureta que nos separa. Volto a encarar o computador.

— Pensei que você fosse totalmente contra invasão de privacidade. — Romeo olha contrariado para a tela que mostra as imagens de várias câmeras.

Puxo uma respiração lenta e calmante.

— Agora é diferente.

Estou por um triz e ter os olhos sobre Beatrice, mesmo que remotamente, é a única coisa que pode aplacar um pouco da minha tensão.

— Não sei se foi uma boa ideia ter invadido o sistema de segurança do pub. Ficar acompanhando a distância é pior. Acho melhor irmos logo pra lá e arrastar Beatrice pra casa — Romeo sugere. — As meninas estão muito loucas.

PERIGOSAS ACHERON

Chloé está muito louca. Beatrice, só alegrinha. Constató o óbvio, mas não o corrijo.

— Não... — Mantenho a voz calma e os punhos cerrados. — Os gêmeos estão lá dando cobertura.

Romeo olha para mim como se eu fosse um E.T.. Na certa, chocado com o comportamento passivo, que vai contra tudo o que sinto e sou. *Dane-se!* Estou resoluto a não invadir o espaço de Beatrice, pelo menos, não por hoje. Se ela quer se divertir, que o faça... não serei eu, o estraga-prazeres a lhe tirar isso.

— Tem certeza?

— Absoluta — afirmo mantendo a expressão impassível.

Romeo se cala. Sabe que não adianta me contrariar. Ignoro-o e com olhos atentos, acompanho, pelo computador, Beatrice sair do bar,

onde conversava com o cozinheiro metido a perfeito, e voltar para a pista.

Cacete.

Seguro minha possessividade e controlo a natureza dominadora que habita em mim. É foda! Tornei-me muito mais atento e controlador depois de toda a merda que aconteceu no Sudão. Sinto-me responsável, não adianta.

Tentei mudar, não consegui... Já fiz todas as terapias do planeta, li centenas de livros de autoajuda e mesmo que meus amigos digam que as coisas não são bem assim... que cada um é responsável por suas escolhas e consequências... a minha alma, aqui dentro, grita:

Fique atento e não baixe a guarda!

É louco... eu sei, mas é mais forte do que eu.

Angustiado para ir até ela, esfrego a barba.

PERIGOSAS NACIONAIS

Beatrice ri de alguma coisa que Chloé fala e seu rosto fica ainda mais bonito. Mordo o canto interno da boca... O vestido amarelo que usa destaca as curvas deliciosas e aumenta a minha vontade de devorá-la... Falei sério sobre todas aquelas coisas sujas e rudes que pretendo fazer.

Porra!

Como não virar um tarado?

Miro no decote e... *Caralho!* Seus peitos ficam ainda mais incríveis nele. Minha boca saliva imaginando o tesão que será chupá-los.

— Cara, você está ficando vermelho... melhor irmos antes que tenha um AVC — insiste, Romeo.

Chacoalho a cabeça forçando-me a sair dos meus devaneios eróticos.

— Não — rosno. — Já circulei demais.

— O que fez ontem foi imprudente! —

PERIGOSAS ACHERON

Romeo me repreende com razão.

— Eu sei — admito pressionando os lábios.

Ligar a minha imagem a tipos como os de Guy, era a última coisa insensata que eu deveria estar fazendo.

Foda-se!

Agi por impulso. Agora já era.

Já me expus e sei que posso ter colocado uma mira errada na minha testa, mas não me importo. Foi preciso, foi por ela... Scar é um cara esperto, a boate tem registro digital de todos que entram... chegar até a verdadeira identidade de Beatrice é sopa no mel... Então dei um passo à frente, assim que a deixei segura com Max, circulei por aí, até cruzar com alguns conhecidos dos Loyd e mandar o meu recado: um fio de cabelo de Beatrice fora do lugar e irei até o inferno para caçar

PERIGOSAS NACIONAIS

quem quer que seja.

Não me arrependo... Minha Treas está segura, pelo menos por enquanto.

Ela é ingênua e acredita que não precisa de mim, pelo menos, não do jeito que eu quero que ela precise. Foi um soco no estômago ver os carinhos que trocou com o porra do cozinheiro e um teste para o meu autocontrole assisti-la dançar, rodeada por um bando de bostas, sem poder fazer nada.

Beatrice volta a dançar.

Gostosa pra cacete!

Meu queixo endurece quando todo o meu corpo vibra e se conecta ao dela. Assisto a figura delicada ir e vir e imagino como seria uma foda lenta... Ajeito o pau dolorido. *Maldição!* Ela não tem noção do quanto é deliciosa e sensual. Minha vontade é ir até aquele pub, colocá-la nos ombros e foda-se!

PERIGOSAS ACHERON

Controle-se, caralho!

Ela está confusa! Não a afugente mais!

Puxo o ar entre os dentes, num esforço sobre-humano, para me manter calmo. Romeo oferece mais *whisky*... Digo não com um rosnado abafado e aproveito a barreira de proteção do balcão para tentar ajustar meu pau por cima do moletom e camuflar a ereção monstro que está me pondo maluco.

Maldição!

Esfrego o rosto.

Aquele beijo me deixou ligado demais. Estou me sentindo um Neandertal e mais álcool só vai foder aflorar a selvageria que abita em mim. Bancar o troglodita com Beatrice só vai piorar tudo. Estou fodido.

E virando a porra de um possessivo do caralho!

Loucura, eu sei. Nada está acontecendo como esperava. Idealizei uma Beatrice que não existe mais... Nos tornamos opostos, nunca vi uma pessoa tão teimosa e propensa a se meter em encrenca. Com certeza, não preciso de uma mulher bagunçando a minha vida e nem de distrações. Partir para reconquistá-la é tudo o que eu não devo fazer e quase uma missão suicida... talvez eu devess...

Que merda é essa?

Porra! Porra! Porra!

— Quem é o cara? — Romeo examina o loiro com aparência relaxada que aborda Beatrice.

— Um babaca que estava com ela lá no parque.

Beatrice sorri sem vontade e se esquivava do beijo no rosto. Apesar de gostar de sua postura evasiva, respirou fundo enquanto minhas mãos vão

PERIGOSAS NACIONAIS

parar nos cabelos. Puxo os fios e avalio a situação. Odeio ver um cara tão próximo dela... Uma sensação de sufocamento e peso no peito começam... acho que é angústia. Nunca senti um troço assim tão violento. Aperto a bancada para conter a vontade de partir o bostinha ao meio...

Não me interessa que ele não é páreo para mim... não o quero ali e pronto.

Cacete!

Esfrego o rosto e não quero ver mais nada.

O que está acontecendo comigo?

Fecho abruptamente o computador. Puxo o ar várias vezes... não vou bancar o moleque. Fui claro sobre querê-la e o que aconteceu entre nós foi real e intenso... Tão forte que, de repente, comecei a reconsiderar que as fudas que já achei do caralho não chegaram aos pés dos beijos que troquei com Beatrice hoje à tarde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi bom... sensacional, na verdade.

Angustiado passo a mão no peito. O ciúme é algo novo e amargo... *Pra que isso?* Sempre confiei no meu taco... e posso apostar que ela está tão ligada quanto eu. Não posso estar errado e aquilo não foi só um deslize ou alguma obsessão perigosa.

Ela me quer... sei disso.

O caralho que irei atrás de Beatrice para disputar território com aquele merda... *Não! De jeito nenhum! Não vai rolar!* Se ela pode bancar a difícil... ok. Também posso.

Decidido, caminho até o sofá e pego os tênis que larguei lá. Godzilla percebe a movimentação e fica agitado com a possibilidade de um passeio.

— Logo mais, amigo. — Acaricio a cabeça gigante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer que eu pegue as chaves do carro?

— Romeo balança o copo misturando o resto de sua bebida ao gelo.

— Não. — Sento e calço os tênis. — Mc e Trent estão por aí?

Sua sobrancelha levanta.

— Acabaram de chegar e estão com Max, no alojamento... Vai levá-los?

— Avise que quero todos na sala de treino.

Romeo engasga com o último gole de *whisky*.

— Hã... em vez de ir buscar Trice, vai fazer exercícios?

— Vou... Preciso praticar uns golpes.

Romeo me olha como se eu fosse um E.T., pela segunda vez na noite.

— Golpes? — Inclina a cabeça e a testa enrugada em confusão. — Quais golpes?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Todos... a porra da sequência toda.

Alcanço as faixas de proteção, que larguei sobre o sofá, e começo a enrolá-la nas mãos.

— Tá maluco? — Os olhos azuis de Romeo crescem dois pontos.

— Maluco vou ficar se não socar alguém e limpar minha mente dessa bosta toda.

— Isso não é justo! — Bate o copo sobre o balcão. — Trice te deixa puto e a gente que paga o pato?

Pego o celular e digito uma mensagem para os gêmeos:

Babaca loiro, camiseta vermelha e touca verde.

Um susto e botar pra correr.

— Pare de chorar. — Sorrio satisfeito por ter dado o comando aos gêmeos.

PERIGOSAS ACHERON

Romeo mostra o dedo do meio. Seguro firme seu pescoço e o arrasto para fora.



Beatrice

Do banheiro, vejo Chloé acordando. Ela revira na minha cama, provavelmente sem saber onde está.

Jesus, ela está um trapo!

Termino de passar um corretivo reforçado e à prova d'água nos pulsos. É fascinante como essas coisinhas quebram um galho, as marcas das algemas ficam imperceptíveis.

Alcanço duas aspirinas, despejo o conteúdo de um saquinho de antiácido num copo e encho d'água. No final da noite, a euforia de Chloé evaporou... xingou Klaus até não poder mais e não

PERIGOSAS NACIONAIS

gostou nadinha que Lucca resolveu sair com uma ruiva que apareceu por lá. Ela não queria passar sua primeira noite de volta a Londres bêbada, deprimida e sozinha, então a trouxe a tiracolo para casa.

Entro no quarto ostentando o sorriso de quem parou nos três *drinks*, dançou feito uma louca e acordou sem ressaca.

— Bom dia, moça bonita. — Sento ao seu lado, na beirada da cama. — Beba isso com isso, vai te fazer melhor.

Espero até que sente para entregar os remédios.

— Que caminhão foi esse que me atropelou? — grunhe e olha feio para o líquido efervescente.

— Um chamado Chloé. — Beijo a testa suada. — Beba tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda de cara feia, faz o que peço e deposita o copo vazio na mesinha de cabeceira.

— Caramba, batizaram um dos meus *drinks*! — revolta-se como se fosse óbvio.

Essa é a Chloé e a amo por isso. Adoravelmente desmiolada e inconsequente.

— O duro vai ser descobrir qual dos quinze. — Limito-me a uma expressão contrariada.

Ela suspira fundo e volta a desmoronar na cama.

— Não me odeie.

— Como se isso fosse possível. — Sorrio francamente.

Não sou muito moralista sobre enfiar o pé na jaca. Uma vez ou outra é até terapêutico, mas ontem Chloé foi ao limite. Não gosto de ver minha amiga sendo magoada ao ponto de prejudicar-se e se não fosse pelos gêmeos me ajudando, não sei se

PERIGOSAS NACIONAIS

teria forças para carregá-la, no estado em que estava, até a cama.

A vontade de achar o Klaus e dar uns bons cascudos nele só cresce.

— Juro que nunca mais vou beber tanto.

Entendo a sua deixa... Quer jogar o bafafá de ontem na conta dos *drinks* para não tocarmos mais no assunto... simples assim.

Decido não insistir, até porque é meio óbvio o que a incomoda no momento: o ordinário do Klaus.

— Hum-hum... — Pisco sabendo que é uma promessa vazia.

Ouçó um latido abafado e olho para o chão para encontrar Gabriel e Mila brincando com uma meia.

Sorrio do cabo de guerra que estão fazendo.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai sair? — Chloé avalia o short jeans e camiseta branca, meiga e larguinha, que uso. — Marcou com o Alfred? Ele dormiu aqui?

Hã?

Balanço a cabeça negando.

— Não, de onde tirou isso? — Sinto um arrepio só de lembrar das mãos pegajosas.

— Do fato dele ter quase desidratado de tanto babar por você. — Os olhões castanhos se divertem. — Nunca o vi tão afinzaço^[56] de alguém.

Deus me livre desse encosto!

Reviro os olhos.

— Nossa, tão a fim que foi ao banheiro e nunca mais voltou. — Finjo indignação, mas, no fundo, achei ótimo ele ter sumido e me deixado em paz... O perfume dele estava me enjoando e aquele papinho de alimentação natural já estava me irritando. — Pensei em ir nadar enquanto você

dorme mais um pouco. Nem são nove horas ainda.

— Misericórdia! É de madrugada! —
Chloé cobre o rosto com o edredom.

Presumindo que não esteja nem aí sobre ficar sozinha por algumas horas, levanto da cama e a deixo descansar mais um pouco. Com os remédios, vai estar bem melhor quando acordar de vez. Calço o chinelinho, alcanço a bolsa esportiva e vou até o tapete para resgatar Gabriel e Mila.

Com os meus pequenos se debatendo no colo, vou até a janela e, pela fresta da veneziana, vejo o SUV preto estacionado do outro lado da rua.

Eles nunca dormem?

Coitados.

Sinto bolhas de desconforto no estômago... percebo que não é o mesmo carro no qual os gêmeos nos trouxeram... nem poderia ser. A vinda para casa não foi relativamente fácil... Tenho que

PERIGOSAS NACIONAIS

admitir que, no final das contas, tê-los por perto foi um alívio, realmente seria um drama voltar sozinha com Chloé naquele estado, mas não acho justo... os caras caíram de paraquedas nisso tudo e estão sendo obrigados a bancar os babás de duas insanas.

Pressiono os lábios e saio do quarto. Um pouco de gentileza não vai me matar.

Depois de deixar Mila e Gabriel com Dorothy, saio pela porta da frente carregando duas canecas térmicas recheadas de café bem quente. Gostaria de ter alguma comida para oferecer, mas com toda a correria das últimas semanas esqueci-me de reabastecer a despensa, vivi praticamente de *fast-food* e das marmitinhas que Lucca me dá.

Atravesso a rua e bato no vidro. Abro um sorriso que fecha, assim que ele desce por completo.

Minhas pernas fraquejam.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah... é você? De quem é esse carro? — constato e pergunto com amargor, depois que me recomponho. Sem um pinga de animação, estico-me para ver o interior do carro. — Cadê os meninos? Eu trouxe café.

Evito contato visual com o rosto bonito de Dante, que está sexy como um inferno atrás de uns óculos escuros estilo aviador.

— O carro é do Max e os gêmeos estão de folga — responde de mau humor. — Não queria que morressem envenenados com o cheiro de vômito.

A pele do meu rosto esquenta no ato.

— Não fui eu que vomitei — defendo-me. Não quero que me imagine nesse estado.

— Eu sei.

Pega as canecas apoiando-as sobre o console. Ofego. O roçar mínimo de seus dedos

sobre a minha pele é o suficiente para me deixar em alerta. Esfrego as mãos e desvio o olhar da boca perfeitamente desenhada. Miro nos meus pés e mexo os dedos...

Droga! Vamos cérebro, colabora!

Você não me ajuda se ficar lembrando de como essa maravilha beija bem!

— Como ela está?

Hã?

Minha boca?

Atordoada, volto para o rosto, que acho o mais lindo de todos, e o queixo aponta para cima.

— Chloé.

Ah...

Seguro a vontade de revirar os olhos.

Claro que o disque-gêmeos já deu a fofoca de que ela dormiu aqui.

— Dormindo.

Um silêncio doloroso preenche a distância entre nós. Não sei mais o que dizer. A presença onipotente dele preenche todos os meus poros... É enervante o jeito como mede o meu corpo de cima a baixo.

Bufo incomodada.

— Hoje é sábado — comento na esperança de que se toque e vá embora.

— E daí?

Tira os óculos e me observa, pequenas olheiras contrastam com os azuis-índigo.

— Daí... que você deveria estar dormindo ou fazendo algo mais útil do que me bisbilhotar. Não tinha outra pessoa pra vir no seu lugar, não?

Dante desliza a mão pela boca e depois pela barba, retribuindo meu olhar raivoso.

— Não... noite difícil... peguei pesado com

PERIGOSAS NACIONAIS

eles no treino... estão de folga.

Um calor começa a invadir a minha circulação. Impressionante como esse cara tem o poder de me irritar.

— Já falei que não quero você na minha casa — tento outro argumento.

— Estou na rua.

Mas será possível?

— Na minha rua. — Seguro a vontade de tirar o chinelo e dar na cara dele.

— Sua? — Estica o braço e alcança o jornal, no banco do lado, passando os olhos rapidamente por ele. — Engraçado... Não li nada sobre isso. — Lança o jornal no banco do passageiro. — Até que a Rainha se manifeste oficialmente sobre ter dado a rua pra você, pra mim, continua sendo pública.

Idiota!

PERIGOSAS ACHERON

Fico ranzinza e sem saco para aturar esse humor matinal sarcástico. Dou meia volta e começo a andar em direção à academia. Ouço-o descer e bater na porta.

— Aonde pensa que vai?

— Nadar — respondo sem olhar para trás ou perder o ritmo.

— Entre no carro! Eu te levo.

— Não.

Ignoro as dezenas de palavrões que profere e continuo no caminho.

Boca suja!

Um dia ainda gravo essa imundície e mostro tudo para Maggie. Quero só ver quando ela descobrir que o filho perfeito dela virou um ogro. Um pote de pimenta vai ser pouco para um vocabulário tão vasto.

Dois cliques soam agudos quando ele trava

PERIGOSAS NACIONAIS

o carro e ouço as passadas largas atrás de mim. Penso em correr, mas desisto. Minhas pernas estão um pouco doloridas depois de tanta dança.

Percorro as seis quadras restantes em silêncio e com Dante no meu cangote. Entro na academia abandonada e subo direto para o vestiário. Quando saio carregando uma toalha, Dante está confortavelmente esparramado sobre uma das espreguiçadeiras.

Fecho a cara de imediato quando olha para mim com curiosidade.

Não quero, mas reparo como seu corpo imenso fica delicioso na posição deitada. Odeio como a calça jeans, desgastada e com alguns rasgos, abraça perfeitamente as coxas grossas e musculosas e detesto mais ainda, que a camiseta cinza não esconda os contornos dos músculos que estão ali embaixo. Quando olho para o tamanho dos

PERIGOSAS ACHERON

All Stars verde-exército nos pés dele... bloqueio meus pensamentos.

Que inferno!

Não imagine o tamanho do pau dele!

Eu te proíbo, Beatrice!

— Já pode ir. — Abro os braços indicando ao redor. — Estou perfeitamente segura aqui.

— Não vai dar... Estou perfeitamente confortável aqui.

Cruzo os braços, contrariada, e não digo nada.

— Gostei da touquinha. — Aponta para minha cabeça.

— Tá tirando uma com a minha cara? — Meus pés impacientes começam a bater.

— Longe de mim... é fofa... combina com você. — Os azuis-safados varrem meu corpo.

Meu rosto cora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fofa? — Franzo o nariz. — Por acaso está insinuando que estou gorda?

Parecendo achar graça, ele coloca os braços tatuados para trás e as mãos sustentam a nuca. Sua cabeça meneia em uma avaliação mais profunda do meu corpo... Não é a primeira vez que me vê em trajes de banho, entretanto seu olhar é tão voraz que meus pelinhos arrepiam e algumas partes de mim pulsam... partes sem-vergonhas que não deveriam estar fazendo isso. Sinto o maiô umedecer lá embaixo.

Que droga de constrangimento!

Seguro a vontade de me cobrir e levanto o queixo tentando não parecer incomodada ou excitada.

— Gostosa. — Sua voz sai carregada e rouca.

— O que disse?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse gostosa... gostosa pra cacete, aliás.

Céus! Como ele está cuzão!

— Não pode me chamar assim! — esbravejo apesar de gostar.

— Fica difícil te chamar de outra coisa com você metida nesse maiô — Seu olhar devora os meus seios. — Aquelas camisetas velhas e largas que usava não faziam jus a essas duas belezas que tem aí.

O quê?

Sinto meus olhos escancararem.

Será que foi por isso que tomei um pé na bunda?

Por que me achava desleixada?

— Velhas o teu rabo! — defendo-as. — Eram vintage, seu tarado!

Ele gargalha e odeio como soa tão bem...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os ombros largos encolhem indicando que não está nem aí para o meu afronte.

— Você é uma figura, Beatrice. — Morde o lábio de um jeito divertido, estudando-me. — Agora, pare de esbravejar e nade! — ordena como um soldado, parecendo curtir cada revolta que provoca em mim.

Considero mandá-lo para aquele lugar.

Desisto.

— Não vou conseguir com você aí me olhando — confesso.

— Vai sim... é só fazer o que sabe de melhor... me ignore. Não foi isso que fez por quatro anos?

Meu maxilar trava e meu corpo explode em raiva.

E daí que fiz isso? Faço por mais vinte anos, se eu quiser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou meia volta e pulo como a bomba que sou, espalhando a água. Quando volto à tona, Dante está sentado, completamente encharcado.

— Filha da p... — Morde os lábios e me olha com ira.

— Ops... — Levo a mão à boca fingindo inocência. — Acho que te molhei um pouquinho, Capitão — constato satisfeita e sorrio angelical. Antes que ele tenha tempo de revidar, dou impulso e começo a nadar com braçadas firmes.



Olho de relance para Dante e os cabelos escuros ainda estão úmidos. Ele não parece muito feliz. Nadei por mais de quarenta minutos e o cretino ficou lá... sentado com os braços cruzados. Por precaução, saí da piscina pela escadinha bem longe dele e corri para o vestiário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A volta foi mais do mesmo... eu na frente e o zangão a um passo atrás. A única diferença foi que ele agarrou a minha bolsa esportiva e transpassou a alça pelo tórax largo. Não vou negar que fiquei um pouco impressionada com o gesto inesperado de cavalheirismo e depois tensa quando a camiseta levantou e vi o cabo da arma que carrega na cintura.

Não foi muito relaxante andar pelo bairro e sorrir para as pessoas sabendo que um homem armado me acompanhava porque outro, possivelmente mais armado do que ele, quer vingança por uma coisa que nem culpa eu tive.

Pensamentos horripilantes me atacam:

Era só o que me faltava, nadar tanto para fugir das celulites e acabar com um furo na bunda.

Aflita, giro os olhos ao redor do *Spicy Girl*. Tirando nós dois, que ocupamos a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa de sempre, no cantinho do fundo... não há mais ninguém. Carmem mal tinha aberto quando passamos em frente e minha barriga roncou. Respiro e tento me convencer de que estou segura... da rua é impossível ver que estamos aqui.

Não consigo, preciso de fatos que me acalmem.

— Alguma notícia do cara de cicatriz? —
Largo o burrito pela metade.

— Não — Dante grunhe sem desfazer a carranca.

— E Klaus?

— Nada ainda. Foi despejado do apartamento em que morava, mas vou encontrá-lo.

Encaro os azuis-índigo, delineados pelos cílios mais longos e grossos que eu já vi. Uma das mudanças que mais detesto nele é essa coisa monossilábica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero dizer que seria muito mais produtivo procurar pelos caras do que me olhar comer um burrito, mas não digo. Não adianta. Minha mãe tem razão: os homens têm seu próprio tempo e não adianta forçar... Se queremos algo bem feito, é melhor fazermos nós mesmas.

— Eu sei que vingança é um prato que se come frio, mas não acha que Scarface está demorando muito pra vir atrás de mim? — pergunto com ansiedade.

— Ele não é maluco o suficiente para dar as caras comigo ao seu lado. — Estica-se todo na cadeira, que parece pequena para ele, e vejo a arma de novo.

Reviro os olhos evidenciando a repulsa e Dante puxa a barra da camiseta escondendo-a.

— Por quê? — Aperto o rabo de cavalo, ainda úmido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que o quê? — A sobrelha da cicatriz levanta.

Começo a ficar impaciente com a dificuldade de comunicação entre nós.

— Por que as pessoas têm tanto medo de você?

— Não é medo, é respeito. — Sua expressão fica um pouco presunçosa. — Não sou homem de deixar as coisas incompletas, Beatrice. — Estica os braços sobre a mesa espreguiçando-se.

Nossa!

Pela primeira vez, reparo melhor nas tatuagens dos antebraços. A parte que consigo ver tem tribais e outros traços que lembram arames farpados... São viris e até bem dramáticas... Sinto uma vontade absurda de inclinar para analisá-las bem de perto e até quem sabe, escrever uma música sobre elas. Esse homem está tão cheio de novos

PERIGOSAS ACHERON

detalhes que me tira do prumo. Pisco algumas vezes, até voltar à realidade.

— Sem chances de me dizer por que estava atrás deles lá no hotel? — insisto de novo.

— Não estava atrás deles. — Muda de posição e apoia os cotovelos sobre a mesa. — Pode ir desistindo das perguntas. Não vou abrir.

Mordo dos lábios e suspiro.

— Mas tenho o direito de saber se está me metendo em algo ilegal — continuo insistindo.

Uma hora esse homem vai ter que ceder e me falar... Não é assim?

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura?

Dane-se que me ache uma chata.

— Ilegal ou não, foi você que se meteu nisso. — Os olhos dele recaem para o burrito e parecem não gostar do que veem. — Estou só

tentando livrar a sua cara, devia levar as coisas mais a sério.

Será que ele não percebe?

Estou levando a sério... só não quero virar uma neurótica chorona e me deixar no escuro só vai me enlouquecer. Preciso de fatos... dos pingos nos *is*. Não quero ser poupada ou que me julgue uma fraca filhinha do papai. Mil vezes focar nas soluções e me manter em movimento, do que paralisar de medo. Era só o que me faltava que além do título de maior pé na bunda, eu ganhe dele um bônus de coitadinha perseguida. Não quero compaixão.

— E... eu... só... estou tentando não transformar tudo isso num bicho de sete cabeças.

— Tomo um gole do chá gelado. — Facilitaria muito se dissesse o que faz de verdade.

— Porra! Como você é teimosa! — As

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos grandes esfregam o rosto. — Já disse que não!

Sua reação é como uma surra de chicote. Subitamente fico tão indignada que quero arrancar a barba sexy com os dentes.

— Caramba, tudo pra você é não! — Jogo o tronco para trás e cruzo os braços. — Não é justo! Posso estar sentada com um cara igual a Scarface e não saber!

— Nunca mais me compare com esse lixo, Beatrice! — rosna parecendo um trovão.

Sinto o estômago revirar.

Ok, entendi... nada de comparações.

O tom de voz sombrio, quase ameaçador, me dá medo. Frustrada porque a técnica da insistência não funcionou, não digo mais nada. Tento uma mordida.

Não consigo. Perdi a fome. Afasto o prato.

PERIGOSAS ACHERON

— Não deveria comer essas porcarias. —
A voz grossa suaviza como uma oferta de paz.

— É gostoso e estava com fome —
respondo seca, sem olhar para ele.

— São dez e meia. Não tomou café? —
agora ele insiste preocupado e percebo o quanto
ficar puxando assunto é irritante.

— Não tive tempo para as compras, minha
despensa está às moscas. — Encaro e os azuis-
índigo estão mais suaves. Toco as porções
embrulhadas para viagem que Carmem me
entregou. — Esses são para Chloé e para o
Jeremiah — explico nem sei por quê. — Terminei,
quero ir.

Levanto. Dante é mais rápido em ir até
Carmem, que o olha como se fosse um deus,
enquanto paga a minha conta.

Andamos em silêncio. A manhã está clara

PERIGOSAS NACIONAIS

e com sol. Alguns raios refletem na água lembrando-me porque acho Maida tão mágico. Deixo a energia das árvores e as cores das flores nos jardins suavizarem a minha aflição... Aprecio a beleza do lugar, deixando-me acreditar que não existem problemas... pelo menos, não aqui. Atravessamos a rua e Dante desce atrás de mim pela escadinha que dá acesso ao píer das casas-barco.

Pulo no deque do barco de Jack e chamo por Jeremiah, que aparece minutos depois com cara de sono e descabelado. Não estranho quando saúda Dante com um efusivo:

— E aí, Capitão!

— Pronto para a ação?

— Sempre.

Entrego a comida, os dois sentam em cadeiras de praia e entram em uma conversa sobre a

PERIGOSAS ACHERON

vigília da noite. Saio de perto, bufando. É claro que o espaçoso daria um jeito de meter o Miah nisso.

Droga! Ele parece tão empolgado!

Eu seria uma carrasca se o privasse desse gostinho. Fico na beirada do barco apreciando a correnteza lenta.

Espero... espero... espero... e canso. Toda a admiração de Miah para cima do Capitão Fodão está me dando nos nervos. Tudo bem que ele parece o máximo, mas...

Meu Deus! Que exagero!

O perfume estoura-meus-miolos me atinge e não tenho estrutura para esse tipo de ataque agora. Viro, decidida a ir embora e bato na muralha de músculos chega atrás de mim. Dou um passo em falso na beira do barco, perco o equilíbrio e meus braços esticam para agarrar na camiseta cinza, mas, surpreendentemente, Dante sorri e dá um passo

PERIGOSAS NACIONAIS

para trás. Minhas mãos fecham cheias de ar...

— Seu filho da m... — dou um berro incompleto, antes de cair de costas na água e afundar.

Debato-me e venho à tona como um golfinho.

Fuzilo o ordinário, que parece bastante satisfeito com o que fez.

Não é que o filho da mãe me deu o troco!

Soco a água.

— Seu imbecil vingativo! — Bato pés e braços para me manter na superfície. Solto um grunhido quando vejo meus chinelos irem embora boiando. — Eu amava aquele chinelinho! — esbravejo.

— Acho que se molhou um pouquinho — comenta cínico.

Não entendo... Subo e desço os olhos pelo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpão tentador... Dante está estranho a manhã toda. Parece longe e provoca-me como em uma guerra fria. Cuspo a água e tiro uma mecha de cabelo do rosto... Nado até a escadinha... subo, ignoro Miah, que ri, e parto direto e furiosa para cima estapeando o peito grande.

— O que deu em você? Quer me enlouquecer?

— Pare de me atacar. — Mãos de aço seguram meus pulsos.

Debato-me e tento morder uma das mãos que me prendem.

— Por que está tão cretino hoje?

— Só estou retribuindo as suas gentilezas.

— Me solta! — Chuto a canela dura e meu dedo dói como o diabo.

Ele paralisa e quando o encaro, vejo que não me olha... os azuis estão hipnotizados em meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peitos. Abaixo a cabeça e praguejo... Meus mamilos resolveram dar um alô sob a camiseta molhada que está transparente.

Droga!

Eu não deveria ter usado o sutiã branco de rendinha.

— Tire os olhos daí! É o frio! Não estão assim por sua causa! — Chuto-o novamente e meus dedos doem mais.

Um barulho esquisito, como um terremoto, brota do peito dele. As mãos enormes abrem e me soltam enquanto dá um passo cauteloso para trás.

— Vá para casa, Beatrice — diz rouco com as íris enegrecidas.

Jesus!

Arquejo entumecendo mais.

Há uma selvageria pungente em sua expressão... como se estivesse faminto e prestes a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perder o controle. Assusto-me... a intensidade erótica em seu olhar é diferente de tudo que já vi nele.

Fico pasma.

Busco a ajuda de Miah, que se limita a segurar o riso e encobrir os próprios peitos com as mãos, num indicativo para que eu faça o mesmo.

Fechando os olhos, respiro fundo. Meu coração martela tão forte, que sinto a pulsação no pescoço. Completamente tocada pelos instintos canibais do Capitão, abro os olhos, ciente de que já deu e qualquer coisa que eu faça ou diga só me fará rolar ladeira abaixo... Eu o quero na mesma medida, isso é assustador e por isso afasto-me. Pego a bolsa sobre a cadeira, a embalagem térmica com a comida da Chloé e saio batendo literalmente os pés.

Droga, meu chinelinho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Termino de secar o cabelo enquanto observo, escondida da janela, Dante falar ao celular. Ele está apoiado no carro com as pernas esticadas e cruzadas. Já escureceu. O homem passou o dia inteiro plantado na frente de casa, sem dar sinais de cansaço.

Suspiro com impaciência.

Meu Deus, devemos ser loucos.

Sinto o coração apertar quando olha para cima e me esquivo de lado. Não o vi comer, nem tirar um cochilo. Por que simplesmente não deixa pra lá e vai embora? Não sou uma bruxa desalmada... e, é claro, que minha raiva diminuiu um pouquinho. Admito que o provoquei e meu lado humanitário pede para deixá-lo entrar, mas daí, lembro o quão desastrosos somos juntos e desisto.

PERIGOSAS NACIONAIS

A gente consegue ir do desejo caótico ao ódio total em dois segundos... isso não é bom.

Nada bom... o que aconteceu no barco está mexendo com a minha cabeça até agora. Nem ele, nem ninguém me olhou de um jeito tão voraz antes.

Caramba! Como isso é possível?

Rio da minha desgraça.

Pois é... se o que minha mãe diz for verdade: que todo mundo tem um calcanhar de Aquiles... aquela pessoa que nos faz tremer nas bases, nos tira do eixo e nos deixa vulnerável, o meu alguém, certamente, responde pelo nome de Dante Stoirm. Caramba, ele é o homem mais viril que já vi e está tão irritante e tão tesudo, que seria até estranho se eu não ficasse desconcertada toda vez que o visse.

Espio mais um pouquinho.

Eita... pareço uma stalker^[57].

PERIGOSAS ACHERON

Desencosto da janela e priorizo o que precisa ser feito. Afasto a dúvida agarrada na certeza de que vai ser melhor para o cretino me ter pelas costas. O desconforto dele é tão nítido, que se livrar de mim, no fundo, vai ser um alívio para ambos.

Não estou duvidando dessa atração insana... nada disso. Também sinto, óbvio. Sei lá, é um troço esquisito que dá e que chega a ser incontrolável... É tanta selvageria de pensamentos impuros que deve ser coisa de seleção natural, do tipo... fêmea nota macho alfa fodão, dono da porra toda e o quer... empolgação...

Isso! Empolgação!

Da parte dele, deve ser pura curiosidade masculina de ver se o que perdeu foi grande coisa. Não sou boba, sei como a cabeça dos homens funciona. Não dou uma semana para eu deixar de

ser novidade e ele cair fora de novo.

Um segundo pé na bunda, nem pensar!

Foi bom Chloé estar aqui para ver o que aconteceu. Ela ouviu os gritos da janela, presenciou quando cheguei encharcada e puta da vida... e chegou na mesma conclusão que a minha: eu e Dante vamos acabar nos matando.

Deixo a toalha cair e corro para o closet... meu peito aperta de ansiedade. Nem acredito que o tal amigo dela conhecia mesmo um cara, que sabia de outro cara, que sabia onde ficava o Flamingos. Segundo o que o primeiro amigo nos explicou pelo viva-voz, o lugar é um clube fechado e um cassino clandestino.

Escolho uma calça jeans confortável e uma blusinha de malha preta. Não me preocupo muito com estar adequada. Chloé ficou de arrumar as roupas para uma produção especial. Por sorte, hoje

vai ter uma festa com temática *Moulin Rouge*^[58] e os sócios vão levar convidados. Charles, o amigo número três, foi muito gentil ao colocar nossos nomes na lista.

Calço um sapato preto, com saltos quadrados e confortáveis, e prendo os cabelos em um coque. Pego a bolsinha sobre a cama. Minhas mãos tremem quando checo, pela décima vez, se coloquei tudo o que preciso nela. Estou mais preocupada em como vou escapular de casa, com o que encontraremos lá.

Dante tinha que colocar o Miah plantado na cozinha?

Tá vendo!

Esse tipo de coisa que me irrita. Foi golpe baixo da parte dele. Sabia que eu jamais brigaria com o Miah, mesmo me traindo e passando para o lado do inimigo. Agora meu fiel escudeiro está lá,

PERIGOSAS NACIONAIS

se achando o força tarefa... roncando na poltrona que arrastou até a porta dos fundos. Estou acuada, quase atrasada e a única alternativa que vejo é descer pela treliça quilométrica que separa o jardim particular do coletivo.

Respiro fundo mentalizando: *eu consigo*.

Meu celular vibra. É Chloé avisando que está quase chegando com a nossa carona. Combinei dela me esperar na rua de trás. Vou sair pela casa dos Gabaldon, que fica do lado oposto à minha. Eles viajaram e fiquei com a chave extra para casos de emergência... essa é sem dúvida uma emergência.

Desativo o localizador... não quero dar mole, o Romeo é muito espertinho nessas coisas de internet.

Dou uma checada. Dante está dentro do carro. Minha consciência pesada diminui quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vejo que está comendo. Manter aquela quantidade de músculos não deve ser fácil... e não quero ser eu, a responsável por uma catástrofe da gostosura genética. Deus me livre dele perder aquele abdômen trincado por falta de comida.

Murmuro um: “*Desculpe, mas é melhor assim*” e corro para o quarto de hóspedes. Abro a porta do terraço, trepo na grade e passo, com cuidado, as pernas para o outro lado... não é muito alto, mas dá para quebrar uma perna se eu cair. Olho para trás e o jardim comunitário está escuro e silencioso. São quase onze da noite e a maioria dos meus vizinhos já deve estar dormindo. Seguro firme e estico um braço e uma perna. Quando consigo encaixar a pontinha do pé no espaço entre as treliças, dou um impulso e me agarro nela como uma perereca na parede.

Respiro fundo para acalmar o coração

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acelerado... Olho sobre os ombros... Que situação... Lá de baixo, a visão não deve ser nada sexy... Com cuidado, começo a descer alternando os pés e as mãos. A treliça balança e range com meu peso e eu ignoro o medo... Determinada, continuo descendo e rezo que o barulho não acorde o Miah.

Mais rangidos e estalos... sigo firme e...

Jesus Cristo!

Desabo e caio estatelada de costas na grama. Gemo e xingo a maldita madeirinha que quebrou quando fui segurar nela.

Mexo os braços e as pernas avaliando os danos... Apesar da bunda doída, acho que não quebrei nada. Levanto, tiro algumas folhas secas grudadas em mim e saio correndo pelo jardim, encolhida como uma ninja.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com os olhos fixos no vidro escuro, que nos separa do motorista, faço um malabarismo. Apoio os pés no assoalho e estico o corpo com uma tábua... viro de um lado para o outro... espremo o traseiro, até conseguir fazer o corpete prateado entrar. Ele é lindo... os cristais cravejados formam um padrão de escamas de sereia... tão justo que mal posso respirar e que transforma meu corpo em um vilão. Minha cintura nunca foi tão fininha e meus peitos e bunda jamais estiveram tão empinados... sexy como um inferno.

Visto a luva três-quartos e estico o braço pedindo o restante da roupa.

— O quê? — Chloé levanta a sobrancelha delineada.

Ela está maravilhosa em um vestido ultradecotado vermelho. As pernas torneadas ficam totalmente expostas pela fenda que chega quase até

PERIGOSAS ACHERON

a cintura. Uma obra de arte, com os cabelos, em cachos desordenados, e presos de um só lado por um arranjo de penas negras e diamantes.

— A saia.

— Já tá com ela.

Hã?

— Não está chamando essas franjas minúsculas de saia, está? — Bagunço os fios de prata que arrematam o espartilho e não cobrem um quinto das minhas pernas. — Não posso ir assim, meu traseiro vai aparecer! Olhe os meus peitos! Estão quase pulando pra fora! Tem que ter mais alguma coisa.

— Tem isso.

Chloé passa uma delicada cartola em cetim preto adornada por uma tira de cristais.

Meu queixo cai enquanto olho incrédula para ela.

Caramba!

— Nossos conceitos de descrição estão muito invertidos. — Pego a cartola e enfio na cabeça. — Ainda não estou acreditando que você veio de limusine e agora isso. — Aponto para todo o conjunto... dos sapatos altíssimos pretos, à meia arrastão e o corpete. Só não reclamo da maquiagem que ela fez, porque adorei o rímel exagerado e o efeito dos olhos esfumados contrastando com o batom vermelho. Amo quando a diferença da cor dos meus olhos fica mais evidente.

— A gente precisava de espaço pra se trocar... Lucca ia desconfiar se nos trocássemos lá — Gira o corpo mostrando as costas nuas quase até o cofrinho. — Também estou um escândalo. O meu amigo que emprestou as roupas foi um dos figurinistas da Nicole Kidman^[59], do *Moulin Rouge*... Vai por mim, são originais... Vamos

arrasar.

— Eu não quero arrasar, queria parecer invisível.

— A melhor maneira de ser invisível, é nos misturando.

O vidro preto desce. Os olhos do motorista faíscam quando nos veem e posso jurar que ele tem um miniengasgamento antes de murmurar um:

— Puta que pariu! — Em seguida, ele avisa em uma voz esganiçada. — Chegamos.

Abaixo o vidro, espio e surpreendo-me... Pelo glamour das roupas, esperava uma mansão em Kensington ou Chelsea^[60], não um prédio decadente em Peckham^[61].

Suspiro decepcionada.

A nossa produção deve ter demorado um século. Não estava planejando vir ao subúrbio. Jack já repetiu mais de mil vezes que aqui não é um bom PERIGOSAS ACHERON

lugar para uma moça andar sozinha.

— Tem certeza de que é aqui? —
murmuro para o motorista enquanto abraço minha
bolsa e o sobretudo que Chloé me trouxe.

— Sem errar um centímetro. O prédio é
esse mesmo.

Avalio a rua escura, de calçadas
esburacadas e sujas. Vejo uns tipos bem esquisitos
e suspeitos apoiados na parede próxima ao um
beco. A luz que falha e trepida em um poste torto,
os torna mais assustadores.

Outro suspiro me escapa.

— Tem certeza? — É a vez de Chloé
perguntar com certa decepção.

— Melhora muito quando entrarem... esse
prédio podre é só fachada, mas cuidado com os
vagabundos e os ratos... estes são de verdade. — O
motorista pisca e destrava as portas. — Preciso ir,

PERIGOSAS NACIONAIS

não é bom ficar parado aqui por muito tempo. —
Pisca novamente.

Sem saída, descemos. Escoro-me em Chloé, mantendo um olho no gato e outro peixe... Vou do prédio para os vagabundos sem perdê-los de vista... Tento não perder o equilíbrio enquanto empurramos uma a outra até a porta dupla de ferro repleta de pichações.

Bato sete vezes conforme Charles nos orientou. Uma janelinha abre e um homem com cara de fuinha coloca apenas o nariz para fora enquanto seus olhos vão rapidamente de um lado para o outro checando a rua.

— O-oi — gaguejo. — Sou a Satin Love e essa é a... — Esqueço e Chloé sussurra no meu ouvido. — Dália Fire — repito segurando o riso. — Garotas do Charlie Beco Quinze. — Pisco várias vezes fingindo inocência e porque amei o efeito dos

PERIGOSAS ACHERON

cílios postiços.

Sinto-me um pouco ridícula pelos apelidos, mas não posso negar que esse povo da obscuridade é muito criativo.

Os olhos cinzas e esbugalhados brilham quando avaliam a mim e Chloé.

— Uau... as coisas melhoraram para o Charlie. — Um sorriso amarelo se expande para nós, depois fecha abruptamente. — Ele ainda não chegou.

Sinto um frio na barriga.

— Não podemos esperar por ele no Flamingos, está frio aqui.

A dúvida brota no rosto dele.

— Por favorzinho. — Chloé oferece o sorriso de estrela máster das passarelas.

Os cinzas esbugalhados iluminam. Ouvimos vários cliques, uma trava sendo puxada e

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta abre.

— Tudo bem... vocês não parecem oferecer perigo... pelo menos, não do tipo de perigo que preciso manter longe daqui. — Olha encantado para toda a voluptuosidade de Chloé e depois pisca várias vezes para o meu decote. — Charles, bastardo! Se isso não é material de primeira, não sei o que pode ser.

Esse imbecil está achando que nós somos...

Cravo meus olhos nele e Chloé me belisca.

— Você é o...? — Chloé toma a frente.

— Eu sou o Flint... — Sorridente aponta o próprio peito.

— Então, Flint... o Flamingos... — Os olhos de tigresa giram ao redor.

— Ah... é só subirem aquela escada... porta dupla dourada no final do corredor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agradeço e puxo Chloé. Subimos correndo, o chão do corredor, largo e bem iluminado, é coberto por um tapete felpudo pink. Solto o ar quando vejo a luxuosidade que é a porta. Gigantesca e um pouco cafona, mas sem dúvida luxuosa. O dourado brilha de tão polido e dois flamingos, em tamanho natural e no mesmo material, ladeiam a entrada.

Antes mesmo de batermos, a porta abre e uma morena, em um vestido rosa estonteante, sorri trazendo atrás dela muitos sons... certamente há uma festa das boas rolando. Muitas vozes, risadas e uma música sensual preenchem o corredor.

— Olá, garotas do Charlie, sou Layd Lai, a anfitriã da noite.

Chloé e eu a cumprimentamos com movimentos sincronizados de cabeça.

Entramos, entregamos os casacos, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permaneço com a bolsinha transpassada pelo corpo. Uma cortina de veludo dourado abre e somos transportadas para um universo paralelo.

Uau, o dono daqui gosta mesmo de um néon e de luzes indiretas.

Pela localização, esperava algo decadente e monocromático, não um ambiente extravagante.

O lugar, lotado com gente de todo o tipo, tem o ar nauseante numa mistura de suor, perfumes e fumaça. Chloé me olha de boca aberta, está tão surpresa quanto eu. Apesar do carpete pink, paredes pretas e dos móveis dourados e cheios de rococós... há uma certa nostalgia dos cabarés clássicos.

Olho para cima... de três pontos distintos do teto, balanços dourados sobrevoam as nossas cabeças em um vai e vem lento e cadenciado. Munidas de dois leques de penas gigantes, volumosas e pinks, mulheres com corpos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esculturais, fazem um balé sincronizado.

— Elas são incríveis, né? — Layd Lai sorri.

Assinto e admiro mais um pouco, a imagem sensual... elas vestem um delicado espartilho transparente. As pedras cravejadas, apenas em lugares estratégicos, brilham quando feixes de luzes incidem sobre elas.

— São como pássaros gigantes e bem gostosos — Chloé brinca antes de começar a seguir nossa anfitriã.

Por inércia, faço o mesmo. Serpenteamos uma dezena de mesas de tampo verde e suas cadeiras com braços acolchoados. Todas ocupadas por jogadores com copos de champanhe ou de *whisky* ao lado. Há pessoas sorridentes ao redor deles, mas elas não amenizam a tensão que é quase palpável... como se o jogo corroesse esses homens

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por dentro. Capto alguns de seus blefes silenciosos e um misto de ganância e medo desenha suas expressões.

Observo, através da penumbra, cada rosto e nada de Klaus ou Scarface.

Solto o ar devagarinho.

Frustração e alívio tomam conta de mim.

Guiadas por Layd Lai saímos da área voltada apenas para os jogos de carteado. Sobre os ombros, dou uma última conferida e nada de roletas ou máquinas caça-níqueis. Descemos uma pequena escadaria e à medida que avançamos, a música fica mais alta... Meu corpo desvia de outros e mantenho-me atenta... Ainda nada de Klaus. Ignoro os olhares curiosos, as secadas indiscretas, as cantadas vulgares e sigo atrás delas.

Chegamos ao piso inferior. De cara, um globo espelhado capta a minha atenção. Ele brilha

PERIGOSAS ACHERON

sobre uma pista de dança à minha esquerda. Há uma certa pegação generalizada rolando ali.

Eita!

Meu olhar cruza com o de Chloé, quando percebemos ao mesmo tempo o tipo de atividade que esses homens buscam além do jogo.

— Que tal se entrosarem e beberem alguma coisa? — Layd Lai aponta para o bar movimentado, que ocupa quase uma parede... As prateleiras espelhadas e iluminadas de rosa estão abarrotadas com copos e bebidas de todo o tipo. — Nunca as vi por aqui, estão com Charlie há muito tempo? São exclusivas dele?

— Na verdade, estamos por contra própria — Chloé responde por nós.

A cara surpresa de Layd Lai indica que não era bem essa resposta que esperava.

— Interessante — murmura.

Minha atenção recai para um palco de proporções até generosas, dado que o salão não é tão grande assim. Ele cobre toda a área dos fundos e luzes vibrantes incidem sobre os corpos perfeitos de quatro mulheres que se exibem, quase sexualmente, no pole dance.

— É dançarina? — Avalia meu corpo. — Pode ir lá, se quiser.

Hã?

— Ah... não. — Sem graça, espalmo e chacoalho as mãos. — Não tenho vocação para essas sensualidades.

Seus olhos negros estreitam e parecem discordar.

— Bom... estão entregues. — Layd Lai gesticula chamando a atenção da ruiva bonita atrás do bar. — Lelly! Garotas do Charlie! — Aponta para nós. — Cuide bem delas! — Sua cabeça

inclina em uma despedida discreta e sai.

Recuso a bebida que a ruiva oferece e, para minha surpresa, Chloé pede água.

— E aí... qual é a boa de hoje? — a *barwoman*, vestida em um espartilho vermelho, pergunta ao trazer uma garrafinha verde de água.

— Nada especial, combinamos de encontrar um amigo. — Lanço a deixa querendo resolver logo as coisas.

Com a garrafa nos lábios, Chloé joga um olhar do tipo: *Mas já?* que retribuo com outro: *Claro!* e ela encerra piscando: *Ok, vá em frente.*

— Charlie? — Uma sobrancelha da ruiva arqueia.

— Klaus, tenho um negócio com ele. — Vou direto ao que interessa.

O queixo da *barwoman* cai.

— Faz programas para ele também?

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus olhos arregalam no meu melhor estilo: coruja chocada.

— Oh não...Você entendeu errado, não somos prostitutas. — Balanço a cabeça negando enfaticamente e os olhos da ruiva estreitam. — Nossa! Nada contra a prostituição... Acho incrível que seja a profissão mais antiga do mundo e como se dedicam de corpo e alma em fazer o bem aos outros, mas nosso ramo é outro. — *Deus! Cale a boca!* Pressiono os lábios e respiro. — Só preciso encontrar Klaus, você o viu?

— Legal o que disse das putas, mas só faço os *drinks* mesmo... — Lelly passa um pano sobre os restos de bebida no balcão, fico vermelha e ouço Chloé rir baixinho. — Tem uns dias que Klaus não dá as caras... Ele está metido em encrenca? — Pela inquietação na voz, deduzo que rola um certo carinho em relação a Klaus. — Uns

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caras fodões, com pinta de policiais, também perguntaram por ele. — Suspira e seus olhos cintilam.

Fodões com pinta de policiais?

Chloé e eu nos entreolhamos... A sobrancelha delineada levanta e eu franzo a boca concordando.

Homens de Dante, só pode! Scarface também é fodão, mas não o tipo de fodão que nos faz ter olhos cintilando e soltando suspiros.

Merda!

Como descobriu o Flamingos? Tenho certeza de que não falei nada para ele. *Droga!* Frustrada com a competência investigativa dele, fecho os olhos... lembro quando disse que tinha outras formas e fico imaginando quais foram suas fontes.

Cretino! Isso aqui é um bordel!

PERIGOSAS ACHERON

As mulheres do planeta devem se estapear para trepar com ele e o imbecil paga por sexo?

Aaaahhh!

Tomara que o pau dele caia!

Olho para o balcão e as banquetas de ferro presas ao chão.

Desgraça!

Primeiro, suspiro irritada, porque não posso chutar mais nada hoje, sem correr o risco que os meus dedinhos do pé caiam. Depois, bufo porque quero achar Klaus primeiro! Ferre-se, se é por instinto competitivo ou honra, mas a ideia de perder qualquer coisa que seja para Dante faz meu sangue ferver.

— Satin, acorda! — Chloé cutuca o meu braço. *Hã?* — Desculpa, Lelly, às vezes, ela desliga.

Saio do maravilhoso mundo de Trice e,

determinada, sorrio para a ruiva que ainda aguarda uma resposta. Resolvo jogar.

— Nenhuma encrenca. Comigo, só solução... com os fodões, aí eu já não sei... — Meu rosto fecha sugerindo que são mau negócio. — Não me diga que o encontraram? Klaus ficaria bem chateado com isso — banco a íntima.

— Não... — A cabeça ruiva balança com vontade. — Ontem a Kiara estava de folga. Ela é a única que já teve um lance com ele.

— Lance? — Chloé entra na conversa.

— Sexo — explica com indiferença. — Pelo menos, era o que tinham antes do boato do novo lance com a loirinha rica.

— Que novo lance com a loirinha rica? — As bochechas de Chloé ficam vermelhas.

— Pelo jeito, mais sexo... Klaus é um amor, mas é bem vagabundo. — Ri achando legal.

— A Kiara ficou uma fera, tá gostando dele. —
Revira os olhos. — Pena, porque a parada com a
riquinha deve ser séria, os fodões sabiam dela e não
de Kiara.

Então a história do Klaus ter uma parceira
pode ser verdadeira... Fico quieta, não contei pra
Chloé que os Loyd me confundiram com a tal loira.

— Sabem quem é ela? — pergunto para a
ruiva.

— Quem?

— A loira. — Fico impaciente.

— Não... ele nunca a trouxe aqui... foi o
Joe, primo da Ceci, que ouviu por aí e passou a fita.

— Quem-é-a-Ce-ci, outra amante de
Klaus? — Chloé rosna.

— Ah não... ela é uma das nossas meninas
do balanço... — O queixo da ruiva aponta para o
andar de cima. — O Joe, primo dela, tem uma

PERIGOSAS NACIONAIS

oficina de motos e conhece muita gente... Os homens podem ser bem fofos — gargalha.

— A Kiara... ela está aí?

— Lá no camarim, ela e as meninas tem um show agora.

— Será que falaria comigo... juro que meu lance com Klaus não é de sexo — arrisco.

— Depois do show, sem problemas. Levo vocês até o camarim.

Perfeito!

Seguro a agitação interna e assinto... paro de alugar a moça que volta a trabalhar.

Mais tranquila por ter a chance de uma pista concreta, apoio os cotovelos no balcão enquanto Chloé parece emburrada. Dou um tempo a ela, não deve ser fácil descobrir que o cara com quem estava saindo também saía com o resto do planeta.

PERIGOSAS ACHERON

Vagabundo!

As luzes diminuem ainda mais e o show começa. A cortina do palco, que não vi fechar, reabre. Mesmo escuro, vejo que os postes de pole foram deslocados para as laterais e uma escadaria vermelha cenográfica foi posicionada bem ao centro.

Um feixe ilumina o topo da escadaria e dezenas de leques estão agrupados como um escudo de penas brancas gigantescas. Eles ondulam e se reagrupam como pétalas. Cinco pares de pernas torneadas fazem as vezes de caule de uma grande rosa... pés em saltos prata altíssimos se agitam quando uma a uma as pétalas abre desabrochando. Cinco beldades loiras sorriem e começam a descer fazendo movimentos sensuais com os leques. A única loira, vestida em um espartilho rosa e não branco, começa a cantar como

os diamantes são nossos melhores amigos.

Sorrio ao reconhecer a cena clássica do filme: *Os homens preferem as loiras*. Pela animação histórica dos homens que se amontoam ao redor do palco... a afirmação deve ser verdadeira.

A loira rosa continua a cantar e a dançar sensualmente enquanto as loiras brancas correm para os poles.

Uau!

Fico embasbacada como conseguem ser tão sensuais agarradas a um poste.

Olho... olho... olho e não canso de admirá-las.

Estou imersa em meus pensamentos eróticos contorcionistas quando um homem se aproxima.

— Oi, delícia — o sujeito baixinho e

careca fala com uma voz mole. — Vi os olhares, estava tentando me seduzir.

— Que susto! — Coloco a mão no peito. — Não... eu...eu estava olhando para o palco, sou meio míope.

— Não precisa ser tímida, deu certo. Te pago um drinque. Quer dançar?

O homem começa a balançar crente que sensualiza... pelo cheiro que exala está mais bêbado do que um gambá... Quero rir quando fecha os olhos, morde os lábios e começa a rebolar, na minha frente, em um movimento que ele deve presumir que seja sexy. Fico em dúvida se está dançando ou cambaleando.

Que vergonha alheia, Senhor.

Meu rosto pega fogo e quero morrer...

— Senhor... — Cutuco-o no ombro três vezes até que os olhos avermelhados abram. — Sua

PERIGOSAS NACIONAIS

dança é muito bacana mesmo... não quero ser chata, mas os rapazes ali. — Aponto para um grupo de homens altos e de costas que nem sei quem são. — Eles... eu...

— Cheguei, primeiro — interrompe com outro sorriso mole. — Eles que procurem suas próprias putas. Ganhei uma bolada lá em cima. Posso pagar.

O quê?

Eu falei que ia dar ruim com essa roupa!

— Isso é fantasia! Não sou uma prostituta! — exaspero-me e a bandida da Chloé começa a gargalhar.

— Um inferno que você é sim. — O baixinho varre meu corpo espremido no corpete minúsculo.

Puxo os fios da sainha na ilusão de torná-los mais compridos.

PERIGOSAS ACHERON

Merda!

— Oooh, seu inconveniente! — Lelly bate no balcão chamando a atenção do baixinho. — Se não quiser problemas é melhor chispar daqui! As garotas são do Charlie.

— Um inferno que ela não é — ele rebate.

— Tá bom... — Lelly dá um impulso e desliza graciosamente sobre o balcão. — Estou indo levá-las até ele. Se quiser pode vir junto e confirmar por si mesmo... só não diga que eu não avisei.

Ela faz um sinal com a cabeça, indicando que devemos segui-la. Sorrio, com o coração acelerado, ao deixar o baixinho resmungando para trás.

Deus permita que eu ache Klaus.

Tivemos que subir e atravessar o palco para chegar ao camarim atrás das coxias. Depois de

PERIGOSAS NACIONAIS

três batidas, a porta abre. A primeira coisa que me vem à mente é o caos.

O espaço, estreito e comprido, é ladeado de cabo a rabo por penteadeiras com luzinhas redondas e dezenas de colares pendurados nos espelhos. Roupões, vestidos, espartilhos e adereços espalhados por cabides, pelo chão e até sobre a meia dúzia poltronas douradas aleatoriamente dispostas. Maquiagens e pincéis a perder de vista.

Caos... um completo caos pós-show intensificado pelas vozes animadas de cinco mulheres loiras que estão lá dentro.

— Meninas, visitas. — Lelly bate palmas.

O falatório cessa e elas se viram. Uma a uma, as mulheres tomam o seu tempo de reconhecimento, examinando-nos atentamente. Estão vestidas com roupões de cetim rosa com um logotipo do Flamingos bordado sobre o seio

PERIGOSAS ACHERON

esquerdo, em dourado.

— Essas são a Satin e a Dália Fire, meninas do Charlie. — Lelly toma a frente nas apresentações. — E temos aqui a Paola, nossa cantora; a Ceci que, além do pole, faz a balança; e Mellissa, Valentina e Kiara, as melhores dançarinas de pole dance que Londres já viu. Estão precisando da ajuda de vocês.

— Tudo o que elas precisarem, Benzinho — Mellissa responde por todas.

— Uau... se não é Chloé Lacroix! — Paola exclama do nada. — Te sigo no Insta, mulher!

Congelo que nossos disfarces não duraram nem dois segundos e olho para Lelly.

— Relaxa eu sabia que Satin e Dália Fire eram apelidos... ninguém aqui é louco de usar o nome verdadeiro. — Pisca. — Eu também tinha reconhecido a Chloé.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem? — Valentina olha curiosa.

— Aquela Top Model que te falei... adoro as fotos dela, simplesmente melhor Insta — Paola explica. — Mulher, você é sensual pra caralho!

Chloé abre o sorriso de estrela máxima das passarelas quando todas a cercam pouco se importando com a mentirinha dos nomes que inventamos.

Quieta, observo Kiara que, das loiras, é a mais contida.

— Obrigada, aquilo que fizeram no poste foi incrível. — Chloé enturma-se. — Amei o show. Quem me dera, sou louca para aprender.

— Benzinho... — Mellissa ronrona. — Dou aula em uma academia às terças... Com esse seu traseiro abençoado, não vai ter pra ninguém... os homens vão enlouquecer quando virem o que um corpão como o seu pode fazer num poste.

PERIGOSAS ACHERON

Elas entram em um papo animado sobre pole dance e passarela... eu fico na minha... sei que Chloé está amaciando as meninas para conseguir que colaborem conosco.

Dito e feito... dez minutos depois, ela e Kiara começam a falar de Klaus.

— Eu não sei dele... o salafrário apareceu lá em casa, pediu uma grana emprestada e se mandou.

— Ele disse para onde ia? — pergunto ansiosa.

— Não... só que precisava ficar na moita, até a poeira abaixar — Kiara responde e não parece nada satisfeita.

— A Layd Lai não gostou nadinha dos fodões fazendo perguntas por aqui — Lelly completa.

— O negócio deve ter sido pesado naquele

hotel — Ceci comenta, senta na poltrona e tira as sandálias prata que estava usando.

Meu sangue congela e começo a hiperventilar.

— Como sabem disso? — murmuro.

— Todo mundo sabe disso. — Mellissa sorri com delicadeza. — Não se fala em outra coisa.

Meu Deus!

Estou na boca do povo!

— Falei que os homens são mais fofoqueiros do que nós. — Desgostosa, Lelly franze o rosto.

— Meu primo falou que Scarface também sumiu e tá bem puto que Klaus e a loira atiraram na bunda dele.

— Eu não atirei na bunda dele... foi Klaus!
— defendo-me por impulso. Cubro a boca

instantaneamente, arrependida de ter dito.

— Você, mas a mulher era loira. — Ceci fica confusa.

— Bandida! A minha peruca! — As mãos de Chloé vão parar na cintura. — Não estou acreditando que atirou na bunda do sujeito e não me contou!

— Eu não atirei! — defendo-me outra vez. — Esse Scarface está viajando!

As mulheres me observam quase com fascinação.

— Estão entendendo por que preciso achar Klaus? — Suspiro derrotada. — Ele tem que aparecer para explicar que eu não tenho nada a ver com as confusões dele. Não vou conseguir respirar com um tipo como Scarface na minha cola. — Com falta de ar, joga-me em uma poltrona vazia. — Minha vida virou um martírio... não sabem o que é

ter que conviver com Dante por causa disso! — Apoio os cotovelos nos joelhos e afundo a cabeça entre as mãos.

— Quem é Dante? — Valentina pergunta.

— O ex-gostosão dela. — Ouço Chloé explicar antes de começar a fazer um resumo dramático da minha história pregressa com ele.

Continuo com a cabeça entre as mãos e não me oponho que ela escancare a minha vergonha... estou exausta demais para reclamar. Respiro cada vez que ouço os suspiros de choque e pena.

— Coitadinha. — Paola acaricia a minha cabeça.

— Esse sujeito é um desalmado mesmo! — Ceci revolta-se.

— Eu mataria se alguém me deixasse esperando por dois anos e me desse um pé na

bunda — Mellissa diz suavemente.

Hã, mataria?

Mas ela é tão fofa?

Levanto a cabeça a tempo de ver Kiara aproximar-se e ajoelhar na minha frente.

— Tome. — Sorri docemente e enfia um papelzinho dobrado no meu decote. — Klaus costumava ficar aqui antes de ser despejado e se aboletar lá em casa... Um amigo dele, que está na Itália, tem uma quitinete vazia.

Sorrio para ela com gratidão e empurro o papelzinho bem lá no fundo do meu sutiã meia-taça preto.

Layd Lai entra no camarim e a cara dela não é nada boa.

— Os fodões voltaram e trouxeram reforços. — Seu tom de voz é bem chateado. — O chefe deles, um tal de Dante, não me parece nada

feliz.

Chloé olha para mim com cara de: *Fodeu!*

Meu coração dispara e uma onda de adrenalina faz meu corpo formigar.

— Meu Deus! Preciso dar o fora! — Pulo da poltrona como uma rã e quase viro o pé por causa do salto. — Ele não pode me ver aqui! Acha que estou dormindo! — Olho para os lados em busca de uma saída.

A boca carnuda de Layd Lai retorce.

— Humm... acho que ele sabe que você não está dormindo. — Toca o meu ombro de modo calmante. — O homem está uma fera lá fora, perguntando por você.

O desespero instaura-se e não é só em mim.

Me ferrei!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Depois de certa histeria generalizada no camarim, com direito a gritos e um corre-corre em torno de nós mesmas, Layd Lai berra, pede calma e para o meu tormento, descubro que a saída mais próxima é através de um corredor ao lado do palco.

Kiara e Valentina voltam da espiadinha investigativa com as caras esbaforidas e um pouco chocadas.

— Caramba! Tem certeza de que quer mesmo fugir dele? — Valentina me fita desconfiada. — O homem é um espetáculo!

Assinto com a determinação de quem quer mesmo é continuar viva.

Dante vai me esganar se me pegar!

— Quem é o cabeludão, com cara de Netuno? — Kiara está corada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O Max — grunho. — Irmão do espetáculo.

Kiara dá uns pulinhos enquanto e se abana.

— Que Nossa Senhora me defenda... se essa não é a porra da família mais tesuda que eu já vi! — explode.

— O Romeo tá aí? — Chloé fica vermelha.

— Quem? — Valentina pergunta.

— Alto, meio magrelo, olhos azuis... cara de safado — Chloé descreve.

— Nossa, tá! — Os olhos de Valentina brilham. — Outra delícia!

Chloé solta vários palavrões.

— Meninas! Foco! — Mellissa berra suavemente. — Precisamos tirá-las daqui. Falou com seu primo? — pergunta para Valentina.

— Tudo pronto. — Ela levanta o celular e

PERIGOSAS ACHERON

sorri.

Olho agradecida para elas.

— Então vamos, precisamos fazer isso rápido — Layd Lai comanda e começa nos empurrar para fora do camarim.

Passamos pelo corredor, espiamos da coxia e meu coração para duas batidas, depois dispara freneticamente. Seguro firme na mão de Chloé quando pontinhos escuros passam pelos meus olhos.

Deus!

Dante está a uns três metros do palco indo de lá para cá como um tigre enjaulado. O peito dele sobe e desce em uma respiração acelerada. Max chega perto, fala alguma coisa e ele xinga. Pela mão que começa a puxar a barba, tenho certeza de que está puto... muito puto.

Ai... ai... minha Maria Santissima das

mulheres lascadas.

Todos estão ali, incluindo os gêmeos e a Donatela. Vestidos de preto, exceto Dante, que usa o mesmo jeans e camiseta cinza de hoje cedo. Não gosto nada, nada, que suas caras estejam igualmente fechadas e irritadas.

Inspiro tomando coragem... Nosso plano é simples e único... as garotas vão despistá-los enquanto eu e Chloé passamos pelo palco e descemos as escadinhas até a porta que dá no corredor, que dá numa escada, que dá em outro corredor, que termina em uma porta com acesso ao beco. Lá, o primo da Valentina, o Joe, estará esperando com alguns amigos para nos tirar daqui.

Ótimo, a gente consegue.

Mellissa, Ceci e Valentina entram no palco e começam a recolher os leques gigantes. Kiara, Lelly, Layd Lai e Paola descem e caminham em

PERIGOSAS NACIONAIS

direção ao grupo liderado por Dante. Quando elas puxam assunto e começam a flertar, eu e Chloé corremos para ficar atrás da barreira de plumas pink. Encolhidas, vamos andando de lado em direção a porta... até que Chloé tropeça e puxa parte dos leques.

Tento segurá-la, mas ela cai de quatro. O choque dos seus joelhos com o tablado produz um ruído oco e alto. Amaldiçoo baixinho, a acústica do palco é excelente.

Merda! Merda! Merda!

Enquanto Chloé se recompõe, espio entre as plumas e os azuis mortais estão cravados em mim, com ira.

Eles piscam... piscam... piscam e depois arregalam não escondendo que me ver aqui, o deixa ainda mais puto da vida.

— Beatrice! — Dante urra.

PERIGOSAS ACHERON

Ai, Jesus!

Não espero por um segundo grito... puxo Chloé e corremos... a última coisa que vejo antes de fechar e trancar a porta é a Kiara dependurada no pescoço do Max tascando um beijo na boca dele.

Até poderia achar graça, se não estivesse ocupada correndo, feita uma louca, para chegar até o beco.

* .. ♥ .. *

— Fica fria, princesa.

Não respondo... Continuo estudando Joe e depois os outros três motoqueiros com pinta de durões que nos rodeiam. Todos relativamente altos, fortes, com cabelos compridos e cobertos por tatuagens. Chloé está quieta com o corpo dela grudado ao meu. Enquanto lembro dos golpes de defesa pessoal que Jack tentou me ensinar,

questiono-me se foi mesmo um bom plano.

Não sei se foi uma boa ideia pular na garupa do Joe e deixar que ele me carregasse para a sua oficina de motos em Chinatown. Um imenso galpão com labaredas pintadas na fachada... e um luminoso escrito *Motos From Hell*^[62]. O lugar até que é ajeitado e tem um certo charme Heavy Metal. Talentosos eles... várias motos personalizadas estão espalhadas por linha da produção organizada... Não entendo de marcas ou modelos, mas daqui elas parecem enormes e realmente incríveis... do tipo que ao montar a nossa bunda empina no céu, as pernas ficam escancaradas e as pessoas pagariam alguns milhares de libras para ter.

Como continuo muda e não me mexo, Joe tenta de novo:

— Não precisa ter medo, tá entendendo? Você e Klaus livraram a nossa dando aquele tiro na

bunda de Scarface.

Ainda não respondo, mas minha cabeça inclina de curiosidade.

— Aqueles irmãos Loyd vêm nos extorquindo há meses em troca de uma proteção que nem queremos. Te devo uma, princesa. — Sorri suave e percebo que é até bem bonito. — Eles fora de circulação, soa como o céu no meio do inferno que nos fizeram passar.

Os grandalhões ao lado dele assentem.

Meneio a cabeça... Não acho que é uma boa hora para contar a ele que caí nessa história de paraquedas. Meu subconsciente grita que Joe me devendo uma, parece bom e diminui o medo que estou sentindo dele... Respiro e ensaio um sorriso concentrando-me no que interessa.

— Precisava achar Klaus — digo a ele.

Joe estreita os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei não... Vai ser difícil. As coisas não estão nada bem para ele.

Eu e Chloé suspiramos. Depois de tanto tempo entrando em fria juntas, nós meio que desenvolvemos essa prática avançada de reagir da mesma forma e ao mesmo tempo.

— Por que não dá logo o que Scarface quer e se livra dele? — o outro sujeito, Bart, de cabelos escuros encaracolados e bandana vermelha na testa, sugere o óbvio.

— Se soubesse o quer, até daria — grunho.

— Isso é fodido. — O cara negro de cabelos rastafári, Ed, balança a cabeça.

— Muito fodido — Chloé concorda e lança para o cara um sorrisinho que só posso definir como sem-vergonha.

Pronto! Começou!

PERIGOSAS ACHERON

Olho fixamente para ela pedindo que se contenha. Se continuar assim, vai acabar sócia dos Flertadores^[63] Anônimos.

— Mas que merda! — explodo. — Alguém pode me explicar por que eu? Só pode ser praga daquela Nora Bronx por causa do London Fashion! — solto uma risada nervosa. — Devo estar fazendo as coisas muito errado mesmo, para o mundo desabar desse jeito! É pedir demais para ter a minha vida de volta? Sem bandidos, sem ex-maluco e sem medo de ganhar um tiro na bunda?

— Calma, Trice. Você está ficando histérica — Chloé diz claramente dividida entre preocupar-se ou rir.

— Queria que eu estivesse como? — berro — Claro que estou histérica! — berro mais.

— Ooooh... princesa, acalme-se — Joe pede carinhoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não dá! — berro também para ele.

— Eu disse acalme-se, porra! — ruge autoritário e gutural para em seguida, abrandar. — Só acalme e respire, ok?

Opa!

Paro, obedeço e puxo o ar. Seu olhar me prende e é como se estivesse pensando se deve ou não me dar um tabefe para o meu próprio bem, mas depois sorri.

— Princesa... como disse, te devo uma. — Dá um passo largo colocando a mão no meu ombro. — Ninguém vai encostar um dedo em você por causa de Scarface.

— Não vai? — balbucio.

— Não... nem por motivo nenhum.

Há tanta certeza em suas palavras que relaxo.

— Tá bom — sussurro.

PERIGOSAS ACHERON

— Temos visitas — o motoqueiro que se manteve calado, até agora, um loiro de nome Porsh, avisa.

Fico tensa de novo quando roncos de várias motos se aproximam. Fecho os olhos assim que reconheço o corpo sarado de Dante em uma delas.

Obrigada, Deus! Valeu mesmo!

— Que porra está acontecendo aqui? — Dante chega rugindo.

Abro os olhos e estremeço. No lugar de Chloé, está Dante que parou meio de lado, entre mim e o Joe. Em seguida, os azuis-furiosos estreitam quando olha para mim e sacode a cabeça lentamente examinando-me minuciosamente. Acho que à procura de algum ferimento. Fico tensa. Sei que não estou ferida, mas certamente o que ele encontra não o agrada. As veias das duas têmporas

PERIGOSAS NACIONAIS

começam a pulsar quando seus olhos vagueiam dos meus seios às pernas.

Seu olhar é tão rígido, que tenho a sensação absurda de estar diante dele vestindo nada.

Puxo os fios da franja do corpete e abro a boca, mas um dedo longo levanta.

— Não... nem um piu, Beatrice Wild — diz asperamente.

Eita... nome completo é sinal de que ferrou pro meu lado.

Engulo em seco, aquilo que nem sei o que ia dizer. Nestas últimas semanas, o que mais vi foi o Capitão puto da vida, mas isso é diferente... muito diferente e aterrorizante. Seu semblante é de uma selvageria no pior estado: pura e brutal. O peito parece ainda maior ao subir e descer em uma respiração curta... os ombros e braços estão tensos,

PERIGOSAS ACHERON

as mãos abrem e fecham na lateral do corpo, como um gladiador pronto para atacar. O azuis-índigo nem piscam, estão negros, atentos e afiados.

Sinto que a coisa está tão preta para o meu lado, que por um segundo, penso em correr e me esconder atrás de Joe. O coitado não sabe onde estava se metendo quando prometeu que ninguém encostaria um dedo em mim.

Quando termina comigo, a atenção do Capitão volta para Joe, que parece confuso e irritado ao mesmo tempo.

— Fui claro sobre manterem as mãos longe de Beatrice — Dante rosna a recomendação que, obviamente, não se aplica a ele.

Hã?

Sou pega desprevenida pela afirmação e pela mão grande e forte que enlaça a minha cintura, chocando nossas laterais. Tento me liberar, mas seu

PERIGOSAS NACIONAIS

aperto de aço intensifica e a olhada feia que me dá de: *não se atreva a sair daí*, convence-me de que é melhor ficar paradinha.

Bufo e busco por Chloé, que não parece estar em uma situação muito melhor do que a minha. A coitada está esmagada entre Romeo e Max, cujos semblantes não ficam muito atrás no quesito selvageria. A atenção dela está toda em Dante. Entendo muito bem o rubor no rosto e o arrebatamento... É impossível manter um olhar indiferente sobre ele, não com esse ar de mau elemento e toda essa perfeição física divina...

Aaaah...

Por que Deus?

Talvez um dia, eu aceite que ele virou esse espetáculo da testosterona e até se torne normal, mas ainda não aconteceu. Meu queixo também cai toda vez que o vejo.

PERIGOSAS ACHERON

Chloé finalmente me nota e pressiono a boca em um: *Estamos muito lascadas*. Ela devolve um: *Estamos mesmo*, com um sibilar dos cílios.

— Ninguém encostou nela, Stoirm — Joe foca no ponto onde a mão possessiva pressiona minha cintura. — Devia ter me dito que a sua mulher e a garota do Klaus eram a mesma pessoa quando esteve aqui. Não sou adivinho, porra! — Aborrecido, retira a bandana preta e passa a mão no cabelo ruivo.

Opa! Opa! Opa!

Olho estupefata de Joe para Dante. Não me agrada nada, nada, o rumo desta conversa. Já saquei que meu ex saiu por aí, jogando meu nome na roda. *Desgramado!* Seja lá com qual intenção, não tinha o direito. Não sou uma coisa para pertencer a alguém. Muito menos a ele.

— Ela não é a garota do Klaus — Dante

rebate.

— Nem sua mulher — corrijo-o com firmeza.

Joe ergue significativamente a sobrancelha ruiva.

— Problemas no paraíso, princesa? — Olha-me como se me achasse divertida.

— Não brinque comigo, Joe! — Dante ameaça e não parece blefar.

Sem perder o ar debochado, Joe dá um passo para trás e ergue as mãos.

— Acho que inferno se encaixaria melhor — deixo escapar e posso jurar que ouço um rugido baixinho vindo de Dante.

— Beatrice... — Meu nome sai dele em tom ameaçador.

— Que foi? — Viro e ergo a cabeça para desafiá-lo. — Não pode sair por aí dizendo que sou

PERIGOSAS NACIONAIS

sua! — Tento me soltar, mas ele não larga. — Pra quê tudo isso? — Aponto para Mc, Trent, Donatela e os gêmeos, que estão calados, porém tão atentos quanto ele.

— Você fugiu, Treas. — Comprime os lábios carnudos. — Duas vezes.

— É óbvio que fugi. — Pressiono as mãos no peito musculoso tentando aumentar a distância entre nós. — Tem que parar com essa mania de me perseguir. — Começo, mas lembro de várias coisas importantíssimas. — Não sabia que precisava apelar para bordéis. Nunca ouviu falar de DSTs^[64], não? Como soube do Flamingos? Juro que se eu tiver com sapinho, mato você!

Dante não responde e reconheço a cara de querer me esganar. Bufo e espio os amigos do Joe, que a essa altura estão apoiados em motos e entretidos como se assistissem a uma novela. *Que*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maravilha! Minha cabeça pira... amargamente, começo a viajar que o cretino tem problemas no sexo, superpoderes ou sangue felino... só assim, para me achar tão rápido.

— Como nos descobriu? — Olho desconfiada e seu queixo barbudo aponta para Chloé.

Hã?

— Você contou para ele? — pergunto num engasgo.

— Claro que não!

No mesmo momento em que Chloé nega com veemência, Romeo gargalha e levanta o celular.

— Fui eu que contei. Reconheci o lugar — diz orgulhoso.

Encolho os olhos até ajustar minha miopia e meu queixo cair de espanto.

PERIGOSAS ACHERON

Uh quê?

— Não acredito que fez uma *selfie*!

Chloé ergue os ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— A foto com as meninas atrás no palco, ficou incrível! — Seus olhos castanhos brilham. — Viu a quantidade de likes?

— Quase um milhão e meio — Romeo informa distraído olhando para o celular.

Era um cassino clandestino, caramba!

Rezo que, pelo menos, ela tenha desativado o localizador. Não tenho estrutura emocional para comprar briga com mais bandidos. Balanço a cabeça achando tudo inconcebível. Deve ter feito a foto enquanto aquele baixinho inconveniente me abordava no bar. *Deus!* Só mesmo Chloé para fazer algo ilícito e postar na rede.

— Anda me espionando, Pirralho?

A cabeça de Romeo dá um tranco dramático em direção a Chloé.

— Já disse que reconheci o lugar! — A indignação é tanta, que só posso supor que sim, ele a espiona. — Se toca! — Sua expressão muda para acusatória. — Não tenho culpa que é burra e deu esse mole.

— Imbecil!

— Burra!

Max cai na gargalhada e os motoqueiros o seguem.

— Chega! — Dante explode silenciando a todos. — Estão achando que isso aqui é piada? — Generaliza a bronca. — Deixem pra se matar fora daqui! Romeo leve-a pra casa e certifique-se de que não apronte mais nada por hoje.

— Não pode me obrigar! — Chloé

protesta.

Dante a examina de cima a baixo e seus olhos assassinos dizem que ele pode obrigá-la sim... Chloé engole com dificuldade e se cala.

— Vou com eles. — Agarro os dedos de aço que esmagam minha cintura tentando abri-los.

— Negativo... você vem comigo. — Sua voz é cortante e há rugas de tensão entre as sobrancelhas.

— Não... de jeito nenhum. — Pressiono os lábios demonstrando determinação e fico satisfeita em me impor.

Surpreso com a minha resistência, a mão de Dante afrouxa e eu pulo para o lado. Os olhos de todos recaem sobre mim com certo fascínio e reprovação. Quero morrer...

Desde quando dizer não para o todo-poderoso virou crime?

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou um suspiro profundo e indignado. Se eles agem como cachorrinhos fazendo tudo que o fodidão manda, sinto muito... Dane-se que ele parece assustador e perigoso. Posso até estar um pouco apavorada, mas tá pra nascer o homem que vai me obrigar a fazer alguma coisa que eu não queira.

— Não me teste, estou a um passo de fazer uma merda fodida — retorque Dante, claramente no limite comigo.

— Melhor obedecê-lo, Trice — Max aconselha.

Nego e busco desesperadamente pela ajuda de Joe.

— Se preferir, pode ficar aqui, princesa — oferece com uma ênfase sarcástica.

— Não ultrapasse a linha, Joe! — ruge Dante.

PERIGOSAS ACHERON

— Prefiro ficar com ele — anuncio decidida.

No primeiro passo que dou em direção ao Joe, a mãozona possessiva volta e me segura. Com raiva, puxo o braço para me soltar.

— A porra que prefere! — Dante me puxa de volta.

Ai, Jesus.

Para minha considerável surpresa, Dante abaixa, manobra o corpo e quando levanta, estou em seu ombro. Grito por socorro e só escuto um *eu avisei* de Max e um *puta que pariu* de Joe.

Indignada e de cabeça para baixo, grito histericamente e contorço-me desesperadamente para me liberar e descer. Xingo... xingo... xingo... esperneio... agito os braços e nada funciona. Apelo para a compaixão das pessoas, mas ninguém mexe um músculo para me ajudar. Sozinha nessa luta,

PERIGOSAS NACIONAIS

estico os braços e nocauteio a bunda dura. Dante revida dando um tapa na minha. Ofego e abro a boca... quando mordo suas costas... um: *Você pediu...* um clique e tudo apaga.



Calor... calor... calor...

Bocejo e acordo suando num estado de total confusão. Sinto meu corpo pesado e tenho a vaga suspeita de que algo não está bem... bocejo mais... dormi tão profundo que, por um instante, perco a noção de qual dia é. Bem mais dormindo do que desperta... tento me mexer, mas estou envolta por um casulo de músculos. Uma muralha quente está pressionada contra as minhas costas, minhas pernas misturam-se a um outro par poderoso e um braço pesado envolve-me a cintura mantendo-me cativa.

PERIGOSAS ACHERON

A sensação é boa, mas seria melhor se minha bunda não formigasse tanto. Mexo os quadris tentando me livrar do desconforto.

— Se esfregar mais uma vez essa bunda no meu pau, eu não respondo por mim. — A voz grave e áspera de sono, traz minha consciência de volta.

Abro os olhos e quando a memória de todos os fatos da noite anterior retorna. Está escuro... muito escuro... fico ainda mais confusa por não saber quanto tempo eu dormi.

Dante!

— O que está fazendo?

— Dormindo.

Meu corpo estremece. Nunca dormi com ele, nem mesmo quando éramos crianças. Sempre houve aquela coisa de barraca das meninas e barraca dos meninos. Estar deitada e sozinha com o

PERIGOSAS NACIONAIS

ordinário é meio inimaginável dada nossa situação atual.

— Aqui? — murmuro ainda em choque.

— É a minha cama.

Hã?

Cama dele?

A adrenalina dispara dentro de mim... Rolo para fora do seu domínio, mas ricocheteio e caio sobre o peito fervendo. Tiro as mãos espalmadas sobre ele como se estivesse tocando em lavas... Fico sobre os joelhos e insisto em sair de perto, até me dar conta do óbvio.

— Estou algemada a você? — berro no escuro.

— Precisava dormir e com você fugindo não dava — rosna.

— Aí me algemou? — murmuro estupefata.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Você é louco! — Jogo as mãos para o alto, mas só uma sobe.

Ouçõ um clique e a claridade começa a entrar. Uma parede de vidro inteira surge a minha esquerda. Fico pasma, nunca tinha visto um troço desse. Os vidros vão de escuros e opacos, a cristalinos em segundos. Impressionada, esqueço Dante. Caramba, isso resolveria os problemas lá de casa. Poderia esquecer de fechar as venezianas eternamente, sem ter a luminosidade da manhã agredindo meus olhos.

Um pequeno *oh* escapa. Atrás da vidraça há uma área gramada extensa, ladeada por muros altos recobertos de heras. Uma gigantesca quantidade de verde, que só é quebrada por um azul cristalino de uma piscina de uma raia ao fundo do terreno.

PERIGOSAS ACHERON

Que lugar é esse?

Tenho um sobressalto e pulo na cama. Espalmo a mão livre no peito quando um corpo imenso peludo e cinza se choca contra o vidro. *Godzilla!* Com os olhos vidrados em mim, ele lambe o vidro, depois tenta escavar o concreto do piso da varanda e, por fim, fica sobre as patas traseiras, espalma as dianteiras e late como um alucinado.

— Tive um trabalho danado para mantê-lo longe de você.

Esqueço Godzilla que, agora, vai e vem se chocando contra o vidro. Giro a cabeça e tomo um segundo de alívio quando vejo que Dante está com uma calça de moletom preta, tão surrada, que é quase cinza e uma camiseta branca com alguns furos. Respiro, agradecendo que ele não seja um naturalista e sim, um cara que gosta de conforto ao

dormir.

— Vai me explicar o que significa tudo isso? — Evito o corpão tentador que permanece deitado e aponto para a algema.

— Avisei que estava a ponto de fazer uma merda fodida. — A rouquidão sonolenta desaparece.

Mordo o lábio, detestando a resposta. O maluco me avisou mesmo. Depois, mordo o lábio mais um pouco, porque seu cabelo escuro está despenteado e selvagem de um jeito muito sexy. Ofego quase deprimida... bem que eu queria, mas é impossível ignorar como ele fica um tesão quando acaba de acordar.

Droga!

Isso só pode ser castigo!

— Quero ir pra casa já! — exijo. — Dessa vez você passou de todos os limites! Isso é

sequestro! Cárcere privado!

Num ato de nervosismo, passo a mão em meus cabelos soltos e despenteados. Eu aqui, não é certo... Tenho um estalo e avalio a camiseta gigante do Arsenal^[65] que visto. Um arrepio transpassa minha coluna... com a mão livre, puxo a gola vermelha e branca. Enfio a cabeça lá dentro para espiar e solto o ar quando vejo que estou com a lingerie preta da noite anterior. Puxo o bojo, por fora do tecido da camiseta, e vejo que o papelzinho da Kiara ainda está lá.

Graças a Deus!

— Você tirou a minha roupa?

Meu coração sobe até a boca e fico estática... A ideia dele me despindo provoca reações adversas e antagônicas. Ira e excitação competem dentro de mim para ver quem leva a melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo o ar.

— Aquela merda ia te machucar — diz como se não fosse grande coisa.

Enrubesco... uma pontada de decepção vem... passa pela minha cabeça que ele possa não ter gostado do que viu.

— Fique sabendo que aquela merda é um figurino original do filme — esclareço porque não sei o que dizer e porque acho a informação importante. Meu coração aperta mais... lembro-me de que, em algum momento, entre correr para chegar ao beco e andar na garupa do Joe, eu perdi a cartola.

Droga! Ela era tão linda.

— Do que você está falando? — Ergue uma sobrancelha.

— Do filme, Moulin Rouge — explico o óbvio.

PERIGOSAS ACHERON

Dante não esboça nenhuma reação a minha explicação. Estica o braço da mão que não nos une e depois de um toque, a gaveta do criado-mudo abre. Retira de lá uma chave e alguns papéis. Esfrego o pulso assim que me libera, apesar desta algema não ter me machucado. Pelo menos, Dante teve o cuidado de revesti-la com algum material mais macio e fita adesiva.

Ele senta e joga no meu colo o maço de papéis.

— *EU* não tenho DST ou outra porra qualquer — dá ênfase no *eu* e anuncia de modo quase irônico.

Ai... ai... ai...

O que esse cretino está querendo insinuar?

— Cadê minha bolsa? — pergunto sem me dar ao trabalho de olhar o que eu julgo serem os

exames dele.

— Já vou te levar... precisamos conversar primeiro.

— Cadê-a-minha-bolsa? — repito pausadamente controlando-me para não explodir.

— No balcão. — Seu queixo aponta para a área oposta à cama.

Escorrego para fora do colchão. Meus pelinhos arrepiam quando meus pés descalços sentem o gelado que vem do piso em cimento queimado... Para me esquentar, puxo a camiseta que mais parece um vestido em mim. Tenho que dar uns bons passos até a paredinha de concreto que delimita a cozinha. Giro os olhos e me dou conta de que quase não existem paredes... tudo é aberto e amplo. Sem tempo para absorver melhor os detalhes da casa de Dante, meu estômago aperta quando vejo o espartilho em cima de uma das oito

banquetas de aço que há sob balcão. Abro a bolsa, pego o celular e começo a fuçar.

Volto decidida e soltando vento pelas fuças como uma locomotiva. De pé ao lado dele da cama, jogo o celular em seu colo, do mesmo modo que fez com os exames em mim.

— Se aquele *EU* foi uma insinuação, fique sabendo que sou tão limpa como uma virgem. — Aponto para os exames que fiz recentemente, antes do implante anticoncepcional, e que recebi por e-mail.

Os azuis-índigo piscam em um lapso de confusão.

— Você é virgem? — Há um quê de esperança na pergunta.

Solto uma risada nervosa. A última coisa que me falta é ter esse babaca pensando que sou uma mal-amada encalhada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não seja ridículo, ninguém é virgem aos vinte e seis — respondo com certa arrogância.

Seu rosto fica impassível, quase frio. Tento lê-lo, mas não consigo... Odeio quando fica assim. Prefiro suas explosões, não sei lidar com ele escondendo os sentimentos. Levo seu silêncio como descaso e mordo os lábios para segurar as palavras. Faço uma força danada para não o provocar e jogar na cara dele que sou bastante elogiada por minha empolgação e técnica. Posso não ter tido um milhão de amantes como ele ou ser uma garota do Flamingos, mas tenho meus truques... Anos e anos lendo romances eróticos abrem os horizontes sexuais de qualquer mulher.

Sigo a mão grande que coloca os exames e o meu celular sobre o criado-mudo. Depois acompanho ele tirar a algema do próprio pulso e depositá-la ao lado de um revólver e um taser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus olhos arregalam... Esfrego o ponto dormente em minha bunda. Com os punhos cerrados, viro-me rapidamente para encará-lo.

— Filho da puta! — murmuro em um ranger de dentes.

Os olhos azuis escurecidos e afiados voam para o taser e voltam para mim.

— Nada disso teria acontecido se não fosse tão teimosa — diz sem piscar.

Abro a boca indignada. Tenho várias objeções sobre quem é o teimoso na equação, mas a onda de adrenalina e as batidas do meu coração estão tão fortes que me calam... Meu amor-próprio grita profundamente ofendido diante do fato de ter sido dominada, sem chances de defesa.

Dessa vez, fico realmente furiosa... e enxergando só vermelho, avanço. Jogo-me na cama e montada sobre ele, parto para uma luta solitária e

PERIGOSAS ACHERON

violenta. *Maldita alma irlandesa!* Bato em seu peito com os punhos fechados despejando, em cada golpe, a frustração acumulada por anos.

Godzilla late do lado de fora, mas não dou trela.

Ofego, puxo ar e soco mais... Meus punhos começam a doer, ignoro o desconforto... irrita-me muito mais o fato dele não reagir. Xingo-o de todos os nomes obscenos que consigo me lembrar. Após um longo momento, recebendo minha ira em silêncio, Dante suspira exasperado e agarra firmemente meus punhos.

— Quer parar de me bater? — rosna.

— Atirou em mim! — Puxo forte os braços para tentar soltar os pulsos.

Irritado, ele grunhe e consegue inverter nossas posições. Meu corpo fica soterrado sob a muralha de músculos. Meus pulsos são puxados,

PERIGOSAS NACIONAIS

com firmeza, até estarem unidos, acima da minha cabeça, e reféns do aperto de aço de sua mão. Agito os quadris e empino o peito na tentativa de escapar.

Godzilla late mais e mais, e mais... continuo a ignorá-lo, até que desiste e sai correndo.

— Falei que estava no limite! — Crava os olhos nos meus.

Soterrada e impotente, puxo o ar quando um dos cotovelos tatuados apoia no colchão diminuindo a pressão sobre mim.

— Sente prazer com isso, seu bárbaro? — pergunto com a voz trêmula.

Dante respira fundo e solta o ar lentamente.

— Não, mas... — Seu rosto contorce em um pesar irritado. — Droga! Meu Deus! Você estava tão linda com aquela merda de roupa... um tesão... e toda exposta diante daqueles porras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava com uma raiva do caralho por você ter fugido de mim, mais uma vez, e puto porque a minha vontade era arrancar a cabeça de qualquer um que olhasse para você. — Ofegante, puxa o ar. — Aquele Joe é um merda, Beatrice. Eu vi os olhos dele sobre você. Tem noção do quanto é atraente? — Junta nossos narizes e um estremecimento percorre o meu corpo. — Sua teimosia me deixa maluco.

Abro a boca para retrucar, mas tomo um susto quando sorri amargamente e acaricia meu rosto com o polegar.

— Tão linda — murmura e repete o gesto.

Minha respiração acelera e sinto-me uma traidora por apreciar seu toque. Movo o corpo para tentar nos afastar, mas tudo que consigo é nos unir mais... Seu quadril encaixa entre as minhas pernas e...

PERIGOSAS ACHERON

Deus! Isso é o...?

Começo a pulsar bem ali onde a virilidade bruta e dura pressiona minha maciez. Desconfortável com minha reação sempre instintiva quando se trata de Dante, fecho os olhos e suspiro para controlar as batidas frenéticas no meu peito.

Volto a encará-lo... estamos perigosamente próximos... não consigo pensar com o pau dele roçando em mim.

— Não... podemos continuar... desse jeito — gaguejo e nossos lábios quase se tocam e eu ofego.

— Treas... Treas... Treas... — Abaixa mais a cabeça e esfrega a bochecha na minha inspirando profundamente — Para de fugir de mim, deixe-me entrar, Treas — sussurra em meu ouvido provocando arrepios. — Te quero tanto que mal consigo respirar... não vou magoá-la... juro. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

tenha medo... não vou embora dessa vez... nada é mais importante do que você... me deixe entrar, Treas.

Deus! Não faça isso comigo!

Outra vez, não.

A cabeça morena e despenteada levanta... os azuis-índigo lançam faíscas à queima-roupa... e me deixam rendida. Seu olhar recai no ponto da minha garganta onde as pulsações são mais frenéticas.

— Não pode querer que eu... — Mordo os lábios para estabilizar a voz. — Não... não pode... não vou passar por tudo novamente. Eu quero...

... não querer você...

Dante toma o meu rosto com a mão e cola a boca carnuda e masculina na minha... Meu coração para por um segundo e pensamentos embaralham quando a língua exigente pede

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passagem... Sei que devo empurrá-lo para longe, mas não o faço. Todo o meu bom senso implora para que eu não me entregue, mas a sensação é tão tentadora que solto um gemido rendido, fechos os olhos e entreabro os lábios.

Eu sou uma fraca!

Espero o ataque e ele não vem... Abro os olhos confusa... os azuis-profundos brilham e amo como os cílios longos e escuros os deixam ainda mais exóticos...

Hipnotizada e sem palavras, fico admirando o rosto bonito.

— Você é de tirar o fôlego... eu me perco na cor desses olhos enormes, Treas — o timbre rouco e profundo, murmurado contra minha boca, retumba em meu peito. — Você é rara, nunca vou machucá-la.

Por favor, não me engane... não diga

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas assim.

Deus!

Ele é tão perigoso.

— Nunca mais atire em mim — sussurro em um lapso de razão.

A cabeça morena e despenteada balança convicta.

— Nunca mais.

Agarra meu cabelo e o puxa para baixo... Ofego... meu queixo ergue, fecho os olhos novamente e sou invadida, e devorada sem reservas... Nossas línguas se entrelaçam em uma dança erótica e exigente... não há nada de gentil nesse beijo. O masculino seduz o feminino... penso em lutar sem saber contra o quê, mas sou vencida pela atração que esse jeito de homem rude me provoca.

Nos beijamos profundamente... A língua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ávida dele explora cada centímetro da minha e é a porcaria da sensação mais deliciosa do mundo... Seus lábios estão firmes sobre os meus... um ronronar sexy brota no peito definido e vibra na minha língua... a coisa é tão primitiva e estranhamente excitante, que todo o meu corpo reage.

Sem controle, deixo que chupe a minha língua, completamente dominada por ele.

Excitada e comprimida contra o colchão, faço a última coisa que deveria... dobro os joelhos, abro mais as pernas e impulsiono o quadril permitindo que a ereção pressione diretamente as minhas partes... Tremo quando elas pulsam e contorço-me como uma gata... Fico atordoada e assustada... o moço tem documentos de respeito... ele é todo imenso, duro e vigoroso.

Cravo os dedos nos cabelos escuros e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensação da barba macia roçando no meu rosto provoca reações químicas que só me atiçam mais. Nunca fui tomada assim... deslizo as mãos e com as unhas tato os braços gigantes, com músculos definidos... Sinto seus pelos arrepiarem...

O beijo aprofunda e a coisa esquenta... Esse homem tem uma pegada voraz que me deixa maluca... Entramos num esfrega-esfrega sem limite enquanto ofegamos e gememos em sincronia. Minha barriga contrai e o calor entre as coxas começa a gritar de necessidade.

Estou perdida, sei que estou.

Dante rompe o beijo e puxa o ar como um afogado... abro os olhos com a respiração tão ofegante quanto. Há um certo fascínio na forma como me olha... Tão profundo... tão intenso que me desconcerta. Ele desliza para o lado me liberando, a mão grande escorrega acariciando os contornos do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu corpo, arrepiando-me toda. Arregalo os olhos quando se infiltra e aperta forte minha bunda.

Deus!

— Se não quiser que homens morram, é bom parar de experi-la por aí. — A voz dele é tão grave e áspera que quase acredito.

Ele está brincando, certo?

Quero pedir que não brinque assim, mas paro de respirar quando a mão que apertava meu traseiro desliza contornando meu quadril e invade a calcinha sem cerimônia...

Jesus!

— Ca-ra-lho! — Estupefato, quase engasga. — Lisinha... lisinha...

Os dedos tentam iniciar um movimento exploratório.

Opa! Opa! Opa!

Calma lá com o andor, camarada!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Congelo e travo as pernas ao me dar conta de que as coisas estão andando na velocidade da luz... Como fui do nunca jamais, para não quero, mas quem me dera? Choca-me o quanto estou sendo fácil. Pareço uma marionete nas mãos dele, cedendo a todas as suas investidas... Não sou assim... nunca fui... começo a entrar em parafuso.

Meu Deus, ele é um demônio sedutor... vai... vai... vai e pah!

Encaçapa!

— Abra as pernas, Treas... Seria bom ter sua participação ativa nis...

— Puta merda, me desculpe! Eu... eu... —
Uma terceira voz madura, constrangida e muito conhecida substitui o pedido sexy de Dante.

Juiz Anthony!

Congelo duplamente. Dante me solta e senta como um raio escondendo meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

Mortalmente envergonhada, viro para o outro lado, puxo o edredom e me escondendo.

— Pai! O que está fazendo aqui?

— Desculpa, filho... Droga! Que situação. Você esteve tão... tão... ausente que a última coisa que eu podia imaginar é que estaria aqui com uma... uma... qualquer.

Ele está achando que sou uma prostituta?

— Não é uma qualquer... é a Beatrice.

— Beatrice... Qual Beatrice? A nossa Beatrice?

— A minha Beatrice.

— Vocês estavam...?

A pergunta é interrompida quando a gargalhada gutural e inconfundível de Max explode.

Perfeito!

Reunião de família, só me falta Maggie

estar aqui também.

Arquejo e me encolho na expectativa de desintegrar e acabar logo com a humilhação.

— Transando, pai — Max completa entre risos. — Sabia que isso ia acontecer quando Dante a arrastou para cá como um homem das cavernas.

Opa, não!

Umas sacanagens, até admito... mas transando não!

Respiro fundo, esperando que Dante tenha a decência de desmentir. Não ouço nada... nem um miniprotesto que seja sai da boca gostosa do bandido traidor.

— Filho não me diga que a arrastou pelos cabelos? — o juiz dá um suspiro exasperado. — Meu Deus! Esqueceu a educação no Exército? Sei que ainda gosta dela, mas não se pode forçar uma mulher à cópula.

Como assim, ele ainda gosta de mim?

Cópula?

Sento como uma tábua e deixo o edredom cair, revelando-me.

— Pera, lá! Não teve nada desse troço de cópula que o senhor está falando! — protesto sem conseguir me conter.

Os olhos enrugados e da mesma cor que os de Dante me avaliam desconcertados. Murmuro um *bom dia, juiz Anthony*, mas acho que ele não escuta. Continua a me olhar de queixo caído e com uma expressão chocada, quase recriminatória.

Fecho os olhos.

Max solta outra gargalhada.

— Caralho, irmão... passou com um rolo compressor por cima da Trice?

O braço de Dante vem para trás e me laça, grudando-me a ele.

— Considere-se um homem morto, Dante Stoirm— ameaço baixinho com a bochecha imprensada contra suas costas.

— Quer calar essa boca, Palhaço! — O corpo de Dante enrijece. — Não rolou nada de mais aqui, pai. Trice e eu estamos indo devagar.

Uh o quê?

Max volta a gargalhar.

— A cama detonada e as algemas mostram bem o quão devagar.

— Já mandei calar a boca, seu puto! — Dante ruge, mas parece não afetar o irmão, que gargalha mais.

— Meninos! — Anthony diz com autoridade.

Inclino o corpo e espio os homens parados a alguns metros da cama. Reparo que bem mais atrás deles, há uma área em concreto mais elevada,

PERIGOSAS NACIONAIS

com um sofá, poltronas e um tapete gigante e felpudo preto... Duas colunas vão do teto ao chão e entre elas, uma televisão fininha e gigante está presa por um suporte... *Área de estar... só pode ser.* Volto para eles... Max sorri e dá uma piscadela divertida. Reviro os olhos e ignoro. Ele pode considerar-se um homem morto também.

— Indo devagar — o juiz Anthony olha para mim e diz baixinho em um estado de torpor contemplativo.

Meu subconsciente grita: *Não vá por esse caminho, meu bom homem* quando, de repente, seus olhos brilham.

— Maggie vai adorar! — Abre um sorriso raro. — Sempre soubemos que essa briguinha entre vocês era coisa passageira. Macacos me mordam se essa não é uma grande notícia!

Bato a testa contra as costas duras de

PERIGOSAS ACHERON

Dante.

Eu mereço!

— Senhor... acho que não é bem assim —
tento argumentar.

— Tudo bem, querida. — Levanta a
mãozona pedindo que eu pare de falar. — Sei como
essas coisas entre namorados funcionam. Não nos
deve nenhuma explicação... Teve motivos legítimos
para agir como uma louca e entendo isso... o que
importa é que estão juntos de novo.

Uma louca?

É isso que eles acham? Que enlouqueci?

*Seu filho me deu um pé na bunda,
caramba!*

Loucos são vocês!

Quero gritar e soltar os cachorros pra cima
do juiz Anthony, mas não consigo ser mal-educada
com ele vestido em um terno de três peças. Longe

PERIGOSAS NACIONAIS

de mim ser presa por desacato a autoridade. Estou numa sinuca de bico e o bonitão do Dante não parece nem um pouco disposto a desfazer o mal-entendido. Entrar num bate-boca com eles, não vai adiantar nada... são três contra uma. Tento me acalmar... lembro-me de que sou sensata, equilibrada e sei o que tenho que fazer... preciso dar o fora desse hospício e depois dar um jeito de desfazer toda essa merda de estamos indo devagar.

Meu celular vibra em cima do criado-mudo. Lanço-me, como uma águia, e o alcanço antes de Dante. Viro, apoio-me contra as costas dele, encolho-me como uma concha para ter privacidade e atendo.

— *Vou assassinar o Pirralho se ele continuar parado na frente do pub como um cão de guarda! Tem que falar com Dante, ele está maluco se pensa que pode me manter vigiada. O que ele*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pensa que é? Um general? Temos que achar Klaus e acabar logo com isso! Não sei mais o que dizer para Lucca! Tô falando sério, Trice! Vou enlouquecer!

— Vou dar um jeito nisso, relaxa — sussurro.

— A porra que vai — Dante fala sobre os ombros. — Mais uma confusão e não respondo por mim — rosna. — Mande essa maluca sossegar o facho.

Hã?

— *Ouvi isso, seu idiota!* — Chloé berra.

— Podemos conversar quando eu chegar em casa? — peço tentando amansar a tigresa. Entendo a indignação dela, mas vamos precisar de calma e um bom plano para escapar das garras de Dante e dos homens dele. — O Cyborg aqui tem ouvidos biônicos.

PERIGOSAS ACHERON

— *Onde você está? Dormiu com ele? Tá maluca?* — Chloé berra indignada. — *Não estou acreditando que deixou o tesão falar mais alto e deu pra esse nazista!*

As costas de Dante vibram quando ele rosna baixo.

— Nazista é o caralho.

— Se não percebeu, é uma ligação particular! — falo sobre os ombros para ele. — Amiga... juro que, quando chegar em casa, eu explico. Não dá pra conversar com esse stalker do lado. Respira e relaxa... beijo.

Desligo na cara para evitar que Chloé fale mais alguma merda e piore nossa situação.

— Preciso ir embora — anuncio assim que viro para os homens novamente.

— Max vai levá-la — Anthony diz com autoridade. — Deixamos o carro dele lá fora e

PERIGOSAS NACIONAIS

entramos com o meu.

— De jeito nenhum. Beatrice fica comigo!

— Dante protesta.

Ignoro a indignação do grandalhão e pulo da cama... olho para o corpete mínimo em cima da banqueta. De jeito nenhum vou deixar que o juiz Anthony me veja naquilo.

— Só preciso de uma calça emprestada.

O juiz foca nas minhas pernas. As sobrancelhas brancas se unem de insatisfação. Max gargalha e dou alguns passos para trás quando Dante levanta.

— Filho... — A mão de Anthony espalma no peito que arfa como um touro. — Acalme-se e escute-me... Entendo que tenham muita coisa para conversar, mas surgiu um compromisso... Não teria largado sua mãe em pleno domingo, se não fosse prioridade. O helicóptero sai em meia hora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem fodendo! Não posso ir... Beatrice.

— Olha a boca, sou seu pai! — Anthony passa a mão nos cabelos grisalhos, quase brancos. — Beatrice ficará bem... não estaria aqui se não fosse realmente importante.

Dante olha para mim... seus lábios contraem em um misto de aborrecimento e indecisão.

— Temos obrigações com a Coroa, sabe disso.

Meus olhos arregalam... obviamente essa coroa aí, não se trata de uma senhora idosa... pelo menos, não qualquer uma. Fico intrigada... mil possibilidades passam pela minha cabeça, mas agarro-me a mais óbvia e aliviante delas: o fato dele ser um Cavaleiro de Honra. Pelo menos, ele não estaria do lado negro da força.

Suspiro com a possibilidade de não ter

PERIGOSAS ACHERON

beijado um criminoso.

— Pai, não posso.

Começo a me exasperar com a relutância de Dante... Não quero ser um estorvo para a Coroa e muito menos atrapalhar os negócios do juiz Anthony.

— Filho, é preciso.

— Vou ficar bem, prometo — intrometo-me para acabar logo com o meu martírio.

— Obrigado, Beatrice. — Anthony sorri, a expressão aterrando-se para uma doçura rara.

Surpreendo-me, o juiz não é um homem de reações afáveis. Satisfeita, vibro por dentro por ter dado o xeque-mate que garantiu minha passagem para casa.

— Preciso de um banho. Max arrume uma calça para Beatrice. — Rendido, Dante abaixa a cabeça.

Busco por seus olhos, mas sou ignorada. A rigidez, com a qual parte em direção ao único corredor, sobrepõe-se a toda suavidade do pai. Por mais que eu ainda queira matá-lo, meu peito aperta por vê-lo claramente chateado com a situação... Para alguém acostumado a ter as coisas do seu jeito, sobrepujar-se à soberania do pai, não deve ser fácil.

Incomodada inclino o tronco espiando melhor o corredor, sigo o corpo poderoso até ele entrar por uma porta, que presumo ser o banheiro... vejo ao fundo, um elevador... meu queixo cai... O centro de comando, como eles chamaram no dia do meu interrogatório, ficava em um subsolo. Miro o chão rústico desejando ter visão de raio-X. Faz todo o sentido e explicaria como Anthony e Max surgiram do nada.

— Aquela sala... a do interrogatório, fica

aqui embaixo, não fica? — sussurro para Max.

Com uma sutil inclinação de cabeça, ele confirma que sim.

Eu sabia!

Ai, meu Deus!

— Têm câmeras aqui? — ofego a pergunta ao lembrar da sala cheia de monitores que vi de relance a caminho da garagem.

Max ri baixinho, entendendo o meu desespero.

— Uma pena, mas não. Teria sido interessante — sussurra. — Vamos, é melhor sairmos logo daqui, antes que meu irmão volte e te acorrente à cama.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Fico sem palavras quando vejo o jardim da frente. Não só pelo fato dele ser um tremendo de um bosque particular, mas porque, aparentemente, não há saída... os mesmos muros altos e repletos de heras, que vi nos fundos, rodeiam e protegem o lugar como um forte.

Curiosa, olho ao redor.

— Se é com o Godzilla que está preocupada, relaxa. Tem um portão que separa os dois jardins. — Max aponta para a área dos fundos.

Assinto, apesar de Godzilla ser a última questão a me preocupar.

O galpão centenário, com ares de ginásio esportivo, fica no meio do nada... surreal, mesmo em se tratando de Londres, uma cidade repleta de áreas verdes. Só mansões ou prédios históricos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possuem jardins espaçosos como este e raramente são bosques.

Sigo descalça e quieta, entre as árvores, até chegarmos ao pé do muro. Noto que há um discreto teclado numérico escondido entre a vegetação... semelhante ao que tenho em casa. Max digita um código, que memorizo por precaução, e as folhagens rangem. Dou um pulinho para trás quando o portão camuflado começa a deslizar para os lados e a abrir lentamente.

— Tem um portãozinho lateral, mais prático. — Max indica onde. — Mas achei que seria mais dramático assim.

— Pra que tudo isso? — Não consigo disfarçar certa indignação acusatória.

Pessoas normais não precisam se esconder desse jeito, penso, mas não digo.

Max toca no meu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Escuta, Trice, não crie um monstro onde não existe um... A carapaça pode estar embrutecida, mas por dentro... — a cabeça dele inclina para o galpão — é o mesmo cara que cresceu com você... Não seja tão dura, sabe que Dante sempre curtiu mato e privacidade. Tirando esse teclado e a piscina, tudo aqui está do mesmo jeito que há um século.

Respiro longamente antes de responder. Suas palavras me deixam encafifada. Ao contrário de mim, Max nunca saiu do lado do irmão e sabe quem é ele melhor do que eu.

Puxo o ar em busca de alguma luz.

É tão difícil reconhecer os sentimentos do outro quando mal conhecemos os nossos. Não é possível que o ranço esteja afetando tanto assim o meu julgamento... É pedir demais que eu acredite no bom mocismo de Dante com ele atirando em

PERIGOSAS ACHERON

mim e me algemando.

Droga! Que complicado.

— Desculpe — digo, já não tendo mais certeza de nada.

Envergonhada, aperto com mais força o corpete e os sapatos que seguro.

Os olhos verdes reviram em um: *Também não é para tanto.*

— Vai ter que se acostumar, agora que está com ele.

— Não estou com ele... na verdade, não o suporto.

Com os olhos cerrados contra a claridade, Max ri.

— Percebi pelos gemidos o quanto não o suporta. — Seu sorriso amplia ao ver minha perplexidade silenciosa. Enrudeço sabendo que não tenho argumentos contra os gemidos. Até porque

isso é notícia velha. Estou mais do que ciente sobre essa atração insana e minha hipersensibilidade aos detalhes anatômicos do irmão dele. — Deixe de bancar a ranzinza e venha. — A mão, maior ainda que a de Dante, agarra a minha.

Ando por inércia quando ele me puxa. *Paixão psicológica, claro!* Suspiro ao encontrar uma explicação lógica. É comum entre vítimas e seus captores... Essas últimas semanas têm sido de uma pressão psicológica absurda... na certa, estou com algum tipo enviesado de Síndrome de Estocolmo^[66].

Caramba!

Eu podia dar um curso de como ferrar com a nossa vida em sete dias. Juro... estou ficando boa mesmo em fazer com que tudo dê errado!

Droga!

Do outro lado do muro encontro um

PERIGOSAS NACIONAIS

gramado bem cuidado, um galpão menor e uma construção em arquitetura gótica. A fachada branca está rachada e amarelada pelo tempo e maus-tratos. Alguns andaimes e telas de proteção azuis, indicam que há uma reforma em andamento e recobrem parte dos dois andares retangulares e compridos com dezenas e dezenas de janelas. Minha cabeça sobe e reconheço os oito arcos sextavados que ladeiam a torre solitária com seu sino de prata...

Mas... mas... mas... é o Convento de Sant Abbey^[67] em Westminster...

Boquiaberta, giro sobre o meu eixo. Não é possível que seja Dante, o investidor anônimo que saldou as dívidas de impostos atrasados e comprou o lugar salvando as Irmãs do despejo iminente. Soube do drama há alguns meses... os tabloides de fofocas estavam enlouquecidos atrás da identidade do tal homem.

PERIGOSAS ACHERON

Max gargalha. Saio do transe para encontrá-lo com as pernas abertas, mãos na cintura e ar divertido.

— Incrível, né? — Comprime os lábios orgulhoso. — Estou te dizendo, Trice... O grandalhão até pode rosnar, mas tem um coração de mamãe urso... — Gargalha novamente.

— Carrasco urso, só se for — Faço uma careta, minha imagem sobre o irmão dele não é nada fofa. Está mais para um urso pardo bem raivoso. — Se ele te pega falando assim... Não tem medo de apanhar, não?

— Caralho se tenho. Viu o tamanho da porra do braço dele?

Ooooh, meu querido... não só vi, como senti.

Max limpa uma lágrima de riso e continua.

— Dante não pode ver um desemparedado

que já quer resgatar. É sério... o cara vive para os outros, Trice.

Entorto a boca para lá e para cá.

Nesse ponto, não posso desmentir Max. Dante sempre foi muito empolgado ao falar sobre as missões de paz e resgate.

Completamente perdida, minha testa franze ao reexaminar o lugar. Não estou acreditando que Dante more com freiras! Permaneço quieta, não sei o que dizer. É muita informação para processar.

Caramba!

Se Max não é o melhor cabo eleitoral que um homem pode ter, eu não sei quem possa ser. Até eu votaria em Dante se não tivesse tanto ranço evolido.

— É por isso que usam aqueles túneis? Por causa dos paparazzi?

— Não... os babacas já desencanaram desse assunto de benfeitoria. Os túneis são práticos, poupam um puta tempo de trânsito...

Impaciente, reviro os olhos.

— Espera mesmo que eu acredite nisso... que tiveram toda a trabalheira de construir aquilo lá, só por causa do trânsito?

— Não, mas não deixa de ser verdade quanto nos poupar um puta tempo no trânsito. — Gargalha de si próprio. — É bom manter o que fazemos longe dos olhos de caras como os Loyd. Mas não construímos nada. Aqueles túneis, os Mail Rail^[68], estão lá desde antes da Primeira Guerra. Vai se surpreender com a quantidade deles que existem espalhados pela cidade. Fazem parte do sistema antigo dos correios, os caras inventaram isso para resolver o problema de entregas. As ruas estavam lotadas de carroças e carros, a solução foi

PERIGOSAS NACIONAIS

descer para o subsolo. Aquele estacionamento pelo qual saímos, era uma antiga sede dos correios, por isso os túneis vão até lá.

— Isso não é ilegal? Pegar um túnel e beleza? — Faço uma viseira com a mão para poder vê-lo sobre a claridade.

— Trice, Dante é um dos queridinhos da Rainha. Ele pede, ela concede.

Pondero que ser um Cavaleiro de Honra por bravura deve ter lá suas vantagens. Depois, irrita-me um pouco... até a Rainha, encantada por ele, é um pouco demais.

— E por que não saímos por lá?

— Com a reforma, a igreja e o pequeno museu do Convento reabriram para a visitação. Ficou fácil misturar-se aos fiéis e turistas, e não ser notado. Quem desconfiaria de um homem em busca de abrigo nos braços do Senhor? — Pisca divertido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gosto de passear pelo jardim e as Irmãs vendem ótimas tortas de maçã aos domingos.

Dou risada.

— Para o tipo de *segurança* que presumo que façam... — enfatizo ironicamente o “segurança” fazendo aspas com os dedos. — Parece bem conveniente estar em um lugar acima de quaisquer suspeitas — digo e a sobrancelha de Max arqueia em concordância. — As pobres das Irmãs têm ideia do que fazem aqui?

Porque eu ainda não tenho certeza.

— Enganar filhas abençoadas de Jesus seria pecado. — Esboça um sorriso. — Elas sabem até onde é permitido saberem e não seja um perigo para elas. As nossas instalações ficam nas antigas criptas subterrâneas, temos um alojamento nos fundos do Convento, perto da cozinha, e esse galpão menor para treinos. — Aponta para a grama

PERIGOSAS ACHERON

e depois para o prédio.

Criptas?

Saber que estou descalça em cima de um cemitério extinto, não é lá muito agradável... encolho os dedos dos pés para atenuar o nojo.

— Também sou uma filha abençoada de Jesus e vocês não me contaram o que estavam fazendo naquele hotel — aproveito a deixa.

— Caralho, mulher! Tinha me esquecido do quanto é obstinada quando quer alguma coisa. Meu irmão está fodido com você.

Ok. Já entendi.

Max não vai falar.

Mando uma olhada enviesada para ele e começo a andar ladeando o prédio. Escrutino o chão tomando cuidado para não pisar em algum prego ou resto de construção.

Eu sou uma idiota por forçar a barra sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

um assunto que não vai rolar. Não sou lesada... sei como essas coisas funcionam... Já vi filmes... Esses caras parecem fechados em um código de honra. Na teoria, dizem-se consultores... na prática, só Deus sabe, mas depois dos últimos dias, meu feeling diz que essa consultoria de segurança oferece aos associados muito mais do que conselhos.

Não vou mais mendigar por informação... daqui a pouco, acho Klaus e, eu mesma, arranco tudo dele.

Não crie um monstro onde não existe um...

Esbravejo para o nada, ao lembrar o conselho de Max. Para ele é fácil falar isso. Sabe de tudo, faz parte do esquema... É muito chato ser posta à margem. *Deus!* Odeio quando as coisas não são ditas, como se eu fosse frágil ou burra demais para suportá-las.

PERIGOSAS ACHERON



Afundo a cabeça na água. É um outro mundo aqui embaixo... gosto da falsa sensação de estar isolada e protegida de tudo. Submersa, fico sem pensar em nada, até meus pulmões arderem implorando por ar. Dou um impulso com as pontas dos pés e deslizo para ficar sentada na banheira.

Abraço os joelhos e sorrio para Gabriel e Mila, que me espreitam da porta.

A primeira coisa que fiz, ao descer do carro, foi atravessar a rua correndo e bater na porta de Dorothy. Ela estranhou um pouco a aparência desleixada e os pés descalços, mas deixou passar. Estava radiante demais arrumando as malas. Fiquei de queixo caído quando ela contou que o filho ligou. Ele e a segunda esposa, vinte anos mais nova, estavam grávidos e a queriam por perto.

Finalmente!

O homem vinha ensaiando uma reaproximação desde que tomou um belo de um chifre da primeira esposa. A ex dele nunca gostou da sogra. Talvez porque Dorothy soubesse que ela era uma megera interesseira de marca maior.

Até hoje não me conformo!

Que filho nega ajuda a um pai moribundo por medo de aborrecer a esposa? Foi surreal o *sinto muito, não posso fazer nada* que ouvi quando fui procurá-lo para contar sobre a doença do senhor Graham e pedir que fosse ver os pais. Não me arrependo de ter sido expulsa de seu consultório e dane-se que estava lotado de pacientes! Ser chamada de louca intrometida não foi nada diante dos desaforos que joguei na cara dele.

Com frio, saio da banheira e enrolo-me na toalha.

Isso aqui vai ficar silencioso sem Dorothy por perto. Tudo bem, é por uma boa causa. Tenho certeza, que de onde quer que ele esteja, o senhor Graham deve estar sorrindo agora.

Ignoro o celular, que vibra histericamente sobre a cama, e corro para o closet para me vestir. Escolho um short jeans larguinho e uma camisa branca, de botão, romântica e com estampa de margaridinhas. Toda vez que Dante vem a minha mente desvio os pensamentos para outra coisa...

Ainda estou mortalmente envergonhada por ter sido pega no flagra por seu pai. Minha vontade é colocar as mãos em torno daquele pescoço gostoso dele e espremer. Estou irritada demais porque ele não me ajudou e deixou que o juiz acreditasse que estávamos voltando às boas.

Deus!

Não consigo pensar direito com ele tão

próximo... meus hormônios simplesmente enlouquecem e nocauteiam qualquer razão. Ser chamada de louca foi foda. É difícil eu ficar intimidada, mas a figura do juiz tem esse poder sobre mim, perdi o rebolado total... fiquei completamente desarmada e não consegui argumentar mais nada.

Droga! Droga! Droga!

Chega de Dante!

Enquanto me arrumo, lembro da conversa interessante que tive com Max, depois das risadas que demos no caminho até aqui. Gostei de saber das presepadas que aprontavam nas Forças Armadas.

O senhor emburrado não era assim tão certinho.

Revejo mentalmente minha agenda para a semana, faço a lista de compras para a despensa,

PERIGOSAS NACIONAIS

imagino o que posso dar de presente pelos trinta e cinco anos de casamento dos meus pais, quebro a cabeça sobre o prédio do Soho.

Assim que termino de passar o corretivo nos pulsos e pentear os cabelos, a campainha começa a tocar.

Meu estômago ronca feliz. Quase uma da tarde e ainda nem tomei o café da manhã. Dante reclama que não tenho comida, mas não me ofereceu nenhum pãozinho.

Dou risada.

Pois é... em casa de ferreiro, o espeto é de pau.

Enfio o celular no bolso de trás e desço as escadas, descalça e feliz... tomara que os gêmeos tenham encontrado tudo o que eu pedi. Minha boca enche d'água só de pensar nos cupcakes da Violet.

Toda a minha animação desintegra quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abro a porta e Maggie me ataca em um abraço apertado.

— Ai, minha querida! Eu sabia... eu sabia... eu sabia! Estou tão feliz! Tão feliz!

Sou balançada como um pêndulo para lá e para cá. Sobre os ombros dela vejo Romeo, não muito feliz, carregado de sacolas de compras e Chloé, que levanta e aponta para o celular dela, dizendo sem som *eu tentei te avisar* e revirar os olhos.

— Quase morri quando Anthony me ligou!
Ótimo! Muito bom, juiz Anthony.

Ainda soterrada pela mãe de Dante, que começa a encher o meu rosto de beijos, solto um suspiro... Acho que nem quando os filhos ganharam aquela bolada estratosférica na loteria ela ficou tão feliz.

Que tragédia!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lelly tinha razão. Os homens são mais fofoqueiros do que nós.

Sou arrastada para a cozinha.

— Dante estava preocupado que não tinha comida em casa.

Abro a boca para responder, mas não tenho chance.

— Espero que não se importe — Maggie continua e posso jurar que andou chorando. — Trouxe umas coisinhas.

Meus olhos recaem sobre as oito sacolas cheias e a caixa de cupcakes da Violet, que Romeo deposita sobre a bancada. Busco por Chloé. De cara amarrada e encostada na parede, ela se resigna a levantar os ombros.

— Não queria dar trabalho — murmuro educadamente.

— Trabalho nenhum, somos família...

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei tão triste quando brigaram, mas agora está tudo bem. Sempre aprovei você e Dante juntos... são tão lindos! Um caszinho e tanto!

— Que bom — respondo sorrindo, mesmo querendo gritar que não existe essa coisa de Dante e eu!

Meu Deus! Eu mato aquele homem!

Exasperada, passo as mãos nos cabelos ainda úmidos. O melhor seria acabar logo com o mal-entendido, mas não consigo, seria muita maldade. Como contar a verdade quando os olhos de Maggie sorriem para mim sonhadores e atordoados? O papai urso, já me chamou de louca, ganhar um novo rótulo de desalmada e destruidora da alegria da mãe alheia, já é demais. Nego-me a ser a vilã. Dante que dê a cara a tapa e explique para a família que o louco, na verdade, é ele.

— Trouxe roast beef^[69] com yorkshire

pudding^[70]. — Ela tira uma embalagem térmica enorme de uma das sacolas. — Eleonora disse que são os seus preferidos... não lembrava disso.

Ai, Jesus!

Meu corpo inteiro congela em descrença.

— A senhora falou com a minha mãe?

Ela assente feliz, e começa a abrir os armários.

— E com a sua avó — Romeo resolve participar e piorar o meu martírio.

Gabriel puxa a barra da calça dele querendo atenção. Romeo o pega no colo e começa a rir olhando para a carinha confusa do meu cachorro.

— Com a minha mãe também. — Chloé aproxima-se, senta e acaricia a cabeça da Mila, que dorme empoleirada num banquinho ao lado. — Elas têm um grupo de amigas no *WhatsApp*.

Minha boca cai aberta.

— Que grupo é esse que eu não sei? —
pergunto chocada para Maggie.

Ainda entretida com os armários e gavetas,
ela me ignora.

Romeo cai na gargalhada e Chloé olha feio
para ele.

— Que que eu fiz? — Seus olhos azuis-
claros faíscam. — Já viu os olhos desse cachorro?
Ele é completamente ves...

— Nãoooo. — Chloé estica o braço e cobre
a boca dele com a mão. — Nunca diga isso! Trice
não quer que o pobrezinho traumatize!

Romeo morde a mão de Chloé, ela o
estapeia e Gabriel começa a latir. Reviro os olhos...
Ok, ninguém vai me dizer que bendito grupo de
WhatsApp é esse.

— Onde ficam os pratos? — Maggie

pergunta feliz, alheia a tudo, mergulhada em seu próprio universo. Que a essa altura, deve estar repleto de convites de casamento, vestidos de noiva e sapatinhos de bebês.

Aponto para a primeira porta, à esquerda, no armário de cima, antes de puxar o celular do bolso. Quatro ligações da minha mãe e oito da vovó. Estremeço. Abro a caixa de mensagens de texto.

Filha, é verdade mesmo? Agora sim, a festa em Paris estará completa. Não vejo a hora de revê-los juntos. Me liga!

Beatrice Wild! Não acredito que não me contou primeiro! Tudo bem, que sou só a sua avó por parte de mãe, mas eu pensei que tivesse mais consideração por mim! Droga!

Que notícia surpreendente é essa que você e Dante

voltaram? - Jack.

Beatrice, me ligue com urgência. - Pai.

**Trice, querida, estamos muito felizes por vocês.
Esperamos os dois para uma visita na Itália. - Christine e
Phillipe.**

Jesus, até os pais de Chloé!

O que é isso?

Um complô?

Quero arrancar os cabelos, correr pelada até a London Eye^[71], embarcar na primeira cabine que encontrar, girar... girar... girar... e depois me jogar lá de cima.

— Tudo bem, querida?

— Hã? — Tiro os olhos do celular para dar atenção a Maggie.

— Está um pouco pálida. — O rosto delicado fica apreensivo. — Está enjoada? — Seus olhos verdes, como os de Max, iluminam.

Ah, não... Ah, não... Ah, não.

Só falta me decretarem grávida.

— Ah... não... nada de enjoo, estou ótima. Muito bem, na verdade. — Sorrio fingindo que não estou à beira de um colapso. — Deve ser fome.

Primeiro, Maggie sorri doce para mim e depois vira fulminante para Romeo e Chloé, que gargalham.

— Parem de rir, Beatrice está faminta! Filho, ajude com os talheres. Chloé pegue os copos e o chá na geladeira. — Dá ordens como se estivesse em casa.

Controlo-me.

Não seja a vilã, Beatrice.

Mordendo os lábios para não surtar e falar

PERIGOSAS NACIONAIS

merda, digito para Dante. Ligar para ele e correr o risco de perder o controle e começar a gritar na frente de Maggie, nem pensar.

Sua mãe está aqui e a minha fazendo planos!

Satisfeito? Agora o mundo acha que estamos juntos!

Pode dar um jeito nisso!

Nem dez segundos... a resposta vem.

Muito satisfeito. Nós estamos juntos, Treas.

O único jeito que eu quero dar é em você.

Uau!

Ele está brincando certo?

Sinto a boca contorcer involuntariamente.
Dou risada do tamanho da cara de pau do cidadão.
Ele que me poupe... Voltamos para o colégio

PERIGOSAS ACHERON

agora? Duas seções de amassos e já acha que é meu dono?

A lembrança dele me pondo nos ombros vem... Sim, ele acha. *A minha, Beatrice.*

Aaaah... menos, muito menos, quase parando, senhor Dante.

Recuso-me a responder... Jogo o celular, que aterrissa deslizando bruscamente no sofá.

Sento na banquetta, em frente ao prato abarrotado de comida que Maggie serve para mim. Agradeço a ela, que sorri satisfeita com outros dois pratos enormes nas mãos. Acompanho com certo alívio, quando ela sai para entregar as refeições para os gêmeos.

Suspiro.

— Que foi? — Romeo pergunta de boca cheia.

— Foi que as Forças Armadas devem ter

feito uma lavagem cerebral no seu irmão —
respondo também de boca cheia. — Ele virou o
quê? Um homem das cavernas? Um mandão,
controlador e possessivo?

— O idiota está parecendo um general —
Chloé arremata, claramente irritada. — Quem ele
pensa que é para ficar cuspindo ordens?

Querendo mostrar que tenho razão,
levanto, vou até o sofá e pego o celular para que ele
leia a resposta do irmão. Meus olhos arregalam
surpresos quando a cabeça morena de Romeo cai
para trás em uma gargalhada debochada.

— Tá putinha por causa disso? Deixa o
cara demonstrar que gosta de você. — Olha
divertido para mim. — Cacete, qual é o seu
problema? Quanta frescura. — Ergue as mãos
fingindo um não-me-toque melindrado. — Vocês
mulheres são malucas, ficam se fazendo de

modernas e bancando as difíceis, mas no fundo, no fundo sonham mesmo, com um bom peito para dormirem agarradas e se sentirem protegidas.

Apesar do machismo me irritar, penso em um certo peito bem largo, cheiroso, forte e levemente cabeludo.

Maldição!

Minha fome vira outra. Largo o garfo sobre o prato.

Chloé o encara com desdém.

— Nossa, não sabia que de nerd idiota passou pra sexólogo machista arrogante. — Chloé bate palmas. — Parabéns! Quem te escuta falar assim, até pensa que entende de mulheres.

Romeo ri.

— Entendo de muito mais coisas do que possa imaginar, Malandra. — Os olhos azuis-claros estreitam predatórios. — Até parece que caras

PERIGOSAS NACIONAIS

como nós não fazem mulheres como vocês suspirarem enquanto pensam umas sacanagens.

Quase engasgo com o chá quando a carapuça me serve. O Romeo é convencido, mas tem razão... suspirar e pensar sacanagens é o que eu mais tenho feito ultimamente.

Por falta de argumentos, desisto e fico calada.

Chloé resiste bravamente.

— Só se for suspiro de agonia. Se toca, Pirralho. É preciso muito mais do que um corpo fodão para me fazer suspirar.

Romeo a encara, divertindo-se com a alegação dela. Obviamente, não acreditando em uma só palavra que ouviu. Quando ela solta um gritinho de raiva, ele abre um sorriso satisfeito e volta a comer.

Nossos olhares inconformados cruzam...

PERIGOSAS ACHERON

Lanço um: *Tá entendendo porque não aguento mais?* para Chloé e recebo um: *Ô... se estou! Precisamos dar um jeito nisso urgente*, antes dela olhar para Romeo com irritação.



Aboletada no banco de trás do SUV dos gêmeos, cruzo a Tower Bridge^[72] em direção às ruas movimentadas da City^[73]. Gosto de passar por aqui. O bairro bem no centro de Londres, casa dos bancos e da bolsa de valores britânica, é onde a cidade começou. É curioso ver como a arquitetura antiga das casas centenárias e monumentos históricos se mistura aos prédios ultramodernos do centro financeiro.

Amo minha cidade. Londres é um lugar mágico, onde tudo existe, tudo acontece, tudo é possível e único. E o melhor... tirando Dante,

Martha e Bob obviamente, os ingleses são um povo simpático e tolerante: tocam a vida e não se metem na do próximo.

Meu coração acelera à medida que chegamos ao 30 St. Mary Axe ou Gherkin^[74]. Dou risada... sempre dou... Tudo bem que nós britânicos adoramos um pickles, mas acho meio brega apelidarem o arranha-céu de pepinão. Apesar de achar a arquitetura em espiral e espelhada, um pouco duvidosa, o prédio, de trinta andares, lembra muito mais uma coisa de poder fálico ou um projétil de bala de prata.

Homens e seus monumentos.

Combina com Yuri ser dono disso aqui^[75]. Meu coração acelera mais. O SUV para na pequena praça circular que abriga o prédio, bem em frente da fachada. Admiro as barras de ferro que formam um amontoado de triângulos invertidos e suspiro

contrariada.

Não estava esperando começar a semana vindo aqui. Tiro da bolsa um lençinho e enxugo minhas mãos suadas. Isso só pode ser praga de Dante por eu ter dado um perdido nele ontem à noite.

Meleca!

Não estava esperando que Yuri me ligasse tão cedo e de seu número pessoal. Consegui me esquivar do convite para jantar, mas não fugir desta reunião. O leilão da Fundação Hart está próximo e preciso mesmo aprovar os croquis.

Checo o relógio digital no painel do carro: 09h15.

Solto outro suspiro, só que, dessa vez, de alívio. Estou quinze minutos adiantada. Foi uma pequena maratona sair da casa do Lucca, correr para a minha, trocar de roupa e vir para cá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei a que horas a reunião vai terminar. — Pego a pasta de couro com os croquis. — Por que não aproveitam e vão dormir? A estação London Bridge fica só a umas quadras daqui, posso muito bem voltar de metrô.

— Negativo. A ordem é para esperar — Bob responde ríspido.

Caramba, esse cara é muito chato!

— O Capitão e a Donatela estão vindo nos render — Dylan acrescenta com suavidade.

Meu estômago vazio chia e franzo o nariz por repugnância. A imagem de Donatela e Dante juntos não me agrada nem um pouco. Sei que não é da minha conta, uma vez que não quero nada com ele, mas a mulher devia se dar o respeito. Não esqueci a secada monstro que ela deu nele no dia do interrogatório. O homem é chefe dela! Alguém precisa avisá-la de que assédio no trabalho é crime.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em vez de ficar parada me espiando, Donatela deveria se preocupar com a raiz daquele cabelo oxigenado que está precisando de um retorque urgente.

Dylan ri e eu gosto um pouquinho mais dele por isso.

— Acho melhor parar com as piadas e não reclamar — Chatão Bob corta o meu barato. — O Capitão ficou puto com você indo dormir num bar.

Gente, quantos anos esse cara tem? Oitenta?

Até meu avô é menos rabugento do que ele.

— Grande novidade... — Reviro os olhos para ele através do retrovisor. — Dante fica puto com tudo o que eu faço mesmo... não seja maldoso, Bob. Não teve nada de mais eu ter aceito um convite dos meus amigos — minto já que fui eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem pediu para dormir lá só para evitar me encontrar Dante. — Pro seu governo, passei a noite batendo-papo e não bebendo. Vi séries no loft, por acaso, fica em cima do pub do meu amigo e não de um bar qualquer — digo a verdade. — Se não gosta de mim, pede pra sair. Também não gosto de gente de cara feia me seguindo por aí.

— Ignore ele, Trice. — Dylan gira o corpo para sorrir para mim. — Meu irmão é um mal-humorado nato. — Revira os olhos. — Sinceramente, se não fôssemos iguais, eu juraria que é adotado.

Chatão Bob xinga o irmão e desce do carro. Volto a ficar apreensiva ao descer e caminhar até a recepção. No elevador privativo e vazio, rumo ao vigésimo nono andar, experimentando uma sensação de liberdade. Solto um *valeu, Deus!* Que bom que os gêmeos foram barrados e não puderam

PERIGOSAS ACHERON

subir. O Dylan é uma graça, mas aturar o Bob é um saco.

Viro para o espelho que cobre toda a parede do fundo do elevador. Gosto do que vejo: uma saia lápis ajustada, um palmo abaixo do joelho, e uma camisa de seda. Tudo preto, inclusive os saltos. Infelizmente, meu habitual humor para as cores não me visitou essa manhã.

Ajeito um fio solto do coque elegante e sóbrio que escolhi para prender os cabelos.

Estou elegante o suficiente para uma reunião com um homem como Yuri, porém não tão sexy. A última coisa que eu quero, é que ele tenha ideias erradas e faça algum movimento que me obrigue a chutar as bolas dele.

Meu celular vibra, ao mesmo tempo, que a porta do elevador abre revelando o amplo salão de entrada da Fundação Hart. Tem tanto preto no

chão, nas mobílias e nas roupas das pessoas, que me sinto camuflada. Sorrio de mim mesma e para a recepcionista, que já me conhece. Aproveito e checo a mensagem no caminho, relativamente extenso, até o balcão negro da recepção.

Aquele meu amigo já está lá no Klaus.

Vai mandar mensagem se o ordinário aparecer.

Só espero que não ele não dê as caras hoje, não consegui desmarcar a sessão de fotos.

Beijos, Chloé ♥♥♥

Ai, caramba!

Uma moça ruiva faz sinal e a sigo pelos corredores extensos.

Ontem eu tive uma minicrise de consciência... Não sei se a minha cabeça ainda estava afetada pela intensidade dos beijos, mas cheguei a considerar a possibilidade de entregar PERIGOSAS ACHERON

logo o endereço do amigo do Klaus para Dante e deixar que ele tomasse as rédeas. A ideia dele decepcionado mais uma vez comigo bateu...

Droga! O que está acontecendo comigo?

Talvez, se só eu estivesse envolvida, até poderia tentar uma troca... o endereço, pela verdade do nosso não relacionamento para as nossas famílias, mas não posso. Chloé tem razão, esse assunto é bem mais dela do que meu. Entre decepcionar Dante e trair uma amiga que nunca saiu do meu lado e jamais me magoou... eu fiz a minha escolha.

A ruiva alcança duas maçanetas prateadas e com certa pompa ensaiada, abre as portas negras do escritório do Yuri. Seguro firme a pasta com os croquis e aguardo a um passo atrás.

— A senhorita Wild está aqui para vê-lo, senhor Yuri.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem na hora, mande-a entrar. — O sotaque russo, quente e sedutor, chega a mim antes que eu possa vê-lo.

Respiro fundo, ergo o queixo e dou um passo seguro para dentro do escritório minimalista, impessoal e grande demais para uma pessoa só. Meus olhos recaem imediatamente para a parede côncava de vidro em padrões triangulares, que recobre todo um lado do ambiente, e revela uma vista espetacular da velha Londres. Sempre perco o fôlego quando venho aqui.

Tenho um sobressalto quando ouço a porta fechar atrás de mim.

— Minha dama... cheguei a pensar que estivesse me evitando.

Aperto a alça da pasta e esboço um sorriso cordial e fingido. *Não sou a dama dele!* Simplesmente odeio quando me chama assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Nada disso... só bastante ocupada, como lhe disse — sou parcialmente sincera. — Não vai pra Rússia? — pergunto para quebrar o gelo e na esperança de me ver livre dele por uns dias.

Olha-me como se pensasse: *Sobre o que essa maluca está falando?*

— A Copa na Rússia... — Sorrio sem jeito. — A abertura?

— Não... não. — Balança a cabeça com certo asco. — Odeio festas populares e futebol.

Yuri sorri todo cortês e indica uma das cadeiras à frente da sua mesa. Estranho sua postura distante... O empresário que eu conheço é um predador. Um homem letal, acostumado a nos envolver e hipnotizar com seu charme sedutor.

Quando ele vira para tomar seu lugar na cadeira de diretor atrás da mesa, meus olhos recaem involuntariamente em seu traseiro. Ok... para ser

PERIGOSAS NACIONAIS

sincera, ele é bonito, muito bonito e gostoso... alto, rosto quadrado, olhos azuis-claros incríveis e um corpo que, certamente, visita a academia todos os dias. Não é à toa que já caí nas garras dele e não ajuda muito o fato dele estar usando apenas a calça de um terno cinza chumbo e uma camisa preta sem gravata.

Uma outra moça, muito bonita, entra empurrando um carrinho. Desvio a atenção para as paredes, estranhamente vazias para um homem reconhecido como colecionador de arte. Penso em perguntar se ele prefere ter suas obras em casa para poder apreciá-las com calma, mas seguro a curiosidade... Vai que me convida para ir até a mansão dele.

Deus me livre!

Quando a moça sai, tenho uma xícara de café e um copo com água com gelo ao meu lado. A

PERIGOSAS ACHERON

reunião começa e estranho uma segunda vez, quando ele entra no modo negócios e foca no evento de caridade que estou produzindo com o apoio da Fundação Hart.

Passamos uma boa meia hora, revendo todos os pontos e ajustando um detalhe aqui outro ali. Acabo relaxando diante da postura profissional adotada por ele. Talvez, tenha desistido de me atazanar, achado uma namorada ou simplesmente entendido quando disse que iria embora na primeira pergunta pessoal ou gracinha.

— A escolha das camélias foi realmente acertada. — Ele bate a ponta da caneta elegante no tampo de mogno escuro.

— Eram as preferidas de Olívia — murmuro rezando que não ache ruim, ter escolhido as flores preferidas de sua falecida esposa.

— Não me importo. Até gosto que tenha

pesquisado sobre mim. — Crava os olhos azuis nos meus.

Pesquisei sobre Olívia, não sobre você.

Fico cabreira e concentro a atenção nos croquis espalhados sobre a mesa.

— Só não entendo porque não fazer aqui na parte de cima da torre. No Searcys teríamos o mesmo efeito do teto triangular do Museu Britânico, com a vantagem de ter o restaurante a disposição e a vista 360° mais incrível da cidade.

— A falta da estrutura de um restaurante vai ser um problema para você? Alguma dificuldade com a liberação no Museu? Se precisar, posso intervir.

— Na verdade, não. Já estou com todas as licenças na mão. O chef Lucca está mais do que acostumado em improvisar e as instalações da cozinha do Museu são de primeira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mantenha o Museu. — Ele toca os cabelos ruivos, bagunçando-os levemente. — Combina muito mais com o tema do leilão. Honestamente, estou louco por uma mudança de ares... almoço no Searcys quase todos os dias.

— Ah... ok, então. Saindo uma mudança de ares para o senhor Yuri Ivanov.

— Falando em mudanças, já viu a prova final do seu painel? Estou curioso para ver como ficou a sua transformação... não vai mesmo me falar qual das deusas ou divas escolheu?

Enrubesço.

— Só vi uma prévia no computador. Nossa, nem acredito que topei fazer. — Escondo o rosto entre as mãos. — Tentei mudar o meu tema, mas todos os outros já tinham sido escolhidos. — Levanto o rosto. — Nem deveria participar, mas fiquei totalmente sem jeito de recusar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem poderia, já que a renda vai ser revertida para o Estadia.

Assinto, mesmo contrariada.

— Pois é... não poderia, mas que foi meio embaraçoso, foi... As modelos escolhidas eram lindas.

A mão grande desliza pela mesa e pousa sobre a minha. Seu toque não é ousado ou abusivo, mas sinto-me estranha em permiti-lo.

— Duvido que sejam mais do que você. Quem te comprar vai ser um cara de sorte.

Desconfortável, retiro a mão debaixo da dele.

— Comprar a minha fotografia quis dizer... — corrijo. — Porque, certamente, a compra dela não se estende a mim. — Sorrio com frieza, demonstrando que não gostei da insinuação.

— Não quis ser grosseiro... é que fico

PERIGOSAS ACHERON

imaginando como voc...

— Pare! — corto bruscamente. — Se não quer que eu o tire do projeto, simplesmente pare... e não imagine nada.

Com um olhar intenso, ele me avalia. Creio e, que buscando por um vacilo meu ou ponderando entre ceder ou continuar. Um minuto incômodo parece passar. Sinto que começo a corar, mas mantenho-me firme. Ele pode ser sexy como um inferno, mas não estou interessada. Em um gesto inesperado, morde os lábios, sorri e levanta as mãos entregando os pontos.

Suspiro aliviada.

— Desculpe, Minha dama. Força do hábito — diz com ar divertido.

Esqueço as convenções sociais, que dizem que somos obrigados a aceitar de bom grado um pedido de desculpas, e não sorrio de volta. Quero

mais é que perceba que não estou para brincadeira e falei sério quando pedi, lá atrás, que parasse com suas investidas em mim. *Droga!* Não gostei nada, nada, do rumo que ele quis dar à conversa e decido que é hora de ir embora.

— Bom... encerramos por aqui.

— Fique para o almoço. — Dá um passo em minha direção.

— Não são nem onze horas. — Balanço a cabeça rejeitando a oferta. — Tenho gente me esperando, lá embaixo.

Ignoro o olhar surpreso, levanto e começo a recolher a papelada em cima da mesa. Fico grata que, apesar de claramente aborrecido, ele não faça nenhum movimento contrário para me impedir. Nos despedimos com um aperto de mão seco e a promessa de encaminhar para ele as mudanças por e-mail.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo o ar e respiro fundo, ao fechar a porta e deixar Yuri lá dentro. Antes de pegar o elevador, sinto uma necessidade insuportável de lavar as mãos. É loucura, eu sei, mas depois do que aconteceu com Dante, ser tocada por outro homem me pareceu tão... tão...

Aí!

Preciso dar um jeito nisso logo ou vou enlouquecer de vez.

Desço pelo elevador privativo, que está vazio novamente. Tiro o celular do modo silencioso. Há uma mensagem do Dante e outra do amigo de Chloé. Com as mãos ansiosas toco a tela para lê-las.

Estou aqui embaixo.

O homem que procuram chegou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu corpo trava em um misto de euforia e medo. Com a adrenalina correndo e sem saber porquê, começo a apertar todos os botões do elevador... *Deus me ajude!* Não tenho ideia do que fazer... só sei que me encontrar com Dante agora não é uma opção.

Tento Chloé, mas só consigo deixar um recado na caixa postal.

Mordendo a pontinha do polegar... aproveito que o elevador está parando em todos os andares e penso... penso... penso...

É, pelo jeito vou ter que fazer isso sozinha. Aperto o botão do subsolo e tento uma alternativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

— **Tem certeza de** que é o endereço certo?

Confiro de novo no papelzinho e balanço a cabeça em um sim silencioso. Entendo a preocupação de Joe, esse prédio velho e caindo aos pedaços, não parece um lugar muito seguro para se morar.

— Essa sua amiga deve estar mesmo na merda. — Joe olha pelo retrovisor especulando o movimento da rua. — Esse lado de Chinatown é meio barra pesada.

Crianças brincam perto de uma loja de conveniência e uma mulher oriental atravessa a rua cantando para um bebê gorducho que carrega nos braços.

Achando um pouco de exagero, franzo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nariz... Essa rua parece o paraíso perto daquele beco no Flamingos.

Pensei muito naquele elevador... e cheguei à conclusão de que Klaus não é um perigo, se ele quisesse fazer algum mal para mim ou Chloé, do tipo que envolvesse sangue e dores físicas, ele já teria feito... Mesmo assim, arriscar vir sozinha não me pareceu uma boa ideia. Então, sim... busquei reforços e com puro desgosto, constatei que as opções entre meus amigos eram nulas.

Na boa, estou me sentindo traída com Miah entrando para o esquadrão *Cordeirinhos do Capitão*.

Lutando contra o relógio e sem escolha, fui obrigada a apelar para única opção disponível. Liguei para o número que memorizei na fachada da oficina e pedi uma ajudinha para o motoqueiro bonitão Joe, mas não lhe contei a verdade. Inventei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma desculpa esfarrapada de uma amiga em apuros, precisando de dinheiro para o aluguel. Se ele sentiu cheiro de mentira, não disse nada. Da mesma forma, que não falou uma vírgula sobre a noite no Flamingos ou Dante.

Mais pontos para ele.

Esperei uns quinze minutos escondida na garagem, até que ele apareceu em um Cadillac conversível, vermelho reluzente. Quando perguntei sobre a moto, ele sorriu e respondeu:

— A princesa merecia uma carruagem à altura.

Além de fofo, achei um sinal divino... ninguém que dirige um carrão tão chamativo e estiloso pode ser perigoso.

Caras maus se escondem, certo?

— Tem certeza de que não quer que eu suba, princesa?

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho, mas poderia manter o celular à mão, caso eu precise de uma forcinha extra? — peço com ansiedade, segurando-me para não lhe contar a verdade. Mordo o lábio e me contenho... tenho medo de abrir demais e metê-lo em uma encrenca que não é dele. Não acho Joe um merda como Dante falou... essas roupas de motoqueiro e o cabelão rock and roll até podem assustar à primeira vista, mas sei lá... as meninas do Flamingos foram tão legais comigo e se elas gostam e confiam nele, eu também posso fazer o mesmo. — O namorado dela é meio babaca, não sei se ele está aí.

Joe fica me olhando.

— Não é melhor que eu suba e entregue o dinheiro?

Sinto o rosto corar.

Deus! Estou uma pilha de nervos!

— Não. — Aperto o botão destravando a

porta, pronta para descer. — Ela é muito reservada. Vou e volto em um pulo.

Saio do carro, dou a volta pela frente dele e entro no prédio. Sem um porteiro para me impedir ou um elevador, faço o meu caminho e começo a subir as escadas rumo ao 4E. Meu coração martela, mas à medida que avanço, os corredores vazios vão ganhando cheiros e sons de uma normalidade doméstica... um alho sendo refogado no 1C, uma torta de maçã assando no 2D, sons de televisores no último volume e até risadas de crianças.

Ok.

Seguro no corrimão, respiro fundo para tomar fôlego e continuo a subir...

Quase lá.

Tomara que Klaus me escute, pare de fugir e aceite a ajuda de Dante. *Ok... ok...* Sei que é

irônico um conselho desses vir justamente da rainha da fuga, mas as minhas presepadas nunca prejudicaram ninguém. Klaus tem que entender que pessoas estão sendo afetadas... Entregar-se vai ser melhor para todo mundo... eu sei que vai.

Finalmente chego ao quarto andar... A cada passo que dou, em direção ao 4E, meu coração dá um pulo. Fico uns bons segundos parada na frente da porta... Odeio me sentir covarde, mas estou com um pouco de medo.

Vamos! Só bata na porta... por você e por Chloé.

Bato um pouco forte demais e a porta entreabre... do lado de fora, apoio a mão no batente, estico o corpo e a cabeça para tentar espiar dentro do apartamento. Chamo por Klaus... uma, duas... cinco vezes.

O único barulho que escuto é do meu

coração que está mais acelerado que um carro de Fórmula 1.

Droga!

Só consigo pensar que cheguei tarde e ele já se mandou. É claro, que a melhor opção é dar meia-volta e ir embora, mas minha curiosidade impulsiva sempre leva a melhor. Não vim até aqui para sair de mãos abanando... preciso de qualquer coisa que me diga para onde ele foi.

Com a ponta dos dedos empurro a porta. O lugar é pequeno, minimamente mobiliado e a claridade chega forte por uma janela sem cortina. Com um passo inseguro, eu entro. Há um cheiro de mofo insuportável... do tipo que as casas têm quando ficam muito tempo fechadas.

Caramba!

Ou Klaus é muito desorganizado ou alguém andou revirando isso aqui. Parada no meio

PERIGOSAS NACIONAIS

do único cômodo chamo por ele mais algumas vezes... As roupas de cama foram arrancadas, a escrivaninha revirada, os armários da minúscula cozinha, todos abertos... Há papéis e roupas espalhadas pelo chão.

Deus!

Meu estômago embrulha, implorando que eu vá embora. Aperto, com força, o celular... Melhor chamar logo Dante. Com certeza, ele tem mais experiência nessas coisas de encontrar evidências do que eu. Um nervosismo incontrolável me abate e sinto que vou vomitar.

Merda!

Cubro a boca com a mão, procuro por um lixo, mas tudo que vejo é uma porta.

O banheiro!

Corro e, assim que entro, tropeço em algo duro e caio de quatro. Viro de frente e um grito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mudo sai da minha garganta enquanto sento de bunda. Meu sangue congela e posso jurar que os meus órgãos internos começam a falhar em uma onda frenética de pavor e incompreensão.

Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Klaus está sentado com as pernas esticadas e as costas apoiadas na parede. As mãos dele estão amarradas juntas. Há um fio de látex fino e escuro em torno do pescoço. Com os olhos revirados e a língua para fora, sua cabeça pende roxa e sem vida para o lado.

Abro a boca em choque, meus olhos enchem d'água e a ânsia retorna em um espasmo engasgado... Arrasto-me até a privada e coloco todo o meu horror para fora.

Choro e vomito... choro e vomito... choro e vomito... até não ter mais nada a oferecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma mão segura meu cabelo... congelo
ciente de que é o fim. Mantenho os olhos fechados
e espero pelo pior... Morrer vomitando é muita
humilhação.

— Mas que merda do cacete! Porra! Fique
calma, Treas. Respira...

A ordem furiosa de Dante soa como o
paraíso para mim. Minhas pernas amolecem
quando o perigo eminente evapora... Com certo
alívio, puxo o ar na tentativa de me recompor do
choque. Não vou morrer... pelo menos, não nas
mãos de algum bandido tenebroso.

A outra mão grande de Dante surge na
frente do meu rosto, oferecendo-me um lenço.
Aceito, limpo a boca e me viro... o pequeno
banheiro começa a ser invadido pela equipe toda de
Dante, que está ajoelhado ao meu lado, com a
atenção voltada para o corpo de Klaus. Seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

apertam e a boca carnuda comprime tanto, que chega a perder a cor.

Olho para o corpo... um calafrio transpassa minha coluna ao mesmo tempo que um som baixo e agoniado me escapa. Já fui apresentada à morte quando meus avós paternos morreram sufocados naquele incêndio na Embaixada na Rússia, mas a imagem deles era de um sono profundo e tranquilo... Isso aqui é diferente, nunca na minha vida vi algo tão tenebroso. Meus olhos voltam a encher d'água. Por mais ordinário que Klaus fosse, ele não merecia morrer assim... é sórdido, medonho e solitário...

Que tristeza!

Joe surge ofegante, atrás de Donatela, que me encara com raiva. Ignoro-a e dou a atenção ao meu novo e apavorado amigo.

— Desculpa, princesa. Eu vi um cara

PERIGOSAS NACIONAIS

descendo pela escada de incêndio e liguei para o Capitão. Nem três segundos depois, o SUV dele virou a esquina.

Viro para Dante, mais curiosa do que surpresa.

— Como sabia onde eu estava? —
balbucio.

Enquanto espero uma resposta, enxugo as lágrimas com o mesmo lenço que limpei a boca.

Ainda segurando minha nuca, Dante vira e examina profundamente o meu rosto. As feições dele fecham ainda mais. Há um elemento novo em seu olhar... além da cólera e apreensão, encontro decepção.

Mordo os lábios... sei que dessa vez fui longe demais.

— Já estava na cola do Klaus, a sua localização só confirmou o que o meu informante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passou — responde ríspido e o queixo aponta para o meu celular caído do lado da privada. — Está machucada? Viu quem fez isso? Ele viu você?

Dante levanta e vai até a janela do banheiro que está aberta. De onde estou, vejo parte da escada de incêndio. Certamente, eu teria ouvido o barulho da pessoa saindo por ali.

— Não... não... não... — respondo a tudo em um sussurro.

Seu rosto atenua por um segundo, mas volta a tensionar.

— Mas que porra, Treas! — Esfrega a cicatriz na sobrancelha. — Olha até que ponto foi com a sua teimosia! Tem consciência de que poderia estar ali, fazendo companhia para ele?

Culpada e envergonhada... assinto, mesmo que essa possibilidade não tivesse passado pela minha cabeça, e fecho os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tirem-na daqui! — Dante explode a ordem.

Abro os olhos.

— Vai me deixar sozinha? Não vai comigo?

— Deve estar satisfeita... conseguiu o que queria. Os gêmeos vão ficar com você e se quiser, pode levar o Joe... não é a ele que prefere chamar?

Abro a boca para responder, mas sua atenção muda de alvo.

— Cuide dela. — Dante toca o ombro tenso de Joe.

Ele está o quê? Passando o bastão?

— Eu não quero que o Joe cuide de mim!

— Levem-na! — ordena para os gêmeos, sem me dar ouvidos.

— Pra onde, Capitão? — Dylan manifesta-se.

PERIGOSAS ACHERON

— Para a casa dela, para o avô, um hotel, para o raio que o parta... só a tirem daqui! — ruge com mais força. — Este lugar está cheio de evidências da presença dela. Precisamos dar um jeito de limpar tudo, atenuar a situação e tirar o corpo sem que ninguém veja.

Desespero-me. Com a respiração ofegante, quero dizer que fui cuidadosa e não fiz barulho, mas a ira de Dante é tão grande, que me emudece. A consciência de que ele me quer pelas costas, bate como um tapa na minha alma, comprimindo meu peito profundamente.

Esfrego a mão bem no ponto onde fica o coração.

Dante me odeia.

Consegui, mas por que dói tanto?

Desolada, aceito a ajuda de Dylan para levantar e não reajo ao ser escoltada para fora do

prédio. Joe me entrega a bolsa e a pasta que havia deixado em seu carro. Agradeço a ajuda em um murmuro, digo que não é preciso que me acompanhe e deixo-me ser conduzida para casa, no SUV dos gêmeos.



Assim que chego em casa, libero Lore e Miah, que vão embora acreditando que briguei com Dante e preciso de espaço e me jogo na cama sem trocar de roupa. Sofro por Klaus e por mim... choro... choro... choro... até adormecer de exaustão.

Assim que acordo, vejo que Dante não ligou... então choromais e adormeço novamente.

Já é noite quando os latidos e miados insistentes me fazem, finalmente, sair da cama.

— Estão com fome, né, meus amorzinhos? Calma, que já vou alimentá-los. Não quero que

ninguém mais morra por minha causa.

Dante tem razão. Até onde eu fui por teimosia? Não consigo parar de pensar que se eu tivesse deixado de lado a obsessão por me livrar dele e entregue o endereço, Klaus estaria vivo.

Desvio com determinação a atenção dos pensamentos sombrios para a duplinha peluda que me cerca. Vou até o corredor e verifico os potinhos de ração que mantenho perto de banheiro. Estão cheios. Deduzindo que o motivo da agitação não é fome e sim carência, pego Mila e Gabriel no colo. Volto para o quarto e passo um bom tempo brincando com eles no tapete. Quando se acalmam, checo o SUV de vigília e vou tomar banho.

Quando saio do chuveiro, estou até vermelha de tanto me esfregar para tirar as energias e lembranças ruins. Olho-me no espelho e a tensão do dia se reflete em meu semblante abatido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Esfrego o rosto.

— Aaaaaaaaah! Que merda. Isso não pode estar acontecendo — falo para a outra eu no espelho.

As imagens de Klaus não saem da minha cabeça, por mais que eu me esforce para afastá-las. Tudo parece muito surreal para ser verdade. Depois de escovar os dentes e pentear os cabelos, enrolo-me na toalha e corro para o closet.

Pego a primeira roupa que bato o olho, um vestido larguinho rosa-chá, com laços e rendinhas bem estilo boneca e visto. Ouço o celular tocar no criado-mudo e uma pontada de esperança nasce, mas morre logo em seguida, quando vejo que é meu avô.

— Oi, vovô. — Tento parecer bem.

— *Arrume as suas coisas. Estou passando aí.*

PERIGOSAS ACHERON

Hã?

— O quê? Por quê? Desculpe não ter ligado pra vocês ontem, acabei indo dormir na Chloé. Essa coisa do Dante é inven...

— *Beatrice!* — interrompe-me. — *Ele ligou e me contou o que houve hoje cedo.*

Fico em silêncio. Dante ligando para Jack me pega de surpresa. Não sei se isso é bom ou ruim.

Será que ele não vai falar comigo, nunca mais?

Deus! Eu preciso ter a minha cabeça examinada.

— *O que houve foi duro, Beatrice* — Jack diz de modo severo e sei que está se controlando para não soltar os cachorros em mim. — *Não precisa bancar a heroína. Tem seus avós aqui para isso.*

Suspiro profundamente.

Por mais errada que eu esteja e sei que estou, tudo o que eu menos preciso é de um sermão.

— Eu tenho trabalho — argumento sem forças.

— *Isso é amanhã e daremos um jeito. Não precisa ter medo, não vou lhe dar um sermão — diz e nem fico impressionada. Meu avô sempre teve esse superpoder de adivinhar meus pensamentos.*
— *Por ora, pegue uma muda de roupa, a Mila e o Gabriel e me espere.*

— Tá bom — aceito precisando mesmo de um colo.

Ele desliga e obedientemente, faço o que pediu.

Desço... deixo a mochila num cantinho na sala, coloco Mila e Gabriel nas caixas de transporte

e vou checar se tudo está trancado. Verifico as janelas da sala e do escritório e sigo para a cozinha. Faço a curva para o corredor e sinto um tranco violento quando algo imenso gruda-se às minhas costas, um braço forte agarra-me pela cintura e uma mão enluvada recobre minha boca.

Gabriel começa a latir histericamente.

Jesus! Maria! José!

Meu coração dispara, debato-me tentando puxar o braço que me envolve. O cheiro de suor, bebida e cigarro que vem dele é nauseante. Sem poder gritar, jogo o corpo para lá e para cá e as solas dos meus *All Star* chamam enquanto sou arrastada para a cozinha.

— Fique quieta ou vou te bater!

Me bater?

Congelo e paro de reagir ao reconhecer a voz brutal e nasalada de Scarface... Uma onda de

adrenalina ruim explode fazendo minhas pernas e braços tremerem.

Deus!

Não permita que ele tenha feito algum mal aos gêmeos.

— Por que Klaus estava atrás de você, hein, falsa loirinha?

De mim?

Não respondo por motivos óbvios de estar com a boca tampada. Meus olhos arregalam quando entramos na cozinha e vejo que está tudo revirado. A porta de vidro está aberta. Provavelmente, o ordinário só teve tempo de revistar a cozinha antes de me ouvir descer. Ao ver a merda que ele fez no sofá que ganhei da vovó, tento morder sua mão. O tecido está esvaçalhado e a espuma arrancada e espalhada por tudo.

— Vamos, diga! Nada do que encontrei no

apartamento de Klaus faz sentido. Só um bando de fotografias e tralhas.

*O que ele pensa que eu escondo aqui?
Diamantes?*

— Eu quero Guy! Eu sei que o bosta do seu namorado está com ele!

Novamente não respondo.

Recomeço a lutar. Dou um chute em sua canela, não funciona... Jogo a mão para trás e cravo as unhas no ponto em que o vi tomando o tiro. Ele urra de dor, cai de joelhos e me solta. Cambaleio... corro para a porta, mas perco o equilíbrio quando ele agarra um dos meus tornozelos e puxa... Caio com as mãos espalmadas no chão protegendo meu peito.

Viro-me e começo a chutá-lo como uma ensandecida. Acerto o nariz enorme e o sangue começa a jorrar... Grito, chuto... grito, chuto... grito,

PERIGOSAS NACIONAIS

chuto... e perco o fôlego quando sou atingida por uma coronhada no estômago.

Ele está armado?

— Pare com isso, sua louca! Vai acordar a vizinhança.

— Não toque nela, seu filho da puta!

Um urro furioso explode atrás de mim... algo enorme sobrevoa o meu corpo até chocar-se de frente com Scarface. Livre de seu aperto, arrasto-me, ofegante e atordoada para trás... Os dois corpos gigantes se misturam em uma luta atroz.

Reconheço a bunda de Dante antes de todo o resto.

Não... não... não... ele não deveria estar aqui!

Scarface o chuta no peito e, numa manobra ligeira, consegue se soltar e levantar. Os olhos azuis-índigo e mortais cruzam com os meus, antes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de partirem para cima de Scarface de novo. A luta agora é de pé... Entre socos e cotoveladas, cambaleiam e batem contra a porta de vidro que estilhaça, eles caem na varanda.

— Cuidado! — imploro e começo a chorar como uma desesperada.

Meu Deus, ele vai matar Dante!

— Não machuque Dante! — berro.

Eles rolam e caem na grama e, sem pensar duas vezes, pulo nas costas de Scarface e começo a arranhar o seu rosto. Ele berra, Dante o golpeia... e o corpo enorme do maldito gira e cai me soterrando.

— Vai machucá-la! — Dante ruge.

— Essa é a intenção — Scarface gargalha.

Dante volta a atacá-lo... tentando tirar o corpo do bandido de cima de mim e fico embolada entre eles... Não sei como, mas consigo morder a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

orelha de Scarface... sinto gosto de sangue na boca.

— Sua vaca! — Puxa meu cabelo com força.

— Assassino! — Arranho mais.

— Ninguém atira em mim e fica impune!
— rebate.

O ordinário impulsiona o corpo e caio de mau jeito sobre umas pedras. O ar dos meus pulmões escapa ao sentir as costelas arderem.

— Treas!

— Dante!

Ele esquece a luta e vem em minha direção. A dois passos de mim... seu corpo baqueia e ele cai de joelhos com os olhos presos aos meus.

O que foi que eu fiz?

Desespero-me mais.

Dante fica deitado de bruços, com o rosto virado para o lado e em um estado semiconsciente.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A primeira coisa que penso é que não ouvi um tiro e isso tem que ser bom. Salto em direção a ele e protejo o corpo imóvel com o meu.

Luzes e um alvoroço começam a surgir nas janelas das outras casas.

— Já chamamos a polícia! — Alguém que não reconheço, grita.

Levanto a cabeça e Scarface está com a mira apontada para nós. Um instinto de proteção explode em mim como nunca havia sentido... Mesmo com dor, manobro meu corpo para proteger melhor o de Dante tentando priorizar o peito e a cabeça.

Ele geme, treme, protesta alguma coisa, mas não entendo.

— Até descobrir o que Klaus procurava, preciso de você viva. Mas isso não diminui a minha vontade de descontar a raiva em mais alguém. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aponta a arma para a parte descoberta das costas de Dante. — Estou com desejo de morte.

A possibilidade de Dante ser ferido, ainda mais por minha causa, é aterrorizante. Deslizo o corpo em direção à mira.

Droga! Por que Dante tinha que ser tão imenso?

— Não o machuque! — berro com todas as minhas forças. — Ele não tem culpa de nada! Se deseja matar mais alguém, que seja a mim. — O corpo de Dante protesta sob o meu, mas o seguro com mais força. — Seu bastardo desgraçado! Deixe-o em paz! A culpa disso tudo é minha! Minha! — grito porque estou histérica e tentando canalizar a atenção e a raiva de Scarface para mim.

— Ele está com o meu irmão!

— Guy está com a polícia! — minto, não tenho a mínima ideia de onde ele esteja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A indecisão brota nos olhos enraivecidos de Scarface, mas o revólver continua apontando para Dante.

— Saia da frente — rosna entredentes.

— Não vou sair! Se é vingança que quer, atire em mim! — A mira muda para a minha testa. Quando ele faz menção de voltar para Dante, eu apelo. — Eu estava naquele hotel, não ele! Eu fodi com a sua bunda, sua aberração!

Ouçó um grito de ódio profundo, um disparo em minha direção, a arma falha e eu não morro.

Amém, Senhor.

Uma onda de tremor me assola... fico tonta. Agarro-me com mais força ao corpo de Dante, não posso desmaiar agora, tenho que protegê-lo.

Tudo parece ficar em câmera lenta... Os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos negros de Scarface ficam furiosos e surpresos... ele me encara, depois olha para os lados quando vozes e gritos explodem de dentro da minha casa. Solto o ar ao vê-lo jogar a arma e correr na direção contrária a nós. Por sobre a roupa, apalpo o corpo de Dante buscando por ferimentos... reconheço o tom raivoso de Jack, que grita por mim, e as ordens lançadas por Max, que esbraveja algo incompreensível.

Toco na nuca de Dante e gotas de sangue tingem meus dedos.

Deus!

Meu coração comprime. Isso é culpa minha, ele foi atingido porque se distraiu quando eu caí!

— Treas... não devia ter feito aquilo —
Dante vira a cabeça para mim enquanto murmura baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acaricio o cabelo bagunçado, agradecida por ele não ter morrido.

— Shhh... Só fique comigo, ok? Não durma... está tudo bem agora... ele se foi. Aguenta firme, por favor — começo a falar para mantê-lo acordado.

— Desculpa, Treas... não queria ter gritado daquele jeito. — Seus lábios comprimem de dor ao tentar se mexer.

Max nos vê, os olhos verdes arregalam e vem apressado em nossa direção.

— Aqui! — gesticula avisando aos outros.

Solto um suspiro de alívio.

— Fique quieto, a ajuda tá vindo. — Acaricio o rosto tenso. — Esquece isso... não deveria estar aqui.

— Não consegui ficar longe... — Cerra os olhos pela dor. — Troquei com os gêmeos. Ouvi os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

latidos.

Ver Dante tão vulnerável me quebra por dentro... gosto dele forte, com ares imortais.

Abaixo a cabeça.

— Oooh... meu guerreiro, meu Highlander... não ouse morrer. Preciso de você me infernizando — sussurro em seu ouvido.

Dante esboça um sorriso, depois geme.

Quero beijá-lo para fazer a dor passar, mas me contenho. Max ajoelha ao nosso lado. Jack e os outros chegam na sequência.

— Segura firme, irmão. — Ele olha para mim. — Mc! Preciso de apoio aqui! Dante está ferido!

— Meu Deus, Beatrice! — Jack fica sobre os calcanhares ao meu lado. — Como você está? — Examina-me milimetricamente. — Sua boca está sangrando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O sangue não é meu — sussurro. — Estou bem, vovô — afirmo mesmo que não esteja. — Dante... a cabeça dele... está sangrando. — Toco suavemente o local do ferimento e Dante geme.

Jack solta um palavrão.

Mc dá um passo à frente, Max lhe dá espaço e ele se ajoelha no lugar do amigo.

— O ferimento na cabeça não é tão profundo, mas vou precisar de uma tomografia para avaliar melhor os danos — profere com domínio no assunto. — Precisamos virá-lo.

Olho impressionada para Mc.

— Eu sou médico... ou fui, nas Forças Armadas. — Sorri torto.

Assinto sentindo-me mais confiante. Um médico na equipe é bom... muito bom... Jamais imaginaria que esse homem selvagem, de aparência viking, tivesse uma profissão tão responsável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos juntos no três... — orienta Mc.
— Um... dois... três...

Dante grunhe de dor e segura a lateral do abdômen assim que Max, vovô e Mc manobram cuidadosamente seu corpo para virá-lo de frente.

Levo a mão à boca... A camiseta branca está tingida de vermelho em vários pontos. A jaqueta de couro protegeu muitas partes dos estilhaços de vidro, mas evidentemente não todas.

Tensa e com o semblante irritado, Donatela entrega uma mochila pesada para Mc.

— Dona, ligue e peça para Romeo mandar a unidade de resgate e preparar o centro médico — ele ordena. — Deixem a Irmã Hortência de prontidão.

Ela assente tirando o celular do bolso da jaqueta. Lança-me um olhar carrancudo e afasta-se. Ignoro a cara feia e priorizo em Mc.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A Irmã Hortência foi enfermeira na Segunda Guerra — responde adivinhando a minha pergunta.

Ah... assinto mais uma vez.

— Preciso dar uma olhada nisso, Capitão.
— Mc abre a mochila abarrotada de suprimentos de primeiros socorros, depois tira sua jaqueta jeans e a usa como travesseiro sob a cabeça ferida de Dante.

Sirenes começam a tocar ao fundo... Miah aparece de pijama e, sonolento, avisa que os “tiras” chegaram.

— Jack... — Dante agita-se. Coloco a mão sobre seu peito em um pedido de: *Não se mexa*. — Mantenha-os longe e faça parecer um assalto simples — ordena com a voz fraca e vacilante. — Max, dê cobertura para ele. Não quero Beatrice se expondo com depoimentos. Precisamos descobrir como Scarface entrou aqui. Quero todo mundo na

PERIGOSAS ACHERON

cola daquele bastardo.

— Trent, os gêmeos e Romeo já estão nisso — Max informa.

Fico abismada que, mesmo ferido, Dante mantenha a situação sob rédeas curtas e impressionada, que Jack, com a reputação que tem e correto como é, tope mentir na cara dura para os ex-companheiros da Scotland Yard.

Max e Jack saem e Dante retira a mão que cobre o ferimento. Mc levanta a camiseta e esbraveja:

— *Putá que pariu!*

Quase caio para trás. Há um pedaço de vidro perfurando a lateral do abdômen. Meus olhos lacrimejam.

— Meu Deus, isso não é bom! — exclamo sem querer.

Com certa dificuldade, Dante estica o

PERIGOSAS NACIONAIS

braço e segura a minha mão.

— Já passei por coisas piores, relaxa. —
Ensaia um sorriso pouco convincente.

Meus olhos arregalam, não consigo imaginar nada pior do que ter um iceberg de vidro enfiado na barriga. Sinto-me ainda mais culpada.

— Isso vai doer. — Mc veste luvas cirúrgicas.

— Faça! — Dante ordena e cerra os dentes, preparando-se.

Seguro sua mão grande com toda força...
Mc puxa o vidro e Dante desmaia.

Jesus!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Ando de um lado para o outro, no corredor mal iluminado do centro de operações. Aqui embaixo é sufocante... Olho para as paredes escuras e desgastadas pelo tempo. É tão antagônico... um choque entre o ultramoderno e o centenário. O cheiro de umidade velha e uma das lâmpadas, que está com mau contato e trepida, só deixa a sensação mais tétrica. Seguro as golas de jaqueta de couro de Dante, que Max me deu para usar, e puxo para amenizar o frio. Não ajuda muito saber que isso aqui era uma catacumba.

Ignoro os olhares mortais de Donatela sobre mim. Enquanto os homens estão lá fora caçando Scarface, nós estamos aqui como duas namoradinhas ansiosas. Olho de relance para o corpo alto e esguio. *Deus! Minha antipatia só*

cresce! A mulher parece um cão de guarda protegendo o seu território e não me quer aqui. Deixou isso bem claro quando tentou me impedir de acompanhar Dante na unidade UTI móvel.



— *A culpa disso tudo é dela e vão deixar que o acompanhe como se fosse a primeira-dama?*

— Donatela esbravejou revelando que seu interesse por Dante vai bem além do profissional.

— *Ela é a primeira-dama, conforme-se, gata* — Max a cortou firme, sem margem a contestações.



Encaro a porta fechada do centro médico com impaciência... Não me deixaram entrar e Dante já está lá, há mais de uma hora. Respiro fundo uma vez e mais outra, tentando manter a calma, pois a compostura, eu já perdi.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda estou surpresa com a rapidez dos fatos... Sei lá, o que Max e Jack disseram à polícia, mas foram muito eficientes em se livrar dela. Assim que a rua acalmou, um furgão preto, equipado com toda a parafernália médica mais moderna que existe, estacionou na minha porta. Dante foi embarcado em uma maca, e uma Irmã, que deduzi ser a Hortência, começou a trabalhar para estabilizá-lo.

Não foi fácil convencer Jack a me deixar vir... Preocupado com o pequeno ato de revolta de Donatela, meu avô não me queria em um ambiente desconhecido e hostil. Para o meu desespero, disse que o melhor, talvez com razão, seria eu ir embora com ele. Dante estava fora de área, os ânimos exaltados e a minha dose de tragédias já tinha ultrapassado qualquer limite.

Diante da irredutibilidade dele, fiz a única

PERIGOSAS ACHERON

coisa que consegui, fiquei histérica.



— *Eu vou com ele!*

— *Não acho que seja...*

— *Nem tente me impedir, vovô!*

— *Beatrice, seja racional!*

— *Não!*



Dante precisava de cuidados urgentes e ficar em uma discussão eterna só o prejudicaria. Chorei, bati o pé, implorei que ficasse com Mila e Gabriel e me enfiei naquele furgão sem chances de me tirarem de lá. Sem mais tempo, Mc junto com Max, convenceram o cabeça-dura do meu avô que cuidariam de mim e eu ficaria bem. Sem saída, Jack se rendeu.

Tenho um sobressalto ao ouvir o clique da porta. Anthony e Max saem do centro médico, trocam algumas palavras com Donatela e vêm em minha direção. A expressão deles está mais leve... solto o ar aliviada, mas não muito.

— Correu melhor do que esperávamos. O corte não foi tão profundo e o vidro não perfurou nada importante e a batida na cabeça não precisou de pontos. Vai doer, mas vai se recuperar logo — Anthony anuncia tranquilo. — Vamos levá-lo para cima e poderá vê-lo.

Como assim não perfurou nada importante?

Perfurou Dante, caramba!

Começo a chorar e ele me abraça reconfortante.

— Shhh, calma... Dante está bem. O Mc só vai deixá-lo um pouco fora do ar, para evitar que

saia correndo atrás do bastardo que te atacou, mas vai se recuperar... Pode apostar que, daqui a pouco, o maluco do meu filho vai acordar mais puto do que nunca, porque o apagamos sem autorização.

Suspiro.

Dante mais puto do que nunca, não é uma imagem muito reconfortante, mas é melhor do que ele desmaiado.

— Eu sinto muito... a culpa foi minha —
balbucio em seu peito.

— Deixa disso, Trice... não foi culpa sua
— Max diz ao meu lado. — Scarface simplesmente enlouqueceu, não tínhamos como prever. Depois do Klaus, a aposta é que ele se manteria escondido.

— Mesmo assim... — murmuro.

— Querida... Estou orgulhoso... você tem passado por muita coisa e sido valente.

— Tenho sido teimosa... — admito entre

um soluço.

O peito largo de Anthony vibra em uma risada contida.

— Mas essa sempre foi você. — Seu tom é suave. — Estranho seria se agisse de outra forma.

Max gargalha.

— Aquele puto tá fodido na sua mão. A merda de coronhada não foi nada perto de você!

Enrubesço aceitando minha culpa.

— Maximiliano, quer que eu ligue para a sua mãe? É só continuar com essa boca suja! — Anthony aumenta o tom. — Tenho certeza de que aquele frasco de pimenta ainda está na geladeira.

Meu Deus, a mamãe urso nunca vai me perdoar.

— E Maggie? — Estremeço. — Ela já sabe?

— O Romeo foi até em casa, avisá-la —

PERIGOSAS NACIONAIS

Anthony diz e me livra do abraço. — Queria ter certeza de que não foi nada sério. Não gosto de preocupá-la à toa.

Hã?

Não digo nada, apenas assinto e observo as feições envelhecidas, bem mais relaxadas do que há uma hora. É tudo muito louco... não sei qual é a base que esses homens tomam, para julgar a gravidade das coisas, mas para mim ser quase morto por um bandido e ter um iceberg de vidro enterrado na barriga, me parece sério... seríssimo.

A porta larga do centro médico abre e o meu coração dá um salto ao ver a maca sair. Corro e me enfio entre Donatela e Dante. Ignoro o rosnado dela e fixo a atenção em Mc e Irmã Hortência. Pela cara sorridente dos dois, de duas uma... ou Dante está mesmo fora de perigo ou eles amam muito o que fazem.

PERIGOSAS ACHERON

Acaricio o rosto adormecido e tranquilo do meu herói.

Sorrio.

Baqueado desse jeito, ele até parece inofensivo.

— Como ele está? — Donatela pergunta antes de mim, por sobre a minha cabeça.

A primeira-dama sou eu, sua mulherzinha enxerida!

Bufo.

Mc observa minha expressão fechada e sorri. Em seguida, explica que o corte, apesar de extenso, não foi tão profundo e não provocou grandes danos. Como a ferida era regular, preferiram usar uma nova técnica para evitar hemorragia e garantir uma recuperação mais rápida. Os tecidos foram colados cirurgicamente e não costurados. Acho isso um pouco esquisito, mas não

comento. Depois diz, que a tomografia na cabeça mostrou um pequeno coágulo, mas que esse deve desaparecer em alguns dias.

Pergunto sobre os efeitos colaterais e a recuperação... Dor de cabeça, confusão mental, febre e uma boa dose de paciência, é o que recebo de volta da Irmã Hortência, que me observa com curiosidade.

— Bom... o elevador é pequeno para todos nós. Vou subir primeiro com o Capitão. Espero vocês lá em cima, para colocá-lo na cama — Mc anuncia e começa a empurrar a maca.

Em silêncio acompanhamos o movimento do médico e paciente distanciando-se até o fim do corredor.

— Vai ser difícil mantê-lo quieto — a Irmã brinca, assim que a maca some dentro do elevador e volta-se para o Max. — Quem é ela? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois olha para mim. — Está ferida? Quer que te examine?

Penso na dor nas costelas, mas ignoro-a.

— Não precisa... foram só alguns arranhões. — Sorrio para parecer melhor do que estou. Não me sinto muito merecedora de atenção depois de tudo o que aprontei... não quero ser ainda mais um estorvo. — Eu sou...

— A noiva do Capitão — Anthony atropela e joga um olhar em minha direção de *não ouse me desmentir*.

Donatela pragueja baixinho.

Uh o quê? Ele enlouqueceu?

Com olhos arregalados de indignação, grudo nele pronta para atacá-lo, mas recebo uma piscada conspiratória, que me desarmada. *Aí tem...* Preocupada que seja uma armadilha, ergo uma sobrancelha.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sabia que o Capitão era noivo. —
A Irmã Hortência fica cabreira.

Olha que beleza... eu também não sabia.

— Sim... história antiga. — Anthony segura e aperta minha nuca, como um domador pronto para me esganar se eu aprontar alguma. Engulo em seco. — Ele e nossa Beatrice se conhecem desde pequenos. Sei que o acordo que fizeram não permite mulheres, mas, como é a noiva, eu ficaria muito mais tranquilo com ela aqui, cuidando do meu filho.

Fico vermelha quando entendo o que o *não permite mulheres* significa.

Ai... ai... ai... se essa Irmã soubesse o que já rolou.

— Como assim... ela cuidando? — Donatela protesta. — Essa função é minha. Quem cuida da equipe sou eu... sempre cuidei —

argumenta contrariada.

Meu sangue esquenta, não gosto nada, nada, dessa Ramba oxigenada colocando os dedos compridos no Capitão. Abro a boca para responder...

— Dona... — Anthony é mais rápido. Fecho a boca. — Agradeço a dedicação que tem tido com os rapazes, mas as coisas mudaram... Não acho que meu filho aprovaria outra pessoa, que não seja Beatrice ou a família.

O clima pesa e fico encurralada quando olham para mim esperando uma posição.

Jesus!

Fico em silêncio tentando organizar os pensamentos... No momento do desespero, eu só queria estar com Dante para garantir que ficasse bem... minha ideia era que ele seria transferido para um hospital. Ficar e cuidar dele me parece um

PERIGOSAS NACIONAIS

passo sério demais, quase uma cilada... uma admissão de que estamos juntos... *Droga!* Tudo bem, que eu não teria condições de voltar para casa, e mesmo que quisesse, ficar com Jack ou com Lucca não seria opção... com Scarface solto, seria colocá-los em perigo.

Completamente indecisa... mordo o canto da boca.

— Ela não quer ficar. — Donatela dá como feito.

Hã?

— Quem te disse? — pergunto mirando no rosto carrancudo da loira.

— Eu disse... basta te olhar, garota mimada! — rebate. — Deve ser difícil pensar em alguém mais além de você!

Megera!

Por que sempre tem que ter uma chata

PERIGOSAS ACHERON

para atrapalhar?

Estreito os olhos num movimento abrupto.

— Retire o que disse. — Controlo-me para não elevar a voz na frente de uma Irmã.

— Não.

— Pare de provocá-la, Donatela — Anthony pede sem muita paciência — Então, Beatrice? — pressiona-me.

Talvez eu me arrependa amargamente, mas me sinto competitiva e possessiva demais no momento, para pensar com clareza. Além do mais, Dante está machucado, duvido que faça algum movimento em minha direção. É... eu posso bancar a enfermeira por um par de dias. Devo isso a ele, depois de tudo que fez por mim.

— Tô achando que é melhor abrir uma exceção pra Dona, pai — Max sugere.

O quê?

A escolha mais sensata é dizer não, mas só de pensar nessa mulherzinha infiltrada na casa dele...

Ah! Que meleca!

— Não! — Saio do meu torpor de indecisão. — Seu pai tem razão. Como noiva... — repito só para provocar Donatela e acabar com o sorrisinho besta dela — eu também não aprovaria ninguém mais com o Capitão — digo sentindo-me dona e proprietária dele, mesmo não sendo. — Vou ficar aqui e cuidar dele.

Anthony sorri satisfeito.

Donatela fecha a cara e sinto uma onda de satisfação por tê-la irritado e vencido a disputa.

— Já que não precisam de mim, vou pra casa. Avisem ao Capitão que estarei no celular caso a primeira-dama não dê conta do recado. — Ela sai em direção à escada da garagem sem se despedir.

Max gargalha assim que ela some.

— Eita, vida danada! Nada como uma boa ameaça feminina pra acabar com um ranço de anos, não é mesmo?

— Ranço? — Confusa, a Irmã volta-se para mim.

— Nada não, Irmã. O bobalhão aí gosta de bancar o engraçadinho — repreendo-o com um olhar feroz e volto-me para Anthony. — Só tem um problema... Na correria, não vim preparada.

— Isso é fácil, eu peço para Maggie e Romeo passarem na sua casa e pegarem algumas coisas.

— Ia dormir no vovô, deixei uma mochila lá embaixo — explico, não querendo dar trabalho.

— Não se preocupe... Hoje, acho que vai ter que se virar com alguma coisa de Dante, mas amanhã, terá tudo aqui quando acordar. — Anthony

pega o celular e se afasta.

— Meu Deus, esqueci do trabalho! —
Tenho um sobressalto.

— Trouxe o Jeremiah para cá... Não achei uma boa deixá-lo sozinho — Max avisa para minha surpresa. — Está felizão lá no alojamento. Pedi que ligasse para Lore e avisasse sobre o assalto. Melhor trabalharem de outro lugar por uns dias. A casa vai precisar de reparo.

Para a minha tristeza, ele tem razão. Meu coração aperta quando lembro do sofá da vovó completamente destruído. Se há algo, minimamente, menos trágico em tudo isso, é o fato de estarmos bem adiantadas com o evento da Fundação Hart. O prédio do Soho pode esperar... pelo menos, até a dedetização ser concluída. É... a Allegro ficará bem.



De pé ao lado da cama, contemplo Dante. Ele está deitado, imóvel e quieto, como tudo a minha volta. Não sei se foi uma boa Max levar Godzilla para ficar com ele. Pelo menos, os latidos histéricos e o medo de ser atacada sexualmente novamente amenizariam essa sensação de abandono que estou sentindo.

Culpa minha... fui eu que insisti que fossem embora. Era tarde, Dante estava seguro e embalado em um sono profundo, e todos tão cansados, que seria egoísmo mantê-los aqui por mais tempo.

Tiro a jaqueta de couro e a arremesso em direção ao sofá que será a minha cama.

Tento lembrar onde a Irmã disse que estavam os lençóis. Enquanto os homens trabalharam para vestir uma calça de pijama preta e

PERIGOSAS NACIONAIS

uma camiseta cinza em Dante, antes de transferi-lo para cama, ela ocupou-se em manter os meus olhos longe do corpo imenso, nu e vulnerável.

Além das áreas da cozinha, quarto, sala de televisão e o escritório no mezanino, que eu já conhecia por motivos óbvios, mas que fiz questão de omitir, ela me apresentou o que havia por trás das três portas do único corredor mais ao fundo... o do elevador.

Em uma das portas à esquerda, uma academia com aparelhagens modernas, barras, pesos de todos os tamanhos e um saco vermelho de boxe... na outra, um closet ou quarto de vestir como ela chamou. Fiquei impressionada. Primeiro pela quantidade de roupas, ternos e sapatos... Dante nunca me pareceu um homem consumista ou vaidoso. Depois, fiquei de queixo caído pela organização das prateleiras e cabides... Ok, que não

PERIGOSAS ACHERON

sou muito organizada, mas ordenar as roupas por cores é um exagero. Decerto, uma habilidade obrigatória adquirida no Exército. Os meninos Stoirm eram bagunceiros, sempre foram... quando viajávamos em família, Maggie vivia reclamando e recolhendo as roupas e sapatos que deixavam espalhados.

A última porta, a da direita, solitária e a maior delas, revelou algo incrível: um banheiro.

Não do tipo simples... do tipo gigante branco, imaculado com janelas imensas e vitrais celestiais, quase um altar da limpeza corporal. Uma bancada enorme com cinco pias, um espelho ladeando uma das paredes, um boxe de vidro com três chuveiros e quatro cabines privativas.

*Quem tem palmeiras e chaise longues^[76]
de couro branco em um banheiro?*

Mas o mais impressionante... o que me fez

ofegar foi uma piscina de banho... grande o suficiente, para umas dez pessoas e profunda o bastante para me cobrir até os seios... Águas cristalinas e fumegantes... em um platô elevado, com escadinhas de acesso curvas e de mármore branco. Bem ao fundo do banheiro e abaixo de uma parede curva recoberta de vitrais com anjos tocadores de trombetas.

Uau, três vezes.



— *Um pouco exagerado, né?* — A Irmã disse ao notar meu espanto. — *Não sei se Dante te contou, mas a casa dele era o nosso pequeno e totalmente inutilizado, ginásio esportivo. Um desperdício do dinheiro divino! Gostamos mesmo é de rezar, assar tortas e cantar... praticar exercícios é como um sacrilégio para nós.* — Riu de si

mesma, justificando-se. — *Acho que o arquiteto que projetou isso aqui era pagão e gostava de banhos turcos. Que cristão comungaria sua nudez em um banho coletivo?*



Não quis chocar a Irmã revelando que alguns cristãos, muitos deles, aliás, comungavam muito mais do que a nudez em um banho coletivo. Mas tive que concordar com ela: o arquiteto era um exagerado e gostava de banhos turcos.

Fiquei mais aliviada quando ela disse, com certo orgulho incomum, que a piscina de banho tinha um sistema de aquecimento, filtragem e purificação constante das águas. A ideia de comungar fluidos corporais pecadores me pareceu um pouco nojenta.

Dante se remexe na cama balbuciando

algo incompreensível... Saio dos meus devaneios arquitetônicos e corro até ele. Não é à toa que esteja em tão boa forma... há um belo espaço vazio separando cada uma das áreas do loft.

Inclino e toco a sua testa. Mc avisou que ele poderia ficar febril. Respiro aliviada quando sinto a temperatura amena e noto que o tom rosado da pele está de volta.

Isso é um bom sinal, tem que ser.

Ajeito as cobertas, aperto um dos botões escondidos sob o tampo do criado-mudo. Antes de ir, Max me mostrou todas as surpresinhas tecnológicas do loft. A parede de vidro do jardim escurece e fica opaca... dou *ON* no sistema de segurança, reduzo a intensidade da luz para uma penumbra agradável e regulo o ar-condicionado para dezenove graus.

Quando acho que ele está suficientemente

PERIGOSAS NACIONAIS

confortável e eu segura... relaxo e vou para um banho de chuveiro. Nem quinze minutos depois estou de volta. Limpa, cheirando a Dante, de dentes e cabelos escovados, e vestindo uma camiseta preta, que fica imensa em mim, e uma cueca boxer na mesma cor, que encontrei em uma das dezenas das gavetas do closet.

Jogo um edredom preto, que também confisquei por lá, sobre o sofá.

Vou até a cama, verifico a testa de Dante novamente. Sem poder resistir, acaricio o cabelo sedoso e despenteado... Sorrio para o rosto bonito e sereno; dopado como está, nem parece o peste irritante que é... Admiro-o por mais um tempo, antes de pegar um travesseiro e me aboletar no sofá escuro. Meu corpo afunda confortavelmente na maciez do couro. Mesmo exausta, não quero dormir... ligo a tevê no Animal Planet e me ponho

PERIGOSAS ACHERON

de vigília.



Um uivo me puxa de um sono no qual caí e não percebi... Sonolenta, olho para a tela. Coelhos saltitam felizes em um campo de margaridas... Ouço outro uivo agoniado... Esfrego o rosto... coelhos fofos não uivam...

Dante!

Meu corpo pula do sofá em um sobressalto. Confusa sobre quanto tempo cochilei, corro até a cama, onde o Capitão sacode a cabeça devagar, balançando-a de um lado para o outro... Quando ele geme e se encolhe, ajoelho-me ao seu lado. Toco sua pele e está tão quente que me assusto.

Não entre em pânico, não entre em pânico!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dante! Acorde, onde está doendo? —
sussurro da maneira mais doce que consigo.

Acaricio o rosto barbado e seus olhos
abrem em uma pequena fenda.

— Oi... sou eu... Beatrice. — Apoio a
outra mão na camiseta encharcada de suor.

Não recebo nenhum sinal de
reconhecimento antes dos olhos fecharem
novamente. Sua expressão perdida e sofrida é de
cortar o meu coração, que começa a acelerar... Ok.
Respiro fundo para acalmar-me. O organismo dele
só está reagindo para se curar... É só a febre e a tal
confusão mental que Mc falou que ele teria. Repito
mentalmente, tentando lembrar das orientações da
Irmã Hortência: compressas geladas e o
antitérmico.

Nem na China vou conseguir arrastar o
corpo imenso até o banheiro para uma ducha

PERIGOSAS ACHERON

gelada. Forçando-me a ser prática, corro até a cozinha e começo a abrir os armários. Acho um bowl^[77] de cerâmica branco, grande e fundo o suficiente... encho de água gelada até quase transbordar. Vasculho as gavetas e pego alguns panos de prato e jogo sobre os ombros.

Com cuidado para não derramar, volto o mais rápido que consigo para o lado dele, que continua a gemer e murmurar palavras sem sentido. Deixo o bowl e pego o vidro do antitérmico.

— Já vou fazer você sarar... acalme-se, Capitão — digo com uma ternura, quase maternal, que nem eu sabia que tinha. — Preciso que seja bonzinho e colabore. — Vou sussurrando enquanto acho o potinho que preciso, em meio a tantos outros que Mc deixou no criado-mudo e abro.

Não é à toa que esteja tão drogado e de jeito nenhum, vou consegui fazê-lo beber água com

isso dentro. Opto pela praticidade. Com uma mão, seguro firme as laterais da boca forçando-o a abrir um bico de peixe. Ele resiste balança o rosto, mas eu resisto mais... Sem tempo para contar gotinha por gotinha, das quarenta que preciso, dou uma boa jatada do remédio mirando bem na goela, rezando que não tenha sido demais.

Ele protesta, tenta cuspir, mas pressiono sua boca e aperto o nariz forçando-o a engolir.

— Pronto... pronto... já foi. — Ele tosse e rezo para que não vomite. — Shhhhh... eu sei que é ruim, mas vai te fazer bem. — Acaricio o rosto bravo como recompensa.

À medida que sussurro como preciso que ele seja forte, reaja e sare logo, seu rosto vai suavizando... Pronta para o segundo passo da minha missão, subo na cama e fico de joelhos ao seu lado. A camiseta molhada tem que sair.

PERIGOSAS NACIONAIS

Começo pelos braços que parecem pesar uma tonelada e depois de muita manobra consigo puxá-la desajeitadamente pela cabeça.

Verifico se o curativo na lateral do abdômen não foi desfeito. Ofego quando vejo seu peito tão nu e tão de perto, pela primeira vez, pós sua volta...

Meu Deus!

Esse homem é deslumbrante.

Permito-me admirá-lo... os músculos parecem forjados em aço. Meus lábios comprimem quando vejo pequenos vergões avermelhados, provocados pelos estilhaços de vidro, e outras marcas, de tecidos cicatrizados, manchando-lhe a pele. Alguns parecem ter sido mais graves do que os outros... é uma imagem dolorosa, mesmo para um soldado. Agonia-me saber que ele tenha passado por outros momentos tão terrivelmente

PERIGOSAS ACHERON

brutais como o de hoje, se não mais.

A ideia de alguém lhe fazendo mal é tão revoltante...

Droga!

Será que esse é o motivo dos desenhos na pele?

Esconder as marcas, que, apesar de cicatrizadas, ainda o ferem?

Observo as tatuagens que cobrem os braços, desde os pulsos, e terminam de forma sinuosa nos ombros largos e fortes... uma mistura de linhas negras, dramáticas e bem-feitas... Noto outras cicatrizes camufladas... *Merda! Pra que tanta violência?* Fixo na mudança do padrão de cor que ocorre do bíceps para cima. Pisco algumas vezes, ao reconhecer, em meio a tanta escuridão, névoas brancas e traços estilizados de lírios e não-me-esqueças. Ofego... com o sopro de suavidade

PERIGOSAS NACIONAIS

entre a dureza das cicatrizes, dos tribais e dos arames farpados. Meu peito explode em batidas violentas e emocionadas... as minhas flores... perco o ar.

Sem poder acreditar... traço o contorno de uma das imagens delicadas com a ponta do meu dedo trêmulo.

Não pode ser...

— Seu louco... isso foi pra mim? — sussurro precisando de uma confirmação para a imagem surreal que vejo.

Em vez de responder, ele geme em um calafrio. Deixo a emoção de lado e concentro-me nele. Sua pele está brilhante e pegajosa de suor. Afundo os panos na água gelada... torço um e coloco sobre a testa... com o outro, toco o peito ofegante e a pele quente arrepia instantaneamente... Um novo uivo rouco sai de sua garganta e por

PERIGOSAS ACHERON

instinto, o corpo grande rola para o lado escapando do ataque gelado.

Dante dá as costas para mim e eu congelo.

— *Nunca deixe os outros te diminuírem, corujinha.*

Meus olhos arregalados cravam em outro par enorme tatuado nas costas dele... Uma magnífica coruja alada, de expressão feroz e determinada, sobrevoa as costas, de ombro a ombro... Os traços são tão reais que parece viva... Sob as asas enormes mais lírios e não-me-esqueças... nas garras o único toque de cor... Pela segunda vez, perco o fôlego.

Parece que o pássaro perfurou e atravessou o peito dele, roubando-lhe o coração, que sangra... A imagem é tão realista... Como se a sua alma estivesse ali, dilacerada entre raios e mais flores.

Caramba!

Uma conversa que tivemos há anos vem...
Uma vez protestei contra o apelido corujinha,
alegando que meus olhos não eram assim tão
grandes. Entre um sorriso torto, ele disse:



— *Não são só pelos seus olhos que gosto
de te chamar assim, Treas... Sabia que para muitos
povos, a coruja significa mistério, inteligência,
sabedoria e conhecimento? Uma ave singular com
a capacidade de enxergar através da escuridão,
conseguindo ver o que os outros não veem... Igual
ao poder que exerce sobre mim... a única pessoa
capaz de ver através da minha alma e enxergar
coisas que ninguém mais consegue.*



Quando será que ele fez isso?

Balanço a cabeça e, incrédula, toco o

coração.

Deus!

Tatuagens são para sempre... *Eu estou para sempre nele?* Meus olhos marejam, mas não consigo chorar. Não entendo... não estou preparada. Se for verdade, essa é a coisa mais incrível que alguém já fez por mim. Minha cabeça dá um nó... é tão impressionante que chega a ser cruel. Se tudo isso significa o que eu penso que seja... por que romper comigo daquela forma tão abrupta e sofrida?

Chocada com a descoberta, perco-me na imagem alada até que Dante volta a gemer e se contorcer. Com cuidado, delinheio a linha de suas costelas do externo às costas, até segurar o ombro esquerdo com firmeza. Puxo-o em minha direção.

— Vire para mim — peço através da garganta dolorida pelo choro contido. — Deixe-me

PERIGOSAS NACIONAIS

cuidar de você.

O corpo grande cede e cai grudando as costas no colchão.

— Treas — murmura e meu coração aquece.

Os olhos azuis-índigo estão desfocados e aturdidos pela febre.

— Sou eu... — Acaricio o rosto cansado, ele fecha os olhos e vem em direção a minha mão como um cachorro carente.

— Odeio essa bosta de frio... — protesta sonolento.

Sorrio e toco-lhe a testa... a temperatura amenizou um pouco.

— Tudo bem... chega de frio — prometo incapaz de negar-lhe qualquer coisa no estado em que está. — Só durma... Vou ficar aqui com você.

A respiração lenta e o movimento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cadenciado do peito indicam que é exatamente isso que voltou a fazer. Recolho os panos úmidos e jogo no *bowl*. Olho para o sofá lá longe e depois para Dante... Fecho os olhos ao tomar consciência de que não vou conseguir ficar tão distante dele. Resignada, abro os olhos e com cuidado, passo um joelho e depois o outro sobre o corpo febril e vou para o outro lado da cama. Estico o braço musculoso para fazer um travesseiro, deslizo para dentro do cobertor, deito grudando-me a ele e tomando cuidado com o ferimento em sua lateral.

Sentindo-me protegida e em casa... fecho os olhos e deixo que o sobe e desce de seu peito me acalme e leve para longe todos os sentimentos ruins desse dia desastroso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Acordo zonza com um barulho irritante e contínuo... Confusa, esfrego o rosto... sem saber quanto do dia de ontem eu sonhei e quanto foi real. Abro os olhos e a minha dúvida esperançosa logo se esvai... Estou sozinha numa cama que não é a minha... É... foi real e parece que algo mudou e não foi apenas onde durmo, fui eu... é impossível permanecer a mesma depois das coisas que vi e passei.

Sozinha?

Ai, caramba!

Perdi o meu paciente!

Sento em um sobressalto... o barulho irritante aumenta e meu coração aperta. Olho ao redor e vasculho o loft buscando por Dante, e nada. *Deus!* Ele estava tão baqueado por conta dos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

remédios, teve um sono difícil e agitado, é impossível que tenha acordado bem-disposto ou melhorado.

Preocupada, escorrego para fora da cama... localizo a origem dos sons. Há uma confusão incompreensível vinda do banheiro... minhas pernas fraquejam ao imaginar que aquele bandido nos encontrou e está fazendo mal para o Capitão.

Com o coração na boca, penso em uma faca, mas desisto... mais cortes e sangue, não. Lembro do taco de beisebol que vi na academia e corro. Munida da minha necessidade de protegê-lo e do taco de madeira maciça, abro bruscamente a porta do banheiro e entro num pulo, preparada para a briga como uma Tartaruga Ninja.

Uma gargalhada profunda explode.

— Que é isso? Virou a She-Ra^[78]? — Max pergunta divertido.

PERIGOSAS ACHERON

— A She-Ra é loira, tem espada e não um taco, Palhaço! — como um bom geek aficcionado em quadrinhos que é, Romeo o corrige.

Boquiaberta, abaixo a minha arma para encarar Romeo e o Max, que se divertem com a minha agonia. Esses caras não batem bem, o mundo está caindo e eles rindo e discutindo desenho?

— Vocês querem me matar do coração? — Deixo o taco cair no chão imaculado e branco em um som estridente. — O que ele está fazendo aqui?

Aponto para o muito grogue Dante, que Romeo sustenta pela cintura. Quando percebo que ele está totalmente nu, meu rosto entra em combustão. Nudez não é um problema para mim e parece que para eles também não, mas a situação é desconcertante. Já não consigo me manter indiferente com esse espetáculo vestido... *Deus!* Ter toda essa gostosura impressionante exposta e

não perder a compostura é quase um martírio.

Não espie... não espie... não espie...

Foco nos azuis-índigo e finjo que Dante nu é notícia velha para mim.

— Só me coloquem na piscina... — Ele tenta soltar-se, mas cambaleia.

— De jeito nenhum — Max usa um tom severo. — Vai morrer afogado... no chuveiro ou nada.

Balanço a cabeça sem entender o que está acontecendo.

— Qual o problema? — pergunto.

— Estou fedendo, não queria que acordasse e me visse assim. — Dante tenta focar em mim.

Percebo o aborrecimento dele e meu instinto protetor pipoca.

— Vocês são muito irresponsáveis! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou de Romeo para Max — Ele tinha que estar na cama... Não perceberam que está drogado? — recrimino como uma enfermeira rabugenta.

— Pera lá... ninguém o arrastou para cá — Romeo defende-se. — Chegamos, ouvimos um barulho e o porra estava derrubando tudo enquanto tentava tirar as calças!

Olho para a chaise virada e a confusão de toalhas e vidros de xampus no chão.

Ele caiu?

Preocupada, escrutino o rosto aborrecido, os azuis-índigo estão vacilantes com as pálpebras pesadas... Meus olhos voam para o peito deslumbrante, rumam para o curativo na lateral do abdômen, mas desviam e pousam na zona do perigo, totalmente descoberta... meus olhos quase saltam da órbita quando um míssil de calibre grosso e longo alcance começa a subir e apontar para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Jesus Cristo! Como é grande!

Ofego, perco a compostura e ajo como a virgem de Dante que sou... Dou meia-volta e fico de costas para o troço impressionante que ele ostenta entre as pernas.

Não estou acreditando que o ordinário se excitou!

— Porra, que poder, hein, Trice! —
Romeo diz surpreso. — Nunca vi um pau moribundo subir assim tão rápido.

— Cale a boca e cubra isso! — berro o pedido, totalmente desconcertada.

— Que foi? Eu sei que a Artilharia Stoirm impressiona, mas até parece que nunca viu — Max gargalha novamente e engasga de tanto rir.

Dante ruge com a língua enrolada:

— Deixem-na em paz, isso é pessoal, porra!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não... nunca tinha visto — respondo
tão baixo, que sei que não me escutam.

Danem-se, todos!

Acho difícil que acreditem em mim sobre
nunca o ter visto nu. Esses caras são tão gostosos
que as mulheres devem rasgar suas roupas e
disputar na unha quem será a primeira a transar.

Canso dessa brincadeira e começo a me
retirar.

— Pera aí, Trice! Aonde está indo? Não
pode sair! — Romeo desespera-se. — Desculpa!
Era brincadeira! Precisa ajudá-lo!

— Ele já tem bastante ajuda. — Paro
momentaneamente de sair. — Deem logo esse
banho e acabem com isso.

— Não... só você toca em mim — Dante
murmura, surpreendendo-me.

Hã?

PERIGOSAS ACHERON

Desde quando?

Viro de lado para ele, mas não olho.

— Não dá. — Respiro fundo, para afastar a tentação de querer limpá-lo com a língua. — Não com esse seu míssil de calibre grosso e longo alcance apontado pra mim.

— Um míssil, onde? — Dante pergunta confuso.

— Qual é, Beatrice? — Romeo intervém rindo do irmão. — A artilharia pode ser pesada, mas o cara tá tão chapado, que não vai nem conseguir mirar em você.

— Mesmo assim, não quero correr esse risco — argumento.

— Risco nenhum... não com os cinco comprimidos de analgésico que engoliu — Romeo insiste.

— Meu Deus! Eu não vi isso! — Uma

PERIGOSAS NACIONAIS

onda de culpa bate por eu ter dormido. — Você fez isso? — Fuzilo Dante.

— Acordei com dor. — Balança a cabeça atordado.

Sinto-me a pior enfermeira do mundo.

— Seu maluco! Vai ter uma overdose! — exalto-me.

Ouçó Max cair no chão de tanto rir e eu quero morrer, era só o que me faltava... ficar discutindo sobre os recursos sexuais dos Stoirm e de quebra, ser acusada por Maggie de relapsa assassina.

Puxo o ar para me acalmar.

— Não subestimem o Capitão. A tecnologia dos Stoirm é de ponta! — Max ri mais alto e o meu desespero só aumenta. — Já o vi em condições piores e o bastardo nunca errou um alvo.

Jesus! Nunca errou?

PERIGOSAS ACHERON

Imagino o estrago delicioso que o ataque desse míssil tão preciso e potente pode fazer nas minhas zonas delicadas e sedentas por um bom combate...

Meu Deus do céu! Que delícia.

Um suor brota da raiz dos meus cabelos às solas dos pés.

— Isso aqui já está virando palhaçada — digo mais para mim. — Podem parar com este assunto?

— Caralho... chega! — Dante esbraveja. — Saiam logo, Treas vai tomar banho comigo.

Hã?

Ofego e Max engasga e relincha como um cavalo em busca de ar.

— Não vou não! — Minha voz sai em um guincho e rezo para que não notem que é de excitação. — Não... com você pelado e engatilhado

desse jeito, não vai dar. Vista alguma coisa, pelo menos.

— Não posso tomar banho de calça! —
Dante protesta o óbvio.

Fecho os olhos e respiro fundo.

O teimoso não vai desistir do banho, sei que não vai. Ele é tão grande e sólido que me confunde. Não consigo imaginá-lo frágil... a ideia dele vulnerável e precisando de ajuda vai contra sua figura imponente.

— Se isso for um golpe e o ordinário não estiver pirado, a ponto de não conseguir tomar essa merda de banho, sem se matar, eu juro... — Puxo o ar. — Vou esfolar todos vocês vivos! — ameaço.

Fico de frente por completo e fuzilo o rosto avermelhado de Max, que está sentado no chão, com os braços gigantes apoiados sobre os joelhos. Ele sorri para mim, obviamente, adorando

o meu calvário.

— Posso chamar a Dona se isso for demais para você — ele provoca.

Desgramado chantagista!

Rosno e Max levanta as mãos fingindo rendição.

— Não quero a Dona... já disse que só Treas toca em mim. — Dante me lança um sorriso torto, que faz os meus pelinhos arrepiarem.

Deus!

Enrubesco... é lisonjeiro que ele só queira a mim. Sem poder me conter olho para ele e ofego... Dante nu é uma visão magnífica. O tórax sólido, o abdômen de oito gomos, a penugem deliciosa abrindo caminho até o míssil... que é enorme mesmo, zero por cento enganação ou ilusão de ótica. Fico hipnotizada... mordo os lábios e minha boca enche d'água, só de voltar a imaginar

PERIGOSAS NACIONAIS

esse troço imenso invadindo o meu território.

Minha Nossa Senhora!

— Nem se anima, Trice — Romeo adivinha meus pensamentos pervertidos e intervém.
— O Mc disse que ele não pode foder por um bom par de dias...

Hã?

Aleluia!

— O caralho que não posso! — Dante tenta soltar-se e cambaleia de novo.

— Seu corte vai abrir, *Fella!* — Romeo indigna-se.

Max volta a gargalhar.

— Isso aqui só melhora... acho que vou fazer pipoca.

Viro para ele como a garota do filme *O exorcista*.

— Você, seu ordinário gozador... vai ser o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

primeiro que vou matar! — ameaço novamente. — Jogue essa calça para cá. — Aponto o tecido preto caído ao lado dele. — Depois tire essa bunda daí e leve uma chaise para o boxe.

Já que não tenho como escapar, entro no modo produtora de eventos... dar banho em Dante vai ser um acontecimento e tanto.

Capturo a calça no ar e jogo o tecido sobre os ombros. Max não levanta.

— Caramba! Vou ter que eu mesma colocar a melega da cadeira lá? — Minhas mãos vão parar na cintura. — Não vou conseguir sustentá-lo sozinha e não quero correr o risco de ele cair... — explico.

De má vontade, Max levanta e faz o que eu peço.

— Mais alguma ordem, primeira-dama?

Sim... que vá tomar no rabo!

PERIGOSAS ACHERON

Conto até cinco para me conter.

— Romeo coloque Dante sentado, depois virem de costas para mim — ordeno.

— O que vai fazer? — Max olha ressabiado para o taco. — Não está pensando em nos atingir com isso aí, está?

A ponto de explodir ou desistir... reviro os olhos.

— Dá para fazer o que eu estou pedindo sem reclamar? — berro como a general que eu sei ser.

— Façam o que ela mandou! — Dante cospe a ordem.

— Caralho, vocês dois juntos são um saco! — Max protesta, mas faz o que eu peço.

Os dois irmãos viram para a parede, menos Dante, que já está na *chaise longue* montado como um cowboy, com as coxas musculosas abertas e os

pés, um de cada lado, apoiados no chão. *Sexy dos infernos...* Pelo menos, teve a decência de esconder o míssil com as mãos enquanto seus olhos embriagados estão fixos em mim.

Inclino meu tronco, manobro o quadril, faço o que eu tenho que fazer e ele engasga. Jogo o pedaço de tecido escuro que aterrissa em seu colo.

— Vista isso ou nada feito! — ordeno e preocupo-me em colocar a calça do pijama. Amarro o barbante bem forte.

Fico desconcertada quando ele cheira o tecido, murmura um *delicioso* e o míssil estremece cutucando o umbigo.

Meu Jesus Cristinho!

— Estava com a minha cueca? — Engole com certa dificuldade.

— O quê? — Max anima-se.

Ele e Romeo viram em um pulo e parecem

PERIGOSAS NACIONAIS

decepcionados por me encontrar vestindo calça.

— Que sem graça. — O rosto de Romeo perde a animação. — Tava louco pra te ver pel...

— Tava o cacete, seu puto! — Dante ruge interrompendo. — Eu arranco os olhos de vocês antes que isso aconteça.

— Ei, os olhos de vocês, o caralho! — Max protesta. — O Romeo que é o pervertido! Trice é como minha irmã! — Finge inocência.

Quantos anos eles têm? Doze?

— Só vis-ta... is-so... — gaguejo e evito olhar. — Romeo, ajude ele — imploro com um miado.

Enquanto Romeo e Max o ajudam a vestir a cueca sem forçar o ferimento, saio recolhendo os potes de xampus espalhados pelo chão e tudo mais que julgo necessário para um banho... Estou quase histérica... inspiro com dificuldade e minhas mãos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tremem pela antecipação de tocar mais uma vez, no corpo que começo a venerar.

Com Dante coberto e com as costas apoiadas no encosto da cadeira, um dos chuveiros é ligado. Ele xinga quando um jato de água gelada o atinge em cheio na zona de guerra.

— É para amansar o seu soldado... não quero que Trice saia correndo. — Romeo pisca para mim e ajusta a temperatura.

Rindo da série de xingamentos incompreensíveis que Dante desfere contra eles, os irmãos deixam o boxe gigante aberto.

Ao ver Max passar por mim, tocar a maçaneta e abrir a porta do banheiro, meu coração dá um solavanco.

— Vocês não vão ficar? — gaguejo.

Romeo abre um sorriso abusado.

— E atrapalhar o momento romântico?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nem pensar... o Capitão me esfolaria vivo... Só não se empolguem... daqui a pouco os velhos estarão aqui.

— Aqui?

Meus olhos crescem em uma mistura de irritação e preocupação. Com os meus pais vivendo em Paris e meus avós ligando antes de aparecer, não estava mais acostumada às invasões familiares não programadas.

— A mamãe passou na sua casa e está vindo para cá, com roupas e o café da manhã. — Romeo aponta para mim e ri. — Esse troço que está vestindo é broxante.

Examino a camiseta e as calças gigantes que dançam no meu corpo... *Broxante é bom.* Estranho o silêncio e sobre os ombros espio Dante, que parece ter cochilado embaixo do fluxo de água quente que cai sobre o peito... O míssil ainda está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alerta, mas bem menos engatilhado... Respiro aliviada, Santos comprimidos de analgésico... não quero que o grandão ali, volte a se animar.

Quando eles saem, prendo os meus cabelos em um nó, tranco a porta e controlo o nervosismo. Aquele vasinho de trevos de quatro folhas, que peguei com Dorothy, deve ser transgênico, só pode... Estou entrando em uma cilada pior do que a outra. Faço o sinal da cruz... eu deveria ter ido ver o pastor Nelson e me benzido... é muita tragédia para uma pessoa só.

Com cuidado, para não o acordar, entro no boxe, jogo bastante sabonete líquido em uma bucha e coloco todo o resto que peguei no chão. Gotas de água respingam na minha roupa... dou graças por ela ser preta e não revelar o quanto estou afetada com o momento tão íntimo.

Tento não pensar nas cicatrizes e com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carícias suaves, começo ensaboando o peito, subo para o pescoço e depois os ombros... um aroma amadeirado, delicioso, mistura-se à bruma de vapor no boxe. Inspiro o cheiro de Dante... *Tão bom*. Um pulsar inesperado começa bem no meio das minhas pernas... Fecho os olhos e mordo os lábios apreciando a sensação. Nunca tinha me dado conta do quanto dar banho em alguém pode ser sexy ao extremo.

Sou surpreendida ao ser laçada por um braço possessivo na altura da bunda... ofego quando Dante afunda o rosto bem ali, onde pulso. Ele inspira profundo e grunhe.

— Você cheira tão bem. — Seu tom é gutural, quase selvagem.

— Dante... seu corte... não pode fazer esforço.

— Shhhh... já entendi sobre o não trepar...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

só quero ficar perto. — Inspira ainda mais profundo. — Aquele dia que te toquei aqui. — Deposita um beijo na minha virilha por sobre a roupa. — Quase enlouqueci... tão macia... tão lisa... seu cheiro ficou em mim — murmura.

Abro a boca, mas não sei o que dizer quanto a isso... Seguro nos ombros tatuados e empurro tentando abrir distância, mas tudo o que eu consigo, é cair sentada entre as coxas grossas ao ser puxada para mais perto. Procuro por seu rosto... há um sorriso quase febril estampado nele... seus olhos azuis-índigo estão mais chapados do que antes e piscam lentos.

Aqueles analgésicos são fortes, toco o rosto molhado em dúvida que esteja alucinando.

— Dante... sobre ontem, eu queria te pedir desculpas e hum... obrigada. A última coisa do mundo que eu queria era que se machucasse. Tá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo bem?

— Hum-hum... aquilo lá foi uma merda das grandes, mas agora tá tudo bem... Tive medo de te perder... Sou louco por você, Treas... sempre fui. — A voz rouca e arrastada é como um tormento. — Preciso de você, mais do que preciso do ar. Não fuja... eu te pedi... você fugiu de novo.

Culpada por ter feito exatamente o que ele disse, não respondo, mas deixo escapar um: *Oh* quando ele gira meu corpo e manobra as minhas pernas, colocando-as sobre as coxas dele. Ficamos frente a frente... nossas partes íntimas perigosamente próximas.

— Acho que não é uma boa... o banho... não terminei... sua mãe...

As desculpas perdem o sentido quando a boca macia resvala na minha e segue para um beijo doce e profundo. Ele suga os meus lábios com uma

PERIGOSAS ACHERON

malícia contida... *Deus... que boca boa!* Encharco-me de água e dele... Talvez sejam os remédios, mas dessa vez, não há uma voracidade no ataque ou impetuosidade nos movimentos.

Dante toma todo o tempo do mundo em explorar-me... Aprecia o momento como um gato gigante que chega de mansinho e se roça sedutoramente... Gemo grata. Sua língua molhada e quente acaricia a minha com tanta delicadeza, que me deixo levar. Entrego-me à delícia de ter esse homem imenso e bruto mostrando uma gentileza que eu imaginava estar perdida. Envolver os braços em seu pescoço e devolvo as carícias com a mesma ternura.

Para que resistir... se ele é todo tão bom?

Não faz sentido negar que eu o quero, se todas as células do meu corpo dizem sim...

Consciente do que desejo, meus dedos

PERIGOSAS NACIONAIS

sobem para a nuca instigando-o... Não há constrangimento, só uma excitação compartilhada e uma vontade de explorar um ao outro. Dante geme, desliza os lábios sobre a minha mandíbula enquanto infiltra as mãos enormes na camiseta e com ponta dos dedos tateia as minhas costas. Contorço-me como uma gata... quando ele deixa uma trilha de beijos molhados pelo meu pescoço antes de voltar para a minha boca.

Ele beija, chupa meus lábios, invade-me e me completa... Sou varrida por uma chama abrasadora e sinto-me tonta com a intensidade dos meus sentimentos, o vai e vem das nossas línguas... o roçar da barba e a provocação sensual dos seus toques.

Arrepio quando mãos enormes sobem para a lateral do meu corpo. Meus braços são forçados a soltá-lo e a erguer, o beijo para e no espaço de uma

PERIGOSAS ACHERON

respiração, a camiseta sai.

— Caramba, você é rápido... — murmuro, vendo-me nua da cintura para cima.

Penso em recuar e me cobrir, mas o olhar encantado que recebo me paralisa... é como se ele tivesse descoberto a coisa mais preciosa do mundo. Mal respirando, Dante umedece os lábios e segura meus seios... um ronco baixo vibra no peito viril quando os recobre por inteiro.

Minha respiração acelera... sua mão é áspera e contrasta com a suavidade da minha pele.

Hum... é tão bom.

— Que peitos macios... empinados e cheios... — sussurra, explorando a textura e peso. — Caralho, são perfeitos, Treas.

Seduzida pelos elogios, não me oponho, deixo que me explore... Seu toque parece tão certo e encaixa-se perfeitamente em mim. Fecho os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

pendendo a cabeça para o lado... Um calor maior do que o da água, que cai sobre nós, espalha-se pelo meu peito atingindo-me por inteira. Gemo baixinho quando os dedos trêmulos contornam e acariciam os mamilos que enrijecem ao primeiro toque.

— Eu sabia que seriam rosados e delicados... — Aperta e puxa os bicos entumecidos... Ronrono completamente embriagada pela voz cada vez mais rouca e pela pressão excitante em meus mamilos. — Tive uma prova naquele dia que caiu no canal. Eu fantasiei, sabia? Imaginei como seria... — a boca ousada abocanha meu mamilo direito e deposita um longo beijo de boca aberta nele. — ... isso... — confessa quente sobre a minha aréola antes de chupar-me com força.

Jesuuuuus!

PERIGOSAS ACHERON

Caramba... que magia é essa?

Um tesão explode... guiada pela eletricidade que dispara em linha reta do meu mamilo para minhas partes baixas, jogo os braços para trás agarrando as coxas grossas e projetando o peito para oferecer-me por completo... Não sei o que ele passa nessa barba, mas é a melhor e a mais macia que já roçou em mim... Ofego... a língua felina faz movimentos lentos e alucinógenos contornando a aréola. Quase enlouqueço com a sequência ousada de lambidas, beijos e sugadas.

Aaaaaah...

Jogo a cabeça para trás e suspiro. Ele ataca o outro seio.

— Dante... que delícia — murmuro e agarro os cabelos macios, pressionando mais o seu rosto contra meu peito. — Mais...

Ele geme e acho que é de dor. *A batida na*

cabeça! Afrouxo o aperto no cabelo, mas ele não para o ataque... Animado com o incentivo... sou apalpada, chupada, amassada e provocada com tanta maestria, que quase gozo... Pressiono os lábios para suprimir um grito de prazer quando ele morde e prende um dos bicos entre os dentes e belisca o outro.

— Isso... que gostoso! — ofego.

Sacudo a cabeça para afastar o pensamento irritante de que ele é talentoso demais... muito mesmo... ninguém vira um chupador de peitos desse nível sem ter praticado bastante.

Droga!

— Nãooo — gemo alto em uma agonia possessiva... não quero essa boca em mais ninguém!

A tortura em meus seios para abruptamente e a cabeça morena sobe para me

encarar com preocupação.

Não... não pare!

— Te machuquei? — pergunta, aborrecido.

Hã?

— Nãooo, por quê? — devolvo em um murmuro ofegante.

— Isso tudo que eu tomei... não estou totalmente no controle. — Seu rosto franze. — Droga! Eu não... você é tão pequena, não quero machucá-la.

Toco meus seios sensíveis e sedentos por mais.

Não acredito que ele parou a chupada deliciosa por causa disso!

— Não me machucou... e se o fizesse, não me importaria... talvez até gostasse — confesso frustrada e a incompreensão passa pelos azuis-

índigo. Seguro o rosto aflito com as duas mãos. — Não sou de porcelana... vou ficar bem brava se começar a me poupar por medo de alguns roxos ou arranhões. Gemi de prazer.

— Não foi o que pareceu. — Uma ruga aparece entre as sobrancelhas.

Droga!

— Gemi porque... é que... eu senti... não quero a sua boca em mais ninguém — digo logo, mesmo parecendo uma idiota.

Um esboço de sorriso movimenta seus lábios.

— Sem chance... isso não vai acontecer, Treas. — Ele me abraça delicadamente. — Ainda não percebeu que é só você que eu quero?

— É que... é estranho... — murmuro.

— Não é estranho... é o que é... aceite.

Ele é tão direto que perco as palavras...

deixo que me encaixe nele e, pela primeira vez, em dias, sinto-me calma e segura. Fico quieta sentindo seu peito subir e descer... indecisa sobre algo que preciso muito saber, mas não sei se é o momento certo para perguntar.

Dane-se!

Minha necessidade urgente vence a prudência.

— Ontem à noite... — murmuro com a bochecha imprensada em seu peito. — As suas tatuagens... eu as vi. — Com o dedo, delineio o contorno de um lírio em seu bíceps. — Não quero que pareça presunção, mas...

— Sim... são pra você — responde à pergunta nem formulada.

Enrijeço. Não consigo esconder o meu espanto.

Caramba, não era viagem da minha

cabeça iludida... são pra mim.

Afasto o rosto para encará-lo, a excitação do que aconteceu entre nós deve ter amenizado o efeito dos analgésicos. Ele parece um pouco menos chapado.

— Como sabia que era isso que eu iria perguntar?

Um brilho relanceia em seus olhos.

— Conheço você desde sempre, Treas. Seu rosto transparece tudo o que pensa, além do mais, é óbvio pra nós dois o que significam os desenhos. Só espero que não tenha ficado ofendida.

Ele me olha com tanta apreensão que sinto remorso.

— Ofendida não... nunca. Fiquei sem reação, na verdade... talvez chocada seja a melhor palavra. Uma tatuagem em minha homenagem era a última coisa que esperaria de você — digo a

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade e a expressão dele endurece. Não querendo que me entenda mal ou que ande por aí, pensando que carrega algo ofensivo, continuo. — São lindas... dramáticas... surpreendentes, até...— Não exagero uma vírgula. — É uma baita honra, só não entendo... — Franzo a testa ao tocar os ombros desenhados. — Não faz sentido me marcar na sua pele, depois do que rolou... há quanto tempo?

Os braços em torno da minha cintura enrijecem. As batidas fortes e regulares do seu coração aceleram.

— Muito tempo... sei que já passamos da fase ingênua da corujinha, mas faz todo o sentido pra mim. Só escancarei o que estava preso... Sou um homem marcado de muitas formas, Treas. A maioria delas, ruins... você é o meu momento bom e tê-la por perto, foi a única forma de seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração acelera... sou pega de surpresa pelo inesperado da confissão. Penso nas cicatrizes... a ideia dele passando por coisas ruins e pesadas, sozinho, me quebra... Se ao menos, eu estivesse lá para ajudá-lo.

Que droga!

Quanto da sua história eu perdi?

Olho de viés... ressabiada de estar indo longe demais, mas não consigo parar.

— O coração...

Ele me beija suavemente.

— É seu, Treas... — antecipa-se outra vez.

— Meu coração sempre foi seu e ficou em Oxford aquele dia.

Involuntariamente, balanço a cabeça... quase ofendida. O que ele está falando? A ideia dele ainda ter sentimentos por mim é surreal demais. Dante nunca foi um homem de mentiras,

mas isso que está dizendo é grandioso demais e contradiz tudo o que passamos até aqui.

— Não diga coisas assim para mim... não faz sentido... se... se... gostava de mim... — Fecho os olhos por um segundo e, quando volto a abri-los, sei que estão tão grandes quanto aos da coruja alada em suas costas. — Deus! Por que rompeu comigo?

A boca carnuda fecha em uma linha fina... como se estivesse avaliando até onde ir ou me contar. Mantenho meu olhar firme, exigindo uma resposta. Um dos braços me solta, ele esfrega a barba e suspira profundamente.

— Hoje não... — diz aborrecido. — Não quero trazer à tona as feridas do passado... Só me deixe ficar aqui, sentindo você.

O quê?

— Mas eu preciso saber... — insisto.

— Eu sei que precisa e merece... —

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspira profundo uma outra vez. — Um dia, Treas.

Pressiono os lábios.

Um dia... qual dia?

Não ter as respostas que busco é frustrante. Poxa vida, também tenho minhas feridas e o culpo pela maioria delas. *Droga!* Respiro, ciente de que não é o momento para embates... Não quero fazê-lo sofrer mais e não me sinto no direito de desenterrar um passado que, evidentemente, ele tenta esquecer... Controlo meus ímpetos egoístas e resolvo escutar meu coração que implora para não forçar demais a barra. Seu rosto ainda mostra sinais evidentes de cansaço, ele precisa de repouso.

— Melhor terminarmos por aqui — digo virando a página.

Os azuis-índigo ficam irritados.

— Não... não vou deixar que vá embora de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fui eu que fui embora. — Lembro a ele, antes de me desvencilhar, tirar as pernas das dele e inclinar para pegar a bucha e o sabonete líquido caídos no chão. — Estava me referindo ao banho. — Olho sobre os ombros. — Seus pais já devem estar aí e daqui a pouco, Maggie vai mandar a cavalaria para derrubar a porta.

— Cacete, suas costas! — ruge.

Tenho um sobressalto com a reação exagerada.

— O que têm?

Ele toca a lateral próxima às minhas costelas e estremeço.

— Está roxa. Foi na hora que aquele desgraçado te lançou, não foi? Merda! Eu falhei, deixei que te machucasse!

Manobra a perna, tão rápido, por sobre a *chaise longue*, que quase acerta o meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que absurdo! Você me salvou! — corrijo-o, não admitindo que se culpe por isso. Giro a cabeça tentando ver a marca. — Isso não é nada, diante do que poderia ter acontecido.

— Nada o cacete e tenho sérias objeções quanto quem salvou a quem — diz com uma amargura furiosa. — Pode ter quebrado. Que merda!

Meu coração explode... achei que ele estivesse fora demais para ter ouvido ou lembrar sobre o que eu disse para Scarface... se existe alguém em dívida, sou eu, não ele.

— Dante, eu não sairia de lá viva se não fosse você — insisto, mesmo que sua expressão diga que não acredita. — Eu já trinquei uma costela e mal conseguia respirar... a dorzinha que estou sentindo não chega nem perto daquilo lá. Acredite, não tem nenhum osso quebrado em mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Mesmo assim, Mc precisa ver isso. —
Levanta bruscamente e cambaleia.

Merda!

— Cuidado!

Ponho-me de pé em um pulo e o sustento antes que caia no chão. Ele xinga os analgésicos e tenho que segurar a vontade de passar um sermão antioverdose.

Cinco comprimidos?

Deus!

Onde esse idiota estava com a cabeça?

— Você pode não estar sentindo dor por causa dessa merda que tomou, mas o machucado é muito recente, não pode abusar.

— Eu sei.

— Se sabe, por que abusa?

Ele não responde... O braço gigante enreda-se no meu ombro, como uma anaconda.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Feita de muleta, dou o banho como encerrado e desligo o chuveiro. Com cuidado, saímos do boxe, deixo-o sentado na outra chaise.

— Fique aí... não consigo te carregar sozinha.

Volto para o boxe.

— Tem que ver essa merda! — insiste impaciente.

— Vou ver — prometo sem olhar para ele ou ter a intenção de ir atrás do Mc.

Alcanço a camiseta, torço para tirar o excesso de água, depois visto e tiro a calça encharcada. Em seguida, recolho algumas toalhas. Dou prioridade em enxugá-lo e quando julgo estarmos acima de quaisquer suspeitas, enrolo uma toalha na minha cintura, peço que espere e vou atrás de Max e Romeo.



PERIGOSAS ACHERON

Dante

Algumas horas, xicaras de café e saias justas depois...

Apoio o prato vazio no braço lateral do sofá. Planto os pés na mesinha de centro, ajeito o corpo dolorido para achar uma posição menos dolorosa. Mesmo tendo me entupido de analgésicos, a porra do corte e a minha cabeça estão latejando como o diabo. Irritado, checo, pela enésima vez, o elevador que continua indicando o subsolo. Treas já está lá, com Mc, há mais de trinta minutos. Eu deveria ter dito não quando ela quis descer só com os amigos e Martha.

Caralho, isso aqui virou um circo!

Para quem esperava ter uma manhã

PERIGOSAS NACIONAIS

relaxante, nos braços de Treas e, quem sabe, continuar o que começamos no banho, eu me fodi. Ficar de conversa fiada e trocar gentilezas, não estava muito nos meus planos, mas tive que recalcular rotas... Encontrei um caos em torno do balcão da cozinha. A tropa Wild e aliados: Jack, Martha, Jeremiah, Lucca e Chloé *versus* o exército Stoirm e agregados: Anthony, Maggie, Romeo, Max, Trent e Mc. Uns querendo saber a verdade, outros querendo escondê-la.

Foi empate, mantivemos a história do assalto e deixei que Treas contasse a sua versão sobre Klaus e o tal favor para a amiga secreta, que só um idiota não sacaria que é Chloé, de tanta bandeira que deu. Os olhos dela estavam faiscando o mau humor raro e o luto.

— Quer que faça outro?

Com um gesto educado, porque é a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe sentada ao meu lado no sofá, recuso a quarta omelete de queijo. Maggie tem essa ideia fixa de que tudo pode ser resolvido com comida. É assim desde que me entendo por gente... não duvido nada que ela mantenha, na bolsa, uma tabela alimentícia para cada enfermidade. Quebrou o braço: um sorvete, caiu da bicicleta: um sanduíche, levou um tiro: uma canja... ainda não conhecia as propriedades curativas das omeletes para os cortes.

— Acho que é melhor eu descer e ver o que está acontecendo. — Não escondo minha impaciência.

A mão suave de Maggie pousa no meu peito quando faço menção de levantar.

— Deixe a menina respirar um pouco. — Sorri com a doçura habitual. — Chloé e Lucca estavam angustiados... Martha nem se fala. Vai ser bom ela desabafar com alguém diferente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não quero que ela desabafe com alguém diferente!

Ela tem a mim, porra!

Puxo alguns fios da barba. Estou cansado, dolorido e puto.

— Não gosto desta invasão. — Quero gritar de frustração, mas me controlo. — Teria sido mais fácil anunciar meu endereço no jornal e organizar uma excursão — digo com amargura.

Amo a minha família, aprecio a companhia deles, mas há momentos em que um homem precisa de paz.

— Deixe de exagero. — Sua boca contrai nos cantos. — Isso aqui é uma fortaleza e entramos por aquele túnel horrível. Sei que quer proteger Beatrice, mas não pode isolá-la do mundo. Amigos e família fazem parte do pacote... excluí-los é o primeiro passo para perdê-la.

PERIGOSAS ACHERON

Sei que Maggie tem razão. A presença deles não coloca a missão em risco, pelo contrário, uma boa dose de normalidade sempre torna tudo acima de quaisquer suspeitas, mas há um limite. A morte do Klaus só deixou as coisas mais complicadas. Scarface é um caso à parte, um louco que caiu de paraquedas na vida de Beatrice e pode, muito bem, estar à espreita vigiando amigos e família.

— Quem a atacou ainda está lá fora, quanto menos gente vier aqui, melhor... — Meu rosto franze ao sentir uma pontada no corte. — De quem foi a ideia de trazer o cozinheiro?

— Pelo amor de Deus, filho! — Minha mãe ri ao entender meu ponto. — Não me diga que essa cara emburrada é ciúme? Olhe para você!

Se minha cabeça não estivesse me matando, gargalharia... Não é uma questão de

ciúmes e nem tudo se resume em ser o mais fodão. Suspiro profundo. Não sou um moleque para entrar numa disputa de pênis e estou cagando se o babaca é boa-pinta ou não. Eu me garanto, sempre me garanti... o que me fode foi ele ter ficado com ela e eu não. A merda da convivência e da confiança conquistada é isso que me fode! Anos, anos de Treas que eu perdi, porque eu decidi que aquele seria um adeus...

Isso que me mata... o remorso, suportar dia após dia as consequências de um erro. Aquele fim forçado, doído e sem vontade, que nunca aconteceu porque nunca acabou... Nós somos a porra de uma história incompleta e não vivida... um eterno três pontinhos de um final inacabado esperando para ser continuado.

Isso que me fode!

— Só não quero errar de novo, estou sendo

PERIGOSAS NACIONAIS

cuidadoso. — Toco a cicatriz na sobrancelha. — O cozinheiro, certamente, não está na lista dos meus maiores fãs. — Lembro da raiva que vi nos olhos de Lucca quando me despedi dele em Oxford. — Meu chute é de que não esteja feliz com a minha volta.

Ela me olha com ceticismo.

— Bobagem... todo mundo adora você. — Arqueia a sobrancelha demonstrando indignação e quase dou risada. Ela é uma mãe urso... sua opinião não conta. — Eu precisava de ajuda com as roupas, Lucca deu uma carona pra Chloé até a casa de Beatrice. Ele é um bom moço, gosta dela, não podia negar que a visse.

Tô sabendo que gosta... vi como os olhos dele brilham por Treas.

— Podia sim... não gosto dele aqui. — As palavras soam inadequadas, mas não me importo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Querido... — Maggie confere meu pai e Jack conversando sobre a Copa do Mundo, no balcão da cozinha, e, pelo tom, sei que lá vem conselho. Preparo-me. — Você nunca me contou o que aconteceu com Trice e muito menos nas Forças Armadas... Como mãe foi difícil para mim, mas sempre respeitei seu espaço. Casada com o Anthony há 33 anos e sabendo quem são, entendo que não queira ou não possa dividir algumas coisas, mas isso não me torna cega. Sei o quanto sofreu e ainda sofre.

Dou um sorriso fraco.

— Mãe, estou bem, não acho que seja o momento... — Paro quando sinto outra pontada no abdômen.

Inspiro e expiro... escondendo o desconforto.

Merda, por que Treas está demorando

PERIGOSAS ACHERON

tanto?

Romeo, Max e Trent conversam próximos à piscina e tenho uma súbita vontade de me juntar a eles. Estava fora de órbita quando conversamos mais cedo. Sei que estão na cola de Scar, mas só vou ficar tranquilo quando retomar as rédeas e encontrar aquele merda de uma vez por todas.

Maggie segura minha mão, trazendo-me de volta.

— Ainda não terminei, querido. Só mais um minuto e prometo que te deixo ir até eles — diz com suavidade. — Beatrice é uma menina de coração de ouro... preocupa-se mais com os outros do que consigo mesma... Ela se faz de forte, diz que já superou o término de vocês, mas é só da boca para fora. Estive aqui o tempo todo, vi o quanto sofreu. Sou mulher, não é fácil lidar com esse mundo de segredos masculinos... e certas mágoas

são difíceis de serem superadas. Fica sempre a lembrança do que já sofremos... É natural que esteja confusa e até com medo, então não exija demais dela, ok? Não a sufoque. Beatrice estar aqui, já é um grande passo.

É... um grande passo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Dante

Não a sufoque...

É com essa ideia martelando na cabeça, que assisto minha mãe sorrir e levantar. Depois de trocar algumas palavras com meu pai e Jack, ela sai e vai atrás de umas tortas de maçãs que a Irmã Hortência lhe prometeu.

Sou um puta de um sortudo por ser filho dessa mulher... À primeira vista, delicada e frágil, com seu cabelo chanel e terninhos Jack Onassis, mas que é forte pra cacete. Não é qualquer mulher que aguentaria uma vida de preocupações diárias... cheias de incertezas, perigos e lesões que deixariam os mais fracos de cabelos em pé. Deve ser foda aceitar que o dever e a honra, muitas vezes, vão

PERIGOSAS ACHERON

além do nosso desejo de ficar.

Sozinho no sofá, observo a movimentação atípica do loft e me pergunto, com o coração apertado, se Beatrice está preparada para isso?

Cacete!

Se eu estou preparado para isso?

Estou tão acostumado a seguir pelas minhas regras e a ter controle de tudo e Treas é o próprio descontrole. Uma mulher que não é nada submissa... ao contrário, é explosiva, teimosa e cheia de personalidade. Duvido que abriria mão de sua vida, para me seguir cegamente por aí.

Ela é tão imprevisível.

Tenho vontade de estrangulá-la e de beijá-la...

Como isso me dá tesão!

A porta do elevador abre e olhos singulares carregados de um brilho ansioso, que

PERIGOSAS NACIONAIS

prometem emoções fortes, vêm direto para os meus. Controlo a vontade de levantar e correr até ela, quero que venha até a mim.

Faminto... foco nos peitos macios e quentes que chupei com gosto e o rosto delicado enrubesce.

Como é linda e fica gostosa pra cacete nesses vestidinhos soltinhos que usa. É tão feminina. Esse tom rosa lhe cai bem e ressalta a diferença sutil na cor dos olhos... Gosto como os cabelos estão soltos e rebeldes como uma gata selvagem.

Meu pau endurece... que boca carnuda é essa? *Deus...* e que melodia de sons, gemidos e sussurros sensuais ela é capaz de produzir. Para minha tristeza e alegria, Treas não parece ter amarras para o sexo... soltinha e empolgada. Estou ansioso, aposto que essa boquinha gostosa é capaz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de sussurrar umas palavras bem sacanas e sujas ao pé do meu ouvido. Alcanço uma almofada e cubro o resultado evidente de tais pensamentos.

Atraídos pelas vozes, meu pai, Jack e os caras vêm para a área do sofá.

Com a expressão ansiosa, Treas para na minha frente... livro-me da almofada, puxo sua mão e, antes que possa protestar, está sentada de lado no meu colo tendo os meus braços bem firmes ao seu redor. Um espasmo doloroso percorre meu pau quando a bunda redondinha e generosa remexe para ajeitar-se.

É um bom sinal que não recuse o meu colo, estamos juntos e quero que todos saibam... é assim que deve ser... Minhas mãos grudadas nela como um imã, não quero nunca mais me privar desse prazer. Fico maluco quando ofega ao dar-se conta da movimentação involuntária que cresce

PERIGOSAS ACHERON

abaixo dela.

— Senti sua falta — sussurro a verdade.

Beijo a dobra do pescoço delicado e longo... É um tesão vê-la desconcertada com meu gesto aberto de carinho e tentar não se mostrar afetada, diante das pessoas que nos observam chocados.

Pois é...

Sou um homem feliz, pra caralho, em ter o meu tesouro de volta.

Não os culpo pelo espanto, sei que não estão acostumados comigo assim... humano. O meu natural é ser bruto e antissocial... com uma postura isolada e revestida de frieza insensível... Sei que minha presença, bem como demonstrações sentimentais ou gestos carinhosos foram raros nestes últimos anos.

Acostumem-se!

É instintivo e mais forte do que eu... Treas puxa pelos meus carinhos... não posso fazer nada, se essa atitude soa fora da curva do Capitão sempre mal-humorado. Para a sorte de todos, as coisas parecem estar mudando. Recebi uma segunda chance e não pretendo foder tudo de novo.

Volto para a Terra quando Trice gira o rosto esfregando a parte macia da bochecha contra a minha barba.

— Isso aí que estou sentindo... — diz em uma respiração entrecortada.

Fingindo buscar uma posição melhor, levanto sutilmente o quadril e esfrego minha ereção só para provocá-la.

— É só um lembrete do tipo de batalha que te espera — murmuro apreciando ter meu cheiro impregnado nela.

Boa parte da minha irritação vai embora

PERIGOSAS NACIONAIS

quando a escuto sussurrar ansiosa:

— Meu Deus.

— Foi tudo bem lá embaixo? — pergunto alto para todos ouvirem. — A batida nas costas? — direciono para o Mc.

— Forte, mas nada quebrado. — Ele olha ressabiado para Treas. — A valentona teimou que não estava sentindo dor... Impossível com esse hematoma monstruoso na lateral das costelas. Tive que usar da minha autoridade de médico para aplicar uma injeção com um coquetel de relaxante muscular, antitetânico e anti-inflamatório.

Apesar de gostar da valentia dela, o desconforto por ter falhado em defendê-la ainda me corrói.

Opa!

— Injeção na bunda? — sussurro só para ela.

PERIGOSAS ACHERON

— No braço — devolve baixinho, irritada.

Esboço um agradecimento silencioso para Mc, odiaria ter que arrancar os olhos dele. É bom que leve tão a sério quanto eu os códigos de honra... Ninguém desrespeita, machuca ou toca, sem permissão, nas pessoas que são preciosas para nós.

— A mesma recomendação que dei para você, vale para a mocinha aí.

Maldição!

Fecho a cara. Vai ser difícil me manter distante de Treas.

Max suprime o riso ao trocar um olhar cúmplice, quase prazeroso, com Romeo... do tipo que irmãos dão quando o outro se fode... ou melhor, não pode foder, como no meu caso. Esses putos adoram me ver em agonia.

— Qual recomendação? — Os olhos

astutos de Martha pousam em Mc.

— Evitar esforços aeróbicos bruscos e repetitivos — Mc traduz com diplomacia uma boa foda.

A gargalhada sonora de Max estoura.

Filho da puta!

Tomara que o seu pau quebre e tenha que engessar.

— Posso continuar? — Mc olha divertido para Max, que assente. — O que estou querendo dizer é que, apesar da cola cirúrgica fazer milagres e garantir uma recuperação rápida, o corte na lateral do abdômen é extenso... Precisa de alguns dias para uma aderência completa dos tecidos. Soube que teve febre.

— Pouca coisa — minto.

— Muita coisa — Beatrice me desmente e aperto os braços em torno da fofoqueira e dedo-

duro em meu colo.

— Estado febril. Depois da aplicação da cola cirúrgica é normal, mas não pode se repetir... Também quero esperar pela nova tomografia. Certas práticas aumentam a pressão sanguínea no cérebro e não quero correr o risco de o inchaço aumentar em vez de diminuir.

— Talvez seja melhor se Beatriz vier conosco — Martha diz e me avalia. — Você me parece bem cansado, rapaz.

De jeito nenhum!

— Beatrice fica comigo. Eu cuido dela. — Meu homem das cavernas agita-se.

— Sou a avó. Na ausência da mãe, a responsabilidade legal é minha — Martha insiste. — O Lucca prometeu passar por lá e levar umas comidinhas. — Ela sorri com doçura para o cozinheiro.

Traidora!

Comidinhas, o caralho!

Respiro fundo, decidido a comprar essa briga. Não quero e não vou abrir mão de ter Treas embaixo das minhas asas. O perigo ainda não passou e aqui é seguro para ela... *Porra!* Eu só queria um dia de paz, antes de mergulhar novamente nos problemas.

— Ela fica — digo firme na esperança de encerrar o assunto.

— Eu não tenho mais cinco anos, vovó.

— Mas... ele nem sabe cozinhar — Martha rebate com a voz meticulosamente suave e um olhar duro que contradiz sua doçura.

Caralho, que inferno!

Por que as mães e avós têm sempre que enfiar comida em tudo?

— Iria se surpreender com o que

PERIGOSAS NACIONAIS

aprendemos no Exército. — Uso um tom leve, porque, apesar de chata, é a avó de Treas — Existem poucas coisas que eu não saiba fazer, Martha — afirmo com certa arrogância. — Limpo, lavo, passo e... cozinho muito bem.

— Falou o super-homem! — Apoiado na poltrona em que meu pai está sentado, Romeo ironiza. — Deixa a mamãe saber disso, né, pai? A louça de domingo vai ser dele de agora em diante.

Beatrice respira, surpresa.

— Tá falando sério? Eu faço tudo isso muito mal.

— Seríssimo... — Sorrio, decidido a jogar sujo. — Massagem, inclusive... — Inclino e sussurro só para ela. — Tailandesa.

Os olhos verdes e avelãs arregalam e posso jurar que é de tesão.

— Se quiser, pode ficar com a gente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Trice. — Sentada na outra ponta do sofá, Chloé se intromete. — Podíamos fazer um esquentar para a Copa do Mundo... O clima está muito ruim, vai ser bom pra esquecer Klaus.

Seu traseiro é que vai esquentar, se não fechar essa matraca!

Meu olhar recai mortal sobre ela.

Deus, será que não entendeu o perigo pelo qual Treas passou?

— Não abuse, Chloé... Já disse que não. — Começo a perder a paciência.

— Tô começando a achar que agora é a hora daquela pipoca. Alguém quer? — Max oferece com sarcasmo.

Romeo e Jeremiah entram na dele e começam a rir.

Anthony que, até agora, estava impassível joga um olhar fulminante para os três.

PERIGOSAS ACHERON

Esfrego a barba e o rosto, tudo ao mesmo tempo. Tinha esquecido de como a convivência familiar pode ser bem irritante. Conto até dez, para não expulsar todos de uma vez, e me trancar com Beatrice. Intensifico o aperto... não há na Terra uma maneira de me fazer deixá-la sair daqui.

— Gente, Beatrice não é mais criança — Jack intervém. — Acho que ela deve decidir.

— Concordo, essa é uma decisão que só cabe a Beatrice e ao Dante — Anthony arremata em tom conciliador. — Deixem que o casal decida.

Quero beijar o meu pai por nos colocar como um só.

— Vovó — Beatrice a chama com doçura e suavemente segura o meu braço. — Vou ficar no Dante, não faz sentido envolver mais gente nessa confusão.

— As pessoas vão falar — a avó rebate.

— Deixe que falem — Trice se mantém firme.

Meu coração bate forte.

— Se é de um pedido formal que a senhora precisa, posso solicitar um decreto à Rainha — rosno.

O corpo delicado no meu colo estremece.

— Não... nada de decretos — Trice aperta o meu braço. — Vovó, por favor!

— Então, estão juntos mesmo? — Dessa vez Lucca se manifesta.

Observo-o com frieza. Ele está parado de pé, ao lado de Chloé, e parece desconfortável.

— Nós estamos... hum... ficando — Beatrice explica constrangida.

— O que é ficando? — Martha encolhe os olhos.

— Dando uns amassos... se pegando —

Chloé explica para o choque de Martha.

Jack se remexe desconfortavelmente na cadeira e não gosto do rumo que as coisas estão indo.

— Amassos são para adolescentes, Chloé.
— Resolvo deixar as coisas claras. — Somos adultos e conscientes do que queremos — respondo por nós. *Estou 100% seguro do que quero... Beatrice e nada mais.* — Não estou de brincadeira, estamos juntos, sim.

— Há um mês, a minha neta não queria nem te ver pintado de ouro... Morar junto é um passo muito sério — Martha insiste.

Engulo em seco. Não tenho argumentos contra isso.

— Martha! — Jack a repreende.

— Ficar aqui não é o mesmo que morar aqui — Beatrice argumenta.

— Os tempos mudaram. É bom que convivam e passem um tempo juntos — Romeo nos apoia e sou grato por isso.

— Muita coisa para pôr em dia, se é que a senhora me entende — Max brinca.

— O pai dela não vai gostar nada disso quando souber.

Meu Deus!

Martha é incansável.

Beatrice agita-se no meu colo.

— Ele não vai saber... espero que respeite a minha decisão, vovó. Se souber que a senhora deu com a língua nos dentes sobre o assalto, vou ficar muito brava. Não quero preocupá-los com uma coisa que já foi e outra... meu pai não tem que gostar ou desgostar de nada. Ele nunca se intrometeu nos meus relacionamentos.

Tenho que discordar, mas mantenho-me

calado.

— Então é um relacionamento? —
Preocupado, Lucca volta-se para Beatrice.

Meu corpo tensiona. O que esse merdinha quer? Virou jornalista agora? O título de amigo do ano não lhe dá o direito de ser tão intrusivo. Essa invasão de privacidade já está passando dos limites.

Vou matar esse cozinheiro... e a vovó puxa-saco!

— Deixa isso pra lá, Lucca! — Chloé irrita-se o salvando do estrangulamento eminente.
— Que mania chata de querer rotular tudo!

Boa!

Respiro... minha irritação com Chloé diminui um pouco.

— Ok, parei... só estava tentando entender.
— Ele ergue as mãos.

— Não sei qual nome dar para isso, ok —

PERIGOSAS NACIONAIS

Beatrice exaspera-se. — Estou aqui com Dante, isso que interessa.

— Também vou ficar, protejo Trice, não se preocupem. Os rapazes vão me ensinar uns truques — Jeremiah sorri, animado. — Que não envolvam armas, é claro — emenda, virando-se com apreensão para Jack, que assente com um sorriso paternal.

— Só quero trazer Gabriel e Mila, tudo bem? — Beatrice pede com receio.

Respiro aliviado pela mudança drástica de rumo.

— Tudo o que quiser. — Acaricio o rosto que acho o mais bonito, muito orgulhoso por ela querer ficar aqui... comigo. — Vamos buscá-los amanhã. Também quero Godzilla de volta. Ele vai gostar de companhia — prometo e recebo um sorriso doce, que me faz querer beijá-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E o trabalho? — Lucca interrompe meu momento apreciativo. — Pode improvisar no meu escritório, ficaria perto do Estadia.

— Ela não precisa improvisar, tem um escritório bem equipado aqui — rebato e levanto a cabeça indicando o mezanino acima de nós.

— A Irmã Hortência ofereceu a saleta atrás da sacristia. — Jeremiah entra na disputa. — Fui lá olhar hoje de manhã... achei muito boa.

Indecisa, Treas morde os lábios, que eu quero morder.

— Acho que posso decidir isso depois, à medida que for precisando. — Sai pela tangente e não gosto disso. — As coisas na Allegro estão organizadas para o leilão e ainda vai demorar para o departamento de zoonoses liberar o Estadia. Liguei para Lore e marquei de nos encontrarmos amanhã, lá em casa. Vai dar tudo certo, já

PERIGOSAS ACHERON

tiraríamos umas férias de qualquer forma.

— Quer ajuda com as roupas? — Chloé oferece.

Não!

Horas e horas de arrumação de roupas, não vou suportar.

Chego ao limite.

— Não. — Coloco-me de pé, trazendo Beatrice comigo. — Nada de arrumar as roupas, Beatrice precisa de repouso. Depois a Irmã Hortência manda alguém para resolver isso.

— Tudo bem por aqui? — Minha mãe surge do nada segurando cinco tortas.

— Tudo, querida. — Anthony levanta e caminha com a elegância de um lorde até ela. — Só estávamos jogando conversa fora. — Resgata as tortas de sua mão. — Senti a sua falta... pronta para ir? Dante e Beatrice estão cansados... seria bom se

PERIGOSAS NACIONAIS

deixássemos os dois repousarem. — Faz um gesto cavalheiresco para minha mãe tomar a frente.

Jack levanta-se aproveitando a deixa de meu pai.

— Vamos, Martha! — ordena de um jeito mais ogro.

— Graças a Deus. — Ouço Beatrice sussurrar.

Todos começam a se mexer para irem embora... Max avisa que vai me passar um relatório completo com o levantamento sobre o incidente de ontem, depois segue com Romeo e Jeremiah para o alojamento que fica na parte de trás do Convento... Tento parecer mais simpático do que sou, ao me despedir de Lucca... Puxo a orelha de Chloé e peço que se comporte. Agradeço a torta que minha mãe deixa para nós e depois de uma nova rodada de despedidas, é com muito alívio, que acompanho a

PERIGOSAS ACHERON

porta do elevador fechar levando a todos.

Putá que pariu!

Fico parado no corredor e por alguns segundos, inalo profundamente alimentando-me do silêncio. Em um gesto cansado... fecho os olhos esfregando o rosto e a barba.

Viro-me para encontrar Beatrice de pé, ao lado do sofá. Sua postura é totalmente outra de minutos atrás... Está abraçada a si mesma, com o olhar perdido no loft.

— O que foi? — pergunto com suavidade.

Começo a me aproximar lentamente, avaliando a mudança de comportamento. Ela parecia tão tranquila e relaxada. Por que isso agora?

— Estamos sozinhos — murmura antes de varrer meu corpo de um jeito apreensivo.

Ah.

É medo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Franzo o rosto em um lapso de incompreensão. Depois do banheiro e dos momentos no meu colo, pensei que já tivéssemos dado um passo à frente. Mordo os lábios... essa postura amedrontada me desarma.

Deus, essa mulher vai me dar mais trabalho do que já deu.

Respiro grato por isso.

— Parece que estamos — constato calmamente. — Ofereceria um tour, mas acho que a Irmã Hortência já fez as honras. — Tento parecer casual.

A cabecinha morena agita-se ao assentir.

Tão linda.

Paro na sua frente e com a ponta do dedo, ergo o queixo tenso, fazendo com que olhe para mim.

— Não precisa ficar nervosa... sou só eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse é o problema — diz baixinho e ergo uma sobrancelha precisando de mais. — Foi tanta coisa... uma atrás da outra... um redemoinho de acontecimentos... A sensação é de que fui sugada e agi meio sem pensar. Eu saberia o que me fazer com você deitado, mas assim... — Mede meu corpo de cabo a rabo. — Não sei o que fazer.

— Eu deitado? Quer ir pra cama?

— Nãoooo! Não é esse tipo de deitado que estou falando... é mais para inconsciente. — Ela olha para os lados.

Dou risada.

— Se está procurando aquele taco de beisebol, pode tirando essa ideia da cabeça. A minha já foi bem surrada para aguentar outro golpe — brinco de um jeito quase doce que é exclusivo pra ela.

Um esboço de sorriso faz seus lábios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

curvarem e fico satisfeito por estar indo pelo caminho certo.

— Vem cá... — Capturo a mão trêmula e começo a arrastá-la em direção ao jardim dos fundos.

— O que vai fazer? — Tenta me breicar, mas não é páreo para mim.

— Quebrar o gelo...

Decidido... atravesso o gramado em direção a piscina. Monto em uma das espreguiçadeiras no deque de cimento e coloco-a aninhada entre as minhas pernas. O corpo delicado congela quando envolvo os braços ao seu redor grudando suas costas ao meu peito.

— Seu corte. — Tenta afastar-se ao perceber minha intenção de passarmos um tempo juntos.

Mantenho meu domínio firme.

PERIGOSAS ACHERON

— Tá tudo bem e vou ficar melhor ainda, se você parar de ter medo de mim.

— Não é isso.

— É o quê? — Dou um beijo no pescoço esguio só porque eu posso. — Desembucha.

Um suspiro lento escapa enquanto os ombros dela relaxam um ponto. Deixo que vire o corpo de frente para mim... ela encolhe e cruza as pernas como uma índia. Baixo o olhar quando os joelhos delicados tocam o interno das minhas coxas esparramadas, acho graça quando puxa o tecido do vestido entre as pernas, numa tentativa de manter a bocetinha deliciosa protegida e recatada.

Hummm...

Calcinha de renda branca...

Penso na textura desse tesouro lisinho e tenro... A lembrança do cheiro doce e almiscarado vem... *Deliciosa, pra cacete...* Cerro os olhos e

PERIGOSAS NACIONAIS

mordo o canto da boca... minha vontade é de rasgar isso aí e me aventurar numa chupada nova.

— Dante.

Hã?

Volto para os avelãs e os esverdeados.

— Que foi?

— Não vou conseguir te explicar, com você parecendo um psicopata tarado.

— Contesto o psicopata, mas tarado com certeza... você é toda gostosinha, Beatrice Wild... É difícil manter meus pensamentos puros perto de você. Fui sincero quanto àquelas coisas impróprias e sacanas que tenho sonhado

A boquinha carnuda abre chocada. Delicio-me com o tom rubro que suas bochechas assumem.

— E duras e sujas... — murmura baixinho, parecendo em outra dimensão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por aí mesmo. — Minha voz sai rouca.

Os olhos dela faíscam.

— Você ainda está drogado?

— Não. Quer ir para a cama? — sugiro.

— Não! Você só pensa nisso?

— Quase, mas não só. — Arqueio a sobrancelha da cicatriz. — Também penso no quanto estou puto com o que você aprontou. Onde estava com a cabeça pra mandar aquele escroto atirar em você?

Pega de surpresa, a boca deliciosa abre chocada.

— Eu... eu... ele ia atirar em você! O que você queria que eu fizesse? Falasse, mete bala, amigão?

— Você me ama — jogo na lata.

Os olhos de coruja dão o ar da graça.

— O quê? Não!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ama, sim... pra cacete! — Sorrio arrogante, mas cheio de esperança que confesse logo.

— Tá maluco? — Agita-se como um vendaval bem-vindo. — Aquilo foi uma questão de humanidade!

— Hum-hum... sei. A mesma humanidade que senti lá no banheiro?

Brinco, mas, no fundo, sei que tal atitude foi muito mais profunda do que o subconsciente amedrontado dela permite que enxergue. Levar um tiro por alguém é grandioso. É amor, tem que ser.

— Brutamontes, convencido! — *Deus, como ela fica linda revoltada.* — Você entendeu tudo errado!

Mantenho o sorriso arrogante. Um dia essa boquinha nervosa ainda vai me dizer as três palavrinhas mágicas. FRANZO o rosto e meneio a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça para provocá-la dizendo:

— Shhh, não entendi errado, não.

Ela tenta levantar, mas espalmo as mãos nas coxas macias impedindo-a que o faça.

— Fica aí... ainda não acabamos, esquentadinha — rosno.

Depois, sorrio satisfeito. Gosto dela assim... arisca. Aquela Beatrice amedrontada não é ela.

A boquinha impetuosa abre e fecha... abre e fecha... abre...

— Tire esse sorrisinho besta da boca, já! Não pode mandar em mim só porque estou aqui, Capitão. Nem tente me domesticar! Vai quebrar a cara! Posso estar com esse problema de não resistir a você, mas não vou fazer tudo o que quer.

Adoro que ela seja tão literal... arquivo o: *não resistir a você.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não disse isso — nego, mesmo que seja exatamente isso que eu inconscientemente queira: Beatrice me obedecendo.

— Mas está pensando.

Um homem pode sonhar.

— Treas, estou mais do que ciente do quão teimosa e inconsequente você é... Não vou mentir que você boazinha iria me poupar um bocado de dor de cabeça, mas sei que não vai rolar. A única coisa que espero é que você seja sincera, pare de fazer merda ou, pelo menos, me avise antes de fazer, porra!

— Eu não faço merda!

Pressiono os lábios em um: *Ah... não faz?*

Os avelã-esverdeados fecham contra-atacando um: *Não, não faço.*

Dou risada e olho para o céu azul de fim de tarde de junho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bom que ainda é cedo... Você quer a lista das suas merdas em ordem cronológica ou alfabética? — Finjo pensar enquanto admiro o rosto cético. — Lembra quando tinha sete anos e fez aquela fogueira entre três pinheiros secos, mesmo eu dizendo que era perigoso? Quem teve que apagar aquela merda que pegou fogo? Ah... nos seus dezoito? Quem assumiu a culpa quando bebeu todas e bateu o carro do seu pai? Essa é boa... — Aponto o dedo para o rosto vermelho. — Aos quinze, quando o senhor Glock quase atirou em você por roubar todas as mudas de não-me-esqueças do jardim dele? Quem passou a porra do verão replantando tudo?

— Imbecil! — Ela salta e fica de pé, antes que eu possa contê-la. — Se era pra me jogar na cara, não fizesse!

Sai batendo os pezinhos de boneca. Meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pau salta quando penso na massagem boa que eles podem fazer.

Merda!

— Aonde pensa que vai? — pergunto despreocupado.

Toco o pequeno controle remoto no bolso e travo todas as saídas.

— Comer torta de maçã e assistir Animal Planet que eu ganho mais!

Vibro em silêncio que não esteja pensando em fugir.

— Tem aquele sorvete de canela e nata que você gosta no freezer! — berro sabendo a magia disso.

Ela para o passo.

Bingo!

Os olhos lindos brilham em minha direção, por um segundo, antes dela continuar o caminho

PERIGOSAS ACHERON

para dentro.

Dou risada... volto a me esparramar na espreguiçadeira com as mãos cruzadas sob a nuca. Olho para uma dupla de passarinhos, que disputam para ver quem é o mais irritante, em uma árvore e gargalho.

Treas... Treas... o que eu faço com você, minha esquentadinha?

De canto de olho, vejo-a abrir o freezer. Não foi bem para isso que comprei seu sorvete predileto... Tinha pensado em uma forma um pouco mais lúdica dela saboreá-lo, mas está valendo... Se vai ajudar a ferinha acalmar e sentir-se em casa... que seja. Já valeu cada libra.

Meu celular vibra no bolso. Abro o e-mail enviado por Max.

De: Stoirm, Maximus

Assunto: Relatório Klaus

PERIGOSAS NACIONAIS

Data: Terça 5 de junho 17:55

Para: Stoirm, Dante

Cc: Stoirm, Romeo

Chinatown

 | Klaus Shine, 27 anos

 | Natural de Yorkshire. Pais desconhecidos.
Cresceu no reformatório Little Angels.

 | Sem passagem pela polícia, ligação com
ganges ou tráfico de qualquer espécie.

 | Vivia de pequenos golpes e apostas.

 | Morte por estrangulamento entre 10h30 e
11h30.

Prédio sem sistema de vigilância ou câmeras. Tudo limpo. Crime e movimentação não foram notados pelos vizinhos. Corpo removido sem problemas. Kurt e Claire deram apoio, usaram a velha tática da lavanderia de tapetes. Arcaico, mas funcionou. O legista do Glasnorth deve um favorzinho para Claire, o corpo ficará no necrotério, sob a identificação China1, até segunda ordem. Fizemos uma varredura no apartamento. Nada de relevante e nenhuma pista sobre o tal golpe que Guy nos contou. Encontramos as digitais de Beatrice e do Sacar por tudo. Presença deles apagada.

Invadimos os sistemas das câmeras de vigilância da rua e das lojas locais. Três delas captaram a movimentação de Beatrice e de Scar. O Romeo salvou tudo e depois corrompeu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as imagens, eliminando qualquer vestígio público da presença deles. Apagamos os rastros sem deixar nada para trás.

Maida

Checamos os sistemas de segurança. Scar invadiu pela casa número 6, dos Gabaldons's que estão em férias. Arquivos de vídeo salvos e depois corrompidos. Acesso à casa de Beatrice pela porta de vidro da cozinha... desta vez, sem digitais. Arma com silenciador encontrada, fria.

Mantivemos a versão do assalto para vizinhos e polícia. Os tiras estavam firmes em ter um depoimento seu e de Beatrice, então fizemos a gentileza de forjar um com a ajuda de Jack. Estão livres de darem mais esclarecimentos.

Scar roubou um Ford Thunderbird 1958 a duas quadras da casa de Beatrice. Veículo sem rastreador. Romeo fez uma visitinha nos sistemas de vigilância de tráfego. Conseguimos uma única identificação positiva do carro, hoje pela manhã. O cara está fora de Londres. Estrada de Cheddar Gorge a dezesseis milhas de Bristol.

Dei uma última apertada em Guy, antes de entregá-lo para os nossos amigos da Scotland. Ele vai ficar isolado lá e não quis abrir nada sobre Scar ter família ou algum motivo para rumar para Bristol. Os gêmeos já estão na estrada no encalço dele.

Extras

\hspace{10cm} Nosso informante misterioso não
 estabeleceu nenhum novo contato por enquanto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

 | Aguardando instruções. Diga-me o quanto vai abrir para a Monalisa 92.

 | Não esqueça a recomendação do Mc. Fodeu... morreu. Brincadeirinha.

Vemos você amanhã, Max.

Satisfeito, desconecto-me... os caras são foda e têm tudo limpo e sob controle. Foi uma boa decisão manter o corpo de Klaus escondido. Embora a probabilidade seja mínima, não posso descartar o envolvimento dele no caso Petronovic, não até descobrir em que merda ele estava envolvido.

Tomo minha decisão, nada de abrir sobre Chinatown. Embora Monalisa esteja acima de qualquer suspeita, as pessoas ao seu redor não o são. A porra do vazamento das informações ainda é uma pedra no meu coturno. Melhor manter tudo em sigilo por enquanto.

PERIGOSAS ACHERON

Dou risada... Monalisa 92, o cliente é muito sarcástico na escolha de codinomes.

Guardo o celular e levanto. Ergo os braços e giro o corpo para aliviar a tensão na coluna. Franzindo o rosto, esfrego o curativo. O abdômen e a cabeça estão incomodando, mas suportáveis. Aquelas porras do Mc são muito fortes... mesmo com Scarface parecendo fora de circuito, é arriscado ficar grogue.

Fodeu... morreu.

Eejit!

Max é um idiota.

* .. ♥ .. *

Beatrice

Depois do que pareceu uma eternidade, Dante entra, para no balcão da cozinha deixando

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre ele o celular e um controle. Esqueço os rituais de acasalamento dos gorilas na Austrália e envolvo os braços em torno de mim mesma.

Estudo-o enquanto tira o edredom da cama, em um movimento único, e vem em minha direção. Tudo nele é intimidante, ou deveria ser... Engraçado, depois de ontem, só vejo o homem fodão que me livrou de um fim incerto nas mãos daquele bandido e que foi incrível, agora há pouco, apesar dos métodos irritantes.

Saquei a dele.

Ao provocar-me e lembrar-me do nosso passado, conseguiu fazer o medo bobo de ficarmos sozinhos evaporar. Depois do meu sorvete favorito no mundo, então... a insegurança passou junto com a raiva... saber que ele lembra tanto sobre mim, deu um trocinho bom... Pois é, nós mudamos, desviamos nossos caminhos por um tempo e

PERIGOSAS ACHERON

perdemos coisas sobre nós, mas não somos tão estranhos.

— Posso?

O sofá é gigantesco, mas ele aponta bem para onde os meus pés estão. Encolho as pernas indicando que sim.

O corpo imenso afunda e o meu ondula. Sem olhar para mim, o braço estica e puxa meus pés colocando-os sobre o colo. Enquanto eu fico pasma, ele age como se isso ainda fosse uma coisa corriqueira entre nós. Em seguida, agita o edredom como uma bandeira e o tecido preto pousa suavemente cobrindo a nós dois.

Seu gesto é tão familiar... costumávamos passar as tardes aboletados no sofá da casa dos meus pais, assistindo a filmes de guerra... Odiava os filmes, mas gostava dele... fazer o quê?

— Droga... devia ter feito pipoca. Quer?

— oferece.

— Não... tô enjoada... me entupi de torta com sorvete.

— Passa o controle.

— Nem vem... tava aqui primeiro.

Pego e escondo o controle sob a coberta.

— Acho que só você no mundo gosta de assistir essa bosta.

Começa a massagear meus pés, enquanto um gorila tenta se equilibrar por uns cipós como se fosse uma corda bamba.

— É interessante. — Arrepio-me quando puxa meus dedinhos. — Não aguento mais assistir especial pré-copa. Goleada aquela da Dinamarca, né?

Lembro do jogo classificatório no qual a Dinamarca goleou a Irlanda por cinco a um e carimbou seu passaporte para o Mundial, e vingo-

PERIGOSAS NACIONAIS

me pela lista das minhas merdas.

Sorrio ao ver o rosto bonito fechar.

Dante é fanático pelo futebol irlandês ou, pelo menos, era.

— Tá querendo me provocar, Beatrice Wild? — Aperta com mais força meu dedão.

— Ai-ai... imagina... — ofego — longe de mim macular a sua seleção — minto.

A sobrancelha da cicatriz levanta mostrando que não comprou a minha... depois a outra faz o mesmo caminho em uma atitude curiosa.

— O que esse idiota tá fazendo?

O queixo barbudo aponta para o gorila, que quase cai de um cipó esticado na horizontal.

Dou risada.

— Ele aprendeu a andar sozinho na corda bamba para impressionar a fêmea — explico

PERIGOSAS ACHERON

empolgada. — Vai dizer que isso não é interessante... — Aponto redundantemente para a TV. — O bichinho é tão esforçado que não basta só a técnica aprimorada de equilíbrio, ele até deu um tapa no visual. Serviço completo. — Admiro-me do arranjo elaborado de folhas que o gorila ostenta na cabeça.

— Ué... pelo jeito, a velha e boa técnica de bater no peito, urrar e espancar a concorrência não funcionou pra ele — diz com a ironia de quem provavelmente age assim.

Penso na atitude do gorila romântico e conquistador. É bem possível que ele tenha usado as folhas, pois eram as únicas disponíveis. Aposto que se houvesse flores coloridas ele, talvez, as usasse.

— Pois é... novos tempos, Capitão. Só os melhores se dão bem... é preciso muito mais do que

PERIGOSAS NACIONAIS

cara feia, para seduzir e conquistar — dou a deixa.

— Se for assim... também arrumei um adereço na cabeça por você. — Uma mão larga meu pé e toca o ponto da coronhada. — Impressionada?

Você não imagina o quanto.

Puxo ar... não sei se rio ou fico triste ao lembrar do quanto aquilo poderia ter dado errado.

— Muito, gorilão, só não repita mais isso — brinco só para não quebrar o clima leve. — Tá doendo muito?

— Não muito... só quando penso.

Pressiono os lábios sentindo culpa.

— Posso pegar gelo, quer um analgésico? — Entro no modo prestativa.

— Detesto frio e chega de ficar chapado. — Dá risada quando o gorila cai e se estabaca no mato. — Aceito ajuda para refazer o curativo.

PERIGOSAS ACHERON

Sem titubear... tiro os pés do seu domínio e levanto-me. Não é para isso que estou aqui? Cuidar do meu Capitão?

Eita... meu Capitão?

Recriminio-me pelo ato falho. Caramba... estou começando a me sentir tão possessiva em relação a ele que, daqui a pouco, vou estar batendo no peito por aí, com a cabeça cheia de folhagens.

Te fecha, Beatrice!

— Vai tirando a camiseta que já volto —
peço e vou atrás do que preciso.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Ajoelhada entre as pernas de Dante, ignoro a trilha de pelos no baixo ventre e puxo com cuidado o curativo. Com Mc aqui essa manhã, eu ainda não tinha visto como estava o ferimento depois de tratado. Trabalho bem feito... a linha vermelho-escuro, de cerca de dez centímetros, não está infectada e parece muito bem colada.

Mesmo assim, pego um algodão e derrubo uma boa dose de antisséptico.

— Frio. — Recua o quadril assim que o toco.

Olho surpresa... Ontem as compressas, hoje isso? Pelo tanto de cicatrizes espalhadas por sua pele, esse cara deve estar acostumado a tiro, porrada e bomba... É estranho ver um homão desse incomodar-se por tão pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não lembro de você tão friorento —
comento em tom suave, porém quase repreensivo.

Faço um casulo com as mãos e assopro
para tentar esquentar o algodão embebido.

— Lembranças ruins adquiridas... — Sorri
torto.

Tão lindo.

— Pare de economizar as palavras. —
Sorrio e volto para o corte, satisfeita que não
reclame do frio desta vez. — Conte-me.

Ele suspira profundo, rendendo-se.

— Quase morri congelado em uma missão
de resgate a refugiados sírios na Ucrânia. Dei meu
casaco e agasalhos para uma mãe se aquecer junto
com os filhos... caminho difícil... muitas horas
castigado pela nevasca... um frio do diabo. Desabei
de hipotermia.

Ofego diante da magnitude do que acabo

PERIGOSAS ACHERON

de ouvir. Meus dedos estremecem... Isso que está dizendo é tão fora da minha realidade.

— Por quê? — pergunto bruscamente.

— O quê?

— Essas missões de resgate. Correr esse perigo todo por pessoas que nem conhece?

Ele suspira, remexendo o corpo nervosamente sob meus cuidados.

— Sou assim... não tem um porquê.

Assim como?

Um altruísta compulsivo?

Espero por mais, mas diante do silêncio dele, concentro-me no novo curativo... Tento ser a mais delicada possível. Descarto os algodões sujos na cestinha de primeiros socorros. Termino com a gaze e os esparadrapos. Satisfeita com o resultado, alcanço a pomada cicatrizante, unto a ponta do dedo e começo a cuidar dos cortes menores e

arranhões.

Dante acompanha meus movimentos com atenção e entrega.

— Não sentiu falta da família? — pergunto para romper o silêncio incômodo.

— Nunca me afastei deles.

— Telefonemas e mensagens nem sempre são suficientes — digo por experiência própria. — Tô falando de presença física... de contato. — Sorrio. — Sei que tem Max e os rapazes, mas mesmo assim... — Busco as palavras. — Não sei se conseguiria ficar tanto tempo longe da minha mãe — divago. — Deve ser solitário.

O corpo grande tensiona sob meus dedos.

— Uma solidão bem barulhenta. — Ri sem muita vontade. — Max é um grande cara e está sempre junto, mas tem a vida dele. Meus pais e Romeo também. Não posso exigir ser a prioridade

de ninguém.

Suas palavras me pegam.

Apesar dos meus avós, Chloé e de Lucca, tenho essa mesma sensação solitária, às vezes. Depois de todos esses anos dos meus pais em Paris, eu meio que acostumei que, para muitas coisas, teria apenas a mim... Não dá pra ficar terceirizando a responsabilidade dos meus dramas ou problemas... Por mais que eu seja amada e sei que sou, as pessoas têm suas vidas, seus amores e as próprias angústias para tomarem conta.

Um gosto amargo vem. É tão íntimo e profundo cuidar de alguém... Subo um olhar questionador e angustiado para o rosto incrível.

— Das outras vezes que se machucou, quem cuidou de você? A Donatela? — pergunto sem poder me conter.

Dante comprime o rosto como se não

entendesse o caminho que estou seguindo.

— Não, ela, não... sei lá, o Mc? — responde, confuso. — Eu me viro... não tenho tido muito esse tipo de coisa de cuidado. Eu meio que estou na esperança de que seja você a partir de agora — termina com a voz baixa.

Há uma sutileza nas palavras, como se esperasse uma confirmação. O peso dessa responsabilidade é avassalador. Consumida pelos azuis-índigo, a ponta lambuzada do meu dedo congela em cima de um pequeno corte.

Ele está levando essa coisa entre nós dois a sério, não está?

Quero estar aqui e cuidar dele é uma necessidade sem explicação... só não posso prometer nada, já fiz isso antes e me machuquei... Ele me machucou. Há muito, deixei de fazer planos ou alimentar expectativas... apenas sigo... vou em

frente.

Droga!

Examino o tórax largo, como se as marcas impressas nele pudessem me dar respostas. Uma cicatriz antiga, talvez a pior delas, na altura do coração, chama minha atenção. Toco-a sentindo as batidas fortes e aceleradas que fazem uma revolução.

— Como foi isso? Ainda dói? — As palavras mal saem da minha boca.

— Nem lembro, foi há tanto tempo — desconversa, mas pela profundidade que seus olhos assumem, sei que está mentindo. Ele lembra. — São apenas machucados, sabe... Uma hora ou outra, a dor passa. A merda são as memórias... essas são mais persistentes, mas não gosto de alimentar meus monstros... só me envenenaria.

Fico perplexa. Eu fiz exatamente o oposto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei anos alimentando monstros e criando mais alguns. Sou como uma adolescente diante da maturidade dele.

Fecho os olhos, envergonhada e sem coragem de encará-lo.

— Já eu... me deixei envenenar — suspiro minha admissão. — Não sei o que dizer... meus dramas parecem tão insignificantes diante destas marcas... — murmuro de cabeça baixa. — Sinto muito.

— Não sinta... Fui eu que te deixei no escuro.

Respira fundo e me puxa em um reboque de braço. Fico estática e montada em seu colo com os joelhos plantados no couro do sofá, tendo as coxas dele no meio.

— Se tem alguém aqui que deve desculpas, sou eu... — diz pesaroso.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração acelera.

— Minha cabeça está dando um nó... —
rompo o silêncio. — Um lado meu diz que estou
certa em ter ficado magoada, mas outro, acha que
fui egoísta e imatura.

— Não quero que pense nisso. — Puxa-me
para um abraço. — Eu pisei na bola.

Suspiro imprensada contra ele.

Sim, ele pisou, mas sou assolada com a
lembrança de seus olhos perdidos em Oxford.
Havia tanta dor ali... Talvez se eu tivesse reagido
de outra forma... conversado.

Merda!

— Não importa. — Balanço a cabeça. —
Sempre fomos amigos, afundei na minha dor e não
pensei na sua. Tenho a impressão de que coisas
horríveis aconteceram e não estive lá por você.

— Está aqui agora, *mo lit*^[79]. Isso que

importa. — Seus lábios roçam na minha orelha.

Puxo pela memória.

— *Mo lit?* Não lembro dessa.

Ele segura o meu queixo forçando-me a olhá-lo.

— Minha iluminada... — traduz do irlandês. — Fiquei olhando enquanto corria para lá e pra cá e pegava os primeiros socorros. — Ele toca o tecido rosa-chá do meu vestido. — Você é tão colorida e isso aqui é tudo tão cinza... minha vida tem sido sem cor. — Um sorriso brinca em seus lábios. — Eu sou o egoísta, Treas... — Acaricia meu rosto com o polegar. — O certo seria te deixar em paz, mas não consigo.

— Por que não? É meio difícil de acreditar que, durante todo esse tempo, nenhuma das mulheres interessantes...

— Nem começa — interrompe

grosseiramente.

Pega de surpresa, mando um olhar ferino que ele devolve.

— Poxa vida, só queria saber... até parece que foi um santo.

— É, não fui santo... estive nas Forças Armadas, não em um mosteiro.

Odeio a resposta... claro que não quer falar de mulheres, a ficha corrida desse aí desse ser imensa.

— Isso eu sei, seu grosso. — Saio de cima, mas sou capturada, numa manobra inesperada.

Caio deitada de costas, cercada por Dante.

— Sai! — exijo.

— Não! — ruge.

Com os cotovelos enterrados no sofá, um de cada lado na altura dos meus seios, o corpo enorme paira sobre o meu. Meus pulmões contraem

PERIGOSAS NACIONAIS

e uma pequena revolução interna agita meu sangue.

— Seus machucados.

— Fodam-se!

Empurro o peito que arfa como um leão... Ele captura meus pulsos prendendo-os nas laterais da minha cabeça. Os azuis-índigo cravam nos meus e uma batalha de vontades começa.

Debato-me, esperneio e o vestidinho sobe expondo minha barriga. Completamente ofegante, sinto o calor dos nossos corpos misturarem perigosamente. *Esse homem voltou a ter febre, só pode.* Sou coberta por uma mistura de excitação e raiva. Puxo os braços... O aperto de aço em meus pulsos não diminui quando o corpão desce me pressionando e mostrando todo seu poderio bélico.

— Tá me esmagando, seu animal! — protesto.

— Dá para parar de resistir e me deixar

PERIGOSAS ACHERON

mostrar como podemos ser bons juntos?

— Não.

Nego no mesmo segundo que tomo consciência da textura macia de sua pele, da rigidez dos músculos, da ameaça contida na respiração pesada, da provocação erótica da trilha de pelos do seu baixo ventre e do ataque eminente do míssil... pronto, engatilhado e pelo peso, carregado de munição completa.

Meus batimentos cardíacos entram num ritmo de foda-me já. Suspiro, completamente indecisa entre reagir ou pedir que me ataque. Tudo nele é grande, poderoso, cheira bem e clama por sexo. Estou a um triz de esquecer as recomendações do Mc e implorar que faça amor comigo.

Feromônios do demônio!

Maldito cromossomo Y mutante que me

PERIGOSAS NACIONAIS

deixa de quatro por ele!

Puxo o ar, clamando por sanidade. Não quero que ele morra trepando.

— Não estou entendendo por que ficou tão puto. — Tento um caminho conciliatório. — Só estava conversando.

— Uma conversa perigosa e de duas vias, Treas... — Seu timbre muda para um rouco perverso, atingindo ainda mais a minha libido. Arrepio-me. — Falar dessas mulheres me obriga a pensar nos cretinos que você já teve. Achei que fosse um cara evoluído, mas não sou, não a esse ponto. — As veias das têmporas pulsam. — Com você na equação, sou ciumento, possessivo e odeio que tenha amado outras pessoas.

Eu amei?

Já gostei, me empolguei, senti tesão, uma paixonite ou outra, mas amar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De onde tirou essa baboseira? Nunca amei ninguém.

Sou sincera e a expressão dele muda da água para o vinho.

Ué?

Não tenho culpa se nenhum dos caras com os quais saí depois dele, chegou perto do supervalorizado: *Uau! Será que é esse?* Posso não ter me esforçado muito ou sido meio exigente, mas poxa! Cadê a magia? A boa e velha química? Ser solteira não é fácil! É como estar em um picadeiro... tudo muito divertido no começo, todo mundo prometendo um espetáculo daqueles, mas na hora H... é muito palhaço para pouco mágico.

Merda?

Será que ele...

— Você já? — pergunto temendo a resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus lábios comprimem, visivelmente desconfortável.

Essa boca torta é um já?

A ideia dele amando outra mulher é sufocante. Quebra-me imaginar o corpo dele dando à outra o prazer que não tive. Fecho os olhos para tentar esconder as lágrimas de um amor negado.

— Treas...

— Não quero mais saber — digo em um murmuro.

Um beijo suga a trilha molhada da lágrima fujona em minha têmpora. Estremeço com a suavidade do gesto inesperado.

— Amei só uma vez... pensei ter sido claro. — Solta meus pulsos.

Abro os olhos para encontrar uma tempestade azul que me devora e sufoca. Ergo o queixo e entreabro os lábios em busca de ar e dele.

PERIGOSAS ACHERON

Dante permanece pairando sobre mim, quieto... quase tenso.

Essa inconstância dele é de lascar.

Fico tentada em perguntar se tem problemas de bipolaridade, mas me calo... Minha necessidade por ele é tanta que dói, acima do físico.

Dane-se que seja um pouco maluco!

Louca por contato, toco a pele quente, na altura do coração, e brinco com a penugem macia em seu peito. Um suspiro rouco lhe escapa e a respiração acelera quando deslizo as mãos por seus músculos abdominais.

Por sobre o tecido grosso do moletom, tato a ereção que é pressionada com força contra a minha mão e posso jurar que ouço quase um rosnado. Impressionada, busco pelos azuis-índigo... que escurecem, tornam-se mais pesados, quase insanos. Seu rosto torturado, dividido entre o não e

PERIGOSAS NACIONAIS

o sim, deixa-me vulnerável, instável e aumenta a pressão na minha virilha.

Vou explodir!

— Droga não aguento mais... foda-me, mostre-me o quanto somos bons... — escancaro meu desejo perdendo a batalha.

— Porra, Treas!

A boca barbada reivindica a minha com tanta força que gemo... entreabro os lábios e a língua quente e voraz passa por eles buscando contato. Querendo entrar nele e não sair nunca mais, agarro o pescoço poderoso, e contra-ataco em um beijo profundo e faminto, sem saber se quero puni-lo ou devorá-lo. Ele puxa meus cabelos. *Isso!* Ondas de excitação pulsam por mim enquanto disputamos quem domina quem... O beijo é ardente, sexual e explosivo... chupo... sou chupada, mordo... sou mordida... até ele desgrudar nossas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bocas e descansar a bochecha contra a minha, tentando recuperar o fôlego.

— Delícia — ofega.

— Gostoso — devolvo em uma respiração entrecortada.

— Como gosta? — sussurra.

— Com orgasmos. — Sorrio.

O Sorriso explode fazendo minha vontade por ele aumentar. Solto um suspiro prazeroso... é delicioso ficar imprensada contra seu corpo alto e pesado. Um braço me enlaça, antes de impulsionar e me trazer junto com ele. Voltamos a posição inicial: ele sentado, eu montada. Embora tente disfarçar, noto o sutil comprimir dolorido de sua boca.

Droga!

Evitar esforços aeróbicos bruscos e repetitivos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem que espere, espalmo o peito musculoso, pulo fora do seu domínio, pondo-me de pé.

— O que foi?

— Mudei de ideia. — Meus olhos vagueiam para o curativo.

— Eu estou bem... nem pense em desistir — rosna e estuda-me como se eu fosse escapar.

Sorrio, demonstrando que fugir é a última coisa que pretendo fazer.

Como é gos-to-so.

Sem-vergonha, miro no volume crescente entre as pernas dele. Uma pulsação de prazer me atíça bem no meio das minhas. Sorrio como um bicho selvagem prestes a atacar. Não existe no mundo, possibilidade de eu desistir... passei anos imaginando como nós dois seríamos para correr disso agora. Recuso-me a passar mais um dia só na

PERIGOSAS ACHERON

imaginação.

— Nada de desistir... Só quero bem lentinho, na cama e de preferência comigo por cima.

Sem dizer mais nada, começo a caminhar em direção a cama... Capricho no vai e vem dos quadris... nunca pensei nessas malandragens de sensualidade, mas quero ser sexy para ele... No caminho, tiro o vestido pela cabeça e deixo o tecido delicado aterrissar suavemente no chão. Como um convite e sem parar o passo, seguro os cabelos no alto, dando a ele uma panorâmica dos contornos das minhas costas, cintura e bunda. Rezo que a visão da calcinha, rendada e branca, compense o roxo que estampa a lateral das minhas costelas.

Seminua, empino o traseiro enquanto rastejo pela cama. Como uma diva, deito languidamente de bruços, feliz por estar sem sutiã...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não vem? — pergunto sobre os ombros.

Sorrio para o rosto selvagem, satisfeita que tenha apreciado o show. Ainda sentado e com as mãos cravadas nas coxas, Dante parece flutuar em algum universo paralelo de luxúria e tesão... o peito gigante arfa pesado enquanto os azuis-índigo estão hipnotizados na minha bunda.

Meu coração dispara em expectativa quando levanta e começa a vir para mim...

Ai, meu Deus, é agora.

Há alguma coisa especial em um homem descalço, descabelado, com cara de insano, calças de moletom caindo sugestivamente pelos quadris e de peito nu.

Aposto que está sem cueca... observo o míssil destacar-se sob o tecido cinza. Isso é um banquete de carne masculina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Faminta... mordo os lábios.

Caramba!

Se não é o homem mais macho que já vi.

Arrepio-me com a intensidade do olhar e a virilidade dos movimentos... Tudo nele grita: *Vou te foder gostoso!*

Jesus, perdoa-me, mas hoje vou ter que pecar!

Sinto minhas feminilidades esquentarem e umedecerem e perco o ar quando para ao lado da cama... sem deixar de me olhar, ele coça a barba.

— Essa bunda. — Os azuis-índigo estão quase pretos.

Ofego... só posso descrever esse tom áspero como selvagem.

— É sua — digo, não porque eu ache que seja, mas lembro das palavras dele no outro dia e quero animá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um som gutural vibra no peito intimidador.

— Que bom que sabe disso.

Meu corpo ondula quando apoia um joelho na cama e inclina em minha direção. Dou-me conta do quando sou pequena em relação a ele e isso só me excita mais... nunca tive fantasias de um sexo de dominação possessiva, mas a figura magnífica dele atiza tais pensamentos.

A mão grande sobrevoa as curvas do meu corpo sem me tocar... o prenúncio de uma promessa indo do traseiro à nuca. O modo quase grosseiro como me olha faz com que me sinta feminina e etérea, capaz de desintegrar no primeiro toque.

Dante é o extremo oposto das figuras masculinas com quem já estive e isso mexe comigo de um jeito novo e indecente.

— Você é deliciosa, Treas. — Os dedos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

longos descem e tocam meus cabelos. — Gosto assim, mais compridos. Linda... inteira linda.

Quero dizer que ele também é delicioso e todo lindo, mas a intensidade do momento é tanta que apenas fico quieta e aceito os elogios... eu me sinto uma deusa com o jeito que fala e me olha.

Tenho um sobressalto quando a mão áspera, finalmente, pousa e desliza deixando uma trilha de arrepios por minha coluna. Suspiro... ele espalma e acaricia minha bunda, delineando seu contorno e passando os dedos pelas bordas da calcinha. Minha pele esquenta reagindo ao contato.

— Hummm... bom... — murmuro e remexo suavemente, quanto mais ele apalpa e aperta.

Sinto um beijo ser depositado delicadamente nas minhas costelas doloridas e meus mamilos reagem... essa barba tem seu poder e

PERIGOSAS ACHERON

imagino a maravilha que deve ser senti-la em outras partes. Quero virar, mas sou contida.

— Shhh, quieta. — Segura os cabelos da minha nuca quase rude. — Quero tocá-la. — A outra mão agarra a borda da calcinha e começa a puxá-la.

Deus do céu!

Afundo o rosto no travesseiro... Tenho a impressão de que não é só o meu corpo sendo desnudado por completo, sou eu todinha, a Beatrice que nunca mostrei para ninguém... O tecido rendado desliza suavemente, embalado pelo acelerar da respiração dele... a calcinha sai levando com ela a última barreira que me protegia do inevitável: entregar-me de corpo e alma.

— Empina essa bunda... mostre-se.

Faço o que pede... afasto um pouco as pernas e projeto o traseiro... Retraio-me quando um

PERIGOSAS NACIONAIS

dedo, decidido e firme, desliza por meus lábios íntimos expostos...

— Não precisa ter medo... relaxe e abra-se... ela é linda... mal te toquei e está toda molhada — vai sussurrando, rouco e cadenciado.

Hipnotizada pela delícia que é ouvi-lo e senti-lo, deixo que me explore mais profundo e acaricie todas as minhas dobras... Gemo impaciente, sem conseguir conter um rebolado... os toques lentos e safados me deixam ainda mais úmida, escorregadia e sedenta.

Enfia esse dedo, logo!

Remexo os quadris pedindo mais... Ele provoca a minha entrada, mas não penetra.

Droga! Será que vou ter que implorar?

— Tem uma boceta realmente adorável, Treas. Cheira como um puta sonho... quero você cavalcando com essa delícia no meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

O quê?

— Quer que eu sente na sua cara? —
murmuro sentindo o rosto pegar fogo.

Já percebi que ele curte um sexo devasso,
mas surpreendo-me... fiz muitas coisas, mas
definitivamente não isso. Comparado com o dele, o
meu repertório de duro e sujo é bem amador.

— Quero. — O dedo experiente entra
fundo na minha boceta inchada. *Isso!* Eu arfo de
prazer. — De você... eu quero tudo.

Para a minha tristeza, o dedo sai e a mão
volta a espalmar, um novo dedo infiltra-se nas
dobras da minha bunda e toca o centro espalhando
a umidade.

Eitaaaaa!

Engasgo pela ousadia.

— Eu... aí... eu ainda... eu não... —
balbucio envergonhada.

— Não? — surpreende-se.

Circunda, depois pressiona, mas não penetra. Mordo os lábios... meu corpo todo incendeia e vai para trás em uma busca primitiva, surpreendendo-me. Ter o traseiro violado é outra coisa que nunca fiz. Por mais sedutor que ele seja, não estou preparada para algo tão rude e íntimo, sei que não estou.

— Hum-hum... nunca — soo esganiçada.

— Vou adorar fazer as honras... — A pressão some, deixando-me confusa. — Pode anotar no seu diário... Vou ser o primeiro e o único, mas não hoje. O Mc teria que remendar a porra toda de novo.

Santo Mc!

Solto um suspiro aliviado, depois dou um gritinho surpreso.

Ele agarra minha cintura, vira-me de frente

PERIGOSAS NACIONAIS

e os azuis-índigo brilham quando focam na minha virilha e depois sobem para os seios.

— Gostosa do caralho.

Pergunto-me se ele é sempre assim, tão falador no sexo ou é só nervosismo. Esparramada na cama, deixo que me devore... Dane-se que estou em desvantagem... nua e ele não. Essa vulnerabilidade só me excita mais... nunca me senti assim, tão a fim. Com certeza é culpa dele, todos os meus sentidos estão direcionados para o corpo masculino escultural. Os músculos, as tatuagens, as cicatrizes... a trilha de pelos levando a felicidade... fazem um conjunto único e delicioso de se olhar.

Por favor... não quero ser poupada, quero ser fodida.

Gemo de excitação... vê-lo ficar de pé e tirar a calça, sem rodeios ou teatros, é um espetáculo. Quase bato palmas quando o míssil

PERIGOSAS ACHERON

salta firme, projetando-se contra o umbigo. É uma maravilha da natureza e estou grata a Deus por ter projetado algo assim... para o meu prazer.

Ah... porque sim, não consigo evitar que minha mente grite: MEU!

Esse negócio pode ser imenso... longo e grosso... O maior que já vi, mas vai ter que entrar todo em mim ou não me chamo Beatrice Wild.

Sem conseguir desviar o olhar e elétrica demais para ficar deitada... sento sobre os calcanhares... *Uau!* Solto um gemido apreciativo quando ele fica de costas... Aposto dez libras que ele faz milhares de agachamentos diários.

Oh, divino, obrigada, Senhor... Que bunda de aço é essa?

O cretino ri enquanto retira uma caixa de camisinhas da gaveta e coloca sobre o criado-mudo. Imbecil, sabe que é gostoso... Não o culpo,

PERIGOSAS NACIONAIS

eu também seria convencida se fosse toda boa e caprichada como ele... Um boca suja sexy dos infernos, esculpido para o prazer... Um deus da cretinice e devassidão.

Caramba! Como eu quero sentir as badaladas desse sino.

Rio do ponto patético que cheguei. Tô até poeta.

— Qual a graça? — pergunta ao esgueirar-se pela cama.

— Nada... só estou animada — respondo sem pensar.

A sobancelha morena arqueia inquisitiva.

— É sempre assim, Beatrice? — Descarta os travesseiros e esparrama-se de costas, colado a mim.

Devolvo um olhar confuso, mais por causa do Beatrice.

PERIGOSAS ACHERON

— Animada e desinibida — esclarece.

Pelo tom evasivo, não sei dizer se aprova ou reprova.

Ué? Isso é ruim?

Fico desconcertada e meu pensamento corre na velocidade da luz... Não sei... Nunca fiquei revivendo as minhas transas para ter isso na memória... Na maioria das vezes, foram casos de momento... pós-baladas ou jantares divertidos, com uma atração empolgada, é verdade, mas passageira e regada à álcool... Não tenho muita frescura, mas animada e desinibida a seco, com esse desejo explosivo? Meu coração dispara freneticamente... Não preciso de incentivos externos para me sentir totalmente inebriada e entorpecida pelo Capitão. *Putá merda!* Essa reação é nova, natural, instintiva e exclusiva dele.

— Primeira vez... só com você —

PERIGOSAS NACIONAIS

confesso surpreendida com a constatação.

Os azuis-índigo faíscam e *O Sorriso* explode.

— Gosto do: *primeira vez* e do: *só com você*.

Estica o braço e me agarra com força... Acabo com os joelhos ladeando seu peito e sentada sobre ele. Ofego por ficar perigosamente na mira dele... Grande do jeito que é, minhas coxas esparramam deixando os meus tesouros secretos e desavergonhados expostos em um ângulo de visão privilegiada, que nem a minha ginecologista já viu.

Os azuis-devoradores cravam bem no meinho... onde estou mais úmida.

— Você me prometeu duas cavalgadas...
— Passa a língua sobre os lábios. — Sabe que negar atendimento a um doente é pecado, não sabe?

Balanço a cabeça dizendo que sei.

PERIGOSAS ACHERON

Com um sorriso sacana, sustenta-me pela bunda, arrasta-me e me põe do jeito que queria... com a minha delícia, *palavras dele*, a milímetros da sua cara.

Começo a tremer de expectativa.

— De perto, é ainda melhor... gostosa pra cacete... — Arrepio bem ali, ao sentir a respiração quente. — Segure na barra, Treas.

Hã?

Antes que eu possa perguntar: “*onde?*”, as mãozonas agarram os meus quadris, guiando-me.

Inebriada pela sensação erótica e quente... projeto o corpo e os braços. Seguro firme na barra circular de aço, soldada na parede e que faz as vezes de cabeceira... Só reparei nela ontem, quando Max estava mostrando os controles sob o tampo do criado-mudo. Barras para um balé jamais praticado pelas freiras... antes que eu possa perguntar porque

ele escolheu, justamente ali, para colocar a cama, deixo escapar um grito...

— Minha nossa!

Golpe baixo... o safado acaba de morder o meu púbis lisinho deflagrando uma onda de tesão. Contorço-me e, quando ele ri, o clitóris pulsa alucinado... instigado pelo roçar da barba diretamente nele.

Que filho da mãe!

Agarro firme na barra, ao primeiro contato da língua devassa... ela é quente, safada e desliza decidida, por todo o meu sexo, abrindo-me... Vai e vem... vai e vem... Contorço-me... é delicioso... é enlouquecedor. A vibração de um gemido, para lá de apreciativo, sai da boca perversa... provocando um espasmo íntimo involuntário... ele grunhe e abocanha-me em um beijo ginecológico voraz...

Eita, porra!

PERIGOSAS NACIONAIS

Um milhão de sensações me percorrem...

Sou sugada e devorada gostoso... Suspiro e entrego-me sem medo, e sem pudor. Esfrego-me na boca talentosa, pouco me lixando se pareço uma louca pervertida... Ondulo os quadris, só para instigá-lo... Quero mais, quero tudo... a língua entra e eu grito. Ela sai e eu gemo... entra e sai... entra e sai... chupa, assopra, beija... pequenos redemoinhos começam em torno do meu clitóris...

Solto a barra e puxo os cabelos, ensandecida... Sacanagem... depois dessa boca e língua, nunca mais toco em um vibrador. As mãos ásperas delineiam o meu corpo até segurar firme os meus seios.

Entro em combustão... meus mamilos são puxados e retorcidos pelos dedos impiedosos... Flutuo entre a dor e o prazer, nunca isso foi tão gostoso. Atacada de todas as formas... mãos e boca.

PERIGOSAS ACHERON

Caramba! Berro clamando por todos os santos. Ele ri, provavelmente, adorando o meu calvário.

Desgramado!

Não tenho condições de xingá-lo... Seu ataque é intenso e muito diferente do que já experimentei... Rebolo na boca abençoada e cubro as mãos que instigam meus mamilos, com as minhas... Essa pressão quase dolorosa em meus bicos é deliciosa.

— Isso... aperta gostoso — choramingo.

Quanto mais ele acaricia, apalpa e belisca meus peitos... mais emito um fluxo delirante de sussurros e gemidos... Sem a ajuda de suas mãos, sustentando as laterais do meu corpo, minhas coxas tremem... Uma pulsação involuntária começa no interior da minha boceta... Tenho certeza de que ele pode senti-la e estou muito perto de explodir em um orgasmo... que... *Deus!* vem forte quando

PERIGOSAS NACIONAIS

dentes prendem com cuidado o meu clitóris e puxam.

— Caramba... Isso... isso... isso...

Perco o ar e a mim mesma... Meu útero contrai, o núcleo comprime e uma onda de calor e tremores incontrolláveis espalha-se. Não ouço sinos tocando ou anjos cantando... é mais... muito mais. É uma banda de heavy metal inteira, seguida de uma colisão frontal com um touro... Uma energia nova, safada e poderosa que me leva além do prazer.

Sem fôlego, desabo em direção à parede e ele desliza o meu corpo, pousando-me suavemente sobre o peito suado.

— Respira, Treas.

Sigo o seu comando e inalo seu cheiro devastador.

Que loucura foi essa?

— Espetáculo — murmuro o único elogio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que me vem à cabeça, com a respiração entrecortada. Nunca uma chupada tinha me arrebatado tanto. Definitivamente, ele é incrível. Arfo, rendida e satisfeita. Meu mundo resume-se a nós, aos espasmos pulsantes de prazer e à sensação de formigamento agradável em meu corpo.

Dante segura o meu rosto. Seu olhar é intenso e satisfeito.

— Tenho um novo sabor preferido: Beatrice Wild.

Meu rosto contrai decepcionado e a sobrancelha da cicatriz levanta, depois ri baixinho, provocando uma ressonância em meu peito.

— Antes era a sua boca, esquentadinha...
— Acaricia minhas costas como se quisesse me amansar. — Desde aquele primeiro beijo, no telhado, mas agora... porra. Sua bocetinha doce me levou para o paraíso dos sabores.

PERIGOSAS ACHERON

Satisfeita com o que ouço, ergo o queixo e esfrego nossos lábios.

— Resposta esperta, Capitão.

— Tô falando sério. — Inclina a cabeça para me olhar intensamente.

— Acredito. — Abro a boca sobre a dele experimentando o meu gosto e o beijo com mais intensidade.

Após um longo instante de carícias e quando o esfrega-esfrega dá ares de que vai esquentar, ele ergue a cabeça e sorri para mim.

— Nem pense em me distrair... ainda me deve uma cavalgada, Beatrice Wild. Quero ouvir mais desses barulhinhos obscenos que faz.

Rendida pela cara safada e querendo tudo dele... saio de cima, escorrego para o lado, mas mantendo-me perto. Apoio-me em um dos cotovelos e o observo. Ignoro meu subconsciente

que só sabe gritar como ele é lindo e foco no meu objeto do desejo: o pau imponente e engatilhado.

Uma bela imagem... minha boca enche d'água. *Impressionante como o dono.* Com os dedos doendo para tocá-lo... desço tateando o abdômen, sentindo cada um dos músculos dos gomos enrijecer até chegar no amontoado de pelos escuros em torno da ereção. Acaricio a penugem macia e ele grunhe... fico fascinada com a textura e porque parece que rolou um cuidado ali.

Dante não é um cara desleixado, isso fica evidente para mim.

Sorrio.

— Posso te pagar a gentileza.

Faço menção de tocá-lo, mas ele cobre o pênis, tirando-o do meu alcance.

Protesto.

— A ideia do meu pau nessa boquinha

linda é tentadora, mas quero que meu primeiro gozo em você, seja na boceta, não na boca. — Estica o braço, tira uma camisinha da caixa e me entrega. — Faça as honras.

— Tem certeza? — Giro a embalagem preta e metalizada entre os dedos. — Não quero ser acusada de assassinato.

— Vai ser, se me deixar mais um dia nesse tesão reprimido. A pressão acumulada no pau vai subir toda pra cabeça e aí já era... — Abre e fecha a mão. — Bum, coágulo e tchau, Dante. É isso que quer? Me matar?

Fala tão sério que, por um segundo, acredito.

Cretino!

Sem poder esperar mais e tomada por uma emoção que não sei explicar, monto em suas coxas. Rasgo o pacotinho com os dentes, bancando a

entendida, e ele ri. Endireito as costas, tento mostrar confiança, contudo, minhas mãos tremem ao segurar a base do míssil com a cabeça inchada e úmida de pré-sêmen.

Puxo o ar... ensaio um movimento de vai e vem e Dante grunhe... Já toquei em alguns paus, uns bons outros nem tanto, mas o dele, sem dúvida, é o melhor... uma fortaleza dura, cheia de veias, envolta em um veludo de pele macio e quente... Molho os lábios, louca para experimentá-lo.

Pressiono a camisinha na ponta e começo a desenrolá-la... Ansiosa, atrapalho-me um pouco.

— Merda de negocinho, melequento! — praguejo quando voa para longe.

Parecendo se divertir, ele oferece outra e sua ajuda, que recuso obviamente. Rasgo o pacotinho número dois... Nenhum outro homem me pediu isso, mas sou teimosa o bastante para não

PERIGOSAS NACIONAIS

confessar ou desistir. Determinada... mordo os lábios, franzo as sobrancelhas... desço o látex com tanto cuidado, que pareço uma especialista em bombas.

Vibro quando consigo e ele gargalha.

Caramba, quase morri pra pôr essa merda tentando ser sexy e ele gargalha?

— Nunca fez isso, né? — O ordinário parece mais do que satisfeito em constatar minha falta de habilidade.

Não respondo protegendo meu orgulho. Nossos olhares travam e qualquer sinal de irritação ou diversão evapora, quando levanto o quadril posicionando-me acima dele. Meu coração dá um solavanco... a consciência da magnitude do momento rouba-me as palavras.

O ar entre nós dois fica rarefeito... a tensão cresce e começo a respirar com dificuldade. Não é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas sexo ou uma transa qualquer e sem consequências... sou eu... é o Dante... somos nós e isso, de repente, faz tudo parecer gigantesco.

Meu Deus!

Indecisa... paio sobre a ereção, olhando para o comprimento intimidador... Sei que estou prestes a entrar em um caminho novo sem volta. Pisco... pisco... pisco... não consigo mais disfarçar a apreensão.

Dante desliza as mãos incentivadoras pelas minhas coxas deixando uma trilha de arrepios quentes e crava os dedos em meus quadris.

— Sou só eu, não vou te machucar — murmura quase doce. — Vá no seu tempo — comanda em tom imperativo.

Concordo, tem alguma coisa tão sexy no jeito seguro dele. Tomo a base da ereção pulsante e sem tirar os olhos dos dele, manobro sutilmente os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quadris... a cabeça aloja-se pronta para mostrar seu poder. Ofego... ele não diz nada... os azuis enegrecidos transbordam uma emoção incomum, algo que ainda não tinha visto neles... não é só um desejo furioso... é mais, muito mais...

Molhada e escorregadia, empurro e deixo ir... Minha respiração falha... sinto-me minúscula diante do volume imenso que força a passagem e expande as minhas intimidades além dos limites... Sucumbo à sensação descomunal e esqueço o resto... Meu mundo gira em torno da maravilha Dante, que vai entrando e tomando tudo de mim. Um grunhido masculino sai de forma irregular quando insisto e deixo que me penetre até o fundo.

Jesus!

Aceito-o por inteiro.

— Puta que pariu... você é um sonho —
diz em um sufoco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto-me extasiada, cheia e possuída ao extremo.

Avas-sa-la-dor.

Não me mexo, meu coração bate tão forte que mal consigo respirar... É tudo tão novo e melhor do que eu já experimentei. Dante não parece menos atordoado do que eu... Sua respiração está ofegante e morde os lábios parecendo em choque... os dedos longos afundam em minha carne. Ele está se segurando... sei que está... deixando que eu me acostume.

Subo os quadris e volto a escorregar bem devagar... gemo baixinho enquanto ele solta o ar entre os dentes. A sensação avassaladora persiste. Começo um cavalgar lento... vou e volto na tentativa de memorizar cada centímetro dele em mim. É delicioso, é excitante, é único. Nada que vivi me preparou para isso... nenhum homem...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhum livro, nenhuma fantasia... nada.

Finalmente, entendo o que é estar completa e em casa, e Dante é a chave para essa plenitude.

Controlo as lágrimas... não quero chorar...

Fecho os olhos... espalmo o peito suado e imprimo um ritmo mais acelerado... o meu quadril desce, o dele sobe... Entro em um transe de prazer extremo... fodo e sou fodida... cada vez que nossos quadris se chocam sou invadida por uma onda de tesão e ternura... Adoro os sons masculinos e urgentes que faz. Ele toca o meu clitóris com o dedão e pequenos movimentos circulares começam... Choramigo, rebolo, esfrego-me... subo... desço... Entreabro os olhos e ele é a visão mais linda do mundo... O rosto bonito franze todo compenetrado embebido em prazer.

— Dante... — Preciso do seu olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Treas — Impulsiona o quadril e mete duro.

— Isso... — Rebolo inquieta implorando por mais.

Sou bombardeada... meus seios dançam com a fúria das estocadas... Comandando o ritmo, ele mete... mete... mete... A fricção no meu clitóris aumenta... o meu tesão também... Ele grunhe... solta uma série de palavrões, muda de ângulo fazendo a cabeça do pau bater no meu ponto mais sensível e mete... mete... mete. Murmuro... gemo... e agradeço.

— Noooossa... bommm... mais... mais... mais.

Espasmos de êxtase irradiam pelo meu corpo, peço mais... ele me dá... Nossos corpos estão tão sintonizados, que nos tornamos parte um do outro... Uma mistura de sentimentos, suores e

PERIGOSAS ACHERON

sussurros... *Deus!* Não sei onde eu começo e ele termina.

Caramba, esse homem é bom demais!

Seguro-me para não o arranhar... mordo o lábio, ofego, gemo, grito seu nome e gozo. Meu sexo suga o pau cada vez mais duro e grosso, em movimentos involuntários que só me fazem gozar mais... explodo de prazer e luxúria perdendo o controle.

— Porra! Que boceta mais gulosa!

Investe mais uma, duas, três vezes e depois de uma respiração profunda, pressiona forte contra mim e tremendo violentamente, solta uma série de suspiros irregulares, incompreensíveis e selvagens.

Fico fascinada... Dante gozando é uma coisa para se filmar.

Magnífico.

Caio sobre ele, os braços fortes e trêmulos

PERIGOSAS NACIONAIS

me envolvem, apertando-me. Nada é dito... sinto seus tremores pós-orgasmo, a respiração pesada e as batidas frenéticas do coração. Fico abraçada a ele por uma eternidade... Não tenho coragem de me mexer... meu medo é acordar e descobrir que foi alucinação. Abraço-o mais forte e ainda com ele enfiado em mim, imagino se está tão chocado e sem defesas quanto eu.

— Uau, acho que você criou um monstro, Treas! — Beija suavemente o topo da minha cabeça.

Sorrio do exagero, afago suas costelas. Sinto a umidade vindo do curativo e sou assaltada por uma onda de pavor e culpa.

Esforços muito aeróbicos, muito bruscos e muito repetitivos.

— Meu Deus!

Desconecto-me em um pulo e ele olha

PERIGOSAS ACHERON

assustado.

— O que foi?

— Seu corte. — Meu tom é urgente.

Seus olhos vagueiam para o curativo manchado de vermelho.

— Relaxa, não é nada. Nem tá doendo. — Nem um pouco preocupado, tira a camisinha e dá um nó.

— Como não é nada? — pergunto enquanto ele deposita o preservativo extra cheio em um cantinho do criado-mudo. — Melhor chamar o Mc!

O corpão faz menção de levantar e impeço com uma espalmada firme.

— Fica aí.

Ele volta a deitar e não diz nada, apenas observa... Começo a tirar o curativo... Sinto meu sangue congelar quando vejo uns dois centímetros

PERIGOSAS NACIONAIS

de cicatriz aberta. Quero chorar e me bater.

— Deus do céu, desculpa, o que foi que eu fiz? — Olho estupefata, a ponto de ter um treco. Ele projeta o pescoço, coça a nuca e eu surto. — Jesus Cristo! A sua cabeça! O aneurisma! Está sentindo alguma pressão?

A cabeça morena afunda no colchão, em uma gargalhada barulhenta, deixando-me sem reação e um pouco puta. Muita falta de consideração rir num momento em que estou a ponto de chorar de angústia. Sem entender o motivo de tanta graça, cruzo os braços.

Bufo inconformada. Não estou acreditando que toda a magia do momento foi quebrada, destruída, catapultada... Também, onde eu estava com a cabeça para desobedecer a ordens médicas tão precisas... um simples “não foderás”, que eu fodi, claro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O grandão não para de rir. Querendo estapeá-lo, aperto a ponta do nariz e conto até dez. Depois, bufo, um pouco aliviada. Pelo menos, se tá rindo, não tá morrendo.

Já impaciente, confiro o jardim e só vejo escuro... *Merda!* Sobre os ombros, checo o relógio do micro-ondas: 22h15. *Misericórdia! Como vou explicar o que aconteceu para o Mc?* Começo a me exasperar e depois do que parecem 79 séculos, o descarado para de rir e enxuga uma lágrima.

Capricho na cara feia para que perceba que estou puta.

— De onde você tirou esse negócio de aneurisma? É coágulo. — Começa a rir de novo.

Será possível que vai começar tudo de novo? Eu sei que o sexo nos deixa felizes, mas isso aí já está demais.

— Ah... vá se ferrar! — Jogo as mãos para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o alto. — Dane-se o nome! Coágulo, aneurisma, bomba é tudo a mesma merda que explode e mata! — Escorrego para fora da cama e vou direto para a cestinha de primeiros socorros que larguei no chão ao lado do sofá. — Isso é sério, caramba! Pare de rir! — berro pelada e de longe.

Arrastando as pernas grandes para fora da cama, ele senta e olha para mim.

— O que vai fazer?

Reviro os olhos como se fosse óbvio.

— Tentar tapar esse buraco. É isso que eu vou fazer!

Meus olhos crescem quando um filete de sangue escorre pela lateral do corpo suado manchando o lençol branco. Imploro a Deus que eu não tenha provocado uma hemorragia interna no homem. Maggie nunca vai me perdoar por ter matado o filho dela.

PERIGOSAS ACHERON

Inspiro e expiro, inspiro e expiro... entrar em pânico não vai adiantar.

A mão dele segue o meu olhar e toca a lateral machucada. Um palavrão é dito e é, com certo alívio, que assisto a expressão alegre mudar para aborrecida. Finalmente, parece cair na real e entender que a situação não é das melhores.

— Merda! Não queria quebrar o clima entre nós. — Olha-me desolado como se quisesse se desculpar. — Não quero que esquente a cabeça. Eu cuido disso. — Levanta. — Por isso prefiro as coisas tradicionais... Jamais deixaria Mc usar essa bosta de cola moderna em mim se estivesse acordado. — Vai em direção ao banheiro e eu o sigo segurando a caixinha de primeiros socorros.

Não digo nada quando ele entra no chuveiro e começa a se ensaboar. Corro para fazer o mesmo ao deduzir que o tradicional, resume-se a

ir finalmente para um hospital.

Aleluia!

Ele está certo, não dá para chegar lá, cheirando a sexo. Apressada, recuso a oferta dele me ensaboar... Não é possível que esteja pensando em safadeza, com um fio de sangue escorrendo pela barriga. O clima fica um pouco esquisito, mas tenho prioridades... Quero que ele sare logo, então faço o que tenho que fazer, sem olhar para a tentação pelada. Já aprendi... não tenho controle com Dante me tocando e ferrar ainda mais esse corte, está fora de cogitação.

Lavo o básico, saio e me enrolo na toalha. Ele parece chateado e minha consciência pesa um pouco.

— Quer que eu pegue uma roupa para você? — Ofereço prestativa e doce, com ele ainda no banho.

— Outra calça de moletom.

Ok.

Corro para o quarto de vestir, enxugando-me no caminho. Fuço e acho uma calça azul-marinho, abro a gaveta, que sei que é das cuecas, e pego uma boxer branca. Tento ser proativa e separo uma camiseta branca. Reparo que não existem outras cores no armário, além do preto, branco, cinza, azul-marinho e um ou outro, verde-exército.

Sem tempo para devaneios fashionistas, pego a primeira coisa que encontro na mala, um vestido trapézio branco com barrado de borboletas multicoloridas e visto. Jogo o que separei para ele sobre os ombros e volto vestindo outra calcinha de renda branca pelo caminho.

Entro no banheiro bem a tempo de pegar a cena mais surreal do planeta... Com a toalha em volta da cintura e, de lado para o espelho, Dante

PERIGOSAS NACIONAIS

segura um baita grampeador na mão e *pah... pah... pah... pah...* prega o bendito do corte.

Solto um:

— Ai, meu Deus! Puta merda! — E meu queixo cai.

O que esse maluco fez?

Todos os pelinhos do meu corpo arrepiam só de pensar na dor que foi... e o rosto decidido e sério, nem treme. Coloca o trambolho dentro de uma mochila e confere o corte com cara de muito satisfeito. Pega um spray e dá uma jatada generosa em cima da obra de terror que acaba de fazer.

Pisco umas quinhentas vezes, tentando me convencer que é ilusão de ótica.

— O que fez? — pergunto agarrada as roupas dele.

— Resolvendo essa merda de uma vez por todas. — Chega junto, alcança a boxer e descarta o

PERIGOSAS ACHERON

restante das roupas, lançando-as sobre a chaise. — Pronto... fim do problema. — Beija meu nariz, descarta a toalha e veste a cueca. — Você histérica me deixa puto e recusar a minha oferta no banho foi sacanagem.

Hã?

Primeiro, fico só observando, sem dizer nada, depois reajo em uma onda de indignação tardia.

— Não era histeria, era preocupação! Sacanagem é o que acaba de fazer na sua barriga. — *Aquilo foi medonho, sinto agonia só de olhar os quatro traços prateados decorando o corte como piercings.* — Esse troço deve estar cheio de bactérias. Não tô acreditando que usou a porcaria de um grampeador. Pegou onde, no escritório?

— Claro que não, é um grampeador cirúrgico... — explica sem se alterar. — Simples e

prático.

E bruto, penso, mas não digo. Minha cabeça pira... todas as cicatrizes, o centro cirúrgico, a porra de uma UTI móvel. Sou muito ingênua por achar que ele mudou de vida... o que esses caras fazem lá embaixo é perigoso, é óbvio que Scarface não foi o único bandidão que ele já enfrentou por aí.

Que merda maluca!

Solto um gemido lento... que sinuca de bico estou me metendo.

— Não me olhe como se fosse coisa do outro mundo. — Mais manda do que pede.

— Pra mim é — rebato. — Roubou aquele trambolho de Mc?

— Lembrança das Forças Armadas. Nem sempre dava pra parar e buscar ajuda, tinha que me virar por mim mesmo. Apreendi alguns truques e

PERIGOSAS NACIONAIS

carrego umas coisas comigo — responde tranquilo e visivelmente satisfeito com o que fez. — Detesto essa ruga de preocupação na sua testa. Não quero que esquente a cabeça com nada ou se culpe... O que aconteceu entre nós foi mágico. Estragar um momento do caralho por causa de uma merda sem importância é loucura.

Mágico?

Ele achou mágico?

Opa!

Sem importância uma ova!

Balanço a cabeça não me deixando ir para o outro lado agora.

— Loucura é isso aí na sua barriga. Podia ter perfurado os órgãos internos. — Não consigo me desligar do assunto. — Já pensou na dor que vai ser pra tirar esses negócios?

Ele me brinda com uma risada alta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus!

Como posso ficar séria, quando ele ri assim tão gostoso?

Pressiono a boca segurando o risinho derretido que quer abrir.

— Fica linda toda preocupadinha comigo — diz.

Não consigo captar se é elogio ou ironia. Hoje à tarde, esquentadinha; agora, preocupadinha? Pergunto-me desde quando o Capitão Putão virou um homem de diminutivos?

— Dá pra relaxar? — insiste e fico na mesma. — Não precisa tirar nada, o organismo absorve.

— Fica tratando isso como se não fosse nada. Esqueceu que desmaiou?

— Porque é nada. Conheço o meu corpo e meus limites... A coronhada me deixou tonto e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apaguei com a queda da pressão... Já sobrevivi a ferimentos piores, então esquece isso e vamos para a cama... — *Hã?* Os azuis-índigo acendem como uma lâmpada e os pelinhos do meu braço eriçam. — Estava pensando... agora que está tudo resolvido e se não estiver muito cansada... Poderíamos, você sabe...

Deixa no ar, com um sorriso lascivo. Meu corpo reage imediatamente à ideia de nós dois repetindo a dose. Nossos corpos suados se enroscando, o míssil enorme dentro de mim, a pressão de cada estocada, os chupões nos meus seios... o melhor orgasmo de todos os tempos...

Nossa mãe, como eu quero!

Espio, não tão discretamente, o volume poderoso que recheia a boxer.

Bem-dotado dos infernos!

Saber das potencialidades eróticas

PERIGOSAS ACHERON

escondidas ali e de todas as sensações que provoca, não me ajuda em nada. Pressiono as pernas juntinhas no primeiro espasmo entre elas.

Caramba! Que poder tem esse homem!

A tentação peniana é muito forte, mas preciso resistir pelo bem dele... Mordo os lábios, ele sorri, desvio o olhar e vejo os quatro filetes metálicos.

Pah... Pah... Pah... Pah...

Encolho-me com a lembrança... Só muito louca ou maníaca compulsiva por sexo para deixar que meus desejos vençam... Tudo bem que foi excitante, apesar de assustador, assistir Dante no modo macho selvagem, que não liga pra porra de dor nenhuma, resolvendo o assunto, mas... o rosto sofrido e desolado de Maggie materializa-se na minha retina.

— Não... não... não poderíamos, nem

PERIGOSAS NACIONAIS

pensar! — Espalmo as mãos no peito musculoso para breçar a mim mesma. — Pelo amor de Deus! Perdeu um parafuso, só pode. — Tiro as mãos bruscamente. — Não encosto mais um dedo em você, até o Mc dar carta branca. Vou dormir no sofá.

— Ah... mas não vai mesmo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Dante

Minha primeira reação, ao acordar, é esfregar o pau na bundinha teimosa imprensada contra ele. *Caralho!* Como foi difícil arrastar essa delícia para a cama. Quem ouve esse ronronar sexy e apreciativo, pensa que é um anjo. Que nada... tá assim calminha, porque ainda está dormindo e não sacou que a movimentação na retaguarda é real. Já tive negociações de resgate bem mais fáceis. Beatrice deixaria caras como Bin Laden no chinelo.

A promessa de manter as mãos fora dos limites, durante a noite, foi o mais difícil. Mal preguei o olho... sedento por ela. Não consegui parar de pensar um minuto. Mantive expectativas altas em relação a Beatrice... Todos esses anos, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

força do meu desejo foi maior do que tudo, criei fantasias... suave e quente como está, imaginei o quanto seria bom, mas não estava preparado para isso. Não consigo lembrar se já fiquei tão duro antes.

Não... não fiquei.

Ser atropelado pelo furacão Wild foi como um tiro de bazuca. Tornar real o que era um sonho, me deixou rendido. Passei a madrugada inteira querendo mais... os sons da trepada de ontem ainda ecoam em mim... consigo sentir as mãos pequenas me guiando para dentro dela.

Porra!

Que boceta mágica é essa, que me sugou como nenhuma outra e me instigou em todos os pontos certos?

Sem medo do perigo, esfrego o pau um pouco mais e ganho outro ronronar. Intensifico o

PERIGOSAS ACHERON

aperto na cintura fininha em uma necessidade, quase insana, de me fundir a ela... Foda, minha vontade é enfiá-la embaixo do braço e não a largar nunca mais.

Mantenho-me atrás dela... Posição nova para mim. Não sou um homem dado às delicadezas ou romantismos. Passar a noite ou dormir agarrado, nunca... Gosto duro, sem dramas ou sentimentalismos e principalmente que vazem assim que acabe... Sexo sempre foi por necessidade... uma vontade momentânea e sem um tipo específico. Só que agora, mudou, é a Treas e essa coisa de ladinho tem o seu valor... Acaricio a barriga lisinha... se pensou que eu broxaria com essa camiseta larga e a calça de unicórnios, enganou-se... Já era... eu a vi... sei o tesão de mulher que há escondido debaixo disso.

— O que está fazendo aí? Você prometeu

PERIGOSAS NACIONAIS

— protesta com a voz manhosa de sono.

— Esse é o meu lado da cama. A culpa não é minha se sente meu cheiro e vem atrás. Prometi não te foder com meu pau e já amanheceu.

— Afasto o cabelo e beijo a curva do pescoço cheiroso.

— Que horas são? — pergunta desnorteada, depois de alguns segundos de silêncio.

Pressiono a bochecha delicada com o queixo indicando a parede de vidro, ainda escura e opaca.

— Umas sete e meia.

— Ah... cedo. Troço legal isso aí

Rindo do jeitinho sonolento dela, deixo uma trilha molhada em seu pescoço... ela amolece e fico feliz por ter descoberto um ponto fraco. É excitante pra caralho saber que mesmo dormindo, ela me procura e o quanto ainda tenho a descobrir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre os seus prazeres. Ganhei a porra do green card para a Disneylândia do sexo e mal comecei a brincar.

— Ainda tá braba? — pergunto para sondar o grau do perigo.

Mordo e depois chupo a parte molinha da orelha pequena... e meu pau vibra quando ela se contorce como uma gata.

— Passou, mas não vou transar com você.

— Eu sei... disse isso mais de mil vezes ontem.

Infiltro a mão pela calça de pijama e calcinha, deslizando para o caminho do céu. Ela geme, remexe o quadril, mas não se afasta.

— A partir de agora somos só nós — mando logo o que me corroe a noite toda. — Ninguém mais toca nessa bocetinha divina além de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã? Nem o meu ginecologista?!

— A porra que não! — rosno e escorrego para dentro da abertura macia e molhada. — Não provoca, Beatrice.

Geme quando afundo um dedo nela.

— Tô brincando, é mulher.

É... pelo jeito a braveza de ontem à noite já era.

— Gay?

— Não! — Mais ofega do que diz. — A Doutora Dolby é casada há cinquenta anos e está prestes a se aposentar... Caramba, você é possessivo!

— Nunca fui, mas acabo de me tornar o maior deles. — Incluo outro dedo na exploração. Vou mais fundo e a bundinha deliciosa rebola. — Sexo é só comigo, entendeu?

A teimosa não responde, mas também não

PERIGOSAS ACHERON

protesta.

Tô fodido com essa mulher.

Junto o dedão na brincadeira e provoco o clitóris inchado. O corpo delicado estremece.

Bom... muito bom...

Gosto de como se rende e não resiste.

Entenda, de uma vez por todas, que o seu prazer é todo meu, minha Inglesinha gostosa.

— Responde, Beatrice. — Meto logo um terceiro dedo no paraíso apertado. — Somos só nós... Esperei muito para chegarmos até aqui e não vou dividi-la. O que temos é exclusivo. Prometa que o único homem que toca ou fode você, sou eu — insisto e paro os movimentos.

— Não para — exige em um murmuro excitado.

— Então, promete.

— Tá bom... — Rebola a bundinha

pedindo mais.

— Tá bom, o quê? — exijo certezas.

Quero rir quando ela solta um suspiro rendido.

— Somos só nós... Ninguém mais me toca além de você, satisfeito? — Olha pra mim sobre os ombros com a carinha brava e excitada. O tom avermelhado nas bochechas a deixa mais linda e safada. *Eu sou a porra de um sortudo.* — Agora dá pra mexer a porcaria desses dedos?

Com um sorriso vencedor, puxo a calça de seu pijama trazendo a calcinha junto.

— Vem se abre pra mim... apoie uma perna sobre a minha.

Empolgada no sexo como provou ser, ela remexe as pernas para se livrar do pijama, depois prende o calcanhar na minha panturrilha. Isso... deliciosamente exposta. A bunda macia provoca a

PERIGOSAS NACIONAIS

ereção protegida pela boxer. Minha vontade é rasgar a merda de cueca e foder duro essa bocetinha, mas sou um homem de palavra... promessa é promessa.

Que bosta!

Preciso comê-la outra vez, mas ela insiste na carta branca de Mc e não tenho a mínima ideia de como conseguir essa porra. Porque sem chances de implorar para um soldado... Conheço esses putos fofoqueiros... não perdoam nada. *Que merda!* Sou capaz de quebrar a cara do primeiro que fizer um comentário sacana envolvendo a minha Treas.

Boto meus dedos pra funcionar... capturo a umidade espalhando-a por seu sexo... e como uma locomotiva, recomeço lentamente para acelerar aos poucos... entrando e saindo... metendo e bombeando... Grunhidos surgem da boca carnuda... esfrego o polegar no clitóris em movimentos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

circulares e, quando um biquinho ofegante aparece, não resisto... capturo o queixo petulante forçando-a a olhar para mim e chupo, com gosto, seus lábios.

A sensação de tê-la rendida a mim estufame o peito... Os olhos ardentes fazem meu subconsciente gritar: *Eu sou foda!* E sinto-me um filho da puta dono da porra toda e dela... poderoso, realizado e completo. Esfrego duro o polegar e bombeio mais rápido... Ela geme, contorce e a boceta chupa meus dedos querendo engoli-los em uma pulsação gulosa.

Deus, como eu amo tudo isso!

Fico implacável... seus músculos internos contraem mais e mais... castigo sem dó, imaginando ser meu pau ali, não os meus dedos... eu meto... ela geme... acho o ponto interno, exato do prazer, e estímulo... Ganho o meu nome em um belo gemido quando ela perde o controle e goza.

PERIGOSAS ACHERON

Meus dedos saem dela... diretamente para a minha boca. Aprecio o sabor único enquanto a admiro... os olhos enormes estão fechados, a boca entreaberta e a expressão perdida.

Descabelada e linda pra cacete, com essa carinha de fui fodida.

Seguro-a em um abraço firme e espero que se recomponha. Foda-se que minhas bolas pulsam e meu pau chora por redenção... vê-la assim por minha causa vale o sacrifício. Os meus avelãs e verdes, tão singulares, piscam antes de abrir. Ela sorri, projeta o queixo e me beija suave e doce.

— Bom dia — murmuro gentilmente, porque sua delicadeza me pede isso.

— Jesus... bota bom dia nisso. — Beija-me outra vez.



Beatrice

Sentada na bancada da cozinha, espero o café ficar pronto e admiro o vai e vem de Dante. Está uma delícia de banho recém-tomado, cabelos úmidos, jeans desgastados, camiseta preta e emburrado.

Caras grandes e musculosos geralmente são travadões, ele não... seu caminhar tem a elegância perigosa de um tigre... do tipo decidido e imponente, que fica rondando, está sempre atento e pronto para agir. Ele olha para mim soltando faíscas... Sorrio feito boba quando dá as costas e sobe para o mezanino. Nossa, o desgramado é bonito e me deixou num bom humor que nem eu estou me aguentando.

Benditos dedos... minha vontade é pedir para o Papa canonizá-los.

Olho o jardim, os vidros voltaram a ficar cristalinos e mostram um dia tipicamente inglês: nublado. A movimentação no escritório chama a minha atenção.

Meu Deus, que corpão!

Já vi muitas bundas boas, mas essa aí... olha, tá de parabéns. Cruzo os braços e aproveito o show. O certo seria odiar, mas acho esse jeito que grita: *Cale a boca, tô puto, não mexa comigo*, tão másculo, que me deixa doidinha de vontade de gritar de volta: *Vem calar, valentão!*

Droga!

É bom mesmo eu começar a andar com umas calcinhas extras na bolsa... só de olhar já fico molhada.

Que horas o Mc chega?

É claro que eu queria ter tomado banho com ele e me esbaldar nesse corpão. Não sou de

PERIGOSAS NACIONAIS

ferro, poxa vida. Ainda estou excitada do acordar delicioso e aquela chupada molhada de ontem, não sai da minha cabeça. Mas prefiro ter que trocar de calcinha mil vezes ou morrer de inanição sexual a feri-lo de novo.

Ainda não estou acreditando!

Cubro o rosto e a excitação evidente... Estou embasbacada até agora... Já tive transas boas, mas aquela foi de quebrar paradigmas... Tudo me pegou de um jeito... o pau espetacular, a pegada forte e bruta, o seu cheiro almiscarado e amadeirado, os sons masculinos.

Ahhhh... que merda!

Abro os olhos, bem a tempo, de pegar as coxas grossas flexionando em movimentos musculares perfeitos ao descerrem as escadas... Não sei o que temos aqui, mas só sei que estou ferrada e de quatro... não literalmente, embora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

adoraria estar nessa posição agora, com ele me fodendo por trás duro e bem descarado.

Deus, obrigada!

Esse homem é um espetáculo da gostosura transante.

Engulo a saliva, vidrada no míssil que se aproxima... mordo os lábios, louca de vontade para sentir seu poderio bélico novamente. Quero embrulhar esse pacote obsceno, que exhibe entre as pernas, e guardar em um cofre... o pensamento de uma lambisgoia admirando e tendo ideias com ele.

Ahhh... sou capaz de matar uma!

Não vou nem gritar: *Deus, o que está acontecendo comigo?* porque é óbvio... Esse Capitão Putão Obsceno conseguiu o que queria... estou capturada e rendida, sem chances de reagir.

— Quer uma chupada? — Pula da minha boca.

PERIGOSAS ACHERON

Eita, o que eu disse?

Estupefato, congela a um passo de mim e cubro a boca... Viro um pimentão com olhos de coruja. Que merda é essa que eu acabo de dizer?

Preparo-me para ser esculachada. Com a expressão indecifrável, Dante varre meu corpo... estou de jeans escuros, camisa de seda cinza clara e saltos no mesmo tom... definitivamente, não é uma roupa pró-chupadas.

Penso na lingerie preta e sexy. Posso tirar a roupa, se ele quiser... fico tentada a oferecer, mas não quero parecer uma chupa-rolas desesperada.

— Me ofereceu um boquete? — pergunta como se tivesse algo entalado na garganta.

— Hum-hum... acho que sim. — Fico ainda mais vermelha, mas a vontade de chupá-lo é maior do que a vergonha. — Se estiver a fim... claro. — Tento bancar a recatada e ofereço um

sorriso quase ingênuo.

— Cacete, está perguntando se estou a fim de ter essa boca gulosa no meu pau? — pergunta incrédulo novamente, assinto com um entusiasmo que nunca tive antes e *O Sorriso* explode varrendo qualquer indício de mau humor. — Porra, Treas... só se for agora! Onde? — Olhando para os lados, começa a abrir a braguilha.

Imito seu gesto... indecisa sobre onde, mas quando puxa a calça e a boxer preta, deixando o míssil livre, pulo do balcão e o capturo pela cintura... Dane-se onde, o importante é o quê e agora. Caio de joelhos...

— Aqui.

Fico cara a cara com o míssil que reluz majestoso para mim. Mordo os lábios, Dante solta um gemido rouco, gira o corpo e meio sem equilíbrio, dá uns passos incertos para trás

PERIGOSAS NACIONAIS

grudando a bunda na muretinha que divide a cozinha. Suas mãos cravam na pedra escura.

— Vem... me engole — ordena com a voz esfomeada.

Feliz da vida e sem um pinga de vergonha nessa minha cara, eu vou... arrasto os joelhos e me meto entre as coxas mais tentadoras do Sistema Solar inteiro. — Essas pernas são um pecado... — Subo as mãos, arranhando tendões e músculos, fascinada com a dureza do negócio. Dou uma apertadinha nelas. — Dá vontade de morar no meio disso aí.

Ok, estou nervosa, excitada e falando merda, mas não posso fazer nada... esse par de coxas é um abuso... nunca vi um troço tão musculoso e firme... assistir a Copa do Mundo, pra quê? Quem quer ver aquelas pernas e bundas maciças, correndo pelo campo, se está com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

melhor de todas a mão, paradinha e prontinha para dar prazer?

— Depois te deixo rezar um terço olhando para elas... agora me chupa, porra! — Faça o meu rabo de cavalo e me puxa para frente.

Olho para o conjunto pau e bolas, pra lá de engatilhado... Tão duro... parece pronto pra decolar a qualquer segundo... Podia jurar que tinha batido umazinha no banheiro, ouvi os gemidos... Nunca fui de achar um pau bonito, mas esse aí, grosso e comprido, com essas bolas pesadas... *Ai, meu Jesuszinho...* nada como a vida mostrando como podemos mudar de ideia... Essa obra de arte ficaria linda como descanso de tela do meu celular.

Seguro a base da ereção e com a outra mão testo o peso das minhas amigas roliças. Hummm... quentes, macias e pesadas... machão como é, deve ter um trilhão de espermatozoides aí dentro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se contorce... o bichão está desesperado... foco nos azuis-índigo ensandecidos e suplicantes... o abdômen trincado sobe e desce em uma respiração riscada... Seguro o riso, corro os dedos delineando as veias pulsantes, como se tivesse todo o tempo do mundo e nenhum pouco ansiosa para meter tudo na boca. Ele grunhe nervoso, umedeço os lábios só para torturá-lo... aquelas grampeadas sem noção ainda estão entaladas na minha garganta.

— Tá fazendo isso de propósito? — rosna e projeta o quadril para frente. — Vai bater continência ou não vai?

Ui, falou Capitão!

A coroa rosada cutuca a minha boca, o pré-sêmen lambuza os meus lábios, lambo lentinho só para provocar e um choque de prazer percorre minhas papilas gustativas... uma provinha... só uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provinha e fico chocada... definitivamente, o melhor pacote masculino já provado... Estava planejando fazê-lo implorar, mas mudo de ideia.

Dane-se!

Lambo da base até a ponta, delineando as veias... circundo a glande e abocanho... Ele urra e eu gemo... homem delicioso... subo e desço a boca sentindo a textura aveludada, deixando a língua ajudar no processo. Vou e volto acostumando-me com o tamanho. Na boca, parece ainda maior e mais grosso... Fecho os lábios e aumento a pressão... seguro as bolas e brinco com elas... as coxas grossas flexionam quando desço engolindo tudo... quase engasgo, mas não desisto. Tiro, só para tomar um fôlego... faço ziguezagues com a língua... e tomo tudo de novo... Ele dá mais um urro e eu enlouqueço... devoro Dante com uma fúria desconhecida... lambo, chupo, arranho com os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentes... acaricio o saco, puxo, instigo... chupo o pau de novo, tiro, bato punheta, enfio na garganta... afogo, respiro e recomeço...

— Issooooo, me fode, Treas... — Puxa o ar entre os dentes, agarra a minha cabeça, tira e mete fundo batendo na minha garganta. — Engole o meu pau, Inglesinha gulosa.

Nunca fui muito fã de palavras sujas, mas essas, ditas na voz grossa e safada do meu Capitão, despertam um lado meu desconhecido e só me excitam mais.

Abro mais a boca deixando que entre... Meu maxilar dói, pequenas lágrimas escorrem, mas foda-se! Deixo que me foda... O míssil entra e sai, preenchendo-me... sei lá com quantos, mas presumo que com muitos centímetros da mais pura alegria.

Subo o olhar e travo nos azuis-índigo... há

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma fúria possessiva, ressaltada pelo maxilar travado e os cenhos franzidos. Engraçado que a barba só ressaltava a mandíbula forte. Não há gentileza... estoca a minha boca com a fúria de um bárbaro... se existisse *selfie* naquela época, aposto esse seria o olhar de Alexandre “O Grande” ao conquistar as índias: selvagem... insano... macho pra caramba.

— Porra, Treas, essa boquinha safada é quase tão boa quanto a boceta. Gosta como... forte?

Sei lá... gosto?

Maldição... acho que gosto!

Não respondo, por motivos óbvios de míssil na boca, mas aperto as bolas dele num sim bem claro.

Satisfeito, mete e me castiga sem piedade, até que o quadril desbravador retesa, um grito grave e gutural explode... ele espalma as minhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bochechas e me preenche com o melhor e mais másculo sabor que já experimentei... Entre espasmos de libertação, palavrões, rugidos, sugo tudo que me oferece... uma nova sensação vem... sinto-me mais ligada a ele... aperto a bunda dura como dona e única proprietária dessa maravilha.

Quase grito: *MEU!* Contudo, contenho-me. Não sou uma garota clichê.

— Cacete, o que foi isso que me atingiu?
— grunhe em êxtase e sinto-me plena e poderosa.

Fui eu! Beatrice Wild!

Os espasmos diminuem... o Capitão perde o controle e cai de joelhos diante de mim... Mal tenho tempo de respirar, sou puxada para um beijo apaixonado e voraz. O gosto de menta mistura-se ao sêmen e é sensacional... agarro os ombros largos e me fundo a ele.

Acabo deitada no chão da cozinha com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo poderoso me soterrando.

— Preciso te comer, Treas... — A mão vai para os botões da minha calça.

Não resisto, estou nas nuvens e tão afogada na intensidade de sentimentos sufocantes que sou um nada diante das vontades dele... quer comer... que coma... bem gostoso.

A mãozona infiltra-se e dedos santos tocam as minhas feminilidades úmidas... gemo.

— Arranca logo essa calça! — imploro.

Dante afunda a cabeça no meu pescoço e chupa, e depois late...

O quê?

Late... late... late... late...

Nós dois congelamos quando patas enormes começam a bater na parede de vidro.

— Cale a boca, Godzilla! *Fella*, tá aí?

Romeo?

PERIGOSAS ACHERON

Ai, meu Jesus!

Agito-me embaixo do homem furioso que amaldiçoa todas as gerações Stoirm.

— Cacete, Baixinho! Eu falei pra gente ligar antes!

Max?

— Onde ele iria sem o carro ou a moto? Vai lá bater na janela do banheiro, Palhaço.

— Vai você, lesado... não sou seu empregado!

Dante salta, puxa a calça, a cueca e fica de pé ao mesmo tempo. Continuo estatelada no chão, ofegante e sem saber o que fazer.

Não que eu ache que seja difícil de imaginar que nós dois sozinhos, não iria prestar, mas ser pega no flagra pela segunda vez é muita mancada.

— O que querem aqui? — Dante vai dos

PERIGOSAS NACIONAIS

irmãos para mim.

— Abre logo essa merda! Por que travou o elevador? Tivemos que dar uma volta do cacete e entrar pelo Convento! — Romeo esbraveja. — Abre, porra! — Bate no vidro e Godzilla volta a latir.

— Cadê a primeira-dama? Não me diga que pisou na bola e ela fugiu de novo!

A gargalhada de urso de Max vibra no meu estômago comprimido.

— Não pisei em porra da bola nenhuma! — Dante esbraveja, bate a mãozona sob o tampo da pedra e ouço as portas de vidro deslizarem.

Fecho as calças e coloco-me de joelhos escondida debaixo do balcão. Dante faz um gesto para eu subir, mas não tenho nem tempo de negar. Godzilla passa como um louco por entre as pernas dele e pula em mim.

PERIGOSAS ACHERON

Caio de costas e o cachorro começa a querer me lambar... Seguro a cabeça alvoroçada.

— Xô, Godzilla! Sem lambar!

As narinas caninas inflam e ele foca na minha virilha. Para o meu desespero, um focinho enorme instala-se entre as minhas pernas. Funga... funga... funga... espalhando uma quentura babada bem ali.

Maldita calcinha molhada!

— Sai, tarado! — Debato-me e tento impedir os avanços do cachorro que uiva e volta a fungar.

— Aí, não! É minha! — Dante puxa a coleira e o afasta de mim. — Deixe-a em paz, Godzilla. Comporte-se ou vou te colocar no jardim! Quietos!

Completamente transtornado, o cão insiste, uiva, late e baba em minha direção. Dante precisa

forçar a guia para tentar contê-lo.

— Eu sei que ela tem um cheiro do caralho, amigão! Mas não é pra você! Isso é meu, tá entendendo? Quietos! — Dá outra puxada firme na coleira. — Quietos! — Depois de certo esforço, ele aquieta. — Bom garoto...

— O que deu nesse monstro? — Vejo os tênis encardidos de Romeo pararem na minha frente. — Ah... oi, Treas. O que faz aí?

Que maravilha!

Inclino para fora do balcão. Dou um sorrisinho sem graça. Romeo e Max me olham com os lábios comprimidos e expressão divertida. *Vamos lá... podem rir, seus porqueiras!* Eu sei que estão loucos pra tirar uma onda com a minha desgraça.

Embora todas as evidências apontem o óbvio, sinto uma necessidade maior do que eu de

me explicar.

— Perdi meu brinco — minto e Godzilla agita.

Os azuis da cor do céu cintilam... vão do meu rosto para a calça desabotoada de Dante.

— Sei, qual é... aquele com duas bolas e um pingente bem grande, né? — O canto da boca de Romeo ergue em um sorriso encapetado. — Está ali. — Aponta para a virilha do irmão.

— Vai se foder, *Eejit!*

— Que foi, *Fella?* Relaxa, ninguém aqui é mais criança. — Romeo apoia uma sacola no balcão. — Mamãe mandou uns *scones*. — Olha ao redor e a expressão divertida muda para estupefata. — Puta que pariu! Não sabia que Beatrice era virgem! Cara, você arregaçou com a coitada!

— O quêêêê? — berro.

Saio tão rápido debaixo do balcão que bato

a testa. Solto um: *Ai, ai... desgraça*. Dante gruda em mim e esfrega a parte da minha cabeça onde não dói... não aviso que o alvo está errado... não consigo.

Meus olhos estão grudados no lado dele da cama.

— Cale a boca, aquilo ali não é o que estão pensando!

Eu falei!

Minha mão coça para dar um tapa na nuca do Capitão Teimoso ao meu lado, mas, infelizmente, ele está machucado e não posso. Frustrada, dou um passo para trás, mas Dante agarra minha cintura. Eu falei para trocarmos os lençóis antes de dormir... que era nojento deitar com aquela mancha de sangue. O preguiçoso não quis.

— Como não é nada? Caralho, que

estrago! — Max ruge e fulmina Dante. — Sei que você curte umas perversidades, mas é a pequena primeira-dama aqui! Não a rainha gigante e azul do Avatar!

Hã?

Olho chocada para Dante.

— Perversidades? — murmuro para ele, com a minha mente criativa e recém-poluída de sexo voando em todas as direções.

— Perversidades? — repito com os mamilos reagindo instantemente a imagem desse homão me amarrando e me dando uns bons tapas.

Eita, que delícia!

As algemas!

Esqueço os lençóis manchados. Quando começo a sorrir animada, recebo um olhar do tipo: *Se fecha, Beatrice... Depois*, que não sei se é um aviso ou uma promessa. Arrepio-me. Gostoso,

bem-dotado, chupador dos infernos, fodedor nível Alex O Grande da Babilônia e perverso?

Obrigada, Senhor.

— Tirem essa ideia da mente. — Dante estica o braço e entrega a coleira do Godzilla, que a essa altura já ficou de saco cheio e ronca no chão da cozinha, para o Max segurar. — O sangue é meu... o corte abriu.

Perversidades?

Chicotes... humm vibradores... Sexo selvagem no mato. Será que ele me deixaria amarrá-lo?

Meus olhos voam para a barra de ferro na cabeceira.

— Bem que avisei... fodeu, morreu! — Max berra.

Hã? Morreu?

Volto para a realidade, bem a tempo, de
PERIGOSAS ACHERON

ver os olhos verdes arregalarem e depois franzirem, antes da gargalhada vibrar no gogó descarado. Encara-me, nem um pouco preocupado com o machucado no abdômen do irmão.

— E aí? Pelo menos foi bom? Valeu os pontos que ele vai tomar? — Max enxuga uma lágrima.

Ainda entre Londres e as festas sexuais babilônicas regadas a muito vinho, assinto animada e giro os olhos atrás de uma adega.

— Nada de pontos, grampeeí a porra toda. O que acontece entre mim e Beatrice é limite rígido! — Dante ruge. — Não quero ninguém pensando sacanagens perto dela.

— Ferrou. — Agora é Romeo quem cai na gargalhada. — *Fella*, sacanagem é só o que pensamos.

Reviro os olhos, esses caras são

perversos, mas quem sou eu pra criticar? Já vai ser difícil eu não pensar em sacanagem perto de mim mesma, com um Dante a tiracolo vinte e quatro horas.

— Se alguém pensar, eu mesma vou torcer o pescoço — digo só para fazer uma média. — Até porque nada vai rolar até o Mc dar carta branca. Maggie me mata se mais um sanguinho sair do valentão aí.

— Mata mesmo — Romeo concorda.

— Mata nada, *Eejit!* Treas, não podemos esquecer essa merda de carta branca?

— Não.

Nego na maior cara de pau, esquecendo que há dez minutos, eu estava lindamente indo fazer justamente o contrário... prontinha e toda animada para uma segunda rodada.

— Deixa ver os grampos, quem sabe

convença o Mc.

Max dá um passo e levanta a camiseta do irmão. Ele alisa a barba parecendo gostar muito do que vê e depois o elogia pelo bom trabalho. Quando Romeo chega perto e os três caem em uma conversa de que o Mc viajou na cola e que deveria ter grampeado logo, começo a me irritar. Não é possível que esses idiotas achem essa barbaridade normal.

Decido me trocar... Não vou sair por aí, cheirando a baba de cachorro excitado... tomo um banho rápido, volto quinze minutos depois, em um macacão de mangas curtas e pantalone[\[80\]](#), preto e sutilmente sexy, e os três continuam no papo sobre remendos de machucados e ferimentos de guerra.

Os olhos de Dante brilham quando me veem... sorrio por dentro, mas não demonstro. Coloquei de propósito o macacão, adoro o jeito

PERIGOSAS NACIONAIS

como valoriza maliciosamente os meus seios e bunda. O salto que me deixa quinze centímetros mais alta foi um bônus fetichista... Sim, eu quero que me deseje... Ok, estou apelando, mas, com classe, vulgaridade nunca. Com um homão desses, todo gostoso e acostumado a guerrear, é bom mostrar logo na saída, que também tenho armas.

Finjo que a cara lasciva não é para mim, ajeito o rabo de cavalo e passo reto... Faço uma produção de quatro xícaras de café, distribuo, dou a volta na muretinha e sento no banquinho... abro o pacote de *scones* e pego logo três. Nem meio segundo depois, um peito enorme gruda-se às minhas costas.

Um calor gostoso espalha-se por todo meu corpo. Meu rosto cora e um gemidinho discreto sai.

— Gostosa pra cacete. Esse macacãozinho é pra me matar? — sussurra sacana no meu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

Fico toda derretida, arranco um pedacinho do meu *scone*, dou na boca chupadora e sorrio agradecendo o elogio. Volto para encontrar Max e Romeo boquiabertos.

— Que foi? Tô com fome — comento de boca cheia.

O míssil é enorme, chupar aquilo tudo demandou muito esforço e energia... preciso comer dobrado agora.

— Não sei se vomito ou tiro uma foto pra mandar pra mamãe colocar em cima da lareira. — Romeo pega a xícara sobre o balcão e assopra para esfriar. — Vocês estão muito ex-namoradinhos que voltaram a se pegar...

— E se for, qual o seu problema com isso? — Dante apoia o queixo no topo da minha cabeça e os braços envolvem minha cintura.

Aconcheço-me como a namoradinha de

um relacionamento que não existe.

— Nenhum... só acho engraçado nunca terem se amarrado com mais ninguém. — Beberica o café.

Pois é, eu também acho.

— Ah... e você se amarra? — Dante rebate.

— O Baixinho é um Stoirm... um puto fodedor compulsivo e sem amarras — Max fala com orgulho e bagunça o cabelo do Romeo.

Dante também é um Stoirm!

O pioneiro dos irmãos... o desbravador que sempre serviu de exemplo.

Um desconforto dá o ar da graça.

— Não acredito, que em todos esses anos, Dante não tenha se amarrado — digo em um muxoxo.

Olhem só pra ele!

— Ué... chocadinha, por quê? — A sobancelha de Romeo franze. — Também nunca te vi namorando.

O quê?

— Andou me vigiando, seu *stalker*? — Com raiva enfio outro *scone* inteiro na boca. — Ficava mandando relatório para Dante? — Digo de boca cheia e arregalo os olhos querendo matá-lo.

— Nem vem com esse olhão esbugalhado para cima de mim, ele me assusta! Pra começo de conversa, o *Fella* nunca pediu nada, pelo contrário... e a palavra certa é cuidei, como sempre fizemos. Vocês mulheres dão mole pra qualquer babaca... psicopatas existem, sabia?

— Vocês uma pinoia! Não sou mulher de dar mole... e para de fazer meia dúzia de caras, parecer um milhão! — Sei que o Romeo sabe que saí com bem mais do que do isso, mas a minha lista

só inclui quem chegou à terra prometida... beijos e amassos não valem.

Ele me olha cínico, voltamos a ter dez anos e começamos uma guerrinha de olhares.

— Engraçado, tem bem mais do que isso na minha lista — provoca.

— Enfia essa sua maldita lista imaginária no rabo! — rebato com um olhar mortal.

— Viu, *Fella*... ela falou rabo. — Olha para o irmão e com a mão na boca, Romeo finge estar chocado. — E mal começou a andar com você, quero ver só daqui um mês como vai estar essa boca. Maggie vai adorar usar aquele pote de pimenta.

Encolho-me relembrando a sensação de ardência. Entre as nossas mães não tinha essa de quem era filho de quem. Havia uma espécie de pacto educativo entre elas, carta branca total. Era

um Deus nos acuda, quando o pote de pimenta rolava solto entre a criançada.

— Cale a boca, *Eejit*. — Dante perde a paciência. — Já disse que não quero saber desses filhos da puta! — esbraveja e volta para mim. — Quer dizer que saiu com milhares de caras? Como quer que eu acredite que nunca namorou?

Hã?

Eu não quero que ele acredite. Nunca disse que não tinha namorado ninguém... Não que tenha namorado, mas se tivesse, isso não seria da conta dele.

Devo ter atirado pedra na cruz, só pode!

De tudo que falei, o ordinário só captou o milhares? Ótimo! Perfeito! Agora ele vai pensar que sou uma vaca pervertida, mais rodada que a London Eye. Daqui a pouco, vai querer saber quando perdi a virgindade... nem aqui nem na

China, vou dizer como e com quem foi. Abro a boca para responder, mas a voz poderosa de Max é mais rápida do que a minha.

— Pera aí, teve aquele bostinha, das nove saídas, deve contar como namoro — Max se mete no assunto e corrige Romeo. Meu queixo cai. *Como assim, o palhação também estava nessas de espionagem?* — Nunca te incomodou ele ter um traseiro de mulher? — ele manda essa para mim.

Hã?

Que traseiro de mulher? Tá maluco?

— Qual cara das nove saídas? — Dante endurece atrás de mim, respirando nervosamente.

Pois é... qual?

Eu mal lembro dos nomes... forço a memória e tento visualizar as bundas dos caras com os quais saí... nada, nem um mísero traseirinho afeminado. Tudo o que vejo é a bunda masculina

PERIGOSAS NACIONAIS

magnífica e as partes esculturais do corpo de Dante.

Nove saídas?

— Ahhh... já sei! O George, da academia!

— berro feliz por ter, finalmente, lembrado direitinho de alguém.

— Deixou um babaca te ver naquele maiô indecente? — Dante fala como se fosse o maior crime do mundo. — Não me provoca... falei sério sobre não foder com ninguém — ameaça em meu ouvido.

O que ele tá falando? Ele nem estava aqui!

Viro e as veias das têmporas de Dante começam a pulsar.

— Que maiô indecente? — Romeo interessa-se.

Mãos firmes apertam a minha cintura, exigindo resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é indecente! O maiô é um clássico... — Giro o traseiro no banquinho e olho direto no rosto bonito. — Ele era meu personal de spinning em outra academia antes dessa.

Explico, mesmo que não mereça, e continua me olhando com a expressão fechada. Vejo a pintinha minúscula no canto do olho dele... Nossa, tão lindinha, como me esqueci dela?

— Claro, o malhador da roupa de lycra! — Romeo bate na mesa, desviando nossa atenção para ele. — Porra! O cara tinha uma baita bunda de mulher mesmo! Namorou ele? Achei que fosse gay.

Minha vontade é de arranhar o rosto do safado do Romeo. Como está longe, fuzilo com o meu pior olhar destruidor de nerds folgados.

— Éramos amigos e não tinha bunda de mulher, ok! — defendo apesar de não lembrar. — Gosto de rir, ele era engraçado e fim de papo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tinha sim — Max não desiste. — Faziam o quê quando saíam? Trocavam calcinhas?

Irritada, pressiono os lábios. Sou um tumulto. Calcinhas, não... minhas roupas de ginástica, talvez. Mas não vou dar esse gostinho a eles, além do mais, George confessou que era gay, em um segredo. A mulherada caía matando em cima dele na academia, se soubessem que jogava no mesmo time que o delas, cancelariam as aulas particulares. Saímos algumas vezes só para ele manter a fama de machão comedor.

— Chega! — Dante quase fura o meu tímpano com o tamanho do berro. — A não ser que estejam dispostos a me dar a lista dos endereços para eu matar um por um, desses filhos da puta, não quero ouvir mais nenhuma palavra sobre isso! Já são quase dez horas... Beatrice tem compromisso e vocês, Scarface para caçar. Alguma notícia vinda

PERIGOSAS ACHERON

dos recrutas?

— Não, os gêmeos já rodaram mais de seiscentas milhas e nada. — Max não parece feliz com a informação.

— Pelo menos, está indo no sentido contrário daqui — Romeo emenda e apego-me a isso.

Sentido contrário é bom.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Confiro, mais uma vez, o estrago na minha cozinha. O sofá pode ser restaurado, mas a perda no estofado de rosinhas é total. Desolada, abraço o corpo, duvido muito que consiga achar um tecido igual. Suspiro profundo.

— O senhor tem certeza? — torno a perguntar em um tom esperançoso.

O empreiteiro, senhor Williams, é um velho amigo de meu avô e de total confiança. Ele tira o capacete azul e coça a careca. Pelo olhar de pena, vejo que ele tem certeza e as minhas previsões continuam péssimas.

— Tenho, moça, o senhor seu avô exige que os novos vidros sejam blindados. Na espessura que pediu, serão dois meses de produção, mais uma semana de instalação. Vamos fechar

temporariamente a parede com tapumes. Isso vai garantir uma certa segurança, mas não aconselho que volte para cá, antes que o serviço seja feito. Sinto muito.

Assinto... sei que não vai adiantar nada insistir em um vidro mais simples. Jack está no modo vovô cachorrão protetor e não vai abrir mão disso.

Merda, minha casinha.

Observo Jack conversar com Dante no jardim. A coisa parece séria entre eles. *Dois meses?* Não vou poder ficar todo esse tempo acampada na casa do Capitão e voltar a morar com meus avós está fora de cogitação.

Agradeço ao senhor Williams... ele se junta à dupla no jardim e vou para o escritório. Pego uma das caixas que o vovô trouxe e começo a recolher o que preciso ter por perto. Foi uma mão

PERIGOSAS NACIONAIS

na roda o Jack trazer o Gabriel e a Mila... parece que a vovó não acordou nos melhores dias, ainda inconformada por eu ter escolhido Dante. Jack gosta do Capitão e não quis que ele passasse, por dois dias seguidos, pela aporrinhção da Martha.

Gabriel entra correndo, derrapa e quase bate na perna de uma cadeira... abocanha o Homem-Aranha de pelúcia, caído no chão, sacode a cabecinha como um louco e sai com tudo do escritório.

Dou risada... o boneco é quase do tamanho dele, depois me preocupo. Mesmo que Dante diga que não e que Godzilla é só um bebê, tenho medo que engula o Gabriel ou a Mila.

Deus, faça com que ele não coma os meus pequenos.

— Escondida? — A cabeça de Dante aparece na porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Recolhendo umas coisas que vou precisar.

O mau humor dele é evidente. Desde que saímos do loft, está emburrado e não tenho a mínima ideia do porquê. Recolho um porta-retratos com a fotografia dos meus pais sorrindo; outro, dos meus avós falecidos e o vasinho de trevos, e coloco na caixa... abro a gaveta, pego o envelope do Jack e o bilhete que recebi com as flores... guardo com o resto.

Dante contorna a mesa e pega uma fotografia minha com Lucca e Chloé, na estante. Fica um tempo em silêncio enquanto analisa a imagem. Reconheço o velho gestual de morder o canto interno da boca, inclinar a cabeça para um lado e soltar uma respirada lenta. Ele está incomodado.

— O cozinheiro... — Alisa a barba

PERIGOSAS ACHERON

pensativo. — Ele faz parte da lista dos milhares?

Encosto a bunda na mesa, ficando de frente para ele.

— Aposto que a sua lista, meu querido, é muito maior do que a minha. — Cruzo os braços. — Não acredito que essa cara emburrada é por causa de uma coisa que nem existe. Cadê o vovô?

— Saiu pra comprar uns materiais com o senhor Williams. — Coloca o porta-retratos no lugar. — Não respondeu a minha pergunta, Beatrice. O cozinheiro está na lista?

Passo a mão no rosto em busca de paciência... Dante sabe ser bem chato quando quer.

Caramba! Eu te chupei, meu chapa. Será que nem isso te acalma?

Conto até dez.

— Somos amigos.

— Realmente, muito amigos... o sujeito te

PERIGOSAS NACIONAIS

devora. Está ou não, na sua maldita lista? — pergunta impaciente com a voz transbordando hostilidade.

Suspiro e não respondo.

Por que tem que ser tão turrão e irritante?

Por que não consigo parar de achá-lo tão atraente?

Na esperança de que esqueça o assunto, abro as gavetas e começo a remexer em tudo. Não entendo essa implicância toda para cima do Lucca. Ele apoia o cotovelo na estante e de canto de olho, tenho um vislumbre das flores em sua tatuagem. Suprimo um suspiro... os braços fortes e desenhados são de matar. Dante me deixa maluca e não é só pelo cheiro ou aparência incríveis. Não entendo a quase veneração por mim e a possessividade. Ele teve a chance dele e foi embora. Não tem o direito de ficar bravo por eu ter

PERIGOSAS ACHERON

tocado a vida.

— Estou esperando, Beatrice.

— Já disse que somos amigos — insisto e continuo revirando as gavetas, sem vontade para um embate direto. Um bufar irritado atrás de mim indica que não vai desistir — Não rolou... não temos nenhuma química.

— Pra saber se existe química é preciso testar — constata e não preciso nem virar para ter certeza de que está puto.

Congelo.

Não quero ir por esse caminho e causar uma guerra. Lucca é meu amigo. O que aconteceu entre nós foi um acidente de percurso. Um momento maluco que veio e foi embora, fruto de uma noite fria, muito louca e regada às toneladas de vinho.

Porcaria!

Sonhei tanto tempo com a minha primeira vez... Não queria que acontecesse com qualquer um. Confiava em Lucca, foi consensual, mas nada como sonhei. Não vi estrelas e tampouco fogos de artifício... nenhuma palpitação mágica, só uma sensação de vazio, de algo incompleto... seguida de um constrangimento que levou semanas para sumir.

Ao contrário de tantos babacas que existem por aí, Lucca foi nota dez. Não mudou uma vírgula comigo quando disse que só o queria como amigo. Hoje temos uma lembrança guardada com carinho e a sete chaves, que nem Chloé conhece.

Um momento que não se compara ao turbilhão avassalador que vivi ontem.

Caramba, Dante!

Tinha que ter sido você ali, não Lucca.

Viro para a presença sufocante colada em mim. Nossos peitos colidem e meu coração dá um

tranco. Ergo os olhos e os azuis-índigo me devoram. Fico entrincheirada quando crava os punhos na mesa, prendo-me entre seus braços.

Mesmo sem dizer nada, sua postura é dominante e intimidadora. A respiração pesada varre meu rosto e a troca de energia faz meu corpo esquentar e reagir instantaneamente. Encho-me de vontade. Exasperada, esfrego o rosto, não sei se vou aguentar dois meses de tortura Dante... vou sucumbir, sinto que vou. Não posso permitir que toda essa atração insana soterre quem sou ou anule a minha história.

— Não vou deixar que se meta na minha amizade com Lucca — digo firme e nossas respirações aceleram. — Se houvesse alguma química entre nós, ele estaria aqui, não você.

Parecendo lutar contra algum conflito interno, Dante molha os lábios... observo,

PERIGOSAS NACIONAIS

fascinada, a língua deliciosa passear pela boca tão gostosa quanto.

— Cacete, odeio que tenha um passado — diz em um sufoco e, então, segura firme meu rosto e me beija.

Perco-me na intensidade do beijo... não é voraz... é lento, profundo, sofrido e novo. Sua língua dança com a minha em uma súplica dolorosa... A raiva comprime em meu peito. Angustiada, envolvo o pescoço tenso, grudando-me a ele... pressiono nossas bocas ainda mais, em uma necessidade secreta de confessar que nenhum outro homem teve importância. Nada se compara às sensações únicas e descomuns que ele vem provocando em mim.

Ofego, sentindo o medo de me entregar por completo e ele ir embora novamente... e de me perder para sempre, nesse sentimento dilacerante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não sei explicar. A mão grande desliza e segura firme minha bunda. Nossas respirações e gemidos se misturam invadindo o escritório... acarício, com cuidado, a nuca machucada, sentindo a textura macia do seu cabelo.

A língua dele aventura-se mais fundo, explorando tudo que acha pela frente... a barba instiga a minha pele. Ele me coloca sentada na mesa, infiltra-se entre as minhas pernas, esmagando nossos sexos. Roça a ereção em um movimento ondulado, lento e suave, provocando-me com um esfrega-esfrega torturante.

— Nossa, como isso é bom — murmuro e abraço seus quadris com as pernas.

Nossas virilhas flertam... e ele me devora. Beija-me intensamente... somos só línguas... salivas, gostos e sons abafados. Uma onda de prazer percorre a minha espinha fazendo meus

PERIGOSAS ACHERON

pelinhos arrepiarem.

— Beatrice, querida! Onde vocês estão?
— o chamado de Jack nos obriga a parar.

Onde era essa loja de tapume? Na esquina?

Nossas bocas desgrudam...

— Inferno! — Dante solta um gemido frustrado, desço as pernas tão frustrada quanto.

— Aqui no escritório. Já estamos indo! — berro com o coração descompassado. — Melhor dar um jeito nisso aí. — Refaço o rabo de cavalo enquanto aponto com o queixo para a virilha de Dante. — Não quero Jack pensando que sofri outro atentado.

Com cara de poucos amigos, Dante enfia a mão dentro do jeans.

— A conversa ainda não acabou, Beatrice
— diz fazendo uma manobra no quadril para

disfarçar o volume.

— Caramba, que chatice. — Jogo os braços para o alto. — Cadê aquele papo de não querer saber sobre os homens do meu passado? Se pretende me infernizar com esse assunto, é bom avisar logo, prefiro ir para um hotel. Aliás, é melhor fazer isso já. — Aliso o tecido amarrotado do macacão. — Não tenho a mínima vocação pra Rapunzel, meu amigo... Nem gosto de histórias de princesas e acho os príncipes encantados um saco. Vou sufocar, não dá pra ficar trancafiada na sua torre por dois meses.

— O caralho que não dá... você não vai pra lugar nenhum — joga a ordem como o Capitão arrogante que é.

Aaaahhhh!

Respiro fundo, segurando a vontade de arranhar a cara bonita dele.

Deus do céu, como esse homem é difícil!

Como consegue me levar para o céu e me jogar no inferno em um minuto? Dou as costas, recuso-me a entrar em uma guerra agora, não com o Jack nos esperando na cozinha. A verdade é que devo estar desenvolvendo algum tipo de masoquismo pós-traumático. Dante tem um néon escrito PROBLEMA na testa e mesmo assim, em vez de fugir, quero correr para ele.

Merda!

Se eu fosse um pouquinho coerente, iria daqui para o Alaska.

Pego as minhas coisas e saio do escritório. Dante marcha atrás de mim, emparelha e captura a caixa. Reviro os olhos e só não a pego de volta, porque está pesada. Se vai fazer da minha vida um inferno, que, pelo menos, seja útil.

— Isso aqui vai ficar barulhento. — Jack

sorri satisfeito ao nos ver entrar na cozinha.

Assinto, mas não digo nada, capricho no sorriso e esforçando-me para demonstrar um interesse que não tenho, deixo que o meu avô e o senhor Williams expliquem a reforma pela décima vez.

Lore chega e dou graças a Deus. Deixo Dante, que escuta a chatice toda com uma concentração militar, me representando e vou para a sala de reunião com ela.

— Uau! Sua casinha parece um campo de guerra. Que merda o lance do assalto, como você está? — Lore dispara assim que me solta de um abraço.

Excitada, maluca, irritada e completamente de quatro por aquele bastado arrogante e mandão!

— Bem, eu acho. — Vou até a mesa de

PERIGOSAS NACIONAIS

reuniões. — O Romeo disse que o cara que nos atacou está longe de Londres, isso ajuda a não me sentir em perigo. Só um pouco maluca, a minha vida virou de cabeça pra baixo.

— Tô ligada, o Capitão Putão está *empenhadão* em bancar o seu herói, né? Chegou metendo os dois pés na porta e não desgrudou mais. Vai fazer o quê?

— Sei lá... tenho opção? Como fugir pro Alaska, tá difícil, o jeito é deixar rolar... — Dou uma chance para a minha consciência que se esgoela gritando que já fiz merda demais nessas de fugir.

— Credo, que desânimo! Estaria rindo de orelha a orelha se tivesse todo aquele armamento pesado a minha disposição... Qual é? Com todo o respeito, o homem é gostoso pra caralho. — Abana-se. — Fora que tem outra, né... até cego

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enxerga a atração estratosférica que rola entre vocês.

— Gostoso pra caralho e doido. — Dou risada. — Tudo bem que tenho dado umas mancadas, mas caramba! Precisa ficar puto com tudo?

— Acho aquela cara marrenta dele um charme e me desculpa, Chefinha, mas você também não é lá muito fácil e nem normal.

— Eu sei — concordo diante das minhas atitudes, que não me deixam negar. — Tô mais preocupada com você — mudo o rumo da prosa. — Não vai dar pra gente trabalhar daqui e nem tudo vamos conseguir resolver por telefone.

Lore considera o que disse e abre um sorriso.

— Quanto a isso relaxa, Chefinha. — Dá um tapinha no meu ombro. — Posso ir até o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Convento numa boa. Fica até mais perto pra mim...
— Pega uma das caixas que Jack deixou sobre a mesa de reuniões e começa a recolher pastas e projetos.

Penso na oferta de Lucca, mas dispenso. Cutucar o Capitão com vara curta é burrice. O homem parece ter um radar filho da mãe. Não quero ficar viúva de amigo.

Começo a ajudá-la. Priorizamos levar só o necessário para o leilão e o Estadia.

Uau, como a gente junta tralha!

— O Miah ligou empolgado essa manhã.
— Lore desconecta os notebooks e coloca na segunda caixa. — Estava lá com as freirinhas arrumando a sala que ofereceram pra gente trabalhar... O bichinho está adorando ser paparicado e ter acesso livre à cozinha.

— Acho que está curtindo bem mais a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ideia de entrar para a gangue dos soldados bombadões do Dante — rebato sem muita animação.

Lore dá uma gargalhada gostosa.

— Chefinha, se esses caras forem um quinto do que o seu Capitão é ou os irmãos dele são, até eu já quero entrar pra essa gangue. Tô tão na seca, que aceito qualquer coisa. Nem precisa ser uma metralhadora igual a deles, um mísero revolvinho^[81] já tá valendo.

Caio na risada. Ela vai surtar quando vir o tipo de armamento pesado que esses caras carregam por lá.

Depois de encaixotar tudo, sentamos e dividimos as tarefas... Ela ficará responsável pelas flores e arranjos de mesa e eu com o bufê, segurança, iluminação e a aprovação dos convites para o leilão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de algum tempo, Jack vai embora e Dante fica rondando sem ter o que fazer. Como ainda não terminei com Lore, mando o grandão subir para pegar as coisas que separei para Gabriel e Mila, o meu carregador de celular que esqueci na gaveta e a Bíblia na mesinha de cabeceira. Indo para um convento é sempre bom estar preparada... Nunca se sabe: vai que a Irmã Hortência descobre o que andamos fazendo por lá e me obriga a pagar uma penitência.



Uma brisa fria, de fim de tarde, sopra no meu rosto enquanto me despeço de Lore. Parada na calçada entrego, com relutância, uma cópia das chaves e a senha de entrada para o senhor Williams.

Atravesso a rua em direção ao SUV

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ridiculamente carregado com as minhas tralhas, tendo a mesma sensação de aperto que experimentei em Oxford quando fechei a porta do meu dormitório e sabia que não viveria mais ali. Uma bola se forma no meu estômago, piso na calçada do lado do rio e viro para dar uma boa olhada no sobrado branco e fofo que chamo de casa.

Não é só o lar... é tudo isso aqui: o bairro, os amigos, as conquistas e o pedacinho de paraíso. Pela primeira vez na vida, quero voltar no tempo e dizer não a Chloé. Procurar por Klaus foi a pior cagada que já fiz na vida. Não me arrependo por Dante, mas de todo o resto, sim.

— Tudo bem aí? — Dante projeta a cabeça para fora do carro. Seus traços estão mais leves... um outro homem de horas atrás.

Own... meu bipolar.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo... *não* — murmuro segurando as lágrimas.

Abraço o corpo quando o vento bate mais forte e sigo sem vontade para o carro. Para piorar o meu ânimo, outro SUV já está a postos atrás da nossa. A melancolia aumenta só de lembrar que as sombras da vez são Trent e Donatela. Não entendo essa obsessão... Pensei que o cerco da segurança diminuiria com Scarface longe, mas pelo jeito, a coisa não é só pra mim, nenhum dos Stoirm sai por aí com as costas descobertas.

Ótimo, se pelo menos eu soubesse por quê?

A mão firme vem para minha coxa assim que sento e fecho a porta. Não há nada de sexual no gesto, só um conforto silencioso. Um afagar suave que diz que entende o que estou sentindo.

— Se quiser, podemos trocar todos os

PERIGOSAS NACIONAIS

meus móveis pelos seus. Quero que se sinta em casa comigo.

Pelo retrovisor, dou uma panorâmica no banco de trás, Mila e Gabriel estão tranquilos em suas casinhas de transporte e o urso polar gigante, sentado bem atrás de mim. Eu me sinto em casa com Dante... aliás, apesar dos rompantes de humor, ele é a única pessoa que me traz verdadeiramente essa sensação: o aconchego de casa.

Engraçado... nós dois, nesse carro, soa tão familiar. Como se, apesar de tudo errado, eu e ele fôssemos certos.

— Não precisa... a sua cama dá de dez a zero na minha — tento parecer divertida, mas não consigo.

Dante estala a língua em um pesar.

— Oh, minha esquentadinha.

Ele solta o meu cinto e o dele... como um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saco de plumas, acabo enlaçada e sentada no colo gostoso. Grudo a bochecha no peitão cheiroso, não quero que veja a melancolia no meu olhar.

— Estou com a sensação esquisita de que não vou mais morar aqui — confesso.

— Maida não vai fugir. — Beija o topo da minha cabeça. — Não está indo para um cativeiro, Treas. Sei que ama o bairro. Se não se sente segura nessa casa, damos um jeito, achamos outra... se estiver com saudades da academia, daqueles burritos gordurosos ou de qualquer outra coisa, é só me falar. Eu te trago para cá, na mesma hora.

Ele está sendo tão legal tentando levantar a minha moral, que não sinto vontade de explicar que não é insegurança, só uma sensação como uma premonição, sei lá...

— Vai parar de trabalhar para virar meu babá? — brinco valorizando o esforço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se for te deixar feliz, vou. Minha prioridade é você. Os caras mandam bem, não precisam sempre da minha ajuda. Tenho outro assunto na Irlanda, que segue tranquilo sem mim... meu melhor amigo, Luke, cuida de tudo... E não faço o que faço pela grana. Depois da herança do meu avô, da bolada na loteria e da indenização pelo Sudão, dinheiro não é um problema. Podemos ir para o Alaska se quiser.

Fico curiosa sobre ele ter um melhor amigo por lá, mas tem algo mais urgente.

— Alaska?

— Ouvi você dizer pra Lore que queria fugir pra lá — diz irônico.

Solto uma risadinha nervosa por ter sido pega.

— Você detesta o frio.

— Verdade, mas dou um jeito... além do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais, tô na esperança de que me esquite. Não iria deixar um macho geneticamente preparado para destruir corações cair em extinção, iria?

O quê?

Desgrudo a cabeça do peito para encará-lo.

— Andou fuçando nas minhas coisas, Dante Stoirm?

— Só no que deu autorização para fuçar... o vibrador que encontrei na gaveta junto com o carregador, nem mexi...

Uh, o quê?

— Toda mulher moderna tem um.

— Hum-hum... sei, mas te dar orgasmos é meu trabalho agora, não daquela bosta rosinha.

Meu rosto ferve, mas não protesto... Apesar daquela bosta rosinha já ter me dado momentos bem bons, ele tem razão. Não preciso de um vibrador tendo a língua abençoada dele.

PERIGOSAS ACHERON

Comigo no colo, Dante inclina o corpo e tira um papelzinho amarrotado do porta-luvas.

— Caiu da Bíblia, não tive culpa. Agora entendi sua fascinação pelo Animal Planet; e a propósito, também achei inacreditavelmente surreal o nosso primeiro beijo.

Mortalmente envergonhada, arranco o papel da mão dele e pulo para o banco do passageiro. Nem preciso abri-lo para saber o que há nele... sei cada uma das linhas decor.



Para a Beatrice do futuro, caso ela esqueça o passado.

Hoje eu beijei Dante e foi tão inacreditavelmente surreal... Juro que acho que vi estrelas e escutei fogos de artifício. Não sei o que deu em mim, mas, de repente, ele ficou tão lindo e

beija tão bem! Acho que estou apaixonada e a culpa dessa tragédia é da mamãe.

Então, como não quero que ninguém que eu ame passe por essa agonia, deixo registrado aqui um conselho para quando eu for mãe:

Meça bem as suas amizades. Principalmente se decidir ter uma filha. Corte relações com todas as amigas que tiverem filhos com potencial de se tornarem homens apaixonáveis. Vai por mim, não cometa esse erro, sei o que digo. Não é preciso ter muito QI para adivinhar o que pode acontecer. Nunca deixe de assistir ao Animal Planet! Mantenha-se atualizada para não esquecer do perigo nunca! É do mundo

animal, é da vida, é um fato comprovado cientificamente! Bons filhotes viram machos incríveis, geneticamente preparados para destruir corações e são impossíveis de serem ignorados.

Pense em tudo o que viveu. Crescer com Dante Stoirm não foi fácil. Não repita os mesmos erros que a mamãe. Será que não passou pela cabecinha sonhadora dela que eu cresceria e ele também? Que um belo dia, o filhote macho da amiga dela se tornaria um adulto dos bons?

Ah, me poupe!

Sinceramente, foi uma baita falta de tato por parte da mamãe. *Sério!* Ela deveria ter cortado as asinhas do papai

assim que ele sugeriu o primeiro churrasco.

Com amor a mim mesma.

Trice Wild



— Escrevi essa bobeira há seis anos —
murmuro.

— Hum-hum...

— Na época, eu era um pouco imatura e
dramática — justifico.

— Hum-hum...

Ele dá a partida no carro.

— Hoje, sou outra pessoa — afirmo com
convicção.

— Hum-hum...

Manobra e saímos lentamente.

— Sabe como é... faculdade, trabalho,

morar sozinha... mudei a forma de pensar —
apresento fatos.

— Hum-hum...

Vira à direita na via expressa em direção
ao Hyde Park.

Embora seja começo da noite, ainda está
claro. O fluxo dos carros, das pessoas deixando os
seus trabalhos e indo para casa, é maior agora e as
calçadas movimentam-se em um vai e vem de
cinzas e roupas coloridas.

— Amadureci. — Começo a me irritar de
tanto *hum-hum* e espio pela janela.

— Hum-hum...

— Dá pra falar outra coisa que não seja
hum-hum? — Esqueço o mundo lá fora e volto a
atenção para ele.

— Posso dizer que não precisa se
preocupar. — Desvia o olhar da via. Rapidamente,

PERIGOSAS NACIONAIS

sorri para mim e volta a prestar a atenção no trânsito. — Sou líder da porra do bando dos fodões e tenho artilharia pesada. Vou botar todos os filhotes de projeto de macho alfa pra correr. Deveria fazer o mesmo com as fêmeas mirins. Porque, meu amor, sempre tem aquela especial... a mais perigosa de todas. A fêmea disfarçada de anjo, a dissimulada projetada para destroçar o coração de alfas como eu... — Sorri cínico.

Sem entender o que esse pirado está querendo dizer, meu coração dá um solavanco... nem namoramos e ele já quer ter filhos? Uma transadinha e quer uma ninhada inteira? Essa merda de destroçar corações é brincadeira, não é?

— Nossa, que maravilha... dissimulada e perigosa, é esse o seu julgamento sobre mim? — pergunto atabalhoada com tanta informação truncada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O SUV entra na Park Lane e pegamos engarrafamento na entrada do Green Park, com dias de verão mais longos, os parques viram points de *happy hours*. Muita gente aproveitando as horas extras de claridade para se exercitar ou simplesmente não fazer nada e relaxar.

— Não só perigosa, como a melhor, esquentadinha — responde depois de fazer a curva.
— Com esse seu jeitinho alucinado e meigo, me enganou direitinho e conseguiu ter meu coração em uma bandeja.

— Por acaso tá dizendo que sou falsa?

— Não... por acaso, estou dizendo que ainda sou apaixonado por você, sua teimosa — joga como se fosse nada.

Ainda apaixonado?

Sinto um nó na garganta, como se estivesse sendo estrangulada... meu coração pula

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apressado nas costelas. O coitado pulsa tão rápido como se tivesse recebido uma overdose cavalgar de adrenalina direta. Minhas veias borbulham... meu sangue esquenta e meu rosto ferve.

Esfrego o peito procurando a bendita agulha cravada nele. Dante já tinha feito algumas insinuações, mas essa foi uma de direita no queixo. Minha cabeça flutua por dentro, como a de um pugilista nocauteado. No fundo, as palavras dele só confirmam o que eu já desconfiava.

Tento absorver o baque, mas fico cada vez mais confusa. *Droga!* É difícil de acreditar. Porque não encaixa, simplesmente não faz sentido... quem ama não abandona, porcaria!

— Porra, estou aqui dizendo que sou apaixonado por você e vai me deixar no vácuo. — Aproveita o trânsito parado para me olhar. — Não estou esperando que diga...

PERIGOSAS ACHERON

— Que também estou apaixonada e que vamos ficar juntos? — interrompo. — Droga! O problema não é esse, Dante. O que me mata é o que acontece depois do *eu estou apaixonado* — explico e, pela expressão nublada, o desgramado não captou a mensagem. — Conhece a história do lobo? — Tento algo mais lúdico.

— Da Chapeuzinho? — A confusão só aumenta nos olhos dele.

— Não... — Reviro os olhos. — Do menino que vivia gritando: *É o lobo! É o lobo!* e não passava de balela. Gritava, as pessoas acudiam e nada, gritava e nada, gritava e nada... Aí, no dia que foi verdade, ninguém acreditou e ele se ferrou. Eu me sinto assim... quero acreditar em você, mas passei anos ouvindo que estava apaixonado para um dia, decidir que não estava mais. Gosto de você, muito mais do que deveria, ok! — confesso num

ímpeto de sincericídio^[82]. — E, muito provavelmente, nunca tenha deixado de gostar... Mas você é o meu lobo, Dante... preciso mais do que palavras. Quem me garante que amanhã, você não acorde e resolva dar no pé?

— Não vou a lugar nenhum. Agora é diferente — murmura depois de um tempo com um tom triste e arrependido.

— É mesmo? — ironizo com os lábios pressionados num claro: *Eu não acredito*. — Juro que quero pagar pra ver, mas *agora é diferente*... Desculpa, Capitão... é muito pouco para eu me jogar de cabeça e assumir um relacionamento... Só tesão e sexo incrível não me bastam. Sou gata escaldada, meu amigo. Tenho medo de água fria. Acreditei em você piamente e tomei um pé na bunda, lembra? Aquilo me estraçalhou, poxa vida! Eu preciso de sinceridade, de cartas na mesa,

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante... da verdade!

— Não queria ter feito aquela merda, mas fiz, cacete! — diz entredentes. — Fodi com tudo porque acreditei que era pro seu bem e cometi um erro! Não vou mais deixar que nada interfira entre nós.

Gabriel acorda e começa a latir.

Os músculos do rosto barbado contraem, deixando-o com uma aura perigosa. Não deveria, mas o acho ainda mais atraente todo zangado.

Droga!

— O que era pro meu bem? — Jogo o braço para trás e embalo a casinha de Gabriel tentando acalmá-lo. — Quebrar meu coração? O que não interferirá mais entre nós? O que aconteceu em Oxford, Dante? O que foi mais forte, ao ponto de você passar por cima de um amor que diz que sente e ir embora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Despejo de uma vez, todas as perguntas que me atormentam. Estou cansada de meias palavras... Essa coisa de queria, mas não podia é demais para mim... É tão simples, quando a pessoa quer estar junto, dá um jeito... não tem desculpa, dor de barriga ou drama que impeça.

Eu largaria tudo por você, droga!

Dante solta a direção e esfrega o rosto numa demonstração de exaustão. Espero... espero... espero... que se manifeste e nada.

— Fala, caramba! — exalto-me diante do silêncio dilacerante. — Como espera que fiquemos juntos, se me esconde as coisas? Não vou viver na mentira!

Droga!

— Não posso! — Esmurra a direção, como um King Kong enfurecido e tenho um sobressalto. — Dei a minha palavra de honra, cacete!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pra quem? — Com ódio, cerro os dentes e esqueço Gabriel, que late como um desesperado.

O rosto carrancudo gruda no meu. Estremeço com a tempestade nos azuis-índigo enegrecidos.

— Já disse que não posso, porra! — vocifera como nunca o vi fazer.

Vejo vermelho.

Só me dou conta do que estou fazendo quando um carro para a milímetros de me atropelar. Espalmo o capô, olho para os lados e meu coração bate descontrolado. Dante grita para Trent cuidar do carro e dos animais... Depois vocifera pra mim... Eu acelero driblando os carros, até chegar à calçada do outro lado. Inspiro puxando o ar e corro... vou desviando das pessoas que me olham como a louca, que provavelmente sou, vejo o portão de entrada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das bicicletas do Green Park, infiltro-me entre dois ciclistas.

— Sinto muito! — grito quando um cai para o lado e continuo.

Não sei o que estou fazendo e muito menos, para onde vou... Tudo que penso é: *Que merda!* Sinto as lágrimas escorrerem quentes pelas bochechas e uma dor angustiante comprime o meu peito.

Dante não confia em mim, nunca vai confiar.

Pulo um tronco, meus sapatos prendem na grama... deixo-os pelo caminho e continuo a correr ignorando os gritos furiosos pedindo que eu pare... Atravesso o gramado, num ritmo de dar orgulho Usain Bolt^[83], meu fôlego está por um fio, mas não paro... corro... corro... corro... como uma lebre fugindo de um tigre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esbarro e derrubo, sem querer, outro ciclista que me xinga de: *Filha da puta!* Alguns gritam: *Cuidado, assalto!* Outros saem da frente e Dante me alcança, agarra-me pela cintura, ambos perdemos o equilíbrio, somos catapultados no ar e caímos rolando embolados pelo gramado em declive... somos uma bomba de pernas e braços entrelaçados, e respirações ofegantes.

Rolamos ladeira abaixo parando a poucos centímetros de um riacho, com meu corpo esmagado pela montanha de músculos. A cabeça morena e descabelada afunda no meu pescoço em uma respiração pesada e exausta. A adrenalina continua a correr solta, meus músculos tremem. Tento me debater, mas estou tão sem ar e cansada da corrida, que desisto.

— O que deu na porra da sua cabeça?

Não consigo responder, o peito dele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comprime o meu e estou quase desmaiando.

— Podia ter morrido atropelada, sua louca do caralho!

Gemo quase agonizando e ele finalmente se toca que está prestes a me matar. Diminui o peso apoiando um cotovelo na grama. Com a pele afogueada pelo esforço ou raiva, afasta os fios grudados no meu rosto... meu rabo de cavalo moderninho já era, desfez-se em algum momento, entre eu pular o tronco e derrubar o outro ciclista.

Encaramo-nos em um olhar voraz e silencioso... ofegando no mesmo ritmo desconcertante. As íris azuis-índigo, com as pupilas dilatadas, refletem raiva, medo, desejo e, seguramente, a mesma lascívia contida nos meus. Sou uma enxurrada de sensações conflitantes... odeio, amo, quero, não quero, preciso, não preciso e sinto uma fome lascada de Dante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caralho, você é completamente louca!
— rosna.

— Louco é você, seu perseguidor! —
esbravejo.

Entreabro os lábios puxando uma inspiração profunda... a língua devassa vem para entreabri-los ainda mais e desce em um beijo desesperado. Projeto o quadril tentando escapar e resisto por exatamente um segundo, até o míssil aticar a minha barriga. Enrosco o pescoço dele e devolvo o beijo na mesma agonia desesperada. Beijo, mordo seus lábios, nossos dentes se chocam, ofegamos alto, respiramos alto, gememos alto... em uma pouca vergonha sincronizada. Nossas línguas protagonizam uma dança erótica capaz de provocar um infarto na Irmã Hortência...

Ensandecida e maníaca por esse homem...
Ofego... as mãos fortes seguram o meu rosto...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levanto e abro as pernas, projeto o quadril e, apesar do ângulo totalmente desfavorável, tento esfregar as minhas partes nas partes dele.

— Esquece o passado... — rosna, mete e tira a língua, e eu me esfrego. — Eu prometo fazer valer a pena daqui pra frente. — Morde os meus lábios e eu me esfrego. — Juro não te deixar no escuro sobre nada. — Beija-me maliciosamente e aí que me esfrego mesmo. — Dá uma chance, cacete... se eu pisar na bola, aí você foge, mas...

— Hum-hum... senhores... — Um capacete preto, comprido e com uma estrela, e uma coroa prateadas encravadas, paira sobre nós eclipsando a luz. — Estão detidos por atividade libidinosa em ambiente familiar. — Um cassetete infiltra-se entre nossas bocas. — Queiram se desgrudar e me acompanhar, por gentileza.

Ops!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Dante

Os ombros de Max tremem enquanto segura o riso. O Hulk que habita em mim está prestes a dizer oi... Olho minhas mãos conferindo se não estão verdes e meus cinco dedos faíscam para dar uma carimbada na cara debochada do babaca.

Controle... controle... controle...

O palhaço não aguenta.

— Cara, vocês dois me matam! Tô adorando essa novela! — debocha e cai na gargalhada cuspiendo uma nuvem escura de café.

— Se tem apreço pela vida, cale a boca, seu puto! — rosno em advertência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Posso não estar em uma situação muito favorável, mas ainda sou o Capitão e irmão mais velho. Cacete, vou ter que ouvir sobre essa merda até os oitenta e cinco anos... A vontade imensurável de partir pra cima e arrastá-lo para fora dessa salinha de detenção, com parede e tudo, só cresce. O puto está vivendo seu dia de glória à custa do meu de cão, refestelando-se na minha merda e curtindo cada minuto.

Dante Stoirm foi preso... o herói de guerra, o filho responsável e de conduta impecável, o Cavaleiro da Rainha dando um passeio no caralho de uma viatura da polícia por atividade libidinosa!

Aquele recruta, projeto de inspetor, que nos deteve no parque, pegou pesado... Qual é o problema dele com brigas e reconciliações? Não interessa que a coisa estava um pouco fora de controle, e foda-se que estávamos quase fodendo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o meu cacete para o libidinoso em área familiar...
caímos num ponto isolado e estávamos de roupa,
porra!

Rolamos tão fundo, que a invasão de
privacidade foi a dele! Esse babaca não sabe o que
é tesão, não? Nunca teve mulher? Do tipo doida,
gostosa e fujona que te enlouquece e faz com que
todos os seus piores instintos aflorem?

Meu cu para o comportamento selvagem
descrito no boletim de ocorrência. Protesto! Não
confere! Vou meter um belo processo por
difamação. Fui um cavalheiro e segurei a vontade
de rasgar aquele macacão e fodê-la ali mesmo, não
fui?

Selvagem, o pau em desuso dele!

De onde tirou que somos um perigo para a
sociedade? Descontrolados uma ova! Recuso-me a
fazer terapia de casal como sugeriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com a mão livre, massageio a testa... essa porra está latejando.

— Tá doendo? — Beatrice aperta a minha outra mão, que segura como uma tábua de salvação.

— Não, tá tudo bem — solto frio, sem olhar para ela.

Ainda estou possesso com o que fez e meu lado racional implora por um belo sermão e umas palmadas educativas, mas não consigo. Sua bunda é uma obra-prima, tapas, só se forem os bem sacanas. Porra, estou virando um frouxo! O desespero estampado nos olhos bicolores está me pegando de um jeito quase doentio... quero protegê-la, não a repreender.

Aquela coronhada fodeu os meus miolos só pode ser!

O certo seria meter essa louca numa

PERIGOSAS ACHERON

solitária e ensinar uns limites a ela... Quase tive um derrame quando aquele carro parou a milímetros de atropelá-la.

Contando até mil, foco no Pug alopado em seu colo... O bicho é uma figura. Nunca vi um cachorro tão vesgo, não sei se está rosnando para mim ou para o outro recrutinha de merda que vigia a porta, estático como um dos guardas de Buckingham.

— Acha que vão nos fíchar? — Há um pavor palpável na pergunta de Beatrice.

Sua maluca, pensasse nisso antes, porra!

— Não tem porquê. Ninguém viu o beijo, além daquele babaca. — Intensifico o aperto de mão para acalmá-la. — Meu pai e o seu avô estão lá dentro dando um jeito.

É isso... virei a porra de um adolescente, sentado em uma salinha cinza e sem janelas,

PERIGOSAS NACIONAIS

recorrendo a ajuda do papai juiz. Se fosse outra qualquer, deixaria que nos ficassem. Não devo nada a ninguém e estou cagando para o que pensam ou falam de mim. Mas era Beatrice ali... desesperada e com medo de prejudicar a imagem da produtora. Meu peito doeu, só de ver a carinha preocupada.

Saí tão louco atrás da doida, que fui de bolsos vazios... Usar minha posição na Royal Honnor^[84] para escapar do flagrante estava fora de cogitação. Acredito na justiça para todos e não sou homem de carteirada. Planejo contar para Beatrice a que tipo de RH pertenço e missões que faço parte, mas não assim... bancando um soldado corrupto que não sou.

Por essas e outras, recolhi o meu bando de cachorros prestes a uivar, baixei a bola e fiz a coisa certa.

PERIGOSAS ACHERON

Sem ter como avisar para Trent, resignei-me a aceitar a escolta até a delegacia. Não quis desperdiçar o meu único telefonema... fui de Max. Não tinha como adivinhar que o *serei discreto*, incluía acionar a cavalaria. A Tropa Wild e o exército Stoirm vieram nos socorrer. *Por Cristo!* Graças a Deus que o Jack joga no meu time e não trouxe a Martha pé no saco.

Incluir assassinato de vó alheia à lista de delitos do dia, não me parece nada bom.

Preocupado, esfrego o rosto e aliso a barba... espero que o Jack não mude de ideia sobre a conversa que tivemos mais cedo e que uma prisãozinha por libidinagem não o faça querer acabar com a minha raça.



— *Jack...quanto a Treas... estou realmente*

sério nisso. O que aconteceu em Oxford...

— Esquece o passado, rapaz. Acredito que não irá magoá-la de novo. Escute, Dante, eu nunca engoli aquela separação brusca... Sempre imaginei que algo maior do que um simples desentendimento tenha acontecido, mas não cabia a mim intervir... Beatrice tem um pai. Estou feliz que, finalmente, a retomou para si. A responsabilidade de protegê-la, agora, é sua, mas é meu papel como avô, acabar com a sua raça se alguma coisa de errado acontecer.



O corpo delicado de Beatrice inclina para o meu lado. Ela olha para Max, que fala com Romeo no telefone, e me cutuca com ombro. Estanho a aproximação cautelosa. Suas sobrancelhas estão franzidas e o verde e o avelã são

puro remorso.

Merda!

Essa carinha de novo me quebra.

— Sou uma idiota, fiz da sua declaração de amor um caso de polícia — cochicha. — Não queria te causar problemas. — Parece legitimamente arrependida.

Quero gritar: *Se não queria, então por que causou?*

Não consigo... estou em conflito e não quero acordar a gata persa que dorme em cima da mesa. Meu demônio diz:

— *Dê umas palmadas nela! Estrangule essa maluca!*

E o meu anjo implora:

— *Não a machuque! Veja como é delicada e indefesa! Ela não fez por mal, só precisa de carinho!*

PERIGOSAS NACIONAIS

Indeciso, inspiro, expiro e suspiro aliviado que, pelo menos, a raiva dela parece ter ido embora.

— Deixa pra lá... — murmuro suave quando o anjo leva a melhor.

Passo o braço carinhosamente por seus ombros, querendo protegê-la, e junto nossas cadeiras em sinal de paz. Só não a coloco no colo porque depois da libidinagem, acho que um certo decoro fará bem para nossa imagem amoral.

— Escolhi o pior momento, eu sei. Não fui muito romântico, né? Vivi tanto tempo no meio do caos, que perdi o jeito para delicadezas. Max tem razão, sou um puto descontrolado... extrapolei lá no parque.

— Eu também extrapolei. — Baixa os olhos e sorri. — Meio que me deixei levar... desculpa de verdade. Perdi o controle com tanta

PERIGOSAS ACHERON

indecência.

Surpreso com o teor inesperado da conversa, confiro Max que, para o bem dele, continua encostado na parede, ocupado com o celular.

— Indecência? — sussurro, quase animado, colando a boca na orelha miúda.

Vontade de chupar essa delícia.

Será que os banheiros dessa porra são à prova de som?

Controle... controle... controle...

— É... — Os olhões coloridos me fitam com um brilho que promete. — Esse seu jeito de falar umas sacanagens... — Baixa os olhos e um rubor sobe pelas maçãs do rosto. — É tão gostoso que tem me dado uns trocinhos inexplicáveis e bem bons.

O quê?

Minha curiosidade atíça.

— Trocinhos inexplicáveis e bem bons?
— quase engasgo.

— Bons do tipo que deixam minha calcinha molhada — cochicha.

Filha da mãe de uma provocadora!

— Caralho, Treas! Depois não quer que eu seja tarado em você. Topa um tratado de paz lá no banheiro?

— Daqui? — Os olhões de coruja piscam animados.

Usando o Pug como trincheira, puxo e pressiono discretamente a mão minúscula contra o pau pronto para a guerra. Abro um sorriso malicioso.

Recebo de volta outro, lindo e bem sacana, que brota na boca carnuda de Beatrice.

— Opa, opa, opa... Que sorrisinhos são
PERIGOSAS ACHERON

esses? — Max guarda o celular no bolso e chega junto. — Não tô acreditando... estão drogados? Colocaram ecstasy^[85] no suquinho de vocês?

— Alguém disse ecstasy? — O recruta dá um pulo ficando em alerta.

— Ninguém disse nada, baixa a bola e volta pra estátua, recruta! — solto a ordem e o babaca paralisa.

Max puxa os cabelos compridos.

— Caras, mal se livraram de uma, já querem se meter em outra? Já estou arrependido de ter pedido carta branca pro Mc.

— Ele deu? — Eu e Treas perguntamos ao mesmo tempo.

— Não. — Max ri.

— Filho da puta, tá fazendo isso de propósito — disparo.

— Como se fosse adiantar de alguma

coisa. Irmão. Já te disse, você é como a porra de um Highlander... nunca vi uma resistência como a sua. Correu a porra de uma maratona, rolou num barranco e esses grampos aguentaram — Max diz impressionado. — Conheço sua falta de limites, seu puto depravado. Pra sua sorte ou azar, a tampa da sua panela é igualzinha a você.

O ombro de Beatrice enrijece.

— Não sou depravada, seu palhaço!

— Imagina, primeira-dama... — Faz uma meia reverência jocosa. — Ao contrário, tem se revelado a rainha do recato. — Pisca sarcástico enquanto tira uma folha presa no cabelo de Beatrice e a dispensa no ar com um peteleco.

O recruta dá um pulo ao ser empurrado pela porta que abre bruscamente. Meu pai, Jack, e o inspetor geral, Bob Duncan, entram animados como se chegassem de um jogo do Arsenal. Atrás

deles, vem o projeto de aspirante a inspetor que nos deteve. Sua cara é a pura derrota.

Por hábito, levanto trazendo Beatrice comigo e assumo posição de sentido. Espero um olhar recriminatório do meu pai ou do Jack, mas os dois parecem tranquilos, beirando ao satisfeitos.

Busco por Max, que sorri para mim.

Minha cicatriz na sobrancelha coça... não era essa atitude que eu esperava deles. Nossa conduta não foi lá digna de orgulho.

— Stoirm! — Bob abre um sorriso bonachão e aproxima-se. — Deveria ter dito logo que era você, Capitão. — Segura-me pelos ombros. — O Stud é novato, do condado de Devon, obviamente não o reconheceu. Ele está louco pra se desculpar pelo mal-entendido, não é, Stud?

Dou um chacoalhar sutil dos ombros e escapo das mãos incômodas de Bob. Enlaço a

cintura de Beatrice. Seu corpo está tenso à espera da sentença.

Concedo a atenção ao baixinho que, a essa altura, perdeu toda a impetuosidade. Seu rosto está roxo e contorcido em relutância agoniada.

— Sinto muito. — Arranha como se tivesse um cacto entalado na garganta. — Desculpe pelo incômodo, Capitão.

Ok, duas horas plantado nessa merda e sei que não vai dar em nada.

Pressiono a boca, contrariado que meus títulos e posição tenham entrado em pauta... Já teria usado a imunidade se achasse correto. Sim... minha posição junto ao país, garante liberdade de ação e me deixa acima de muitas leis. Porra, Anthony sabe o que penso sobre usufruir do poder em benefício próprio.

Respiro, convencendo-me de que foi por

uma boa causa: *Beatrice*. E dispenso as desculpas do baixinho com um gesto desinteressado.

Otário!

— Não é uma honra termos um Cavalheiro da Rainha em nossa delegacia? — Bob insiste na média e o tal Stud concorda constrangido.

Sem um pinga de paciência para puxa-saquismo e louco para ir embora, banco o cortês.

— A honra é minha, Bob. Se não se importa, poderíamos assinar logo o boletim de ocorrência? Nós estamos realmente cansados — enfatizo para encurtar o processo.

— Não... não... nada de boletim. — As mãos gigantes do inspetor geral agitam. — O Jack falou sobre a condição de *Beatrice*. — Seu olhar sobre ela é complacente, beirando a pena. — Foi sorte dela ter por perto um soldado treinado enquanto sucumbia de asma. Sei como é difícil

conter uma pessoa em crise... os espasmos são terríveis. Espero que o pior já tenha passado, menina.

— É, acho que passou — Beatrice murmura entre aliviada e não estar entendendo porra nenhuma.

Seguro a vontade de rir, meu pai é muito liso. Não é à toa que não perdia uma nos tribunais.

Asma e respiração boca a boca? De onde ele tirou essa?

Jack aproxima-se e deposita um beijo na lateral da cabeça de Treas sussurrando:

— Está tudo bem, querida. Na minha juventude, fazia bem pior.

Um grunhido abafado vem de Max. Todos se viram para olhar a fonte do barulho, o puto está vermelho de tanto segurar o riso.

— O ar condicionado — finge uma tosse

— detona a minha garganta — justifica-se com a voz esganiçada.

Seguro-me para não rir e o mandar à merda, só por hábito.

Anthony e Bob são raposas velhas. Embora duvide, seriamente, de que Bob tenha acreditado nessa pataquada, os dois transformaram o beijo libidinoso do parque em um ato de VPN^[86] heroico. Lá longe, meu anjo brada exigindo que eu diga que é mentira, enquanto meu demônio, aqui do lado, ri junto com o puto do Max. Guiado pela expressão de alívio no rosto de Beatrice, o diabo vence.

Estampo um sorriso no rosto, agradeço, despeço-me, agarro a minha mulher e dou o fora.

* .. ♥ .. *

Beatrice

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de nos despedirmos e deixarmos Jack e Anthony com o inspetor geral, saímos pelo mesmo lugar que entramos: os fundos da delegacia. Um estacionamento ao ar livre, bem iluminado, cheio de viaturas, cercado por grades altas e vagas delimitadas por grossas faixas amarelas pintadas no chão.

A noite está mais fria e venta um pouco... um cheiro agradável de damas da noite propaga-se de um canteiro central trazendo uma sensação agradável... inspiro agradecendo a mudança de ares.

Estou com a velha sensação de aperto no peito... a consciência pesada que sempre bate quando deixo o meu temperamento explosivo falar mais alto.

Que droga!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que estou envergonhada, sou a rainha das cagadas e adoraria prometer nunca mais fazer coisas estúpidas, mas me conheço... não consigo deixar passar... são tantas perguntas não respondidas entre nós. Se ao menos, Dante cedesse um pouco e me tirasse da ignorância completa. Não estou pedindo muito... qualquer fiapinho de informação já ajudaria a me sentir mais segura.

Avisto, lado a lado, os SUVs de Dante e da segurança. Trent está sentado no capô fumando despreocupadamente, já Donatela, parece uma onça. Andando impacientemente, de um lado para o outro, com uma expressão dura que fecha mais ainda quando vê que estamos de mãos dadas.

Ignoro a cara de cu. Não é preciso ser nenhuma gênica para sacar que a vaca estava torcendo para que eu tomasse outro pé na bunda... como também, todos os meus alertas vermelhos

PERIGOSAS ACHERON

piscam. Essa mulher quer de volta o que já teve ou pensa que tinha.

Uma onda possessiva revolta meu estômago... meu sexto sentido não falha. Aí tem ou, pelo menos, tinha.

Que merda!

— Tudo bem? — Dante levanta a mão que eu seguro.

Os nós dos meus dedos estão brancos do aperto possessivo que dou nele. Sem graça, diminuo a pressão.

— Tudo bem — murmuro dissimulada. Ganho um beijo rápido e com um sorriso torto, ele pede que eu espere por Anthony... Junto com Max, ele leva as casinhas de transporte para o carro.

Não entendo, o Capitão teria todos os motivos para me mandar pastar, mas não... está cada vez mais animado com o nosso não

relacionamento.

Parada onde me deixou, observo a movimentação e fico puta e coçando de vontade de dar na cara da Donatela quando ela abre um sorriso oferecido e afaga os braços tatuados.

Ordinária!

Mordo os lábios suprimindo um grito: *TIRA ESSA MÃO SUJA DO QUE É MEU!* Engulo em seco... e, de repente, a ficha cai. Dante tem razão, não quanto ao Lucca, claro... aquele mexicano não tá nem aí para mim e vive saindo com beldades, mas é um saco ter que conviver com passados tão próximos. A sensação de ter alguém rondando, à espreita para roubar o que é nosso, é uma bosta.

Conto até dez... Quero que essa Ramba ordinária suma do mapa, mas não posso exigir nada quando não estou disposta a fazer o mesmo.

O juiz Anthony chega e passa o braço pelos meus ombros em um gesto carinhoso e inesperado. Percebo que estou com frio... o calor que vem dele é agradável.

— Que dia, hein? — comenta em um tom bem-humorado.

— Pois é... — Mantenho os olhos grudados em Dante, achando muito bom que ele tenha aberto uma distância decente da Ramba. — Obrigada pela asma e desculpa pelo papelão.

— Papelão nenhum... já aprontei piores. — Afaga meu ombro. — Prefiro meu filho soltando fogo pelas ventas e cometendo loucuras do que metido naquele mundo só dele. Fazia um tempo que não via os olhos dele brilharem ou um sorriso legítimo. Se tem alguém que deve um obrigado, sou eu. Operou um milagre, Beatrice, e serei eternamente grato por isso. Não sabíamos mais o

que fazer para quebrar a barreira emocional dele... é duro ver um filho sofrer e não poder fazer nada.

Aproveito que Dante entra no carro e começa a manobrar, para fugir do abraço de urso do juiz. Sorrio quase com pena... O homem está iludido e não sabe da missa a metade do que se passa entre mim e Dante. Eu me acho ótima e acredito que sou mais qualidades do que defeitos, mas na boa, se eu fosse a Maggie me botaria para correr em dois tempos... Um cara precisa de muito equilíbrio emocional e de um saco na lua, para lidar com os meus rompantes... Atributos que eu sei que o Capitão Putão não tem.

— O senhor está sendo generoso. — *Coitado, não sou a santa que ele pensa, muito menos, tábua de salvação de filho alheio.* — Não consigo enxergar muito mérito nas minhas atitudes. Tenho sido muito mais um problema do que

solução.

— Um belo problema que todo homem adoraria ter. — Seu peito vibra em uma risada profunda. — Mas meu ponto não é esse... sei que existem muitas mágoas não resolvidas e que tem todo o direito de estar fula, mesmo assim, não desistiu dele. Estou grato por deixá-lo entrar e feliz que estejam juntos. Só não quero que se matem.

Um: — Ha-ha-ha-ha-ha, credo, nem eu, Deus me livre! — estupefato e fora de tom, sai da minha boca.

Agora já sei de quem Dante herdou o sarcasmo. Concordo com o direito de estar fula, com o deixá-lo entrar, tenho dúvidas sobre o estarmos juntos e fico cética quanto ao não nos matarmos.

Limpo a garganta.

— O carro chegou... — constato o óbvio

segurando a maçaneta.

Entro e Anthony inclina o tronco para dar uma conferida nos filhos no interior do carro, o juiz cai na gargalhada quando vê Max espremido no banco de trás, entre as casinhas de transporte e o urso polar gigante. Parecendo satisfeito, bate na porta e Dante toca o carro seguido por Trent e Donatela.

Max começa um monólogo sobre a Copa do mundo. Agradeço-o mentalmente e concentro-me na vida que rola fora do carro... Não me admiro em ver pessoas com cabelos de todas as cores, roupa de todos os estilos, executivos de chapéu e guarda-chuva no braço... Engraçado... Londres deve ser a única cidade do mundo em que se decidir sair para a rua de pijama, pantufas e touca de dormir à moda antiga, ninguém olha, ninguém repara.

PERIGOSAS NACIONAIS

Perco-me nos tipos curiosos na rua e seja por fuga ou autoproteção, não quero mais falar sobre o parque ou a delegacia. Sigo o curto caminho até o loft, quieta e pensativa... sei que não terei as respostas que procuro e muito menos, a certeza de que ele não irá esmagar o meu coração de novo.

Suspiro profundo, entre a cruz e a caldeirinha.

Essa é a hora... ou vai ou racha... ou pulo fora ou vou com tudo. Voltar a confiar em Dante, exigirá um salto de fé... um mergulho no escuro, sem garantias.

Como se sentisse a minha hesitação, Dante solta uma das mãos do volante e procura a minha... no momento em que as nossas energias se entrelaçam, eu tenho a resposta... Que se dane! Sim! Estou dentro, muito dentro, dentríssimo^[87]!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero boca, barba, bigode, cabelo, míssil... e cada milímetro dessa muralha de músculos.

Coragem, mulher! Meta as caras!

Ergo e beijo sua mão. Em troca, ganho um sorriso arrasador que diz que ele sabe... sou dele. Não porque eu seja uma idiota, mas porque é assim que é... essa perdição involuntária, um congelamento por sua presença avassaladora, uma insanidade desprovida de banalidades... um mistério sem começo, sem meio, sem fim, sem solução e sem motivo. Um não entender porcaria nenhuma, mesmo assim, seguir em frente.

Ah... Dante... Dante... Dante... que poder é esse o seu, meu Capitão?



— Falei que você estava encucando, à toa
— Max diz abaixado num cantinho da parede

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

envidraçada, onde termina de arrumar o novo espaço de Gabriel e Mila. — Viu só? Amor à primeira vista. — Satisfeito com o trabalho, levanta e bate as mãos na calça jeans. — O Capitão tinha razão... é melhor mantermos os dois separados pelo vidro, hoje à noite. Amanhã quando os colocarmos juntos, já estarão acostumados com a presença um do outro.

Suspiro aliviada e concordo.

Sinceramente, esperava por latidos, rosnados e disputas de território... Estou admirada do vai e vem bem entrosado entre Godzilla e Gabriel. Enquanto Mila se aboletou em cima da geladeira e não está nem aí para nada, os cachorros correm, sentam, levantam as orelhas, abanam os rabos e tentam fungar um para o outro em ações espelhadas, ansiosos que a barreira de vidro entre eles se desfaça.

PERIGOSAS ACHERON

Ouçó o elevador abrir e meu coração dá uma aceleradinha. Faz o quê? Dez minutos que não vejo?

Caramba!

Dante chega da garagem com a última leva de tranqueiras. Aquele quarto de vestir está um caos, não sei o que eu tinha na cabeça para trazer tanta coisa. Ele coloca uma caixa sobre o balcão da cozinha.

— Acabou... acho que trouxe tudo. — Seu olhar recai indefinido para o urso polar sentado no sofá.

O teimoso, metido a carregador, está até suado... Quero rir, mas me controlo. Eu e Max bem que oferecemos ajuda, mas ele que não aceitou.

— Obrigada, Super-Homem. — Dou um beijo impulsivo em sua bochecha.

Dante me olha desconfiado, mas não diz

nada. Abre a geladeira e pega uma garrafinha d'água. Apoia a bunda delícia no balcão da pia e eu recuso o gole que me oferece.

Sob seu olhar atento, pego o vasilho dos trevos e deixo sobre o balcão central. Engraçado, tirando as palmeiras, que já deveriam estar no banheiro quando ele se mudou, não há nenhuma outra folhagem dentro de casa. É verdade o que disse sobre o lugar ser cinza.

Bom, pelo menos era verdade...

Latindo de excitação, Gabriel pula na caminha verde, de dinossauro, e arrasta o Homem-Aranha, vermelho e azul, para mostrar para Godzilla, que morde o vidro querendo abocanhar o brinquedo.

Enquanto Max se diverte acompanhando as estripulias caninas, olho para Mila e sua coleira rosa pink cintilante e dou risada. É... já era o cinza

PERIGOSAS NACIONAIS

e o silêncio... espero que o Capitão não surte, porque somos tudo, menos monocromáticos ou quietos.

— Que foi? — Abraça-me por trás.

— Parece que tem alguém bem feliz na casa nova — explico.

Um sorriso instantâneo surge no meu rosto quando Gabriel tenta passar o boneco através do vidro.

— E você?

— O que tem?

— Que ele está feliz, tá na cara, mas e você?

Eita... eu?

Pega de surpresa, fico de frente e encaro o rosto másculo por alguns segundos. Há uma minúscula faísca de apreensão dançando nos azuis-índigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É... entre mortos e feridos, estou bem... a piadinha infame vem, mas diante dos últimos acontecimentos, acho que não pegaria muito bem, meio mórbido demais.

Penso rápido ponderando os pós e os contras... Aqui pode não ser o meu Maida, mas não é disso que se trata? Superar as merdas, abrir o coração e buscar novos paraísos pessoais?

— Sei lá... — Sorrio ligeiro. — Por incrível que pareça, acho que sim. — Envolver sua cintura e me enrosco no corpo musculoso e quente, que é um paraíso e me deixa, sem dúvida, feliz. — A sua casa não é nada mau. — Dou uma apalpada no estômago liso reforçando o meu ponto.

— Nossa casa. — Dante beija o topo da minha cabeça e a sensação é tão boa.

Alguma coisa acontece no meu coração ao ouvir: *Nossa casa...*

PERIGOSAS ACHERON

Bandido.

Olha ele aí, de novo, fazendo mágica com as palavras e funcionando.

Esfrego o peito forte em um gesto de concordância. Mesmo que temporário e difícil de acreditar, está acontecendo, não está? Eu e ele sob o mesmo teto? E para a minha absoluta surpresa, não me sinto uma estranha no ninho. Estou aqui por minha vontade... quero tentar.

Sorrio de novo para ele, que volta a me olhar desconfiado. Amplio a curvatura dos meus lábios em um: *Relaxa, meu querido, eu também não estou me reconhecendo.* Talvez, a coisa do: *parceiros no crime*, aproxime mesmo as pessoas... sinto uma cumplicidade depois da delegacia... é... não tem graça ser fora da lei sozinha.

Uau... nossa casa...

Repito, perdida nos olhos magníficos que

PERIGOSAS NACIONAIS

me irritam e me acalmam. Gosto da ideia do nossa, palavrinha tão minúscula, mas com um significado imenso.

— Bom, já que as crianças finalmente dormiram e estamos todos felizes. — Max indica Gabriel e Godzilla apagados um de cada lado do vidro. — Tá tarde, onde estão os lençóis? — Aproxima-se da cama e coça o queixo avaliando o lado de Dante. — Nem a pau vou dormir nessa merda ensanguentada.

Hã?

Minha felicidade cai um pontinho... Estava na expectativa de... *merda!*

— Vai dormir aqui? — Dante grunhe a pergunta parecendo tão surpreso quanto eu.

— Vou. Aquela bosta de delegacia me esgotou. — Ergue os braços espreguiçando-se.

Eu e Dante nos olhamos decepcionados.

PERIGOSAS ACHERON

Não ousou dizer nada, apenas observo. Maggie me mataria se expulsasse seu filho querido, ainda mais, depois dele ter passado horas enfurnado naquela joça de delegacia para livrar a nossa cara.

Merda... merda... merda!

Já era minha trepadinha da alegria.

— Vocês não vêm? — Max manifesta-se, já que continuamos calados. — Tô cansadaço^[88] e ver essa melação toda entre vocês me deixou carente. — Senta e planta as mãos no colchão testando a maciez. — Eu fico no meio. Quero dormir agarradinho. — Abre um sorriso sugestivo para mim.

— A porra do cacete, que vai dormir agarrado com a minha mulher! — Dante finalmente explode.

— Ai... essa doeu! — Max pressiona a mão no peito. — Irmãos têm que dividir tudo —

diz num tom magoadado. — Não foi isso que Maggie ensinou? Qual é o problema de me deixar dormir agarradinho com a primeira-dama?

— O olho direito ou o esquerdo? Você escolhe, seu puto!

Dante me solta e parte para cima do irmão, que dá um pulo ficando de pé na cama. A gargalhada de urso explode. Os dois ficam se encarando como bichos... Dante nervoso e Max divertindo-se com a revolta do outro.

— Desce daí, seu porra! — Dante ruge.

— Cara, você pega pilha muito rápido! — Max diz entre gargalhadas. — Precisava ver a cara de vocês de *já era uma fodinha feliz!* Não vou dormir aqui! Marquei de comer uma gostosa. — Ri, pula da cama e voa como um jato para o corredor.

Dante vai atrás proferindo uma ladainha de palavrões e ameaças. Eu os sigo por inércia e

diversão. Max pula no elevador e fecha a porta.

— Não adianta fugir, Palhaço!

— *Da próxima vez, seja mais rápido, seu velho. Boa noite, Trice delícia!* — Max berra do elevador fechado e volta a gargalhar.

— Delícia o teu cu! Senhora Trice, se não quiser perder a porra das bolas!

Nossa, quanta delicadeza!

Reviro os olhos.

— *A mamãe te esfola se tocar no meu parque de diversões, seu invejoso!* — A gargalhada dentro do elevador some. — *Boa noite e boa sorte, senhora Trice!*

Homens!

Observo o ser fascinantemente complicado, que puxa os cabelos e xinga o elevador como se adiantasse alguma coisa. Adoro como os músculos das costas dele contraem quando respira

pesado... Meus olhos recaem para o traseiro dadivoso^[89].

Espetáculo de bunda.

Caramba!

Estou muito ferrada e gosto disso... de tão doido, é perfeito. Mordo os lábios tentando segurar o riso, mas não consigo... o ar escapa em uma bufadinha ridícula.

O corpo, que bloqueia o corredor, gira. Os azuis-índigo cravam nos meus como flechas certeiras.

— Tá achando graça, Trice delícia?

Embora meu corpo trêmulo diga que sim, nego com a cabeça. Ele encasqueta por cada coisa esdrúxula que só Deus na causa. Tento parecer séria, mas não consigo. Meu riso escapa de vez e as veias das têmporas dele pulsam.

— Hoje você aprontou demais... Talvez

PERIGOSAS NACIONAIS

umas palmadas te ensinem a não mentir e se comportar.

Uh, o quê?

— Nem se atreva. Fizemos um acordo de paz.

Dou um passo para trás quando ele dá um para a frente e assim vamos... recuo presa ao seu olhar obscuro, até minhas costas baterem na coluna da área de estar.

— Eu não lembro de ter te fodido naquele banheiro... tratado nenhum, Treas.

Os tendões dos seus antebraços saltam ao pressionar as mãos na coluna, encurralando-me. Uma excitação saltita nas minhas partes baixas, engulo em seco. Adoro essa sacanagem desavergonhada em seu olhar.

— Te dou minha palavra... o que vale é a intenção — murmuro.

PERIGOSAS ACHERON

— Será? Acho que não. Alguém me disse hoje que palavras não provam nada.

Bastardo!

Começo a arquejar. Quero trepar, não apanhar.

— Vai acordar o Gabriel e a Mila.

— Até parece que eles nunca te...

— Não — interrompo com veemência. — Nunca levei um homem para casa... não para isso.

O Sorriso abre.

Deus, o bipolar voltou.

— Temos um ponto em comum então.

Meus olhos piscam em incompreensão. Duvido que ele nunca tenha... *Aaah.*

Rapidamente ele me vira e me direciona na coluna de modo que eu fique de costas para ele. Meus pés estão no limite da área elevada e o restante do loft. Grudo as mãos no concreto gelado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em busca de apoio. Do piso rebaixado, Dante cola-se a mim. O desnível faz nossos quadris nivelarem... Sua ereção esfrega-se na minha bunda enquanto as mãos capturam os meus seios.

— Se me bater, vai levar — aviso.

Ele ri e beija o meu pescoço.

— Não sou um espancador pervertido. — Uma mão desce lentamente contornando meu quadril. Ela se afasta e sinto a ardência de um tapa na polpa da bunda. Meu clitóris pulsa. Gemo baixinho, detestando a reação deliciosa desse estímulo. — Isso só tem a ver com prazer, não com dor.

Provocador depravado.

O zíper do meu macacão abre e o tecido cai rodeando os meus pés. Livro-me dele.

— Deixe os saltos — ordena quando faço menção de retirá-los. — Abra as pernas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Excitada pelo tom imperativo, obedeco sem pensar duas vezes. Com rapidez e habilidade, Dante se livra do meu sutiã e calcinha. É isso... respiro ofegante, totalmente nua e à sua mercê.

As mãos ásperas vagueiam pelo meu traseiro, reajo a elas em um requebrar suave. A respiração dele acelera... Olho sobre ombros para captar um olhar selvagem sobre mim... Arrepio-me. Há algo irresistível, chamado erotismo puro, nele. Seus afagos brutos e a forma provocativa com a qual me toca... só me deixam desejosa e pronta.

Totalmente úmida, ofego deslumbrada pelo macho bom que é... a cabeça morena sobe e sem pedido, meu queixo é capturado e minha boca possuída. Beija gostoso e com força... mergulhando impiedosamente a língua... depois oferece-me o dedo. Não me surpreendo, é audacioso, carnal e eu o chupo.

PERIGOSAS ACHERON

Um grunhido provoca minha nuca... repito os mesmos movimentos que fiz em seu pau hoje cedo. Chupo... chupo... chupo... até que o dedo escapa para ir provocar o meu mamilo carente de atenção.

Grudo a testa no cimento quando outra dupla de dedos habilidosos se infiltra entre as minhas pernas. Dante grunhe ao constatar o quanto estou encharcada. Contorço-me e gemo sem nenhum pudor, meu seio e boceta estão sendo torturados por seus toques e gosto disso.

O barulho do meu sexo sendo dedilhado como um instrumento me põe na borda. Puxo o ar entre os dentes...

Rebolo, choramingo e peço mais... o agitar frenéticos dos dedos me enlouquece. Tateio o jeans em busca da ereção. Massageio sua exuberância retribuindo a delicadeza feita em mim. Adoro senti-

lo duro e tão quente... lembro de como foi bom experimentá-lo e quase gozo.

Aaaah! Que pau gostoso esse homem tem.

Deus... minhas feminilidades pulsam, a provocação para e protesto em um rebolar de quadris. Quero gritar: *Me fode, porra!* Mas gemo por antecipação quando recua, ouço o zíper abrir e sinto a movimentação de seu quadril atrás de mim.

A embalagem da camisinha pinica meus lábios.

— Morde.

Prendo a pontinha entre os dentes, ele força o pacotinho, rasgando-o.

— Nossa, você fica um tesão vestindo só esses saltos. — Beija abaixo da minha orelha. — A visão daqui de trás é espetacular... Segure firme na coluna e empine essa bundinha pra mim.

— Vai me comer de roupa, seu safado?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa primeira rodada sim. Preciso testar a resistência dessas colunas — diz irônico e bate na minha bunda. — Vai... empina.

Penso em fazer um doce... mas o descarado me empurra contra o concreto, esfrega a ereção contra as minhas nádegas e faço o que pede.

Sou uma fraca, sei que sou.

Ele inclina, o braço serpenteia o meu ombro impedindo o meu choque direto com o material duro. Solto um suspiro suave quando a mão espalma um seio e o dedão instiga o mamilo. Depois grito em êxtase quando entra em mim, metendo tudo de uma vez.

Deus da misericórdia!

Isso sim é um míssil.

— Delícia de mulher... — grunhe antes de começar a se mover.

Ofego completamente tomada pelo objeto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

identificado e bem-dotado... Não tenho palavras, a sensação de tê-lo dentro de mim é mais poderosa do que da última vez. Ele começa um vai e vem lento e profundo, e meu interior inteiro se expande tentando acomodar o invasor.

Perco a noção de tempo e espaço. Fecho os olhos. Sentir cada centímetro desse pau de respeito entrar e sair, captura-me de um jeito que só sei apreciar, gemer e rebolar. Empino o máximo que consigo a bunda... deixando que nossos sexos se provem enquanto ele me come como bem quiser. Sou uma rendida fazer o quê?

À medida que suas estocadas progridem, minha pele esquenta fazendo brotar uma leve camada de suor.

— Rebola mais... isso, inferno!

Geme descontroladamente e amo os sons másculos e selvagens que saem dessa boca suja. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parte central do meu corpo tensiona com a pressão de ter algo tão grande e poderoso enfiado ali... Bolhas de prazer se agitam na minha feminilidade indefesa e domada.

— Delícia... delícia... delícia... —
murmuro quando começa a bater forte.

Minhas pernas falham... as mãos vêm para sustentar minhas ancas... o ritmo acelera em um entra e sai furioso. Os quadris vigorosos ondulam em uma dança deliciosa e ele mete... mete... mete... Quase sufoco, a energia que me invade é tão avassaladora que perco o domínio sobre mim... Estou soterrada por uma avalanche de sensações físicas e emocionais. Se a intenção dele era me possuir por inteiro, conseguiu.

Não sei como consegue ou de onde arranca forças, mas quando penso que não há mais nada para dar, o ritmo da penetração aumenta fazendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos ruídos atingirem níveis absurdos.

— Caralho... me sinto vivo de novo!

Dante berra surpreendendo-me... Embora não tenha entendido o que quis dizer com aquilo, eu também sigo vivíssima e gemendo para ele... Meus seios balançam com o impacto e estou prestes a gozar... Esse homem é uma máquina de foder... santa resistência militar.

— Sai, porra!

Hã?

Sinto a perna direita dele chacoalhar... Dentro da nuvem de prazer que me encontro percebo um minivulto revoltado puxando como um alucinado a barra da calça jeans.

— Gabriel — gemo de vergonha e o cachorro rosna.

Meu Deus!

Eu perverti o meu bebê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma! O papai e a mamãe estão só brincando — Sem parar de meter, Dante tenta uma outra abordagem.

Papai e mamãe?

Fico chocada e por instinto, retraio o quadril.

— Nem pense em parar! — Dante ruge. — Ignora o bicho e foca no pau!

Segura com mais firmeza as minhas ancas, gira o quadril e atinge um ponto que me faz ver estrelas de prazer... A coisa vira um caos... Godzilla começa a uivar lá fora, eu gozo forte gritando por Dante, que xinga, mas continua a estocar e Gabriel rosna e morde.

O corpo gigante, atado ao meu, retesa para depois explodir em seu próprio prazer... Grunhidos sensuais eclodem dele e uma satisfação pelo gozo alheio me toma... Suspiro, ainda absorta nas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensações desconcertantes que ele me proporcionou. Dante agarra a minha cintura e ficamos grudados, ofegantes e imóveis... perdidos em um mundo só nosso. O hálito quente varre o meu pescoço trazendo uma sensação excitante e, ao mesmo tempo, acalentadora.

— Viu? Somos bons juntos, Treas. — Beija meu ombro. — Fodidamente^[90] bons pra caralho.

— Somos mesmo. — Dou um sorriso rendido.

Vou voltando para a Terra... Nossos corpos se acalmam e junto com eles, Gabriel, que para de rosnar, perde o interesse e volta correndo para o vidro onde Godzilla continua a uivar.

Dante me pega no colo e vamos para o banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Sentada no balcão da cozinha, com Dante em pé entre as minhas pernas, aperto os braços dele. Aos poucos, o cheiro de café fresco vai tomando conta do lugar.

— Você não era assim tão forte. — Percorro o tórax nu em uma carícia lenta e finalizo apalpando os bíceps tatuados com uma adoração indisfarçável.

Com o dedo, ele puxa a gola da camiseta enorme que me cobre e dá uma espiadela descarada em meu corpo.

Meu rosto enrubesce, não há nada em mim, além dela.

— Você não era assim tão gostosa. — Pisca de um jeito sacana.

Deus, adoro essa voz rouca matutina.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio e num impulso carinhoso, rodeio sua cintura com as pernas e o pescoço com os meus braços. Grudo-me ao corpo maciço em um abraço apertado. Inspiro o seu cheiro bom. Vai ser difícil enjoar disso... é tão... tão... tão macho delícia fodedor dos infernos.

Com um suspiro profundo, Dante afunda a cabeça no meu pescoço e retribui o aperto. Relaxo enquanto suas mãos acariciam minhas costas em um vai e vem lento e delicioso.

Estou feliz... simples assim. Abraçada, satisfeita, deslumbrada, bem-fodida, faminta e contente... Nunca transei tanto numa noite só... Fomos da coluna para o banheiro, para a cama e horas depois, por iniciativa minha, na cama de novo. A coisa só acabou agora há pouco e não sei dizer qual delas foi a melhor... Talvez, porque esteja sentindo tesão demais nesse homem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

insaciável, não consigo escolher qual dos Dantes foi o melhor me comendo... o bruto, o lento, o safado, o sonolento... não importa. Tudo nele é bom e me leva a ver estrelas.

Obrigada, Deus, pelas transas alcançadas.

Obrigada... obrigada... obrigada... O negócio foi divino.

— Cansada?

— Não. — Sou sincera, apesar de não ter dormido quase nada.

— Dolorida. — A mãozona infiltra-se e toca gentilmente a fenda da minha boceta sensível.

— Um pouquinho. — Estremeço quando um dedo investigativo se aprofunda.

— Desculpa. — Olha-me com culpa.

A carícia vai embora e sinto uma falta imediata do seu toque. Afasto nossos corpos para

PERIGOSAS ACHERON

poder encará-lo melhor. O incômodo não é nada diante do prazer descomunal que me proporcionou. É até bom... é a lembrança da sua presença esmagadora em mim.

Gosto disso.

— Não se desculpe. — Deposito um beijo suave nos lábios inchados. — Foi maravilhoso.

— Maravilhoso, mesmo eu me irritando e colocando o baixinho empata-foda pra ir dormir com Godzilla? — A sobrancelha da cicatriz levanta.

Dou risada.

O Capitão se irritou mesmo quando Gabriel voltou a latir no primeiro gemido que dei na cama e começou a puxar o edredom. E, é claro, que eu estaria puta da vida se ele tivesse sido devorado. Por sorte, assim como aconteceu com Mila, Godzilla o adotou de primeira. Foi bonitinho

PERIGOSAS NACIONAIS

ver os dois interagindo. Eles se rodearam e se cheiraram por minutos sem fim. Gabriel correu de lá para cá, depois arrastou o Homem-Aranha e o cobertorzinho ofertando-os ao novo ídolo e recebeu em troca um osso maior do que ele... até que finalmente entraram e se aconchegaram na casinha.

— Mesmo ficando puto. — Franzo o nariz em um charme intencional que me surpreende.

Desde quando fui tão manhosa?

Pois é... as horas intermináveis das invasões poderosas e precisas do míssil Stoirm me deixaram rendida, caidinha, derretida, seduzida e por aí vai... *Filho da mãe de um trepador sedutor!* Parece que o fato dele foder como um deus, estar gostoso pra caramba e gostar muito de me fazer gozar, aniquilou o meu ranço sacramentado.

Que esquisito, nem consigo me sentir traidora de mim mesma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É como se a vida quisesse me recompensar por todo o sofrimento. Provocado pelo Dante, que fique bem claro, mas quem lembra? Estou tão no momento fodida, feliz e com fortes tendências ao perdão... que as promessas de *nunca* ou de *nem pintado de ouro* evaporaram.

Milagre da foda bem dada, só pode ser.

Sinto-me uma baita de uma abençoada, isso sim. Como se todos os anjos tivessem se reunido, visto que fui uma boa menina sofredora e me dado por prêmio uma dádiva celestial na forma do pau mais gostoso do mundo. Fazer o quê? A justiça divina é feita de merecimentos, não é mesmo?

Um: — Ai... ai... — resolutamente me escapa.

Suspiro.

— Que foi? — Aperta minha cintura. — Arrependida?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã? Não. — Acaricio os cabelos bagunçados, fascinada em como os azuis-índigo estão brilhantes. — E a cabeça? — pergunto ao sentir o machucado.

— Sem dor... tranquilo — responde resabiado. — Tudo bem mesmo?

— Tudo e o corte? — Meus olhos recaem sob os grampos no abdômen sarado.

A cafeteira apita.

— Cicatrizando bem. — Morde o canto da boca avaliando-me. — Está com fome? — muda de assunto parecendo desencanar.

— Bastante. — Sorrio.

Até que enfim me ofereceu comida. Meu momento mocinha quer seduzir garanhão não combina com abrir a geladeira e sair devorando tudo. As calorias do sanduíche que Jack levou ontem, na delegacia, já foram bem gastas, há horas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Waffles?

Minha boca saliva.

— Pode ser.

Dante se afasta. Admiro o belo traseiro ir e vir enquanto ele abre a geladeira e os armários atrás dos ingredientes e utensílios.

— Vai fazer a massa? — Surpreendo-me.

— Disse que cozinhava — diz com um ar presunçoso. — Não quero você comendo essas merdas industrializadas.

Sorri e aperta o botão sob o balcão. O vidro passa para translúcido. Gabriel e Godzilla já estão a mil correndo de um lado para o outro. Mila pula da geladeira e começa a miar pedindo para sair. Outro toque e as portas de vidro deslizam suavemente.

Recolho as pernas esperando por uma invasão e um possível ataque, mas esse não vem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os cachorros continuam a brincar enquanto Mila passa por eles e se esparrama na espreguiçadeira.

— Pelo jeito, perdi a graça — reclamo.

— Não pra mim. — Dante vira e me dá um beijo rápido. — Quer tomar banho enquanto preparo o café? A que horas é a sua reunião na agência de publicidade? O Jeremiah vai com você?

— Só à tarde. — Pondero entre o banho e observá-lo cozinhar. — Vou sozinha, prefiro que Miah e Lore comecem a ajeitar a salinha da sacristia. — Esfrego o rosto com desânimo, só de pensar na bagunça. — Droga! Tenho que arrumar as minhas roupas, não consegui nem achar as camisolas.

— Não achar as camisolas é um problemão. Estou louco pra te ver metida em alguma merda sexy. — Beija meu pescoço. — Vou pedir para a Irmã Rubi vir e organizar tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério? — Abro um sorriso. Se tem uma coisa que odeio é arrumar armário. — Não fica chato?

— Ela gosta e sem aquela bosta de vibrador por aqui, acho que não seremos excomungados. — Dá um tapinha na minha coxa e volta para a bancada central.

Pulo do balcão e o abraço por trás.

— Quem diria, hein, senhor Capitão. Você tá me saindo melhor do que a encomenda.

O peito grande vibra em uma risada gostosa.

— Não viu nada ainda, senhorita Treas. — Empurra minha barriga com a bunda de aço. — Agora vai tomar a porra do banho, antes que eu desista de alimentá-la e resolva comê-la. Exigi demais da sua bocetinha, não quero passar dos limites.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu gosto que passe dos limites. —
Deslizo a mão até o míssil semiengatilhado.

— Sai, praga abusada! — Desgruda-se e
coloca o bowl entre nós como se fosse um escudo.
— Caralho! Nem ferrando vou arriscar machucá-la.
Deu pra sentir que está inchada. Precisa de umas
horas pelo menos.

— Chato pra caramba você — boto pilha,
mas, no fundo, acho bonitinha a preocupação em
não me ferir. — Propaganda enganosa isso aí. —
Aponto o míssil instigando-o mais.

Os azuis-índigo estreitam ao voltarem-se
para mim.

— Vou te mostrar a fúria do enganoso —
fala baixo como uma ameaça. — Banho, porra!

Saio rindo da cara feia. Sinto seus olhos
em minha bunda a cada passo que dou em direção
ao corredor.

PERIGOSAS ACHERON

Capitão Pilhado.



A voz de Margot Prest, diretora de projetos da agência de publicidade parceira, voa cada vez mais para longe... uma ladainha interminável sobre nomes na lista para o evento no Museu, gramatura de papel dos convites, tipologia de letras, sistema de entrega e confirmação de presença. Estes são os últimos itens de uma lista de vinte já discutidos, incluindo a ideia que tive como presente de trinta e cinco anos de casamento dos meus pais.

Caramba! Eu trabalho demais!

A agitação de ontem e a noite sem dormir começam a bater. Minha capacidade de concentração já foi para as cucuias há muito tempo. Estico os braços sobre a cabeça, girando o pescoço

de um lado para o outro. Minha atenção recai para um grupo de pessoas multicoloridas e sorridentes, que passa na frente da sala de reuniões, um enorme aquário de vidro no primeiro andar da fábrica reformada em sede da agência.

Poxa vida, estou numa canseira lascada e nunca tinha pensado no ritmo alucinado que me autoimpus nestes últimos anos. Tudo para não pensar nele, eu sei. O que não faz mais sentido, já que meu cérebro decidiu que Dante é o meu novo assunto preferido no mundo. Não consigo tirá-lo da cabeça um só segundo.

O que será que ele foi fazer depois de me deixar aqui?

Checo o celular, que costumo deixar em cima da mesa para gravar as reuniões e não perder nenhum detalhe. Zero mensagens.

— Ai, Beatrice, desculpa. Disparei a falar,

informação demais, né?

Hã?

Em câmera lenta, mudo o foco do celular para a Margot.

— Imagina, informação nunca é demais.

— Sorrio reparando como os fios castanhos, curtos e levemente desordenados de seu cabelo combinam com os óculos de aros de casco tartaruga que está usando, que por sua vez combinam com o terninho marrom.

— Juro que estamos quase no fim. — Vasculha entre uma infinidade de papéis sobre a mesa e pesca um e-mail impresso que reconheço como meu. — Fiquei confusa sobre a mudança do endereço de entrega do seu convite teste. É mesmo no Convento de Sant Abbey, aqui em Westminster?

— Pois é... — *Conhece o Batman? Tô lá na casa dele.* — Vou ficar aqui pertinho por uns

PERIGOSAS NACIONAIS

tempos. Não demorei nem dez minutos para chegar.
— Sorrio lembrando do café da manhã caprichado.
O grandão sabe mesmo cozinhar.

Ela me olha esquisito e sei o que é. Só me dei conta do fato de Dante não ter um endereço formal, vindo para cá, quando perguntei a ele para mandar o e-mail. Como falar sobre o ataque está fora de cogitação, não sei o que dizer, nem como explicar. Tento uma meia-verdade.

— Tive um problema na estrutura do sobrado de Maida, estou reformando. — Minha expressão fecha pelo sofá e vidros destruídos. — As Irmãs são velhas conhecidas da família e foram gentis me oferecendo um espaço provisório.

— Chato isso... e o nome que queria incluir na lista de convidados do leilão?

— Ah... Dante Stoirm.

— Endereço?

PERIGOSAS ACHERON

Pestanejo por um segundo.

— O mesmo que o meu — informo como se não fosse a grande coisa que é.

O olhar esquisito volta dobrado.

— Novo fornecedor? É qualificado?

Quero rir. Novo... novo, não, mas certamente qualificado. ISO máximo na categoria bem-dotado. A lembrança dos centímetros e mais centímetros do melhor fornecimento peniano que uma garota pode ter, faz meu corpo aquecer e vibrar em áreas impróprias para uma reunião de negócios.

Remexendo na cadeira, para tentar recuperar a compostura, olho para Margot sem saber o que responder... A gente se conhece desde a faculdade, mas não somos amigas ao ponto de dividir minhas intimidades. Nem ferrando, vou divulgar as qualificações corporais do Capitão para

a concorrência.

Droga!

Estamos transando, ok, mas não sei o que Dante é meu e muito menos o que nós somos um para o outro. Amigos de foda? Namorados de mentirinha? Um caso indefinido? De repente, fico estranhamente incomodada porque nenhuma das alternativas se encaixa a nós e percebo que eu me importo. É uma bosta não ser rotulada de bosta nenhuma.

— Um amigo da família — respondo na falta de uma definição melhor.

— Ah... um amigo, entendo, ok. — Sorri sem engolir a minha. — Acrescentando, Dante Stoirm à lista. Acho que é isso. Agora é só esperar que os convites sejam entregues... No máximo em três ou quatro dias, todos os convidados já terão recebido e começaremos o processo de RSVP^[91].

— Perfeito. — Suspiro aliviada.

Já posso dar como encerrado os preparativos para o leilão e a festa dos meus pais. Tudo que me resta agora, é esperar e torcer para que não surja nenhum imprevisto até lá.

Com a sensação de dever cumprido, aceito o convite para um cafezinho comemorativo que Margot me oferece. Envio uma mensagem para Dante avisando que estarei lá fora em dez minutos e saímos do aquário. Deixo minha pasta com uma das recepcionistas e seguimos para a cafeteria no final do corredor.

Diminuo o passo e penso em dar meia volta.

Que saco!

Ver Nora Bronx sempre faz meu humor ir para o ralo. Existem dezenas de ótimas agências e fornecedores em Londres, mas é claro, que de uns

PERIGOSAS NACIONAIS

tempos para cá, a loira alta, que sorri rodeada de publicitários babões, resolveu ir atrás dos meus.

Nora gira o pescoço comprido e seu olhar encontra o meu. Uma pequena faísca dispara entre nós... a inveja dela choca com o meu ranço. A jararaca sorri falsamente para mim. Meu coração acelera e meu sangue bombeia com mais força. Resisto a vontade de tirar meus scarpins nudes altíssimos e arremessá-los bem no meio da testa da ordinária. Puxo o ar... eles são muito lindos e caros para serem sujos com sangue de cobra. Endireito a postura agradecendo ter escolhido o jeans que me deixa gostosa pra caramba e a camisa de seda nude que valoriza os seios. Claro que a roupa foi pensada para provocar Dante, mas é sempre bom encontrar as inimigas quando estamos no modo divas delícias.

Autoconfiança é tudo nessa vida!

PERIGOSAS ACHERON

Abro um sorriso mais falso que o dela e sigo em direção ao mesmo balcão de café.

A cabeça de Margot inclina para mim.

— Nora estava acostumada a ser o centro das atenções, até você chegar e virar a queridinha — cochicha. — Ela anda um pouco amargurada com a repercussão positiva do projeto Estadia e possessa que Yuri lhe negou um convite para o leilão.

Assinto, mas não digo nada. Ai do russo se tivesse caído na chantagem emocional dela. Sei que os dois já tiveram uma história, mas o leilão é para a arrecadação de fundos, não de amantes.

— Beatrice, querida! — O sorriso falso e megabranqueado amplifica. — Como vão os chazinhos de caridade para a terceira idade? Você parece ótima, só cuidado com aqueles bolinhos horríveis que o seu amigo cozinheiro serve.

Engordou?

Respiro... Nora também anda desfazendo de Lucca, depois dele ter se recusado a fornecer-lhe em um bufê.

— Na verdade, emagreci. — Sorrio e meu subconsciente grita: *Não vá por aí!* — Que amor! — Não resisto e meu olhar recai para a barriga saliente no vestido preto justo. — Não sabia que estava grávida. Quantos meses?

Margot segura o riso.

— Não estou grávida. — O rosto comprido cora ao encarar os publicitários com quem flertava.

— Oh... desculpe. — Finjo um constrangimento. — Deve ser pão. Cuidado com os carboidratos, esses bandidinhos deliciosos são um veneno depois de certa idade.

Os homens riem, concordando.

Com os olhos negros fulminando de ódio, Nora coloca o bolinho que segurava sobre o balcão. Os rapazes se despedem. Aceito a xícara de café que a barista me entrega e um silêncio incômodo nos rodeia.

— Quem ficará com o seu job^[92]? — Margot resolve quebrar o gelo e pergunta para Nora.

— Aquele garoto novo, o Andrew — Nora responde irritada. — Por falar nisso, obrigada por mandar sua secretária me dispensar com a desculpa da agenda cheia — cutuca.

Margot ri de forma suave.

— A minha agenda está sempre lotada, Nora. O Andrew é um ótimo profissional. Tenho certeza de que será bem atendida.

Nora responde com um muxoxo. Quando volta para mim, seus olhos sobem alguns

PERIGOSAS NACIONAIS

centímetros e brilham.

A lateral da minha cintura aquece no segundo em que uma mãozina pousa nela. Giro a cabeça... Dante continua vestido do mesmo jeito de hoje cedo. Jeans, camisa branca de botão com as mangas arregaçadas e o velho coturno do exército, bege... Rústico e lindo.

Sorrio rendida, segurando a vontade de acariciar os cabelos despenteados.

— Desculpe, não quero atrapalhar, só vim checar se estava tudo bem.

— Não atrapalha, já estava de saída. — Sorrio mais um pouquinho.

Quando volto na intenção de me despedir de Margot. Tanto ela quanto Nora e a atendente do café estão boquiabertas. Medindo cada centímetro do corpo musculoso e meu, como se ele fosse um churrasco suculento.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem é esse? — Os olhos perspicazes de Nora recaem para a mão em minha cintura.

— Dante Stoirm. — Ele oferece a outra mão para cumprimentá-la com um sorriso desinteressado, mas cordial.

— Nora.

— Olá, amigo da família! Sou a Margot. — Abre um sorriso de orelha a orelha, quase arrancando a mão de Nora para poder cumprimentá-lo. — Nossa! Que mão forte, melhor que *James Bond*^[93] Mal posso esperar pra te ver metido em um smoking.

Sem entender nada, Dante olha para mim e reviro os olhos.

Droga!

Meus instintos possessivos e assassinos borbulham... Mordo os lábios acompanhando impaciente, o aperto de mão demorado que Margot

dá nele.

Tudo bem que ele é deslumbrante, mas porra!

Ele é meu!

Depois do que parece um século, Dante puxa a mão.

— Vou esperar no carro.

— Não — interrompo. — Já estava mesmo de saída, vou com você.

— Eu também iria atrás como uma cadelinha — Nora diz num tom desprezível. — O pobre Yuri torrando rios de dinheiro com o seu projetinho de caridade e você aí, se refestelando com outro. Como vai pagar o favorzinho ao Yuri, num *ménage*? Esse seu cara é delicioso, mas não sei se o russo curte um mastro. — Seu olhar recai com malícia sobre o míssil.

Meu sangue esquenta uns mil graus.

— O que disse? — Dante rosna baixo, claramente incomodado.

— Nora! Pelo amor de Deus, mulher! — Margot intervém. — Onde está sua classe?

Meu corpo inteiro tensiona... aperto o braço do homem furioso ao meu lado, implorando silenciosamente que não diga nada. Estou possessa e constrangida, odeio as provocações dessa cobra, mas aprendi a lidar com elas. Agora, fazer Dante presenciar essa baixaria, ofende-me em um nível pesado que nem ela tinha conseguido chegar.

Soltando fogo pelas ventas, dou um passo à frente ficando quase colada a Nora.

— Deixe Dante fora disso, vadia — falo baixo, mas mortal. Não vou dar a ela o prazer de gritar e fazer um escândalo. — Yuri não está promovendo o leilão por mim e sabe disso. O que é? O seu ego distorcido é tão frágil que não aguenta

me ver progredir e feliz? Cuidado, vai morrer pelo próprio veneno. Sua vida deve ser muito medíocre para se incomodar tanto com a minha. Não é à toa que seus trabalhos só caem, ao passo que a sua fama de patética e invejosa só cresce. — Viro-me para Margot. — Preciso ir... qualquer novidade me liga.

Sem esperar por um contra-ataque de Nora, que está roxa e boquiaberta, agarro na mão tensa de Dante e o arrasto pelo corredor em direção à saída.

Desgraçeira, ela me paga!



— Vai me dizer o que foi aquilo?

Dante não espera nem eu fechar a porta do carro e colocar o cinto para disparar.

— Não dê ouvidos a ela, Nora é uma

cobra. — Acomodo-me.

— Que porra é essa do russo estar te bancando, Beatrice?

Meu estômago contrai... a vaca estava a fim de plantar discórdia e conseguiu. Muito inclinada a voltar lá e encher aquela cabeça loira de bolacha, olho para a fachada da agência do outro lado da rua.

— Beatrice...

— Beatrice, uma pinoia! — rujo. — Se não quer que eu volte lá e cometa um assassinato, liga essa merda de carro e me leva daqui! — Cruzo os braços, sem paciência nenhuma.

O maxilar barbudo trava e totalmente emputecido, ele faz o que peço. O carro sai em uma cantada de pneu proposital.

Respiro fundo e ele também.

Mas que droga!

Estava tão feliz que, finalmente, meu trabalho estava encaminhado e teria mais tempo para curtir. Olha, que Deus me perdoe, mas essa Nora bem que podia ir para o inferno e não voltar nunca mais. *Deus!* Com tanto produtor bom em Londres, essazinha tinha que implicar justo comigo.

Bufo, xingo e volto a respirar fundo.

— E aí?

— E aí o quê? — pergunto só para irritar. Eu sei muito bem o que ele quer saber.

— O russo, estou esperando — insiste em um tom autoritário.

Indignada que pense uma barbaridade dessas ao meu respeito, não respondo. Em vez disso, praguejo toda a geração Bronx, mesmo que não tenham culpa de ter uma ordinária na família. Finjo não perceber o olhar inquisitivo sobre mim e

concentro-me na rua.

Que raiva! Ele pensa o quê? Que eu sou uma vadia?

O carro entra na avenida que vai dar no estacionamento subterrâneo e o silêncio entre nós chega a níveis insuportáveis.

Droga!

Não quero brigar.

— Yuri não me banca, ok? Nunca bancou.
— Acabo cedendo, só para não deixar a cobra ganhar e estragar minha noite. — O leilão tem vários patrocinadores, a Fundação Hart é um deles.
— Omito o fato de ser o maior deles. — Se Yuri entrou nessa com alguma outra intenção, que não seja abater os impostos, vai quebrar a cara bonito. Eu. Não. Quero. Merda. Nenhuma. Com. Ele — falo a última frase pausadamente. — Se não quiser acreditar em mim, problema seu. Prefiro pôr um

PERIGOSAS NACIONAIS

fim no que quer que seja que esteja acontecendo entre nós, a ficar brigando ou implorando para que você acredite em mim. Estou sendo sincera. Nora só disse aquilo pra me atingir e tirar o mérito do meu trabalho... Essa vaca faz isso desde que a Allegro ficou com um Job que ela queria. Estou de saco cheio das perseguições gratuitas dela e não vou admitir que duvide de mim!

Aguardo nervosamente que diga algo, mas ele continua calado, com as veias das têmporas pulsando... parece um bicho matutando se deve atacar ou não. O clima pesa e grudo-me à porta do passageiro, atrás de alguma distância... Entramos no estacionamento, ele manobra o carro na garagem privativa. A porta de ferro fecha atrás de nós e a estrutura começa a se mover.

— Nada de fim ou de hotel... — manifesta-se finalmente. — Gostei que se impôs e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não deixou a mulher te falar merda. Ela foi desprezível, fez bem em ter dado um chega pra lá nela.

Solto o ar... Não sei se aprecio mais: ser ouvida, ele ter gostado do chega pra lá ou achado Nora desprezível.

Todas as alternativas me parecem boas demais.

— Verdade que acredita em mim? —
Busco por seu olhar.

— Nunca vou duvidar de você. — Olha-me com franqueza. — Não importa qual o assunto ou o quão complicado seja, converse comigo... sempre. Acredito na sua sinceridade, mas isso não muda o fato de que o russo te quer, me deixa puto e possessivo.

— Se depender de mim, vai ficar querendo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, mas de qualquer forma, mantenha esse babaca longe de você. — O rosto bonito contrai.

Assinto enfaticamente, mesmo sabendo que vai ser difícil fugir de Yuri durante o leilão. Dante projeta o corpo para trás e a mãozona tateia o banco do passageiro. Quando ela volta, deixa pousar uma sacolinha no meu colo.

— É pra você

— Pra mim? — Meu coração aquece.

Reconheço a marca brasileira.

— Hum-hum...

Abro a embalagem e retiro um chinelinho preto, idêntico ao que perdi no canal. Um sorriso involuntário espalha-se pelo meu rosto. Pode não parecer nada, mas sou pega de surpresa. Que me lembre, Dante nunca gostou de sair por aí fazendo compras... É meio surreal imaginá-lo em uma

lojinha colorida e fofa.

Olho confusa.

— Você mesmo comprou?

— Hum-hum... Lore me disse a marca que você gosta. — Um esboço de um sorriso surge. — Fucei no *Google* e achei uma loja aqui perto, na Broadwick St..

Comovida com o gesto atencioso, esqueço Nora Bronx e Yuri. Tiro os sapatos, calço os chinelinhos e planto os pés no console do carro.

— Tá me pedindo desculpas por ter sido um cretino e me empurrado no rio?

Estico a perna e mexo os dedinhos dos pés bem na cara dele.

— Não. — Rindo captura meu pé e planta um beijo. — Aquilo foi culpa sua, mas me incomodou você ter ficado triste pelo chinelo.

— Definitivamente, você tá me saindo

melhor do que a encomenda, senhor Capitão.

— Eu sei... sou melhor em muitas coisas, senhorita Wild.

Sorrio do ar presunçoso dele.

Depois de um solavanco, a porta de ferro começa a abrir atrás de nós. Ele solta o meu pé para dar ré. Com ele concentrado na direção e eu perdida em um monte de sensações, sigo calada no túnel que dará no subsolo abaixo da Central do comando e do loft.

— Obrigada — murmuro ao chegarmos.

— Sobre o que aquela sua amiga disse... eu não sou só um amigo de família, Treas... — diz ao estacionar o carro. — Sou mais, muito mais.

— Eu sei — concordo porque é verdade, apesar de ainda não saber o que somos.

*Dante é o meu mais, meu muito mais.
Simples assim. Sem rótulos ou títulos.*

— Fiz o jantar. — Sorri.

Meu queixo cai e não posso fazer nada além de olhá-lo estupefata. Dante não me parece um homem domesticado. Dou risada enquanto ele solta o seu cinto.

— O que foi?

— Cozinhar é sexy, soldado. — Observo as mãos grandes deslizarem sugestivamente pelo meu colo ao desatar meu cinto. A provocação surte efeito, todo meu corpo acende como uma tocha. — Isso tudo é uma tática? Está querendo me deixar de quatro com essa sedução culinária?

— Não só de quatro, mas como em todas as malditas posições que eu puder. Sou bom em tudo, Treas... Também mando bem pra caralho no Kama Sutra. — A sobrancelha arqueia compondo um ar malicioso. — Estou conseguindo?

Fisgada pelo *bom pra caralho no Kama*

Sutra, deixo escapar um suspiro excitado e escorrego para o seu colo.

— Digamos que está no caminho — sussurro em seu ouvido.

Passo os braços pelo pescoço forte e começo um beijo que ele prontamente assume. A mão grande segura minha nuca, mantendo-me no lugar... com um grunhido, a língua talentosa delineia os meus lábios e depois avança. Beijo-o intensamente, esfregando a bunda no volume que cresce abaixo dela. A mão precisa aperta meu mamilo por cima da blusa, deixando-me mais e mais sedenta.

— Deus... me diga que tem camisinha — ofego em sua boca.

— Aqui? Quer trepar aqui?

A forma como ele lambe os lábios, com perplexidade, faísca nas partes baixas do meu

corpo... Meu rosto esquenta pelo proibido da coisa, deixando-me ainda mais sedenta.

— É... aqui, na sua Batcaverna... você me dá vontade de experimentar coisas novas, nunca fiz num carro — murmuro ansiosa por um sim. O desejo por ele é maior do que o medo de alguém chegar e nos ver.

O Sorriso explode e depois vira uma gargalhada.

— Batcaverna, essa é boa.

— Não ri, estou falando sério. — Mordo os lábios apreensiva. — Tem ou não tem a bendita camisinha?

— Gostei desse nunca fiz num carro. — Sua boca curva em um sorriso malicioso. — Comprei algumas camisinhas hoje, estão no portaluvas.

Animada que ele tenha, finalmente,

PERIGOSAS NACIONAIS

entrado na minha, pulo do seu colo, abro e jogo uma das muitas embalagens que encontro no portaluvas. Faço um malabarismo para arrancar meu jeans justo. Na mesma empolgação, Dante afasta o banco o máximo que pode e ajeita-se. Quando volto para o seu colo, agora montada, o míssil já está fora e pronto para mim.

Olhando firme nos azuis-índigo devoradores, coloco a calcinha úmida de ladinho. Dante morde os lábios em expectativa quando agarro a base do pau manobrando o quadril, até ter a cabeça onde eu quero.

Estou à flor da pele com o corpo retesando deliciosamente abaixo da cintura... começo a descer deixando que me penetre. Ainda estou bem sensível e Dante é um cara grande... nessa posição é quase doloroso. Solto um gemido, abro mais as pernas e sigo devagar acostumando-me à dor.

PERIGOSAS ACHERON

Isso é tão... gostoso.

As mãos cravam nas minhas nádegas e seguro firme em seus ombros. Começo a me mexer tornando a sua respiração mais áspera. Movimento os quadris como uma dançarina do ventre... Vou numa cavalgada lenta e provocativa... subo, desço, rebolo sensualmente, escorrego para frente e para trás... e ele começa a soltar uns sons excitados e masculinos num sinal de prazer insano.

Deus!

Eu amo esses grunhidos.

Vou mais fundo.

— Caralho, que aperto bom... isso... desce... mete tudo.

Obedeço e vou até o limite... aceitando-o por inteiro. Esse desgramado é tão grande que cutuca meu útero... Ele arremete para dentro com mais força e rapidez. Suas bolas batem na minha

PERIGOSAS NACIONAIS

bunda fazendo todo o interior do meu corpo contrair e tremer.

— É tão gostoso — digo ofegante.

— Gosta que eu meta fundo nessa boceta apertada? — rosna entredentes.

Nunca pensei que o Dante megaeducado do passado viraria um cara safado... Tenho que admitir que esse jeito sujo e sem-vergonha de falar só faz tudo ficar melhor...

— Hum-hum... bruto... mais fundo — peço mergulhada na devassidão.

Ergo um pouco o quadril para dar-lhe mais espaço... com movimentos firmes, ele vai metendo e tirando... fundo e bruto como pedi. Choramingo uma sequência de *sim*... Ele mete, mete, mete, mete... uma estocada mais profunda do que a outra... Estamos ambos suados, descabelados e no mesmo ritmo esfomeado... Grudo nossas bocas para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abafar um grito. Uma onda de prazer, já familiar, vai se apossando de mim.

Ele enfia a mão entre nós e começa a dedilhar meu clitóris. Em êxtase, chupo sua língua... Solto um gemido sufocada por todas as novas sensações eróticas que tenho descoberto com ele e esse pau que se encaixa tão bem... *Deus!* O prazer se irradia por todas as minhas intimidades atingindo o meu corpo como um raio frenético.

— Porra... tô no limi...

Dante afunda o rosto no meu pescoço e vem primeiro em um tremor forte. Meus espasmos aumentam, mesmo com a camisinha posso sentir seu calor irradiando...

— Dante... amo isso, é quentinho — murmuro quase desorientada.

Rindo não sei porque, ele morde o lóbulo da minha orelha fazendo-me estremecer em um

PERIGOSAS ACHERON

gozo delicioso... deixo ir todas as tensões. Fico em seu colo, respirando com dificuldade, sem forças e feliz.

— Sou muito sortudo — murmura depois de um tempo. — Não tem como não ficar cada vez mais dependente... — Acaricia minhas costas suadas como se eu fosse um bichinho. — Você é um presente, sabia? Quem diria... minha mulher é a coisinha mais deliciosa, insaciável e devassa que Deus já criou.

— Até parece.

— Tô falando sério, dou minha palavra de Cavaleiro de Honra.

Acho graça do exagero dele.

— Nunca disse que era uma puritana, mas insaciável e devassa tem sido algo novo pra mim, senhor meu Capitão.

Com um semblante surpreso, porém

PERIGOSAS NACIONAIS

satisfeito, ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Só comigo?

— Hum-hum — confirmo lentamente.

— Fico feliz e até aliviado, que só eu desperte esse seu lado selvagem. — Beija meu nariz. — Agora vamos. Melhor subirmos, antes que nos peguem no flagra de novo.

A contragosto, saio do seu colo e vou para o meu banco. Faço o melhor que posso para me ajeitar, meu rosto está vermelho do esfrega-esfrega com a barba e minha camisa, amarrotada. O cabelo nem se fala, amarro em um nó, pois é tudo que me resta.

Quando descemos, dou risada... a camisa dele está tão calamitosa quanto a minha e o jeans tem uma mancha molhada na frente.

— Eu levo a pasta. — Tira da minha mão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e coloca estrategicamente sobre a mancha. — Pode pegar seus outros presentes no banco de trás.

— Mais? — Animada, corro para abrir a porta do passageiro. — Comprou a loja toda para mim? — Sorrio grandão ao ver mais cinco sacolinhas.

— A vendedora disse que no Brasil as mulheres costumam ter várias... e como sei que gosta de cores... — ele para de falar quando pulo em seu pescoço e tasco um beijo empolgado.

— Está querendo me mimar, Dante Stoirm? — Deposito vários beijos no rosto barbado.

— A intenção é essa, sua peste... Agora pare de me tentar. Tem câmeras de vídeo no subsolo.

Meu queixo cai e desenrosco-me dele.

— Cretino! Por que não disse antes? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bato em seu peito com as sacolinhas.

Dante chega mais perto e inclina em direção ao meu ouvido.

— E perder uma boa foda? Nem pensar... Não estava brincando sobre a lista de coisas sacanas que tenho em mente. Definitivamente, te comer no carro estava entre elas.

— Tenho as minhas dúvidas sobre quem comeu quem. A lista pode ser sua, mas a iniciativa foi minha, meu querido. E juro que te mato se filmaram minha bunda!

— Relaxa... o carro tem insulfilm e parei num ângulo que a câmera não pega — sussurra divertido e começa a me arrastar para o elevador.



Saímos do elevador para encontrar Romeo esparramado do sofá da sala.

PERIGOSAS ACHERON

— *Fella*, o que é isso? Tá querendo reverter o furo na camada de ozônio?

Tomando uma respiração profunda, olho para a infinidade de verde sobrepondo-se ao cinza do loft.

— Trouxe as minhas plantas? — boquiaberta, mais constato que pergunto.

— Você disse que estava com medo de que morressem por falta de água. Pedi para o Jeremiah ir lá buscá-las.

Sorrio, agradavelmente surpreendida, por ele ter prestado atenção em algo tão singelo que eu disse rapidamente durante o café da manhã.

— Aconteceu alguma coisa? — Romeo levanta e nos examina com ar divertido. — Estão horríveis... Andaram rolando na grama de novo? Mc vai te matar.

— Se tivesse dado as caras hoje à tarde,

Pirralho, saberia que Mc já me liberou.

— Liberou? — pergunto em um tom de alívio.

— Refizemos os exames. — Dante sorri para mim. — Não tem porque me pôr de molho se está tudo bem com minha cabeça e o corte cicatrizando. — Vira-se para o irmão. — Então, *Eejit*, se não se importa, gostaria de ficar sozinho com minha mulher.

— Tô ligado que me quer fora daqui, mas vai desnutrir a garota. Nem coelho trepa tanto.

— Vá se foder! Não tem nada melhor pra fazer, do que me encher o saco?

Romeo revira os olhos.

— Adoraria ir foder, mas preciso falar com você.

— Estou ocupado, preciso terminar o jantar.

— Que é isso? Não estou te reconhecendo.
— Os braços fortes de Romeo apontam para o lugar cheio de verde. — Virou dona de casa? Janta depois, porra! Não estaria aqui se não fosse importante.

Franzo a testa quando a parte ruim da minha realidade volta de súbito. Meu estômago dá um nó quando um arrepio ruim percorre a coluna.

— Scarface? — murmuro.

— Não, ele não... — Romeo nega com doçura e solto o ar. — Coisa minha e do Max, só um cara que tem mandado uns e-mails anônimos. — Olha apreensivo para Dante. — Tenho umas informações novas.

Dante estica o braço em direção ao meu rosto.

— Está segura aqui, Treas. — A carícia suave na minha bochecha desperta um sentimento

amoroso em meu peito. — Deixe que eu me preocupo com Scarface, ok? Com o irmão preso e um assassinato nas costas, ele sabe que se aparecer, está fodido. Os gêmeos seguiram seu rastro até Edimburgo, parece que conseguiu ajuda de um traficante local e se mandou para a Alemanha em um voo clandestino. Tenho uns conhecidos por lá que já estão nisso por nós.

— Vai me ouvir ou não? É jogo rápido, Max está lá embaixo com os outros.

Dante deixa escapar um som de frustração genuína.

— Melhor ir com o Romeo... — Afago o braço tentando pôr fim ao impasse.

— E o jantar? — Passa a mão no cabelo.

— Ainda está cedo e não precisa ficar cozinhando pra mim, Dante.

— É... não preciso. Eu quero — afirma

PERIGOSAS NACIONAIS

com a expressão decidida.

— Ele anda cozinhando pra você? —
Romeo surpreende-se.

— Anda... fez o café da manhã... waffles caseiros, omelete, bacon, frutas e até suco — descrevo o banquete matutino com certo orgulho.

— Filho da puta! — Romeo indigna-se —
Outro dia esse bastardo me negou uma torrada.
Uma torrada!

— Você tem braços, *Eejit*... pode se virar sozinho — Dante rosna.

— A miniencrenqueira aí também tem!

— Miniencrenqueira o teu rabo! —
revolto-me apesar de ele ter um pouco de razão.

— Vai à merda, Romeo! Deixa Treas em paz... se cozinho ou não para ela, não é da sua conta. — Dante vai do rosto do irmão para o meu.
— Por que não toma um banho e me espera? A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Irmã Rubi veio enquanto estava fora e organizou as nossas roupas. Tem um bilhete dela, em cima da bancada do closet, indicando onde guardou cada coisa...

— Ok... um banho e esperar, me parece ótimo — concordo.

Dante tem respeitado meu trabalho, o mínimo que posso fazer é respeitar o dele também. Além do mais, vai ser bom ter um pouco de privacidade, não posso mais ignorar as mensagens e telefonemas da minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

De banho tomado, olho ao redor do closet impecavelmente organizado. De um lado as coisas de Dante e do outro, as minhas. O Capitão tinha razão, a Irmã Rubi manda bem na arrumação, tão bem que beira ao TOC^[94]. Com essa coisa de ordenar por cores, não tive dificuldade nenhuma para encontrar tudo o que precisava.

De short jeans, camiseta branca e ainda descalça, guardo minha mochila, agora vazia, na prateleira dedicada às malas, bolsas e coisas afins. A Irmã achou por bem deixar a parte dos pertences pessoais comigo. Não tocou na mochila que eu havia preparado para passar a noite nos meus avós, nem em uma outra que presumo ser de Dante. No mínimo, recheada de roupas de academia, sabe-se lá em qual estado. Enquanto decido se devo ou não

bancar a mulherzinha prendada e cuidar da mochila e roupas sujas dele, minha mente é tomada por outro assunto que vem tirando o meu sossego: meus pais.

Indecisa e em busca de coragem, encaro o celular que seguro. Não posso mais mantê-los no escuro e muito menos me esquivar dos seus telefonemas... não vou conseguir passar pelos próximos dois meses à base de mensagens evasivas e escondendo onde estou.

Merda! Que agonia!

Inspiro profundamente e ligo para o número direto dos meus pais na Embaixada. A essa hora, os dois devem estar reunidos na sala de estar.

— *Filha!* — A voz de minha mãe surge no segundo toque. — *Já estava agoniada aqui, prestes a ir até Londres. Sinto que não nos falamos direito há dias... suas respostas foram tão evasivas. O que*

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu com seu telefone fixo? Eu ligo, ligo e só cai na caixa de mensagens. Seu avô me garantiu que está tudo bem, mas meu coração de mãe anda apertado. Está tudo bem mesmo, aconteceu alguma coisa?

Fecho os olhos, sentindo-me culpada e grata ao mesmo tempo. Jack manteve a palavra de não contar nada aos meus pais.

Merda!

Esqueci de transferir as chamadas de Maida para o meu celular.

— Estou bem, mamãe. — Sento no banco ao lado das prateleiras dos sapatos. — Desculpe por não ter ligado antes... as coisas estavam meio loucas por aqui.

— *Sua voz está abafada, onde está?*

— No closet, na casa de Dante. — Solto logo de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

Um: *Ohhh* emocionado retumba do outro lado da linha.

— *Então é verdade? Estão juntos de novo? Meu Deus, que notícia boa... pensei que Maggie estivesse exagerando e que tudo não tivesse passado de um reencontro sem maiores consequências. Preciso de detalhes!*

— O papai está aí?

— *Não... está no escritório, em uma ligação particular.*

O tom de voz animado murcha ao falar de meu pai, acendendo meus alertas vermelhos.

— Mamãe... ele não, de novo não...

— *Shhhh, tire isso da cabeça — interrompe-me. — O que aconteceu está no passado... a mudança para Paris, minha dificuldade de adaptação... seu pai errou, arrependeu-se e eu o perdooi. Águas passadas,*

PERIGOSAS NACIONAIS

filha. Não aceitaria a festa de bodas se tudo não estivesse bem entre nós. Ele anda preocupado com o trabalho, só isso. Sabe como o humor dele fica alterado quando as coisas não saem do jeito que ele quer. Vamos... não fuja do assunto, quero saber tudo sobre Dante. Meu coração de mãe sempre soube que voltariam. Sabe que são o meu casal preferido no mundo.

Dou risada. Maggie certamente é a fã número um do casal Dantrice, como ela gosta de brincar, mas minha mãe não fica atrás. É vice-presidente do fã-club. Animada com a aprovação conto a ela uma versão reduzida dos fatos... excluo as partes mórbidas, perigosas, ilegais e omito as mais calientes.

— *Que perigo essa coisa da invasão no condomínio. Jack fez bem em querer reforçar a segurança e cá entre nós... também escolheria ficar*

PERIGOSAS ACHERON

com Dante, amo a minha mãe, mas Martha não é a melhor pessoa do mundo quando se trata de Dante. Secretamente ela sempre preferiu o...

— Lucca — completo antes dela e dou risada. — Não diria que a preferência dela seja tão secreta assim, deixou isso bem claro quando veio aqui outro dia.

A risada doce de minha mãe vem como um acalanto.

— *A sinceridade indiscreta da mamãe me mata. Gostaria de ter estado aí com vocês... sinto falta desses encontros. Há sempre tantos compromissos envolvendo a Embaixada que fica difícil estar mais presente. A sensação que me dá, é de que estou perdendo momentos importantes da sua vida... te negligenciando.*

— Mãe, você é presente.

— *Não como eu gostaria, querida.*

Imagino como esteja a sua cabecinha com tudo isso. Eu nunca duvidei dos sentimentos de Dante por você, um tipo raro de amor que muitos querem, mas poucos tem a bênção de encontrar. Você gastou muita energia tentando negar o que sentia... nunca achei que fugir era a melhor solução. Ninguém foge de quem lhe é indiferente. Querida, você botou anos de sua energia correndo para longe. Assuma e me prometa que não vai deixar que as mágoas do passado destruam a beleza do que ainda têm pela frente. Dê uma chance a vocês.

Suspiro profundamente reconhecendo a verdade nas palavras de minha mãe.

— Nunca o esqueci... — confesso. — Quanto mais tentava negar, mais ligada me sentia... por mais que quisesse, nunca o superei... Quero dar uma chance, estou aqui, não estou? Deus! Ele está tão diferente. Não somos os mesmos de quatro anos

atrás.

— *Imagino as experiências terríveis que ele tenha vivido... Aquela condecoração por bravura não veio do nada, Trice. Por mais que a dureza do Exército embruteça um homem, tenho certeza de que os sentimentos dele por você não mudaram... Enfie uma coisa nessa sua cabecinha de vento... Entenda: nenhum homem volta e reivindica uma mulher como Dante está fazendo, por culpa... Principalmente um homem como ele. Por mais correto que seja, nenhuma dívida que possa sentir em relação ao passado de vocês, o levaria a assumir um compromisso.*

— Não temos um compromisso — alerta.

— *Estão morando juntos e, minha filha... não espere que eu tenha ilusão de que estão dormindo em quartos separados.*

Sinto meu rosto corar.

— *Com quem está falando?* — Ouço a voz de tenor de meu pai.

— *Com Trice.*

— *Coloque-a no viva-voz!*

— *O que foi, Peter? Por que tanto nervosismo?*

— *Apenas faça o que estou pedindo, Eleonora! Coloque essa merda no viva-voz!*

— Papai...

— *Nem vem com essa de papai!* — Nem começo, ele interrompe ríspido — *Que história é essa de prisão? Não acredito que vai levar adiante essa besteira de reconciliação com Dante! Isso é um erro, Beatrice!*

Meu coração dispara. Entro em pânico com o tom agressivo vindo dele. Duvido que Jack ou Anthony tenham dito alguma coisa.

— Não fomos presos, foi um... foi um...

PERIGOSAS NACIONAIS

um... mal-entendido — digo exasperada. —
Como... como... soube?

— *Engano? Acha que sou um tolo? —*
Escuto a risada sarcástica, o que me fere mais
ainda. — *Invasão de domicílio, prisão... pelo amor
de Deus, Beatrice, você é uma Wild! Filha de um
embaixador da Coroa! Foi uma facada quando o
chefe da segurança, me passou o relatório! Se o
Stoirm pensou que excluindo os registros oficiais,
estaria me escondendo algo... errou feio. Tenho os
meus contatos, o nome Wild é monitorado nas
redes oficiais e imprensa... Tenho uma imagem a
zelar, Beatrice! Você quer o quê? Provocar um
escândalo? Destruir o meu bom nome e
credibilidade?*

— *Acalme-se, Peter!*

— *Me acalmar, uma pinoia! Quero
Beatrice longe de Dante! Já não basta o que ele fez*

PERIGOSAS ACHERON

com ela no passado? Sumir daquele jeito? Anthony errou feio com aqueles garotos!

— Dante é um herói! Não vou me afastar dele! Tudo o que tem feito é cuidar de mim, me proteger!

— *Proteger como? Te expondo? Me expondo?*

— A invasão, a delegacia... nada disso foi responsabilidade dele, pai. — Entro no modo defensivo. — Entendo que tome minhas dores pelo que aconteceu em Oxford... mas sou adulta. Se estou disposta a esquecer o que houve e nos dar uma chance, sugiro que faça o mesmo. É da minha vida que estamos falando... da minha felicidade!

— *Felicidade? Você não sabe o que quer! Continua presa a uma ilusão adolescente! Precisa de um homem que lhe garanta respeito perante a sociedade... que abra caminho nos círculos sociais,*

PERIGOSAS NACIONAIS

gere contatos, promova negócios... não de um ermitão metido a herói problemático que vive recluso!

Rio do absurdo que acabo de ouvir. A visão de meu pai sobre Dante está equivocada. O Capitão é especial. Melhor do que muitos homens por aí... Uma onda de revolta e proteção esquenta o meu sangue... sinto uma necessidade pungente de defendê-lo.

— Está completamente errado! Não consigo imaginar nada mais respeitável do que ser um Cavaleiro de Honra da Rainha... só isso já diz muitas coisas boas sobre ele, mas não é só isso... é integro, honrado, seus soldados o respeitam e está arrependido de ter ido embora. Desculpa, papai, mas não estou interessada nessa baboseira de círculos sociais e não preciso de um homem promovendo meus negócios. Estou progredindo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito bem sozinha! O único que dá importância a essa bobagem é o senhor! Deus! Desde quando virou uma pessoa tão superficial?

Aproveito o silêncio estupefato vindo do outro lado e conto até dez para tentar me acalmar.

— *Beatrice, meu amor...* — sinto a mudança de tom típica de meu pai quando quer reverter a situação ao seu favor — *Eu me preocupo com seu futuro, com a sua segurança. Não nego que Dante tenha servido bem à Coroa, mas um homem como ele, envolvido em missões perigosas, não coleciona só admiradores. Precisa de um homem estável, seguro... Acabo de falar com seu avô, ele me contou sobre a reforma. Se não quer ficar com ele ou ir para um hotel, tenho certeza de que Yuri...*

— Não! — interrompo-o bruscamente. — Nem pense em recomeçar com essa ladainha do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto Yuri pode ser bom para mim! Não rola, pai... minha relação com ele é estritamente profissional. Espero que respeite as minhas escolhas e se quer manter relações comigo, é bom tratar Dante muito bem, porque é ele quem pretendo ter ao meu lado em sua festa, aí em Paris. Chega dessa conversa, preciso ir... te amo, mamãe! — berro.

Com o coração apertado e lágrimas nos olhos, interrompo a ligação antes mesmo que minha mãe possa se despedir. Sinto-me destroçada, entendo que meu pai tenha ressalvas por Dante ter rompido comigo, odeio desapontá-lo, mas simplesmente não consigo... a ideia de me afastar do Capitão é como a morte para mim.

Volto meu olhar para a mochila masculina largada no chão e depois para o cesto de roupa suja que a Irmã deixou em um canto... precisando me

PERIGOSAS ACHERON

distrair resolvo dar um jeito nas coisas dele também.



Dante

Encostado na parede da Central de operações, solto um grunhido irritado. Louco para acabar com essa reunião de merda e voltar para Beatrice, direciono-me para Romeo, sentado diante de um dos computadores na bancada.

— Quer dizer que o seu informante secreto estava na hora da morte do Klaus? — Esfrego a sobancelha com a falha. — Que merda esse cara estava fazendo lá?

— Disse que não recebia notícia dele há dias e resolveu checar. Quando Scarface invadiu o apartamento, só teve tempo de rolar pra baixo da

cama. Assim que Beatrice chegou e foi para o banheiro, aproveitou para escapar. Revi as imagens de vídeo, que salvei das câmeras de rua antes de tirá-las do sistema oficial, e confere. Alguém saiu do prédio no mesmo momento.

— Conseguiu uma identificação positiva?

— pergunto deduzindo a resposta.

— Não... não havia digitais de ninguém mais no apartamento, o capuz do casaco e a posição da câmera escondiam o rosto... Pelas roupas e porte físico, não passa de um garoto. A cobertura da imagem salva só vai até a esquina, o perdi depois disso.

— Um *hacker*^[95]? — Max entra na conversa.

— Bem possível... justificaria o conhecimento em internet. — Romeo estica as pernas e espreguiça-se. — Ele foi bem esperto... É

preciso ter as manhas para abrir um canal de conversa de um ambiente virtual protegido.

Aproximo-me para dar uma boa olhada na imagem congelada na tela. Parece mesmo um moleque... Não mais de um metro e sessenta, franzino com as calças e blusão de moletom pretos e largos dançando sobre o corpo de costas estreitas.

— E por que ele resolveu abrir o bico agora? Que interesse tem nisso? — insisto.

— Não me pergunte por quê? Mas disse que quer justiça por Petronovic. — Os ombros de Romeo encolhem. — Seu medo é de que a gente desista depois da morte do Klaus e que a coisa fique por isso mesmo.

Justiça por Petronovic?

Minha mente vagueia.

Petronovic foi morto na rua, abordado após sair da igreja. Em tese, apenas o Royal

Honnor conhecia sua verdadeira identidade. Estava fora da espionagem há anos, vivia sob uma identidade falsa como um aposentado qualquer e inofensivo. Seu apartamento não aparentava sinais de arrombamento e nada foi encontrado, além de uns poucos arquivos inofensivos e fotos antigas. Não há registros de família ou mesmo parentescos secundários... Pela idade avançada, duvido que haja um filho tão novo. Esse moleque pode ser tudo: de um neto escondido do mundo a um *hacker* aficionado em espões duplos.

— Mc e Trent chequem novamente os registros do MI6^[96], vejam se deixamos escapar algum rastro de família — oriento e começam a mexer nos computadores. — Alguma coisa a mais que ele tenha dito? — questiono meu irmão mais novo.

— Pra mim nada... a intenção do moleque

parece legítima — Romeo fala com convicção. — Quer apenas que a verdade seja encontrada.

— Tá, mas qual verdade? — Max irrita-se. — Ok, que parece convicto, mas meu palpite é de que esteja nos escondendo algo — pondera. — Petronovic estava aposentado, mas um bom agente duplo sempre tem cartas na manga. Aquela facada nas costelas foi certa. Quem a desferiu, sabia o que estava fazendo.

É isso... cartas na manga.

Coço a barba, pensativo.

Max é esperto pra cacete. O porra sempre teve uma visão além do alcance e meus instintos já apontavam para a mesma direção. Seja por um acerto de contas ou para apagar rastros, Petronovic foi morto por um profissional.

— Está insinuando que o garoto esteja nos usando? — Minha adrenalina sobe ao questionar

Max. — O assassino pode não ter encontrado o que procurava... Talvez o moleque faça parte do esquema e esteja sendo usado para sondar o que sabemos... e Klaus... só uma distração.

Max levanta os ombros em um sim, enquanto Romeo ri descrente.

— Duvido. Tentei pra cacete arrancar alguma coisa dele, mas está apavorado. Teme que alguém o rastreie. Não quis abrir como soube do assassinato, nem do nosso envolvimento no caso, só disse que Scarface está por fora. Mesmo ameaçado, Klaus não abriu nada sobre o que procurava. Chequei o computador e o celular que retiramos do apartamento, estava limpo. Se havia alguma coisa lá, foi apagado.

Apagado?

Não gosto nada da informação. Então, o projeto de gangster não era um completo idiota.

Foco em Max, que acompanha atento.

— O que acha?

— Irmão... continuo apostando que o garoto sabe mais do que nos diz, mas fica difícil tomar um rumo. Tá tudo muito vago. — Os olhos de Max recaem sobre o painel de fotos e pistas que não nos levam a nada. — Reviramos aquela porra de quitinete e não encontramos um alfinete que ligasse Klaus à morte de Petronovic.

— E Chloé? — Volto para Romeo.

A expressão dele fecha em um desconforto palpável.

— Você estava certo, *Fella*... A tal amiga que pediu o favor era ela mesmo — bufa inconformado. — Chloé queria ter aberto para nós, mas Beatrice desesperou-se com a coisa de um escândalo ferrar com sua carreira de modelo. Tive um trabalho da porra para convencê-la a falar... Ela

e o merdinha do Klaus se conheceram em uma sessão de fotos e saíram algumas vezes. O babaca pareceu bem interessado, a princípio, até bancar o Gasparzinho e sumir. Sua aposta é de que tinha arrumado outra, por isso pediu pra Trice ir naquela merda de boate.

Bufo.

É sempre a mesma história... Chloé usando os outros para resolverem problemas que são dela.

— Conversei com o fotógrafo que o contratou — Max manifesta-se. — Klaus apareceu no estúdio cheio de elogios, pedindo uma chance como assistente. Encheu tanto a bola do homem que ele acabou cedendo e dando uma oportunidade... Colocou Klaus para dentro, sem ao menos checar antecedentes. Depois das fotos com Chloé, nunca mais deu as caras.

— Bom... a menos que o garoto resolva

dizer a que veio ou aconteça um milagre, não vamos a lugar nenhum. Estou puto com o andamento da investigação. Quem matou Petronovic ainda está à solta e pode saber sobre nós ou Klaus. — Volto a coçar a barba, agora com desânimo. — Acho que temos que mudar de tática. Não quero Beatrice ou Chloé correndo riscos por estarem atreladas a ele e a nós.

— Se está tão preocupado assim com a Barbie Falsa Encrenqueira, deveria despachá-la — Donatela sugere com sarcasmo.

— Chega, Dona! A minha mulher fica. — Lanço um olhar mortal sobre ela. — Se não começar a respeitar os limites, a despachada será você.

Donatela engasga e Romeo ri.

— Bela tentativa, loira. Acho bom aceitar a derrota e entender de uma vez por todas, que

desse mato não sai mais cobra.

Max gargalha. O puto sempre apoia as merdas ditas pelo Pirralho.

— Dá pra voltar ao que interessa? — esbravejo.

Max para de rir.

— O que tem em mente, mano?

— Como disse, mudar de tática... nos desatrelar do caso.

Os olhos verdes de Max brilham em compreensão.

— Boa! — Apoia-me.

— O quê? Vocês nunca desistem! — Donatela indigna-se. — Vão simplesmente entregar o corpo do Klaus para Monalisa e dizer vire-se?

Essa loira está abusando da minha gratidão!

— Disse desatrelar, não desistir —
PERIGOSAS ACHERON

respondo mortalmente.

Uma ideia me vem.

— Preciso confundir quem vazou nosso envolvimento no caso. Ainda não sabemos como o moleque soube disso. Abrir a verdade não é opção. Nada do que direi poderá sair daqui — aviso em tom ameaçador e todos assentem. — Meu plano é o seguinte: primeiro, cremamos o corpo do porra como indigente e depois, soltamos pistas falsas.

— Quais? — Max cruza os braços gostando do que ouve.

Quase sorrio, mas não o faço.

— Vou acionar alguns contatos na inteligência russa que me devem uns favores. Sei que também estão na cola do assassino do velho. Vou convencê-los a declarar que o assassino de Petronovic foi localizado, resistiu à prisão, acabou baleado e está em coma num hospital militar sob

sua tutela. Caso encerrado.

Romeo chega mais perto.

— *Fella*, mesmo que todos em Londres caiam nessa, na primeira notícia que sair na imprensa, o verdadeiro assassino saberá que foi um erro.

Coloco a mão no seu ombro.

— Sei disso, *Eejit*. Só quero ganhar tempo.

Solto Romeo e vou até a parede recostando-me nela.

— Vou dar voz ao falecido Klaus e acelerar a captura de Scarface — explico. — Max converse com a Scotland e faça um acordo com Guy. Quero ele solto e com a porra de um rastreador soldado em seu tornozelo. Se ele ousar chegar perto do irmão, saberemos. Em troca da liberdade, ele deve soltar por aí que Klaus desapareceu porque se meteu em algo grande e

PERIGOSAS NACIONAIS

pretende repassar informações para a polícia em troca de proteção. Se meu palpite estiver certo e o verdadeiro assassino também estiver na cola do Klaus, ele começará uma caçada em busca do defunto e nós sairemos do foco.

— Achei tudo do caralho... Só tem um, porém: quer que o velho minta para Monalisa? — Max assovia. — Ele não vai gostar disso — conjectura.

— Estou pouco me fodendo! O comando é meu, não dele. A partir de agora, estamos oficialmente fora, não vou arriscar a segurança de Beatrice.

— Nem a de Chloé — Romeo complementa e concordo com ele.



Depois de me acertar com os camaradas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

russos, receber um ok da Scotland quanto a negociação com Guy, pedir para Romeo imprensar o moleque e de uma conversa enérgica com meu pai, estamos oficialmente fora do caso.

Bem menos puto e muito mais aliviado, dispenso a equipe e volto para o loft.



Tudo está silencioso. Nem sinal de Beatrice na área comum ou no jardim onde Godzilla e Gabriel disputam um cabo de guerra com o urso polar. Chamo por ela e apenas Mila responde com um miado preguiçoso. Com os sentidos já em alerta, caminho lentamente para o banheiro... nada. Do corredor ouço murmuros abafados vindos do closet. Meu coração dispara e ao entrar nele, encontro Beatrice ajoelhada no chão, rodeada por uma bagunça de papéis.

PERIGOSAS ACHERON

Não me parece ferida... em pânico e aturdida, sim.

— Treas? — chamo com suavidade. — O que aconteceu? Essa papelada...

Aproximo-me com cautela examinando o rosto delicado umedecido pelas lágrimas.

— Eu... eu... — Os olhos magníficos e avermelhados voltam-se para mim. — Achei isso aqui... não faz sentido. — Vasculha a papelada. — Ele esteve me vigiando?

— Quem?

Caio de joelhos ao seu lado e com o polegar enxugo uma lágrima que escorre molhando a bochecha delicada.

— Klaus... Scarface... não sei. Não faz sentido.

Desvio a atenção dela e passo a examinar o material espalhado pelo chão. Anotações

detalhadas sobre as rotinas de Beatrice e Chloé... centenas de fotografias das duas juntas e separadas. O sobrado de Maida capturado por diversos ângulos. A primeira coisa que me vem à mente é Klaus sendo algum tipo de *stalker* pervertido, depois lembro do caso.

— Onde encontrou esse material?

— Na mochila. Pensei que fosse sua... ia cuidar das suas roupas, mas então... — Entrega-me um recorte de jornal.

Meu sangue congela quando reconheço a matéria que saiu no *The Times*^[97], sobre o assassinato de Petronovic.

— Onde estava essa mochila?

— Junto com a minha, é de Scarface. Achei os documentos dele no bolsinho do lado. Acho que Maggie e Chloé trouxeram por engano, junto com as minhas coisas. Ele deve ter largado lá

quando fugiu... Deus! Quem faria uma coisa dessas com o senhor Petro... e por que tudo isso estava com Scarface? O que eu e Chloé temos a ver com a história?

Beatrice lança as perguntas que também estou fazendo.

Senhor Petro?

Todas as minhas veias superaquecem.

— Conhecia Petronovic? — pergunto num esforço sobre-humano de esconder a surpresa.

— Conhecia. Era amigo do meu avô. Fui no consultório dele algumas vezes. O vovô dizia que era o melhor oftalmologista da Rússia e insistia que examinasse a fundo os meus olhos. Aquele velho hipocondríaco alegava que a heterocromia^[98] poderia esconder outros problemas. Ele era um amor. Por que foi morto?

O quê? Que porra é essa de amigo do meu

avô?

Puxo o ar tentando diminuir minha ira. Sabia sobre ser médico, mas não havia nada a respeito sobre o avô de Treas nos arquivos que recebi. O juiz vai ter que se explicar. Inspiro mais uma vez enquanto toda a atenção de Beatrice está em mim... seu olhar é suplicante e faz meu peito doer.

— Por quê? — suplica.

Merda!

— Não sei, mas estou tentando descobrir — revelo, ciente de que acabo de quebrar umas das regras fundamentais, lealdade.

— Como o mataram?

— Esfaqueado.

O verde e o castanho crescem... um brilho de entendimento preenche o semblante delicado.

— É com isso que trabalha? Assassinos?

PERIGOSAS NACIONAIS

Você é o quê? Policial? Investigador como os seus irmãos? — Perplexidade e raiva mudam suas feições. — Deus! Aproximou-se de mim porque acha que tenho alguma coisa com a morte dele? Não posso acreditar! — Desliza para trás afastando-se.

Num impulso, projeto o corpo capturando Beatrice. Pequenos socos explodem no meu peito, em sua tentativa frustrada de escapar.

— Nunca mais repita isso, Treas... — Mantenho o domínio sobre sua cintura e seguro o rosto indignado, obrigando-a a me olhar. — Voltei porque ainda sou louco por você! Eu te amo, porra! Nada disso foi planejado! Estou tão confuso e no escuro quanto você.

Já sem forças, o corpo delicado paralisa.

— Ama mesmo? — pergunta em um sussurro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amo, cacete!

O rosto que tanto amo fica indecifrável, porém sinto seu coração disparar.

— Merda! — exaspero-me diante do seu vazio. — Fiz um juramento, mas foda-se! Você é mais importante, Treas. Está acima de tudo. Se vai passar o resto da vida ao meu lado, é justo que saiba onde está se metendo.

— Vou? Deus amado! A vida toda, é? — diz num engasgo.

Assinto com veemência e os olhos de coruja arregalam.

— Isso é um bocado de tempo. — Quase sorri, mas volta a ficar séria. — O que quis dizer com fiz um juramento? Em que estou me metendo, Dante?

Respiro fundo e solto a verdade de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda pertenço às Forças Armadas. Assim que saí da ativa, fui integrado a um grupo de elite chamado Royal Honnor... desde então, sirvo a Rainha em questões de segurança do Estado. Petronovic era um agente duplo. Como sabiam que eu estava em Londres, fui escolhido para descobrir o que de fato aconteceu na Rússia, mas por tudo que é mais sagrado, jamais imaginei que conhecesse o velho ou estivesse envolvida de alguma forma com a morte dele. Foi uma fodida coincidência.

Os olhos singulares de Beatrice suavizam.

— Royal Honnor... é mesmo do RH.

— Sim, seu palpite sobre o RH estava certo — tento um tom mais brincalhão na tentativa de quebrar a tensão. — Mas garanto que o meu RH é bem menos monótono.

— O que me contou é secreto, certo? Pode

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se ferrar feio com a Corte Marcial, né? — pergunta e confirmo. — Oh, Deus... você me ama mesmo. — Lágrimas voltam a dançar em seus olhos.

— Amo, porra, posso tatuar na testa se quiser.

Sem que eu espere, sou envolvido em um abraço apertado. Com os braços em torno da minha cintura e a cabeça imprensada contra o meu peito, Beatrice desaba a chorar. Secretamente, esperava um *eu também te amo*. Esse choro doído me deixa confuso. Acaricio as costas trêmulas, na tentativa de acalmá-la.

— Será que ser amada por mim é tão terrível assim?

A cabecinha morena levanta agitando uma negação.

— É bom, mas, ao mesmo tempo, assustador — murmura. — Estou aqui, Dante.

PERIGOSAS ACHERON

Quero ficar, mas não estou pronta para dizer...

Os lábios de Beatrice contraem quando titubeia.

— Te amo? — ansioso completo por ela.

Uma mistura de sensações praticamente estoura em meu peito. Solto o ar em um chiado.

— É — confirma envergonhada.

Um longo período de silêncio passa, ouço a respiração instável. Seu medo é tão palpável... Beatrice foi severamente machucada e a grande merda é que sou eu o responsável. Pressiono os lábios sentindo-me um canalha.

— Dante, não pense que... — Um olhar de alarme passa por seu rosto. — Eu quero, mas...

— Shhhh... — Seguro o rostinho de boneca e o castanho e o verde gritam em silêncio o que tanto quero ouvir. — Tudo bem.

Tento tranquilizá-la e apego-me ao fato

PERIGOSAS NACIONAIS

dela querer ficar... Foda-se o eu te amo. O que sinto é tão poderoso que, por ora, vai ter que bastar por nós dois.

— Não se apresse — continuo. — Espero o tempo que for preciso. A culpa tem dilacerado meu coração. Preciso do seu perdão, Treas... O eu te amo só quero ouvir quando for realmente minha, sem dúvidas ou mágoas.

— Já te perdoei — afirma, mas mantenho meu pé atrás. — Quando encontrei as fotografias, meu primeiro impulso foi fugir... Ir atrás de Chloé e arrastá-la para algum lugar protegido, mas só de pensar em me afastar de você, meu coração doeu. Sei que é insano, fora da razão e que mais discutimos do que qualquer outra coisa, mas algo aqui dentro diz que é assim que deve ser. Só confio em você para me ajudar a entender o que está acontecendo. Sei que cuidará de Chloé também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma onda protetora vem sobre mim.

— Claro que vou. Cuidar de você é o meu destino. — Beijo-a suavemente. — Que tal olharmos o que encontrou? — sugiro com doçura, mas internamente estou pilhado com a possibilidade de, finalmente, encontrar pistas que levem a algum lugar. — Pode ser um bom começo pra desatarmos esse nó. Depois vou tomar providências, terminar o jantar e vamos relaxar. Vai dar certo, tudo sempre dá certo, ok?

— Ok. — Os olhos de Beatrice ganham um brilho esperançoso.

Passamos um bom tempo organizando a papelada, na tentativa de estabelecer uma ordem cronológica. Fico surpreso com a concentração e capacidade de organização de Beatrice... o aparente caos que exhibe, não se aplica às questões práticas. Não é à toa que a Allegro esteja no topo do cenário

PERIGOSAS ACHERON

de eventos de Londres.

Como uma equipe bem entrosada, vamos destrinchando as informações. Fica claro, pela cronologia das fotografias, que o foco inicial de Klaus era Chloé, mas depois de algumas semanas, sua atenção voltou-se exclusivamente para Beatrice e sua casa em Maida.

— Quando foi isso? — examino um *print* retirado da internet.

— Há cerca de dois anos quando Chloé estourou como a modelo plus size mais bem paga do mundo. O site da Vogue a procurou para uma entrevista.

— Na sua casa?

— Sim, estava passando uma temporada comigo. Eu tinha acabado de reformar o sobrado e ofereci o escritório para o encontro. Essa foto foi feita lá.

Há várias imagens na entrevista, mas sou atraído por uma na qual Chloé aparece sorridente, tendo as estantes de Beatrice como pano de fundo.

— Não entendo porque Scarface as pegou — Trice murmura. — O único valor que essas daí têm é emocional.

Volto a atenção para Beatrice e noto que também examina a matéria que tenho em mãos.

— Pegou o quê?

— As Babuskas^[99].

— O que é isso? — Franzo o cenho.

Beatrice inclina o corpo e alcança uma boneca azul e rechonchuda deitada sobre a mochila. Abre a boneca de madeira e retira outra menor de dentro e vai repetindo o processo, até que quatro outras bonecas em escala melhor, como uma escadinha, vão sendo reveladas.

— O nome mais usado é Matrioska,
PERIGOSAS ACHERON

bonequinhas russas, mas a vida toda as conheci como Babuskas, como são chamadas na Sérvia, onde a minha avó paterna cresceu. Acho mais carinhoso, sei lá... prefiro chamá-las assim... minhas Babuskas. — Sorri com ternura.

— Pensei que as tivesse trazido de Maida.

— Não... nem lembrei delas. Tenho tanta coisa naquelas prateleiras que nem reparo mais.

Volto a examinar a imagem.

— Pela lógica, tudo que há na mochila foi retirado do apartamento de Klaus — digo. — Quando revistamos a quitinete, não encontramos nada além do computador e do celular. Provavelmente, Scarface não teve tempo de pegá-los quando você apareceu de surpresa. Meu palpite é de que as bonecas tenham sido roubadas por Klaus, não por Scarface.

— Impossível. Klaus nunca esteve na

minha casa.

— Que você saiba.

Aponto para as dezenas de fotografias do sobrado de Maida.

Um: *Ohhh* aparece na boca carnuda de Beatrice.

— Acha que ele invadiu a minha casa? — Parece incrédula. — Para roubar — completa.

— Provavelmente — afirmo. — Quando estive a primeira vez no sobrado, bati uma revista nos cômodos. Não me lembro de tê-las visto em seu escritório.

Começo a reorganizar as bonecas uma dentro das outras. Em seguida, vou até a cômoda, retiro um saco plástico e coloco o objeto dentro.

— O que está fazendo?

— Vou pedir para Romeo levantar as digitais impressas nelas. Onde estão as outras?

— Que outras?

— Bonecas. — Apoio na bancada e cruzo os braços. — Essa aqui pode não ter valor financeiro, mas as outras, na foto, parecem ser feitas de materiais mais valiosos. Pode ser por isso que Klaus as pegou.

Meu inconsciente ainda procura outra razão para o interesse de Klaus por Beatrice, que não seja o assassinato.

— Não pegou. — Pressiona os lábios. — Vendi as outras pouco tempo depois da matéria ser feita.

Balanço a cabeça sem entender, precisando de mais informações.

Beatrice suspira e continua:

— O marido da minha vizinha, Dorothy, estava muito doente e eles precisavam de dinheiro. Na época, com a compra e a reforma do sobrado,

PERIGOSAS NACIONAIS

minha poupança era mínima. Procurei o filho deles e o idiota se recusou a ajudar, mas isso é uma outra história. Enfim, tive que dar um jeito eu mesma. Mantive as bonecas de madeira, como uma lembrança. — Aponta para o saco em cima do balcão. — Vendi as outras para um antiquário. Imaginava que algumas peças da coleção da vovó fossem valiosas, mas jamais pensei que conseguiria quinhentas mil libras por elas.

Assovio ao ouvir o valor.

— Para quem as vendeu?

— Na viagem que fiz com Maggie para Castle Combe fomos ao antiquário. Adorei o senhorzinho dono do lugar, não queria que qualquer pessoa ficasse com as bonecas... Eram muito especiais pra mim... Voltei até lá e as vendi para ele, com a promessa de que daria um bom destino a elas.

PERIGOSAS ACHERON

— E a caixa?

— Deixei-a no antiquário.

Solto um palavrão e Beatrice fica estática.

— O que foi? — Temo tê-la assustado.

— As bonecas eram especiais.

— Já disse isso.

— Não... — A cabecinha morena agita de um lado para o outro. — Eu as ganhei dos meus avós.

Continuo sem entender a relevância. Com um suspiro, Beatrice prossegue:

— Quando meus avós faleceram, meu pai não quis comparecer ao enterro. Eu sabia que ele e o me avô nunca se deram muito bem, mesmo assim, poxa vida... Não se despedir do próprio pai me pareceu radical demais. Acabei indo sozinha e quando estava voltando para Londres, recebi a caixa com os cinco jogos de Babuskas... — Seu

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto perde a cor.

Preocupado, volto a ajoelhar diante de Beatrice. O que acaba de revelar é importante, mas não mais do que ela.

— Se as lembranças forem emocionais demais, podemos continuar mais tarde. — Acaricio o rosto pálido.

— Não... você acha que as Babuskas, que elas... — Trice engole em seco.

— Elas o quê, Treas?

— O assassino podia estar atrás das bonecas... quinhentas mil libras é uma bela quantia. Ai, meu Deus! — Cobre o rosto com as mãos. — Pessoas matam por muito menos.

— Não estou entendendo, Treas... O que Petronovic tem a ver com elas?

Beatrice volta a me encarar e seu olhar é de puro pânico.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem matou o senhor Petro pode ter achado que ele as tinha. Foi ele quem as entregou pra mim. Eram um presente pelo meu aniversário. Meu avô não poderia vir a Londres e lhe confiou a caixa quando soube que viajaria para cá. Logo em seguida, houve o incêndio e o senhor Petro cancelou a viagem. Como fui para o enterro, aproveitou para me entregar.

Um bom agente sempre tem cartas na manga...

Merda!

Um arrepio percorre a minha coluna.

— Alguém viu você recebendo a caixa? — pergunto urgente.

— Não... estávamos a bordo do jatinho da Embaixada. O senhor Petro subiu para se despedir e tirou a caixa de uma valise. Mesmo que as bonecas não tenham relação com a sua morte... a matéria

sobre Chloé. Klaus pode ter presumido que elas tinham valor e eram de Chloé.

Ou Petronovic pode ter contado sobre a tal caixa para mais alguém...

Guardo meu palpite, abraço Beatrice e beijo o topo de sua cabeça.

— Vou descobrir a verdade, prometo, mas, antes, que tal sairmos daqui? Está tarde e não há mais nada o que fazer. Amanhã conversamos com Max e Romeo.

— Preciso falar com Chloé.

— Amanhã... agora tudo o que precisamos é de uma boa refeição e nos perdermos um no outro.

Deixo a papelada como está e arrasto Beatrice para fora do closet.

Mal colocamos os pés da sala, Godzilla e Gabriel disparam em nossa direção. Seguro o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

cachorro pela coleira, brecando o ataque a centímetros de se chocar com Beatrice. Faço um esforço para dominar o animal que tenta freneticamente chegar até ela enquanto Gabriel escala as pernas da dona pedindo atenção.

— Ai, meu Deus! Será que ele nunca vai se acostumar comigo?

Godzilla uiva desesperado quando Gabriel ganha colo e um afago. Atraída pela movimentação, Mila aproxima-se e enrosca seu corpo peludo entre as minhas pernas.

— Vou levá-lo para fora. — Desviando da gata, puxo Godzilla em direção ao jardim. — É bom dar a ele uma das suas camisetas. Quem sabe, se acostume com o seu cheiro e fique menos empolgado.

— Boa ideia... vou pegar.

Acompanho Beatrice levar o belo traseiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

até o closet e depois voltar com um moletom velho.

— Usei esse aqui recentemente, não tive tempo de levar para a lavanderia.

— Perfeito.

Pego a peça e manobro o corpo forte de Godzilla que resiste. Suas unhas arrastam no piso de cimento na tentativa de permanecer junto de Beatrice. Gabriel pede chão e num gesto de solidariedade canina junta-se a nós.

Depois de lutar mais um pouco e ficar coberto de baba, entrego o blusão para Godzilla, que dá uma fungada profunda e corre para esconder seu prêmio na casinha. Com um suspiro, fecho as portas de vidro.

A minha irritação dissipa assim que vejo o ar sorridente de Trice, divertindo-se em me ver todo amarrotado e babado.

— Não posso cozinhar desse jeito, preciso

PERIGOSAS ACHERON

de um banho. — Esfrego as mãos úmidas na camisa. — Por que não assiste alguma coisa enquanto me espera?

— Tudo bem.

Beatrice pega Mila no colo e instala-se no sofá.

Vinte minutos depois, estou de volta para encontrar Beatrice e Mila desmaiadas no sofá. A cena me faz abrir um sorriso involuntário... Preocupado que não tenha jantado, penso em acordá-la, mas desisto. Estava tão angustiada... Com cuidado, levo minha bela mulher adormecida para a cama. O peso das descobertas deve tê-la sobrecarregado, pois nem chia quando tiro seu short e a acomodo sob o edredom.

É... o jantar já era e a sobremesa também.

Pilhado demais para conseguir dormir, ligo para Max, pedindo que ele e Romeo voltem até

mim. Não vou conseguir relaxar até descobrir onde Trice se meteu.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Beatrice

Acordo preguiçosamente tomando consciência do corpo grande, musculoso e quente pressionado contra minhas costas... Sinto o ronronar tranquilo e cadenciado ressoar em meu ouvido... a sensação é tão boa que permaneço parada com medo de acordá-lo.

Abro um sorriso convencido quando imagino o Capitão Putão andando por aí com: *Eu ♥ a Treas* tatuado na testa.

Maluco de tudo!

Jamais o deixaria profanar um rosto tão perfeito, apesar de que não seria nada mau ter meu nome estampado em sua bela testa para espantar as

Donatelas de plantão.

Fecho os olhos quando lembro do restante da noite... encontrar aqueles papéis foi perturbador. Não sei se levaria tão bem, se Dante não estivesse ali. Ele foi meu alicerce. Certamente, eu e Chloé surtaríamos e tomaríamos todas as decisões mais loucas e erradas possíveis.

Deus!

O mundo ruindo e ele faz tudo parecer tão mais fácil... Por que será que é tão difícil retribuir o eu te amo? Eu o amo? Acho que sim...

O corpo atrás do meu mexe e meu coração salta mais alto.

— Bom dia. — A voz rouca de sono, que tenho aprendido a amar, acorda meus pontos mais secretos e felizes.

— Oi.

— Apagou tão forte no sofá, que por

pouco não chamei o IML.

— Desculpe, não queria estragar sua noite.

— Não estragou... você é linda dormindo.

Está melhor?

Linda?

Aconchego-me mais... Um simples elogio, mas altamente eficaz para o meu ego.

— Estou... gosto tanto de ficar assim com você.

— Gosta é?

— Hum-hum...

— Quanto?

Levanto a cabeça do braço forte em que estava apoiada e giro o rosto para olhar para ele. O cabelo despenteado, os azuis-índigo sonolentos, o rosto relaxado contra os lençóis cinza são como uma pintura. Esse homem é melhor do que um sonho.

— O bastante para esquecer dos problemas e só pensar no quanto é bom acordar nos seus braços.

Deixo as palavras fluírem... Não tenho motivos para joguinhos. A presença dele é mesmo um bálsamo, uma distração bem-vinda para o caos instaurado na minha vida... A noite bem dormida ajudou a amenizar o peso das descobertas de ontem, mas é Dante que traz segurança. Com ele sinto-me blindada e protegida.

— Isso é bom... — Um sorriso aparece no meio da barba. — Porque tenho uma coisa que vai te fazer ficar muito melhor.

Ahhhh... que delícia.

Meu coração dispara quando a já conhecida ereção matinal pressiona minha bunda denunciando a nudez de seu dono. Dou-me conta de que estou só de camiseta e calcinha... ele deve

PERIGOSAS NACIONAIS

ter me livrado do short depois que desmaiei de cansaço enquanto o esperava sair do banho. Capotei sem ter a chance de experimentar o famoso jantar.

— Adoro seu pau — murmuro em uma ousadia.

O Sorriso aparece.

— Vai adorar bem mais, quando ele bater fundo em você.

Vou mesmo!

Amém... obrigada, Senhooor.

O braço tatuado, em torno da minha cintura, aperta e sou rolada... O corpo pesado e nu prende o meu na cama... Sou uma formiguinha diante dessa montanha de músculos. Entreabro os lábios e ofego do puro tesão que é ter sua pele instigando a minha... Aproveitando a deixa, a boca carnuda cobre a minha... ele puxa os meus lábios,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chupa e começa um beijo profundo.

Lá vamos nós...

Retribuo com vontade... não há incertezas, apenas um contentamento eletrizante. A coisa esquenta, entramos no modo esfrega-esfrega alucinado, gostaria de ter mais mãos para poder apalpá-lo em todos os lugares ao mesmo tempo. Há corpos masculinos e há a máquina que é o Dante... esse homem desafia as leis da gostosura fodedora e perfeição viril.

Juro que nunca vi algo tão perfeito!

Nossas línguas duelam, embaladas pelas respirações ofegantes e uma onda de bem-estar e excitação percorre o meu corpo. Finjo que os problemas não existem e precisando esquecer as coisas ruins, deixo-me entrar num universo paralelo e feliz repleto de promessas de um sexo matinal incrível.

PERIGOSAS ACHERON

Necessitando mais contato, escancaro as pernas. Dante manobra o quadril roçando o belo e duro pau em minhas feminilidades encharcadas. Esfrego-me para provocá-lo. O peito enorme vibra em um ronco de prazer... Todo o meu corpo treme sob o dele. A sensação do belo míssil contra a renda da minha calcinha é o suficiente para me fazer ofegar em seus braços.

Eu arquejo.

Ele geme.

Um calor intenso espalha pelo meu ser, concentrando-se no ponto onde a glândula potente e quente instiga o clitóris. Sem fôlego, desgrudo nossas bocas e puxo o ar em uma sequência de suspiros entrecortados e ansiosos.

Em um movimento rápido, Dante fica sobre os calcanhares e lá se vão a calcinha e a camiseta... Nua, respiro ofegante. Acho que nunca

vou deixar de me surpreender com o quão divino ele é. A visão do míssil, para lá de engatilhado, mirando o abdômen trincado é uma delícia. Molho os lábios ao lembrar do belo sabor que tem. Fascinada, vejo-o alcançar uma camisinha no criado-mudo e nos proteger.

Sem conseguir esconder a ansiedade, dobro os joelhos e abro bem as pernas... Escancaro-me diante dele. Posso sentir a excitação escorrer entre minhas dobras... Os azuis-índigo recaem para a vagina desavergonhada e úmida. Dante morde os lábios... seu belo rosto barbado é pura selvageria e satisfação.

Arrepio-me.

— Sabe o quando essa visão me dá tesão?
— grunhe. — Adoro que seja totalmente depilada...
é linda...

Ouvir o elogio carregado de erotismo me

PERIGOSAS NACIONAIS

deixa ainda mais úmida.

Jamais pensei na minha vagina como algo lindo, mas se ele está dizendo, quem sou eu para discordar? Esse homem sabe mexer com a minha vaidade... Nunca me senti tão sensual.

Numa atitude imprevista, infiltra o corpo entre as minhas pernas e inclina o tórax... fecho os olhos e começo a tremer preparando-me para ser avidamente chupada... esparramada na cama, contorço-me em expectativa... nada.

Nada?

Entreabro e depois arregalo os olhos.

O que esse louco está fazendo?

Incrédula, acompanho o celular nas mãos dele voar e aterrissar no canto da cama.

— Não estou acreditando que tirou uma foto da minha... da minha... Deus! — não consigo nem falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boceta?

Balanço a cabeça em um sim estupefato.

— Tirei. — Sorri safadamente.

— Isso é pervertido em tantos níveis que não posso acreditar!

— Pervertidas serão as punhetas que vou bater olhando para ela.

Meu Deus!

É muito tarado.

Minha mente vagueia. Primeiro imagino a mãozona bombeando o pênis imenso. Depois questiono-me por que precisa se masturbar vendo uma foto se me tem aqui, ao vivo e a cores... todinha para ele?

— Medida de segurança... — responde à pergunta não formulada. — Ando num tesão da porra, preciso me garantir para quando não estiver por perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu queixo cai.

— Você é louco.

— E você, maravilhosa... — Varre meu corpo com um olhar devasso. — Gostosa, uma obra de arte. Feminina pra cacete.

Mesmo chocada, um sorriso involuntário curva meus lábios... *linda, maravilhosa, gostosa, feminina pra cacete...* se sou uma obra de arte, ele é uma obra-prima.

A indignação perde a força quando o corpo musculoso projeta-se pairando sobre o meu... *Hummm, tão cheiroso...* Dante é um pacote completo de sensações e estímulos sensoriais. Admiro as tatuagens quando apoia um dos cotovelos na altura da minha cabeça... ainda não acredito que todos esses desenhos foram feitos para mim... Definitivamente, uma obra-prima.

Ohhhh.

PERIGOSAS ACHERON

A mãozona infiltra-se entre nós. Fecho os olhos... o dedão varre toda a minha abertura coletando a umidade, para depois pressionar o clitóris em uma tortura circular e lenta. *Hummm... tão bom...* Gemo baixinho, contorcendo-me. Agarro os lençóis e meus dedinhos dos pés contraem à medida que a tortura aumenta... Estou tão molhada e excitada que quero gritar... Amo que seja um homem de preliminares...

— Isso... geme pra mim... Mostre-me o quanto gosta que eu te foda...

Dois dedos invadem meu sexo, no mesmo instante em que abocanha um mamilo duro e sensível...

Não aguento o tesão... Grito e projeto o corpo, dando-me por completo.

A barba que instiga minha pele, combinada com a sugada firme, são de

PERIGOSAS NACIONAIS

enlouquecer... Um terceiro dedo me penetra em um entra e sai exigente. Choramingo ao ter o outro mamilo sugado na mesma intensidade.

— Sua boca... seus dedos... amo — consigo declarar minha total veneração entre um suspiro e outro.

— É bom que ame mesmo. — Sorri sobre o seio. — Não vai sentir nenhum outro toque pelo resto da vida.

Não protesto... a ideia de passar a eternidade sendo torturada desse jeito é boa demais. Finco as unhas nos ombros largos quando o míssil toma o lugar dos dedos e entra em mim aos poucos. Gemo mais e mais, e mais, à medida que vou expandindo para acomodá-lo.

— Passe as pernas ao meu redor... — em um sufoco, rosna a ordem com a boca pressionada contra o meu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cravo os calcanhares na bunda maciça e ele mete duro entrando por completo.

— Foda... foda... foda... — grunhe.

Totalmente foda... concordo mentalmente.

A sensação desse pau grosso e longo enterrado em mim é poderosa demais e rouba-me as palavras. O entra e sai começa, o som das estocadas de sua pele contra a minha invadem o loft. Nossas respirações entram num ritmo cadenciado... afundo o rosto no pescoço poderoso quando lágrimas começam a rolar... a cada vez que me toma a sensação de plenitude aumenta... minha necessidade por ele é tão grande que meu peito comprime... sinto-me sufocada.

Abraço o corpo que amo com todas as minhas forças... ele empurra com força e mete, mete, mete como a potência que é... meu corpo cavalga atada ao dele. Beijo seu pescoço e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros... tenho medo. Tudo é tão avassalador.

— Dante... — ofego.

— Eu sei... também estou sentindo — diz e começa a me foder pra valer.

* .. ♥ .. *

Sentada numa das banquetas do balcão da cozinha, acaricio o corpinho rechonchudo e macio da gata em meu colo. Gabriel e Godzilla estão em uma disputa animada sobre qual deles destroça mais rápido um par de tênis de Dante.

— Tem certeza de que não quer que os resgate? — ofereço pela milésima vez.

— Tenho.

A coisa do blusão com o meu cheiro aplacou um pouco a obsessão canina sobre mim... Assim que terminamos uma segunda rodada de sexo matinal, no chuveiro, Dante liberou os cães.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de meia hora e muitos nãos, Godzilla, finalmente, começou a entender que ganharia os meus afagos se não me derrubasse no chão.

— Seus tênis já eram — insisto.

Constato para um Dante de cabelos úmidos e despenteados, extremamente quente metido em um jeans desbotado, sem camisa e descalço.

— Tudo bem... assim temos um pouco de sossego — responde compenetrado na refeição que está preparando.

Rio quando coloco Mila no chão e ela corre para se enroscar entre as pernas musculosas.

Gatinha esperta essa a minha.

Nós dois aqui na cozinha dele, rodeados pelos nossos bichinhos, ainda é muito surreal para mim.

— Sinto muito pelo seu pescoço e hum...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelas costas também — digo envergonhada.

Os azuis-índigo descem para a curva do meu pescoço onde também ostento uma bela de uma chupada.

— Se é por isso, também lhe devo desculpas. — Sorri parecendo satisfeito do ato. — Gosto do seu descontrole e de como se entrega... arranhões não são nada se comparados as nossas fodas fantásticas e a chupada fenomenal que ganhei no banheiro.

Meu rosto enrubesce. Nem eu sabia que era uma chupadora tão empolgada. Fazer o quê? O míssil é delicioso pra caramba.

Envergonhada, vou até a cafeteira e encho duas canecas.

— Estamos nos saindo dois belos tarados — sussurro ao lhe entregar o café e voltar a me sentar.

PERIGOSAS ACHERON

As sobancelhas grossas sobem.

— E isso é ruim?

— Não, mas ser tarada dá muito fome —
brinco.

Ele me brinda com uma gargalhada
gostosa.

— Também estou morto de fome. Que tal
preparar umas torradas enquanto frito o bacon?
Ah... tem frutas e geleia na geladeira.

— Tudo bem que estamos famintos. —
Sorrio. — Mas é comida para um batalhão.

Continuo sorrindo.

— Max e Romeo devem estar chegando.

Meu rosto fecha. A menção dos dois traz
de volta os meus problemas.

— Ontem depois que dormiu, eu os
chamei aqui — explica, diante da minha falta de
palavras. — A essa altura, já devem ter alguma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa sobre o que encontrou na mochila.

Meu corpo tensiona. Combinamos que falaríamos juntos. Não gosto nada, nada, dele agindo pelas minhas costas.

— Nem pense em me deixar de fora.

Dante desliga o fogão e desliza a frigideira para o lado. Quando levanta a cabeça e me avalia, não preciso ser uma gênica para sacar que era exatamente isso que pretendia fazer.

— Prometi não te deixar no escuro, mas nem fodendo vou permitir que flerte com o perigo.

Bingo! Eu sabia...

Lá vamos nós...

Fim da harmonia no lar.

— Não sou uma criança frágil. — Olho-o com firmeza. — Sonho teu se acha que vou ficar sentada de braços cruzados enquanto resolve os meus problemas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos respondem estreitando-se com irritação.

— Entenda uma coisa, Treas. — Coça a cicatriz na sobrancelha. — Minha alma é programada para proteger você. Esse sou eu. Se julgar perigoso, você estará fora.

— Fora? — Dou-lhe um sorriso sarcástico. — Meu querido, aquelas fotos dizem que estou mais dentro do que imaginamos e o fato de termos um lance não te dá o direito de decidir por mim — exponho o meu ponto.

As veias das têmporas de Dante começam a pulsar denunciando a mudança de humor.

Ohhhh... olá, Capitão Putão.

— Lance o caralho... — Pressiona os punhos cerrados sobre o balcão. — Não sou um homem de lances. Não com você. Ou estamos totalmente ligados ou nada feito. Essa porra de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem ama deixa voar, não funciona comigo. A senhorita é uma corujinha muito alucinada, Beatrice Wild. Um caralho que vou aceitar essa merda de lance e te deixar voar livre e solta por aí.

— Sei que está acostumado a ser obedecido, mas ditadura militar, comigo, não rola. Não sou mulher de baixar a cabeça ou andar a um passo atrás. — Imito seu gesto, apoiando as mãos no balcão. — Ou caminhamos lado a lado ou nada feito.

— Sei disso.

— E também não pode me prender — aviso só por precaução.

Um rastro de decepção varre o belo rosto.

— Não, mas posso voar ao seu lado. Não foi isso que disse? Lado a lado?

Uh... o quê?

Sou pega de surpresa. Honestamente

PERIGOSAS ACHERON

esperava um *Se fecha! Sou eu quem manda nessa porra!* O Dante conciliador ficou no passado.

— Por acaso está se colocando como meu namorado? — Arqueio uma sobrancelha.

Ele ri, mas não parece feliz.

— Não sou seu namorado, fui aos vinte anos. Já disse, sou mais... muito mais. É minha mulher, o que significa que sou seu homem. E como tal, não vou deixar que corra perigo. O que aconteceu com Scarface não vai se repetir... não vou te perder de novo, Treas. Porra! Esqueceu que Klaus está morto?

Isso é jogo baixo! Desalmado de uma figa!

A imagem do cadáver de Klaus vem como um flash à minha mente.

Fecho os olhos com força.

Merda! Merda! Merda!

— Impossível esquecer — murmuro

rendida.

— Ótimo. — Sorri como o vencedor da disputa que é. — Omelete com bacon?

* .. ♥ .. *

Cutuco Chloé, mais uma vez. Os olhos de tigresa entreabrem preguiçosamente e assim que me vê, sorri, para em seguida bocejar.

— Oi, Trice... Que dia é hoje, que horas são?

Dou risada, deveria ter previsto que não estaria acordada. Pelo jeito, a balada de ontem foi daquelas.

— Sexta-feira... quase meio-dia.

— Deus! É de madrugada ainda... — protesta e cobre o rosto com o travesseiro. — Isso só pode ser coisa daquele Capitão torturador. Foi ele quem te mandou aqui? — Sua voz sai abafada

pelas plumas.

Dou risada.

—Dante não veio... Mc me trouxe. Está lá embaixo conversando com Lucca.

— Ótimo... quem sabe um papo entre homens alivie a chatice daquele cozinheiro.

Não digo nada. Senti mesmo um clima tenso quando cheguei. Aposto que se não estivesse com Mc a tiracolo, Lucca não perderia a chance de me encher de perguntas e depois de sermões.

— Não acredito que vim até aqui para ser ignorada. — Tento puxar o travesseiro, mas Chloé agarra-se a ele. — Anda... acorda.

— Só preciso de cinco minutinhos — choraminga. — Vem, deita comigo, estou sentindo falta de ser o centro da sua atenção... agora tudo é o Capitão.

— Deixa de ser boba!

Feliz que sinta minha falta, caio de bruços na cama e aconchego-me a ela. Esfrego um pé no outro e livro-me dos chinelinhos amarelos que ganhei de Dante... Eles voam e aterrissam bem em cima de uma pilha de roupas no chão. O quarto está um caos.

Vejo a canga que reveste uma das paredes e sorrio. Chloé ainda tem muito da menina simples que dividia o alojamento comigo em Oxford. O que é bom... muito bom... também não quero perder a essência da garota que eu mesma sou. Gosto dela... muito mesmo.

Chloé começa um processo manhoso de espreguiçar e bocejar... Resolvo dar os cinco minutos que me pediu, não sei como começar a contar o que vem acontecendo.

Aquela conversa com Dante, na cozinha, foi bem esquisita... Sei que pedi a ajuda dele, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

estou há tanto tempo sendo dona do meu nariz, que é complicado abrir a guarda. Por mais que eu entenda o tamanho da merda na qual me meti, o Capitão é muito exagerado.

Só não me irritei mais, porque fui pega de surpresa.

“É minha mulher, o que significa que sou seu homem.”

Caramba, que loucura!

Estava tão preocupada com rótulos e ganhei logo o maior deles.

O homem está mesmo decidido a me manter. Como não ficar mexida numa situação dessas? Me diz? Como? Dormi que é uma maravilha. Há tanto sexo envolvido, que minha pele está incrível. Sem falar na comida... Por mais que a rigidez e a superproteção me irrite e preocupem, o Capitão tem acumulado tantos pontos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

positivos que não sei nem o que pensar. Não é justo... Ele contraria a lógica dos machos fodidões.

Que eu saiba, homens do tipo dele deveriam ser um poço de prepotência e machismo. Fiquei surpresa quando mandou Max e Romeo abrirem tudo o que tinham descoberto para mim, não que tenha sido muita coisa. Mas quando os dois foram embora, o que foi aquilo de respeitar o meu espaço e o desejo de vir até o Soho sozinha? Droga! Ele me ouve como se me entendesse e depois, dá um jeito de encaixar as coisas de modo que fique bom para os dois.

Valha-me Deus!

Ele existe?

— Será que eles têm armas secretas?

Hã?

Saio do meu devaneio para encontrar os olhões de Chloé me observando com bom humor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem? — Fico confusa.

— Dante e o grupo dos soldados fodões...

Ahhhh, minha ficha cai... claro, Romeo. Aposto que o linguarudo falou mais do que deveria.

— Sei lá, como vou saber? Acho que não.

— Sento na cama, sentindo-me um pouco traída. — Romeo apareceu com Max para o café da manhã. Por que não me avisou? Fui pega de surpresa quando disse que conversaram e você contou tudo sobre Klaus.

A boca de Chloé entorta ao perceber a mancada que deu. Sem graça, senta e cruza as pernas como as de uma índia.

— Desculpa, o Pirralho me fez prometer que não contaria. Ele acha que já está sobrecarregada demais. — Lança um meio sorriso desculpando-se, que me derrete. — Caramba, alguém consegue esconder alguma coisa de Dante?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu pensei que tivesse sido superdiscreta.

Não respondo ainda em dúvida se me sinto traída ou não.

— Ser interrogada é bem sexy. — Abre mais o sorriso e meu radar interno apita.

— Desde quando acha Romeo sexy?

— Desde nunca... — Esboça uma repulsa.
— Só achei na hora em que estava me enchendo de perguntas, mas já passou.

Estreito os olhos, desconfiada.

— Sei...

Ela revira os dela.

— Ah... deixa de ser chata, Trice. Foi coisa de momento, um deslize. Vai dizer que não achou o Capitão no modo investigador, sexy? Aposto que arrasa no sexo.

— Achei e arrasa totalmente — digo sem pensar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sabia! Safadinha! Devem estar trepando mais do que coelhos! — Estapeia meu joelho. — Bandida! Claro que essa sua pele reluzente não poderia ser só creme.

Primeiro, dou risada... coelhos não são páreo para nós. Depois, reparo que a pele dela também nunca esteve tão bonita.

— Meu Deus! Transou com Romeo? — exclamo boquiaberta.

— O quê? Não, claro que não! Que nojo! — Sai da cama em um pulo. — O Pirralho é quase meu irmão e não faz nem um pouco o meu tipo! Um folgado irritante, isso sim! Acredita que colocou um segurança para ficar me vigiando? Quem ele pensa que é? Meu dono? Cara chato! Deve ser por isso que não faz parte do grupo dos fodões. Insuportável — insiste na queimação de filme me deixando incomodada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem disse que não faz parte do grupo? — Falo com autoridade. — Ele é bem fodão, assim como Max.

Saio em defesa dos Stoirm enquanto acompanho o vai e vem elétrico dela pelo quarto.

— Não é não — retruca com teimosia. — Fodão, fodão mesmo é o Dante... eles são subfodões... não top máster fodão Cavaleiro da Rainha.

— Para ser Cavaleiro precisa ser do Exército. Romeo não é militar — tento uma explicação evasiva.

— Max é soldado e a Rainha nem tchum para a existência dele.

Fico quieta, não tenho argumentos contra isso. Até porque eu mesma continuo confusa sobre as atividades do Capitão para a Rainha.

Uma minionda de ciúmes aparece.

PERIGOSAS ACHERON

Acho bem bom que aquele Marido Real ainda dê conta do recado.

Os olhos castanhos vagueiam pelo mar de roupas por uns segundos.

— Caramba, já sei! — Começa a cavucar as peças espalhadas no chão com um pé. — Dante deve ter várias habilidades especiais que os outros não têm. O que acha?

Ôôôô se tem...

— Acho que deve fechar essa matraca... Sabe como ele é reservado, vai ficar puto se ficar especulando sobre as habilidades especiais dele por aí — aviso, ainda sem saber o que quis dizer com habilidades especiais.

Duvido muito que Romeo tenha aberto sobre o Royal Honnor ou sobre as atividades secretas do irmão.

— Nem para o Lucca?

Eita... merda!

— Muito menos para ele! — Arqueio as sobancelhas. — Não percebeu que os dois não se bicam?

O rosto de supermodelo vira um grande *Ops...*

— Não se bicam, é?

— Pelo amor de Deus, Chloé... Esquece esse assunto de fodão da Rainha. Se contar para mais alguém ou postar no *Instagram*, juro que eu te mato!

— Calma! Só quis tranquilizar Lucca. Disse que se tem um cara capaz de te proteger, é o Dante... — Ergue dois vestidos que resgatou do chão. — Esse ou esse? Está frio?

Olha com estranheza para a camisa branca, fechada até o pescoço com um laço, que combinei com o jeans justinho e os chinelinhos amarelos.

— De manhã bem cedinho, estava frio — minto. Não vou falar da chupada, já me basta as gozações que tive que aturar de Max e de Romeo por causa dela. — Prefiro o verde.

Sem perceber o rubor no meu rosto, Chloé arranca a camisola e coloca o vestido.

— Tem noção de que vive um momento épico, Trice? O cara que você ama e odeia voltou; e em menos de um mês, já está na cama dele dando mais que chuchu na cerca!

Ela sorri gloriosa e sinto-me ofendida.

— Ei, não liberei logo de primeira, ok? Só estou lá, porque o sobrado foi destruído! — defendo-me.

Os olhos de Chloé reviram.

— Deixa de ser dramática, está adorando essa trepação toda. Só estou dizendo que aquele cabeça-dura sempre foi obstinado com o que deseja

PERIGOSAS NACIONAIS

e ele ter quer... Estaria na cama dele mesmo com a casa intacta. Ele daria um jeito, te arrastaria pelos cabelos como o homem das cavernas que virou. Graças a Deus que não tem megahair... Forte do jeito que ele está, ia ficar carequinha! Romântico pra cacete! — gargalha.

É... bem provável que estivesse mesmo.

— Não estamos em um filme para você fantasiar... Isso é sério, Klaus morreu, lembra? — Irritada que tenha razão, uso a mesma tática de choque do Capitão.

— Não quero pensar naquele babaca. O traidor ordinário está morto e fim de papo — soa machucada. — Prefiro fantasiar sobre o seu romance com o homem das cavernas.

Fico preocupada... as negações de Chloé nunca acabam bem.

— Desculpa, não deveria ter tocado no

PERIGOSAS ACHERON

nome dele. Só quero que fique bem — falo com cuidado. — Se quiser conversar... sabe que estou aqui para o que precisar.

As mãos de modelo vão parar nas ancas generosas.

— Conversar sobre o quê? Sobre Klaus ter me trocado por você? Relaxa, ele não foi o primeiro babaca que fez isso.

Opa! Opa! Opa!

— Quem te disse isso? Ninguém te trocaria por mim! — digo, surpreendida com o amargor inédito em sua voz.

— O Romeo veio aqui ontem à noite. — Revira os olhos. — Vi as fotos e *prints* da internet. Embora o Pirralho diga que não, ficou bem óbvio que Klaus perdeu o interesse em mim e caiu obcecado por você. O ordinário vivia me fazendo perguntas sobre a sua família... Caramba! Como fui

PERIGOSAS NACIONAIS

tão idiota e não percebi nada? Acha que se apaixonou por você?

Hã?

Deus! A cabeça de vento deduziu tudo errado!

— Não, claro que não! — berro. — Já se olhou no espelho? É maravilhosa, por dentro e por fora! Nem um louco te trocaria por mim.

— Verdade?

— Claro!

Mordo os lábios tentando ganhar tempo.

Pense, Beatrice... pense!

Romeo disse que tinha conversado com Chloé... só não disse que fez isso por duas vezes!

Merda!

Era óbvio que voltaria, Chloé é um elemento chave na investigação.

PERIGOSAS ACHERON

— O que mais Romeo falou? — pergunto sabendo que não tinham nada até essa manhã. Achei sensato quererem esperar por uma análise mais profunda sobre as impressões e possíveis rastros contidos na papelada.

Chloé volta a sentar na cama.

— Que estão tentando entender porque Klaus tinha tantas fotografias e recortes nossos... Que, provavelmente, o safado estivesse planejando algo contra nós e que Scarface seja só um cúmplice que o traiu para executar o plano sozinho. Acha mesmo que preciso de segurança?

Respiro pausadamente quando minha ficha cai.

Ok... nada de senhor Petro, meu avô ou caixas entregues em aviões.

Romeo só quis protegê-la e está certo. Quanto menos Chloé souber e sair espalhando por

aí, melhor. Agora entendo porque me fizeram jurar que não falaria sobre a morte do senhor Petro e me concentraria apenas no perigo que é ter Scarface ainda solto.

Respiro buscando as palavras.

— Meu pai é importante e você milionária. O palpite de Dante é de que Klaus estivesse planejando um sequestro — minto, odiando fazê-lo. — Então, enquanto não prenderem Scarface, é bom que tenhamos os seguranças sempre por perto.

Os olhos de tigresa arregalam.

— Fala sério! — berra. — Sequestro? Que filho da puta, ordinário! — berra mais. — Eu mato aquele desgraçado! — continua berrando.

— Calma... — Ergo as mãos para amansá-la. — Até ajudaria no linchamento se o filho da puta em questão, já não estivesse morto.

— Ah... é, merda! Nem para isso ele

serve!

— Tudo bem aí? — A cabeça descabelada de Lucca aparece na porta. — Que gritaria foi essa?

* .. ♥ .. *

Acomodada em uma banquetta, fecho o bloco de anotações sobre a mesa instalada bem no centro da enorme cozinha do pub. A madeira rústica do tampo contrasta com o alumínio e aço escovado que compõe todo o resto, desde as bancadas, armários, utensílios e uma parafernália de eletrodomésticos top de linha.

Daqui a pouco, o lugar vai ser invadido pelos funcionários do turno da noite. As noites de sextas-feiras sempre são mais puxadas, mas por ora, Lucca, Lore e Jeremiah discutem sobre os aperitivos e doces que serão servidos durante o leilão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com Chloé saindo para uma sessão de fotos e Dante mandando uma mensagem avisando que ficaria fora até a noite, achei uma boa ideia convocar os meus escudeiros e trabalhar daqui.

Foi rápido acertar os poucos detalhes que restavam para o leilão, então aproveitamos o tempo livre, para dar um pulo no prédio do Estadia e conversar com a equipe de zoonoses.

Não consegui passar da porta, os técnicos estavam em polvorosa com a quantidade de insetos e ratos... Conclusão: vão precisar de mais tempo. O que, de certo modo, foi um alívio. Ainda não descobri como iremos solucionar a falta de estrutura para a distribuição das refeições. Sem falar, que esqueci completamente da meleca da Copa do Mundo!

Caramba!

Em menos de dez dias começa a Copa do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mundo. Parece que foi ontem que os favoritos brasileiros foram eliminados por uma Alemanha invencível. 7 x 1! Parece até piada.

Lucca tem razão, mesmo que a nossa seleção não vá muito longe, as pessoas lotarão o pub para assistir aos jogos. Um mês inteiro em que só se falará de futebol. Vai ser impossível para o meu amigo pensar no Estadia. Melhor assim... vou poder ir a Paris sem me preocupar com o evento.

Minha barriga ronca... com fome, escrutino as amostras espalhadas sobre a mesa. Algumas são típicas da Rússia, uma brincadeira e relação a Copa.

Droga! Droga! Droga!

Meu estômago revira... Rússia... País tão lindo e palco do assassinato do senhor Petro. *Coitadinho*. Ignoro a fome... não dá... não consigo comer mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisando de ar e de privacidade, levanto sem pedir licença. Pego o celular e vou até o balcão mais ao fundo... Encosto os quadris no aço frio e olho, olho, olho para o aparelho, indecisa se devo ou não ligar para Dante.

Droga!

Onde esse cretino se meteu?

— Tudo bem?

A voz preocupada de Lucca me tira do transe.

Levanto a cabeça para encontrar seus olhos dourados colados em mim.

— Tudo. — Coloco o celular sobre o balcão.

— Então por que essa carinha angustiada?

— Não é nada... — desconverso.

Não quero que saiba o quanto estou dependente da presença de Dante.

PERIGOSAS ACHERON

— Trice. — Acaricia meus cabelos, mas logo recua e abre um passo de distância. — Se as coisas com o Capitão estiverem complicadas, podemos dar um jeito. Tudo bem que o quarto de Chloé é um caos... — Ri. — Mas posso dormir no sofá e você na minha cama. Viu como funcionou trabalharmos aqui?

Olho de relance para a Lore e Miah que se empanturram com as amostras do bufê.

— Eu sei... — Volto para Lucca. — Hoje foi bem produtivo, mas não precisa se preocupar. Gosto do loft... Mila e Gabriel também — afirmo, mas Lucca parece duvidar. — É sério! Estou me sentindo em casa. As Irmãs são gentis, Godzilla finalmente está acalmando e tinha me esquecido do quanto a relação de Dante com os irmãos é divertida. — Ensaio um sorriso. — Ele pode parecer meio rabugento, mas no fundo é só

PERIGOSAS NACIONAIS

fachada. Tudo bem que é meio mandão, mas tem sido atencioso e preocupado comigo. Ganhei vários chinelinhos, acredita nisso? — Aponto para o meu pé. — Até das minhas plantas lembrou. Cheguei lá e encontrei meu mar de verde.

— Mesmo assim... todos esses anos — insiste ignorando meus argumentos. — O cara é praticamente um estranho, não sei... se fizer alguma coisa... se te...

— Não é um estranho para mim... conheço Dante a vida toda — interrompo. — Ele pode estar um pouco mudado, mas não vai me machucar — afirmo torcendo para que não esteja errada. — Disse que me ama e quer que fiquemos juntos — murmuro.

— Ele quer o quê? Porra... — Lucca sibila ao passar as mãos pelos cabelos. — E todo aquele seu papo de não querer vê-lo nem pintado de ouro?

PERIGOSAS ACHERON

Não me diga que voltou a amá-lo.

— Acho que voltei ou talvez nunca tenha deixado de amar... — confesso baixinho. — Eu... eu... só não conseguir dizer a ele... é complicado.

— Falar de amor nunca foi um problema para você. — Seu belo rosto ganha um brilho diferente. — Disse que me ama várias vezes.

Suspiro... decepcionada que não entenda.

— É diferente... com você e Chloé é fraternal. Por mais que a gente brigue ou pise na bola uns com os outros, sempre acabamos nos perdendo... não tenho medo de perdê-los.

— Já com o Capitão? — Comprime os lábios.

— Tenho pavor. — Mordo o cantinho interno da boca. — Não vou suportar perdê-lo de novo. Quero muito me declarar, mas travo. A coisa fica entalada na garganta e simplesmente não sai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como aqueles ratinhos de laboratório que aprenderam, através do choque e da dor, que não podem pegar o queijo... que se fizerem o que mais desejam vão se machucar... Está me entendendo? — pergunto e, pela expressão impassível, parece que não. Suspiro e continuo. — Estou tão condicionada a negar... que meu cérebro medroso insiste que se ficar quietinha e não for por esse caminho, tudo vai ficar bem... Dante não vai me abandonar.

— Caralho, isso é muito fodido! — Inclina a cabeça para o lado e coça a nuca.

— Eu sei... — assinto em um pesar.

— Um homem precisa de certezas, Trice. Uma hora, vai exigir esse amor.

Nego tanto que os meus cabelos balançam.

— Não... ele disse que tudo bem, que vai esperar. Duvido que force a barra, pelo menos, não

PERIGOSAS ACHERON

com isso. Você não o conhece... Por baixo daquela armadura autoritária e carrancuda, ainda é ele... o velho Dante, único e especial. Um homem sensível que sabe que amor não se pede, Lucca... se declara. E quer saber? Acho que ele sabe... sabe do meu amor infinito por ele.

— Sabe o que *EU* acho? — enfatiza.

Balanço a cabeça em um não.

— Que te perdi... — Os belos olhos dourados entristecem. — O homem mal deu as caras e já é toda dele.

Eu sou... penso, mas não digo nada.

— Não quero te perder, bonequinha.

— Não vai! — Jogo-me em seus braços e o abraço apertado. — Que bobagem... Tire isso da cabeça! Sei que as coisas estão mudando um pouquinho. Posso até ficar mais com ele, mas esqueceu do que vivia me dizendo? Que o meu

coração é um *Pacman*^[100]? Um bichinho guloso devorador de amor? — Saio do abraço e rio lembrando do joguinho que éramos viciados na faculdade. — Então... preciso de todos os meus amores por perto para seguir em frente e ser feliz por completo.

Dou-lhe um sorriso de cachorrinho carente.

— Essa sua carinha me mata. — Lucca beija minha testa, em seguida estica o braço e pega um morango coberto de chocolate em uma bandeja atrás de mim. — Chega desse papo chato. Prefiro te seduzir com isso aqui.

Cutuca minha boca oferecendo um dos meus doces prediletos. Sem pensar duas vezes, abocanho a fruta.

— Feliz por completo? — sussurra.

— Hummm... que delícia — elogio de

boca cheia. — Muito feliz.

— Treas?

Estremeço e viro para encontrar um Dante nos olhando com cara de poucos amigos. Mc, que até há pouco lia um jornal, está logo atrás com o mesmo semblante fechado.

*Que foi? Só comi um morango, diacho!
Não cometi nenhum crime!*

Meleca, que agonia!

Meu coração dispara, dou um passo para o lado afastando-me de Lucca.

— Dante... estou... estava... ia te ligar — enrolo-me toda nem sei porquê.

Os azuis-índigo recaem para o celular no balcão.

— Estou vendo que ia.

Uh o quê?

Comprimo os lábios, chocada pelo tom
PERIGOSAS ACHERON

grosseiro.

— Ei, Capitão — Lucca o cumprimenta de longe e com frieza.

— Oi — Dante devolve no mesmo tom.

Observo um, depois outro e não gosto nada, nada, das faíscas entre eles.

Ai, caramba, só me falta esses dois saírem no braço.

Aproximo-me do emburrado que mais amo e acaricio os braços tensos.

— Que bom que está aqui. Estava preocupada — digo suavemente para mudar o clima. — Demorou pra caramba. Onde esteve?

— Notei a preocupação. — Dá um passo para trás negando meu toque. — Fui resolver umas coisas — responde sem olhar para mim.

Abro a boca para perguntar, mas sua atenção está em Lore e Miah, que nos observam

com divertimento.

Idiotas! Isso não tem graça!

— Se já encerraram o trabalho, Mc vai dar uma carona para os dois.

— Encerramos sim, Capitão Putão! — Lore berra e quase engasga espalhando farelos sobre a mesa. — Quer dizer, só Capitão, Capitão! — Bate continência.

Mc ri e meus olhos reviram involuntariamente.

— Quero voltar para o Convento, Capitão! — Miah manifesta-se no mesmo tom que Lore. — Será que posso levar as amostras de doces para as Irmãs, Capitão?!

Dante examina a mesa abarrotada de comida e depois recai o olhar mortal sobre Lucca.

— Ele pode? — rosna.

— Claro. Vou pegar as embalagens. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucca apressa-se, como se quisesse desintegrar, e some na despensa.

— Que coisas estava resolvendo? — insisto, ao grudar no corpão de Dante. — Coisas do senhor...

— Não aqui — interrompe ríspido. — Depois. — Inclina a cabeça para a dupla que ainda nos observa.

Percebo o ato falho e mordo os lábios.

— Vão ou não vão, querer a carona? Mexam-se! — Dante solta a ordem e Miah e Lore dão um pulo. — Mc, ajude os dois a recolher todo o material.

— Dante... eu só estava conversando — sussurro a verdade.

— Pensei em te levar para jantar, mas pelo visto, já te alimentaram.

Deus! O que está acontecendo?

PERIGOSAS ACHERON

Será que, hoje, todo mundo resolveu tirar conclusões equivocadas?

— Ninguém me alimentou. — Envolver a cintura dele e, apesar da não reciprocidade, não sou rejeitada. — Foi só um moranguinho. Lucca é assim mesmo, vive enfiando as coisas na minha boca para eu experimentar — explico apressadamente e um peito gigante estremece.

— Eu mato aquele puto! — rosna.

Lascou, merda!

Quando tenta se desvencilhar, aí que grudo mesmo.

Pouco ligando que pareço um coala preso a uma árvore, resolvo apelar.

— Fica comigo, por favor — peço suplicante. — Meu estômago dói e estou tonta — digo sabendo do efeito das minhas palavras. Dante congela. — Estava muito ansiosa pra comer. Acho

que vou desmaiar de fome. — Dou o golpe mortal.

Automaticamente, os braços envolvem meu corpo de modo protetor.

Bingo!

— Desmaiar? — Examina meu rosto, com preocupação.

— Hum-hum... — murmuro e mantenho a expressão sofrida detestando ter caprichado tanto no blush, que me faz parecer ainda mais saudável.

Dante me escrutina com desconfiança. Olha, olha e olha, mas não me larga.

— Está numa cozinha profissional, Beatrice. O que mais tem aqui é comida — constata ainda desconfiado.

Verdade, merda!

Comidas deliciosas, aliás.

— Lucca ofereceu, viu a mesa cheia — digo o óbvio com medo que destrua a cara do meu

PERIGOSAS ACHERON

amigo por me negar comida. — Estava preocupada. — Sou sincera. — Você não deu sinal de vida. Não consegui comer nada — minto um pouquinho. Meia dúzia de canapés não podem ser considerados uma refeição.

— Preocupada comigo?

— Hum-hum... — murmuro e meu estômago ronca em um *timing* perfeito e inesperado.

Obrigada, amigão!

— Merda! — Os azuis-índigo fecham e quando abrem não há mais raiva neles, só cuidado. — O quer comer? — Olha ao redor.

— Nada daqui. — Com dor no coração, tento dar algo há mais a ele, rejeitando os pratos incríveis de Lucca. — Peixe frito e fritas^[101]?

Um sorriso barbado aparece.

Solto o ar, aliviada por ter conseguido

acalmar a fera.

— *Fin and Flounder*^[102].

— Sempre! — Fico animada. — É o meu favorito.

— Eu sei. — Cutuca a ponta de meu nariz.
— Lembro de todos os seus favoritos. Podemos comprar o peixe e comer no parque London Fields.

Deus!

Esse era um dos meus passeios preferidos na adolescência. Agora sou eu quem abre um sorriso.

Dante, Dante... o que eu faço com você?

— Gosto do Capitão Bonzinho.

O Sorriso aparece.

— Ah, é?

— Hum-hum...

Fico na pontinha dos pés rendendo-me ao

PERIGOSAS NACIONAIS

impulso de beijá-lo.

Mal enfio a língua na boca delícia e Lore
berra atrás de nós:

— Estamos prontos, Capitão!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Caio na gargalhada ao assistir um bando de patos selvagens inverter a situação e começar a perseguir um grupo de crianças que os atormentava. Histéricas, elas pedem por socorro e os pais apenas olham como se dissessem: *eu avisei*.

— Essa cena lembra muito a de duas garotinhas encrenqueiras com as quais cresci — Dante provoca.

Giro o pescoço para encará-lo. Sentado ao meu lado na grama, com um sorriso sarcástico, ele joga o último pedaço de peixe na boca.

— Deve ter sido há muito tempo, porque só pode estar gagá. — Devolvo o sorriso. — Pro seu governo, foram gansos, não patos. E, ao contrário dessas aí... — aponto para as crianças que continuam a gritar — nós só estávamos tentando

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer amizade.

— Bombardeando os pobres coitados com jujubas?

— Todo mundo *amaaaa* jujuba —
argumento em um tom exagerado.

— Aparentemente não aqueles gansos, pelo menos, não quando são atingidos por elas na cabeça.

— Chato. — Jogo uma batatinha como fiz para os gansos.

Ele a captura no ar e come.

— Linda.

Resisto à vontade de me jogar sobre todo o seu corpão e beijá-lo. Com a nossa tendência de sair do controle, combinamos de não nos tocarmos no parque. Outra prisão por libidinagem nem pensar.

Reparo numa moitinha... nem por milagre

PERIGOSAS ACHERON

Dante caberia ali.

— Conheço esse olhar... nem fodendo vou te foder ali.

A simples menção dupla de sacanagem me dá um calor.

Suspiro pela foda perdida, ecologicamente perfeita, mas legalmente incorreta.

— Vai ou não me dizer quais coisas foi resolver? — mudo para o assunto que está corroendo minha curiosidade.

— Vou. — Esparrama-se apoiando os cotovelos na grama. — Antes quero saber porque aquele babaca estava te apalpando.

— Apalpando? Tá maluco? — esboço, incrédula, endireito o corpo e cruço as pernas. — Sério mesmo que vai voltar com isso?

— Seríssimo — diz calmamente. — Não acha que cáí naquele seu papinho de me salve, vou

PERIGOSAS NACIONAIS

desmaiar de fome, acha? Só entrei no seu jogo para sair de lá.

Droga, pior que achei que tivesse caído.

Filho da mãe!

Levanto a cabeça e observo o céu ainda claro, apesar de ser quase oito da noite.

Dai-me paciência, Senhor.

Respiro fundo e volto a encará-lo.

— Quantas vezes vou precisar repetir que somos só amigos, Dante?

— Amigo não amassa a amiga, muito menos, *vive* enfiando coisas em sua boca tentando seduzi-la — ressalta o que viu.

Ok... ele estava lá há mais tempo do que imaginei, mas pelo jeito, não viu que a iniciativa foi minha.

—Lucca faz isso com Chloé também — tento uma saída comparativa.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela não é meu negócio. Você é. Que troço foi aquele de *Pacman*?

Como é que é?

Aaahhh... essa foi longe demais!

— Que saco! — Jogo os braços para o alto. — Seu ouvido é o quê? Biônico? — Os braços voltam, agora na cintura. — Não acha que está exagerando na possessividade?

— Não acho.

Claro que não acha.

— O que quer? Que pare de falar com os meus amigos? — pergunto já irritada.

— Não. — Senta e ficamos frente a frente. Os antebraços tatuados apoiam nos joelhos dobrados e volto a suspirar. — Apesar de não gostar, posso conviver com vocês trabalhando juntos. Entendo que precise dos amigos por perto. Não quero isolá-la, mas não respondo por mim se a

PERIGOSAS NACIONAIS

pegar novamente enroscada naquele porra e juro que vou quebrar todos os dedos fodidos daquele cozinheiro, se ousar enfiar qualquer outra coisa nessa boca que é minha.

— A iniciativa do abraço foi minha — confesso porque é o certo.

— Se está dizendo isso só para me acalmar, piorou.

— Que inferno, Dante, se controla! — Recolho as embalagens vazias, a bolsa e levanto. — Deu para mim!

Saio andando sem olhar para trás, mas pelas passadas nervosas, sei que vem na minha cola. Atravesso o parque fingindo que ele não existe. Cogito pegar um táxi, mas desisto. Além de ser um saco achar um a esse horário, torturá-lo com meu silêncio será muito mais divertido.

Nenhuma palavra é dita, até entrarmos no

PERIGOSAS ACHERON

carro. Dentro dele, o clima fica ainda pior. Sigo calada durante todo o trajeto em direção ao Convento ignorando as olhadas atravessadas, que me lança a cada cinco segundos, e as mudanças bruscas de marcha.

— Hoje eu e meus irmãos fomos de moto até Castle Combe — manifesta-se por fim, a duas quadras do estacionamento.

Como é que é?

Traíra, desgramado!

Giro o corpo e fico de frente para o lado glorioso dele.

— Não acredito que foi até lá sem mim!
— esbravejo esquecendo a greve de silêncio.

— Você insistiu em ver Chloé e eu tenho pressa em resolver essa merda — diz sem tirar os olhos da via. — O antiquário já não existe mais. O velho, dono dele, morreu o ano passado. — Desta

vez me olha, mas mantenho a expressão inalterada.
— Sinto muito, sei que gostava dele.

Surpreendo-me com o gesto solidário. Apenas assinto e ele volta a se concentrar na direção e a falar.

— Romeo invadiu os registros da cidade e conseguiu o endereço do filho dele, Charles. Fomos até lá e descobrimos que tem guardado todos os arquivos do pai, na garagem, e que não seria difícil localizar os registros das tais bonecas.

Acaba por aí e seu rosto assume a versão: *Estou puto.*

Fico animada, mas não demonstro. Espero que continue, mas não o faz.

— E aí? — Dominada pela curiosidade, pergunto. Mantenho o foco no rosto barbado evitando as tentações dos braços e coxas musculosas. — Depois de todo esse tempo, não

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho a ilusão de que não tenham sido vendidas. Eram lindas.

Ele não responde. Entediada, perco a guerra e meus olhos recaem sobre os braços que trabalham na direção e marcha. Dante é homem de verdade, nada de carro automático... a coisa com ele é na força bruta. Perco-me nos tendões e músculos que contraem e distendem a cada movimento.

Bosta!

Por que tem que ser tão gostoso?

— Se não tivesse sido tão malcriada lá no parque, até deixaria tocá-los.

Hã?

Subo a cabeça e encontro os azuis-índigo vidrados em mim. Há irritação neles, mas também uma selvageria que já conheço bem.

Meu rosto pega fogo.

PERIGOSAS ACHERON

— Deus! Além de convencido, você é patético! — Cruzo os braços e com uma bundada, volto a ficar de frente para a rua. — Deveria procurar um oculista... No mínimo, está ficando vesgo. Não estava olhando para os seus braços!

— Engraçado... como sabe que me referi a eles? Mas só no caso... fiz mil flexões hoje.

Uau... mil? Não é à toa que é tão forte.

Minha boca saliva.

— Grande coisa — desdenho e faço um esforço sobre-humano para não voltar a olhar para as delícias tatuadas e malhadas. — Conseguiram alguma pista das bonecas? — pergunto com indiferença.

Ele faz um ruído de frustração.

— Não. O tal Charles se negou a nos dar quaisquer informações. A merda que nem invadir podemos mais, o cara já nos viu. Um

PERIGOSAS NACIONAIS

arrombamento seria muito óbvio.

Tento segurar o riso, mas caio em uma gargalhada histérica. Curvo para frente, quando a barriga começa a doer. Estou tão entretida achando graça, que só noto que entramos na garagem, quando a porta de ferro fecha e a traquitana giratória começa a descer.

— Será que dá para parar de rir? — ruge atordoadado.

Puxo o ar e lágrimas começam a rolar.

— Mostrou a sua carteirinha do RH? — pergunto sufocando a risada.

— O quê? — Os azuis-índigo crescem indignados. — Não tenho uma! Na prática nem existimos!

Não existem?

Apesar de me surpreender com a nova informação, gargalho mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Beatrice, porra! É sério!

Quase engasgo tentando me controlar.

— Des-cul-pa — gaguejo entre risos.

— Dá para parar? — ruge de novo.

Chegamos ao subsolo e ele avança com o carro.

Ergo as mãos indicando que vou tentar. Mordo os lábios, enxugo as lágrimas e aos poucos, consigo me controlar.

— Posso saber qual é a graça?

Abro a boca para responder, mas cubro rápido quando sinto que vou explodir de novo.

— Porra! — Cerra os dentes. — Se recomeçar a rir, eu atiro em você!

Ô-oooh...

Libero a boca e pressiono o dedão com a unha para evitar rir mais. Quando o carro para no mesmo lugar em que transamos, uma onda de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

excitação bate na minha zona feliz e só assim, consigo enfrentá-lo sem gargalhar.

Solto o ar, olho fixamente para o rosto enfurecido, indicando que consigo falar.

— Vamos lá... o que é tão engraçado? — exige em tom urgente.

— Primeiro — respiro — que tentou me passar a perna e se ferrou lindamente. Segundo: que, para um cara gênio como você, foi muita burrice bater na porta do homem. — Dante cerra os dentes, mas parece não entender o meu ponto. — Já olhou para vocês? Numa moto ainda? São assustadores! Só um louco repassaria informações sobre objetos valiosos para um bando de motoqueiros desconhecidos e mal-encarados. No mínimo, o tal Charles pensou que estivessem lá para assaltá-lo. Não duvido nada que esteja agarrado a uma espingarda e que tenha chamado

PERIGOSAS ACHERON

reforços.

Minhas palavras não parecem surpreendê-lo. Sem fazer nenhum comentário, destrava o cinto e desce. Quando sua porta bate ecoando estrondosamente no estacionamento, desço apressada e corro atrás dele.

— Isso não é bom — diz assim que ficamos lado a lado.

Seu tom desolado me provoca arrepios.

— O que é tão ruim? — pergunto arrependida.

Entramos no elevador.

— Para um cara como eu, num trabalho como o meu, o pior erro é deixar o coração sobressair ao cérebro. Agi no impulso, não planejei direito os passos... comportei-me como a bosta de um moleque amador.

Credo, também não é para tanto!

Quero consolá-lo, mas fico quieta. Pelo fervilhar em seus olhos, suspeito que nada do que eu disser, vá adiantar. Quando paramos no andar da Central, continuo imóvel esperando ser dispensada. Preparo-me mentalmente para não protestar, mas sou surpreendida por um:

— Vem.

— Eu? — Aponto o meu peito.

— Tem mais alguém comigo? — rosna e começa a andar.

Arregalo os olhos e o sigo animada pulando atrás dele, mais que um cabrito... uma onda de adrenalina e euforia começa a pulsar, fazendo meu coração acelerar. Ser oficialmente convidada para a *Dante Caverna* é um sonho, quase um privilégio. Endireito as costas e empino o queixo me sentindo de fato a primeira-dama.

Beatrice Wild Stoirm... Toma essa Nora

PERIGOSAS NACIONAIS

Bronx! Sorrio secretamente.

Entramos na sala de comando e o esquadrão inteiro de Dante está nela... todos debruçados sobre a mesa, atentos à papelada espalhada sobre ela.

Lanço logo um alegre, mas mal calculado:

— Oi, pessoal, quais são as novidades por aqui? — Sorrio querendo me integrar.

Lentamente, cinco pares de olhos esquecem a papelada e voltam-se para mim.

Ganho três sorrisos e um aceno.

— As novidades? — Donatela é a única a se manifestar verbalmente e não está nem um pouco feliz em me ver. — Não acredito que trouxe a Barbie Sorriso. Obrigada, Capitão, bela tentativa de nos entreter, mas estamos realmente ocupados em algo sério — dirige-se a Dante por sobre a minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Ooooo quêêê?

Meu sangue esquenta.

— Então agradeça para mim — disparo em um átomo. — Não estaria aí debruçada sobre essa pilha de seriedade se não fosse por minha causa. Não sei se te informaram, Barbie Ramba — ironizo na mesma moeda —, mas foi a Barbie Sorriso aqui que encontrou as pistas quando a senhora mesma não conseguiu nada.

A mãozona de Dante vai parar no meu ombro.

— Donatela, não cabe a você decidir quem entra ou não.

Estou dentro?

Abro um sorriso.

— Que bom que mudou de ideia e a trouxe, *Fella*. — Romeo pisca para mim. — Vai nos poupar tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu contentamento vai embora quando realizo que me trazer não foi a opção mais feliz do Capitão.

Com um toque suave nas costas, ele me incentiva a ir até a mesa. Por instinto vou na direção de Trent que, ao contrário de Donatela, parece bem animado em me ver. Uma mãozona possessiva segura na minha nuca, alterando a rota. Acabo imprensada, sentada entre o Capitão e Max.

Ok... talvez haja uma hierarquia de lugares.

Capitão-putão, Primeira-dama, Grande-irmão, Pequeno-irmão.

Esqueço os lugares, concentro-me e escrutino a pilha de papéis. Não encontro nada além das fotografias e dos *prints* que já examinei exaustivamente. As Babuskas estão enfileiradas em ordem decrescente no canto da mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Suponho que já saiba sobre a nossa ida a Castle Combe — Max começa.

— Hum-hum... fiquei sabendo. — A irritação me cutuca. — Soube, inclusive, que não conseguiram nada — jogo na cara mesmo porque não me aguento e eles merecem.

— Falando em não conseguirmos nada, decidiu sobre Trice amanhã, *Fella*?

— O que tem eu amanhã? — pergunto, mas fico no vácuo.

Os olhares recaem sobre o grandão tenso ao meu lado.

— Não, pode ser perigoso. — Dante fecha a cara.

— O que pode ser perigoso? — pergunto de novo e o vácuo continua.

— Montamos um esquema extra de segurança e estaremos todos lá. — Mc endossa.

PERIGOSAS ACHERON

Opa!

Não sei onde é o lá, mas o meu “todos”, certamente, não inclui Donatela.

Levanto a mão, pedindo a vez para falar, mas ninguém percebe. Ser baixinha no meio dos grandalhões é uma morte lenta!

— Alôôôô, estou aqui! Pessoal! — Bato palmas e finalmente sou notada. Sorrio. — Alguma alma caridosa para me explicar onde é o lá e o que pode ser perigoso?

Max gargalha.

— Dante acha arriscado te colocar para jogo no novo encontro marcado com Charles para amanhã. O gorducho só aceita falar com você. O que é foda, porque precisamos descobrir o paradeiro da caixa e das bonecas. — Max escrutina o irmão, depois volta para mim. — Como não dá para enviar outra pessoa no seu lugar, estamos

empacados.

— Por que não dá? — questiono só por curiosidade, já meio puta que cogitaram me trocar.

— Porque pisei na bola, ok! — Romeo confessa exasperado. — Dante e Max me deixaram de tocaia enquanto foram estudar a melhor forma de invadir a casa e roubar os arquivos sem deixar rastros. Fiquei entediado, vi um cachorro e resolvi chegar junto... Charles apareceu bem nessa hora... Tive que improvisar. Quando Max e o *Fella* deram as caras, eu já tinha falado das Babuskas e do seu nome, sem querer, claro. — O rosto lindo enrubesce. — Desculpe.

É... pelo jeito, o moleque amador não foi Dante.

— Tudo bem, acontece. — Reviro os olhos em um gesto de deixar pra lá.

— Babuskas? — Donatela se mete com

um ar irônico. — Isso aí são Matrioskas, todo mundo chama assim. Pelo menos é o mais comum.

Pronto!

A Ramba tinha que implicar.

Reviro os olhos.

— Acontece que Beatrice não é todo mundo e muito menos uma mulher comum. Se prefere que as bonequinhas russas dela sejam chamadas de Babuskas, assim o faremos. Entendido? — Dante dispara.

Meu peito aquece com a defesa eloquente.

Com cara de quem tomou e não gostou, Donatela ergue as mãos entregando os pontos.

— Ok, ok... entendido, Capitão. Se a Barbie Rainha prefere Babuskas... Babuskas então. — Gira o pescoço para mim como a garota do exorcista. — Satisfeita? — vomita a pergunta.

— Satisfeitíssima — confirmo soberana.

Romeo ri.

— Com certeza, a essa altura, o gorducho já viu os seus arquivos e sabe bem como se parece — Max volta ao assunto.

Primeiro, um sorriso cresce, porque sem mim, nada feito... depois, ele aumenta com uma vaga lembrança.

Tal pai, tal filho.

O senhorzinho do antiquário era quase um Kinder ovo e me obrigou a fazer um grande X para a pequena câmera sobre o computador arcaico do antiquário.

Fofo!

— Por regra... — Dante me olha estranho e recolho o sorriso sonhador. — Os dados pessoais são sigilosos e para controle interno. Porém, caso alguém desista da venda e decida reaver o bem, aí sim, está no contrato que o antiquário é obrigado a

PERIGOSAS NACIONAIS

fornecer os dados do comprador. Esse foi o argumento de Romeo ao revelar seu nome para ter acesso à lista dos compradores.

— Belo argumento — elogio porque ainda estou com dó dele, depois me preocupo. — Alguém mais procurou pelas bonecas?

— Não. — A mão de Dante pousa sobre a minha. — Aparentemente, não tem ninguém atrás delas, mas se tiver, não deve saber onde ou como encontrá-las. Mesmo assim, precisamos proteger a sua identidade e eliminar os rastros que trazem até você, o quanto antes. Não podemos roubar, mas caso alguém tenha essa ideia, deixei uma dupla por lá. Nada entra ou sai, sem que eu seja informado.

Solto um suspiro de alívio.

Quero elogiá-lo por pensar tão à frente, mas me contenho. A coisa do ir sem mim e querer me substituir ainda não desceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acharam algum rastro na papelada? —
Aponto a mesa com o queixo e mantenho minha
mão sob a outra, possessiva, porém calmante.

— Só o que já esperávamos — Trent
simplifica e sorri.

Um pequeno rosnado irritado ressoa no
peito grande de Dante.

— E o que esperavam? — pergunto
ignorando a reação selvagem ao meu lado.

O sorriso bonito de Trent amplia e o
rosnado aumenta.

Ignoro os dois.

— Esperávamos que além das digitais de
Scarface as outras únicas digitais encontradas, tanto
nos papéis quanto nas bonecas, fossem as de Klaus,
as suas e as do Capitão. Scarface só deve ter
pensado em luvas em Maida.

Sinto um arrepio quando relembro o toque

PERIGOSAS ACHERON

das mãos enluvadas ao ser atacada.

— Fui até o sobrado — Mc pede a atenção. — Não há indícios de arrombamento nas portas ou janelas, além é claro, a da cozinha arrombada por Scarface e depois destruída na luta com o capitão. A boa ou má notícia é que encontrei uma mancha na cortina do escritório. O padrão das marcas bate com as solas de um par de botas que resgatamos na quitinete de Klaus. Como sabemos que ele nunca esteve oficialmente lá, presumo que tenha encontrado as portas que dão para o jardim privativo abertas.

Ops.

— Costumava deixá-las abertas — confesso e a mão em cima da minha aperta. — Ai... ai... Que foi? — Puxo a mão. — Como eu ia saber? Em vinte anos, nunca houve um só crime no bairro! — defendo-me.

— Bastou se mudar para terem logo dois
— Max tira sarro e gargalha. — É melhor que
comece a trancar as portas. Pelo menos,
consequimos confirmar a versão de Guy. Os Loyd
só entraram na história naquela noite do hotel. Não
sabem sobre Petronovic ou dos planos reais do
Klaus.

Planos reais do Klaus?

Paraliso.

Todos os meus alarmes vermelhos soam
enquanto o meu cérebro fervilha.

*Recebi uma caixa com cinco jogos de
Babuskas...*

*O ordinário vivia me fazendo perguntas
sobre a sua família...*

Petronovic era um agente duplo...

Ele e meu avó eram amigos...

É com isso que trabalha? Assassínatos?

PERIGOSAS NACIONAIS

Você é o quê?...

Sirvo a Rainha em questões de segurança do Estado...

Ai, meu Deus! Como fui burra!

Levanto de supetão.

— Treas? — Dante segue o meu movimento.

Minha pele esquenta de indignação e o incendeio com o olhar.

— Sem essa de Treas! Quando resolver ser totalmente honesto, a gente volta a conversar — morta de raiva, despejo o motivo da minha ira.

— Honesto? — Seu rosto endurece. — Do que está falando?

— De tudo. — Agito os braços ao redor da sala. — Vai me dizer a real intenção do Klaus ou terei que contratar um detetive?

Um som frustrado vibra no peito grande.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava demorando... a Barbie ficou louca — Donatela faz sua provocação básica.

Reviro os olhos, depois berro:

— Louca vou ficar se não calar essa boca!

— Deus! Que circo! — retruca. — O Capitão não tem te dado atenção suficiente?

Vaca!

— Se ousar me chamar de Barbie Carente, vai tomar na cara! — ameaço.

— Chega, Donatela! Ultrapassou todos os limites! — Dante explode e vira-se para mim. — Treas, calma! Que revolta é essa?

Ele tenta me segurar, mas sou mais rápida. Desvio do corpão traidor e passo por Max, que levanta esbarrando na mesa. Papéis e fotos saem voando, as Babuskas caem no chão. Num impulso, fico de joelhos para resgatá-las.

— Deve ser uma crise nervosa, tardia —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mc opina.

— Aposto em TPM. — Trent dá um passo seguro para trás.

Sem saber direito o que estou fazendo... Ignoro a confusão de pernas e pés e vou resgatando uma a uma as bonecas.

Romeo abaixa na minha frente.

— Se é por causa do lance do seu nome para o balofo, o *Fella* não teve culpa.

Hã?

— Eu sei que não teve... — resmungo pouco ligando, na verdade.

Ouçõ um *crec* e depois um *cacete*!

Atraída pelo barulho, minha cabeça vira de lado a tempo de capturar a imagem de um coturno bege bem conhecido levantando lentamente. Perco o ar ao ver a menor das minhas Babuskas partida ao meio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um gemido agoniado escapa da minha boca.

— Olha o que fez, *Fella*. Estava quase limpando a sua barra! Agora fodeu!

— Foi sem querer, porra!

Projeto o corpo e estico o braço, mas Romeo é mais rápido.

— Até que o estrago não foi tão grande. — Levanta-se. — Dá para colar. — Examina a peça.

— Engraçado, partir ao meio — Trent se intromete. — A menorzinha é sempre maciça. — Mc olha esquisito para ele. — Que foi? Minha mãe tem várias. — Ergue os ombros.

Começa uma procissão... os pedaços da pobre coitada indo de mão em mão.

Cansada, levanto e aprumo o corpo. Num gesto rápido, resgato a falecida antes de Donatela pegá-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei! Era a minha vez de olhar! — protesta.

— Você não! — rosno.

— Está querendo apanhar, nanica? — dispara.

— Ramba! — retruco.

— Chega, Dona! Mulher chata pra caralho, depois não reclame! — Max gruda o corpão no meu em uma atitude protetora. — Deixe Trice em paz.

Satisfeita com a cara de cu de Donatela, examino os restos mortais da boneca, que rachou ao meio em pedaços quase siameses. Será fácil restaurar. Fora uma pequena irregularidade, as partes são tão perfeitas que parecem feitas à mão. Uma mancha em relevo chama a minha atenção.

Opa! Opa! Opa!

Tenho um insight e tudo ilumina.

PERIGOSAS ACHERON

De canto olho, busco por Dante. Encontro-o mais ao fundo, com as costas apoiadas na parede. De braços cruzados e coçando a cicatriz, ele observa o circo que armei sem emitir uma palavra.

Desolada, balanço a cabeça.

Tem gente demais mobilizada no caso. Por mais fofo e gentil que fosse, o senhor Petro era um agente duplo e nos filmes que assisti, sempre eram os caras maus. Não iam recrutar um soldado fodão, resolvidor de questões de segurança do Estado, para um simples assassinato.

Existe polícia para quê?

Respiro fundo e vou até ele.

— Sabe o porquê desse meu circo? — falo baixo. — Porque odeio ser posta de lado. Acho que não foi só um simples assassinato por dinheiro. Aposto que Klaus buscava algo além das bonecas. Talvez, o assassino de Petronovic ou alguma coisa

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele escondia. Acertei? — lanço minha aposta e os olhos, que tanto amo, arregalam. *Bingo!* — Não me olhe com essa cara! Não é bruxaria, só intuição feminina. Toma. — Ofereço os pedacinhos da Babuska, mas ele ignora. — Nossa! Como é teimoso! Tem alguma coisa estranha e ilegível impressa nela. Prometeu não me deixar no escuro, honre a sua palavra... Ah... não confunda minha ingenuidade com burrice. Nunca mais subestime a minha inteligência — dou meu recado.

— Nunca subestimei. — Com um olhar embasbacado, Dante pega a Babuska. — Seu QI é de quanto mesmo?

— Cento e cinquenta, quase uma Einstein. — Pisco e com o dedo, empurro o queixo barbudo fechando a boca que está aberta. — Agora anda, a boneca.

A cabeça morena agita saindo do transe e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os azuis-índigo acendem com uma lâmpada de mil watts ao examiná-la.

Meus pelinhos da nuca arrepiam.

— Romeo, vem cá.

Em dois segundos, o Pirralho e todo o bando se aproximam.

— Viu isso?

— Vi... deve ser a assinatura do artista ou código da série. Não dá para ler por causa dessa parte irregular e encoberta que quebrou.

— Essas coisas são artesanais e únicas, não têm código de série. — A boca carnuda de Dante entorta para lá e para cá, antes dele morder os lábios e ficar pensativo.

— O que foi? — Max pergunta impaciente.

— Um palpite de que isso não deveria estar aqui. Já tem a assinatura do artista na maior.

PERIGOSAS ACHERON

Quem colocou isso aí quis esconder, não mostrar. Merda! Raspar a madeira vai comprometer a impressão, o jeito vai ser restaurar. — Dante crava os olhos em Mc. — Ainda tem aquela cola cirúrgica e o ultrassom?

— Na enfermaria, Capitão.

Dante agarra minha mão e sai me arrastando para fora da sala.

— O que está fazendo? — pergunto confusa enquanto acelero o passo para acompanhá-lo.

— Procurando a verdade, não é o quer? — diz em tom baixo, de modo que os outros que nos seguem, mais atrás, não escutem. — Ao contrário do que imagina, não tenho todas as respostas, Treas. Também acho que tem coisa errada e não é com a sua inteligência. Quando falou sobre a caixa, tive um palpite de que seu conteúdo e valor fossem

PERIGOSAS NACIONAIS

além do que imaginávamos. Não disse nada porque ainda não tenho ideia do que essa merda se trata. Mas está certa, sou teimoso e vou descobrir.

Viramos no corredor longo e mal iluminado que dá na enfermaria.

— Vai me contar quando descobrir? —
ofego do andar apressado.

Sua cabeça gira em minha direção.

— Estará ao meu lado quando acontecer.
— Pressiona os lábios, depois solta um suspiro. —
Desculpe por ser um idiota, também estaria puto se fosse você.

Sua declaração me pega desprevenida, meu passo fica instável, mas recomponho-me rápido.

Como assim, desculpe?

Isso foi real?

Não é da natureza masculina se desculpar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabou de me pedir desculpas? —
murmuro.

— Pedi. Errei, não errei?

Caramba, uau!

Dante parece flutuar em um universo singular dos fodões aprimorados geneticamente. Fodões de raiz não admitem erros.

— Legal, gostei. Será que eu... — desisto de falar achando o pensamento descabido.

— Fala, Beatrice.

— Sobre ser perigoso... eu meio que odeio armas mortais, mas será que posso ter um taser?

— É óbvio que não! — rosna.

— Ok, sem taser então. — Meus lábios curvam discretamente. — Dante...

— O quê?

— Hum... obrigada.

* .. ♥ .. *

PERIGOSAS ACHERON

Dante

Arrisco um olhar para Beatrice que está ao meu lado. Depois de meia hora devorando informações e nos enchendo de perguntas, está mais calma e menos arredia. O foda disso tudo é que existem milhares de hipóteses, mas qual será a certa?

Com um gesto cansado, esfrego a barba que recobre meu queixo.

Amar Beatrice é fácil, dureza mesmo é administrar o choque dos nossos gênios indomados.

Solto o ar, sabendo que a minha batalha será eterna.

Porra! Porra! Porra!

Tê-la tão envolvida na investigação não é o melhor dos meus mundos. Mas as coisas são

como são e por mais que queira trancafiá-la em uma redoma protetora de ignorância, não posso. Para o meu orgulho e desespero, minha mulher é esperta demais e dona de uma atitude irrefreável. Sacou logo que ninguém regimenta um batalhão por nada.

O equipamento apita aumentando a expectativa.

Inspiro.

Controle... controle... controle.

Expiro.

Hora da verdade.

Como o ultrassom foi ineficaz para ler o interior da boneca restaurada, mudamos de tática indo da enfermaria para o laboratório forense que Romeo mantém na Central.

Aos poucos, uma sequência de três números materializa-se na tela do scanner 3D de

última geração.

9 1 8

Puxo o corpinho ansioso de Beatrice, colo suas costas em meu peito e a abraço.

— 918 — repete a sequência em um murmuro doce e rouco.

Inclino a cabeça para colar a boca na orelha delicada.

— Faz algum sentido para você? 918... uma caixa postal, um banco, uma senha?

— Nada. — Sua cabeça vira na minha direção. — Disse que a caixa... que seu conteúdo e valor vão além do que imaginamos. Acha que as outras Babuskas também escondem sequências assim? Que isso pode ser um código para se chegar a outra coisa maior?

— É uma probabilidade forte — respondo o meu maior palpite.

— Precisamos encontrá-las.

— Nós iremos. — Beijo o topo da cabecinha brilhante.

Sem largar de Beatrice, ouço a equipe especular. Mais uma dezena de hipóteses vão entrando na lista das outras milhares que já temos. Perco a paciência e deixo que se virem sozinhos, depois peço um resumo. Meu peito aperta, não por parecermos tão distantes da verdade. Mais cedo ou mais tarde, desataremos os nós. Sempre o fazemos.

O que me quebra é arrastar minha mulher para o lado cinzento. Quero-a coberta de joias, não com um colete à prova de balas.

Caralho!

— O que está pensando? — A voz suave de Trice me puxa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um movimento, manobro-a para ficarmos de frente.

— Que não tenho saída senão a levar para Castle Combe, amanhã — resmungo ainda contrariado e um rastro de emoção colore ainda mais os olhos coruja. — Com esse seu jeito doce, em dois tempos, o Charles lhe entregará tudo o que pedir.

— Se ele começar a enrolar posso jogar um charme. — Pisca teatralmente fazendo os cílios compridos flutuarem. — Costuma funcionar. — Sorri.

Franzo o cenho.

Essa mulher não existe. Sei o que está fazendo.

— Agradeço a tentativa de deixar as coisas leves, mocinha, mas nem vem. — Toco o nariz arrebitado. — Ficaré sob a minha asa o tempo todo

PERIGOSAS ACHERON

e andar  pelas minhas regras. Sua segurança   prioridade e jogar charme,   só para mim. A não ser que queira ver aquele rosto redondo do Charles decorado com um belo de um olho roxo, claro. Não quero nenhum passo em falso, estamos entendidos?

— Entendidos pra caramba, Capitão! —
Bate continência. — Mas tenho uma condição.

* .. ♥ .. *

No dia seguinte...

Arredores de Castle Combe – Inglaterra

Os pneus chiam quando o SUV sai da estrada e entra no caminho sinuoso recoberto de cascalhos que d  acesso ao hotel Manor House^[103]. O cheiro fresco e úmido da natureza invade o carro, trazendo uma sensação nostálgica de paz e bem-estar.

Há anos não venho aqui. Avisto o pequeno castelo de pedras em estilo gótico... a construção milenar, recoberta por heras, continua impressionante e fica situada num dos melhores campos de golfe da Inglaterra. Dois quilômetros distante da cidade, maior privacidade, impossível. Acres e acres de grama verde e bem tratada, rodeados por um bosque denso de tirar o fôlego.

Sorrio. Passei muito verões por aqui, disputando a atenção do meu avô com meus irmãos. Andávamos por horas no campo, num esforço teimoso de provar qual dos três era o melhor jogador, Romeo claro. Max e eu nunca tivemos muita paciência para a monotonia do golfe e sempre dávamos um jeito de escapar... Nosso negócio era nos embrenharmos na mata simulando estarmos em guerra contra inimigos imaginários.



— *A mãe de vocês vai me matar quando*
PERIGOSAS ACHERON

vir o estado dessas roupas! O que é esse arranhão no rosto, rapazinho?

— Combate com o inimigo, senhor!



Porra, vô! Que saudades do caralho.

Paro na área reservada para os hóspedes. Checo os poucos carros estacionados, avisto, mais ao fundo, outro já conhecido SUV prata e dou sinal com os faróis. Recebo três pisca-alertas num indicativo de perímetro seguro. Bom... Kurt e Claire são soldados excelentes no que fazem: limpeza de área e prevenção de riscos.

Tranquilo na certeza de que minha mulher está segura, preparo-me para acordá-la. Sorrio para a imagem enganosamente tranquila. Exausta, da noite intensa, foi rendida pelo sono em menos de cinco minutos de estrada.

Está uma perfeita inglesinha em um

PERIGOSAS NACIONAIS

vestido azul-marinho... Não sei como descrever essa porra, mas parece uma boneca com essa saia rodada pouco acima dos joelhos e o decote com gola rendada. Um anjo sexy e uma chantagista dos infernos.

Quero gargalhar, mas me seguro. Tão inteligente, porém incrivelmente ingênua. Achou mesmo que tinha me lançado um desafio imenso com sua condição óbvia de: *se ela for, eu não vou*.

Já queria colocar Donatela na reserva... a loira precisa de um susto. Tem abusado da minha gratidão por ter salvo a vida de Luke no Sudão e testado todos os meus limites de paciência nessa disputa insana com Beatrice.

Sim... soldados fodem sem amor, mas não passa disso: um escape para a tensão no fronte.

Uma única vez, anos atrás, numa porra de noite confusa regada a muito *whisky* na Síria...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Posso não ter sido um santo, houve outras, mas se Donatela guarda a ilusão de que aquilo foi algo além de sexo sem sentido, não fui eu quem alimentei.

Nunca escondi meu coração quebrado. Elas sempre souberam que pertencia a outra.

Com um leve toque dos dedos, percorro o decote de Beatrice seguindo o contorno do colo generoso e macio. Minha boca enche d'água e meu pau engrossa... chupá-los é uma experiência do caralho e única.

Beatrice reage balbuciando o meu nome... e o selvagem que habita em mim grita: *Minha!* Meu ego infla com o reconhecimento e meu tesão aumenta ao sentir a pele leitosa arrepiar-se e os mamilos entumecerem instintivamente.

Tesuda demais essa inglesinha geniosa.

Não foi nenhum sacrifício ceder ao seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

capricho. Claro que antes rolou uma negociação básica de Capitão. Minha lista de coisas sacanas é quilométrica e pede urgência. Foi muito prazeroso começar a noite com as belas pernas nuas de Beatrice trêmulas e escancaradas sobre o balcão da cozinha e encerrar, com sua bela bundinha arrebitada, se exibindo para mim, enquanto a comia de quatro no sofá.

Ah... papai!

O que foi ela pedindo nessa voz rouca e doce: *Me come, Dante!*

A lembrança faz a pressão contra o tecido das minhas calças camufladas chegar a um nível insuportável. Preciso de alívio, agora! Não vou conseguir descer do carro e nem andar com esse pau duro apontando para o sol.

Porra de tesão eterno do caralho!

A trepada matinal rápida não aplacou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu desejo por ela. Tiro os óculos, estilo aviador, jogando-os sob o console e espio pelo retrovisor. Área livre, Kurt e Claire não contam.

Procuro pelo celular, decidido em estrear a foto que tirei dela. Entretanto, um ronronado suave que emite, combinado com o cheiro floral que exala, me deixam muito criativo. Fotos têm limitações, preciso dos seus sons e aromas sexualmente instigantes.

Excitado pra cacete e sem medo do perigo, fico ousado. Meto logo o louco e faço um movimento sincronizado. Minha mão direita sai dos peitos e desliza entre as pernas macias, ao mesmo tempo que liberto meu pau do calvário com a esquerda. Nunca bati uma punheta canhota, mas sempre é tempo de desenvolver novas habilidades.

Treas ronrona, as pernas delicadas entreabrem, mas não acorda.

PERIGOSAS ACHERON

— Dante... — murmura.

Meu coração dispara como um corsário. A sensação do meu nome dito em seu sono é de outro mundo.

Será que acha que meus toques não são reais? Que está em um sonho molhado? Bom, se estiver pelo menos é comigo.

Animado, deslizo para dentro da calcinha... Aperto a ereção ao me dar conta do quão quente e encharcada sua boceta está. Meu pré-goço desponta, um grunhido muito apreciativo me escapa e começo a trabalhar em nós dois. Apesar da sensação dupla de prazer ser do caralho, gemo quase frustrado. Bombear um pau e dedilhar uma boceta simultaneamente exigem concentração total e uma boa dose de coordenação motora. Cerro os olhos e dou meu máximo, até encontrar a sincronia perfeita entre as bombeadas e dedilhadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso!

Ritmo encontrado, capricho na estimulação dupla acelerando os movimentos. Notas doces e femininas começam a se misturar aos meus próprios grunhidos masculinos e aos sons dos nossos sexos sendo marteladas... por mim... o inventor da sacanagem 10.0, dono dessa ideia genial.

Empolgado, mantenho o ritmo.

Uma sequência de gemidinhos roucos e ansiosos chama a minha atenção... Abro os olhos e as mãos de Beatrice estão acariciando os mamilos por sobre o tecido.

Putá que pariu!

Quase gozo.

Sua boca entreaberta numa respiração entrecortada e os olhos nublados de prazer são puro deleite.

PERIGOSAS ACHERON

Obrigado, Deus!

Estou no paraíso e Beatrice é a visão do Éden. A minha Inglesinha devassa é o meu melhor pecado.

Sentindo-me apaixonado e, porque perdi a merda da concentração, esqueço um pouco de mim e dedico-me a ela.

— O que está fazendo? — O verde e o castanho me olham atônitos. — Deus! — Morde os lábios quando meto logo dois dedos dentro da boceta delícia em uma demonstração lúdica.

— Nada de mais... só aprimorando umas técnicas. — Movimento os dedos em um vai e vem ganhando um gemido sensual. — Você é divina — soo encantado. — Estamos sozinhos, relaxa — jogo uma meia-verdade.

Seu olhar brilha e recai sobre a mão que alisa o pau. Um perfeito *O* se forma na boquinha

rosada.

— Mas é muito sem-vergonha — mais geme do que constata. Depois escancara as pernas, entregando-se.

— Obrigado.

Agradeço o elogio e com um sorriso presunçoso comprovo a minha total sem-vergonhice em estocadas manuais bem sacanas. Inspiro, deliciando-me com os seus cheiros... minha Inglesinha é o melhor dos aromas. Sempre fui um apreciador do sexo feminino, de uns gostei mais, de outros, nem tanto... Entretanto adoração, fanatismo mesmo, essa coisa incontrolável e necessitada que te faz querer cair de boca vinte e quatro horas por dia, só por essa aqui: a coisinha lisinha, gulosa e encharcada que tenho o privilégio de foder.

Boto pressão no clitóris inchado circundando-o em movimentos lentos. O corpinho

fodidamente gostoso estremece, Treas ronrona como a felina que é, e meu fascínio só amplia.

Linda... perfeita para mim.

Inesperadamente, a mão delicada voa pousando sobre a que alisa o pau... Uma onda de prazer faz minhas bolas pulsarem engrossando o meu já muito duro mastro. Com um grunhido, passo o comando deixando que me ordene em puxadas de pressão perfeitas.

Punheteira do cacete!

Quase em transe, me empolgo... instigo, aliso e fodo a bocetinha melada... Entramos em um contorcionismo de mãos e corpos cadenciados... A temperatura aumenta, com a mão livre, arranco a camiseta... Os olhos nublados de Beatrice crescem ao varrer o meu tórax. Nossas respirações ficam trôpegas... gemidos e grunhidos mútuos povoam o carro, a fodeção trocada atinge níveis máximos de

PERIGOSAS NACIONAIS

sacanagem e prazer. Estou no limite... afundo mais um dedo em sua vagina e fodo duro... bato sem dó, até que sugue meus dedos em um orgasmo profundo e meu nome seja dito em um murmúrio rouco e doce.

Vaidoso por ter cumprido a missão com excelência... Jogo a cabeça para trás... permito-me e entrego-me ao meu próprio gozo... jatos de sêmen espalham-se pelo meu ventre e tórax.

— Cacete, Treas... essa sua punheta ainda me mata — constato ofegante e de olhos fechados levo a minha mão coberta do gozo dela à boca.

Meu peito vibra apreciativo.

Deliciosa demais.

Quero abraçá-la, mas preciso de uns minutos... Todo o meu corpo ainda treme do prazer excessivo. Depois de me deliciar com todo o seu sabor, afundo no banco aproveitando a viagem ao

PERIGOSAS ACHERON

topo do sexo e puxo uma sequência de respirações profundas... Abro os olhos, surpreendido.

O quê?

Putá que pariu!

Meu pau já satisfeito, pulsa. A língua rosada lambe minha pele suada recolhendo toda a porra... *Porra!* Agarro um bom punhado dos cabelos sedosos, pela nuca, para que os fios longos não se lambuzem.

Cerro os dentes... a imagem é tão fodidamente sexy que palavras só profanariam a perfeição do momento. Espero pacientemente que se alimente de mim... Quando acaba, já estou pronto de novo... Pela cintura, laço o corpo leve, que acaba montado em mim... sem pensar duas vezes, puxo a calcinha de lado e entro duro escancarando a boceta ainda melada e quente, e seu grito surpreso é abafado quando capturo os lábios

PERIGOSAS NACIONAIS

cobertos de esperma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Beatrice

— **Desculpa** — **Dante sussurra** pela milésima vez colado nas minhas costas.

A dois passos do balcão marmorizado da suntuosa recepção, sorrio, como a mocinha casta e pura que não sou, para o recepcionista que nos observa por cima da tela do computador. Quando o homem, finalmente, volta a entreter-se com as nossas reservas, murmuro:

— Se me pedir desculpas, mais uma vez, juro que te esgano... acontece. — Empurro uma mecha do cabelo para trás da orelha.

— Não, não acontece. Tem que acreditar, nunca fiquei tão entregue a ponto de fazer uma cagada dessas. Nunca, nem uma única vez — as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

palavras sussurradas em meu ouvido provocam cócegas do tipo que criancinhas não sentem.

Endireito as costas, feliz em ter sido a primeira.

— Eu acredito... — cochicho com os olhos ainda grudados no atendente.

Suspiro incomodada com outro homem, que nos vigia mais atrás, apresentado como Kurt quando finalmente descemos do carro. Reviro os olhos pelo exagero na segurança.

— Pare de surtar... — ordeno depois de ouvi-lo bufar de novo. — A responsabilidade de lembrar também era minha. Relaxa, nossos exames estão limpos e eu no controle de natalidade.

Um grunhido sufocado na minha nuca indica que a última coisa que não está é relaxado.

Pesco a mãozona tensa e beijo a palma.

— Sossega, meu tarado, estamos bem.

PERIGOSAS ACHERON

Juro — insisto porque quero acalmá-lo e é a pura verdade.

Não vou estragar a lembrança de uma trepada lentina e divina por causa da falta da porcaria de uma camisinha. Nunca tinha feito pele com pele e foi magnífico, outra coisa, sem comparações mesmo. Arrepio-me da sensação avassaladora e ainda pungente, do pau descoberto de Dante esfregando-se nas minhas feminilidades.

— Foi a melhor de todas — confesso. — Adorei.

— Foi mesmo. — Devolve com um beijo na nuca.

Arrepio-me em um contorcionismo disfarçado.

— Prontinho, senhor e senhora, Owl^[104].
— Os olhos do moço recaem para as mãos entrelaçadas e sem aliança. Um traço de deboche

curva os lábios murchos do homem. — Aqui está, suíte máster, com jardim privativo e uma banheira para dois. Uma das nossas melhores acomodações. — Dante captura os cartões de acesso que o homenzinho oferece e coloca no bolso da calça. — Ah... já estava me esquecendo. Terão privacidade e sigilo completo, como solicitado. Aproveitem a estadia no Manor House. — Pisca para mim.

Babaca!

Cerro os olhos para o abusado, que me olha como se eu fosse uma amantezinha dadeira^[105] qualquer. Tudo bem, que deve estar escrito: *Dei muuuuuito e beeeem gostoso* por todo o corpo, mas isso não lhe dá o desfrute. *Aaaaff...* O dadeira até perdoo, mas amantezinha jamais!

— Minha esposa e eu agradecemos! — Dante rosna e começa a me arrastar pelo hall em direção a um corredor lateral acarpetado de

vermelho.

Toma! Recepcionista abestado!

Amante, o teu rabo!

Tomamos à frente no corredor, deixando para trás o tal Kurt, que segue o carregador com as bagagens. Sorrio para nossas mãos entrelaçadas e depois porque lembro do senhor e senhora Owl. Os corujas... gostei da homenagem. O exagerado tem cada uma... insistiu na coisa de fingirmos sermos casados e no uso de identidades falsas, foi taxativo no nada de quartos separados e na segurança extra.

— Onde estão os outros?

Pergunto porque até agora, ver mesmo, só vi o tal Kurt. Um baixinho loiro e atarracado, que já fiquei sabendo, que é parceiro de uma Claire, que também não vi.

— Espalhados por aí. Tirando Kurt, dificilmente verá os outros... Já chamamos atenção

demais na cidade. Max e Romeo devem chegar daqui a pouco, passaram para ver como andam as coisas no velho chalé do meu avô depois que o inquilino se mudou.

— Ah... o chalé é tão adorável, poderíamos ter ficado lá.

— Com Max e Romeo no quarto ao lado? Tá maluca? De jeito nenhum vou deixar os putos ouvirem os seus gemidos! Quero ter um fim de semana especial, Treas. Estamos cansados, cheios de problemas e espero que essas paredes sejam grossas.

Meu rosto cora. Ando meio barulhenta.

— Acha que estou com cara de: *Eu dei?* — disparo sem pensar, assim que paramos na frente das portas duplas e de madeira maciça do quarto.

Com a mão livre, Dante passa o polegar sobre a chupada na curva do meu pescoço, que

cobri com o meu super e potente corretivo.

— Acho e fica ainda mais linda com essa carinha de bem comida.

Fico pasma.

A cabeça morena cai para trás em uma gargalhada rouca e satisfeita.

— Desalmado! — Soco o peito gigante. — Agora vou ficar toda encanada! Que vergonha! Era pra ter mentido!

A gargalhada para e a sobrancelha da cicatriz levanta.

— Pensei que estivesse terminantemente proibido de mentir. — Pega-me no colo, surpreendendo-me.

— Isso mesmo, está, mas tem certas situações...

— Na-na-ni-na-não. Pode parar, espertalhona^[106]. — Deposita um beijo casto em

PERIGOSAS ACHERON

minha boca. — Fez as regras, agora aguenta.

Passa o cartão e as portas abrem revelando um quarto suntuoso. Com uma inclinação da cabeça, faz sinal para que tanto Kurt quanto o carregador esperem no corredor.

Quando entramos, meu queixo cai.

Uau!

Não é à toa que Dante gosta tanto daqui. Na estrada, caí entediada no sono enquanto fazia um discurso interminável engrandecendo as qualidades do hotel, a exuberância verde ao redor e toda uma série de atividades ao ar livre, que nem em um ano iremos conseguir praticar.

— Gostou? — pergunta-me, comigo ainda em seus braços.

Assinto, encantada. O quarto é muito a cara dele, rústico, bruto e cheio de uma classe discreta e moderna. Uma mistura de pedra, cimento

PERIGOSAS NACIONAIS

aparente e vigas de madeira. Uma fortaleza, gigantesca e ampla... Aposto que os highlanders se hospedavam aqui quando vinham para essas bandas.

Solto um gritinho quando Dante me joga em cima da cama. Meu corpo sobe e desce ao bater no colchão coberto por um edredom branco e muito fofo. Enquanto espero que vá até a porta, fale com Kurt e dispense o carregador, viro para ficar de bruços e alcanço um ursinho deixado ali.

Depois de dar uma boa admirada na bela bunda masculina do Capitão, examino o bichinho girando-o entre as mãos. Com os pés, Dante fecha a porta.

— Estou confuso aqui. — Deposita nossas malas em um banco de apoio. — Entendeu que são dois dias e não vinte, né? O que tem aí dentro? Chumbo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Reviro os olhos.

— Sou uma produtora, preciso estar preparada pra qualquer coisa. Imprevistos podem acontecer.

— Nossa, que alívio! — Coça a nuca, ainda escasquetando com a mala. — Lembrou-se dos enlatados, pelo menos? — pergunta cínico. — Porque nunca se sabe, né... — Levanta as mãos fingindo-se aterrorizado. — Um holocausto sempre pode acontecer e a gente precise sobreviver por uns dez anos em um abrigo nuclear.

— Viu que graça! — Chacoalho o ursinho, ignorando seu sarcasmo. — Será que é brinde? — Abro um sorriso. — Gabriel vai amar.

— Outro? — Esquece a mala e caminha até a cama. — Aquele empata-foda mirim tem mais brinquedos do que eu quando criança. Já viu o estado do loft?

PERIGOSAS ACHERON

Fecho a cara.

— Se estamos incomodando, posso mudar hoje mesmo.

Os lábios carnudos contraem.

— É brinde, sim, sua chantagista. — Senta na cama. — Pode levar, mas é bom pedir um extra para Godzilla.

Abro a cara, volto a sorrir e lanço o ursinho que voa em uma rota certa até pousar em cima das malas.

Ele assovia.

— Uau! Continua com uma pontaria e tanto. — Alcança a gola da camiseta, por trás do pescoço e tira. — Sempre me perguntei como uma inglesinha tão minúscula pode ser tão craque no basquete.

Meus olhos recaem para os tórax e braços tatuados e nem estranho quando minha boca

PERIGOSAS NACIONAIS

começa a salivar. Não vou me acostumar é nunca, com o corpo fantástico desse homem.

— Pequenos frascos, meu Capitão. Não é isso que dizem... que as melhores coisas estão neles? — Pisco. — Tenho talentos manuais impressionantes. — Balanço os pés, lançando os chinelinhos azuis para longe.

— Meu pau que o diga. — Joga-se de costas na cama.

Meu corpo ondula com o impacto de seu peso no colchão. Fico um pouco atabalhada quando o cheiro amadeirado me atinge... Outra coisa que nunca vou me acostumar e não me interessa, que há meia hora atrás, eu estava com o nariz enfiado em seu cangote, deliciando com o seu perfume.

— Tá com fome?

— Dante do céu! Seu metabolismo deve

PERIGOSAS ACHERON

ser supersônico. Não bastou aquela montanha de comida no café da manhã? Se continuar me entupindo desse jeito, vou virar uma bola.

A gargalhada masculina e gostosa explode.

— Você come como um passarinho, Beatrice Wild.

Puxa-me pela cintura e me debruço sobre ele.

— De onde tirou essa? — Acaricio o peito largo. — Só se for um passarinho do tipo avestruz. — Deposito um beijo na altura do coração. — Eu como pra caramba, mas acho que só vou voltar a fazê-lo no chá da tarde, com Charles.

— Não são nem duas horas, o chá é só as cinco. — Tira uma mecha do meu cabelo do rosto. — Que tal inaugurarmos a cama, aquela parede e depois saímos pra dar uma volta?

— Vamos inaugurar o gramado lá de fora,

também? — ironizo.

Projeta a cabeça, resvalando os lábios nos meus. Minha zona feliz começa a se alegrar.

— Se quiser — provoca-me passando a língua por sobre os meus lábios. — Chequei e não existem guardas da Rainha aqui.

Abro a boca e deixo a língua do sem-vergonha passar.



Nosso placar do dia está em quatro seções de sexo, sim, porque a libidinagem manual do carro conta como uma, e mais quarenta minutos de caminhada nos arredores do hotel. Quase o beijo por gratidão quando o incansável escolhe uma árvore de tronco grosso e frondosa para fazer uma parada.

Ele se esparrama na grama, apoia as costas

PERIGOSAS NACIONAIS

largas na árvore, estica as pernas e abre um sorriso.

— Vem — chama-me mostrando a fileira de dentes brancos e perfeitos.

Titubeio, ficando em pé, no mesmo lugar. Acho que se esse tarado vier de graça ou se eu sentir o míssil subir, vou chorar e pedir arrego. Minha bocetinha foi duramente bombardeada e precisa de umas horinhas de descanso.

Estou um bagaço enquanto o senhor *já estou pronto pra outra* esbanja energia.

O que é isso?

Não é justo, a disposição desse homem é sobrenatural... Nunca vi um troço desses! Juro por tudo que é mais sagrado, que se encontrar alguma pílula azul e suspeita nas coisas dele, jogo descarga abaixo.

Minhas pernas chegam a tremer quando abaixo para sentar entre as dele. Preciso apoiar em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas coxas grossas — essa parte não é nenhum sacrifício — para manobrar o corpo e recostar sobre o abdômen trincado, também sacrifício nenhum.

— Tudo bem? — pergunta.

Não respondo de imediato. As horas e horas de natação devem fazer bem só para não ter celulite, porque, Deus, se alguém encontrar o meu condicionamento perdido por aí, por favor me devolva. Honestamente, nesse segundo, não sei se sou páreo para um soldado no auge da forma.

Não sei se estou bem.

— Sim — afirmo em um miado duvidoso.

— Te castiguei lá no quarto, né?

— Castigou, mas adorei — digo a verdade.

— Só preciso de um tempinho ou um tempão... e de uma pomada, talvez.

Ele ri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A pomada eu resolvo e adoraria conceder-lhe todo o tempo do mundo, donzela, mas... — faz um floreio e minhas partes felizes se preocupam — temos que enfrentar o almofadinha do Charles, esqueceu?

— Não.

Respondo vagueando entre o alívio da foda adiada e a ansiedade pelo encontro eminente. Agradeço que apenas circunde os braços em minha cintura, em um gesto reconfortante. O queixo barbado apoia no meu ombro e ficamos calados contemplando a natureza exuberante.

— Tem muitos amigos? — pergunto o que me vem na cabeça, depois de um tempo.

— Não... só Luke e meus irmãos.

— Achei que tivesse mais, o pessoal da equipe, pelo menos... Não era tão fechado antes. — Acaricio os antebraços sarados que me envolvem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, não era... confio no pessoal da equipe, mas não somos amigos íntimos. Nossa relação é bem mais por lealdade, do que afinidade. — Deposita um beijo na minha orelha. — Mas você não fica atrás, mocinha. Achei que chegaria e encontraria uma legião de amigos, mas parece tão reservada quanto eu. Sempre grudada na Chloé e no cozinheiro.

Viro e inclino o rosto para encarar os azuis-índigo.

— Tem Lore e Miah também. — Volto a olhar a paisagem. — Mesmo Dorothy, eu me divirto muito com ela. Estou com uma saudade daquela velhinha bandida. — Sorrio. — Não preciso de mais gente, mas não sou fechadona igual a você. Trabalho com eventos, gosto de sair, me divertir e dançar... É claro que conheço muitas pessoas, mas não são meus amigos. Povo pra curtir

PERIGOSAS ACHERON

balada e te agradar em troca de VIPs tem aos montes por aí. Isso não é amizade, é conveniência.

Esfrega a barba em meu ombro parecendo pensativo.

— E no trabalho, deve ter alguém?

Paro de contornar a tatuagem de um dos antebraços com o dedo. Penso em dizer que tenho Lucca, mas não arrisco cutucar sua ira.

— Mantenho boas relações, mas sempre com um pé atrás. — Aconchego-me mais a ele. — É bom tomar cuidado. Pessoas mudam, Dante... De amigos a inimigos, num piscar de olhos... Viu Nora Bronx... acredite, alguns humanos podem chocar quando não agimos como querem.

— Sei bem como é. Talvez por isso tenha poucos amigos. — diz sério. — Errar no julgamento das pessoas nos deixa mais cascudos. Já tirei muita satisfação, mas argumentar com gente

PERIGOSAS NACIONAIS

desse nível é dar murro em ponta de faca. Hoje só excludo e sigo em paz.

— Como fez com a Donatela? —
especulo.

— Não a excludi, Treas. Afastei-a —
esclarece e não gosto do que escuto. — Ei... não
precisa fazer essa carinha. Donatela está fora e não
vai mais se meter com você. Errei, deveria ter
cortado as asas dela na primeira ironia. Relevei
porque é uma mulher sofrida e amarga, por motivos
que não cabem a mim revelar, mas devo-lhe
gratidão. Já o respeito perdi faz tempo, espero que a
geladeira a faça repensar. — Entorta a boca em um
pesar. — Falou da Bronx, pensei que tivesse sido
ódio à primeira vista — retoma o prumo da
conversa.

Solto um muxoxo ainda querendo retomar
ao tema Ramba Vaca. Respiro e decido não insistir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não vou me rebaixar perguntando se já rolou algo entre os dois... Até porque, está na cara.

— No começo, até a considerava uma amiga — respondo por fim. — Eu tinha uma visão meio romantizada das pessoas. Todo mundo era legal e bastava falar doce ou sorrir pra me ganhar... Os conceitos de lealdade e amizade devem ser bem mais profundos no seu meio, do que no meu. — Rio sem vontade. — Assim que Allegro decolou, nossa amizade foi pro ralo. A mudança foi sutil, uns comentários ácidos aqui... um pouco de sarcasmo ali... achei estranho e comecei a me sentir andando em ovos, mas demorei pra perceber a crueldade por trás de tanta doçura e do tom amigável. Um erro, que quase me custou um trabalho.

Desfaz o abraço e me põe de lado, sentada em seu colo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Podridão tem em todo lugar. —
Acaricia meu pescoço. — Uma hora, todo mundo se revela, seja para o bem ou mal. Mesmo no Exército, onde a honra e lealdade prevalecem, Treas... Máscaras não se sustentam e quando caem, surgem babacas desprovidos de escrúpulos, movidos pelo ódio ou cobiça, invejosos incapazes de sair do lugar. No fundo, gente de baixa autoestima e caráter que tenta derrubar o outro.

Uau!

Fico contemplativa... certa de que Dante também já teve sua dose de decepções.

— Nora passou a perna em você? —
Esfrega o nariz em minha bochecha.

Arrepio com a barba instigando-me a pele.

— Sabe aquele ditado... — Viro o rosto ficando cara a cara. — Cuidado com quem desabafa... alguns querem ajudar; outros, só

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

munição — ironizo. — Certeza de que foi inspirada nela.

Os azuis-índigos não esboçam espanto.

— Sei bem como é. O homem é dono do que cala e escravo do que fala. — Pisca rebatendo com um pensamento de Freud. — Foi tão pesado assim? O que ela fez?

Solto um suspiro irritando-me só de lembrar

— Pois é... confiei, falei demais e a vaca usou para me prejudicar. Deus, às vezes, odeio as redes sociais! — Reviro os olhos. — Soltou uns boatos ao meu respeito, num grupo on-line de produtores. Fingiu estar preocupada, para manter a aura de boa amiga, mas a intenção era outra... me fazer perder trabalhos. Se lascou. Uma outra produtora, que teve problemas com ela e queria prejudicá-la, deu *print* na conversa toda e repassou

PERIGOSAS ACHERON

pra mim.

Continuo sentada em seu colo, mas encolho as pernas e as abraço.

— Revelar conversas privadas e feitas em confiança, diz muito sobre o caráter de alguém. Bem que percebi... Posso não ser o Bruxo, mas só de olhar vi que tinha alguma podridão nela. — Envolve-me em um casulo. — O que fez?

Respiro, apreciando o gesto protetor.

— Apostei na honestidade. Pedi para entrar no tal grupo, não abri qual era o problema pessoal que vinha passando, mas assumi a má fase. Virou um bafafá... uma fofocaiada^[107] danada, a coisa vazou, pessoas de fora ficaram sabendo, um inferno. — Apoio o queixo em seu bíceps e meus olhos recaem na paisagem verde sem fim. — A maré de problemas me deixou inevitavelmente chata, não vou negar. — Dou uma risada curta. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Perdi alguns parceiros e até uns amigos virtuais...
Na época, fiquei bem chateada, mas hoje vejo que foi melhor assim. Aquela gente, que vivia elogiando o meu trabalho, não era amiga de verdade.

Os braços que me envolvem, apertam.

— Quero o nome, Treas.

— De quem? — Volto a encará-lo.

— Como de quem? — Seu tom impaciente. — Do filho da puta responsável por essa porra de má fase pessoal, que tocou em você e de quebra te colocou numa fria!

Uh o quê?

Tento levantar, mas ele não deixa.

— Qual o nome do filho da puta?

— Não tem filho da puta nenhum. —

Mordo os lábios indecisa. — Foram os meus pais
— murmuro por fim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os azuis-índigo arregalam alarmados.

— Seus pais?

Entendo o choque. Amo o meu pai demais, mas o embaixador sempre foi bem persuasivo em nos obrigar a manter os problemas escondidos e a imagem da família Wild longe de escândalos.

— Hum-hum, ninguém ficou sabendo... meu pai, parece que ele teve... desculpa, não consigo, é muito... Nem sei direito a história toda.
— Calo-me, não querendo trair a confiança familiar.

— Tudo bem, Treas. Foi entre os seus pais, não diz respeito a mais ninguém.

Os braços me soltam e uma carícia suave começa nas minhas costas, consolando-me. Olho, olho, olho... e na nossa troca silenciosa, tenho certeza de que ele sabe o que eu quis dizer.

Respiro fundo, precisando dizer mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Um dia, durante um evento, Jack ligou de um hospital em Paris. Ele tinha acabado de voar para lá e disse que minha mãe andava deprimida e tinha exagerado na dose de comprimidos.

A mãozona congela nas minhas costas.

— Cacete!

— Pois é, cacete! — Mordo o lábio. — Ligava para a Embaixada e tudo sempre estava bem, não percebi nada... Minha mãe escondeu, porque sabia que eu estava atolada de trabalho na Allegro. Surtei, fiquei me dividindo entre Paris e Londres, até ter a certeza de que estivesse bem. Foi um dos piores momentos da minha vida, simplesmente não sabia como lidar e fiquei totalmente desestruturada. Não conseguia trabalhar.

— E seu pai? — O tom de voz do Capitão esfria.

— Fez o que sempre faz, escondeu dos

PERIGOSAS NACIONAIS

amigos e enterrou-se no trabalho e nas viagens. Só acordou quando a mamãe cogitou o divórcio.

— Que barra... sinto muito.

Abro um sorriso, quase me desculpando.

— Passou, estou bem... e minha mãe, recuperada e feliz. A festa em Paris é a prova disso. Lição aprendida. — Sorrio sincera, desta vez. — Depois que sabemos de onde pode vir o perigo, ficamos mais espertos. Sei do que Nora é capaz, ela não me aterroriza mais. Em relação aos meus pais, tento ser o mais presente possível. Já o resto, tomo cuidado com o que saio dizendo por aí e para quem. Ah! Corra dos *prints*, Capitão, são coisas do demônio. — Tento quebrar o clima chato com a brincadeira.

A mãozona coça o queixo barbudo.

— Cuidado por quê? Tem *prints* meus? Já me stalkeou, Treas?

PERIGOSAS ACHERON

Só um printezinho^[108] *inocente e de nada.*

Meu rosto pega fogo.

— Hã, *print? Stalkear?* — banco a evasiva desentendida.

— Quando namorávamos, era tão obcecada por mim que fuçou na internet pra ver o que eu andava fazendo? Tentou espiar no meu celular?

Minha boca abre e fecha, certa de que um imenso *TENTEI* está impresso na minha testa.

Que ele nunca foi um adepto das redes sociais, sempre soube, mas quem resiste ao *Google*, não é mesmo?

Ermitão social dos infernos!

— Nãooooo — nego veementemente. — Charles já deve estar chegando e ainda preciso me trocar.

Salto e ponho-me de pé.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso começar agora, se quiser.

Levanta-se imitando o meu gesto.

— Começar o quê? — Olho desconfiada enquanto bato no short tirando a grama.

— Sei lá... *Instagram, Facebook, Twitter...* o que quiser.

— Agora não adianta mais, que graça teria? Vivemos grudados!

O ordinário solta uma gargalhada.

— Eu sabia... conseguiu algum nude, pelo menos? Posso mandar alguns se quiser.

Paraliso, dividida entre cair em tentação ou explodir... Por um lado, não seria nada mau ter esse corpão registrado como veio ao mundo e de todos os ângulos. Por outro, a possibilidade de uma vaca estar andando por aí, com a bunda maciça e perfeita, que é minha, estampada no celular, borbulha meu sangue.

PERIGOSAS ACHERON

Cretino, ordinário, despudorado!

— Ah... vá se ferrar, seu passador dos nudes sem-vergonha! — explodo — *Googlei*^[109] o seu nome uma vez! Uma vez! Isso não conta! — minto e saio batendo o pé em direção ao hotel.

— Conta sim, sua! Volta aqui! — Sai correndo e me alcança. — Vai, abre o bico... achou alguma coisa interessante a meu respeito.

Passa o braço por sobre o meu ombro.

Fulmino, mas não recuso seu gesto.

— Nada, nem um mísero relance de bunda — resmungo emburrada e, claro, ele gargalha.

* .. ♥ .. *

Como uma gata vesga, mantenho um olho no senhor Charles e outro na caixa de couro marrom desgastado descansando na cadeira ao lado dele. Estou de banho tomado, roupa trocada, em

PERIGOSAS ACHERON

trégua com o Capitão e prestes a subir pelos tamancos de novo.

O bendito homem já está aqui, há vinte e cinco minutos, e nada de entrarmos no assunto que interessa... a lista de compradores. Dante parece um gavião atento a tudo. Sentou do lado, quase grudando nossas cadeiras, e não parece menos impaciente do que eu.

Ansiosa pelos nomes, abro a boca, mas fecho.

Droga!

Um garçom uniformizado em verde-musgo, combinando com os móveis e cortinas, chega com uma nova de remessa de chá, café e uma infinidade de minisanduíches, bolinhos e tortinhas de frutas... um festival gastronômico de aromas, texturas e sabores, que o nosso amigo gorducho está mandando para dentro sem a menor

parcimônia.

Ai, que agonia!

Pressiono as palmas das mãos juntas, controlando a vontade de espanar seu terno xadrez, recoberto de migalhas, com o guardanapo.

Suspiro para a lentidão meticulosa do garçom em nos servir. Mais dez minutos nesse mausoléu e posso enlouquecer.

O tilintar de louças e talheres, misturando-se às conversas e gritos das crianças, deixa o clima caótico. Também não é para menos, o salão está cheio, não de hóspedes, mas de moradores da cidade. Segundo o *maître*, o chá aos sábados é uma tradição quase milenar. Deve ser por isso que tudo ao redor, dos sofás de couro em estilo clássico, às mesas cheias de rococós e o próprio *maître* me lembrem tanto o *Drácula*.

Abram essas cortinas de veludo! Deixem o

PERIGOSAS NACIONAIS

sol entrar! Arejem o lugar!

Não grito, mas sorrio, não tão aliviada, quando o garçom nos deixa a sós.

— Hum... o paladar deste chá é perfeito.
— Charles prova o novo sabor escolhido. — Mais de sessenta milhões de xícaras de chá por ano! Inacreditável que consumimos tudo isso! Não vocês, naturalmente.

Seu olhar repreensivo recai para as nossas xícaras com café fumegante.

— Tem certeza de que não são americanos?

— Totalmente inglesa — respondo louca de vontade de abaixar o dedo mindinho que ele faz questão de esticar ao segurar a xícara.

— Sangue irlandês — Dante responde no modo Capitão Putão ativado.

Lascou.

PERIGOSAS ACHERON

— Dizem que fazer chá é uma atividade perfeita para fugas rápidas, se é que me entendem. — Sorri e mais farelos voam do seu bigode de leão-marinho. — Sempre que um inglês se sente constrangido ou desconfortável, ou seja, quase o tempo todo, ele faz chá.

Eu, certamente, poderia fazer litros e litros, nesse momento.

Suspiro, quase em desânimo.

Dante grunhe sem disfarçar a falta de interesse ou paciência.

— Seu conhecimento na arte de chá é impressionante, mas...

— Sou um pesquisador — o gorducho o interrompe. — Faz o que mesmo, senhor Stoirm?

A cicatriz da sobrancelha levanta e temo que esteja por um triz de estrangular o homem.

Por baixo da mesa, pouso a mão sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

perna musculosa. Ela sobe e desce denunciando os baques secos do pé contra o chão.

— Investimento. Ações de alto risco — explica curto e grosso.

Os olhos curiosos de Charles varrem o corpão de Dante. Faço o mesmo e minhas partes cansadas pulsam avisando que já não estão mais tão cansadas assim. Mordo os lábios, numa atitude tolamente apreciativa. Quando acho que não pode melhorar, lá vem o Capitão e *pah...* surpreende-me vestido na versão espião sexy.

Está absolutamente delicioso e mais fodão do que nunca, em um jeans e camisa pretos que cobrem, porém não escondem, a montanha de músculos entalhados que é.

Ah... como é gostoso o meu irlandês.

— Dante investe pesado na área de segurança — apresso-me lançando uma meia-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade mais condizente com a imagem do cara durão e perigoso ao meu lado. — Checagem de precedentes, intenções para o futuro... localização de pessoal... enxugamento, essas coisas — segurando o riso, repito a ladainha que já ouvi tantas vezes.

— Ahhh, RH? — Charles surpreende-se e confirmo achando graça. Os olhos esbugalhados e marrons voam dos meus para os azuis irritados. — Interessante, minha visão sobre os recursos humanos deve estar equivocada. Sempre tive em conta como uma atividade tediosa e nada lucrativa. O senhor me parece muito ativo e nada entediado.

Bota ativo nisso, moço.

Começo a suar, só de lembrar da imprensada que tomei contra a parede de pedra lá do quarto.

— Gosto e sou muito bom no que faço. —

PERIGOSAS ACHERON

As veias de suas têmporas começam a pulsar. — Teria muito prazer em discutir as minúcias do RH se o nosso assunto aqui não fosse outro.

— As bonequinhas russas?

Aleluia!

Charles finalmente entra no assunto e sou tomada por uma onda de adrenalina.

— Sim, senhor Charles, as Babuskas de Beatrice — Dante rosna, em seu tom paciência zero.

— Sabiam que o nome mais comum é Matrioska, né? — diz com um ar de sabe-tudo.

— Sim... sim, eu sei, mas prefiro chamá-las de Babuskas como a minha avó fazia. Estou ansiosa em reavê-las. — Sorrio, gentilmente, querendo criar empatia. — Trouxe a lista dos compradores?

— Por quê? — As sobrancelhas

volumosas e desalinhasdas arqueiam.

— Por que o quê? — balbucio.

— Por que as vendeu? As bonecas... elas me parecem muito importantes para a senhorita. Por que se desfez delas, já que lhes têm tanto apreço? — Enfia uma tortinha de limão inteira na boca.

Gente, esse homem não tem fundo?!

Será que dá pra parar de se empanturrar e me dar logo essa maldita lista?

Olho para a caixa pensando se não seria mais fácil pegá-la e sair correndo.

— Não tive escolha. — Beberico o café para despistar meus pensamentos criminosos. — Uma amiga precisou de ajuda, mas não vem ao caso. As Babuskas são uma lembrança de família e de grande valor afetivo para mim. — Dou mais um golinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Financeiro também... andei vendo os arquivos. Suas Matrioskas ou Babuskas, como prefere chamá-las, são verdadeiras joias e como tal, só valorizam com o tempo.

Quase engasgo com o café.

— Valorizam, é? — Minha mão treme um pouco ao colocar a xícara sobre o pires.

— Muito... apostaria em algo em torno de uns trezentos por cento.

Meu sangue congela e começo a suar frio.

— Jesus Amado! — Toco meus cabelos, querendo arrancá-los. — Tudo isso, é? Eu não...

A mãozona do Capitão pousa sobre a minha.

— Não se preocupe, que-ri-da. Dinheiro não é um problema.

Pra mim é, QUE-RI-DO!

Eu não tenho um milhão e meio de libras!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero rasgar meu vestido romântico amarelinho e florido, sair correndo nua e gritar: *Deus me acuda!*, mas mantenho a pose.

— Charles... entregue a caixa e a relação de compradores — Dante diz com firmeza.

Enquanto os azuis-índigo recaem sobre a caixa de couro, aposto que tendo o mesmo pensamento criminoso que o meu, o homem alisa a cabeça calva, parecendo verdadeiramente indeciso.

— Não vai ser fácil — Charles divaga. — Pode ser que não queiram se desfazer delas.

Os azuis-índigo se revestem de arrogância.

— Vão se desfazer. Sou muito bom em conseguir o que quero.

O homem parece não se convencer.

Dante emite um som frustrado.

Já eu, quase dou meu depoimento: *Muito bom mesmo e posso provar!*

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos lá, preciso de sua ajuda —
Dante recomeça suave e estranho a mudança de
abordagem. — Estou muito determinado e não vou
descansar enquanto não as reaver para a minha
esposa.

*Uh o quê? De novo isso? Também não
precisa exagerar!*

— São casados? — Charles parece
embasbacado.

Não querendo estragar o álibi, escondo a
mão sem aliança embaixo da mesa, torcendo que o
homem não tenha notado a falta de uma.

— Ainda não, mas em breve seremos. —
Seu tom é tão sério e taxativo, que até eu começo a
acreditar.

— Quanto breve? — Minha voz sai
estridente quando pergunto, nem sei pra quê?

— Breve do tipo ontem, Treas. — Olha-

me firme e intenso. Estremeço. *É sério, isso?* — Estamos quatro anos atrasados — constata, ignora meu queixo caído e volta-se para o homem. — Ouça, Charles, era para ser uma surpresa, um presente atrasado de noivado. Se for legal, até te convido para o casamento.

Isso é do disfarce ou é só para tirar uma onda com a minha cara?

— Enlouqueceu? — pergunto baixinho em um chiado. — Nós nem estamos...

— Mais tarde, Treas. — Aperta minha mão e me calo pressionando os lábios. — Charles, a caixa e a lista — exige.

— Bem, hum, as minhas pesquisas sobre o chá não são baratas... uma pequena comissão ajudaria muito.

— Faça o seu preço.



Assim que entramos no quarto, Dante fecha a porta e ficamos de frente, eu berro:

— Enlouqueceu?

— Treas... — rosna em um aviso.

Cerro os olhos e minhas mãos vão parar nos quadris.

— Viu o que acabou de fazer? — enfrento-o. — Deu cem mil libras para o baixinho devorador de bolinhos! — pergunto e respondo eu mesma, totalmente indignada.

— Foi o preço.

Dou uma risada descrente e o corpo gigante projeta-se para frente, esmagando meu peito com sua presença avassaladora.

Ofego, mas não me dobro.

— Foi um roubo! — insisto.

As mãos enormes prendem meu rosto e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossas bocas são esmagadas em um beijo duro. Tudo é muito rápido, mas tão intenso, que quando acaba, fico desconcertada e sem fôlego.

— Daria um milhão, se me pedisse — sussurra rouco em minha boca.

Daria? Ai, meu Jesuszinho!

Essa voz, esse cheiro, esse jeito de eu posso tudo... Meus cílios trepidam e suspiro inundada pelas sensações corporais e visuais do macho beijoqueiro e protetor, que agora, enreda minha cintura em um aperto.

Não sei se inspiro, expiro ou gemo, surpresa com dureza, já evidente, do míssil.

Os azuis-índigo grudam, como fogo nos meus, fazendo a safadeza que me habita dar um alô.

Junto mais nossas frentes e solto o ar em um em gesto apreciativo.

— Você poderia... — murmuro contra os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios generosos. — Sei lá... tem tanto músculo duro aí e é todo tão bruto — sussurro. — Por que não deu uma cacetada nele e roubou a caixa?

— Porque jamais te deixaria exposta. — Um esboço de um sorriso aparece sob a barba espessa. Com um projetar e roçar sutil dos quadris evidencia o meu ponto sobre dureza bruta. Meus joelhos fraquejam. — O baixinho saiu feliz, vai ficar de bico calado, e nós temos a porra da caixa e dos nomes. Tudo certo. — Inclina a cabeça para outro beijo.

Mais suave e lento, porém que termina igualmente me deixando sem fôlego.

— Falei sério sobre estarmos atrasados — resvala os lábios nos meus.

Oh... Deus!

Meus joelhos cedem, porém, seus braços me sustentam.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas eu nem disse eu te amo ainda —
lembro o óbvio.

— Detalhe — desdenha como se fosse nada e abre *O Sorriso*, só porque é um filho de uma desgrama e sabe que me derrete. — Além do mais, prometi para a minha avó, em seu leito de morte, que só a minha esposa teria o meu pau em pele.

Avó?

Sorriso curto e meio histérica. A esperança de que esteja brincando, renasce.

— Aquilo foi acidente — retruco com o coração a galope.

— Foi destino — rebate beijando meu nariz.

Ai, meu Pai.

No embate entre teimosias e blefes, o Capitão começa a levar a melhor. Abro um sorriso quase rendido, no mesmo instante em que a bunda

PERIGOSAS NACIONAIS

maciça vibra para depois apita.

Soltando alguns palavrões, Dante afasta-se, retira o celular do bolso e checa a mensagem.

— Quero muito continuar essa conversa, mas Romeo e Max estão lá em cima. Preciso levar a caixa e os nomes, não quero perder tempo. Vamos?

Franzo o nariz.

Se a dupla despudorada, lá em cima, fizer só mais um comentário sobre a chupada no meu pescoço, juro, que arranco as línguas deles.

Penso em Maggie e no quanto adora falar com os filhos.

— Hum... acho que vou passar essa, piadinhas demais pra mim. — Faço careta. — Estou precisando de uma coisa mais de mulher. Li um aviso sobre o spa oriental, a caminho do salão de chá. Pensei em ir até lá e dar uma olhadinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de ser esmagada contra essa parede de pedras, meu traseiro tá pedindo arrego.

Os azuis-índigo crescem tomados por uma aura perversa e me preocupo.

— Eu mesmo posso arregar o seu traseiro.

Ai-ai... meu rabinho virgem!

Um arrepio percorre a espinha e chega ali, onde ele também quer chegar... travando minhas fronteiras... Não sei se estou preparada para a invasão do míssil pela retaguarda.

— Agradeço a gentileza, soldado, mas, no momento, estou precisando muito dele pra sentar.

A decepção nubla seu rosto e sinto pena.

— Ei, moço apressado... não estou dizendo nunca. — Meu coração amolece e o traseiro destrava. — Quem sabe, se eu fizer um monte de massagens, cuidar bem de mim, me besuntar de creme e voltar bem bonita, cheirosa e macia, não te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixe tentar?

A aura perversa retorna.

— Estou tomando isso como promessa... vai ser bom, Treas. Vou fazer gostoso, de um jeito que nunca vai esquecer. Sua bunda é o meu Graal, quero ser o primeiro. Ter uma coisa sua que ninguém mais teve.

Vai fazer gostoso, é?

Arrepio-me de um jeito bom. Fico na ponta dos pés e deposito um beijo suave na boca safada.

— Você já tem... sou sua, Capitão.

O Sorriso explode.

Mal começa a abaixar a cabeça para me beijar de novo, o celular volta a apitar.

— Caralho! Será que um homem não pode amar sossegado?

Dou risada de sua ira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem mandou ser o líder da quadrilha?

— Pisco. — Quem é?

— Mc pedindo pra eu subir, alguma coisa entre Romeo e Max... — Olha aborrecido para o teto, depois para mim. — Tem certeza de que não quer vir?

Faço uma careta rejeitando a oferta.

— Hum-hum... absoluta certeza. Confio em você, sei que vai me passar um relatório completo depois. Vá fazer suas coisas de homem machão enquanto brinco de mulherzinha um pouquinho... Já tive a minha cota de chatices por hoje, às vezes, tudo que a vida nos pede é um pouco de leveza, meu Capitão.

— Sei disso, sorte que reencontrei a minha.

Sorrio de tão boba que sou com ele enquanto digita alguma coisa e parece não gostar

PERIGOSAS ACHERON

da resposta.

— Ué? Tem *WhatsApp* desde quando? —
Faço bico.

— Só para o trabalho, mas posso abrir uma exceção pra você. — Beija meu lábio bicudo. — Kurt vai te escoltar até o spa... — avisa não muito satisfeito. — Não sei onde Claire se meteu, mas estará lá, assim que localizá-la e der uma prensa nela. — Beija-me na testa, pega a caixa e sai.

Um Kurt, sem jeito, aguarda por mim na porta.

— Trouxe o maiô, companheiro? — Abro um sorriso, passo por ele e sigo para o spa.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Max

Minutos antes, na suíte acima...

Irritado, escrutinoa fileira de monitores, com imagens dos quatro cantos do hotel, e o notebook de Romeo dispostos sobre a mesa de café. Detesto ficar de vigília e detesto mais ainda ficar com a bunda vestida e grudada em uma poltrona enquanto o lugar está abarrotado de delícias estudantis ávidas por um intercâmbio.

Amasso um guardanapo sujo do sanduíche que comi, jogo em Romeo e nada dele me olhar.

— Viu o grupo de universitárias no bar, Baixinho? — provoco mudando o foco de visão do

monitor para os pés dele apoiados na mesa.

— Vi e daí, Palhaço — devolve sem desgrudar do celular.

Caralho!

O cara parece que foi abduzido!

Entrou em uma viagem sem volta, pela tela do aparelho e já era o meu irmão.

— E daí? — Sobe-me uma indignação. — E daí que acho que são suecas e nós poderíamos estar lá, oferecendo uma aula prática da nossa língua. Não é justo que só aquele Puto se divirta.

— Garanto que o *Fella* não está achando engraçado ver o bosta do Charles se empanturrar. Se o cara continuar a comer ou a enrolar, de duas uma... ou explode ou morre. Não dou mais do que cinco minutos, para o Capitão esmurrar aquele palerma e pegar a caixa na marra — rebate ainda vidrado no celular. — Viu o quanto ele comeu?

PERIGOSAS NACIONAIS

Sete rosquinhas de canela, cinco sanduíches de pepino, dez *scones* besuntados de manteiga e geleia e, para arrematar, oito tortinhas de frutas... sem falar no chá, doze xícaras.

Meu estômago, já cheio, embrulha.

— Como você consegue? — pergunto.

Entediado, também apoio os pés na mesa e começo a rasgar outro guardanapo em pedacinhos simétricos.

— Consigo o quê?

— Prestar atenção em todos os detalhes, sem tirar os olhos desse caralho de celular.

Começo a me irritar.

Se tem um troço que eu odeio, é ser ignorado.

— Sou um gênio, esqueceu? Consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo. Meus instintos são ninja — gaba-se sem me olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que tem aí de tão interessante?
Pornografia?

Num movimento rápido, estico o braço e arranco o aparelho das mãos dele.

— Devolve essa porra! — Parte pra cima.

Em um pulo, subo na poltrona e ergo mais o braço, ignorando os socos no abdômen.

— Seus instintos podem ser ninjas, mas não são páreo para os meus! Ainda precisa aprender muito com o Samurai aqui.

Gargalho dos esforços inúteis. Os murros dele doem pra cacete, mas não são capazes de me derrubar como os de Dante. O caçula Stoirm está ficando forte. Mais um ano de treinamento pesado, aí começo a me preocupar.

— Devolve isso, caralho! É invasão de privacidade!

— Privacidade? — Encaro o cínico. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Falou aquele que invade até a NASA.

Um monte de palavrões saem da boca suja do meu irmãozinho fodedor e sem amarras enquanto começa a chutar a poltrona em uma nova tática.

Gargalho mais.

Sou pesado como um búfalo, essa porra não vira nem fodendo. Olho para baixo... Minha sobancelha sobe, o Baixinho está até vermelho.

Tá desesperadinho, por quê?

Aí tem.

Ignoro que tenha agarrado minhas pernas, para tentar me desestabilizar, e aproveito sua distração para esticar o outro braço e descobrir o que prendia tanto a atenção dele.

Uau! Fotos na praia.

Biquínis minúsculos, gosto deles...

Bundão, peitão, coxão, bundão de novo,
PERIGOSAS ACHERON

hummm... pezinhos... Uau! Peitão^[110]! Caralho, essa foto tá boa demais! Mais bunda... fartura, fartura, bundão, fartura, coxão, o sorriso espetacular de Chloé... mais coxão, fartura, olha o peitão aí de novo...

Opa! Rebobina!

O sorriso espetacular de Chloé?

Que-por-ra-é-es-sa?

Meu cérebro entra em curto. Impactado, me desconcentro e acabo derrubado de costas no chão. Romeo toma o celular como um raio.

— Essa doeu, seu merda! — ofego e me contorço. — Você está muito fodido e gosta da Chloé!

Os olhos azuis de Romeo quase saltam das órbitas.

Abraço o corpo enquanto tento recobrar o fôlego perdido pela pancada nas costas.

— O quê? Não, claro que não! Que nojo!
— Enfia o celular dentro do jeans em uma atitude estratégica defensiva. Torço o nariz. Jamais correrei o risco de ralar no pau dele, só para pegar essa bosta de novo. — A Malandra é quase minha irmã! — continua indignado.

Com o fôlego recuperado, sento no chão e começo a rir.

Certeza que aí tem.

— Tudo bem, cara, relaxa. Tem razão. — Ponho-me de pé, ainda rindo. — Se não gosta, não gosta, ok? — Ergo as mãos como um domador do puro sangue que meu irmão é. — Gostar é diferente, sei o que é... Gosto pra cacete, mas pra cacete mesmo, dos nudes das fodas que tive. Minha pasta tem quanto? Uns cento e cinquenta arquivos? Isso é gostar — digo em tom quase debochado porque não me aguento e Romeo engole em seco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem o quê? — estalo a língua em desdém.

— Umas três mil e duzentas fotos? — repito o estalo. — Isso já é obsessão, porra! — berro.

Romeo dá dois passos para trás, como se tivesse sido atingido por um dos meus murros.

— Dante me mandou vigiá-la! — defende-se. — Sou competente no que faço.

— Se Luke é o Bruxo, Dante é o médium! — Bato palmas. — Tá explicado! O Capitão previu a morte do velho anos atrás e te pediu uma vigilância antecipada! Desde quando? Desde que Chloé tinha uns o quê? Dois anos?

Um rugido agoniado explode no peito do Baixinho, não mais tão baixinho assim.

— Vá à merda, seu escroto! Ela é modelo e eu sou um *hacker*, porra! Pra facilitar usei um sistema de *push in* que varre a internet, identifica os algoritmos do nome dela e joga os arquivos na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pasta. O que Chloé mais tem é foto! Obcecado é o teu cu! A vida toda cuidamos da Trice e dela, coisa mais natural do mundo ter fotos das duas.

— Verdade, supernatural. Deixa ver a pasta da Trice?

Os olhos dele crescem.

— O quê? Fui formatar o celular e perdi tudo — responde na cara lavada.

— Milagrosamente só não perdeu as da Chloé — instigo.

— Estavam na nuvem, seu bosta!

Gargalho.

— Ahhh, claro, na nuvem. — Arregalo os olhos debochadamente enquanto pesco o celular no bolso de trás do jeans e jogo para ele. — Dá uma olhada na minha pasta de foto delas.

Romeo entra com a minha senha e começa a vasculhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não achei nada — constata confuso, depois de alguns segundos.

— Porque não tem, porra! — Puxo os cabelos com o tamanho da negação dele. — Aquelas garotas são mesmo como minhas irmãs! O caralho que vou ficar fazendo pastinha com fotinhos delas. Você tá fodido!

Romeo esfrega o rosto completamente desnortado.

— Não confunda amor com tesão! Sou tão desgarrado quanto você! Só acho aquela exuberância de curvas boa pra caralho de olhar!

Confessa e abro um sorriso sacana de *eu sabia* misturado com *está fodido mesmo*.

— Nem vem! Não sou o *Fella*! — Os azuis-celestes pegam fogo. — Nós dois não rola. A Malandra pode ser a top das gostosas voluptuosas e ter o rosto mais sensacional do planeta, mas é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

completamente louca, insana, pirada e um pé no saco! E de quebra, é apaixonada pelo mané do pau doce. Resumindo: a última mulher no universo que eu pegaria, cem por cento descartada. — Aponta o dedo para mim começando a ficar puto. — Digame quem tu amas e te direi quem és! Saca o ditado? — pergunta e eu nego.

Não saco não... nunca ouvi falar, pelo menos, não nesta versão.

— Que mané de pau doce? — Minha alma de fofoqueiro atiça.

Quase volto a sentar no chão para acompanhar o drama.

— O mexicano das panelas, Lucca! — berra irado. — A Malandra nega, mas é afinzaça^[111] daquele bosta do cozinheiro ungido no mel, que por sinal continua louco pra invadir a calcinha da primeira-dama.

PERIGOSAS ACHERON

Assovio.

O Capitão Putão é capaz de matar se souber disso.

— O cozinheiro está fodido! O Puto vai enfiar o bosta num taxo e despachá-lo pro México. Podiam se juntar, eu ajudo. — Meu tom é de solidariedade fingida. — Já basta um alucinado, dois não vou suportar. — Coço atrás da orelha pensando em uma solução urgente. — Precisamos de reza brava, tirar essa maldição, outro irmão fazendo merda por mulher é o apocalipse. Os Stoirm não são assim!

Agora quem cai na gargalhada é Romeo.

Fico cabreiro.

— Aaah, não são? Falou o cara que foi curtir uma folga em Vegas, surtou numa gata, acordou pelado e casado, com uma tatuagem na bunda e um: *DESCULPE*, escrito em batom na

barriga.

Filho da puta!

Paraliso, esse é o único assunto que me tira o humor e do sério. Romeo sabe disso. O dia que botar as mãos naquela maluca fujona, ela me paga.

— Sabe que a porra do casamento nem valeu, Bastardo — cuspo a verdade.

Seu sorriso vencedor faz meu sangue ferver. Não querendo dar o braço a torcer, nem o matar, respiro como aprendi na meditação chinesa para buscar a paz interior.

Respira... respira... respira...

— Não valeu, só porque a noivinha deu nome e documentos falsos, já você aí, Palhaço, colocou tudo e mais um pouco naquela certidão e ainda caprichou na assinatura. — Dá o golpe mortal.

Paz interior é o caralho!

Vejo vermelho.

— Essa cara de modelo da QG^[112] já era!
— rujo e parto para socá-lo.

* .. ♥ .. *

Dante

Com a caixa debaixo do braço, subo os últimos três degraus em um pulo. Puto, apresso o passo quando os gritos e xingamentos ecoam mais alto pelo corredor. Eu só pedi uma única coisa: discrição.

Puxo o ar em uma atitude calmante.

Controle... controle... controle.

Coloco o cartão mestre na fechadura e entro tranquilamente. Respiro pausadamente avaliando a situação. Mc mantém os braços de Romeo, presos nas costas e Trent esforça-se em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conter Max em um abraço de ferro pela cintura, enquanto meus irmãos se debatem e se xingam como adolescentes.

Suspiro de saco cheio. Embora minha vontade seja dar um passo para trás, sair e ir atrás da minha mulher, ajo como o irmão mais velho e Capitão que sou. Muno-me de paciência e passo revista checando os danos. Estão amarrotados, descabelados e com alguns poucos hematomas nos braços e rostos, mas inteiros.

Relaxo o corpo.

— O que está acontecendo? — contenho-me e rujo num tom ameno que não ecoe pelos corredores.

Quatro pares de olhos viram para mim.

— Não sabemos, Capitão — Trent toma a frente. — Entramos e estavam se atracando no chão.

PERIGOSAS ACHERON

Grande novidade.

Já vi essa cena milhares de vezes. Conheço cada uma das expressões Stoirm e não preciso perguntar o que houve. Os olhares emputecidos dizem tudo: mulheres.

Vou de Romeo para Max e vice-versa. Nem sinal de que estejam dispostos a revelar o que aconteceu. Se não estivesse tão irritado, estaria até orgulhoso. A lealdade Stoirm é foda, podemos discordar, brigar, nos socar, mas tudo fica entre nós.

— Qual parte da descrição não entenderam? Primeiro, o fiasco na invasão do Soho, agora as mocinhas saem no tapa? Estão querendo me foder? São soldados, porra!

Max faz menção de protestar... gesticulo um *nem vem*.

— Liberem os idiotas — ordeno. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Temos trabalho. Estou com a caixa, a lista, a minha mulher longe dos meus olhos e nenhuma paciência.

Coço a barba e esfrego o rosto clamando por um pouco de paz.

Trent e Mc soltam os imbecis e dão um passo para o lado abrindo espaço. Ainda com ar emburrado, a dupla tenta se recompor alisando as roupas e depois os cabelos.

De cara fechada, vou até a mesa do café, afasto a louça suja e o computador para abrir e espaço. Deposito a caixa com cuidado. Abro, tiro o envelope com os nomes e entrego a Romeo.

Começo a comandar.

— Dois são nomes comuns, os outros, comerciais. Não reconheci as razões sociais e não quis me estender naquela merda de chá e levantar suspeitas com mais perguntas. Puxe tudo o que conseguir, mas não entre em contato, já basta a sua

PERIGOSAS ACHERON

aproximação frustrada com Charles. Vou avaliar e decidir qual a melhor maneira de se chegar a cada uma das bonecas.

Max saca um canivete suíço do bolso e parte na missão de cortar o veludo vermelho que reveste o interior da caixa.

Capturo seu pulso, a segundos do primeiro golpe.

— Não se atreva, imbecil! — Solto o pulso. — Treas tem apreço por ela, quero tudo intacto. Voltem para a Central e usem o scanner... Um arranhão, seja na caixa ou nas bonecas quando as encontrarmos, vão se ver comigo. Se acharem algo, deem um jeito de extrair as informações sem danos.

— E você? — A sobrancelha de Max levanta.

— Vou ficar até amanhã. Treas precisa de

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco de normalidade, quero tornar as coisas mais fáceis. Sem dramas ou brigas. — Encaro meus irmãos. — Vocês seguem na frente, Kurt e Claire ficarão para cobrir nossas bundas.

— Normalidade? Então finalmente desistiu da ideia maluca de abrir tudo pra ela? — Romeo pergunta descrente.

— Desisti, porra nenhuma. Ela confia em mim, não vou esconder nada sobre as bonecas. Quanto a Petronovic, sabe que investigamos sua morte, mas vou filtrar as informações. Não posso revelar nem por um cacete, as motivações sigilosas da Royal Honnor. Dividir assuntos de segurança do Estado, só colocaria Beatrice em mais riscos.

— Falou com o juiz? — Com cuidado, Max guarda a caixa em seu saco do exército.

Vou da caixa para ele.

— Ontem à noite, depois que Treas

PERIGOSAS ACHERON

dormiu.

— E aí? — Puxa o cordão fechando a bagagem.

Frustrado, passo a mão no cabelo.

— Aí que não consegui muito... A amizade do avô de Treas com Petronovic foi surpresa para ele também. Fora da ativa há duas décadas, o velho não era um risco e estava longe da mira, por isso o dossiê é tão falho. Sua falta de relevância no cenário da espionagem, torna cada vez mais fraca a nossa primeira hipótese de ameaça estrangeira. Assim como eu, o juiz não acredita que o assassinato seja uma represália ao envenenamento do ex-espião russo e da filha aqui no Reino Unido. O que é bom, as relações diplomáticas com o Kremlin já estão deterioradas. Os russos continuam negando a autoria dos atentados e uma revanche britânica só foderia mais

com tudo. Por outro lado, a descoberta da sequência numérica na boneca preocupa. Agentes duplos sempre têm um plano B. Petronovic poderia estar guardando algo para a sua própria garantia.

— Dinheiro?

Assinto.

— Que simplesmente resolveu dar para Beatrice? — Romeo cruza os braços numa atitude de zombaria.

— Não, paspalho. — Estapeio sua nuca.
— Ele não deu nada para ela, escondeu com ela.

Max gargalha e estapeio a nuca dele também.

— Vai se foder, seu Puto! — reclama esfregando o lugar atingido, mas volta a concentrar-se. — Irmão, é óbvio que um espião não deixaria informações secretas anotadas na agenda, mas não era só decorar? — Tira uma onda — Pra

que ter todo esse trabalho?

Minha mão coça por um outro tabefe, mas me contenho.

Respiro.

Controle... controle... controle.

— Aos setenta anos, a memória pode pregar peças. Confiar apenas nela seria amadorismo — explico impaciente. — Mesmo que não servisse mais à Coroa, não há garantias de que não o fizesse para o serviço secreto russo ou tenha inimigos antigos. Tirar informações de um país por vias normais sempre é um risco. Se foi ele quem colocou aquelas sequências lá, meu palpite é de que Beatrice foi só a oportunidade perfeita — explico, mas como não parecem entender meu ponto, respiro e continuo. — O jato da Embaixada tem imunidade diplomática, pode-se transportar qualquer coisa nele, sem risco de vistoria da

alfândega. E outra, sendo um presente tão emocional, duvido que tenha cogitado a hipótese das bonecas serem vendidas... Seu segredo ficaria protegido e intocado pelo tempo que desejasse com Trice.

— Então é uma caça ao tesouro? — Trent anima-se.

— Possivelmente — grunho.

— Como Klaus sabia das bonecas? — Mc levanta um ponto importante.

— Ainda não sei e é uma das minhas maiores preocupações. — Viro para Romeo que ainda massageia a nuca, emburrado. — Conseguiu contato com o moleque?

— Não. — Pressiona os lábios em um pesar. — A última vez foi aquela depois da morte do Klaus. Pressentir que o pressionáramos e desaparecer, acho difícil, meu palpite é de que os

boatos sobre a captura do falso assassino já tenham se espalhado e ele dado a história por encerrada.

Assinto pouco confortável. O moleque ainda tem muito que explicar sobre sua relação com Klaus.

— Continue nisso, preciso da identidade dele. Esse sumiço não me agrada, mas tira um peso — pondero. — Se fosse um espião, sabendo da prisão equivocada, certamente continuaria em contato para sondar quando descobriríamos o erro de identidade.

O olhar receoso de Mc procura o meu.

— O que foi? — Ergo o queixo barbado.

— Acho que não vai gostar, Capitão.

— Diga o que é e decidirei se gosto ou não.

Parecendo indeciso, Mc respira profundamente enquanto enrola um dos dreads. A

um segundo de me fazer perder a paciência, começa a falar.

— Não acredito que o encontro do velho com Beatrice tenha sido rastreado. Se soubessem da ligação dela com qualquer coisa, já teriam vindo atrás na época em que os avós morreram. Tem um *gap*^[113] muito grande entre a entrega das bonecas e o assassinato de Petronovic, quase dois anos. E mesmo que o velho só tenha aberto o bico agora, antes de morrer, isso foi há quatro meses, outra vez, tempo demais para agir. Acho que a melhor forma de a proteger é envolvendo-a na busca.

Olha-me ressabiado.

Com o sangue entrando em ebulição, faço um gesto de continue.

— Como mesmo disse, o garoto sabia de nós e está ligado a Klaus... Trabalhando ou não para o assassino, o fato é que nos rastreou. Como

PERIGOSAS NACIONAIS

estamos fora do caso, qualquer passo em falso, pode colocar Beatrice direto na mira. Tentar um intermediário nas negociações de compra é assumir mais um risco de vazamento. Meu conselho é mantermos tudo em equipe. O nome dela está nos registros de primeira venda e chamaria menos atenção, sustentar a porra da versão sentimental dita ao Charles... Se o balofo mentiu sobre não ter cópias dos arquivos ou abrir o bico, a coisa só se confirma. Ninguém desconfiaria de neta indo atrás de uma lembrança antiga, todos sabem o quanto era ligada à avó paterna e já que anda dizendo que estão juntos, a sua presença na missão, Capitão, não causaria estranheza.

Esfrego a barba e o rosto considerando as palavras de Mc. Embora todas as células do meu corpo gritem não, ele tem razão. Para protegê-la, terei que expô-la.

PERIGOSAS ACHERON

Ironia do caralho!

Solto um grunhido frustrado.

— Não queria Beatrice diretamente nisso, mas acho que não tenho saída — confesso contrariado, lembrando das palavras dela sobre sermos assustadores. — O Charles desconfiou de nós no primeiro segundo. Os compradores podem ter a mesma impressão. É muito mais fácil entregarem as bonecas para uma doce inglesinha do que para um cara fodido e mal-encarado como eu.

Romeo guarda o notebook e o envelope na mochila, preparando-se para sair.

— A primeira-dama vai enlouquecer quando souber que vai manter a palavra e botá-la para jogar.

Coço a cicatriz na sobrancelha.

— Só espero que eu não enlouqueça junto. Preciso de alguém sempre com ela — digo, já

arrependido da minha decisão. — Alguém viu a porra da Claire?



Com Kurt ainda de plantão no spa, desço as escadas sozinho e puto. Tudo o que eu quero é ter Beatrice sob as minhas asas em definitivo, mas, por mais que confie que a mantereí segura, o homem apaixonado, que habita em mim, está revoltado pra cacete.

Porra! Caralho! Bosta!

Mil maneiras de reencontrá-la e tinha que ser logo numa situação turbulenta e perigosa?

Enquanto desço os degraus, solto uma risada nervosa.

Impressionante, até os nossos problemas são entrelaçados. Luke tem razão, ninguém muda a rota do destino. Somos como dois meteoros, que

saíram da órbita por um tempo, mas que foram destinados e a se chocar e fundir.

Estava escrito, não temos como fugir.

Os olhões singulares brilham como um flash, iluminando meus pensamentos. Curvo os lábios instintivamente, o verde e o castanho ficam ainda mais lindos quando Beatrice explode em mil emoções contrárias.

Jogo a cabeça para trás e gargalho.

Aaaah, minha Inglesinha louca!

Eu te deixei mais maluca ainda, não foi?

Será que é assim tão difícil de acreditar que estou falando sério? Estamos atrasados sim, porra!

Assim que piso no andar térreo, meu bom humor recém-restaurado some quando vejo o corpo alto e esguio de Claire apoiado na parede que ladeia a escada. De braços e pernas cruzadas, ela endireita

o corpo, bate continência e abre um sorriso largo assim que me vê.

Embora não me atraia e não faça o meu tipo, não posso negar, é uma mulher de presença. Os longos cabelos negros presos em uma trança lateral e a roupa justa e preta a fazem parecer uma daquelas heroínas dos quadrinhos.

Fecho a cara. Preciso dela com Beatrice, não aqui comigo.

— Capitão. — Amplia o sorriso.

Não retribuo.

— Fui bem claro. Cobrir Beatrice *full time*^[114] — disparo ficando de frente para ela e de costas para o corredor e a porta do meu quarto. — Não pode mudar as ordens a menos que eu determine — disparo novamente. — Onde esteve?

Cruzo os braços.

— Aqui, esperando por você. — Sua

expressão fecha. — Beatrice está bem... chequei há uns vinte minutos com Kurt. Precisamos conversar, é urgente.

Minha sobrancelha sobe.

— Identificou algum risco?

— Não... tudo limpo, nenhum sinal de presença ou movimentação irregulares. O assunto é outro.

Meu rosto contrai por incompreensão, mas logo saco qual é a dela quando o sorriso volta acompanhado por um brilho malicioso no olhar. Irritado pressiono os lábios. Conheço bem esse brilho, já o presenciei inúmera vezes.

— Nem pense, estou fora de jogo e apaixonado — rosno. — Não vou repetir o que já foi dito. Poupe-nos de outro embarço, soldado — uso a nomenclatura masculina como uma trincheira.

Existe uma cratera gigantesca entre o

desejo em excesso nela e a ausência total dele em mim. Claire entrou no time recentemente. Desde que soube de Donatela tem feito alguns movimentos frustrados na minha direção. Nunca a incentivei e tampouco levei-a a sério. Pensei que tivesse entendido o recado quando a afastei da Central, deixando-a nas ações externas com Kurt.

— Sem embaraços, vim em paz. Vi Beatrice, é linda, mas tão... tão delicada, não encaixa. Olhe para mim, sou forte, somos iguais, Capitão.

Antes que possa berrar que a minha Inglesinha além de certa, é única, uma mão firme e certa ataca minha virilha, pegando-me desprevenido.

O quê? Como se atreve?

O ato indesejado me dá nojo. Penso nos toques delicados e bem-vindos de Beatrice e sinto-

PERIGOSAS NACIONAIS

me violado. Num reflexo instantâneo, seguro, afasto e aperto o pulso da mão que me apalpava. Grudo nossos narizes em uma atitude ameaçadora.

— Nunca mais toque em...

Plaft!

Um objeto voador não identificado atinge em cheio a lateral do rosto de Claire. Com o choque, a narina dela começa a sangrar...

— Ai-ai! Quase quebrou o meu nariz! — Claire berra espalmando o rosto. — O que foi isso?

Escrutino o chão em busca da arma voadora.

— Uma chinelada na cara, sua pilantra! Deus! Não acredito que ia beijá-la!

A voz rouca e doce que explode logo atrás, faz meu sangue congelar.

Foda! Foda! Foda!

Bendita mira!

PERIGOSAS ACHERON

— Treas!

Afasto-me de Claire e viro a tempo de ver um rastro de cabelos castanhos entrar no nosso quarto, a porta bater e uma ladainha de xingamentos e impropérios começar. Abaixo e recolho um pé dos chinelos azuis, dos muitos que dei para Beatrice. Caminho decidido para a porta do quarto.

Claire vem atrás.

Controle... controle... controle...

— Treas, acalme-se — peço assim que chego.

— *Desgraçado! Despudorado! Mentiroso!*

— Não iria beijá-la! — esclareço de primeira.

— *Eu vi, seu falso!*

Puxo o ar... ciente de que o movimento feito poderia muito bem parecer a intenção de um

PERIGOSAS NACIONAIS

beijo. Uma artilharia de objetos explode quebrando contra o lado de dentro da porta.

— *Burra, burra, burra... Ai, como sou burra!*

Inspiro de novo, estudando qual a melhor estratégia para acalmar Beatrice, pego no bolso e entrego um lenço para Claire estancar o sangramento.

— *Como pôde deixar a Tomb Raider pegar no míssil?*

Hã?

— Beatrice, acalme-se.

— *Que raiva! Sou uma trouxa por acreditar em você, isso sim!*

— Não é o que parece.

— *Aaaff... Você no desfrute e eu lá, feliz e iludida, me lambuzando de creme, toda animada para dar o cu!*

PERIGOSAS ACHERON

A risada histérica, misturada ao choro, faz meu peito apertar.

O quê? Toda animada para dar o cu?

Sei que não devo, mas é mais forte... Fico excitado e ainda mais puto. Isso é só nosso... Não me agrada a minha Inglesinha se expondo. Kurt assiste a tudo, parado ao nosso lado, com o rosto vermelho e um ar recriminador.

— Não me olhe com essa cara! — rosno para ele. — É bom colocar um pouco de juízo na cabeça da sua parceira. Localize Trent e Mc e diga para ficarem aqui conosco... Pegue Claire, cuide desse nariz e leve-a embora — ordeno.

— Capitão, eu não vou... — Claire inicia um protesto.

— Chega! Some daqui, porra! — rosno a ordem.

— É o que pretendo fazer!

— Não você, Treas!

Desespero-me... Objetos ainda são lançados contra a porta, respiro fundo, alcanço o cartão mestre do bolso e preparado para a guerra, decido invadir.

— Beatrice, vou entrar — aviso por precaução, antes de enfiar o cartão na fechadura.

* .. ♥ .. *

Beatrice

— Nem tente entrar — berro em tom ameaçador.

Morta de ódio e com lágrimas escorrendo pelo rosto, alcanço um abajur e lanço contra a porta. Uma tulipa trepida e equilibra-se sobre a fechadura eletrônica onde, segundos antes, atirei o vaso que estava sobre a mesinha de cabeceira...

PERIGOSAS NACIONAIS

faíscas e uma leve fumaça indicam o início de um curto.

Preocupo-me, depois ignoro... Dane-se, noventa por cento do quarto é de pedra.

— *Beatrice, o que fez com a fechadura?*

Ocupada em achar mais coisas para tacar, não respondo.

— *Que cheiro forte de fiação queimada é esse? Merda! O que fez?*

Paraliso e focalizo a fechadura. A fumaça aumenta e recomeço a me preocupar.

Não posso matar pessoas inocentes, só porque o pau do sem-vergonha é um cão sem dona. Lembro de ter visto um extintor na varanda e corro para ela. Abro as venezianas, pego o cilindro vermelho, volto e dou umas boas jatadas enchendo a fechadura e parte da porta de espuma. Faíscas e fumaça estancam. Respiro aliviada, mas ainda com

PERIGOSAS ACHERON

ódio.

— *Se não abrir, vou arrombar!* — Capitão Putão ruge do lado de lá.

Dou um pulo no primeiro baque do corpo pesado se chocando contra a porta.

— *Fella! Não sabia que ia dar uma festa.*

Que beleza! O circo está armado!

A voz irônica de Romeo me irrita mais. Uma angústia comprime meu âmago e uma necessidade pungente de fugir surge. A porta não vai suportar se os irmãos Stoirm resolverem se juntar para derrubá-la.

Dane-se que pareço uma adolescente histérica, nunca vi uma mulher bancar a madura equilibrada ao pegar o homem que ama sendo apalpado. Não dá! Impossível! É contra as leis do feminismo apaixonado.

Mim, Trice! Meu, Dante!

Simples assim.

— *Abre essa merda, Beatrice!* — Dante esmurra a porta.

— *Gostei do exemplo. Bela descrição, irmão!*

— *Vai se foder, seu Palhaço!*

Quando a gargalhada do Max explode no corredor, chego ao limite... Traída, humilhada e zoada no mesmo dia, não vai rolar. Calço outro chinelo, amarelo para combinar com o vestido. Pego a bolsa, o ursinho de Gabriel, minha dignidade e saio pela varanda.

Não há no mundo a possibilidade de ter uma conversa civilizada com Dante agora. Não com toda aquela plateia no corredor. Preciso de um tempo e de ar.

Prestes a escurecer, rumo para o jardim embrenhando-me nele. Remexo na bolsa, desligo o

PERIGOSAS NACIONAIS

localizador do celular e retiro o mapa do hotel, que peguei mais cedo na recepção... Ando... ando... ando... até meus pés doerem e avistar um senhorzinho de macacão, chapéu de palha e ares simpáticos. Ele parece se preparar para encerrar o expediente. Enquanto me aproximo, observo-o acondicionar ferramentas e caixas com flores na traseira de um carrinho de golfe adaptado para suas funções.

Puxo do pulso o elástico, que ganhei no spa, faço um rabo e abro um sorriso.

— Boa noite — cumprimento-o com simpatia.

— Olá, *milady*. Aproveitando os últimos raios de sol?

— Voltando para Londres. — Dou-lhe um sorriso tímido.

— A pé? — Tira o chapéu e checa o céu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em tons acinzentados e avermelhados. — É meio longe e logo a noite cairá de vez.

— Eu sei... mas estou numa emergência familiar. Meu avô — minto pedindo perdão a Deus — paterno — emendo para desviar a ira divina de Jack. — Acho que me perdi, o mapa indica uma velha estradinha que dará na estação de trem. — Levanto o papel amarrotado. — Sei que fica atrás do jardim, mas...

— Por ali... — Aponta uma abertura entre as folhagens. — Aquela trilha dará na estrada, mas são oito quilômetros.

— É o meu avô. — Encolho os ombros, indicando que não tenho mesmo alternativas.

O simpático senhor coça a cabeça, seu queixo elegante recai para o carrinho de golfe repleto de plantas, sacos e utensílios de jardinagem. A cobertura em lona listrada de branco e azul está

PERIGOSAS ACHERON

desbotada pelo sol.

— Pode pegar. É elétrico, só apertar o botão vermelho e pisar no acelerador. É lento, porém mais rápido do que seus pés. Meu irmão gêmeo é vigia na estação, basta avisá-lo que o carrinho está lá.

Fico tentada em aceitar, mas em dúvida se devo.

— E o senhor? — Olho ao redor.

— Não estamos a mais de uns oitocentos metros do hotel. Aprecio caminhar.

Percebo que andei em círculos.

— Tem certeza? — Mordo os lábios, ansiosa.

— Absoluta, *milady*. — Sorri afetuoso. — Não esqueça de ligar os faróis... botão azul.

A gratidão eterna espalha-se em meu rosto. Sem perder mais tempo, ajeito-me no banco do

PERIGOSAS NACIONAIS

motorista, tendo como copilotos um saco de esterco e outro de bolinhas de argila. Jogo o mapa, a bolsa e o ursinho sobre eles. Ligo o carrinho e é tão silencioso que parece que não o fiz, testo o acelerador e ele dá um baque seco para frente e para.

Merda!

Tento de novo com menos pressão. O carrinho desliza suave. Sorrio feliz, saio e aceno enquanto grito a promessa de entregar o veículo intacto para o irmão gêmeo.

Não demora e caio na estrada. Agradeço que não haja nela, uma viva alma, além de mim e das árvores de um bosque que ladeia o acostamento.

Absorvo o silêncio... vou sendo tomada pela calma e a cada metro conquistado, meu coração acalanta. Meu plano é simples, chegar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Londres, me enfiar num hotel, relaxar e depois... só bem depois, ir me entender com Dante.

Não posso simplesmente pular fora e nem quero, mas as coisas precisam mudar. Estou disposta a adaptar minha relação com Lucca e evitar nossas trocas de afeto, somos amigos, ele vai entender. Agora em troca... chega das soldadas. Não vou mais admitir provocações ou apalpadas. O que essa mulherada do Exército tem na cabeça? Que é uma festa? Se for, que seja uma exclusiva para mim.

Meu celular se esgoela na bolsa e o desligo.

Sigo em paz, até que pelas tantas, grandes faróis piscam atrás de mim. Meu coração que estava calmo, dá um pulo. É claro que o Capitão daria um jeito de me achar.

O SUV gruda na minha traseira e

PERIGOSAS ACHERON

seguimos numa procissão lenta.

— Droga! Droga! Droga! — praguejo sem tirar os olhos da estrada.

— Treas! Pare essa porra! — exige com o braço e a cabeça para fora.

Os carros estão tão próximos e são tão silenciosos que o escuto perfeitamente... começo um telefonema sem fio.

— Que inferno! — berro dentro do carrinho sem laterais. — Como me achou?

— Um jardineiro na recepção. Avisou sobre a *milady* e seu avô.

Claro!

— Dá um tempo, Dante Stoirm!

— Será que nunca vamos ter um dia bom?

Reviro os olhos, achando o cúmulo que diga isso.

— Era um dia ótimo, pena que você o
PERIGOSAS ACHERON

estragou!

— O que aconteceu foi foda, mas entendeu tudo errado!

Homens!

Solto uma risada descontrolada e começo a disparar toda a minha indignação:

— Eu vi! — berro para o retrovisor. — Queria estrangular aquela girafa, mas não tinha uma escada! Merda! O que acontece com as soldadas do Exército? Tomam fermento? É muito injusto! Não dava para se esfregar em alguém do meu tamanho?

— Injusto? Quase a nocauteou com um chinelo!

— Acho é pouco!

Acelero, mas o carrinho não colabora... Irritada, alcanço a primeira coisa que encontro e começo a arremessar contra o SUV, tentando fazê-

la derrapar.

Uma das minhas munições explode bem no meio do capô.

— O que é isso?

— Bolinhas de argila!

— Vai riscar todo o meu carro, caralho!

Sabe quanto custa um polimento?

— Enfia o polimento no rabo!

A roda do carrinho passa por um buraco e uma caixa de folhagens cai da traseira e espatifa na estrada. O SUV desvia poupando as plantas do esmagamento iminente.

— Vai, vamos conversar... Também não foi pra tanto! — A voz potente amansa.

Conheço essa tática, meu camarada.

— Ah, não foi? — Cresço os olhos de coruja para o retrovisor. — Deixa de ser machista! Você pode ficar puto por mísero um moranguinho

PERIGOSAS NACIONAIS

na boca e eu não posso dar um pio por uma apalpada no pau? — grito para que me ouça bem.

— Não sou machista! — ruge.

Olho de relance, ele puxa uma respiração profunda e sei que está em busca de paciência. Como parece não a ter encontrado, acelera e emparelha os carros.

— Essa merda não faz mais que trinta por hora — diz falsamente calmo com o tronco inclinado. — Nesse ritmo vai chegar na estação no ano que vem.

Piso no acelerador, o carrinho reclama, chega a tremer, mas não me deixa na mão desta vez. Sorrio, quando atinjo os trinta e dois por hora. Vitoriosa, ergo o braço para fora e mostro-lhe o dedo do meio. Na empolgação do afronte, perco um pouco o controle da direção e quase invado o acostamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ai, Jesus!

Volto a grudar as duas mãos no volante e retomo o prumo.

— Cuidado! Tirou a licença onde, na Índia?

— Se tivesse tirado, acha que estaria dirigindo essa coisa?

— O quê? Sem licença? Vai se matar! Pelo amor de Deus!

Desespera-se como se fosse o pior pecado do mundo dirigir sem saber.

Quem se mata a trinta e dois por hora?

O SUV manobra, cai mais para o lado, acelera, dispara e com um cavalo de pau escandaloso, fica de frente para mim. Meu coração para e dispara. Com a perna trêmula, piso fundo no freio e como David e Golias, nos encaramos... Carrinho e carrão. Começo a acelerar e ele também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento manobrar para a esquerda, mas o SUV me bloqueia... teimosa, vou para a direita, mas a mesma parede de aço negro me breca.

Desgraça!

Vamos ziguezagueando pela pista, eu de frente, o irritante de ré.

Que saco de homem, custa me deixar passar?

Farta do gato e rato, busco uma saída. Com a visão periférica, avisto um pequeno caminho aberto entre as árvores... Sem pensar duas vezes, viro bruscamente a direção e fujo pelo escanteio... No baque com a grama, meu pé escorrega, perco o controle e saio desgovernada no que eu não tinha notado ser uma ladeira.

Ai, meu Deus!

Seguro firme no volante arregalando os olhos... Aos trancos e barrancos, vou descendo até

PERIGOSAS ACHERON

que sinto um outro baque forte, o carrinho decola no ar, para depois, aterrissar e flutuar no meio de um laguinho cheio de algas.

Merda! Merda! Merda!

Com muito custo, arrasto-me para fora do lago, segurando bolsa e urso por sobre a cabeça. Há tanta alga presa em mim, que pareço a Trice do pântano. Guiada pelos faróis piscantes^[115] do carrinho que ainda flutua, apoio na primeira árvore que encontro e vou me livrando das algas.

Um galho quebra... meu coração já acelerado quase sai pela boca.

— Tá tudo bem? Tá querendo me matar do coração?

Ai, que bom!

Suspiro aliviada ao ouvir a voz grave, ofegante e bem braba atrás de mim.

O banho de água fria aplacou um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

minha raiva e prefiro mil vezes enfrentar a irá já conhecida do Capitão, do que passar a noite perdida em um bosque escuro cheio de insetos aterrorizantes.

Sem meus chinelinhos, perdidos no lago, a fobia bate e encolho os dedinhos dos pés.

— Treas, olhe pra mim.

Sou virada pela mãozona que me captura pelo braço e acabo com as costas grudadas na árvore.

— Me solta! — exijo.

— Não solto. Se machucou?

— Estou inteira.

Escrutina-me por um tempo e quando parece, finalmente, convencido da falta de ferimentos, os azuis-índigos saem do meu corpo e recaem no carrinho, que embica para cima, e começa a afundar lentamente como um

PERIGOSAS ACHERON

miniTitanic.

Deus!

O que foi que eu fiz?

Cubro a boca quando tomo consciência do tamanho da cagada que acabo de aprontar.

Ouçó um clique e um bastão verde fluorescente cai no chão abrindo uma clareira de luz ao nosso redor. Fecho os olhos, não só para fugir da raiva e desespero impressos no rosto dele, mas porque não sei como irei me explicar para o pobre jardineiro.

— Quase tive um enfarto quando perdeu o controle. Está tudo bem mesmo? — A mão solta o braço e vai para o meu cabelo, retirando algas. — Está encharcada, vai se resfriar.

A preocupação na voz faz-me abrir os olhos.

Meu coração acelerado titubeia... a

PERIGOSAS NACIONAIS

intensidade com a qual vasculha o meu rosto é perturbadora.

— Quanto custa um carrinho de golfe? —
sussurro atordoada.

Espio mais uma vez e fico desolada quando afunda por completo, formando borbulhas iluminadas na superfície.

— Tem seguro, foi um acidente.

Volto para o rosto barbudo.

— Mesmo assim, o jardineiro foi tão legal. Não quero que se prejudique. Vou me sentir melhor, se eu mesma arcar com os prejuízos. Resgate é caro? Será que aceitam cartão de crédito? Dá para parcelar? As plantas não serão um problema, conheço um fornecedor ótimo. Vende pá on-line?

Ele puxa uma respiração que me diz que está impaciente. Encaro os olhos incrédulos.

PERIGOSAS ACHERON

— Treas, eu preciso que pare de falar merda e me escute.

Uh o quê?

Penso em mandá-lo à merda pelo merda dito, mas começando a sentir frio e com medo de um ataque aracnídeo, tudo o que preciso é sair daqui. Vi o que vi, não tem desculpa. Uma briga de egos, não está entre as minhas prioridades do momento.

— Não estava falando merda e não quero escutar nada. — Empino o queixo e ele pressiona os lábios. — Não precisa ficar nervoso, sério... Tá tudo bem. Tava na cara que uma hora ou outra, isso iria acontecer.

— O que estava na cara?

— Os nossos passados. Óbvio que seriam um problema. A minha amizade com Lucca, seu lance com Donatela, agora a apalpada de Claire...

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre vai ter alguma coisa atrapalhando.

Sua expressão fica mais irritada.

— É só não deixar que atrapalhe — diz como se fosse fácil.

Abraço o corpo e reviro os olhos em tom de deboche.

Dante morde os lábios e parece ponderar por uns instantes

— Por favor, Treas — volta a falar. — Não confunda fodas que nem lembro, com falta de amor por você... Por um tempo, não era mais eu ali. Estava afogado na merda de um pesadelo sem fim no Exército. Perdi o controle e nem percebi. Busquei qualquer coisa que esvaziasse a mente e me desse a ilusão de que era possível seguir sozinho. O sexo? — Balança a cabeça, desgostoso. — Um monte de nada. Ninguém me marcou, vazio demais, larguei mão... não deu... o *whisky*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

funcionou muito mais, fomos só nós na Irlanda. — Ri sem vontade. — Esquece a Claire, não tivemos nada. Fui pego desprevenido, ok? Sei o que pareceu, mas não estava indo para beijá-la. Fiquei tão indignado quanto você, não queria que me tocasse.

A ideia dele descontrolado se embebedando por aí, me atinge como um soco no estômago.

Pera aí!

— Ficou por três anos na Irlanda... só você e o *whisky*? — murmuro baixinho.

— Hum-hum...

Pisco sem entender... Dante sem sexo por tanto tempo é surreal... não com mulheres como Claire se jogando para ele.

— Ela é... linda — constato duvidosa.

— Quem?

PERIGOSAS ACHERON

— Claire.

— E daí? — pergunta, como se fosse irrelevante.

— Daí que os vi... — Engulo a dor da lembrança.

Donatela ser irrelevante, até acredito. É chata pra caralho e eu mesma já tive minha cota de fodas esquecidas, mas a Tomb Raider...

Droga!

Já que ele não diz nada, respiro e continuo.

— Não entende... tudo em vocês: o jeito, as roupas... Eu ouvi, Dante. Ela está certa, é sua versão feminina... combinam. Eu não, eu sou...

— Nem continue, porra! — esbraveja interrompendo-me.

Irritada com a grosseria... pressiono os lábios e quando faço menção de me afastar, empurra minha barriga grudando-me de volta na

árvore.

A cabeça morena desce. Ficamos nariz com nariz.

— Não se diminua... nunca — o tom continua duro, porém mais baixo. O que é igualmente ameaçador. — É a mulher mais forte que conheço. E daí que somos diferentes? Se quisesse alguém como eu, foderia um espelho. — Afasta-se, puxa os cabelos e xinga o céu. — Merda, até quando vamos ficar presos ao passado? Não vai aceitar nunca que só existe você para mim, né?

Abro a boca para argumentar que fica complicado aceitar o título de “única” com as soldadas dele empenhadas em provar o contrário, mas os azuis-índigo me fuzilam como se quisessem me estrangular. Então, fecho a matraca e ele volta a falar:

— Vê se entende de uma vez por todas. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

te amar nunca foi uma escolha. Sempre fui completamente fascinado por você. É tão cheia de intensidade e de ideias malucas. — Ri. — Adoro que não se permita ser rasa, que lute, que argumente, que insista irritantemente até dizer chega. — Ri novamente e meu coração desconfiado começa a balançar. — Amo esse olhar intenso, essa boca teimosa, essas curvas que me enlouquecem, esses vestidos femininos que me fazem querer devorá-la... Cacete! — Esfrega a barba em uma atitude inconformada. — Nunca mais se compare... não dá... não está no mesmo nível que as outras, porra! Não vê que juntos somos tudo? Anos-luz a melhor foda que já tive. Reinventou o significado de incrível, Beatrice Wild... Está acima, muito além do topo! Sabe por quê?

Deus!

Embasbacada que nos ache *tudo*, balanço a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça em um: *Não sei*, enquanto respira apressado. O peito grande sobe e desce como o de uma fera enjaulada. Em um movimento brusco e chocante, segura e puxa as barras da camisa preta, fazendo os botões saltarem no ar. Ofego com a visão do peito riscado e escancarado.

— Porque sem-pre-foi-vo-cê... — fala com uma fúria contida ao tirar a camisa e dispensá-la no chão. — Marcada em mim... por dentro, por fora e para sempre, caralho! — exalta-se.

Minha respiração falha.

Os mamilos enrijecem e cresço os olhos ao bater nas tatuagens... Ofego como sempre farei quando se tratar de Dante e desse corpo espetacular e, finalmente, tomo consciência.

Sem-pre-fo-mos-nós.

Lágrimas enchem meus olhos... Uma onda de emoção faz meu corpo tremer. Esqueço os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outros e as brigas. Torno-me pura necessidade e mesmo que eu queira me impedir, não consigo.

Sou toda Dante... Acredito em suas palavras duras e sinceras, e está mais do que na hora de demonstrar.

Entro em erupção, lançando-me sobre ele. Escalo o corpo gigante entrelaçando os quadris e os ombros rijos com meus braços e pernas. O Capitão cambaleia, mas logo se recupera dando um aperto de aço em minha cintura. Como uma desbravadora, finco os pés descalços na bunda maciça e esmago nossas bocas, com desespero... Arquejo do prazer que é senti-lo. O peito enorme vibra, abro a boca deixando a língua voraz entrar. O som selvagem que solta, faz-me mais faminta ainda.

A saia do meu vestido sobe e minha bunda é agarrada.

Aaah... sim...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sou pressionada contra a árvore em um esfrega, aperta e puxa insanos... Sons apreciativos me escapam, agradecida pelo aumento do contato. Puxo seus cabelos desgrenhados, esfregando o meu sexo despidoradamente no volume crescente em sua virilha e com uma determinação, ao mesmo tempo egoísta e generosa, vou tomando posse de tudo.

É meu, eu quero, estou pegando para mim.

Beijo, roço, apalpo, mordo e agarro... Nossos grunhidos e murmúrios urgentes se misturam aos sons do bosque... perco-me nele e sei que está tão perdido quanto eu.

Segura-me pelo rabo de cavalo, chupa e provoca minha boca num movimento sexual sugestivo.

Deus...

Arrepio-me todinha, fico mais encharcada

PERIGOSAS ACHERON

e o clitóris pulsa em resposta... Sou tomada pela urgência.

Mais... mais... mais...

Tudo.

Solto dos cabelos macios, firmo-me em um dos ombros musculosos e infiltro a mão livre entre nós. Ele grunhe e eu gemo. Querendo o tudo, trabalho rápido no botão da calça libertando o míssil. Surpreso, interrompe os ataques e encara-me profundamente. Nossas respirações estão entrecortadas... suspiro. Ele fica magnífico descabelado e suado como um selvagem. Lambo os lábios em apreciação e os azuis-índigo ficam ainda mais escuros.

— Tem certeza? — pergunta rouco.

Necessitada por mais, grudo nossas testas suadas... com a mão ainda lá embaixo, manobro o quadril e afasto a calcinha de ladinho, volto para o

PERIGOSAS NACIONAIS

míssil guiando-o para a entrada melada.

— Vem. — Esfrego o pau em minha abertura como incentivo.

Ele sorri e, com um grunhido feroz, entra duro em um único golpe.

Grito e pássaros saem das copas das árvores em uma revoada assustada.

Os quadris dele recuam e voltam ainda mais exigentes... Meu tronco sobe com o impacto... O aperto na bunda e o puxão de cabelos intensificam, sustentando-me... Minha respiração vem mais forte quando começa a metralhar-me na boceta em um entra e sai possesso.

Fode... fode... fode... estoca com gosto, arregaça e come arrancando de mim uma sequência melódica de suspiros murmurantes e cadenciados como o comandante do meu sexo que é.

Aaaah, é tão bom...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas partes felizes contraem
agradecidas... sugando-o.

— Boceta gulosa... — Inclina e morde um
mamilo dolorido por sobre o tecido do vestido.
Ofego mais. — Isso... geme, se liberta!

É o que faço... começo a cavalgá-lo como
uma amazonas... Ele mete... mete... mete... eu
rebolo e peço mais... O som dos nossos sexos
trabalhando é tudo o que escuto na mata... O pau, o
impulsionar dos quadris, a pressão crescente dentro
de mim trazem sensações maravilhosas e
assombrosamente únicas.

Vamos num ritmo crescente e
desesperado... e meu prazer aumenta junto com a
velocidade das estocadas... Mete, tira, enfia, fode...
Choramingo do tesão e da beleza que é ser
escancarada e comida por ele.

Aperto mais as pernas em torno do quadril

PERIGOSAS ACHERON

impiedoso e afundo a cabeça em seu pescoço.

— Irlandês gostoso...

— Inglesinha safada...

Capricha na sequência de estocadas precisas deixando-me atordoada... Um tapa vem, espalmando em cheio o meio da minha bunda... Grito alto e gosto tanto, que chego ao clímax, num orgasmo intenso, profundo e dadivoso.

É lindo.

Rendida pelos espasmos de prazer, desabo languidamente, deitando a bochecha na curva de seu pescoço... Dante segue, como o soldado incansável que é, perseguindo a própria redenção numa missão contínua de se retirar e arremeter tomando tudo de mim.

A cabeça morena e descabelada desce para o meu pescoço e ombro, onde uma trilha de beijos molhados é depositada. O pau vem forte, uma,

duas... e outras tantas vezes mais... antes de senti-lo enrijecer, estremecer, grunhir profundamente e gozar em mim.

Os braços musculosos me abraçam forte, quase sufocando-me... imprensada contra a árvore e empalada por ele, deixo que saboreie o próprio orgasmo. Conectada de corpo e alma ao homem que agora eu sei, sempre foi meu... espero que nossos corpos retomem o controle e as respirações se aquietem...

É tão especial.

Há uma certeza nova em mim de que somos nossos portos seguros e livres para sermos o que quisermos... Repleta de sentimentos que só podem ser traduzidos como o mais puro amor, acaricio os cabelos selvagens... grata por ser tão teimoso e obstinado.

— Obrigada por não desistir de mim —

PERIGOSAS NACIONAIS

murmuro.

— Nunca desistiria... nasceu pra ser minha, Treas.

— Eu sei.

Levanta a cabeça e apaixonados azuis-índigo varrem o meu rosto.

— Se sabe, lute por nós. Não deixe que destruam o que temos.

Assinto.

— Juntos somos tudo, certo? — repito o que disse há pouco.

O Sorriso aparece e seus lábios inchados resvalam nos meus.

— Com a minha força táctica e a sua pontaria, somos foda, esquentadinha.

Dou risada.

— Aquela chinelada foi certa — digo orgulhosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi mesmo.

— Ótimo. — Meu olhar recai para as águas, agora calmas, do laguinho iluminadas por um rastro de luar. — O que vamos fazer?

— Voltar para o hotel... desligar os telefones e colocar a porra de um não perturbe na porta.

Dou risada de novo.

— Acho o plano excelente, mas estava me referindo ao carrinho. — Aponto o queixo para o lago.

A cabeça morena segue na mesma direção e o rosto contrai em um: *Eitaaa*.

— Elétrico e com toda essa água, já era. — Entorta a boca. — Melhor deixar aí... vai dar menos trabalho comprar tudo de novo do que resgatar.

Meu queixo cai. Começo a pensar em empréstimos intermináveis e na minha preciosa

PERIGOSAS NACIONAIS

poupança que irá pelo ralo com essa missão.

— Relaxa... tem seguro, lembra? — Lê o meu desespero. — Segunda, resolveremos isso. O mundo não vai desabar se sumirmos por um dia... Além disso, ainda me deve uma coisa, Treas. Não dá pra chegar invadindo essa bundinha linda. Preciso amaciá-la. Prometi fazer gostoso e vou fazer.

Ai... meu pobre rabinho virgem!

— A-ama-amaciá-la... — gaguejo.

Meus olhos de coruja dão um alô.

— Hum-hum... vai gostar. — Sorri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PARTE 2



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

*Uma semana depois... Sexta-feira...
Londres.*

Acelero nas braçadas ignorando os latidos de Gabriel e Godzilla que estão em um vai e vem empolgado na grama. Bato na beirada completando mil metros em nado livre... Esparramada na espreguiçadeira, Mila me ignora como a diva felina que é. Gata safada, aposto que se fosse Dante nadando, estaria miando para lá e para cá, mais empolgada do que a minha dupla canina alopurada.

Rindo, afundo a cabeça na água formando bolhas. Volto em um ritmo mais lento. Com as pernas já pesadas, desacelero e decido bater mais dez piscinas em nado peito para relaxar e soltar os

PERIGOSAS ACHERON

músculos.

Estou ansiosa... nadar tem sido só uma, entre as mil atividades propostas por Dante para desviar a atenção do turbilhão que a minha vida está...

“Paciência. Cada coisa na sua vez, Treas.”

Entre uma braçada e outra, repito mentalmente o conselho, que adotei como mantra da semana.

Ok... hoje o leilão, amanhã a Irlanda...

Não adianta querer colocar a carroça na frente dos bois. Foi triste não encontrarmos pistas na caixa e por mais que Romeo tenha arrasado descobrindo, em tempo recorde, o paradeiro de todas as Babuskas, não é tão simples assim. Só chegar e pegar. Então, decidimos começar pelo mais fácil: as bonecas que estão em Dublin, com

PERIGOSAS NACIONAIS

um senhor chamado McLable. Ele foi simpático e afetuoso quando conversamos por telefone e se mostrou disposto a me vendê-las de volta, a doce neta arrependida e em busca de tesouros familiares perdidos.



— *Claro que o velho cairia na sua. Consegue ser adorável quando quer, Beatrice Wild. Quem não te conheça que te compre.*

— *Disse bem... adorável só quando quero. Mas nem vem, Dante Stoirm, você já levou e não aceito devoluções!*



As demais Babuskas, o jeito vai ser caprichar no mantra e esperar. Temos que superar alguns probleminhas técnicos para reavê-las. Um leilão de arte, sem data marcada, cujos organizadores se recusam a fazer uma venda

PERIGOSAS ACHERON

antecipada de peças... Uma senhorinha à beira da morte, tão apegada às bonecas que não larga delas, mesmo estando no leito de hospital... e por fim, uma viagem interminável de navio, da Austrália a Londres, na qual se encontra um outro jogo de bonecas que voltou a ser integrado recentemente, por sorte ou azar, ao acervo do Museu Britânico.

“Paciência. Cada coisa na sua vez, Treas.”

Completo a última volta na piscina, esbaforida. Apoio na beirada e num impulso, saio. Pulo para tirar o excesso de água. Distraída com a touquinha e os óculos que caem, abaixo para apanhá-los, ganho uma bela de uma cafungada no traseiro e acabo caindo de quatro. Levanto rápido protegendo a retaguarda com as mãos.

Droga! Dei mole.

— Ai, ai, ai, garotão! Feio, feio, feio... Já

PERIGOSAS NACIONAIS

conversamos sobre isso!

Godzilla prostra-se e enfia o focinho na grama com as orelhonas abaixadas. Sorrio para a típica postura de: *aprontei, eu sei, mas pegue leve comigo.*

Espio o loft para checar se o adestrador carrasco não está nos vendo. Abaixo rapidinho e acaricio as orelhonas felpudas.

— Tudo bem, amigão, só tente se comportar da próxima vez, ok? — cochicho entre nós.

Recebo o latido e a abanada de rabo, que me dá, antes de sair correndo, como um sinal de que estamos entendidos.

Meu gigante canino tem se esforçado e na maioria do tempo, consegue ser um bom menino e não atacar minhas partes baixas, mas como todo bebezão, às vezes, esquece e vem empolgado para

PERIGOSAS ACHERON

cima de mim.

Fogos de artifício estouram... Gabriel e Godzilla uivam, correm e se escondem na casinha enquanto Mila continua impassível.

Coitadinhos!

Se ontem, Maggie não nos tivesse convidado para jantar e assistir a abertura da Copa do Mundo na casa deles, teria esquecido novamente do início do campeonato. Pego a toalha, visto o roupão e atravesso o jardim rumo ao loft praguejando contra os torcedores que não sabem o quanto os bichinhos de estimação sofrem com o foguetório.

Entro, arremesso a toalha, que pousa sobre a banquetta da cozinha, e engasgo assim que meus olhos recaem sobre a cama.

— O que está fazendo? — pergunto tentando não parecer afetada.

Falho com louvor. Meu rosto pega fogo enquanto devoro um Dante todo compenetrado lendo um mapa. Suas costas estão confortavelmente apoiadas em uma pilha de travesseiros, o corpão trincado esparramado na cama e uma das coxas musculosas flexionadas. O corte no abdômen é agora, uma linha rosada fina, livre de grampos.

Divino.

— Revisando os planos de voo para amanhã.

A cena é tão chocante que até esqueço o quanto estou animada para vê-lo pilotar.

— Assim? — Aponto para todas as partes do corpo escultural. — Peladão?

Foco na virilha e no pau, que mesmo relaxado, continua impressionante.

Despudorado.

— Acabei de sair do banho, algum

problema?

Engasgo.

Que esse corpaço nu sempre será um espetáculo, não há discussão. O que me pega, excita e choca é o elemento novo decorando o belo rosto. Quantas versões desse homem existem?

— Os óculos? — soo afetada ao apontar para as armações grossas e escuras. — Desde quando usa isso?

— São para leitura.

Salivo e depois agradeço.

Obrigada, Senhor, por meu próprio deus grego intelectual alcançado.

Esperto foram os antigos, que imortalizaram maravilhas corporais como as do Capitão entalhando-as em mármore.

— Só me prometa que da próxima vez que me comer estará com eles — peço sem pensar.

PERIGOSAS NACIONAIS

A sobancelha masculina sobe. Com a ponta de um dedo, abaixa a armação para dar uma boa olhada em mim.

— Não sabia que gostava de um fetiche, Inglesinha safada.

Deus, como é gostoso!

— Não sabe o quanto gosto, professor Stoirm.

Enrolo uma mecha de cabelo molhado, fingindo uma inocência que já não possuo mais. Miro no vibrador e plugs anais em cima da mesinha de cabeceira e meu traseiro chega a empinar de tão animado. As lições que tive mais cedo, foram um abuso de tão boas. Nem em mil anos, imaginaria o Capitão como um homem de brinquedos... Não que eu tenha protestado quando apareceu com um punhado deles. Flores pra quê? Eu quero é mais... o professor gostosão, aí, tem mesmo se empenhado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em amaciar o meu traseiro. Não mentiu que seria gostoso, estou adorando as sensações que essas coisinhas têm provocado lá.

— Se quiser, podemos retomar as lições de anatomia, agora mesmo — provoca ao me ver ainda com os olhos fixos nos brinquedinhos.

— Só se incluir o seu brinquedão bélico desta vez — repito o que venho pedindo há dois dias.

O rosto bonito franze em dúvida.

— Não sei se está pronta — nega quase rindo.

Minha ficha cai.

— Filho da mãe! — Coloco as mãos na cintura. — Está adorando me ver implorar pra ter o seu pau enfiado no meu fundilho, não está? Seu sem-vergonha atiçador de rabos virgens!

— Estou — gargalha e com um

PERIGOSAS ACHERON

movimento sutil da cabeça, indica a cômoda. — Quer um reforço prático? Tenho umas coisas novas na gaveta.

Tem, é?

Arrepio-me, mas embora esteja curiosa sobre as novidades, sorrio cínica decidindo torturá-lo para ter o que quero.

— Não. — Enrugo o nariz fingindo não estar com vontade. — Tenho que estar no Museu em menos de duas horas. — Mais fogos explodem. — O primeiro jogo da Inglaterra não é só na segunda?

Pergunto só para mudar de assunto. Sei que ele não está nem um pouco empolgado com os jogos. Prefere MMA^[116], claro.

Seu belo rosto fecha e sei porquê. Dante insistiu em também chegar mais cedo ao Museu para acompanhar as montagens e eu insisti que não

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava de um babá. O lugar está cheio de gente, de câmeras e já basta o reforço triplo na segurança que me enfiou goela abaixo.

— Devem estar comemorando o empate entre Portugal e Espanha. — Levanta da cama em um pulo, derrubando um travesseiro. — Quer almoçar antes de ir?

— Uma coisa leve, seria bom.

A minha língua coça, pronta para reclamar quando sai andando e deixa o travesseiro no chão... só não o faço, porque me distraio... a visão da bunda malhada indo até a cozinha é de estourar os miolos. Pisco indecisa entre continuar admirando o belo corpo movimentar-se ou ir eu mesma catar o bendito travesseiro.

Aaaaff... homens...

Uau!

De costas para mim, Dante abre e começa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a espreitar a geladeira. Uma mão apoia na porta aberta enquanto a outra vasculha as prateleiras em busca do que cozinhar... Os músculos das costas contraem e distendem a cada movimento de tirar e jogar bandejas plásticas sobre o balcão da ilha central. O conjunto: coxas grossas, bunda maciça e costas largas vence a disputa e me faz esquecer todo o resto.

Sento na banquetta para apreciar o espetáculo.

— E o seu smoking? — Sorrio quando vira de frente com um maço de aspargos na mão.

— Max ficou de trazer da lavanderia. — Alcança alguns utensílios nos armários e gavetas colocando-os na ilha ao lado do fogão. — Foi bom que incluiu os caras na lista de convidados. Romeo conseguiu a planta do Museu, mas é sempre bom sondar pessoalmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inspiro para controlar a indignação que começa a subir. Não quero brigar.

O bosque em Castle Combe mudou as coisas para mim... toda aquela verdade crua e intensa trouxe cumplicidade, prometi não deixar que os problemas atrapalhem e estou tentando, juro... Até quando não sei, mas inclusive nossos temperamentos explosivos estão em trégua. Combinamos de nos esforçar para fazer dar certo, eu cedo de um lado e ele do outro... Sinto-me mais segura e há uma intimidade e confiança crescentes. Com Donatela e Claire sem dar as caras, e eu mantendo uma postura mais polida com Lucca, Dante e eu estamos bem... Conseguimos atravessar a semana sem grandes rusgas.

Solto o ar buscando o tom certo.

— Já disse que posso conversar com o curador sobre as Babuskas — começo a argumentar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de forma mansa. — Estou bem que fiquem no acervo, tenho certeza de que nos deixará dar uma olhada nelas. Essa ideia de roubo é loucura.

— Não é roubo, é empréstimo.

Aaaargh... que teimoso!

— Dante! — Arregalo os olhos, perdendo a mansidão.

— O que foi? — Pega a frigideira sob a bancada e coloca sobre o fogão. — O curador nunca vai permitir que saiam do Museu e não podemos abrir sobre as sequências. Já viu o tamanho daquele scanner 3D? Mais fácil sair de lá com as bonecas, do que entrar com aquilo. Depois dou um jeito de devolvê-las sem que ninguém perceba. Uma coisa de cada vez, lembra? A porra do navio nem aportou.

Suspiro indignada, quase torcendo para que aquela joça afunde.

PERIGOSAS ACHERON

— Achou as abotoaduras? — muda de assunto.

Meu coração aquece, mesmo assim, dou-lhe um sorriso atravessado de: *Eu sei o que está fazendo.*

O convencido sabe que estou doidinha para vê-lo em um *black-tie*^[117] e extremamente emocionada que vá com as mesmas abotoaduras que usou, como o meu par na valsa, no meu baile de dezoito anos. Tive que me segurar para não chorar quando disse que não só ainda as tinha, como as usaria hoje à noite.

Own, ele também sabe ser adorável quando quer.

— Não encontrei na gavetinha a qual falou — respondo mansa ao apoiar os cotovelos no balcão. — A Irmã Rubi deve ter posto em outro lugar. Depois do banho, procuro melhor.

Dante assente com um sorriso doce e começa a coçar a nuca enquanto examina as opções de alimentos que retirou da geladeira.

Bato olho em uma das embalagens e minha boca saliva.

— Hummm... salmão grelhado com aspargos pode ser bom — palpito.

— Ok... se é salmão que a Inglesinha quer, salmão ela terá. — Pisca.

Sorrio grandão, estico o corpo, roubo um tomatinho cereja da embalagem e jogo na boca.

— Nem adianta tentar oferecer ajuda, né? — pergunto de boca cheia, só por perguntar.

— Já fez o café. Se voltar bem cheirosa do banho, talvez a deixe ajudar com a salada.

Sorrio e não insisto. Já entendi que a cozinha é um dos muitos territórios sagrados dele. Tem sido um milagre me deixar preparar alguns

cafés da manhã e lanches.

— Ok, meu Capitão. — Roubo outro tomatinho e ganho um tapa na mão. — Ai-ai!

— Banho, já.

— Chato.

— Linda.

Ainda sorrindo, pulo da banqueta, vou até o lado dele na cama. Com uma careta, pego do chão e jogo o travesseiro sobre os lençóis e edredom desalinhados. Ignoro a bagunça. Não somos o melhor casal no quesito arrumação, mas quem liga para isso, não é mesmo?

Santa Irmã Rubi!

— Parem de trepar e desçam já desse lustre, estou entrando!

O vozeirão de Max explode no corredor e por inércia, olho para o teto procurando um lustre que não existe. Reviro os olhos... Quando ele entra

PERIGOSAS NACIONAIS

no loft, vai direto para o irmão.

— E aí, puto.

— Fala, Palhaço — Dante o cumprimenta a caminho da geladeira.

— Porra! Que nojo! — Max vira o rosto ao constatar a nudez do irmão. — Não conhece um troço chamado roupa? Virou índio por acaso? E se fosse a mamãe?

— Estou em casa, porra! — Dante volta para o fogão trazendo manteiga. — O único que chega e invade sem avisar é você.

— Invadi, porra nenhuma, o elevador estava destravado. Disse para eu almoçar aqui, seu bosta.

Dante o escrutina, sem se importar com a indignação.

— Falando em roupa? Cadê as coisas que pedi pra buscar na lavanderia? — interroga o

PERIGOSAS ACHERON

irmão.

— Vixe, esqueci no carro. Daqui a pouco, eu pego. — Max estica o braço, alcança a toalha esquecida na banquetta e joga para Dante. — Cobre isso aí... Não vou conseguir comer, com essa minhoca que chama de pau, balançando por aí.

— Minhoca o teu cu! — Dante esbraveja, mas pega a toalha e amarra na cintura.

Agora é a vez de Max ignorar a cara feia do irmão. Vira e sorri para mim.

— E aí rainha do pântano — ironiza.

— E aí, salvador da pátria — respondo ignorando a provocação.

Max foi incrível ajudando com o seguro do carrinho de golfe, mas não tem deixado barato o meu pequeno incidente no lago. O ordinário rolou na recepção do hotel, quando me viu chegar toda molhada e desgrehada nos braços do Capitão. Há

PERIGOSAS NACIONAIS

dias, vivo um suplício interminável de piadinhas dele e de Romeo sobre a minha capacidade criativa de fazer merda.

— E aí, muita agitação por aqui? Já aprontou o quê hoje?

Os olhos verdes varrem a cama e o meu sangue congela...

Ai, meu Deus!

Num movimento rápido, sento e grudo o traseiro na cômoda para esconder o vibrador e os plugs.

Ai!

— Nada de aprontar, tédio total — bocejo fingidamente.

Os olhos verdes arregalam incrédulos.

— Tédio, já?

Volta-se para o Capitão. Aproveito a saída de foco para levantar rapidinho e jogar os PERIGOSAS ACHERON

brinquedos na gaveta.

Solto o ar aliviada, em seguida, dou risada... o jeito que Max coça o queixo me diz que vai aprontar. Esse aí não tem medo do perigo.

— Irmão, você é a vergonha dos Stoirm. O que deu em você? — provoca. — Bateu a cabeça na Irlanda? Ficou tanto tempo enfurnado naquele mato, que esqueceu as coisas boas da vida? — provoca mais. — Posso te dar umas dicas, conheço uns...

Um rugido vibra no peito de Dante e Max para de falar no momento em que é atingido na testa por um maço de rabanetes... Já sabendo onde isso vai dar, corro para o banheiro deixando os irmãos se acertando para trás.

Homens Stoirm!

Argh...



Sou rápida no banho e decido não gastar muita energia com preparativos de beleza. Fico de cara limpa, faço um ritual básico de higiene, cremes para o rosto e corpo e só. Prendo os cabelos úmidos com uma presilha. Como o meu vestido para o leilão foi entregue no Museu, aos cuidados do Nick, maquiador que cuidará da equipe, visto o uniforme do Staff e calço os *All Stars* vermelhos velhos de guerra. Pronto.

Saio carregando uma bolsa enorme com material de produção.

Merda! As abotoaduras!

Volto para o closet, vasculho todas as gavetas e nada. Com as mãos na cintura e prestes a desistir, olho desolada para todas as prateleiras, até que noto uma caixa de veludo verde desgastado entre as malas. Última tentativa. Pego-a colocando

em cima da cômoda.

Abro e bingo!

Dou de cara com as abotoaduras. Sorrio vitoriosa. Examino-as, guardo no bolso e quando vou fechar a tampa, um rastro preto e verde chama a minha atenção. Uma onda de adrenalina faz meu coração acelerar. Com a mão trêmula, pesco a peça rendada mínima. Reconheço de cara a calcinha fio dental que ganhei de Chloé. Foi lavada, mas tenho certeza de que é ela sim... a mesma que entreguei para o Capitão estancar o sangue do machucado que fiz nele em Oxford.

Minhas pernas bambeiam...

Capturo a caixa e sento no banquinho, desacreditada de que a tenha guardado por todos esses anos. Curiosa sobre o que mais posso encontrar, vasculho todo o conteúdo. Há bilhetes meus, papéis de bala, cartinhas trocadas depois que

PERIGOSAS NACIONAIS

se alistou... Canhotos dos ingressos da banda Ultimate Bet... Rio saudosista. Eu e Chloé infernizamos Dante para nos levar ao show e ele ficou o tempo inteiro de cara emburrada porque surtei no baixista gato e Chloé no vocalista.

Nossa, tanta coisa!

Fotografias nossas, que nem lembro de termos tirado.

Cubro a boca, para abafar a risada.

Vejo um já Capitão, vestido com roupas oficiais, todo sem jeito, ao lado da Rainha e seu tradicional sorriso de Monalisa. Fotos e mais fotos de um mar de rostos que não conheço... Uma parte da vida dele, que nunca dividiu comigo.

Mordo o lábio quando outra imagem dos tempos do Exército chama a minha atenção pelos sorrisos estampados nela.

Parece ter sido tirada em um acampamento

PERIGOSAS ACHERON

no deserto, com barracas camufladas ao fundo. Um trio, vestido para combate, se abraça lado a lado: Dante, uma mulher e um homem. Jovens, felizes e não parecendo viver um pesadelo pessoal. A loira delicada, ao centro, é linda e tem olhos cinzas amendoados. Já o rapaz, alto e loiro, aparenta ter a mesma idade do Capitão e ser tão deslumbrante quanto, só que numa versão nórdica.

Depois de outra boa olhada, atrapalho-me para guardar a foto, que cai virada no chão.

**Aos meus amigos e amores.
Que a vida não nos separe.
Lídia.**

Algo me diz que esses dois eram especiais para o meu Capitão. Encucada, guardo tudo do jeito que encontrei e fecho a tampa. A diabinha que há

em mim, senta no meu ombro e começa a sussurrar mil pensamentos conspiratórios, que incluem surubas e casos triplos.

Não, não, não...

Respiro lentamente e clamo pela mulher sensata e equilibrada que estou tentando ser. Eles eram só amigos. Tento convencer-me. Também tenho várias fotos abraçadas ao Lucca e a Chloé.

Sem-pre-foi-vo-cê.

É... não vou surtar, me recuso. O dia começou perfeito e quero que termine do mesmo jeito. Já errei no meu julgamento com Claire e deu no que deu. Dante foi brutalmente honesto, acreditei nele e se um dia quiser falar do passado, estarei aqui no presente, ávida para ouvi-lo. Inspiro e expiro novamente, levanto, recoloco a caixa onde encontrei e saio.

— Olha! Achei as abotoaduras! — Abro

meu melhor sorriso, assim que meu olhar cruza com o dele na cozinha.

— Onde estavam?

— Na gavetinha, acredita?

* .. ♥ .. *

Ah... que tarde corrida!

Apressada, desço uma das escadas laterais que circundam o prédio cilíndrico de dois andares, que fica bem no centro do piso do térreo do Museu Britânico. A estrutura moderna do átrio de entrada se contrapõe ao prédio ao redor, de quase trezentos anos em estilo romano. O hall do Museu, após a reforma, ficou amplo, arejado e claro. Uma gigantesca redoma de metal e vidro, com milhares de triângulos trançados, faz as vias de cobertura. Os raios de sol do entardecer transpassam por ela e projetam um intrincado desenho geométrico nas

paredes e pisos...

Mágico.

Estamos nos ajustes finais. A equipe de apoio está terminando de organizar as quinze mesas redondas para doze pessoas, dispostas nas laterais e ao redor da área que fará as vezes de pista de dança. Seguindo o meu lema: *menos é mais*, optei por deixar todo espaço central que dá acesso às escadarias, livre. O Museu é lindo por si só, não faz sentido exagerar nos detalhes.

No serviço, toalhas de linho branco até o chão e a melhor louça que se pode encontrar em Londres. Branca detalhada em elegantes bordas em prata combinando com os talheres lustrosos. Copos de cristal enfileirados para um jantar de cinco pratos que será servido após o coquetel e o leilão.

Deus ilumine Lucca!

O meu amigo mexicano está enlouquecido,

lá na cozinha.

Sorrio satisfeita para os vasos altos e cristalinos repleto de camélias, que ornamentam o centro de cada uma das mesas e para os demais arranjos que foram estrategicamente espalhados sobre aparadores.

Ok... tudo simples e elegante. Está simplesmente perfeito.

— *Já podemos testar?*

A voz de Lore ressoa no meu ouvido. Fico de frente para as escadarias e pressiono o botão de controle do comunicador preso ao meu cinto de mil utilidades.

Devido a chegada dos novos acervos, os porões do Museu estão superlotados. Como não há chances de deixar os painéis que serão leiloadas hoje, guardados aqui. Todos já foram embalados e estão prontos para serem entregues em seus novos

endereços, assim que o leilão acabar.

Suspiro.

Não vou poder expô-los, então o jeito foi improvisar. Com as mãos ainda na cintura, olho para cima.

— Manda ver — digo pelo microfone discreto que sai dos fones e contorna a lateral do meu rosto.

Um telão preso à redoma desce lentamente e para bem entre as escadas, encobrendo parte da construção central. É gigantesco. A imagem com uma releitura moderna de Grace Kelly^[118] aparece.

— A qualidade da imagem está ótima — relato a Lore. — Os detalhes bem nítidos. Nessa posição, o painel ficou imponente e todos que estiverem na recepção vão conseguir enxergar direitinho.

— *Nós somos foda, Chefinha!* — Minha

assistente aloprada berra no meu ouvido.

— Somos mesmo, nunca duvidei disso. —
Sorrio afetuosa, mesmo que não me veja.

— *Nick já terminou com as meninas que servirão o coquetel* — Lore informa. — *Pedi pra avisar que está pronto para você. Depois que viu o arraso que é a sua roupa, o homem está empolgado.*

— Ele que não me venha com ideias mirabolantes — rebato ficando ansiosa. — Avisei que nada de coroas ou maquiagens dramáticas. — Rio, mas estou preocupada. — Já estou arrependida do vestido, não quero atrair ainda mais atenção.

Receosa de ter exagerado, penso no modelo longo em seda vermelha cravejada por minúsculos cristais: frente única com gola em estilo chinês, generoso nos seios, justo no abdômen e que se abre para uma saia esvoaçante, abundante e

rodada.



Pare de desculpas! Suas costas nem estão mais roxas! Tem que ser esse! O Capitão Putão vai ter um ataque! Está parecendo uma princesa-diva-pop-ultramoderna-sexy!



Reviro os olhos do exagero descritivo de Chloé... onde estava com a cabeça para deixá-la me convencer a usar o vestido?

— *Chefinha, ainda está aí?*

— Estou.

— *Acho que encerramos. Os convidados chegarão em uma hora, pensei em dar uma força para o Miah, lá na entrada... ele, Mc e Trent estão se estranhando com o chefe da segurança do Museu. O homem está puto que terá que usar um detector de metais.*

Passo a mão no rosto e suspiro... eu também estou puta com isso. Mando Lore na missão de controlar os rapazes e subo a escadaria para ir até a sala que foi improvisada em camarim.



Sentada em uma cadeira, bato na mão insistente de Nick, que sobrevoa a minha cabeça.

— Já disse que nada de coroas! Assim está ótimo.

— Simples demais.

Ignoro-o e termino de calçar as sandálias pratas altíssimas.

— Pelo menos, deixe carregar mais na maquiagem, que tal uns cílios com brilhos nas pontas? Concordo que esses tons delicados ficaram divinos, mas é um baile! Se eu pudesse... talvez só um glitterzinho sobre a sombra esfumada marrom

que fizemos.

— É um leilão, não um show da Broadway. Estou me sentindo bem desse jeito. Não vou descer àquelas escadas parecendo uma *drag*^[119].

Levanto e caminho até o espelho de corpo inteiro. Abro um sorriso inevitável ao ver o conjunto da obra.

Modéstia à parte, nunca me senti tão incrível. Os ajustes no vestido o fizeram perfeito em meu corpo. O coque banana clássico, a maquiagem delicada, o delineador discreto e puxadinho, o gloss rosado nos lábios e o pequeno ponto de luz nas orelhas diminuíram a dramaticidade do vestido, tornando-me feminina e elegante. Sinto-me uma bonequinha de luxo, como a Audrey Hepburn^[120], com mais curvas, mais baixa e menos prostituta, claro.

— E aí? Ainda acho que o glitter...

— Adorei... perfeito — interrompo-o dando um beijo estalado na bochecha maquiada de Nick. — Obrigada, você é um gênio.

Afasta-se e batendo o pincel no queixo, dá uma boa avaliada em mim. A boca vermelha franze para lá e para cá e depois sorri.

— É... sou um gênio mesmo. Está incrível, minha produtora diva predileta.

Mais que atrasada, deixo Nick e caminho apressada pelos corredores estreitos e circulares em direção a escadaria. Com o coração começando a bater descompassado de ansiedade, pego o celular da clutch^[121] prata. Checo com Lore, pela milésima vez, se tudo está correndo bem. A maioria dos convidados já chegou, o coquetel está sendo servido e nenhum incidente até agora.

Desligo e respiro aliviada.

PERIGOSAS NACIONAIS

O celular começa a tocar a trilha sonora de *James Bond*, o aviso sonoro que escolhi para o Capitão. Suspiro tão nervosa quanto no meu baile de dezoito anos.

Calma, Beatrice!

É só mais uma, das mil mensagens que já mandou hoje.

Se soubesse que seria esse bombardeio, não teria insistido tanto em termos um *WhatsApp* só nosso. O homem chegou há mais de quarenta minutos e está impaciente porque ainda não dei as caras na recepção.

Aaaaff!

Treas, pela última vez, cadê você?

Chegando em cinco, Capitão, juro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seguro no vestido e, erguendo a barra para não tropeçar, apresso-me. Abro a portinhola, que dá acesso à escada... A voz suave de Ed Sheeran, cantando *Perfect*, se sobrepõe ao burburinho das conversas animadas lá embaixo.

Meu coração para e num arquejo, quase tropeço.

Tudo a minha volta some, exceto Dante que espera por mim, na base da escadaria. Ele é uma visão dos sonhos. Todo sério, com um dos pés sobre o primeiro degrau e um braço musculoso dobrado atrás das costas... Mariposas partem em revoada no meu estômago quando miro nas abotoaduras e os azuis-índigo ampliam e explodem brilhantes na minha direção.

Deus!

Que surpresa é essa?

Pisco, pisco, pisco... sem poder acreditar.

PERIGOSAS ACHERON

Meneio a cabeça, em dúvida, se não será só a minha mente pregando uma peça... Já fantasiei tanto com esse homem num uniforme que já não sei de mais nada.

Minha única certeza é de que o ar estupefato no belo rosto barbado, deve espelhar o meu próprio. Mordo o lábio para não chorar. Posso sentir a vibração intensa vindo dele... o jeito feroz de me olhar, faz eu me sentir especial... única. Parece nervoso, o maxilar tenso é tão quente, mas tão quente que começo a suar... Fico lisonjeada quando o peito largo estufa e ele engole em seco, fazendo o pomo de adão vibrar.

Toda essa reação é pra mim?

Em resposta à pergunta não dita... Morde os lábios carnudos e tenho que me segurar para não voar pelas escadas e me jogar sobre ele. Apaixonome mais quando, num movimento elegante, tira o

chapéu de oficial, faz uma reverência e abre *O Sorriso*.

Jesus, Maria, José.

Vê-lo bancar o príncipe é indescritível. Não um indescritível qualquer, um novo patamar de indescritível sexy, meticulosamente pensado para me colocar em um estado de combustão espontânea.

Bandido!

Sabia do efeito que sua aparição nesses trajes provocaria em mim.

Reparo nas luvas e um arrepio bom desce da nuca até as minhas feminilidades, que ficam eufóricas e batem continência. Imagino como deve ser bom sentir a pelica branca deslizar sobre a pele. Pressiono as pernas e uma série de pensamentos impuros me invadem.

Enrubesco.

Deus!

Ele soube me enganar direitinho. Nunca existiu um smoking, como me fez imaginar. O filho da mãe não só veio fardado, como está em um elegante e tradicional traje oficial do Exército, absolutamente incrível nele!

Sem me preocupar em esconder o fascínio, examino cada pedacinho do meu oficial.

O uniforme é lindo e tão cheio de detalhes, que cria um ar aristocrático, quase arrogante. Combina com ele. A cor preta e as faixas brancas nas laterais da calça e na cintura da Gandola^[122], só valorizam os músculos que o traje não consegue esconder. Uma fileira de botões prata destaca as dezenas de medalhas presas ao peito largo e orgulhoso. Nas alças de ombreiras, toda a honra e importância de seus atos, em cordões grossos prateados e patentes que comprovam o Capitão e

Cavalheiro Real que é.

Deus, salve a Rainha e suas tradições!

Esse homem nasceu para usar um uniforme.

— Vai descer ou vou ter que te buscar? —
pergunta suave.

— Vou descer — retribuo com um tom doce. — Só estava apreciando a vista.

— Eu notei.

Ri aberto e minhas mãos suam por antecipação, ansiando tocar cada pedaço do corpo condecorado e honrado. Seguro o vestido e começo a descer o mais rápido que os meus saltos permitem. Meneio a cabeça e também sorrio aberto. Até o cabelo e a barba parecem ter sido domados.

* .. ♥ .. *

Dante

Respiro fundo, quase em transe. A paciência não é minha melhor qualidade, estava a ponto de invadir os bastidores atrás dela, mas toda a irritação desintegrou no momento em que despontou no topo da escadaria e fez meu coração dobrar de tamanho.

Passo a mão no cabelo, adorando a reação dela sobre mim. A cada degrau que conquista, o ar escapa mais e mais dos meus pulmões. Sabia que estaria linda, mas nada do que imaginei lhe faz jus, está de tirar o fôlego.

Deslumbrante, um lado mulherão que ainda não tinha visto.

O caralho, se não sou o homem mais sortudo do mundo.

Meu pau engrossa e mordo os lábios numa atitude faminta... A minha Inglesinha devassa está

uma visão e tanto, nesse vestido vermelho. O castanho e o verde brilham como nunca vi antes e apesar do sorriso aberto, há um rubor nas bochechas, que a deixa adoravelmente deliciosa e sexy... A mulher mais bela da noite, sem dúvida.

Os acordes da música mudam...

Aaaah...

A canção que começa a tocar, *I Cross My Hart*, de Nicolas Vernon, não poderia estar mais certa. Beatrice sempre será o meu milagre e isso faz a minha vida completa. Enquanto houver uma respiração em mim... terá a promessa de um amor... que eu sabia ser incondicional, desde o início.

Assim que chega, sou atingido por seu aroma floral e cítrico que sempre me instiga.

Cacete, que linda!

Tão adorável que até dói.

— Amei a surpresa e as abotoaduras —

murmura afetada.

Apesar da postura polida, o tom excitado é indisfarçável.

Num gesto que me deixa confuso, estica o braço como mandam as boas maneiras. Olho indeciso. O certo seria um beijo casto na mão e uma reverência, mas esse não sou eu.

Não mesmo!

Não me arrumei todo para ela e aguentei a gozação dos bostas dos meus irmãos, para morrer na praia da tradição.

Então, como resposta, sorrio sacana e com o braço que seguro o quepe^[123] a puxo para mais perto. Ela ofega surpresa quando esmago o corpinho delicioso contra o meu... Numa atitude possessiva, a beijo na boca profundo e com força, porque sim... Esse mostrando para todos ao redor, que ela é minha, sou eu... escancarado, verdadeiro e

pouco me fodendo para o que é apropriado ou não.

Passo alguns segundos acariciando as costas nuas e explorando os lábios com gosto de baunilha, mas meu peito é teimosamente empurrado, então a liberto a contragosto.

Beatriz suspira desnorteada e com olhos confusos, confere um grupo que nos acompanha, atento.

— Dante! — repreende-me baixinho.

— O quê? — banco o desentendido.

— Estão nos olhando. — Sorri fingindo uma conversa banal.

— E daí?

— Daí que já fomos presos, esqueceu?

— O parque foi fora da curva, exageramos — assumo, mesmo que ainda ache que a culpa foi do soldadinho de merda invejoso. — Não tem nada de errado aqui. Foi apenas o beijo de um homem

apaixonado pela mulher mais linda da festa. —
Acaricio o rosto que cora novamente e tenho que
me controlar muito, para não a puxar e a beijar de
novo. — Melhor que se acostumem. Não vou me
podar toda vez que sentir vontade de beijá-la ou de
fazer um carinho... Está estonteante, Beatrice Wild.

Beatrice suspira, rendida.

— Também não quero ter que me podar.
— Afaga-me o peito, tocando as medalhas. — Fica
um troço de incrível nesse uniforme, Dante Stoirm.

Eu sei.

Volto a sorrir.

É difícil não me deixar envaidecer e
quando morde o canto da boca, posso apostar que
está tentando decidir o que fazer comigo.

— Se está querendo me castigar pelo
beijo, tem uma sala perfeita ali atrás. — Agarro a
oportunidade. — Não sou fã de sado, mas até deixo

PERIGOSAS NACIONAIS

que me arranhe com esses saltos assassinos, enquanto te como por trás.

Os olhos de coruja quase saem das órbitas.

— Meu Deus, o que te deu hoje?

Percebo a respiração dela falhar.

— Deu você nesse vestido. — Molho meus lábios com a língua. — Acho que não vou deixar que o tire nunca mais.

— Sêrio? Que pena. — O rostinho lindo, falsamente entristece. — Tinha imaginado umas coisinhas pra mais tarde, mas já que me prefere vestida, acho que terei que mudar os planos.

Minha sobrancelha arqueia.

— Que tipo de coisinhas?

— Esquece... coisas bobas do tipo... óculos, você de farda, eu nua, esses saltos... Ah... gostei das luvas e desses cordões, mas tudo bem. — Franze a boca em um pesar fingido. — O jeito vai

PERIGOSAS ACHERON

ser abortar a missão.

O quê?

Meu pau endurece no ato.

— O caralho de abortar a missão... até que horas vai isso aqui? — pergunto já ansioso, mas fico no vácuo.

Uma bomba colorida explode do nosso lado quando Lore chega esbaforida interrompendo-nos.

Praguejo, Beatrice tenta se desvencilhar, mas intensifico o aperto do braço na cinturinha.

— Chefinha, que bom que est... — começa, mas engasga ao pregar os olhos no meu peito. — Oh... nossa, caramba, quanta medalha, hein? Valha-me, Deus...

Quando percebo a rota da revista indiscreta descer, pigarreio e os olhos pretos e arregalados sobem para o meu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah... oi... oi, Capitão! Uau! — Abanase. — Gostei do lance galã na escada. Beca irada, legal mesmo, aprovada. — Dá um soco sem jeito no meu peito.

— Bom que aprovou, senhorita Lore. — Sorrio bem-humorado e retribuo com um soco simbólico no ombro magrelo. — Irado é o seu cabelo, legal mesmo — imito seu jeito irreverente.

Gosto dessa baixinha grila falante, combina com Treas.

— Chefa... er-hum... é... longe de mim bancar a empata e tirá-los da bolha do amor. — Agita a mão que segura um celular. — Tá tudo indo às mil maravilhas aqui, na cozinha e lá na entrada. A galera geral satisfeita e de queixo caído, aliás... — faz uma careta engraçada — vi a chegada triunfal, o beijo e tal, maneiro pra caramba, arrasaram. — Pisca para Beatrice e faz sinal de ok

PERIGOSAS ACHERON

para mim. — Daqui a pouco, o leilão vai começar. Alguns investidores já perguntaram por você... seria uma boa que desse uma circulada e uns “*ois*”.



Beatrice

Faço exatamente o que Lore pede. Visto meu melhor sorriso de anfitriã da noite e vou de mesa em mesa. Entro numa via sacra de cumprimentos, sorrisos e tapinhas nas costas. Fico constrangida com alguns elogios exagerados sobre o meu vestido e irritada com comentários assanhados a respeito do cavalheiro bonitão, que não larga da minha cintura por nada.

Com um orgulho indisfarçável, círculo exibindo o meu Capitão, só porque eu posso. Posamos para fotos, concedo uma ou outra

entrevista e ele nega todas as quais lhe são solicitadas, recebo alguns cheques inesperados e generosos para o Estadia, cruzo com Romeo e Max, lindos em seus black-ties e rodeados por beldades, ávidas para serem as escolhidas da noite.

— Caramba! Viu aquelazinha^[124] de verde? — Faço um movimento indiscreto com os olhos. — Ali... a de cabelo de poodle e coroinha? Pensei que fosse rasgar o seu uniforme.

Dante nem se dá o trabalho de olhar.

— Ciúmes?

— Cuidado — rebato. — As mulheres andam muito atiradas hoje em dia.

As laterais dos olhos índigo enrugam achando minha indignação engraçada. Mas não é... irrita e muito ter que bancar a cega enquanto uma lambisgoia alisa o seu homem. Sorte dos dedos dela eu estar sem o cinto mil e uma utilidades e a chave

inglesa.

— Quer uma bebida?

— Água — resmungo ainda fuzilando a mulher.

— Vou pegar duas.

— Ué... e o amigo *whisky*? Estou a trabalho, mas você pode curtir se quiser — comento não querendo que a noite seja um martírio para ele.

— Relaxa... estou bem e envaidecido que esteja me exibindo por aí. — Resvala nossos lábios. — As coisas parecem tranquilas e sob controle, mas não vou arriscar... Quero todos os meus sentidos em alerta... A minha carga essa noite é preciosa demais.

Preciosa, é?

Esqueço a chave inglesa, a oferecida da coroinha e abro um sorriso bobo para o protetor

galante porque ele merece.

Assim que Dante sai atrás das águas, aproveito para encostar na parede e descansar os pés... Protegida pelo vestido longo, levanto um de cada vez, esticando os dedinhos e girando os tornozelos.

Nossa, que alívio!

Sinto uma sensação desagradável deslizar por meu corpo, levanto a cabeça e capto o olhar atento de Yuri no outro extremo do hall. Estremeço... o viúvo taradão não parece estar em um bom dia. O certo seria ir até lá e cumprimentá-lo como manda o manual da parceria corporativa, mas cadê a vontade? Pondero por meio segundo, até usar a dor nos pés como desculpa. Sei que em algum momento da noite, terei que agradecer o empenho da Fundação Hart na causa do Estadia, mas não agora... então, apenas aceno de modo

distante e ganho um meio sorriso quase grosseiro.

Um rosnado baixo e aterrorizante chega junto com as águas e Dante. Cubro o peito com a mão.

Ai, Jesus! Que susto!

Tiro a mão do coração quase enfartado e tomo umas boas respiradas calmantes, antes de pegar o copo que me oferece controlando o tremor nas mãos.

— Quer me matar? — Olho em volta assustada. — O que foi?

Esqueço dos pés doloridos, do coração assustado e concentro-me no Capitão versão Putão.

— Que porra o russo tanto te olha? — rosna por sobre a respiração.

Uh o quê?

Merda.

Dante lança um olhar mortal para o outro

PERIGOSAS NACIONAIS

extremo, sem fazer questão de disfarçar... Espio, a tempo de ver Yuri trocar um copo vazio por outro cheio de vodca quando uma garçonete passa, e deslizar, de cara fechada, para fora do nosso campo de visão.

— Não olhou tanto — digo a verdade, mas não acredita. — Foi só um oi rápido — insisto. — Pelo amor de Deus, não vai arrumar briga. Tudo o que eu não preciso é de escândalo — sussurro.

Dante me fuzila em um claro: *Olha quem fala!*

— É só esse puto não me dar motivo — volta a rosnar.

Coloco o copo intocado no aparador ao lado, puxo o corpo um pouco para trás, para respirar e ver melhor a cara feia do Capitão.

Ok, mudança de tática.

Respiro lento para acalmar os nervos.

PERIGOSAS ACHERON

— Como o conhece? — sondo cautelosa.

— Não conheço... — Enruga o rosto como se fosse a coisa mais repugnante do mundo conhecê-lo. — Só sei quem é.

Inclino a cabeça, em um ar desconfiado.

Ainda não consegui decidir se amo ou odeio quando vira um louco possessivo... Essa cara feia dele assusta até o diabo e longe de mim confessar, que fique bem claro, mas a ideia de ter um cara durão olhando por mim é até sexy. Talvez, Dante só tenha o mesmo radar apurado que eu em relação a concorrência. Não precisei nem me dar ao trabalho de perguntar, para ter certeza sobre Donatela. Tem coisas que a gente só sabe, não adianta.

O que é uma bosta, diga-se de passagem.

— Andou investigando Yuri? — Fico mais curiosa do que brava e muito tentada a perguntar se

andou fazendo o mesmo com Nora.

— Não... só chequei por alto. — Seu rosto escurece. — Não gosto que assediem minha mulher.

Oh-oh...

Também não gosto, amigão.

Receosa, com o ar assustador, que só cresce, não confirmo, mas também não nego o assédio.

O lance do beijo em Paris não deu nenhum direito ao Yuri. O russo deveria ter parado com as investidas no meu primeiro não. Se me tomou como aposta certa, foi de babaca presunçoso que é. Não me interessa que está acostumado a ter o que quer e ser o tipo de cara que as mulheres correspondem... *Merda...* Dane-se que seja realmente bonito e que já tenha me enredado em seu charme perigoso, uma vez. Não lembro de ter

assinado nenhum contrato, tenho o direito de fazer escolhas, aconteceu... beijei mesmo, até curti o momento, mas não rolou e fim de papo.

Não é não, caramba!

Simples, assim.

A música que combinei com Lore começa a tocar, sinalizando que ao fim dela, o mestre de cerimônias vai começar o leilão.

— Não falo com Yuri desde o dia em que Klaus... — Pressiono os lábios brecando o assunto. — Ah... quer saber? Esquece ele. — Indico com o queixo um grupo de jornalistas que nos observa. — Amanhã Londres inteira acordará sabendo que estamos juntos, duvido que se engrace de novo.

A nuvem negra que nubla o humor dele dissipa um pouco. Com o semblante mais leve e sem hesitar, me abraça e envolvo o pescoço largo a espera de um beijo que não vem.

— É bom mesmo que saibam que é minha, mas por outro lado, ter fotos nossas nos jornais... — Pressiona os lábios não parecendo muito satisfeito. — Não sei se é bom chamarmos tanta atenção assim, pode ser perigoso.

Ele franze a testa olhando para mim como se estivesse arrependido.

Ah não!

Meu momento príncipe na escada, nem mesmo ele vai estragar!

Fico confusa, esse homem quer me pôr maluca? Ele deveria entrar para o *Guinness*^[125] de maior mudança de humor por minuto... *Jesus!* Essa ladainha eterna sobre perigo já deu... Estamos indo atrás de bonequinhas inocentes, não de informações ultrassecretas que abalarão o mundo.

Que perigo isso pode ter?

Se não queria chamar atenção, por que fez

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela cena na escada? Pensasse antes. Achou que repórteres estariam aqui pra quê? Só não esfrego a incoerência na cara do impulsivo, porque amei muito, muito, muito... tudo aquilo e não quero estragar o que foi tão mágico. E outra, possessivo dos infernos como é, deveria estar soltando fogos de artifício em ter-me oficialmente como dele aos olhos de Londres.

Respiro profundamente e firme, decidida a resgatar os bons ares entre nós.

— Querido, estamos no país da fofoca, conforme-se. Perigoso seria não sairmos nos tabloides. — Na ponta dos pés, tomo a frente e o beijo demonstrando que não vou me amedrontar. — Relaxa... — sussurro em seus lábios. — Tenho o meu próprio cara durão com um míssil enorme sempre engatilhado e pronto pra me defender. — Pisco divertida.

PERIGOSAS ACHERON

O Sorriso explode, derreto-me, mas depois desanimo.

— Droga... — Não escondo o desapontamento. — O leilão vai começar.

— Já?

— A música da deixa acabou. O mestre de cerimônia já vai começar.



Se tem um povo que ama um leilão são os britânicos... Seja do que for, não importa, estarão lá... animados, disputando um botão que seja.

— Dez mil libras!

— Dez mil e trezentas!

— Dez mil e quinhentas!

Dou risada... o trio, mais à frente, está mesmo empolgado competindo, lance a lance, pelo painel da Grace Kelly, o décimo segundo da noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentada em uma das mesas mais ao fundo, acaricio a mão, agora sem luvas do Capitão. Ele ergue e deposita um beijo na minha. A barba macia roçando-me a pele me instiga, colo mais os nossos corpos, um braço vem por sobre o meu ombro e repouso a cabeça em seu ombro.

Max ri e revira os olhos, ignoro.

Estamos quase no final do evento. Antecipei o jantar numa tentativa de amenizar os efeitos da quantidade absurda de álcool ingerida na noite.

O pileque geral era tanto, que o mestre de cerimônias teve certa dificuldade inicial para controlar os ânimos competitivos exacerbados. Se continuassem a beber do jeito que estavam, sem comer algo substancial, não chegaríamos nem no terceiro painel.

— Dez mil e setecentas!

PERIGOSAS ACHERON

— Onze mil libras!

Olho para Lucca, que está um charme em um dólma^[126] cinza, e acompanha a bagunça ao lado de Lore e Miah. Insisti que sentasse conosco, mas quando viu a equipe dos fodões reunida, os olhos dourados cresceram mais que o sol. O mexicano achou melhor ficar próximo à entrada da cozinha no caso de uma eventualidade.

Não o culpo, o Capitão e seu bando são assustadores, mas... *Droga!* Não gosto que o meu amigo se isole.

Se ao menos Chloé estivesse aqui... fico feliz, que tenha sido chamada, às pressas, para estrelar uma campanha importante em Roma, mas triste, que não tenha visto o sucesso que fez como Marilyn Monroe^[127]. A disputa por ela começou animada... lances e mais lances, e quando estávamos quase em quarenta mil libras, um

anônimo, por telefone, acabou com a festa... deu logo um lance de duzentos mil libras.

Uau!

Nem nos meus melhores sonhos arrecadaríamos tanto em prol do Estadia... Até agora, entre doações e o leilão, mais de seiscentas mil libras.

Sucesso que fala, né?

— Onze mil libras, quem dá mais?

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três... vendido para o cavalheiro da gravata elegante na mesa dez!

Assobios e aplausos entram em erupção.

O mestre de cerimônia bate o martelo no púlpito^[128] pedindo atenção.

— Cavalheiros! Temos que prosseguir — avisa esgotado. — Décimo terceiro painel da

noite... Nascimento de Vênus^[129], persona convidada, senhorita Beatrice Wild.

A imagem aparece no telão causando um alvoroço, mas antes que possa conferir os detalhes, o corpo gigante do meu lado estremece e congela.

Ué?

Sei que é um pouco ousado, mas... *Droga!* Pela reação do Capitão, descarto a possibilidade de um elogio e espero por um rugido, um rosnado, um mísero berro... qualquer coisa que mostre que não enfartou, mas nenhum som vem. Espio com cuidado. A cor sumiu do rosto, a boca, tão pressionada que chega a estar branca e os olhos arregalados, fixos no telão.

Os lances começam altos.

— Trinta mil libras! — berra alguém mais atrás.

— Trinta mil e trezentas! — rebate um

outro à frente.

— Trinta mil e quinhentas! — entra no jogo um senhor grisalho.

Deus!

— Dante — chamo e nada.

Ai, Jesus! Congelei o meu homem!

Tudo bem que esqueci de contar, mas também não é pra tanto. Em vez de gostar, Dante parece em choque, assim como os demais na mesa, exceto Romeo, que gargalha e quase cai da cadeira.

A cada lance dado, meu rosto superaquece e como em Romeu e Julieta, penso em morrer, mas desisto quando a mãozona sobre o meu ombro aperta em um espasmo.

Lascou!

Por instinto, agarro a toalha da mesa em um ímpeto de me enfiar embaixo dela. Só não o faço, porque não consigo. A mãozona aperta mais,

PERIGOSAS NACIONAIS

mais e mais... e se insistir em fugir, capaz de ter que deixar o meu ombro para trás.

O corpão estremece ressurgindo a vida... Sinto alívio, depois me preocupo. Um som tenebroso, como o de um tsunami, vibra do peito largo, que puxa uma respiração dura igual a de um afogado que vem à tona.

— É você? — em um engasgo, mais afirma que pergunta.

Quero dizer que é óbvio que sou eu... o mestre de cerimônias até anunciou, mas a voz não sai. Será que estou tão irreconhecível, assim? Finalmente encaro a imagem clássica.

Ladeada por dois anjos alados e uma fada, lá estou eu em cima de uma concha gigante. Meu corpo supostamente nu, está parcialmente encoberto por uma peruca ruiva quilométrica e esvoaçante que desce ondulando por toda a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lateral direita... É claro que exige umas alterações poéticas sobre a imagem original... nada de peitos ou áreas felizes aparecendo. Cobri os seios com o braço esquerdo e a mão. As feminilidades protegi com a mão direita e a peruca. O rosto, mal dá para me reconhecer debaixo da maquiagem dramática.

— Quarenta mil libras.

— Quarenta e seis.

— Quarenta e sete!

A disputa segue animada, mas ignoro.

Cravo os olhos em Dante que agora, tem os azuis-índigo, fixos em mim.

— É você? — Dante repete ainda meio em transe, mas já puto.

Embora tenha protestado, relutado no início e ficado constrangida na hora da foto, eu fiz, não fiz? Ninguém me forçou. Começo a ficar indignada quando meu amor-próprio bate.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou — confirmo com orgulho. — Não estou entendendo o drama.

Meu corpo, minhas regras... não é assim que funciona?

O peito grande volta a vibrar, a mão sai do meu ombro para fazer companhia a outra que já puxa os cabelos. Sinceramente, não sei o que fazer, então fico quieta.

— Tô chocada — Max resolve se manifestar. — Trice, ficou demais.

Sorrio, grata pelo apoio e volto para o Capitão.

— Está nua, porra! — Dante fala baixo entre os dentes cerrados. — Por que não me contou?

— Desculpa — murmuro modestamente. — Nem passou pela minha cabeça contar... Tá tudo tão maluco que esqueci. Não estou nua, tem um

PERIGOSAS ACHERON

biquíni cor de pele ali.

— Não estou vendo bosta de biquíni nenhum.

Não está?

Sigo seu olhar e analiso a imagem com mais atenção.

Opa! Nem eu.

Mil agulhas perfurantes vão da minha coluna a nuca, em choque arregalo os olhos.

— Tava lá... — defendo-me. — Tinha um na prova final, juro.

— O fotógrafo deve ter limpado a imagem no *Photoshop*^[130] — Romeo esclarece com um sorriso orgulhoso. — Relaxa... tá do cacete e não está mostrando nada de mais.

— Tá do cacete porque não é a sua mulher pelada lá, otário.

— Não estou pelada! — Levanto e Dante
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vem atrás.

— Cem mil libras!

Uh o quê?

Fico estática.

Todos no hall viram para o dono do lance.

Um som furioso explode da garganta do Capitão.

— Eu mato esse filho da puta! — Cerra os pulsos. — Quinhentas mil! — contra-ataca causando uma comoção.

— Dante, por favor, não — imploro soando desesperada, porque estou desesperada, merda.

Seguro até onde os meus dedos conseguem envolver o braço musculoso e puxo, e sou ignorada... *Droga!* A mira mortal do Capitão está focada em Yuri, que o desafia com um sorriso arrogante.

PERIGOSAS ACHERON

— Um milhão! — o russo rebate.

— Dois milhões! — Dante vem atrás.

Meus joelhos falham... chocada, meu corpo inteiro estremece. Sem ar, cravo as mãos nas costas da cadeira para não cair. Todos os outros lances param e o salão silencia para acompanhar a disputa pessoal dos dois.

— Quatro! — O sorriso de Yuri amplia.

— Oito! — Dante dobra.

O russo titubeia, dá um gole na vodca e, quando começo a aliviar pensando que desistiu, segue adiante.

— Dez! — Abre um sorriso vitorioso.

O grupo dos fodões levanta, rodeando o Capitão. Dante dá em passo à frente, mas Max o segura firme pela nuca.

— Calma, irmão... não entra nessa.

Os azuis-índigo fecham. Faço menção de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acudi-lo, mas Romeo me segura pelos ombros.

Protesto em vão.

— Melhor não. O *Fella* sabe o que faz —
sussurra em meu ouvido.

— Controle... Controle... Controle... —
Dante murmura baixinho e abre os olhos.

Há uma fúria mortal impressa neles.
Desespero-me... Debato-me tentando ir até ele, mas
Romeo impede mais uma vez.

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe
três... — O mestre de cerimônia levanta o martelo.

— Vinte milhões! — ruge o Capitão.

O quêêêêê?

Perco o equilíbrio e só não me estatelo no
chão porque Romeo me sustenta... Preocupada que
a disputa recomece, olho para Yuri... A expressão
vitoriosa de segundos atrás foi substituída por raiva
e puro choque. Ele termina a bebida e bate o copo

PERIGOSAS ACHERON

bruscamente sobre uma mesa.

— Deu. — Ergue as mãos indicando que está fora.

Em um alívio sincronizado, eu e Romeo soltamos o ar.

— Vendido para o oficial em traje de gala na mesa oito! — anuncia o mestre claramente excitado com a briga de egos que acabou de ver.

Novos aplausos e assobios explodem quase num frenesi... um duelo apoteótico para os convidados e um desastre para mim.

Busco por Dante. Ainda rodeado por seus companheiros, ele ouve atentamente o que Max cochicha em seu ouvido... a cabeça morena oscila em uma cadência quase hipnótica. Observo fascinada a interação entre irmãos... Max pode ser irritante, às vezes, mas agora sua postura é calma e segura como a de um domador de Dantes, é nítido o

poder calmante que exerce sobre o irmão.

Quando se afastam, Romeo me libera e corro para o Capitão que laça o meu pescoço, esmagando-me contra ele. O peito enorme arfa em uma respiração menos tensa. Ele beija o topo da minha cabeça, surpreendendo-me com o gesto doce.

— Desculpa, eu não podia imaginar... — murmuro com urgência.

— Shhh... — Cobre a minha boca com um dedo. — A culpa não foi sua. Cadê o merda?

Procuro e Yuri não está mais no hall.

— Sei lá... provavelmente fugindo com medo de você.

— É bom mesmo que tenha medo de mim, covarde do caralho.

Olho fixamente para ele.

— Por um minuto, pensei que fosse partir

para o ataque.

— Foi por pouco. Se não fosse o Max...

— Senhor...

O gerente financeiro contratado para o leilão interrompe o nosso momento. A contragosto, diminuimos o aperto. O braço no meu pescoço escorrega para o ombro.

— Ótima disputa, parabéns pelo lance — cumprimenta Dante com admiração. — Preciso que me acompanhe até o gabinete para oficializarmos a compra e o despacho da obra.

— Dante, é muito dinheiro... — Espalmo o peito, agora mais calmo. — Não faça isso.

— Já fiz. Conseguiu algo inédito, Inglesinha maluca. Surpreendeu-me duas vezes na mesma noite. — Com o dedo, acaricia minha bochecha.

— Vou com você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Fique com Romeo, até eu voltar.
Depois vou te levar pra casa.

Contrariada com o tom imperativo, mordo o canto da boca. Engulo meus protestos internos e respiro fundo. Já chega de cena por hoje. Há momentos em que uma mulher inteligente deve ceder e esse definitivamente é um deles.

— Ok — concordo, mesmo não gostando nada, nada, de fazê-lo.

Acompanho as costas largas se afastarem em direção ao corredor do administrativo. Uma nova rodada de lances está a todo vapor no salão, mas ignoro o alvoroço... já deu para mim. Olho ao redor em busca da minha assistente, mas não a encontro. Pego a clutch recheada de cheques, de cima da mesa retiro o celular e digito uma mensagem rápida para ela:

PERIGOSAS ACHERON

Onde está?

Na salinha da produção, uma das garçonetes passou mal. Não vi o seu leilão. Foi bombástico? Mais do que Chloé?

Muito mais, não vai acreditar... Só vou passar no banheiro e estou indo pra aí.

Aproveito que Romeo está distraído em uma conversa com Max e os rapazes para sair de fininho.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Com um contorcionismo constrangedor dos quadris e braços, consigo dar um impulso sincronizado de mãos nas laterais da parede e um pé na privada... Saio da cabine.

Blopt!

Jurando ter ouvido um som de rolha saindo... vou embalada na inércia, até pia.

— Viu isso? — Coloco minha bolsinha no tampo preto. — Caramba! Pareci uma Oompa-Loompas^[131] entalada agora. — Aliso o vestido amarrotado. — Definitivamente essas cabines não foram projetadas para uma saia do tamanho da minha. — Olhando sobre os ombros, fuzilo a cabine tamanho PPP. — Tive que virar malabarista pra fazer um xixi. — Cutuco o porta-sabonete energicamente, abro a torneira e começo a lavar as

PERIGOSAS ACHERON

mãos. — Que absurdo! Ou esse arquiteto era muito ruim de cálculo ou tentou aproveitar tanto o espaço que ficou inviável.

Pelo espelho, sorrio sem graça para a loira desconhecida de pé ao meu lado. Quase peço desculpas pela minha tagarelice nervosa, mas deixo para lá... Não quero ter que explicar os motivos que me deixaram descompensada.

— Meu voto é pelo mal aproveitamento de espaço. — A mulher sorri adorável, ganhando-me no ato. — Aliás, amei o vestido.

— Obrigada — retribuo tão adorável quanto.

Gostei dela... essa loirinha baixinha parece uma pintura de tão delicada que está num vestido de veludo azul de um ombro só.

Ela sorri e termina de lavar as mãos... Como entramos naquele momento constrangedor

onde a conversa morre e não se tem intimidade nem para comentar sobre o tempo. Só sorrio e reparo que nunca vi um tom íris azul igual aos céus azuis dos desenhos animados.

— Olhos fantásticos os seus. Nunca vi um azul, tão azul, parece lente — deixo escapar enquanto enxugo as mãos.

— Obrigada, mas são verdadeiros — gargalha suave e o nariz arrebitado e minúsculo enruga.

— Fui demais, né, desculpa. — Ofereço a mão. — A propósito, Beatrice Wild.

— Eu sei quem você é — surpreende-me.

Sabe?

Termino o cumprimento encafifada. Eu nunca a vi. Depois me toco e sorrio com alívio.

— Claro, o painel da Vênus. — Apoio o quadril na pia ficando de lado para ela. — Desculpe

pelo show lá fora.

— Show nada, achei o máximo. — Tira uma escovinha da bolsa e penteia os cabelos loiros muito claros e quase tão longos quanto os meus. — Ficou uma coisa de Vênus, melhor que a original e o jeito como o seu namorado bateu no peito e lutou por você... — suspira — quem me dera ter essa sorte um dia. — Guarda a escovinha e vira para mim. — Não é por causa da guerra de testosterona que sei quem é você, sou a Elena.

Minha cara esboça um: *Hã?* enquanto seus olhos perdem o brilho.

— Irmã da Olívia, da Fundação.

Cubro a boca em um assombro. Completamente sem graça e comovida pela dor em seus olhos, perco o jogo de cintura. Pior que nem posso falar que é parecida com a irmã, porque também nunca a vi. Olivia era conhecida por fugir

das câmeras.

— Elena Hart, claro — afirmo com certo constrangimento. — Não te reconheci, desculpe... é que nós nunca...

— Nos vimos, eu sei... — completa por mim. — Sou uma garota de bastidores, sabe como é... a nerd da computação — Agita os dedos delicados e longos, como se estivesse teclando. — Não costumo circular muito pelos corredores da Fundação.

Olho ressabiada... não circula, mas não é surda, nem cega e também é dona de parte da Fundação. Não me parece ter cara de alienada... duvido que se mantenha à margem do que acontece ou é dito na própria empresa. Nerds como Romeo, são mega-antenados e sabem de tudo, não sabem?

— Meus pêsames por sua irmã, imagino como se sinta — sou sincera, mas não comento a

PERIGOSAS NACIONAIS

tragédia. — Sei o que dizem sobre mim pelos corredores — deixo escapar.

Assente aceitando o meu pesar.

— Tudo bem, descrição nunca foi o forte dele.

Meleca, ela sabe.

Oh merda.

Não quero que pense mal de mim ou que eu seja uma destruidora de lares. Abro a boca, mas hesito. Pergunto-me, se não sou a mulher mais estúpida do mundo pelo que estou prestes a fazer... Lambo os lábios e não me aguento:

— Er-hum... sobre Yuri e eu... quero que saiba que nós nunca, não antes... — começo a me enrolar. — Foi bem depois e só uma vez, não o conhecia a fundo, nem ao menos sabia que tinha sido casado — disparo sem respirar e emendo. — Arrependi-me do que houve muito antes de saber

PERIGOSAS ACHERON

de Olívia, sinto muito mesmo.

Os ombros delicados caem quando cito novamente a irmã morta.

Meu coração aperta... Yuri só abriu sobre ter sido casado e a morte da esposa, em um telefonema, muito tempo depois do episódio em Paris. Acreditei quando disse que o assunto era ainda muito doloroso e para seguir em frente, tinha que tentar superar as tragédias.

Na época, apesar de já ter dito mil vezes que não rolaria um segundo beijo, fiquei tão tocada com a tristeza em suas palavras, que ofereci minha amizade e disso nasceu a parceria com a Fundação Hart.

— Por favor, não fique assim... já superei.
— Pressiona os lábios indicando que não. — Sei como Yuri pode ser persuasivo. Meu ex-cunhado bancando o solteiro perfeito ou o viúvo infeliz...

PERIGOSAS NACIONAIS

não é novidade pra mim. — *Opa! Viúvo infeliz não... taradão feliz, isso sim.* Engulo guardando o comentário. — Não foi a primeira, nem será a última a cair nos truques dele. — Morde os lábios parecendo hesitar, mas continua. — Deus, que vergonha... tinha uma outra imagem sua, achava que era... — Balança a cabeça. — Esses olhos... Não parece ser do tipo que prejudicaria alguém — diz e balanço efusivamente a cabeça, confirmando que não sou. — Sei que têm negócios juntos, mas só cuidado, viu o que o babaca fez hoje... Yuri tem muitas máscaras e nenhuma delas chega perto do que vemos. Se eu fosse...

— Julgamentos de caráter nunca foram o seu forte, cunhada. Onde quer chegar com essa merda, Elena?

Contorço-me em um arrepio ruim... não preciso nem olhar para a porta para saber quem é...

PERIGOSAS ACHERON

esse sotaque russo, mesmo distorcido pela embriaguez, é inconfundível.

Quanto esse homem bebeu?

Meu olhar apreensivo busca o de Elena... Os azuis-celestes estão ferozmente fixos em Yuri. Com a pele alva do rosto e do pescoço pegando fogo, seu corpo baixo e esguio gruda-se ao meu.

— A lugar nenhum, cunhado... — Há desprezo no tom dela. — Só estou pedindo desculpas pelo papelão que aprontou. — O queixo feminino e bem desenhado sobe desafiador.

Fico desconcertada com a postura firme da loirinha e desconfortável com a troca de faíscas entre eles... Tremendo um pouco, busco apoio e grudo o traseiro na pia, para poder ter uma visão mais defensiva.

— Chega de palhaçada, Elena, saia.

O quê?

— Não... saia você — retruca sem medo.

É... saia você, seu russo grosseirão!

Onde estava com a cabeça quando o achei um cavalheiro?

— Elena — pronuncia pausado e frio como um aviso.

— Não me venha com Elena — imita debochadamente seu sotaque. — Envergonhou a Fundação.

É, envergonhou!

Franzo os lábios e o nariz em repúdio e, como ela parece não precisar de ajuda... apenas cruza os braços e assinto para dar um apoio.

O rosto suado de Yuri fica ininteligível quando passa as mãos nos cabelos desalinhados e bufa.

— Foi um papelão... eu sei... — Morde o canto do lábio bem formado. — A noite não foi

como esperava, exagerei na vodca e passei dos limites... — usa um tom vitimista. Meus radares apitam... conheço essa tática. — Se puder nos dar licença, Elena, quero ter uma palavra com Beatrice.

O quê? Não!

Quase tenho um troço ao ouvir meu nome na voz russa arrastada. Não quero ter nem meia-palavra dele, quem dirá uma inteira.

Ignoro o coração palpitante, tomo a frente e empino o queixo como Elena fez. Nunca tive medo dele, não será agora.

— Yuri... — chamo e os azuis gelados cravam em mim.

Desgostosa, solto uma respiração lenta e decidida a ser honesta começo:

— Não vou mentir que vai ser bem complicado de digerir o que fez. Vou ser sempre grata pela ajuda com o Estadia, mas a cada dia

PERIGOSAS NACIONAIS

gosto menos desse Yuri que vejo. Você mudou e não dá mais para relevar. — Ele faz menção de me interromper, ergo a mão indicando que a palavra ainda é minha. — Vou te ouvir, prometo, mas não agora — minto. — Bebeu demais e aqui não é lugar. — Agito as mãos ao redor. — Dante não está nada feliz e vindo pra cá — blefo a segunda parte. — Chega de criar problema. Por favor, respeite a minha vontade, seja o cavalheiro que não tem sido há meses e saia. Nos falamos depois. Eu ligo, juro — prometo sem nenhuma intenção de cumprir.

Com um ar desconfiado, Yuri passa a mão no queixo, parecendo ponderar. Olha... olha... olha... e mantenho-me firme. O terno sempre impecável está desabotoado e a gravata, torta.

Aposto que sua reação não será das melhores quando abrir os jornais amanhã e se ver deste jeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok, como quiser... — fala depois do que parece um século e finjo não notar o grunhido frustrado que dá. — Depois então — cede e não parece feliz.

Meus ombros relaxam.

— Fico aqui com você até Dante chegar — Elena oferece.

— Não fica não... — Yuri se aproxima num passo incerto e me afasto, grudando em Elena. — Você vem comigo. Nikolai nos levará pra casa.

A porta abre e uma torre humana de músculos entra. Encaro o careca mal-humorado que só podia estar escutando atrás da porta. Ninguém no mundo tem um *timing* tão perfeito. Faço cara feia para ele por uns dois segundos e desisto. Ignorada pela torre, não por Yuri porque esse não tira os olhos de mim, abraço Elena... sei lá porquê.

Para minha surpresa, ela retribui com um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aperto destroçador de costelas que esvazia os meus pulmões.

Nossa, a mulher é delicada, mas é forte pra caramba!

Quase agonizo e perco o ar, mas aguento firme.

— Fique, vou chamar Dante — imploro em um sopro.

Ela aperta mais e eu ofego.

Certeza que malha.

— Tá tudo bem, melhor eu ir com eles — sussurra e estranho a perda da empáfia e o novo tom submisso. — Droga, sinto muito... se soubesse que você era assim... eu teria...

— Elena, agora!

Sem esperar por uma ordem, Nikolai enlaça o braço dela delicadamente, atitude que me surpreende, e a conduz para a saída... Sem se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

despedir, Yuri segue atrás e a porta fecha.

Inspiro e expiro... uma, duas... várias vezes. Massageio o peito na altura do coração, que bate apressado. Voltando a apoiar os quadris no balcão da pia, tomo o meu tempo para acalmar-me. Minha mente está confusa.

A atitude agressiva de Elena e aquele alerta de “*cuidado*” me deixaram cabreira... Vê-la pessoalmente pôs em xeque os boatos de que tenha perdido a mente depois da morte da irmã. Aquele olhar azul-celeste era tudo, menos louco... por outro lado, as fofocas sobre Yuri já não me parecem mais tão absurdas. Achei intriga da oposição na época, mas hoje... sabendo do caso com Nora e vendo o jeito rude dele, não acho tão impossível que tenha sido um marido ruim.

Vinte milhões, meu Deus!

Ah... Dante... Dante... Dante... Que maluco

PERIGOSAS ACHERON

você é!

Tomo outra sequência de respirações profundas... Minha Trice apaixonada suspira e bate palminhas. Que mulher não amaria ter um homem daquele lutando por ela?

Pois é... foi o máximo, claro, mas, além do fascinada, sinto um incômodo.

Aqueles lances foram impulsivos, imprudentes e fazem o meu peito apertar. *Que loucura!* O Dante que conheço desde sempre é simples e pouco apegado ao dinheiro, nunca um esbanjador. A ideia de ser bancada por um homem é humilhante.

Já basta o Charles e as Babuskas... Não quero que desperdice mais um tostão comigo.

Droga!

Não importa o tal prêmio da *EuroMillions* ou que as Forças Armadas paguem horrores aos

PERIGOSAS NACIONAIS

seus oficiais, ou até mesmo que a Rainha possa ter esvaziado os cofres reais para recompensá-lo por suas bravuras... Mesmo que esteja rico, de formas que eu nem imagine, não há Cristo na Terra que vá me fazer descontar aquele cheque.

Não é certo.

Pego a bolsinha, o celular e envio uma mensagem para o Capitão, que ainda deve estar às voltas com a burocracia da compra do painel.

**Indo liberar a equipe na sala da produção. Corredor 3,
ao lado do achados e perdidos. Te espero lá. Beijo,
Trice.**

Saio do banheiro para um o corredor vazio. O som dos saltos batendo apressados no piso frio sobrepõe-se ao burburinho de vozes e da música que ecoam do hall. O leilão acabou. Daqui a pouco, a equipe de desmontagem entra e estaremos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

liberados. Entretanto, como anfitriã do Estadia, o certo seria ficar até o último convidado sair.

Indecisa entre ir ou ficar... viro à esquerda e depois à direita no corredor sinuoso.

Que se lasque! Quero casa!

Bêbados do jeito que os convidados estão, duvido que notem a minha ausência... Com a desculpa de uma forte enxaqueca, mando um texto para Lucca implorando que faça as vezes de anfitrião por mim.

Sorrindo para o ok, a jato, do mexicano que odeia aparecer, desço um lance de três degraus e viro à direita...

Sou puxada pelo braço e bato as costas contra a parede fria...

O quê?

Cravo nos olhos azuis gelados e uma onda de adrenalina faz todo o meu corpo pulsar em

PERIGOSAS ACHERON

revolta. Como uma pessoa pode ir de bela a abominável em uma noite?

Desgraçado!

Sou tomada pela urgência e, apesar do golpe de ter sido atacada, mantenho a frieza.

— Onde está Elena? — exijo saber.

— No carro com o motorista. Só quero conversar, não vou te machucar — o sotaque arrastado ecoa no corredor.

A bÍlis sobe queimando por minha garganta quando o hálito apodrecido pelo charuto e álcool me estapeia.

— Se não quer me machucar, então me solta. — Tranco as narinas e forço os braços para escapar do aperto. — Não melhora nada a sua situação me imprensar na parede.

— Não consegue ver? Eu merecia ser recompensado! Quis a Vênus, e daí? Depois de

tanto ajudá-la, era meu direito tê-la.

Bufa e viro o rosto para escapar do bafo.

— Seu direito uma ova! Chega, Yuri! —
Controlo a vontade de vomitar.

— Eu decido quando acaba. — Varre meu corpo de forma leviana. — É disso que gosta? De um soldadinho de merda? Como pode voltar pra ele, onde está a sua autoestima?

Uh o quê?

— Vá se foder! — Tento uma joelhada no saco, mas o vestido impede. — O que faço ou deixo de fazer, não é da sua conta! — berro.

Ele gargalha.

— Aí que se engana... tudo em você me diz respeito. É minha desde a primeira vez que a vi, mas foi sempre tão arisca comigo.

Hã?

— Você está louco!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fica mansa com ele por quê? O dinheiro te fez dócil ou foi birra porque fodi a Bronx? Se também quer joias é só pedir. Vamos lá... faça o seu preço... Ficaria linda vestindo nada além de uma coleira diamantes.

Filho da puta!

Fico ensandecida... ignoro os braços imobilizados e tento atacá-lo com chutes.

— Me solta! Não estou à venda, doente dos infernos! — Ranjo os dentes. — Não estou nem aí com quem você trepa!

Cuspo no rosto que já achei bonito um dia... Os azuis gelo escurecem. Congelo e preparo-me. Quando larga um dos meus braços, para limpar a baba na bochecha com a manga do terno, espero por um tapa, mas em seu lugar aparece um sorriso cheio de segundas intenções.

Recomeço a lutar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso, lute... Quanto mais dificulta mais eu quero, minha dama...

— Minha dama é o caralho! Russo filho da puta!

A mão de Yuri congela a caminho do meu rosto... O grito que explode à nossa direita é como um prenúncio de paz e guerra... Giro o pescoço bem a tempo de assistir Dante despontar da escada em um salto, vir até nós em um passo e num impulso esmurrar o rosto de Yuri. Atordoada, deslizo para fora, assim que meu captor cai no chão. Nem dois segundos depois, sou enlaçada e protegida contra as costas largas e fardadas do Capitão que arquejam como as de um tigre furioso.

Vários xingamentos, que presumo serem em russo, explodem. Ainda tonto, meu agora ex-parceiro, levanta pateticamente e precisa se escorar na parede para não despencar de novo.

PERIGOSAS ACHERON

Quero rir e chorar... Sei que é feio tripudiar sobre a desgraça alheia, mas um soco foi pouco. É impossível ter compaixão quando minha consciência grita que sozinha não teria tido a menor chance.

Caramba, foi por pouco!

Se não fosse por Dante ter aparecido, bem capaz desse monstro querer abus...

Deus!

O chão sob os meus pés fica instável e, antes que despenque, agarro o tecido do uniforme pela cintura. Pressiono a testa contra músculos maciços das costas, sentindo o ar ficar rarefeito.

— Tá tudo bem? Ele te tocou?

— Além dos braços, não — murmuro.

Ouçõ novos passos... espio.

Aaaaff... Agora a coisa fica preta.

O time Stoirm não só dá as caras, como
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bloqueia a escada. Com um sorriso displicente, Yuri finalmente estabiliza a postura e limpa o sangue no canto da boca, nem um pouco preocupado com o exército hostil que chegou.

— É só isso, Stoirm? Quatro macacos e um soco? — menospreza ignorando o perigo.

Deus! Bêbado é um bicho burro mesmo.

Dante se mantém perigosamente calado.

Encorajado pelo silêncio, Yuri se aproxima, ficando próximo, muito próximo, quase nariz com nariz.

Com delicadeza, Dante me afasta para trás.

Oh, merda!

— Já sei... a temporada na África te deixou covarde — provoca ainda mais. — Quem diria! O grande Dante Stoirm apanhou tanto que desaprendeu a lutar. — Gargalha. — O herói preferido da Rainha, com medinho de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Apanhou...

A ideia do Capitão se dando mal é inconcebível. Meu pensamento voa para as cicatrizes espalhadas pelo corpão que venero, mas logo volta para terra quando um maremoto chacoalha o corpo gigante.

— Não é medo... — o sarcasmo implícito, faz meus alarmes tocarem.

Dito e feito, com um som que só posso descrever como um rugido, a cabeça morena desce em um movimento inesperado, rápido e preciso, chocando-se contra a testa de Yuri.

Meu Deus do Céu!

— É desprezo, babaca — responde mordaz para um russo duro no chão.

Salto para trás.

O-que-foi-que-ele-fez?

A chinelada na cara não foi nada perto

PERIGOSAS NACIONAIS

dessa testada selvagem do Capitão. À beira de eu ter um treco, Yuri geme. Meus olhos fecham em um gesto de alívio. Outro cadáver, eu não aguentaria.

— Golpe perfeito, Capitão. — Mc abaixa e confere a pulsação. — Vai sobreviver.

— Mandou bem, *Fella*... russo burro. Foi mexer com o cara errado, taí... se fodeu — Romeo ironiza. — Deveríamos deixá-lo aí pra largar de ser trouxa.

O quê?

Trent gargalha e não acho graça nenhuma.

Fuzilo Trent, que engole o riso.

Estão agindo como vikings vangloriando-se por uma briga mundana. É o meu trabalho e de muitos outros, poxa vida! Meses e meses correndo atrás para dar um pouco de dignidade a quem não tem nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez não tenham entendido a importância desta noite — imposto a voz, olhando de um em um. — Não se trata de mim ou de vocês, mas de pessoas carentes. A surra foi merecida e vou denunciá-lo, mas não posso abandoná-lo aqui. Aos olhos de todos, ele ainda é parceiro do Estadia e a porcaria de um homem honrado. — Solto um riso irônico para o absurdo que isso me soa. — Esqueceram que o Museu está cheio de jornalistas? Tão malucos? Se o virem neste estado, vai ser um escândalo e o fim do projeto — esclareço o óbvio.

Dante pragueja.

— Beatrice tem razão, ainda mais depois da disputa lá no hall — apoia-me.

Ufa... alguém sensato. Graças a Deus!

Max olha com desprezo para o russo agonizante.

— O que faremos com ele?

PERIGOSAS ACHERON

— A cunhada está com o motorista no estacionamento — dou uma alternativa e de quebra, garanto de me certificar sobre o bem-estar de Elena.

Indeciso, Dante massageia atrás da nuca.

— Não me agrada ser o homem que vá estender a mão a esse bosta... mas ok, melhor sairmos pelos fundos. — Finalmente dá o comando. — Entreguem o russo para o motorista. — A mãozona pouza possessiva nas minhas costas. — Vou levar minha mulher pra casa.

— Precisa de mim para dar um jeito nisso?
— Mc indaga.

Dante nega com um gesto calado.

— Dar um jeito em quê? — balbucio curiosa.

Os olhos azuis-índigo se conectam aos meus, iluminados em alguma emoção turbulenta

PERIGOSAS NACIONAIS

desconhecida... Não sei o que é, mas acho que não é boa. Reparo no filete de sangue que escorre da sobrancelha para a bochecha.

Pisco, pisco, pisco, em seguida, desespero-me.

— Não acredito que abriu no mesmo lugar! — Vasculho desesperadamente a bolsinha em busca de um lenço.



Vou até a pia da cozinha e despejo a água avermelhada... abro o lixo e me livro dos algodões usados e restos de fita adesiva para sutura. Jogo uma boa dose de detergente na pia e bacia.

Ainda com o coração apertado, viro para encontrar Dante na mesma posição que o deixei. Sentado aos pés da cama, cotovelos apoiados nos joelhos, vestido em seu traje de gala e imerso em

PERIGOSAS ACHERON

um silêncio sepulcral, que começou assim que saímos do Museu.

A princípio, pensei que fosse estresse pós-briga. Uma alta na adrenalina que sugou suas forças... respeitei, mesmo com tantas perguntas...

Que diabos aconteceu na África?

Como Yuri sabe daquilo tudo e eu não?

Meleca, que agonia!

Agora, essa boca lacrada já está me dando nos nervos. Nunca na vida me arrependi tanto de ser excelente no que faço. Conforme o prometido, todas as obras foram entregues aos novos donos.

No caso dele, na igreja aos cuidados da Irmã Hortência.

O homem não despregou os olhos da Vênus, desde que a porta do elevador abriu e demos de cara com painel gigante. Junto com ele, um bilhete da Irmã, não muito satisfeita com a

entrega interrompendo as orações da noite.

Apesar do silêncio enervante, apego-me ao fato aliviante de não ter recusado a minha ajuda com o machucado. Aproximo-me e afasto os cotovelos que estão onde eu quero estar. Numa atitude extrema de: *Olhe para mim!*, monto nas coxas grossas ficando de frente para o rosto sisudo.

Sua indiferença é dilacerante... simplesmente, não sei lidar com essa muralha emocional erguida... Ansiando uma reação... qualquer coisa... bato na saia do vestido numa tentativa frustrada de fazê-lo rir e diminuir o clima ruim.

— Ei. — Acaricio o rosto limpo por mim.

Nada.

Não sei qual é a intenção dessa guerra de nervos, mas se quer me punir por hoje à noite, está conseguindo. Com um leve estreitar das

PERIGOSAS NACIONAIS

sobrancelhas escrutino o belo rosto barbado... Ele parece tão longe, perdido num mundo de pensamentos sombrios, no qual não estou convidada a entrar. Suspiro profundamente e mais uma vez, nada.

Merda de homem difícil.

Se eu não tivesse me sentindo culpada, largaria mão.

— Corta o meu coração te ver machucado, ainda mais nesse lugar... de novo. — Com suavidade, toco os dois pontos falsos que apliquei na sobrancelha. — Ficaram bons.

Nada.

— Engraçado... — Languidamente abro os primeiros botões da gandola e beijo o pescoço rijo. — E aquele papo sobre não deixarmos os problemas atrapalharem?

Nada.

PERIGOSAS ACHERON

Perco a paciência.

— Vou pegar aquela facona de carne, em cima da pia, e fazer picadinho desse painel! Droga! Fale comigo! Não acredito que prefere esquecer as coisas mágicas da noite e encasquetar nas merdas!

Nada... ele prefere.

Dando a batalha como perdida, levanto bruscamente, mas volto a sentar no mesmo ritmo... mãos poderosas grudam nos meus quadris e me puxam de volta. Finalmente, os azuis-índigo cravam em mim.

Oh... Aleluia, até que enfim, Capitão Putão!

— Terá sérios problemas se tocar naquilo... é meu.

— Sobre isso... preciso discordar... Vinte milhões... sabe que não é certo...

— Já está feito — interrompe apressado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pagaria mais se precisasse.

Claro que pagaria.

Passa-me pela cabeça, por um milésimo de segundo, que fique claro, a vontade de perguntar o nível de riqueza com o qual estou lidando, mas desencano... não importa... Sendo dona e proprietária do cheque, que não pretendo descontar, nem vale a pena esquentar. É tão absurdo que insista nessa loucura, que apenas balanço a cabeça e reviro os olhos.

— Nem pense em rasgar a merda do cheque, não vou devolver a porra do painel.

Pelo jeito furioso com o qual estuda minha reação, sinto-me uma arqui-inimiga. A profanadora de um templo sagrado, que não passa, ironicamente, de uma cópia do original que sou eu! Clamando por paciência, envolvo o pescoço do homem teimoso, acariciando-lhe a nuca.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem cogitei pedir de volta... é seu. —
Resvalo nossos lábios numa tática calmante. — Só
me diga, por quê?

— Precisa ter um por quê? É minha
mulher, porra, está deslumbrante no painel e eu o
quero. — A resposta óbvia me faz apertar-lhe o
pescoço. Em contrapartida, os lábios cheios e bem
feitos tensionam. Aperto mais... exigindo mais...
Ele grunhe irritado, mas dá o que eu quero. — Nem
fodendo deixaria aquele russo filho da puta e
pervertido se masturbar enquanto te olha.

Oh...

— Dante, sobre Yuri, ele está viajando...
— apresso-me. — Nunca fomos além de um...

— Beijo... eu sei — grunhe.

Pois é.

— Odiei o que aconteceu no Museu... —
continuo meu discurso integrando a intromissão. —

É claro que sabia do interesse dele, mas nunca dei esperanças... Aquele ataque de homem das cavernas, foi surpresa. — *Opa, rebobino! Pois é... Beijo... eu sei.* — Sabe? Desde quando?

— Do primeiro encontro com Lore, no mesmo dia que me expulsou do seu quarto.

Uma onda de surpresa indignada faz meu rosto corar... e não é de vergonha.

— Não acredito que interrogou a minha assistente sem o meu consentimento!

— Não interroguei, foi Max.

Meus olhos crescem.

— Aquele futriqueiro de uma figa! — Respiro querendo matar um, depois ironizo: — Uma crise tardia de raiva fica um pouco sem sentido, não acha? Por que não disse antes?

— Pra quê? Além de linda, é uma mulher fascinante, Treas. Não vou tirar satisfações por

PERIGOSAS NACIONAIS

cada filho da puta que se encante e por mais que odeie, e queira partir ao meio qualquer ótario que cresça os olhos em você, sei a diferença entre admirar e assediar... Não sou moleque.

— Bateu em Yuri — disparo.

Seu rosto fecha.

— Porque aquilo foi assédio, porra! O cara é um pau no cu e já tiveram uma história. A raiva do beijo descontei no tatame, a dele, estava guardando para o momento certo. — Sorri amargo. — O maldito não aceita que perdeu, quer o que é meu, desafiou-me, desrespeitou o seu trabalho, fez de tudo pra me tirar do sério e conseguiu quando te tocou... foi um prazer do cacete esmurrar aquela cara cínica... libertador, na verdade.

— Libertador? Pensei que tivesse destruído o seu humor.

— Não, estou puto por outro motivo —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esclarece e franzo o nariz completamente no escuro. — Você... mais uma vez, desobedeceu às regras e se colocou em perigo. Sabe o quanto é frustrante? Vivo na corda bamba com você.

Minhas feições se indignam. Será que não percebe que tudo tem um limite?

— Queria que eu fizesse o quê? — Cutuco o peito condecorado. — Chamasse Romeo para ir ao banheiro e segurasse na mão dele enquanto fazia xixi? Eu te mandei um recado, não mandei? — Esfrego o rosto quase perdendo a paciência de novo. — Meu amor, entenda uma coisa. — Roço os dedos na barba espessa. — Sei que só quer cuidar de mim... acho lindo, mas há um limite!

Um rastro de choque propaga em seu rosto.

Solto um gritinho de surpresa e excitação quando, num golpe de MMA, agarra-me e gira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos corpos, encurralando-me de costas no colchão... O tecido abundante da saia espalha-se e nos envolve como uma grande rosa escarlate e brilhante.

— Repete — exige montado sobre mim com os punhos cerrados e fñcados no colchão, um de cada lado da minha cabeça.

— O quê? — ofego... pelo inesperado da coisa

— Repete. — A voz grave reverbera através de mim.

Completamente atônita, começo a disparar...

— Entenda uma coisa... que só quer cuidar de mim... que acho lindo... que há um limite... — vou emendando uma na outra, à medida em que as tēmporas dele aumentam a pulsação.

— Antes, porra!

PERIGOSAS ACHERON

Quanto antes, homem de Deus?

Minha mente dá ré e quando a compreensão do que deve ser repetido bate, meus batimentos cardíacos enlouquecem. Eu finalmente disse, não disse?

E... caramba, foi espontâneo, honesto, sem medo, sem pressão... só disse.

— Eu disse... meu amor — reconheço num chiado, com os olhos já cheios d'água. — Não disse? — murmuro, ele confirma com um sorriso emocionado e retribuo com outro igual. — É... parece que eu te amo, seu irlandês briguento e chato.

— Até que enfim, caralho!

Os azuis-índigo marejam numa explosão de emoções indescritíveis. Em meio a um grunhido sufocado... uma trilha de beijos se arrasta do meu maxilar até a boca, onde provoca-me com chupadas

PERIGOSAS NACIONAIS

e mordidas nos lábios para, em seguida, beijar-me tão forte e profundo, que meu peito aperta de prazer.

Sua língua desliza para dentro e para fora da minha boca. Embalo em seu ritmo e tento esfregar-me nele apesar do vestido, ofego e derreto-me a cada investida da língua exigente e safada contra a minha.

Poxa vida!

Que delícia.

E é assim que a mágica Stoirm acontece... é impossível continuar irritada, com ele me instigando e direcionando todos os meus pensamentos para um único assunto: sexo, safado, gostoso e intenso. Esqueço do mundo e tomada pelas sensações involuntárias que só ele provoca em mim, infiltro os dedos nos cabelos morenos e agarro-os com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O beijo para... A boca experiente desce para o meu pescoço onde a barba instiga e pinica minha pele deixando a coisa toda mais excitante.

Minha calcinha derrete.

— Você é linda demais... — murmura beijando a clavícula e ombros. — E me ama.

Confirmo divertida em um balançar de cabeça.

— Amo.

Dante volta a posição montado, com as belas coxas musculosas flexionadas nos meus lados e o míssil insinuando-se orgulhoso sob a calça. Minha pulsação acelera, atijada pela bela visão. Molho os lábios quando um *striptease* começa... lento e exibido... abotoaduras, cordões, botão por botão... meu clitóris pulsa assim que a gandola e a camisa saem revelando o tórax tatuado.

Que delícia, meu Pai...

PERIGOSAS ACHERON

Debato-me desesperadamente, indecisa entre tocá-lo e me livrar do vestido.

— Shhhh... calma, vou dar o que precisa.

Embalada pela voz grave e sedutora... relaxo. Dante manobra o corpo e mãos calejadas sobem delineando o meu tronco. Fecho os olhos e arrepio, todinha, com a trilha de toques suaves que serpenteia as laterais dos seios, segue pelos braços, até que meus pulsos são envolvidos, delicadamente, e forçados para cima da cabeça.

A pressão de algo macio circundando e fechando em torno deles me faz abrir os olhos. Tento trazê-los para baixo, sem sucesso. Projeto a cabeça para trás. O cordão de seda prata que adornava o uniforme, está transpassado na barra da cabeceira e me mantém cativa.

— Dante... — protesto contrariada. — Não é justo, também quero tocá-lo!

— Frustração é uma merda, né?

Seus olhos ardem fazendo meu rosto ferver. Vingativo dos infernos... devia saber que não deixaria barato. Impulsiono o quadril para derrubá-lo, ele nem se mexe.

Meleca!

— Acabei de dizer que te amo... judieira^[132] me punir. — Faço um bico magoado, ele ri. — Não me faça desamá-lo^[133]! — ameaço, já que a tática do coitadismo^[134] não funcionou.

Ri novamente.

— Quem falou em punição?

— Não posso masturbá-lo sem mãos — insisto na chantagem.

Dante tosse e quase engasga, depois sorri pacientemente.

— Use os pés. — A voz profunda invade

minhas entranhas.

Uh... o quê?

— Perverso! — acuso, já cheia de vontade de saber como faz.

Lendo a curiosidade pulsante em meus olhos, ri, levanta e recomeça o *striptease*... sapatos... meias... cinto... calças... Pateticamente vestida, engulo em seco... *Hum... sem cueca*... Contorço-me em mais uma contração involuntária no clitóris... e mais outra, assim que o míssil arremete imponente.

Ok... isso é tortura.

Eu me rendo... Danem-se as restrições... Esfrego nele do jeito que der... Preciso transar com esse homem... muito mesmo e pra já.

— É essa a sua tática, Capitão? Me enlouquecer de tesão?

A sobancelha duplamente ferida levanta

divertida.

— Não... se bem que o tesão estará amplamente envolvido na ação. — Surpreendo-me com a intensidade rouca na voz.

Pronto!

Minhas células sexuais acendem como uma tocha. Fico toda atizada e como boa e necessitada prisioneira que sou, não ofereço resistência e até colaboro avidamente, no momento em que senta ao meu lado e parte na missão de me despir. Aviso sobre os botõezinhos escondidos no pescoço e o zíper lateral... Em menos de um minuto... o vestido e a calcinha escorregam pelas minhas pernas, parando no chão.

Penso nas partes pudicas expostas e agradeço aos céus... A cara feia dele ao chegarmos aqui não me deu muita esperança, mas precavida que sou, aproveitei a ida ao banheiro em busca dos

primeiros socorros, para dar um tratinho íntimo básico... bipolar como é... nunca se sabe quando o Sr. Hyde virará o Dr. Jekyll^[135].

Sorrio para o rosto bonito que anuncia mudança na escalação. Saindo Capitão Putão para entrar um lascivo Dante.

Aleluia!

Vibro com a mudança de humor quando os azuis-índigo antes turbulentos, recaem gulosos sobre os meus mamilos entumecidos e doloridos... Sua respiração acelera, espelhando a minha, e lá vem os dentes brancos e perfeitos, morder o canto da boca carnuda. *Que delícia*. Excitada, cravo os saltos, única peça que me restou, no colchão e projeto os quadris em um convite explícito de: *vem*.

— Caralho... a cada dia te acho mais perfeita, Beatrice Wild. Cada detalhe, cada curva... porra! — Parecendo esfomeado, passa o dedo no

lábio inferior, num gesto para lá de sensual.

Abro um sorriso lânguido, depois ofego quando o corpo gigante finalmente manobra e paira sobre o meu. Em seguida, quase perco o ar... ele infiltra-se e ajeita-se entre as minhas pernas, movendo os quadris em uma onda lenta contra os meus.

Deus do céu! Como amo essa dureza bélica.

Provocador que só... começa um vai e vem insinuante, sem chegar as vias da penetração de fato... Esfrega... esfrega... esfrega... Provoca-me ao ponto de me fazer implorar, o que não faço, e sua respiração úmida e ofegante bate em meu pescoço e ofego.

— Boceta gostosa.

Deus!

Gemo derretida pelo elogio grosseiro... Já

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvi tantas barbaridades saindo dessa boca suja, que não me importo, até gosto... combina com ele. Abro mais as pernas para aumentar o atrito... Arquejo quando a cabeça do pau desliza fácil por minhas dobras meladas provocando o clitóris.

— Aaaaaaah...

Quero arranhar as costas largas e implorar que me foda... não poder tocá-lo é desesperador... Meu coração está tão descompassado, que mal posso respirar... estou afogada nas sensações involuntárias em meu sexo, no alívio que tanto anseio e que só ele pode dar.

* .. ♥ .. *

Dante

— Dante... — implora.

Treas está molhada pra cacete, mas não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quero apressar a noite, então afundo o rosto e beijo o pescoço delicado, onde a pulsação está mais acelerada.

— Calma — digo suave.

— Não consigo. — Esfrega o corpinho delicioso, fazendo meu pau engrossar ainda mais.

Bosta, nesse ritmo de provocação, em dois segundos, estarei dentro!

Caio para o lado abrindo espaço... mesmo sob protestos, apoio o cotovelo na cama e sou direto.

— Vamos foder, mas antes vou comer cada pedaço seu.

Um leve traço de decepção e confusão nubla o rostinho lindo. Sorrio da beleza que ela é e como bom professor que sou, em vez de explicar, decido mostrar.

Deixo os instintos tomarem a frente...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acaricio os seios, reverenciando a maciez da pele e as curvas arredondadas e empinadas. Encanta-me que num tempo onde o silicone dita a moda, ela seja toda natural... isso só os tornam ainda mais exuberantes.

Cacete... corto um braço se um dia me cansar deles.

Não dá... impossível.

Beatrice é linda de um jeito único e adorável e seria um mentiroso se dissesse que não fico mexido toda vez que a vejo nua ou não... *Caralho! Sinto-me cada vez mais ligado e até dependente...* O foda é que o meu negócio com ela vai além do físico, é inexplicável... é mais, muito mais.

Pinço um dos bicos rígidos... e ambos gememos quando o puxo girando entre o polegar e o indicador... no embalo da adoração, abocanho o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro mamilo sugando forte.

— Jesus... Danteeee! — Puxa as restrições dos pulsos tentando se soltar.

Liberto o seio no ato.

— Shhhh, cuidado, só mais um pouco e estará livre — minto. — Concentre-se em mim, confie.

A cabecinha morena, no coque despenteado... balança avidamente.

— Tá... concentrar... vou tentar — responde com uma determinação ímpar, que me faz querer colocá-la no colo.

Não sei do que gosto mais, se do sabor delicioso que tem, o tom arrebatado da voz ou do grande sorriso que vem depois... Querendo recompensá-la... volto para os seios, torno-me audacioso e vou numa levada dupla entre apertões num bico e chupadas no outro. Instigo a pele alva

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a barba, só porque a deixa maluca.

— Deus, como é bom...

Sem desgrudar do peito miro no rosto...
seus lábios estão amolecidos em um sorriso
agradecido, comprovando minha tese.

Meu peito estufa orgulhoso.

É isso aí...

Satisfeito... puxo, beijo, acaricio e sugo...
circundo o mamilo rosado e duro com a língua...
lambo em um vai e vem torturante, brincando com
as sensações que minha boca pode dar. Vou de um
seio para o outro, repito tudo de novo... e quando
aplico a pressão exata no morder e puxar, os
gemidos e sussurros doces vagueiam no limiar
entre a dor e o prazer.

*Linda... não tem como não a amar ou
enlouquecer de ciúmes.*

Minha Inglesinha safada é uma dadivosa

PERIGOSAS ACHERON

na cama.

Querendo fazê-la gozar, só que por outras vias... aborto a missão peitos e vou descendo rumo ao sul... marco o meu caminho com uma trilha de beijos molhados e mordidas... a cinturinha fina arrepia quando a arranho com os dentes e vou para o quadril curvilíneo mordendo-o.

— Aaaaaaah...

O gemido doce é como o canto da sereia para mim... sem poder esperar mais, certifico-me de estar confortável com as restrições e manobro o corpo pequeno deixando-o do jeito que quero. Joelhos dobrados, pernas escancaradas e a bocetinha deliciosamente exposta... os saltos são um ganho, além de deixá-la sexy como um inferno, trazem um ângulo novo a brincadeira.

Ajoelhado entre as pernas torneadas, aprecio a vista... que é de tirar o fôlego... sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

será. A excitação evidente deixa a pele da boceta rosada, escorregadia e brilhante... uma joia. Sabendo o quão deliciosa é... não tenho como não salivar.

— Tem noção do quanto fica linda desse jeito? Exposta e rendida a mim — digo, mas na realidade o rendido sempre fui eu.

Tomado pela expectativa... mordo o lábio e solto o ar entre os dentes... quase como uma oração... Beatrice é o meu templo.

— Linda... — murmuro com devoção.

— Dante... — Os quadris curvilíneos contorcem em expectativa.

Gosto deles impacientes.

Sorrio.

— Calma, Inglesinha, já vou dar o que quer.

O som da respiração ansiosa acelera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como o cara grande que sou, preciso de espaço... Forço mais os joelhos delicados... e ajeito-me de bruços, posicionando-me de forma privilegiada. Fecho os olhos, inspiro... Aprecio o cheiro adocicado e picante que me nocauteia de um jeito que nenhum outro fez.

Meu pau duro pulsa em uma resposta quase dolorosa... ignoro... agora é tudo sobre o prazer dela e confiança... Aprecio sua independência, não quero mudá-la, mas mata-me quando não confia, não me ouve e se mete em enrascadas.

Louco para senti-la, não perco mais tempo... percorro delicadamente a abertura quente e úmida com o dedo, que contrai em um espasmo. *Aaaaah, meu tesão precioso, inchado e molhado.* Beatrice é toda sensível aqui embaixo e amo isso nela. Sua boceta parece ter vida própria e

PERIGOSAS ACHERON

reconhecer-me.

Certo de que sou o homem mais sortudo nesse caralho de mundo, engulo a saliva... arrasto o polegar deflorando-a... ela geme num sufoco quando espalmo e esfrego a fenda úmida espalhando a excitação... Se meu pau já não estivesse estado aqui antes... juraria que é um território intocado. Não sou um homem dado a sentimentalismos, mas com Beatrice a coisa muda de figura... fico emocionado.

Impossível não ficar...

Porra!

Já sabendo de como gosta, tomo minha vantagem e pressiono o dedão instigando toda a área como movimentos circulares e lentos. Ela arqueja, eu sorrio. Sou delicado, paciente e vou estimulando cada pedaço da boceta melada, até chegar no clitóris inchado, o pressiono... duro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Beatrice dispara uma série de lamúrias doces...

— Isso... geme pra mim, minha Inglesinha sensível — Enfio um dedo bem fundo pressionando o ponto G e Beatrice grita como nunca ouvi.

— Exagerei?

— Ooooh, não... bom... mais... mais...

Meto logo mais um dedo e no lugar de um berro, ganho uma ladainha de suspiros sensuais que só me instiga a dar mais... empurro e circundo os dedos no canal macio e com o dedão, aumento a pressão no clitóris...

— Oh, oh, oh, oh, oh... isso... mais.

Mais?

Retiro os dedos e caio de boca. Beijo a boceta de forma voraz e apaixonada... Enfio a língua e porra! A explosão de sabores e aromas, desperta meu lado mais selvagem. Tremo, começo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a suar... os meus batimentos enlouquecem... perco o controle... e como um canibal possessivo, tenho vontade de devorá-la tão duro, até apagar dela todas as experiências que teve.

Ela é minha, porra!

Só minha!

Esqueço a gentileza, agarro a bunda macia num aperto grosseiro e, fundindo mais a boca em seu sexo, devoro toda a delícia que é, num ritmo insano... Chupo, beijo, profano, fodo... até rosno.

— Como é gostosa, cacete! — rujo diretamente para a fonte.

Beatrice se contorce, arqueja e agradece.

— Danteee, que que é isso, Jesus?! — grita toda a sua apreciação em êxtase.

Rio satisfeito e mantenho o ritmo da chupada perfeita... já era bom nisso, mas com ela sou fenomenal, o melhor... poderoso, pra cacete!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alterno os beijos sacanas, com lambidas safadas e penetrações implacáveis... Sua excitação aumenta... minha boca e barba se inundam dela... a boceta estremece e suga, eu intensifico quando sinto o orgasmo surgir dentro dela... Vem... quero que goze duro enquanto grita meu nome, completamente em êxtase.

— Deixe vir — incentivo.

Grudo meus olhos no rosto ruborizado e suado. Os dedos voltam implacáveis... sugo e mordisco o clitóris aumentando a pressão... o nariz arrebitado enruga quando os lábios generosos ofegam buscando por ar. Jogo sujo e massageio mais uma vez o ponto dentro dela, que a faz decolar e ver estrelas.

— Deus... Danteeeeeee...

Exatamente assim. Explode em um orgasmo espetacular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu corpo convulsiona, entregando-se por completo... Meu pau pulsa, pedindo clemência. É tão sensacional de assistir, e contagia-me tanto, que tarado e necessitado dela como estou, agarro os quadris trêmulos e num impulso, giro o corpo leve deixando-a de quatro.

— Segure na barra... — não consigo evitar que minha voz saia rude.

Ofegante e ainda atordoada do orgasmo em pleno curso, Beatrice obedece. Suas delicadas mãos, com os pulsos contidos, agarram firme na barra

A imagem faz meu pau chegar no limite. Vê-la de quatro, toda ansiosa por mais, arreganhando a boceta escorregadia e pulsante... me torna como um bicho. Sem pensar, impulsiono o quadril e meto duro, enfiando o pau todo de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

Ela arqueja.

Eu urro.



Beatrice

Suspiro quando uma onda de prazer incontrolável rasga dentro de mim, assim que o pau poderoso me invade... Sua presença é tão absoluta e aguardada que me fundo a ele.

Deus... que homem voraz é esse?

As estocadas começam e meu corpo move-se para frente e para trás respondendo a elas... Impossibilitada de tocá-lo, todos os meus instintos sensoriais concentra-se ali, onde nos tornamos um só e é absolutamente incrível... único... minha experiência foi potencializada a mil.

Hummm... divino.

PERIGOSAS NACIONAIS

Embalada pelo ritmo exigente... Olho sobre os ombros... *Deus, está lindo*. Olhos fechados e expressão tão intensa, quase de dor. Sei que, apesar da voracidade das estocadas... está se segurando... Mesmo no aparente descontrole, há algo poderoso e íntimo nele, que o faz pensar, sempre, primeiro em mim... no meu prazer.

— Treas... Treas... Treas... — repete meu nome, parecendo perdido em outra dimensão.

— Estou aqui... — rebolo implorando que não pare.

Mesmo em alfa... ele entende o que eu quero e se empolga... Arqueio as costas e firmo as mãos nas barras, quando ele mete tão duro que por pouco não bato na parede.

Nossa, esse meu Capitão é demais!

Ele mete, tira, enfia, empurra... entramos em um ritmo enlouquecido e só nosso... Gemo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rebolo... amando como as bolas batem no meu clitóris, intensificando as sensações da trepada.

O corpo gigante inclina e ficamos peito com costas... nossas peles suadas deslizam uma contra a outra numa carícia erótica... O cheiro doce de suor e sexo no ar me inebria e como todas as outras vezes, não sei onde eu termino e ele começa... Os grunhidos roucos e masculinos, o jeito como entra duro, tira, volta e me metralha são perfeitos.

Nós dois juntos... é lindo.

— Melhor sexo da minha vida —
extravaso em um murmúrio sôfrego.

Em resposta, ele mostra o porquê e mete... mete... mete tanto... que a energia é tão intensa, que acho que vou explodir e ainda quero é mais.

O braço engancha na minha cintura e a mão habilidosa volta para o meu clitóris

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alucinando-me... noto a movimentação do outro braço, que estica e fuça no criado-mudo, mas não presto atenção... estou rendida pelas vibrações nas minhas áreas felizes, que empolgadas, decidiram explodir em um êxtase lento e profundo...

— Danteeeeeeee! — berro por prazer e protesto.

Bem quando estou gozando de novo e minha vagina pulsa enlouquecida e ávida para sugá-lo, ele sai... depois... um gelado quente bate bem ali atrás... no ponto que ele vem amaciando há uma semana...

— Isso vai ser rápido, mas intenso — avisa numa respiração entrecortada.

Congelo... como a criança que chorou pelo doce e quando está prestes a ganhá-lo não sabe mais se o quer.

Ouçó Dante puxar o ar...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Treas... — Acaricia as minhas costas.

Dividida entre querer muito e não querer, não respondo.

— Amor... se mudou de ideia, tudo bem — recomeça doce com a voz mais estabilizada.

Amor?

Suspiro... é a primeira vez que me chama assim.

Estica o braço cheio de tendões, veias e tatuagens e libera-me da restrição, viro-me para ele e ficamos frente a frente... ambos descabelados, suados, ofegantes, com as pernas dobradas e as bundas apoiadas sobre os calcanhares... Evito olhar para o míssil engatilhadíssimo e a bisnaga de lubrificante largada no colchão.

— Você me chamou de amor — ainda ofego um pouco.

A sobrancelha com o curativo sobe e sorri

PERIGOSAS ACHERON

doce como nunca vi.

Derreto-me.

— Porque é o meu amor. — Alcança meus pulsos milagrosamente não marcados e os massageia. — Escuta... tudo entre nós deve ser sempre consensual. Nenhum jogo de prazer é bom se os dois não estiverem dentro. Fui em frente com o cordão, porque a sua excitação quanto às restrições estava evidente, mas se houvesse qualquer indício contrário, eu a teria libertado, sabe disso, né? — pergunta com ar preocupado e assinto. — A minha lista de coisas sacanas e sujas só faz sentido se for prazeroso pra você também... Não sou um abusador, Treas. Nunca se force a nada só pra me agradar.

Tomo cada uma das suas palavras como um acalanto. É impressionante como esse cara tem o poder de me dizer as coisas certas e acalmar-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mesmo quando é mandão ou grosseiro, jamais o vi de forma abusiva. Como disse, ninguém joga um jogo que não quer... Gosto imensamente de como somos na cama. E... eu não estou me forçando... é que... agora me dei conta...

— Se deu conta de quê?

Minha barriga vira do avesso.

— Não quero que ria de mim.

O maxilar barbado contrai e Dante me puxa e abraça esmagando meus seios contra o peito protetor.

— Ooooooh, minha Inglesinha maluca. Jamais vou rir de você, pelo menos não das suas inseguranças... Que tal me dizer o que está te afligindo, que eu tento resolver.

Não dá!

É fisiologicamente e ergonomicamente impossível de resolver!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero gritar, mas sentindo-me patética e envergonhada pela transa interrompida, apenas me aninho mais a ele. Sento de ladinho em suas coxas grossas e escondo o rosto contra o peito, que ainda respira pesado.

— Nada de se esconder... vamos lá... desembucha. — Segura meu rosto, roçando nossos lábios.

Eu suspiro e mesmo com a boca seca... tomo coragem.

— É que... er... hum... — Meu rosto fica mais afogueado do que já estava. — Sei que estou te infernizando pra isso, eu quero, é que... — Olho para o pau que sobe imponente entre nós. — Ele é tão grande e o meu buraquinho...

Dante me interrompe com uma gargalhada sonora e solta...

— Ei, que bandido trapaceiro! — Bato no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peito suado. — Poxa vida, não é justo! Prometeu não rir... Aquele vibrador e os plugs são minúsculos em relação a você... Tô com medo que doa — confesso em um protesto.

Parecendo aliviado, morde os lábios esforçando-se para ficar sério.

— Não vou te enganar que num primeiro momento pode ser incômodo... mas do jeito que temos trabalhado nisso... passado o susto... — beija suave a minha boca — te garanto que vai ser só prazer.

Desconfiada... olho atravessado.

Minha alma rebelde fica em cócegas para perguntar se ele já deu o cu, para ter tanta certeza disso, mas a calo. Machão do jeito que é... duvido, inclusive, de um exame de próstata.

Num gesto gentil, manobra nossos corpos até ficarmos na posição missionário^[136].

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O pau duro cutuca a minha pélvis.

— Que tal... terminarmos lento e gostoso... e amanhã, retomamos as aulas? Quando... e só quando estiver pronta e segura, a gente parte pro anal de verdade.

Meu coração tem um minisobressalto.

Anal...

Soa tão cru e parece tão mais definitivo do que temos praticado... prefiro muito mais quando diz que quer comer o meu rabo e pronto... enfim... dou-lhe um sorriso sonolento.

— Amor?

— O quê?

— Quer dormir ou foder?

Penso na preguicinha leve que está me dando... soterrada pelo quentinho de seu corpo e depois em todo o prazer que me deu, sem receber nenhum em troca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foder... sempre — seguro outro bocejo.

— Então, é melhor começar logo, antes que meu pau gangrene e você capote.

Num jogo rápido, entre levantar e manobrar o quadril... ele arremete e empala-me.

Aaaaaah...

Rendo-me às delícias de uma nova rodada de prazer... mas antes que ele possa gozar duro e desabar sobre mim, pronunciando palavras incoerentes... há muita animação no meio do processo, onde acabo ganhando outro orgasmo fantástico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Dublin - Irlanda

De mãos dadas com Dante, que está tão puto quanto eu, saio do predinho de tijolos desgastados caindo aos pedaços, em Portobello^[137], bairro pequeno e residencial, que liga o centro ao sul da cidade.

Aperto a caixinha com o tesouro que carrego junto ao peito... Um jogo de Babuskas feitas em prata, cujas as flores que adornam os corpinhos das bonecas são entalhadas em madrepérula. Maravilhosas certamente, mas não tão preciosas ao ponto de custarem duzentas mil libras... na verdade, a mulher de McLable as comprou por dez mil e ele pediu cem mil libras para revendê-las, mas tivemos um pequeno

PERIGOSAS ACHERON

contratempo que inflacionou ainda mais o preço.

Seguro a vontade de arrancar os cabelos e sigo, colada no Capitão, pelos jardins malcuidados do condomínio.

Preciso mandar o meu radar de anti safados para a revisão... nem por um segundo, desconfiei que toda aquela gentileza do adorável senhor McLable era, na verdade, picaretagem pura... Assim que chegamos, o velhote começou um chororô afetivo só para valorizar o preço. No fundo, as lamúrias sobre bibelôs da falecida esposa eram teatro, ele só queria mesmo me extorquir e comprar uma casa nova.

Safado!

Não deveria ter ido com tanta sede ao pote. Foi um erro de principiante me mostrar tão desesperada e sentimental em relação às Babuskas... presa fácil. Se eu fosse uma trapaceira,

também me escolheria para vítima.

No portão do condomínio, fico entre Max e Romeo enquanto Dante vai buscar o carro que estacionou na rua ao lado.

Os dois estão discutindo desde que saímos do apartamento cheirando a mofo de McLable. Até concordo que o lugar já deu o que tinha que dar, mas poxa! À minha custa? Quer dizer... a minha não, à custa do Capitão, porque, claro, ele quase teve um troço quando saquei o cartão de crédito e perguntei se dava para parcelar... em sei lá... umas mil vezes, sem juro.

Inconformada, pesco meu caderninho amarelo na bolsa e acrescento mais duzentas mil libras, à lista dos cem mil da comissão do Charles e dos dez mil pelos prejuízos que provoquei no quarto do hotel... Aquele abajur não custava cinco mil libras nem aqui e nem na China!

Aaaaaff... bando de mercenários.

Se continuar nesse ritmo... é bom começar a pesquisar venda de órgãos no Google.

— Meninos, quanto custa um rim? —
pergunto somando distraidamente os números no caderninho amarelo.

Espero... a resposta não vem... Estranho o silêncio e levanto a cabeça, bem a tempo de captar os momentos finais de uma guerra de olhares furiosos entre os caçulas Stoirm.

— Foi cagada querer bater no velho quando ele disse o preço — inconformado, Romeo recomeça a alfinetar.

— Cagada o cacete! Cem mil era um roubo! — Max exalta-se.

— Um roubo que o velhote dobrou, só de birra de você!

Ignorando a última provocação do irmão,

Max começa um vai e vem irritante pela calçada.

— Palhaço... aquilo foi excesso de açúcar.

— Com olhos desgostosos, Romeo segue o andar agitado do irmão do meio. — Sabe que não raciocina direito e sempre fica agitado quando come muito chocolate. Avisei que tanto *brownie*^[138] não ia fazer bem.

Um desgosto me acomete... respiro fundo.

— Que se foda! Parou no tempo? Não temos mais cinco anos, porra! — Mechas soltas caem sobre o rosto vermelho de Max. — Desde quando começou a falar como a Maggie? — Ele para o vai e vem e começa arrumar os cabelos.

— Porra, Trice! Olha o que fez! — Romeo direciona sua ira para mim. — Não deveria ter dado tudo aquilo pra ele.

Epa! Sai pra lá, camarada.

Ergo as sobrancelhas ironicamente e

encosto o caderninho no peito em um debochado:
Eu?

— Só pode ser piada! Vocês destroem toda a negociação e a culpa agora é minha?! — gargalho. — Os bolinhos eram para Dante! Só ofereci para Max por educação quando rastreou o cheiro... não tenho culpa se o sem limites sequestrou o pote todo.

Penso nos meus chinelinhos e em como a testa de Max ficaria linda com a sola de um deles estampada nela. Só não dou asas à minha vontade, porque tenho medo da Maggie, não vou negar.

Não entendo como caras tão fodões na espionagem como eles, podem agir como uns moleques inconsequentes, às vezes. Deus me defenda que não quero nunca ter um minitime Stoirm se estapeando pela casa.

Maggie é uma diva da educação

controlada.

Começo a contar até dez, para não perder a paciência de vez... a convivência com o Capitão tem me deixado de pavio curto.

Um... dois... três...

Max ter inflacionado as Babuskas e me deixado ainda mais endividada com o Capitão não foi legal. Ok... era para eu estar possessa com ele por causa disso... mas não estou, o meu problema são os *brownies*!

Depois da aula matinal *plug anal 2, a missão*, aproveitei que o Capitão capotou e saí sorrateiramente da cama. Corri até a cozinha das freiras e implorei por ajuda... Matei-me de cozinhar, coisa que eu não sei, e a Irmã Hortência pode provar! Voltei para o loft e o esganiçado do Max, que já estava lá com Romeo, confiscou a minha surpresa de moça apaixonada que sou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando o Capitão terminou o banho e sentiu o cheiro doce, cadê os *brownies*? Cadê? Não tinha sobrado nem um farelinho.

... *nove... dez.*

— Tá decidido, vou voltar pilotando —
Romeo diz taxativamente, com as mãos na cintura.

Ajeitando os cabelos em um coque pela vigésima vez, Max rebate:

— Vai o caralho!

Nossa... o comilão tá agitado mesmo. Nesse ritmo acelerado vai passar direto por Londres e só parar na Austrália. Não entendo porque o Capitão não assumiu o comando.

— Dante pilota! — aproveito a deixa. — Ele dormiu de manhã e depois no voo para cá, melhor que seja ele! — tento encerrar a discussão e de quebra realizar meu fetiche de ver Dante pilotando, mas sou ignorada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O SUV alugado para no meio-fio e a buzina toca. Deixo os irmãos discutindo na calçada e entro no banco do passageiro.

— Como você está? — Dante dispara assim que me acomodo.

Em dúvida sobre o que deseja saber. Não respondo de primeira... pra variar, as coisas deram uma esquentada pela manhã. Depois do meu drama ontem à noite, o professor Dante deu as caras... e apresentou-me algumas das novidades guardadas no criado-mudo. *Ai-ai...* Descobri que nem todos os plugs anais são minúsculos.

Uma ondazinha de arrepios faz partes de mim darem um alô e não é de um jeito ruim.

Sob a inspeção de azuis-índigo atentos, pouso a caixinha com as Babuskas no colo e remexo o bumbum no acento luxuoso em couro preto... tudo em ordem, nenhum desconforto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se é sobre hoje cedinho, tudo bem. — Não consigo evitar certa timidez. — Agora, se for em relação ao senhor McLable, uma grandessíssima porcaria!

— Vou me acertar com Max.

— A intenção foi boa, ele só quis ajudar... — Tento apaziguar. — Pelo menos, tivemos um pouco de ação. O teatro de McLable foi uma piada. O preço, um assalto... Você não me deixar pagar, humilhante... Pensei que essa coisa de caça ao tesouro fosse mais emocionante... quando me pediu pra fazer uma mala, pensei que passaríamos o fim de semana todo em uma negociação eletrizante — digo meio emburrada. — Não acredito que me produzi toda e voamos quatro horas pra isso!

— Está linda com essa roupa de espia.

A mudança de assunto me irrita um pouco, mas abro um sorriso mesmo assim. Achei que a

PERIGOSAS ACHERON

primeira minha caça às Babuskas oficial exigia uma produção à altura. O jeans escuro, que deixa minha bunda mais gostosa do que é, combinado à camisetinha preta com um *Danger! Bad Girl is coming*^[139] bordado em lantejoulas pink, valorizando os seios, ficaram uma graça.

— Pelo jeito... gostou mesmo do presente.

— Os azuis-índigo recaem para o assoalho do carro.

Com orgulho agito os dedos dos pés dentro dos chinelinhos pink.

— Gostei é pouco, amei... tenho que aproveitar pra usá-los enquanto é verão. Esses aqui combinam com o bordado da camiseta. Acha que fui óbvia?

— Óbvia, com essa sua carinha e coração de anjo? Não. — Franze o rosto em uma negação exagerada. — O *Bad Girl* em pink assusta qualquer

PERIGOSAS NACIONAIS

um. Boa sacada! — Faz um ok. — McLable deve ter ficado com medo.

Idiota!

Ignoro a ironia e bato na caixinha de madeira.

— Depois desse fiasco... é bom que essas barriguinhas estejam recheadas... — Sorrio retomando o bom humor.

— Isso só saberemos depois que Romeo escanear. — Traceja meu maxilar com o dedo. — Sabe uma das coisas que mais amo em você?

— A minha idiotice? — Enrugo o nariz.

Ainda não me conformo por ter sido tão ingênua acreditando nas boas intenções do McLable.

— Essa sua resiliência... — Inclina o corpo e me dá um beijo casto nos lábios. — É fascinante a sua capacidade de se adaptar. Tem um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jeito singular de enfrentar os problemas, Beatrice Wild.

Ah... isso tenho mesmo... pode ter drama, escândalo, mas cada problema é um flash!

Sorrio concordando.

As portas de trás batem... pelo retrovisor, dou uma sondada no humor dos irmãos que acabam de entrar no carro.

Eita... tempo ainda nublado, com possíveis trovoadas.

Por milagre ou por medo do: *Vou matar os dois se continuarem a brigar, porra!* que o Capitão versão Putão deu no primeiro *A* provocativo de Romeo, o caminho até base do Corpo Aéreo Irlandês, que dá apoio ao Exército e ao serviço naval, foi silencioso e sem brigas.

Militar como é, ilusão minha ter achado que embarcaríamos por um aeroporto comum.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Credenciais conferidas, um portão cinza de ferro blindado abre para dar passagem ao SUV. O Corpo Aéreo^[140] se resume a um grande campo aberto, sem árvores e gramado. Nada de mais... uma estreita e longa pista de voo, sinalizada por bandeirolas que balançam no vento forte, seis heliportos, uma torre de comando e um conglomerado de prédios baixos e hangares mais ao fundo.

Estacionamos próximo de dois helicópteros... o que viemos, tipicamente militar, verde e camuflado; e outro, que não estava ali quando aterrissamos... *Uau... esse sim!* Um espetáculo preto reluzente, moderno pra caramba e tão grande, mas tão grande, que o nosso amigão camuflado, deve estar com problemas de autoestima.

Desço em um pulo do carro, entrego a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caixa de Babuskas para Romeo, tiro o elástico do pulso e me apresso a fazer um rabo de cavalo por causa da ventania. O celular apita na bolsa, trazendo um misto de irritação e nojo, pego, confiro a mensagem, torço o nariz, bloqueio o número e guardo.

Saco... saco... saco...

— Ele de novo?

— É.

Com um muxoxo, confirmo a pergunta de Dante que, sob os olhares menos irritados dos irmãos, envolve o braço em torno do meu ombro e roça a barba na minha bochecha. Um quentinho acalentador no estômago abafa a sensação ruim da mensagem.

— Esse russo está querendo outra surra — diz ríspidamente, depois faz sinal de um minuto para um oficial que o chama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquele cafajeste não vai mais nos atazanar... se não entendeu na educação, que seja... bloqueei o número — explico de saco cheio de Yuri, não de Dante. O ordinário quase estragou tudo, não vou deixar que continue nessa missão. — Depois da surra de ontem, duvido que venha bater na nossa porta.

Um sorriso sutil insinua-se através da barba e retribuo discretamente.

— Aproveitei que os *brownies* estavam assando, para trabalhar um pouco. Falei com Lore e Miah... — continuo. — O leilão foi um sucesso, encontrei várias fotos e elogios na internet. A arrecadação superou qualquer expectativa — conto sem esconder o orgulho. — Pensei bem e não quero Yuri ligado ao Estadia. O certo será devolver o dinheiro doado para a cota de apoio do jantar beneficente. Encaminhei um e-mail comunicando o

PERIGOSAS ACHERON

fim da parceria e a devolução do dinheiro para o jurídico da Fundação. Deve ser por isso que Yuri não para de ligar. Só sinto por Elena, gostei dela. — Busco por Romeo. — Não acreditei muito naquele bilhete que você me entregou.

— Eu vi Elena escrevê-lo, não foi coagida... Garanto que está bem. — Romeo sorri tranquilizador, Max confirma com um grunhido e sai para verificar o helicóptero. — Chamei-a de lado, enquanto os caras estavam colocando o russo no carro. Relaxa, Trice... conheço a garota, é esperta. Se estivesse com algum problema ou precisasse de ajuda, pediria.

Cruzo os braços não muito convencida.

— Que seja... mesmo assim, na segunda, vou tentar falar com ela.

Sinto um aperto suave no ombro. Olho para cima e sou capturada... um raio de sol está

incidindo no rosto do Capitão, fazendo os azuis-índigo multicoloridos, translúcidos e espetaculares.

Nossa... esse homem me tira do prumo.

— Não quero você na Fundação.

Dante é taxativo e eu sorrio doce quase que hipnotizada.

É impressão minha ou ele está mais bonito hoje?

Um: *Hum-hum*, exagerado de Dante me faz voltar parar a Terra, balanço a cabeça tentando lembrar-me do assunto.

Ah!

A Fundação...

— Nem eu quero ir lá, vou ligar — respondo por fim, com um afago no estômago trincado e volto para Romeo. — Não entendo essa mania dela não querer passar o celular — reclamo, mas bem que deveria ter feito isso com Yuri.

Homem chato.

— Desencana... Elena é na dela mesmo... já volto... preciso mijar. — Romeo dá de ombros e corre para um hangar próximo.

Minha bexiga quer ir junto.

— Será que vai demorar pra decolar? Também preciso ir no banheiro.

— Uns vinte minutos... vai lá... — O queixo barbudo aponta para o hangar no qual Romeo acaba de entrar.

Ué?

— Só isso? — Junto as sobrancelhas. — Vai lá, simples assim? E os ninjas? Os coletes à prova de balas? Não vai me obrigar a ir amarrada a você?

Olha-me divertido como se quisesse me esganar.

— Amor, estamos numa base militar... seu

xixi estará seguro.

— Ah é... — murmuro.

Não que esteja contando, mas o segundo *amor* em menos de vinte e quatro horas, emociona-me e com uma piscada... saio correndo pelo gramado.



Sem nenhum drama na ida ao banheiro, volto caminhando tranquilamente pelo gramado. Um sorriso involuntário cresce enquanto observo o Capitão e os irmãos, reunidos em uma rodinha com alguns oficiais... meu corpo todo aquece com a imagem... é fascinante, como sua figura poderosa se destaca em meio aos outros.

Esse irlandês-é-o-cara!

Não só pelo físico espetacular ou as maravilhas safadas que faz sem roupas... muito

PERIGOSAS NACIONAIS

menos, porque é impossível olhar para ele e não lembrar do que faz comigo... tampouco, por ser o homem mais sexy que já botei os olhos... é mais. Sei lá, não dá pra explicar, é tudo... é ele...

Os pensamentos, as palavras, os gestos, os olhares, a maneira impaciente de passar a mão no cabelo, o andar confiante e viril... a aura sedutora e perigosa que grita:

Não mexa comigo!

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, Dante vira o pescoço e sorri pra mim... retribuo com meu tolo coração já começando a acelerar, molho os lábios numa reação instintiva aos óculos estilo aviador que enfeitam o belo rosto e a bunda maciça que está incrível nos jeans escuros e desgastados... é... o homem sabe ser sexy.

Chego e o braço vem logo enredando a

PERIGOSAS ACHERON

minha cintura e me trazendo junto.

— Senhores, Beatrice Wild... minha mulher.

A maneira carregada de carinho e orgulho como disse *minha mulher* me faz grudar ainda mais nossos corpos... Um pouco intimidada pelos uniformes e armas que ostentam em seus coldres, dou aos oficiais um cumprimento tímido.

Terminadas as apresentações, o grupo ainda enreda por uma conversa sobre a possível saída do Reino Unido da União Europeia, que só acaba quando outro oficial chega entregando as autorizações dos planos de voo.

Planos?

Olho sem entender, mas Dante está concentrado em alguma coisa técnica que o oficial fala sobre verificações externas, checagem dos instrumentos e ventos em velocidade de

cruzeiro^[141].

Minha confusão só cresce... Romeo e Max se despedem de mim com um abraço e vão em direção ao helicóptero camuflado que eu deveria embarcar!

— Decolagem autorizada, Capitão... Na velocidade que esse bicho alcança, o tempo de voo estimado é de uma hora e meia, deve chegar à Connemara com o dia ainda claro.

Hã?

Enquanto Dante agradece e se despede dos outros oficiais, eu piro. A região da Connemara fica no oeste da Irlanda... uma rota totalmente oposta à de Londres.

— Pronta para um passeio? — Dante dispara ao ficarmos sozinhos.

— Passeio? — balbucio ainda perdida... que eu saiba tínhamos prioridades e passear não era

PERIGOSAS NACIONAIS

uma delas. — As bonecas... não precisamos voltar o quanto antes para Londres?

— Não... Romeo e Max vão cuidar delas... se encontrarem alguma coisa nos avisam. — Seu queixo barbado aponta o helicóptero fodidão e meus joelhos tremem.

Continuo perdida.

— Os pais de Maggie são de Cork, no sul... mudaram para Connemara?

— Não estamos indo visitar os meus avós. Disse que queria me ver pilotar e já que estamos na Irlanda... pensei... — faz uma pausa indecisa.

Um fogo sobe pelas minhas bochechas... no furor da aula matinal, meio que confessei meu fetiche de fazer coisas em pleno voo, com um certo Capitão aviador.

— Pen-pensou o quê? — gaguejo com a mente sexualmente poluída indo em várias

PERIGOSAS ACHERON

direções.

— Que chegou a hora de te contar uma coisa. — Fica tão sério que chega a me assustar.

Eita... danou-se!

— Que coisa? — O ar começa a me faltar de repente.

O rosto barbado cai enigmático quase soturno, atijando as milhares de mariposas loucas que fazem uma conspiração dentro de mim.

— Contar o quê? — insisto delicadamente, apesar do desespero interno já instaurado.

Por favor... que não sejam uma esposa e dez filhos.

Por favor... que não sejam uma esposa e dez filhos.

Por favor... que não sejam uma esposa e dez filhos.

— A minha história... — Pressiona os

PERIGOSAS ACHERON

lábios.

Fico dura como uma tábua.

— De pai de família com dez filhos? —
lanço em um chiado.

A cabeça morena cai para trás em uma gargalhada, que não acho a menor graça. Deixo escapar um suspiro exasperado... Ainda rindo, ele me puxa para um abraço de urso.

— Não, bobona... nada de esposas... —
Acaricia meu queixo. — Quero mostrar o homem que sou e o que construí aqui... a minha casa irlandesa.

O homem que sou...

Ofego.

Um mundaréu de pensamentos difusos começa a pipocar... Ainda embolada a ele, perco-me em um pequeno avião que aterrissa. Torcendo que não perceba que estou tremendo, respiro

PERIGOSAS NACIONAIS

lentamente para amenizar o pânico na boca do estômago.

Droga!

Mais uma vez, estou diante do doce e não sei o que fazer.

Enquanto o meu lado racional dá pulos de alegria, a garota apaixonada apavora-se em um medo, quase irracional, de não se encaixar fora da realidade segura de Londres.

E se tudo o que vivemos até agora, não passou de uma fantasia incompatível ao homem que de fato ele é?

Com as mãos frias e úmidas agarro a camiseta cinza que usa, pela cintura... Não posso perdê-lo. Emociona-me que queira dividir sua história, mas não faço ideia de qual versão dele encontrarei nessa *minha casa irlandesa* e isso é assustador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todas as vezes que fantasiei a vida dele longe de mim era o antigo e bom moço Dante que estrelava os meus filmes... *Caramba!* Mesmo que reconheça muitas das facetas do cara legal com o qual cresci, há outro Dante, o Capitão endurecido, totalmente mudado e com forte sotaque. Um novo homem que estou começando a conhecer e amar só agora.

— Beatrice...

Acaricia minhas costas num ritmo calmante.

— Hã?

— Respira... — pede quase doce. — Se não quiser...

— Mas eu quero... — interrompo sem respirar. — Só fiquei surpresa, só isso.

Respiro lentamente e afasto a cabeça para contemplar os azuis-índigo... lindos e preocupados.

PERIGOSAS ACHERON

Beatrice Wild, esquece o medo e vai!

Apegando-me à frase que Jack sempre me diz e a mulher corajosa que aprendi a ser... pego a garotinha insegura pela mão enquanto abro a gavetinha do meu subconsciente, enfio a ansiedade e o medo lá dentro, e fecho.

Pode ficar aí com suas incertezas e medos, sua bobona... Estou fora! Vou ali ser feliz e não volto.

Digo à garota que me olha assustada, dou-lhe as costas e abro um sorriso para um futuro desconhecido... assustador, mas que é o certo para mim.

— Mostre-me a sua casa irlandesa, soldado! — brinco, errando um pouco na dose da animação.

Os azuis-índigo estreitam não parecendo acreditar muito na minha mudança de atitude.

— Tem certeza? — Inicia uma jornada pelo meu rosto.

Vou dele para o super-helicóptero e volto para ele.

— Claro.

A mãozona engole a minha e num aperto firme encaminha-nos para a aeronave... a pele, levemente áspera e normalmente quente, está fria.

Inclino a cabeça.

— Ansioso? — espelho já aos pés da plataforma de embarque.

— Um pouco. — A boca bem-feita engancha um pequeno sorriso.

Entramos pela porta dianteira e empaco entre a cabine de comando e a área de passageiros.

Caramba!

A coisa toda é luxuosa e negra do piso ao teto... Eu esperava fileiras de assentos para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passageiros, não uma sala executiva com poltronas de couro giratórias posicionadas em círculo ao redor de uma mesa de centro brilhosa... Esperaria tal requinte de um sheik das arábias ou um CEO poderoso, não de um soldado bruto. Até a cabine do piloto, repleta de traquitanas de comando e luzes, parece adaptada... espaçosa e confortável.

— Uau! Isso aqui é...

— Um Bell 525, rotores reforçados, duas turbinas, 260 Km por hora, autonomia de quatro horas, um híbrido totalmente blindado, estabilizadores horizontais e trens de pouso retráteis como nos aviões. — Sua explicação técnica e nada é a mesma coisa.

Querido, não sou uma soldada, fale em inglês, não militarês^[142].

— Legal. — Sorrio fazendo cara de que entendi tudinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou uma sondada rápida fixando-me na tevê de tela plana ao fundo e no notebook sobre a mesa de centro. O pobre helicóptero camuflado é um capengo perto desse.

— Rolou um upgrade aqui, hein.

— Fiz algumas adaptações... vêm de fábrica com vinte assentos, não preciso disso tudo.

Opa!

— É seu?

— Nem sempre é fácil sair por terra de Cong... ter um helicóptero facilita.

Óbvio, claro que seria dele.

— Cong?

— O vilarejo para onde vamos, no condado de Galway.

Oh...

Nunca ouvi falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faça as honras. — Indica o lugar ao lado do piloto.

Olho para o assento, para os lados e para os fundos.

— E o copiloto?

— Somos só nós.

Engulo em seco e seguro-me para não rir de nervoso.

— Não se ofenda... Longe de mim duvidar das suas habilidades de pilotagem, mas esse negócio é umas dez vezes, maior do que o helicóptero em que viemos e Romeo foi o copiloto de Max. — Forço os pés testando o assoalho. — Parece meio pesado.

— Já pilotei maiores, mas se não confia em mim, podemos ir no piloto automático. — Ri como se a minha agonia parecesse piada e aí que me apavoro. Com um Capitão fodidão no comando,

PERIGOSAS ACHERON

já fico temerosa, quem dirá sem ninguém. — Vai...
senta. Uma vez no ar, ele voa praticamente sozinho.
Não posso decolar com você parada em pé no
corredor.

Sento dura como uma tábua e fecho o
cinto de segurança.

Hum... macio.

Os próximos minutos são ocupados com
Dante se comunicando com a torre de controle
enquanto aperta uma infinidade de botões e
traquitanas, checa medidores e vira interruptores
que dão vida ao painel que ocupa toda a parte
frontal e superior da cabine... uma confusão de
luzes multicoloridas e pequenos bipes começa a
agitar. Impressionante com certeza, mas nem se
compara à imagem destruidora dos meus miolos à
minha esquerda.

Mesmo que quisesse, não consigo

disfarçar o fascínio diante do perfil barbado todo sério, compenetrado e com fones de ouvido que fazem do Capitão um tipo novo de sexy. Ele fica ainda mais delicioso e masculino nessa coisa de piloto... e como uma plateia empolgada diante de um show, minhas partes felizes se juntam com todo o meu resto numa saraivada de palmas. Comprimo as pernas bem juntinhas tentando conter a euforia devassa entre elas.

Que vontade de lamber esse homem todinho...

— Tudo bem? — Aperta um comando e engrenagens silenciosas começam a girar os rotores.

Hã?

Com uma cara de: *O quê?*, libero os lábios que nem percebi que estava mordendo.

— Está vermelha. — Inclina a alavanca e

começamos a subir.

— Aaaah... só calor. — Abano-me.

Sem dizer nada, a cabeça morena apenas assente, mira no marcador de temperatura a dezoito graus e com um sorriso sutil e presunçoso, volta a se concentrar no painel.

Cretino!

Agarro instintivamente as laterais do assento quando o helicóptero faz uma inclinação acentuada para a esquerda deixando o Corpo Aéreo para trás.

Entramos em um silêncio contemplativo da vista aérea de Dublin e suas transformações gradativas onde a área urbana, com sua cultura vibrante, vai ficando escassa para dar lugar a um cenário de tirar o fôlego com paisagens verdes e bucólicas.



PERIGOSAS NACIONAIS

Atendendo a um pedido meu, Dante inicia um sobrevoo rasante. Há dez minutos avisou que tínhamos acabado de entrar no espaço aéreo de Connemara... mais um pouco e chegaremos em Cong.

Deus, que agonia lascada...

Insisti, implorei, chantageei... e nem por decreto, o desalmado disse o que vou encontrar no vilarejo. Prestes a pegar um paraquedas e cair fora, perco o fôlego...

Aaaah... muito melhor ao vivo.

Kylemore Abbey^[143] surge no horizonte... Meu sonho de consumo turístico, desde que vi as imagens espetaculares do lugar estampadas em um site de turismo.

Fico impotente diante da magnitude da vista... ao pé de uma montanha de vegetação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abundante, um castelo em estilo gótico tem seus traços refletidos nas águas cristalinas do lago a sua frente... deslumbrante sem dúvida, porém mais espetacular em sua história. Lá por volta de 1860, Mitchel, um irlandês apaixonado, comprou o terreno por um preço irrisório de treze mil libras e no lugar de uma casinha de pescadores, construiu o castelo para a amada esposa, Margareth.

Depois falam que não existem homens românticos! O sujeito construiu um castelo como prova de amor! Dá pra acreditar? Pena que o casal viajou para o Egito, Margareth foi picada por um inseto e morreu^[144].

Que tristeza, viu.

Romeu e Julieta, Otelo e Desdêmona, Paris e Helena, Bentinho e Capitu^[145]... *Credo!* Será que todas as histórias de amor verdadeiro acabam em tragédias?

PERIGOSAS ACHERON

— Em Cong tem farmácia?

— Tá com dor? — O rosto preocupado do Capitão esquece o horizonte e volta-se para mim.
— Precisa de algo específico?

— Repelente — digo aborrecida e urgente.

Olha-me como se eu tivesse perdido a mente e irrita-me.

Droga! É tão óbvio!

Sou uma produtora, poxa! Gosto de estar preparada... Estava crente que ficaríamos em Dublin, caramba! Se ao menos, o cretino tivesse dito para onde iríamos... não teria feito a malinha mixuruca que fiz.

— Disse que Cong é uma reserva ecológica... não quero que nenhum mosquito me pique e acabe com a festa. Preciso de repelente.

— Ok. — Continua a encarar como se eu fosse louca. — Tenho certeza de que a Judy tem

um armário cheio deles, não se preocupe.

Preocupo-me e muito.

— Judy? — Subo uma sobancelha acusatória. — Quem é essa?

Um sorriso puxa os lábios dele.

— Vai conhecê-la.

— Só isso? Vai conhecê-la?

— Hum-hum... por que não para de ser tão curiosa e senta aqui? — Bate sugestivo no colo.

Titubeio, mas não caio.

— Safado! — Soco o braço tatuado. — Tá sendo bonzinho, só pra eu parar de encher o saco sobre Cong, não está?

— Estou... — O sorriso amplia cafajeste. — Essa boca tagarela está me dando nos nervos e lembrar da história do castelo me deixou imprudente. Quer ou não quer? Não era esse uns dos seus fetiches? Pilotar sentada no colo do

PERIGOSAS ACHERON

comandante?

Era simmmmm!

Com um sorriso de orelha a orelha, desato o cinto e salto como uma rã para o colo dele.

Ui... olááá, senhor míssil!

Remexo o traseiro, adaptando-me a dureza inesperada embaixo dele.

Tudo bem que pilotar parece excitante, mas desse tanto?

— O que eu faço? — Ajeito a coluna.

— Primeiro, me obedeça. Segundo, não perca a concentração.

— Obedecer e não perder a concentração... ok.

Com a mãozona esquerda ativa uma série de botões de comandos.

— O que está fazendo? — pergunto como a aluna aplicada que sou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acionando o governador... tá vendo essa alavanca aqui? — indica uma barra comprida a sua esquerda. — É o coletivo e na empunhadura fica o manete do RPM. Eles dão estabilidade e controlam a velocidade dos rotores, estou colocando-os no automático para nos concentrarmos nisso aqui, o cíclico — explica sobre a outra barra que segura com a direita, uma espécie de joystick preso ao painel de controle à sua frente... É a nossa direção, para as manobras de deslocamento.

— Entendido, Capitão!

Bato uma continência, mesmo sem entender uma vírgula do que disse de novo.

— Pronta mesmo, Bad Girl? — Olha-me desconfiado. — Tem certeza?

Ai, Jesus, isso é tão legal!

Quem liga pra detalhes?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Positivo, comandante! — confirmo mais que empolgada.

Dante balança a cabeça e ri.

— Caralho, devo estar ficando maluco. — Puxa uma respiração pesada, que formiga a pele do meu pescoço. — Vamos lá... Está vendo aquelas duas montanhas no horizonte? — pergunta e assinto animada. — Atrás delas fica Cong, guie-se por elas. Coloque a mão abaixo da minha.

Obedeço e meu rosto enrubesce assim que seguro no comando emborrachado e a mãozona escorrega para recobrir a minha... Há algo muito erótico na ação. É como se nós dois juntos estivéssemos indo para masturbar o objeto fálico.

Fico inquieta, atçada e ciente de cada milímetro do homem cheiroso e gigante grudado a mim.

Com uma inclinação de pulso para frente e

PERIGOSAS ACHERON

uma pressão suave do punho, Dante conduz minha mão para a esquerda e direita... meu coração para e dispara.

Uau!

É incrível!

O helicóptero começa a fazer uma dança lânguida e sensual no ar... Arquejo entre palpitações desconexas... é impossível fingir indiferença quando o vai e vem provoca um roçar do meu traseiro contra a ereção crescente.

— Isso... — Os fios macios da barba instigam meu pescoço. Fecho os olhos. — Viu? Não é força, é jeitinho... delicadeza, amor... Com o toque suave e a pressão certa, ele se rende a você — a voz insinuante sussurra em meu ouvido.

Arrepio-me e volto a mirar no horizonte bucólico espetacular. Cachoeiras, lagos, falésias... pássaros que partem em revoada, assustados com o

voo do nosso pássaro gigante e negro.

Depois de um tempo guiando-me e instigando-me com beijos molhados no pescoço e nuca... a mão sobre a minha afrouxa dando-me mais autonomia... *Caramba!* A sensação de domínio e controle é poderosa e esquenta minha alma. Tudo à nossa volta é tão verde e vibrante... sinto-me viva, elétrica e com todas as células do corpo em alerta.

Uau!

Pilotar não pode, é excitante.

— Agora é com você.

Uh o quê?

Jesus, Maria e José...

Um minipânico dá um alô deixando-me tensa e nervosa. Dante concede o comando e em troca, infiltra a mão sob a barra da camiseta que uso, planando no meu estômago... A pele áspera e

PERIGOSAS NACIONAIS

quente toca a minha... todos os meus pelinhos eriçam... Entro em alerta sexo vermelho.

O que esse homem pretende?

À beira de enfartar com o excesso de emoções e do tesão crescente, grudo a outra mão no joystick... os nós dos meus dedos chegam a embranquecer no esforço de ignorar as carícias provocantes na barriga...

Ignore-o... ignore-o... ignore-o...

Morrendo de medo de provocar um acidente, mordo os lábios e foco nas montanhas. As mãos abusadas continuam explorando e fazem a coisa realmente complicada no campo da concentração... Para uma principiante, nível abaixo de zero menos dez como eu, é um teste e tanto, não perder o prumo quando o safado coloca a boca carnuda e barbuda na minha nuca e chupa molhado.

Filho da mãe!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Danteeee... — gemo e contorço-me como uma minhoca.

Com uma risada sacana, que reverbera no útero, o ataque bucal intensifica subindo para a orelha... e num golpe baixíssimo, diga-se de passagem, chupa gostoso, para depois, morder a parte molinha...

Eu-mato-esse-bandido!

Soluço baixinho e sincronizado com o clitóris que pisca... as mãos possessivas vão do estômago para os seios, apertando-os... *Deus!* Outra piscada em meu núcleo central... Atônita, não sei se grito que pare ou imploro que continue... *Tá gostoso demais...* Por sobre a redinha fina do sutiã, os bicos, já entumecidos e carentes, são pinçados e retorcidos. *Já era, acabou...* Perdemos a companheira calcinha... a coitadinha desertou ficando mais molhada do que aquele lago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá querendo nos matar... — Mais gemo que reclamo.

Os polegares não só ignoram o meu protesto, como fazem círculos nos meus mamilos. A luxúria atinge o ápice.

Droga, que tesão!

Precisando tocá-lo... largo o comando e no mesmo segundo, mergulhamos no vazio do céu... *Ai, meu Jesus amado!* Numa reação instintiva, projeto o corpo, tento agarrar a barra de novo, mas perco equilíbrio e acabo escorregando por entre as pernas dele.

Com o coração na boca, espio sem entender... Como se nada de extraordinário estivesse acontecendo, Dante alcança o joystick, levanta a outra mãozona, puxa uma alavanca, aperta um botão verde e estabilizamos.

Solto o ar.

PERIGOSAS ACHERON

Obrigada, Senhor... te devo uma.

— Tá tudo bem com você?

Não sei.

Abaixando a cabeça, faço um autoexame dando-me conta da situação patética na qual me meti... Uma péssima aprendiz de piloto, quase suicida e agora, entalada e de joelhos em um casulo de pernas poderosas, fuselagem e fios elétricos.

No meio do caos, sei lá o que me dá... desato a rir de alívio, gratidão e excitação. Ainda consigo sentir os dedos safados provocando os meus mamilos.

— Não tem graça, Beatrice...

Olho automaticamente para o dono da voz ameaçadora, que combinada ao semblante austero, traz à tona o Capitão Putão que ele é.

Engulo o riso, mas não respondo.

O que não tem graça é me bolinar ao

PERIGOSAS NACIONAIS

ponto de me fazer perder o controle.

Penso numa ofensa, penso mais um pouquinho, mas começo a perder o foco com tantas informações mais interessantes ao meu redor.

— Nunca largue o comando... desse jeito.

Segura firme a alavanca num gesto demonstrativo e inútil. Já estou em outra dimensão, onde sou só tesão potencializado pelo perigo. Dizem que diante da morte, damos valor às pequenas coisas... discordo... Cresço os olhos para o míssil enorme, duro e todo engatilhado.

Meu precioso...

— Não... nem pense nisso! Não olhe para ele assim! — Exasperado, a mão passa pela testa descendo pela lateral barbada até o pescoço. — Chegaremos em vinte minutos, sem tempo pra fodas.

Tiro os olhos do precioso e o fuzilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então dê a ré e arrume tempo — rebato prática que sou. — É humanamente impossível desembarcar em Cong no meu estado.

Gargalha, claramente não entendendo a urgência real da coisa.

Cretino desalmado!

— Se não queria me comer, por que me deixou excitada desse jeito?

— Um esquentar para mais tarde, quero que te mostrar tudo prim...

— Mais tarde, uma pinoia... — interrompo. — Sinto muito, não vai dar.

Desesperada, tomo uma atitude extrema. Abro o meu zíper e a cara barbuda cai embasbacada... ignoro-a e rebolo para baixar o jeans e a calcinha molhada, tomando cuidado para não esbarrar em nada.

— O que está fazendo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo chocado, o safado afasta mais as pernas para abrir espaço e me assistir melhor.

— Não vou excursionar por aí sexualmente frustrada. Preciso de alívio.

— Puta que pariu!

Assombrado, mas, bem mais excitado, escancara de vez o coxão.

— O míssil. Preciso dele também... me dê.

— O quê? — Os azuis-índigo dobram de tamanho. — Vai se masturbar e me chupar aqui? — diz, como se fosse absurdo.

Reviro os olhos, como se fosse óbvio.

— Vou, qual o problema? Tem alguém olhando, por acaso? Quase derrubei essa joça e nos matei... Preciso relaxar e você também. — Aponto o queixo para a ereção gigante e tensa. — De jeito nenhum, vou deixar você desfilar por Cong com esse King Kong. — Sou decisiva no trocadilho. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só baixe a meleca da calça, libere esse pau de uma vez, trate de pilotar para nos manter vivos e o resto deixe comigo. Ontem foi você no comando, agora sou eu.

— Caralho, você é muito maluca, Beatrice Wild... — *O Sorriso* explode orgulhoso. — Suas insanidades só me fazem amá-la mais.

Derreto-me pelo amor crescente e sorriso por ele estar certo.

Não tenho muito juízo no quesito sexo com o Capitão, confesso... mas em minha defesa, digo que esse sorriso só piora as coisas.

— Temos pouco tempo... o míssiiiil — exijo animada.

Nossa, nem acredito que vamos fazer isso nas alturas!

Sem descuidar do comando do helicóptero e sorrindo como um tarado prestes a aprontar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante escorrega a bunda para a borda do assento, melhorando muito o meu ângulo de acesso.

Hummm... homem cavalheiro, gosto disso.

Numa acrobacia quase selvagem... agita a mão esquerda e os quadris, abre e começa a descer o jeans.

Opa!

Como uma criança ansiosa, puxo e deslizo ao mesmo tempo, calça e boxer pelas coxas fortes e peludas na dose certa... os tecidos escuros acumulam-se nas panturrilhas grossas. Mordo os lábios com a visão do paraíso... bendito sejam os frutos... acaricio as bolas macias e um pau cheio de atributos pulsa.

Repelente!

Eu preciso de repelente!

Recuso-me a morrer e deixar os meus tesouros para serem descobertos por uma

PERIGOSAS ACHERON

aventureira qualquer.

O quadril masculino remexe impaciente.

— Vem ou não vem? — rosna.

Minha menina má toma posição e sorri em um sim com segundas intenções.

Como vingança pela malinha mixuruca e a bolinagem suicida, começo bem devagarinho pelo saco. Torturo-o lentamente num apalpar sensual, arranho as unhas para depois lambê-lo bem molhado... Um som masculino, arranhado e rude ressoa. Os coturnos quarenta e quatro fincam no chão e num impulso de virilha, tenho suas delícias redondas esfregando-se na minha cara... Nem um pouco ofendida pelo tapa escrotal, chupo cada uma das bolas a exaustão, adorando o modo como a cabeça morena inclina para o lado e cai para trás, denunciando um Capitão lutando para não perder o controle.

PERIGOSAS NACIONAIS

Satisfeita com o efeito torturante das preliminares... seguro o míssil... abocanho... e ele urra:

— Cacete... isso, me engole... porra!

O helicóptero trepida, logo estabiliza, mas injeta-me outra onda de adrenalina, os meus batimentos entram em rotação acelerada... é impressionante como o proibido e o perigoso apimentam as coisas... Empolgada com os sons guturais e rústicos... ocupo-me de cada pedacinho do míssil. As coxas dele arrepiam quando vou da base à ponta delineando as veias.

Repito a dose, mirando no rosto suado, que se esforça para não perder o rumo do voo e que fica todo lindo com a boca e cenhos franzidos de prazer.

— Treas, porra... essa chupada tá épica — grunhe ao notar a atenção concedida.

Aprazia-me que eu não seja a única a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofrer com os efeitos eróticos da altitude e engulo o pauzão de novo, chupo numa sequência forte e rápida... quase afogo e um novo urro vem. Tiro-o para respirar, rodeando a língua pela glândula e volto mais fundo batendo na garganta... Dou a ele o mesmo atendimento canibal VIP que recebo. O cheiro almiscarado do seu sexo, torna-me voraz, gulosa mesmo.

Chupo, chupo, chupo, chupo, deliciando-me com o gosto selvagem... generosa, porque ele é meu, dou o meu melhor... acelero o ritmo como ele faz, só para me enlouquecer.

Em meio às porras, caralhos e fodas, uma frase bate rude e forte:

— Caralho... mete a mãozinha nessa boceta encharcada, mete... Faz ela cantar pra mim.

Hã?

É mesmo... tem eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem descuidar do boquete e autodidata que sou, toco-me lá, umedecendo os dedos e indo direto ao ponto... Começo um dedilhar escorregadio pelo clitóris numa sinfonia molhada.

— Esse som é o céu... — murmura numa rouquidão pesada.

Capricho em nos dar prazer... como já era esperado, venho rápido... e entre gemidos lânguidos e sufocados... gozo e chupo... gozo e chupo... gozo e chupo... a respiração dele endurece e sigo mamando o pau que fode a minha garganta sem dó.

Com lágrimas nos olhos e o corpo trêmulo, alterno as chupadas, com carinhos melados nas bolas e batidas ocas do míssil nas laterais internas das bochechas... O abdômen trincado estremece... os músculos das coxas retesam e impulsionando quadris... ele goza, perde o controle e... arremete o helicóptero em uma manobra pirotécnica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assusto com o sobe, gira, desce e estabiliza... quase engasgo com os jorros de sêmen, mas mantenho-me firme, obstinada a sugar até a última gota.

— Porraaaaaaaa, Treaaaaaaaas! — urra dando o espasmo final.

Delícia de homem!

Exausta, mas satisfeita, libero o pau e deixo a testa repousar no couro gelado entre as pernas trêmulas do Capitão... Descargas de prazer ainda correm por mim, num formigamento generalizado. *Tão bom.* Respiro profundo saboreando o rescaldo do orgasmo.

Acaricio as panturrilhas grossas e... baixo o olhar para um detalhe não visto na luxúria do momento, um coldre está atado a uma delas escondendo a arma... Oprimo o desejo de tocá-la. *Então, é aí que tem ficado escondida, sua danada!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que a carrega constantemente, mas desde aquele dia no *food truck* que não a via.

— É necessário.

A voz de barítono e uma carícia suave no meu cabelo faz-me erguer a cabeça para encontrar os azuis-índigo brilhantes.

— Eu sei. — Sorrio compreensiva.

Ainda não gosto de armas, mas as respeito em Dante. Protetor como é, não tenho a ilusão de que desfile comigo por aí, sem estar preparado.

— Estamos chegando. Por que não sobe aqui... quero que veja.

Oh... a minha casa irlandesa.

— Num segundo... — Camuflo a emoção.
— Por favor, passe a minha bolsa e não olhe para cá.

Entendendo que preciso de um pouquinho de privacidade para me recompor... Dante assente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estica o braço capturando a bolsinha recheada de lenços umedecidos, entregando-me.

Em silêncio cuidamos para ficarmos apresentáveis... Já recomposta, guardo a escovinha de cabelo e os lencinhos para serem descartados em um saquinho. Fecho e jogo a bolsa que aterrissa no assento do passageiro. Arrasto-me para fora do casulo... levanto um pouco instável... e antes de voltar para o meu lugar, inclino sobre o corpão e deposito um beijo rápido nos lábios do homem que amo.

— Obrigada por embarcar nas minhas loucuras — murmuro sobre eles.

— Sempre... por você tudo. —
Surpreende-me com a intensidade no tom e um tapa na minha bunda, agora coberta. — Vai... senta lá, minha Inglesinha maluca.

Obedeço e elogio sobressaltada:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, meu Deus! É linda...

Em um vale, entre duas montanhas, uma pequena e bucólica vila exhibe-se aos meus olhos... Há um rio cristalino, repleto de corredeiras e pequenas pontes côncavas serpenteando o lugar... De uma praça central, uma teia de ruas estreitas, em paralelepípedos, espalha-se ao redor como os raios solares incrustados em um mosaico. As casinhas, em sua maioria térrea, são de pedras calcárias amareladas. Há floreiras nas fachadas formando um jardim único e multicolorido.

— Vê aquelas falésias delimitando o vale... o mar fica atrás. Uma hora de caminhada.

Oh... amo o mar.

Inclino a cabeça e sorrio encantada para o meu guia turístico.

Meu peito chega a querer explodir de amor. Ele é tão divino depois que goza... tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

masculino quando pilota e tão, mas tão interessante por não ser tradicional no sexo.

Aaaaah... merda!

Suspiro.

Muito mais apaixonada do que antes, vasculho cada detalhe tentando encontrar, entre as dezenas de casinhas fofas, uma que se pareça com o que imagino ser *a minha casa irlandesa*... nada... É meio surreal pensar que um ogro gigante e brutamontes como o Capitão possa habitar em alguma das delicadezas lá embaixo.

— Todo o comércio e atividade local concentram-se na praça ou em torno dela... não há muita coisa. Se bem que temos um pequeno hospital, um cinema, um museu minúsculo e até uma biblioteca criada na escola pela Judy.

Olha o carinho implícito por essa Judy aí de novo...

PERIGOSAS ACHERON

Absorvo o ciúme e não digo nada.

Ao lado da igreja, em estilo gótico, noto o prédio quadrado de três andares... seu revestimento em vidro escuro espelhado afronta toda a arquitetura local. É meio ostensivo, mas...

— É ali que mora?

— Não... aquela merda é a nova sede do conselho local. Não sei onde o Primeiro-Ministro estava com a cabeça para nomear um canalha como o Joseph McCallun como administrador da vila. O bosta deveria se preocupar com o bem-estar da população, não em gastar dinheiro público na construção de moradia oficial.

— Mesmo no paraíso se tem problemas, né. — Enrugo o nariz.

— Pois é... alguns. — Inclina o helicóptero à esquerda indo em direção às falésias. — Ficamos a cinco quilômetros entre a vila e o mar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficamos?

Meu Deus, os dez filhos...

— Vai ver...

Esse é o meu medo... O que eu vou ver?

Penso mas me resguardo.

— Lá... à sua direita.

Giro para a direção apontada. Pressiono os olhos para focar melhor... entre árvores exuberantes e espessas, um braço de rio que se abre em um lago... algumas áreas que me parecem de cultivo, há duas clareiras... uma menor, com outro helicóptero mais simples e outra enorme e que me deixa confusa... uma série de casas e edificações em círculo... como uma aldeia de concreto. Um lugar isolado e protegido, certamente um paraíso ecológico. Encaro um Dante relaxado... Como diabos esse homem veio parar numa tribo? Modernizada, ok... mas uma tribo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma tribo?

— Comunidade, chamamos de casa. — Sorri e depois assume um ar zombeteiro. — Ou... *Chaos Paradise*^[146]... coisa do puto do Bruxo, mas combina. As coisas ficam agitadas por aqui. — Gargalha.

Com outra inclinação... faz um giro lento preparando-se para pousar.

— Você mora com ele?

— Nós somos o Chaos. — Dá outra gargalhada.

Franzo a sobrancelha sem entender. Ele não diz mais nada e eu também não pergunto. À medida que vamos descendo e nos aproximamos do solo, meu coração volta a acelerar... noto uma movimentação em meio às árvores... um exército de pigmeus de todos os tamanhos e etnias corre e salta enlouquecido em direção à clareira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cada vez mais confusa, direciono-me aos olhos índigos, que estão explodindo em alguma emoção forte... quase marejados.

— São crianças?

— Já foram um dia... agora são sobreviventes como eu e Luke.

Oh... Deus.

Nossos olhares cruzam... Assinto minha compreensão silenciosa, com um sorriso triste.

Não parecendo querer se estender sobre isso, Dante ocupa-se da aterrissagem. Respeito e apenas o observo... A dimensão descomunal da palavra dita atinge minha alma.

Sobreviventes...

Meu peito encolhe num sufocamento angustiante... fraquejo. Viro-me para a janela, fingindo olhar os pequenos que chegam em bandos... são tantos... Parecem bem e felizes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Emocionada... começo a chorar do puro encantamento que a imagem traz.

Se fosse possível explodir de amor, respeito e admiração por alguém, eu o faria. Não preciso que o Capitão diga o que andou fazendo, eu sei... ele é um anjo, o meu anjo. Também fui resgatada e salva por ele naquele dia no parque... Estava perdida e não sabia.

Lembranças de imagens vistas, mas jamais vividas, trancam minha garganta... guerra, sofrimento, abuso, fome, miséria, violência, dor... e morte. Mordo os lábios para fazer as lágrimas pararem, mas não consigo... então, deixo que fluam e escorram livres.

Sobreviventes como eu e o Luke.

Deus!

As cicatrizes dele... são tantas... Estamos tão acostumados a olhar apenas para a superfície do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro, que nem nos damos conta de que as marcas que carregam na pele vão além... são só a ponta de um iceberg de vivências, muitas vezes, dolorosas e traumáticas.

Um baque suave indica que tocamos o chão.

— Treas... tudo bem?

Volto-me para ele e abro um sorriso de: *tudo bem.*

— Não chore — pede preocupado enquanto se apressa em desligar os comandos.

Limpo as lágrimas com as mãos.

— Choro porque eu te amo. — Deixo meu coração comandar. — Amo cada célula desse homem incrível que é.

Os rotores param e num movimento apressado, ele desata o cinto e vem pra mim... livra-me deles e sou içada e esmagada em um abraço

PERIGOSAS ACHERON

forte.

— Ei... não te trouxe aqui pra ficar triste... Tudo isso é bom. — Ergo o rosto quando o polegar calejado vem para coletar uma lágrima. — Não me olhe assim. Estou bem.

— Sei que está... — Ergo as pontas dos pés e o beijo castamente.

A segundos de nos beijarmos mais fortemente, batidas explodem na porta... ambos viramos o rosto ao mesmo tempo.

— Essas crianças sabem insistir quando querem. Melhor sairmos antes que invadam isso aqui.

— O caos no paraíso? — brinco.

Com uma manobra, puxa a barra da camiseta para enxugar minhas lágrimas.

— Pois é. — Sorri quase doce. — Só pra constar, senhorita. Também amo todas as suas belas

células.

Ri e finalmente abre a porta. Paraliso com a bagunça... Assim que Dante finca os pés na grama, ele é rodeado por uma algazarra de sorrisos, gritos e abraços. Fico parada, ainda dentro do helicóptero, absorvendo a cena inimaginável... em vez dos dez filhos, ele me vem logo com um batalhão... Sorrio. Acreditava que muitas de suas missões envolviam salvamentos, mas jamais poderia supor um novo lar para refugiados. O Capitão parece um *Peter Pan*^[147] adulto retornando à *Terra do Nunca*^[148]...

— Seu bastardo pulguento! — Uma voz nova e muito, muito profunda muda o meu foco.

Meu Deus! Que confusão de cabelos e barba é essa?

— Bruxo folgado!

Dante afasta carinhosamente um garotinho

ruivo, preso a sua cintura, e embrenha-se entre as crianças em direção ao homem.

Luke?

Embasbacada... olho, olho, olho e mal consigo ver os traços, que parecem ser belos, debaixo de tanta selvageria. Meu queixo cai e quase gargalho. *Aaaaff...* o meu conceito de assustador está errado... a rusticidade ogra do Capitão é um sonho encantado diante desse viking das cavernas de quase dois metros de altura.

Um choque de muralhas acontece quando os dois se abraçam.

— Precisa de um banho, porra! — Dante se desvencilha do amigo.

— *Dul Fuck*^[149]! Acabei de carregar um cervo ferido — Luke grunhe ofendido. — Até que enfim resolveu me ouvir, seu puto.

Os azuis-cristalinos recaem sobre mim...

Um homem triste é a primeira coisa que me vem à mente. A profundidade melancólica em seu olhar me causa compaixão, entretanto, tenho uma sensação de simpatia e reconhecimento imediatos.

Aceno timidamente para ele, que retribui com um projetar respeitoso do queixo, se houver um embaixo desse matagal de pelos, claro! É... apesar de assustador e sujo, meu sexto sentido diz que é um bom amigo para o meu Capitão.

— Rapazes... vão ter bastante tempo pra atazanar um ao outro! Luke, deixe-me abraçar o meu outro filho! Meu Deus, que curativo é esse na sua sobancelha?

Hã?

Uma senhora de cabelos brancos presos em um coque e de traços gentis, infiltra-se entre os dois.

— Não foi nada, Judy. Trouxe uma

surpresa para você.

Judy?

Deus, que vergonha!

Já estava até preparando meus chinelinhos de ataque, para expulsar a concorrência.

A senhora direciona os azuis-cristalinos na minha direção e um sorriso satisfeito curva seus lábios.

— Deus ouviu as minhas preces. Louvado seja! Eu sabia que esse dia chegaria... Venha cá, Beatrice. — Gesticula incentivando-me. — Não seja tímida. Deixe-me dar uma boa olhada em você, moça bonita.

Como se as palavras dela fossem encantadas, dezenas de boquinhas se calam e olhos curiosos me devoram. Completamente sem graça, pulo do helicóptero e aproximo-me lentamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Judy é uma graça! Que mulher! Em um abraço fiquei completamente apaixonada por ela. Sua energia é tão boa, mas tão boa, que deixei que me apertasse como bem entendesse. No curto caminho, de menos de vinte minutos, entre uma clareira e outra, manteve-me cativa... Enquanto Dante e Luke foram na frente, provavelmente colocando os assuntos em dia e sendo ferrenhamente disputados pelas crianças, que se alternavam para segurar nas mãos de ambos... nós duas seguimos atrás, de braços dados, pela mata exuberante e selvagem.

A vida é uma coisa louca.

Há um mês, eu ansiosa no meio de uma selva irlandesa, indo conhecer o outro lado da vida do Capitão, seria piada. É como se tivesse caído de

paraquedas em *Nárnia*^[150]... um dia entrei no meu closet e atravessei um portal para outra vida... até eu me sinto diferente. Mudei, no segundo em que preguei os olhos em Dante, naquele parque.

Tinha me esquecido do poder que esse cretino tem de balançar todo o meu mundo. Mentira, não tinha esquecido não... mesmo com ele longe e eu negando até a morte, a verdade é que ele nunca parou de chacoalhar as coisas dentro de mim.

Antes de chegar à aldeia fiquei sabendo de algumas coisas... a primeira delas é que Judy, além de doce, tem a língua solta. Ela é avó do Luke. Por muitos anos, morou e foi professora na escola da vila. Hoje, leciona e cuida das crianças da aldeia... Seu marido, Jim, era o administrador de Cong e morreu há um ano. Tragédia terrível: foi pescar no mar e escorregou do penhasco. Por toda a vida, ele manteve a amizade, nascida no Exército, com o avô

materno de Dante.

O que foi interessante saber... nunca na nossa adolescência, ouvi qualquer um dos Stoirm falar de Cong ou dos Mind. *Aaah...* outra informação concedida por ela. Seu nome completo é Judy Christine Mind.

Mesmo que meio óbvio, mas com meu ego precisando ouvir... Cocei-me o caminho todo, segurando minha própria língua para não perguntar porque eles, incluindo as crianças, agiram como se já me conhecessem. É estranho não ser estranha aos olhos de estranhos.

É... pelo jeito, e ao contrário de mim, o Capitão nunca teve problemas em pronunciar o meu nome.



No final da trilha, Judy me intima para o

PERIGOSAS NACIONAIS

jantar e depois de outro abraço, segue para um galpão... Aos berros de: *Aí não!* e *Por aqui!*, ela conduz as crianças como um rebanho desgarrado. Aproveito que estou livre da custódia e que os rapazes ainda estão imersos em uma conversa profunda, e espio ao redor.

As construções, que não passam de dez, são em sua maioria: térreas e bem rústicas, lembrando muito um acampamento de férias... Pelas heras e limo que recobrem as madeiras, devem estar aqui há muito tempo... Tudo é simples... não há pavimentação, apenas um intrincado caminho de pedregulhos entre a grama e as folhagens, interligando um lugar ao outro.

Tenho a sensação de estar sendo observada... escrutino com mais atenção as duas únicas casas mais ao fundo. Elas são as únicas com dois andares e uma varanda generosa. Noto

PERIGOSAS ACHERON

algumas cabeças curiosas e adultas me espiando das janelas. A mesma sensação estranha me acomete... olham-me como se já soubessem quem eu sou.

Estranho.

— O que é estranho, *milady*?

Dou um pulo de cento e oitenta graus ficando de frente para os dois gigantes. Encaro o loiro.

— O quê? Como você... — Meu cérebro dá um *tilt*... falar e tentar bloquear pensamentos ao mesmo tempo não dá certo.

O Capitão tenta conter, sem sucesso, um riso zombeteiro.

Cerro os olhos... Na boa... adoro vê-lo feliz e relaxado, mas rir da minha angústia não tem graça, então o fuzilo mentalmente. Ainda rindo e nem aí para a minha cara feia, ele chega junto e

passa o braço de forma possessiva sobre os meus ombros.

— Cuidado com o que pensa, Treas... Falei que o Viking era bruxo.

Começando a achar que Dante tem razão, dou uma boa avaliada na figura quase soturna do loiro.

Oh... merda!

Apavoro-me... Meleca... Se ele for um mentalista, estou muito lascada... Minhas bochechas pegam fogo... com o Capitão me atiçando vinte e quatro horas por dia, sou uma bomba libidinosa ambulante.

— Você lê mesmo pensamentos? — jogo na lata.

— Por Odin^[151], não. — Luke ergue as mãozonas para o alto. — O pensamento humano pode ser perverso, *milady*. Isso seria uma

PERIGOSAS NACIONAIS

maldição... sou apenas um bom observador. Relaxe... o estranho, estava escrito na sua testa.

Ah... deveria estar mesmo.

Relaxo um pouco e quero perguntar por que se refere a mim de forma tão formal, mas desencano.

— Só estou encafifada porque todos me olham como se já me conhecessem — confesso, nem sei por quê? — Esse pessoal de vocês é bem curioso.

Inclino sutilmente a cabeça em direção às casas maiores.

— É famosa por aqui — Luke revela, surpreendendo-me... e, pela primeira vez, sorri mostrando seus incríveis dentes brancos. — Culpe o nosso *whisky*... Além de ser o melhor da Irlanda, é milagroso... faz até os mais calados abrirem o bico.

PERIGOSAS ACHERON

Ah! O amigo whisky.

Boto o meu olhar acusativo para o Capitão tagarela.

— Espero que não tenha me detonado para os seus amigos — digo de cara de pau que sou mesmo.

— O quê? Claro que não! O Viking que está ficando pior que a Judy... Querem saber? — irrita-se. — Chega desse papo-furado... Logo vai escurecer e ainda quero lhe mostrar o lugar. — Volta-se para Luke. — Se quiser vir, que venha, mas se começar a falar merda vai tomar.

— Ná^[152]... — nega achando a ameaça de Dante engraçada. — Estou enjoado de tanto verde — desdenha, mas não acredito. O homem é quase um *Tarzan*^[153]. — Faça as honras, Capitão. Esse momento é seu... estou preocupado com o cervo ferido que resgatei hoje cedo.

— Caçadores clandestinos? — Dante esquece a ira para interessar-se com ar preocupado.

Ah... meu bipolar...

— Lobos.

Uh o quê?

Apreensiva, olho para a mata que nos rodeia.

— Mas, segundo a história, eu achava... — engasgo. — Há muitos deles por aqui? — desespero-me já achando que meu professor do colégio mentiu.

— Malditas e velhas *creeds*^[154]! — pragueja. — Esses ingleses não sabem de nada sobre nós. Tem medo de lobisomens, *milady*?

Hã?

Esse lobo albino está tirando onda com a minha cara?

Quase o mando para aquele lugar, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dado o tamanho da besta resolvo deixar passar.

— Está perguntando se acredito em homens se transformando em feras? — devolvo no mesmo tom debochado e ele assente. — Claro que não! Que ridículo! Quem ainda acreditaria nisso hoje em dia? — Dou uma risada nervosa indicando que, talvez, eu sim.

É a velha coisa do: *não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem...*

Olho desconfiada para os homens gigantes que bloqueiam meu sol... Assim como Dante parece um perigoso e ágil tigre, Luke lembra um aterrorizante lobo branco.

— Os irlandeses acreditam... — Luke rebate e fico sem captar se acha isso bom ou ruim. — Principalmente em lugarejos pequenos e de descendência Viking como Cong... Somos um povo cheio de crenças e lendas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio. Eu gosto de crenças e lendas.

— Só pensei que os lobos tivessem sido extintos — justifico-me.

— Na sua maioria, sim, Treas. — O dedão de Dante faz um vai e vem acariciando meu ombro. — Mas sempre restam alguns, principalmente em uma reserva protegida como Chaos. Tanto na terra, como no mar, muitas espécies nativas vivem aqui, mas é aquela velha coisa... respeite o território deles, que respeitarão o seu.

Afago o abdômen rijo agradecendo a explicação e tentativa de acalmar-me.

— Verdade. — Luke sorri com cumplicidade para Dante. — A floresta é gigantesca e o alimento por lá é farto... Acredite, os lobos têm mais medo de nós, somos o seu pior predador. É raro que se aproximem da aldeia. Aproveite o passeio, estará segura com o Capitão...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Encerra a conversa do nada, pede licença e sai correndo em direção à mata.

Aceno para o nada.

— O que foi isso?

— Luke não tem muita paciência. Cansa de interações longas.

Não entendo muito o que ele quis dizer com isso, mas assinto. Dante liberta meu ombro e apreende minha mão. Começamos a atravessar a aldeia em um caminhar lento.

— Por onde quer começar?

— Sei lá, você que é o local aqui. — Pressiono os lábios. Tenho um milhão de perguntas, mas não faço ideia de como começar. Penso e decido por um início mais ameno. — Quantas crianças têm aqui? São de onde?

Dante sorri.

— Quarenta e três. A maioria sudanesas e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do Oriente Médio... Ali é o alojamento delas... —
Indica uma casa mais ao centro.

Passamos um tempo circulando... Dante explica a função de cada uma das construções: escola, ambulatório, um pequeno empório, refeitório, administração e moradias... não é muita coisa e a estrutura enxuta lembra mesmo a de um acampamento.

— Não tenho mais muito o que mostrar por aqui... vamos para a parte divertida.

Arrasta-me em direção a uma trilha que começa entre os casarões.

— Qual parte divertida?

— O meu lugar... estou ansioso para mostrar-lhe.

Sorrio como um disfarce para a angústia que cresce desde que pousamos... *Droga!* Pelo jeito, a vida dele é bem enraizada aqui... como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

diabos vou conseguir conciliar minha vida em Londres com tudo isso?

Suspiro começando a sufocar. Titubeio a alguns passos do início da trilha.

Dante solta minha mão e com preocupação, passa o braço pelas minhas costas.

— Respira, Treas. Sei que é muita informação...

— Não, não é... preciso delas — interrompo e recomeço a andar decidida na frente dele. — Tenho uma ideia do que faz aqui, mas não quero mais ficar na base de suposições. Leve-me até a sua verdade.

Com um passo apressado, ele me alcança e volta a enlaçar a minha mão. Escaneio o chão de terra batida em busca de insetos ou cobras... nada.

— Vou dar-lhe a verdade... estamos indo em direção a ela.

PERIGOSAS ACHERON

Oh... Graças a Deus.

— Ok, então... — Respiro mais calma, mas continuo atenta ao chão. — Nossas bagagens estão onde?

— Em casa.

Ótimo.

A primeira coisa que farei, assim que chegarmos, será calçar meias longas e um tênis.

Droga!

Eu não trouxe um tênis, nem meias.

— Estamos longe? — pergunto sonhando em pôr os pés em um piso seguro.

— Só mais um pouco... a cabana fica na beira do rio.

Jesus Amado Santíssimo... uma cabana no mato?

— Tem aranhas lá?

Ele aperta minha mão em sinal de apoio. Ao contrário de meu pai, Dante sempre respeitou minha fobia por seres rastejantes e assustadores.

— Relaxa, Treas, é mais fácil encontrar ratos e baratas em Londres do que aranhas ou insetos na cabana. Sempre mantemos tudo limpo e dedetizado.

Assinto aliviada, porém não muito convencida.

— Nós quem? Você e Luke? Moram juntos? — Pego outro rumo para despistar minha fobia.

— Não. — Arregala os olhos como se fosse ultrajante. — Somos espaçosos demais para dividir o mesmo lugar. Mesmo Judy tem sua própria casa.

Ah...

Lembro-me do *whisky* falante e das áreas

PERIGOSAS NACIONAIS

de cultivo que vi do alto. Como, milagrosamente, parece disposto a abrir o bico, mesmo sem estar bêbado, resolvo enchê-lo de perguntas tentando um norte.

— O que o Chaos é de verdade? — Sem parar o passo, volto-me para ele. — Quando vi as crianças pensei que fosse um orfanato, mas aqueles adultos nas casas... Deus, já não estou entendendo mais nada! Isso aqui parece um acampamento de férias e os Mind... é como se você os conhecesse há séculos, mas nunca ouvi falar deles. Com tantos lugares, por que aqui, Dante? — Estendo a mão livre para a mata.

— Parece um acampamento porque era um campo de turismo ecológico. Conheci Luke aqui em algumas férias de verão, mas nunca mais nos vimos até o Exército. Os Mind só entraram pra valer na minha vida depois que deixei a ativa.

PERIGOSAS ACHERON

Começo a ouvir o som forte de água corrente.

O rio, graças a Deus.

— Deixou as Forças Armadas para cuidar de crianças? Isso é um campo de refugiados britânico? Essas pessoas... vocês os tiraram das zonas de conflito? — despejo tudo o que posso e ele nada.

Sem responder, Dante sai da trilha principal nos levando por um caminho mais estreito. Respiro frustrada, talvez não esteja tão disposto a se abrir como eu supus.

Caramba, esse homem tá pior que aquela novela turca, que assisti... Doze capítulos para um beijo! Pra que tanta enrolação?

Seguimos calados... ele, atento à mata e eu, ao chão.

— Vamos parar e conversar aqui. Ainda

temos uma hora antes de escurecer.

Distraída, levanto a cabeça... meu queixo cai... Quatro quedas d'água, branquinhas e longas como véus de noiva, despençam de níveis diferentes de um morro formando um lago cristalino e esverdeado.

Uau.

Esqueço os insetos rastejantes e sem tirar os olhos das cachoeiras, sigo Dante até um aglomerado de pedras na beira do lago translúcido... Ele senta e depois me acomoda entre as pernas dele.

— Esse é um dos meus lugares preferidos.

— Imagino o porquê. — Encolho as pernas fincando os pés na pedra, agradecendo que o calor do corpo do Capitão diminua o friozinho que começo a sentir pelo frescor da mata.

— Te devo muitas explicações, né? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Esfrega meus braços arrepiados.

— Deve... — respondo sem jogos. — Quanto mais sei sobre você, mais fico confusa. Disse que passou pelo inferno e acredito, mas vendo tudo isso... realmente não entendo. A energia desse lugar e seja lá o que faz por essas pessoas, me parece tão positivo, tão bom... Por que demorou tanto tempo pra me procurar?

Viro de ladinho para vê-lo. Os braços tatuados me envolvem num gesto cuidadoso, dando-me sustentação na pedra coberta por limo.

— Treas, em Oxford... acredite, eu queria voltar... — Agita-se.

— Não vá por esse caminho — interrompo suave em um balançar da cabeça. — Esqueça Oxford — murmuro. — Já tivemos essa discussão e deu no que deu... não é o que mais me incomoda agora — digo, priorizando minhas verdades. Não

PERIGOSAS ACHERON

vou ficar insistindo em uma coisa que a porcaria de uma palavra de honra o impede de dizer... ele está comigo e dane-se. — Se queria voltar, por que não veio direto pra mim quando deixou o Exército?

Um som quase doloroso escapa de sua garganta, deixando-me em alerta.

— Não dava... impossível... você sempre foi luz e eu caí na escuridão. Saí fodido de lá... não era mais o homem que conhecia, nem o que vê agora. Percorri caminhos tortuosos, passei por um caralho de coisas que nem vale lembrar. — Pressiona os lábios. — O Chaos é o resultado de um longo processo.

Oh, Deus.

Surpresa com o tom e profundo e amargo de Dante, arquejo... meu coração aperta quando as palavras cruéis de Yuri vêm a mim.

— Foi na África, não foi? — Aturdida,

PERIGOSAS NACIONAIS

examino o rosto bonito em busca de um sim. — Quando disse que era um sobrevivente, a sua dor era palpável. Tendo em vista de onde a maioria das crianças vêm. — Fecho os olhos por um momento, imaginando o que pode ter acontecido. — A coisa ficou feia por lá, por isso tantas cicatrizes — em um sopro de voz, dou-lhe minhas conclusões.

Com um grunhido, assente sem entusiasmo e sinto as batidas do coração dele acelerarem.

Droga!

— Mais ou menos por aí, pequena Einstein. — Esfrega o nariz em minha bochecha e volta a me olhar, parecendo distante e incomodado. — Só não me olhe assim... Não suportaria a sua pena... As cicatrizes não são nada, meu corpo é forte de maneiras que nem eu imaginava... a dor foi mais do que física, mas esquece... — Acaricia meu

PERIGOSAS ACHERON

rosto demonstrando que não quer entrar em detalhes sobre a África. — Logo que voltamos para o Reino Unido, Judy foi ao encontro do Luke no hospital militar... — muda o rumo. — Ela me conheceu lá e bateu o pé para nos trazer para cá. Vim por inércia... estávamos no mesmo barco e muito ligados.

Toma um momento para respirar e agora seu coração metralha... Meu peito segue o ritmo e começa a doer tanto, que penso que vai partir ao meio... aperto o topo do nariz, forçando-me a não chorar... Inspiro e tiro forças sei lá de onde... controlo as emoções. Por mais duro que seja imaginá-lo machucado e vulnerável, passou... não posso fraquejar, concentro-me no hoje.

Acaricio o braço. Arrependida por ter ido longe demais na insistência.

— Não precisa continuar... relembrar

PERIGOSAS NACIONAIS

desse período só vai te machucar — digo suave depositando um beijo na bochecha barbada.

A cabeça morena agita uma negação.

— Não, só assim deixaremos o passado para trás... preciso falar e você, da verdade... — Toma outra respiração pesada. — Claro que Maggie insistiu que eu voltasse para Londres, mas decidi ficar em Cong. Não queria que você me visse destroçado, Treas.

— Eu teria cuidado de você — murmuro a verdade pura.

Os olhos profundos brilham descrentes.

— Não aguentaria, Treas. Não foi bonito de acompanhar... — fecha os olhos por um segundo. — Minha mente virou um caos e eu um revoltado... Um filho da puta amargo e com ódio do mundo. Passei muito tempo desconfiado de tudo e relutei em ter ajuda... Fui um puto no pior sentido

PERIGOSAS ACHERON

da palavra. — Sorri com amargor. — Coitados dos terapeutas, botei vários pra correr... até que um me aconselhou a ocupar o tempo com algo que me desse prazer.

Remexo desconfortável.

— Sexo? — sussurro.

Um traço de diversão surpreendente polvilha os azuis-índigo.

— Não, sua ciumenta... já te contei: o *whisky*. Já que o apreciava tanto e tinha tantas opiniões sobre como torná-lo melhor, por que não o produzir do jeito que acreditava que deveria ser feito?

Meneio a cabeça.

— É... tudo tem seu lado bom, não é mesmo? — Ensaio um sorriso. — Pelo menos, os tempos de bebedeira trouxeram algo produtivo — divago.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é, tem... — Beija a lateral do meu rosto. — Vai ver é por isso que somos tão bons no que fazemos.

Concordo e os azuis-índigo recaem nas cachoeiras... Dante alisa o queixo parecendo voar para longe... Quando penso que deu o assunto por encerrado, deixa escapar um suspiro e continua:

— Sabe... mesmo com toda a merda que aconteceu na missão do Sudão, no fim, tivemos mais acertos do que erros... Desmantelamos uma célula terrorista que traficava armas, drogas e obras de artes roubadas. Eles usavam as crianças das maneiras mais cruéis que possa imaginar, depois, se não morressem dos abusos ou nas ações terroristas, eram descartadas ou vendidas como escravas.

Um flash dos sorrisos esperançosos e felizes, que vi nas crianças, me faz lacrimejar... Vendo minha reação, a expressão de Dante fecha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Melhor pararmos. Se é pra te deixar triste, não vale a pena.

Percebo a intenção de ir embora e enrijeço o corpo mantenho firme onde estou, impedindo que levante.

— Não... é emoção, não tristeza. Continue, por favor.

Nada, nada, satisfeito, ele resgata uma lágrima que escapuliu e rola por minha bochecha.

— Depois de alguns meses em Cong, a Rainha mandou me chamar — continua a contragosto. — Durante nossa audiência, falou sobre a condecoração por bravura e uma compensação financeira. Aceitei as honras, mas recusei o dinheiro, ela insistiu e algo me bateu... — Avalia meu rosto. Finjo-me serena. — Descobri que as crianças e as famílias que resgatamos dos terroristas tinham sido levadas para um campo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

refugiados no Oriente Médio... Sabia que não teriam chances de futuro lá... Então, saí de Buckingham com uma ideia e a promessa de voltar.

— Promessa que cumpriu, já que achei no *Google* uma reportagem sobre a condecoração — deixo escapar.

Os azuis-índigo crescem acusatórios.

— Mas é muita cara de pau... — Apertame. — Sabia que me stalkeava...

Ergo ombros.

— E daí? Se sabia, então, tudo bem. — Mordo os lábios para esconder o sorriso travesso. — Vai, continua... cumpriu a promessa, voltou, e? — peço como quem acompanha uma novela, nem um pouco envergonhada por ter sido descoberta.

Dante balança a cabeça sugerindo que não tenho jeito.

Ignoro e gesticulo um: *continue*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é, voltei, mas só depois de conversar com Luke... A produção de *whisky* estava rendendo uma pequena fortuna e tínhamos a mesma sensação de que a missão do Sudão estava inacabada. — Passa o polegar sobre os meus lábios.

— Voltaram para o Sudão? — Meus olhos crescem surpresos.

— Não podíamos... — Seu rosto contrai. — Fizemos alguns inimigos por lá.

Volta a ficar pensativo, como se rememorasse os fatos em busca de palavras... espero.

— O dinheiro não era problema, mas faltava alguém que os trouxesse pra nós e um lugar... Como as áreas de plantio da cevada ficam aqui do lado, conversamos com o Jim sobre a possibilidade de comprar a reserva. A ideia inicial era instalá-los aqui na reserva e empregá-los na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

destilaria, mas essas terras eram de domínio Real. Então... fui até a Rainha e fiz uma proposta: resgate dos sobreviventes, concessão das terras e autonomia total em relação ao conselho de Cong. Um lugar pacífico e neutro, capaz de lhes prover dignidade, educação, trabalho e a liberdade de continuarem a carregar suas nacionalidades para, mais tarde, decidirem por si próprios o caminho a tomar.

— E a Rainha? — Ajeito minha lateral contra o corpo forte. — O que pediu foi um bocado de coisa... conceder-lhe tanta autonomia seria quase como declarar a independência do Chaos.

O rosto barbado ilumina-se e traços de contentamento apagam os vestígios de dor... Alivio-me... ele tem razão. Falar faz bem... nossos monstros perdem a força quando os enfrentamos.

— Sem essa de independência... Jurei

PERIGOSAS ACHERON

lealdade à Corroa, Treas. Não há volta. Sempre serei fiel e responderei à Rainha, ela sabe disso..., mas, perspicaz como é, fez uma contraproposta... concederia tudo o que pedi e ajudaria a trazer os sobreviventes sob algumas condições. Alegou que a Inglaterra ainda precisava de mim e deixou claro o desejo de me ver integrando o Real Honnor. Depois, foi irredutível sobre a compensação financeira... cedi. — Sorri. — O Chaos não é um campo de refugiados, ou um orfanato... é um lar, a nossa casa irlandesa... um recomeço para eles, como foi para mim... aqui me fortaleci, remendei as partes, coleí os cacos e voltei muito mais forte.

Ele abre um meio sorriso... eu, um inteiro. Óbvio que sempre vai doer pensar nele todo sofrido. É claro que, se eu pudesse, teria passado por tudo em seu lugar, mas não pude e não quero olhar para o passado. Não é para lá que estamos indo... prefiro mil vezes valorizar quem ele é hoje,

PERIGOSAS ACHERON

do que me lamuriar pelo que já foi. Sei que não existem palavras que possam retroceder o passado e curar todo o estrago, mesmo assim... respiro fundo e dou o meu melhor.

— Quer saber? Jack tem razão, caminhos muito fáceis corrompem e deixam-nos fracos. — Pressiono os lábios e arregalo os olhos fazendo cara de: *É verdade*. — As dificuldades te fizeram um guerreiro... Superar traumas e transformá-los em algo positivo exige uma força de caráter tremenda e isso você tem de sobra. — Acaricio o peito largo. — Mesmo com toda a dor, não deixou de cuidar dos outros. O que faz aqui é de uma humanidade sem tamanho e surpreendente. O natural, hoje em dia, é fechar os olhos para o sofrimento alheio... Há tanto egoísmo, que ajudar o próximo, sem que haja algum interesse ou compensação envolvidos, deixou de ser prioridade há muito tempo. Você é singular, Dante Stoirm. É bom, honesto, generoso e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corajoso. Um tipo raro de homem e sinto-me honrada que seja único e exclusivo pra mim. No final das contas, foi bom para você... Seus pais devem estar com um orgulho danado. Eu estou muito orgulhosa, muito, muito, muito mesmo — exagero e para que entenda bem, arremato cada um dos *muitos* com um beijo estalado na boca barbuda.

— Caralho... você daria um cabo eleitoral e tanto, Treas. — Ri, mas logo volta a ficar sério. — Foi bom mesmo para o meu corpo e mente, mas não o suficientemente bom pra voltar a ter um coração inteiro. Apesar das conquistas, ainda me sentia um fodido incompleto, sabe... Merda! — Gargalha me deixando confusa. — O porra do viking tinha razão!

— Luke?

— É... o cretino sempre acerta... — murmura e distraio-me com uma nuvem de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

borboletas brancas que passa na nossa frente. — Toda vez que jurava que nunca mais voltaria para a Inglaterra, ele resmungava que a Irlanda era só o meio e que Londres, sim, era a cura.

— Hã? — Tiro os olhos do balé das borboletas e o encaro.

— Todos temos um calcanhar de Aquiles, Treas. Perdi o meu há quatro anos em Oxford e precisava resgatá-lo para voltar a ser inteiro.

Meu coração dispara.

— Está me chamando de calcanhar? — brinco só para esconder o choque.

— Com todas as letras, meu amor. — Beija-me suave e rápido. — Você em Londres era a minha cura, sempre foi. Por isso, mesmo sem ter me dado conta, voltei... e o resto já sabe.

— O que eu sei, é do que mais senti falta.

— Dos meus talentos mundanos? — Faz

PERIGOSAS ACHERON

uma careta sexy.

— Meio difícil, né? Nem nos meus peitos tocava direito. — Reviro os olhos. — Senti falta disso... — Cutuco o peito forte. — Do meu amigo e dessas nossas conversas intermináveis, obrigada por ter se aberto comigo.

Por alguns segundos nos olhamos em silêncio.

— Também sentia falta disso — diz por fim, resvalando novamente nossos lábios.

O celular dele apita forte quebrando o momento. Vou dele para o aparelho, depois para a mata... *que estranho*.

— Temos uma torre de telefonia móvel — explica o sinal improvável. — Nem todos na região apoiam o que fazemos no Chaos e com Luke sempre embrenhado na mata, achamos por bem, instalar retransmissores de sinal. — Abre a

mensagem e vira o celular para mim.

1 9 7

Eita!

— Outra sequência... e não é que as prateadinhas estavam premiadas! — Dou risada.

— Pois é. — Concentra-se em ler o restante da mensagem.

— O que disseram? Melhor voltarmos para Londres?

— Romeo juntou essas novas sequências às outras e voltou a repassar os dados nos bancos de dados mundiais, mas até agora nada... inconclusivo. Precisamos de mais.

Meleca!

— E a velhinha? — Solto um muxoxo.

— Continua nas últimas no hospital e ainda agarrada às Babuskas. Max vai tentar os filhos dela de novo. Se conseguirem algo, aí voltaremos, se não, gostaria de ficar mais um tempo.

Mais?

Com Yuri na marcação cerrada, não seria nada mau dar uma desintegrada. *Meleca!* Penso na malinha mínima e nos chinelinhos.

— Vou precisar de meias e um tênis.

— Acho que podemos dar um jeito nisso em Cong. — Sorri esperançoso.

Droga... não resisto a esse olhar pidão.

— Ok, então. — Suspiro rendida. — Mais um tempo me parece bom. Está escurecendo. Não é melhor irmos, antes que vire um breu? Estou ansiosa pra ver a sua casa irlandesa.

— Nossa casa irlandesa — corrige-me.



Vou de Dante para a cabana, para as árvores, volto para o grandão e de queixo caído, repito todo o processo.

— Ela é... eu nunca... — balbucio e volto a cair boquiaberta.

O piar de uma coruja junta-se aos barulhos da mata, anunciando a noite recém-chegada. No meu lado direito, Dante impacienta-se e no esquerdo, a água do rio corre tranquila e iluminada por um rastro de luar.

Tudo é lindo, mas... mas... mas... o que me rouba as palavras não é a beleza do Capitão ou das árvores, de copas largas, ou da vegetação densa. É ela... uma casa de dois andares, feita com toras de árvores, que reina solitária e majestosa, em meio a tudo isso.

Olho para a rampa sinuosa, demarcada por lamparinas, que se eleva até uma varanda inferior e as portas de entrada. No segundo andar, uma outra varanda, em escala menor... Não é uma casa enorme, só é... perfeita.

Deus, quantas surpresas mais, meu Capitão Tarzan guarda na manga?

— Porra, Treas, fala alguma coisa! —
impacienta-se.

Ignorando as bufadas no cangote, avanço, subindo os poucos degraus que dão acesso à rampa... toco os corrimãos sentindo a madeira maciça. Estão úmidos e frios do orvalhar da noite.

Uau!

— Nem em sonho, poderia imaginar que a sua casa seria assim. — murmuro e olho surpresa para Dante.

— No alto... entre as árvores? — Ele

pergunta parecendo preocupado. — Disse que a reserva era um lugar de turismo ecológico.

Assinto embasbacada.

Uma casa na árvore é muito surreal... Tomada por uma empolgação súbita, percorro, apressada, a rampa, até chegar à varanda. Firmo os pés no assoalho para sentir a estrutura sólida e olho para baixo, onde Dante não saiu da posição parado em pé, com os braços cruzados e pernas abertas.

— Caramba! É maravilhosa! — berro apesar de não ser necessário. Agitada, debruço-me na varanda e escrutino o mato lá embaixo. — Tem gorilas em Cong? Só me falta abrir a porta e dar de cara com a Chita^[155]! — Gargalho um pouco histérica e volto-me para as copas das árvores. — Nossa, isso é muito legal! Estou me sentindo a Jane!

O riso sonoro de Dante ecoa na mata.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada de Chitas ou gorilas... — Mais relaxado, descruza os braços e põe as mãos nos bolsos. — Parece uma menina de cinco anos no primeiro acampamento. — Ri mais.

— Nada disso! Pareço uma mulher surtada, isso sim... Imagina quando eu contar pra todo mundo que namoro o *Tarzan*!

Sorrio, mas o rosto barbado fecha abruptamente, deixando-me confusa... *Ué!* Com passos largos, ele vem em minha direção. E assim que, ficamos frente a frente:

— Vou resolver esse caralho amanhã — decreta emputecido.

Hã?

— Resolver o quê, amanhã? — Escrutino a varanda à procura do problema a ser resolvido. — Pra mim tá tudo mais que perfeito — digo não encontrando nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Perfeito o caralho! Pra mim, já deu! Não sou seu namorado! — esbraveja — É minha mulher, cacete!

Ah! Tava demorando...

Reviro os olhos e achando graça da brabeza sem razão, fico na ponta dos pés e enlaço o pescoço tenso.

— Amor da minha vida, entenda uma coisa: nem por decreto, vou sair por aí te chamando de meu homem — debocho, mas penso melhor. — Quer dizer... até posso abrir uma exceção na frente das suas Rambas, mas o que temos hoje chama-se namoro. — Arregalo os olhos para o óbvio.

Os braços enredam minha cintura em um aperto firme.

— O sacerdote de Cong pode resolver isso em dois tempos.

— Como? Exorcizando-me? — continuo

no deboche.

— Não, nos abençoando.

Uh o quê?

Um frio brota na minha barriga e vasculho o rosto sisudo em busca do rastro da piada, mas só encontro seriedade.

Opa!

— Tá tirando uma com a minha cara, né?

— Não — grunhe.

Jesus!

— M-mas... uma bênção na igreja... se-ria o mesmo q-que... — gaguejo dando-me conta da seriedade do que diz. — Aquela coisa de casar era séria mesmo? — Começo a me emocionar.

— Claro que sim, porra. — Irrita-se ficando ainda mais sexy. — Já pedi várias vezes, você que não se toca.

Ave Maria!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ofego, o coração dispara e os joelhos dão uma fraquejada... Num reflexo, o aperto na minha cintura intensifica enquanto minha mente de produtora ensandece. Começo a vasculhar mentalmente a malinha à procura de algo branco.

O Capitão Putão quer casar em Cong?

Deus Amado!

— E nossos pais e amigos? — gaguejo tentando não entrar em pânico.

— Depois a gente liga e avisa.

Caramba, mas... mas...

— E as leis? — minha mente prática dá pitaco continuando na tecla *E*.

Dante sorri duvidoso como um gigante gentil de desenhos infantis, que quer me estrangular, mas não pode porque me ama e quer casar.

— O Reino é unido, lembra?

PERIGOSAS ACHERON

Ah... é...

Mordo a ponta do dedão.

— Mas... amanhã é domingo. Não tem cartório e... e... e aquela coisa de esperar rolarem os proclames reais?

Dou uma inclinadinha de cabeça, esperando a resposta.

— Isso é passado. — Olha-me de canto.
— Ok, tem uma papelada que precisamos fazer pra tornar oficial pelas leis. Só que não estou a fim de esperar. Foda-se, demora muito. Nosso negócio é com Deus, não com os homens. Se estivermos em dia com Ele, o resto a gente vê depois.

Num meneio de cabeça, tento convencer-me de que uma bênção é só uma bênção... Não é assim como casar de papel passado e tudo... Não dá... milhares de flashes das fantasias que já tive, com Dante me pedindo em casamento, tumultuam

meu cérebro... Começo a ofegar... escrutino o mato e depois o céu... estou em um paraíso enluarado, repleto de estrelas, com corujas piando, cigarras cantando e transei num helicóptero. Se já não bastasse tudo isso, o amor da minha vida, que é o melhor homem do meu mundo, está me propondo... Dane-se, que é um pedido meio torto, mas é perfeito.

Minha Nossa Senhora!

Meus lábios começam a tremer.

— Que boca de choro é essa? Merda! — Passa a mão no cabelo incrível bagunçando-o do jeito que eu gosto. — Quer um festão, né? Essa coisa que toda mulher sonha, um banquete, recepção pra mil pessoas... Conhece mil pessoas?

Agora é ele quem começa a hiperventilar.

— Conheço mais que mil, mas não... — Espalmo o peito que sobe e desce. — Quer dizer...

PERIGOSAS NACIONAIS

já pensei em festas grandiosas de casamento, mas depois não pensei mais... tem também a promessa que fiz a Chloé quando éramos crianças... me proibiu de ter outra madrinha que não ela — disparo. — Caramba! Sei lá o que quero, mudei tanto. — Esfrego a testa. — É claro que seria o máximo ter, pelo menos, quem amo por perto... É só uma bênção, certo? — Enrugo o nariz pensando que quem eu amo mais que tudo, já está por perto.

Passa a mão pela barba... observo as veias das têmporas pulsarem, num indicativo de que o bicho está tão nervoso quanto eu.

— Não é qualquer bênção, Treas... É a maior delas, a de Deus... — Os azuis-índigo ampliam solenes. — Coisa séria e irreversível.

Jesus... isso é loucura.

— Irreversível e no caso, amanhã... — Mordo o cantinho do lábio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É... bem cedo.

Tenho um estalo.

— Ah, não... — Tento sair do abraço, mas ele não deixa. — Bem cedo não dá! Preciso de uma roupinha melhor. Não posso receber a maior bênção de Deus de jeans e chinelo. É falta de respeito!

— Muita falta de respeito. — Parece quase divertir-se com minha angústia. — Depois da roupinha... pode ser? — rebate deixando-me sem argumentos.

— Pode — concordo num ímpeto.

Os azuis-índigo explodem como fogos e meu pobre coraçãozinho palpita.

— Pode... é um sim?

O corpão grudado ao meu esquento. Pisco umas mil vezes, mexida com tanta quentura e ainda insegura.

PERIGOSAS ACHERON

O Sorriso aparece pleno e branquinho... Meus joelhos cedem de vez e Dante sustenta meu peso nos braços... ofego. O cretino sabe que me tem quando faz isso. Lambo os lábios, totalmente cativada pela boca sexy e bandida.

Merda de golpe baixo!

Tento resistir aos lábios que me atraem para um beijo...

Um... dois... três... oh, dane-se...

— Sim, acho que sim... é um sim! —
rendo-me entusiasmamente.

Um grunhido rouco sai dele, mãos enormes deixam a minha cintura para capturar as laterais do meu rosto e sou atingida por um beijo duro, ávido e profundo. No momento em que a minha língua invade a boca gostosa... Dante começa um chupa-instiga safado e voraz.

Acesas como um flash, todas as minhas

PERIGOSAS NACIONAIS

partes felizes entram na fila pedindo o mesmo tratamento que o da a língua... Levanto as pontinhas dos pés, esmagando-me contra a ereção que pressiona o tecido da calça. Num gemido, envolvo o pescoço forte, acariciando os cabelos macios com as pontas dos dedos.

— Cristo... nem acredito — diz bruto sobre os meus lábios.

Mãos urgentes vêm para a minha bunda alavancando-me para cima. Enlaço os quadris deliciosos sem parar de beijá-lo. Uma das mãozonas para de me apalpar, um barulho de chave começa... não sei como alguém consegue beijar e abrir uma fechadura ao mesmo tempo. Quando escancara as portas duplas com um chute, preparo-me para o melhor...

— Ei... ei... ei... Alto lá!

Congelamos ao mesmo tempo. O beijo

PERIGOSAS ACHERON

para. Olhamos para baixo.

Caramba, de novo, não!

Estamos competindo o ET do meme? É isso?

Olha lá uma vergonha! Nos segurem que já queremos passá-la?

Pega, outra vez, na libertinagem, meu rosto, já vermelho pelo rala-barba, vira um pimentão total. Focalizo uma Judy, com as mãos na cintura e feições irritadas... *Droga!* No ato, viro a cabeça em direção às portas escancaradas, escondendo o rosto no pescoço masculino e pulsante.

— Que foi? — Dante dirige-se a ela com a voz meio ofegante, meio excitada.

Lascou, se ele não conseguiu disfarçar, não temos defesa.

Escalada desavergonhadamente no corpão

gostoso do Capitão, tento fingir que não é comigo. Foco no interior da cabana decorada de forma rústica e simples. Cozinha americana toda em madeira de demolição, utensílios bem conservados, mas não de última geração... sofás e poltronas em couro preto, uma ou outra mesa de apoio e um abajur.

— Que foi, digo eu, caszinho sem-vergonha! Que agarramento é esse aí em cima? — Judy soa indignada. — Esqueceram de mim? Não acredito que tive que largar meu caldeirão de *Irish Stew*^[156] no fogão e vir até aqui buscá-los! Luke já acendeu até a fogueira! As batatas assadas vão queimar!

Continuo me escondendo.

Reparo que as janelas são amplas e sem cortinas... nenhuma planta decorativa, também com tantas do lado de fora, seria redundante... estico o

pescoço para olhar mais... encontro a minha malinha e o saco de exército do Capitão em cima de uma pequena mesa para refeições... uma escada levando para um mezanino e... como assim não tem televisão?

— Fogueira? — A excitação na voz de Dante dá lugar a irritação. — Era pra ser só um jantar.

Olha! Um tapetão macio em frente a lareira... livros...

— Mas é um jantar... todos vão comer.

Opa! Todos?

Viro para encarar o rosto viril de feições contrariadas, que por sua vez encara Judy.

Aaaff...

Alguém não está nada feliz por ter sido interrompido.

— Quem todos? — pergunto, também

nada feliz.

— O Chaos.

Santo Deus!

Estremeço imaginando o que me aguarda.

— Sobre amanhã será que poderíamos...

— sussurro urgente, mas paro com medo de ofendê-lo por achar Judy meio boca aberta.

— Deixar só entre nós? — completa por mim baixinho.

— Hum-hum... — Mordo os lábios, apreensiva.

— Melhor. — Beija a ponta do meu nariz e coloca-me no chão.

— Parem de fuxicar e venham... Andem logo, não me façam subir aí e arrastá-los pelas orelhas!

Sem saída e entre resmungos, Dante fecha as portas e fazemos nosso desfile da vergonha pela
PERIGOSAS ACHERON

rampa, de mãos dadas, em direção a Judy.



Depois de seguirmos por uma nova trilha por cerca de cinco minutos, chegamos à outra cabana na árvore... menor que a de Dante, porém bem feminina com cortininhas brancas rendadas e floreiras nas janelas. Na frente de uma pequena escadaria e não de uma rampa, há uma área gramada e florida... Um quintal ecológico, com vários troncos grossos de árvores ordenados de forma circular em torno de uma fogueira alta, que enche o ambiente com um cheiro gostoso de eucalipto.

Deus do céu, quanta gente!

Ainda constrangida pelo flagra, fico um pouco intimidada ao ser apresentada formalmente ao Chaos. Quarenta e três crianças, e vinte e dois

adultos, entre famílias sobreviventes e contratados da reserva. Todos com aquele mesmo olhar, estranho para mim, mas não para eles, de: *Eu sei quem você é e o que fez no verão passado*^[157].

Bem à vontade e adaptados aos costumes irlandeses, surpreendo-me com a perfeição do inglês falado... Judy deve ser uma professora e tanto.

— Querida, acho que essas vão servir.

Judy retorna e estende na minha direção, um par de botinhas plásticas vermelhas, repletas de bolinhas pretas como as de uma joaninha e meias amarelas e longas.

Abro um sorriso radiante... na falta de um par de tênis, elas são uma blindagem perfeita contra insetos e animais rastejantes e aterrorizantes, não que eu tenha visto algum até agora.

— Vai usar isso, aí?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o problema?

— São de criança.

— E daí? — Judy e eu respondemos em uníssono.

Ignoro o tom debochado do meu futuro Abençoado e vou até um dos troncos... descarto os chinelinhos e visto as botinhas. Tudo bem que devo parecer o carinha palhaço do McDonald's, mas quem se importa? Boa parte da minha fobia desaparece no segundo em que sinto meus pés quentinhos e protegidos pelo casulo plástico.

— Amei — agradeço à minha salvadora.

— Vou fazer o prato de vocês, duvido que tenham comido alguma coisa decente hoje.

Meu estômago vazio concorda e observa, feliz, Judy sair apressada em direção à cozinha improvisada sob um pequeno toldo ao lado de um minúsculo galpão de tranqueiras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sob os olhares furtivos de alguns, que ainda nos espiam como se fôssemos seres encantados, Dante senta ao meu lado no tronco e estica os pernões.

Judy volta com pratos recheados de ensopado e batatas que foram assadas na fogueira por um Bruxo isolado e com cara de poucos amigos... Abaixado de cócoras ao lado das chamas, que refletem no corpo gigante em tons de laranja e vermelho, ele parece ainda mais assustador.

Comemos em silêncio observando-o. Uma senhora sorridente vem e os pratos vazios são substituídos por copos cheios de *whisky* milagroso. Ela entrega uma garrafa para Judy e sai. Meus olhos crescem para o rótulo e dou risada do quanto posso ser lenta as vezes.

— O que foi? — Dante levanta a sobancelha com o curativo.

PERIGOSAS ACHERON

— O Bourbon... — Ergo o copo com o líquido âmbar. — *Born in Chaos*^[158], nem me toquei... Deus, Dante, você não é só bom, é incrível, o melhor! Dois anos consecutivos, eleito o rótulo número um na categoria cevada maltada nobre. — Dou um golinho na bebida quarenta por cento de álcool que desce queimando na garganta. — Delicioso... Por que não disse nada quando o viu sendo servido no leilão?

Os ombros largos levantam como se não fosse nada de mais produzir o melhor *whisky* do mundo na atualidade.

— Conhece *whisky*? — Judy enche novamente seu copo.

— Estudo um pouco sobre bebidas... Tenho que ficar atenta por causa dos eventos que produzo... só ofereço o melhor. *Born in Chaos*, não estou acreditando! — Impressionada, espalmo

PERIGOSAS NACIONAIS

a coxa de Dante. — Espera só Lucca saber disso! Ele serve no pub! Aposto que vai pedir para autografar as garrafas.

— As terras são boas — Ele grunhe um pouco desconfortável.

Abro a boca para argumentar que está sendo modesto demais, mas engulo meu discurso com um grito vindo da fogueira:

— Porra, caralho!

Luke chupa o dedão que, provavelmente, queimou ao esbarrar na grade onde várias batatas estão sendo assadas.

— Querido, por que não vai pegar mais lenha com Luke? — Judy usa um tom gentil, mas imperativo com Dante. — O humor dele está péssimo.

— O cervo?

— É... não resistiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem pestanejar, Dante levanta e vai até o amigo. Com a mãozona no pescoço do loiro, diz alguma coisa... o Bruxo assente, sobe em um pulo e os dois saem em direção à mata.

— Tem um homem especial nas mãos, Beatrice.

— Eu sei... do tipo que o coração pede para estar perto, né? — Sorrio doce, ela concorda e beberico o *whisky*. — Ele é como uma música boa, sabe... que a gente escuta uma só vez, mas já tem certeza de que nunca mais vai esquecer. Só a presença dele já marca fundo a alma.

A cabeça branca meneia concordando novamente.

— Estou feliz que tenham se acertado... sabia que iriam. Deus é especialista em reconstruir histórias e fazer tudo de novo, não acha? Se soubesse o quanto esse rapaz já sofreu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei.

— Sabe?

— Hum-hum... Dante se abriu lá nas cachoeiras... dói saber que a vida foi dura com ele, mas fico feliz que tenha superado. É impossível não ficar orgulhosa pelo que fazem por essas pessoas.
— Toco a mão enrugada.

— Foi um milagre ele ter falado... abrir-se com você foi um sinal muito bom... É sempre tão fechado... só conversa sobre as missões com Luke. No começo, tive que ouvir atrás das portas.

Meus olhos abrem chocados.

— Ei, querida... não me olhe assim! Uma mãe faz qualquer coisa para cuidar das crias e aquele rapaz é como um filho pra mim. Culpar-se pela tragédia na África é um absurdo... qualquer homem forçado a abandonar a mulher que ama estaria com a mente em todos os seus pistões...

PERIGOSAS ACHERON

Como é que é?

— Forçado ao quê? — murmuro em um guincho, quase derrubando o copo.

Respiro fundo tentando me recompor.

— As ameaças? Ele contou sobre elas, não contou? — escrutina desconfiada e pressiono os lábios em um sim mentiroso.

Deus, perdoa-me!

— Deve ter ficado muito orgulhosa. Mesmo jovem já era respeitado pelos bons resultados, pena que se destacou e virou alvo. — Num lapso de puro inconformismo, o rosto enrugado, enruga mais. — Foi só receber a notícia de que seria transferido do Afeganistão para a África que as ameaças começaram.

O quêêê? Ameaças?

Estremeço e faço um esforço danado para camuflar o choque.

— Ainda namoravam, né? — pergunta sem notar meu desespero crescente e assinto mesmo sem saber. — Aquela corja tentou de tudo para fazê-lo abandonar as investigações no Sudão... Dante pediu transferência, ameaçou desertar, mas não se pode desobedecer à determinação da Coroa. Jesus! Ameaçar a família é desumano. Aquele atentado que sofreu com Maggie em Castle Combe... — Fecha os olhos em um pesar. — Ouvi Dante desabar com Luke. Entendo o desespero, foi complicado não terem descoberto os mandantes reais daquilo. Graças a Deus, o tronco segurou o carro e vocês estão bem.

Atentado?

A cena do acidente volta com tudo. Um arrepio ruim percorre-me da nuca à ponta dos pés... por isso tanto exagero em cima do acidente?

— Foi mais um susto... — Com medo que

pare, obrigo a voz sair.

— Mesmo assim... — O doce olhar de Judy corre por mim, como se procurasse vestígios do acidente. Forço um sorriso indicando que estou bem. — Dante fez certo em se afastar quando exigiram... era a única forma de protegê-la.

O quê?

Encolho em um espasmo, como se tivesse levado um soco no estômago.

Quem exigiram?!

As Forças Armadas, a Rainha, a minha família, a dele? Não foi uma decisão por livre vontade?

Meu Deus!

Arquejo entre o alívio e a ira... Por quatro anos, busquei uma explicação para libertar-me da sensação de ter falhado! De não ter sido suficientemente boa para merecer ter Dante

comigo! Sinto um aperto no peito... Quem quer que tenha lhe exigido o rompimento, não tinha o direito! Dane-se que poderia ser perigoso, a decisão de arriscar ou não era minha... Todo esse tempo, disparei meus ataques de fúria e ressentimento para o alvo errado.

Droga! Droga! Droga!

Esfrego o peito carregado de indignação... Os azuis-índigos estavam tão perdidos e magoados quanto os meus, em Oxford. Como fui tão cega para não perceber que estava sendo forçado?

Judy me puxa para perto e encosto a cabeça no ombro dela.

— Não vá por aí, Beatrice... sei para onde sua mente está indo. Não o culpe... qualquer um faria o mesmo no lugar dele. Vocês foram vítimas de um mal maior.

Afasto-me sem coragem de encarar os

PERIGOSAS NACIONAIS

azuis cristalinos atentos em mim. Sinto-me um grãozinho sendo observado em um microscópio.

— Eu sei... — Cutuco a grama com a botinha. — Não estou culpando ninguém — minto em um sorriso envergonhado porque é exatamente isso que estou fazendo: culpando qualquer um que me passe pela cabeça. — A tragédia na África, o que tenho a ver com isso? — mudo o foco decidida a descobrir tudo, mesmo que uma maldita palavra de honra queira me negar a verdade.

Os olhos bondosos e meio embriagados se estreitam.

— Ele não contou tudo, não foi? — Balanço a cabeça, confessando finalmente que não. — Natural... mesmo depois desses anos, é muito difícil para os meninos relembrares. Voltar lá ainda é muito doído pra eles. Nunca o force, foi traumático demais. Os médicos disseram que

PERIGOSAS ACHERON

qualquer coisa pode engatilhar uma nova depressão, uma recaída seria bem pior... Talvez, um dia, ele se abra totalmente, ou talvez não... só imploro que o respeite.

Arquejo.

Deus me livre uma recaída...

Se depender de mim, Dante nunca voltará para a escuridão... Gosto dele na luz comigo. Seguro a vontade de sair correndo atrás dele, descartando a possibilidade de imprensá-lo contra uma árvore e exigir a verdade.

Merda!

— Jamais faria qualquer coisa para machucá-lo, mas, por favor, Judy... — Junto as mãos implorando.

Um suspiro rendido e compadecido vem dela.

— Não me meta em confusão, hein,

PERIGOSAS NACIONAIS

querida... — Arregala os azuis cristalinos para mim e murmuro:

— Nunca.

— Cristo! Que eu não me arrependa por isso... — Suspira novamente e continuo com as mãos juntas implorando. Bufo entregando-se... e solto o ar em expectativa. — O atentado, o rompimento... a preocupação que algo novo acontecesse a você ou à família, o fizeram desviar o foco. Não percebeu que havia algo errado no regimento... um general corrompido por dinheiro que facilitava as coisas para os terroristas... eles também aliciaram alguns médicos da missão humanitária, como fachada... desgraçada!

Meu coração para, depois volta.

— Quem? Dante foi traído por uma general mulher?

— Não, o Capitão não, era uma médica

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com Luke. Esquece, meu filho me mata se eu tocar nesse assunto... melhor deixar os demônios dele no inferno.

— Judy, o que aconteceu? Preciso saber...

— Agarro-lhe as mãos.

Os lábios finos fecham indecisos.

— Por favor... por favor... por favor... — imploro de novo.

Judy bufa, indicando que vai falar e tudo ao redor para...

— Foram traídos... a localização do comboio, liderado pelo Capitão, foi dada aos terroristas... Houve um ataque surpresa, um confronto. Dante conseguiu livrar parte regimento... graças a Deus, Max escapou. Entretanto, ele, Luke e mais quinze soldados sofreram outra emboscada e foram capturados. Aqueles malditos queriam fazer deles um exemplo. Para poupar os demais, Dante se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pôs na mira, ofereceu-se para que os outros fossem apenas mantidos como reféns de guerra...— Interrompe para recobrar o fôlego e tenho que me segurar para não gritar e chorar. — Deus! Ele merece cada uma daquelas medalhas por honra e bravura. — Volta a falar com indignação. — Passou dias sendo torturado das formas mais sádicas... até que, mesmo ferido e pendurado pelas mãos, aproveitou as restrições desgastadas e um descuido de um dos homens que faziam vigília e, com um impulso, deu-lhe uma chave de perna no pescoço de desgraçado, derrubando-o. Soltou-se, rastejou pelo acampamento e libertou os outros. Não sei de onde esse rapaz tirou forças... junto com Luke, pegou os terroristas de surpresa e resgatou as crianças... só parou quando todos estavam a salvo na base militar.

Oh, Deus!

PERIGOSAS ACHERON

Congelo em choque. Não sei como reagir ao que Judy acaba de relatar... Uma coisa é imaginar, mas saber que Dante foi mesmo torturado rasga-me por dentro... Ofego quando uma pontada forte comprime meu peito... respiro fundo dividida entre o orgulho pela bravura e a revolta com tamanha crueldade.

— Tudo bem, querida? — Judy afaga minha mão trêmula e fria. — Está gelada.

— Estou bem... — Saio do torpor da dor. — O general traidor? — pergunto em um murmuro depois de vários segundos.

— Antes de morrerem, os terroristas deram o comando... o general e os médicos foram mortos por uma célula de apoio.

Uma onda de pavor e indignação me faz começar a tremer... Ofego novamente esvaziando os pulmões. Imaginar o Capitão gravemente ferido

e tendo que matar para sobreviver machuca meu coração em um nível profundo... não é à toa que se fechou do mundo... ele esteve no inferno.

Desgraçados!

Ownnn, meu Capitão... que força e luz você tem.

— Depois disso? — Engulo o choro.

O rosto enrugado de Judy suaviza.

— Foi Cong... nem ele, nem Luke tinham condições de voltar para as ações em campo. Pensei que tivesse perdido meu filho... encontrá-lo naquele estado no hospital militar foi uma facada no peito.

Não aguentando mais o peso das revelações, sucumbo de tristeza e revolta, e começo a chorar.

— Obrigada por ter salvo meu Capitão — digo entre soluços.

Judy me puxa para um abraço de mãe loba.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Shhhh... não fui eu, menina... —
Acaricia ternamente minhas costas. — Não consegue enxergar? Todo esse tempo foi você. Esse homem só sobreviveu por você.

Por mim...

Abro o berreiro.

— O que está acontecendo aqui?

Aos prantos, viro para dar de cara com as feições preocupadas de Dante, que acaba de voltar com Luke. Quero gritar o quanto o amo, o entendo e estou orgulhosa, mas o olhar desesperado de Judy me impede... Choro mais.

— Own, Inglesinha... que carinha é essa?
— Esfrega o queixo sem entender a cena. — Por que esse choro? — Ajoelha-se diante de mim. — Judy andou te aborrecendo com as histórias dela?
— Olha feio para a mulher, que levanta em um pulo.

PERIGOSAS ACHERON

Balançando a cabeça em um não... Tento enxugar as lágrimas em vão.

— Só estávamos conversando sobre as crianças — murmuro a mentira livrando a cara da minha mais nova amiga.

Dante senta no tronco e sem avisar, me lança colocando-me em seu colo.

— Shhhh, minha Inglesinha. Olha lá... — Aponta, com o queixo barbudo, um grupo de crianças que brinca de pega-pega. — Elas estão bem... pare com esse choro... você me quebra triste assim... foi há muito tempo, acabou... está tudo bem.

— Eu sei, não estou triste, eu só...

Meu Jesus!

Ele parece tão bem.

Não querendo que recaia em depressão, calo-me decidida a guardar para mim o que

PERIGOSAS NACIONAIS

descobri... Agarro-me a ele com todas as forças e choro com a cabeça em seu ombro... choro por tudo o que sofremos até agora, pelas dores, injustiças e anos de separação. Entre um soluço e outro, prometo a mim mesma honrar toda a força e coragem que transbordam no coração gigante desse homem que me abraça e lutar... por nós.

— Eu te amo tanto... — murmuro.

— Também te amo mais que a vida... agora se acalme. É um dia feliz, lembra? E amanhã, será melhor ainda...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

235... 236... 237...

Sem nem mais um pingo de sono e de saco cheio de tanto contar os pregos que fixam as tábuas no teto da cabana, afasto, com cuidado, o braço que envolve minha cintura e escorrego para fora da cama... Desço os degraus como se estivesse prestes a pisar em uma mina terrestre.

Chego ao térreo, espio a cama no mezanino e Dante nem se mexe... O bichão está cansado, o jantar de Judy varou a madrugada e antes que eu apagasse, em uma velha cadeira de balanço ao lado de uma árvore, ele já tinha ido pegar mais lenha, outras três vezes.

Aqueles golinhos de *whisky*, as revelações de Judy e a exaustão física e emocional fizeram sua mágica. Apaguei em meio ao Chaos e nem lembro

PERIGOSAS ACHERON

como voltamos para a cabana.

Vestida apenas com a calcinha e uma camiseta branca de Dante, sento no sofá, visto as meias amarelas e calço a botinha de joaninha. Capturo o celular na bolsa e saio para a varanda.

Ui... frio.

Esfrego os braços arrepiados... apesar do ar congelante, o amanhecer na mata é lindo... o cheiro de terra molhada e os primeiros raios de sol do dia, que cortam a neblina, trazem um ar meio mágico. Os pontinhos de poeira que pairam iluminados parecem minúsculas fadas.

Lindo.

Sento no degrau, que separa a varanda da rampa, desejando ter um café que não temos... a madeira fria congela meu bumbum... puxo a camiseta protegendo as pernas nuas em um casulo quentinho. Dormi pesado e sem sonhos, mas a

primeira coisa que pensei ao acordar foi: *quem?*

Esse assunto me perseguiu a noite inteira. Descobrir que Dante fez o que fez para me proteger e porque foi coagido, só me faz amá-lo mais... Tive que fazer um esforço tremendo para me manter calada, não quero forçar a barra e muito menos levá-lo de volta ao caminho sombrio, mas não dá, me conheço... Posso não revelar nada do que sei, mas estou me coçando para descobrir quem exigiu que se afastasse de mim.

Passo o dedo sobre a tela do celular... 8h31... começo a ir atrás da verdade.

— *Querida, está tudo bem?*

Minha mãe atende no primeiro toque, certamente, estranhando a ligação tão cedo... nunca faço isso.

— Oi — cumprimento-a com doçura. — Está tudo bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Aconteceu alguma coisa? Sua voz está distante.*

— Aconteceu um monte de coisas, mas todas boas — filtro pela maioria. — O sinal de celular, onde estou, é um pouco fraco.

— *Onde, exatamente, está?*

Abro um sorriso involuntário para a exuberância encantada ao meu redor.

— Uns dizem que é o paraíso, outros que é o Chaos... — explico evasiva e divertida. — Estou na Irlanda... Dante queria me mostrar algumas coisas.

— *Chaos? E isso é bom?*

— Muito bom, vai se surpreender com o que o Capitão andou fazendo por aqui... aquela rabugice dele é só fachada, mãe... ele é um homem incrível. Não vai acreditar...

Passo os minutos seguintes relatando tudo

PERIGOSAS ACHERON

que vi e é feito na reserva.

— *Bem que Maggie falou, por alto, sobre algum tipo de aperto no Exército, mas que agora Dante estava bem e ajudando muitas pessoas. Produtor de whisky, não acredito! — Ri. — Não esperava menos... que belo exemplo... inspirador como não aceitou o papel de vítima e tomou as rédeas da vida. Desde pequeno já dava para notar um algo a mais em seu DNA, sempre foi corajoso e protetor por natureza... — diz com um carinho saudosista. — Nunca esqueça o tipo de homem que tem nas mãos, filha... Dante tem um bocado a oferecer, mas merece receber muito em troca também.*

— Eu sei... hoje vamos tomar a bênção do sacerdote — conto logo porque é a minha mãe e não consigo deixá-la de fora de algo tão especial.

— *Meu Deus, uma bênção?* — murmura

num tom emocionado como poucas vezes ouvi.

Está chorando?

— É só uma bênção... Não é nada oficial... Foi tão inesperado, não quis deixá-la de fora... — começo a me justificar pensando que tenha se sentido excluída.

— *Querida, uma bênção é sempre uma bênção...* — interrompe-me ainda tocada. — *Fico feliz que tenha dividido comigo. Vai ser lindo... já passaram por tanta coisa, merecem algo único... um momento só de vocês, sem a interferência de ninguém.*

— Mãe, sobre isso... — agarro a minha deixa. — A Judy, a senhora da qual falei, deixou escapar que Dante foi obrigado a terminar comigo por causa do acidente em Castle Combe.

— *O quê? Quem faria um absurdo desses? Aquilo foi uma fatalidade, ninguém teve culpa.*

Ok... minha mãe não sabe sobre o atentado. Diante de tantos dramas pessoais que ela já passou, melhor assim... acredito que até poderia omitir algumas coisas para me proteger, mas mentir, nunca.

Solto o ar aliviada por ela, mas ainda preocupada.

— Você acha que o papai... — Com uma torcida de nariz e a ponta da botinha, chuto uma formiga assassina que se aproxima. *Argh!* Arrepio-me. — Essa implicância toda com Dante.

Um suspiro aborrecido vem do outro lado da linha.

— *Sei que andaram conversando e não foi nada agradável... É claro que Peter ficou preocupado, todos nós ficamos. Dante pousou em Paris, antes de Oxford, mas não... seu pai teria me contado... acredito que essa implicância toda é*

PERIGOSAS NACIONAIS

justamente porque tomou as suas dores... saiu do escritório aborrecido e não quis falar no assunto. Dante também parecia bastante chateado ao ir embora. Duvido que alguém das nossas famílias tenha feito tal pedido absurdo... Vocês dois sempre foram certos para nós.

É verdade.

Com um olho num grilo que começa a cantar e outro na formiga que tenta subir o degrau de novo... esfrego o peito ainda cheio de angústia... *Merda!* Só se a solteirice foi uma exigência do general traidor e falecido para prejudicá-lo ou... claro, é possível!

Rainha bandida, destruidora de lares!

Fã do Capitão do jeito que é, não duvido nadinha de que tenha metido o bedelho. É melhor nunca me convidarem para um chá das cinco em Buckingham... sou capaz de pôr laxante em tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Bufo direcionando a ira para a realeza.

— *Trice... ainda está aí, querida?* — pergunta e grunho um sim. — *Não quero que fique chateada. Seu pai viajou para a Bélgica, só deve voltar para Paris na véspera do nosso aniversário. Se é tão importante saber disso, posso ligar e dar uma sondada.*

— Não... — Aborto a ideia e chuto de novo a formiga bandida. — O papai anda irritado, melhor deixá-lo fora disso. Também não comente nada com Jack ou Martha. A implicância dela para o lado de Dante já está grande, não quero uma saia justa, em Paris. Foi só uma curiosidade passageira e no pé em que estamos, não faz nenhum sentido desenterrar esta história — digo tentando convencer a mim mesma.

— *Claro! Oxford já foi... Desencontros acontecem, não deixe nada minar a felicidade de*

vocês... Onde está a Beatrice corajosa, que tanto me orgulho? Viva! Não é à toa que a palavra vida tem apenas um V, o resto é ida... Vá e jogue-se! Esqueça esse medo bobo, mergulhe de cabeça, estou aqui para apoiá-la. — Ouço seu riso doce e rio também. — Não se esqueça de mandar uma selfie da bênção...

Rio novamente.

É verdade, como a boa mãe que é, conhece bem a filha que tem... posso ser oito ou oitenta. Uma contradição ambulante cheia de *medos bobos e coragens absurdas*^[159]...

— Mãe, não tem volta... já estou mergulhada em Dante até o pescoço.

Ambas damos um suspiro feliz.

A conversa segue leve, vejo Judy aproximando-se ao longe com uma cesta de vime na mão, aceno... e depois de prometer umas mil

vezes a tal *selfie* e arrastar Dante para a festa em Paris, despeço-me da minha mãe com o coração mais leve.



Dante

Acordo sobressaltado com um barulho absurdamente alto vindo do térreo... por trauma e instinto, jogo o corpo para proteger Treas. Mergulho no nada.

À beira de um enfarte, pulo da cama vazia, alcançando a arma na mesinha de cabeceira.

— Treas! — berro e nada.

Com a adrenalina metralhando em meu sangue e sem me preocupar em vestir uma camiseta, salto do mezanino para o térreo... assim que estabilizo e fico de pé, miro na cena de guerra

PERIGOSAS NACIONAIS

na cozinha... Não sei se corro para socorrê-la ou dou risada.

Caralho, vai que deu merda!

Certo de que com Treas nada é o que parece, jogo a arma no sofá e corro.

Solto o ar quando vejo que está mesmo bem... contorno o balcão aproximando-me.

— Você está bem? O que foi isso? —
Prendo o riso para a bagunça que ela está.

— O troço explodiu — Beatrice responde descrente, segurando a tampa do liquidificador, que jaz chamuscado em cima do balcão da pia. Um cheiro de morango, laranja e fumaça domina o ar.

Pressiono os lábios.

— Esqueci de avisar que alguns aparelhos são antigos e não suportam o 220 Volts. — Coço a nuca, inconformado pela mancada. — Só dá pra usar naquela tomada.

PERIGOSAS ACHERON

— Percebi.

O castanho e o verde descem em uma autoanálise.

Começo a rir.

— Não está tão ruim. — Rio mais.

— Não tem graça, cretino. Judy trouxe mantimentos, estava tentando fazer uma surpresa.

Com uma coçada de barba avalio a confusão de ingredientes espalhados pelo balcão. É... Beatrice tem milhares de qualidades, mas cozinhar não está entre elas.

— Conseguiu, fui surpreendido, obrigado.

Tento segurar o riso e bancar o solidário, mas não consigo, gargalho... o rostinho ainda molhado de suco emburra. A camiseta branca que coloquei nela, na noite anterior, é uma mistura de alaranjados e avermelhados. Pelas axilas e sem pedir permissão, suspendo o corpo leve colocando-

PERIGOSAS NACIONAIS

o sobre uma parte não atingida do balcão.

— Eu assumo daqui, só relaxe.

— O micro-ondas parou de funcionar —
comunica passando a mão pelo rosto úmido.

Mais controlado, alcanço um pano e parto
para uma operação limpeza.

— O curto deve ter derrubado a chave
geral. Depois vejo isso. — Esfrego as coxas
meladas. — Quase morri do coração com o estouro.

— Tentei ser silenciosa, desculpa.

Seguro o riso de novo. Ela fica
ridiculamente fofa emburrada e metida nessas
meias amarelas e botinhas vermelhas.

Cristo, como amo essa maluca!

— Viu algum inseto? — Transfiro a
limpeza para os braços.

Pequenas linhas tensas aparecem entre
suas sobrancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma formiga e um grilo — relata como se fossem dinossauros.

Juro que pressiono os lábios e arregalo os olhos para tentar não rir de novo. Falho.

— Não ria, é sério, poxa vida. O grilo estou de boa, meu problema foi a formiga. Era das grandonas, daquelas que doem. — Arregala os olhos de coruja para mim.

Porra!

Meu coração calejado entenece... se soubesse o poder que esses olhos bicolores têm sobre mim, tiraria tudo o que quisesse e muito mais.

— Chegaram perto? — não debocho dessa vez.

— Quase, mas dei um jeito.

— Bom. — Tiro a mecha, que cai sobre o rosto melecado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A relação de Treas com insetos começou a estremecer, aos dez anos, quando caiu sentada em um formigueiro. Piorou aos onze... ao cutucar um vespeiro com uma vareta e tomar várias picadas, e desmoronou de vez, aos quinze, por culpa de Romeo e Max, que lhe deram uma tarântula^[160] como prova de coragem, que fugiu e reapareceu dias depois na cama dela deixando-a empolada.

Apoio as mãos no balcão prendendo-a numa emboscada de braços... Infilto-me entre as coxas torneadas. Apesar de ter sido receptiva e agradável com todos, seu humor mudou depois da conversa com Judy e do choro sentido... Preocupado que tenha forçado demais com as minhas confissões, escrutino o rosto alerta.

— Acordou cedo... algo te roubou o sono?
— especulo numa mudança de assunto, inclino e chupo o queixo doce.

PERIGOSAS ACHERON

Gostosa.

Uma mistura de Treas, laranja e morangos atíça os meus sentidos. Torno-me consciente de cada pequeno movimento que faz.

— Não, pelo contrário, dormi feito uma tábua. — Sorri doce e concordo com o tábua.

Só porque não resisto, dou uma lambida na bochecha que fica ainda mais rosada.

Linda.

— Engraçado... — continua e sua voz ofega um pouco. — Em Maida sempre tive o sono leve. Foi começar a dormir com você, que o mundo pode cair, que eu não acordo.

Minha sobrancelha duplamente machucada levanta. Gosto que se sinta segura comigo e não tinha parado para pensar, mas desde Treas não tenho tido mais pesadelos. Durmo tranquilo.

— Está insinuando que ando te cansando

PERIGOSAS NACIONAIS

demais, Inglesinha explosiva? — Sugo a lateral do pescoço delicado.

Ela arqueja, segura meus ombros e acho um tesão como a pele leitosa arrepia ao meu toque. Começo a esquentar... checo o velho relógio na parede: 10h15. Ainda temos tempo até a missa dominical acabar e o sacerdote Ferris ficar livre.

O que é bom, muito bom...

Sorrio predador quando miro nos mamilos rosados, entumecidos e marcados sob o tecido molhado.

Ela percebe minha fome e não faço questão de disfarçá-la.

— Gosto quando me cansa demais — presenteia-me com um riso excitado e solto.

Caralho!

Amo essa risada rouca de menina arteira.

Um arrepio percorre-me a coluna quando

PERIGOSAS ACHERON

desliza as pontas dos dedos por minha nuca e, agora, é a vez dela projetar o queixo bem feito e chupar-me na lateral da boca.

Cacete... está quente... ela quer.

Mergulho na imensidão do verde e castanho tão cheios de vivacidade e pupilas dilatadas... há uma troca nova entre nós, mais profunda, como se cada um quisesse descobrir num simples olhar os segredos um do outro. Esses momentos rotineiros têm sido do caralho... é claro que o carinho, a confiança, o estar à vontade, a sacanagem velada, contida nos pequenos gestos, são deliciosamente prazerosos, mas não são os maiores responsáveis por tornar tudo tão especial. A magia está na intimidade conquistada aos poucos... que grita que nós dois juntos somos mesmo perfeitos.

— Que tal mostrar o quanto gosta de se

PERIGOSAS NACIONAIS

cansar, no banho?

Proponho feliz pelo gás encanado, capturando o lábio inferior generoso, puxando-o entre os dentes. Um gemido feminino ressoa e meu pau agradece armando uma tenda na calça de moletom preta.

— Só se prometer me limpar direitinho, senhor meu Capitão. — Envolve as pernas em meus quadris.

A maneira quente como disse senhor meu Capitão... *puta merda!* Afeta-me de diversas maneiras, fazendo o meu amor e tesão baterem na garganta com um rugido sufocado.

Foda! Que poder é esse de me bagunçar todo e me pôr no limite?

Com todas as fogueiras acesas dentro de mim, agarro firme a bunda empinada e carrego Treas para o banheiro.

PERIGOSAS ACHERON



Beatrice

Minha cabeça nada em alegria quando saímos da trilha e chegamos à aldeia... Como é mesmo aquele negócio?

Aaaah...

Missão dada, missão cumprida. Estou limpíssima.

Nunca subestime um soldado nível Stoirm. Aperto a mão cheia de veias que cuidou tão bem de mim e sorrio... para um domingo, não que já tenha passado algum outro aqui, a coisa parece movimentada. Crianças correm umas atrás das outras e os adultos se reúnem em rodinhas de conversas animadas nas varandas das duas casas maiores.

PERIGOSAS NACIONAIS

Parece que um café da manhã coletivo está rolando lá... o senso familiar entre eles é bonito de ver.

Sorrio.

Não sei se sou eu, ainda repleta de sensações agradáveis da transa safada no banho ou a animação por nossa bênção secreta, mas há um bom humor palpável no ar. Espio o homem barbado, que segura minha mão tão apertado, ao ponto dos meus dedos formigarem... seu rosto, normalmente fechado, está leve.

O corpaço nu, musculoso e deliciosamente molhado vem em um flash... minhas partes felizes, bem-humoradíssimas depois da imprensada do míssil contra os azulejos do boxe, contraem.

Caramba, sou muito sortuda!

Esse homem me preenche de um jeito tão poderoso e único, e isso não tem nada a ver com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu tamanho... é mais, muito mais... um troço louco que comprime o peito, faz ofegar toda vez que o vejo e deixa o meu corpo todo em alerta.

Cristo!

Tem coisa mais gostosa, do que estar apaixonada e ser correspondida?

Meu maxilar chega a doer... e não é da chupada empolgada no pauzão delícia... é desse sorrisinho bobo que teima em não abandonar o meu rosto.

— Henry Maximilian! Largue esse pinto e venha já colocar uma roupa!

Hã?

O berro de Judy, seguido da gargalhada sonora de Dante, me puxam para a Terra.

Um corpinho, de abundantes cabelos loiros, corre em passos incertos em nossa direção. Na frente dele, outro corpo minúsculo e amarelo

PERIGOSAS ACHERON

dispara em uma fuga alucinada.

— Henry! — Judy se esgoela.

— *Bird*^[161]! — A vozinha fina e doce responde focada em perseguir o passarinho.

— Henry!

— *Bird!*

Os dedos longos do Capitão desatrelam dos meus e num movimento de puro reflexo, ele abaixa, pesca o bichinho com uma mão e laça o loirinho peladinho com outra.

— Ei, rapazinho. — Aninha a criança no colo.

— *Bird!*

Henry impacienta-se para segurar o animalzinho.

— Alto lá, soldadinho... cuidado! É seu novo amigo? — Dante levanta a mão e examina o pássaro, que pia como um desesperado.

— *Bird!*

Mãozinhas levantam indecisas entre agarrar o pintinho ou a barba espessa... os pelos abundantes ganham a batalha e dedinhos fascinados acariciam o rosto do Capitão, que abre um sorriso novo e exclusivo para ele.

Arquejo.

Jesus, que fofos...

Dante dá um beijo na cabecinha loira e com cuidado entrega o bichinho ao Henry, meu mundo inteiro estremece... Vê-lo interagir com as outras crianças, já tinha mexido comigo, mas ele segurando o garotinho como uma carga valiosa, todo carinhoso e paternal é algo hipnotizante.

A cena me pega de jeito.

— Ei... sem apertar. Lembra-se do que lhe ensinei? — A mão grandona acaricia a penugem amarela entre os dedinhos minúsculos. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Bichinhos são frágeis... tem que ser cuidadoso para não machucar.

O rostinho rosado ilumina-se em um sim... meu útero grita: *Eu quero*.

Ignoro meu instinto maternal enxerido e concentro-me em Judy que chega esbaforida, para diante de nós e, com as mãos na cintura, puxa o ar em busca de fôlego.

— Não sei mais o que fazer... — Sorri examinando o ogro acariciando o cabelo do menino. — Esse pestinha cismou com esse pinto. Estou a manhã inteira, que nem louca, correndo atrás desses dois.

— Bom dia, Judy — diz bem-humorado. — Obrigado pelo café.

— Não foi nada. — As mãos enrugadas esboçam um deixa pra lá. — Da próxima vez que vier, avise. Abastecerei a geladeira e despensa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Bird!*

O animal tenta escapar, a mãozona ajuda as mãozinhas a retomarem o controle.

— Estranhei Henry não estar entre as crianças. Depois de deixar a remessa de lenha, invadi a sua casa para vê-lo — Dante diz em um tom de desculpas e outro deixa para lá desenha-se nas mãos de Judy. — Desde quando começou a capotar tão cedo?

— Desde nunca. Acho que foi o corre-corre atrás do *Bird*. Tivemos um milagre ontem. — Judy volta-se para mim. — Esse rapazinho não entende que tem hora para dormir, achei que seria impossível colocá-lo na cama com as outras crianças agitadas e correndo pelo jardim.

— E as crises de bronquite?

— Não tem tido, mas me preocupa... anda recusando as roupas.

PERIGOSAS ACHERON

— Uma graça — murmuro ainda fascinada com o homem e criança.

— Pode levar — Judy brinca.

Com um riso nervoso, seguro a vontade de agarrá-lo e nunca mais soltar. Os olhinhos curiosos desviam para mim... enormes, cinzas, amendoados e doces.

Congelo.

Iguais aos da loira da foto.

Lídia.

— Nem olhe assim, seu porqueira... Essa moça bonita é do Dada. — Dante faz cócegas na barriguinha de bebê provocando uma onda de minigargalhadas encantadoras.

Dada?

Meu sangue congela.

— Quantos anos ele tem? — sussurro.

— Um e meio. — Judy captura o menino,

que protesta pedindo para voltar para o Capitão. — Na-na-na... hora do banho, mocinho. Tem que ficar limpinho e colocar uma roupa. Quer que outra formiga pique a sua bunda?

Ele geme e eu também. Bracinhos envolvem o pescoço de Judy em busca de proteção e o pintinho aproveita o descuido para fugir.

— *Bird!*

— Eu pego!

Presas aos meus pensamentos de paternidade escondida, mal acompanhado Luke frustrar a fuga do pássaro e aproximar-se de nós.

— Aqui... segure firme, pequeno homem.

— Dada!

Dada?

Minha mente dá um nó... acompanhado fascinada a interação de Luke, Dante e Judy com Henry. Se não conhecesse tão bem as preferências

sexuais do Capitão, a imagem desconcertante à minha frente poderia ilustrar um casal gay e a vovó mimando o filhotinho deles.

Luke resgata Henry do colo de Judy. A cabecinha bem mais loira que a dele acomoda-se em seu ombro.

Ai... fofos também... que merda!

— Abasteci a caminhonete... se prepara que as coisas estão agitadas na portaria. A cidade está cheia com o evento para o jogo de estreia da Inglaterra. Acho que ficaram entediados com o marasmo do domingo e decidiram vir nos aporrinhar.

Dante pragueja.

— Aporrinhar, por quê? — Sem entender, encaro os azuis cristalinos de Luke.

— Não somos mais tão populares na região... Alguns turistas não se conformam por

PERIGOSAS NACIONAIS

termos fechados a reserva para o turismo e alguns locais ainda não entenderam que o Chaos não abriga terroristas.

— Que absurdo! — Olho para o grupo pacífico de resgatados que continua desfrutando do café da manhã coletivo.

— Pois é... mais absurdo é o bosta do McCallun alimentar isso. — Dante passa a mão pelos meus ombros. — O nosso excelentíssimo administrador vem lutando contra a decisão da Rainha... não aceita a concessão das terras, que, na visão dele, são um patrimônio turístico a ser explorado com a construção de um resort.

— Um resort destruiria a reserva — constato o óbvio.

— Por Odin, que não deixo acontecer! — Luke revolta-se e recai a atenção para as botinhas vermelhas e as meias amarelas que combinei com

PERIGOSAS ACHERON

um short jeans e uma camisa romântica de margaridinhas. — Gostei do visual, *milady*.

Fico corada.

— Se piscar mais uma vez pra minha mulher, quebro os seus dentes, seu puto!

— Quem disse que pisquei? Foi um cisco.

— Sei que foi, Bruxo.

— Medo de ter chegado tarde, Stoirm? Falei pra deixar de ser teimoso e agarrá-la logo. Bonita do jeito que é, os pretendentes de Cong vão cair matando — provoca.

— O caralho de medo! — As têmporas do Capitão começam a pulsar, divertindo Luke. — Que tal seguir os seus próprios conselhos, hein... pare de ser um puto carente e encontre uma nova mulher pra você.

Dante xinga, Henry gargalha, Luke rosna e eu coro mais, sem saber se estão brincando ou

brigando.

Aaaaff... homens.

— Parem com isso! Não estamos mais na Idade da Pedra! — Judy berra, Henry ri mais e o pintinho pia. — Será que não conseguem ficar sem se provocar por um minuto? Que belo exemplo estão dando para o menino, o pobrezinho vai virar um ogro — ralha como avó loba que é e volta-se para mim. — Ignore esses bárbaros, Beatrice... — Revira os olhos. — Liguei para a senhora Belford... com a invasão dos turistas, a lojinha está aberta. Sei que não se compara às de Londres, mas é a melhor de Cong e tem algumas peças realmente lindas lá.

Abro um sorriso por ela ter lembrado do meu pedido sobre dicas de compras essa manhã.

— Melhor irmos — Dante impacienta-se.

Já?

Eu ainda nem comecei o interrogatório

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre o Henry!

Meio contrariada, mas achando graça da cara emburrada, deixo o troglodita começar a me arrastar... despedimo-nos apressadamente, vamos em direção a uma moderna picape preta, pegamos uma trilha mais larga, até uma espécie de portaria com torres altas e no momento em que os portões reforçados abrem, dando vista para a estradinha arborizada, entendo toda a irritação de Dante e Luke... Algumas dezenas de manifestantes começam a gritar e agitar cartazes com mensagens agressivas.

O paraíso é nosso!

Herói é o caralho... Fora terroristas!

Morte ao Sudão!

Bruxo maldito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa, que horror! — Afasto-me da porta para me proteger das batidas agressivas na lataria.

— É blindado... ignore-os.

Dante manobra com cuidado e toca em frente, desviando das pessoas. Um ovo explode no vidro da frente.

— É sempre assim? — Giro o corpo para vigiar o grupo ficando para trás.

— Tem sido desde a morte do Jim. — Dante liga o para-brisa e espia pelo retrovisor parecendo tranquilo. — McCallun aproveita os eventos locais que promove, para destilar seu veneno contra nós... como se ter cor da pele, nacionalidade ou religião diferentes das dele fossem crimes.

Meu sangue esquenta de indignação.

— Que absurdo! Isso é racismo, sabia? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bufo inconformada. — Que babaca! Aposto que tem inveja porque são mais respeitados pela Coroa do que ele.

Solto uns palavrões e Dante ri.

— Não ria! — protesto.

— Caralho, você fica muito bonitinha quando fica toda putinha e me defendendo.

Bato na mãozona que vem feita para beliscar minha bochecha.

Ele ri.

— Sai, inferno! Eu tô falando sério. — Olho feio e depois volto a espiar os manifestantes diminuindo de tamanho como formiguinhas. — Como lidam com isso?

Com o perigo longe, volto a sentar de frente.

— Até agora, exatamente assim... ignorando-os. A grande maioria da cidade não o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apoia... e os revoltados nunca foram além dos xingamentos e alguns ovos. O cara só está a fim de atingir notoriedade à nossa custa, vive espalhando rumores alarmistas... até parece que a Rainha permitiria que protegêssemos inimigos da humanidade nas terras Reais. Eu e Luke decidimos ficar na nossa, por enquanto... Não somos homens comuns, Treas... Mesmo que poucas, as más-línguas vão sempre nos acompanhar de um jeito ou de outro, ainda mais num lugar pequeno e cheio de tradições morais e religiosas como Cong... Meu mau humor e a coisa do Bruxo pegaram... e quando o rumor da fofoca se instaura, nem sempre palavras são suficientes... então, estamos apostando nas atitudes, nos mantendo íntegros e transparentes.

Meneio a cabeça, eles estão certos... às vezes, o silêncio é a melhor resposta.

É... como diz minha mãe: os fofoqueiros

PERIGOSAS ACHERON

de plantão não sabem ser felizes... por isso estão sempre tão empenhados em tentar destruir a felicidade alheia... no fundo, querem atenção e tentar desviar o foco das suas próprias amarguras e vidas vazias.

Que meleca!

Nunca nem vi esse McCallun, mas já sinto um ranço tremendo.

Suspiro.

— Que foi?

— O quê?

— Esse suspiro pesado. Nervosa com a bênção? O sacerdote Ferris não morde.

— Não estou nervosa... ficou bravo que contei para a minha mãe?

— Nem um pouco.

— contei pra ela porque acho importante, sabe... bênção é coisa séria e é meio chato ficar

PERIGOSAS NACIONAIS

escondendo as coisas do nosso futuro Abençoado...
— jogo um verde e ele nada. *Merda!* — Não que
minha mãe ficar sabendo mudasse algo... — insisto.
— Ela é total do nosso time, mas já pensou se eu
escondesse algo grande e definitivo... tipo sei lá...
um filho.

Loirinho de olhos cinza amendoados...

Ele só me olha de canto... e mordo a boca,
louquinha para jogar na cara a minha desconfiança.
Bufo... cruzo os braços e bufo outra vez.

— Pode ir parando — grunhe.

— Com o quê?

— Essas bufadas, te conheço, Treas... Sei
muito bem para onde essa cabecinha maluca está
indo.

— Sabe mesmo, Dada? — Não me
aguento e ironizo.

A cabeça morena cai para trás em uma

PERIGOSAS ACHERON

gargalhada sonora... aí que bufo só de raiva.

— Amor da minha vida... — controla a voz ainda divertida. — Sou maluco por um filho, mas só se for seu. Entretanto, acha mesmo, que se o Henry fosse meu, eu o esconderia? O moleque é incrível.

Derreto pelo só se for comigo e tenho um estalo.

Dois Dadas...

— Mandou Luke arrumar outra mulher porque a safada da Lídia o abandonou com o filho?

Duas sobrancelhas se juntam para mim.

— Como sabe da Lídia?

Ops!

Fico dura no banco.

— Que Lídia? — desconverso.

— Como que Lídia? Acabou de dizer Lídia — insiste.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não disse não — minto mais vermelha que um pimentão.

— Treas... — rosna. — Foi a bocuda da Judy, não foi?

Droga... droga... droga...

Sem conseguir olhar para ele, balanço a cabeça em um não rendido. Seria muita mancada jogar minha bisbilhotice na conta da doce Judy. Posso sentir os azuis-índigo queimando em mim... Esfrego as mãos úmidas no short enquanto olho para as árvores que passam lentamente.

— A que velocidade estamos?

— As portas estão travadas... não vai dar pra pular e se safar... vamos, madame. A Lídia?

Com as batidas do coração começando a descompensar... fecho os olhos.

— Achei uma foto sem querer, quando fui procurar as abotoaduras... você disse que eu podia

PERIGOSAS ACHERON

fuçar em tudo — antecipo minha defesa e outra vez não me aguento... Recito o bilhete:

**... Aos meus amigos e amores.
Que a vida não nos separe.
Lídia...**

— O Henry é do Luke? — continuo diante da falta de reação dele. — Vocês três pareciam bem íntimos na foto, tinham um rolo triplo? Por isso os dois Dadas? Sei que não pode abrir coisas por causa da palavra de honra, mas ficar tentando arrancar informações toda hora, cansa. É chato pra caramba ser posta de lado... como posso ser sua Abençoada se não confia em mim? — apelo para a chantagem.

Um som frustrado escapa dele.

— Desculpa, tem razão... estou tão

acostumado a ficar quieto, que é difícil quebrar o hábito. Confio em você mais que em todos. — Estica o braço e aperta meu joelho, reconfortando-me. — Nada de Dadas... Henry só nos chama assim porque somos a referência paterna dele. A Lídia, bem como o marido dela, Douglas, não abandonaram ninguém... morreram em um acidente de carro logo após o parto. Descobrimos só depois da morte dela, que tinha deixado o Luke e eu como guardiões do menino.

— E a família?

— História complicada... Lídia era meia-irmã da Donatela — diz e franzo o nariz com a péssima novidade. — Douglas era órfão, então sem avós paternos. Por isso o trouxemos para o Chaos, deixar o menino crescer em um orfanato, nem pensar.

Penso na sina que é ter uma tia como

PERIGOSAS NACIONAIS

Donatela, mas na bênção que é ter o Jack na minha vida.

— Orfanato? Tudo bem que Donatela é uma Ramba demônia, mas os pais dela... avós são tudo de bom.

— Não nesse caso... — Dante pressiona os lábios. — Douglas namorou a Donatela, mas enlouqueceu quando conheceu Lúdia. Ela nunca perdoou a irmã e o pai tomou suas dores. Quando Lúdia casou, as relações familiares foram cortadas. Não quiseram saber do menino.

— Cristo, que desumanos! E ainda mantém esse tipo de mulher trabalhando para você?

— Por mais que não aprove as decisões pessoais dela... não posso chutar o soldado que salvou meu melhor amigo, a gratidão me impede.

— Como ela ajudou?

— Impediu que Luke fosse atrás de uma

PERIGOSAS ACHERON

pessoa que tinha armado para ele.

Franzo o nariz achando certas gratidões repensáveis... é incrível o que fez por Luke, mas é muito difícil ter um peso sensato quando a pessoa começa a fazer mais mal do que bem. *Deus que me perdoe*, mas meu sexto sentido diz que Donatela ajudou só para cobrar o favor depois.

— E Luke?

— Luke ficou puto na época, mas entende os ressentimentos da Dona quanto a Lúdia, ele não é um cara que julga... os fantasmas dele são muito maiores. Oficializamos a tutela do Henry e pronto.

Satisfeita com a informação, mas ainda mais inconformada com a canalhice de Donatela, eu me calo.

— Pensei que a Irmã Rubi tivesse mexido na minha caixa... — Dante especula provocando uma onda de frio em minha barriga. — Dei falta de

PERIGOSAS NACIONAIS

uma coisa. Onde está?

Congelo inteira, sabendo muito bem ao que ele se refere.

— Treas... — rosna depois de alguns segundos.

— Eu confisquei — sussurro.

— Pegasse qualquer coisa, menos a calcinha. Não me diga que a destruiu... É meu talismã, quero de volta intacta.

— Eita, intacta não vai dar... — Cruzo os braços.

— Onde colocou a calcinha, Treas? — tenta num tom manso.

Não respondo.

— Treas... — esbraveja.

Continuo muda.

— Caralho, Treas! — berra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Coloquei em mim, tá bom? — berro de volta. — Vesti depois do banho — confesso e toda a atenção de Dante recai automaticamente sobre a minha virilha. — Sempre sonhei em usá-la pra você... — confesso de novo e um som completamente selvagem vindo dele me assusta. — Achei que depois da bênç... Jesus!

Meu corpo ricocheteia e com um bumbo tocando no meu peito, levo alguns segundos para entender o que aconteceu... A picape está seriamente comprometida dentro de uma vala, com toda a lateral do motorista imprensada contra o mato denso que margeia a estradinha.

— Você bateu a trinta por hora? — sussurro já querendo rir. — Depois sou eu que não tenho licença e vou me matar num carrinho de golfe — jogo na cara.

Começo a rir e ele rosna.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quase se matou caindo naquele lago, me distraí, porra! Está usando a minha calcinha... deixa ver.

— Sua calcinha uma pinoia! Nem vem! — Dou um tapa nas mãozonas de polvo e grudo o corpo na minha porta afastando-me dele. — Só podia ver se fosse abençoada! Quem mandou esquecer da direção e ficar olhando para as minhas intimidades? Tá aí! Estragou a surpresa, seu tarado! Droga! Viu como entalou o carro nesse buraco? Nunca vamos chegar ao sacerdote Ferris!

— O cacete que não vamos!

Dante abre, empurra a porta, salta da picape toda torta e cai no meio da folhagem densa... luta como um desbravador contra galhos e cipós... quero rir das folhas grudadas no cabelo dele, mas fico imediatamente tensa quando consegue sair da vala e dar a volta no carro.

PERIGOSAS ACHERON

Jesus, se eu sou a louca do pântano, ele é o doido do mato...

Minha porta escancara e antes que eu diga um A, estou nos ombros dele... com visão privilegiada da bunda maciça. Ele começa a andar decidido...

— O que está fazendo? — grito de cabeça para baixo.

— Indo abençoar essa porra de calcinha... ainda tem que comprar uma roupa bonita e no seu passo, não chegaremos nunca a tempo.

— Tá reclamando que as minhas pernas são curtas, seu canalha do *bullying*? — Vejo o asfalto desgastado passar rápido sobre os pés dele.

— Claro que não, elas são perfeitas ao redor do meu quadril.

— Só pra isso? Me põe no chão, Neandertal... — Debato-me. — Posso correr milhas

e milhas, se quiser! — minto e debato-me mais. —
Aiiiiiiii!

— Quieta!

Um tapa ardido bate no limite do short repuxado pela posição inversa. Minhas bochechas da bunda ardem, mas não de um jeito ruim.

Pronto!

Meu amiguinho clitóris que estava quietinho, acorda e pulsa bem empolgado.

— Me solta — gemo, não muito convincente.

— Não... quero a minha abençoada bem descansada! Vou pensar num castigo por ter enfiado a picape na vala.

Uh o quê?

— Castigo o seu rabo! O enfiador foi você! — começo uma ladainha de palavrões.

Ele gargalha, dá outro tapa, meu clitóris

PERIGOSAS NACIONAIS

pulsa de novo, eu gemo e ele ri não dando a mínima para os meus xingamentos... Anda... anda... anda continuando firme na missão de nos fazer chegar a tempo.



Depois que desisto de reclamar e provavelmente temendo que eu morra por falta de oxigenação no cérebro, vou do ombro para a garupa.

Hummm... delícia de corpão quentinho e cheiroso.

Agarro-me a ele como uma pré-abençoada carinhosa.

Dante me carrega por cerca de meia hora e, pouco antes de atingirmos os limites da cidadezinha, sou colocada no chão. Ergo a mão e deslizo lentamente pelo maxilar barbado e tenso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os azuis-índigo recaem desconfiados sobre mim, talvez esperando uma repreenda tardia pela atitude de homem das cavernas.

— Obrigada pela carona. — Sorrio doce, porque foi uma delícia ficar agarrada a ele e seu belo rosto inclina aceitando o afago. — Essas botinhas de borracha não são as melhores amigas das caminhadas... estaria lascada agora.

— Estou à disposição sempre que precisar.

Sorri torto de um jeito que o deixa ainda mais charmoso. Reparo na leve camada de suor que brilha na linha reta de seu nariz... antes de beijar-me no topo da cabeça e enlaçar minha mão.

Seguimos o pequeno trecho restante, num silêncio contemplativo, envoltos na exuberância da mata virgem, que ladeia a estrada deserta, e no ar fresco e puro.

Ainda de mãos dadas, com um Capitão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Putão, um pouco inconformado pela entalada na vala, chegamos à pequena praça central de Cong.

É linda... do jeitinho que vi do alto, mas bem mais agitada do que esperava. Os poucos pubs parecem lotados, as lojinhas funcionando e a igreja está com as portas abertas... algumas pessoas, com mochilas de viajantes, estão sentadas na escadaria.

— Há áreas de camping por aqui?

— Algumas... a reserva não era o único lugar que oferecia turismo ecológico. O hotel da cidade é pouco procurado.

Assinto admirando ao redor... as construções de pedra são encantadoras... um jardim, que desenha formas sinuosas no meio da praça, ergue-se exuberante em diversos tons de verde e do colorido das flores, mas Dante tem razão: nada a ver o prédio da administração local... ele parece um iceberg negro infiltrado no meio de

PERIGOSAS ACHERON

toda essa tradição e delicadeza.

Estreito os olhos para uma monstruosidade estacionada na área lateral do prédio espelhado. Um outro afronte à arquitetura local, mas que bate em mim como a solução dos meus problemas.

— Aquilo é um caminhão *food truck*?

Arrasto Dante pela mão.

— Coisa do McCallun — resmunga, mas me segue. — Comprou esse elefante negro com a verba pública. Quis competir com os pequenos pubs locais, montando um restaurante móvel... fracasso, ninguém trocou a tradição por isso. Agora está aí largado às moscas.

— Ele poderia usar para ações sociais.

— Ações sociais, o McCallun?

Dante gargalha, largo dele e subo numa área elevada para espiar dentro do veículo.

Caramba!

PERIGOSAS NACIONAIS

— A estrutura dessa cozinha é perfeita para preparar e armazenar as centenas de refeições que precisamos distribuir no evento do Estadia — constato animada. — Já que está encalhado, bem que o rançoso poderia me vender.

Dante também sobe no tablado e gruda as mãozonas nos vidros cheios de poeira.

— Bem equipada mesmo, mas duvido que o babaca tope uma venda quando descobrir que é minha mulher.

É verdade.

Solto um suspiro desanimado.

— Ei... — Abraça-me. — Romeo consegue descobrir quem fabrica esse tipo de coisa em um clique. Se bobear, conseguirá alugar em vez de comprar, e muito mais adaptado para o que precisa no Estadia.

Fico animada de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ser que até fabriquem em Londres. — Abro um sorriso cheio de esperança renovada. — Nossa, seria a solução de todos os meus problemas... daí é só esperar a vigilância sanitária liberar o prédio para poder tocar o evento.

— Não sabia que estava tendo problemas com o Estadia.

— Com esse primeiro teste, sim... Lembra do compromisso que firmei com o parlamentar Watson no banheiro do Parlamento? — digo e ele assente. — Tenho medo que se demorar muito, ele dê para trás no acordo. Não vai dar para esperar até reformarmos o prédio — explico.

Meu semblante fecha e dedos longos tocam suavemente os vincos formados entre as minhas sobrancelhas.

— Não gosto de te ver aflita. — Massageia-me entre os olhos até que eu relaxe. —

PERIGOSAS ACHERON

Vou resolver pra você. Se é de um desses que precisa para fazer seu trabalho bem feito, considere feito.

— Sabe que estará ajudando ao Lucca também, né? — digo num impulso, mas arrependo-me no segundo seguinte.

— Seu bem-estar está acima da minha antipatia por ele. — Liberta-me do abraço. — Faço qualquer coisa por você, Inglesinha... pensei que já tivesse percebido isso.

Abre um sorriso sincero.

Observo surpresa quando tira o celular o bolso, faz fotos de todos os ângulos do caminhão, para em seguida, encaminhá-las para Romeo junto com um pedido de informações... Sentimentos confusos borbulham em mim... Que posso contar com Dante, eu já sei... mas até agora não tínhamos entrado na esfera profissional e isso é novo. Estou

tão acostumada a ter que tomar as rédeas do meu trabalho, ser aquela que busca por soluções enquanto todos apenas me olham e esperam, que me surpreendo com a sensação boa que é ter alguém resolvendo por mim.

Gosto disso... desse companheirismo que se estende a tudo.

— Você é muito legal comigo, sabia?

— Sabia... — Pula do tablado, segura-me pela cintura, colocando-me no chão. — A missa vai acabar daqui a pouco. Está linda desse jeito, tem certeza de que precisa das roupas?

Gosto do linda, mas não caio no jogo dele.

— Se pretendemos ficar mais, preciso sim e de um tênis também.



Deixo o par de tênis, as poucas roupas que

escolhi no balcão e espio pela pequena vitrine... nenhum sinal de Dante. Na praça, cada um foi para um lado... eu para a lojinha e ele para a igreja procurar pelo sacerdote Ferris.

— A que horas acaba a segunda missa? — volto-me para a senhora Belford que dobra as peças que me mostrou.

— Deve ter acabado há uns dez minutos, querida.

Franzo o nariz... bom, louco para abençoar a calcinha, Dante viria atrás de mim se estivesse atrasada. Não satisfeita com as compras, passo um segundo olhar pelas poucas prateleiras e araras esparsas... Atraída por um mar de brancos, caminho até um cantinho escondido da loja.

Nossa, que lindos!

Minha alma de produtora se anima... até achei um vestidinho verde floridinho que gostei,

mas que não amei. Passo a mão nos tecidos suaves enriquecidos com rendas.

— E esses aqui? — Tiro um vestido do cabide e examino.

Os olhos enrugados saem das roupas no balcão e recaem sobre mim.

— Ah não... esses fiz para as ninfas do festival do solstício de verão. — Caminha lentamente até a mim. — Nós irlandeses não estamos muito animados para o jogo de estreia da Inglaterra, a maioria está aqui para os festejos de quinta.

Festejos?

Ah!

Sorrio para ela, dando graças a Deus pela minha boa memória.

— Nem me dei conta de que já é quase dia 21 de junho. É na quinta a celebração de Litha, né?

PERIGOSAS NACIONAIS

A união da Deusa Mãe com o Deus Beltane.

A senhora Belford sorri impressionada.

— Isso mesmo... e na minha opinião, a celebração é uma das datas mais especiais.

Concordo ampliando o sorriso... Melhor ocasião para uma bênção impossível. Pego outro vestido e seguro a vontade de recitar o que decorei na escola... No solstício, o Sol está mais próximo da Terra e o Deus Beltane, que é tipo o top fodidão dos deuses, está no auge de seu poder em Litha. Na celebração de solstício, além de ser coroado como o senhor da luz... ele se une com a Deusa máxima Celta, a Mãe... Com o sol no ápice e flores, folhagens e gramados abundantemente verdes e coloridos, o momento é considerado muito auspicioso e fértil para mudanças e começos.

Meu coração palpita... gosto da ideia do Capitão saindo das trevas e vindo definitivamente

PERIGOSAS ACHERON

para a luz.

— Amei esse, combina com o meu momento vá para a luz!

Levanto um vestido romântico na altura dos tornozelos, em seda, com delicadas mangas curtas em renda e um decote V profundo nas costas arrematado com pequenos botões de pérola. Bem como o de uma fada... esvoaçante e feminino.

— Vá para a luz? — Olha-me confusa. — Está aqui para a celebração? Segue a tradição celta?

Ops.

— Seguir... seguir, não sigo. — Abraço o vestido, decidida a não largar. — Esse é perfeito para a celebração.

— Acho que cabe em você, mas pode ser que precise de uns ajustes nos seios. Vista que faço as marcações e entrego na quinta de manhã.

— Não! Só de olhar sei que está perfeito!

PERIGOSAS NACIONAIS

— minto. — Vou levar agora, tem sapatos pra combinar?

— As ninfas os usam descalças.

— Ah... claro... — Reviro os olhos. — Descalças.

— Tudo pronto aí?

Ambas viramos para ver Dante parado na porta... seu corpão iluminado por um raio de sol.

— O sacerdote está esperando por nós na igreja antiga.

— Oh, Capitão... na igrejainha? — Os olhos da senhora Belford brilham. — Vá para a luz — sussurra.

— Vá pra quê? — O rosto barbudo franze.

— A senhorita disse vá para...

— Nada... vá para lugar nenhum — interrompo a senhorinha, que sorri abobada para ele.

PERIGOSAS ACHERON

É, definitivamente ela não está na lista dos haters^[162] seguidores do McCallun.

— Oh... meu Deus! Ela é a sua Beatrice, Capitão?

Suspiro... estava tão na missão de guardar nosso segredo que não disse meu nome e muito menos falei sobre Dante.

— A própria. — Os azuis-índigos escaneiam minhas roupas que continuam as mesmas. — Achou o que precisava?

— Hum-hum... só preciso pagar.

— Meu Deus... são um casalzinho lindo...

Suspiro quando o olhar da senhora Belford, até então simpático, mas indiferente, assume os mesmos ares estranhos de: *eu sei quem é você* do pessoal do Chaos.

— Obrigado. — Dante abre um sorriso radiante e raro. — Eu disse que a minha Beatrice

era linda.

Ele disse?

— Linda mesmo, fez bem em esperá-la.

Hã?

Olho embasbacada de um para o outro imaginando em qual rodinha do *whisky* milagroso esses dois se encontraram para fofocar de mim...

Será que Cong inteira também me conhece?

— Quanto lhe devo? — Dante tira um calhamaço de dinheiro do bolso.

— Cento e oitenta libras.

Uh, o quê?

Não!

Antes que eu possa sair do transe observatório e alcançar a bolsa no balcão, Dante deposita sobre ele várias notas capazes de pagar três vezes pelas minhas compras.

Olho feio e ameaço um protesto. Abro a boca, mas ele é mais rápido do que eu, impedindo que eu diga algo com um beijo rápido, mas não tão casto.

— Nem vem... — Acaricia minha bochecha ruborizada. — É um presente para a bênção, esquentadinha... só aceite, ok?

A senhora Belford suspira alto enquanto o meu lado feminista grita: *Minhas compras, meu dinheiro*, mas engulo... Não vou fazer uma cena na frente da senhorinha que nos olha sonhadora ao empacotar tudo. Além do mais, tenho meu caderninho amarelo para isso.

— Bênção, hum... — ela murmura. — Espero que não tenha esquecido das nossas tradições. — Pisca, crente de que está sendo discreta.

— Não esqueci. — Dante sorri sem graça.

Quais tradições?

Santo Deus! Meleca!

Dois segundos que Dante está aqui e a senhorinha fez todas as conexões.

— Uma bênção é só uma bênção — na defensiva, deixo escapar.

Aposto que vai ligar para Judy, assim que viramos as costas.

Tchau... Tchau... segredo.

— Uma bênção não é só uma bênção no solstício, minha querida. — Pisca outra vez, só que agora para mim. — O vestido ficará divino... tem um banheiro na capelinha. — Outra piscadela.

Oh... Deus!

Apenas assinto e mordo os lábios decidida a não piorar as coisas.



PERIGOSAS NACIONAIS

— Que beleza, hein, senhor Capitão... Pra quem não gosta de abrir o bico, você está me saindo um caladão bem falsificado... — brinco, mas não muito, assim que saímos da loja e pegamos uma ruazinha paralela à praça. — Falou de mim pra todo mundo daqui?

Os azuis-índigo aguçam ao baixar o olhar para mim.

— O todo mundo daqui, não é muita gente, mas o caralho que abriria sobre o meu maior tesouro para qualquer um. — Balança a cabeça aborrecido. — A senhora Belford é uma curandeira respeitada em Cong... conversamos algumas vezes, a pedido da Judy. Achei melhor abrir logo sobre você do que aguentar a ladainha interminável das mulheres solteiras de Cong.

Justo.

Calo-me ligeiramente ruborizada.

PERIGOSAS ACHERON

Meu maior tesouro.

Sorrio involuntariamente.

— Quer trocar as botinhas pelos tênis? São uns dez minutos de caminhada.

— Na igreja eu troco... estou bem.

Serpenteamos as ruazinhas até entramos em uma viela estreita ladeada por pequenos sobrados... Os mesmos lençóis branquinhos, que vi em outras casas, balançam nas janelas altas como bandeiras. Ergo a cabeça admirando a dança.

— É um costume local de boas-vindas à Deusa mãe — explica percebendo minha fascinação curiosa. — A senhora Belford deve ter falado da celebração... ela é uma das organizadoras.

— Vamos ficar até lá?

— Se quiser... é bonito de ver.

Meneio a cabeça indicando que sim.

Uma bênção não é só uma bênção no

solstício, minha querida.

Aaaaaah...

Minha ansiedade dá o ar da graça quando o barulho do rio se mistura ao farfalhar das sacolas que Dante carrega por mim. Numa tentativa de acalmar meu coração descompassado, encho os pulmões de verde, entendo a fascinação pelo lugar... a beleza pacífica é indescritível e parece ter saído de um daqueles livros de fantasia... não me admiraria cruzar com alguns elfos e fadas por aí.

Com o aperto redobrado da mão de Dante, pegamos uma trilha e descemos uma escada de pedras, recoberta de limo, que corta a mata.

Vejo na beira do rio uma construção em pedra. Se não fosse pelo teto pontudo e por pequenos vitrais em formato de cruz decorando as portas, apostaria numa choupana, nunca uma igreja. É adorável, pitoresca e parece estar ali há

muitos séculos.

Desço, um pouco instável, o último degrau e afundo as botinhas em uma camada úmida de terra e folhas caídas.

Aperto a mãozona como um pedido de apoio... meus dedos gelados são engolidos ainda mais pela mão poderosa, numa transferência silenciosa de coragem. Ergo os olhos e deparo-me com os azuis-índigo me fitando intensamente.

Apesar do semblante impassível, está tão nervoso quanto eu e a magnitude do que estamos prestes a fazer emociona-me ao ponto de me tirar o ar. Não... claro que não é uma simples bênção. Vou me unir perante a Deus com um irlandês de trinta e um anos, um Capitão das Forças Armadas linha dura, endurecido pela vida e marcado por tragédias pessoais... o único homem que amei e amo.

— Tudo bem? Se não quiser...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero — interrompo com um sorriso instável. — É o certo, sempre foi...

Pulo sobressaltada ao ser interrompida por um estrondo de bater de portas contra as pedras.

— Ah! Finalmente estão aqui!

Com o coração saindo pela boca, viro para encontrar o dono do vozeirão firme e simpático. O homem de batina marrom, um pouco justa e curta para o seu tamanho avantajado, parece um ursão motoqueiro com barba grisalha espessa e longos cabelos presos por uma trança.

Sorrio instintivamente para a figura carismática.

— Pensei que tivessem se enfiado em algum pub e desistido! — Agita as mãos. — Venham... venham... entrem!

Abduzida pela energia animada do grande sacerdote, sigo o Capitão e entramos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por dentro, a igrejinha reflete a mesma aura antiga do seu exterior. Olho ao redor, atolada demais em sensações para me atentar aos mínimos detalhes: o marrom das pedras e madeira predomina. Bancos compridos e simples... assoalho de tábuas envelhecidas, que rangem um pouco a cada passo que damos... vitrais de santos nas laterais por onde os raios de sol em feixes coloridos transpassam, incidindo sobre um altar simples, decorado com um cálice de prata e um Jesus enorme na cruz.

Incomoda-me quando Dante coloca as sacolas de compra num dos bancos e nada discretamente, saca a arma do coldre escondido na panturrilha e a entrega ao sacerdote Ferris.

Droga! Sempre me esqueço dela... Ok... acostume-se.

Respiro decidida a não estragar o

PERIGOSAS ACHERON

momento. Pelo menos, teve a decência de não ficar com esse trambolho do Diabo na casa de Deus.

A tranquilidade com a qual o homem santo recebe a arma, caminha até uma caixa afixada na entrada e a deposita ali dentro, me faz pensar quantas vezes os dois já repetiram a mesma cena.

— O senhor tem um lugar onde eu possa me trocar? — pergunto com o sacerdote ainda de costas.

— Ah sim... — Vira-se todo sorridente. — Ali, meu anjo... tome o seu tempo, estaremos esperando no deck, atrás do altar. — Aponta para uma porta.

Sem olhar para o Capitão ou dizer mais nada, esvazio meus pensamentos e corro para o que descubro ser um quartinho com uma cama estreita e estranhamente uma latrina. Examino o pequeno vitrô, que dá para o rio... ótimo sem possibilidade

PERIGOSAS NACIONAIS

de fuga. Mantenho a cabeça vazia para não surtar e troco-me mecanicamente. Ok... talvez a senhora Belford tivesse razão quanto aos pequenos ajustes nos seios. A coisa está um pouco justa aqui em cima e me faz parecer uma ama de leite.

Dane-se!

Saio, jogo a sacola junto com as outras e corro para a portinha atrás do altar. Abro receosamente e sou transportada para um universo paralelo.

Centenas de borboletas roubam a minha atenção ao sobrevoarem um deck de pedra que se estende até uma plataforma no meio do rio. Elas não me assustam e parecem ter sido colocadas aqui por força divina. São amarelas, alegres como o significado espiritual delas... uma nova vida, bela e feliz.

Esfrego o peito que bate tão acelerado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto as pequenas asas das borboletas... recaio o olhar finalmente em um Dante sozinho e sério no meio da plataforma.

Ofego... é tão surreal estarmos aqui que chega a ser assustador como as coisas foram se encaixando... Aproveito que está distraído com a correnteza para dar uma boa olhada nele.

A camiseta cinza foi substituída por uma camisa de linho branca, muito mais nos moldes do tamanho robusto do sacerdote do que dele. Sorrio para os pés descalços iguais aos meus. O meu Capitão parece um ser mágico iluminado pelo sol e rodeado pela água.

Sinto-me abençoada antes mesmo da bênção. No primeiro passo que dou, os azuis-índigos cravam em mim. Não exatamente em mim como um todo... mas no meu decote. Gesticulo indicando o meu rosto enquanto murmuro um:

PERIGOSAS ACHERON

— *Comporte-se, seu tarado.*

Os ombros largos levantam em um riso descarado... Reviro os olhos quando vem em passos largos na minha direção.

— Está uma bela visão, Beatrice Wild.

— Sei bem a bela visão a que se refere. — O rubor desce para os seios que ele volta a encarar. — Obrigada por elogiar o *vestido*... — dou uma ênfase irônica. — Também gostei da camisa do sacerdote Ferris — provoco, nem um pouco aborrecida.

Dante faz uma careta, como se tivesse sido pego no pulo, desvia dos seios com certa relutância para fitar meu rosto. Noto uma malícia elétrica emanando dele e sorrio.

— A camisa foi um pouco demais, né? — Alisa o tecido amarrotado. — Quis me arrumar e combinar com você.

Recebo o golpe afetuoso com um suspiro discreto.

— Está perfeito. — Pouso a mão sobre a dele, sensibilizada por sua vontade de me agradar. — Onde está o sacerdote Ferris? — Estranho a ausência da figura corpulenta.

— Foi até a moto... esqueceu alguma coisa.

Sabia que o santo era motoqueiro!

— Pronta?

Vou das borboletas para a plataforma recheada de limo de depois para os meus pés.

— As borboletas são inofensivas, são atraídas para cá pelas flores. Não precisa ter medo, verifiquei e não há insetos rastejantes por aqui.

Há mesmo uma exuberância florida por aqui.

— As pétalas... — Cutuco uma com a

ponta do pé.

— O que têm elas?

— São românticas.

— Eram pra ser, mas o vento não ajudou.

— Abre um sorriso quase beirando ao tímido. — A maioria voou ou já desceu com as águas do rio.

Aaah... assim ele me quebra!

Essas pequenas delicadezas, tão contrárias à natureza durona dele, são encantadoras... Emociona-me ver um ogro desse tamanho se esforçando tanto para ser gentil.

— Tem sido incrível comigo, obrigada. — Controlo-me para não chorar. — Nem mesmo os meus pais me apoiam tão incondicionalmente... Não sei o que dar em troca, nada parece estar à altura. — Gesticulo indicando ao redor.

— Apoio porque te amo. Não quero nada. — Abraça-me. — Já me deu o inimaginável, Treas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Coloca os lábios em meu ouvido e sussurra: —
Você, o meu amor perdido, que está aqui... Toda
minha devolvendo o meu mundo. Era um puto
quebrado cheio de amargura... tirou meu coração da
escuridão. Não pensei que fosse possível, mas
voltei a ser completo e por mais louco que pareça,
mesmo com tantas merdas que nos rodeiam, nunca
estive mais feliz.

As palavras sussurradas roucamente me
atingem como um raio bem-aventurado... com o
sangue incendiado num misto de amor máximo e
encantamento, entrelaço os dedos no pescoço viril e
parto para cima num beijo urgente. Pressiono todo
o corpo contra o dele demonstrando que sim!

*Eu também nunca estive tão completa e
feliz!*

Dante surpreende-me esmagando minhas
bochechas e tomando-me toda a boca... mais

PERIGOSAS ACHERON

empolgado do que eu, percorre cada centímetro dela com a língua voraz. Um gemido rouco nasce e reverbera pelo peito musculoso, aticando-me.

Perdoa-me, Senhor.

Esqueço que estamos em território sagrado, agarro a cabeleira morena, me esfregando bem gostoso. A mãozona desce e aperta minha bunda... arquejo e ele grunhe. Fundimos ainda mais nossas bocas, nos explorando mutuamente, em um beijo para lá de necessitado e possessivo. Vou apertando e tateando cada músculo que encontro pela frente... indo dos braços para as costas largas e voltando para o pescoço pulsante.

Começa um beija-chupa-esfrega e tudo que quero é devorá-lo com a vontade enlouquecedora de sempre... quero, mas não posso, pois engulo a vontade no segundo em que o sacerdote Ferris limpa teatralmente a garganta

fazendo um barulho alto bem do nosso lado.

Dante rompe o beijo e ofegantes, nos voltamos para o sacerdote. Devo estar tão vermelha do rala-barba que duvido que o santo homem esteja notando o meu rosto corar de vergonha.

— Desculpe, meus filhos, mas essa parte é depois.

Nada constrangido, Dante passa as mãos nos cabelos bagunçados por mim.

— Desculpa, sacerdote, não pude resistir.

— Entendo e não o julgo. — Ele dá uma boa olhada em mim. — Está simplesmente adorável, mocinha.

Sorrio, constrangida de verdade, em um agradecimento silencioso.

— Podemos começar, então?

Ambos nos entreolhamos e assentimos em conjunto. Dante afasta com o indicador uma mecha

PERIGOSAS NACIONAIS

caída em meu rosto e tudo muda com seu toque gentil... de repente, as batidas desgovernadas do meu coração se acalmam, o ar fresco enche os meus pulmões e toda a minha alma fica mais leve. Não há porque ficar nervosa, já que estou exatamente onde devo estar, diante desse homão com um sutil sorriso no rosto... em casa.

Seguro firme em sua mão e surpreendo-me novamente... com um gritinho, voo suavemente para o seu colo.

O sacerdote gargalha.

— Tudo isso é medo que ela fuja?

— Pior que é, todo o cuidado é pouco —

Dante responde bem-humorado.

— Ei... não sou tão fujona assim!

— Imagina... quase nada, Inglesinha. —

Aperta-me contra o peito.

Sentindo o coração dele bater apressado,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguimos o sacerdote pela plataforma que invade o rio. Em meio à revoada de borboletas, sou posta de pé diante de um altar improvisado, porém bastante delicado. Há uma passadeira rendada sobre a mesa rústica, a Bíblia, a caldeira e o asperge para a unção e dois vasos com flores campestres.

Com curiosidade, observamos o sacerdote desfazer o nó dos cordões em sua cintura, amarrá-lo na alça da pequena caldeira de prata, que é lançada no rio. Quando içada pela corda, volta repleta de água cristalina.

Percebendo nossos olhares confusos, o grande homem ri chacoalhando a pança.

— Pensei que tivesse colocado a água-benta nos alforjes da motocicleta, mas me enganei. — Deposita a caldeira transbordante na mesa. — Melhor assim... não há água mais pura que a de um rio e vou abençoá-la com votos auspiciosos a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vocês. Tudo pronto!

— Só um minuto — Dante pede, contorna a mesa e num abaixamento, que valoriza os músculos torneados de suas grossas coxas, pega algo.

Prendo o ar ao ver a delicada coroa de flores multicoloridas que carrega com cuidado. Para diante de mim e com um gesto surpreendentemente cavalheiresco, a deposita em minha cabeça.

— Faz parte da tradição, Treas... significa que entrego minha alma a você. — Ajeita uma flor fujona, recolocando-a no lugar.

— Ah... eu não tenho uma pra te dar — murmuro emocionada.

— Não é preciso, criança. — O sacerdote intervém. — Ao aceitá-la está retribuindo o presente com a sua própria alma, basta dizê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Outro *Ah* escapa juntamente com uma lágrima... não ensinaram essa parte nas aulas de história.

— É linda... também entrego a minha alma a você — murmuro.

Frente a frente e de lado para o pequeno altar, Dante une nossas mãos. A pressão dos seus dedos nos meus é firme, mas reconfortante. O sacerdote começa a entoar salmos em latim e nossos olhares não desgrudam um só minuto. Há tanta energia fluindo entre nós, que meu corpo começa a formigar... a sensação que tenho é de que, de fato, nossas almas estão se unindo e criando algo maior e poderoso.

Perdida nos azuis-índigo, faço uma prece silenciosa agradecendo nossa trajetória... dos bons aos maus momentos... porque sim, foram todos eles que nos forjaram ao que somos hoje... e nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trouxeram exatamente aqui... um diante do outro... unidos, prontos e dispostos a viver esse nosso amor verdadeiro. Duas metades, injustamente separadas pela vida, que se reencontraram e estão juntas nessa missão, não importando onde ela nos leve.

— Vocês dois aí... — O latim acaba, o inglês do sacerdote volta firme, nos fazendo desconectar e olhar para ele. — Lembrem-se, o amor é leve e deve nos fazer bem. — Sorri satisfeito com a atenção. — O amor não é sobre prometer ficar... nada disso... todo mundo promete um mundaréu de coisas que não está disposto ou não pode cumprir... O amor é sobre os que ficam, sem precisar pedir ou implorar. O amor verdadeiro é para aqueles que não desistem do livro da vida no primeiro contratempo, é sobre os que viram a página ruim e prosseguem, pois, têm fé na história e no final feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Começa a nos benzer com a água santa... Dante retira do bolso um pacotinho vermelho e minha respiração falha... ele abre e dois anéis de prata, ajustáveis e adornados com os desenhos de delicadas ferraduras, pousam na palma de sua mão. O sacerdote Ferris sorri e os abençoa com água benta enquanto recita cânticos, novamente em latim.

Esse símbolo eu reconheço... diz a tradição irlandesa que todo casal que se forma deve carregar consigo ferraduras como símbolo de proteção e boa sorte ao novo amor.

— Treas... — Os azuis-índigo ficam carregados de uma emoção que não reconheço.

Automaticamente, meu coração volta a disparar em uma batida descompassada... fascinada pela profundidade em seus olhos, não digo nada. Ele pega minha mão, beija a palma e depois o

PERIGOSAS ACHERON

dorso. Arrepio-me com o toque dos lábios suaves e quentes combinados com o pinicar da barba.

Solto o ar de mansinho. Não adianta... vai ser sempre assim: essa onda de excitação que percorre meu corpo toda vez que me toca... É como se minhas células se alimentassem dele. Sou completamente arrebatada por esse homem contraditório em sua rudeza e doçura. Tenho a sensação de que mesmo que cem anos passem, jamais conseguirei ficar indiferente ao seu toque.

— Minha Inglesinha... — recomeça depois de respirar fundo. — Desde a primeira vez em que pensei no amor, foi o seu rosto que veio a mim... Sou um homem de sorte por carregar no peito um sentimento tão raro e avassalador como esse... e estou feliz pra cacete porque sei que carrega o mesmo amor em você. Não somos fáceis. — Sorri torto, do jeitinho que eu mais gosto, e soluço

PERIGOSAS NACIONAIS

segurando a emoção. — Nem sempre as coisas vão correr às mil maravilhas, brigamos o tempo todo, mas sei que vale a pena insistir e lutar, porque somos nós. Com esse anel... — Desliza pelo meu dedo. — Eu me entrego a você... de corpo, alma e coração.

Não aguento... sucumbo e começo a chorar. Ele está certo, é raro e avassalador. Com a mão trêmula, pego o outro anel, seguro a mãozona e repetindo seu gesto, beijo a palma e o dorso. As lágrimas correm soltas sem que eu consiga ou queira controlá-las... o momento tomou ares tão definitivos que mal consigo respirar.

— Meu amor por você não tem limites. — Minha voz sai fanha e incerta, mas eu não ligo. — É tanto sentimento... tanto querer bem, que, às vezes, eu me assusto. A gente briga porque se importa... é meu amigo, meu companheiro e não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importa quantas vidas eu possa ter, sempre vou amar você. — Solução. — O que sinto é tão imenso, intenso e intransferível que é eterno. Agora sou eu quem diz... obrigada por ter voltado e me feito sua de novo. Com esse anel — Deslizo o anel no dedo da mão, que treme tanto quanto a minha. — Devolvo o que sempre foi seu: minha alma, meu corpo e o meu coração. Te amo para sempre, Dante Stoirm.

Um soluço mais agoniado que o meu nos tira de nosso mundinho. O sacerdote Ferris está aos prantos e sorrindo.

— Oh... Deus! Nunca uma bênção foi tão especial pra mim. Vão... vão. — Agita o asperge salpicando água benta em nossos rostos. — Esqueçam que estou aqui, beijem-se! — Assoa o nariz num lenquinho.

Sem precisar de mais incentivo, fíco na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ponta dos pés e provoco a boca de Dante com a minha língua em busca de mais um beijo.

— Vem, meu Abençoado... beije a sua mulher — peço.

O Sorriso aparece e ele vem suave e doce. Ficamos assim... perdidos um no outro. Cheios de línguas enroscando demoradamente, corações batendo juntos e corpos ansiosos por momentos a sós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Instigando o pescoço de Dante, com uma chupada leve, sigo agarrada a ele escada acima... Aceito a carona em seu colo, só porque é bom demais, não porque esteja trançando as pernas. Já não via a hora de encerrar a terceira tradição: a da bebedeira. Se deixássemos, o sacerdote Ferris nos levaria ao coma alcoólico. Depois de participar ativamente, como fotógrafo e também modelo, nas *selfies* prometidas a minha mãe, ele foi gentil e bem insistente no convite para um brinde de bênção em um pub.

O bichão de Deus bebe!

Enquanto eu e o Capitão ficamos em algumas poucas doses, o bom senhor matou duas garrafas de uma bebida docinha feita de mel, obrigatória nas comemorações de votos de união.

Um tal de *Bunratty Mead*.

*Caramba, se o whisky milagroso faz falar,
esse vinho faz transar!*

O sacerdote não mentiu sobre os benefícios para o amor... Dante está impossível e eu subindo pelas paredes, ou melhor, pelos músculos trincados dele. Estamos há dez minutos num anda, para e esfrega pelos corredores e escadas do hotel local.

Sim... hotel.

Fiquei surpresa quando saímos do pub e soube da discreta reserva de quarto, e mais ainda, quando dei de cara com a picape estacionada nos fundos do hotelzinho. Obra do Luke, que desentalou o carro da vala com a ajuda do xerife.

Entretida pelas histórias engraçadas do sacerdote Ferris, nem desconfiei quando Dante levantou e foi até a entrada do pub com a desculpa

PERIGOSAS NACIONAIS

de guardar minha bolsa e sacolas no guarda volume.

Bandido... Entregou-os ao sorrateiro Luke para serem postas em nosso quarto.

Devo agradecer o quarto do hotel à fúria dos manifestantes... Embora não tenha caído muito nessa de perigo, o recado do Bruxo no para-brisa foi claro: o número de pessoas tocando o terror lá na portaria do Chaos tinha aumentado.

Estranho...

É tão óbvio... se os protestos fossem contra o Capitão seria muito fácil descobrir onde ele estava. Andamos por Cong sem ouvir um xingamento sequer.

Vai saber... todo o caso...

Obrigada, Deus, pela burrice deles!

Enquanto se esgoelam por lá, nos amamos por aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Paro de instigá-lo na porta do quarto quando ouço um: *hum-hum* ao nosso lado. Sorrio para uma mulher que passa por nós pelo corredor e faz uma careta.

Ajeito a coroa de flores e endireito o corpo, recompondo-me... a última coisa que me falta é sermos expulsos do hotel por ato libidinoso no corredor.

— Luke vai dormir no hotel? — sussurro ainda sorrindo cinicamente para mulher que se afasta e volta e meia olha sobre os ombros.

— Não, veio e voltou para o Chaos de moto. — Dante sustenta minha bunda com um só braço e tira uma chave, das antigas, do bolso. — Abrimos um caminho alternativo pela encosta, McCallun nem desconfia.

— Tudo isso é mesmo preciso? Aquelas pessoas me pareceram mais loucas do que

PERIGOSAS NACIONAIS

perigosas... Baderneiros em busca de arruaça, duvido que partam para algo mais sério.

Seguro nos ombros largos e intensifico o aperto de pernas em seus quadris para me firmar.

— Também duvido, mas não quero arriscar... — Roça meus lábios com um beijo rápido, docemente erótico. — Não com você do meu lado.

— Sua carga preciosa?

Franzo o nariz em um charme lisonjeiro... É excitante ser o alvo de tanta devoção e cuidado por parte de um homem intimidador e fascinante como ele.

— É isso aí. — Beija meu nariz.

Sorrio doce como uma donzela protegida pelo bravo herói e volto a instigá-lo, assim que a mulher chata vira no corredor e some das nossas vistas. Inspiro o perfume delicioso e deposito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beijinhos molhados da clavícula até a orelha... chupo o lóbulo macio... mordo e dou uma puxadinha entre os dentes.

O corpão forte estremece em um reflexo de prazer, com a respiração mais ativa, ele erra a fechadura duas vezes e me encara exasperado.

— Caralho, mais uma chupada dessas e não me responsabilizo. Vou te comer aqui mesmo se não conseguir abrir logo essa merda... — amaldiçoa a porta, ligeiramente emputecido, e volta a insistir na fechadura que parece emperrada.

Acho graça da rudeza bipolar dele.

— Nem tudo é força, meu amor. — Esfrego o nariz na bochecha rabugenta. — Certas coisas pedem jeitinho, enfie a chave com delicadeza. — Afago a barba e ele grunhe mais manso como o gato que é. — Nada de corredores, meu voto é por uma safadeza na cabana... Nem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escureceu ainda, por que não voltamos para lá pela trilha?

Um murmuro lhe escapa.

— Porque não há chances de uma foda safada no Chaos... — Pressiona os lábios claramente aborrecido e fico confusa.

Não entendendo o porquê. Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas.

— McCallun mudou de tática e resolveu incitar uma invasão? — indago achando que me esconde alguma coisa.

— Antes fosse isso... — O nariz perfeito franze. — A senhora Belford deu com a língua nos dentes. Judy está uma fera por ter ficado de fora da bênção. Acredite, prefiro enfrentar mil manifestantes do que a fúria daquela mãe loba... Além do mais, a trilha é demorada. Estou me controlando há horas... — Tenta girar a chave no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jeitinho e ouço um primeiro *clique*. — Preciso da minha mulher, não de um de sermão maternal.

A porta escancara e dou risada do modo apressado com o qual nos põe para dentro.

Entendo o desespero... não sei se foram as horas de expectativa ou o bendito vinho, mas estou na mesma situação: precisando dele. Toda vez que o sacerdote se distraía, Dante ficava me tentando para darmos uma rapidinha lá no banheiro do pub. Resisti bravamente, com a nossa falta de sorte ou de limite, era bem capaz de sermos presos novamente por atentado ao pudor.

Meu riso dá lugar a um pequeno arquejo assim que a porta fecha e minhas costas são pressionadas contra ela. Espero um ataque imediato, que não vem... no lugar da selvageria esperada, Dante abre um sorriso misterioso e pra lá de sensual, enquanto escrutina o meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

A intensidade no olhar de pupilas dilatadas me desconcerta.

— Caralho... — Percorre o dorso dos dedos carinhosamente pela lateral do meu rosto. — É foda... Tem ideia de como me senti quando disse minha mulher?

Eu tinha ideia até dois segundos, mas agora minha mente gira buscando dar sentido à mudança brusca de comportamento. O volume indecente que cutuca minhas intimidades conflita com a adoração que domina os azuis-índigo. Sentindo-me a mulher mais especial do planeta, porém perdida, espalmo o peito musculoso. O coração dele bate forte.

— Feliz? — chuto um palpite óbvio fascinada com a pulsação evidente em seu pescoço.

— No céu. — A voz fica aveludada e rouca. — Minha Inglesinha abençoada — entoa

como uma prece.

Ah... não.

Ah... não.

Ah... não.

Ele que não me venha com essa de me achar sagrada e começar a pegar leve comigo.

— Abençoada, ok. Santa nem pensar —
aviso só para evitar mal-entendidos. — Quero ser adorada na cama, não num altar.

A cabeça morena cai para trás em um riso solto.

— Corromper a sua virtude é meu novo hobby, jamais a colocaria em um altar.

Ufa... ainda bem!

Minhas virtudes desavergonhadas sorriem animadas.

Satisfeita, mostro o quão louca estou para ser corrompida ondulando suavemente o quadril e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esfregando as partes carentes no míssil.

Dante geme ao espalmar minha bunda, o calor que emana dele superaquece meu corpo de fora para dentro.

— Diga que não trocou de calcinha? —
Roça nossos lábios em um jogo de sedução.

Fico vermelha pelo estado que me encontro lá embaixo... Culpa dele... Deveria ter trocado na primeira sequência de palavras sacanas que sussurrou no meu ouvido naquele pub. Estou encharcada há horas.

— Hum-hum... ainda está aqui... —
murmuro contra os lábios bem feitos. — Toda molhadinha, é só vir pegá-la.

Um som rouco e apreciativo vibra no peito grande.

Nossas bocas abrem, as línguas flertam sensualmente e entramos em um beijo profundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha respiração acelera e a dele também... Há uma malícia em nossos movimentos, que não havia há quatro anos. No jeito como nossos corpos respondem um ao outro, na forma altamente erótica com a qual chupa minha língua e no modo como instigo sua nuca com as unhas... gestos instintivos, que tomam proporções monumentais e altamente instigantes porque somos nós... É incrível como a maturidade e a experiência podem ser sedutoras se estivermos com a pessoa certa.

Os garotos que me perdoem, mas um homem é um homem... ainda mais quando esse responde pelo nome de Dante Stoirm. Aí... é incomparável.

Inebriada pelo cheiro amadeirado delicioso e pelo vinho, afundo os dedos na cabeleira macia, pressiono os seios contra ele e entrego-me à delícia que é prová-lo sem pressa... ele é meu e temos todo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o tempo do mundo.

O beijo se estende até que Dante separa nossas bocas em busca de ar... com jeitinho, desfaz meu aperto e escorrego pelo corpão ficando sob os meus pés. Sou girada como um peão e acabo de costas para ele... ofegante, espalmo as mãos na madeira fria.

A boca safada presenteia-me com uma sequência de beijos e lambidas na nuca. Contorço-me como uma bailarina e pequenos gemidinhos apreciativos escapam, à medida que o ataque sensual avança... A língua deixa uma trilha molhada na coluna até ser barrada pelo decote do vestido...

Tenho um sobressalto quando os joelhos dele se chocam num som seco contra o assoalho de madeira antiga.

Tudo para... o mundo se resume a nós...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com todos os sentidos em alerta, minha atenção está focada ao que acontece atrás de mim... Excito-me mais a cada novo toque... mãos enormes delineiam as laterais do meu corpo e agarram possessivamente minhas ancas...

Ofego.

Como um animal, afunda e esfrega o nariz entre as minhas pernas... é obsceno.

Sou tomada por uma expectativa desconcertante... o que provoca uma contração involuntária em minha vagina fazendo os meus olhos fecharem. Grudo a testa na porta.

— Puta merda, cheira tão bem quando está excitada.

Os dedos ágeis delineiam a seda na cintura... capturam os pequenos botões na base da coluna, que começam a ser desabotoados lentamente... Ansiosa, esfrego os calcanhares para

PERIGOSAS ACHERON

me livrar dos tênis novos.

— Quase te arrastei pelos cabelos pub afora... pensei nesse momento a tarde toda. — O último botão é aberto deixando o vestido frouxo. — Não tem coisa melhor no mundo do que tê-la nua.

Sacudo os ombros deixando o tecido macio escorregar pelo meu corpo.

— Errado, Abençoado. Não tem coisa melhor do que ter nós dois nus. Tem noção de que podemos fazer o que quisermos a partir de agora... — divago. — A Irmã Hortência vai surtar quando souber que temos o aval divino e não vivemos mais em pecado — brinco e ele nada. — Dante?

Olho para baixo.

Ele parece abduzido por uma força superior. O rosto lindo está afogueado... o peito malhado sobe e desce em uma respiração pesada, as mãozonas agarram-se nas coxas grossas como se

buscassem por controle enquanto os azuis-índigo vagueiam em transe pelo meu traseiro.

Ok... também me achei incrível nesse fio dental, mas é sério isso?

Sorrio da cara embasbacada dele... o maluco nem percebeu a falta do sutiã, preciso urgente comprar um arsenal dessas calcinhas.

— O que achou? Ficou bom?

Empino a bunda quase esfregando-a no nariz reto... Tomada pelo espírito da devassidão provocativa, dou uma reboladinha.

Opa!

As narinas dilatam... rebolo mais...

Deus!

Um som que só posso descrever como um rosnado selvagem vem dele quando o corpão se põe de pé, com a agilidade de um tigre alucinado, e sem que possa reagir, sou capturada e arrastada para a

beira de uma cama antiga, que nem tinha reparado que existia.

Não sei como a coroinha de flores não cai no processo de ser manuseada como uma boneca de pano. Acabo com os pés fincados no chão, pernas esticadas, tronco inclinado, seios pressionados contra o colchão e a bunda na lua.

— Mantenha-se assim, Treas.

Sua voz fica austera e mais grave do que normalmente é... meu coração martela animado e por mais que eu negue, gosto desse joguinho de poder.

Caramba, eu não presto!

Tomando cuidado para não me mover muito... apoio os cotovelos na colcha branquinha e cheirosa, olho sobre os ombros.

— Quando penso que não pode mais me surpreender... vem isso — diz sem tirar os azuis-

índigo do meu traseiro. — Me quer nu, safada?

Crava o olhar incendiado em mim e ofego um sim empolgado.

Dante arranca as roupas como se lhe queimassem. O corpo fenomenal revela-se do jeitão que mais amo... nu em toda a glória de músculos, tendões, cicatrizes, tatuagens, veias, pelos e do pênis mais incrível já visto por mim.

Enorme como todo o dono, viril, engatilhado, com a glande rosada e brilhante tocando a trilha de pelos do baixo ventre até o umbigo.

Impressionante como sempre será.

Incendeio-me também como sempre faço quando vejo o míssil despontar orgulhoso... não tem jeito, minhas partes felizes babam por ele, umedecendo mais.

— Pronto... estou pelado. Satisfeita?

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio grandão indicando que estou muito mais do que satisfeita. Salivo com a visão dos deuses... tremo em expectativa quando a montanha de músculos cai novamente de joelhos atrás de mim.

Mãos possessivas espalmam as bochechas da minha bunda iniciando uma provocação lenta exploratória. A cada toque, a respiração dele fica mais instável. Adorando o efeito que provoco nele, repouso a cabeça no macio da cama enquanto deixo que faça o que quiser com o meu traseiro.

Sob a respiração, que se torna cada vez mais pesada, sou agarrada, apalpada, acariciada... as mãos ásperas deslizam para cima e para baixo... Ele está tão quente que faz o meu bom senso queimar... Ondas de arrepio vão da cintura ao limite das coxas, dedos brincam perigosamente com as bordas da rendinha preta, que recobre meu tesouro

PERIGOSAS ACHERON

quase intocado... cada vez que chega perto de tocar-me ali, arrepio-me mais.

Consciente do poder que exerce sobre mim, o safado me instiga sem chegar lá de fato, levando-me ao limite do tesão... Minha mente nubla e não há nem rastro do medo sem sentido que me travou na noite do leilão... Relaxado pelas doses de vinho e saudoso das brincadeiras plugais^[163], meu cuzinho vibra pedindo prazer... Rebolo e ofereço-me.



Dante

Porra, caralho!

É difícil me manter na linha com ela rebolando desse jeito.

As curvas femininas de Beatrice ficam

ainda mais acentuadas no fio dental... o vai e vem provocante da bundinha, que se oferece descaradamente, é uma tentação difícil de resistir, puxo o ar para controlar minhas vontades sacanas e expectativas elevadas... por mais que me dê um tesão desenfreado instigá-la, não quero e não vou forçá-la a nada.

Indeciso se devo sucumbir ao convite descarado e avançar, coço a barba... Fico tentado, a bênção despertou um lado ainda mais possessivo... saber que estamos juntos para o que der e vier é um combustível e tanto para esse amor insano que tenho por ela.

Cacete...

Gemo com outra rebolada sutil... mais um pouco me mata de tesão. Meu peito parece que vai explodir... molho os lábios da imagem deliciosa que é... Ela é toda boa e é minha... não legalmente,

é claro.

Enquanto penso em como irei convencê-la de um casamento formal... admiro o conjunto de coxas tonificadas, bunda arrebitada e cinturinha fina que são de enlouquecer... Meu pau lateja... louco para explorar o cuzinho virgem. Sei que está pronta, preparei-a bem, mas não quero ignorar seus medos.

Cacete, que foda!

Nunca me importei com detalhes, mas tenho que admitir: o pequeno laço verde em cetim, que enfeita a peça, deixa o rabinho assanhado ainda mais delicioso.

A faixa de renda mínima, que se infiltra pela fenda carnuda, numa tentativa frustrada de proteger seus tesouros, só me torna mais voraz...

— Dante...

Depois de outra rebolada convidativa, não

PERIGOSAS NACIONAIS

resisto ao poder que Treas exerce sobre mim. Com um grunhido, abocanho o laço e puxo a calcinha para baixo revelando o cuzinho rosado e a boceta molhada...

Caralho...

Quase gozo... o sexo delicado chega a brilhar dos fluidos que brotam dele.

— Vem... quero sua boca em mim — o pedido ansioso tem o efeito de um canto da sereia.

Não resisto ao chamado, seguro as ancas macias e caio de boca. Ela ofega quando cubro o sexo úmido com a boca... Com um rugido, lambo da boceta ao cuzinho, num movimento só. Ela grita, rebola pedindo mais e meu corpo todo estremece quando o sabor adocicado invade minhas papilas... repito a dose, como o viciado dependente que sou dela.

Porra, porra, porra!

PERIGOSAS ACHERON

Como um selvagem, vou num vai e vem lambendo e instigando os dois buracos preciosos com a língua... penetro a boceta para depois, circundar o cu. Ganho uma sequência de gemidinhos e murmuros apreciativos... Assim como eu, sei que ela não está bêbada, então, surpreende-me que não haja resistência... ao contrário, a bundinha arrebita e arreganha concedendo um melhor acesso.

Gostosa pra cacete, porra!

Empolgado... estico o corpo e vasculho no saco de exército, deixado aos pés da cama pelo camareiro... acho o que preciso e volto para ela. Com o polegar e o indicador, exponho o clitóris e chupo... vou lento instigando-o até arrancar dela mais gritinhos e murmuros.

— Oh, oh, oh, oh, oh...

O rostinho delicado vira de um lado para o

outro na cama, enquanto uma ladainha de *Dante... mais, Deus, como é bom... isso* saem da boquinha gulosa.

— Dante...

— Não pense... apenas sinta.

Sentindo o corpo delicado estremecer de tesão, torno-me ousado... sugo forte o clitóris e meto parte do indicador no cuzinho lindo.

Quente, porra!

— Delícia... apertado demais... — rosno impressionado.

As costas longilíneas arqueiam e num movimento inesperado, empurra o corpo contra o meu rosto e mão, engolindo todo o dedo.

Putaquepariu, que tesão!

Aperto o pau que vibra em um espasmo, indeciso sobre quais dos buracos invadir primeiro. Decidido a comandar a ação por ele, puxo o dedo,

PERIGOSAS NACIONAIS

Treas protesta. Amo vê-la excitada e desejosa por mais... certo de que tirei a sorte grande na loteria do sexo, recolho a excitação que inunda a bocetinha encharcada e volto em dupla penetração para o rabinho... receptiva como está, logo são três dedos em um vai e vem insano. Enfio fundo, giro e alargo.

Estamos há tanto tempo nos preparando para isso, que meus batimentos aceleram... Emocionado, chupo e fodo com os dedos até sentir as pernas delicadas começarem a tremer.

Ela apoia sobre os cotovelos e busca por mim. Com olhos perdidos como se estivesse drogada de tesão, Treas passa a língua umedecendo os lábios inchados pelos meus beijos.

— Quero sentir você — murmura doce.

Sorrio carregado de carinho.

— Tudo o que quiser, basta pedir. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

controle é todo seu, Treas — lembro sobre nossa última conversa no banho... ao contrário do que alguns otários possam pensar, sexo anal nada tem a ver com dominação masculina ou humilhação... é prazer primordial em sua essência mais crua e a decisão está toda na mulher. — Só você tem poder sobre isso. Onde quer meu pau? — pergunto retirando os dedos da ação.

Aguardo o comando, ansioso pela resposta.

— No lugar dos dedos... — sussurra quase tímida.

Solto o ar aliviado e beijo a bundinha divina.

Obrigado, Deus!

* .. ♥ .. *

Beatrice

PERIGOSAS ACHERON

— Fique de joelhos na cama — murmura com gentileza.

Languidamente faço o que pede... meu corpo inteiro fervilha sedento para ultrapassar todos os limites com Dante... O dia tem sido tão único que não vejo melhor momento para atingirmos o grau máximo de intimidade. Quero dar-me por inteiro... entregar minha virgindade mais protegida... um pedaço meu que jamais imaginei dar a outro homem a não ser Dante... O que estamos prestes a fazer representa muito mais do que um ato erótico. É um resgate de momentos preciosos que nos foram roubados.

Deveria ter sido ele lá... não Lucca.

Tomada por um arrependimento tardio e sem sentido, minha pulsação bate tão forte que mal consigo respirar.

Não... chega!

Ninguém teve culpa... no fundo, até Lucca foi vítima desse absurdo em que fomos lançados.

Sobre os ombros vejo-o colocar uma camisinha e aprecio o cuidado. Depois, acompanho-o abrir o já conhecido lubrificante, aplicar uma boa dose na palma da mão, para em seguida, untar, com certo tremor da mão, o pau deflorador. O ritual segue... outra bela dose vem parar no meu buraquinho ansioso, trazendo uma já conhecida sensação de amortecimento e calor.

Fecho os olhos.

Hummmm... é gostoso...

Puxo o ar, deixo a mágica rolar... Sinto a cabeça escorregadia do pau, provocar minha abertura mais apertada e não recuo...

— Nossa, Treas... nem acredito que vamos fazer isso.

*Nem eu acredito, mas desistir nem pensar,
não quando estamos tão perto.*

Eu quero.

Eu confio.

— Só faça disso algo memorável e inesquecível — sussurro.

— Oooh... minha Inglesinha! Será! Prometo te trazer pro meu céu.

O corpão chega mais perto, o braço tatuado contorna minha cintura e dedos ágeis deslizam abrindo os lábios vaginais... Enquanto pressiona lentamente o pau pedindo passagem, Dante massageia com delicadeza toda a minha bocetinha numa tática para me fazer relaxar.

Conseguindo seu intuito, começo a ronronar... empolgado e dominador no sexo como é, não pensei que pudesse ir tão delicadamente.

A voz pesada e rouca começa a recitar

uma sequência de elogios doces.

— Você é toda tão linda... me fez o homem mais feliz do mundo hoje... é gostosa demais, Beatrice Wild... isso, rebola essa bundinha... só relaxe... deixe-me entrar, Inglesinha devassa... sinta como é bom...

Excitada por suas palavras, mordo os lábios... respiro decidida a superar o ardor e o incômodo, e faço como me ensinou com os plugs... Ele segue tagarelando sobre as maravilhas do sexo anal e pressionando para dentro, e eu forço para fora. Quando meus músculos cedem e parte do pau desliza suave para dentro...

Deus-do-céu.

Eu arquejo.

Ele congela.

Agito a cabeça, a sensação é tão grandiosa, que nem consigo gritar. O silêncio de ambos é tão

contrário ao que somos... Não sei se parou para que eu me acostume ou ele.

— Dante...

Barba e lábios apertam contra a pele suada das minhas costas...

— Obrigado por me deixar sentir isso... É maravilhoso como imaginei que seria... — grunhe carregado de emoção.

Meu coração enche de ternura. Talvez ele tenha razão... o poder é todo meu. Dante parece vulnerável e exposto como nunca o vi.

— Te amo muito. — Controlo-me para não chorar — Vem bem gostoso... vem.

Com um remexer suave dos quadris, convido-o a fazer o mesmo. Delicadamente, Dante escorrega para fora e entra de novo... gememos juntos quando um enfia e tira delicado começa... pouco a pouco, vou me acostumando a invasão

PERIGOSAS NACIONAIS

potente do míssil, que a cada estocada, avança em meu território mais íntimo.

Nossas respirações pesam, o suor que brota entre nós, torna o roçar e deslizar das nossas peles mais fáceis. Meus amiguinhos plugues que me perdoem, mas nada se compara a enrabada de Dante... É divino e obtuso... mais bom do que ruim, a dor profunda não veio. É como ser destroçada e partida ao meio e mesmo assim, implorar por mais.

Peço e recebo... as estocadas ganham novo ritmo... Ele urra e eu ofego quando entra até o talo... perco-me por completo deixando que assuma o controle e me possua forte... Ele fode, fode, fode o meu cuzinho fazendo-me sentir um prazer desconhecido e poderoso... O corpo gigante atrás do meu avança cada vez mais faminto... nada é dito.

O quarto é tomado por nossos sons

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ofegantes e o doce e almiscarado cheiro de sexo.

Choramingo uma sequência de gemidos agoniados e excitados:

— Oh, oh, oh, oh, oh...

Dante me domina... mete, fode, come... e sou toda dele, completamente à mercê dele sendo divinamente fodida e conduzida a uma escalada constante de prazer.

Olho sobre os ombros para encontrar os azuis-índigo fixos no ponto onde meu corpo devora o dele... Há uma adoração descarada impressa neles e isso é lindo.

Oh, Deus, acho que vou explodir de amor!

Agarro a colcha, grudo a testa no colchão e de olhos bem fechados deixo que o prazer tome conta... as estocadas ganham vigor assim como os ruídos masculinos e sexies... gemo baixinho sentindo a força do orgasmo surgir em meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ventre... minhas pernas fraquejam... o aperto em minha cintura intensifica... meu corpo impulsiona e volta no choque frenético do pau contra o meu rabinho... dedos impiedosos começam uma dedilhada alucinógena em meu clitóris... milhares de estrelas colorem a minha mente quando venho forte... explodo em milhares de átomos de um prazer jamais sentido.

Dante vem em seguida... tremendo, pulsando e gozando duro dentro de mim.

— Porraaaaaaaaaa, Treas!

Desaba esgotado, imprensando-me contra o colchão. Seus lábios grudam nas minhas costas em um rugido abafado e viril... ele beija, xinga e murmura meu nome. Segundos intermináveis de tremores e respirações sôfregas se sucedem... mal respiro, mas não ligo. Nesse momento, Dante é o meu tudo, senhor absoluto do meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Punhos cerrados ficam sobre a cama... o peso sobre mim alivia, o pau majestoso sai deixando um vazio e uma trilha melada... sou virada, noto que tirou a camisinha quando se lança sobre mim e a cabeça morena mergulha em meu peito... surpreendo-me... Dante abocanha e suga meu seio numa mamada lenta que faz meu útero contrair. Atordoada pelo gesto inesperado, acaricio a cabeleira morena deixando que tome seu tempo... é bom... é amoroso e não tenho a mínima ideia do que o levou a fazer isso.

A boca barbada recai sobre o outro peito e meu homenzarrão parece perdido e longe... a mamada encerra, o corpo viril e suado manobra esparramando minhas pernas e *Deus!* O pau ainda duro entra suave penetrando minha bocetinha com um grunhido quase de dor.

Envolvo os braços ao seu redor e começo a

PERIGOSAS ACHERON

chorar... ele está fazendo amor comigo. Seu quadril vem suave e profundo... sem dizer nada, os azuis-índigo cravam nos meus tão intensos como se quisessem me dizer um mundo, mas não conseguissem...

Não precisa, eu o entendo... está tão sufocado e arrebatado por esse amor quanto eu.

Busco seus lábios e, cadenciada pelo entrar suave do míssil, beijo profundo e doce. Perco a noção de espaço e tempo... já sem fôlego, interrompemos o beijo, nossas testas suadas grudam... e nos amamos calados, olhos nos olhos, até ambos sucumbirem em outro orgasmo.

É intenso... é profundo... é lindo.

— Te machuquei? — pergunta assim que manobra nossos corpos exaustos levando-me com ele para cima e me abraçando.

Aninhada sob sua asa sorrio do tamanho

PERIGOSAS NACIONAIS

absurdo.

— Não!

Levanto e giro a cabeça para vê-lo.

— Não quis ser bruto, mas acho que acabei perdendo o controle. — Com o polegar, acaricia a minha bochecha.

— Foi intenso — admito. — Mas divino. Acho que posso viciar nesses lances anais.

O corpão vibra numa risada profunda.

— Caralho, como eu te amo. — Aperta-me como um urso. — Você não existe, Inglesinha maluca.

— Existo sim e muito. — Acaricio o peito suado. — Te amo mais que a vida, Capitão surtado.

Ele ri mais um pouco.

— Surtado o caralho... apaixonado. — Aperta minhas costelas e rio. — Acha que consegue chegar até o banheiro?

PERIGOSAS ACHERON

Mesmo concordando que precisamos de um banho, franzo o nariz.

— Podemos ficar só um pouquinho na preguiça?

— Cinco minutos. — Beija o meu nariz.

— Ok... cinco minutos.

Com um bocejo e satisfeita, aninho-me a ele e fecho os olhos.



— *Treas...*

Ignoro.

— *Treas...*

Ignoro.

— *Treas!*

Xingo Dante mentalmente.

— Hum... o que foi? — murmuro sem

PERIGOSAS NACIONAIS

querer me mexer.

— Precisamos levantar.

Ah... não!

Entreabro os olhos e fios dos meus cabelos recaem sobre eles como uma cortina protetora contra a claridade.

Hummm... estão cheirosos.

— Não quero, mais cinco minutinhos... tá tão quentinho — protesto.

Sem saber se é dia ou noite volto a aconchegar-me no meu colchão cheiroso, quentinho e anatômico. Lembro-me remotamente de ter sido acordada, carregada para um banho relaxante e meticuloso na banheira e depois escovar os dentes.

O colchão ri provocando uma vibração na minha bochecha esmagada contra ele.

Estranho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Embora esteja adorando tê-la agarrada a mim, não podemos ficar assim pra sempre. Romeo ligou.

— Ligou, é... mande lembranças minhas para ele — bocejo.

O colchão sacode de novo, obrigando-me a abrir os olhos... demoro alguns segundos para entender onde estou.

Ah...

No hotel, com Dante de bruços, todo nu e enviesado na cama... Eu, por minha vez, também estou nua, toda esparramada sobre ele, com os seios e o meu rosto imprensados contra a parte traseira dele... somos como dois *Legos* que se encaixam com perfeição.

Hum... gostoso.

— Como vim parar aqui em cima? — murmuro apreciando o contato total.

PERIGOSAS ACHERON

— Me escalou durante a noite como um zumbi. — Acaricia as minhas costas e ronrono. — Deve ter gostado, já que não tive meios de te tirar daí... agarrou-se a mim e até roncou.

O corpão balança em outro riso solto.

Zumbi do ronco, nem a pau!

Ainda sonolenta, mas indignada com tamanha calúnia, escorrego para o lado.

— Que foi?

— Ronquei o teu rabo! — protesto.

Achando graça, Dante vira, cobre meu corpo com o dele e finca os cotovelos no colchão.

Fico presa numa armadilha de músculos e braços.

Droga!

O desgramado é lindo até acordando.

Essa é uma das coisas que mais adoro nele... a cara preguiçosa e os cabelos desgrehados

PERIGOSAS ACHERON

de acabei de acordar.

— Foi um ronco fofo...

Meu rosto enrubesce.

Não existem roncos fofos.

— Nem adianta tentar consertar, me solta.

Franze o rosto perfeito indicando que me soltar, não vai rolar.

— Estava brincando, esquentadinha. Amo o seu bom humor matinal. — Pisca divertido. — Como está? Acordou bem? — Esfrega o nariz no meu.

Fico ainda mais vermelha, captando muito bem o teor da pergunta. Quero rebater que sou sempre feliz de manhã, menos quando sou acusada de ronco indevido, mas desencano.

Droga!

O bandido é bom mesmo no amaciamento de traseiros. Claro que ainda sinto a presença do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

míssil, mas não é como se um trator tivesse colidido de frente com o meu pobre rabinho.

— Sem dor... tá tudo em ordem aqui atrás, se é isso que quer saber. — Olho de viés, um pouco enciumada pelos outros possíveis traseiros amaciados e suas feições preguiçosas caem aliviadas. — Pensei que precisássemos levantar.

— Precisamos, mas quero o meu bom dia.

A ereção matinal roça na minha barriga dando um alô.

— Acabamos de transar — argumento mesmo que já façam algumas horas.

— E daí... já faz tempo. — Roça os lábios nos meus. — Só uma metidinha inocente.

Reviro os olhos para o segundo disparate da manhã.

— Com você nunca é só uma metidinha inocente, seu tarado difamador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok, culpado. — Ri como o sem-vergonha e sem-limites que é. — Uma foda completa então?

Sempre disposta a transar com ele, fico tentada, mas ainda brava pelo ronco e possíveis amaciadas alheias, balanço a cabeça numa negação exagerada.

Pouco ligando para a minha cara feia, *O Sorriso* aparece bem safado, do jeitinho que me dobra, enquanto o quadril começa a ondular, me atijando com o míssil.

— Tem certeza? Vou fazer bem gostoso.

Droga dupla!

Atija... ondulando mais.

Ele sempre faz gostoso.

Resisto.

Atija... acariciando a lateral do meu corpo.

Provocador dos infernos.

PERIGOSAS ACHERON

Resisto.

Atiça... capturando e brincando com o meu mamilo já durinho.

Golpe baixo!

Gemo... não resisto e dou o bendito bom dia, ganhando em troca um belo orgasmo.



De banho tomado, usando o vestido florido que comprei na Senhora Belford, sento na cama e cruzo as pernas em posição de lótus. Enquanto espero pelo café da manhã, distraio-me observando o vai e vem do Capitão pelo quarto. Gosto dele descalço, sem camisa e só de jeans.

Quando passa a mão pela cabeleira úmida, admiro o anel de prata, igual ao meu, que ostenta no dedo anular esquerdo. *Minha mulher*. Sorrio... Ansioso por mais como estava, claro que não

PERIGOSAS NACIONAIS

usaríamos no dedo direito... pulamos o noivado e fomos direto para um casamento. Sorrio mais amplo. *Ok*, não preciso de um papel para provar que estamos juntos e firmes nessa, a minha alma e coração sabem disso.

Dante conversa com Luke pelo celular... gosto de vê-lo no modo Capitão mandão, mas não me agrada ir embora de Cong justo agora. Estava ansiosa pela celebração do solstício e por mais alguns dias de paz no paraíso. Se Judy já está fula da vida por não ter participado da bênção, imagina quando souber que fomos embora sem ao menos nos despedir.

Alcanço e ajeito as flores, já murchas, na minha coroa da bênção... com cuidado guardo-a como recordação num saquinho e a coloco na minha pequena bolsa de viagens. Dou um jeito de fazer caber as peças que comprei aqui... pelos

PERIGOSAS ACHERON

menos, servirão de lembrança. A calcinha, bom... essa foi confiscada novamente pelo Capitão.

Solto um muxoxo por vários motivos.

— Que foi? — Dante pergunta guardando o celular no bolso.

— Poderia, pelo menos, me deixar lavar a calcinha. — Fecho o zíper da malinha.

— Eu cuido disso. — Sem muita paciência, passa a mão no cabelo desganhado.

Irritada que esteja irritado, balanço a cabeça... nunca vi homem para mudar de humor tão rápido.

Pensativo, Dante retira uma camiseta preta do saco do exército e veste. Com o fim da vista privilegiada do tórax musculoso e tatuagens, mudo o foco para o belo rosto fechado. Saio do mundo de Alice... para cair na real. A sintonia entre nós é tão grande que não preciso que explique para saber

PERIGOSAS NACIONAIS

como se sente... ficou tenso depois da segunda ligação que recebeu do Romeo.

— Pode ser alarme falso. — Tento amenizar o que o incomoda. — Tem certeza de que a senhorinha está nas últimas?

Mesmo sem a conhecer e já sendo esperado, corta o meu coração que esteja partindo.

— Tenho. — Puxa o cordão fechando a bagagem. — O filho dela ligou para Max nessa madrugada.

— Ligou pra quê?

Estranho a intimidade.

— Negociar, claro... — Amargurado, Dante balança a cabeça e joga o saco em uma poltrona próxima à porta. — O idiota pediu quinhentas mil libras, mas a outra filha está irredutível. Acha um absurdo o irmão querer lucrar à custa da mãe que nem morreu.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração começa a palpitar.

Quinhentas mil?

— Ela achou absurdo, porque é!

Revolto-me e estremeço, se minha dívida com Dante continuar a crescer desse jeito, jamais terei condições de pagar.

— Também acho. — Volta a passar a mão no cabelo. — Não me agrada fazer esse tipo de jogo.

— Então não faça. — Minha barriga reclama de fome. — Também quero saber o que as Babuskas escondem, mas não a qualquer preço.

— É a sua segurança. — Senta na cama ao meu lado e começa a calçar os coturnos.

— Estou segura, tenho você. — Pouso a mão na coxa rija.

Ele interrompe a amarração dos cadarços e me lança um olhar intenso que garante que o tenho.

— Mesmo assim, precisamos de respostas.
— Termina de calçar os coturnos. — Quem sabe, a filha nos deixe pelo menos, examinar as bonecas.

Sinto um desânimo. Não tenho saco para outra negociação injusta igual a que tivemos com o trapaceiro de Dublin. Respiro fundo controlando a vontade de mandar tudo à merda, mas não se trata mais só de mim, somos uma dupla agora... No pacote Dante há Petronovic e a maldita missão do Royal Honnor na qual está metido... embora goste de pensar numa inofensiva caça ao tesouro, o buraco é bem mais embaixo e sabe-se lá o quê encontraremos dentro dele.

— Posso tentar convencê-la. — Tento uma proatividade, mesmo sem muita esperança.

Na alegria e na tristeza, certo?

— Minha aposta é essa. — Pressiona os lábios. — O filho sacou que as bonecas podem ter

valor além do emocional. Max acha que o babaca planeja avaliá-las e sair à caça de novos compradores. Mais gente envolvida só vai despertar um interesse que não precisamos. Quem sabe, você e a irmã consigam entrar num acordo. — Soltando um suspiro aborrecido, acaricia minha bochecha. — Também não me agrada ir embora sem despedidas, mas são quase onze horas. Voltar para o Chaos só nos atrasaria. Será bem mais rápido com Luke trazendo o helicóptero para uma clareira, a poucas milhas, em direção a Dublin.

Batidas ecoam na porta... Morrendo de fome, pulo da cama, abro a porta e dou de cara com o sorridente ruivinho pré-adolescente.

— Bom dia, senhora Stoirm! O café!

Deus! Senhora Stoirm?

O entusiasmo do ruivinho é tanto que nem o corrijo, apenas olho para Dante, que sorri

parecendo ter recuperado o bom humor.

Reviro os olhos.

— Bom dia, rapazinho. — Sorrio doce, porque ele é uma graça. — Entre.

Dou passagem e aponto a mesinha de refeições ao lado da janela.

— Oi, Capitão, parabéns! — o menino cumprimenta em tom solene com um sorriso de orelha a orelha. — Nem parece que hoje a Inglaterra estreia na Copa, o povo na cidade só fala da união de vocês.

Uh o quê?

— Pelo jeito, o sacerdote continua o maior fofoqueiro de Cong — Dante brinca.

O narizinho sardento enruga.

— Essa é difícil. A competição é grande por aqui, Capitão.

Dante gargalha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo. Como estão as coisas?

— Muito mais que bem... suas dicas deram certo, entrei para o time de rúgbi.

Empurra um carrinho abarrotado com vários tipos de embutidos como: salsichas, presunto e bacon, feijões brancos com tomate, cogumelos refogados e ovos... um café da manhã tipicamente irlandês e nada saudável.

Só Deus sabe como gosto de uma gulodice, mas meu estômago revira com tanta gordura.

— Muito bom, parabéns, Tobias, mas acho que confundiu os pedidos.

Dante se aproxima do carrinho não muito satisfeito com o que vê.

— Confundi nada, Capitão. — O garoto exhibe o sorriso metálico. — A vovó que é exagerada, quando soube que era o senhor aqui quis

PERIGOSAS ACHERON

caprichar. — Volta a atenção para mim. — A senhora não me parece acabada e sem energia — comenta sem parecer entender por que eu estaria.

Meu rosto pega fogo.

— Sua avó dis-disse isso? — gaguejo o óbvio.

Dante ri.

— Sim, também disse que metade das mulheres de Cong está de luto. Quem morreu?

Eu... de vergonha.

— Ninguém morreu. — Dante gargalha.
— Matilde estava brincando.

— Imaginei, o sacerdote não estaria bebendo tão cedo tendo um presunto pra enterrar.
— Termina de arrumar os talheres. — Ah... a vovó mandou avisar que os extras são um agradecimento pelo telhado.

— Aquela velha teimosa não me deve

nada pelo telhado, amigos são pra isso. — Ajuda a empurrar o carrinho até a porta e meu coração aquece.

Deus, perdemos o Capitão Putão?

Intrigada com a postura relaxada, cruzo os braços para acompanhar a interação entre os dois.

— Agradeça à Matilde por nós e diga para o rabugento do seu avô, que vou mandar uma caixa de Chaos para ele.

— A vovó vai matar o senhor.

— Não vai, se mantivermos segredo sobre isso. — Acaricia os cabelos ruivinhos.

A cena carinhosa me faz abrir um sorriso involuntário.

Com uma piscadela fofa e cúmplice, o ruivinho ajeita as bandejas na mesinha. Fico aliviada quando retira uma terceira bandeja que não havia notado. *Graças a Deus!* Aposto que as frutas,

PERIGOSAS NACIONAIS

cereais, iogurte e *scones* são coisa do meu Capitão saudável.

Morrendo de fome, mal espero as despedidas acabarem para sentar à mesa e atacar.

— Bom que gostou da comida — ironiza ao terminar de comer.

— Hum-hum... — murmuro com a boca ainda cheia de frutas.

— Não abriu a boca o café inteiro — especula.

Engulo.

— Como não? Comi tudo. — Com um sorriso, bebo o último golinho de café. — Viu? Abri e bebi.

— Engraçadinha... anda, fala... seus pensamentos estavam longe. O que está pegando?

— Nada.

— Treas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pisco incerta de como dizer o que realmente me preocupa.

— Treas — insiste como o bom teimoso que é.

Suspiro sabendo que não vai me deixar em paz até que eu diga.

— É feliz aqui — vou direto ao cerne da questão.

Os olhos azuis vagueiam pelo meu rosto e, em seguida, a cabeça morena vem para perto.

— E daí? — retruca sem entender meu ponto.

— Daí que a minha vida está em Londres e a melhor parte da sua, aqui.

— O quê? Não... que besteira!

Puxa-me para o colo dele.

Olho surpresa ao sentir a tensão em seu corpo. É impossível que também não pense nisso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sinto a angústia pinicar, mas ignoro. Este é o momento para uma conversa... o começo. Não posso deixar a parte boa de estar com Dante ficar ruim porque ambos ignoramos o óbvio... eu, mais do que ninguém, sei o quanto decisões impensadas tem um preço.

— Não é besteira, meu Abençoado — digo suave. — Vi como estava feliz e relaxado com Tobias. Temos questões práticas que estamos ignorando, Dante. Não somos mais adolescentes, páginas individuais da nossa história já foram escritas e não podem ser apagadas. Nesses quatro anos, ambos construímos e conquistamos coisas importantes para nós... Esse lugar e pessoas te fazem um bem danado, não é justo que perca algo bom porque não tenho como jogar tudo para o alto e mudar de mala e cuia para cá. Somos um casal agora, não posso ser feliz por completo se você também não estiver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A parte superior do corpão relaxa e sei que marquei meu ponto.

Ele solta o ar devagar enquanto espero.

— Prioridades mudam, Treas. A minha melhor parte está onde você estiver. Não sei como será, mas tenho certeza de que acharemos o nosso caminho... um meio-termo. Quero te ajudar a conquistar o mundo, não a privar dele. — Esfrega o nariz na minha bochecha. — Ei... estou aqui para somar, chega de perdas entre nós. Teremos que nos adaptar, mas não espero que abra mão dos seus sonhos e do que te faz feliz, como não abrirei mão dos meus... Claro que o Chaos e a destilaria são muito importantes, mas não preciso estar o tempo todo por perto para fazer funcionar.

Fácil assim?

— Certeza? — confirmo porque parece bom de mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Absoluta — diz com firmeza.

A minha melhor parte está onde você estiver. Não espero que abra mão dos seus sonhos e do que te faz feliz.

Gravo bem as palavras e um peso sai das minhas costas... abrir mão de quem somos seria brutal para nós.

Relaxo.

— Dante, Dante... eu te amo mais a cada minuto. — Coloco a mão no queixo quadrado acariciando a barba. — Vou sentir saudades daqui... A cabana na árvore é perfeita.

— Perfeita para nós? — Seus braços apertam na minha cintura.

— Hum-hum... — Inclino a cabeça para o lado. — A não ser que tenha voltado atrás na coisa do nossa casa irlandesa. — Cutuco o peito rijo.

— Jamais voltaria, ela é nossa, sempre foi.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossa casa, mais uma.

Sorrio para ele, que sorri de volta.

— Talvez não seja assim tão complicado — pondero. — Gostaria de passar mais tempo em Cong... Posso muito bem me adaptar, tenho brechas entre os eventos.

Perco-me nos azuis-índigo que ganham um brilho quase hipnótico... adoro como ficam fenomenais de pertinho.

— Tenho muito tempo livre entre as colheitas. — Ganho um sorriso aberto. — Somos ótimos juntos, Inglesinha. Pense bem... dois países, três casas, um bando de gente maluca ao nosso redor... pelo menos, de tédio, nunca morreremos.

Dou risada.

— Não mesmo... ainda mais com um trio peludo como o nosso nos esperando em casa.

— Se ainda restar alguma casa com eles

PERIGOSAS ACHERON

sem controle por lá. — Franze o rosto de um jeito charmoso.

Apoio a cabeça em seu ombro.

— Vamos tirar isso de letra, não vamos?

— Claro que vamos... juntos somos foda...

Concordo e minha mente voa para Judy... talvez uma cartinha de agradecimento e flores possam amansar a loba.



Londres – Inglaterra

Lado oeste da cidade.

Fogos de artifício cortam o céu indicando que a Inglaterra fez seu primeiro gol contra a Tunísia. Vibro baixinho, puta da vida, que não estou em casa rodeada por meus bichinhos.

— Algum dos dois marmanjos pode

PERIGOSAS NACIONAIS

explicar por que estou de tocaia enquanto o nosso país estreia na Copa?

— Seu país — Max provoca do banco de trás, com a boca cheia de batatinhas.

Olho pelo retrovisor fuzilando-o.

— A pobre senhorinha morreu, não acho que o melhor lugar para abordarmos a família seja aqui... — tento um argumento sensato. — Deveríamos, ao menos, respeitar o luto, não acham?

Nenhum dos dois me responde.

Dante está em outra dimensão com os olhos cravados no portal de entrada do cemitério Highgate enquanto Max me ignora e continua nas batatinhas.

Meu celular vibra na bolsa, pego e abro um sorriso quando vejo quem é.

— Oi, lindona...

PERIGOSAS ACHERON

— *Lindona uma pinoia!* — Chloé esbraveja do outro lado. — *Como assim, casou e não me chamou? Era para eu ser sua dama de honra, sua bandida!*

Meu estômago congela. Assim que aterrissamos, soubemos do falecimento da senhorinha. Viemos direto da base militar para o cemitério, além de Max e Romeo que notaram as alianças logo de cara, não falamos com mais ninguém. Duvido que minha mãe tenha aberto o bico.

Pelo retrovisor, volto a fuzilar e a ser ignorada pelo gigante devorador de batatinhas.

— De onde tirou isso? — murmuro.

— *Do grupo da família, de onde mais? Está uma revolução no WhatsApp. Se prepara que Martha tá o cão e Maggie, magoadíssima. Acho bom que tenha feito essa loucura muito bêbada, é a*

única forma de perdoá-la.

Fecho os olhos... Martha no modo cão é de aterrorizar qualquer um.

— Não estava bêbada, fiz bem consciente — confesso e Chloé começa a xingar. — Para de drama... foi uma bênção, ainda vai ser a minha madrinha.

— *Vou? Jura?*

— Juro.

Ela grita e me encolho.

— Me coloca no grupo.

— *O quê? Mas eles falam de Dante lá?*

— Estou com Dante! Não faz mais nenhum sentido evitar saber dele.

— *Ah... é. Pera aí.*

Desliga na minha cara e espero. Começo a contar até mil, louca para estrangular alguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem era? O que foi? — Dante finalmente volta à Terra.

— Foi que teremos mais enterros hoje.

A mensagem de adesão pisca na tela. Ignoro a interrogação impressa na cara do Capitão e a primeira coisa que faço é checar os participantes do grupo... Solto o ar quando vejo que meu pai, Jack, Anthony e Max não estão no grupo.

Max?

Abro e começam a pipocar mensagens para mim... ignoro-as e vou voltando a conversa. Alivia-me que minha mãe não esteja participando da confusão e tampouco tenha repassado as *selfies* que enviei.

— Dá pra dizer o que está acontecendo?

— Dante começa a se irritar.

— Que cara vermelha é essa, mocinha? —

Max interessa-se.

PERIGOSAS ACHERON

— Pera aí, deixa eu ver um negócio. —
Levanto o dedo pedindo um minutinho.

Com um franzir de boca, encontro o motivo do motim. Uma foto minha, na base militar de Londres, ao lado de Dante, onde as alianças em nossas mãos esquerdas estão bem nítidas.

Adivinhem quem casou na Irlanda?



Aquele fofoqueiro de uma figa!

Xingo baixinho, salvo a foto, porque ficou linda, e Dante tira o celular da minha mão.

— O que é isso?

— Uma foto nossa.

— Isso estou vendo. *Línguas perigosas...*
que grupo é esse?

— É o grupo das mulheres da família —

explico.

Com o rosto ficando vermelho, Dante lê algumas mensagens.

— Puta que pariu! — pragueja.

— Fala sério que a mulherada criou um grupo no *WhatsApp*? — Max pergunta, assinto desolada e ele começa a rir.

— Eu mato o Romeo. — Dante esfrega o rosto. — Elas estão descontroladas.

Pressiono os lábios em um: *também acho*.

— O que o Baixinho fez?

— Postou uma foto nossa com a legenda: *adivinhem quem casou na Irlanda?* — explico.

— Aquele puto é muito fofoqueiro. — Max gargalha.

— Ei... não tem graça. — Olho feio apesar de concordar. — Maggie está magoadíssima e Martha, o cão.

A gargalhada estanca.

— Fodeu... Martha o cão, não é bom. — O temor substitui o deboche. — Falei que Maggie não iria gostar de ter sido posta de lado. Ela sonha com os nossos casamentos. — O rosto de Max contrai em repulsa. — Sorte que o *Fella* já é rico, ela é bem capaz de pedir pro velho deserdá-lo.

— Não gostou do anel? — Dante pergunta aborrecido.

— De onde tirou isso? Eu amei, é perfeito.

Arranco o celular da mão dele e leio as últimas mensagens. Minha avó está detonando Dante por ter me dado algo tão simples e sem valor.

Mordo os lábios segurando um palavrão.

— Pelo amor de Deus, não vai encanar com o que Martha diz. — Busco os azuis-índigo. — A vovó implica com tudo o que faz. Mesmo que fosse o maior anel de diamantes do mundo, acharia

um defeito.

— Verdade, a bruxa não é sua fã — Max constata o óbvio para o irmão.

Fuzilo Max. Apesar de Martha se comportar como uma bruxa, ainda é minha avó.

— Eu sei, ela prefere o cozinheiro — Dante grunhe em resposta e volta para mim. — Desculpe, foi tudo tão espontâneo que nem pensei. Sonha com um, né?

— Com o quê?

— O maior anel de diamantes do mundo — murmura.

Meleca!

— O quê? — Arregalo os olhos. — Claro que não! Olhe para mim... — Agito as mãos. — Já me viu andar por aí com um trambolho pendurado no dedo? Gosto de significados, não de valores... o anel é perfeito, não troco por nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desencana disso, Capitão. — Max toca no ombro do irmão. — O lance de vocês foi especial e do jeito que tinha que ser. A mulherada só está puta porque perdeu a chance de ficar meses planejando um casamento maior do que o da Lady Di.

Meu coração dispara.

— Não quero um casamento igual, quem dirá maior! — desespero-me. — Recuso-me a parecer um cupcake gigante! Prefiro fugir para o Alaska! — Arrepio só de pensar na loucura que será.

Super amo a Diana, mas aquele vestido era horrível.

Com um grunhido aborrecido, Dante resgata o celular da minha mão. Sou pega de surpresa quando começa a falar.

— Senhoras e mãe... Dante no áudio —

PERIGOSAS ACHERON

rosna e respira. — O que aconteceu na Irlanda só diz respeito a mim e a Beatrice. Não estraguem o que foi mágico. Mais um piu e vão se ver comigo. A família não foi posta de lado... Se querem um casamento tradicional, terão um, mas será nos moldes de Beatrice, não nos seus. Martha, não vou permitir que interfira entre mim e Treas, conforme-se. Não me meto na sua vida, a senhora não se mete na minha, entendido? A minha paciência chegou no limite, não quero surtos, dramas, caras feias ou fofocas. Deixem o Jack, o Peter e o Anthony comigo... Vou conversar pessoalmente com eles. Câmbio desligo.

Envia o áudio e me devolve o celular. Olho embasbacada... dividida entre aplaudir e repreender. Quero dizer que duvido muito que a notícia não tenha se espalhado para os homens, mas fico quieta para não implodir de vez o humor do Capitão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspiro com desânimo.

Aaaaff... Família é ótimo, mas, às vezes, é tão difícil...

Se Martha estava o cão, vai virar o próprio demônio. Concentro-me no grupo, esperando as reações.

— Cara, mandou bem, mas *câmbio desligo*? — Max gargalha.

— Vá à merda, Palhaço.

Grupo Línguas Perigosas

Martha exclui Beatrice.

Maggie adiciona Beatrice.

Martha exclui Beatrice.

Chloé adiciona Beatrice.

**Martha exclui Chloé, Maggie, Beatrice e mais
três.**

— Que absurdo! Minha avó é muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça-dura! Será que é tão difícil ficar feliz por mim?

Jogo o celular na bolsa, mais irritada do que magoada.

A sobrancelha começando a cicatrizar e sem curativo levanta.

— O que ela disse?

— Disse não, fez. Declarou guerra... excluiu todo mundo do grupo.

Dante solta uma sequência de palavrões.

— Cara... — Max assovia. — A velha é osso duro... não queria estar na pele de vocês.

Dessa vez, sou obrigada a concordar.

— Porra... um ataque terrorista seria mais fácil de lidar.

Uh o quê?

Soco o braço tatuado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pera lá, camarada! Tudo bem que a minha avó é um pé no saco, mas também não é pra tanto!

— Que caras de enterro são essas?

Nós três viramos ao mesmo tempo, para encontrar Romeo parado do lado de fora do carro, rindo do trocadilho.

— Foi que eu mato você, seu puto!

Dante abre a porta em um átimo e parte para cima de Romeo, que corre e se esquiva sem entender o porquê.

Os dois atravessam a rua em direção ao cemitério e começam a circular, encarando-se como dois pugilistas.

— Vem aqui, seu merda!

— Não!

— Caralho! — Max salta do carro.

Ignoro meu celular que começa a tocar e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pulo do carro. Max chega primeiro e coloca-se entre os dois... corro, corro... corro... esbaforida, seguro no braço de Dante pedindo calma.

— O que foi que eu fiz, *Fella*? — Romeo olha para nós sem entender.

— Fodeu tudo! Isso que fez! — Dante avança e agarro sua cintura.

— Calma aí, Capitão. — Max põe a mão no ombro do irmão. — A ideia é não chamarmos atenção, lembra? Deixa que eu me entendo com o babaca depois.

— Entender comigo por quê? Estava até agora, escondido naquela merda de cemitério fazendo o que o *Fella* mandou!

Uma mão de Romeo para na cintura enquanto a outra bagunça os cabelos já bagunçados. Como um tigre acuado, ele nos observa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A praça em forma de meia-lua, em frente ao cemitério, está relativamente vazia, mesmo assim, algumas pessoas paradas nos portais de entrada olham para nós. Respiro decidida a pôr panos quentes, mas não muito.

— Sem brigas. Já tem gente olhando — aviso e olho feio para o fofoqueiro Stoirm. — Não deveria ter postado a nossa foto no grupo. Deu a maior confusão. Poxa vida, nós queríamos ter contado. Estragou toda a surpresa.

Os azuis cor do mar arregalam.

— Porra, primeira-dama... pareciam tão à vontade, não sabia que era surpresa. contei para Chloé, que disse que era mentira e precisava de provas. Postei pra calar a boca daquela Malandra. Juro que não fiz por mal.

Meu coração balança, que moral eu tenho para julgá-lo? Esse é o Romeo desde criança...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inconsequente e sempre se metendo em confusão por causa de Chloé.

Sinto-me a suja julgando o mal lavado.

— Esse é o problema... nunca faz por mal!

— Dante rosna.

— Desculpa, *Fella*. — Tira o celular do bolso. — Deu merda, foi? — As sobrancelhas morenas juntam. — Ué... o que aconteceu no grupo?

— Minha avó aconteceu — digo num muxoxo.

— Puta que pariu! Pensei que aquelas loucas ficariam felizes. — Incrédulo, mexe no celular. — Que porra?! A praga da Martha me excluiu!

— Bem-vindo ao clube, amigão. — Sorrio irônica.

— Vou dar um jeito. — Romeo balança a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça ainda puto com a exclusão.

— Não. Eu dou um jeito. — Dante passa o braço pelo meu ombro. — Porra, moleque! Tem que parar de cair na pilha da Chloé e fazer merda! Maggie está magoada — o tom rude abrandando ao falar da mãe.

— Usar a Maggie é golpe baixo, *Fella*.

Tocado em um ponto, que eu sei que é o seu fraco, a expressão de Romeo cai inconsolável.

Dante me larga e pega Romeo em um abraço de urso.

— Só quero o seu bem, seu porra-louca.

— Eu sei.

Meu coração aquece com o amor incondicional entre eles.

— Querem saber? — digo assim que se largam. — Já foi... aconteceu... Lady Di é morta e Dante está certo. Quem não gostar que se

conforme. É impossível agradar a minha avó e Maggie, tenho certeza de que, no fundo, está feliz. — Ensaio um sorriso esperançoso na intenção de amenizar o clima. — Que tal esquecermos a foto e sermos práticos? Viajamos por horas, estou cansada e louca pra ir pra casa, ver meus bichos, as plantas e o final do jogo. — Tento mudar o foco.

Com um sorriso agradecido, Max concorda.

— É isso aí, primeira-dama. Como foi lá no cemitério? — questiona o irmão com o sorriso peculiar.

Ainda ressabiado, Romeo olha para Dante pedindo autorização para falar. Quando a recebe, seu semblante fica mais leve.

— Bom e ruim. — Esfrega o rosto parecendo cansado. — Pouca gente compareceu... Quando o filho chegou, a lápide já tinha sido

lacrada. Nem vai adiantar Trice negociar.

— Por que não? — adianto-me.

— Depois que os poucos familiares foram embora, o clima pesou entre os irmãos. Consegui ouvir a discussão... a filha decidiu fazer a última vontade da mãe e enterrá-la com as bonecas, joias e as cartas escritas pelo falecido marido. O babaca se revoltou, falou que a decisão não era só dela e disse que amanhã mesmo vai entrar com uma ação judicial de integração de posse.

— Ele quer profanar o túmulo da mãe? —
Meu queixo cai.

Romeo assente.

Dante coça o queixo barbado maquinando alguma coisa.

— Vamos ter que pegar as bonecas antes dele — diz como uma ordem.

Olho para ele sem entender direito como

PERIGOSAS NACIONAIS

pretende fazer isso.

— A hora é agora! — Max anima.

— O cemitério fecha em cinco minutos.

Não vão nos deixar entrar — Romeo avisa.

Esses malucos estão planejando roubar a defunta?

— Gente, isso é pecado! — exaspero-me.

— Pecado é sermos extorquidos mais uma vez. — Max fica vermelho. — Se o filho pediu quinhentos mil, pode apostar que vai aumentar para um milhão.

Um milhão?

Ai, meu Deus!

Minhas pernas falham. O caderninho amarelo vai explodir.

— Relaxa, primeira-dama... Com aquela cara de anjo, a alma da velhinha nem deve estar mais lá — Romeo tenta me acalmar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah... vai confiando nessa. — Solto um riso nervoso. — Quem vê cara, não vê coração — retruco. — Ela pode ter pecados inimagináveis e ainda estar lá na tumba negociando se vai pro céu ou inferno!

— Mais um motivo pra pegarmos... se for pecadora, vai estar fazendo uma boa ação e isso deve contar pontos positivos junto a Deus — Max palpita.

— Eu não estou acreditando! — Jogo as mãos para o alto. — Isso é errado em tantos níveis.

— Prefere pagar um milhão, então? — Romeo dá como certo o novo preço.

— Claro que não! Nem tenho isso no banco. — Esfrego as mãos suadas no vestidinho.

— Eu pago, somos um só...

— Não — interrompo Dante e cruzo os braços para mostrar o quanto estou irredutível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok... Se não quer me deixar pagar, vou respeitar. Mas sendo a velha uma santa ou demônia, só me resta uma alternativa: pegar as bonecas.

Dante sorri vitorioso e cerro os olhos ao perceber que me engambelou.

Filho da mãe fez de propósito!

— Onde a velha foi enterrada? — Ignora minha cara feia e continua.

— Na ala antiga, nas quadras centrais... dá uma meia hora de caminhada daqui — Romeo explica.

Espanto-me. Sabia que o cemitério era grande, mas não desse tanto.

— Lembra daquele portãozinho que usávamos para invadir e brincar escondidos?

— Estava pensando nele — Dante responde para o Max.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pensando em quê? — murmuro com medo de ouvir a resposta.

— No caminho, explico.

Dante pega minha mão e começamos a atravessar a rua em direção ao carro.

Deus salve as nossas almas pecadoras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Nas entranhas do cemitério de Highgate...

Com as mãos suando frio, seguro como se fosse uma rédea a parte de trás da camiseta de Dante e sigo pelos caminhos tortuosos do cemitério. Adentramos na parte antiga, que, segundo o meu Capitão, na versão guia turístico, foi inaugurada há quase duzentos anos... não é à toa que tudo aqui seja tão velho e assustador.

Não sei de onde tiraram a ideia de chamar o lugar de: *Os sete magníficos*... Não estou vendo nada de magnífico nesse monte de lápide de pedra e estátuas desfiguradas recobertas de limo, que há muito perderam os tempos de glória e que agora estão quebradas, rachadas e pendem capengas para

PERIGOSAS ACHERON

os lados.

É... *Cemitério Maldito*, como é popularmente chamado, combina muito mais.

Jesus nos ilumine.

— Tá vendo aquele túmulo ali? Com o busto de bronze?

Olho para o lado e grunho em resposta:

— Hum-hum...

Leio a inscrição: “*Trabalhadores de todas as terras, uni-vos*”.

— Estamos na parte reservada para os banidos da igreja Anglicana. Karl Marx^[164], a mulher e a amante estão enterrados ali.

— Velho safado! Nunca que ficaria enterrada com a amante do meu marido!

— Naquela época ter amantes assumidas era quase uma instituição.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Instituição! Falta de vergonha na cara, isso sim... Não importa a época, ter uma amante é inadmissível — mando o meu recado.

— Concordo plenamente, ciumentinha.

— Não é ciúmes, é respeito!

— Aí eu discordo, mais que respeito, tem a ver com amor. Um homem apaixonado como eu, sequer cogita a possibilidade de traição, Inglesinha.

Sorrio mesmo que não veja.

— Que bom que pensa assim, meu amado Abençoado... Detestaria abater o míssil para deixá-lo fora do alcance das tropas inimigas.

Dante ri e segue tagarelando na minha frente... Se a intenção dele é me acalmar, está falhando terrivelmente. Não acalenta em nada o meu pobre coração, sobressaltado, saber que por essas ruelas de terra batida, tomadas por árvores gigantescas, raízes distorcidas e vegetação densa,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estão enterradas mais de cento e setenta mil pessoas, em cinquenta e três mil túmulos repletos de potenciais almas penadas.

Faço o sinal da cruz.

Passamos por outro portão enferrujado e caindo aos pedaços... Viramos em um caminho confuso de direitas e esquerdas, e descemos mais um pouco.

Não sei se foi uma boa bater o pé e insistir em vir junto. Dante impediu Max e Romeo de entrarem por serem rostos conhecidos dos filhos da senhorinha... Achei sensato, caso o filho apareça de surpresa, com a mesma ideia insana de roubo que a nossa. Banquei a corajosa destemida porque não queria que o Capitão entrasse sozinho e nem de óculos, iria para casa como a donzela incapaz de participar de uma missão que também é dela.

Claro que o Capitão Putão deu as caras,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas fui mais putona do que ele e não cedi.

Sou a mulher corajosa de um herói destemido, oras bolas!

Na hora, o portãozinho fofo, em umas das ruas sossegadas e familiares que circundam o cemitério, me pareceu inofensivo e convidativo a um passeio.

Já estive aqui e nunca imaginei que o cenário quase bucólico e bem conservado que visitei, logo se transformaria em um filme de terror... Apesar de não compactuar, entendo a atração dos turistas... Há toda uma aura vitoriana com vários túmulos e construções góticas. Não duvido nada que *Drácula* apareça para dar um alô. Abaixo o corpo quando asas desconhecidas sobrevoam minha cabeça. Seguro o grito, nem morta vou confessar que estou com medo.

Droga!

PERIGOSAS ACHERON

Não deveria ter assistido o “*Vampiro de Highgate*”.

— É verdade que o Vampiro Rei da Valáquia está enterrado aqui? — pergunto em um sopro e Dante gargalha.

— Balela... um monte de lenda urbana e sem sentido. O cemitério tem muitos casos sobrenaturais relatados, mas nada de concreto foi provado. Muitos acreditam que essas histórias de vampiros e almas penadas rondando o cemitério partiram de Bram Stoker, autor de “*Drácula*”, que em uma de suas histórias se referiu ao cemitério de Highgate, como sendo o lugar de descanso de um dos discípulos do *Conde Drácula*.

Bom saber das almas penadas... Que maravilha!

Com os olhos fixos no chão, em busca de seres rastejantes e almas perdidas, procuro não

PERIGOSAS NACIONAIS

tropeçar nas raízes grossas das árvores que brotam da terra, recoberta de folhas secas, como membros humanos que se agarram aos túmulos.

Arrepio-me.

Graças a Deus, aceitei a sugestão de Dante e coloquei a calça jeans por baixo do vestido e ainda vesti as minhas meias longas e amarelas. Dane-se que pareço a *Chiquinha*, do *Chaves*. O que importa é que as minhas pernas estão blindadas contra invasões aracnídeas.

— Acho que chegamos — Dante diz desacelerando.

Ergo os olhos para encontrar uma sequência de catacumbas no estilo egípcio.

Caramba!

Com certeza, manutenção é um troço que não rolou por aqui. O pátio central da pequena quadra está quase que totalmente coberto por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pedras que despencaram das fachadas dos gigantescos jazigos. Reconheço qual é a tumba da senhorinha, segundo a descrição detalhada dada por Romeo. No canto das catacumbas há uma em especial... longas raízes aéreas recaem sobre ela como um rio de lágrimas... na entrada, só um espaço vazio que dá para o escuro, onde deveria ter uma porta.

O vento, que bate nas árvores centenárias e altas, produz um som lamuriento trazendo uma dramaticidade fúnebre. Apesar de todo o verde e do ar que circula desenfreado, sinto-me sufocada... o cheiro do mato mistura-se aos odores peculiares do antigo e do mofo... Se a morte pudesse ser definida em um cheiro, acho que seria esse.

Estremeço e recomeço a suar frio.

Acompanho Dante tirar do ombro a mochila, que pegou no porta-malas do SUV, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apoiá-la em um aglomerado de pedras. Dela saem lanternas, luvas e um cinto repleto de ferramentas, do tipo que construtores costumam usar.

— Volto rápido — diz enquanto veste o cinto.

Meu coração descompassado dispara de vez.

— O quê? — Meus olhos de coruja dão um alô. — Vou com você — afirmo com uma coragem que não sinto.

Não que acredite em fantasmas... nada disso, mas nem por decreto fico sozinha no meio desse cenário de horror, abarrotado de almas penadas.

— Pode ser desagradável lá dentro. — Veste um par de luvas cirúrgicas.

Olho ao redor, um sopro de vento frio bate direto na lateral do meu pescoço, arrepiando-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todinha. Num reflexo, cubro com a mão onde o vento bateu.

Sai pra lá, chupa sangue!

— Tudo bem, eu aguento. Não estou com medo — minto.

Uma gota de suor frio escorre pela lateral do meu rosto e espero que Dante não a note. Mais desagradável será ficar longe dele.

Os desconfiados azuis-índigo varrem o meu rosto.

— Esqueceu que sou produtora? Sou muito boa com ferramentas e lanternas. — Vendo o meu peixe com um sorriso trêmulo.

A boca bonita franze em meio a barba.

— Tem um cadáver fresquinho lá — argumenta esfregando a nuca.

Será que ele também sentiu o ventinho frio bater?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como se já não tivesse visto um — rebato com um revirar de olhos de desdém.

— Ok, Inglesinha corajosa. — Rende-se com um sorriso. — Toma. — Entrega-me um par de luvas cirúrgicas e uma lanterna. — Fique quieta perto de mim e procure não esbarrar em nada.

Meu amooooor, nem precisava me pedir isso.

Faço um coque para evitar fios caídos, visto as luvas e empunho a lanterna como uma arma. Entramos e fico tão grudada às costas dele que nem um alfinete passa. Se já estava sufocada lá fora, aqui dentro o meu estômago revira com o cheiro das flores funerárias depositadas sobre um dos três sarcófagos simples e quadrados dispostos lado a lado.

Quando Dante para na frente do túmulo florido, afasto-me e recaio para o lado. As luzes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trepidantes das lanternas batem nas paredes de pedra... o lugar não é grande. A mãozona de Dante toca as laterais da base de mármore.

— Ótimo, o cimento ainda está úmido — sussurra e não entendo o porquê. Depois, vira e checa o meu rosto, que aposto que está branco. — Segure bem a lanterna enquanto abro.

Faço o que pede... com a lanterna dele entre os dentes e sem muito esforço, consegue deslizar a pesada lápide uns bons centímetros para a esquerda.

— Ajuda aqui... ilumine dentro.

Sem olhar direito, miro o foco de luz onde acho que fica o dentro enquanto ele apoia na beirada e espia.

— Caralho, tava na esperança de que as bonecas estivessem fora do caixão. Vou precisar abrir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus do céu, nos perdoe que a causa é nobre.

Fico quietinha e rezo pedindo perdão a todos os Santos e mais alguns. Dante trabalha, fuça... fuça... fuça... e sinto o corpão esquentar pelo esforço. Quando finalmente, consegue o que quer, ouço, de olhos fechados, a tampa ser aberta, depois um baque metálico no chão... um: *puta merda!* e um revoar de asas ensurdecedor.

Com o susto deixo a lanterna cair e pulo como uma perereca louca, escalando o corpão musculoso, na tentativa de me esquivar das asas frias e peludas que esbarram no meu corpo e cabelo.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — berro. — O que é isso? — berro mais.

— Só morcegos... só morcegos.

A revoada acalma quando saem pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

catacumba. Minhas veias pulsam tanto que acho que podem explodir.

— Será que tem outros bichos aqui? — ofego quando me dou conta de que posso estar rodeada do que mais temo.

Desesperada, minha fobia bate com tudo e a garganta trava. Sou toda braços e pernas agitados, num envolver alucinado do corpo gigante em busca de proteção. Mais um pouco estou trepada na cabeça morena.

— Calma, respira... respira... Tudo aqui é inofensivo.

Não acredito, continuo ofegante e agarrada. Sinto Dante abaixar para recolher a chave de fenda e a lanterna... sigo atada a ele e no fluxo, sem mover um músculo.

— Isso agarre-se a mim, vou te proteger... está segura comigo. Não têm insetos aqui — diz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

manso como um domador. — Estamos quase no fim... Só preciso que respire, relaxe e tire as mãos dos meus olhos, Treas.

Não me movo, mas tento puxar uma sequência de respirações.

— Preciso ver o que estou fazendo para irmos embora.

Continuo na situação estatua catatônica. As mãos pousam suaves sobre as minhas, tentando afastá-las dos olhos dele. Acalentada por seu toque carinhoso, não ofereço resistência e abro bem meus dedinhos permitindo que enxergue através deles.

— Acho que não consigo mais do que isso — digo bem baixinho temendo acordar os insetos.

— Assim tá ótimo, meu amor... — continua no tom doce. — Mantenha os dedos abertos, está indo muito bem... mais cinco minutos

PERIGOSAS ACHERON

e estaremos fora. Apenas, respire.

Respiro.

Respiro.

Respiro e...

Depois de pouco mais de cinco minutos, meus pés pousam na terra batida do lado de fora da cripta. Com a ajuda de Dante, examino meu corpo em busca de insetos.

— Não tem nada. Acabou, pode ficar tranquila agora.

Puxo uma respiração profunda e depois outra e mais outra.

— Que vergonha... desculpa — peço assim que meu fôlego volta.

Dante me abraça em um gesto protetor.

— Vergonha nenhuma. — Acaricia meu cabelo. — Na Irlanda ou aqui, tem sido surpreendente lidando com as suas fobias. Até eu

fiquei tenso com aqueles morcegos.

Ficou nada!

Sei que é mentira, mas não contradigo.

— Obrigada — sussurro e ganho um beijo no topo da cabeça.

— Toma. — Desfaz o abraço e entrega-me um saquinho em tecido camuflado. — Espero que a barriga dessa aí também esteja recheada e pague o susto.

Estranhando o peso, olho dentro e surpreendo-me... há muito mais do que bonecas dentro do saco.

— Trouxe tudo? — pergunto confusa.

— Depois devolvemos. As joias têm um certo valor... um ladrão não as deixaria para trás.

Assinto pela lógica correta e com cuidado, retiro o conjunto fechado de Babuskas do saco.

— Nossa, tinha esquecido do quanto são

bonitas.

O corpinho todo é cravejado por pedras semipreciosas formando um delicado e intrincado desenho floral. Sem dúvida, uma obra de arte e uma das peças mais bonitas da coleção da vovó.

— Muito bonita mesmo — Dante retribui sem muita empolgação e olha para o céu. — Daqui a pouco vai começar a escurecer, melhor irmos.

Aaaff... às vezes, o bicho homem é tão insensível para certas delicadezas femininas.

Guardo as Babuskas no saquinho e começamos o caminho de volta. Depois de momentos silenciosos e entre viradas à esquerda e à direita, minha mente prática começa a cair na real e se preocupar com as consequências.

— Acha que o filho da velhinha vai conseguir a ação judicial amanhã?

— Se tiver bons amigos no Parlamento, é

possível.

— Ferrou, vamos ser os principais suspeitos!

— Vamos nada. — Ri — Um cemitério desse tamanho é impossível de ser vigiado por câmeras. Só existem algumas nas portarias. Com certeza, a essa altura, Romeo já apagou os rastros da visita dele nos sistemas do cemitério e também os nossos nas câmeras de vigilância onde estacionamos o carro, na praça de entrada e no portãozinho.

— Mesmo assim, é meio óbvio desconfiar de nós depois de tanta insistência em reavê-las — argumento.

Dante estala a língua desdenhando.

— Isso é fácil de resolver... É só mantermos o interesse na compra das bonecas. Ouviu o Romeo... não havia mais ninguém por

perto quando os irmãos discutiram. Duvido que alguém mais saiba dos tesouros da velha... e se souber, podemos muito bem jogar na conta dos caçadores de souvenirs.

— Caçadores?

— Ladrões... tem muitas joias enterradas por aí, sem falar no cobre e no ouro que adornam as sepulturas. Por causa dos roubos e vandalismos, as visitas na ala velha são todas registradas e só são permitidas se acompanhadas por um guia. Ninguém sabe que estamos aqui — diz calmamente. — A ideia do Max de ir com Romeo para um shopping onde centenas de câmeras estão captando as imagens deles, foi perfeita... Quanto a nós, basta alterar os registros de voo colocando a nossa chegada a Londres para amanhã... Depois disso, é só agirmos como se não soubéssemos de nada.

Fico abismada com a capacidade dele de

pensar em tudo.

— Sorte da Inglaterra que não foram para o lado negro da força.

Dante gargalha, mas logo em seguida para de andar e coça a nuca.

— O que foi?

— Acho que já passamos por essa estátua duas vezes. — Olha ao redor parecendo perdido.

Examino o anjo recoberto de heras, que é quase do meu tamanho.

— Não lembro desse anjo nem na ida nem na volta. — Busco por um ponto de referência conhecido, mas não acho nenhum. — Tem certeza de que é o mesmo?

— Tenho... — Esfrega o rosto de forma irritada. — Caralho!

— O que foi?

— Acabei me distraíndo na conversa. —

Irrita-se como se isso fosse uma falha mortal. —
Estamos perdidos, cacete.

Uh o quê?

— Como assim perdidos? — Sobressalto-me. — Não tem uma bússola aí nessa sua mochila de 007?

— Não, a mochila é de Max, e a merda do celular também não pega aqui.

Estamos no meio de uma quadra com várias vielas paralelas e perpendiculares... uma verdadeira teia de opções. Meu pobre coração aperta quando recomeçamos a andar e pelo vinco que se forma entre as sobrancelhas de Dante, acho que, quanto mais nos movemos, mais perdidos ficamos.

Meu Jesus Cristinho, nos ajude.

Andamos... andamos... andamos, até que Dante para abruptamente, numa atitude

emputecida.

— Lembra disso? — Aponta para outra estátua que nunca vi mais feia.

— Não.

— Porra estamos andando em círculo. — Senta numa lápide e joga a mochila de canto.

— O que está fazendo?

— Mais meia hora e tudo vai virar um breu. — Bate na pedra, afastando as folhas secas caídas sobre ela. — Melhor pouparmos energia e assim que clarear, buscar a saída.

Opa! Opa! Opa! Opa!

As batidas do meu coração entram num galope veloz.

— Endoideceu? — Tento puxá-lo, mas continua sentado. — Pode tirar essa ideia maluca da cabeça! Não vou dormir numa lápide! Prefiro me esgoelar e gritar por ajuda. Mil vezes ser presa

PERIGOSAS NACIONAIS

por roubo, do quer ser mordida pelo *Drácula* e vagar na eternidade.

Dante ri, eu grito e quase faço xixi nas calças quando a vegetação atrás de mim farfalha agitada. Num reflexo, ele pega a arma escondida na panturrilha e levanta todo tenso.

Meu Deus!

Eu sabia que a senhorinha viria atrás de nós reclamar os tesouros roubados dela.

O barulho aumenta... Minhas pernas travam e até um pouquinho de xixi escapa... Desesperada e literalmente me mijando de medo, busco pelos azuis-índigo que estão focados acima da minha cabeça. Quando as feições de Dante aliviam e a arma é escondida rapidamente nas costas, minha curiosidade vence o medo, viro para olhar.

Valha-me Deus!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vai de retro!

Meu sangue congela... Pisco... pisco...
pisco...

Agarro na mão de Dante.

— Você é... — Não consigo nem
completar a frase.

Um fantasma?!

— Sou a Anne, senhora.

Uma garotinha de longos e ondulados cabelos cor de fogo sorri timidamente para mim. Com o coração saindo pela boca, escrutino o corpinho franzino... Seu vestido cinza, sob o aventalzinho branco puído, está desgastado pelo uso. Nos pés, os delicados sapatinhos de boneca estão sujos de terra... Respiro tentando acalmar-me e vou para o rostinho curioso. Apesar de pálida como a lua, as bochechas têm um certo rubor rosado, típico das crianças da idade dela e sardas!

PERIGOSAS ACHERON

Solto o ar.

Fantasmas não são corados, certo?

— Veio brincar e se perdeu? — Dante vai numa abordagem mais doce. — O cemitério já fechou, bonequinha. Logo vai escurecer.

Bonequinha?

Oh... homem para se derreter para uma criança!

Pronto! Perdemos o Capitão para os encantos infantis da fantasminha!

Os olhinhos de jabuticaba brilham para ele.

— Não estou perdida, senhor. — Sorri faltando um dentinho da frente e quase caio em seus encantos. — Estou aqui com a minha mãe.

— Com a sua mãe? — Ainda desconfiada, olho ao redor. — Onde ela está?

Todos os filhotinhos são fofos!

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pensamentos férteis ficam em alerta, esperando a chegada iminente da mãe fantasma ruivona, furiosa e apontando os dentes afiados para nós.

— Por aí, vagando e pegando as castanhas que caem das árvores para vender. — Balança um saquinho de papel quase vazio. — Eu ajudo, mas ainda não sou tão rápida em separar as boas das ruins. Estão perdidos, né? Se querem saber, a saída é por lá. — Aponta com o dedinho. — É só seguir reto, virar à direita, direita de novo, à esquerda, seguir reto e acharão o portãozinho.

— Como sabe do portãozinho?

— Qualquer criança por aqui sabe do portãozinho, Senhor.

— Como sabia que estávamos perdidos?

— Minha desconfiança aumenta.

Os olhinhos recaem para nossas mãos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrelaçadas.

— Namorados vêm aqui para fazer coisinhas sujas, que minha mãe diz que não posso espiar, e acabam se perdendo.

— Ah... não deve espiar mesmo. —
Minhas bochechas coram.

Dante ri.

— Tem certeza de que sua mãe está por perto, bonequinha? Quer que o tio te leve até ela.

Tio?

— Não precisa, senhor. Sei muito bem como encontrá-la.

— Nesse caso, precisamos ir.

— Tudo bem... Não esqueçam: seguir reto, virar à direita, direita de novo, à esquerda, seguir reto e achar o portãozinho.

O sorriso desdentado retorna.

— Não vou esquecer.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada pela ajuda. Tchau, Anne. —
Sorrio doce balançando o saquinho de tesouros.

— Tchau. — Chacoalha o saco com as
castanhas.

De mãos dadas comigo, Dante alcança a
mochila, acenamos uma última vez e damos às
costas na direção apontada.

— Gostei das suas bonecas, os meninos
não...

A vozinha doce ressoa baixinho, bem atrás
de nós, ambos viramos de súbito, mas no lugar
onde a garotinha estava, há apenas um farfalhar das
folhagens.

Arrepio-me da cabeça aos pés.

— Gostou? Quais meninos? — Olho
assustada para o meu saquinho, para Dante e para
os lados.

— Melhor sairmos daqui. — Dante

começa num caminhar decidido, arrastando-me com ele.



Max quase cai da banqueta de tanto rir, Gabriel e Godzilla latem animados querendo participar da brincadeira.

— Agora, pode parecer engraçado, seu idiota. — Acaricio o corpinho peludo de Mila, aboletada no meu colo. — Na hora, foi assustador.

— Foi esquisito mesmo. — A voz grossa de Dante ressoa.

Ele fecha a geladeira, caminha até nós e senta na banqueta colada à minha. Um cheiro bom de Capitão me envolve. Uma mecha úmida do meu cabelo é posta de lado e ganho um beijo no ombro.

Sorrio e Max revira os olhos.

— Crianças gostam de doces... Vai ver, a

PERIGOSAS NACIONAIS

fantasminha camarada foi atraída até vocês, por todo esse mel que exalam... Deus me defenda de nunca me apaixonar.

— Não tem nada de errado no amor, Palhaço. — Dante joga uma tampinha no irmão.

Aceito a garrafinha de água que me oferece.

— Sei lá se era fantasma ou não, mas que foi bem estranho saber das bonecas, isso foi — digo e sinto a cabeça morena atrás de mim balançar em concordância.

— Ela pode ter nos seguido para espiar e visto quando as examinou... — Dante palpita e cheira os meus cabelos recém-lavados.

— Que seja, só sei que quero devolvê-las o quanto antes. — Recosto-me contra o peito largo e descamisado. — A menina pode abrir o bico e não é certo ficar com uma coisa que não é mais minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim que Romeo terminar com elas, peço para Trent e Mc resolverem isso.

Dante decreta, viro a cabeça e sorrio para ele.

— Ainda pode tê-las... — Max aproveita a minha distração e rouba a garrafinha d'água que segurava. — As bonecas são bonitas, mas aquelas pedras incrustadas nela não são valiosas... — Mata a água em um só gole. — O babaca do filho vai quebrar a cara se tentar vendê-las pelo preço que quer... em dois tempos, vai estar correndo atrás de nós topando qualquer oferta.

— Tomara. — Desço da banquetta para brincar com Gabriel e Godzilla que latem por atenção.

Ajeito Mila em um só braço. Pego uma bolinha de tênis toda mordida, sobre o balcão central, e lanço para o jardim... os dois saem numa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corrida alucinada atrás delas.

— Enquanto tomava banho, liguei e conversei com meu pai e Jack... sem dramas do lado deles. Mandaram os parabéns. Seu pai, eu não consegui. A secretária disse que está incomunicável.

Volto-me para Dante dando uma bela olhada no peitoral desnudo, cicatrizado e tatuado. *Divino*. O ordinário deve ficar sem camisa porque sabe o efeito que causa.

Correto do jeito que é, claro que não esperaria nem um minuto para deixar tudo às claras.

— Meu pai está na Bélgica, deve voltar em três semanas. — Desvio das flores nos bíceps e foco nos azuis-índigo que sorriem convencidos. *Babaca!* — Tentei ligar pra minha mãe e não consegui.

PERIGOSAS ACHERON

Godzilla volta com a bola entre os dentes e a entrega para mim. Ignoro toda a baba contida nela e lanço novamente para o jardim, onde Gabriel espera ansioso por ela. Mila arranha a minha camisetinha branca, salta do meu colo e ondula languidamente o traseiro peludo em direção a espreguiçadeira na piscina.

— E a sua mãe? — Viro-me para os irmãos que riem da disputa entre os cachorros.

Limpo a mão melada no shortinho jeans.

— Mais feliz do que brava... logo passa. A revolta dela recaiu sobre Martha. — Dante franze o nariz perfeito. — Como uma boa mãe urso, está revoltada com a rejeição a mim. — Passa a mão nos cabelos úmidos e babo nas veias do bíceps gigante. — Disse que irá com Anthony até a casa dos seus avós para pôr um basta nessa besteira.

Encolho-me só de imaginar no que vai dar.

Max ri.

— Que beleza, o furacão Martha como sempre, causando estragos.

Pois é.

Não digo nada, porque Max tem razão. Fico grata à minha sogrinha, mas vai ser preciso bem mais do que uma conversa para dobrar minha avó... Não queria apelar para minha mãe e avô, mas vai ser o jeito, chegou a hora de reunir o exército Wild numa missão. Não vou permitir desrespeitos com meu Capitão. Ou Martha o aceita ou o aceita, não tem outra opção.

Romeo chega sorrateiro e joga uma imagem digitalizada sobre o balcão.

— Pediram a pizza?

— Várias... — digo e junto-me a Dante e Max, que já estão examinando o papel. — A sua de champignon e bacon, inclusive.

— Já disse que te amo hoje, primeira-dama?

Dou risada do exagero e Dante rosna para o irmão.

— Dá pra deixar de azarar a minha mulher e vir explicar essa merda?

1	8	5
918	197	185

Gargalhando, Romeo faz uma parada na geladeira.

— Não tem muito que explicar, *Fella*. — Pega e abre uma cerveja.

— Opa! Manda uma pra cá! — Max pede e captura a latinha que o irmão lança no ar.

Volto a sentar do lado do Capitão, que me

puxa grudando a gente.

— Juntei a última sequência com as outras e joguei nos bancos mundiais. Nove dígitos poderiam corresponder a alguma caixa postal, mas não encontrei nada compatível, então descartei essa hipótese. Por serem cinco Babuskas e seguirem o padrão de três dígitos, minha aposta é de que sejam mesmo de algum banco. As contas normalmente têm doze dígitos, então uma delas ou está vazia ou deve trazer a senha de acesso.[\[165\]](#)

— Mas já dá pra saber pelo menos o banco?

— Não, mas, pelo menos, consegui descartar as contas bancárias do hemisfério sul. Nenhum banco de lá combinou essas sequências.

— Que beleza. — Dante coça a barba, não muito feliz. — Eliminamos vinte do sul, mas ainda restam vinte do norte.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vinte o quê? — As sobrancelhas de Max levantam.

— Países, porra! — Dante se irrita.

Max mostra o dedo do meio e Romeo ri.

— Foi no Exército que aprendeu essas coisas de países? — indago impressionada.

— Nas aulas de geografia — responde doce.

Ah! Óbvio.

Sorrio fofa, agradecendo a consideração de uma resposta suave para uma pergunta idiota.

— Geografia. — O rosto exótico de Max enruga. — Nunca gostei dessa merda.

Sou puxada para o colo de Dante.

Aconchego-me.

— Tem notícias do navio do Museu ou do leilão das Babuskas? — pergunta dirigindo-se a Romeo.

PERIGOSAS ACHERON

— Parado no porto de Bancoque. — Os azuis-claros ficam nublados. — A polícia Tailandesa recebeu uma denúncia anônima quando aportou pra reabastecer. Erva da boa. O navio foi detido... Estão batendo revista nos contêineres. Só deve ser liberado para seguir rota em algumas semanas. O leilão tá sem data ainda.

— Caralho, isso pode significar um atraso de meses! Porra, só me faltava essa! — Dante grunhe mais uns palavrões.

Esfrego a coxona em um gesto de apoio. Entendo e compartilho a irritação dele, não tem coisa pior do que querer muito resolver logo uma situação e não poder.

Godzilla e Gabriel se alvoroçam com uma movimentação no portãozinho lateral.

Todos nós caímos atentos para o quintal.

— Xô... Xô... Saiam pra lá, seus

esganiçados... Isso é comida de gente! — Irmã Rubi surge pelo jardim carregando quatro caixas de pizzas. — Foram vocês que pediram essas pizzas?

— Godzilla! Gabriel! Junto!

Dante berra, os cães correm para ele, enquanto Max e Romeo vão socorrer a irmã, que quase se desequilibra e deixa cair a comida.

* .. ♥ .. *

Depois de devorarmos as pizzas e de Romeo e Max irem embora, o cansaço da correria do dia bate.

Engatinho sobre a cama com o frasco de hidratante na mão... sento do lado do Capitão que lê um livro chato sobre guerra.

Amo... amo... amo ele assim com esses óculos.

Começo a besuntar minhas pernas,

cansadas, de creme.

— Achei tão bonitinha a reação da Irmã Rubi quando contamos da bênção e mostramos as alianças.

— Reação de alívio você quer dizer — responde cínico sem desgrudar os olhos do livro.

— Deixa de ser chato... foi fofo. — Aperto os pontos doloridos na panturrilha direita. — Os olhos dela até lacrimejaram. Será que já contou para as outras Irmãs?

Parto para a panturrilha esquerda.

— Claro que já. — Repousa o livro no abdômen e me observa na massagem. — Aquelas Irmãs são piores do que as nossas famílias. Não duvido nada que tenham um grupo de *WhatsApp*... Línguas Santas, que tal?

Ignoro a gozação.

Coloco mais creme nas mãos e começo nas

PERIGOSAS NACIONAIS

coxas.

— Que feio a minha avó, né? — Faço um bico. — Onde já se viu botar todo mundo pra fora do grupo.

— Tava há muito tempo nele?

— Não... entrei hoje só pra ver a confusão. — Minha cara deve estar engraçada, porque ele segura o riso. — Não deu nem dez minutos, fui excluída — digo meio desolada.

Dante joga a cabeça para trás e gargalha.

— Só eu, acostumado aos piores tipos de tortura, pra te aturar, Inglesinha.

— Tortura o teu rabo. — Pego e bato com o pote de creme no braço dele. — Para a sua informação, as pessoas adoram conversar comigo. Sou um amor.

— Quando quer, né? — Esfrega o pescoço parecendo incomodado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ignoro a ironia, mas não a cara sofrida.

— Que foi, tá doendo?

Fico com dó e com medo de ter sido a minha escalada do susto a causadora da dor.

— Um mau jeito na hora que fui fechar a cripta.

Merda!

Preciso fazer regime.

— Droga, sou muito pesada, né?

— Pesada pra caramba, peso pena. — Ri.

— Não precisa mentir pra me agradar... a partir de amanhã vou cortar os carboidratos — digo decidida.

Ri mais.

— Deixa de ser boba. Carboidratos são essenciais e está mais do que perfeita assim.

Bufo inconformada que não leve a sério

PERIGOSAS ACHERON

meu drama.

— O problema é esse *mais do que*. —
Bato no colchão. — Vira de bruços.

— Pra quê? — Olha-me desconfiado.

— Vai, vira... — Puxo a mãozona incentivando-o a levantar e ele nada. — Sou boa na massagem... aprendi num retiro fitness que fiz com Chloé.

— Um retiro fitness? Com Chloé ainda por cima? — desdenha num franzir de boca divertido.
— Não... vai piorar essa merda.

— Vou nada, deixa ser chato... Garanto que vai até relaxar... — Dou um sorriso doce. — Por favorzinho, vai... Deixa a sua mulherzinha fazer massagem em você, deixa. — Puxo a mãozona de novo.

Um brilho intenso desponta nos azuis-índigo que, a princípio, me olham enviesados, mas

depois de um segundo cedem.

— Tá bom, minha mulherzinha — sorri —, mas sem me melear todo.

Sorrio vitoriosa quando cede, senta e arranca a camiseta colocada por conta da Irmã Rubi.

Hum... peitão delicioso.

— De bruços, grandalhão.

Obedece não muito feliz... monto em seu traseiro e besunto a mão, esfregando-a para ficarquentinho. Olho para a imensidão de costas à minha disposição. Ofego com a tatuagem que sempre me atordoa e fico até um pouco excitada, a ideia de explorar o corpão dele é sempre deliciosa.

Começo acariciando a base da coluna e vou subindo dedilhando a coruja. A pele morena chega a ficar branca de tanto creme.

— Porra, falei que era sem creme! Essa

PERIGOSAS NACIONAIS

bosta meleca!

— Meleca nada, é gostosinho.

Ele grunhe, ignoro e tenho uma ideia para fazê-lo colaborar.

Estico o corpo, alcanço o celular na mesinha de cabeceira, acho o que eu quero e a voz suave de *Corinne Bailey Rae* cantando *Since I've Been Loving You*, começa a seleção de músicas escolhidas.

— Isso é sexy — grunhe.

— Só relaxe, Abençoado.

Espalmo as costas e subo até os ombros em um movimento lânguido e único. Minha boca enche d'água... amo a maciez da pele morena contrastando com a rigidez dos músculos

— Obrigada por lidar com Jack e a Maggie — agradeço porque ele foi perfeito.

— Só quero te ver feliz.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou.

Massageio a base da nuca... sorrio ao sentir a pele dele arrepiar sutilmente. Passo alguns minutos desfazendo toda a tensão e sigo para os ombros largos, relaxando-os em um apertar e acariciar, que se estende aos braços. Ruídos guturais lhe escapam. Fecho os olhos e vou sentindo cada músculo, tendão e veia que esculpem meu homem. Dante contorce quando volto para a nuca e deposito nela uma sequência de beijos molhados...

Ele protesta, eu sorrio.

— Shhhh... relaxa... — Dou mais beijinhos, ele grunhe. — Não gosto de vê-lo tenso — digo em tom suave. — Deixa ser eu a te cuidar, só pra variar, deixa...

— Sou todo seu... gosto dessas mãos em mim — fala baixinho em tom rouco. — São um

PERIGOSAS NACIONAIS

tesão, Inglesinha. Vem... pode cuidar e até abusar se quiser, só não pare.

— Não vou parar — murmuro doce em seu pescoço, antes de partir para novos horizontes.

Deslizo e esfrego-me nele indo para a base da coluna e... adorando que se renda a mim, capricho... Encontro e desfaço os nós de tensão nas costas... satisfeita com os grunhidos apreciativos que solta, acaricio a coruja e depois desço arranhando a pele quente, instigando a lombar e as laterais dos quadris...

— Tem noção do quando é lindo, Dante?
— Mordo a cintura. — Meu homem delicioso. — Chupo onde mordi.

— Porra, Treas...

Gira o corpo, desequilíbrio e acabo soterrada por ele.

— A massagem... — ofego já sentindo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderio bélico.

Apoia-se em um só cotovelo.

— Chega, brincadeira de gente grande agora. — Baixa a cabeça. — Vou meter bem gostoso nessa bocetinha, para aprender a não me provocar — sussurra quente em meu ouvido.

Arrepio-me todinha incluindo lá...

Delícia de voz trepadora!

— Disse que podia abusar — defendo-me sentindo a pele do meu rosto e colo esquentarem

— Disse, mas esqueci de avisar que haveriam consequências.

Sorri safado do jeitinho que amo... minhas partes felizes sorriem também.

Sem cerimônia, levanta o quadril, move e puxa a calça de moletom, deslizando-a para baixo. Em seguida é a minha calcinha que desce... chacoalho as pernas para liberar-me dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oh, sim... como prometido, ele mete bem gostoso, me fazendo gemer baixinho e pela segunda vez, fazemos amor lentinho e safado. Nossos quadris ondulam juntos, nossas bocas esfregam em um provocar de línguas abusado, dedos firmes puxam meu mamilo... e encho o pau delicioso com meu gozo enquanto minha bocetinha é inundada por um mar de esperma quentinho.

— Dante... Dante... Dante... não quero parar nunca mais.

— Então não pare...

E não paramos... como casal novo, apaixonado e cheio de vigor que somos, não desperdiçamos a oportunidade de transar gostoso mais uma vez na noite, no dia seguinte e nos outros também...



PERIGOSAS ACHERON

Duas semanas passam voando...

Dante

Sigo, não tão pacientemente, Treas pelo caralho dos corredores do supermercado. Respiro fundo para controlar meu temperamento. Se ela não estivesse tão engraçadinha, vestida dos pés à cabeça com o uniforme da seleção, juro que explodiria.

Minha Inglesinha *team leader*^[166] se empolgou mesmo com a Copa do mundo... Nem mesmo o vergonhoso um a zero pra Bélgica foi capaz de derrubar a fé que tem na Inglaterra levando a taça.

Um, dois, três...

A porra de três pacotes gigantesco de *marshmallows* são lançados alegremente para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro do carrinho abarrotado de porcarias. Sabia que o lance dos carboidratos não ia durar um dia.

— Acha que é pouco, Abençoado?

O castanho e o verde olham para mim... há uma felicidade legítima impressa neles.

Linda demais.

— Depende, meu amor... se a intenção for acabar com a fome na África, melhor levar mais um.

Ergo as mãos ironicamente, me segurando para não tacar as porras dos pacotes para a puta que pariu.

— Verdade. — Sorri grandão. — Podemos dividir com as crianças carentes que frequentam a igreja!

Lança um quarto pacote, que pousa equilibrando-se em cima dos outros.

Mordo a mão, respiro, sorrio e continuo a

PERIGOSAS ACHERON

via sacra pelos corredores...

A convivência é um troço louco e testa todos os limites do amor. A minha adorável mulher tem a incrível capacidade de filtrar as palavras, eliminar as que não são boas para ela e reagrupar as demais, de modo que façam tudo parecer melhor do que é... o verde e o castanho sempre dão um jeito de enxergar as coisas pelo lado bom.

Amo isso nela... o desejo profundo de ser feliz e fazer dar certo.

As últimas semanas não têm sido fáceis... Martha entrou em guerra fria; e nós, em um compasso de espera em relação às bonecas. O caralho da polícia Tailandesa não libera a merda do navio, nem cheiro da data do Leilão das Babuskas e nada de descobrirmos onde as peças que serão leiloadas estão guardadas... a melhor solução seria, pegar as bonecas, checar e devolver como fizemos

com os tesouros da velhinha.

O filho da falecida conseguiu a tal liminar e quando os oficiais abriram o caixão, encontraram tudo como havia sido enterrado... uma cortesia da competência de Trent e Mc que visitaram o cemitério na manhã seguinte em que conseguimos a nova sequência.

Valeu pelo sorriso de alívio de Treas, que, segundo ela, não precisaria mais se preocupar com a velhinha puxando o seu pé à noite.

Meus olhos arregalam para os dez pacotes de Doritos e cinco latas de molho salsa.

— Será que aqui tem o meu sorvete de canela e nata? — O narizinho arrebitado enruga e quero mordê-lo. — Ah... precisamos pegar as cervejinhas dos seus irmãos, mais Coca zero e Ice tea de pêssego. Pode ir buscar e me encontrar na fila do caixa? Acho que todo mundo teve a mesma

ideia que a nossa de reunir os amigos para assistir ao jogo contra a Colômbia.

Ideia dela, não minha... que fique bem claro.

Com outra respirada profunda e um leve aceno de cabeça, parto para executar a missão.

— Ah... Dante!

Berra, estremeço e olho sobre os ombros esperando a lista crescer em mais dez itens.

— Que foi?

— Nada... só que amo você. — Sorri do jeito que me quebra.

Um troço fodido de bom faz meu coração inchar.

Viro para ela.

— Também te amo, Inglesinha maluca — Sorrio.

O castanho e verde piscam como se
PERIGOSAS ACHERON

quisessem me dizer mil coisas.

Caralho! O amor é foda.

Sorrio amplo e os olhos de coruja brilham.

— Na fila... — A mão delicada agita para o nada. — Te espero lá.

Pisco um: *ok* enquanto manda um beijo e depois rebola a bunda gostosa empurrando o carrinho para a direção oposta à minha.

Quando volto e a encontro na fila, o carrinho parece uma pirâmide do Egito... deposito as bebidas e o sorvete em um canto mínimo.

Caralho!

Como conseguiu a proeza de dobrar as compras em menos de cinco minutos?

— O que é isso?

Na lateral do carrinho, três lenços com a estampa da bandeira inglesa pendem. Pego um.

— Ah... bandanas. São para os nossos
PERIGOSAS ACHERON

filhotes. — Tira da minha mão abrindo na minha cara. — Vão ficar bonitinhos, né?

Recapitulo o lenço e apenas assinto. Godzilla vai estraçalhar essa merda em dois segundos, mas não digo nada.

— As violetas?

Olho com desânimo para os seis vasos. Os ambientalistas deveriam nomear Beatrice como a embaixatriz, nunca vi uma pessoa mais apaixonada por um mato do que ela.

— Pro banheiro... tá muito morto sem um verde.

— Não sei se reparou, mas têm duas palmeiras gigantes lá.

— No chão, não na pia.

Ah... claro, óbvio... no chão, não na pia.

Assinto de novo e decido nem comentar sobre a montanha de *Tupperwares*^[167].

PERIGOSAS NACIONAIS



*Nunca é demais, Dante... nunca é demais.
Não sei o que acontece com as tampas desses
troços que simplesmente desintegram...*



Na semana passada foi a mesma coisa, fomos comprar alguns mantimentos e frutas, e voltamos para casa com mais potes do que bananas.

Todas as manhãs, enquanto treino com a equipe, Beatrice cai na piscina e depois vai se encontrar com Lore e Miah, no escritório improvisado na sacristia... Com o caminhão *food truck* em produção e desacelerados com a proximidade das férias coletivas da Allegro, não há muito com o que se ocuparem... então, minha pequena tem gasto energia de outras formas, que vão além das nossas rodadas de sexo.

Parecendo uma formiga antes do inverno,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não parou um minuto... conseqüentemente, eu também não... Fez-me arrastar e recolocar os móveis no lugar... arejar o colchão, tirar, a contragosto, o painel da Vênus da sala e pôr no mezanino. Sozinha, esvaziou, lavou e trocou a água da banheira... cuidou dos jardins, levou os cachorros e a gata ao veterinário, me arrastou para vistoriar a reforma em Maida, ajudou as Irmãs nas obras de caridade, reorganizou armários e gavetas...

Acho esquisito guardar cada coisa da despensa ou geladeira em um pote etiquetado, mas se isso faz minha mulher feliz, que seja assim...

— Acha que o Jack vai conseguir convencer a vovó a vir?

Enquanto passamos as compras, volta a puxar papo e noto a ansiedade na voz.

Merda!

Tá aí o motivo da organização exagerada e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das compras alucinadas. Coço a barba do queixo... Sabia que todos aqueles “*eu estou, bem*”, no fundo eram mais para me tranquilizar.

— Vamos torcer que sim.

Pressiono os lábios, achando muito difícil que Jack consiga dobrar aquela velha teimosa.

Como a conversa com a minha mãe também não deu em nada, eu mesmo tentei uma aproximação com Martha, mas tudo que consegui foram vários: *Ela ainda não quer falar com vocês*, ditos por um constrangido Jack.



Sentado atrás da mesa de trabalho, no mezanino, desvio a atenção do computador e rio de Beatrice, que começa uma briga com Godzilla.... Dito e feito. O bicho deu um jeito de arrancar o lenço do pescoço e agora, o destroça.

PERIGOSAS ACHERON

Gargalho, tomado por uma onda de gratidão e alegria.

Como é bom estar em casa com Beatrice.

Obrigado, Deus.

— Feio, feio, feio... Olhe seus irmãos como são comportados! — Tenta puxar o tecido, mas tudo que consegue é rasgá-lo ao meio e cair de bunda. — Droga! — Levanta rodeada por Gabriel e Mila. — Por que sempre tem que ter um alopchado na família? — pergunta para os menores, que obviamente não respondem.

Pouco se fodendo para as lamúrias de Beatrice, Godzilla continua na missão de destruir o adereço. Rendida, ela suspira, desiste e volta para o loft. Perco-a de vista quando pega um saco de bexigas no balcão da cozinha e vem para a área da televisão abaixo de mim.

Com um sorriso no rosto, volto para os

relatórios finais do mês de junho. Repasso número por número, satisfeito que a demanda pelo *Born in Chaos* tenha crescido mais de cinquenta por cento em relação ao primeiro semestre do ano anterior. Respondo os e-mails do Luke, mando outros para funcionários, fornecedores e compradores.

Verifico se há alguma novidade no caso Petronovic ou sobre as Babuskas... apenas um e-mail dos gêmeos dizendo que ainda estão na Alemanha na caça de Scarface.

Caralho!

Esse é um assunto que tem tirado meu sono. Se ao menos Guy resolvesse colaborar e contar logo onde o irmão está escondido. Não gosto nada, nada, daquele maluco solto por aí.

Bosta.

Com o mau humor beirando à porta, ignoro, mais uma vez, as mensagens de Donatela e

PERIGOSAS NACIONAIS

de Claire que piscam na minha caixa de mensagem há mais de uma semana. Não há nada melhor para pôr um soldado na linha do que um bom tratamento de gelo.

Termino as obrigações e uma vontade, já antiga, bate forte...

Espreguiçando-me na cadeira de diretor, giro de um lado para o outro... estico as pernas... penso... pondero... penso mais um pouco... pondero outro tanto... admiro minha Vênus preciosa e amada...

É isso aí... Agora é a hora!

Decidido a me dedicar exclusivamente a Beatrice, à família, à aldeia e ao Chaos, acesso o e-mail secreto do Royal Honnor e solicito baixa das missões, assim que encerrar o caso Petronovic.

Fecho o computador, apoio os cotovelos na mesa e esfrego o rosto. Melhor assim... estou

PERIGOSAS ACHERON

farto de tanta violência, há outras formas de ajudar às pessoas. Suspirando profundamente, dou adeus à fase difícil e deixo sair dos ombros o peso das mais de cem missões executadas, ao longo desses anos, em nome da Rainha

Vamos lá... vida nova.

Desço para ajudar Beatrice e não consigo conter o riso pelo exagero na decoração.

* .. ♥ .. *

Beatrice

— Não! Não! Não! Gol, porra! — Max bate na testa. — Filho da puta! — berra.

Xingamentos explodem quando Mina, camisa treze da seleção colombiana, marca um gol aos quarenta e sete minutos na prorrogação do segundo tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que merda de azar! — Jack levanta furioso colocando as mãos na cabeça.

— Eu avisei — Dante debocha e toma um gole da cerveja. — Excesso de confiança dá nisso.

O comentário me atinge como uma bofetada final... O cretino está me irritando desde que viu minha decoração com bexigas.

E daí que exagerei, produzo eventos, caramba!

Como a garota do exorcista, viro o rosto para ele sem saber se está brincando ou falando sério.

— Excesso de confiança uma ova, seu irlandês traidor! É amor à pátria. — Por via das dúvidas, rebato a provocação. — Não acredito que estou dormindo com o inimigo! — Fico de pé, afastando-me dele.

— Inimigo o cacete!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha a boca, filho!

Dou risada pela bronca.

— Pode não ser a sua seleção, mas nossos reinos são unidos, lembra? — Divirto-me com a carranca que se forma no rosto bonito de Dante.

— Beatrice... é só um jogo — Jack, para variar, tenta pôr panos quentes.

— É a Copa, vovô! Nosso país! — boto pilha, aponto para a bandeira de bexigas que fiz e depois para Dante. — Ele ficou o tempo todo tirando sarro e agourando.

— Lá vamos nós. — Max começa a gargalhar.

— Agourei o cacete! — Pilhado, Dante pula do sofá. — Os porras dos ingleses comem bola, deixam a zaga aberta e a culpa é minha?

Balanço a cabeça em um sim exagerado.

— É claro que é... ficou o jogo inteiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apontando os nossos erros para tentar desestabilizar — acuso.

— Como se eles pudessem escutar. — Ri e não acho a menor graça. — Não acredito que vai querer brigar por causa de futebol, porra! — Passa a mão no cabelo.

— Filho, olha a boca. — Anthony insiste divertido.

Faço uma cara falsamente chocada.

— Isso aí é inveja? Capitão perfeito que nem time na Copa tem? — ironizo.

Dante abre a boca e tenho certeza de que é para me xingar, mas Anthony pigarreia num aviso... puto da vida, ele vira a cerveja.

Satisfeita por ter me vingado um pouquinho, viro decidida a fazer uma boquinha enquanto espero pelos pênaltis.

Meleca.

PERIGOSAS ACHERON

Com o quadril encostado no balcão da cozinha, Maggie conversa com a Irmã Hortência, Irmã Rubi e Lore. Penso em dar meia-volta, mas é tarde demais. Ela abre um sorriso e gesticula pedindo que me aproxime.

Obedeço e vou lentamente até elas, como um cordeiro indo para o abate.

— Já estavam se bicando? — Minha sogrinha dispara assim que apoio os cotovelos no balcão.

— Seu filho que é um chato. Não entende nada de decoração e de futebol e quer ficar dando palpite. — Dou uma encarada no grandão, que me olha ainda puto.

Maggie segue meu olhar e ri com uma doçura nostálgica.

— Ah essas implicâncias, Anthony era igualzinho. Sempre soube que a felicidade de Dante

estava em você — diz surpreendendo-me.

Lisonjeada, mas sem saber o que fazer com tamanha responsabilidade, aceito o abraço apertado que me dá.

Volto a buscar por Dante que, agora, nos observa carinhosamente puto, se é que isso é possível. Esse homem é muito bipolar. A imagem faz meu coração mais leve, então sorrio para ele que retribui discretamente.

Anthony chega tirando o foco do filho de mim... volto a dar atenção para as convidadas.

— Estão satisfeitas? Posso preparar mais salada de frutas se quiserem — ofereço como boa anfitriã que aprendi a ser.

— Tudo está perfeito. — Maggie finalmente me larga.

Respiro.

— Querida, tivemos uma dúvida aqui. —

Irmã Hortência serve-se de mais um pedaço de torta de maçã. — Prefere a cerimônia em lugar aberto ou fechado?

Eu sabia!

Pega, não tão de surpresa, sorrio educadamente para a Irmã que devora a torta enquanto aguarda uma resposta. É claro que só poderiam estar fofocando sobre o novo assunto preferido do momento: meu ainda nem marcado casamento com o Capitão.

— Não sei... não falamos de datas. — Dou a resposta padrão dos últimos dias.

— Chefinha... — Lore mira os olhos divertidos para mim. — Não quero pressionar, mas sabe mais do que ninguém a trabalhadeira que dá organizar um casamento... precisamos de uma data.

Que agonia...

Claro que quero casar diante de todos. Que

mulher não sonha em fazer isso com o homem que ama? O problema é esse desespero. Minha mãe e Maggie parecem estar indo tirar o pai da força com esse casamento.

Solto um suspiro.

— Qual o problema? Não estão pensando em desistir, estão? — Irmã Rubi que até então se manteve na dela diz com a suavidade habitual.

— De jeito nenhum, Irmã — *pelo menos acho que não*. Respondo no mesmo tom suave.

Querendo desintegrar, olho para os lados... Dante pediu para casarmos várias vezes, antes da bênção, mas depois dela não pediu mais.

— Quem sabe se eu der um empurrãozinho. — Maggie levanta a cabeça num indicativo de que pretende fazer isso já.

— Boa!

Lore incentiva e quero matá-la por isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Do quintal, Chloé espia para dentro e abre um sorriso quando me vê. Lanço um SOS visual. Ela gargalha, para de brincar com Jeremiah e os cachorros e vem correndo até nós.

Seguro a irritação.

— Pra que tanto desespero? Já somos um casal aos olhos de Deus. — Busco pelo aval das Irmãs, que sorriem. — Por favor, entendo que estejam ansiosas, mas podem deixar as coisas correrem do nosso jeito como Dante pediu?

— E esperar mais quatro anos? — Maggie agita a cabeça negando o próprio questionamento.

— Sogra...

— Se estiverem na forção de barra de novo, juro que mostro os vídeos picantes que postaram no grupo. — Chloé chega interrompendo a conversa.

Maggie e Lore ficam vermelhas e as Irmãs

PERIGOSAS ACHERON

quase engasgam.

Safadinhas.

É isso aí... Agradeço ao universo que a mágoa da minha amiga não tenha durado nem cinco minutos... Voltamos às boas, no mesmo dia, quando liguei e contei sobre a fantasma menina.

— Acabou o jogo? — Minha salvadora gruda em mim como uma leoa.

— Empatou — respondo com voz de enterro.

— Quando empata faz o quê? — pergunta mais perdida que cega em tiroteio.

— Disputam nos pênaltis — Romeo, que vem atrás de mais cerveja, explica. — Quem marcar mais gols vai para as quartas de finais, o outro é eliminado.

— Ah tá... — O rosto bonito de Chloé franze em um claro desinteresse futebolístico. — E

aí? Resolveu? — questiona-me assim que Romeo sai andando. — Vai ou não entrar no grupo novo que o Pirralho fez?

— Melhor não. A vovó continua emburrada, entrar no grupo só vai piorar as coisas — respondo ainda chateada por ela se recusar a vir.

— Está certa, querida. — Maggie voltou a cor normal. — Antes de virmos para cá, falei com sua mãe. Ela tentou colocar algum juízo na cabeça da Martha, mas acabaram brigando. Melhor não botar mais lenha nessa fogueira.

Assinto, já sabendo dessa briga pelo Jack.

— Estou adorando o grupo novo sem Martha, colocamos Miah e Dorothy. — Lore sorri arteira. — Tá engraçado.

Own... saudades de Dorothy.

— Dorothy disse quando volta?

— Não disse, mas pelo jeito só depois que

os netos nascerem. — Lore sorri. — Está felizona com a nora nova... mandou até fotos da barrigona de grávida da mulher.

— Como chama o grupo? — Fico tentada.

— Grupo novo sem Martha.

O sorriso da minha assistente amplia como se fosse o nome mais genial do planeta.

— Nossa, criatividade nível zero a de vocês. — Reviro os olhos.

Minha barriga reclama lembrando que estou com fome, examino as opções no balcão e salivo enquanto minha mente criativa e faminta faz conexões... pego um nacho, um *marshmallow*, outro nacho, junto tudo e afundo no molho salsa... Mando para dentro.

Hum... delícia.

Repito a dose.

Extasiada com a delícia em minha boca,

levanto a cabeça ao sentir a presença de Dante e os azuis-índigo me olham esquisito.

Hã?

— Que foi? — Limpo um pouquinho de molho que caiu no meu queixo.

— Que merda é essa que está comendo?
— Parece com nojo.

Lambo o dedo melecado de molho.

— Um sanduichinho. — Faço outro numa demonstração lenta e na versão bem lambuzada. — Tá gostoso, quer? — ofereço e o bandido vira o rosto.

— De jeito nenhum enfio esse lixo na boca.

Fresco.

— Credo... isso é nojento até para os meus padrões, amiga.

— Nada... até que é bom — defendo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha invenção culinária.

— Os pênaltis vão começar!

Max grita do sofá onde junto com os demais já está espertamente aboletado nos melhores lugares.



— Pronto, está entregue.

Dante manobra o carro bem em frente ao pub no Soho.

— Obrigada pela carona e desculpa ter empatado a de vocês ontem à noite.

Viro e dou uma boa olhada na cara amassada da minha amiga. Nossa comemoração pelos quatro a três nos pênaltis se estendeu um pouquinho.

— Que besteira, tava com saudades das nossas conversas da madrugada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já disse que te amo? — Chloé abre o sorriso das passarelas.

— Hoje ainda não, mas te dou um desconto... são dez horas.

— Credo, madrugada ainda! — boceja. — Valeu aí, Capitão.

Assim que Chloé abre a porta e sai, pego minha bolsa e a pasta que Romeo me entregou ontem e preparo-me para descer.

— Aonde vai? — Dante fica surpreso.

— Aproveitar que estamos aqui e entregar as plantas originais da cozinha móvel para o Lucca. Se ele quiser alterar alguma coisa, agora é a hora.

Embora seja a praia do meu amigo mexicano, sou eu quem tem tomado todas as decisões a respeito do caminhão *food truck*, o que não tem me agradado nadinha. Superentendo que a movimentação no pub está intensa por causa dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jogos da Copa, mas desde que voltei da Irlanda ainda não vi o pessoalmente... e não estou gostando nem um pouco do tom distante em nossas conversas telefônicas.

— Preciso achar uma vaga, não posso largar o SUV aqui — avisa aborrecido.

— Tudo bem. — Afago a coxona. — Vou adiantando as coisas e te espero lá dentro.

O olhar irritado que recebo diz que Dante não está muito feliz com meu arranjo. Ignoro a cara feia, dou um selinho rápido e saio do carro correndo para alcançar Chloé na calçada.

Entramos no pub ainda vazio. Um atendente, que varre o lugar, informa que Lucca está na cozinha. Chloé sobe para tomar banho e vou atrás do meu amigo.

Hoje aquele mexicano não me escapa. Vai me dizer o que tanto está lhe incomodando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, sumido. — Dou umas batidinhas suaves no batente da porta.

— O que faz aqui?

Estranho a recepção fria. Atipicamente, Lucca não vem até mim, continua sentado na mesa central de trabalho, debruçado sobre os cardápios.

— Se Maomé não vai a montanha... a montanha vai até Maomé. — Mordo o cantinho do lábio, me sentindo inapropriada. — Trouxe as plantas do *food truck* pra você dar uma olhada.

Levanto a pasta mesmo que sua atenção não esteja em mim.

— Estou ocupado repassando o cardápio de hoje à noite. — Finalmente os olhos dourados levantam para me ver. — Deixe a pasta aí que olho mais tarde.

Completamente sem graça, mas já um pouco puta, entro na cozinha e faço o que pede.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fico parada como um poste do lado oposto da mesa.

— Mais alguma coisa?

Escrutina meu rosto e não encontro o meu doce amigo nas feições endurecidas.

Embalada pela irritação crescente, respiro decidida a pôr um fim nesse clima ridículo.

Que merda!

Nunca houve essa distância entre nós.

— Tirando que se afastou e não estou te reconhecendo? Sim há várias coisas. — Apoio as mãos no tampo da mesa. — Pra começar, por que está com essa cara de cu? Não estou entendendo... se te fiz alguma coisa, diga!

Sem falar nada, os dourados recaem sobre a aliança de ferraduras.

— Quer, por favor, me dizer qual é o problema? — exijo diante do silêncio dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um som frustrado vem de Lucca e eu espero.

— Quer saber qual é o problema? — Finalmente oferece uma luz.

Agarro a chance e assinto com firmeza.

— Que eu sempre soube, esse é o meu problema. — Levanta contornando a mesa. Ficamos frente a frente. — Mas como bom idiota que sou, preferi me iludir... Acreditei que com o tempo, essa sua paixão maluca pelo Capitão acabaria e você finalmente enxergaria e me daria valor.

— Eu sempre te dei valor.

— Como amigo, não como homem. — Esfrega o rosto em uma atitude exasperada. — Nem mesmo na noite em que tirei a sua virgindade... Sabe como eu me senti? Um merda! Foi o nome dele que gritou enquanto eu te amava,

PERIGOSAS ACHERON

porra!

Amava?

Chocada, dou dois passos incertos para trás. É claro que notei um interesse inicial dele, mas depois que conversamos, tantas mulheres vieram que simplesmente acreditei no lance de sermos só amigos.

— Lucca... eu nunca... eu... nós conversamos, caramba!

— Ele tirou a sua virgindade e nunca me contaram?

Meu sangue inteiro congela ao ouvir a voz trêmula de Chloé. Em câmera lenta, nós dois viramos para encontrá-la parada na porta. O rosto lindo está tomado pela dor e lágrimas começam a despontar nos olhos de tigresa.

— Chloé...

— Nem vem! — corta-me como uma

PERIGOSAS NACIONAIS

navalha. — Não estou acreditando que fizeram isso comigo!

— Fizeram o quê?

Dante surge atrás dela e meus joelhos falham.

Ferrou... ferrou... ferrou...

Meu estômago revira, minha pulsação acelera e a garganta trava... apoio na mesa para não cair. Os azuis-índigo recaem exigentes e como lavas sobre mim. Abro a boca para falar, mas a voz não sai. Meus dedos cravam na madeira da mesa, num esforço doloroso de me forçar a dizer alguma coisa.

— Vou perguntar pela última vez — avisa em tom mortal. — O que fizeram para Chloé?

Droga, estávamos tão felizes!

— Me traíram! — Chloé berra histérica antes que eu possa balbuciar alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Meus lábios começam a tremer... Um sentimento devastador inunda cada célula do meu corpo. Estou impotente diante de três, das pessoas mais importantes da minha vida, e não sei o que fazer... tudo que me vem é que já era, perdi o meu mundo, minha alegria, meu Abençoado.

— Tá falando merda, Chloé! — Lucca berra numa advertência.

— Merda? Tira a virgindade da minha melhor amiga, não me diz nada e quer que eu fique de boa? Pensei que fôssemos amigos! Como pôde me esconder uma coisa dessas?

Não!

Mesmo dilacerada pelo olhar machucado de Dante e querendo correr para ele, viro-me-para Chloé decidida a fazer a coisa certa. Não é justo que a ira dela recaia sobre Lucca.

— Lucca queria contar, fui eu! — Começo

PERIGOSAS NACIONAIS

a chorar. — Eu pedi segredo... Não passou de uma vez e nunca fomos adiante! Sabia que se te contasse Romeo ficaria sabendo... Sei que é loucura, mas não podia suportar a ideia de magoar Dante.

Busco pelo olhar dele, mas atrás de Chloé há apenas o vazio. Não penso... não há uma escolha... esqueço Chloé e Lucca e saio desenfreada pela cozinha atrás do dono do meu coração.

Percorro o salão do pub como um raio, saio e quando vejo as costas de Dante se afastarem do outro lado da rua, grito por ele.

Tudo é muito rápido... avanço, uma moto invade a calçada e vem a toda velocidade na minha direção, só tenho tempo de pular para trás... Ela passa raspando por mim... grito de susto por ser quase atropelada. Ouço a voz de Trent berrando o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nome Scarface... A adrenalina do medo explode. Uma vertigem me tira o equilíbrio e cambaleio com os braços dançando no ar em busca de um apoio que não existe.

— Treas, o canteiro! Cuidado!

Hã?

Meus pés esbarram em algo, voo para trás, o mundo gira mais, os gritos de Dante silenciam e tudo apaga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Dante

A freada brusca do SUV, em frente ao Hospital de St. Mary, é minha deixa. Ignorando o: *Vai com calma!* que Mc grita ao volante, salto do carro e subo apressadamente a pequena escadaria de acesso carregando Beatrice em meus braços.

Com nada além em mente do que salvá-la... invado a recepção como o louco desesperado que estou.

— Aqui! Preciso de ajuda! Ela não acorda, porra! — berro ofegante para a enfermeira no balcão da recepção.

As feições alegres da mulher ficam apreensivas quando seus olhos negros recaem para Beatrice e a palavra *Emergência* é anunciada a PERIGOSAS ACHERON

plenos pulmões... Não demora muito e sou cercado por uma legião de jalecos brancos.

Um homem alto, grisalho e magro aproxima-se cauteloso.

— Sou o doutor Elliot, o que temos?

A minha vida!

Salve-a!

Agarro-me à última gota de sensatez engolindo a vontade de urrar e libertar a dor que esmaga meu peito. Atordoadado pela urgência e a merda da adrenalina que fervilha nas veias, encaro o homem desconhecido. Apesar do semblante sereno e do ar experiente impressos nele, por instinto, aperto Beatrice em meus braços protegendo-a como a carga preciosa que é.

— Preciso que se acalme e respire, senhor... é familiar? Devo chamar alguém?

Sem desgrudar meus olhos dos dele,

PERIGOSAS NACIONAIS

respiro, mas não me acalmo. Continuo desesperado e consumido pela culpa... Aprecio a cautela que sei que é de praxe em situações como a minha. Pareço um maníaco e sei que o doutor está se perguntando se fui eu quem fez isso a ela...

O cuidado é bom, mas porra!

Vai tomar no cu!

Jamais a machucaria!

— Sou o marido, Dante Stoirm... —
identifico-me em um grunhido impaciente. —
Preciso que a ajude.

— Senhor Stoirm, sou o residente-chefe do hospital. — Cruza os braços demonstrando autoridade. — Para ajudá-la, preciso que diga o que houve.

De forma arisca, desvio a atenção do médico quando dois enfermeiros chegam com uma maca e fazem menção de pegar Beatrice.

PERIGOSAS ACHERON

Ninguém mais vai machucá-la!

Viro o corpo protegendo-a.

— Atropelamento... quase. Perdeu o equilíbrio, por sorte, havia um canteiro na calçada. Pulsações e respiração estáveis, sem sangramento, fraturas, edemas ou concussões aparentes... Ela só não acorda! Não acorda! — constato arfando como um bicho.

Os olhos castanhos do homem brilham surpresos.

— Ok, nenhum choque direto e sinais vitais estáveis são um bom sinal... Coloque-a na maca. Precisamos fazer todos os exames para identificar o motivo desse apagão.

Mc chega correndo e ofegante, quase tão nervoso quanto eu. A mão dele pousa no meu ombro como um apoio.

O doutor empalidece ao nos escrutinar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Reconheço o medo em cada ruga do seu rosto. Treas têm razão, somos um bando assustador. Eu também estaria desconfiado se um estranho, com a minha aparência, invadissem um hospital com uma delicadeza como Beatrice desacordada nos braços.

Notando a minha relutância, a mão no meu ombro aperta, pedindo calma. Respiro tentando achar meu equilíbrio e deixo que Mc assumam.

— Dr. McDouglas, Primeiro tenente das Forças Armadas Britânicas, Batalhão Especial da Força Real. — identifica-se como é de praxe e todos se espantam, como de hábito, ao examinar os dreads na cabeça de Mc. — Estamos na reserva — explica notando o assombro. — Capitão, entregue Beatrice.

— Capitão Stoirm... — o doutor murmura quase em reverência, como se seu cérebro tivesse feito conexões. — Sua esposa ficará bem, dou-lhe a

PERIGOSAS ACHERON

minha palavra de honra, Capitão.

Sua esposa ficará bem.

Preso às palavras mágicas, deito meu tesouro com cuidado na maca. Acaricio as feições lânguidas e beijo os lábios pálidos.

— Te amo tanto... Não me deixe, por favor, não me deixe. Acorde, Inglesinha, sou um nada sem você. — Beijo-a novamente e volto-me para os enfermeiros. — Cuidado, ela é frágil e tudo que tenho — murmuro angustiado.

Depois de um aceno respeitoso à minha súplica, os enfermeiros saem a toda velocidade... Junto com Mc, percorro os corredores frios e cheirando a álcool, até que quatro seguranças nos impedem de seguir Beatrice enquanto outros dois bloqueiam e fecham a porta da emergência, assim que a maca passa por ela.

Não consigo mais controlar a pressão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tremores irrompem pelo meu corpo, a respiração hiperventila, o coração começa a bater em um ritmo descompassado enquanto xingo, luto contra a barreira humana e esmurro a porta para abrir na força.

— Capitão, não!

Mc tenta me segurar, mas sou mais forte.

— É a Treas, porra!

— Senhor, acalme-se. — O maior deles agarra a barra da porta que tento forçar. — O St. Mary é o melhor hospital da cidade. A moça está em boas mãos, ajudará muito mais se mantiver a calma.

Quando ameaço partir para cima, sou impedido por braços, tão fortes quantos os meus, que me seguram por trás, em um aperto de morte...

Max.

— Controle, cara, controle! — A voz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cadenciada de meu irmão invade meu sistema como uma droga. — Segura essa raiva, caralho! Trice precisa de você aqui, não preso em uma cela. Controle esse monstro... não deixe sair.

Controle... controle... controle...

— *Fella...* estamos aqui, calma.

Fecho os olhos e puxo uma sequência de respirações profundas. Mais calmo, faço um gesto de cabeça e Max me solta... Livre, lanço um olhar de agradecimento para todos, abro e fecho as mãos para o sangue voltar a circular.

Afasto-me da porta de emergência indo em direção à sala de espera. Desacelero o passo e dou uma rápida conferida na retaguarda. *Babacas*. Atentos aos meus movimentos, os seguranças estão em formação em linha protegendo a emergência como se fosse um castelo ameaçado por um bárbaro: eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arrumando a camiseta desalinhada pela luta, cumprimento educadamente uma enfermeira que passa por nós no corredor e varre meu corpo. Parece tão assustada com a nossa presença que se eu fizer um: *buuuuuu*, aposto que desmaia.

Endiabrado e puto como estou, é justamente o que eu faço.

Quando ficamos lado a lado, pego a mulher de surpresa com um movimento sutil e rápido do corpo em sua direção... Os olhos da enfermeira crescem uns cinco números e ela sai correndo... Balançando a cabeça em um: *eu sabia*, e entro na área de espera que está vazia.

— E Scarface? — rosno assim que ficamos a sós.

— Fodido e a caminho do hospital militar. Trent conseguiu interceptar a moto e derrubá-la. — Romeo toma a frente. — O que aconteceu, *Fella*?

PERIGOSAS ACHERON

Como a primeira-dama ficou tão exposta?

Decepcionado comigo e com a notícia, meus punhos fecham, loucos por um acerto de contas com Scarface.

— Ela estava coberta. Eu e Trent em posição... — Mc antecipa-se. — O Capitão pediu para ficarmos de olho enquanto dava uma volta. Do nada, ela saiu correndo alucinada do pub... Tentei alcançá-la, mas Scarface foi mais rápido.

Fecho os olhos, por um instante, ao relembrar Beatrice caindo em câmera lenta.

Porra... porra... porra!

— A culpa foi minha, deveria ter ficado lá... — Consumido por meu erro, esfrego o rosto. — Estava puto, prestes a fazer uma merda... precisava respirar... quis evitar uma tragédia e provoquei outra maior.

Mc toca meu ombro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem essa de tragédia, Beatrice ficará bem.

Assinto querendo acreditar nele.

— Por que tragédia, *Fella*?

— Depois, Romeo, depois. — Massageio a testa que dói. — O assunto não é meu e até saber que Treas esteja bem, não tenho cabeça pra nada.

Desabo numa cadeira azul, desconfortável, e muitos números menor do que o meu tamanho. Rodeado pela equipe, espero... com a cabeça a mil, os minutos passam lentamente como séculos.

Cacete!

Em vão, tento afastar as imagens de Beatrice nos braços de Lucca, que o meu cérebro cisma em criar... Apoio os cotovelos nos joelhos e afundo a cabeça entre as mãos. Tornar real o que era apenas uma desconfiança amarga, está me comendo vivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porra, agora entendo a eterna angústia do Bruxo, a intuição é uma cadela... ou premonição, sei lá. Previ os dois, no minuto em que vi aquela mensagem de aniversário no celular em Oxford...

Inspiro e expiro lentamente... Não tenho o direito, eu sei, mas é impossível não ser consumido pelos ciúmes... Eu a amo de um jeito que até dói e teria partido o cozinheiro ao meio, mas o porra é importante, são amigos... *Merda*. Minha alma já viu tanta maldade, que, às vezes, me sinto sujo e indigno de Beatrice. Quero ser um bom homem, que ela se orgulhe e veja que sou capaz de controlar meus monstros e mudar... embora suspeite que a minha vontade será sempre quebrar a porra toda, não a quero sobressaltada toda vez que um babaca se mostrar interessado.

Caralho!

Maldita lei do retorno!

PERIGOSAS ACHERON

Deus sabe ser preciso em suas lições...
Pois é, *“tudo o que você faz, um dia volta para você...”* “[168] Pisei na bola e estou pagando por isso, mas não vou deixar aquilo que nunca seria, destruir o que está destinado a ser.

Somos eu e Beatrice, o resto é só parte da nossa história.

Cansado de esperar e dos olhares cautelosos me vigiando, levanto e vou até a janela. Distraio-me com o vai e vem caótico de carros na estreita rua do hospital. Uma pomba no beiral da janela levanta voo para um céu tipicamente inglês, cinza, assim como meu humor.

— Capitão?

Viro para encontrar o doutor Elliot escoltado pelos seguranças.

— A minha mulher? — Controlo-me para não agarrar o médico pelo colarinho.

— Bem... não encontramos nenhum trauma que acarretasse o desmaio, então verifiquei as taxas de cortisol no sangue.

Não entendo o porquê.

— Cortisol? — Franzo o cenho.

Meus irmãos e Mc chegam junto.

— Sim... ela passou por aborrecimentos, ultimamente?

— Vários. — Pressiono os lábios.

O médico assente.

— Foi o que imaginei... Em situações extremas, o organismo humano procura corrigir os exageros aos quais é submetido através da produção de substâncias para suportar tais condições de adversidade. O corpo lança mão de uma quantidade maior do hormônio cortisol, substância que produzimos normalmente. O hormônio, juntamente com a adrenalina e

PERIGOSAS NACIONAIS

noradrenalina, protege o organismo contra os desgastes emocionais e no limite, podem causar apagões para equilibrar evitar danos corporais.

— Estresse — concludo.

— Profundo... — As sobrancelhas grisalhas sobem em ênfase. — Sua esposa acordou agitada e perguntando sobre o senhor. Acalmou-se quando disse que a trouxe, está aqui e que logo o veria.

— Então vamos logo.

— Peço que tenha só um pouco mais de paciência... Apliquei um sedativo leve, vai relaxá-la até que todos os outros exames cheguem.

Se não estivesse tão desesperado poderia rir, mal sabe o doutor que paciência é um troço que desconheço quando se trata da minha Inglesinha.

— Mais exames? — Minha adrenalina volta a subir. — Há danos corporais?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, sem sequelas... é uma mulher forte e saudável, mas achei-a um pouco anêmica. Pedi um hemograma completo. Volto para conversarmos e levá-lo até ela daqui a pouco, pode ser?

Poder não pode, mas sem saída, assinto. Aliviado que Beatrice tenha acordado, mas ainda preocupado, vejo o doutor voltar para a emergência rodeado por seguranças.

— Viu... tá tudo bem. — Max soca meu ombro.

— Cadê a Trice?

Chloé invade a sala e corre para Romeo.

Merda!

— Porra, Malandra! Falei que te ligava de volta! Não era pra você vir! — Meu irmão irrita-se.

— Tinha uma galera na frente do pub falando da Trice, até parece que ia ficar lá de braços cruzados sem saber de nada.

PERIGOSAS ACHERON

Puto com a invasão, apoio as costas contra a janela... minha mandíbula aperta quando Lucca aparece e vem como um touro louco para cima de mim. Retribuo o olhar raivoso.

— Irlandês filho da puta!

Soca-me no rosto, meus punhos fecham, mas por Beatrice faço um esforço sobre-humano para não reagir. No mesmo segundo, Mc e Max pulam sobre ele e o imobilizam prendendo os braços tensos atrás das costas.

Respiro no limiar de estourar... A razão grita: não, o ciúme instiga que sim.

— Me soltem, porra! — Debate-se sem tirar os olhos de mim. — O que fez com ela?

Lutando contra a vontade de esmurrá-lo, não respondo.

— Calma, mexicano, o Capitão não tocou em um fio de Beatrice, foi um louco em uma moto

PERIGOSAS NACIONAIS

que quase a atropelou — Max ameniza os fatos. —
Ela está bem!

— Onde ela está?

Atraídos pela gritaria, os seguranças invadem a sala... gesticulo para que se mantenham de fora.

— Beatrice está bem... — afirmo grosseiramente, mesmo sem ter certeza disso. — Larguem o cara! — cuspo a ordem. — Precisamos colocar um fim nisso.

— Pode vir. — Ergue os pulsos cerrados. — Estou pronto.

Dou risada deixando o mexicano confuso... bem se vê que nunca serviu ao Exército e não tem noção do poder destrutivo dos punhos de um homem treinado como eu. Desgrudo da janela, assumo uma postura ameaçadora, mas mantenho uma distância segura para ele.

PERIGOSAS ACHERON

Afastando-se de Chloé, que está boquiaberta, Romeo gruda em mim, sussurrando um:

— Não faça isso, *Fella*.

Assinto indicando que estou no controle e volto a encarar o cozinheiro. Ficamos frente a frente e em silêncio por alguns segundos, apenas nos encarando. A tensão entre nós é tanta que sinto na pele.

— Relaxa, mexicano, isso aqui é um hospital, não um ringue... — digo, por fim, com certo desprezo.

Lucca parece surpreso com minha postura pacífica. Mal sabe que, por baixo da máscara impassível, travo uma luta feroz contra os demônios que gritam: *destrua o bostinha!*

— Só isso? Vai arregar? — Ri com raiva de mim. — Estava esperando sair daqui com pelo

menos um olho roxo.

Escrutino o rosto enraivecido, sem saber se fala sério ou ironiza. O cara é muito burro para me instigar desse jeito.

Respiro fundo, agarrando-me ao que interessa: Beatrice.

— Por mais que minha vontade seja de te encher de porrada, vou ficar devendo o olho roxo. Minha mulher precisa de paz... Você não aguentaria o primeiro golpe e não me fez nada. — Não resisto à provocação. — Seria muita canalhice atribuir-lhe uma responsabilidade que é minha... Fui eu quem partiu o coração dela, que deu as costas e não mandou notícias... — assumo minha culpa surpreendendo-o. — Não fui traído ou roubado, fui só um otário apaixonado que quis bancar o herói e acabou cometendo seu maior erro.

— A Trice e o cozinheiro estão de caso?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Max balbucia chocado.

— Não! — Meu coração vai às alturas só de ouvir tal absurdo.

— Não tem porra de caso nenhum... — Lucca rosna para ele, atento a mim. — Deveria ter ficado no buraco em que se meteu e nunca ter voltado. Trice não vai suportar ser abandonada de novo. Só eu sei o quanto sofreu... Era inocente, acreditava cegamente em você e jogou seu amor no lixo! Eu juntei os pedaços dela, eu! — Bate no peito. — E não foi bonito de ver.

No lixo, o caralho!

Isso é golpe baixo.

Surpreendo-me que começo a tremer... fico ainda mais puto, porque as palavras dele atingem-me no ponto mais vulnerável.

— Opa! Eu também estava lá, esqueceu?
— Chloé protesta sem que seja ouvida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O filho da puta está louco que eu vacile com Beatrice, só para voltar a ser o salvador da pátria... Nem fodendo vou dar isso a ele. Questionando-me que tenha usado a vulnerabilidade de Trice para se aproximar, respiro fundo, mantenho a postura fria e agressiva camuflando as emoções.

— Desculpe arruinar seu plano frustrado, ombro amigo de araque, mas ela é minha mulher e voltei pra ficar. — Grunho reavaliando a possibilidade de esmurrá-lo. — Conforme-se, não estamos em uma disputa. Essa batalha não é sua, nunca foi. Sou louco, possessivo e ciumento, e não nego: estou dilacerado, mas não sou um macho escroto que pula fora na primeira crise. Foi uma merda saber de vocês? Foi, mas vou superar. Beatrice tinha todo o direito de seguir em frente.

Agora é a vez dele se surpreender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou me afastar... temos negócios juntos — lembra-me em um tom arrogante.

Dou risada da jogada óbvia.

— Eu sei. Não vou exigir que se afaste, são amigos e respeito isso... Muito menos, vou desprezar o passado de vocês porque tudo com Beatrice é especial, mas é isso o que é... passado — digo firme e pausadamente essa última parte. — Para o seu bem, sugiro que perca as esperanças e não insista... Coloque uma coisa nessa cabeça de merda: sou o presente e o futuro de Beatrice, estamos juntos incondicionalmente, por vontade de ambos e não há volta. Um passo errado na direção dela, a conversa... — aponto para nós dois — será outra.

Os olhos do babaca crescem com a ameaça, mas mantém a pose durona.

— Grande atitude... sair correndo daquele

PERIGOSAS ACHERON

jeito — insiste em uma ironia.

— Cara... — Passo as mãos nos cabelos a um triz de perder a paciência de vez. — Que parte não entendeu do: estava prestes a te partir ao meio e Beatrice ficaria triste se o machucasse?

Entramos em um embate visual silencioso e feroz... um suspiro frustrado e o brilho cauteloso que invade o rosto cansado indicam que, agora, ele finalmente entendeu.

— Se serve de consolo... — fala por fim. — Já estou quebrado, não preciso apanhar para lembrar que Beatrice nunca foi minha... Não pude evitar me apaixonar por ela — confessa e percebo um leve ofegar vir de Chloé. *Tava na cara*. Torço para que Romeo não tenha notado. — Só Deus sabe o quanto tentei e, embora tenha rezado muitas noites implorando pelo contrário, o passado dela também é seu, jamais me olhou como o faz pra

você.

Passado, presente e futuro...

Aquieto-me quando constato o que o meu coração sempre soube.

Coço a barba... O cara tá fodido, entendo o lado dele... Beatrice é adorável e impossível de ser esquecida. Mesmo irritado e sem um pinga de empatia por sua dor, resolvo ser legal e não tripudiar sobre o inimigo.

— Eu sei — simplesmente digo — obrigado.

— Obrigado? — Chloé explode em um chlique. — Não estou acreditando... é isso? Vai aceitar numa boa? Só falta os dois darem as mãos e se abraçarem!

Cacete!

Volto-me para a tigresa enfurecida. Amo Chloé, mas, às vezes, ela passa de todos os limites.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não é aceitar... é amar! — cuspo ríspido. — Se posso superar, aconselho que faça o mesmo.

— Desculpa, mas não dá. — Cruza os braços numa atitude mimada. — Eles traíram a minha amizade.

Ela bufa teimosa.

Grunho exasperado.

— Traíram por quê? — Romeo que, assim como os outros, acompanhava o embate em silêncio, manifesta-se confuso.

— Fica na tua, Pirralho... é assunto meu!

Romeo fecha a cara, tomo suas dores e a última gota da minha paciência evapora.

— Vê se cresce, Chloé! O mundo não gira ao seu redor, porra! — explodo assustando-a. *Foda-se.* — Por acaso, pensou no quanto está nos machucando? Beatrice está no limite do estresse, lá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro! — Aponto para a emergência. — Não adianta pedir desculpas e continuar fazendo as mesmas merdas. Tem sido assim desde criança, faz o que quer, impõe suas vontades, abusa da boa vontade de todos e mete os outros nos rolos sem pensar nas consequências... — digo o que ela deveria ter ouvido faz tempo. — Não duvido da amizade e do amor entre vocês, mas isso não lhe dá o direito de exigir nada... Beatrice não te traiu, não saiu dividindo com os outros e te deixou de lado. Era a história dela, não sua. Algo íntimo que preferiu guardar pra si. Nem todos gostam de escancarar suas intimidades nas redes sociais.

Agora quem joga baixo sou eu.

— Eu não faço isso! — Cresce os olhos e muda o foco. — Romeo!

Para variar, busca o apoio do trouxa do meu irmão. Jogo a cabeça para trás e gargalho do

PERIGOSAS ACHERON

absurdo da situação.

— Me tira dessa, Malandra. — Romeo ergue as mãos, decepcionado. — O *Fella* tem razão. Melhor ir embora, já deu pra você aqui.

Tenho?

Paro de rir... Vou de Romeo para Max, que está tão surpreso quanto eu... Nosso caçula sempre ficou do lado dela e não do nosso.

— Romeo está certo, a minha cota de humilhação também já estourou. Vamos, Chloé? — Lucca pede derrotado e ela ensaia um protesto. — Eu disse: vamos, Chloé! — repete com uma firmeza surpreendente.

Meu olhar cruza com o dele e esboço um agradecimento, sei que está simbolicamente tirando o time de campo e assumindo a derrota. Aprecio o gesto.

— Se não obedecer, eu mesmo vou te

escoltar pra fora — ameaça um dos seguranças.

Chloé titubeia ao medir o tamanho do homem e busca por Romeo, que saiu sem que percebêssemos... *É... pelo jeito, a paixão platônica dela pelo cozinheiro não é mais segredo pra ninguém.* Preocupado, olho para Mc, que assente, entendendo o que eu quero e sai da sala em busca do meu irmão.

— Podem ir na paz. Ligo assim que tivermos mais notícias — Max toca o ombro de Lucca.

— Valeu, cara. Diga a Beatrice que está tudo bem e que estivemos aqui.

— Eu direi — respondo por Max.

Lucca se despede, os seguranças se retiram e Chloé vem até mim com uma carinha de choro que me quebra. *Porra!* Esqueço minha dor e tento compreender a dela... Amoleço e envolvo-a em um

abraço de irmão urso.

— Aaah... Moleca — falo baixo para que Max não escute. — Pegó no seu pé porque me importo. Vai lá, abre o coração pro porra do cozinheiro, joga limpo e vê no que dá... se for pra ser, ótimo. Se não... tenho certeza de que o cara certo pra você deve estar rondando por aí e nem se ligou. — Beijo o topo da cabeleira morena.

— Não quis machucar Trice e nem magoar você — murmura agarrada a mim.

— Eu sei. — Libero-a do abraço e sorrio sincero. — Agora vai resolver a sua vida e coloca essa cabecinha encenqueira no lugar.

Assim que deixa a sala, Max gargalha.

— Caralho... é isso aí... família.

— Pois é, família... — Solto o ar, cansado de tudo. — A carga nunca é maior do que podemos carregar, não é isso que dizem? — divago num

esfregar de barba.

Max confirma em um sorriso e caminha para a saída.

— Falando em carga... Acho que o Pirralho precisa de um ombro.

— Com certeza — digo já para um Max de costas.

Sozinho e esgotado... despenco numa cadeira próxima, olho fixamente para a parede branca tentando não pensar em nada além de Beatrice ficando bem.

Que-porra-de-merda-de-dia.

— Estava esperando que a festa acabasse para vir chamá-lo. Rapaz, não é à toa que Beatrice está tão esgotada! — Uma voz feminina, que não reconheço, comenta ao meu lado.

Ergo a cabeça e me deparo com duas piscinas esverdeadas sorrindo para mim. Doutora

Megan é o que diz o crachá da senhora ruiva aparentando ter uns sessenta anos.

Levanto sem saber o que dizer.

— Ei, pode ir tirando esse *CULPADO* escrito da testa. Sua esposa já contou o que aconteceu e acaba de me pedir que pegasse leve com você. Como foi mesmo que ela disse? Ah... Não ralhe com o meu Capitão, ele é a minha paz no meio do caos. Barbudão desse jeito, jamais apostaria num Capitão da Força Real.

— Estou na reserva — informo suave, nem um pouco surpreso que minha Inglesinha tenha lhe passado a ficha toda.

Esposa...

Tento não sorrir, mas é impossível.

— O doutor Elliot?

— Em alguma outra emergência por aí...
Fez os exames preliminares e entregou-me o caso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caso?

— Desculpe, linguajar médico. — Saímos da sala de espera. — Depois da triagem e dos exames iniciais, é de praxe que outro médico seja designado ao paciente. — Sorri. — Preparado para vê-la?

— Ansioso por isso.

— Ótimo.

Começa a caminhar e a sigo em silêncio pelos corredores. As batidas do meu coração aceleram a cada metro avançado.

— Como ela está? E os exames? — Não consigo segurar a ansiedade.

A doutora para em frente de uma porta que presumo ser do seu consultório.

— Mais calma. — Segura na maçaneta. — Mas acho bom tê-lo por perto para discutirmos os resultados.

PERIGOSAS ACHERON

Um arrepio perpassa minha coluna.

— Encontrou algo?

— Algumas coisas...

Antes que possa rebater a resposta evasiva, escancara a porta pedindo que eu entre. Perco o fôlego quando os olhões bicolores batem direto nos meus. Tudo perde importância, esqueço a pergunta não formulada e avanço pelo consultório.

Ela andou chorando?

Merda!

Pego de surpresa pela carinha triste, aproximo-me da maca na qual Beatrice está sentada com as pernas balançando para fora. Seu rosto bonito é pura ansiedade e medo. Talvez eu tenha entendido errado os sinais da médica. Juro que pensei que estivesse tudo bem.

Paz no meio do caos é bom, não é?

— Deus, fiquei desesperado. Como você

está?

Paro na frente dela morrendo de vontade de tocá-la, mas como parece um bichinho acuado e assustado, contenho-me.

— Acho que bem, só cansada e confusa.
— Aperta as mãos unidas no colo. — Veio pra terminar tudo comigo?

A pergunta direta e sem sentido me acerta como um soco.

— O quê? Não. Nunca! Por que acha isso?
Seguro as mãos instáveis, marcadas por agulhas.

Maldito relaxante.

— Aquilo que Chloé disse... hum, você foi embora. — Seu olhar é de pura tristeza.

Largo as mãos para segurar o rosto delicado.

— Não estava indo embora... — Com os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

polegares, acaricio as bochechas mais coradas. — Só precisava respirar pra não fazer besteira — repito pela décima vez no dia.

O castanho e o verde suavizam e vasculham os meus. Espero que leia neles o quanto estou sendo sincero.

— Não?

— Lógico que não! Nunca vou te deixar, Inglesinha. — Grudo nossas testas. — Não importa o tamanho da merda.

— Corta meu coração ver Chloé magoada. A situação lá no pub foi uma merda — murmura.

— Gigante — não nego —, mas ela vai superar.

— Nunca desconfiei da paixonite dela por ele... Lucca foi... foi... não tenho nada com ele, juro... jamais te trairia. Deus, só me falta perder meus amigos e você.

PERIGOSAS ACHERON

Comovido pela apreensão na voz, esqueço a presença da médica, sento na maca e puxo Beatrice para o meu colo, abraçando-a em uma necessidade pungente de me desculpar, confortá-la e mostrar que não vou embora.

Os braços delicados envolvem meu pescoço, o corpo que tanto desejo gruda no meu enquanto a cabeça descansa em meu ombro.

— Shhh... não vai perder ninguém, estou aqui, tá tudo bem... — Sinto as batidas apressadas do coração bem vivo e uma onda de alívio me inunda. — Tire essa ideia de traição da cabeça... Foda-se esse assunto, é passado... já me acertei com Lucca.

Desvencilha-se do abraço e inclina o corpo para trás, para poder olhar no meu rosto.

— Já? — Parece confusa. — Quanto tempo eu apaguei? — Procura a doutora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por volta de uma hora e pouco — a médica informa e parece preocupada. — Lembre-se do que falei sobre respirar e acalmar... — Faz a demonstração e Beatrice imita o gesto. Sigo na mesma onda, inspirando e expirando. Também estou estressado, pra caralho. — Isso... muito bom. Acho melhor deixá-los sozinhos. Volto daqui a pouco para falarmos sobre os exames.

Espero a doutora sair para retomar a conversa.

— Não quero que estresse com isso. — Acaricio tentando pôr ordem em seu cabelo desgrenhado. — Lucca e Chloé estiveram aqui, conversamos numa boa e está tudo bem, de verdade — minto e resvalo nossos lábios.

— E você? Não está puto e querendo bater no Lucca, está?

— Nem um pouco — minto ainda muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

puto e com muita vontade de dar uns murros no mexicano. — Esquece isso. Vamos nos concentrar nas coisas boas, seu desmaio não é nada sério, estamos juntos e Scarface preso. Esse perigo acabou.

— Eu pensei que ele estivesse na Alemanha.

— Pois é, também pensei, mas, pelo jeito, o que tem de louco, tem de esperto... Plantou pistas falsas e deu a volta bonito nos gêmeos.

— Coitadinhos, devem estar chateados. — A boca franze em um pesar. — Por favor, não brigue com Bob e com Dylan. Os dois são novos nisso de espionagem, estão longe de casa e da mãe há um tempão.

Pronto, mais dois para a lista de protegidos de Treas.

— Não vou brigar — minto. — E os

PERIGOSAS ACHERON

exames?

— Nem fale, me viraram do avesso. —
Mostra o braço todo furado. — Aquele doutor Elliot deve ser hipocondríaco... fez tanta pergunta e exame que comecei a ficar preocupada. Senti-me a própria Jenny de *Love Story*^[169]... Merda, não deveria ter assistido ao filme sete vezes. Já comecei a imaginar que estava com um aneurisma ou um tumor... Imagina, nem casamos oficialmente e eu morro?

— Porra! Vira essa boca pra lá... Não sabia que gostava dessa velharia romântica.

— Não é velho, é um clássico e é lindo...
Amar é nunca ter que pedir perdão. Lembra dessa?

Dessa o quê? Indireta?

— Não! — Enrugo o rosto totalmente perdido.

— Eu lembro... chorei tanto nessa parte do

filme.

A risada da doutora Megan preenche a sala. Viramos e ela não só voltou sem que a notássemos, como está confortavelmente aboletada em sua cadeira atrás da mesa. Com um gesto, nos convida para sentar nas cadeiras a sua frente.

— Não acredito que está batendo na tecla do *Love Story* de novo — diz assim que tomamos os nossos assentos. — Já disse que, pelos seus exames, está bem longe de ser a *Jenny*; e apesar de achar Ryan O'Neal^[170] um tipão de homem, o seu Capitão é um espetáculo... com todo respeito, claro!

Pisca, Treas concorda e fico sem graça pela cantada.

— Então doutora... os exames? — mudo para o assunto que realmente me interessa. — O quão grave é a anemia de Beatrice?

— Pouco grave, mas requer cuidados,

principalmente agora.

— Agora por causa do estresse? —
Beatrice espelha minha confusão.

— Também. — Sorri. — Deve evitar
aborrecimentos, querida, e caprichar na
alimentação. Vou passar minhas recomendações e
algumas vitaminas.

Sorri de novo, continuamos sem entender e
os olhos verde-jade franzem.

— Não têm a mínima noção do que estou
falando, não é?

Meu coração dispara ao começar a ter
noção e desconfiar.

— Está querendo dizer... — Tomado pela
emoção, começo a tremer e não consigo nem
terminar a frase.

— Não estou querendo, estou dizendo.

— Dizendo o quê? — Alheia ao óbvio,

Beatrice preocupa-se. — Não me diga que encontraram alguma coisa?

— Encontraram duas coisas, Beatrice. Não lembra da ultra que fez?

Duas coisas?

Começo a hiperventilar.

— Tava tão chapada e quase dormindo por causa do relaxante que pensei que estivessem atrás de hemorragias internas... Meu Deus! Não pode ser! Eu não posso estar! Estou?

— Pelas taxas altíssimas de Beta-HCG diria que está bem e de quatro semanas; e, pelas imagens espelhadas, preparem-se para uma chegada em dupla.

O quê?

Meu coração dispara como um corsário.

— Puta que pariu! Uma dupla? — Sem poder me conter, pulo da cadeira. — Porra! Uma

dupla! Pai de uma dupla! — Rio e puxo os cabelos em um transe de alegria. — Pai... eu vou ser pai, porra!

Agarro, beijo e abraço Beatrice, que parece em choque. Não lembro de ter sentido algo tão poderoso antes... Sempre sonhei em ter isso na vida... minha mulher e um pinguinho de gente correndo desenfreado pela casa, olhando para mim como se eu fosse um herói... Caralho... dois. Meus soldadinhos... sorrio e lacrimejo emocionado. Em um segundo, todo o amor que sinto por Beatrice cresce para o infinito.

Chupa, cozinheiro otário!

Irlanda dois, México zero!

— Eu te amo tanto! — Seguro o rostinho emocionado. — Caralho, tem noção do que fizemos juntos? Dois bebezinhos só nossos, meu amor. — Beijo os lábios trêmulos. — E eu que pensei que

PERIGOSAS NACIONAIS

era uma bosta de dia. Acabou de transformá-lo no melhor de todos!

— Se essas crianças puxarem ao pai, haja sabão para tanta boquinha desdentada suja.

A médica ri, mas ignoro, totalmente preso aos olhos de coruja que brilham para mim, como nunca vi antes.

— É sério isso? Nós fizemos dois bebês? Eu vou ser mãe?

— De dois soldadinhos Stoirm — assinto orgulhoso.

— Wild Stoirm — corrige-me e começa a chorar violentamente.

Não digo mais nada, apenas mantenho meu tesouro junto ao peito, deixando que tome seu tempo.



PERIGOSAS ACHERON

Beatrice

Espio Dante concentrado no volante e volto a acompanhar uma Londres que passa muito lentamente pela janela do SUV.



— *Querida, quando um bebê decide vir ao mundo, nasce com ele uma mãe.*



Estou grávida!

Com um sorriso que teima em não sair do meu rosto, recordo o que a doutora Megan disse logo depois da minha crise de choro passar... Legal ela, foi superpaciente comigo e com Dante, explicando cada fase da gestação e seus cuidados.



— *Vamos lá, casal animado... precisamos falar sobre o que esperar enquanto estiverem*

PERIGOSAS NACIONAIS

esperando. Curtam a gravidez aproveitando todos os instantes e nada de encasquetarem se estão fazendo ou se farão as coisas certas ou erradas. Sigam seus corações, confiem neles! Aproveitem ao máximo cada segundo, são momentos singulares... um privilégio que não é dado a todos.



Apesar de felizes, é uma baita surpresa nada, nada, planejada. Um susto duplo, sem dúvida. Engraçado, mesmo que me sinta exatamente a mesma, a simples descoberta já trouxe um turbilhão de emoções inexplicáveis. Mal posso acreditar que estou carregando duas vidinhas em mim, pedacinhos nossos que um dia terão vida própria e Deus...

Eu me sinto sublime...

Há algo de angelical e santo nessas duas vidinhas que carrego e, apesar de minúsculas, já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguiram monopolizar nossos corações, pensamentos e cuidados... Maravilhoso e assustador ao mesmo tempo.

Agarrada aos exames, volto a dar uma espiadela em meu Capitão, que ostenta o mesmo sorriso bobo que eu.

Caramba!

Vamos ser pais!

A nossa vida nunca mais será a mesma e enquanto estou apavorada e cheia de perguntas clichês como: *será que vou ser uma boa mãe? Será que vou saber cuidar dos meus bebês? Será que a minha própria avó vai me acusar de golpe da barriga?* O bandido do Dante está que é uma confiança e felicidade só.

Carros passam por nós... alguns motoristas buzina e xingam.

Dou risada, mas Dante parece não achar a

PERIGOSAS ACHERON

menor graça.

— Se continuar nessa velocidade, quando chegarmos em casa os bebês já terão nascido.

— Só estou sendo cuidadoso.

— Não vamos quebrar se aumentar para uns cinquenta por hora.

Acelera e aumenta para quarenta.

— Satisfeita?

— Hum-hum... — Volto a olhar a imagem do ultrassom. Data da concepção: 9 de junho. O dia que esquecemos a camisinha. — Não estou acreditando que me engravidou de primeira e num carro.

— Pode ter sido numa árvore. — Sorri torto.

Minhas bochechas esquentam.

Ou numa parede... ou na banheira...

— Verdade, transamos pra caramba aquele
PERIGOSAS ACHERON

dia... — Lembro com um sorrisinho assanhado. — Se forem mesmo meninas vou chamar de Chinelada e de Parede.

O sorriso torto abre em uma gargalhada gostosa.

— Não duvido. Sorte que são soldadinhos. O que acha dos nomes dos nossos avós? Tristan e Raffael?

Own...

Fofo ele querer homenagear nossos avós falecidos, mas não, de jeito nenhum...

— Acho lindo, mas Deus não faria isso comigo... não tenho estrutura pra passar o resto da vida enxotando lambisgoias bolinadoras de soldadinhos. Meninas são muito mais fáceis e meigas.

Desvia a atenção da rua para me olhar.

— Fáceis? Já se olhou no espelho,

PERIGOSAS NACIONAIS

Inglesinha maluca? Meninas têm machinhos tarados que correm atrás delas e eu tenho armas, muitas delas, aliás, e facas... — Os azuis-índigo arregalam. — Não quero passar o resto da vida na cadeia por decepar uns pauzinhos minúsculos por aí. Deus não faria isso comigo.

Caímos de volta no silêncio... Guardo os exames na bolsa e minha mente é ocupada imaginando um exército de vestidinhos e sapatinhos fofos.

— Caralho... dois! — vibra inesperadamente depois de algum tempo.

Dou risada... a gente não consegue parar de pensar nos bebês.

— Pois é... já pensou se cada uma resolver correr para um lado?

Meu Deus, estou lascada!

— Cacete... verdade... amanhã vou atrás

PERIGOSAS ACHERON

das cadeirinhas pra o carro.

— Pra quê? — Olho surpresa. — Só se estiver planejando me fazer engoli-las... Minhas bonequinhas não vão a lugar nenhum por enquanto.

— Acaricio minha barriga lisa.

— Soldadinhos.

— Bonequinhas.

— Soldadinhos...

— Tem certeza de que vai me atazanar com isso? Visita íntima na cadeia feminina é só uma vez por mês — chantageio sem saber se é isso mesmo. — Não tenho armas, mas sei onde guarda as suas. Uma mãe ciumenta pode ficar muito agressiva para proteger suas crias.

— Dois... — Gargalha ignorando minha ameaça. — Ainda não estou acreditando que fizemos dois.

Penso nos anticoncepcionais... se não

estivesse tão feliz, pensaria seriamente em escrever uma carta reclamando a propaganda enganosa...

99% seguro.

Aaaaaaff... nunca mais caio nessa.

— Nem eu... Juro que não sei como aconteceu.

— Eu sei... a Artilharia Stoirm é potente e certa, meu amor... — Sorri maravilhosamente sexy e convencido. — Uma combinação perfeita entre espermatozoides campeões e muito talento pra foda... — Continua a gabar-se. — Posso mostrar como aconteceu, numa demonstração prática e anatômica da coisa, se quiser.

A cara sacana e arrogante dele me faz parar e admirar a perfeição que Dante Stoirm é.

Deus, segura o convencimento desse homem lindo e sem limites.

— Crianças, o pai de vocês é um cretino

PERIGOSAS NACIONAIS

convencido... — Tampe a barriga com as mãos para que minhas bonequinhas puras não me ouçam. — E um tarado gostoso — digo para ele num sussurro.

— E a mamãe é uma Inglesinha safada e linda que fez do papai o homem mais realizado do mundo.

Sorrimos um para o outro, como idiotas que estamos. Contrariando todos os fatos do dia, o clima no carro é só de alegria e paz... Seria tão bom se fosse sempre assim. Não quero nem ver a loucura que será quando contarmos a novidade para as nossas famílias. Se já estavam nos pressionando sobre o casamento sem os bebês, imagina quando souberem deles. Martha é capaz de ter um AVC.

Suspiro com medo real da minha avó.

Uma mãozina larga o volante e vem parar no meu joelho sobre o jeans.

PERIGOSAS ACHERON

— Que foi?

— Acha que Max, Mc e Romeo vão conseguir guardar segredo? — Pelo retrovisor, espio o outro SUV que nos escolta.

Achei ótimo quando Dante sugeriu que curtíssemos a novidade um pouco, antes de contarmos para todos.

— Se não quiserem ser despachados para a Sibéria irão. — Inclina a cabeça indicando uma loja da *Pret a Manger*^[171], que passa lentamente à nossa direita. — Que tal uma salada de frutas com granola?

Sorrio, Dante sabe que amo a salada de fruta deles, mas depois, avalio a fachada vermelha sem muita animação. Já comi em quase todos os lugares da cidade, e o Pret é o número um na minha lista de *fast-food* saudável. Perdi as contas de quantas vezes comi ali, e troco sem nenhuma culpa

PERIGOSAS NACIONAIS

uma refeição num bom restaurante pelos seus lanches, sucos e sobremesas.

— Não... — Franço o rosto só de pensar em comer mais alguma coisa. — Aquele copão de vitamina que me obrigou a tomar, antes de sairmos do hospital, ainda está entalado na garganta.

Não muito feliz, acelera o carro deixando o restaurante para trás.

— Precisa comer. — Seu tom está no limiar do imperativo.

Sinto meus olhos se estreitarem.

— Dante. — Afago a mão no meu joelho. — Ouviu a doutora. Preciso comer em qualidade, não em quantidade. Não é porque estou grávida de dois, que tenho que me empanturrar por três. Estou estressada, cansada e quero ir pra casa.

Os azuis-índigo amolecem.

— Ok, mas quando chegarmos, vou jogar

PERIGOSAS ACHERON

fora todas aquelas merdas não saudáveis que comprou ontem.

Lembro do meu sanduíche de nachos, *marshmallow* e salsa... e: *hmmm...* salivo.

— Experimente tocar nos meus quitutes pra ver só uma coisa. — Tiro a mãozona do meu joelho e aproveito que o farol fecha, para puxar o cinto e me inclinar sobre ele. — Não tenho problema nenhum em virar viúva alegre e mãe solteira — sussurro em seu ouvido numa calma premeditada.

Em câmera lenta a cabeça vira para mim e a sobrancelha da cicatriz sobe.

— Viúva alegre o teu rabo — murmura lento a centímetros dos meus lábios.

— Ei... — Jogo o corpo para trás fingido estar chocada. — Isso é meu, seu ladrão de ofensas.

O riso solto que arranco dele me faz rir

PERIGOSAS NACIONAIS

também e, de repente, percebo que algo mudou, toda a carga de mágoa e desconfiança que carregávamos, mesmo sem admitir, evaporou... A velha e boa leveza, dos nossos tempos de adolescência voltou... É claro que não somos mais os mesmos, mas estou feliz com o que somos agora e para onde estamos indo.

Eu, ele e nossos bebês... juntos construindo nossa pequena família.

Sentindo-me abençoada, estico o braço e acaricio sua nuca... com um gemido apreciativo, ele volta a concentrar na direção e caímos em um silêncio tranquilo.



Rodeada por Gabriel e Godzilla, abro a geladeira e pego uma garrafa d'água.

— Quer uma cerveja? — grito para

PERIGOSAS ACHERON

Romeo, que me espera esparramado do sofá.

— Pode ser — aceita sem muito ânimo.

Fecho a geladeira e observo de longe... ele está muito esquisito. Já tinha notado como estava caidinho, desde o hospital, quando contamos a novidade... Max explodiu em uma festa, típica do temperamento alegre e exagerado dele, enquanto Romeo foi contido. Abraçou-me forte, mas não me brindou com nenhuma de suas piadinhas inteligentes e espirituosas.

Estranho.

Volto para o sofá de mansinho e me largo ao lado dele, que pega a cerveja sem desgrudar da tevê... Espio as feições lindas e sisudas de meu cunhadinho. Tinha estranhado... mal chegamos, Dante me deixou aqui sozinha com Romeo e saiu com Max... poderíamos muito bem ter parado e comprado as vitaminas e calmantes naturais, que a

PERIGOSAS NACIONAIS

doutora Megan me receitou, a caminho do loft.

— Tubo bem com você? — especulo ao entender que o Capitão nos deixou sozinhos com um propósito.

— Bem... Melhor agora, que descobri que vou ser tio. — O sorriso entristecido não alcança seus olhos. — Desculpa se forçamos a barra pro seu lado.

Estalo a língua em um muxoxo.

— Ninguém forçou nada... foram as circunstâncias. No fundo, tá todo mundo estressado, fomos indo no automático.

— Daqui a pouco tudo isso acaba... O navio vai aportar no Marrocos para reabastecer, tenho uns contatos quentes na alfândega de lá e descobri a gráfica que vai imprimir as fotos do leilão das Babuskas... Os itens leiloados vão ser armazenados lá... é provável que a gente consiga

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocar as mãos nas bonecas de forma bem mais sossegada, barata e rápida do que esperávamos.

Rápido e barato é bom, mas preocupante.

— E aquela ideia de roubar o Museu?

— Analisei as plantas, seguro demais... a possibilidade de dispararmos alguns alarmes pelo caminho é grande demais.

Alivio-me em saber disso. Sem dúvida, a ideia deles entrando em maus lençóis e a dívida crescente no meu caderninho amarelo são coisas que me estressam.

— Obrigada pelo que está fazendo com o *food truck*.

— Não fiz nada, a ideia foi do *Fella*.

— Ideia dele, execução sua... obrigada mesmo.

Levanta a mão em um: *deixa disso* e volta a se concentrar na tevê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E Scarface? Por que será que está tão obcecado por mim? — mudo de abordagem para um assunto que ainda me preocupa, não querendo que se feche. — No dia do ataque em Maida, pareceu que não sabia de nada sobre Petronovic e muito menos das sequências nas bonecas.

Os azuis sem brilho finalmente saem da tevê e recaem sobre mim.

— Não acho uma boa falarmos disso, só vai te estressar.

— Vai me estressar não falar.

— Acabou... o maluco está preso e não é mais um perigo.

— Eu sei... Dante falou, mas não explicou porquê.

— Por que o quê?

— Por que Scarface tentou me matar?

Pressiono os lábios precisando de mais.

PERIGOSAS ACHERON

Indeciso, Romeo toma um gole da cerveja.

— Por favor...

Imploro e ele dá um suspiro rendido.

— Os Loyds são malandros farejadores de oportunidades, Klaus despertou o interesse deles quando disse que entraria numa grana preta... O *Fella* também interrogou Guy, descartando a participação deles no caso Petro. Por mais que não saibam das bonecas ou das sequências, não são burros... sacaram que alguma coisa em você vale muito e queriam isso. Ninguém armaria esse círculo de proteção ao seu redor a troco de nada.

— Dante armaria.

— É o *Fella*, armaria... — Ri. — Quem mandou ser o tesouro dele? Duvido muito que vá relaxar com a sua segurança um dia... ainda mais agora, com os bebês.

Meu coração aperta e, de repente, a ideia

PERIGOSAS NACIONAIS

exagerada de segurança não me parece tão ruim assim... Não suportaria se algo de ruim acontecesse aos bebês.

— Guy está solto, acha que pode vir atrás de nós?

— Solto numas... está com uma bela tornozeleira e tem seus passos vigiados vinte e quatro horas por dia... Sabe que o Capitão não é homem de promessas falsas, duvido que cruze seu caminho novamente... o problema maior sempre foi Scarface. O lance com ele é mais embaixo.

— Mais embaixo?

— O cara é pirado, doido de pedra... Aquele tiro na bunda mexeu com o ego distorcido dele... Não interessa quem disparou o gatilho... Ao ser pego, esbravejou para Trent que você e Klaus são culpados por ele ter virado piada, e para um psicopata agressivo, isso é mais do que motivo para

PERIGOSAS ACHERON

uma matança.

Matança?

Por instinto, protejo minha barriga.

— Acha que vão deixá-lo preso?

— Fora os crimes de extorsão, roubos e prostituição, agora ele tem um assassinato nas costas e três tentativas de homicídio... Com Anthony na jogada e um bom laudo psiquiatra... vai passar o resto da vida vendo o sol nascer da penitenciária.

Ok.

Assinto e respiro.

Isso é bom... muito bom.

Voltamos para a tevê e um comercial de sabão em pó repleto de crianças sujas de tinta e lama, nos faz rir.

— Li que crianças arianas são como Beagles^[172]... malucas e incontroláveis — Romeo
PERIGOSAS ACHERON

provoca.

Hã?

— Ei... — Soco o braço não tão forte quanto o do Capitão. — Eu sou ariana!

— Eu sei, você, Chloé e agora os meus sobrinhos... se está de um mês, vão nascer lá por abril... Desculpa a comparação, mas sabe como os ingleses são loucos por cachorros. A internet está cheia de matérias desse tipo.

Olho para Godzilla, que brinca com o que restou do urso polar de Gabriel, imaginando qual signo seria o dele.

— Ia ser um presente de aniversário e tanto se nascessem no mesmo dia que eu.

Animo e Romeo gargalha.

— Tá rindo de quê?

— O *Fella* tá fodido com três arianos.

— Crianças... ignorem o seu tio bobão...

arianos são ótimos e o papai tá adorando ter vocês.

Olha-me esquisito.

— Como é isso?

Hã?

— Estar grávida? — Confusa, meneio a cabeça. — A ficha ainda não caiu direito, mas é muito bom... além de assustador, eu acho.

— Não... amar e ser correspondido — murmura.

Droga! Droga! Droga!

Claro, Chloé e Lucca estiveram no hospital.

— Ah... Romeo. — Faço um bico, sinto-me uma idiota por não ter sacado logo o motivo da tristeza. — É a Chloé, gosta dela, né? Sempre gostou.

Escancaro minha desconfiança de anos e o corpão de Romeo endurece ao meu lado. Sem olhar

PERIGOSAS ACHERON

nos meus olhos, ele nega veementemente, mas não caio na dele.

— Conhece ela... — Afago sua mão tentando consolá-lo. — Aquela autoconfiança é só fachada. O que tem de linda, tem de carente. Quando comprou o apartamento e Lucca ofereceu abrigo durante a reforma, incentivei... Além de nosso amigo, é um homem gentil e atencioso, essa temporada no pub deve estar confundindo a cabeça dela... A reação dela hoje me pegou completamente de surpresa... Vivo enfurnada lá, nunca percebi nada entre os dois. Com certeza, é fogo de palha e não vai dar em nada... Conversa com ela... se abre.

Romeo pondera, vira a cerveja e depois de colocar a garrafa no chão, balança a cabeça e diz em tom decidido:

— Cansei... tá na hora de partir pra outra.

Teimosa que sou, insisto em um contra-

argumento.

— Se tivesse desistido, não estaria aqui hoje... — Afago a barriga sem evitar um sorriso besta. — Feliz, com o homem que amo e com dois bebês a caminho.

Começando a ficar impaciente, ele discorda numa reação automática e exagerada.

— É diferente, apesar de separados... sempre esteve escrito na testa de vocês o quanto se amam. Meu lance com a Malandra sempre foi de mão única... Ela é divertida e linda, mas, no fundo, nunca me viu como você enxerga o *Fella*. Sou só o Pirralho divertido... o capacho e faz-tudo que a tira das enrascadas, e não tô mais a fim de bancar o bobo da corte de ninguém. Não que não tenha meus rolos por aí... mas as paixões fulminantes dela são foda e dizem tudo... Ontem foi o Klaus, hoje o porra do cozinheiro, amanhã vai ser um outro e

esse outro nunca serei eu... broxei total.

Sem argumentos contra a verdade dos fatos, não rebato, mas não desisto.

— Posso tentar falar com ela... — sugiro esperançosa. — Dar uma sondada, sei lá...

O rosto dele fecha por completo.

— Nem perca seu tempo. Chloé mudou muito... Não sei se é o lance de modelagem ou a vida maluca que leva, mas já faz um tempo que não consigo reconhecer nela, a menina com a qual me encantei... tá egocêntrica, pra caralho. Por mais que seja duro de admitir, as pessoas mudam e tomam outros rumos... — Busca por mim e, ainda chocada com a reação dela hoje, não tenho como contra-argumentar. — Além do mais, só o amor não basta, é preciso reciprocidade... Ficaria atrás do meu irmão se ele não te enxergasse?

— Claro que não! — minha autoestima

responde na lata.

As sobrancelhas dele sobem em um *touché*.

— É isso aí. Sou novo ainda e gosto da minha vida sem amarras... Max está certo, temos muito o que aproveitar antes de nos amarrarmos em alguém... Esquece a Malandra... já era. — diz taxativo, pega o controle e começa a zapear, dando por encerrado o assunto. — *Venom*^[173] entrou no catálogo do cabo quer ver? Filmão.

Ok...Talvez algumas coisas mudem, ao final das contas.

Pelo jeito, esse meu shippe naufragou.

Suspiro e começando a ficar impaciente com a demora do Capitão, topo assistir ao filme, o que não será nenhum sacrifício. Dou a Romeo a mesma cortesia do silêncio, que me concedeu por anos. Ele sempre respeitou e nunca forçou a barra

quando disse que o Capitão era assunto proibido.



Atenta ao celular em cima da pia do banheiro, termino de envolver um elástico ao redor do meu rabo de cavalo.

Deus me livre virar uma mulher pegajosa e controladora de passos, mas: *Cadê o Dante?!*

Assisti ao filme, tomei banho, tentei falar com Chloé e Lucca, também nada... Metida em um short jeans, camisetinha azul e um casaquinho verde com estampas de pera, saio do banheiro e, descalça, vou para a cozinha onde Romeo me espera com as pizzas que decidimos pedir para o jantar.

Antes de sentar para comer, faço um *pitstop*^[174] na geladeira... pego mais água, cerveja e o molho salsa que sobrou de ontem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caramba, o mundo todo resolveu desligar o celular? — generalizo omitindo que o meu todo mundo, inclui Chloé. — Já saíram há mais de três horas e se aconteceu alguma coisa?

— Relaxa, os putos sabem se cuidar.

Sento no banquinho ao lado dele, desconfiada da tranquilidade do meu cunhadinho.

— Romeo... — rosno.

— Ah não... Nem vem arregalando esses olhos assustadores pra mim. Sei tanto quanto você sobre ir na farmácia.

Enche a boca de pizza de champignon com bacon numa tática óbvia de impedir novas perguntas.

Nada, nada, satisfeita, pego um pedaço de pizza de pepperoni com rodela extra de abacaxi e banana, e joga uma boa quantidade de molho salsa... os olhos azuis franzem para a minha

PERIGOSAS ACHERON

combinação deliciosa de sabores.

— Nem vem... — rosno de novo e abocanho um bom pedaço.

No meu segundo pedaço, ouço o elevador abrir... Gabriel e Godzilla correm e latem para recepcionar Dante e Max, já Mila continua aboletada no banquinho do meu lado na esperança de ganhar sobras de pizza... com o humor beirando ao estar puta, só viro o corpo esperando que a dupla sem consideração desponte no corredor.

— Caralho!

Romeo assusta e começa a gargalhar.

Boquiaberta, não digo nada.

— Porra, que bom que pediram comida, meu estômago está grudado nas costas! — Max aparece antes que Dante.

Pisco... pisco... pisco... para as réplicas de dois soldadinhos da rainha, feitos em pelúcia e

PERIGOSAS NACIONAIS

quase do tamanho natural, que ele carrega embaixo dos braços, e tenta proteger de Godzilla e Gabriel, histéricos para abocanhá-los.

— Sai fora! — Ergue os brinquedos. — O urso de vocês tá lá fora destroçado!

— O que é isso? — balbucio.

— Soldadinhos pros putinhos do tio Max... legal, né?

O sorriso orgulhoso que abre é tão grande, que não tenho coragem de refutá-lo que podem ser meninas. Meu choque aumenta quando Dante entra... quase não consigo ver seu rosto lindo enquanto caminha orgulhoso até mim, carregando o que parece ser uma floricultura inteira.

— Esse é para você e esses outros pra você também... pelos soldadinhos.

Embasbacada... jogo o pedaço comido de pizza na caixa, a tempo de abraçar com certa

PERIGOSAS ACHERON

dificuldade, um buquê gigantesco de lírios brancos e dois arranjos menores e delicados de não-me-esqueças.

Ergo o queixo e, por cima das flores, murmuro emocionada:

— Obrigada, são maravilhosas.

O rosto barbado esboça um sorriso doce, que logo fecha. Os azuis-índigos varrem a festa gastronômica em cima do balcão.

— Pizza? Essa merda não é saudável! — Fuzila Romeo como se ele tivesse escolhido sozinho e me obrigado a comer.

— Não é, mas é bom pra caralho. — Continua a comer despreocupadamente.

— A minha tem frutas — defendo-me por trás da montanha de flores cheirosas.

Mal tenho tempo de curtir o ato romântico... Dante olha para mim e suspeito que

quer me esganar. Fico um pouco apreensiva quando tira as flores da minha mão e as coloca no balcão.

— Qualidade, Inglesinha... — Afasta a caixa de pizza de perto de mim. — A merda do elevador está cheia de sacolas com opções saudáveis. Não vou deixar que se entupa de porcaria.

Max gargalha.

— Tava demorando. — Pendura os soldadinhos numa viga no teto resguardando-os do ataque canino. — Melhor tirar as compras do elevador.

— Tava demorando, uma pinoia — retruco a provocação sem tirar os olhos de Dante. — Isso não é porcaria, é *Confort Food*^[175]! — Puxo a caixa para perto e pego meu pedaço abandonado. — Nem venha bancar o ditador culinário... recuso-me a brigar por comida ou entrar numa paranoia

PERIGOSAS NACIONAIS

alimentícia. Não vou ficar me privando de tudo que é gostoso, só porque estou grávida. O dia não foi fácil e pizza me acalma... — Dou uma mordida desafiando-o.

Um som frustrado sai de Dante a cada mastigada que dou.

— Calma, *Fella*... a primeira-dama tem razão. — Romeo vem em meu socorro. — Gravidez não é doença. Em vez de brigar, deveriam se preocupar onde vão guardar tanta tralha. — Aponta e corre para Max, que equilibra duas cadeirinhas de bebê em meio a dezenas de sacolas da *Tesco*^[176].

Meu olhar chocado faz um tour entre Max, os soldados no teto e Dante... Nem um dia de gravidez descoberta, o loft já está um caos, oito meses nesse ritmo nem Buckingham vai ser suficiente para nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cadeirinhas azuis? — murmuro desolada.

Max e Romeo seguram o riso enquanto o exagerado pai das minhas filhas olha para mim sem entender meu desgosto.

— A vendedora disse que não é bom deixar as coisas para última hora e são as mais seguras do mundo. — Dá um sorriso sexy, mas não me comovo. — O preço tava bom. — Tenta outra tática.

Conto até dez, louca de vontade de arrancar a barba que ele começa a coçar... *Merda!* Meus olhos crescem quando reparo nos nós dos seus dedos... esqueço a porcaria da cor das cadeirinhas quando um arrepio ruim passa por minha coluna... esses machucados não estavam aí quando voltamos do hospital.

— Onde esteve Dante?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na farmácia e depois fazendo compras...

— Não esqueça da banca de flores — Max palpita lá de trás.

Bufo desacreditada... é impossível que pensem que sou tão ingênua ao ponto de não fazer as ligações corretas. Não acredito que ele foi até Scarface.

Droga! Droga! Droga!

— Por que fez isso? Deve ser no mínimo ilegal!

Os azuis-índigo escurecem ficando do mesmo modo quando pegaram Yuri sobre mim.

— Depende de qual lei esteja se referindo... no meu mundo, há um código de conduta que, talvez, nunca vá entender... homens como eu não aliviam para a escória como Scarface.

— Massageia o pescoço. — Aquele bosta mexeu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com fogo quando colocou em risco tudo o que é mais sagrado para mim. Minha alma pedia por um acerto de contas desde o ataque em Maida... Ninguém põe a minha família em risco e fica ileso.

— Ele já não estava ileso — lembro em um pio.

Sentimentos difusos me acometem... amo o sagrado, aprecio o cuidado, mas não concordo com a violência... É, realmente há um lado obscuro nele que jamais irei entender.

— Não sou um monstro, o animal estava de pé, sem algemas e louco por uma briga... só re arranjei aquele rosto cicatrizado, poupei as costelas quebradas. Vou tomar um banho e tirar o cheiro daquele porra de mim.

Sem saber o que pensar ou dizer, acompanho Dante arrancar a camiseta, dar as costas e sair em direção ao banheiro.

PERIGOSAS ACHERON



Mais tarde, com o loft em silêncio, mal posso acreditar que o dia tenha chegado ao fim e eu, finalmente, esteja deslizando para baixo das cobertas. *Ai, que delícia!* Amo a sensação de lençóis limpos e cheirosos... Virando para o lado oposto de Dante, que me observa cabreiro, acomodo a cabeça sobre os travesseiros macios.

Os soldadinhos estão na mesma viga onde foram deixados por Max, as cadeirinhas num canto ao lado do sofá e as flores distribuídas em vasos improvisados pela casa. Há uma aura familiar em toda essa bagunça. O loft mudou muito, desde a primeira vez em que estive aqui, e parece cada vez menor.

Nosso segredo não vai durar um dia se a Irmã Rubi aparecer e der de cara com todas essas

evidências duplas espalhadas pela casa... Até penso em levantar e guardar as coisas de bebê no closet, mas sou vencida pela preguiça, que chega acompanhada de um bocejo lânguido.

Fecho os olhos e assim fico, mesmo sendo enlaçada pela cintura e arrastada até ter as costas firmemente pressionadas contra a frente de Dante... O calor que emana do corpão, protegido apenas pela boxer, transpassa o tecido fino da minha camisolinha branca. Atendendo ao meu desejo íntimo de ficar grudada a ele como um imã, mantenho-me ali... em silêncio e inspirando o cheiro delicioso dele.

— Ainda está puta comigo?

Nego em um grunhido.

Não estou mais puta... mas fiquei, assim que ouvi a porta do banheiro bater, o chuveiro ligar e minha ficha cair. Entretanto, a onda de

PERIGOSAS NACIONAIS

indignação tardia diminuiu bastante depois que interrompi seu banho para deixar claro o quanto foi sacanagem desligar o celular e me deixar sem notícia por horas, só para espancar alguém até quase a morte.

— Então por que esse silêncio?

Giro o corpo, ficando frente a frente.

— Não estou em silêncio... acabei de falar.

— Não falou, grunhiu... — Esfrega o nariz na minha bochecha. — Se tem mais alguma coisa te incomodando, faça como no banheiro, desabafe... Mesmo que grite, esperneie, jogue outro pote de xampu na minha cabeça, eu vou te escutar, sempre irei. Estou completamente a bordo dessa nossa história, mas ainda sou um aprendiz na coisa da vida a dois... vou errar muitas vezes e quando fizer isso, preciso que compartilhe seus desapontamentos e me mostre o caminho.

PERIGOSAS ACHERON

Droga!

Ele podia parar de ser tão maduro.

— Gosto do completamente a bordo —
digo suavemente. — Desculpe pelo xampu.

— Não me enrola, desembucha, Inglesinha
— demanda com um apertão na minha cintura. —
Não consigo ler o seu silêncio...

— Não é nada.

— Claro que é... não vou esperar
passivamente, até que me diga quando sei que algo
está te incomodando. Preciso saber o que é e como
nos afeta. Não posso resolver as coisas se não
souber do que se trata.

Solto um suspiro exasperado.

— Não pode passar a vida resolvendo os
meus problemas.

Os azuis-índigo endurecem decididos.

— Posso e vou... Esse sou eu, Treas. O

homem que a ama e que cuida de você. Não existe mais o meu ou o seu, só os nossos. Se tem um problema, eu resolvo. O-que-está-pegando?

Engulo em seco perdida na intensidade de seu olhar. Estamos trilhando um caminho novo, repleto de barreiras a transpor e só vai dar certo se formos sinceros. Respiro fundo decidida a não mentir que o meu problema é ele.

Merda, que agonia bandida!

— O que pega é a violência, não sei se consigo conviver com ela — revelo finalmente. — Hoje, quando não deu notícias, morri de medo... Sei que é o melhor no que faz e é cuidadoso, mas não posso suportar a ideia de te perder... entendo que era obrigado a fazer coisas, mas está fora do Exército, não precisa mais pagar na mesma moeda. É um homem bom, não um...

Paro e fecho os olhos, arrependida do que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava prestes a dizer... Quando os abro, a dor da compreensão nubla o rosto barbado e bonito. Mal posso respirar com a visão.

— Dante... — sussurro.

— Shhhhh... eu entendi. — Põe um dedo nos meus lábios. — Tenho uma história de merda e não escondo isso, mas é passado e acabou... Sou um soldado, não um assassino, Treas. O conceito de assassinato muda em situações extremas. Pessoas más, traidores da pátria, exterminadores e estupradores sem nenhuma empatia com o ser humano... mesmo assim, foi foda e me perseguirá para sempre... Quando se está diante desse tipo de inimigo, a sobrevivência fala mais alto, não é opcional... somos nós, os nossos ou eles... abater ou ser abatido.

Absorvo a raiva e a impotência implícita em cada palavra... seus incríveis olhos concentram-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se em mim tão honestos, crus e expostos que assinto minha compreensão, mesmo que na minha visão, seja inconcebível alguém ser obrigado a passar por situações tão extremas e cruéis.

— Será que não podemos só viver em paz a partir de agora? — divago ao repousar a cabeça no peito musculoso. — Não estamos em guerra, Dante.

— Meu amor, o mundo é uma guerra... — As pontas ásperas de seus dedos acariciam levemente minhas costas. — O perfeito e o tranquilo só são possíveis por causa de homens como eu, que lutam para trazer um pouco de paz e segurança para pessoas como você.

Respiro.

Não sou a Alice e o mundo não é um conto de fadas... O belo depende do feio para existir. Jack passou a vida lutando por uma Londres melhor...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembro-me de como me senti no ataque de Maida... Dante tem razão. Eu seria capaz de qualquer coisa para defendê-lo.

— Só prometa que não vai se machucar.

Segura meu queixo direcionamento nossos olhares.

— Não vai me perder. Pedi para sair do RH.

Uh o quê?

Dou várias piscadas e meu coração corre mais rápido, surpreso com a notícia.

— Sair pelos bebês? — indago em um suspiro de alívio, inevitável.

A cabeça morena nega em meio a um sorriso honesto e doce.

— Foi antes de saber deles... — Alisa meu cabelo. — Fiz por você... Caralho! Sei como se sente em relação ao que faço e quero realizar cada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porra de desejo que tiver.

Sem esconder minha emoção, lacrimejo e rio do jeito bruto de falar.

— Oh, meu Abençoado... não vê? — Arrasto a mãozona para a altura do meu ventre. — Já realizou, tenho tudo o que sonhei.

— Por favor, não suporto quando chora. Vem cá... — Limpa uma lágrima solitária e, em seguida, acomoda-se e aconchego-me melhor em seus braços. — Chega de papo. Está tarde e a doutora Megan vai me matar se eu não te colocar pra dormir.



Seguida por Lore, que não para de tagarelar, saio do Convento pela portinha dos fundos e sigo pelo gramado em direção ao galpão de treinamento... Passamos boa parte da manhã nos

PERIGOSAS ACHERON

certificando de que tudo esteja pronto para a surpresa que planejei para os meus pais.

— Diazinho chato para um sábado — Lore bufa.

Concordando com ela, franzo o nariz para o céu cinzento dos últimos três dias e agradeço que a previsão do tempo em Paris, ao contrário daqui, é de uma noite estrelada.

Arrasto a porta de ferro e perco o fôlego. Dante fica um troço em cima de um ringue. Nunca fui atraída por esportes como o boxe ou MMA, mas tenho que admitir que é sexy pra caramba assistir ao corpo musculoso dele movimentar-se ligeiro como um tigre.

Atraído pelo barulho da porta, ele para de golpear Trent e abre um sorriso quando me vê... Provando que vigor físico é algo que não lhe falta, apoia nas cordas, salta sem dificuldade em uma

aterrissagem precisa no chão e corre para mim.

Meu mundo entra em câmera lenta... que espetáculo. Suado, descabelado, com os músculos do tórax e braços saltando pelo suor e esforço, e metido em uma dessas bermudas pretas de boxeador que mais exibem do que escondem o caminho da felicidade e os atributos de um míssil que não vejo há três dias.

Salivo morrendo de vontade de me esfregar nele todinho.

— Honestamente, não sei como Chloé foi se apaixonar pelo Lucca tendo o Capitão e os irmãos por perto.

Chocada com o que acaba de sair da boca de Lore, desvio da tentação e foco nela.

— Tá maluca? Eles são como irmãos! Chloé jamais faria isso comigo.

— Fazer o quê? — Dante pergunta assim

PERIGOSAS NACIONAIS

que crava os pés na nossa frente.

Malditos ouvidos biônicos.

— Arrumar a campanha no Brasil só pra se esquivar de mim — respondo a primeira coisa que me vem à mente.

Deus...

O cheiro dele me inebria. Salivo mais. Adoro essa mistura de suor de Capitão e perfume amadeirado.

Merda de homem gostoso.

— Ainda não conseguiu falar com ela? —
A sobancelha falhada levanta.

Quero que me toque com essas luvas de lutador, mas não o faz... Frustrada, evito o peitoral malhado e prendo o olhar nos azuis-índigo. Mais um dia nesse discurso de que preciso ser poupada e descansar, juro que não vou aguentar... estou subindo pelas paredes, louca de vontade de trepar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Falei, mas foi rapidinho — digo em um muxoxo.

— Típico — Lore bufa do meu lado. — Certeza que está fugindo.

A olhada cúmplice que Dante manda para ela indica que acha o mesmo.

Droga!

Pior que concordo...

— Parem de buscar pelo em ovo. Ela disse que vamos conversar quando voltar — defendo minha amiga, assim mesmo.

Pressiono os lábios, inconformada.

Se já não bastasse o zelo excessivo do Capitão, meus dois amigos deram para se esquivar de mim... ainda não engoli a desculpa esfarrapada de Lucca para não ir conosco para Paris. *Dane-se a Copa do Mundo!* O pub não vai pegar fogo se ele se ausentar por um dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá tudo pronto para hoje à noite? Se mudou de ideia posso antecipar o helicóptero.

Dante começa a saltar para não deixar que os músculos esfriem...

Suspiro de desejo... a cada salto que dá, sou eu que esquento.

— Não. — Ofego acompanhando o peitão contrair. — Prefiro manter o plano hotel, festa, hotel. Está tudo esquematizado com o fornecedor, se chegarmos antes, minha mãe vai desconfiar — minto e continuo a omitir as notícias vindas de Paris.

Meu pai não ficou nada contente quando Martha ligou para ele e contou sobre a bênção. Estou fugindo de suas mensagens furiosas e quanto menor for o nosso tempo na Embaixada, melhor.

— Essa porra vai continuar ou não? — Trent o chama do ringue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Puto, Dante solta um palavrão. Aceno para Trent e reparo na luta que corre solta no outro ringue... Enquanto Lore solta um gritinho de euforia, gemo e me encolho quando Max quase nocauteia Mc, que cambaleia até as cordas.

Que graça esses caras veem em se bater?

— Já vou, porra! — Dante esbraveja para Trent e volta para mim. — Preciso terminar o treino. — Os ombros largos levantam em uma desculpa.

— Chefinha, tem certeza de que não quer treinar com a gente? — Lore aponta o queixo na direção de Miah, que faz polichinelos sob a supervisão de Romeo.

— Não sei se é uma boa ideia, o Pirralho pega pesado no treino. — Azuis-índigo recaem discretamente para a minha barriga muito habitada, porém ainda lisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pesado que é bom — Lore rebate alheia ao olhar dele.

— Eu passo. — Franzo o nariz. — Ficar pulando e me descabelando não é o meu sonho de relaxamento, vou nadar. — Pisco para o meu Capitão, que sorri com alívio. — Além do mais, a Irmã Rubi está lá com as noviças... quero ver se precisam de alguma coisa.

Trent chama novamente, Dante volta a xingar e Lore se despede e corre para o vestiário.

— Melhor ir também ou vai apanhar — provoco.

Dante gargalha.

— Tá pra nascer o cara que vai me derrubar. — Beija-me rapidamente. — Daqui a pouco vou pro loft, ainda preciso despachar umas coisas do Chaos antes de viajarmos. Ah... não se preocupe com a Irmã Rubi invadindo o closet, antes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de sair levei o que pediu e guardei lá embaixo na minha sala na Central.

— Nossa, que eficiência! — ironizo.

Assim como no sexo, Dante vinha me enrolando na ocultação das evidências gestacionais.

— Chata!

Sorrio satisfeita, ganho outro beijo e uma bela visão da bunda maciça que me dá as costas e corre para o ringue. *Delícia*. Minhas partes carentes inundam em um choro necessitado.

Droga, que vontade de transar!

A ponto de rasgar meu vestidinho rosa e gritar: *Intervenção militar, já!* Giro nos meus calcanhares e corro para casa.

Com o serviço de limpeza bem adiantado e a Irmã recusando terminantemente a minha ajuda, eu me troco e parto para nadar em um ritmo menos intenso... nado... nado... nado... despeço-me da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Irmã Rubi quando vai embora, nado mais um pouco e acompanho, da piscina, quando Dante chega no loft, acena para mim e sobe direto para o escritório no mezanino.

Decidida a pôr um fim em seja lá o quê que esteja fazendo o meu Capitão negar fogo, saio da piscina. Entro deixando um rastro molhado e vou direto para a mesinha de cabeceira... com um toque, faço a parede de vidro fechar e depois escurecer, isolando-nos dos cachorros e do mundo.

Ignorando os azuis-índigo que me observam com curiosidade, por trás dos óculos de armação grossa, sigo decidida até as escadas... subo mansamente degrau por degrau até parar diante da mesa de trabalho.

— Precisamos conversar — anuncio em um ronronar.

Surpreso, afasta o notebook para o lado e

PERIGOSAS ACHERON

me dá total atenção. Bom... não bem a mim, mas a partes de mim... A forma como devora cada centímetro do meu corpo faz meu sangue entrar em combustão.

Ótimo.

Falta de desejo que não é.

— Mudou de ideia sobre os horários de viagem? — sonda sem desgrudar o olhar dos meus seios.

— Não.

Aproximo-me e, na cara dura, desfaço o laço na parte de trás do meu pescoço e me livro do maiô da forma mais sensual e provocante que consigo.

— O que está fazendo?

Ele quase engasga e meus mamilos reagem a isso, entumecendo.

— Nada... Só não quero encharcar o

assoalho. — Lanço o tecido úmido em um cantinho. — Muito trabalho?

Fingindo um interesse pelo que há no computador... dou a volta, debruço sobre a mesa e empino bem a bunda garantindo a ele uma boa visão da minha pouca vergonha.

Passo o dedo na tela do mesmo jeito que faria na pele sedosa do míssil.

— Tudo bem no Chaos? — questiono distraidamente ao ler um e-mail de Luke sobre amostras de malte e datas de plantio.

— Treas — rosna.

— O que foi? É sigiloso? — Olho para o rosto afogueado apontado para os meus tesouros femininos. — Algum problema no Chaos? — pergunto ingênua como se eu nua, com a bunda para a lua, fosse a coisa mais corriqueira do mundo.

No lugar de uma resposta, um ronco quase

PERIGOSAS NACIONAIS

selvagem vibra no peito desnudo e brilhante de suor, mostrando que estou quase lá.

Finjo me ajeitar, dou uma reboladinha sutil e os azuis-índigo faíscam... *Bingo!* Seguro o sorriso quando o míssil desponta armando uma tenda gigante no calção de luta. Esqueço o computador e viro de frente... com um impulso, sento na mesa e cruzo as pernas.

O ronco selvagem vibra de novo, só que frustrado.

— Pobrezinho, tão duro. Não gosto de te ver tenso — instigo.

Privado da vista escancarada do meu sexo, ele me encara e eu sorrio.

— Ficaria feliz em ajudar a relaxar esses músculos — continuo a provocar.

— Está brincando com fogo, Inglesinha.

— Gosto do quente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O maxilar quadrado trava parecendo estar em uma luta interna.

— Estou suado — grunhe.

— E eu molhada — ronrono.

Um rosnado ecoa... mãos possessivas vêm para os meus joelhos, separando-os... Ofego quando deslizam por minhas panturrilhas e resgatam meus pés plantando-os um em cada braço da cadeira.

— Caralho... muito molhada.

— Eu disse.

Apoio as mãos na mesa e escorrego o traseiro para frente, escancarando-me por completo. Um flash de necessidade acende nos olhos escurecidos do meu Capitão.

— Os bebês — escrutina minha bocetinha como se pudesse ver ou estabelecer uma comunicação telepática com eles.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sabia!

Dante não é homem de se intimidar por outro, pelo contrário. Possessivo, ciumento e ciente dos talentos sexuais que tem, me foderia como um louco, até me fazer esquecer qualquer lembrança, que já não tenho, de Lucca.

— Não pode machucá-los... eles ficarão bem. — Atraído por minhas palavras, seus olhos recaem sobre os meus. — Conversei com a doutora Megan, agora há pouco — minto. — Sexo durante a gravidez é maravilhoso e superindicado — minto mais ou menos, porque isso li no *Google*. — Preciso que me ajude a trabalhar e preparar aí embaixo, para evitar que eu sofra no parto. — Agora minto descaradamente sem saber o que estou falando. — É bom para mim e para os bebês, além do mais, já fizemos várias e várias vezes, com eles aí dentro e tudo deu certo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Treas... — Puxa o ar de forma trêmula.

Notando que estou prestes a vencer a batalha, mudo a tática.

— Por favor, não me faça resolver por mim mesma... te quero tanto — choramingo.

— Foda-se, porra! — urra ao agarrar meus quadris. — Eu resolvo!

Grito e jogo a cabeça para trás quando a boca barbada e faminta vem para frente e recai sobre mim em um beijo ginecológico voraz.

Aleluia, obrigada!

Deus, como amo esse tarado!

Louca de tesão acumulado, deito na mesa e agradeço ao universo por ser minha, essa boca abusada. O beijo para, o quentinho da respiração acelerada que sobrevoa minha boceta me faz mais molhada de desejo.

— Visão do caralho... ficaria linda no meu

PERIGOSAS ACHERON

descanso de tela.

— Nem pense nisso, seu tarado.

Ele ri cafajeste e mordo os lábios quando começa num instigar lento e safado que vai do meu rabinho ao clitóris. Nunca pensei que apreciaria tanto, provocações anais, mas... *Deus!* Ele faz de um jeito que é impossível não gostar. A língua vem em redemoinhos e quase perco o ar quando meu traseiro pisca pedindo por mais.

— É tão bom... — ronrono vendo estrelas e fadinhas.

Sons viris e satisfeitos ressoam dele e uma nova sequência torturante começa... minha pele arrepia com o esfregar da barba e deixo que explore todos os meus cantinhos com a língua e agora os dentes... Arranho a mesa, objetos caem no chão... o ataque impiedoso não para e rebolo em sua boca reagindo às chupadas e mordidas leves no clitóris,

PERIGOSAS NACIONAIS

alternadas por movimentos rápidos de língua me fodendo em todos os buracos.

Delicio-me... Dante é mestre na chupada selvagem e sabe me fazer gemer... Dois dedos me abrem e entram bem fundo.

Uau!

— Abençoado seja, isso... me fode... — rogo em transe.

— Cacete, só se for agora!

Os dedos, que mal começaram a foder, saem, arregalo os olhos em um protesto... Dante levanta, a cadeira corre para trás e bate contra a parede, a bermuda desce, o pau salta... Braços fortes me viram e...

Mete fundo, duro e sem dó.

Jesus, Maria, José!

O prazer de ter seu pau me empalando é arrebatador e bem-vindo... um frenesi molhado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brota na minha boceta e espalha-se por todo o meu corpo.

— Danteeeeee! — grito sem esconder o prazer.

— Porra, você é um sonho! Sempre vai ser.

Envaidecida pelo elogio, rebolo incentivando a vir mais forte e ele vem. Fecho os olhos, tomada pelas sensações que o pau poderoso, soterrado em mim, deflagra... Nosso sexo é cru, é primal, é sufocante. É Dante Stoirm tomando tudo de mim, em toda a sua glória e vontade... Busco por ar e por mais... Despida de todos os pudores, fico nas pontas dos pés, arreganhando-me...

Uma sequência de palavras safadas sai da boca sexy, bardada e suja... Excito-me, ofereço-me, ele aceita... rosna e metralha minha bocetinha... devorando-me com precisão militar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A cada baque dos nossos sexos, a mesa balança... mais objetos espalham pelo chão, mas não estamos nem aí... somos só gemidos, fome e desejo... A ponta do míssil atinge justo no ponto mais sensível e, combinada com as bolas martelando meu clitóris, faz as pontas dos meus pés enrolarem.

Em busca do ângulo perfeito, ergo o tórax apoiando as mãos no tampo de madeira... e como uma viciada em Dante que sou... jogo o quadril para trás, aumentando a intensidade das investidas. O corpão manobra, se ajeita em altura e bate mais fundo do jeitinho que me faz querer gozar... Abaixo e balanço a cabeça perdida em êxtase...

— Essa é a minha Inglesinha... gosta bem sujo e duro, não é?

Gosto, não nego.

Gemo um sim obtuso... Ele entende e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fode... fode... fode... meus seios sobem e descem... Sufocada de amor por esse homem singular, grito exigindo mais, implorando por tudo... Já conhecendo meus desejos mais mundanos, um dedo safado circunda meu ex-rabinho virgem e o invade sem pudor.

Deus, eu não presto!

Esqueço a mãe respeitável e libero a devassa... *Dane-se!* Tudo entre nós é lindo, permitido e bom. Extravaso em sentimentos e ofego da maravilha que é: entregar-me tão completa e intensamente a esse amor sublime. Sons apreciativos escapam de nós dois, com o entra e sai em meus dois buraquinhos famintos... ambas as estocadas aceleram, o volume já imenso em minha vagina cresce, alargando-me quase no limite da dor.

Hummm... é tão bom.

O míssil entra, o dedo sai... e assim vão

PERIGOSAS ACHERON

enlouquecendo-me de prazer.

Deus!

Dante ofega numa respiração entrecortada, por sobre os ombros olho para ele... *Magnífico*. O rosto barbado está tomado por luxúria e concentra-se no ponto em que nos tornamos um só... Amo que se entregue tanto quanto eu... Murmuro um agradecimento desconexo e os azuis-índigo cravam em mim, emanando um brilho de profunda conexão... Arquejo. Ele sabe, ele sente. Seremos nós até o fim.

— Caralho, simmmmm. Foda-me!

A voz masculina e rouca explode em meu ouvido denunciando o controle perdido. Em movimentos instáveis, o míssil entra duro e para. Sai, volta mais duro, profundo e para... Um calor esparrama dentro de mim em gozos quentes e poderosos... Marcando meu corpo e alma,

inundando-me de Dante e puxando meu próprio orgasmo que explode reverenciando o dele.

Ainda conectados, desabo a cabeça e as costas contra o tórax suado que sobe e desde ofegante. Quando nossas respirações se acalmam, o míssil sai de campo delicadamente... mãos firmes agarram minha cintura e sou girada, e capturada em um beijo faminto.

Tudo que sinto é amor... Quando nosso fôlego acaba e o beijo para, Dante segura o meu rosto e olha-me profundamente.

— Bom demais, obrigado.

— Ah, meu Abençoado, não me agradeça.

— Planto um beijo na bochecha corada e suada. —
Garanto que esse prazer também foi meu.

Pisco e *O Sorriso* explode.

— Banho? — oferece charmoso.

Suspiro e acaricio, quase em devoção, a

PERIGOSAS NACIONAIS

bagunça de cabelos morenos.

— Seria bom, né? — retribuo o charme com um bico.

Rindo, pega-me no colo e desce as escadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Paris

Na pequena varanda do quarto, rodeada pela vista divina da antiga Paris ao entardecer, coloco minha bolsinha para noite na mesinha de ferro clássica e redonda, que faz conjunto com duas cadeirinhas. Sento para calçar as sandálias. As finas tiras prateadas em volta dos meus tornozelos combinam com a delicadeza do vestido.

Um branco um pouco acima dos joelhos e romântico... mangas transparentes e longas, arrematadas por bordados e pérolas. *Lindo, lindo...* Um modelo mágico como a *Cidade Luz*^[177], com rendas formando um intrincado recorte no bojo e com todo o tecido do corpo recoberto por pequenas flores flutuantes pendendo em seus caules.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um clarão de luz ilumina minha pele e vestido... Levanto para admirar a Torre Eiffel... Ofego com a grandiosidade da imagem, sempre perco o ar quando as luzes da torre acendem.

— Treas.

Viro e ofego mais profundo... não sei o que é mais deslumbrante. Se a torre iluminada ou o homem que sorri para mim.

Ah... a quem eu quero enganar?

Dante, certamente.

— Vista linda, né? — comento num duplo sentido para o vencedor da disputa.

— Magnífica — diz sem desgrudar os olhos de mim.

O rubor toma meu colo e rosto. A fascinação explícita nos azuis-índigo é desconcertante e faz com que me sinta a mulher mais linda e desejada do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mal sabe ele a trabalhadeira que foi. Essa vida é muito bandida mesmo... Depois de uma hora e meia de voo e de aterrissarmos no heliporto do hotel, fiquei horas me produzindo enquanto o bonitão dormia. Acordou a menos de vinte minutos, e bastou um banho, uma escovada nos dentes e *pah!*

Um deus... deslumbrante, divino e sexy como um inferno.

Quase intimidada por tanta perfeição masculina, ajeito os fios soltos e inexistentes do meu coque clássico.

— Está uma coisa nesse smoking, Capitão.
— Espelho em meus olhos a mesma fascinação e desejo que permanece nos dele.

Estala a língua em um descrédito.

— Agradeço, mas não chego aos seus pés
— diz galante, nem um pouco envaidecido com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elogio. — Está absolutamente linda, Inglesinha. —
Sorri e me derreto. — Gostei do plano do hotel. —
Apoia o ombro no batente da veneziana e coloca as
mãos nos bolsos. — Achei que fôssemos ficar na
Embaixada.

Tentando não parecer tão afetada por seu
elogio aberto ou beleza, meneio a cabeça.

— Não... sempre fico no hotel. Só fiquei
na Embaixada quando minha mãe esteve doente —
explico e sua testa franze.

— Por quê?

— Sei lá, impessoal demais... — divago.

— Hotéis são impessoais — rebate.

Suspiro diante do óbvio e através das
portas da varanda, espio a decoração em tons
pastéis de rosa e bege. Dante tem razão... por mais
que me sinta em casa aqui e ame esse clima fofo,
que mistura o estilo contemporâneo com móveis

PERIGOSAS ACHERON

clássicos inspirados nos salões literários de século XVIII, frequentados pelas condessas da época... não deixa de ser um hotel, o que por si só, é impessoal.

Suspiro novamente e volto para Dante, que aguarda pacientemente por uma resposta.

— Talvez, eu seja só uma garota fiel ao que me encanta. — Sorrio timidamente exposta. — Queria te mostrar um dos meus pequenos tesouros. — Indico a Torre com o queixo. — A primeira vez que vi a *Dama de Ferro*^[178] foi aos onze anos, dessa mesma varanda, aqui no *La Comtesse*^[179]. Não consigo ficar em outro lugar.

Os azuis-índigo cintilam. Com um impulso suave, o ombro largo desgruda do batente e Dante caminha lentamente até mim. Devoro o corpão elegante e minha respiração acelera... todas as versões dele me agradam... largado, fardado,

PERIGOSAS NACIONAIS

pelado... sendo o meu Capitão, tô aceitando é tudo.

— Gosto do garota fiel — sussurra e puxa-me em seus braços. — Quero conhecer todos os seus pequenos tesouros, minha Inglesinha. Obrigado por me tornar parte do seu mundo.

Mesmo com os saltos altíssimos... fico na ponta dos pés para envolver-lhe o pescoço.

— Ah... Capitão, para um homem tão inteligente, às vezes, você é muito estúpido. — Ignoro a cara de choque e beijo-o amavelmente nos lábios. — Você não faz parte, é o meu mundo.

Os braços enrolados na minha cintura intensificam o aperto, desta vez, é a boca barbada que procura a minha para um beijo profundo e molhado, que é interrompido quando o celular de Dante começa a apitar na bunda maciça.

— Que inferno, será que não veem que estamos nos beijando?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Irritado, liberta-me do abraço, tira o celular do bolso e lê a mensagem.

— Abençoado, nem todo mundo tem os talentos do Bruxo ou uma bola de cristal — não perco a piada.

Ganho um olhar enviesado a la Capitão Putão e sorrio achando graça da capacidade desse homem ir do oito ao oitenta em segundos.

— O táxi chegou — grunhe.

Eita... meleca.

Fecho os olhos, por um instante, lembrando o que nos espera.

— Deus permita que Martha esteja mais mansa.

A boca manchada com o meu batom entorta.

— Puta que pariu, tinha esquecido desse detalhe!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é... — Passo o dedão sobre os lábios dele tirando os vestígios do beijo. — Sorte nossa, que seus pais e Jack estão lá. Vamos.

Alcanço a bolsinha e o arrasto para fora do quarto.



Assim que o táxi vira a esquina, avisto os feixes das luzes que ondulam sobre a fachada da Embaixada e empacamos por causa do congestionamento de carros luxuosos, alguns deles, com placas e bandeirolas oficiais de outras Embaixadas.

Praguejo mentalmente ao entender o porquê da falta de ânimo repentina de minha mãe com a festa. Claro que meu pai tinha que fazer prevalecer a vontade dele e transformar a reunião íntima e familiar, desejada por ela, em um circo de

PERIGOSAS ACHERON

exibicionismo político.

Droga!

De onde meu pai tirou tanto dinheiro? Pelo que eu saiba, um mal investimento afetou as reservas familiares e uma festa nessas proporções não sai barato! Trezentas, quatrocentas pessoas, bebidas e comidas de primeira, decoração, manobristas... *Merda!* Minha mente de produtora grita ao calcular o que essa extravagância deve estar custando, por baixo, uns duzentos e cinquenta mil euros.

Caramba!

A luz que brilha no celular de Dante me faz olhar para o lado... Ao contrário de mim, o Capitão parece bem satisfeito com o que vê.

— O que foi? — Estico o pescoço tentando espiar.

Em um francês perfeito, Dante pede que o

motorista do táxi feche o vidro da cabine para nos dar privacidade. Feito isso, com um sorriso vitorioso no rosto, vira o aparelho permitindo que eu veja.

— Estamos chegando ao fim, Inglesinha.

Pisco... pisco... pisco, chocada com a foto de um Romeo todo sorridente segurando um novo jogo de Babuskas.

Ao fim?

Pega de surpresa, esqueço a festa, o meu pai e capturo o celular. Examino a imagem. Ofego saudosamente para a bonequinha morena, de grandes olhos bicolores e corpinho cravejado de diamantes. Este era um dos meus conjuntos preferidos, feito sob encomenda como uma homenagem da minha avó a mim.

Que filho da mãe!

— Eu não estou acreditando que roubaram

PERIGOSAS NACIONAIS

o contêiner do Museu!

— Nada disso, o navio mal acabou de ser liberado na Tailândia. Tá em alto-mar ainda. —
Escrutina meu rosto que começa a pegar fogo. —
Essas aí são para o Leilão. Romeo foi à produtora com a desculpa de oferecer os serviços de proteção empresarial. Os caras engoliram a isca e durante a inspeção do lugar, pegou as bonecas sem que percebessem.

— Que seja, produtora ou Museu... é roubo do mesmo jeito.

— Roubo, o cacete! Foi uma boa ação...
— diz na cada de pau. — Sabe quanto custa uma consultoria do Pirralho? Depois de examinar as bonecas, vai devolvê-las junto com um relatório gratuito apontando todas as falhas de segurança. Empresas implorariam por uma cortesia surpresa dessas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que implorariam. — Reviro os olhos em tom irônico. — Nossa, era só o que me faltava, roubar e ainda cobrar.

— Treas... — rosna.

Nem um pouco intimidada pela cara feia, endireito no banco.

— Treas, uma pinoia, seu traidor do roubo alheio! — Cutuco o peito largo. — Planejou tudo, não foi? Esperou virmos pra Paris pra me tirar da jogada. Não é justo, as bonecas são minhas.

Prestes a perder a paciência, as mãozonas esfregam o rosto.

— Não sei se percebeu, mas também estou aqui... — constata em um tom controlado. — Fiquei fora desta jogada.

— Mesmo assim, eu poderia ter bancado a inspetora larápia — rebato.

Com um franzir de sobrancelhas, a cabeça

PERIGOSAS ACHERON

morena inclina numa avaliação mais profunda.

— Tá se divertindo com isso?

— A visita ao cemitério não foi de todo mau — não escondo a apreciação.

— Não foi? — indigna-se. — Acabou num hospital!

— Não coloque a culpa do meu estresse na pobre da fantasminha! — Devolvo o celular para ele. — Acabei no hospital porque um maluco tentou me matar! Desculpa se me angustia pensar que possam existir outros bandidos iguais a ele por aí!

Os azuis-índigo explodem em um: *bingo!*.

— Que bom que chegamos nesse ponto.

Fico em alerta.

— Qual ponto?

Acompanho, desconfiada, Dante remexer no bolso interno do smoking... Com ele, nenhum
PERIGOSAS ACHERON

ponto é sem nó.

— No ponto em que peço que use isso e você gentilmente colabora.

Minha pulsação dispara com a belezura da peça que ele ergue e balança como um pêndulo diante dos meus olhos arregalados.

Arquejo, emocionada com tamanha delicadeza... minha mão até treme quando a pego. Uma requintada e trabalhada correntinha com dois corações em platina e diamantes entrelaçados, numa alusão ao símbolo do infinito.

Por que não colaboraria?

É deslumbrante.

— Quer que eu use uma pulseira? — murmuro encantada, encarando o rosto que parece estranhamente constrangido.

— Quero... — confirma cauteloso. — Na verdade, é bem mais do que uma pulseira. É um

dispositivo de pânico e rastreio.

Uh o quê?

Mil baldes de água fria caem sobre mim, apagando toda a magia romântica da *Cidade Luz*.

— Uma traquitana de 007? — Examino a peça sem detectar nada de diferente. — Pretende fazer o quê com isso? Controlar meus passos? Não sou vaca pra ser marcada.

Putá da vida, jogo a pulseira de volta para ele.

— Ah... pelo amor de Deus! — Resgata a joia do colo. — Não podemos viver vinte e quatro horas ligados... Isso é para uma emergência, uma situação extrema em que precise de mim e eu não esteja por perto. Só posso ter acesso ao rastreador se você o ativar.

Nossa... como sou idiota!

Cruzo os braços reafirmado meu

descontentamento.

Tava crente que era um gesto carinhoso.

— Por favor, Treas — insiste em um tom doce. — Poderia simplesmente ter mentido e dado a você com o rastreador já ativado. Minha honestidade deveria contar pontos! Além do mais, não deixa de ser bonita e um presente.

Tudo bem... respiro e conto até dez. Aprecio que não tenha mentido e a pulseira é mesmo linda, mas é um presente de grego. Nossos olhares se fixam em uma guerra silenciosa de vontades.

Droga!

Essa cara de cachorro que caiu da mudança é sacanagem!

— Como ativo o rastreador? — tomada pela curiosidade, quase amoleço.

— É só juntar os corações.

Com os dedos, força as laterais externas dos corações. Eles deslizam para o centro, sobrepondo-se em um só e um alarme toca automaticamente em seu celular.

Oh!

Engenhoca bem bolada mesmo, mas não tanto, ao ponto de amainar a indignação sufocante que se apossa de mim. Não sou uma criança que precisa ser monitorada.

— Não preciso disso, sei me cuidar.

Um grunhido frustrado vibra no peito largo.

— Eu preciso, porra! — Abre a janela e o caos de buzinas invade o táxi. — Isso aqui era pra ser uma reunião familiar... relaxei na segurança. Somos só nós dois como me pediu e, honestamente, não estou nada feliz com o circo que estou vendo. Devem ter centenas de pessoas lá dentro, a

segurança provavelmente é uma merda e como bem disse, não sabemos se existem outros Scarfaces por aí.

Encolho-me pelo barulho irritante das buzinas e porque Dante me atinge em um ponto sensível. Continuo quieta, mas começo a ponderar sobre o que diz. Assim como Maida, o ataque no pub foi inesperado e uma merda e até que essa loucura de Petronovic termine, nenhum de nós estará verdadeiramente seguro.

— Se não quiser fazer por você ou por mim, faça pelos bebês — argumenta em um golpe preciso.

Oh... Dante.

Ele sabe exatamente como fazer meu coração apertar... nossa pequena, preciosa e nova família.

Droga... droga... droga...

Por instinto, cubro a barriga. Aborrecida, fecho os olhos. Ainda é difícil absorver tantas mudanças. A Beatrice inconsequente não pode existir mais. Agora, sou uma mulher comprometida e grávida, cujas decisões e atitudes não afetam apenas a mim. Pois é... as regras mudaram e o tesouro que carrego, é tão dele quanto meu. Seria muito egoísmo e imprudência, negar-lhe a proteção dos nossos filhos.

— Treas, chegamos.

Saio do transe e lembro que ainda lhe devo uma resposta. Sem saída, abro os olhos e busco os dele. Mesmo odiando a sensação de liberdade perdida, suspiro rendendo-me ao instinto maternal e ao bem-querer a esse homem, protetor e cauteloso.

— Não consigo sozinha. Pode me ajudar com a pulseira?

Ofereço o pulso e um sorriso vitorioso, de

PERIGOSAS NACIONAIS

quem sempre consegue o que quer, curva seus lábios.

Filho da mãe!



Eu deveria estar fula da vida com a cena ostentosa que encontro nos jardins da Embaixada, mas não estou.

Decepcionada, talvez seja a palavra certa.

As lamparinas nas árvores, as tendas protegendo as centenas de mesas redondas, cobertas com toalhas de linho branco, os exagerados arranjos florais sobre elas, a pista de dança ao redor do chafariz central, o balé iluminado dos jatos de suas águas, o leão em tamanho natural, esculpido em gelo, que se equilibra no topo dela, são típicos do novo estilo aristocrata de receber de meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dizem que o poder corrompe e a riqueza cega. Meu pai mudou muito nesses anos em Paris. Às vezes, me pergunto onde foi parar o homem simples, gentil e devotado à família com o qual cresci?

Tendo na mão firme de Dante um apoio bem-vindo, movo-me cautelosamente por entre rostos nada familiares. Não estranho os olhares curiosos sobre nós... Meu Capitão se destaca, como um rei, na multidão... Sua figura alta, imponente e sexy deixa os homens intimidados e as mulheres com inveja de mim.

Sorrio convencida... nunca fui de me exibir, mas gosto que saibam que ele é meu. Tenho certeza de que meu rosto está corado. Culpa do dedão que acaricia meu pulso e passeia de forma quase erótica, por sobre a pulseira recém-colocada. Engraçado como um simples toque, se feito pela

PERIGOSAS ACHERON

pessoa certa, pode provocar sensações tão boas.

À procura das nossas famílias, me afogo em um mar de cumprimentos falsos, acenos fúteis, vestidos, joias e cheiros caros. Uma mistura de aromas enjoativos e aflitiva. Só um cheiro me agrada, o do homem que protetoramente me conduz em direção à tenda principal.

Ao longe, avisto os Stoirm conversando com meus pais e avós.

Uau!

Minha mãe está linda em um vestido verde-musgo de um ombro só. Assim que nos vê, vem até nós com um sorriso radiante. Ignoro os olhares aborrecidos de meu pai e avó e concentro-me nela.

— Finalmente! Aí estão vocês! —
Esmaga-me em seus braços. — Ah... como estava com saudades de abraçar a minha menina! Querida,

PERIGOSAS NACIONAIS

está linda e que pele é essa?! — Acaricia meu rosto. — Depois quero o nome desse creme milagroso. — Pisca conspiratória.

Meu rosto pega fogo de vez... eu sei que ela sabe o tipo de milagre que anda me deixando reluzente.

— E você, rapaz? Meu Deus! — Segura nos braços para dar uma boa olhada. — Não é à toa que Beatrice está tão arrebatada! Os anos foram realmente gentis com você!

Dá um passo para trás para nos admirar como um todo. Os olhos esverdeados marejam.

— É impressionante como combinam... sempre combinaram. — Alcança nossas mãos com as alianças. — Quanta delicadeza... as fotos da bênção ficaram divertidas. Que figura pitoresca o sacerdote.

— Ele é — Dante diz com carinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembro dos brindes animados, dou risada, mas logo esmoreço quando Maggie acena pedindo a nossa presença.

— A vovó e o papai?

A alegria sai do rosto delicado de minha mãe.

— Aqueles dois combinam... ranzinhas como sempre. — Pressiona os lábios ainda carnudos. — Martha deveria ser mãe do Peter, não minha, mas não se preocupem... peguei os dois de jeito. Uma indelicadeza e acabo com a festa. Venham.

Vou mais por obrigação do que por vontade. Os cumprimentos por parte dos Stoirm e meu avô são amáveis como sempre... não estranho quando meu pai me cumprimenta com um beijo seco cheirando a álcool e Martha nem isso faz. Minha avó meneia a cabeça sem se dar ao trabalho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de levantar da mesa ou interromper a conversa que trava com uma senhora sentada ao seu lado.

Dane-se!

Meu foco está na forma rude com a qual meu pai aperta a mão de Dante.

— Garoto Stoirm... não imagina o prazer que sinto em vê-lo.

Mordo os lábios para o: *Garoto Stoirm*. Angustio-me, há tanto desdém implícito nele.

— Imagino que sim, senhor. — Retribuindo a gentileza, Dante ignora o embaixador, título que meu pai tanto preza.

Meu coração aperta com essa antipatia que já passou dos limites e não faz mais nenhum sentido. O descontentamento no rosto, afogueado pelo álcool, é indisfarçável quando meu pai rompe o aperto de mão e olha para Anthony e Jack, que nos rondam como cães de guarda.

PERIGOSAS ACHERON

— Já que está aqui e à minha custa... —
Ergue o copo que mantém na outra mão. —
Aproveite a noite, garoto. — Vira o líquido âmbar.

Desde quando começou a beber tanto?

— É o que eu pretendo, senhor, mas não
assim. — Os azuis-índigo recaem para o copo
agora vazio. — De qualquer modo, obrigado por
me convidar.

Um: *não convidei* desenha-se no sorriso
cínico de meu pai.

Sem tirar os olhos dele, Dante se coloca
atrás de mim e passa os braços ao meu redor.

Não me importo que faça isso por pura
provocação, o carinho sincero, que vem sob a
forma de um beijo leve no topo da minha cabeça,
faz meus ombros relaxarem. Puxo o ar, deixando
que o cheiro amadeirado me acalme. A força dos
músculos e o volume do corpo atrás de mim

PERIGOSAS NACIONAIS

funcionam como um escudo contra a raiva direcionada a nós.

Um tremor sutil no bigode indica que meu pai está no limite.

— A que hora será a renovação dos votos?
— apresso-me a mudar o tema para algo mais leve.

— A valsa será em poucos minutos, senhorita.

Paul, o assessor particular da Embaixada, informa com gentileza, anunciando sua chegada como sempre discreta.

Oh...

Viro o rosto e sorrio para o homem alto e magro como um poste, que é um dos únicos que simpatizo por aqui.

— Valsa? — Estranho a mudança de planos.

— Achei melhor esquecermos a parte dos

PERIGOSAS ACHERON

votos, querida. — Mamãe olha cautelosamente para o meu pai. — Não me sentiria bem em dividir algo tão íntimo com gente que mal conheço.

Assinto, porque faz todo sentido, mas fico cabreira. Apesar de bem disfarçada, já vi essa mágoa nos olhos dela e isso não é nada bom.

— Vamos. — Visivelmente constrangido, Paul gesticula pedindo que meus pais o acompanhem. — O mestre de cerimônia quer repassar os detalhes.

Meu pai sai apressado, como se não aguentasse ficar conosco por nem um minuto mais. Minha mãe, Maggie e Paul vão a seguir, parecendo caminhar para a forca.

Que clima de bosta!

Tiro o celular da bolsa, pronta para cancelar meus planos.

— Não faça isso. — A voz grave de Dante

vibra em meu ouvido. — Eleonora ficará feliz de qualquer maneira.

Já não tendo essa certeza, giro em seus braços para ficarmos de frente.

— Acha mesmo? Viu o climão?

— Hum-hum... — Resvala nossos lábios.
— Além do mais, estou curioso...

— Filho, preciso falar com você —
Anthony nos interrompe.

Seu rosto sempre sereno está tenso, noto o celular que segura, e meu coração sobressalta.

— É sobre Scarface? — pergunto, já que o juiz nos representa no caso.

— Não, é sobre o meu aborrecimento com relações aos atos ilegais que andam acontecendo em cemitérios, prisões militares e produtoras.

Não falei?! Roubo é roubo!

Chupa, Capitão! Ponto pra mim!

Vibro, esquecendo que estou mais suja que pau de galinheiro... certeza de que o delator foi o bocudo do Romeo.

— Pai, não acho que aqui...

— Agora, filho — seu tom não permite recusa. — Beatrice, fique com seus avós enquanto damos um passeio.

Eita... me lasquei.

— Pode ir, vou ficar bem. — Toco o braço incentivando-o a ir, mesmo que não queira que vá.

Assim que os dois saem, olho desolada para a mesa onde Martha está.

Ah não... sem chances.

Certa de que uma bronca do juiz seria muito mais agradável, decido dar no pé.

— Beatrice Wild! Onde pensa que vai! Venha cá! — Meus planos vão por água abaixo

antes mesmo de executá-lo.



A ponto de esganar a vovó, aceno para o garçom que entra na tenda... Em menos de dez minutos, conseguiu espantar todas as pessoas ao nosso redor. Brigou com Jack, falou mal do grupo de *WhatsApp*, criticou a bênção às escondidas, a simplicidade da minha aliança e como foi injusto ser proibida de infernizar o Capitão.

Respiro aliviada quando o garçom chega interrompendo a conversa tóxica.

— Champanhe, senhorita?

Uma garrafa, não duas!

— Água, por favor — ignoro meu subconsciente e peço o que é saudável para os bebês.

— Desde quando recusa um *Dom*

Pérignon^[180]?

Desde que descobri que estou grávida, oras bolas.

— Andei comendo besteiras demais e resolvi fazer um detox.

Ignoro o olhar inquisitório de Martha e aceito a água.

— Imagino as gororobas militares que o soldado te obriga a comer. No mínimo, tudo enlatado. Com Lucca, não teria esse tipo de problema.

— Martha, não começa. — Jack retorna à mesa com um prato lotado de canapés.

— Me deixa, Jack! Pare de estragar e apoiar tudo que essa menina faz! Sei que idolatra o Capitão, mas não é reatando com ele que Beatrice vai resolver os problemas de autoestima.

Uh o quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho problemas de autoestima.

— Tem sim... Não me conformo que prefira Dante ao Lucca.

— Martha, não se meta!

— Me meto porque é um absurdo, Jack!

Irrito-me. Martha precisa de umas verdades bem-ditas.

— Será que não percebe que ninguém te suporta? — Gesticulo para a mesa vazia. — Conseguiu espantar todo mundo! Deus que me perdoe, mas também acho um absurdo o vovô continuar casado com uma chata como a senhora. Só um santo como ele, pra aturar tanto rancor e amargura. Como se sentiria se eu comesse a dizer que Dorothy é muito melhor para Jack do que você?

— Quem é Dorothy? — Morde minha isca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A vizinha legal que gosta do vovô.

— Ela gosta de mim? — Jack ajeita a gravata.

— Gosta, é linda e viúva. — Sorrio porque ia ser engraçado.

Um misto de choque e pânico se alastra pelo rosto pálido de minha avó.

— Não se atreva a fazer isso, menina! — rosna.

Meu sangue ferve... a naja neta que habita em mim acorda e implora por um embate com a naja avó.

Largo o foda-se, deixando que venha.

— Me testa pra ver se não faço um inferno no seu casamento. — Cruzo os braços porque sei que isso a irrita. — Não me custa nada bancar a alcoviteira enxerida... Se não quiser ficar solteira, sugiro que esqueça o Lucca e pare de azucrinar!

PERIGOSAS ACHERON

Acorda, vó, Dante não é o meu bisa^[181]. Ele não queria ir embora, foi obrigado a isso!

Os olhos verdes de Martha titubeiam com a novidade. Aproveito o queixo caído e continuo:

— Só um conselho: é bom que trate o Capitão como o herói que é e aceite de uma vez por todas, que estamos juntos. Eu o amo e a decisão de perdoá-lo e seguir em frente, é minha, não sua. — Martha faz sua melhor cara de sofrida, pronta para contra-atacar. Ergo a mão imune ao drama. — Chega! Nem venha com chantagem! Por favor, não me obrigue a escolher. Nessa briga, sou *Team*^[182] Dante.

De saco cheio de tanta chatice, levanto.

— Se o Capitão aparecer por aí, avise que fui para o jardim esperar pela valsa — digo e Jack murmura um sim orgulhoso.

De alma leve, ignoro o choro fingido de

PERIGOSAS NACIONAIS

Martha, saio da tenda e começo a marchar pelo jardim.



Escondida num canto escuro do jardim, não liberado para a festa, observo a movimentação na pista de dança e relaxo. É... têm coisas bem mais constrangedoras do que uma avó insuportável na família... eu que não queria estar na pele da Condessa DeVille que tem que aturar um marido, trinta anos mais jovem, completamente bêbado e tentando encoxar o traseiro da mulher do Cônsul Chinês.

É patético como esse povo endinheirado, que acha que controla o mundo, se descontrola depois de uns drinques grátis.

Pronto! Errou de bunda!

Não aguento, caio na gargalhada.

PERIGOSAS ACHERON

O playboy paspalhão não só apalpou o traseiro murcho do Cônsul no lugar do rechonchudo, como tomou um baita escorregão, na tentativa de dar ré e sair à francesa. Espero que esse aí tenha a amnésia alcoólica, não vai ser nada divertido, acordar e lembrar do mico que foi ser retirado da festa nos braços de seguranças.

— Gosto desse som. — A voz inconfundível de Dante ecoa no escuro. Sorrio. É claro que me acharia fácil.

— Qual som?

Viro e a figura incrível dele revela-se aos poucos, à medida que se aproxima.

— Desse seu riso solto.

Sorrio sem que perceba.

— Estava me vigiando, soldado?

Ao parar na minha frente, bate uma revista intensa em mim, como se estivesse sem me ver há

PERIGOSAS NACIONAIS

um tempão.

— Só admirando. — Com o dorso da mão, acaricia a lateral do meu rosto. — É de longe a mulher mais linda da festa.

Abro um outro sorriso.

Deus, como amo ser elogiada por ele!

— Meio escuro aqui. — Olha ao redor. — Estava começando a ficar preocupado. Demorei um pouco pra te encontrar.

Acompanho o olhar preocupado... os jardins da Embaixada não são gigantes como os de Versailles, mas dão para o gasto. Abrem-se em um vasto e bem cuidado gramado e na parte posterior há um pequeno bosque privativo. Um pouco isolado, mas não tão distante da área da festa, para se tornar perigoso.

— Sabia que encontraria... tomei o cuidado de ficar à vista. — Acaricio o braço para

PERIGOSAS ACHERON

acalentá-lo. — Como foi com o seu pai?

— Não tão ruim, mas seguramente não tão bem quanto você com sua avó. — A sobrancelha cicatrizada sobe. — Que milagre rolou lá? Voltei preparado pra enfrentar a fera, em vez disso, ela sorriu, ofereceu canapés e ainda puxou papo perguntando se eu conhecia Dorothy.

Volto a gargalhar.

O que o medo de perder um homem não faz?

— O milagre do álcool, conhece? — Miro no rosto descrente. — A vovó fica um doce depois de umas doses.

— Sério? Não lembrava desse lado beberrona. Amanhã mesmo vou pedir que separem uma caixa de *Born in Chaos*, reserva especial.

— Não... tá louco? — Espalmo o peito.
— Não vou deixar que gaste uma fortuna com

minha avó.

— Não é gasto, Inglesinha... é investimento.

— *Mesdames et messieurs!*^[183]

A voz do mestre de cerimônias ecoa antes que possa me sentir culpada pela mentirinha do bem.

— Peço que esvaziem a pista. O excelentíssimo senhor Embaixador Peter Wild tem a honra de convidar sua adorável esposa, Eleonora, para a pista.

— Vem.

Pego a mãozona e começo a arrastar Dante pelas árvores.

— Não sei se percebeu, mas a pista é para lá.

— Engraçadinho... Aquilo ali tá muito concorrido. Conheço um lugar com vista melhor

PERIGOSAS ACHERON

para a pista.

Acho o que eu quero e começo a subir.

— Uma casa na árvore? Ei, cuidado nessa escada!

— Relaxa. — Sem tirar a mão das cordas da escada rústica, olho para baixo. — Pensou que só você tivesse esse privilégio?

Chego ao topo e ele vem em seguida.

— Já não estava meio grandinha quando seus pais mudaram pra cá?

Engatinha sobre o tablado e senta ao meu lado com as pernas compridas pendendo no ar.

— O antigo embaixador tem gêmeos pequenos e uma filha adolescente. Na verdade, foi feito para que a menina pudesse ter um pouco de sossego para ler, sem ter os pestinhas rasgando os livros.

— Bela vista. — Circundando meu ombro,

PERIGOSAS NACIONAIS

me traz para mais perto.

— Hum-hum... — É tudo que digo.

Meus pais atravessam a pista de dança. Apesar das mãos entrelaçadas, os dois parecem distantes e desconectados.

— Alguma coisa tá rolando.

— Eu sei, meu pai tá muito estranho e minha mãe magoada.

— Aproveita que está aqui e conversa com ela.

— Preocupada em me poupar do jeito que é, não vai se abrir. O jeito vai ser arrancar alguma coisa do meu pai. Antes de irmos, vou tentar bater um papo com ele e descobrir o que está pegando.

Os acordes de *Your Song*, de Elton John, são a minha deixa... pesco o celular na bolsinha e busco o aplicativo que o fornecedor desenvolveu para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elton? Pensei que fosse uma valsa?

Faço uma caretinha, franzindo o nariz.

— Não... No caminho pra cá, parei na mesa de som e mudei umas coisinhas... minha mãe odeia valsas, já que tem que se expor, que seja com a música que ama.

Sorrio com ternura... o rosto dela ilumina surpreso com a mudança no tema... na certa, vai pensar que o embaixador fez isso... e daí, não importa. A emoção estampada em seus olhos verdes vale qualquer mentirinha.

Sob uma onda de aplausos, eles começam a se movimentar sobre a pista... é agora. Aperto o comando no aplicativo, a multidão silencia em êxtase quando a mágica acontece... O bosque ganha ares de um mundo encantado, aos poucos, centenas de luzes acendem pintando as árvores em tons de lilases, vermelhos, amarelos e verdes intensos...

PERIGOSAS ACHERON

— Caralho, Treas... é lindo!

Meus olhos marejam, minha mãe parece radiante, sem sinais da tristeza de minutos atrás... com um sorriso, olha para os lados... e em seus lábios consigo ler um: *Ah... Beatrice.*

Amém... acertei.

— Ela ama luzes, especialmente as dos festivais nos parques de Londres... queria trazer um pouco dessa magia pra cá... foi às escondidas, em um deles, que eu fui feita.

— Olha só, sabia que estava no DNA...

— Pois é... — Dou risada. — Não somos só nós que temos um histórico de libidinagem no parque.

Com um riso profundo, puxa-me para o seu colo, envolvendo-me em um abraço apertado.

— Tenho que agradecer a Eleonora pela ousadia... agora está explicado como fez pra mim a

PERIGOSAS NACIONAIS

mais especial das criaturas... você é iluminada,
Beatrice Wild.

Não digo nada, apenas aconchego-me a ele
e observo o espetáculo de dança dos meus pais na
pista.

Mordo os lábios para não chorar. Em meu
ouvido, Dante começa a cantarolar baixinho... e
isso é tão raro. Tinha me esquecido o quanto ele é
bom nisso. Emociono-me, mais um tanto, e rio feito
boba quando ele muda os trechos finais da letra de
propósito...

*... Não importa... espero que me desculpe, mas está
feito...*

... São verdes e castanhos...

... Você tem os olhos mais fofos que eu já vi...

*... Eu sei que não é muito, mas é o melhor que
posso fazer....*

PERIGOSAS ACHERON

... A vida é maravilhosa com você no meu mundo...

Assim que a música termina, uma nova onda de aplausos ecoa... manejo meu corpo para segurar o rosto lindo e barbudo entre as mãos.

— É muito sim... é o meu cara, Dante Stoirm.

— Será que estamos muito à vista aqui?

— Ei, vocês dois! Que pouca vergonha é essa aí em cima?

Um homem ruivo com um *walkie-talkie*^[184] grita lá de baixo.

— Pouca vergonha, o seu...

Tampo a boca suja do meu Capitão... Deus me livre de sairmos daqui, igual o playboy paspalhão.

— Isso responde a sua pergunta? — sussurro para Dante e sorrio para o ruivão. As luzes
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mágicas, nas árvores, deixaram nosso cantinho iluminado e exposto. — Tudo bem, seu segurança, sou filha do embaixador. Só estávamos acompanhando a dança dos meus pais. Estamos descendo.



— Segurança arrombado do caralho!

— Dante! — repreendo um muito puto Capitão que segue atrás de mim.

— Que foi? — rosna.

— Fale baixo! Tá querendo ser expulso?

— Expulso o cacete! Não íamos fazer nada de mais.

Aham... sei que não íamos.

Espio o homem que nos escolta em fila indiana. Ou é surdo ou muito bonzinho.

O que Dante achou? Que toparia uma
PERIGOSAS ACHERON

safadeza lá em cima? Tudo bem que nunca precisei de Activia^[185] pra fazer merda e que ele é um gostoso irresistível, mas sou uma mãe! Ter o meu traseiro exposto e clicado para prosperidade e meus filhos se depararem com ele em alguma *selfie* repassada no *WhatsApp*, nem pensar!

No gramado, cruzo com Paul, que informa o paradeiro dos meus pais: mamãe voltou para a tenda e meu pai foi para o escritório. Decido ir direto para o embate. Entendendo que provavelmente não terei outra oportunidade de falar, a sós, com o embaixador, Dante não oferece muita resistência quando sugiro que volte para a tenda enquanto o assessor me escolta até a Embaixada.

— Obrigada, Paul.

Sozinha e um pouco ansiosa, subo a escadaria da varanda, que contorna todo o piso

térreo da Embaixada. Entre vasos de folhagens exuberantes e sofás com estampas tropicais sigo rumo ao escritório, que está com as portas francesas entreabertas.

Respiro, avanço e paro, alarmada com o tom ríspido que vem de meu pai.

— Eu mato aquela filha da puta!

Quem? Que papo é esse que está rolando aí dentro?

Grudo na parede e num deslizar de costas, aproximo-me para poder ouvir melhor.

— Pode dispor de alguma quantia, para tentar acalmá-la?

— Claro que não! Estou quebrado, aquela puta não vai aceitar um engodo. Oitocentos mil ou nada... Está marcando em cima, bloqueei os números, mas Eleonora já está desconfiada.

Não estou acreditando que ele arranhou

outra amante!

Penso em sair, mas meus pés não obedecem... a decepção e indignação são maiores. Com esforço, desgrudo da parede e, protegida pelo corredor escuro, espio o interior do escritório pelas frestas da porta francesa. Meu pai e um homem, elegante e calvo, que já vi algumas vezes, estão sentados em poltronas degustando de charutos e *whiskies*...

— Hilda é vento leve nas rodas políticas. Chega, faz um estrago, mas nunca dá em nada. Ela foge dos tribunais e mesmo se não o fizesse. Uma puta contra um embaixador respeitado? Um bom discurso, algumas lágrimas e estará livre. O problema maior será a imprensa, a mulher aprecia uns minutos de fama.

— Fama a qual não preciso, William...

— É um homem público e visado,

embaixador... Jogos de azar e putas não são novidade no nosso meio, mas essa belga é conhecida... Como foi cair em um golpe tão óbvio?

— Estava bêbado feito um gambá e aquela puta é doce com o mel.

— Doce e muito esperta. *Drinks*, sexo e um ombro amigo.

— Isso vai acabar com a minha vida.

— Não se eu puder evitar, embaixador. O que deu a ela?

— Estava bêbado e nostálgico... depois do sexo, acabei dando detalhes de um passado que deveria manter esquecido.

— Que tipo de detalhes, embaixador?

Meu pai hesita, mas depois de um longo suspiro começa a falar.

— Logo que cheguei em Paris, perdi uma fortuna no jogo e os agiotas já estavam

impacientes. Em Londres, recorria ao juiz Anthony... ele sempre me salvou em nome da amizade, mas chegou um ponto em que me fez prometer nunca mais chegar perto de uma mesa de pôquer. Sendo ele um dos homens da Rainha, não podia arriscar a pedir socorro de novo. Droga! Estava fora e mim e sem saída... Foi humilhante, mas acabei pedindo arrego para o namoradinho da minha filha... porra, o garoto Stoirm tinha ganho uma bolada! Podia muito bem bancar meu lazer.

— Está falando de Dante Stoirm, o Cavaleiro da Rainha?

— Ele ainda não era Cavaleiro... Mesmo contrariado, cobriu minhas perdas, em nome da admiração de Beatrice por mim. Não queria que ela sofresse uma decepção ou abandonasse os estudos... mas quando quebrei feio, numa banca em Amsterdã, a coisa mudou. Não sabia, mas era o

PERIGOSAS NACIONAIS

mais novo dos Stoirm que cuidava das transações financeiras pelos outros no Exército. O moleque avisou ao pai sobre as transferências constantes. Anthony pressionou Dante e exigiu que desse um fim nisso. Apaixonado por Beatrice, o garoto desobedeceu ao juiz... Veio até mim, disse que pagaria, mas teve a petulância de exigir que abandonasse o pôquer e começasse um tratamento! Um tratamento!

O copo lançado contra a parede, num acesso de fúria, me faz sobressaltar.

— Não sou viciado! Uma clínica acabaria com a minha carreira! Tinha acabado de ser nomeado embaixador!

Cubro a boca, abafando um gemido. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo... É inconcebível que meu pai tenha explorado Dante de maneira tão vil... usar o amor do Capitão por mim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para encobrir seus vícios foi de um egoísmo sem tamanho.

— Fiquei sem saída... procurei um amigo, que ofereceu ajuda, mas em troca, pediu que deixasse o caminho de Beatrice livre.

Uh o quê?

— Por Cristo, embaixador! Não me diga que vendeu sua filha?

Jesus!

— Claro que não! Amo minha filha, mas o soldadinho me humilhou... tinha mais lealdade à Beatrice do que a mim! Yuri a tratava como uma joia e de quebra, me respeitava, tínhamos alguns negócios rentáveis... Qual o problema de querer garantir um futuro de luxo para a minha menina e o fim das dívidas?

Ama nada! Mentira!

Meu estômago contrai, enojada por ter

PERIGOSAS ACHERON

caído nas garras de um homem, que, pelo jeito, me desejava antes mesmo da viuvez... Eu não estou escutando isso...

— Vira um problema dependendo do que se está disposto a fazer por isso... Tentativa de assassinato é coisa séria, embaixador. A belga tem razão sobre o atentado de Oxford?

Assassinato?

Sentindo o pânico me tomar, estendo a mão para apoiar na parede... Perco o controle das pernas... escorrego e planto joelhos e mãos no piso frio... o ar começa a faltar... inspiro, expiro, inspiro expiro...

Deus!

Meu peito dói tanto que parece que vai estourar.

— Assassinato, uma merda! Nem em Londres, estava... Quem mexeu naquele freio

morreu há dois anos, não há nada que nos ligue. O cara era um gênio, reviraram o carro e não chegaram a lugar nenhum.

*Deus... isso não pode estar acontecendo.
Diz pra mim que é um pesadelo, diz.*

Lágrimas pesadas de ódio e revolta começam a cair silenciosas...

— Puta que pariu... isso é sórdido, até mesmo para alguém sem escrúpulos como eu...

O homem reflete o meu repudio e a risada de escárnio, que recebe como resposta, penetra no meu peito como uma faca.

Deus-meu-pai-é-um-monstro-amoral.

— Ah, faça-me o favor, William! Sórdido nada! — rebate parecendo até ofendido. — Fiz o que era preciso, por pura sobrevivência! Beatrice nem deveria estar lá! Anthony tinha desabafado sobre as ameaças vindas do Sudão... Queria dar um

PERIGOSAS NACIONAIS

susto, fazer o soldadinho acreditar que era coisa dos terroristas. O bostinha Stoirm estava tão apavorado com a possibilidade de a família sofrer represálias, que nem pensou duas vezes. Só precisei forjar um bilhete de falsa autoria, chamá-lo para uma conversa e bancar o pai zeloso... Culpado e desesperado como estava, foi fácil arrancar dele a promessa de sair de cena e o silêncio sobre o nosso acordo.

Não... não... não... Eu não acabei de ouvir isso! Não pode ser real!

Esse mundo doente que está sendo revelado a mim, não é meu!

Quero me arrastar até o escritório... gritar, confrontar, bater em meu pai, mas não tenho forças... não preciso de explicações ou mentiras... está feito. Peter Wild morreu para mim. A dor no peito e a pressão na cabeça estão tão sufocantes que

PERIGOSAS ACHERON

começo a temer pelos bebês. Eles são importantes, Peter não mais. Endireito-me, grudo em um vaso e com as mãos sobre a barriga, volto a inspirar e a expirar... concentrando-me nos exercícios desestressantes que a doutora Megan ensinou.

— Só vejo uma saída, embaixador... Peça ajuda para o seu amigo. Se é poderoso como diz, certamente poderá cobrir o valor da chantagem.

— Esquece... Yuri está possesso que Beatrice reatou com o Capitão. Disse que não cumpri minha parte no acordo e rompeu relações.

O toque estridente e conhecido do celular de meu pai toca...

— Preciso voltar para a festa... O Governador está perguntando por mim.

Encolhida no meu cantinho, acompanho os dois saírem do escritório e caminharem calmamente pela varanda mal iluminada, até

PERIGOSAS NACIONAIS

sumirem. Grata por não terem notado minha presença... pego o celular... meus dedos tremem, mas consigo digitar a mensagem.

Estou no escritório, preciso que me tire daqui.

Não sei quanto tempo transcorre até o momento em que ouço uma legião de passos apressados despontarem no fim do corredor... saltos femininos estalam no mármore, misturando-se entre as passadas masculinas secas e firmes.

— Treas!

— Aqui — respondo ao chamado angustiado de Dante surpreendendo-me com o tom calmo de minha voz.

Estou tão anestesiada pela dor que não tenho forças nem para olhar... Queria que ele estivesse só, mas quem se importa? Expor meus

PERIGOSAS ACHERON

dramas é o menor dos meus problemas. Uma hora todos terão que saber quem é o Peter...

Cristo!

Acho que nunca mais conseguirei chamá-lo de pai.

— Que porra aconteceu aqui? — Dante cai de joelhos diante de mim. — Foi aquele desgraçado? Ele fez isso, encostou em você? Está machucada?

Embora esteja machucada, minha cabeça agita um não automático... a surra que levei não foi física. Irrracionalmente, ergo o olhar para o grupo ao nosso redor, temendo a presença de Peter.

É claro que o crápula não estaria aqui. Mais segura, um soluço de alívio escapa da minha garganta.

— Deus, filhinha! — Minha mãe cobre a boca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma, amiga. — Maggie a abraça. —
Vamos dar espaço para os dois.

— Eu mato aquele filho da puta! — Jack
explode ao lado de um Anthony sisudo.

Aliviada por Martha não integrar o grupo,
ignoro a comoção. Concentro-me nos azuis-índigos
que vagueiam aflitos por sobre meu rosto e corpo...
Espero, mas estranhamente, as mãozonas fechadas
em punho, que pressionam as coxas tensas, não me
tocam e preciso desesperadamente que me toquem.

Lanço-me sobre Dante em um abraço
desesperado... Solto o ar quando sinto o corpo
protetor e suspiro com o toque das mãos que
começam um vai e vem sobre as minhas costas.

— Shhhhh... Estou aqui. Vai ficar tudo
bem, Inglesinha — sussurra em meu ouvido, o que
tem o efeito de uma dose de cavalariagem de calmante,
direto na jugular.

PERIGOSAS ACHERON

Relaxo um pouco. Mesmo tenso e trêmulo, Dante é paz e segurança na porcaria de um mundo que não está fazendo nenhum sentido para mim.

— Será que pode nos dizer o que está acontecendo, querida? — Anthony manifesta-se pela primeira vez.

Desgrudo o rosto da curvatura do pescoço poderoso e olho apreensiva para minha mãe... as revelações de Peter vão destruí-la.

— Não sei se devo...

— Vá em frente... a festa está longe, a varanda escura, ninguém pode nos ver ou ouvir — mamãe incentiva-me interpretando errado o meu maior medo. — Estamos aqui por você.

Eu sei que estão, mesmo assim busco pelos azuis-índigo, esperando que apoie meu desejo de adiar o inadiável... *Droga!* A tempestade negra que há neles diz que meu Capitão também está

ansioso por fatos.

Sem saída, puxo o ar... vai ser doloroso, mas é melhor despejar de uma vez, as barbaridades do embaixador... Protegida pelos braços fortes, começo a falar... ao longo do meu monólogo, tenho que segurar as lágrimas e limpar a garanta diversas vezes, mas vou relatando tudo o que ouvi...

Termino e mamãe está pálida feito um fantasma... suas feições delicadas evidenciam todo o choque, revolta e mágoa. É horrível ter sido eu, a mensageira de sua desgraça.

Meu coração machucado, sangra mais... A perplexidade é generalizada, como se tivessem sido atingidos por um desastre de proporções épicas e inesperadas... Sobressalto-me com o grito sufocado que vem do juiz:

— Maggie poderia ter morrido! — Pela primeira vez na vida, vejo Anthony perder o

controle.

— Querido, acalme-se! — Maggie o abraça com força. — Estou bem... foi há muito tempo...

— Para a puta que o pariu, que foi há muito tempo! — explode ainda mais inconformado. — Peter fez isso por vingança, para nos atingir! — Olha seriamente abalado para Dante. — Como pude ser tão cego? Aquele safado era meu amigo! Meu amigo! Fez-me acreditar que entendia que só queríamos ajudá-lo, bancou o viciado arrependido, mas por trás... Foda! Foda! Foda! Destruir minha família? Tirar de nós o que é mais precioso? — Aperta a mulher nos braços como se precisasse sentir que ela é real, está ali e bem.

Amparada por um Dante, que treme da cabeça aos pés, levanto. Seu silêncio é alarmante... quase posso ouvir um tique-taque da bomba relógio

prestes a explodir dentro dele.

Chocada pela gravidade das revelações, a possibilidade de uma vingança pessoal aos Stoirm estar inclusa no pacote perverso de Peter, nem passou pela minha cabeça.

Sinto-me suja. Todas as minhas células estão contaminadas pelo sangue do monstro que amei e admirei cegamente, até poucos minutos atrás.

— Senhor... — dirijo-me ao juiz, que ainda esbraveja. — Sinto muito, se pudesse voltar no tempo... nunca foi minha intenção causar tanto sofrimento...

— Não faça isso! — Dante ruge. — Não se atreva a culpar-se!

— Como não? Sou filha dele — sussurro desolada.

— Esse desgraçado te usou como moeda

de troca, porra! Peter não é seu pai! Um pai não coloca os interesses pessoais acima da família! Um pai ama, cuida e protege, não engana, trai e fere! Poderia ter morrido, cacete! — Imprensa meu rosto entre as mãos. — Não consegue ver? Todos nós somos vítimas... Esses anos não foram roubados apenas de nós... meus pais, sua mãe, seus avós, até os porra-loucas dos meus irmãos! Todos foram afetados... tiveram a boa-fé usurpada e sofreram conosco... O caralho da culpa não é sua! O bosta é ele, não você e nem nós!

— Querida, escute Dante — Maggie intervém com suavidade. — Não tinha como perceber... é seu pai, o amor cega. Meu filho está certo. Todos nós fomos enganados... Anos e anos de convivência e nunca percebemos o quão profundamente errados estávamos em nossos julgamentos. A maldade pode ser muito sedutora e impossível de ser detectada se encoberta por um

PERIGOSAS ACHERON

manto de sorrisos falsos e palavras macias.

Assinto porque foi assim com Bronx.

Contrariando seu temperamento sereno, minha mãe também explode:

— Maggie tem razão! Pra mim chega... acabou! — Busca apoio nos braços de Jack.

Assusto ao ver um lado materno inédito. Viro uma confusão só e não importa o que digam... a culpa, que já era grande, aumenta.

— Mãe... des-desculpe ter des-destruído tu-tudo... — gaguejo. — Merda! Se não tivesse bancado a enxerida e vindo atrás...

— Continuaríamos a viver em um mundo de mentiras... — completa em uma leitura diferente da minha. — A verdade, especialmente uma tão dura, é difícil de aceitar, mas ela está aí... — Aponta para a veneziana entreaberta do escritório como se Peter ainda estivesse lá — Cruel, suja e

escancarada, não dá para fugir. Daria tudo para poupá-la e ser eu em seu lugar. Imagino o quão pesado foi ouvir tudo aquilo, mas se te acalenta há algo de bom... vou poder finalmente me libertar e recomeçar.

Hã?

Agora que minha cabeça entra em curto.

— Libertar-se? Há quanto tempo? — Arregalo os olhos mesmo sem querer. — É claro que depois do que ouvi, meu maior desejo é de que a senhora fique longe dele, mas pensei que tudo estivesse bem... a renovação de votos, essa festa... aquela conversa de: seu pai errou, arrependeu-se e eu o perdoei... águas passadas? Ah, mãe... eu te pedi tanto... não me diga que escondeu seu sofrimento, de novo, só pra me proteger?

— Beatrice, não julgue sua mãe... ela está certa. Fez o que pensou ser melhor pra você.

Até tu, Jack?

Até quando vão me superproteger?

— Ah, meu bebê... É tão difícil tomar a decisão de partir... Iludi-me com as promessas de mudança. quis acreditar. — Os ombros delicados caem derrotados. — Mantive-me acorrentada a uma redoma de falso conforto. Deus! Essa viagem para a Bélgica despertou os meus demônios. Não adianta, uma mulher sabe... Os telefonemas insistentes daquela mulher... Nunca desconfiei dos jogos, mas os indícios de prostitutas e noitadas voltaram com tudo. Pergunte ao Paul... viu o meu sofrimento e tem me ajudado muito. Encontrei nele um amigo fiel, que me fez enxergar o quão abusivo meu casamento é... Mantive a festa para ganhar tempo e foi bom que Peter a transformou em um circo. Não conseguiria reafirmar os votos... não agora que pretendo exigir o divórcio e voltar para

casa.

— Por favor... venha para Londres com a gente... — suplico.

— Nem acredito que terei minha amiga de volta — Maggie emociona-se.

— Treas tem razão... seu lugar é conosco, Eleonora — Dante me apoia.

— Obrigada, mas ninguém merece uma sogra a tiracolo. — Um sorriso triste permeia os lábios de mamãe. — Além do mais, preciso do meu canto... já vinha conversando sobre isso com Jack... planejo ficar com eles até conseguir um advogado... Por Cristo! Depois dessa notícia sobre dívidas com jogo, não sei o que restou, mas ajudei a construir o que temos, não é justo que Peter fique com tudo.

— E o atentado? Ele não pode ficar impune! — Desespero-me que tudo fique por isso mesmo. — Tem que ter um jeito de fazê-lo pagar!

PERIGOSAS NACIONAIS

— A palavra de uma prostituta chantagista conhecida não terá peso para a lei. Sem uma confissão, dificilmente conseguiremos incriminá-lo, mas podemos atingi-lo no que lhe é mais precioso: reputação e dinheiro. Eleonora, se permitir, será uma honra representá-la e um prazer acabar com ele nos tribunais — Anthony prontifica-se.

— Não temos uma confissão formal, mas temos o meu testemunho. Posso ir a uma delegacia...

Paro de falar, interrompida pela mesma risada de escárnio que me enojou, minutos atrás.

— Ora, ora... que belo motim temos aqui!

Merda!

Como um efeito dominó, viramos, para encontrar Peter com as costas apoiadas em uma das colunas da varanda e as mãos no bolso... ele parece se divertir com o que vê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixe de ser ridícula, filha. — Toda a diversão some de sua voz. — Acha mesmo que a polícia vai acreditar nessa história?

— Por que não tem um pouco de dignidade e confessa logo o que fez? — sugiro ingenuamente.

Peter ri.

— Confessar o quê? Não fiz nada... — Escrutina-me com desprezo. — Olhe só para você... não passa de uma filhinha problemática e mimada, brava com o papai só porque ele proibiu o namoro.

Hã?

Que cretino!

— Pare de mentir! Isso é um absurdo! — Tento avançar, mas Dante me segura.

— Velho desgraçado! — Dante rosna, com o corpo todo tensionado.

— Absurdo é um pai zeloso como eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permitir que sua única e adorada filha namore um fodido de guerra, tão problemático que até presa já a levou!

Deus!

Ele fala com tanta convicção que é bem capaz da polícia cair na dele!

— Chega, Peter! — Mamãe exalta-se. — Já não basta destruir a todos nós?

— Você é outra, Eleonora! Uma louca suicida que nunca suportou meu sucesso!

Uh o quê?

Vejo vermelho... escapo dos braços de Dante e corro com um jato, partindo para cima.

— Desalmado! Não fala assim da minha mãe!

— Treas, não!

Cheia de raiva e nojo, consigo dar uns três socos e meio no peito do meu ex-pai antes que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante enlace minha cintura e me afaste.

— Me solta! — Esperneio e o fornecedor de esperma, vulgo ex-pai, ri triplicando a minha ira.

— Amor, calma!

— Calma uma ova! — Debato-me.

— Filha, não caia na dele! — Minha mãe implora. — É isso que Peter quer, que perca a razão.

— Dane-se! — Tento sem sucesso chutá-lo. — Não vou descansar até te colocar atrás das grades! — ameaço em um berro e o salafrário cai na gargalhada.

Pouco me importando se pareço uma louca... tomada pela raiva e impedida de atingi-lo fisicamente, apelo para o que me restou como arma e começo a cuspir.

Erro o alvo, mas lembro das técnicas juvenis ensinadas por Dante, tomo fôlego, faço um

PERIGOSAS ACHERON

lançamento perfeito e o atinjo bem no olho.

Bingo!

Sorrio quando o ódio mortal se desenha no rosto do meu ex-progenitor.

Opa!

Uma mãozona furiosa e fechada em punho vem em rota de colisão direta com a minha cara.

Deus!

Dante larga minha cintura e intercepta o golpe a milímetros de fazer um estrago no meu nariz.

— Seu fodido!

Dante urra feito um bicho louco e parte para um ataque enfurecido desferindo socos no meu agressor e ex-pai, que, infelizmente, estando em excelente forma em seus cinquenta e cinco anos, tenta um contra-ataque.

— Ninguém toca na minha mulher, porra!

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma gritaria generalizada eclode. Os dois rolam no chão... Anthony e Jack tentam apartá-los, mas acabam se embolando e mais atrapalham do que ajudam... Nossas mães só sabem chorar e gritar.

Ai, meu Deus!

Desconfiada de que Dante não esteja dando tudo de si, por causa da idade de Peter, fico irritada, me meto no meio e tento fortalecer meu time com um elemento surpresa... minha muito dura bolsinha de festa, linda e prata... acerto a cabeça de Peter e: *Ops*, o rosto de Dante.

Na busca por um ângulo mais efetivo, esbarro nos corpos engalfinhados, perco o equilíbrio e caio de bunda.

— Cuidado, Treas! — Dante perde o foco e é golpeado no rosto.

— Não acredito que deixou ele te bater! —

PERIGOSAS ACHERON

Revoltada, levanto decidida a voltar para a luta.

— Nem vem! Fica aí! Nossos bebês!

— Estão bem! — tranquilizo... a adrenalina da luta me deixou animada.

— Bebês? — Maggie e minha mãe berram ao mesmo tempo.

Jesus!

— Mete logo um de direita e acabe com isso! — exijo como uma treinadora.

— Vou ser bisavó?

Vó Martha?

Onde?

Fodeu!

Tiro os olhos de Dante, que acaba de atordoar meu ex-pai com um de direita certo... e busco por vovó... Ela acompanha tudo do gramado... Paul está ao lado dela, com olhos esbugalhados e furiosos, e estranhamente, segura

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mangueira grossa de jardim.

— Manda brasa, Paul! Não acredito que fui ao banheiro e perdi tudo isso! Bisnetinhos, que maravilha!

Maravilha?

— Não! — berro tardiamente ao entender o manda brasa.

Pulo para trás para me proteger do dilúvio... Um jato potente de água invade a varanda inundando o chão... Dante rola para um lado, Peter para outro, Anthony esquiva-se e meu avó quase afoga quando o jato vem direto para o seu rosto. Atraídos pela confusão, convidados começam a se aproximar.

— O que está acontecendo? — Um segurança baixinho chega correndo.

A cena é de um tsunami do caos... corro para Dante, que levanta arfando e todo molhado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O embaixador tentou me assediar! —
Maggie berra pegando a todos de surpresa. — Meu
filho viu e me defendeu!

Uh o quê?!

Os convidados vão ao delírio.

— É mentira! — Peter desespera-se e fica
de pé.

Com um olhar cúmplice, Anthony e Jack o
cercam, provavelmente para impedir que fuja.

— É verdade! Que humilhação, meu Deus!
Eu vi tudo e gritei por socorro! — Minha mãe
aproveita o choro já existente para o seu teatro. —
Como pôde fazer isso comigo, Peter? Abusar da
minha melhor amiga no dia do nosso aniversário de
casamento?

Jesus, Maria e José!

Essas duas são terríveis, não é à toa que
são melhores amigas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei se choro, rio ou aplaudo... não me agrada a ideia da mentira, mas não posso julgar Maggie... meu ex-pai quase tirou a sua vida, crime do qual, provavelmente, irá se safar... Ela só está usando as armas que tem e a astúcia feminina para conseguir sua vingança e, de quebra, garantir um álibi irrefutável para o divórcio de minha mãe.

— Onde estava que não viu isso? — Entro na farsa e enfrento o chefe da segurança, que chega na varanda trazendo reforços.

— Não acreditem nessas malucas! — Peter desespera-se, olha para o lado, mas não há saída. — Um escândalo desses pode acabar com a minha carreira!

Os convidados exclamam divididos... uns apoiando ferozmente o embaixador enquanto outros, mais extremistas e bêbados, sugerem um linchamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Maluca não! Sou Margareth Stoirm, esposa respeitável de um Juiz Parlamentar, mãe orgulhosa de um Cavalheiro Real e amiga íntima da Rainha!

— Isso é um absurdo! — Peter vocifera.
— Não enxergam? Estão todos mancomunados contra mim.

— Ahhh... Papai corta o meu coração vê-lo assim... — Forço um tom doce surpreendendo o cretino. — Todo esse tempo só estamos tentando ajudá-lo... amamos você. Como pode ser tão cego? É o vício que irá acabar com tudo, não nós... — atesto em uma preocupação fingida. O rosto do embaixador fica ainda mais vermelho. — Anda bebendo demais e perdendo a clareza das coisas — ironizo e ele engasga. — Estamos unidos, porque somos uma família. É isso que pessoas que se amam de verdade fazem, se apoiam... lutam e

protegem umas às outras.

Primeiro o corpo de Peter treme, depois ele explode.

— Deixe de ser ridícula! Família uma merda! — fala cuspendo. — Se me amasse teria feito o que pedi, ficado com Yuri e não voltado com esse merda! É uma egoísta, só pensa no melhor pra você!

— Deus, o senhor está louco! — Seguro-me para não voltar a bater nele.

— Treas, os bebês. — Dante envolve meu ombro. — Já foi... o embaixador se fodeu nessa.

Respiro e assinto, mesmo que não esteja convencida disso.

— Senhores, façam o trabalho de vocês e detenham esse homem — Anthony ordena com gentileza.

— Mas estamos na casa dele e é um

PERIGOSAS NACIONAIS

embaixador. — O chefe da segurança titubeia.

— E só por isso está acima do certo e errado? — Dante irrita-se.

— Vai à merda, soldadinho! — Peter cospe em nossa direção. — Estamos em Paris, não no Parlamento inglês! — Muda o foco da ira para o juiz. — Você não tem nenhuma autoridade aqui, Anthony!

— O juiz pode não ter, mas eu tenho. — Dante me larga e dá um passo à frente. Sua postura é tão dura que os seguranças recuam. — Não me obriguem a usar da autoridade concedida a mim pela Coroa e detê-lo eu mesmo por flagrante delito. Podemos estar em Paris, entretanto é um cidadão inglês e a Embaixada é um território do Reino Unido. — Dante dá a cartada final.

Para a desgraça do meu ex-pai, o chefe de segurança rende-se com um suspiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deseja prestar queixa, senhora?

— Oh, oficial... estou tão abalada. Esse sem-vergonha tentou apertar o meu traseiro... — Maggie choraminga. — Mas sim, claro que prestarei queixa. Vai ser um escândalo, mas não vou fugir do meu dever como mulher, melhor amiga e futura avó...

Pisca emotiva para mim e a pequena multidão, que nos acompanha lá da grama, aplaude.

— Desgraçados! Paul, chame William e ligue para os meus advogados!

— Desculpe, embaixador. Sugiro que o senhor mesmo ligue. — Paul larga a mangueira na grama. — Eu me demito.



— Caralho. Isso aqui tá pelando!

Dante tira a perna da banheira respingando

PERIGOSAS ACHERON

água no chão.

— Deixa de ser chato e entra logo. — Encolho o corpo para abrir espaço. — Ficou muito tempo com aquele smoking molhado. Não quero que passe gripe pros bebês.

— Isso é impossível, Inglesinha.

Segurando duas taças, ele afunda na água fazendo uma careta de dor aguda... Quem vê o drama, até pensa que acaba de entrar num caldeirão fumegante de canibais, não na charmosa banheira do hotel.

— Que seja... — Quero rir. Estamos quase entalados. O corpão do meu Capitão é desproporcional para o tamanho reduzido da banheirinha antiga. — É vinho? — Animo ao pegar a bebida que me oferece.

— Suco. — Franze o nariz recriminando-me — Nada de álcool pra você, gravidinha. — O

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso doce logo esvai quando estico a perna e uma onda de espuma, branquinha e cheirosa, se desloca para o lado dele quase o soterrando. — Cacete! Usou o frasco inteiro dessa merda? Vamos morrer sufocados.

Dou risada... prefiro mil vezes, ele assim: irritado do que calado e com um olhar assassino como lá na Embaixada... Foi um sufoco fazê-lo acalmar.

— É pra você relaxar. — Acaricio o braço com a pontinha do pé. — Nossas mães são muito criativas nos detalhes, pensei que nunca mais parariam de depor. Será que ele vai ser preso?

O rosto barbado esboça decepção. Reparo na marca do fecho da bolsinha em sua testa, mas não digo nada.

— É difícil. Querendo ou não, é um homem influente e tem muitos amigos... aquele

PERIGOSAS ACHERON

cara, William, prontificou-se a pagar a fiança... sem provas físicas do assédio, no máximo, sairá com uma ordem restritiva impedindo que se aproxime de Maggie.

Merda!

— Acha que a prostituta vai denunciá-lo de fato? — insisto ainda inconformada.

É surreal que não haja provas que o incriminem pelo atentado... Se ao menos eu não tivesse ficado tão abalada...

Droga! Droga! Droga!

Como eu não pensei em gravar?

— Pode tirando essa carinha triste do rosto. Já foi. — Estica o braço e tira a espuma da minha bochecha — Eu também não lembraria de gravar — diz, mas sei que é mentira. — Melhor não contarmos com a prostituta, quando perceber os tubarões envolvidos, vai correr... Anthony deu

PERIGOSAS NACIONAIS

uns telefonemas, a mulher tem a ficha mais suja do que um chiqueiro... Ela pressiona tentando arrancar algum dinheiro, mas nunca foi às vias de fato ou chegou ao tribunal.

— Que droga! Até quando as pessoas vão cometer crimes e continuar impunes?

Numa manobra que espalha água e espuma por todo o chão do banheiro, ele me pega e coloca em seu colo.

— Não sei, meu amor... não sei. — Beija o topo da minha cabeça. — Pelo menos, a sua ideia de avisar os tabloides valeu... As notícias que Paul repassou para a imprensa devem abalar a imagem de bom homem daquele merda!

— Estou louca pelas manchetes de amanhã. — Aconchego-me a ele.

— Veja pelo lado bom... terá sua mãe de volta a Londres e Martha finalmente desistiu de me

PERIGOSAS ACHERON

trocar pelo Lucca — brinca e sei que é para desviar meu foco do assunto embaixador.

Sorrio apreciando o gesto.

— Você virou o novo melhor amigo dela. Nunca a vi puxando tanto o saco de alguém como fez no táxi que dividimos até a delegacia. Só faltou se oferecer pra te carregar nas costas.

— Deixa-a. — Ri. — Tá morrendo de medo que me vingue e a impeça de estragar os bebês.

A conversa envereda para um clima mais ameno.

É... nem tudo foi ruim... Será difícil esquecer os horrores dessa noite, mas somos fortes e vamos superar mais essa. Mais uma cicatriz em meio a tantas outras... Tudo bem... a vida precisa seguir. Temos dois motivos minúsculos e incríveis para nos fazer acreditar que a vida, apesar de seus

PERIGOSAS NACIONAIS

dramas, é bonita e vale a pena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

De volta a Londres...

INOCENTE OU INDECENTE? EMBAIXADOR WILD
ACUSADO DE ASSÉDIO.

DO LUXO AO LIXO! SAIBA TUDO SOBRE O CASO
WILD X STOIRM.

A MÃO SELVAGEM DO EMBAIXADOR.

SOU INOCENTE! - DECLARA O EMBAIXADOR WILD
AO DEIXAR A CADEIA.

CARREIRA DE EMBAIXADOR BRITÂNICO ABALADA
POR ESCÂNDALO.

Misturada ao *acho que é pouco* e ao *bem feito*, vem a indignação... O estrago destas manchetes, na imagem do embaixador, não deve chegar nem perto da devastação que ele causou nas nossas vidas.

PERIGOSAS ACHERON

O fim do namoro foi só uma gotinha nesse mar de perversidade. *Deus!* O que me ferra é a banalização da vida... Não fui só eu a atingida, há também o atentado e o Sudão... tudo consequência da mesma ganância. Maggie e Dante poderiam ter morrido e não duvido que o embaixador até tivesse chorado sobre seus caixões.

Poxa vida, estou cansada.

Cansada das pessoas sendo ruins como se os outros fossem nada...

— Que tal trocar isso por isso? — Dante tira o tablet da minha mão e entrega um copão de vitamina. — Mal tocou no café da manhã no hotel.

— Nem eu, nem você, né, camarada? — Sem apetite, mas querendo valorizar o gesto carinhoso, dou uma bicadinha experimentando o sabor. *Hmmm...* — Arrasou... tá deliciosa.

Satisfeito com meu esforço, Dante dá a

volta na ilha da cozinha e senta na banquetta ao lado da minha.

— Sei que é difícil, mas ficar sem comer não vai resolver nada. — Pega a xícara com café fumegante que havia deixado sobre o balcão.

Bocejo.

— Pelo menos, dormi bem — espelho. — Desculpa por ter cancelado nossos planos.

Não duvido nada que tenha posto umas gotinhas do calmante natural, receitado pela doutora Megan, naquele suco de uva de ontem. Depois do banho, capotei sem direito a sonhos. Acordei bem, mas desmotivada para um passeio romântico em Paris. O jeito foi levantar acampamento e voltar para casa.

— Relaxa, Paris não vai sair do lugar. Acordei com o humor pesado, aquele barquinho no Sena iria afundar. — Afaga meu joelho. — É foda,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas vai passar... o dia seguinte é sempre o pior...
— divaga. — É quando a gente se dá conta de que a merda foi mesmo real, mas se te serve de consolo, Inglesinha... Amanhã será bem mais fácil.

Assinto querendo acreditar... Afinal, no quesito: *merdas vividas e superadas*, o currículo dele é bem mais vasto do que o meu.

— Foi daqui que pediram um kit de primeiros socorros?

Um sorridente Max entra pelas portas de vidro, equilibrando uma caixa dos meus *cupcakes* preferidos na mão. Romeo vem logo a seguir, carregando uma cesta de piquenique.

— Já era sem tempo — Dante reclama, mas parece aliviado em vê-los.

— Maggie ligou avisando que já tinham chegado e pediu que passássemos lá. — Romeo coloca a cesta imensa sobre o balcão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os velhos estão nas nuvens com os bebês, só falaram nisso. — Max revira os olhos.

— Eleonora e os avós de Treas também.
— Dante suspira exaurido.

Coitado... ouviu recomendações gestacionais de A a Z quando fomos nos despedir deles no hotel ao qual passaram a noite.

— A cesta é pra você... — Romeo a empurra para mim. — A mãe disse que as bolachas de água e sal e a soda são para os enjoos matinais.

— Não tenho enjoo matinal. — Dou três batidinhas no tampo do balcão. — Estou ótima. Tô achando que essa coisa não passa de lenda urbana.
— Abandono a vitamina, ignoro a cesta e abro a caixa de *cupcakes* que Max acaba de deslizar por sobre o balcão. — Até agora não senti nada. — Salivo com as belezinhas cheirando a canela.

— Pedi pra trazerem uma dúzia, não cinco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Irritado, Dante espia o conteúdo da caixa.

— Precaução militar, Capitão Putão. —
Max ergue as mãos num gesto divertido. —
Precisei testar alguns pra ver se não estavam
envenenados.

Dou risada das duas caras: a de pau e a
puta.

— Cinco pra mim tá perfeito! — Resgato
um deles, deixando subtendido que não pretendo
dividir.

— Que merda de festa ontem, hein. —
Romeo dá um impulso e senta no balcão — Como
cê tá?

Abandono meu *cupcake* na metade.

— Entre o amor e ódio. — Pressiono os
lábios. — A ironia é que aquele que deveria me
proteger foi justamente quem mais me feriu. Difícil
explicar para o coração que o homem que amei a

PERIGOSAS ACHERON

vida toda, incondicionalmente, é um monstro. — Dante passa o braço sobre meu ombro, puxando-me para perto. — Honestamente, não sei qual o protocolo para quando se descobre ter um pai que não vale nada... tô perdidinha.

— Sabe o que eu faço em merdas do tipo? — Max diz sério e meneio a cabeça em um não óbvio. — Encarno a diva *Dory*^[186]... esqueço e continuo a nadar.

Deus...

Amo esses meus cunhados.

Dou risada, o risco de terem um pai bandido, esses irmãos não correm, mas percebo que é justamente o que preciso... desapegar do que não tem mais jeito. Ninguém vira mau da noite para o dia... a máscara de bom homem só caiu. Não posso deixar que Peter seja um peso mal resolvido. Ficar ruminando o que aconteceu em Paris não vai trazer

absolutamente nada de bom e prejudicará os bebês. Não preciso só virar essa página, tenho que arrancá-la e se possível queimá-la.

— Melhor conselho ever^[187]... amo a *Dory*. — Volto a sorrir. — Esquecer e continuar a nadar... — repito baixinho. — Entendido, soldado.

— Sabe, né, que pra cada desgraça, duas bênçãos virão? — Romeo diz. Não sei de onde tirou o ditado, mas sorrio pensando nos bebês. — Viu que a Inglaterra deu de dois a zero na Suécia e de quebra, consegui as Babuskas? — Agita as sobancelhas morenas.

Caramba!

A coisa está tão morna nessa Copa do Mundo, que nem fogos ouvi em Paris.

— As Babuskas eu vi. — Resgato o *cupcake* mordido, já de olho em um outro. — O jogo de ontem, esqueci completamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por falar nas Babuskas... — Capitão Putão dá as caras de novo. — Obrigado pela enrabada que levei ontem. Como o juiz soube de Scarface? — Dante soca a perna do irmão.

— Ai-ai, *Fella!* — Romeo esfrega o local atingido. — Não fui eu! Foi aquele médico milico, amigo dele. Ligou pra dar os parabéns pela surra. Queria que fizesse o quê quando Anthony me pressionou? Negasse?

— É óbvio que eu queria! — Dante rebate. — Vai dizer que o cemitério e a produtora, também foram obra do milico?

— Ah... isso foi obra minha mesmo, saiu sem querer. — Romeo assume num: *Ops, foi mal!*

— Pirralho fofoqueiro! — Max rosna.

— Fofoqueiro o teu cu.

Romeo pega um *cupcake* e joga o bolinho, que atinge a testa de Max e depois cai no chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora a primeira-dama só tem mais três, imbecil!

Godzilla, que ronda por ali atrás de migalhas, abocanha o doce e sai correndo.

— Droga! Aquilo era meu! — Acompanho desolada o cão se fartar. — Gente! Adoro ver os três se amando, mas as Babuskas? — mudo de assunto para não me irritar.

— Que têm elas? — Romeo para de rir de Godzilla e volta para mim.

— Não mandou a nova sequência. — Clamo por paciência.

— Não mandei porque não achei — diz como se já soubéssemos.

— O quê? — Dante surpreende-se.

— Pois é. — Os ombros de Romeo encolhem.

— E agora? — Abandono meu segundo

PERIGOSAS ACHERON

bolinho antes mesmo de mordê-lo.

— Agora é torcer que a última Babuska tenha alguma coisa. — Coça o queixo, não muito satisfeito. — Achei que eram cinco porque uma deveria conter a senha, mas pelo jeito, me enganei. Se não encontrarmos sequências nas do Museu, já era o caso Petro... voltaremos à estaca zero. Até o moleque informante resolveu sumir do mapa. Tenho tentado contato e nada.

— Quais são os próximos passos?

— Estou tentando uma jogada, se não conseguir, só nos resta esperar que a porra do navio aporte.

Ok... esperar então.

* .. ♥ .. *

Duas semanas depois...

Seis semanas de gestação...

— Anda, homem! Vai chamar o Capitão, Miah! Ah... manda ele trazer gelo!

Socorroooooo!

Enfio a cabeça na privada quando uma nova onda de náuseas vem. Lore, que tem sido meu braço direito e esquerdo esses dias, segura meu cabelo.

— Eita, Chefinha, sua cara chega a estar verde... Será que foi a soda?

Só me faltava essa!

— Se for, ferrou! — grunho. — É a única coisa que ainda consigo manter no estômago.

Puxo o ar tentando segurar a ânsia.

— Essa aí está pior que a do fracasso na Copa — Lore segue tentando me distrair.

Gemo em agonia.

— Não me lembra dessa tragédia! — peço

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apesar de desconfiar que a culpa pelo enjoo foi a dúzia de sanduichinhos de nachos e *marshmallows*.
— Quatro anos esperando pra ver a Inglaterra campeã e os caras me ficam em quarto?

Gemo mais.

— Então foi o cheiro do Lucca, certeza.

O jato de vômito, que sai da minha boca, impede que eu diga, que apesar do cheiro do meu amigo, estranhamente, ter embrulhado o meu estômago, a visita dele me fez muito bem.

Ando triste com o sumiço de Chloé. Ligo... ligo...ligo, deixo recado e nada. Estou cansada das desculpas esfarrapadas que recebo da assessora dela. Minha amiga tem emedado uma campanha na outra e tenho certeza de que tem feito isso, só para nos evitar.

Ando carente dos meus amigos.

Lucca aqui foi um alento... Já estava na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hora de termos uma conversa franca e acabarmos com o embaraço.

A vigilância sanitária finalmente liberou o prédio do Soho, a limpeza já começou, a Copa acabou, a cozinha móvel, em fase final de produção e Lore, Miah e eu temos dado um duro danado na produção do evento do Estadia... Está tudo mais do que engatilhado: estrutura, montagem e equipes terceirizadas de apoio. Só falta o principal: a comida e a data.

Foi uma felicidade e alívio quando Lucca apareceu de surpresa no escritório da sacristia. Conversamos por horas, acertamos as arestas, nos desculpamos, definimos cardápios e datas, e depois, mal pude acreditar.

Dante chegou, bem no meio do abraço apertado de reconciliação, respirou fundo e ao invés de brigar, como o esperado, esticou a mão

PERIGOSAS ACHERON

num gesto cortês e ainda sorriu ao ser parabenizado pelos bebês.

Oh... meus pequenos milagreiros.

O Papai Putão, no modo sou um bom exemplo, anda me surpreendendo.

— Sempre adorei aquele perfume.

Tenho uma trégua na ânsia, defendo Lucca num engasgo, mas lembro do cheiro dele e volto a golfar.

Misericórdia.

Há uma semana e meia, metade das minhas manhãs têm sido assim: debruçada sobre a privada. Não consigo comer nada do que gosto... Tirando Dante, é claro. O resto, tudo me enjoa. Café, canela, pizza, sorvete até o barulho dos passarinhos me enjoa.

— Ah... — Os olhos de Lore piscam. — Certeza que os nenéns são cabeludos. Li que dá um

enjoo lascado.

— Será?

Sorrio sonhadora só de pensar nas cabecinhas moreninhas. Tenho feito muito isso... fico por horas a fio, imaginando como serão os olhos, os cabelinhos, os rostinhos...

Ouvir os coraçõezinhos batendo apressados no ultrassom foi a coisa mais maravilhosa do mundo. Saí de lá ansiosa para voltar e louca para descobrir os sexos. Quanto será que custa? Bem que eu poderia comprar um aparelho para fazer ultra em casa! Imagina! Acompanhar cada detalhe? Ia ser uma alegria, intensa e infinita!

— De novo, Inglesinha?

Hã?

A imagem dos meus cabeludinhos dissipa...

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem tirar a cabeça da privada, miro num Dante parado na porta do lavabo da sacristia... uma lágrima escorre, não de tristeza, de ânsia mesmo. Agradecida que trouxe gelo, nem peço que saia. Na primeira vez, pedi. Fiquei envergonhada... botar os bofes para fora é o anticlímax da sedução feminina, mas agora, depois da milionésima crise, quero é mais que tudo se lasque!

Dane-se o cabelo bagunçado, a maquiagem borrada ou que pareço a garota do exorcista depois de um terremoto... Se o Capitão continuar a me amar depois de me ver na versão visão do inferno, nada mais nos separa.

Com um sorriso complacente, ele ajoelha ao meu lado.

— O que está fazendo?

Ronrono ao sentir a mãozona acariciar a base da minha coluna.

PERIGOSAS ACHERON

— Massagem. Tá ajudando?

— Claro que não. Isso é pra contração, não pra enjoo... passa o gelo. — Agarro o baldinho e enfio logo dois na boca.

Dante ri calmamente, como o merecedor do prêmio Nobel da paciência gestante que é.

Poxa vida!

Malditas mudanças de humores!

Gravidez é estranho, mas é bom demais.

— Melhor?

— Hum-hum.

* .. ♥ .. *

Dez semanas de gestação...

Dante

A porta do elevador abre... fico indeciso entre dar ré ou seguir em frente. Nenhum livro de gravidez, que estou lendo, explica como enfrentar o furacão Wild.

Caralho!

A doutora Megan disse, na última consulta, que a fase dos humores insanos logo passaria... só espero que quando passar, eu ainda esteja vivo.

Beatrice anda com a incrível capacidade de sentir todas as emoções ao mesmo tempo agora... da alegria descontrolada, ao mau humor sem fim, culminando na tristeza sem sentido.

Ontem, surtou ao descobrir que paguei pelo caminhão *food truck* reformado na cozinha móvel!



— *Oitocentos mil libras? Meu caderninho*

amarelo vai explodir!

— *Que porra de caderninho é esse? Tenho que contribuir com o Estadia!*

— *Não, não tem.*

— *Amor... eu arrematei o painel da Vênus e você não quer descontar o cheque da doação.*

— *Não quero, porque vinte milhões são um absurdo! Extorsão pura! Os outros lances não atingiram nem quinhentos mil.*

— *Cheguei nesse valor porque quis.*

— *Não... fez isso porque estava fora de si, numa maldita disputa de egos!*

— *Ok, tudo bem, não vou discutir... se acha absurdo, que seja. Mas entenda o meu lado e aceite a porra do apoio na cozinha.*

— *Não.*

— *Cacete! Estive no leilão do mesmo modo que os outros. Minha consciência pede que*

pague pela peça que arrematei, assim como todos o fizeram. É o justo.

— Sua consciência pede isso?

— Pede muito.

— Tá bom.

— Tá bom? Só isso? Fim da briga?

— É... aceito o apoio. Trouxe o pote de sorvete que eu pedi?



Coço a nuca avaliando a situação... Minha Inglesinha está sentada com as pernas cruzadas sobre o sofá... o pote enorme de sorvete aninhado entre elas... Seus olhos de coruja, fixos na tevê. Provavelmente avermelhados por causa de um comercial de margarina ou fraldas descartáveis. De um lado do sofá, uma sonolenta Mila. Do outro, dezenas de lenços de papel usados e amassados.

Dou risada da cena que tem virado rotina.

PERIGOSAS NACIONAIS

No chão, Godzilla e Gabriel estão deitados em guarda preguiçosa. Esses bichos devem ser sensitivos ou terem ouvidos biônicos. Grudaram em Treas, seguindo-a pra lá e pra cá, a partir do dia em que voltamos da consulta na qual ouvimos os corações baterem pela primeira vez.

Que momento mágico foi aquele!

Adoro minha nova vida. Pra caralho!

Carregado de amor e sacolas, saio do elevador e atravesso o corredor em direção ao sofá.

— Trouxe o que pediu.

Balanço, como um pêndulo, a embalagem de comida. Gosto de eu mesmo sair para realizar os pequenos desejos que ela tem tido.

— *Fish and Chips!* Obrigada.

Meu coração acelera com o sorriso radiante que recebo.

Linda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É bom vê-la sem os enjoos e com o apetite renovado.

Com os Loyd fora de circuito, o embaixador quieto esperando a poeira do escândalo baixar e a equipe de guarda lá na Central, tenho me esforçado para não sufocar Beatrice e dar a ela a sensação de uma vida normal e pacífica.

Afasto os lenços e me esparramo ao lado dela no sofá.

— Que canal é esse? Não diga que é a reprise de Bélgica e Inglaterra. — Com a programação nos comerciais, resgato o controle para mudar de canal. — Sabe que fica triste toda vez que assiste essa merda.

— Deixa aí... é o Animal Planet. — Lambuza uma batatinha no sorvete e come. — Lembra do gorila sedutor?

Óbvio que não lembro...

PERIGOSAS ACHERON

Acompanho outra batatinha ser besuntada e devorada.

— Gorila quem? — pergunto distraído com a mistura gastronômicas esquisita.

— Aquele da corda bamba e das folhagens na cabeça.

O castanho e o verde começam a lacrimejar.

Ai, meu Deus... lá vamos nós.

— O que tem ele? — Finjo que lembro só para não a magoar.

— Fizeram um documentário novo. Tão bonito. — Uma lágrima escorre no rosto emocionado. *Jesus!* — Como a gorila, que estava cortejando, não parecia impressionada, ele arriscou uma manobra nova na corda bamba. O pobrezinho se atrapalhou com as folhagens na cabeça, caiu e quebrou a perna. Na clínica veterinária, uma

orangotanga gostou dele de cara, mesmo todo humilhado e estropiado. — Outra lágrima rola. — Tão lindo, né? Encontrar o amor onde menos se espera.

Beatrice funga, funga, fuga num prenúncio do berreiro que se abrirá.

Merda!

Tiro o sorvete e as batatinhas do seu domínio e trago o corpinho emocionado e trêmulo para o meu colo.

— É... realmente muito lindo, Inglesinha.
— Concordo porque precisa disso e beijo o topo da cabeça enlouquecida pelo excesso de hormônios.
— O amor é um troço impressionante.

* .. ♥ .. *

Treze semanas de gestação...

Dante

Vai indo para o carro que já desço.

Checo para ver se há mais alguma mensagem de Treas.

Merda!

Vinte minutos plantado no carro e nada. Sabia que não deveria ter descido direto da Central para a garagem... Ultimamente, com ela, um minuto tem virado um século. Sempre tem: *só mais um xixizinho... só mais cinco minutinhos de sono... só mais dois pedacinhos de bolo.*

Preocupado, mas com um discurso engatilhado sobre a pontualidade britânica, desço do carro e vou para o loft.

Para a minha absoluta falta de surpresa encontro a adorável urso mãe hibernando na cama,

aconchegada aos nossos bichos.

Um troço quente espalha-se pelo meu peito... sorrio involuntariamente para a cena que me deixa mais apaixonado. Se é que isso seja possível.

Falo dos humores dela, mas os meus também estão um caos... Tem horas que não me reconheço, virei a porra de um babão do caralho, não posso ver a barriguinha ambulante, que meu coração amolece.

Beatrice já era linda, mas grávida, está divina... Porra, há um brilho tão intenso em seu olhar, que é impossível não ficar tocado... minha barrigudinha está radiante e ainda mais gostosa. Não é à toa que meu desejo por essa mulher só cresce.

Delicadamente, vou afastando as cabeças peludas que descansam no ventre inchado... Como bons meninos que são, Mila e Gabriel resmungam,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas saem. Agora, claro, Godzilla tinha que dar um show e uivar como se eu estivesse lhe arrancando uma perna. O bichão nunca esteve mais apaixonado por Beatrice.

Com o uivo, o castanho e o verde entreabrem, a dona deles espreguiça e sorri para mim.

— Acho que cochilei.

— É... acho que sim — murmuro com uma doçura que me surpreende enquanto uso o polegar para afastar uma mecha de cabelo do rosto preguiçoso. — Estamos atrasados.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

Sem precisar insistir, Treas sai da cama, apanha minha mão e me arrasta para o elevador.

O caminho para o consultório da doutora Megan é rápido e silencioso... Com um trânsito calmo, para uma sexta-feira, fim de tarde, dirijo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a mente voando em possibilidades de azul e rosa. Aposto que a expectativa que embarga minha garganta e me impede de falar, é a mesma que cala Beatrice.

É hoje... soldadinhos ou bailarinas?

Chegamos e sou, injustamente, largado para escanteio na sala de espera. Nada feliz observo a bela bunda de Treas entrar com a doutora para se preparar para o exame.

Por que não posso entrar? Sou o pai, porra!

Faltando bem pouco para a minha paciência estourar, ouço o meu nome... e praticamente invado o consultório.

Entro acompanhado pela ansiedade que me come por dentro. Paro a alguns passos da maca, fascinado e aliviado. A médica espalha uma boa dose de gel sobre a barriga levemente arredondada,

PERIGOSAS ACHERON

indicando a mudança de método. Ao lado delas, um novo modelo de ultrassom... Solto o ar. Graças a Deus... minha bocetinha adorada está protegida da invasão inimiga.

Putá que pariu!

De duas uma... quem criou aquele ultrassom intravaginal ou era sádico ou tarado... a porra daquele cabo gigante parecia um instrumento de tortura medieval.

— Oi, papai, aproxime-se!

Balanço a cabeça para afastar a imagem dos últimos exames. Treas procura por meu olhar. Tadinha, está ansiosa, aproximo-me e seguro sua mão.

— Como a minha família está? — Vou logo ao que mais me preocupa.

— O resultado dos novos exames chegou ontem... estou impressionada. Mamãe e bebês em

ótima forma... Colo do útero fechadinho e firme. Estou feliz que o apetite de Beatrice voltou ao normal.

Normal? Não mesmo!

Dou risada.

— Doutora, com todo o respeito, não sei quais são os seus parâmetros para normal, mas ontem, essa aí devorou uma pizza e de quebra pediu manga. Sabe a dificuldade que é encontrar frutas tropicais por aqui? Comeu três. — Pressiono os lábios fazendo meu ponto.

— Dante!

Ganho um tapa ardido no braço.

— Que foi? — Esfrego o local atingido. — É verdade, porra! Levei horas, rodei até a casa do caralho pra achar aquilo e você devorou em segundos.

— Tava com fome.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Percebi, saco sem fundo.

A doutora ri.

— Frutas são sempre boas — elogia ignorando a pizza inteira enquanto espalha mais um pouco de gel. — É normal ter mais fome mesmo... Comia feito louca e olha, que só tinha um... Agradeça que seu metabolismo é acelerado e não tem tendência a engordar, minha querida. Vinte e oito quilos foi a minha marca. Mais alguma questão ou podemos começar o exame?

— Eu tenho só mais uma! — Aproveito a deixa. — O evento do Estadia é depois de amanhã. Acha mesmo que está tudo bem? Fico preocupado com Treas trabalhando tanto.

— De novo essa história? — Beatrice revira os olhos num gesto exasperado. — Já perguntou a mesma coisa na última consulta e na penúltima!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual é o problema nisso? — defendo-me. — Se pergunto é porque me preocupo, Inglesinha.

— Entendo que esteja superprotetor, mas trabalhar faz bem. — A médica sorri com toda paciência do mundo. — Como disse, Beatrice está bem e desde que não haja excessos, não há restrição nenhuma. Tranquilize-se, iria se surpreender com a quantidade de mulheres que dão duro até os últimos dias de gestação.

— Viu?

— Mais alguma dúvida, papai?

— Não — nego a contragosto.

Dúvida é o que eu mais ando tendo, porra!

Nunca fui pai, cacete!

— Bom... — Aliviada, a doutora aperta uns botões. — Vamos ver se essas belezinhas vão colaborar conosco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A tela acende e a sinfonia frenética dos corações dos bebês invade a sala... Minha irritação evapora... Como no dia em que descobrimos que seriam idênticos, meu coração quase para. Preciso apoiar a mão livre sobre a maca... Ansioso, percorro a imagem repetindo o ritual dos outros exames: duas cabeças, narizes e boca... quatro pernas, orelhas, braços, mãos e pés... Puxo o ar... tudo aí, completinhos. Li que o ultrassom 4D era chocante, mas caralho... tenho a sensação de que posso tocá-los.

— Papai, está tudo bem? — A doutora olha para mim preocupada. — Está um pouco pálido. Quer sentar ou podemos continuar?

Sem tirar os olhos da tela, gesticulo que continue

— Oh... que maravilha! A duplinha está animada hoje! Vamos lá... não tenham vergonha da

PERIGOSAS ACHERON

titia! Abram as perninhas, meus amores.

O balé de braços e pés e mãos é intenso, começo a desconfiar que são bailarinas... não importa o quanto a doutora mude de ângulo e incentive os nenês com apalpadas na barriga... nada de pernas se abrirem.

— Teimosas como a Treas, são meninas
— dou como certo.

— Eu sei que são. — Beatrice sorri com superioridade. — Sou mãe... a gente sente essas coisas.

Antes que eu possa dar uma resposta atravessada sobre ser pai, a doutora ofega alto.

— Ai, Jesus! Que genética é essa?

A médica fixa o olhar chocado em mim... ignoro certo assanhamento, encaro os olhos verdes esperando que esclareça e minta se for preciso.

— Genética? Por que a senhora está com

PERIGOSAS NACIONAIS

essa cara estranha? — Beatrice sai da médica e crava os olhos na tela. — Achou alguma coisa errada? — Esmaga meus dedos em um aperto mortal. — Que pontinhos são aqueles? Meu Deus, meu bisavô nasceu com um terceiro mamilo! — Desespera-se.

Mamilos?

— Onde? — Começo a me preocupar com o *bullying* na escola.

Beatrice solta minha mão, quase gangrenada pelo aperto e aponta.

— Aqui. — A mão dela chega a tremer.

— Ah... isso é granulação da imagem. Nada de mamilos extras. — O rosto da doutora avermelha-se. — Agora, isso aqui... — com o mouse circunda dois pontos — são pistolinhas de respeito. Benza Deus, hein, senhor Stoirm!

Levo dois segundos para a ficha cair...

PERIGOSAS ACHERON

Soldadinhos, porra!

A felicidade espalha por mim. Meus espermas são foda! Sabia que aquela fantasminha estava certa... além do mais, sou pai... a gente também sente as coisas. Começo a sorrir de orelha a orelha por ter vencido a parada. Bailarinas seriam maravilhosas, mas que homem não sonha em levar o filho ao estádio, acampar ou ensiná-lo a lutar?

Com os cabelos metidos dentro de uma touca azul, Beatrice me observa com lágrimas nos olhos, há uma porrada de emoções impressas neles.

Sinceramente, nunca a vi tão linda.

Escuto-a inalar profundamente e depois explode horrorizada:

— Meu Deus, esse troço não vai dar certo!

Que porra é essa?

Escrutino o rosto aterrorizado sem entender merda nenhuma. Ok... que preferia

PERIGOSAS NACIONAIS

meninas, eu entendo, mas cacete? Qual é o problema dela com os homens?

Isso já é preconceito de gênero!

A reação extremista começa a me deixar quase puto.

— Calma, minha querida. — A médica ri e não acho graça nenhuma. — Meninos são ótimos.

Agito a cabeça freneticamente concordando.

— Ótimos? Meninos são enormes, isso sim! — Os olhões arregalam como se quisessem mostrar o quanto. — A senhora viu bem o tamanho desse homem? — Aponta para mim com pavor. — Da próxima vez, quem vai ter filho é ele! Tenham misericórdia! Mal dou conta do míssil... nem por milagre vou conseguir fazer passar dois dele inteirinhos pela minha vagina!

Ela quer ter mais filhos?

PERIGOSAS ACHERON

Sorrio aliviado ao me dar conta de que o chilique no fundo, é puro medo.

— Míssil? — A doutora Megan me procura confusa, meneio a cabeça em um: *nada não, deixe pra lá*. — Tenho certeza de que o papai não nasceu desse tamanho, querida. — Volta a dar atenção para Beatrice.

Inclino e beijo a testa franzida.

— Te garanto que nasci pequeno... vai dar tudo certo.

— Certo? Como? — Agarra minha camiseta entortando a gola. — Experimenta tirar dois melões do rabo e depois conversamos sobre o que é certo!

Não aguento e caio na gargalhada.

Amo essa maluca.

Meninos, porra!



PERIGOSAS NACIONAIS

— Enrole as pernas ao meu redor —
ordeno excitado.

Solto o ar entre os dentes quando a maciez de Beatrice esfrega contra a minha dureza.

— Não pegue leve comigo. — Espalma as mãos em meus ombros.

Miro o míssil e meto com tudo... um gemido doce, para lá de apreciativo, espalha-se pelo banheiro. Agradeço aos hormônios que tem feito da minha Inglesinha uma devassa insaciável e a longa conversa no consultório, que a deixou mais calma e confiante. Amo o fato de Treas ser uma paciente tão aplicada. Aproveito e emendo um agradecimento para a doutora Megan por enfatizar que estímulos sexuais, facilitariam o parto.

— *Conto com o papai para a missão.*
Vamos botar essa vagina pra funcionar!

PERIGOSAS ACHERON

Opa!

Missão dada, missão cumprida.

Decidido a ficar, os próximos seis meses, com o pau enterrado no paraíso, grudo a bunda no degrau da banheira turca e impulsiono... Meto sem dó e Beatrice geme alto... Vou em um vai e vem de estocadas precisas... A água morna, que envolve nossos corpos, agita no mesmo ritmo que o nosso.

Por que ainda não tínhamos trepado aqui, eu não sei? Muito melhor do que a piscina lá fora.

Extasiado com a delícia que é foder Beatrice... Saio e deslizo lentamente para dentro... deixo que meu pau aprecie o contato. A sensação que já era única, anda muito melhor... a bocetinha tem estado mais quente e apertada.

Foda!

Entro num ritmo mais lento, porém mais profundo. Como minha mulher com a devoção que

PERIGOSAS NACIONAIS

merece... apreciando a mudança de tática, a cabecinha morena é jogada para trás... o movimento faz as costas arquearem deixando os seios a milímetros da minha boca.

Capturo um deles e sugo forte... até o sabor de sua pele está diferente. É um tesão o modo como estão mais cheios... apesar do pouco tempo de gestação, as mudanças em seu corpo estão me deixando louco... afundo os dedos nos quadris arredondados.

Gostosa da porra!

Com um estalo largo o seio.

— Você é o meu paraíso, Inglesinha. A cada dia tenho mais tesão em você. — Sem parar as estocadas, abocanho outro seio.

Chupo, mordo... continuo a meter o pau na boceta delícia... grunho e desenho o contorno das aréolas rosadas com a língua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— São divinos... — Beijo cada mamilo castigado por mim e depois sigo um caminho molhado do pescoço à orelha. — Fazer amor com você é transcendental — sussurro.

— Mesmo eu estando gorda?

Há uma vulnerabilidade em seu tom que me choca e preocupa. Como pode ter dúvida? Amo cada centímetro desse corpo perfeito, dessa pele macia e leitosa.

Mantenho-me dentro, mas paro os movimentos de quadril... miro fundo em seus olhos.

— Te amo em todas as formas... não tem nada de gorda em você. São só os soldadinhos que são um pouco espaçosos. Abrigá-los só te faz ainda mais magnífica e desejável.

— Verdade?

As sobrancelhas delicadas franzem ao estudar o meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Sou um soldado forjado em honra... não minto, pelo menos, não pra você — assumo a meia-verdade, porque já menti... obrigado a omitir, na verdade, mas foi em nome da vida e da justiça.

Espero que a boa intenção conte pontos no julgamento devido.

Os quadris delicados remexem pedindo que eu me mova.

— Nunca estive mais apaixonada por você quanto agora — murmura quase solene em uma expressão adorável.

Caralho... ouvir isso é demais!

— Também não, meu amor... eu também não...

Afasto uma mecha grudada em seu rosto corado e beijo os lábios macios e doces... Puxo-a para mais perto e numa manobra de entra e sai... faço a vontade dela. Nossos corpos deslizam um

PERIGOSAS NACIONAIS

contra o outro, escorregadios pela água morna...
recomeço com estocadas lentas e aprazia-me ver a
respiração delicada acelerar.

— É uma ótima sensação, não é? Nós dois
em um só. — Traço as curvas dos quadris com a
minha respiração definitivamente também voltando
a acelerar.

— Mais que ótima — choraminga quente
com o aumento das investigas.

Eu a devoro.

Ela me come.

O corpo franzino sacode com cada baque
dos nossos sexos.

— Amo quando geme assim porque não
pode se conter. — Aumento o ritmo. — Quero te
fazer suspirar e gritar de desejo... de tanto amor e
prazer que...

— Danteeee — interrompe-me num

PERIGOSAS ACHERON

arquejo.

— O quê? — sibilo entre os dentes.

— Cale a boca e só me fode!

Ok, prioridades... sem romantismos açucarados.

Meto na bocetinha molhada, empurrando forte com um grunhido...

— Danteeee — arqueja quando é completamente preenchida por mim.

Tranquilo com os resultados dos exames, fodo forte, escancarando-a como sei que gosta... Os novos gritinhos prazerosos que vêm dela são prova disso. Fodo... fodo... fodo repetidamente... em meio à turbulência das águas. Unhas longas arranham as minhas costas quando uma sequência de:

— Isso... mais... isso... mais... mais... — é sussurrada.

Ela é puro deleite... Há um nevoeiro em

PERIGOSAS NACIONAIS

seus olhos, um rosado nas bochechas e os lábios estão entreabertos. Sinto o interior escorregadio começar a contrair em torno de mim e acelero... empolgado com o meu próprio prazer que surge... sigo sem dó. Quando recuo, ela pressiona de volta e assim vamos, até que ambos gozamos totalmente entregues um ao outro.

Ainda um pouco atordoado do orgasmo, ajudo Beatrice a sair da banheira.

— Fique aqui.

Deixo-a sentada na borda e vou à caça das toalhas... Quando fico novamente diante dela, embrulho-a como o pacote precioso que é. Aproveitando que está presa, parto para um encerramento digno da foda que tivemos... Beijo-a fervorosamente explorando cada milímetro da boca astuta, que me deixa puto com as respostas sagazes, mas que também me dá muito prazer e orgulho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Terminado o beijo, acaricio a orelha dela com o nariz.

— Sono?

— Um pouco, mas antes, os soldadinhos querem comer. — Abre o sorriso que sabe que me quebra.

— Os soldadinhos? — Levanto a sobrancelha.

— Hum-hum... sabe como é, esses meninos estão sempre mortos de fome.

— Sei bem como é, sua cara de pau.

Rindo da minha adorável saco sem fundo, termino de enxugá-la, levo-a ao closet e uma vez vestidos, partimos para a cozinha na missão: *alimente a família.*

* .. ♥ .. *

Beatrice

PERIGOSAS ACHERON

— Quase cinco, bem que poderíamos tomar um chá no *Claridge's*^[188] — mamãe dispara assim que saímos de uma loja de produtos infantis e pisamos na calçada.

— Perfeito, Eleonora. Ainda não fomos lá — Maggie anima-se.

Milagre não terem ido... desde a noite do terror, em Paris, e a volta para Londres, essas duas não se desgrudam. Com a desculpa de reintegrar mamãe ao estilo londrino, como se ela precisasse disso, Maggie a tem arrastado pra lá e pra cá, em intermináveis sessões de compras, idas a museus e restaurantes.

Melhor assim, gosto da minha mãe feliz, animada e livre do embaixador.

Ainda não me conformo com os rumos do escândalo em Paris. A acusação de assédio serviu

só para conseguirmos um acordo favorável de divórcio e Maggie virar a nova musa das feministas. De resto... um tiro n'água. Com o apoio dos amigos influentes, Peter abafou rapidinho o caso e protegeu a carreira política.

Merda... até quando o mundo vai favorecer aos poderosos?

— O que acha, querida, está com fome?

Afasto os pensamentos revoltantes com um meneio de cabeça e sorrio com ternura para a dupla.

Estou sempre com fome, com sono e vontade de transar.

— Morrendo de fome, vamos — concordo apesar de não estar vestida adequadamente para um ambiente tão requintado como o do hotel *Claridge's*.

Escoltada pelos gêmeos sigo as duas

PERIGOSAS NACIONAIS

tagarelas que vão animadas na frente. Pois é, minha dupla de sombras voltou. Depois do fracasso com Scarface, meu digníssimo Capitão superprotetor não queria a dupla na missão *proteja o meu mundo*.

Dane-se, cada um com seus problemas!

Também não quero um monte de coisas, entre elas: voltar com a segurança. Mas se é algo impositivo, que pelo menos, seja à minha maneira. Não deixaria que fossem dispensados por um deslize. Bati o pé e estão aqui.

Dou as sacolas das compras para Bob, só para provocar. O bicho continua chato que só. Com um sorrisinho cúmplice para Dylan, fecho o casaquinho azul, com borboletas brancas, para me proteger do frio. Setembro chegou, mas ainda estamos no finzinho do verão. Entretanto, as temperaturas já estão mais baixas e os dias mais curtos. Não dá mais para sair só de calça jeans e

PERIGOSAS ACHERON

camisetinha básica branca.

Chegamos ao hotel e somos conduzidos para o restaurante.

Ricos e famosos adoram isso aqui, também não é para menos, o espaço é deslumbrante, imponente mesmo. Entrar no salão de chá é como ser transportado no tempo. Muito elegante, igualzinho as mansões glamourosas dos anos trinta. Tons pastéis, vitrôs elaborados, arranjos florais exagerados, móveis tradicionais, louça linda, baixelas de prata, tudo num luxuoso estilo Art Déco.

Sento na mesa com um pouco de inveja de Bob e Dylan, que preferiam esperar no saguão. Apesar da fome, um chá das cinco cheio de fricotes, não é muito a minha praia.

O *maître*^[189] vem, os pedidos são feitos e a orgia da comilança começa.

— Estou feliz que Dante esteja mais próximo do pai. Anthony sentia falta desses momentos — Maggie comenta à certa altura da conversa, que já enveredou por muitos assuntos.

Com a boca ocupada com uma tortinha de limão, apenas assinto.

Acho bom que Dante se dedique ao trabalho e não fique todo o tempo preocupado comigo. Anthony vem dando dicas jurídicas na destilaria e, por diversas vezes, eles têm estado fora para resolver alguns assuntos legais.

— Filha, tudo bem mesmo, eu ficar com o sobrado de Maida?

— Claro, mãe. — Termino meu chá e deponho a xícara sobre a mesa. — Não quero me desfazer do sobrado. Amo aquele lugar, mas era perfeito quando éramos só eu, Gabriel e Mila. Agora tudo o que mais preciso é de espaço. Minha

PERIGOSAS NACIONAIS

tropa é grande. — Sorrio. — Vou ficar feliz com você lá.

— Amo meu filho, mas graças a Deus que não insistiu no loft.

— Nem poderia insistir. — Resisto a tentação de comer a quarta tortinha. — Não quero meus filhos escondidos atrás de uma igreja ou brincando entre os corredores tenebrosos da Dante caverna. Eles precisam de espaço, luz e normalidade.

— Já acharam alguma coisa? — mamãe questiona.

— Nada... Dante achou legal a ideia de Maida, mas tá difícil. — digo em um muxoxo. — Até achamos uma, que eu adorei... chegamos até ir ao cartório para preencher toda a papelada e entregar nossos documentos... — reviro os olhos, nunca assinei tanto papel na vida. — Mas os

PERIGOSAS ACHERON

vendedores desistiram... estaca zero de novo.

Uma risada rouca, que ecoa atrás de mim, faz todos os meus pelinhos arrepiarem no ato. Minha mãe e Maggie olham em direção ao som conhecido parecendo ter visto um fantasma. Viro e meu coração dispara.

Não acredito!

Chloé?

Sem pensar duas vezes, levanto deixando as senhoras boquiabertas na mesa e atravesso o salão em direção da minha amiga, que conversa e ri alegremente com um grupo de moderninhos.

— Desde quando voltou da Itália? —
disparo assim que grudo ao lado dela.

— Itália?

— Quem é essa?

Ignoro as manifestações das modeletes que a acompanham e continuo a encarar Chloé, que me

olha em choque. Sua atenção recai para a minha barriguinha de grávida, mas nada é dito.

Ah, amiga... como eu quero você junto comigo nesse momento.

— Bandida! Não acredito que aceitou a proposta da grife italiana e não vai mais morar com a gente em Nova Iorque!

Opa!

Grife italiana? Nova Iorque?

Estremeço, até onde sei ela tinha ido para a Itália visitar os pais.

— Desde quando está em Londres? — mudo a pergunta sentindo o meu sangue ferver.

— Três semanas — Chloé finalmente responde.

Uh o quê?

— Será que podem nos dar licença? — peço gentilmente, controlando a vontade de puxar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toalha e mandar tudo que há na mesa pelos ares.

— Estamos comendo.

Respiro.

— Estou grávida e isso aqui é sério. Saiam. — Mudo para o tom Capitão Putão, que não admite recusa.

Não vou implorar, muito menos humilhar.

— Tudo bem, meninas, não vai levar mais do que cinco minutos — Chloé pede entediada, como se estivesse fazendo o favor de conceder uns minutinhos a uma fã inconveniente.

Elas saem, eu sento.

— Como assim está aqui há três semanas? Tenho ligado pra você, no mínimo, umas cinco vezes por dia... Por que não atende? — disparo em um tiro. — Aquela sua assistente mal e mal me diz alguma coisa. Sou sua amiga, caramba! Não uma repórter enxerida. Deus! Por que fez isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisava de um tempo. Não queria ver ninguém.

— Entendo que tenha ficado magoada, mas poxa... Sempre fomos amigas. Se queria um tempo, ok, mas avisasse, não sumisse desse jeito. Eu e Lucca estamos quase malucos com a falta de notícias e você aqui em Londres?

— Não estou acreditando que estão de boa?

— Por que não estaríamos?

— Porque ele gosta de você, caramba!

— E daí, nem por isso deixou de ser meu amigo. Conversamos e está tudo bem. Nós duas deveríamos ter feito o mesmo.

— Não acredito... Lucca é muito trouxa mesmo.

— Precisa conversar com ele.

— Já conversamos. — O belo rosto

PERIGOSAS ACHERON

endurece. — Não passo da amiga divertida. É sempre a mesma história! Babaca ama mulher que não o ama e foda-se o resto.

— Desde quando o ama? Até ontem era o Klaus.

— Não interessa desde quando. Dane-se o Klaus e os outros antes ou depois dele. Foi sempre assim... você com os melhores caras e eu posta de lado. Só esperaram eu dar as costas pra me trair.

— Pelo amor de Deus, cresce, Chloé! Ninguém te traiu... Talvez seja mais conveniente para o seu drama não lembrar, mas quem deu as costas foi você. Tínhamos combinado de acamparmos juntos! Preferiu nos dispensar e passar o feriado com um músico que nem conhecia. Como eu ia saber que gostava de Lucca se sempre estava enroscada com um cara diferente?

— Ai, chega! — Tenta encerrar o assunto,

como sempre faz quando perde a razão. — Esse assunto já cansou. Tô em outra, Beatrice! Não tenho culpa se entrou nessa de família feliz... Meu mundo não combina mais com o de vocês! Só quero tocar minha vida em paz, pode ser?

Bufo em um furioso: *não pode ser!*

— Chloé, temos uma vida juntas. — Cruzo os braços para avisar que não estou desistindo. — Não dá pra te deixar em paz. Que história é essa de Estados Unidos?

Exasperada, Chloé remexe na cadeira.

— Aceitei a proposta de uma agência de lá. — Também cruza os braços. — Temporada de um ano, parto hoje à noite. Disse que preciso de um tempo.

Uh o quê?

— Um ano! — Meu queixo cai. — E eu?

Dá de ombros e, na mesma hora,

reconheço a garotinha birrenta com a qual cresci. Deus, é tão nítido. Chloé está magoada e vestiu a velha armadura. Finge não se importar para se proteger. Seguro a vontade de reconfortá-la. Não posso. Dessa vez, ela errou e não quer assumir. Passar a mão por sua cabeça, como venho fazendo há anos, não vai ajudá-la.

Respiro e acalmo meu coração acelerado. Não estou em uma batalha perdida. O que está acontecendo aqui não é um fim, é uma mudança de posturas. Chloé é uma mulher incrível, linda e boa, mas, como todos nós, tem seus defeitos e monstros. Ignorá-los é um erro.

— Tudo bem... se é disso que precisa, vá.
— Levanto decidida a mudar de tática. — Estarei por aqui se precisar de mim. — Ignoro a vontade de implorar que fique e mantenho-me firme. — Só me faça um favor, ok? Traga a minha melhor amiga de

volta. É fácil. Basta que perceba quem são seus amigos de verdade. — Espio com desdém o grupo de mulheres que ri mais ao longe. — As amizades não valem só quando os ventos estão ao nosso favor, amigos também erram... — Suspiro. — Uma pena que não consiga enxergar o quanto é amada. — Os olhos de tigresa piscam. Não resisto e acaricio os cabelos maravilhosos. — Só um conselho, moça bonita... Eu fugi durante anos e não adiantou nada. Em todo o caso, aproveite bem esse tempo. Reveja suas posturas, valorize seus acertos, assumo seus erros e volte. Só não demore muito. O mundo não para e espaços vazios, uma hora, são preenchidos. Fique na paz, te amo.

Dou-lhe as costas com a sensação de ter feito a coisa certa. Chloé é tão teimosa quanto eu, mas não é burra. Uma hora, ela volta; e se não o fizer, nada me impede de ir buscá-la e arrastá-la de volta a Londres pelos cabelos, se for preciso.

Sorrio para mamãe e Maggie, que me esperam mortas de curiosidade, já fora do restaurante.

— E aí, filha?

— E aí, tudo bem, só Chloé sendo Chloé. Chegou ontem e esqueceu de avisar — amenizo tentando pôr panos quentes.

A imagem da minha amiga, junto à tropa, não está das melhores, não serei eu a piorá-la.

— Não tá tudo bem, filha. Sumir desse jeito e largar uma amiga na mão, não está certo. Pelo menos, ela sabe tudo que aconteceu?

— A carreira dela exige muito, mãe. Duvido que tenha tido tempo de ler os jornais.

Mamãe solta um muxoxo aborrecido.

— Isso não é desculpa, são melhores amigas. Vou ligar pra Christine. Ela precisa pôr um pouco de juízo na cabeça da menina. Onde já se viu

chegar e não ligar?

Dou um sorrisinho desanimado... a mãe da Chloé nunca conseguiu domá-la, não vai ser agora, aos vinte e seis anos e com o mundo aos pés dela, que irá conseguir.

— Gosto muito da menina, mas graças a Deus que Romeo desistiu dessa egoísta.

Eita!

— Como sabe do Romeo? — Viro surpresa.

Duvido que ele tenha dado com a língua nos dentes justamente nesse assunto.

— Intuição, meu amor, uma mãe sempre sabe — Maggie gaba-se.

Sabe?

— Até parece que sabia sobre mim e Dante?

— Soube desde o primeiro segundo que os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vi juntos — gaba-se novamente.

— Eu também sempre soube. — Mamãe abre um sorriso satisfeito.

— Impossível, éramos só crianças! — Cerro os olhos, desconfiada.

— E daí? Pode não acreditar agora, mas espere os gêmeos nascerem pra ver uma coisa. — Maggie diverte-se. — Ter filho bonito é uma agonia constante. A mulherada é muito assanhada! Vai passar a vida toda... essa não, essa nunca... essa com certeza. É só bater o olho. Tiro e queda.

Como que enviadas por Deus, um grupo de menininhas passa gritando e correndo pelo saguão do hotel. Uma delas para, olha para a minha barriga e abre um sorriso.

— Nem vem. — Fecho mais o casaquinho para proteger os meus filhotes. — Vai brincar, vai, lindinha. Não tem nada aqui pra você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Faço um: *xô, xô* com as mãos e ela volta a correr e a gritar.

Ai, meu Deus, tô lascada!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

— *Oh, meu Capitão...*

— *Aguente firme, Inglesinha...*

— *É tão alto aqui...*

— *Já estou chegando...*

— *Eu te amo pra sempre.*

* .. ♥ .. *

— Treas, o celular.

— Hã? — grunho atordoada.

— A porra do celular. — Dante agita-se.

Deitada de ladinho sobre ele, tomo consciência do barulhinho rítmico que ressoa dentro da gaveta do criado-mudo ao meu lado.

— Ah, tá... hum... depois...

Em busca de mais cinco minutinhos de

sono, ignoro o som, aconchego-me às costas largas e quentinhas... e tento voltar a sonhar para lembrar sobre o que era.

— Porra...

— O que foi agora?

— O meu celular.

Com um gemido de protesto... deslizo das costas para o colchão quando Dante se remexe para alcançar o aparelho e atender. Molinha de preguiça, abraço o travesseiro e tento dormir.

Maldição!

Impossível, com a luz do celular brilhando e a voz rouca e sonolenta vibrando ao lado.

— O que foi? — murmuro aborrecida.

— Romeo.

Oh, merda!

Meu coração sobressalta. Ligações na madrugada, nunca são um bom sinal. Sento na

PERIGOSAS ACHERON

cama na hora.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto assim que a ligação termina.

— Não... nada, calma. — Dante espalma meu joelho. — Ele só ligou pra avisar que está vindo para cá com Max.

A luz do celular apaga e tudo volta a ser breu.

— Que horas são? — Acendo o abajur.

— Cinco... vou descer pra ver o que eles têm. Volte a dormir, só precisa chegar ao Estadia às oito.

— As Babuskas?

— Parece que sim. — Seus olhos recaem para os meus seios expostos.

— Vou com você.

— Não. Está quentinha. — Puxa o edredom cobrindo minhas pernas. — Lá embaixo

deve estar um frio danado.

Pondero admirando o rosto que sempre fica lindo ao acordar. Adoro esse cabelo bagunçado e a cara amassada.

— Agora já acordei. — Tomada pela curiosidade, chuto a coberta para longe. — Cadê a camiseta que eu estava ontem?

Nossa, nem acredito que isso vai acabar!

Levanto empolgada e Dante me vê andar nua em volta procurando no chão. Encontro a dita cuja, cinza, jogada no chão ao lado da minha calcinha de renda azul-clara. Pra variar, a coisa animou antes de dormirmos.

Visto a camiseta comprida de Dante sem me incomodar com a calcinha. Dou a volta. Sento na cama colando o quadril à lateral dele.

— Vai, levanta! Não acredito que não está ansioso!

PERIGOSAS NACIONAIS

A mãozona infiltra-se sob a camiseta alisando minha bunda desprotegida.

— Não vai falar com aqueles tarados sem nada por baixo — rosna.

Sorrio da ciúmeira.

— E nem cheirando a sexo, né? — Afago as tatuagens no ombro. — Vou tomar um banho rápido. Quer vir? — Minha vez de esfregar suas costas.

Os olhos dele piscam sacanas... Rio. É tão nítido quando a chavinha de humor do Capitão Putão gira para o modo fodedor sem limites.

— Vou ligar pro Pirralho pedindo que atrasem uma meia hora.

— Faça isso. — Pisco. — Te espero no chuveiro.

Levanto e capricho no rebolado.

— Vai provocando, vai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Espio divertida sobre os ombros... Dante já está de pé, nu em sua glória, com um míssil pra lá de engatilhado. Devora-me com o celular próximo da cara obscena.

Espetáculo esse meu homem.

Minha boca saliva.

— Não estou fazendo nada, Capitão —
defendo-me ingenuamente, antes de arrancar lentamente a camiseta e virar no corredor.

— Filha da mãe, se prepara! — berra —
Romeo? Preciso de meia hora... Foda-se que já estão chegando... vão comprar o café, porra!



Deliciosamente satisfeita e sentada no colo do Capitão taradão, beberico o chá de hortelã... Puxo a folha sobre o balcão e leio novamente as sequências impressas em um e-mail.

PERIGOSAS ACHERON

From: Martina Domenico.

To: Stoirm, Romeo.

8 8 9

— Ainda está enjoando com café? —
Romeo me obriga a desgrudar os olhos do papel.

— Não... só evitando. Li que cafeína deixa os bebês agitados. — Deposito a caneca fumegante sobre o balcão. — Quem é essa Martina? É confiável?

Examino o rosto bonito e cansado. Minha língua coça para comentar a chupada máster em seu pescoço, mas me contenho... Desde que Romeo broxou total com Chloé, ele entrou numa de curtir a vida adoidado e, acompanhado por Max, não tem

PERIGOSAS ACHERON

perdido tempo em conhecer todas as boates e sirigaitas de Londres.

— Isso é com Max, o contato é dele —
Romeo espreguiça-se.

Volto minha atenção para um Max. Não menos exausto.

Reviro os olhos.

Eles são tão legais... Bem que poderiam parar de putaria e encontrar mulheres tão legais quanto e se assentarem.

— Uma milica gata que conheci numa missão de resgate da Sibéria — Max explica em um bocejo.

— A mulher te deve favores? — Arqueio a sobancelha.

— Não, mas faz qualquer coisa por um repeteco. — Max sorri perversamente convencido, como só um Stoirm sabe fazer. — Não é só o Puto

PERIGOSAS NACIONAIS

que manda bem, primeira-dama. Também tenho armas potentes.

Minhas bochechas coram na hora.

— Vai se foder, Palhaço! — Dante tampa meus olhos. — Pare de induzir a minha mulher a olhar para a sua artilharia!

Ouçó Dante esbravejar e Max soltar uma gargalhada sonora. Puxo a mãozona que tapa a minha cara.

— Não estava olhando nada! — minto evitando focar novamente na virilha de Max. — Será que dá pra gente voltar ao que interessa? — mudo o foco da prosa. — Acho ótimo que conseguiram as sequências — digo apesar de um pouco frustrada —, mas até agora não explicaram como?

Saco... esperava um pouco mais de ação pro meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Estávamos repassando a lista de tripulantes e o Palhaço reconheceu o nome — Romeo prontifica-se. — Segundo ele, Martina é soldada treinada em invasões e boa em circular sem ser vista. Incluímos a gata na missão. Passamos as coordenadas do contêiner e do pacote com as Babuskas... Aí foi fácil, lembra daquele meu contato na alfândega que te falei? — Não lembro, mas assinto só para que continue. — Ele me deve um favor e tem um scanner igual ao meu no porto em Marrocos. Usa pra detectar drogas escondidas e contrabando... sopa no mel. Foi só esperar o navio aportar para reabastecer e Martina desembarcar com as Babuskas... Ela o procurou, o favor foi cobrado, o scanner feito, as Babuskas devolvidas sem rastro e *voilà*... últimas sequências e o Museu nunca vai perceber que tocamos nas bonecas.

— Às vezes, vocês me assustam, sério. — Giro o pescoço para encarar o grandão atrás de PERIGOSAS ACHERON

mim. — Como conseguem bolar umas coisas assim?

— Agradeça à Maggie e ao Anthony que, além de lindos, nos fizeram gênios. — Romeo ri arrogante.

Idiota!

Reviro os olhos.

— Esqueceu do modestos — provoco divertindo-me.

— E dos bons de foda. — Max arqueia as sobrancelhas numa careta sacana.

Dou risada porque ele é engraçado e Dante solta um grunhido irritado.

— Porra, vai voltar com isso, Max? Tá querendo tomar porrada logo cedo?

— Aí, Dante, que saco! Estamos só brincando. Nem me passa pela cabeça descobrir se todos são como você ou não — minto. — Já

PERIGOSAS NACIONAIS

descobriram o banco? — mudo de assunto rapidinho.

— Ainda não, mas agora vai. — Romeo acaba o café. — Joguei os números no sistema... — Levanta. — Vou lá para a Central... mais algumas horas de varredura e devo trazer notícias concretas.

— Ai, que bom! — Bato palmas. — Quero estar junto quando descobrirem o que é que tem lá. — Animadíssima, pulo do colo de Dante. — Acho que já vou deixar minha malinha pronta!

— Nem pensar, Inglesinha.

Uh o quê?

Viro para o empata-diversão, já no modo demônia ativado.

— Nem pensar o teu rabo! — Minhas mãos vão parar na cintura. — As Babuskas são minhas!

— Está grávida, porra! — Levanta-se.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O sangue que sobe às suas faces, me dá um leve indício de que esteja fortemente dividido entre a vontade de me esganar e o desejo explícito de me algemar na cama.

— Gravidez não é doença! — Estufo o peito, mas quem projeta é a minha barriguinha. — A doutora Megan falou que estamos ótimos! Vou e pronto!

— Vamos ver se vai ou não. — Cruza os braços.

— Se não me levar, vou a nado!

Max e Romeo caem na gargalhada. Dante lança para eles um olhar não muito diferente do que lançou para mim segundos atrás.

— Cacete de mulher que não sossega! — Passa as mãos nos cabelos úmidos. — Só posso ter jogado pedra na cruz.

Busca apoio dos irmãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jogou por tabela, Puto, esqueceu? —
Max pressiona os lábios. — Velho ordinário! Não é
que o castigo veio!

Os azuis-índigo arregalam.

— Puta que pariu, é mesmo! — Dante faz
sinal da cruz.

— Que castigo? Do que estão falando? —
pergunto desconfiada.

Cruzo os braços achando que é uma tática
coletiva para me distrair.

— Quando éramos pequenos fomos pegos
no flagra... — o fofoqueiro do Romeo prontifica-se.
— O pastor Wilson nos apanhou roubando vinho
santo na sacristia e jogou uma praga. Disse que o
castigo um dia viria. Segundo ele, na escala de
pecados mortais, o que fizemos foi o mesmo que
jogar pedra na cruz.

Estremeço... uma onda de indignação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

magoada sobe por mim.

— Tá insinuando que sou um castigo na sua vida, seu cretino? — Não consigo evitar que meus olhos lacrimejem.

— Pronto, vai começar! — Dante esfrega o rosto.

— Santo Deus, esse lance de hormônios é real mesmo! — Max afasta-se por cautela.

— Andei lendo, loucura total. Imagina em dose dupla? Tá fodido, *Fella!* — Romeo dá dois passos para trás.

Só não explodo porque me assusto antes. Dou um salto e meu coração quase para quando gritos e murros explodem lá fora. Com o dia ainda escuro, nem nos preocupamos em abrir as portas de vidros ou desativar o blackout.

Reconheço as vozes que gritam por mim.

Miah e Lore?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou a volta no balcão, aperto o botão liberando a porta... assim que abre e os dois pulam para dentro do loft, ofegantes. Gabriel e Godzilla vem atrás rosnando e latindo.

Dante apressa-se em ir acalmar os cães enquanto corro para os meus fiéis escudeiros.

— Pelo amor de Deus, gente. Que desespero é esse? Que horas são, estou atrasada?

Assustada com a cara de: *fodeu!* dos dois. Checo o relógio no micro-ondas: 6h45.

Ué.

— Ai, Chefinha. — Lore puxa o ar como uma maratonista que correu mil milhas. — Fodeu!

Meus joelhos amolecem... busco apoio na bancada.

— Fodeu o quê? — Dante chega e passa o braço sobre os meus ombros.

Max e Romeo chegam junto na rodinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A coisa toda... fodeu a coisa toda —
Miah responde dessa vez.

— Calma... vamos pôr ordem nessa merda.
Respirem e expliquem devagar — Dante assume, já
que estou dura e muda como uma tábua.

Como que enfeitiçados pelo tom
autoritário do Capitão, meus pupilos puxam uma
série de inspirações e expirações adestradas... por
via das dúvidas e porque estou apavorada, faço o
mesmo.

*Malditos hormônios que bagunçam a
minha cabeça e deixam meus sentimentos um caos.*

Num gesto tímido, Lore levanta o dedo
delicado indicando que está pronta para falar.
Dante meneia a cabeça incentivando-a. Ela ergue o
queixo e endireita as costas em sinal de respeito

— Como sempre fazemos em dia de
montagem, chegamos mais cedo, Capitão — relata

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em tom militar. — Esperamos um tempão e os fornecedores não apareceram.

— Quais? — reencontro a minha voz.

— Todos, Chefinha.

A notícia me acerta como um soco. Fraquejo e Dante me sustenta pela cintura.

— É impossível... trabalhamos meses nisso. Só usamos gente confiável... fornecedores não dão pra trás... Pelo menos, não todos de uma vez. — Minha mente começa a voar entre as consequências preocupantes. — Confirmei pessoalmente com cada um na sexta-feira. Tava tudo esquematizado para chegarem as dez para as seis e começarem a montagem — explico para todos e para ninguém em específico. — Deus, tem alguma coisa errada. Será que confundiram o horário? Cadê o meu computador? Não posso ter passado as informações erradas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não passou, Chefinha, foi a primeira coisa que verifiquei. Enquanto esperávamos, também liguei para todos. Alguém dobrou nossos preços para estarem em outro evento.

Jesus, Maria, José!

Isso não pode estar acontecendo.

— O quê? Quem? — Seguro-me para não chorar e manter-me firme.

— Não sei... não disseram. — Os lábios de Lore tremulam. — Alguma coisa de sigilo de contrato. Droga! Tanto esforço, demos um duro danado nisso! Não é justo morrermos na praia.

— Isso é muita sacanagem! — Romeo pragueja ferozmente.

— Se é, Sacaninha Abusado — Lore concorda, desolada.

— O projeto, nós vamos... — cubro a boca incapaz de dizer que se não conseguirmos servir as

refeições, o parlamentar Watson vai tirá-lo da gente e repassá-lo para outro.

— Alguém lá fora não gosta muito de você. — Max esfrega a testa, claramente, não acreditando no que está acontecendo.

— Mas que porra! — Dante explode bruscamente. — Ninguém vai morrer na praia! Temos alguma coisa ou partiremos do zero?

Hã?

Temos? Partiremos?

— Só o caminhão-cozinha e as mesas e bancos que pegamos emprestado com a Cruz Vermelha — Miah responde com olhos esperançosos. — Eles foram entregues na sexta, Capitão.

— São trezentas refeições a serem preparadas e servidas a partir do meio-dia — murmuro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante checa o micro-ondas.

— Tranquilo... temos cinco horas, até lá —
fala com uma segurança e calma impressionantes.
— Já montamos esquemas para refugiados em
maior número, em menos tempo e com menos
estrutura — conta como se não tivesse sido nada.
— Vai dar certo, amor. Confie.

Estranho o amor, ele não me chama muito
assim. Claramente, prefere Inglesinha ou Treas.

Sem saber se choro como um bebê, rio
histérica ou grito como louca, decido ser prática.
Embalada na confiança inabalável que tenho por
ele, coloco a Trice produtora no comando das
minhas emoções tumultuadas.

— Se nos dividirmos, seremos mais
produtivos. — Engulo o nervosismo e entro na
jogada. — Preciso das listagens de materiais e
funções que estão meu computador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim que se fala, amor — Beija-me com força como se quisesse se certificar da minha determinação. Sem me importar com os outros que nos observam, retribuo com considerável fervor deliciando das sensações da barba em minha pele.

— Vamos começar — diz soltando-me.

Uau!

Assinto com certo exagero, totalmente motivada pelo beijo.

— Mas... mas... ficamos meses planejando — Lore titubeia.

— Perfeito! Então estamos em vantagem tática. Já sabemos exatamente o que deverá ser feito — continua resoluta e confiante.

— E nós? — os irmãos se manifestam.

— Romeo, desça para acelerar as varreduras, Max fique comigo. Temos uma missão, senhores, preparem-se. Essa porra vai sair. E

PERIGOSAS ACHERON

Lucca?

— Foi para o pub rever o cardápio e checar as reservas da despensa — Lore murmura ainda abalada. — A nutricionista contratada pelo Watson exigiu que tudo fosse entregue no dia e fresco. Os fornecedores também não apareceram.

— Até os mantimentos? Que merda sem tamanho é essa? — exalto-me.

— Não sei, Chefinha, não sei. Nunca vi um troço desses.

— Primeiro, vamos nos concentrar nas soluções, depois buscaremos as causas. — Dante me solta, aperta o ombro de Lore em um gesto de incentivo e volta-se carinhosamente para mim. — O telefone do Lucca, preciso dele, amor.

Corro para a mesinha de cabeceira para alcançar o celular, o Capitão continua a comandar:

— Miah e Max, vão até o escritório na

PERIGOSAS NACIONAIS

sacristia e tragam os computadores e tudo que formos precisar.

Não sei como, mas em quarenta minutos, estávamos prontos. Nosso time, reforçado pela chegada dos gêmeos, Trent e Mc. Cada um com uma função específica a desempenhar e todos contagiados pela postura motivadora de Dante.

Ele não é só um Capitão experiente... Meu amor tem um dom. É um líder nato... Há tanta coragem e determinação em suas palavras e atitudes que é impossível ficar imune. Ao mesmo tempo que exige, incentiva e dá confiança. Não é à toa que esses soldados o seguem tão cegamente.

— Te encontro no Estadia em uma hora.
— Dante gruda as nossas testas. — Vai dar tudo certo.

— Eu sei. — Fecho os olhos, preparando-me para a correria que virá a seguir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante segue com Max, Miah e Trent para a garagem, enquanto saio com Lore, os gêmeos e Mc pelos jardins do Convento. Nosso grupo está incumbido de buscar as provisões para o novo cardápio improvisado por Dante e Lucca.



Uma das coisas boas da produção é a correria. Você entra no automático e vai. Problemas pessoais, dramas, traições e raivas não interessam, tudo fica para depois, guardado na gavetinha: ***não pense nisso***, escrito em negrito, na memória. Na mente, só o que existe é o faça acontecer.

Seguro a ansiedade ao avistar o prédio da antiga fábrica. Se fosse cronometrado não teria dado tão certo. Conforme o combinado, contornamos a quadra do Estadia exatamente uma hora depois de termos saído do loft. Pensei que

PERIGOSAS ACHERON

seria confuso fazer as compras com três caras que mal conheço, mas foi incrível. Cada um pegou uma parte da lista e mandou ver.

Nosso comboio de SUVs, conduzidos por Mc e um dos gêmeos, entra no estacionamento, agora limpo e revitalizado. O que vejo me surpreende. Tinha me preparado psicologicamente para encontrar a área dos fundos do prédio um caos.

Surpreendida, busco por Mc ao volante, que não parece nada surpreso com o que vê.

— Como?

— Precisão militar, conhece?

Ô se conheço.

Fico um pimentão. Foi numa dessas de precisão militar, que o Capitão acertou logo de primeira e mandou dois soldadinhos.

— Tudo bem? — Mc me olha esquisito,

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente, estranhando a mudança de cor.

— Tudo, só espantada com a rapidez na montagem. — Gesticulo ao redor.

— Quando o Capitão diz que vai ficar tudo bem, é porque vai. Ele nunca faz promessas vazias.

— Eu sei.

Ainda surpresa com tamanha eficiência e organização, volto a escrutinar o terreno gigantesco, com capacidade para uns cinquenta carros, que comprova que Mc está certo.

O caminhão-cozinha foi posicionado bem ao centro. As pessoas não terão dificuldade em circular por ele. Em uma área mais ao fundo, junto aos muros de tijolos aparentes, duas imensas estruturas de ferro foram montadas. Ambas cobertas por lonas verde-exército. Grandes o suficiente para que as trinta mesas de piquenique e bancos fossem distribuídas de forma harmoniosa.

PERIGOSAS ACHERON

Toalhas?

Balanço a cabeça achando graça... Nem eu cheguei a essa riqueza de detalhes. Reconheço da cozinha das Irmãs, o padrão xadrez, verde e branco.

Estacionamos do lado oposto ao evento, junto com outros carros, entre eles, o do Capitão. Desço com as duas únicas sacolinhas que Mc me permitiu carregar. Busco por Dante, mas não o encontro. Todos os rostos são desconhecidos para mim.

Mc surge ao meu lado, carregando três caixas abarrotadas de mantimentos. Sinto-me mal, mas não vou brigar, de novo, com ele. Lore e os gêmeos vêm bem atrás. A falta de pressa e o sorriso de orelha a orelha que ostenta, dizem que está adorando ser paparicada pelos sombras.

— Quem são? — Aponto, com o queixo, para o grupo de soldados, novinhos de tudo, que

termina de montar e organizar as mesas.

— Amigos... — Mc diz com respeito. —
Recrutas das Forças Armadas.

Bato na perna rija dele com a sacolinha de
guardanapos.

— Que equipe de montagem, que nada.
Nos próximos eventos vou logo é chamar esses
caras.

Mc ri... e é tão raro que o faça. Meu radar
apita. O Capitão era igualmente fechado quando
nos reencontramos. Pergunto-me se Mc também
carrega a sua dose de dramas.

— Deveria rir mais, soldado. Fica bem
mostrando esses dentes — digo sem pensar.

O homem para de rir.

Meleca!

— Ai, desculpa, não queria me intrometer.
— Daria um tapinha camarada no ombro dele, se

não fossem as feições indefinidas. — Pode continuar sem rir, por mim, tudo bem.

Para minha surpresa, ele cai na gargalhada.

Gente!

São todos um bando de bipolares no Exército?

— Que figura. — Balança a cabeça ainda rindo. — O mundo desabando e mesmo assim, se preocupa com os outros?

— Ué? Não é assim que amigos fazem? Cuidam um dos outros? Olhe ao redor... estaria lascada sem vocês. Gratidão não chega nem aos pés do que estou sentindo.

— Fico feliz que me considere um amigo. Estamos aqui porque é uma mulher especial em tudo, Beatrice Wild. Não é à toa que o Capitão seja tão gamado.

Eu sou especial para eles?

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio completamente sem graça e, certamente, fico ainda mais vermelha.

Sou salva do absoluto constrangimento por Lore, que já chega a mil, organizando o armazenamento de compras. Sigo com ela até o prédio para guardar os descartáveis, enquanto os rapazes vão para o caminhão entregar os mantimentos.

— Chefinha, esses caras são foda, né! Bem que poderiam largar as guerras e virarem todos produtores.

— Poderiam mesmo...

Congelo a um passo de entrar na antiga fábrica. Um arrepio igual ao do cemitério me varre dos pés à cabeça.

— Chefinha. — Lore segura na minha mão. — Pode entrar sem medo. O prédio ainda não tá lá aquelas maravilhas, mas garanto que não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobrou nenhum ratinho ou barata pra contar história.

Entro receosa, mas logo tenho que concordar com Lore. Ainda há muito o que ser feito para transformar isso aqui em um centro de apoio decente, mas pragas e insetos não são mais um problema. Deixamos as compras na salinha improvisada como depósito e escritório, Lore me entrega um *pen drive* verde com a lista dos sem-teto cadastrados, enfio o dito cujo no top, sob a camiseta *Staff*, e saímos para ajudar nos preparativos.

Mais ao longe, Trent passa com os braços carregados. Ele se esforça em não deixar cair as embalagens com garrafinhas d'água e sucos.

— Onde está o Capitão?! — grito assim que nos vê e sorri.

— No caminhão!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisa de ajuda com as bebidas?! —
Lore entra no modo prestativa.

Safadinha!

Tá igual pinto no lixo, sem saber para qual lado ir com tanto homem bonito às voltas.

— Só se for agora, gatinha!

— Obrigada pelo melhor emprego do mundo, Chefinha. Estou no paraíso. — Pisca e sai correndo na direção de Trent.

Vou para o caminhão e subo as escadinhas.

Minha Nossa Senhora Parideira!

Tenha dó das minhas calcinhas!

Quase tenho um troço quando entro de mansinho na cozinha móvel e grudo os olhos logo em quem me interessa.

Salivo, suo, tremo e minhas partes felizes, que andam pra lá de assanhadas, entram em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

combustão. Homens em dólmãs são sexies, Lucca e os assistentes ficam bem nelas, mas Dante?

Ah, meu Pai Celestial!

A visão inesperada do meu Capitão dentro de um deles é de outra dimensão.

Es-pe-ta-cu-lar!

Só por hábito e porque prioridades de grávidas não precisam fazer sentido... dou uma checadinha básica na bunda maciça, metida no jeans desgastado que a deixa, injustamente, ainda mais apetitosa.

Sacanagem, nós mulheres suando por um traseiro decente e esse cretino já me nasce assim, o rei das bundas perfeitas, humilhativas e deliciosas.

Hum... que vontade de morder e não largar nunca mais!

Dante na versão cozinheiro fodidão salvando o meu mundo é arrebatadora... Ele é um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bálsamo e todinho meu. Só sua presença já me faz acreditar que as coisas vão dar certo. Foda-se os problemas, enfrento o que vier se, no final das contas, tiver o direito de afogar os meus males, soterrada nesse corpão aí.

— Deu até fome, agora — murmuro para a dupla, mas com foco apenas em um.

Ambos desviam a atenção dos caldeirões, que borbulham no fogão industrial, e viram para mim em um movimento sincronizado. *Inacreditável*. Se me dissessem que eu veria esses dois juntos cozinhando pacificamente... na boa, daria risada até o ano 2035.

— Conheço esse cheiro, está delicioso — elogio porque é a mais pura verdade.

— Prato irlandês. Sugestão do Capitão. — Lucca bate nas costas dele.

Meu queixo cai... eu sei que a necessidade

PERIGOSAS ACHERON

une as pessoas, mas isso parece um sonho.

— Só estamos improvisando a receita de *Irish Stew* de Judy. — Dante tira o boné, bagunça o cabelo e vem até mim.

Sem se importar com a presença de Lucca, ou talvez porque se importa muito com ela, enlaça minha cintura de modo possessivo e retribuo fazendo o mesmo.

— O Capitão me colocou na linha com Judy. Senhora animada. — Lucca ri e fico feliz que Dante tenha respeitado a hierarquia de cozinheiro. O comando das panelas é de direito do meu amigo. — Diante das circunstâncias, um prato único foi a melhor saída. Judy sugeriu algumas alterações na receita por causa do tempo, mas vai continuar deliciosa e o melhor de tudo, saudável e nutritiva. Estou até cogitando incluí-la no cardápio do pub.

— Vai fazer sucesso, combina com cerveja

PERIGOSAS NACIONAIS

e *whisky* — brinco.

— Porra, *Born in Caos*, nem tô acreditando que esse cara — aponta a colher de pau para Dante — produz aquela divindade.

— O milagreiro também é o Bruxo. Ele manja muito mais do que eu quando o assunto é *whisky*.

Ok... definitivamente, estou em um mundo paralelo.

Abro um sorriso idiota. Não sei se um dia irão se tornar amigos, mas que dá uma felicidade tremenda ver os dois conversando, sem toda aquela animosidade, isso dá... Talvez esse perrengue tenha vindo com um propósito maior, vai saber...

Deus tem cada uma, que só por Ele mesmo.

Em todo o caso, valeu aí, amigo Divino!

— Não estou acreditando que conseguiram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer tudo isso em tão pouco tempo. Vi a montagem das tendas e mesas, ficou incrível. — Afago o abdômen trincado de Dante. — Te amo, não sei nem como vou te pagar.

— Também te amo. — Resvala nossos lábios castamente. — Fique tranquila, sei muito bem como cobrar.

O Sorriso aparece e ele me encoxa.

— Dante! Estamos aqui pra trabalhar! — Afasto-me dando um tapa na bunda obscena. — Quero saber como posso ajudar. — Miro em Lucca, que nos observa entristecido.

Merda!

— Montamos uma estrutura de apoio atrás da cozinha. — Lucca ri sem jeito. — O pessoal está lá em um mutirão com os legumes e acompanhamentos para a salada. Que tal mostrar a ela, Capitão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante assente e não resisto. Antes de sair, pulo nos braços de Lucca em um abraço apertado.

— É o melhor amigo do mundo. Te amo, viu? — sussurro em seu ouvido. — Sei que não está sendo fácil. Obrigada por não me abandonar.

— Jamais abandonaria — murmura sincero. — Agora acho bom me recompensar e apresentar umas amigas.

Rompo o abraço fingindo choque.

— Que interesseiro! — protesto já estudando as possibilidades. — Vou pensar no seu caso, seu mexicano safado, mas antes, preciso ver qual é daqueles legumes.

Saio rindo, escoltada por um Capitão não muito satisfeito com meu rompante carinhoso.

Merda, merda!

— Desculpa, ainda tô pegando o jeito... — Franzo o nariz reconhecendo a mancada. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Também não me sentiria confortável se fosse você agarrado efusivamente a alguém.

— Tudo bem, Inglesinha. Não sou contra a abraços... é seu amigo, mas só não gruda tanto no gringo, da próxima vez.

— Ok, abraçar, mas sem grudar... combinado.

Damos a volta e sob uma cobertura menor, colada à parte traseira do caminhão, encontro um animado grupo. Estanco o passo num arquejo surpreso. Muitos rostos continuam desconhecidos, provavelmente outros recrutas.

O que tira o meu ar é a cena inimaginável em uma das três mesas improvisadas. Anthony e Jack descascam, desajeitadamente, um punhado de batatas sob a supervisão feroz de Maggie, Martha e de minha mãe, que reclamam da espessura das cascas e do desperdício acarretado por isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A um passo de abrir o berreiro, busco por Dante que já me observa com cautela.

— Família, Inglesinha, família. —
Pressiona os lábios visivelmente emocionado. —
Não está sozinha, Treas, nunca esteve. Liguei para contar o que havia acontecido e aqui estão. —
Ergue os ombros e não diz mais nada.

Nem precisa, eu sei...

Carinhosamente, observo de longe a turma unida vestida com a mesma camiseta *Staff* que eu. Eles sim, são o meu time e meu verdadeiro abrigo. Aqueles que, juntamente com Dante, sempre estiveram por perto prontos para me estender a mão.

É claro que foi uma baita sacanagem o que fizeram com o Estadia... como também é doído pra caramba, não ter Chloé por perto, mas por mais que a ausência dela me doa, é injusto ficar infeliz

PERIGOSAS ACHERON

quando tantos outros me oferecem ternura, apoio e amor.

Caramba... sou muito abençoada!

Jurei manter-me firme, mas sou vencida. Uma onda de emoção chega forte pressionando-me o peito e a garganta. Engulo o choro, colo o rosto no ombro de Dante e quando sinto os braços fortes virem ao meu redor, sucumbo e deixo vir.

Embalada pelo deslizar lento das mãos nas costas, choro baixinho numa mistura confusa repleta de indignação, alegria e gratidão.

É verdade, não estou só, nunca estive.

Choro, choro, choro... deixo que a dor saia e a força entre. Ao me ver mais calma, Dante sussurra:

— Se quiser sair, dar um tempo...

— Não, estou bem. — Levanto o rosto e limpo as lágrimas. — Vamos lá, temos muita coisa

pra fazer ainda.

Respiro e puxo Dante em direção à tenda.

— Filha! — Minha mãe larga a faca ao perceber minha presença. — Andou chorando? Está tão abatida. — Levanta e corre para me abraçar. — Ah, minha menina! Se pego quem fez isso, juro que estrangulo!

Assim como minha mãe, todos levantam e vêm em nossa direção.

— Eleonora, para de ser cega! — Martha, manifesta-se. — Ninguém tira da minha cabeça que foi o Peter! Aquele pulha não está nada feliz com a surra que tomou do Anthony nos tribunais. Também acha que foi ele, não acha, querida? — vovó direciona-se a mim com uma gentileza nada típica.

Livre do abraço, ergo os ombros sem ter certeza. Seria a cara do meu ex-pai fazer isso, mas

depois de Anthony ter arrancado tudo que podia dele no acordo de divórcio, duvido muito que tenha cacife para bancar uma vingança dessa proporção.

— Depois descobriremos quem foi, Martha. — Jack olha feio para ela. — Agora não é o momento.

— Como está? — Maggie aproxima-se e acaricia minha barriga.

— Bem e procurando não pensar em quem. Fazer acontecer é mais importante. Só sinto que tenham que passar por esse aperto.

Sorrio em tom de desculpas para Anthony e Jack, que não me parecem muito felizes com as batatas que seguram.

— Não se preocupe, querida. — Mamãe disputa espaço na minha barriga com Maggie, que ainda não desgrudou dela. — No fundo, estamos todos nos divertindo e matando as saudades dos

PERIGOSAS NACIONAIS

tempos de acampamento. Melhor voltarmos a trabalhar, Maggie, senão a comida não sai.

Acompanho o grupo familiar voltar ao trabalho, mas antes que comece a fazer o mesmo, meu coração implora por algo.

— Pessoal, muito obrigada — Imposto a voz para que todos escutem. — Muito obrigada mesmo, por terem deixado suas famílias e o merecido descanso de domingo para virem nos ajudar! — Sorrio para os recrutas. — Meninos, vocês são demais!

Uma onda de sorrisos tímidos e de continências discretas é dada. Meneio a cabeça em um gesto de respeito.

O dia está tão surreal, que não me espanto quando roncos de motores furiosos interrompem as saudações silenciosas... Espio e o velho furgão da igreja entra no estacionamento escoltado por um

PERIGOSAS ACHERON

bando de motoqueiros, que reconheço no ato.

— Joe aqui? As Irmãs meio que já esperava, mas Joe?

Junto as sobancelhas exigindo uma explicação. Sem saída, Dante coça a nuca de um jeito que me deixa cabreira.

— Depois de Klaus, Joe me procurou e colocou-se à disposição — diz surpreendendo-me com a novidade. — O cara está mesmo grato por você ter tirado Scarface da cola deles. A princípio não vi como poderia ajudar, mas daí Guy foi solto e pensei melhor. Joe tem circulação livre pelos becos de Londres, pedi que ficasse atento, só isso.

— Não estamos em um beco. — Agito a cabeça sem entender.

Dante esfrega o rosto dando sinais de cansaço.

— Max foi atrás deles. Os recrutas vão

PERIGOSAS NACIONAIS

ajudar na segurança, mas Joe e os caras conhecem quem é quem nas ruas, não posso correr o risco de ter algum babaca mal-intencionado infiltrado entre os sem-teto.

Respiro e conto até dez.

Ok, já entendi.

Apesar de não gostar nada, nada da vigilância forçada, esse é o ônus de se estar com alguém superprotetor e cauteloso como Dante. Duvido que algum dia, o meu Capitão vá relaxar na segurança, ainda mais com os soldadinhos na jogada.

— Fez bem — reconheço por fim. — Nem passou pela minha cabeça a possibilidade de maus elementos querendo fazer uma boquinha. — Aponto para Joe, que ajuda a Irmã Hortência a descer do furgão. — Só espero que isso não seja heresia.

PERIGOSAS ACHERON

No mínimo, é pitoresco ver um ruivão cheio de marra, pinta de perigoso, metido numa jaqueta de couro com emblema *Motos From Hell*, andar de braços dados junto a uma doce e casta representante de Deus.

Dante começa a rir ao entender a ironia.

— Acho que não, Inglesinha. — Coloque-me sob a sua asa. — Quando a causa é nobre, até o céu e o inferno dão uma trégua.

Tomara.

Os motoqueiros ajudam as Irmãs a descarregar o furgão e Max vem até nós liderando um outro grupo incomum. Três mulheres que são só sorrisos ao redor dele.

Caramba, haja vitalidade, três?

— E aí, primeira-dama? Trouxe reforços.

— Percebi. — Sorrio cabreira.

— Oi! — Uma garota, de cabelos lisos e

PERIGOSAS NACIONAIS

castanhos, na altura do pescoço e traços quase orientais, sorri como se me conhecesse. — Max disse que precisava de três garotas divas pra checar os nomes e organizar as fichas dos sem-teto que aparecerem.

— Nossa, é mesmo! — Bato na testa lamentando o esquecimento. — Nessa correria nem lembrei da checagem das fichas. Muito obrigada.

Deus!

Amanhã mesmo vou ligar para a doutora Megan... Falei das recepcionistas antes de sairmos! Ficar tão avoada não pode ser normal.

— Pelo jeito, a coisa avançou rápido. — Uma morena de cabelos longos escuros passeia o olhar carinhoso por sobre a minha barriguinha.

Não consigo disfarçar o choque, deve estar evidente nas minhas feições que não faço a mínima ideia de quem ela seja.

PERIGOSAS ACHERON

— Vixi, Kiara, Satin Love esqueceu da gente.

— Tudo bem, Lelly, ficamos irreconhecíveis desmontadas.

— Satin Love? — Dante questiona confuso e já meio puto.

Deus!

Satin Love!

Minha ficha cai.

— Ai, Caramba! Claro! Kiara, Lelly e Lady Lai! — Viro para Dante. — A minha fantasia linda! Do dia que me eletrocutou, lembra? Sou a Satin Love e elas, as meninas do Flamingos! — digo o óbvio e não entendo o rosnado em resposta.

— As próprias! — Lady Lai abre a jaqueta de oncinha, revelando uma camiseta rosa pink com um: *Flamingos* bordado em lantejoulas prateadas. — Viemos com nossos próprios uniformes, esse

seu aí, todo preto, é muito simplinho. Podemos não estar na boate, mas uma garota precisa de brilho.

— Brilho, com certeza. — Imagino que umas lantejoulas no meu *Staff* não ficariam mal. — Estão irreconhecíveis sem a maquiagem e as perucas.

Saio da asa do Capitão e corro para um abraço triplo com direito a pulinhos e gritinhos.

— Estamos aqui por você, gata. — Lelly me abraça forte.

— Quem melhor do que nós para lidar com um bando de caras selvagens, hein? — Kiara pisca.

— Não consigo imaginar ninguém melhor — respondo a brincadeira. — Como souberam?

— Max... nós, às vezes... Sabe como é. Coisa boba de verão. — Kiara fica enrubescida. — Ele ligou perguntando se estava de folga e se podia

trazer mais duas meninas.

Que safado!

— Será que podem parar de fofocar e liberar a princesa? — A voz grossa de Joe nos faz calar no ato.

Viro ficando de frente para ele.

— Joe! — Estendo os braços pedindo um abraço.

Um filme de tudo que passei nesses últimos meses vem à minha mente.

Caramba! Quanta coisa.

Nem acredito que estão todos aqui.

Por mim!

— Posso ter a honra de parabenizar a mamãezinha, Capitão? — Joe sorri desafiador.

— Claro — Dante grunhe enviesado, provavelmente sabendo, que não vai adiantar proibir.

Joe me puxa para um abraço não tão apertado. Lembro do: *não grudarás* e dou uma recuada evitando contato desnecessário das partes.

— Estou orgulhoso, princesa. — Depois de me balançar algumas vezes, para lá e para cá, afasta, segurando-me pelos ombros. — Está deslumbrante de mamãe, menina maluca. — Dá uma boa olhada na barriga. — Max falou que é uma dupla.

— Sim... dois soldadinhos. — Derreto-me acariciando a barriga.

— Uau! Logo dois na lata! — Joe ri e vira-se para Dante. — Não brinca mesmo em serviço, hein, Capitão. — O motoqueiro pressiona os lábios em um gesto impressionado.

— Pois é, não brinco; e você, já pode largar a minha mulher. — Gesticula para soltar-me.

— Ok, ok! Sem tocar, já entendi. — Joe

PERIGOSAS NACIONAIS

solta meus ombros, ergue as mãos e dá um passo para trás. — Vim pra ajudar, não pra apanhar. — Ri. — Quem vai coordenar os paisanas?

— Jack. — Dante aponta para o meu avô, que continua na missão batatas.

— Bom, melhor ir me apresentar pro velho... as freirinhas precisam de ajuda. Cara, elas não brincam em serviço com as tortas de maçã! — Joe inclina e dá um beijo estalado em minha bochecha, surpreendendo-me. — Daqui a pouco, volto para colocarmos as fofocas em dia, princesa.

Antes que eu diga ok, ele sai correndo em direção ao meu avô.

Fim da festinha... Hora de trabalhar. Depois de levar as meninas Flamingos para a mesa improvisada de recepção e ajudar as Irmãs a terminarem de descarregar o furgão...



PERIGOSAS ACHERON

— *Poxa, Irmã... essas tortas não eram para a caridade do Convento?*

— *No Convento ou aqui, não importa. Caridade não tem endereço, Beatrice.*



... Dante nos deixa na tenda de apoio e volta para o caminhão a fim de ajudar Lucca.

Com tanta coisa ainda a ser feita, mergulho no trabalho. Ajudo e apoio a todos como posso: descasco, pico, varro, experimento a comida, revolto-me quando Dante berra da cozinha e me impede de levantar um engradado com alfaces, derreto quando lança um beijo satisfeito e agradecido, provoco quando saio rebolando... imprimo a listagem dos sem-teto, separo seus crachás em ordem alfabética, ensino as garotas Flamingos como distribuí-los... flerto um pouco com o Capitão arrasante no dólmã, ajudo Trent e

PERIGOSAS NACIONAIS

Miah a empilhar as bebidas, acompanho meu avô, Mc e Joe em uma ronda aos banheiros, preparo os kits de higienização de mãos e dentes... ganho um beijo escondido, longo e quente na despensa, defino as ilhas de distribuição dos kits e refeições, oriento as Irmãs nesse serviço... flerto mais um pouquinho, mamãe, Maggie e Martha encarregam-se dos pratos e talheres, os gêmeos e Lore me ajudam com os latões de coleta... as horas passam num piscar... e uma fila ansiosa começa a se formar nos portões do estacionamento.

Por volta das onze e cinquenta, um comboio de carros de luxo desponta trazendo o parlamentar Watson e sua comitiva. *Que ostentação!* Meu coração começa a ricochetear... Lembranças vêm e um gosto amargo, das farpas trocadas em nosso último encontro, volta revirando meu estômago.

PERIGOSAS ACHERON

É agora.

Ensaio uma respiração cachorrinho para afastar a náusea. Endireito as costas e saio da área das mesas, onde organizava pequenos cartões com mensagens motivacionais para os sem-teto.

Camuflo a ansiedade, com passos decididos. Percorro a área do estacionamento... e para a minha surpresa, começo a ser seguida... um a um dos membros do time larga o que está fazendo e vem comigo. Mordo os lábios para segurar as lágrimas.

Agora não, hormônios bandidos!

Sorrio para Dante, que sai do caminhão e me espera com Lucca. Chego diante deles rodeada por meu pequeno exército.

Nossos olhares cruzam... mordo os lábios em um: *Caramba! Isso é real?*

Como se pudesse ler meus pensamentos e,

PERIGOSAS NACIONAIS

às vezes, desconfio de que possa realmente fazê-lo,
Dante esboça um sorriso torto e me oferece a mão.

Aceito em um entrelaçar de dedos.

Como nas épicas batalhas medievais,
entramos em formação. Juntos e misturados:
recrutas, motoqueiros, familiares, Irmãs, amigos,
meu amor e eu somos guerreiros selvagens e fodões
prontos e ávidos para encarar o inimigo.

A energia positiva que me rodeia é tanta,
que chega a arrepiar os meus pelinhos.

Oh, Deus!

Controlo, mais uma vez, as lágrimas.
Agarrada a mão de Dante, que me apoia e sustenta,
abro o meu melhor sorriso falso para o homem com
cabelo de poodle que se aproxima.

— Parlamentar Watson, seja bem-vindo!

— Senhorita Wild, senhores e senhoras.

Não há trocas de cumprimentos ou apertos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de mãos, apenas um menear de cachos com certa lisura exagerada. Estudamo-nos por alguns segundos. O espanto nos olhos astutos de raposa é evidente.

— Está com um time de peso, senhorita Wild.

Escrutina os rostos a sua frente, nitidamente intimidado pelas presenças de meu avô, do juiz e de Dante.

— Surpreso? — Arqueio uma sobrancelha inquisitiva e quase acusatória. — Esperava encontrar algo menos impressionante?

— Confesso que sim, muito surpreso, mas vamos ao que interessa. — Confere o relógio. — Meio-dia, pontualidade britânica também conta pontos na avaliação, senhorita Wild.

Aperto a mão de Dante, que tensiona e grunhe ao meu lado, e amplio o sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

— Como queira, parlamentar.

Ergo o braço, em um o gesto combinado com os gêmeos, e os portões abrem como cortinas de um espetáculo. O primeiro grupo de sem-teto entra, as expressões temorosas em seus rostos mudam para alívio e certa diversão quando se deparam com o trio Flamingos na triagem.

Maravilha!

Uma adrenalina boa, típica de início de evento, percorre minhas veias.

Deus, como amo o que faço!

Agigantada e confiante por todas as emoções e experiências vividas na manhã, deixo o parlamentar e a comitiva aos cuidados do Jack e do juiz e sigo meu rumo. Conforme combinado, Dante e Lucca comandam a cozinha enquanto fico a cargo das equipes no chão.

A coisa anda e anda bem... em poucos

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos, as mesas de refeições são ocupadas. As refeições satisfeitas e leves, as conversas soltas, o: *muito obrigado*, admirado que dão em troca do carinho que recebem dos colaboradores, não tem preço.

Com o coração aquecido, discretamente enxugo uma lágrima fujona. Não são meus sonhos ou sucesso que estão em jogo aqui, nada disso... são vidas.

O Estadia nunca foi sobre mim ou Lucca. É sobre humanidade e empatia. É sobre deixarmos nosso egoísmo, vaidade e dramas pessoais, um pouquinho de lado, para enxergar e respeitar as dores do outro. É sobre estender a mão e resgatar a dignidade de pessoas, esquecidas e largadas à própria sorte, que merecem ser vistas, respeitadas e cuidadas.

Encostada em uma das colunas que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sustentam a tenda, emociono-me. Lembro do nosso amigo de faculdade e do filho do Conde Byron, amados como milhares de outros, mas que, infelizmente, se desgarraram e morreram pela indiferença humana. Não tenho ilusão de salvar o mundo, mas se conseguirmos mudar alguns desses destinos tão trágicos, nossa missão, com certeza, já terá valido a pena.

— Senhorita Wild!

Ai, que saco!

Tinha me esquecido do parlamentar.

Procuro a voz monótona no cantinho “VIP” que a assessoria exigiu para a comitiva. É com muita surpresa, que não encontro a cabeleira grisalha junto aos demais engravatados que mal tocam na comida e olham para os nossos convidados com nojo.

Babacas!

PERIGOSAS ACHERON

— Aqui!

Sigo a voz e o que vejo é, no mínimo, espantoso. O parlamentar está em uma mesa central no meio dos sem-teto.

— Venha aqui! — insiste, dando tapinhas no lugar vago ao seu lado.

Sem saída e porque também estou aqui para isso, vou.

— Deseja alguma coisa, parlamentar?

Sento entre ele e um senhor careca, em cujo crachá leio Brian.

— Só conversar. — Põe de lado o prato vazio.

Estranho o tom amigável e admiro-me que tenha comido tudo.

— Não quis sentar com a comitiva? — especulo certa de que tem jogo aí.

— Só se consegue ouvir o povo,
PERIGOSAS ACHERON

misturando-se a ele.

Como é que é?

Controlo o impulso de afastar os cachos e tocar a testa para ver se não está com febre.

— Está falando sério? — não consigo esconder o tom surpreso.

— Por que não estaria? — Sorri e meu queixo cai. — Aliás, a opinião de todos aqui, inclusive minha, é de que a comida está realmente muito boa.

— E nutritiva — apresso-me a acrescentar. — Cumprimos à risca as exigências da nutricionista. É uma receita irlandesa da família do meu marido — explico com um sorriso imaginando a felicidade de Judy quando souber que até o intragável do parlamentar gostou.

— Capitão Stoirm?

— O que tem ele? — Olho ao redor,

confusa.

— Seu marido. — Sorri não tão antipático.
— Notei a gestação. O Capitão Stoirm deve estar orgulhoso.

Uh o quê?

— Está sim, muito... — gaguejo e surpreendo-me. — Eu disse meu marido?

O parlamentar assente e mira na aliança de ferradura. Arregalo os olhos pelo ato falho. *Uau, poxa vida!* Saiu tão natural... Nunca me referi ao Dante assim.

— Desculpe, me expressei mal. Casados... casados, legalmente ainda não. — Entorto a boca em um: *Ops, foi mal.* Morrendo de medo de se tratar de algum teste da mentira. — Nos conhecemos desde crianças, meu primeiro e único namorado, nosso relacionamento é sério... nada dessas coisas de amigados — desembesto a falar e

PERIGOSAS NACIONAIS

o homem me olha esquisito. — Ai, droga! Por favor, não tire pontos da avaliação por isso. Não sabia que estado civil contava! Não estamos em pecado, sabe, quer dizer, temos a bênção de Deus e tal... hum... os bebês não são pagãos.

A mão enrugada toca a minha.

— Calma, não está em julgamento.

Olho para a mão que toca a minha e para o sorriso amável em seu rosto. Aguço o olfato tentando sentir cheiro de álcool. Esse homem ou está tirando uma onda com a minha cara ou está bêbado.

— Não? Eu pensei que... — Puxo a mão ao mesmo tempo que inclino a cabeça sem entender. *Opa!* — O senhor vem me julgando desde que nos conhecemos!

— Eu sei e peço desculpas por isso.

Hã?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, mas não estou lhe entendendo, parlamentar.

Certa de que se trata de uma pegadinha, olho em volta procurando as câmeras.

— Deixe-me explicar. Estou na política há mais de cinquenta anos. Reconheço as máscaras e artimanhas. Quando disse que o Estadão parecia um belo golpe de marketing, não menti. Muitas pessoas usam projetos sociais como fachada para corrupção passiva.

— Jamais faria isso — repito o que lhe disse meses atrás.

— Agora eu sei, antes não. Sendo filha de quem é, julguei o livro pela capa. Cometi um erro. Convenci-me de que era só mais um caso de influência política em prol de interesses pessoais. Uma fachada para arrecadação de recursos, desvio e aplicação ilícita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deus! Por que eu faria uma coisa dessas?

— É uma Wild, senhorita.

Recebo as palavras como uma bofetada.

— Sou uma Wild, mas não o embaixador — digo entredentes. — Nem imagino as barbaridades que ele possa ter feito, para que o senhor tenha uma imagem tão negativa a respeito dele — minto, pois faço muita ideia sim. Um pai que põe em risco a própria filha, desrespeita a esposa e se aproveita de amigos é capaz de qualquer coisa. — Meu único interesse no Estadia é ajudar.

— Eu sei... o juiz contou que foram sabotados e que mesmo assim não desistiram. Vou solicitar uma investigação sobre isso hoje mesmo.

— Vai?

— Claro, quem fez isso não pode ficar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impune. Estou impressionado com o que vi e imagino que ficarei mais ainda quando o Estadia começar a funcionar a plenos pulmões. Logo de cara, notei o potencial do projeto, mas sou gato escaldado. Se pressionei, testei e impus barreiras foi para testar o grau de seriedade e comprometimento de vocês. Gostei da sua indignação a respeito do marginalia e o seu discurso efusivo, lá no banheiro, realmente me impressionou. Mostrou garra, me deixou balançado, mas não podia recomendar a liberação de um prédio de milhões de libras sem garantias.

— Está querendo me dizer que a falta de educação, as idas e vindas, as solicitações de alterações absurdas e até o marginalia eram teatro?

Velho safado!

— Prefiro que veja como um blefe necessário, não teatro... Nas reações intempestivas

PERIGOSAS ACHERON

mostramos quem realmente somos, senhorita. Sem dúvida, ganhou pontos na defesa tão entusiástica contra o *marginalia*. — Encolhe os ombros e não acredito no que estou ouvindo. — Peço desculpas, novamente, por ter sido tão grosseiro. Deixei a desconfiança falar por mim. Estava realmente disposto a tirar o Estadia de vocês, caso falhassem.

— Tirar e repassar para a tal especialista — jogo na cara.

A cabeça de poodle cai para trás em uma gargalhada espalhafatosa.

— A especialista a quem estava me referindo era a Rainha.

Truco!

— A Rainha?

— Claro, todos os projetos sociais passam pelo crivo da Soberana. A palavra final para a liberação dos bens da união é sempre dela. Sou

apenas o mensageiro.

— O que está querendo dizer, parlamentar?

— Que meu parecer no relatório final para a Rainha será positivo. Parabéns, senhorita Wild!

— Tá falando sério?

— Absolutamente.

Meus olhos estalam e num rompante de alegria, salto como um grilo do banco. Quero gritar, rir, correr... Só não beijo o parlamentar, porque ranços são sentimentos que não acabam da noite para o dia.

— Obrigada, parlamentar! — Sorrio na largura máxima que minha boca permite. — Muito obrigada mesmo! Preciso contar para Dante!

Corro em direção ao caminhão-cozinha, desvio do caminho ao ver apenas Lucca e os assistentes lá dentro. O certo seria contar a

novidade primeiro para ele, mas não consigo. Meu coração pede pelo Capitão... sem ele, não teríamos conseguido.

Cravo as solas do *All Star* no cimento e quase dou um cavalo de pau quando paro na tenda de apoio. Minha mãe, Maggie e as Irmãs estão no que parece ser um momento de pausa.

— Viram o Capitão por aí? — pergunto esbaforida.

Meus pés mal ficam no chão tamanha a euforia.

— Precisa ir ao banheiro, querida? Posso te acompanhar — mamãe oferece.

— Não. — Junto os pés tentando controlá-los. — O Capitão, cadê?

— Aconteceu alguma coisa? — Maggie questiona.

— Coisa boa, juro... — Agito as mãos

como uma criança ansiosa. — Só quero Dante.

— Foi com o pai, os meninos e o Jack até o depósito. — A Irmã Hortência dá a ficha com um sorriso sonhador.

— Valeu!

Com um saltinho, ponho-me a correr em um pinote em direção ao prédio.

— *Melhor chamar um dos gêmeos! Dante falou que não te quer sem segurança por aí!* — minha mãe grita, já ao longe.

Sem parar de correr ou olhar para trás, ergo a mão em um ok, que não pretendo cumprir. Não tenho tempo... estou feliz pra caramba e nada pode estragar a felicidade que vai ser contar para o meu Capitão que nós conseguimos.

Nas nuvens, com tanta alegria, entro no prédio e viro no primeiro corredorzinho... não tenho tempo nem de reagir ou gritar quando dois

homens me agarram. Em menos de dois segundos, fitas adesivas cobrem a minha boca e prendem as minhas mãos.

Como um tapete voador enrolado e prestes a ter um enfarte, os dois homens me carregam embaixo dos seus braços de estivador. Sou levada na direção oposta ao depósito...

— Vê se colabora, moça. Temos ordens de fazê-la chegar inteira. Ela não quer os bebês machucados.

A voz em um sotaque forte me faz congelar. Paro de me debater como uma minhoca, ao ouvir as palavrinhas mágicas.

Ela não quer os bebês machucados.

Ela quem, meu Deus?

Entro no modo: *respiração doutora Megan*. Estranho o leve cheiro de fumaça, mas ignoro-o por estar focada na prioridade de sairmos

PERIGOSAS NACIONAIS

vivos dessa. Sigo inspirando e expirando enquanto mil e uma possibilidades passam pela minha cabeça.

Adentramos nas entranhas da fábrica, caímos em um breu, percebo o vai e vem entre os corredores escuros e vou me debatendo por todo o caminho.

— *Dante! Dante! Dante!* — minha mente grita sem parar, até que o clarão do dia me cega.

Mal e mal reconheço a saída lateral do prédio, antes de ser posta no banco de trás de um SUV que parte a toda velocidade. Não tenho certeza se o homem atrás do volante é um dos mesmos que me sequestraram.

Foi tão rápido.

Droga! Droga! Droga!

Estava tão feliz e confiante... tudo o que queria era o Capitão.

PERIGOSAS ACHERON

Com os olhos grudados no carecão que dirige, tiro as costas do assento e forço as mãos, trêmulas e suadas, na tentativa soltá-las. Não consigo. As fitas, em torno nos meus pulsos, não chegam a bloquear a circulação do sangue, mas, para o meu azar, cobrem a pulseira impedindo meu acesso a ela.

Droga!

Sem poder ativar o sinalizador ou acariciar a barriga para acalantar meus filhotes, começo uma prece. Puxo e solto o ar para acalmar-me. Não se trata só de mim aqui. Essa adrenalina não deve ser boa para os bebês. Como um mantra calmante, rezo todas as orações que conheço e invento algumas... Peço aos meus avós mortos que intercedam por nós junto aos anjos... Imagino um escudo iluminado e protetor em volta dos nenéns.

Own, meus soldadinhos... é tudo uma

brincadeira, viu.

Não quero que se preocupem.

A mamãe precisa que fiquem brincando aí dentro, até o papai chegar.

Dizem que temos dentro de nós uma reserva de força que surge quando a vida nos põe à prova, rezo com mais fervor, implorando a Maria Mãe Suprema que as minhas forças maternais não se esgotem. Não por mim, mas pelos meus filhos e por Dante.

Da janela do SUV, Londres desenha-se como um borrão... Famílias aproveitam o domingo calmo e sem chuva, para passearem alheios ao drama que desenrola aqui dentro, parecem felizes... como eu, até minutos atrás.

Respiro...

Força, força, força.

Uma fileira de táxis passa sem que os

PERIGOSAS NACIONAIS

passageiros me vejam. Mais adiante, um ônibus de dois andares, vermelho e tipicamente londrino, emparelha. Uma dezena de turistas orientais debruça sobre as laterais da cobertura, mirando os celulares em tudo o que veem.

Droga! Se ao menos pudesse gritar e bater no vidro.

Cruzamos a ponte do Big Ben, 1h45 é o que os ponteiros mostram. Dois guardas com seus chapéus pontudos e negros fazem a ronda pelo acostamento. Meu coração acelera.

Vamos! Olhem para mim, me percebam!

Observo-os ficarem para trás. Tudo bem, respiro... poderia ser pior, tento convencer-me. Os soldadinhos não serão machucados.

O carro sai da ponte e ladeia o Tâmesa. Vejo o Aquarium, o Centro de Tecnologia Dungeon e antes que passemos pela London Eye, o

PERIGOSAS ACHERON

carro entra em um túnel e tudo volta a ser cinza.

Paramos, sou puxada para fora e a fita adesiva em minha boca é arrancada com força. Meu grito de dor e revolta ecoa no que julgo ser uma velha linha de metrô desativada.

— Respire e grite à vontade. Ninguém pode te ouvir mesmo — meu algoz gorjeia em um sotaque forte.

Encaro a careca que reluz sob a iluminação fraca e trepidante. Inspiro o ar úmido e frio. O cheiro aqui embaixo não é dos melhores, decerto é o esgoto misturando-se ao mofo.

— O que pretende com isso? — cuspo a pergunta com toda a raiva que há em mim.

— Eu? — Olha-me sem empatia. — Nada. Só mais um trabalho.

Filho da puta!

Penso em dar no pé, mas as pernas

PERIGOSAS NACIONAIS

compridas e o revólver prateado, que reluz na cintura do homem, avisam que não irei muito longe.

— Poxa, parabéns! — Ataco com a única arma que possuo: a voz. — Trabalhar fodendo a vida dos outros deve ser muito gratificante.

Sorri sórdido indicando que é.

Misericórdia!

O barulho do motor e os faróis altos de um novo carro me fazem esquecer do monstro e virar. O veículo para a poucos metros de nós. Logo a silhueta de duas mulheres surge. Com a luz batendo em suas costas, não consigo reconhecer os rostos, só que são o oposto uma da outra. Alta e magra, baixa e robusta.

— Vaca, bruaca, sabotadora, invejosa!

Vocifero assim que a mais baixa se revela primeiro aos meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também é bom te ver, vagabunda. —
Nora Bronx escrutina minha barriguinha
evidenciada sob a camiseta justa da produção. —
Pelo jeito, não perdeu tempo em dar o golpe no
soldado bilionário.

— Pode rir, idiota. — Fuzilo a loira com
meu olhar mais mortal. — Dante sabe que suspeito
de você. A essa altura, meu cunhado gênio já
rastreou todos os e-mails dos fornecedores — blefo
a segunda parte. — Não imagina o tamanho do
vespeiro em que se meteu.

— Bela merda. — A loira odiosa ri.

Espio o careca, que parece se divertir com
a conversa.

Cretino!

Reviro os olhos.

— Não vão conseguir fugir. — Ranjo os
dentes. — Vão fechar os aeroportos e estradas!

PERIGOSAS ACHERON

— Hum... poderosa. — Nora agita as mãos em um deboche. — Que fechem a porra toda, já tenho carona. Isso que dá me subestimar, baixinha. Sempre se achando melhor do que eu. Coitadinha, correu tanto por causa do Estadia e agora estamos aqui... você na merda e eu bela e rica, prestes a mudar para o paraíso.

Ai, que vontade de arrancar os cabelos dessa vaca!

Tento, mais uma vez, soltar as mãos.

— Não sei se ficou sabendo, mas meu expai tá falido e me odeia... não vai rolar resgate — esclareço e ri como se soubesse e não ligasse.— É o Estadia? Jamais terá acesso aos fundos dos donatários. Não é possível que seja tão alucinada ao ponto de pensar que ficará com o projeto se eu sumir.

— Eu sei, aquele velho babão do

PERIGOSAS NACIONAIS

parlamentar Watson nem quis me receber quando liguei e disse que tinha um projeto melhor.

— Então, por que me sabotou?

Os olhos negros ganham brilho com a minha pergunta.

— Não preciso do seu dinheiro e nem quero o projeto. Fiz pelo prazer de te ver fodida.

Chocada, esqueço minhas mãos. Essa mulher me sabotou e sequestrou por causa de inveja? Ela não é só louca, é burra também.

Respiro buscando minha Trice interior.

— Esquece... não vou discutir com maluco. Muito menos, bater boca só para satisfazer a sua vontade doentia de se igualar a mim. É impossível, não dá... não conseguiria descer tão baixo... é a escória, Nora Bronx. — Enojada, engulo em uma careta. — Sua sujeira é incompreensível. Simplesmente não consigo ver a

PERIGOSAS ACHERON

vida de uma forma tão maldosa e baixa. Sou feliz, sabe... e pessoas felizes não têm necessidade de destruir o outro... não combina. — Balanço a cabeça.

— Belas palavras, Poliana. — Cobre o coração num falso sentimentalismo. — Faça isso, finja que seu mundinho cor-de-rosa não acaba de ruir.

Gargalho surpreendendo-a.

— Tem razão, parabéns! Graças a você, estou na merda, mas vou sair dessa, pode apostar. E quando acontecer, não espere que eu tripudie... Já está fodida... é seca e feia por todos os lados, Nora.

— Sua... sua...

— Chega, loira! Deixe um pouco pra mim!

Reconheço, no ato, a voz e a mulher morena. Cambaleio e quase caio de bunda.

— Ah, oi Beatrice. Belo discurso. —

Claire alisa a trança comprida. — Espero que esteja apreciando o passeio. Que carinha chocada é essa? — Faz um bico. — Não pensou que a chinelada ficaria sem troco, pensou? Nossa... não sabe a vontade louca que tenho de pagar na mesma moeda. Pena que, se estragar a mercadoria, não recebo.

Mercadoria?

Essa girafa chamou meus filhos de mercadoria?

— Fique longe de nós, sua Tomb Raider traidora! — explodo ainda sem entender a presença dela. — Não vou deixar que machuque meus filhos! O Capitão confiava em você!

Ofego sufocada num mar de incompreensão.

— Deixa de drama. Os bebês fazem parte do pacote. — Revira os olhos azuis. — Tudo tem

preço, até mesmo a lealdade. No amor e na guerra, pessoas mudam de lado o tempo todo. De amigos a inimigos em um passo. — Estala os dedos. — Basta um não quero, uma chinelada e uma boa geladeira para isso acontecer.

— Senhoras, o furgão está vindo. — Murdoch aproxima-se com o celular na mão. — Não podemos esperar mais.

Furgão?

— Só mais cinco minutos... — Claire pede sem desgrudar os olhos de mim. — As bonecas já devem estar chegando.

Meu coração gela.

— Bonecas? — sussurro.

— Pois é, acertou. O Capitão confia mesmo na equipe. Esqueceu do hotel? A reunião com o gorducho? Colocar umas escutas foi tão fácil. Esperava pescar um peixinho e veio logo um

tubarão. Sei das Babuskas e sequências. — A morena sorri irônica. — Sua segurança era minha, tinha total acesso, querida. Por falar nisso, *DanteAmorEterno* é a senha mais ridícula que poderia ter no computador. Não deveria sair do quarto e deixar suas coisas dando mole. Sabia que o backup que fiz do seu computador serviria para alguma coisa. Belo projeto o do Estadia.

Putá que pariu!

Será que ela nos ouviu transar?

Deus! Nos filmou?

Indignada com tamanha invasão de privacidade, firmo os pés no chão. *Grampos eletrônicos?* Essa desgramada já pretendia aprontar para o Capitão, antes mesmo das bonecas ou chineladas. No mínimo planejava chantageá-lo em troca de sexo.

Merda!

PERIGOSAS NACIONAIS

O dia de hoje foi orquestrado e não se trata mais só de inveja ou vingança feminina.

— Moço, não sei o que essa aí andou prometendo para o senhor — digo firme e o homem solta o ar sem paciência. — Nenhuma boneca vai chegar.

— O quê? — Os olhos dele crescem.

— Mentirosa! — Claire avança em minha direção, mas o braço do bandido interpõe-se entre nós. Recuo grudando a bunda no SUV. — Ouvi sobre a lista, vi as fotos das Babuskas azuis e sei que conseguiram outro jogo na Irlanda.

— Bela bosta! — Colocaria as mãos na cintura se não estivessem presas atrás das costas. — Temos duas... ainda faltam três. — Encaro de novo o careca. — Pode me colocar no detector de mentiras se quiser. Não vê? É evidente que ela está mentindo. Vendeu gato por lebre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O rosto já duro do homem, endurece mais.

— Ligue para o seu contato, Claire. Diga que quero as fotos agora.

— O telefone dele está mudo, mais cinco minutos e as terá nas mãos. — Claire mantém a pose. — Não tem falha. Estou afastada, mas ainda faço parte do time. Repassei meus acessos da Central para o contato. A essa altura já vasculhou tudo, encontrou as bonecas e está vindo para cá.

O careca vacila numa coçada de nuca.

— Qual é, Murdoch! — Claire joga os braços longos para o alto. — O plano está nos trilhos... Conheço aquela equipe, treinava com eles, sei de todos os métodos. Soldados são fiéis! — diz e quero rir. — Falei que se sabotássemos o evento, toda a equipe se mobilizaria pra ajudar! O Capitão é obstinado, leal e louco por essa aí! — Olha-me com raiva e desdém. — O mais difícil foi feito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Consegui provocar a pane nas câmeras de segurança de todo o quarteirão e começar o curto na despensa, para tirá-los de linha, não consegui? Disse que sou a melhor, invadir uma Central largada às moscas, não é nada.

Deus do Céu!

Largada às moscas uma ova!

Tem o Romeo lá!

— Moço... senhor Murdoch... me escuta, homem! — berro ofegante. — Pensa... quem trai um Cavaleiro de Honra da Rainha trai qualquer um! — apelo e consigo a atenção do careca. — Acha mesmo que o Capitão, esperto como é, não trocaria os acessos? Ele faz isso toda semana! — digo porque é verdade. — Não estou mentindo sobre as bonecas, mas mesmo que estivesse, aquilo lá é uma fortaleza e sinto muito lhe informar... Tomb Raider de araque... — Viro para a morena do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demônio. — A Central não está descoberta. Nem todos foram para o Estadia. Uma mosca voando fora do lugar, o alarme toca. Para alguém que se diz tão informada, tá me parecendo bem por fora.

— Vou acabar com você, sua nanica vadia!

— Chega! Calem a boca! — Murdoch esbraveja e me abraça. — Ninguém toca na moça! Preciso pensar.

É o que ele faz... pensa... pensa... pensa, até que uma vã branca, com um logotipo de um tal de Voluntários Solidários, que nunca ouvi falar, chega e gruda no SUV deixando-a imprensada em um sanduíche automotivo.

Dois homens vestidos como enfermeiros desembarcam e vem até nós. Ambos também são carecas e possuem os mesmos traços embrutecidos de Murdoch.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Levem a garota. Vou falar com o chefe.

— O quê? Não! Preciso estar naquele avião! — Nora desespera-se. — Vou junto. Fiz a minha parte. Não quero nem saber!

— Fecha essa boca, loira! O trato era tudo ou nada.

Enquanto esperneio e grito, protestando por ser arrastada, mantenho os olhos grudados aos de Claire. O vazio toma conta dos azuis. Ela sabe, essa primeira batalha eu venci e em seu futuro só haverá... o nada, o fim.

Meu peito comprime... desvio o olhar em um adeus. Não há prazer na vitória, apenas dor.

Choro, mas não imploro que Murdoch tenha clemência... Da maneira mais vil e dura que existe, entendo... Dante tinha razão, os conceitos mudam na guerra. É sobrevivência. Os meus filhos ou elas. Arrasada, nem resisto quando as portas da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

van abrem e sou colocada, não tão delicadamente, para dentro.

Partimos e misturado ao meu choro e ao ronco do motor, há um soluço doce e baixinho. Pelo timbre suave, é mulher. Procuro e tenho certa dificuldade para localizar a origem do som, no interior escuro da van. Com esforço, consigo ficar de joelhos e me esgueirar até o canto onde alguém está encolhido de cabeça baixa.

Ao invés de medo, a figura prostrada e frágil me provoca compaixão.

— Moça, está machucada? Diga-me o que tem, que vou tentar ajudá-la.

Perco o ar quando a cabeça ergue, os longos fios loiros caem para os lados, o rosto machucado se revela e reconheço o tom das íris azuis igual aos céus azuis dos desenhos animados.

— Elena?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Juro que nunca foi minha intenção colocá-la nessa. — Começa a chorar copiosamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

As marcas no rosto de Elena dão indícios de uma história terrível. Certamente, a garota passou por momentos piores do que os meus... Corta-me o coração ver as feições, delicadas e feridas, distorcidas por uma dor que não é apenas física... Seu olhar emana sofrimentos ocultos e profundamente enraizados.

Levo um tempo para me refazer do baque. A presença dela, bem como sua jura, não fazem sentido. Sem poder acalentá-la, busco por vestígios de mais ferimentos. Examino o corpo miúdo. A calça jeans não revela nada a respeito das pernas, já os braços, amarrados às costas e expostos por uma camiseta branca e suja, possuem hematomas. Espio atrás do dorso curvado sobre os joelhos. A situação dela é pior do que a minha. Há tanta fita adesiva em

volta dos pulsos, mãos e dedos...

Merda!

Imagino que tenha tentado arranhar todo mundo. Imobilizada desse jeito, a esperança de que pudesse me ajudar com a pulseira se esvai.

A van continua em curso, as ruas de Londres dão lugar à estrada... Sem ter a menor ideia do nosso destino, aninho o corpo junto ao de Elena... Talvez por estarmos na mesma merda, o contato traz um reconhecimento imediato e deflagra a sensação de algo bom e reconfortante.

Engraçado... já senti essa mesma energia sofrida e misteriosa em outro alguém, mas não consigo lembrar quem?

Mentalizo os bebês relaxados, trabalho a respiração e, quando ambas estamos mais calmas, Elena ergue a cabeça e me procura. Sorrio de modo carinhoso, pois é esse o tipo de sentimento que me

PERIGOSAS NACIONAIS

desperta. Sem ligação com a cabine do motorista e livre da possibilidade de sermos ouvidas, procuro animá-la.

— Vai ficar tudo bem — murmuro suave.
— Aquele seu bilhete depois do leilão não me convenceu. Fiquei preocupada. Liguei várias vezes para a Fundação e disseram que tinha ido visitar uns parentes distantes.

— Mentiram... — Sorri desgostosa. — Não estava viajando coisa nenhuma. Sou sozinha no mundo. Yuri ficou puto com nosso encontro no banheiro. Forçou a barra para saber o que mais eu tinha lhe dito e, como não abri o bico, me manteve de castigo.

Não poder ser!

Estremeço só de imaginar a possibilidade de ficar sob a custódia daquele nojento. Ajeito o corpo para encará-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esteve presa todo esse tempo? — Arrepio-me com o hematoma arroxeadado sob o olho direito dela.

— Hum-hum... Yuri é louco e vira o bicho quando não consegue o que quer. — Com uma careta de dor, também manobra o corpo para conversarmos melhor. — Jure que não vai bancar a durona. Ele está obcecado por você, enfiou na cabeça que é uma espécie de presente divino. Se fingir colaborar, duvido que te machuque.

Olho para as marcas no rosto dela, ponderando suas palavras.

— Não sei se vou conseguir, aquele homem me dá nojo. — Enrugo o nariz. — Toda essa marcação para o meu lado. Não entendo o que tanto quer.

— Além de você e seus bebês, quer a senha. Onde estão as bonecas? — Procura pelo

PERIGOSAS ACHERON

chão. — O Murdoch está vindo aí atrás com elas?

Caramba!

Que essas bonecas são culpadas pelo inferno que se instaurou na minha vida, eu já sei. O que me ferra, é não saber porquê.

— Não sei a senha e estou me lascando para as Babuskas... — omito sobre as sequências. — A prioridade é proteger os bebês. Por acaso, ele é um traficante humano ou coisa do tipo? — Arrepio-me dos pés à cabeça, ao lembrar do passado das crianças do Chaos. — Não estou entendendo e preciso de respostas! Nada faz sentido... — Arregalo os olhos. — Pera aí! Como sabe sobre a senha ou as bonecas? Não me diga que era cúmplice dele.

Os azuis-celestes crescem chocados.

— Deus me livre! Prefiro morrer a me aliar àquele crápula. Nunca nos demos bem, só nos

aturávamos por causa de Olívia. Eu o odeio! — revela num ranger de dentes. — Os bebês são a nova obsessão dele. Talvez por serem seus, sei lá. Juro que não sei. Não estou brincando, aquele maluco te venera. Andei ouvindo atrás das portas. Ele sempre fala para *Matb*^[190] do amor que sente por você.

Era só o que me faltava, um maluco apaixonado.

— *Matb?* — espelho.

— A mãe dele, Kátia. A única que ainda consegue controlá-lo.

Ok, mas as bonecas?

— Escute, Elena, meu coração confia em você. É horrível ter que te pressionar, logo agora que está ferida e assustada, mas preciso saber com o que estou lidando. Tenho fé de que Dante vá nos tirar dessa, mas preciso de um plano B. É bom que

PERIGOSAS NACIONAIS

me conte essa história da senha e das bonecas, tim-tim por tim-tim, desde o início. Não sei para onde vamos ou se teremos outra oportunidade de ficarmos a sós. Desembucha, pelo-amor-de-Deus! — quase rosno essa última parte.

Elena deixa escapar um suspiro rendido.

— Yuri revirou minhas coisas. Posso apostar que estamos indo para a Grécia. A conta secreta de meu avô fica num banco em Andros^[191].

Tão longe.

Perco o chão.

— A ilha? — murmuro, ela confirma e eu ofego. — Como assim, avô? Acabou de dizer que era sozinha no mundo. — Desconfiada, escrutino seu rosto.

— Continuo sozinha, é um avô morto — esclarece indignada — Petronovic. Sei que o conhece.

PERIGOSAS ACHERON

Hã?

Meus batimentos aceleram.

— Conheço e muito... — Meu rosto endurece. — Não estou acreditando que é neta dele! — revolto-me com razão. — Desculpa, mas não pode soltar uma bomba dessas e esperar que eu acredite que não está envolvida.

Um chiado agoniado sai dela.

— Falei que não era cúmplice do Yuri, não, que não estava envolvida. — Olha-me com firmeza.

Encaro o rosto impassível. Tudo que enxergo é sinceridade.

— Que história é essa de Petronovic ser seu avô? — pergunto em um voto de confiança.

— Do começo, certo? — confirma e assinto. — Para que não restem dúvidas, nunca soube da existência de um avô, ok? — Faz uma

pausa.

Balanço a cabeça em entendimento. Ela respira fundo e continua:

— Eu e Olívia somos órfãs. Sem qualquer parente, crescemos em um abrigo nos arredores de Londres. As Irmãs de lá diziam que o dinheiro para a nossa educação e futuro provinha de um fundo de caridade anônimo. Nunca questioneei... a Inglaterra é o país dos doadores excêntricos.

— Quando descobriu que não eram tão sozinhas assim? — continuo, pois faz sentido pra mim.

Por conta do Estadia, conheço muito bem esse lado benevolente dos cidadãos londrinos.

— Coisa de meses atrás. — Suspira dando sinais de cansaço. — Uma Irmã do orfanato me procurou e entregou um pacote com alguns objetos pessoais, um cheque gordo e uma carta. Durante a

conversa, revelou as identidades de meu avô morto e do tal financiador anônimo: Petronovic. — Seus olhos reviram insatisfeitos. — Correspondência antiga que deveria ser entregue a mim, caso ele morresse. Com tanta repercussão na imprensa, foi fácil dela ficar sabendo sobre a morte dele.

Ainda fazendo sentindo e curiosa por mais, espero que tome fôlego e continue.

— Li a carta, nela Petronovic conta que procurou Olívia para revelar quem era. Justificou o orfanato e anonimato na proteção. — Suspira profundo. — Imagino o tamanho do choque da minha irmã ao descobrir que viemos de uma família de pais assassinados e avô espião — divaga constrangida. — Protetora ao extremo, entendo que tenha decidido manter contato com nosso avô em segredo e me deixar no escuro. — Sorri entristecida. — Antes do casamento com Yuri, meu

PERIGOSAS NACIONAIS

avô conta que a procurou com um dossiê e adivinha? — Pressiona os lábios em uma pausa dramática, deixando-me agitada. — Parece que o noivo perfeito tinha muitos podres. Apaixonada, Olívia implorou que Petronovic destruísse tudo. Coisa que ele disse que faria, mas não o fez. Em sigilo, foi mantendo um olho em nós e outro em Yuri. O casamento foi feito, os anos passaram, até que o caldo entornou e... — fecha os olhos — a merda aconteceu — termina com a voz trêmula.

— A morte de Olívia, essa é a merda, né? — concluo em um pio, sentindo-me uma bruxa por precisar de mais e insistir que continue.

— Hum-hum... — confirma triste e volta a me olhar. — No começo, o casamento parecia legal... Yuri pode ser bem charmoso quando quer. — Revira os olhos. — Olívia o amava, mas começaram as tretas... Ela nunca se queixou, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mudou muito. Perdeu o brilho, a alegria, ficou amarga... as brigas aumentaram, começaram as ameaças, as chantagens... Um dia jogou o carro na porcaria de um precipício, tudo pegou fogo e nem pude enterrá-la. Foi sem se despedir e a culpa é dele! A relação com Yuri matou minha irmã!

Agito-me chocada.

— Deus, Elena, Petronovic sendo quem era, poderia ter feito algo... sei lá. Tirado vocês de Yuri. Dito o que sabia para os federais, qualquer coisa.

Ela bufa tão inconformada quanto eu.

— Na carta, Petronovic conta que essa era justamente a intenção dele, mas Olivia não deixou que fizesse, por temer as consequências. Meu avô era velho, já tinha visto muita coisa ruim, ficou com medo. Depois, quando ela morreu, temeu que Yuri descobrisse o rastro dele nas coisas de Olivia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, decidiu esquecer o assunto. Mudou de casa, destruiu tudo que nos ligasse a ele e sumiu do mapa por um tempo. Foi pra Grécia, escondeu o *pen drive* com os dossiês num banco, voltou para a Rússia e tocou a vida como um aposentado qualquer.

— Se decidiu esquecer, por que a carta?

— Acho que por medo de morrer e me deixar sem a verdade. — Pressiona os lábios em dúvida. — Sei lá, pode ter sido apenas paranoia de um homem que tem muitos inimigos, mas meu avô pressentia que seu tempo estava acabando. Então, quando seus avós faleceram, aproveitou a oportunidade, escondeu as sequências nas Babuskas, como garantia. Depois escreveu a carta contando o que havia feito. Desculpe. — Encolhe os ombros. — Acho que ele te usou como mula, pois sabia que as viagens via Embaixada não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passavam pela alfândega e queria que eu tivesse acesso fácil às bonecas, se por ventura, eu não entendesse o sentido das palavras na carta.

Velho safado! Mula o rabo dele!

— Que sentido das palavras? — pergunto irritada.

Os olhos de Elena brilham.

— Uma artimanha espiã, Beatrice, caso alguém interceptasse o pacote. Na carta, enfatizou que Olívia vivia se gabando do quanto eu era esperta, adorava lendas e especialmente amava códigos secretos. Depois de reler milhares de vezes, percebi que havia um jogo de palavras e datas. Quase fiquei maluca por não entender porque repetia tanto alguns fatos. Não podia ser coisa só da idade, parecia ter errado de propósito na grafia e ordem... — Sorri admirada. — Petronovic foi astuto, Beatrice, o orgulho era uma dica, as trocas

PERIGOSAS ACHERON

de palavras e números, um anagrama complexo.
Atenas, Andros, 918 197 198 889.

Jesus... As benditas sequências.

Meu queixo cai e a cabeça dá um nó.

— Então sabe o que o seu avô escondia?

— gaguejo ansiosa. — Não estou acreditando que jogou na cara do Yuri que descobriu os podres dele! Foi por isso que ele te bateu?

Que maluca!

— Não sei de nada sobre o dossiê. Ainda não consegui acessar a conta... — Descontente, morde os lábios. — O animal do Yuri me bateu porque não foi esperto o suficiente, para sacar que se tratava de um anagrama. Apanhei até não aguentar e revelar a conta, depois apanhei mais, porque ele não acreditou que eu não sabia a porcaria da senha. — Balança a cabeça como quem ainda não acredita em tudo que passou.

Quero socar a lataria da van.

Nossa, nunca tinha percebido como é tão difícil de se expressar sem as mãos!

— Que desgraçado! Olha o seu tamanho, droga! — Bato os pés no assoalho emborrachado. — Essa surra não pode ficar por isso mesmo! — esbravejo.

Depois preocupo-me. Para Yuri estar fazendo tantas barbaridades, o dossiê só pode conter uma bomba que irá atingi-lo em cheio. Em vão, tento ativar a pulseira.

Merda, merda, merda!

— Preciso da senha, quero que esse monstro pague pela morte de Olívia — Elena afirma enfática. — Revirei aquela carta do avesso e tudo que deduzi foi que a senha está nas bonecas, depois... só um monte de blá-blá-blá sobre a profissão de oculista, a grande confiança e amizade

com os Wild e linhas e mais linhas sobre como era divertido quando a pequena bonequinha, de olhos enormes e bicolores, fazia visitas e tirava fotos preciosas em seu consultório.

Surpreendo-me. A pequena bonequinha era eu. Não sabia que tinha sido tão marcante para Petronovic.

— Se falou tanto de mim... — pondero. — Talvez fosse outra dica. Deveria ter me procurado, Elena. Eu jamais lhe negaria ajuda.

— Procurado como? — O rosto delicado avermelha-se. — Ouviu minha história. Duvido que fosse acreditar. Não sou idiota, poxa vida. Sei o que dizem pelas minhas costas. Os tabloides me pintaram como a irmã demente, que culpa um homem confiável e de reputação inabalável, pela morte da esposa... Yuri era benfeitor do Estadia, Beatrice! O que iria pensar se lhe contasse que

descobri que era a filha órfã de vigaristas e neta de um avô, que, por acaso, é o tal espião duplo assassinado na Rússia? Um homem que me deixou de herança informações para proteção, mas que também podem foder com Yuri? — Morde os lábios fazendo seu ponto.

— É... talvez eu tivesse certa dificuldade em acreditar em você.

Inclina a cabeça em um: *pois é*.

— Meu motivo não é nobre, Beatrice... — seu tom não é de desculpas. — Estou atrás do dossiê por vingança, não para salvar o mundo. Não era justo te arrastar nessa sujeirada toda. Queria te proteger. Contratei Klaus pra isso.

— Para me roubar? — mais afirmo que pergunto.

Quando sairmos dessa, vou precisar de um psicólogo, com certeza.

É muita podridão para uma ser humaninha^[192] gente fina, como eu.

— Hum-hum, mas aquele ladrãozinho mequetrefe mudou os planos. Descobri que pretendia me tirar da jogada, vendê-las e ficar com o dinheiro, acabei metendo os pés pelas mãos... — Ergue os ombros. — Tinha escutado Yuri comentar com *Matb* que recebera informações sobre o juiz Anthony estar no caso Petronovic. Dei um jeito de falar com Romeo. Uma vez, ele deixou escapar que ajudava o pai em algumas coisas, arrisquei.

Yuri saber de Anthony não me surpreende.

Tenho um estalo!

— Pera aí... o tal informante, o moleque secreto que passava as dicas para o Romeo, era você? — Bato ombro com ombro.

— Ele achava que eu era um homem? — Um inesperado ar de divertimento brota nos azuis-

PERIGOSAS NACIONAIS

muito-azuis. — Um moleque? Fala sério?

— Todo mundo acha isso, inclusive eu...

— Sorrio. — Vi a imagem que mandou saindo do Klaus.

— Ah... achei mais seguro me disfarçar.

— Ergue os ombros. — Contratei uma consultoria de segurança digital para a Fundação, conheci o Romeo através dela... Apesar de tê-lo achado um cara legal, ele pareceu meio língua solta, não podia abrir quem eu era. O jeito foi criar um meio de comunicação não rastreável.

Esqueço por um segundo, as nossas tragédias pessoais e rio pelo língua solta.

— Não rastreável mesmo, o meu pobre cunhadinho gênio está tentando descobrir quem é o tal moleque, até hoje.

Ela sorri timidamente fazendo o meu coração aquecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinal de que é bom... foi ele mesmo quem me deu as dicas de como fazer isso, uma vez.

— Coitado, imagino quando descobrir que o aluno superou o mestre.

Rimos, mas paramos quando um solavanco faz nossas bundas subirem e descenderem, a van reduz a velocidade e três toques de buzina são dados.

Busco por Elena, que volta a ostentar a expressão assustada.

— Fica tranquila. Eu sinto que vai dar tudo certo. Vamos sair dessa!

As portas da van abrem revelando um gigantesco hangar. A falsa sensação de segurança do mundinho reduzido e isolado onde estamos evapora. Descemos escoltadas pelos enfermeiros fajutos.

A primeira coisa que noto: é que não se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trata de um aeroporto tradicional. Pelo que consigo enxergar, através da abertura do galpão, apostaria em um desses clubes de aviação particulares. Há uma única pista cortando a área gramada extensa e bem cuidada.

Aguço os ouvidos e o lugar está silencioso como um deserto.

— Vamos! — um dos clones do Murdoch ordena ríspido.

Cada uma com seu algoz, a fazer-nos a escolta e a segurar firmemente em nossos braços, saímos e contornamos o hangar.

A segunda coisa que noto: é que estamos ferradas. Durante as revelações de Elena fiquei matutando como Yuri nos tiraria do país. Mesmo com passaportes falsos, a aparência da minha parceira de cativeiro levantaria suspeitas óbvias dos oficiais alfandegários.

PERIGOSAS ACHERON

Eu e Elena nos entreolhamos, provavelmente, pensando a mesma coisa: nada do pessoal da alfândega para nós. Lascou geral. Praguejo contra o jato luxuoso parado no início da pista. Um Bombardier Global 6000, com capacidade para dezessete pessoas e uma imensa bandeira inglesa adornando a fuselagem. O inconfundível avião da Embaixada.

Era só o que faltava. Fecho os olhos, na esperança de que seja ilusão. Eu deveria ter desconfiado que o embaixador estava muito quieto.

Obrigada ex-pai por foder a minha vida de todas as cores e formas.

— Canalha, filho da puta, assassino, arrombado!

Elena explode, abro os olhos em um sobressalto. O rosto delicado está transtornado. A sequência de ofensas que profere ferozmente, em

nada condiz com a imagem de fada mítica que tem.

Volto para o avião e meu estômago revira. As mãos imobilizadas contraem num espaço de ira. Imagino as unhas rasgando o rosto do canalha de norte a sul... o que sinto é intenso, feio e novo. Raiva, nojo, ranço, indignação e medo... uma gama de emoções tão ruins, que contaminam meu sangue como uma droga.

Alheio a gritaria de Elena e a minha vontade de fazê-lo sofrer e pagar por cada arranhão e hematoma no corpo dela, Yuri abre um sorriso ao me ver. O fogo de desejo nos olhos dele desencadeia uma onda de pavor por todo o meu organismo.

Dante, cadê você?

Com a sensação de estar sufocando, estudo o inimigo. Acompanhado por uma senhora também ruiva, ele desce do avião sem desgrudar os olhos de

mim. Ironicamente, estão vestidos como se fossem para uma temporada feliz em alguma praia paradisíaca. Ele, com uma calça leve no tom areia e uma camisa azul-clara de linho e mangas dobradas. Ela, com um leve vestido em tom verde-água.

Deus, isso não pode ser sério!

Olho para cima em busca de um milagre, depois para a porta do avião. Respirando fundo para convencer os nervos a se acalmarem, aguardo meu pior inimigo aparecer e descer as escadas com o seu ar aristocrático e arrogante de sempre.

— Ah... minha dama, não imagina o prazer que estou sentindo. — voz no sotaque russo atinge meus ouvidos como uma adaga.

Pensando nos bebês, mordo o lábio para controlar a ira.

Seja inteligente, Beatrice.

— Filho da puta, desgraçado. Já tem a

PERIGOSAS NACIONAIS

conta, deixe Beatrice em paz! — Elena explode novamente.

Os olhos azuis de Yuri ganham dureza.

— Igor, leve essa parasita daqui, coloque-a nos fundos do avião.

— *Matb!* Faça alguma coisa! Beatrice não merece isso! Não pode permitir essa loucura! — implora para a senhora que pressiona dolorosamente os lábios, mas não diz nada. — Nojento! — Cospe no rosto do russo ao emparelhar com eles.

— Vai me pagar por isso, inseta. — Yuri limpa a baba com o dorso da mão. — Anda, Igor!

O homem assente assustado e se apressa a puxá-la. Tenho um impulso de ir atrás, mas o idiota que me segura, impede.

— Por favor, Yuri, chega de machucá-la! — imploro dominada pelo pavor.

PERIGOSAS ACHERON

Os azuis gelados recaem sobre mim, mas desviam para a senhora, que, até agora, não deu um pio.

— Vá com eles, *Matb*. — Toca com respeito o ombro dela. — A minha dama não está confortável com a situação. Se não quiser que eu corte a língua da verme, controle-a. Não quero mais ouvir essa voz irritante.

A cabeça da mulher abaixa em um gesto submisso. A impressão que tenho é de que ela se importa com Elena... observo-a sair apressada, imaginando se *Matb* é tão vítima nisso tudo quanto nós.

— Viu, minha dama? Posso ser muito generoso, basta que se comporte.

Suspiro e, embora o recado tenha sido para mim, não respondo e nem olho para o russo. Minha atenção está toda na loirinha que resiste bravamente

ao ser arrastada pela escada.

— Elena! Colabore! — grito seu próprio conselho, antes que suma dentro do avião.

Dante, cadê você?

— Enfim sós — Yuri murmura como um amante ansioso. Chocada, olho para ele. — Muito melhor, não acha? — Movimenta os braços como que orquestrando a melodia silenciosa do vento. — Que grande dia temos aqui. — Pousa os olhos brilhantes em meu ventre. — Está divina, minha dama... uma pintura.

Ignoro o elogio, a fascinação preocupante em meus bebês, a náusea que essa mistura provoca e foco no que interessa: sobreviver e para isso tenho que contabilizar meus inimigos.

— Cadê o embaixador? — disparo estranhando que não tenha dado as caras.

— Não sei. Meu interesse é na filha, não

no pai.

Uma gargalhada histérica me escapa, surpreendendo a ele e a mim.

— Ah... faça-me um favor e deixe de ser ridículo! Sei bem o tipo de interesse que tem em mim. — Esqueço o medo e a prudência. — Esse seu teatro de russo sedutor não cola mais. Já sei que estão juntos nessa de foder com a minha vida! Cadê o meu pai? — Aponto o queixo para o avião. — Está lá dentro? Esperando pra rir na minha cara quando eu entrar?

Uma faísca de entendimento faz a boca de Yuri contrair de um lado.

— Está certa. — Olha de relance para a aeronave, depois volta para mim. — Foi botar os olhos em você e querer devorá-la. Mas não é a sua vida que anseio foder. — Molha os lábios. — Esquece o embaixador... é um perdedor. Ceder o

PERIGOSAS NACIONAIS

avião oficial, sem questionar pra quê, é só parte do que me deve. — Sorri soturno. — Espero que Eleonora esteja satisfeita com o acordo do divórcio. Foi uma bela quantia aquela.

Desgraçado!

Na pior e sem dinheiro, era de se esperar que o embaixador deixasse os discutíveis princípios de lado e fosse atrás de Yuri. Agora entendo o sumiço da chantagista e o fato dele não ter refutado o acordo de divórcio ou a quantia absurda que Anthony propôs.

— Aproximou-se do meu pai para manipulá-lo... — titubeio. — e chegar em Petronovic?

A gargalhada sarcástica me interrompe.

— Não seja ingênua... o embaixador se deixou manipular porque achou que ficaria podre de rico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As turbinas ligam... o desespero bate, forço o corpo para escapar das mãos carrascas que me seguram.

— Já tem a conta, não precisa de mim, nem tenho as bonecas.

— Tem muito mais do que imagina. — Seus olhos estreitam indecifráveis. — Fodam-se as bonecas! Só mais um problema que vou resolver. Nem sabia daquelas merdas ou da carta, até te seguir e ouvi-la conversar com Elena... Pra mim, a aporrinhção de Petronovic tinha morrido com ele. No leilão, ahei que a verme só quisesse foder o meu lado.

— Por favor, só nos deixe ir.

Os azuis gelados ganham um brilho perverso.

— Não posso... é maior, é divino. As bonecas são um sinal de que é a enviada... seu pai

PERIGOSAS ACHERON

foi um meio, você um presente. Acredita em karma e destino? Nossos caminhos se entrelaçam de tantas maneiras... é a minha glória e redenção, Beatrice.

Sem entender uma vírgula do que esse lunático místico está falando, começo a chorar.

Com passos assustadoramente lentos, Yuri vem até mim. Seguro o grito de desespero e levanto o olhar, minha mente trabalha rápido para descobrir um jeito de escapar. Vasculho o céu em busca de qualquer coisa. Estava na esperança de que Dante aparecesse milagrosamente e nos salvasse.

Da porta do avião, uma comissária japonesa grita e avisa que decolaremos em cinco minutos.

Deus!

— Por favor, ainda dá tempo de voltar atrás — insisto entre lágrimas.

— Não tem volta, nunca teve.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem qualquer empatia por mim, ordena que o capataz saia, me envolve em um abraço de morte e começa a me arrastar para o avião. Ainda na esperança de que Dante apareça, cravo os pés na pista tentando atrasar o inevitável, mas Yuri é mais forte e continua a nos mover.

— Desista... acabou.

Todo o meu sangue congela.

— Como assim acabou? Não tenho culpa se não tenho as bonecas ou a senha. — Agito-me sentindo o cheiro da morte. — Se vou morrer, pelo menos, tenho o direito de saber por quê?

— Vamos pensar na senha durante o voo. — Enruga o rosto como se a louca fosse eu. — Não vai morrer. É minha, não daquele merda. Eu ganhei, ele não — termina arrogante.

Hã?

Eu ganhei, ele não..

PERIGOSAS ACHERON

Agindo como uma chave mestra, as palavras de Yuri ativam minhas lembranças... peças imaginárias de um quebra-cabeças gigante flutuam em meu cérebro, ligando-se umas às outras. A cada encaixe, uma elucidação... Datas, ordem dos fatos, pedaços de informações, cenas vistas, palavras ouvidas, aqui e ali, que juntas fazem meu corpo todo vibrar.

Deus... a coisa é bem maior do que eu imaginava.

— As bonecas e o dossiê são só a ponta do iceberg... — afirmo num rompante de clareza. — Meu Deus do céu! Isso começou muito antes e nunca foi sobre mim! O atentado, o fim do namoro, querer me conquistar, o ódio direcionado no dia do leilão. É o Dante! Sua obsessão é o Capitão, não eu! Isso é loucura, ele nem te conhece!

A cor foge do rosto de Yuri. Com os

pensamentos enlouquecidos derivando para todos os lados, vasculho o rosto fantasmagórico em busca de sinais. Só me falta ele ser um ex-soldado gay vingativo.

— Vamos me diga! — exijo. — Estou certa, não estou? Todos esses anos foi o Dante. Por quê?

— Porque é assim que funciona no meu mundo! — explode. — Olho por olho, dente por dente. Um tira, outro pega... um pai, por seus filhos. É justo que eu fique com o que lhe é mais precioso... triplamente precioso, aliás. — Olha para a minha barriga e detesto não poder cobri-la. — Não vou deixar que fuja, Beatrice. Não planejei o amor, aconteceu... Eu te amo e esses bebês só melhoram tudo. Quero os filhos daquele canalha, me amando e chamando de pai!

Que loucura é essa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não pode estar falando sério. — Meus joelhos enfraquecem. — Tá insinuando que Dante matou seu pai?

— Liderou uma missão na Ucrânia que o colocou em perpétua.

— Ah... pelo amor de Deus, Yuri! — Tento me desvencilhar dele. — Você quase me mata do coração! Pensei que seu pai estivesse morto!

— É a mesma coisa! A prisão de um chefe da máfia é como a morte! — Arregala os olhos alucinados. — Faz oito anos que não o vejo! Por culpa de Dante, nossa família ficou exposta. Tive que renegar meu pai e minha origem para não perdermos tudo. Mudei de país, de nome, de rosto... não estava pronto, cometi erros e deixei rastros... o dossiê de Petronovic não existiria! Tudo culpa do soldadinho, ele fodeu a minha vida!

PERIGOSAS ACHERON

Oito anos?

Dante só tinha vinte e três. Não estou acreditando que o pai dele se deixou prender por um recruta novato!

Quero arrancar os cabelos.

— Teve uma ova! — Encaro com fúria o rosto plastificado. Sempre desconfiei que esse nariz era perfeito demais. — Renegou porque quis, por ganância! Coisa que meus filhos jamais farão! Eles têm um pai e o nome dele é Dante Stoirm — irritome com o quão absurda a loucura dele é. — Se o Capitão fez o que fez, aposto que seu pai deu bons motivos. — Tomo fôlego. — Não o conhece... é um bom homem e nos ama! Ao contrário de você, um soldado nunca desiste dos seus... Dante vai te caçar, até nos encontrar.

— Senhor Yuri! — A voz impaciente da aeromoça nos interrompe.

Remexendo-me desconfortavelmente, desvio a atenção de Yuri para a cabeça projetada para fora da aeronave. A tensão aqui embaixo é tão densa, que duvido que o avião decole.

— Moça! Manda desligar essa joça! — berro. — Não sei se notou, mas isso aqui é um sequestro! — digo crente que vai surtar e ligar para os federais, mas ela apenas me olha entediada.

Bandida! Filha da mãe!

— O que eu faço, senhor? — O rosto da safada nipônica ilumina em um sorriso.

Como implorar ou xingá-la não vai adiantar, mordo os lábios e baixo os olhos para os meus pés... talvez se eu corresse em ziguezague pela pista, pudesse chegar até o muro.

— Não está vendo que estamos tendo uma DR aqui? — Yuri projeta a voz fria e nada serena. — Manda o piloto esperar, porra! — ruge,

assustando-me.

Deus, será que isso não vai ter fim?

— Sim, senhor, esperar. — Já sem sorrir, a mulher recolhe a cabeça.

— Seja sensata. — Yuri volta para mim, num tom falsamente calmo. — Depois da Grécia, Londres não será mais viável. Vou precisar de companhia.

— Sensata o seu rabo! Problema seu! — retruco no nervosismo de antes. — Não vai ser viável, porque, pelo visto, só faz merda. Quem mandou ser criminoso? Não é rico? Contrate alguém pra ser seu amigo!

— Está completamente louca, se acha que vou deixá-la ir e perder para aquele bosta! — vocifera. — A escolha é sua. Ou entra no avião, se comporta e me ajuda na Grécia ou ligo e ordeno que matem o Capitão — termina em um tom duro.

Ops!

Meu coração para por um segundo e depois começa a martelar... inspiro e expiro, antes que exploda. Observo o maluco numa disputa de vontades e percebo que não vai adiantar bater de frente com ele.

Se não pode vencê-los, alie-se. Não é isso que dizem por aí?

— Pelo visto, não vai me deixar em paz nunca, né? — FRANZO o nariz.

— Não. — Pressiona os lábios.

— Tudo bem... vou pra Grécia, mas tenho uma condição. — Sorrio doce, numa mudança de tática.

— Qual? — Os azuis gelados sondam com desconfiança o meu rosto.

— Prometo me comportar e não fugir, mas quero que tire essas porcarias de fitas do meu

pulso! Preciso ir no banheiro e não vou ser mais humilhada do que já fui!

Surpreso, o insano pressiona a boca avaliando minha proposta. Talvez por estar tão exausto quanto eu, sua decisão vem rápida. Com um grunhido irritado, ele desfaz nosso abraço e tira um canivete do bolso.

Aliviada da presença asquerosa, aproveito a liberdade para esticar o corpo dolorido. Com um gesto impaciente, Yuri ordena que eu vire de costas. Meu coração volta a disparar e a esperança renasce... vasculho o céu procurando por Dante... não acredito que o otário vai me dar o que mais preciso.

Vamos, Treas! Junte os corações!

Arrepio-me todinha... o apelo de Dante bate forte e real em meus ouvidos... olho para os lados à procura dele e depois sobre os ombros. Yuri

PERIGOSAS NACIONAIS

está compenetrado em meus pulsos... alheio aos meus pensamentos ansiosos.

É o que estou tentando fazer, meu amor!

Mentalizo a resposta, tomada por uma onda de adrenalina e emoção.

— Ainda agradecerá por esse dia, minha dama... Hummm... Olhe esses pelos arrepiados... isso é bom. Tá vendo como é sensível a mim. Vamos nos dar bem... te quero do meu lado, como a esposa, não prisioneira... — diz e mordo os lábios para não rir de nervoso. As palavras dele estão erradas em tantos níveis, que não sei nem por onde começar. — Sugiro que me leve a sério, querida. Está aqui, não está? O seu Capitão não sonha onde estamos. — Começa a cortar a fita. — Eu nunca falho, acostume-se.

— Cuidado, a arrogância é o primeiro passo para o erro... — murmuro corajosa ao sentir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as restrições afrouxarem. — Quando menos esperar, pode errar... — ironizo com uma doçura dúbia.

Yuri ri, provavelmente achando que esteja brincando. Quando termina com o canivete e puxa as fitas, eu viro de frente.

Com um ar vencedor, Yuri varre o meu corpo. Simulando dor, esfrego teatralmente os pulsos. Ativo a pulseira. O arrogante está tão compenetrado em meus seios que nem nota, que acaba de cometer o maior erro da vida dele.

— Obrigada. — Sem saber como esse troço de localizador funciona, ergo os braços, como uma antena, para o sangue circular. — Sabe... eu não gosto de olho por olho e dente por dente. Prefiro o aqui se faz, aqui se paga. Dante vai vos encontrar e prepare-se... o que ele fez com o seu pai, não será nada se comparado ao que fará com

PERIGOSAS ACHERON

você.



*Taque-tique... Taque-tique... Taque-
tique...* [\[193\]](#)

O tempo volta...

Dante

— *Dante! Dante! Dante!*

Um arrepio atinge minha nuca. Num impulso, jogo o extintor no chão, puxo o celular do bolso e confiro o aplicativo do rastreador.

Inativo.

— Ouviram isso? — Sobressaltado, aguço os ouvidos. — Treas me chamando, ouviram? — Pressiono o número dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Diante da negação unânime, espero ansioso que me atenda. Já puto por ter sido obrigado a tirar os olhos dela e vir bancar o bombeiro, miro nos rostos aflitos e meu coração aperta... Meu pai, Jack, Max, Trent e Mc, a brigada de um incêndio provocado por um curto, que aposto não ter sido ao acaso, me encaram como se estivesse com chifres.

Por que tanta demora em atender, cacete?!

Puxo a gola do dólmã que começa a me sufocar.

Foda-se que o fogo era mínimo e que a fiação dessa merda de fábrica está toda caindo aos pedaços... Não me interessa que o sistema de segurança, que instalamos por toda a área, ficou fora do ar só por alguns minutos... com o prédio desativado e as luzes apagadas é impossível ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havido uma sobrecarga energética nos painéis.

— Treas! — disparo assim que atende.

— *É a Lore.*

Todos os meus músculos tensionam ao ouvir a voz inesperada.

— Cadê a Treas, por que está com o celular dela? — interrogo já saindo do depósito como um louco.

— *Deixou comigo pra carregar a bateria.*

— Onde ela está? — Sigo pelo corredor mal iluminado, com passos firmes, sem responder ao meu pai que pergunta o que está havendo.

Não sei o que está havendo, porra!

— *Na tenda principal, conversando com o parlamentar Watson.*

Solto o ar, mas a tensão permanece.

— Vá até ela e a coloque na linha.

PERIGOSAS ACHERON

Eu mato aquele político desgraçado, se desrespeitou a minha mulher!

Ouçó a respiração de Lore ofegar... posso imaginá-la atravessando o estacionamento em seu andar hiperativo.

— *Não está aqui...* — vozes abafadas. — *O parlamentar está dizendo que a conversa acabou há uns dez minutos. Saiu toda feliz! Conseguimos o prédio!*

Porra! Porra! Porra!

É impossível comemorar a conquista quando tenho cada uma das minhas células a gritar que algo está fodidamente errado.

— *Consegue vê-la daí?* — À beira de um ataque cardíaco, ignoro o celular de Max, que começa a tocar como um alucinado, dou meia volta e apresso o passo.

Instintivamente, vasculho o chão por onde

passo. Não preciso nem puxar pela memória, sei que ela estava com a pulseira. Já se tornou um tique checar o pulso dela a todo instante.

Por que essa merda não toca?

Se estivesse em apuros, a teria acionado, certo?

— Não a estou vendo em lugar nenhum da área do estacionamento... — diz, meu coração dá um tranco e volta a acelerar. — Pera aí, vou ver no caminhão e na tenda de apoio...

Enquanto começo a correr para o banheiro feminino, ouço a respiração ofegante de Lore, sua pergunta por Treas, a negativa de Lucca, mais arquejos, mais perguntas, mais negativas.

Cacete, porra, merda!

Seguido pelos homens, que não param de perguntar o que está havendo e por Max que escuta, de cara fechada, o que lhe é dito no celular,

PERIGOSAS NACIONAIS

escancarar, como um bárbaro, a porta do banheiro feminino. Chamo por Treas, nada... vasculhos as cabines, outro grande vazio.

*Tum... tum... tum, tumtum,
tumtumtumtumtum...*

O ritmo dos meus batimentos cardíacos vai quase ao limite.

— *Não a encontrei em lugar nenhum* —
arqueja. — *O que está acontecendo, Capitão?*

— Levaram a Treas — constato o que a minha alma já pressentia.

Lore fica muda na linha... Desligo-me da comoção dos homens e foco em Max, que encerra a ligação... A olhada dura que recebo dele, só acrescenta mais tensão a todo o caos.

Sem tempo a perder, eu pergunto saindo apressado do banheiro:

— Quem era?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Romeo, tentaram invadir a Central —
relata na minha cola.

O sangue congela, as pernas travam e meu corpo choca bruscamente com o de Max, como se fôssemos dois tratores.

— Resuma.

Cacete, acho que vou explodir!

— Alguém tentou acessar os códigos da garagem subterrânea... No primeiro toque, os alarmes internos tocaram e o cara fugiu em uma moto deslizando-a em num cavalo de pau horizontal antes dos portões descerem por completo.

Essa merda não pode estar acontecendo.

Não!

— Nãooooo com a minha família, porraaaaa!!! — meu urro de dor e revolta ecoa pelos corredores.

PERIGOSAS ACHERON

Tique-taque... tique-taque... tique-taque...

Com nada em mente além de: *Traga-os de volta... e: Por que ela não ativa a porra da pulseira?* entro no modo foco total. Viro uma bomba relógio, que a cada segundo sem Treas, ganha mais potência, pronto para explodir os miolos do desgraçado que tirou os mais preciosos tesouros de mim.

Sem o localizador ativado, sem as imagens das câmeras e lutando contra o tempo, começo a agir... Incluo Romeo na missão. Coloco o cérebro privilegiado do Pirralho para funcionar, orientando-o nas buscas digitais.

A operação entra nos moldes militares, recruto os soldados e divididos em duplas,

PERIGOSAS NACIONAIS

vasculhamos o prédio e descobrimos o ponto de fuga.

Minha esperança reaviva por não encontrarmos a pulseira, mas explodo com a falta de indícios ou pistas. Volto endemoniado para o estacionamento e fingindo uma calma que não tenho e boto ordem na casa.

Foda-se que o prédio já é do Estadia e a comitiva acaba de sair, ainda há sem-teto a serem alimentados... quero Treas feliz e realizada quando voltar.

Demando as funções... Anthony assume o comando do evento junto com Lucca, Lore e Miah. Jack aciona os amigos da Scotland, nossas mães, Irmãs e garotas Flamingos engolem o choro e voltam para a distribuição de alimentos... enquanto voo com Max e os caras, até os SUVs para nos prepararmos.

PERIGOSAS ACHERON

Tique-taque... tique-taque... tique-taque...

— Romeo na linha. — Max o coloca no canal integrado dos intercomunicadores que usamos nas missões.

Paro de andar de um lado para o outro, como um animal acuado, e ajusto o discreto aparelho com fone e microfone.

— Desembucha! — disparo impaciente, no primeiro zunido. — Alguma falha no localizador ou sistema? — Puxo brutaemente a mochila do porta-malas.

— *Nada, tudo em ordem, só não foi ativado.* — diz cauteloso.

Esfrego o rosto asperamente.

Caralho!

PERIGOSAS NACIONAIS

Solto um grunhido frustrado por não ter mentido sobre essa porra e mantido o localizador, eternamente ligado.

— *Calma, Fella. Isso é bom sinal. Talvez só não tenha tido a oportunidade ainda.*

— Talvez não me serve, caralho! Preciso de certezas. — Não consigo controlar a irritação. — E a conta?

— *Sistema trabalhando... Tô quase lá, acho que mais meia hora tenho a localização.*

— Não temos meia hora, porra!

Merda!

Puxo uma inspiração profunda. Pelos meus cálculos, Treas já está desaparecida há mais de uma hora.

Controle... controle... controle...

Não perca o foco, caralho!

Expiro lentamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa, Pirralho. — Pressionando a testa que dói, tento manejar. — Quanto ao resto que pedi? — Vasculho o porta-malas.

— *Desencana, Fella... também estou puto com a lentidão do sistema.* — Solta uns palavrões demonstrando o quanto, em seguida, suspira renovado e continua. — *Nada sobre o invasor, placa falsa. Soltei o alerta com fotos. Aeroportos, estações de trem, metrô e estradas, todos na missão* — começa a disparar. — *Passaporte da primeira-dama bloqueado. Espaço aéreo em monitoramento, helicóptero carregado com o tudo o que pediu, liberação de rota mundial e a postos. Estou recebendo o cruzamento de dados, nomes e placas. Pedi ajuda a Lore e incluí todo mundo com mínima relação com Beatrice.* — Ele faz uma pausa.

Tiro o dólmã e por sobre a camiseta preta, visto o coldre duplo sem me preocupar em

esconder as armas extras. Pego mais munição, uma faca e bato o porta-malas.

— *Merda... Donatela e embaixador cobertos... atividades e posições checadas e descartadas.* — A cada nome que elimina, minha paciência esgota mais. — *Pera! Puta que pariu! Com a correria das Babuskas, eu esqueci... Não pode ser... mas só pode ser, porra!*

— Fala, caralho! — rujo.

— *É o carro da Claire, esqueci de tirar o localizador que instalei escondido em Castle Combe. Ele esteve nos arredores do Estadia há cerca de uma hora. Eu avisei que aquela chinelada e geladeira iam sair caro!*

Filha da puta vingativa!

Com Claire sendo responsável pela segurança de Beatrice, pedi que Romeo instalasse, preventivamente, o dispositivo secreto. Na hipótese

de serem levadas em seu carro, o rastreador não seria revelado se fossem torturadas.

— Localização atual. — Seguro a raiva por ter um traidor entre nós e enquanto ouço Romeo trabalhar nos teclados, corro para uma das *Harleys*^[194] que confiscamos de Joe e guardo a mochila no bagageiro.

Max e Mc vem atrás... Visto o capacete, monto, acelero e, num ronco furioso do motor, manobro em direção aos portões. Dou comando para Trent, já a postos no SUV, que dispara rumo à Base Militar... Ele será nosso apoio aéreo.

— *Túnel desativado da London Eye!* — Romeo berra eufórico.

Minha adrenalina explode, piso forte no acelerador, a moto ruge e decolo levantando poeira, seguido por Max e Mc.

— *Estou sincronizando os sinais no GPS*

dos AppleWatch^[195] ficará mais fácil pra vocês. Tragam a patroa e os bebês de volta, porra! Destruam tudo, soldados!

— Nem precisa pedir, Pirralho! — rosno entredentes.

Quando Romeo ativa os relógios, as três motos já estão em pleno curso... cortando o trânsito em um ziguezague ensurdecedor, furioso e insano.

Pela viseira do capacete, a cidade passa em um borrão multicolorido, o vento frio castiga minha pele, mas não ameniza a ira e o medo de nunca mais sentir o calor da minha Inglesinha. Quase perco o equilíbrio em uma curva fechada, quando a lembrança do castanho e do verde sorrindo cheios de vida, vem forte.

Deus!

Parece inacreditável.

Esse tipo de coisa não poderia acontecer

PERIGOSAS NACIONAIS

com pessoas boas como Treas. Cansado de segurar as emoções e apavorado com a ideia de não ver meus filhos nascerem, aproveito a solidão do capacete e deixo as lágrimas fluírem. Acelero com tudo na reta que dará na ponte do Big Ben.

Certo de que não haverá vida para mim sem eles, xingo, praguejo e choro convulsivamente, por nós, pelo amor que nos une e pela vida bonita que merecemos ter.

— Cadê vocês. Não é justo, porra!!!

Berro alto e sofrido e depois prometo, com a fúria determinada do soldado ferido que sou, não perder Beatrice de novo. Não dá! Essa possibilidade não existe! Enquanto houver um sopro de ar nos pulmões, vou continuar a lutar para tê-los em meus braços de novo.

— *Confia, irmão, nós vamos trazê-la de volta.* — A voz de Max ecoa no capacete. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Unidos por honra, justiça e glória, Capitão. —
Emparelha a moto ao entrarmos na ponte Big Ben.

Merda, os fones!

Raios de sol atravessam as nuvens do céu cinzento e, como um bom presságio, varrem o Tâmisa, tingindo as águas turvas de dourado.

— Por honra, justiça e glória, Capitão —
Mc repete e faz o mesmo, emparelhando a moto.

O vento aumenta e um conhecido estardalhaço de rotores ressoa no céu, direciono o retrovisor para cima.

— Por honra, justiça e glória, Capitão —
Trent surge pairando o helicóptero sobre nós.

Meu pelos arrepiam quando uma nova onda de adrenalina explode, revigorando-me.

— Por honra, justiça e glória! — digo firme, fortalecido e tomado pela emoção. *— Vamos buscar a minha família, porra!*

PERIGOSAS ACHERON

— *Ei... posso não ser milico, mas fui lobinho mosqueteiro! Um por todos, todos por um*^[196]*... Por honra, justiça e glória, caralho! —* Romeo finaliza do jeito torto dele, visivelmente empolgado.

Entre irmãos, de sangue e de luta, minha fé renova e acelero... saímos da ponte embalados, passamos sobre uma lombada, as motos decolam em um baque, deslizam no ar, antes que os pneus toquem de novo no asfalto... avisto o umbral escuro, calculo os riscos e sem tempo, decido por um ataque rápido e duro... Dou o comando. O helicóptero arremete para a esquerda, logo em seguida, mergulhamos à direita no túnel London Eye.

Invadimos com tudo... o ronco das motos ecoa nas paredes úmidas e repletas de mofo... somos como um terremoto nas profundezas do

PERIGOSAS NACIONAIS

inferno. Avisto luzes de faróis, carros estacionados, vultos desconhecidos... Numa freada brusca, quase bato na traseira do carro prata de Claire, que impede a passagem. Salto antes que a moto pare e corro em direção aos gritos e choros femininos... um estampido de um tiro vem e meu corpo estremece.

— Treaaaaaaaas! Nãoooooo!

O desespero toma conta, engasgo com minha respiração ofegante. Arranco o capacete, dou a volta e paro fixando o olhar no corpo estendido no chão.

Claire.

Puxo o ar aliviado por não ser Beatrice. Mc chega, ajoelha-se e checa a pulsação.

— Morta — informa com a expressão em branco.

Não sinto nada...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O SUV da Claire tá limpo. — Max corre para checar o outro carro.

— Ai, meu Deus! Ela morreu?! Ai, meu Deus! Ela morreuuuu!

Esqueço Max e escrutino a loira descabelada, cuja maquiagem está borrada pelo choro compulsivo e reconheço a histérica como a tal Bronx.

— Limpo! — Max berra do outro veículo e volta para nós.

Desesperado vasculho entre as sombras em busca de Beatrice.

— Não atirem! Eu não quero morreeeeeer!
— Tremendo mais que um bambu no vento, Bronx ergue as mãos rendendo-se. — Eu não quero morreeeeeer!

— Controle-se, sua louca! — Mc aproxima-se e dá um tabefe terapêutico para tirá-la

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do transe de pânico. — Somos os caras bons, ninguém vai te matar!

Com os olhos esbugalhados de puro terror, Nora funga e assente.

— Eu só queria... — recomeça a chorar e a gritar. — Oh, meu Deus!

— Onde está Beatrice? — interrompo sem tempo para melodramas.

— Assassino! Murdoch matou Claire! — Aponta por sobre meu ombro. — Os homens dele levaram Beatrice!

Viro bruscamente, avisto um vulto correndo ao longe e sem pensar, saio em disparada.

— Jack? — pergunto já no encalço do assassino.

— *Vindo pra cá* — Romeo diz a um passo à frente.

Corro em velocidade máxima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu maxilar contrai, a respiração pesa e o cascalho, entre os trilhos, chia contra as solas dos meus coturnos... o homem olha sobre os ombros e continua em disparada, na ilusão de ter alguma chance de escapar da minha ira. Sem tempo ou um pingo de paciência para joguinhos de perseguição, saco a arma e dou logo um tiro... o impacto da bala na coxa direita levanta uma nuvem vermelha e o leva direto de joelhos para o chão... bom.

— Romeo, vou precisar de ambulâncias —
peço ofegante.

Sigo correndo até parar a uma distância segura do homem, que grita segurando a perna.

Respiro para acalmar o fôlego.

— *Putá que pariu. Levou um tiro?! —*
Romeo desespera-se em meio a um chiado.

Avalio a situação. Murdoch vira embalado em um urro de dor e me encara com fúria... Os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos estão dilatados como lentes fotográficas...
capturo o ódio, mas também há medo.

— A ambulância não é pra mim —
continuo a encarar o desgraçado.

— *Que susto, caralho!* — Suspira aliviado.
— *Vocês são loucos! Vou pedir logo duas!*

Ótimo!

Num movimento sutil da mão e num brilho metálico na cintura, percebo a intenção do sujeito... dou outro tiro e a arma escondida voa fora do seu alcance.

— Atirei de novo no babaca, não enfarte...
— aviso o assustado do meu irmão.

— *Da próxima vez, vou instalar câmera em vocês, cacete!*

Ignoro os xingamentos de Romeo, o rugido aterrorizado do homem e mantenho-me atento a mão que pressiona o quadril recém-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atingido... Enfio a arma no coldre, calculo a distância, planejo o próximo passo e a trajetória do salto e num impulso caio sobre ele, cravando uma mão no pescoço do desgraçado enquanto a outra, desfere um soco certo no centro do rosto, atordoando-o.

O impacto do golpe e a pressão do meu joelho esquerdo no ferimento da coxa, deixam-no sem fôlego e lhe arrancam outro gemido alto.

— Onde está a minha mulher?! — exijo em fúria apertando a jugular.

Os lábios do cretino fecham em uma linha reta.

— Vou arrancar de você de um jeito ou de outro — sibilo. — Como será feito, é você quem decide. — Comprimo o joelho no ferimento da perna e o desgraçado ruge. — Pra onde, porra?!

Afrouxo o aperto dando-lhe ar.

PERIGOSAS ACHERON

— Guildford^[197]... — tosse — clube aéreo — arqueja e escuto Romeo começar a teclar.

— Trent, fique em posição, saindo em três — digo, ele confirma e volto a atenção para Murdoch, que agoniza. — Que Nora e Claire foram só as otárias que aliciaram, já saquei... como Beatrice foi levada para Guildford? Quero o nome e o porquê.

— Numa van... — grunhe.

— Há quanto tempo... por quê?! — rujo decidido a torturá-lo se preciso for.

A informação acende a esperança e faz minha mente trabalhar. O vilarejo fica há meia hora de carro... de helicóptero, não está tão longe de mim.

— Não sei... saíram há uns quarenta minutos — debate-se. — A ordem era capturar a mulher inteira e sem arranhões... As bonecas,

aquela puta fodeu tudo!

Inteira e sem arranhões.

Minha Inglesinha está bem... eles estão bem. Têm que estar.

Semicerro os olhos para camuflar a emoção.

— *Entrando no sistema de tráfego rodoviário...* — Romeo antecipa-se.

— O nome! — intensifico a pressão no pescoço e na coxa ferida.

— O chefe vai me matar se eu disser! — O rosto arroxeadado contorce de dor.

— E eu, se não me disser — sibilo entredentes, a um passo de perder a razão.

— *Polícia liberando a área, dois minutos para posição de embarque, Capitão* — Trent avisa pelo fone.

— Irmão, não vale a pena. — Max

aproxima-se, puxando-me para a lucidez. A presença dele é um indício de que Jack chegou com a Scotland e de que já podemos ir.

Controle... controle... controle...

Com um suspiro instável, contenho meus monstros e amenizo o aperto permitindo que Murdoch respire.

— Um segundo! — vocifero precisando do nome. — O bastardo está decidindo se sairá daqui inteiro ou em partes — mudo de tática.

— Sério isso? — Mc, que se junta a nós, inclina o tronco para avaliar o tamanho do meu prisioneiro e pragueja. — Minha camiseta é branca, porra, e não temos um saco de lixo grande — contrariado, puxa os dreads.

— Dá seu jeito, soldado! — entro no jogo, ordenando com fúria.

— Ok, Capitão! — Mc cede erguendo os

PERIGOSAS NACIONAIS

braços tatuados com caveiras. — Posso tentar um quebra galho... Estou mesmo maluco para testar aquela serra elétrica nova — diz perverso, com sua pior cara de viking selvagem.

O cretino debate-se.

— Nem pensem nisso! — Jack surge atrás de nós e Murdoch suspira ao ver os homens fardados em volta dele. — Muito barulho, meu machado é melhor. Basta um — imita um golpe com a mão — e a cabeça salta fora.

O homem engasga.

— Yuri Ivanov! — faz a delação num grunhido horrorizado.

Filho da puta!

Tomado pela ira, cravo os punhos no chão e levanto.

— Vou acabar com aquele russo!

Cego pelo ódio, parto em outra corrida

PERIGOSAS ACHERON

alucinada. Passo reto por Nora, que chora ao ser algemada, e pelo corpo sem vida de Claire. Eu não me importo... as escolhas e consequências foram delas... Não há compaixão pra quem fode comigo... Pulo na moto e saio voando do túnel.

Tique-taque... tique-taque... tique-taque...

A imensa roda-gigante, cartão postal de Londres, gira brilhante atrás de nós como um monumental sol metálico, que emoldura a subida lenta do helicóptero... A ventania resultante da rotação das hélices, entra pelas laterais escancaradas e atravessa a aeronave de lado a lado. Puxo uma respiração profunda... o ar gelado contrasta com meu sangue escaldante.

A adrenalina, deflagrada pelo embate no túnel, corre alta em minhas veias... Mesmo com

PERIGOSAS NACIONAIS

pistas concretas, que nos levam a Treas, estou terrivelmente amedrontado, o que é novo e angustiante... Pela primeira vez, perdi a frieza militar... Treas não acionar a pulseira é preocupante pra cacete e não ter o controle total da situação me deixa apavorado e com os nervos à flor da pele.

Inspiro implorando por um sinal de vida.

Vamos, Treas! Junte os corações!

Mostre-me que está viva, Inglesinha.

Mentalizo com fervor e, por um segundo, não quero pensar em nada.

Sentado na abertura lateral do helicóptero, com as panturrilhas suspensas no ar, acompanhado, ao lado de Max, todo o caos que provocamos lá embaixo. Uma dúzia de viaturas da polícia, com suas sirenes em rotação máxima, circunda a área da praça da London Eye, bloqueia a entrada do túnel e mantém afastada uma multidão de curiosos. No

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ponto de decolagem, policiais em um guincho recolhem as motos de Joe estacionadas lá.

— Aterrissagem em Guildford em dez minutos — Trent arremete em uma curva fechada para a direita.

Sobre a lateral do ombro, checo o quarteto de máquinas negras e furiosas que pedi para serem embarcadas e penso... *Harleys são perfeitas, mas um cavaleiro não é nada sem seu corsário.*

— Só mais um pouco, irmão. — A mão de Max toca meu ombro. — Como você tá?

— Destruído — grunho observando a torre do Big Ben e o prédio em estilo gótico do Parlamento que passam a metros de nós.

— Pensei que fosse matá-lo.

— Quase... a vontade de despachar o desgraçado pro inferno foi grande. Ver minha família sofrer... — Balanço a cabeça tentando

PERIGOSAS ACHERON

espantar a ideia. — Meus instintos pedem por vingança... o russo merece sofrer e pagar por cada maldita coisa que está fazendo, mas estou entre a cruz e a espada... matar ou deixar viver. — Esfrego o rosto, bem mais inclinado a matar. — Sabe o que me fode? — Lanço um olhar sombrio para Max. — Treas e os moleques... não quero que olhem pra mim e vejam um monstro.

— Não pensaria duas vezes, antes de estourar os miolos do russo, mas te entendo ou não entendo, sei lá... — Max ri, sem vontade, debochando de si mesmo. — Vai saber... talvez um dia, eu compreenda... — Observa o castelo de Buckingham que passa lá embaixo. — Porque hoje, não sei o que é esse tipo de amor, capaz de nos fazer poupar inimigos... — Franze o rosto como se fosse inconcebível.

— Vai saber, Palhaço... — Espalmo sua

nuca e aperto. — Vai saber.

Volto meus pensamentos para Treas e segundos depois o alarme dispara potente no bolso de trás do meu jeans.

O sinalizador!

Abençoado seja!

A um passo de infartar, levanto em um impulso mal calculado e ansioso... Max vem logo atrás... minha visão pipoca devido à explosão de adrenalina, cambaleio para frente e um braço surge firme diante do meu tórax, impedindo que eu despenque em queda livre do helicóptero.

— Cuidado, porra!

Ainda sem entender direito, encaro o rosto tenso de Max... Minha pele superaquece como se um milhão de agulhas a perfurassem... Com o coração alucinado e um pouco tonto, dou dois passos de recuo para o interior da aeronave, antes

de recair a atenção para o aplicativo que abriu automaticamente na tela do celular.

Cubro a boca, ofegando desacreditado como se presenciasse um milagre.

Estudo a imagem, para em seguida, ler as informações contidas nela. Os sensores na pulseira indicam os padrões de pele como sendo os de Treas e os gráficos do eletro apontam um ritmo cardíaco de pulsação continua, acelerada e bem viva.

Solto o ar.

Romeo começa a gritar eufórico no meu ouvido, Trent e Mc fazem o mesmo da cabine de comando.

— Graças a Deus... — balbucio emocionado. — Treas finalmente juntou os corações. — Olho embasbacado para Max explicando o óbvio. — Está viva.

— Eu sei, irmão... — Ele me puxa para um

abraço poderoso. — Sabia que aquela encrenqueira não te deixaria na mão.

É... não deixaria.

Assinto com convicção... Treas é teimosa e tinhosa, meu coração sabe... Saio do abraço e segurando na barra de apoio sobre a porta do helicóptero, inclino o tronco e busco por ela na paisagem bucólica que passa ligeira abaixo de nós. Acres e mais acres de plantação de centeio... nem sinal de um campo de decolagem e pouso.

— Bota mais pressão nos rotores, Trent!
— digo recuperando a firmeza e o foco.

— Estão em rotação máxima. Aterrissando em quatro, Capitão!

Tique-taque... tique-taque... tique-taque...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chega, irmão! O babaca não sabe mais do que isso!

Max intercepta meu punho a milímetros de chocar novamente contra o rosto já castigado do administrador do clube de voo.

— Era a minha mulher naquele avião! — vocifero.

Forço o punho buscando por mais um soco, mas desisto com um grunhido frustrado. Saio de cima libertando o homem, que senta com dificuldade no chão e arrasta a bunda, até grudar as costas na quina entre duas paredes da administração.

— Não podem me entregar para os tiras! — acuado, esbraveja entredentes. — Como ia saber que era sequestro?

— Com isso! — Tiro do bolso os restos de fita adesiva que encontrei na pista. — Ainda tem o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cheiro do perfume dela! — Ergo o emaranhado cinza metálico. — É impossível não ter visto que estivesse contida!

— Minha função é não ver nada... —
Limpa o rastro de sangue no canto da boca.

Desisto... não vale a pena. A polícia que resolva essa merda. É evidente que o clube é só uma fachada para voos e transporte ilegais. Preocupado com a chegada iminente do jato da Força Aérea, viro e começo a sair.

— Sou pago pra liberar a pista, não pra vigiar as merdas de pacotes que transportam — completa nas minhas costas.

Os bebês vêm em mente e congelo o passo.

— O que disse? — Meu pescoço estala ao virar ríspidamente para ele. — Merdas de pacote? — Minha raiva chega a níveis incontrolláveis. —

PERIGOSAS ACHERON

Seu desgraçado...

Parto para cima de novo, mas sou contido no meio do caminho por Max e Mc, que me seguram com dificuldade, mas conseguem me arrastar e tirar dali aos berros.

— Me soltem, porra! — exijo.

— Então se controla, caralho! — Mc ruge.

Grunho uma promessa mal-humorada de boa conduta, sou liberado e respirando como um touro, começo a caminhar em direção a saída do hangar... evito olhar para a van abandonada... se começar a pensar no desespero de Beatrice, trancafiada ali, sou capaz de voltar para aquele escritório e destroçar o homem no dente.

— *Sinto muito, Fella...* — A voz de Romeo soa chateada em meu ouvido. — *Se eu tivesse descoberto sobre Claire dez minutos antes...*

— Relaxa, Pirralho. — Puxo uma

respiração lenta. — Não teríamos como alcançar um jato com o helicóptero. — O sentimento de frustração e impotência quando assisti ao jato conhecido da Embaixada decolar, a um minuto de pousarmos no clube, está difícil de digerir. — Só chegamos até aqui graças a você... e outra, descobriu a porra da conta secreta, não descobriu? Só um gênio conseguiria quebrar códigos de segurança avançados tão rápido — elogio a informação passada por ele há pouco. — Com a falta de registro de voo nesse maldito clube, jamais saberíamos que o destino é a Grécia.

— *Sorte que os sinais no localizador na pulseira são transmitidos via satélite. Vamos ter que nos basear por ele.* — Romeo tecla algo e checo a pulsação firme na tela do meu celular. — *Não adianta, já tentei de tudo. O jato está com os sensores bloqueados... é um fantasma para os radares.*

Agradecido que o tal banco secreto de Petronovic fique na Grécia e não em alguma ilha tropical a um dia daqui. Saio do hangar e rumo em direção a Trent, que nos espera na pista, ao lado das motocicletas retiradas do helicóptero.

— E o embaixador? — continuo com Romeo.

— *Anthony e Jack já estão nisso.*

— Avise-me quando souberem de algo.

— *Pode deixar, Fella. Tenha cuidado.*

— Sempre.

Nem dois minutos passam e um jato da Força Aérea Britânica pousa suave na pista. Um grupo de soldados nos cumprimenta com admiração e vai direto sobre as motos enquanto um oficial dirige-se a nós.

— Sua carona chegou, Capitão... — Tira o capacete num sinal de respeito. — Com os

PERIGOSAS NACIONAIS

cumprimentos da Rainha. — Bate uma continência solene.

— Obrigado. — Aperto a mão do major e piloto conhecido como Maveric.

Enquanto os homens trabalham no embarque rápido de equipamentos e motos. O piloto e eu discutimos, junto com Max, Trent e Mc, o plano de voo que deve durar cerca de três horas e vinte... com a velocidade média do nosso jato maior do que a do jato da Embaixada, conseguiremos diminuir no ar, a desvantagem e aterrissar onde quer que seja na Grécia, poucos minutos depois de Yuri e Treas.

— Estamos prontos para o embarque, senhor — um dos soldados chega avisando.

— Grécia... lá vamos nós. — Max aperta meu ombro.

Preocupado com Beatrice e com o que está

PERIGOSAS ACHERON

por vir, um nó aperta minha garganta.

— É... infelizmente, não era assim que imaginava mostrar o Mediterrâneo a ela — murmuro com a voz embargada.

Tique-taque... tique-taque... tique-taque...

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

Andros – Grécia

Beatrice

Agarrada a Elena desço as escadas do avião. Todo o meu corpo quer chorar, mas forço-me a manter os olhos secos... Não darei a Yuri mais nenhuma gota das minhas lágrimas. Ele não é só louco, é um sádico.

Piso em solo grego em meio a uma dezena de capatazes que nos aguardam na pista. Mais uma vez, nada de aeroportos... só um monte de asfalto à beira de um penhasco. Apesar das temperaturas mais amenas de setembro, o calor daqui parece abrasador se comparado a Londres, talvez por isso, que a maioria dos capangas esteja com calças leves

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e camisas claras... não dá para ser um homem de preto debaixo de um céu tão azul e ensolarado como esse.

— Vai dar tudo certo — sussurro para Elena.

— Desculpa.

— Shhhhh... nunca foi culpa sua. — Beijo a bochecha ainda mais ferida. — Foi metida nessa roubada tanto quanto eu.

Dói-me ver o estado em que ela está. Ao contrário de mim, Yuri não a cercou de mimos durante parte do voo como se fosse alguma divindade. Nada disso... entrou em um calvário, a partir do momento em que Ivan a retirou do quarto particular, nos fundos do avião, e a trouxe para a cabine de passageiros onde estávamos.

Observo *Matb* despontar no topo da escada. Ela se importa. Com a desculpa de querer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saber tudo sobre mim, não me deixou, um segundo sequer, sozinha na companhia do filho... ela o conhece, sabe o monstro que se esconde sob o sorriso charmoso. Depois, quando Yuri solicitou a presença de Elena e a obrigou a reler exaustivamente a maldita carta, Kátia implorou, tanto quanto eu, para que ele não a machucasse mais.

Maldito!

Afago as costas de Elena, que estão trêmulas pelo choro.

Tentei impedir o espancamento... puxei e bati nas costas de Yuri, mas os tapas e ameaças de morte só pararam quando minha mente desesperada, mais uma vez, teve um clarão e juntou as peças... então eu gritei:



— Pare de machucá-la! Eu já sei... Deus!

PERIGOSAS ACHERON

Maldito velho astuto! De tão óbvio, não percebemos! Eu já sei qual é a senha!



Yuri congelou, abaixei e agarrei-me ao corpo machucado e encolhido no chão e depois de arrancar-lhe as restrições nas mãos, negocieei minha descoberta... o dossiê pela vida de Elena.



... só um monte de blá-blá-blá sobre a profissão de oculista, a grande confiança e amizade com os Wild e linhas e mais linhas sobre como era divertido quando a pequena bonequinha, de olhos enormes e bicolores, fazia visitas e tirava fotos preciosas em seu consultório...



Fotos preciosas... minhas fotos preciosas...

Solto um longo suspiro pesaroso. Se ao menos, tivesse percebido isso antes.

Droga! Droga! Droga!

Essa possibilidade nem passou pela minha cabeça quando vi a foto da Babuska enviada por Romeo, a caminho da festa na Embaixada.

Com Petronovic morto tínhamos descartado as alternativas de biometria^[198] oferecidas pelos bancos e estávamos focados em números... como eu saberia... foram as palavras de Elena que ativaram a minha mente.



“A senha está nas bonecas.”



Claro!

Todas as Babuskas continuam números, menos uma... a mais especial para mim... a de enormes olhos bicolores como os meus...

A senha sou eu... os meus olhos.

Matb aproxima-se e nos observa desolada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assinto meu entendimento, sei que não concorda com nada disso. Meu maxilar trava quando Yuri finalmente sai do avião e desce seguido por Ivan... Acompanho atenta sua troca de palavras com os homens que nos esperavam e sobressalto-me quando vem até nós.

— Vamos — ordena duro para mim.

O desespero bate... é ainda muito surreal que eu seja a chave disso tudo.

— Não vou sem Elena. — Agarro-me ainda mais a ela.

— Não podemos entrar no banco com ela desse jeito. — Yuri passa a mão nos cabelos numa demonstração de que sua paciência está se esgotando.

— Pensasse nisso antes de espancá-la! — berro indignada e aperto mais Elena. — Não confio em você, quero ela perto de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Yuri balança a cabeça e bufa em um gesto irritado.

— Tá bom, inferno! — Volta-se para a mãe, que acompanha o impasse apreensiva. — *Matb* vá com eles e cuide da inseta... — Muda para o capataz. — Ivan, estacione o carro mais acima da rua... — Volta para mim com ar furioso. — É o máximo que posso fazer, poderá ver o carro de lá.

— Vá, minha menina. Acabe logo com isso. — Os olhos de *Matb* imploram que eu ceda. — Prometo cuidar dela até voltar.

Agito a cabeça em negação, decidida a não soltar Elena de jeito nenhum.

— Beatrice, deixe-me... — ela murmura rendendo-se.

— Não! — interrompo-a. — Não está mais só! — Encaro os olhos azuis-celestes com uma fúria determinada. — Não entende... agora é

PERIGOSAS NACIONAIS

minha irmã e família não se abandona! — Controlo as lágrimas. — Não vou desistir de você nunca — termino em um sussurro.

Elena volta a chorar.

— Minha irmã...

— Chega! — Yuri interrompe não deixando que Elena continue. — Não teste a minha paciência, Beatrice. Estou te dando a alternativa de tê-la no carro de trás. — Os olhos gelados saem de mim para recair sobre Elena com desprezo. — Não me custa nada atirar na verme e te levar à força. Quer que ela viva ou não?

— Por favor... — *Matb* implora.

— Vá... eu ficarei bem — Elena insiste.

— Tem dois segundos, minha dama. — Yuri levanta a camisa revelando a arma escondida na cintura.

Com um grito rendido e doloroso, eu cedo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Solto Elena, que é logo rodeada por Ivan e outros homens. Nossos olhos entristecidos e arrasados cruzam, uma última vez, antes de Yuri segurar firme em meu bíceps e começar a me arrastar para um carro luxuoso preto.

Com o coração aos prantos, sento no banco de trás... giro o corpo e observo, pelo vidro traseiro, Elena e *Matb* entrarem em um dos SUVs enquanto nos afastamos da pista de pouso e caímos em uma estradinha tortuosa.

Deus permita que tudo acabe bem.

Dante, cadê você?

Acariciando os corações unidos na pulseira, afasto-me o máximo que posso de Yuri. Depois de checar, mais uma vez, o comboio que nos segue, grudo a lateral do meu corpo na porta oposta à dele e observo o mar azul e agitado que bate com fúria nas pedras lá embaixo na encosta.

PERIGOSAS ACHERON

— É bom que esteja certa.

Viro o rosto a tempo de ver o logo do banco, ao qual nos dirigimos, na tela do celular. Escrutinando meus olhos com adoração e como se fossem divindades, Yuri guarda o aparelho no bolso da camisa.

— Minha intuição diz que estou — murmuro sem olhar nos olhos dele. — Sei que é inteligente e acha que faz sentido... — apelo para a vaidade. — Acabou de checar, de novo, as possibilidades de identificação oferecidas no site do banco... Só pode ser isso. Uso a biometria nas minhas contas há mais de três anos... — digo e, como não parece totalmente convencido, obrigo-me a encará-lo e continuo. — Não é uma tecnologia nova. O estudo da íris existe antes de eu nascer... Por causa da heterocromia cresci fazendo exames mais profundos. — Arregalo bem os olhos para

PERIGOSAS NACIONAIS

ressaltar a diferença de cor entre eles. — É só tirar uma fotografia sob uma iluminação infravermelha... Com todos aqueles exames que Petronovic fez na minha infância, ele tinha dezenas dessas de mim... Assim como as digitais, as íris não se alteram com a idade... Leu a carta, a mania de perseguição, as trocas de identidade, as alterações de endereço... Petronovic queria se desvincular de tudo que o ligasse ao dossiê, era só ter cadastrado uma das minhas fotos e pronto...

Não parecendo muito feliz, Yuri tira o celular do bolso e torna a fuçar nele... o silêncio recai sobre nós, checo o comboio, o céu e volto para a paisagem deslumbrante da ilha. Se não fosse pelo inferno real ao qual me encontro, poderia jurar não existir litoral mais perfeito.

À medida que descemos em direção ao nível do mar, casas brancas com janelas azuis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começam a pipocar nos morros e vão proliferando, até se transformarem num pequeno e charmoso vilarejo.

Esperava por uma grande avenida principal, mas estacionamos em uma rua tranquila... Desço do carro e a primeira coisa que faço é checar se os SUVs estão no local prometido. Quando Yuri segura em meu braço, firmo os pés no chão e exijo uma garantia... mesmo irritado, ele cede, uma ligação rápida é feita, o vidro escuro do SUV desce e de longe, minha mais nova irmã acena tristemente para mim.

Mal aceno de volta e começo a ser puxada por Yuri em direção a uma pequena e discreta agência bancária.

Entro com Yuri colado às minhas costas e capangas nos esperando do lado de fora. Sorrio vacilante para um senhor de vasta cabeleira branca,

PERIGOSAS ACHERON

sorriso amplo e bronzeado em dia, que nos recebe, identificando-se como gerente.

— 918 197 198 889 — repito as sequências torcendo para que não note o nervosismo em minha voz.

Os segundos que ele leva para digitar e chegar as informações parecem durar séculos.

Meus batimentos já acelerados, disparam.

— Ah aqui... é uma conta e cofre não identificados... — dirige-se a Yuri com certa aspereza. — Muitos empresários costumam cadastrar uma dessas.

— A cofre não é dele. É meu. — Apresso-me gentilmente. — Meu avô falecido deixou algumas lembranças familiares nele.

O senhor franze a testa quando a aspereza se transforma em estranheza. Respiro fundo ao deduzir o que se passa na mente do homem. Quem

precisaria de tanto sigilo em pequenas lembranças.

— Sou uma neta ilegítima, por isso o anonimato. — Finjo constrangimento. — São lembranças de uma mãe que não conheci e cuja atual viúva nem desconfia que existiu.

A boca o homem esboça um *O*.

— Trouxe a senha?

Pisco teatralmente.

— Ficam comigo o tempo todo. — Aponto para o dispositivo de biometria sobre o balcão.

Eu estava certa!

É o que eu penso quando uma pesada porta de ferro bate isolando-me do mundo lá fora. Yuri ficou tão chocado quando inclinei sobre a máquina e a identificação positiva apitou, que nem protestou quando o gerente foi taxativo sobre as regras do banco. Nada de acompanhantes na sala forte.

Escrutino o cubículo sem janelas. Não há

PERIGOSAS NACIONAIS

nada aqui, além de uma pequena mesa de madeira e uma cadeira. Suspiro decepcionada ao não encontrar nem um interfone. Sem nenhuma alternativa de fuga ou comunicação, resigno-me a sentar na cadeira e examinar a caixa metálica que o gerente deixou sobre ela.

Merda!

No curto caminho até a saleta, não tive coragem de verbalizar o que estava acontecendo para o pobre homem e nem foi por causa do: *Não tente me fazer de besta, um pio e Elena morre*, que Yuri sussurrou em meu ouvido logo depois que o gerente explicou as regras.

Além de monstro, meu algoz é esperto... o abraço que deu no gerente recomendando que tomasse conta de mim, foi suspeito. *E se for uma escuta?* Percebi quando aproveitou a distração do velhote e colocou um pequeno botão preto no bolso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele. Se ao menos, tivesse uma caneta! Eu poderia deixar um bilhete.

Droga!

Bem que essa pulseira poderia ter um comunicador.

Inconformada, abro a caixa... ignoro a quantidade exorbitante de notas de cem dólares embrulhadas em plástico filme... fuço e vejo uma carta endereçada a Elena, dobro colocando-a no bolso... vasculho mais um pouco e dentro de um saquinho plástico do tipo zip, há um *pen drive* prata.

Sinto o corpo todo enrijecer quando abro e pego o *pen drive*. Giro-o cuidadosamente entre os dedos como se contivesse um material potencialmente explosivo. É isso, só pode ser isso. Ansioso do jeito que está, aposto que Yuri fará o que disse e não perderá tempo em destruí-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Fecho a caixa e rezo... peço a Deus que me ilumine e diga o que fazer.

Rezo, penso... rezo, penso... rezo, penso... tenho ideias, até que sou obrigada a voltar quando o gerente reaparece avisando que Yuri já estava impaciente.

— Só encontrei isso. — Entrego o *pen drive*.

— Mais nada? — Examina o objeto. — Demorou quase quarenta minutos por isso? — Destrói o pobrezinho dobrando e quebrando o chip de dados inutilizando-o.

Dito e feito.

— Não... — respondo com o rosto impassível. — Também rezei por Petronovic.

Sobre o olhar desconfiado de Yuri, que dispensa, claramente aliviado, os restos mortais do pobre *pen drive* em um vaso de flores da recepção,

nos despedimos do gerente e saímos do banco.

— Larga a minha mulher, russo filho da puta!

Sobressalto-me com o rugido feroz e tudo que vem a partir daí é o caos...

* .. ♥ .. *

Dante

Ver Beatrice sair do banco, com Yuri segurando-lhe a cintura, deflagra a bomba relógio em mim... numa reação automática, esqueço a prudência... não há raciocínio quando explodo para fora do beco, onde estávamos de tocaia, corro e me lanço no ar, chocando o corpo contra o do russo maldito. Sou puro ódio ao voarmos para longe de Beatrice, desabarmos rolando no chão e entrarmos em combate.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dante?!

— Volte para o banco, proteja-se! — berro para Treas antes de levar um soco de Yuri.

O gosto de sangue desperta meu monstro... Endiabrado, revido o golpe, levo a melhor, ajoelho pressionando a virilha do maldito e castigo o rosto russo descarregando toda minha merda nele. Minha ação impensada dá início a uma batalha de exércitos... meus homens contra os dele lutam e uma gritaria generalizada começa. Explodo em golpes sequenciais. Soco... soco... soco... sangue jorra quando estraçalho o nariz do desgraçado.

Beatrice grita... me desconcentro, busco por ela, sinto um baque quando dois brutamontes aproveitam minha guarda baixa, agarram meus braços e me arrastam para trás... num impulso cambaleante, Yuri põe-se de pé... olha para os lados e abre um sorriso sinistro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! — urro desesperado a ver Beatrice sendo arrastada para o carro onde os capangas estavam.

— Eu vou foder Beatrice de todas as formas por isso! — o russo vocifera e sai correndo.

Lutando para me desvencilhar dos homens que me contém... acompanho aos berros o carro sair a toda velocidade.

— Eu tenho você, irmão! — Escuto dois estampidos secos. — Vai! Temos o controle aqui! — Max berra antes de atingir um homem com uma coronhada.

O aperto de morte afrouxa... ofegante, livro-me das carcaças agonizantes sobre as minhas costas e levanto... corro como um alucinado até o beco, monto na moto e saio em disparada na mesma direção que Yuri e Beatrice.

Entramos numa perseguição frenética

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelas ruas estreitas e sinuosas da cidade... Sirenes começam a tocar ao longe... O SUV dá uma guinada para a esquerda. Um portão de ferro vai pelos ares... o carro passa por cima das folhagens no jardim e segue invadindo a propriedade, depois desvia de uma árvore e em outra manobra para a direita, cai na faixa larga de areia branca...

Sigo logo atrás e, em poucos segundos, é a minha moto que voa aterrissando na areia fofa. Derrapo, perco estabilidade, velocidade e caio rolando na areia...

Merda!

Ignoro a dor lancinante nas costelas, levanto, corro e quando volto a montar e a dar partida... vejo que a vantagem do carro é grande... Xingo quando sobe por uma rampa e entra em um píer alto... há uma lancha ancorada lá embaixo no mar...

PERIGOSAS ACHERON

Nãooooo!

Acelero pela areia firme à beira mar.
Beatrice é arrancada para fora do carro...

Estou quase lá...

Ela se debate nos braços de Yuri, uma mulher mais velha salta do veículo e tenta ajudá-la...

Só mais um pouco...

O russo agride a senhora com uma cotovelada...

Filho da puta!

O capanga corre para ajudá-la... Beatrice morde a mão do russo, escapa e corre para o limite do píer, ao mesmo tempo que entro num embalo.

Nossos olhares cruzam, minha Inglesinha está aos prantos, meu coração quebra... Yuri vira para mim, saca uma arma da cintura, volta para Beatrice, que beija a aliança de ferradura e

PERIGOSAS NACIONAIS

murmura um: *Eu te amo*. O maldito ajusta a mira... penso rápido e grito:

— O mar! Te vejo lá embaixo!

O castanho e verde cintilam em entendimento e sem desgrudarem de mim, Treas salta para a liberdade enquanto passo raspando pelo russo que desequilibra e perde a mira. Dou um cavalo de pau que projeta a moto para fora do píer em um voo giratório e ascendente... giro o corpo, levanto sobre os pedais, saco as armas e miro no inimigo...

— Ninguém fode a minha mulher! — disparo.

Atinjo o desgraçado na virilha, sinto um impacto no ombro... o resto é água.

* .. ♥ .. *

Beatrice

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Impulsionada pelas ondas, arrasto-me para fora do mar... sem ar e estirada na beirinha, giro de frente na areia, bem a tempo de ver o corpo de Dante se chocar contra a água e submergir.

Nãoooooooo!

Entro em um pranto convulsivo ao entender que os zunidos que ouvi eram tiros... levanto, cambaleio, caio e me arrasto, do jeito que dá, tentando desesperadamente voltar para o mar...

Sirenes e rancos de motos ferozes explodem atrás de mim, misturando-se aos meus gritos de agonia...

— Fique aí! Os bebês!

A ordem berrada é dada quando uma moto passa voando ao meu lado... reconheço as costas largas de Max, assim que a motocicleta se choca contra uma onda, o corpão é catapultado com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impacto e depois mergulha na direção de Dante.

Tento segui-lo, mas Mc chega e me abraça por trás.

— Me solta! — Choro e debato-me ensandecida. — Dante! Elena! Preciso ajudá-los! — Meu corpo começa a tremer. — Não posso perder todo mundo. Danteeeeeee!

— Calma! — Mc me segura com mais força.

— É tudo culpa minha! — berro destruída pela dor. — Acreditei que Yuri não faria mal a ela! — Resisto ao abraço. — Danteeeeee! Nãoooooo!

Luto, tento morder, esperneio, choro, chuto... luto... luto... luto e desisto exausta.

Enquanto Mc liga para alguém e dá ordem de busca para Elena, encaro o píer e o mar vendo o tudo ruir, a cada segundo, que nada acontece...

Não faça isso comigo meu Deus!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Solto um grito de alívio e de dor quando Max submerge, como um foguete, trazendo consigo um Dante desacordado... homens passam correndo por nós e entram na água para ajudar no resgate.

Caio em um estado de choque contemplativo e esqueço todo o resto... não há gritaria, apenas os meus uivos chorosos e o coração metralhando enquanto acompanho o amor da minha vida ser arrastado e retirado da água parecendo sem vida.

Meu mundo em frangalhos desaba de vez.

No segundo em que Dante é estendido na beira, Max ajoelha, rasga a camiseta manchada de sangue expondo o peitoral imóvel... Depois de examiná-lo e constatar a ausência de outros ferimentos, além do ombro, desespera-se, como eu, com a falta de movimentos respiratórios.

— Pelo amor de Deus! Faça alguma coisa!

PERIGOSAS ACHERON

— debato-me aos gritos. — Não o deixe morrer!

Sem desgrudar os olhos do irmão, Max toma fôlego, debruça sobre ele e começa um VPN incansável... luta... luta... luta... puxa o ar, xinga e volta a trabalhar sobre um Capitão ainda inconsciente. Sinto o meu próprio ar faltar nos meus pulmões.

Não! Não! Não!

O meu choro aumenta à medida que nada acontece.

— Max... — murmuro em agonia.

— Vamos, reage, seu puto! — Max soca o peito imóvel de Dante ao parar para recobrar o ar.
— Vai, porra! Lute! Não faz isso comigo! — entre lágrimas, Max volta para a reanimação boca a boca e nada.

Meu deus!

Momentos de um amor vivido vão

PERIGOSAS NACIONAIS

explodindo como flashes... ofego com, os beijos, *O Sorriso*, as brigas, os carinhos, o jeito mandão e irritado que tanto amo, choro mais ainda pelo companheiro e amigo reconquistado e pelos bebês, que não merecem perder o pai... a assim como eu, todos ao redor são só expectativa e dor...

— Vai, caralho! Respira, porra! — Max continua a luta arduamente sobre o corpo do irmão...

A cada segundo sem resposta, meu martírio aumenta... O sangue flui do ferimento no ombro tingindo a água de vermelho... Tento soltar-me... Um Mc tenso continua a manter o domínio, desespero-me com as investidas frustradas de Max... outro soco no peito vem, meu coração dilacera. Max solta um urro de dor...

— Reage, cacete! — grita e volta a trabalhar em Dante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tomada por um medo descomunal de perdê-lo:

— Respira, meu Abençoado! Reage, caramba! — explodo diante da inércia. — Vai, Dante! Por nós! Respira! — imploro. — Precisamos de você! Reage! Te amo, merda! Respira! — vocifero a ordem aos prantos.

— Escute a sua mulher, Cacete! — Max volta ao *VPN* e insiste incansável.

— Por favor, meu amor... não me deixe aqui sozinha — soluço alto sem perder a esperança. — Vamos, respira! — berro mais alto que posso.

Choro, imploro, grito... e como que tocado pelos meus apelos contínuos e desesperados de: *Te amo! Respira!* o corpão imóvel começa a chacoalhar em um espasmo... Com um grito de alívio, Max o vira de lado. Dante começa a contorcer, a tossir e a cuspir água... E como o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afogado que é, puxa o ar em inspiração dolorosa e barulhenta, antes de voltar a respirar pesado e profundo.

Meu corpo todo amolece ao fechar os olhos em alívio e agradecer.

— Treas... — geme.

Muito obrigada meu Deus!

— Estou aqui, meu Abençoado! — berro ao voltar para a Terra.

— Garças a Deus! — Max ajoelha bradando aos céus. — Dá próxima vez que me assustar desse jeito, eu te mato, seu puto do caralho! — Toca o peito de Dante que sobe e desce com dificuldade.

Debato-me, livro-me da proteção de Mc, caio e deslizo de joelhos ao lado de um Dante semiacordado. Precisando senti-lo e tocá-lo, abraço o corpão machucado... quando afundo o rosto no

PERIGOSAS ACHERON

peito ainda ofegante, os braços me envolvem protetores, mantendo-me firmemente atada a ele.

Inspiro profundamente deixando que seu calor faça mágica... pela primeira vez, em horas... sinto-me segura e em paz. Arquejo emocionada de tão bom que é tê-lo junto a mim, desse jeito...

... *Vivo... bem vivo...*

— Treas...

— Caramba, você tá horrível.

— Poxa, obrigado... — tentar rir, mas tosse doido.

— Desculpe... eu... é só... desculpe... — Volto a chorar.

— Shhhhh... Acabou, minha Inglesinha... acabou — murmura rouco como se falar doesse.

— Acabou — concordo às lágrimas, mesmo não sendo verdade.



Um dia depois do sequestro... ainda na Grécia.

Dante

Acordo desorientado depois de um cochilo... Com as persianas fechadas e a penumbra, levo alguns segundos para me situar... Grécia, quarto de hospital, duas camas hospitalares unidas numa gambiarra de casal... o cheiro doce do meu amor e meus moleques protegidos... Fecho os olhos agradecendo a Deus enquanto abraço ternamente o corpinho quente e relaxado que aconchega-se ao meu.

A sede bate, penso em esticar o braço e pegar o copo sobre o criado-mudo, mas desisto... *Coitadinha...* meu coração aperta. Toco de leve os

PERIGOSAS NACIONAIS

fios macios e longos do cabelo que tanto amo... Ela sofreu tanto e foi tão difícil fazê-la dormir.

Beatrice ressona trazendo uma sensação de bem-estar, que compensa minha situação, que não é das mais melhores. Essa porra de emenda entre as camas está castigando a minha bunda e costas, mas foda-se... eu suporto. Já que fomos proibidos de voltar para Londres, antes das quarenta e oito horas em observação, fiz exigências... Nem a pau, permitiria que ficássemos em quartos ou camas separadas.

Cacete, que barra!

Vai ser difícil deixar Treas e os moleques fora das minhas asas outra vez... Depois do inferno de ontem estou firmemente inclinado a virar dono de casa se preciso for, só para bancar o guarda-costas da tropa família em tempo integral.

Exausto emocional e fisicamente fecho os

PERIGOSAS ACHERON

olhos na ilusão de conseguir dormir... impossível, imagens do dia mais tenso e longo da minha vida começam a pipocar... *Merda!* Num impulso sem lógica, coloco o dedo sob o nariz arrebitado só para sentir a respiração suave esquentar minha pele.

Viva!

Não me arrependo de ter poupado a vida do russo... É preciso ter uma mente muito distorcida e doentia para desejar ou querer destruir tudo o que o outro tem... Se o surtado pensa que sou culpado por todos os seus males, agora, pelo menos, terá motivos reais para tanto... Com o estrago que fiz nele, o desgraçado vai passar o resto da vida bancando a mulherzinha na cadeia, enquanto descobre quem fodeu quem de todas as formas, e sonha com a morte negada por mim.

Minha atenção desvia para a porta e depois de uma batida suave, Max projeta a cabeça para

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro do quarto. Gesticulo pedindo que entre em silêncio enquanto me ajeito na cama e aconchego melhor a barrigudinha dorminhoca.

— Que horas são? — sussurro no menor tom que consigo.

— Quase duas da tarde... E aí? Conseguiu descansar? — diz tão baixo que mal posso ouvi-lo.

— Nada... muita loucura. — Com a mão livre, esfrego o rosto. — Minha cabeça não desligou até agora.

— O pai e a mãe queriam vir pra cá, foi difícil convencê-los de que estava tudo bem. — Pressiona os lábios indicando o quanto foi duro. — E esse rombo? — Aponta meu curativo com o queixo.

Com cuidado, para não despertar a bela adormecida, mexo o ombro testando o nível da dor... suportável. Tive sorte em não precisar

PERIGOSAS ACHERON

operar... A bala entrou e saiu numa trajetória limpa, sem causar grandes danos.

— Bem... — continuo no tom mínimo como quando éramos crianças e não queríamos ser descobertos por Maggie. — Os pontos repuxam um pouco. Só mais uma cicatriz. — Beatrice remexe e sinto uma pontada na lateral do corpo. — Foda são as três costelas trincadas... essas doem — quero praguejar, mas não arrisco por causa da dor do caralho que seria fazer isso.

Max dá a volta e, parecendo manusear uma bomba, pega uma cadeira e põe com extremo cuidado do lado da cama.

— A bichinha não sossegou até o médico vir e dizer que estava bem com você. — Senta-se vagorosamente. — Foi um sacrifício convencê-la a ver a ginecologista enquanto te atendiam.

— Inglesinha teimosa. — Cheiro o cabelo

macio.

— Muito e forte... — Max ri carinhoso. —
Pelo menos, ela e os bebês estão bem.

— Pois é... graças a Deus... Juro que
desconfiei do: *Eu tô bem, não se preocupem
comigo*. Fiquei preocupado pra cacete. Só relaxei
conversando com a médica. Foi um milagre os
exames estarem em ordem depois do que passaram.

— Irmão, eu também não consegui pregar
o olho com tudo o que a primeira-dama contou.
Vingança pessoal? Yuri, filho do mercenário da
Ucrânia? — Arregala o olho em um: *Fala sério!* —
Petronovic avô, sem falar na porra da história da
senha e do descarte da justiceira mirim. — Com um
projetar de pescoço, examina o corpo dormente de
Treas. — Conseguiu acalmá-la? Como ficou depois
que eu saí?

— Mal, né... — Deposito um beijo suave

PERIGOSAS NACIONAIS

na bochecha corada. — Só parou de chorar de manhãzinha, de pura exaustão... Aquele policial de merda não teve tato nenhum... — Pressiono os lábios. — A notícia de Elena caiu como uma bomba. Se o que aquele capanga disse for verdade, duvido que encontrem um corpo. Os penhascos daqui são cruéis e o mar mais ainda.

— Viu o que o policial falou... a própria mãe do russo confirmou. Os caras aproveitaram que Treas estava no banco e levaram a menina. — O rosto dele fecha indignado. — Mandar jogar a menina lá de cima foi foda.

— Crueldade... — Respiro fundo imaginando o desespero de Beatrice quando entrou no carro e o descobriu que Elena não estava lá.

— Pelo menos, estão todos presos. — Max meneia a cabeça, não parecendo muito satisfeito. — Não sobrou um capanga voando solto por aí.

PERIGOSAS ACHERON

Nem um pouco feliz com o desfecho de Elena, esfrego o rosto... Com tudo o que presenciamos, mais o depoimento de Beatrice, não haverá escapatória para Yuri. Mesmo negando, a morte de Petronovic será creditada a ele, não tem como... uma pena ter destruído o *pen drive*, minha intuição diz que muitas ações criminosas seriam desmanteladas a partir dele.

— A gente tem uma sorte danada no quesito pais, Palhaço... — divago. — Vou ser eternamente grato pelo o que a mãe do russo fez naquele píer, mas isso não atenua os erros dela... A prisão é merecida. Se não concordava com as atitudes do filho, o denunciasse... Um bocado de sofrimento poderia ter sido evitado por ela. E o embaixador? — mudo para outro assunto nem um pouco mais agradável.

— Pra variar, negando... — O rosto de

PERIGOSAS NACIONAIS

Max endurece. — Alegou para a Scotland que só soube do sumiço do jato por eles. Bateu na tecla de que Yuri fez tudo pelas costas dele subornando o piloto. Já pedimos as quebras de sigilo das linhas telefônicas, temos que achar alguma coisa concreta que o associe ao russo, senão... — Balança a cabeça insinuando que não vai dar em nada. — Se um canalha como ele se safar de novo, é sinal de que o mundo está mesmo perdido. Facilitaria muito se não tivesse aniquilado o celular do obcecado russo no processo de atirar e estraçalhar o pau dele. O filho da puta não ficou nada satisfeito quando acordou depois da cirurgia e descobriu que está eunuco.

Mexo o ombro ferido em um: *Não estou nem aí.*

Perder o pau foi pouco para ele.

— Que história é essa de atirar no pacote

PERIGOSAS ACHERON

russo? — A voz sonolenta de Treas me surpreende.

A cabeça descabelada desgruda do meu peito e submerge como um telescópio submarino. Imediatamente a acaricio na tentativa de fazê-la voltar ao lugar.

— Shhhh... volte a dormir, abelhuda. — Empurro delicadamente a cabeça, mas nada dela abaixar. — Ainda não descansou o suficiente.

— Difícil dormir com vocês sussurrando como dois rinocerontes fanhos — boceja.

— Oh... e eu pensando que estávamos sendo os reis do silêncio. — Max libera uma gargalhada alta. — Foi mal, primeira-dama.

— Tudo bem. — Manobra a cabeça e deposita um beijo no ferimento em meu ombro. — Vou ter tempo de sobra pra dormir com esse aqui estragado desse jeito.

— Opa! — Projeto a cabeça para encará-

la. — Relevei o horrível, mas estragado é o teu rabo. — Franzo o rosto numa linguagem puta.

Beatrice revira os olhos inchados, pouco ligando.

— Já falei que essa ofensa é minha e não aceito plágio. — Solta um risinho sonolento que me quebra. — É sério o que Max falou? Implodiu mesmo o míssil inimigo?

Linda.

— Implodi — assumo com orgulho, já esperando o chilique.

— Boa... é justo. — Inesperadamente beija o meu peito. — Teria implodido os miolos dele e arrancado membro por membro pelo que fez com Elena, mas tá bom.

Hã?

Meu queixo cai... eu aqui me martirizando, todo preocupado que estivesse me achando um

monstro e ela planejava uma carnificina?

— Tem certeza de que não bateu a cabeça?

— espelho desconfiado.

— Não bati.

— Cabeça ou pau tanto faz, não dizem que pensamos com os dois? — Max faz um ponto.

Beatrice ri surpreendendo-nos.

— Só vocês pra me fazerem rir num dia tão porcaria quanto esse. Não sei qual notícia foi melhor: se a da invejosa da Nora Bronx presa ou a implosão russa. — Volta a aconchegar a cabeça em meu peito. — Depois dessa, acho que preciso de mais uma dormidinha... me acordem quando Elena chegar.

Os olhos singulares fecham. Max e eu nos entreolhamos em pesar.

É... minha menina está em negação...

Aceitar o destino de Elena está sendo

doloroso demais para ela.

Preocupado, a observo... os olhos trepidam, a respiração acalma e ela volta a dormir, e a parecer em paz... Sabe que está segura e nós dois, completamente livres dos monstros que nos espreitavam sem que soubéssemos.

* .. ♥ .. *

Três dias depois do sequestro...

Londres

Beatrice

Esqueço o que estou fazendo... de pé, atrás da ilha da cozinha, observo, quase sem fôlego, um Dante relaxado e adormecido... Três dias já vieram depois do sequestro e passei a maioria das horas deles deitada ao lado de Dante na cama... primeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

no hospital e agora no loft.

Ambos estamos nos fortalecendo, mas pouco falamos sobre a Grécia... Nossas famílias estão tentando nos dar espaço e não nos sufocar. Por recomendação de Mc, estamos evitando falar nos dramas para nos concentrar na cura.

Sei que é recente e que estamos nos empenhando, mas não tem como não doer ou impedir que a mente vagueie por lugares obscuros... Yuri pode estar preso e, muito provavelmente, fora de circulação para sempre, mas o estrago que deixou vai ser difícil de superar.

Elena... Elena... Elena... onde você está?

A dor de não ter te protegido tá grande demais.

Dante grunhe em meio a um sonho... Sei que está preocupado e insatisfeito com muitas coisas... O embaixador, mais uma vez, está dando

PERIGOSAS ACHERON

um jeitinho de sair impune e o *pen drive*...

Droga!

Se eu não tivesse tanta esperança de Elena estar viva...

Sentindo-me culpada, varro o corpão todo largado, protegido apenas por uma calça de moletom cinza e velha... O curativo no ombro esconde a marca de mais uma batalha... Uma que lutou por mim e pelos meninos. Meu peito chega a doer de tanto amor e gratidão por esse homem, que é meu mundo... meu amigo, meu amor maior, meu guerreiro protetor e minha paz.

Chega a ser irônico... De tanto tentarem nos separar acabaram nos unindo mais.

Eu sou dele.

Ele é meu.

Um sorriso terno brota nos meus lábios. A cor já voltou para o rosto lindo dele... Vai demorar

um tempinho para que tudo fique cem por cento de novo, mas estamos no caminho... sei que estamos. Pressentindo meu olhar, os azuis-índigo abrem.

Sorrio. Só ele consegue me trazer leveza.

— Bom dia.

— Que cheiro é esse?

Ah... lembro de minha pequena incursão culinária e tiro a panela esfumaçada do fogo.

— Cozinhei pra você. — Amplio o sorriso e desligo o fogão.

— Cacete... o extintor!

— Suas costelas, cuidado! Não pode se mexer tão rápido... — Despejo o conteúdo da frigideira em um prato e vou até ele. — Já liguei o exaustor... foi só um pouquinho de fumaça.

Sob os olhos desconfiados sento na beira da cama e coloco o prato sob o abdômen rijo.

— Come. — Finco um garfo em minha

obra-prima.

— Experimentou? — A sobancelha falhada e cicatrizada duas vezes levanta.

— Tentei, mas deu enjoio. — Entorto o nariz para o óleo da fritura esparramado pelo prato. — Acho que os soldadinhos são meio chatos para comida.

— O que é isso? — Cutuca com o garfo, como se estivesse explorando uma mina bélica.

— Omelete... — digo animada. — No meio desse preto, tá amarelo, é só raspar... come. — Empurro o prato incentivando-o.

Vai da comida para mim, olhando-me com uma intensidade tão profunda que meus pelinhos arrepiam.

— Que foi? — Toco meu rosto em busca de respingos.

— Isso. — O dedo indicador agita entre

PERIGOSAS NACIONAIS

nós. — A gente aqui desse jeito... gosto que me cuide... — O indicador sobe para acariciar minha bochecha. — Gosto mesmo, Inglesinha.

— E eu gosto que goste. — Manhosa, inclino a cabeça em direção ao chamego. — Acho que é assim que funciona, né? Mulher ama muito, muito, muito e quer cuidar.

— É... que é bem por aí... e funciona para os dois lados. — Sorri charmoso com o olhar fixo ao meu.. — Esses olhões são raros mesmo.

Pisco sem graça e coro pelo climinha inédito. Dante cismou porque cismou que a senha, no fundo, foi uma homenagem à magnitude dos meus olhos.

— Tá me paquerando, Capitão?

O Sorriso vem indicando que sim.

— É, acho que estou, Inglesinha.

— Gosto disso, mas vou gostar muito mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se comer. — Cutuco o prato no abdômen. — Vai, fiz com carinho.

Não muito aminado, faz o que peço e com um pouco de esforço, parte a omelete ao meio. Orgulhosa, pressiono a boca em um: *Arrasei geral*, quando vejo a estreita faixa amarelinha bem no centro da massa negra.

Caramba! Tô muito mestre-cuca.

Dante bate a ponta do garfo em um objeto não identificado que encontra e me encara. Há um misto de terror e nojo em seus olhos. Ignoro, penso e sorrio.

— Ah... esses branquinhos são casquinhas que caíram na hora de quebrar o ovo, mas é cálcio, né? Vai ser bom para as suas costelas — explico me achando a nutricionista.

Ele arrisca uma garfada, mas capturo o pulso antes de chegar à boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pera! Esqueci o copo d'água! — Pulo da cama. — Tá gostoso, só dei uma errada na mão do sal.

Saio correndo para encher um copo no filtro.

— Deus... como eu te amo, Inglesinha incendiária! — fala como se não fosse possível.

Paro no meio do caminho e viro.

— Nossa, que alívio, porque nós três aqui... — afago a barriga redondinha — adoramos ser correspondidos. Também te amamos, Capitão herói. — Pego um copo e levanto, antes de colocá-lo no filtro. — Gelada ou natural?

Dante ri.

— Que foi?

Coloca o prato no criado-mudo.

— Esquece a água e vem cá me abraçar. — Estica os braços para mim. — Preciso de

PERIGOSAS ACHERON

carinho, não de comida.

Ownnn... meu chantagista dos infernos!

Esqueço tudo e corro para ele.

É... nós ficaremos bem...

* .. ♥ .. *

Uma semana depois do sequestro...

— Mas que merda, Dante! — explodo quando insiste em levantar e chia de dor.

— Merda digo eu... — rebate ao ajeitar-se com dificuldade nos travesseiros.

— Por favor, só mais uns dias. — Tento apaziguar ao imaginar a dor que esteja sentindo. — Ficar agitado só vai piorar a situação... Esqueceu-se que quase morreu? Quer que os músculos das costelas inflamem mais?

Claramente não querendo, Dante fecha os

PERIGOSAS ACHERON

olhos e respira profundo.

Eu o entendo... A irritação dele é a mesma que a minha. Sem nenhuma prova concreta e, sendo a palavra de um embaixador contra a de um criminoso eunuco, louquinho para aliviar a dele em uma delação premiada, tudo o que conseguimos em relação ao avião, foi colocar meu ex-pai como investigado em um caso fraco de corrupção passiva. Um processo que pode se arrastar por anos e não dar em nada.

— Não dá! Tô cansado de ficar na cama!
— explode. — Os caras estão lá... tentando desenterrar os podres de Yuri e eu aqui.

Olho feio e recebo a mesma cortesia visual. Bufo e puxo o ar bem fundo... Eu só queria ficar mais um pouquinho em negação, fingindo que tudo está bem e que nenhuma tragédia aconteceu.

Não dá... não tendo como o amor da minha

vida, um homem tão determinado. Não bastou ter arrancado o pau de Yuri, trancado-o eternamente na cadeia, achado o assassino de Petro e impedido uma crise monumental entre Inglaterra e Rússia... meu Capitão quer tudo. Não saber o que diachos havia no *pen drive*, o está atormentando... Sei que para ele o caso ainda não está encerrado.

Droga!

Se eu não tivesse tanta esperança de Elena estar viva...

— Sei que está chateado, mas... — sentindo-me errada, sento na cama e espalmo o peito acelerado. — colabora vai... não me obrigue a te amarrar.

— Isso seria uma boa distração. — Os azuis-índigo de irritados passam para ligados. — Dependendo do que for fazer comigo... até deixo.

Balanço a cabeça, desacreditada do poder

da bipolaridade desse homem.

— Pode ir sossegando esse facho. —
Levanto da cama com as mãos indo parar na
cintura. — Esqueceu o que houve ontem? Não ralo
nesse míssil nem por decreto!

Fui toda solícita ao oferecer uma
chupadinha terapêutica, na ilusão de que iria
relaxá-lo... O urro de dor que soltou quando
respirou fundo e gozou, foi tão assustador que
quase fiquei surda e fez Romeo subir a jato da
Central.

*Não dá... dois dias seguidos de
humilhação bucal, não dá.*

— Ontem foi perfeito. — Meneia a cabeça
jogando um charme. — Basta fazer umas
adaptações... não me empolgar tanto, mexer ou
respirar.

— Uau! É só adaptar para morto, você

PERIGOSAS NACIONAIS

quer dizer. — Arregalo os olhos fazendo um ponto.
— Sinto muito, mas prefiro você vivinho da silva, então acho bom se conformar.

Um rosnado contrariado e ameaçador vibra no peito desnudo como resposta.

— Não rosne pra mim, seu cretino!

Ele rosna.

— Olha, também estou por um fio! — digo porque é verdade, meus hormônios estão se lascando para as minhas tragédias pessoais. — É tanto tesão circulante que nem sei como as mulheres grávidas não reengravidam grávidas... Acha que não estou subindo pelas paredes? — Evito olhar para a tentação peniana evidenciada pela falta de cueca. — Você esparramado aí, nessas suas calças de moletom e peitão de fora, é tortura... mais um pouco, vou lá e me esfrego num poste!

Os azuis-índigo acendem com as lâmpadas

PERIGOSAS ACHERON

que existem neles.

— Garanto que minha mão é muito mais eficaz na esfregação do que um poste. — Movimenta os dedos longos e talentosos. — Juro, que não vou urrar de dor se fizermos isso.

O Sorriso explode fazendo minhas partes alegres agitarem.

— Não vai? — digo e a cara barbada balança um não safadamente lento. — Sendo assim... que mal há numa esfregadinha, né? — Dou-lhe a minha versão do *O Sorriso* enquanto tiro a camiseta que estou usando e volto para a cama.

É... nós ficaremos bem...



Quinze depois do sequestro...

Com roupas de ginástica — não que tenha

PERIGOSAS NACIONAIS

feito alguma — rabo de cavalo e cercada por Gabriel, Godzilla e Mila aconchego-me melhor no sofá... Ando meio caseira depois que, finalmente, oficializei as férias da Allegro.

Até tentei espairer e dar uma volta, mas não deu. Foi um inferno. O sequestro ainda está repercutindo na imprensa e alguns jornais sensacionalistas transformaram a coisa toda em uma odisseia romântica com direito a bandidos cruéis, donzelas indefesas e bravos soldados liderados por um herói, bonitão e gostosão, salvador da pátria.

Claro que toda a glória e atenção que o Capitão vem recebendo é merecida... Só que o bonitão em questão é *MEU*, não de um bando de novas fãs lambisgoias e malucas que decretaram que o traseiro maciço de Dante é de patrimônio público e têm feito um escândalo por onde ele

PERIGOSAS ACHERON

passa.

Sem nada para fazer, enquanto espero Dante voltar de uma reunião com o juiz Anthony e a Rainha, pego o tablet e procuro me ocupar... Revejo a última ultra... meus soldadinhos são tão agitados, que parecem dois peixinhos dando cambalhotas dentro de mim. Releio a notinha elogiosa sobre minha mãe ter revisto o acordo de divórcio e destinado à caridade todo o montante do valor financiado por Yuri e tento me segurar, para não reler outra notícia, que vem amargurando o meu coração e tumultuando os meus pensamentos, há três dias... Não resisto e acesso ao site:

The Times - Londres

Polícia dá por encerrada as buscas pelo corpo de Elena Hart.

A jovem, de 22 anos, foi sequestrada, no último dia 2 de setembro, pelo empresário multimilionário, Yuri Ivanov.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um desfecho trágico para a história, que teve início em Londres e encerrou-se na ilha de Andros, Grécia. Vestígios do sangue e do DNA de Elena foram encontrados aos pés da encosta indicada, por um dos capatazes do empresário, como o local do descarte.

Devido às fortes correntezas em direção ao mar aberto, acredita-se que o corpo da moça jamais será encontrado.

A outra vítima, Beatrice Wild, foi resgatada em uma ação espetacular orquestrada pelo herói condecorado das Forças Armadas do Reino Unido, Capitão Dante Stoirm.

Todos os acusados e envolvidos estão presos e aguardam julgamento.

Há suspeita de envolvimento do embaixador britânico, Peter Wild, em ações ilegais e de corrupção passiva, ligadas a Ivanov. Porém, nenhuma prova concreta foi apresentada até o momento. O embaixador segue negando tudo e continua à frente de seu cargo em Paris.

O zunido do elevador e a agitação de Godzilla e Gabriel avisam que Dante está subindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apressada, desligo o tablet e limpo as lágrimas que nem percebi que derramava.

— Cheguei, trouxe umas coisas.

Arquejo quando o som rude da voz de Dante acaricia meus ouvidos. Perguntando-me se algum dia vou deixar de me emocionar toda vez que o ouvir, viro a tempo de assistir ao corpão sair do elevador para tomar conta do corredor.

Deus!

Ele fica lindo em um terno de três peças.

Sexy como o inferno e segurando algumas sacolas, Dante aproxima-se lentamente pelo corredor, como se estudasse o terreno. Camuflando o choro com um sorriso, examino as roupas milagrosamente intactas. Reconheço o logotipo da minha sorveteria preferida, a mesma onde virei uma Fiona Demônia depois que uma sem-vergonha beliscou o traseiro dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem históricas por hoje ou resolveram bancar as boazinhas e poupar suas roupas? — o ciúme pergunta por mim.

— Nem um nem outro, eu que fui mais esperto mesmo. — O rosto barbudo fecha aborrecido. — O juiz fez as compras enquanto fiquei escondido no carro.

A ideia da bunda maciça dele ter sido poupada dos assanhamentos, alegra-me um pouco.

— E a Rainha te liberou? — inquirio logo sobre a fã mais nobre.

— Ainda existem alguns assuntos pendentes, mas tudo bem. — Coloca as sacolas no canto do sofá e vem até mim afrouxando a gravata. — Andou chorando de novo? — A peça voa para a poltrona enquanto seu dono especula meu rosto, que sei que está avermelhado.

— Não. — Coloco o tablet de lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está mentindo.

— Não estou — finjo estar interessada em Mila, que salta do sofá para o chão.

— Olhe para mim, Treas.

— Não — digo acompanhando de canto de olho, ele tirar o paletó e o colete.

— Olhe para mim — insiste imperativo.

Eu olho.

— Eu não estava chorando, tô vermelha porque cochilei.

— Inglesinha, esquece que te conheço em todas as versões? — Dobra as mangas da camisa revelando as tatuagens. — Essa carinha aí não é de sono.

Ele olha para a tevê desligada, para o tablet em meu colo e vem até mim. Solto outro miniarquejo quando ajoelha e infiltra-se entre as minhas pernas. Depois é impossível não arrepiar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando levanta minha camiseta expondo a barriga bem mais arredondada.

— E aí, moleques, foram vocês que andaram aprontando? — Os lábios generosos flutuam sob minha pele e quero morrer com a fofura da cena. — Que carinha triste é essa a da mamãe? O que o papai disse sobre cuidarem dela, hein? — Dá dois beijos em meu ventre e a barba me faz arrepiar ainda mais.

— Não estou triste — meio que ofego, meio que minto.

— Ah, não? — Desvia atenção da minha barriga para encarar-me. — Tem três dias que quase não dá um pio. Precisa se abrir... — Levanta e senta ao meu lado. — Se não for comigo, que seja com um psicólogo. Te conheço, Inglesinha. Tem alguma coisa aí dentro fodendo a sua mente. — Cutuca minha testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não preciso de psicólogo — nego o óbvio.

Não querendo ser pressionada, levanto, alcanço as sacolas e dirijo-me para a cozinha.

Dante vem rápido atrás e tira as sacolas da minha mão.

— Então me diz, por que todo esse silêncio? — Coloca as compras sobre o balcão.

— Não tem silêncio nenhum.

Suspiro frustrada comigo mesma por ser tão transparente aos olhos dele. Não é que não queira me abrir, só não sei como ele irá reagir.

— Não tem o cacete, fala. — Dá um passo para frente e dou um para trás. — Se não me disser vou dar um jeito de arrancar, sabe disso.

Sim, eu sei...

— Tenho uma coisa pra falar, mas não sei como — sem saída, desembucho baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caralho... dá pra parar de enrolar e me contar?

Olho angustiada recebendo a mesma cortesia em troca.

— Estou sufocada só isso... — digo em um sussurro. — Preciso de um encerramento e acho que você também. Tenho que aceitar e, quanto mais me apegar, mais difícil vai ser deixar ir — explico da maneira mais clara que posso.

Espero resposta, mas, para minha surpresa, Dante paralisa como se tivesse tomado um soco. Agoniada por não ter conseguido ser clara, decido ser prática. Dou-lhe as costas e vou para o corredor.

— Volta aqui! Aonde pensa que vai?

— Pro closet — respondo sem olhar para trás. — Preciso te mostrar uma coisa.

— Não quero ver nada, Treas!

— Mas precisa — insisto.

PERIGOSAS ACHERON

Continuo no caminho, entro no closet e começo a vasculhar a gaveta de pijamas.

— Por que está separando os pijamas.? Pra onde vai? — O corpão de Dante materializa ofegante do meu lado. — O que quis dizer com desapegar?

— Só um minuto.

Com o coração sobressaltado e com medo de perder a coragem, ignoro o homem desesperado e mantenho o foco na busca, vasculho mais fundo...

Droga! Escondi tão rápido que não lembro direito onde!

Mudo de gaveta, vou para outra e quando acho o que procuro, estico logo o braço, ofereço meu segredo e começo a suar frio de ansiedade.

Os azuis-índigo recaem com aversão para minha mão como se vissem uma bomba.

— Escreveu uma carta de despedida pra

mim? — Passa as mãos nos cabelos. — Não quero porra de encerramento nenhum. Se está traumatizada vamos conversar, mas nem por um cacete vou deixar que me abandone!

Uh o quê?

Ainda segurando a carta e sem reação, acompanho ele sentar no banco de madeira. A cor já não está mais em seu rosto e parece tonto.

Preocupo-me.

— Dante...

— Desde quando planejava isso, Treas? — interrompe escrutinando o envelope amarrotado.

Minha ficha cai.

— Cristo, está entendendo tudo errado... — murmuro em um suspiro frustrado, sento ao lado dele, ofereço a carta de novo e ele recusa. — Até admito que estou um pouco traumatizada, mas sei que vai passar — digo manso. — Não é desse tipo

de encerramento que estou falando. É sobre Elena, não sobre nós. Toma, peguei no banco.

— O que é isso?

Há tanto desespero implícito no olhar dele que começo a me perguntar se não é melhor dizer que não é nada e deixar como está.

Não... começou, agora termina!

— A carta está endereçada a Elena; no *pen drive*, o dossiê.

Os olhos dele ficam maiores do que os meus.

— De Petronovic? — Finalmente aceita o que lhe ofereço. — Mas como? — Gira no banco para ficarmos de frente. — Você disse à polícia... o gerente viu... Trent recolheu os restos encharcados e inutilizados.

O nervosismo por ter agido às escondidas me faz hiperventilar. Com medo que não me

PERIGOSAS NACIONAIS

perdoe, começo a suar frio quando ele abre o envelope e examina o conteúdo que não tive coragem de espiar ao colocar o *pen drive* dentro... No papel amarelado, a tinta está toda borrada e o texto ilegível, provavelmente do banho que tomou quando saltei no mar. Há um pequeno terço, que Dante ergue e examina, mas logo descarta.

Quando pega o saquinho zip com o objeto prata dentro e me olha questionador, engulo em seco.

— Menti sobre o que aconteceu no banco, esse aí é o *pen drive* verdadeiro — confesso e Dante assovia lento.

Tremendo toda, escondo as mãos entre as pernas. Ele me olha... olha... olha... com uma cara de que realmente comeu e não gostou. As veias pulsantes em suas têmporas indicam que está por um fio.

PERIGOSAS ACHERON

Droga, meleca, merda!

— Não me olhe assim, por favor... — imploro em um chiado. — Não contei antes por um bom motivo.

— Seu pai? — Olha-me em choque.

— Claro que não! Quero que pague por tudo, jamais o protegeria... — Agito-me indignada. — Quando fiquei sozinha no banco, lembrei que tinha guardado em meu top a listagem dos sem-teto, que Lore me entregou também em um *pen drive*... Precisava de um plano B. Elena tinha razão... até ontem, Londres inteira adorava e admirava Yuri. Sei lá pra onde aquele maluco estava pretendendo nos levar, não podia correr o risco de fugir e, quando finalmente conseguisse ajuda, todos duvidassem de mim. Precisava de provas...

— E aí trocou os *pen drives*? — conclui

ainda nada feliz.

— Hum-hum... — Mordo o polegar, ansiosa. — Yuri tinha falado, umas quinhentas vezes, lá no avião, que destruiria o dossiê assim que colocasse as mãos nele. Arrisquei.

Dante abaixa a cabeça, solta o ar lentamente enquanto esfrega o cabelo, o rosto e a barba tudo ao mesmo tempo agora.

— Por acaso... — levanta a cabeça e vira o rosto endurecido para mim — passou por essa sua cabecinha maluca que pudesse bater uma curiosidade no desgraçado? O que aconteceria a você caso ele desse uma olhada em tudo, antes de destruir?

— Estraria lascada. — Meus olhos crescem quando me dou conta da merda que seria. — Não tive tempo de pensar num plano C — pio.

— Quinze dias, Treas...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei... estava guardando para Elena — digo e as veias das têmporas dele pulsam mais rápido. — Era vingança dela, não minha! — apresso-me na defesa. — Tente me entender, poxa. Depois de tudo o que ela fez e passou para vingar a morte da irmã, era justo que revelasse o dossiê, não eu — imploro a compreensão dele com olhos suplicantes. — Li que encerraram as buscas... não há mais esperanças. — As lágrimas começam a rolar sem que possa impedi-las e o rosto de Dante ameniza. — Negar ou fugir não vai resolver... não vou repetir os meus erros. Elena não vai mais voltar e não adianta eu ficar me enganando.

Os braços dele vêm em volta de mim, içando-me para o seu colo. Escondo o rosto na curva do pescoço musculoso e deixo o choro fluir.

— Você me quebra quando chora sentido assim — diz suave.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agradeço que me dê um tempo... Acaricia minhas costas em um vai e vem suave por um bom tempo e em silêncio. Meu choro é diferente dessa vez... A dor aguda e sufocante foi substituída por uma saudade reprimida, pelo pesar da injustiça, pela perda de uma irmã e da oportunidade de conhecer melhor e conviver com alguém que, em poucas horas, mostrou-se corajosa, especial e iluminada.

— Sinto muito... — Limpa minhas lágrimas quando finalmente paro de chorar e busco por seu olhar. — Queria poder mudar esse fim, mas não posso.

— Eu sei... — pesarosa, pressiono os lábios. — Cada um tem sua história... essa era a de Elena. Está doendo hoje, ainda vai latejar algumas vezes, mas preciso superar... trocar a dor por saudade.

PERIGOSAS ACHERON

Ele gruda nossas testas.

— Tenho um puta orgulho da mulher que é, Beatrice... — Beija suave minha boca e, em seguida, pega o saquinho zip que largou no banco. — Não sabe o valor disso aqui.

Miro no *pen drive* dentro do saquinho.

— Sei sim... valor de vida — murmuro. — De um novo caminho. Passamos por muita coisa feia e sobrevivemos... Agora é hora de irmos à forra, mas não em busca do que nos foi tirado, é passado, já foi... quero o daqui pra frente, Dante... Essa coisa maluca, incerta e aterrorizante, que não faço ideia de como será, mas que valerá a pena porque você estará ao meu lado. Merecemos muito uma história bonita e só nossa. — Sorrio sentindo uma coisa boa e inédita me aquecer. — Mas para que isso aconteça, é preciso deixarmos ir... Hoje decidi virar a página de Yuri e de suas tragédias e

PERIGOSAS NACIONAIS

se você ainda precisa do dossiê para fazer o mesmo, então que ele seja seu... tenho certeza de que Elena ficaria feliz por isso.

— Preciso muito... mas me mata que o preço da minha redenção tenha sido o seu risco.

— A vida é um risco, meu Abençoado...
— Acaricio o rosto barbudo. — Pagaria qualquer preço para voltar pra você.

Suas feições caem emocionadas, mas um pouco decepcionadas.

— Pensei que tivesse mais fé em mim. — Olha-me duro. — Nunca desistiria de nós, estava indo te buscar.

— E sei... mas tem que convir que o mundo anda bem maluco... precisava estar pronta pra tudo. Assistiu *Vingadores*? A arte imita a vida, meu Abençoado. Até heróis podem virar pó... fiquei preocupada. Fiz uma baita propaganda...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

joguei na cara de Yuri o quanto era um herói fodão invencível e nada de você chegar.

— Amor, agradeço a propaganda... Fico feliz que me ache um herói, mas ainda não voo sozinho. Tive que esperar a porra de um jato, caralho! — ri descrente.

— Não deboche, poxa. Tô falando sério! — Esfrego meu nariz na bochecha dele. — Sei que não tem superpoderes — minto, sabendo que o poderio bélico do míssil é de outro planeta. — Qual o problema em achar que tenho o melhor homem do mundo?

— Nenhum. — O peito dele ressoa em outro riso. — Até porque tem mesmo.

Dou risada da falsa modéstia e então avanço sem medo de ser feliz... pego-o desprevenido com um beijo profundo, muita língua, muita mão, tesão, alívio, gratidão e algo mais... o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gosto de tudo novo, porque é nesse fim que a nossa história começa.

É... definitivamente, nós ficaremos bem...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Final de novembro...

Beatrice

Recostada sobre os travesseiros e protegida do frio por um aquecedor central, começo meu ritual de todas as manhãs. Ergo a regatinha verde-musgo — camisolas e pijamas simplesmente não me cabem mais — capricho na dose de creme espalhando-o sobre a barrigona, de quase seis meses.

Curto o momento maternal acariciando e conversando com meus meninos... Não há pressa, nem pressão. Conto da nossa ida ao orfanato onde Elena cresceu, sobre a missa celebrada e do enterro simbólico da carta e terço... Explico que o titio PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Romeo conseguiu restaurar parte do texto e que nele, vovô Petro contou que haviam dois terços... Relíquias da falecida filha que deveriam ser dadas às netas... o primeiro foi entregue pessoalmente para Olívia e este outro seria para Elena.

Em seguida, falo do orgulho que senti quando o pai deles me pediu que entregasse o cheque do leilão para as crianças lá... Reclamo da procura interminável pela casa nova... Digo que as vovós, de tão enlouquecidas por eles, até pararam de nos atazanar com o casamento... Ensino que amigos são pra sempre e que a mamãe não desistiu da titia Chloé. Conto das mensagens insistentes que venho mandando, que Chloé anda fazendo um sucesso danado nos Estados Unidos e disse que não conseguirá vir para o nascimento deles, depois imploro que não sigam o exemplo dos titios Max e Romeo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão ouvindo? Os titios são ótimos rapazes, mas essa coisa de curtir a solteirice como se não houvesse amanhã e ter uma sirigaita por dia, não é legal. Mulheres só lá pelos quarenta anos e se a mamãe aprovar, estão entendendo?

Vou narrando tudo até que latidos alucinados quebram a paz... Volto-me para o jardim onde Gabriel e Godzilla estão tentando abocanhar a maior quantidade de flocos de neve de uma só vez.

Sorrio para a beleza do momento.

Assim como o Capitão, não sou a maior fã do frio, mas tenho que admitir que a paisagem branquinha e rara é deslumbrante. Posso contar nos dedos, as vezes em que vi a neve acumular nas árvores e ruas de Londres.

Godzilla late eufórico ao descobrir que pode correr e depois deslizar de barriga no chão. Gargalho... Gabriel tenta imitá-lo, mas capota.

PERIGOSAS ACHERON

Ai, meu Cristo!

Conheço alguém que não vai ficar nada feliz quando souber que terá que dar banho nos dois de novo.

Eita!

Sou pega de surpresa... uma pontada dupla me faz sobressaltar e gargalhar novamente... meus soldadinhos certamente saíram ao pai... agitados e sem paciência nenhuma.

— Calminha, cavalheiros, mais um pouquinho e estarão brincando com eles — sussurro para os meus dois inquilinos, que têm crescido e desafiado as leis da física. Nunca pensei que minha pele pudesse esticar tanto.

— Conseguiu o mandato?

Tiro os olhos dos cães e sigo a voz, cujo dono deveria estar no banho, não ao telefone. Quase tenho dois troços... o primeiro deles, porque

uma trilha molhada sai do corredor e acaba em uma poça tsunâmica a dois passos da cama.

O segundo, porque perco o ar.

Dante está molhadinho, molhadinho e nu... Esqueço a indignação, engasgo e depois engulo o discurso sobre toalhas e regras domésticas. O cretino fica um abuso desse jeito.

Sem querer ou precisar esconder o desejo, devoro cada detalhe do corpo enorme e trincado em músculos.

Obrigada, Deus!

— Não, pai, Treas quer que seja feito desse jeito. — Olha para mim e sorri ao notar minha afetação.

Devolvo um sorriso afogueado, mas um pouco apreensivo, ao captar o assunto da ligação... Minha mente vagueia num mar de possibilidades, mas quando Dante chega mais perto e acaricia

descaradamente o míssil bem diante do meu rosto, as chateações perdem a força.

Dane-se, o que tiver que ser será.

Ao entregar o *pen drive*... não tinha ideia do estrago que ele faria.

Que podres de Yuri seriam desenterrados, era esperado. Sob a máscara do cidadão perfeito, o canalha andou bem ocupado... Encontrou tantas e tão lucrativas formas de ganhar dinheiro ilícito que suas atividades mais pareciam uma multinacional do crime... centenas de conexões pelo mundo... jogo ilegal, contrabando de obras de arte roubadas, tráfico de armas, prostituição, extorsão, abuso infantil...

Deus...

Aquela lista de pagamentos de propina, que Romeo decodificou ontem, vai derrubar muita gente importante... Não me surpreendeu que o tal

PERIGOSAS NACIONAIS

general, que traiu Dante no Sudão, estivesse nela.

— Fique tranquilo, os passos do canalha estão sendo monitorados.

Desvio do míssil e presto atenção no homem. A possibilidade de uma fuga, nem passou por minha cabeça.

— Ok, pai, avise assim que o Primeiro-ministro liberar a papelada. — Desliga e sorri confiante para mim.

— Acha que ele pode se mandar? — Agito-me.

— De jeito nenhum, aquele cretino arrogante nem imagina o que está por vir... Só o Primeiro-ministro sabe das descobertas de Romeo e, pelo que parece, está bastante sensibilizado com a sua história. Acho que vamos conseguir que seja feito do seu jeito.

Sorrio grata, que mesmo sendo um pedido

PERIGOSAS ACHERON

atípico, Dante tenha entendido meus motivos e esteja me ajudando.

Deus, esse homem não existe!

— Já disse que eu te amo? — Afago a coxona peluda.

— Milhares de vezes, mas gosto mais quando demonstra.

Escrutina meu corpo como o predador que é... Arrepio-me com as más intenções impressas no olhar faminto. Com um movimento rápido e ágil, rouba minha posição na cama, senta recostado nos travesseiros e me traz montada e escancarada sobre ele.

— Está todo molhado! — protesto em um sussurro rouco.

As mãos viris percorrem minhas coxas enquanto os azuis-índigo recaem para minhas partes, assanhadas e desejosas, protegidas por uma

minúscula e frágil calcinha de renda verde-musgo.

— E você encharcada, minha Inglesinha.

— Não tenho culpa se é um safado atizador.

Dante ri com o elogio, depois afaga minha barrigona besuntada de creme. Uma dança interna e animada começa. Meu coração aquece com a sensação ainda nova e deliciosa... Há um mês, os meninos resolveram brincar para valer e a suave sensação de borboletas no estômago transformou-se em uma partida de rúgbi.

— Olha só quem acordou. — Dante abre mais o sorriso e espalma as mãos intensificando o carinho. — Bom dia, moleques.

Outra sequência de cambalhotas vem e é mágico como os soldadinhos reconhecem a voz rude e o toque suave do Capitão. Deixo escapar um suspiro doce, quando o rosto barbudo suaviza

PERIGOSAS NACIONAIS

ternamente... O conjunto Dante e bebês acrobatas me emociona além do limite.

— Que foi? — Ajeita-se me trazendo mais para perto.

— Muito amor. — Suspiro acariciando o rosto barbado que fica ainda mais lindo no modo pai.

— Pelo jeito, fui destronado. — Cutuca minha bochecha com o nariz.

Ah, meu bipolar... que bobagem.

Toco o ombro recém-cicatrizado.

— Impossível te destronarem, é o meu herói, Capitão. Eu te amo e esse sentimento só aumenta por me ter me dado a chance de experimentar algo tão divino.

— Eu amo os pirralhos incondicionalmente, mas com você é mais que amor, Inglesinha... é minha alma.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sei...

— Você diz cada coisa, que fica impossível competir no romantismo.

— Tenta. — Pisca charmoso.

Suspiro não me sentindo capaz.

— Não sei explicar... — Sorrio sem jeito.

— São sentimentos profundos e não tem como comparar. Amores igualmente infinitos em tamanho, mas imensamente distintos em forma... É tanto desejo, tanto carinho, tanto querer bem, que meu coração chega a agonizar... Às vezes, fico até com medo que Deus me espie lá de cima e diga: *Ei... acho que errei na dose de bênçãos para essa aí.*

O peito musculoso vibra em uma risada.

— Fica tranquila... — Franze o nariz. — Deus é esperto... sabe que teria um problemão se fizesse isso. É minha pra sempre, Treas. Não te

PERIGOSAS NACIONAIS

largo nunca mais. — Aperta minha cintura com posse. — Moleques, é bom taparem bem os ouvidos. O papai e a mamãe vão ter outra conversa de adultos aqui.

Outra?

Ofego preocupada, mas louca por uma nova DR completa.

— Quer fazer de novo?

— Não tá óbvio? — Cutuca minha barriga com a ereção.

— E seu compromisso? — murmuro.

— Temos tempo — retruca.

— Estou pesada.

— Não pra mim.

— Vai acabar enjoando.

— Impossível... não com você trepando como louca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, são os hormônios. — Olho feio e ele ri. — Se atrasarmos, não venha botar a culpa em mim.

— Não botarei. — Segura meu rosto com ambas as mãos e traz os lábios para perto dos meus. — Posso te atacar agora?

Ai, minha Nossa Senhora.

Sempre!

Mexe impaciente, assinto e entrego-me ao ataque sem resistência. O beijo começa gentil e provocativo, mas depois pega fogo... com direito a muita língua, amasso, esfrega-esfrega e chupadas... Animo tanto que até ajudo quando arrebenta as tirinhas frágeis da minha calcinha e arranca a regatinha. Como sempre, nos últimos dias, começamos leve até nos perdermos numa investida selvagem... porque assim somos nós... loucos e desesperados um pelo outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não há dúvida, nem pudores.

Eu dou, ele toma.

Ele oferece, eu pego.

Pele contra pele.

É puro, primitivo e intensamente nosso.

— Agora sim... mais forte... por favor,
Dante.

Choramingo e ganho como resposta um grunhido áspero... O míssil furioso pulsa dentro de mim disposto a muito mais e minha bocetinha contrai querendo saboreá-lo... Com as mãos fincadas nas minhas nádegas, Dante começa um movimento de sobe e desce insano... Como um maestro, ele rege nossa trepada... ergue meu quadril, recua o dele, tira o pau glorioso, projeta e volta duro, invadindo de uma só vez.

— Caramba, é bom demais!

Extravaso porque não dá... não importa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que já fizemos amor milhares de vezes, a sensação de ser tomada tão profundamente será sempre avassaladora.

É lindo ver o esforço dele em me agradar... O rugido baixinho que dá quando trava o maxilar e vem com tudo, só porque eu gosto assim... *Deus!* Enlouqueço quando mete, afunda, recua, fode, instiga, mete mais e mais, e mais... até me fazer explodir em um céu de orgasmos e prazeres de um jeito único, que só o meu bruto apaixonado é capaz de fazer.

— Caralho, Treas! Isso foi foda...

Desabo sobre ele em um abraço apertado.

— Não — murmuro em seu ouvido. — Foi simplesmente, perfeito.

* .. ♥ .. *

Horas depois...

PERIGOSAS ACHERON

Castelo de Windsor^[199]

Com muito, muito frio, aperto mais os braços em torno da cintura de Dante em busca de calor. O braço ao redor do meu ombro faz o mesmo, mas continuo congelada.

Minhas meias de lã e botas de cano alto, em tom nude, não estão dando conta de barrar o frio que entra pela barra do meu vestido... Mais um pouco e minhas partes felizes saem daqui direto para o hospital... as bichinhas estão quase em hipotermia.

Que ideia estacionar o carro longe para caminharmos pelas margens do Tâmis. Quem quer admirar cisnes num tempo desses? E que protocolo mais sem cabimento... Onde está a sororidade^[200] da nossa Monarca? Exigir que mulheres, que visitam o castelo, usem branco e vestidos num

inverno desses é judiação.

Tão injusto.

Olho com certo rancor para o Capitão que está aquecido em seu uniforme oficial das Forças Armadas e um sobretudo preto... depois com inveja para o quepe que protege a cabeça morena. Um gorrinho ou chapéu, simplesmente arruinaria o meu coque clássico e destruiria o meu visual de estrela diva do cinema nos anos cinquenta. O modelinho de lã, larguinho, na altura dos joelhos. De golas rendadas, e o sobretudo grosso em tom gelo, não combinam com um gorrinho!

Merda!

— Não tô vendo cisne nenhum —
resmungo rabugenta.

— É, devem ter se recolhido por causa do frio.

— Uau... espertos eles, né? Adoraria estar

recolhida na nossa cama.

Em meio a uma olhada daquelas de Dante que me diz: *Se fecha, Inglesinha*, saímos das margens do Tâmis para entramos na Long Walk. A compridíssima alameda que fica em frente ao castelo medieval de mais de novecentos anos. É um charme, tenho que admitir, e conservado.

— Jesus! Estamos onde, num safari?

Tenho um sobressalto e dou um pulo para trás, quando um grupo de cervos desponta entre a fileira extensa de árvores que ladeia a alameda e passa despreocupado à nossa frente.

— Relaxa... não fazem nada... — Com uma risada profunda, o abraço de Dante ganha ares protetores. — A Rainha tem um carinho especial por esses bichos e criou um parque aqui do lado, para abrigar os cervos de caça. Eles vivem fugindo e dando umas voltas pelos jardins do castelo.

— É verdade que a Rainha chama Windsor de casa e Buckingham de escritório? — pergunto mantendo um olho no castelo e outro nos cervos que começam a cavoucar o gramado recoberto de neve.

— É o que dizem.

— Então não seria mais adequado que o desligamento do RH fosse assinado no escritório?

— Ela gosta daqui... e nossa visita não é exatamente oficial. Já assinei minha saída.

Uh o quê?

Meu queixo cai.

Dante oficialmente fora do RH é novidade total para mim.

— Já?

— Hum-hum... há alguns dias.

Que bandido!

— Então por que estamos aqui? — não

PERIGOSAS ACHERON

consigo evitar um som esganiçado na voz.

— Porque falamos tanto sobre você que a Rainha está ansiosa pra te conhecer. — Cutuca meu nariz com a mão enluvada.

Meu queixo cai mais.

Como assim falaram de mim?

É claro que, como boa cidadã londrina, sonho com esse momento desde menininha... Sim, já fui uma daquelas criancinhas, sardentas e animadas, a agitar bandeirolas enquanto as carruagens passavam... mas a Rainha ansiosa por me conhecer não encaixa em meu imaginário Real.

Deus!

Tomada por uma onda de ansiedade e medo, travo o passo a poucos metros do arco do portal de entrada do castelo.

— Que foi?

— Insegurança lascada — mando logo a

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade. — Não sei se estou preparada.

— Meu amor, você enfrentou bandidos, uma doce Monarca não é nada. — Abre um sorriso. — Além do mais, está linda.

— Abençoado, não precisa mentir para me agradar. — Dou-lhe uma olhada descrente. — Estou tão gorda e branca que pareço um boneco de neve!

Dante gargalha me deixando ainda mais insegura.

— Não é a roupa. Estou dizendo que você é adorável de qualquer jeito, meu amor.

— Por Cristo! Que vontade de arrancar tudo e sair correndo e gritando: *Me salvem!* — Saio do seu domínio e olho para os lados atrás de uma fuga. Puxo a golinha rendada do vestido, que começa a me sufocar.

O rosto de Dante ganha um forte rubor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caralho, nem se atreva! Não deveria ter colocado essa imagem na minha mente. — Fecha os botões do sobretudo. — Tudo o que não preciso é encontrar a Rainha com um míssil engatilhado. Você nua correndo e eu te caçando... merda... deixa pra lá... — Segura firme na minha mão. — Melhor irmos antes que eu enlouqueça e acabe te fodendo montado na porra de um cervo.

Sem saída, eu entro...

Com o coração aos pulos, somos recebidos pelo assistente pessoal da Rainha...

Arrastada por um confiante Dante, percorro os corredores luxuosos do castelo...

Sentindo-me um peixe fora do aquário, espero ansiosa na antessala do gabinete real...

A porta abre, minha pulsação dispara e somos convidados a entrar... O recinto é tão amplo e tem tanto ouro nas paredes e chão, que demoro

PERIGOSAS ACHERON

um pouco, para reparar na senhora sorridente que nos aguarda sentada em uma poltrona branca e dourada, estilo Luiz XV, mais ao fundo.

Ela parece uma formiguinha de tailleur azul anil e cabeça branquinha no meio de um oásis.

— Vossa Alteza.

Ainda na entrada, Dante faz uma reverência elegante.

— Vossa Alteza. — Imito o gesto.

— Venham. — Gesticula com classe. — Estamos em casa, vamos deixar as formalidades do escritório de lado.

Surpresa com a gentileza e amparada por Dante, atravesso a sala rezando que meus joelhos trêmulos não sejam notados.

Um outro gesto elegante vem e nos acomodamos em um sofá de dois lugares no mesmo estilo imperial. Solto o ar por ficarmos

PERIGOSAS NACIONAIS

frente a frente e só reparo que a Rainha não está só quando um cachorrinho da raça Corgi desgarra de outros três, deitados preguiçosamente aos pés da Monarca, e vem saltitante até mim.

Ele me cheira... cheira... cheira... e começa a me rodear.

— Willow^[201]! — A Rainha o chama com doçura.

— Tudo bem, adoro bichos. — Afago a cabecinha peluda. — Xô... xô — digo baixinho e camuflado em meio a um sorriso, quando o safadinho resolve se esfregar na minha perna.

Deus, era só o que me faltava!

Desesperada, olho para Dante, que prende uma risada.

— Willow! Pare com isso, já!

— Não tem problema, estou acostumada.
— Sem graça, balanço discretamente a perna.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O corpão de Dante começa a tremer, o cachorro empolga, a Rainha solta um gemido horrorizado e eu não sei o que fazer.

— Faça alguma coisa — grunho para Dante.

Ele inclina e tenta pegar o bicho, que rosna e late, mas não para de transar.

Sem saída e sem saber se o protocolo permite, levanto e o danado não desgruda.

Chacoalho, chacoalho, chacoalho e o bandidinho parece uma britadeira.

— O que deu nele? — A rainha exaspera-se e começa a trocar uma sineta. — Harold! — berra. — Ele nunca fez isso.

— É o efeito, Treas. — Dante explode em uma gargalhada. — Os bichos gamam nela. Temos um lá em casa que é igualzinho.

As portas abrem em uma batida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

explosiva... o secretário pessoal entra seguido por seguranças com armas em punho.

Alarmada, ergo os braços.

— Pelo amor de Deus, não atirem! — berro.

— Baixem as armas!

Dante ordena, pula na minha frente protegendo meu corpo, mas Willow não para.

A Rainha finalmente levanta.

— Que escândalo, Harold! — Volta-se contra o secretário. — Tire a guarda daqui!

— Mas... mas... é o protocolo... Vossa Alteza gritou.

— Gritei, porque preciso que desgrude o Willow dali.

Escondida atrás de Dante, estico a perna para o lado, mostrando onde fica o dali.

Depois que Harold sai com um raivoso
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Willow, levo algum tempo para me recobrar do vexame. A Rainha se desculpa efusivamente, Dante me abraça, o chá é servido, uma conversa amena vem e não consigo desgrudar os olhos da mancha molhada em minha bota.

— Que situação... está melhor, minha querida?

— O Willow não foi nada... — Meneio a cabeça em um deixa disso. — Já passei por piores.

— Eu sei... tão nova e tão guerreira, não é à toa que o Capitão se encantou. A forma apaixonada com a qual ele fala de você me fez querer conhecê-la... Sou uma grande entusiasta do amor, minha querida, e sendo o Capitão um irlandês, uma doce lembrança me veio, uma vontade e um pedido a fazer também.

— Pedido pra mim? — indago surpresa com a mudança de rumo.

PERIGOSAS ACHERON

— Para ambos, na verdade. — Sorri indecifrável para Dante, que gesticula com respeito, para que continue. — O conheço desde muito jovem, rapaz, e tenho um carinho enorme por você. Não menti quando disse que é como um neto e sempre apreciei nossas conversas... — Sorri como uma verdadeira avó e vira delicadamente para mim. — Ele me contou tudo, Beatrice, sei o quanto sofreram com a separação e lutaram para estarem aqui juntos... Conhecem a lenda irlandesa do Claddagh?

Digo que não enquanto Dante afirma que sim.

— Faça as honras, Capitão... Vá, conte a ela.

Visivelmente surpreso e emocionado, Dante limpa a garganta e começa.

— Diz a lenda que há trezentos anos,

PERIGOSAS NACIONAIS

Richard Joyce zarpou de Claddagh, uma cidade de pescadores na costa oeste da Irlanda. Ele fazia parte da tripulação de um navio pesqueiro e deveria se casar com seu verdadeiro amor naquela mesma semana. O navio foi capturado por piratas, e os tripulantes foram vendidos como escravos. Richard virou escravo de um ourives turco. Durante o tempo que passou cativo, ele nunca esqueceu seu amor, deixado para trás na Irlanda, e fez para ela o primeiro anel ou aliança de Claddagh, para pedir sua mão quando voltasse. Após muitos anos, Richard ganhou sua liberdade e voltou para seu amor, que ainda o esperava. Então, ele mostrou o anel Claddagh para ela e pediu sua mão em casamento. Ela aceitou e eles viveram *happily ever after*^[202].

— Um felizes para sempre — murmuro prestes a chorar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dizem que para a sorte ser completa...
— a Rainha me salva de abrir um berreiro — o casal deve ganhar o anel. — Pega a bolsinha em cima da mesinha e retira uma caixa de veludo vermelho. — Sentir-me-ia muito honrada se o aceitassem de mim... com uma condição, é claro.

Meu coração para e a garganta seca.

— Qual? — Dante agita-se.

— Que eu seja uma das madrinhas desse felizes para sempre. — A Rainha sorri maternalmente.

— A honra seria nossa, Majestade — obviamente sem saída, Dante aceita por nós.

Opa!

— Seria? — Encontro a minha voz. — Quando? Têm os bebês...

Um sorriso de Monalisa ilumina-se no rosto da Soberana.

PERIGOSAS ACHERON

— Estava esperançosa de que fosse agora, já estamos aqui mesmo e por sorte, o tabelião e o juiz de paz também e convenhamos, já esperaram demais... Esses bebês, tão aguerridos quanto os pais, merecem chegar na segurança de um só lar, um só nome.

Uh o quê?

— Hoje? Minha avó vai nos matar se casarmos escondidos de novo!

— Não se preocupe... Eleonora e Maggie garantiram que dariam um jeito em tudo.

Hã?

— Nossas mães estão sabendo? — Dante surpreende-se.

Minha ficha cai.

Por isso as duas estavam tão empolgadas e solícitas quando reclamei dos protocolos reais! Agora entendo o vestido que minha mãe e Maggie

PERIGOSAS NACIONAIS

trouxeram junto com seus sorrisinhos bestas... As duas tanto fizeram que conseguiram armar um casamento Real.

Rainha bandida! Mancomunada com as amigas!

— Não só sabem como deram umas ideias... Disse que seria uma das madrinhas, Capitão, não todas elas... — Pisca arteira e abre a caixinha revelando os anéis mais lindos do mundo.

Arquejo...

Dante engasga assombrado.

A Rainha triplica o sorriso...

... e é assim, praticamente coagida, na pequena capela particular do Castelo de Windsor, na presença ilustre da Rainha, minha mãe, avós, pais e irmãos de Dante, que eu me torno oficialmente Beatrice Stoirm.

Dona e proprietária de um marido de

PERIGOSAS ACHERON

arrasar e de um anel magnífico, de muitos quilates e símbolos entalhados em um imenso significado.

— Esse anel representa a nossa história... É com devoção que lhe entrego tudo que há de mais sagrado em mim. Nas mãos, a amizade... no coração, o amor eterno; e na Coroa, a lealdade e a fidelidade... Nunca desisti de te amar, Inglesinha... Finalmente minha, Beatrice Stoirm.

— Oh, meu Capitão... eu também não. Te amo hoje e sempre... meu amor, meu amigo, meu anjo protetor.

Sob os aplausos de todos, choro, beijo o meu marido lindo e me entrego oficialmente a ele de corpo e alma.



Noite de Ano Novo...

Dante

Manobro lentamente o barco pelos canais sinuosos de Maida. Das margens arborizadas é possível ver a agitação crescente nas casas... É... mais um ano está indo. Foi difícil, duro, mas sou grato, pois trago comigo minha maior recompensa.

Espio o amor da minha vida que cochila, protegida e aquecida, no ninho de almofadas e cobertores macios que preparei para ela na proa^[203]... Um sorriso besta brota em meus lábios ao ouvir o ressonar leve e relaxado da respiração doce. O plano não era exatamente esse, esperava que minha Inglesinha apreciasse o passeio e a noite estrelada, mas como tudo é imprevisível com ela, capotou nos primeiros cinco minutos.

Também pudera... o Natal foi uma loucura com cada membro de nossa família disputando e

PERIGOSAS NACIONAIS

brigando pelo posto de melhor, maior e mais criativo presente para os gêmeos. A disputa foi tão árdua que o loft está intransitável. Mais uma sacola e precisaremos ser resgatados pela defesa civil.

É nós merecemos uma noite só nossa.

Seguro uma gargalhada para não acordar Treas... A cara de decepção dela foi hilária quando abriu meu presente de Natal e deu de cara com um chaveiro com as nossas iniciais.

Boba.

Tem sido difícil esconder a surpresa. Estamos quase lá... quero dar o paraíso a ela.

Mais uma curva e meu coração dispara emocionado, ancoo no pequeno píer admirando o trabalho... Romeo e Max foram foadas ajudando-me. Toda a frente do amplo jardim, com árvores de copas frondosas e folhagens bem cuidadas, está tomada por minúsculas luzes e lamparinas chinesas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O caminho sinuoso de pedras, que corta o gramado e vai até o casarão inglês clássico, de dois andares, está recoberto por pétalas brancas.

Puxo o ar tentando acalmar-me e vou até Beatrice.

Acaricio o rosto corado, que tanto amo, e que está ainda mais divino com as feições arredondadas pela gravidez.

— Amor, hora de acordar. Chegamos.

O castanho e o verde entreabrem preguiçosamente em um trepidar dos longos cílios escuros. Um sorriso doce vem pra mim.

Deus, como é linda!

— Onde? — mais resmunga do que pergunta e volta a fechar os olhos e aconchegar-se.

— Só vai saber se olhar. — Afasto uma mecha que recobre o rosto. — Vamos... mais meia hora será meia-noite...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já? — Espreguiça como uma gata manhosa.

— Hum-hum... — Resvalo nossos lábios.

Olha em volta, mas as laterais do barco impedem que veja alguma coisa.

— Vem... eu ajudo com esse barrigão.

Quando fica de pé, o queixo teimoso cai... Adorando ver o espanto estampado na carinha linda, ocupo-me de protegê-la do frio. Fecho o casaco vermelho, até onde a barriga permite, ajeito a touca amarela e transfiro do meu pescoço para o dela, um cachecol azul.

Cacete, ela fica adorável vestida de arco-íris!

Ofereço a mão ajudando-a a desembarcar. Em terra firme, bate as solas da bota marchando sobre as madeiras do píer como se quisesse se certificar de que são reais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que estamos fazendo aqui? — diz por fim.

— Achei que o paraíso seria um ótimo lugar para começarmos um tudo novo — sussurro.

Ainda sonolenta, Treas olha ao redor. Pisca... pisca... pisca... levando alguns segundos para entender o trocadilho.

— Não pode ser, sério? — A mão enluvada vai parar na boca.

— Seríssimo. — Abro um sorriso satisfeito.

— Mas... mas... disse que ela tinha sido vendida!

— E foi. — Do bolso do casaco, tiro um chaveiro igual ao que dei a ela. — Agora sim... seu presente de Natal. Faça as honras, senhora Stoirm.

O corpinho muito grávido chega a tremer de alegria.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus! Vamos morar em Maida! —
Eufórica, rouba um beijo, arranca a chave da minha
mão e sai correndo desengonçada. — Essa era a
minha casa dos sonhos! — Gira de braços abertos
no meio do jardim. — Não estou nem acreditando!
É o melhor marido do mundo, senhor Stoirm!

— Eu sei. — Coloco as mãos nos bolsos e
observo a agitação.

— Isso aqui é mesmo o paraíso! — Olha
para mim sorrindo de orelha a orelha. — Reparou
que as árvores são frutíferas? Vai poder fazer tortas
de maçãs para gente! — Afaga a barriga.

Cara de pau!

Gargalho porque adoro vê-la feliz e, como
homem apaixonado e cuidadoso que sou, sigo
minha mulher enquanto faz um novo
reconhecimento do lugar.

Quase no andar de cima, Beatrice vira no

PERIGOSAS NACIONAIS

topo da escada e pendura-se inesperadamente em meu pescoço.

— Muito, muito, muito obrigada, eu te amo. — Deposita uma sequência de beijos aleatórios por sobre o meu rosto.

— Fico feliz que seja como sonhou.

— Não, meu Abençoado. — Beija-me com doçura. — É muito melhor. É real, não mais um sonho.

Retribuo o beijo doce, depois pego-a no colo e carregando-a para o lugar que sei que será o nosso preferido na casa... As venezianas duplas do quarto principal dão acesso a um pequeno mezanino no telhado, que faz as vezes de mirante para o canal.

Com cuidado, sento no futon trazendo-a aconchegada em meu colo.

— Gostei da produção... está perfeita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Junto com ela, escrutino o lugar... Sob o futon em cor crua... almofadas e mais cobertores para nos proteger do frio. Pequenas lamparinas iluminam o chão também repleto de flores... num canto uma bandeja com frutas, queijos e muita água com gás para comemorarmos o Ano Novo.

— Para o perfeito, só falta uma coisa.

Sorrio malicioso e ataco Beatrice em um beijo profundo e devotado. Relembro nosso início... Eu, ela, um telhado e as estrelas... Levo todo tempo do mundo acariciando, saboreando e reverenciando a mulher que é o meu destino, minha maior missão... Porque sim... Eu vim à Terra só para isso... nasci só para protegê-la e amá-la.

Fogos começam a pipocar anunciando o ano novo. Ofegantes rompemos o beijo... Com os raros olhos nublados por um amor profundo, Beatrice sorri esperançosa para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Os fogos... será que já? — Morde os lábios inchados do meu beijo.

— Tenha certeza que sim — digo com confiança.

Alívio e paz iluminam o rosto de Beatrice.

— Nem acredito que acabou... — Os olhos singulares marejam. — E agora?

— Agora a gente vive, Inglesinha. A gente vive!

Num impulso emocionado, seus braços estão novamente em meu pescoço.

— Feliz vida nova, meu Abençoado!

FIM

Ops! Quase!

Enquanto isso em Paris...

Conforme combinado, minutos antes da meia-noite, o agente da Scotland disfarçado de novo assessor pessoal atravessa o salão de festas da Embaixada.

As comemorações de Ano Novo estão em seu auge com muita bebida, mulheres e jogatina... Um merecido encerramento, segundo o embaixador que continua afirmando ter sido vítima de uma conspiração.

— Senhor?

— O que foi, Henry? É bom que seja importante! Estou no meio de uma rodada aqui!

— Acredito que seja... Acabou de chegar com os cumprimentos do Primeiro-ministro e uma amiga, senhor — o agente diz com indisfarçável satisfação.

Um sorriso vitorioso brota no rosto do embaixador ao receber a elegante caixa preta como um prêmio de sua impunidade.

— Viram! — Ergue a caixa para que todos os convidados no salão possam ver. — Sabia que não daria em nada! — anuncia arrogante para todos.

Abre e todo o sangue corre de sua face ao retirar de dentro um par de algemas.

— O que é isso? — Fuzila o assessor. — Alguma brincadeira?

— Receio que não, senhor. — O agente pega o bilhete ignorado dentro da caixa. — Leia. — Oferece ao embaixador, que o abre ferozmente.

**“Achei-as a sua cara e não resisti.
Aproveite o presente e a nova vida.
Com prazer.**

Beatrice Stoirm.”

— Creio que a festa acabou para o senhor, embaixador. — O agente faz sinal e logo a polícia invade o salão. — Está preso por corrupção passiva, favorecimento ao tráfico e lavagem de dinheiro.

FIM

Recadinho da Anne Krauze



Escrever SINGULAR foi um desafio bonito e uma grande entrega. Agradeço por fazer parte de algo tão único, exclusivo e raro para mim e espero que tenha tido bons momentos de leitura.

Dante e Treas são personagens profundos e muito especiais... A cada linha, a história de vida e generosidade de ambos foi me cativando e ensinando.

Então peço que me ajude a levar o livro para mais pessoas. Se gostou de SINGULAR comente, indique aos amigos, recomende em suas redes sociais, avalie na Amazon... sua opinião e apoio são muito importantes e fazem toda a diferença.

Se quiser ficar mais pertinho, manter PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contato, acompanhar as outras histórias e próximos lançamentos, sentir-me-ei honrada de tê-lo em minhas redes sociais.

♥ Página Facebook: Anne Krauze – Romances

♥ Grupo de interação e sorteios no Facebook: FLAMINGAS – Nossos Livros, Nosso Mundo – ANNE KRAUZE.

♥ Instagram: @anne_krauze

Próximos lançamentos: Comédia romântica, **ALTITUDE** – Alessandro Salvatore Bolgheri – o Dark.

Conto – Soldadinhos.

Um beijo na alma e no coração.

#RespeitoÀLiteraturaSempre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Anne Krauze

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos



A amizade é uma predisposição recíproca que torna dois seres igualmente ciosos da felicidade um do outro.

Platão

SINGULAR é fruto de um sonho e de muito apoio.

Meu muito obrigada a todos, que assim como eu, acreditaram que seria um livro realmente único, exclusivo e raro... São tantas pessoas, tanta generosidade encontrada em gestos, palavras de incentivo e muita paciência pela espera, que seria injusto citar só alguns nomes.

Amo cada uma de vocês e todos os

PERIGOSAS NACIONAIS

comentários do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. Em especial ao extinto grupinho *Enlaçadas da Anne*, cujas integrantes me apoiaram nos capítulos iniciais do livro, e a todas que acompanharam as postagens no *Wattpad*, tornando a escrita do livro uma deliciosa e divertida aventura... Juntas rimos, choramos, nos descabelamos e suspiramos muiiiito!

Às minhas fiéis escudeiras nas redes sociais, Hellen Marçal e Mya Nogueira, obrigada pela seriedade e respeito com que tratam meus bens mais preciosos: os livros.

À guerreira Carla Santos, revisar SINGULAR foi um ato de coragem e fé.

Minha gratidão a Mary Land pelas opiniões preciosas nos primeiros capítulos, a Elaine Menezes e Nathi Inhesta pela amizade inabalável, respeito mútuo, sororidade e empatia em um momento tão especial em minha vida. Ahhh...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Silvia Sayuri, Sofia Merkauth, Adriana Mirian
Silvia Borges de Jesus, Cyntia Korsakas e Eveline
Knychala vocês são nota mil!

Um beijo na alma e no coração de todas.

Espero poder agradecer pessoalmente!

Gratidão sempre!

Anne Krauze

PERIGOSAS ACHERON

Conheça mais livros de Anne Krauze



♥ Um amor de CEO

♥ Enlaçados – Sex and Rock

♥ Entre Rosas e Estrelas – Parte 1 – Te Desejo. (Lançamento da Parte 2 previsto para o 2º semestre de 2019)



PERIGOSAS NACIONAIS

- [1]. Bournemouth – Balneário de praias de areia a cerca de duas horas de Londres. A *Jurassic Coast* tem esse nome devido a Era Jurássica e tem formações geológicas datadas de até 180 milhões de anos. Dessas formações, a mais famosa e imponente é o “arco natural” chamado de *Durdle Door* e a *Lulworth Chove*. Ambos ficam próximos, apesar da caminhada pelas montanhas durar cerca de 30 minutos.
- [2] Oxford (*University of Oxford*) – Aqui a personagem se refere à Universidade, uma [instituição de ensino superior pública](#) britânica, situada na cidade de [Oxford](#), sendo uma das mais importantes instituições de ensino do [Reino Unido](#).
- [3] EuroMillions – Loteria jogada em alguns países europeus.
- [4] Santo Graal – É uma expressão medieval que designa normalmente o cálice usado por Jesus Cristo na Última Ceia, e onde, na literatura, José de Arimateia colheu o sangue de Jesus durante a crucificação.
- [5]. Range Rover – Carro modelo SUV, da marca Land Rover. Conhecidos por serem seguros, robustos e de alta durabilidade.
- [6]. Geek – É uma gíria muito usada para caracterizar pessoas com um jeito peculiar, que exercem diversas atividades intelectuais e que geralmente têm muita afinidade com tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro e etc.
- [7] Cambridge – É a 7ª melhor universidade do mundo, com 18 mil alunos e 9 mil funcionários. 81 prêmios Nobel e ícones

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da ciência como Isaac Newton, Charles Darwin e Stephen Hawking já passaram por lá como alunos e professores. São 31 faculdades e 150 departamentos, escolas, colégios e outras instituições ligadas a esta faculdade na Inglaterra. Fundada em 1209,

[8] Victoria's Secret – Marca de lingerie.

[9] Castle Combe – Vilarejo a 150 km de Londres. Localizado em uma das regiões mais pitoresca da Inglaterra, Cotswolds, o vilarejo de Castle Combe é apontado por muitos guias de viagem como o 'mais lindo do país'. O nome do local refere-se a um forte construído no alto de uma colina, ocupado pelos romanos e reconstruído pelos normandos como castelo durante o século XI. Hoje restam poucas ruínas das pedras de fundação do castelo, escondidas em meio ao verde, mas o vilarejo se destaca pela arquitetura medieval original, muito bem preservada.

[10] Staff – Time, equipe em inglês.

[11] Print – Termo em inglês para a captura de imagens digitais.

[12] John Galiano – Estilista inglês renomado.

[13] Pug – É uma raça de cão de companhia originária da China. Tal afirmação é baseada no fato de terem encontrado cães similares na nação Oriental nos idos de 1700 a.C.

[14] Maida Vale – Bairro bem residencial a oeste de Londres. Mansões da era edwardiana, casas flutuantes e barcos marcam a paisagem, dando um toque de Veneza ao local, graças a dois canais que convergem aqui. Cheio de bares e cafés locais, não é difícil encontrar bons *drinks* antes ou depois de encarar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

metrô até o centro da cidade.

[15] Irmãos Reais – Uma referência aos Príncipes William e Harry, da Inglaterra.

[16] Lord Voldemort, nascido como Tom Marvolo Riddle na versão original, e Tom Servolo Riddle na versão brasileira, recebendo outros nomes dependendo do idioma, é um personagem fictício, principal vilão da série de livros e filmes Harry Potter de J.K. Rowling.

[17] Green Park – É um lindo parque em Londres, que os londrinos usam muito para passear e tomar sol no verão. Existe desde 1554 e é um dos lugares mais frequentados pelos moradores. O Green Park fica do lado do Palácio de Buckingham que é um ponto importante de Londres.

[18] Castelo Buckingham – Residência oficial da Família Real Britânica.

[19] Animal Planet – Canal por assinatura, com conteúdo sobre o mundo animal.

[20] Conde Byron – Personagem e título fictícios criado para o livro. Não é uma referência a nenhuma personalidade real.

[21] Wild Hart – Coração selvagem em inglês.

[22] Pub – Bar tipicamente inglês. Nome formal "Public House". É um estabelecimento licenciado para servir bebidas alcoólicas, originalmente em países e regiões de influência britânica.

[23] Soho – Bairro agitado e boêmio em Londres. Ruas caóticas e um pouco encardidas escondem lojas da moda e restaurantes badalados, e vivem lotadas de gente querendo consumir as últimas novidades. O passado de prostituição do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bairro e seu histórico Beatnik (como é chamada, foi um movimento literário que teve sua origem nos EUA em meados dos anos 50) foram pouco a pouco dando espaço para espaços modernos, cafés que não fecham nunca e lojas vintage que dão as boas-vindas à agitação 24 horas desse bairro que, pasme, é cheio de ruas de paralelepípedos.

[24] Spicy Girl – Garota apimentada, em inglês.

[25] Hermosa – Linda em espanhol.

[26] Guapo – Bonito em espanhol.

[27] Palácio de Westminster – Onde fica instalado o Parlamento. Corpo legislativo supremo do Reino Unido, dependências da Coroa britânica. É o equivalente ao que temos no Brasil como o Congresso Nacional.

[28] Treas – Abreviatura da palavra *Treasure*, que significa tesouro na língua irlandesa e é utilizada pelo personagem como apelido.

[29] Wilson – Uma referência a bola chamada de Wilson no filme *Náufrago*.

[30] RH – Recursos humanos.

[31] Big Ben – É o sino que foi instalado no Palácio de Westminster durante a gestão de Sir Benjamin Hall, ministro de Obras Públicas da Inglaterra, em 1859. Há também um enorme no topo da torre.

[32] Jubille Café – Cafeteria interna do Castelo de Westminster, serve tanto ao corpo político quanto aos turistas que costumam visitar o lugar.

[33] Jane Austen – Foi uma proeminente escritora inglesa. A ironia que utilizou para descrever as personagens de seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

romances a coloca entre os clássicos, haja vista sua aceitação, inclusive na atualidade.

[34] Garden`s Eden Academy – Academia Jardim do Éden, em inglês.

[35]. Canterbury – Cidadezinha patrimônio da Unesco a cerca de uma hora e meia de Londres.

[36] Celtas – A religiosidade dos celtas era marcada por uma série de divindades que possuíam poderes únicos ou tinham a capacidade de representar algum elemento da natureza ou animal. Com o passar do tempo, alguns mitos e deuses foram incorporados pelo paganismo romano e, até mesmo, na trajetória de alguns santos cristãos. Atualmente, a Irlanda é o país onde se encontram vários vestígios da cultura céltica. Além disso, é importante destacar que os sacerdotes, conhecidos como druidas, detinham grande prestígio e influência.

[37] Ursa Maior – É uma grande e famosa constelação do hemisfério celestial norte.

[38] Scone – É um bolinho inglês, geralmente feitos de trigo, cevada ou aveia, e que são feitos em porções individuais, assim como o cupcake. Às vezes, adoçados e incrementados com frutas secas ou pedaços de maçã e canela.

[39]. Críquete – Jogo que utiliza bola e tacos, cuja origem remonta ao sul da Inglaterra, durante o ano de 1566. Considerado por muitos um jogo parecido com o baseball. Ele foi inspirado num rudimentar jogo rural medieval chamado stoolball.

[40] Scotland Yard - Também conhecida por New Scotland

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Yard ou Yard, é a sede central ou quartel general da Polícia Metropolitana de Londres (*Metropolitan Police Service*).

Popularmente, o termo *New Scotland Yard* usado como metonímia para designar a Polícia Metropolitana ou a polícia judiciária de Londres.

[41] Scarface – Cara de cicatriz, termo em inglês.

[42] Marilyn Monroe – foi uma atriz e modelo norte-americana. Estrela de cinema de Hollywood, é um dos maiores símbolos sexuais do século XX, imortalizada pelos cabelos loiros e as suas formas voluptuosas.

[43] Eejit – Idiota em irlandês.

[44] Sudão – É um país africano, limitado ao norte pelo Egito, a leste pelo Mar Vermelho, por onde faz fronteira com a Arábia Saudita. Grande parte da sua história é marcada por conflitos étnicos. Quarto maior país corrupto no mundo, há inúmeros casos de limpeza étnica e de escravidão fazendo dele o quinto em fome e miséria.

[45] *Fella* – Companheiro em irlandês.

[46] Ramba – Neologismo (figura de linguagem - criação de palavras não existentes) para fazer alusão ao personagem Rambo no cinema.

[47] Cristiane F. – Personagem fictícia do livro Cristiane F. Drogada e Prostituída.

[48] Taser – Arma taser ou de eletrochoque, como o próprio nome já diz, é uma arma que utiliza impulsos elétricos para imobilizar pessoas. Ela é considerada não-letal, pois se aplicada de maneira correta não é capaz de causar morte por si só.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[49] Ases Indomáveis – Filme de 1986 com Tom Cruise como Pete "Maverick" Mitchell, um arrojado piloto de caça da Marinha.

[50] Silver tape – Fita adesiva na cor prata, super-resistente e com alto poder de aderência.

[51] Algos – Propositadamente no plural como um neologismo para dar a ideia de pluralidade.

[52] Violet Cakes – É um dos melhores cafés da manhã em Londres. Além de vender maravilhosos doces, o lugar é uma gracinha.

[53] O Sorriso – Aqui a personagem refere-se ao sorriso como sendo quase uma entidade personificada.

[54] Urso polares – Símbolos do Canadá.

[55] Estacionamento fictício inventado para a trama do livro.

[56] Afinzaço - Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[57] Stalker – É uma palavra inglesa que significa "perseguidor". É aplicada a alguém que importuna de forma insistente e obsessiva outra pessoa que, em muitos casos, é uma celebridade. A perseguição persistente pode levar a ataques e agressões.

[58] Moulin Rouge – Moinho Vermelho em francês. Filme de 2001 retratando o famoso cabaré parisiense. O idealista e inocente poeta Christian se vê seduzido pelo fantástico e obscuro submundo de uma boate parisiense, a Moulin Rouge. Neste glamoroso refúgio do sexo, drogas e farra, ele acaba se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonando por Satine, a estrela da casa.

[59] Nicole Kidman – Atriz e produtora australiana.

Protagonista do filme *Moulin Rouge*.

[60] Kensington & Chelsea – Região mais nome de Londres. Kensington é o bairro favorito dos investidores estrangeiros. mais da metade das vendas de imóveis feitas nesta zona no último ano foram realizadas por compradores internacionais. Aqui fica a rua mais cara do Reino Unido, “Kensington Palace Gardens”, onde o preço médio das mansões ronda os 36 milhões de libras (40 milhões de euros). Kensington tornou-se o bairro mais caro de Londres e quem quiser comprar uma casa terá de desembolsar cerca de 2,3 milhões de libras (2,8 milhões de euros), o preço médio da habitação na zona.

Chelsea é o “distrito” vizinho, e igualmente exclusivo pelo seu ar imponente e os edifícios históricos. Aqui vive o jogador Fernando Torres e o milionário russo Roman Abramovich está a construir uma casa avaliada em 100 milhões de libras (116 milhões de euros).

[61] Peckham – Considerado um dos bairros mais inseguros e populares de Londres pela diversidade de imigrantes.

[62] *Motos From Hell* – Motos do inferno em inglês.

[63] Flertadores – Neologismo... palavra criada para dar sentido ao grupo de pessoas viciadas em flerte.

[64] DSTs – Doenças sexualmente transmissíveis.

[65] Arsenal – Grande time do futebol inglês.

[66] Síndrome de Estocolmo – Estocolmo (Stockholmssyndromet em sueco) é o nome normalmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dado a um estado psicológico particular em que uma pessoa, submetida a um tempo prolongado de intimidação, passa a ter simpatia e até mesmo de amor ou amizade perante o seu agressor.

[67] *Convento de Sant Abbey* – construção fictícia para dar enredo a trama do livro. Inspirado no mosteiro Westminster Abbey em Londres.

[68] Sistema de tuneis Mail Rail – Trem postal. A rede de túneis com cerca de 10,5 quilômetros de comprimento fica 21 metros abaixo do nível da rua. Seu coração eram os trens movidos a eletricidade, sem condutor, que transportavam a correspondência abaixo da cidade. Isso durou quase um século, até que os custos crescentes fizeram o sistema parar.

[69] Roast Beef – Mais conhecido aqui no Brasil como rosbife, é um prato de origem inglesa. A iguaria é uma carne assada e originalmente temperada com sal e pimenta do reino.

Preparada em um forno bem quente, por um tempo relativamente curto, a carne, depois de pronta, deve se apresentar tostada por fora, succulenta e rosada por dentro.

[70] Yorkshire pudding é uma espécie de pão, normalmente em formato pequeno, feito tradicionalmente na Grã-Bretanha para acompanhar o “assado-de-domingo”.

[71] London Eye – também conhecida como Millennium Wheel (*Roda do Milênio*), é uma roda-gigante de observação. Situada na cidade de Londres, da Inglaterra, foi inaugurada na passagem entre o dia 31 de dezembro de 1999 e 1 de janeiro de 2000 e é um dos pontos turísticos mais disputados da cidade. Desde 2006, a roda-gigante deixou de ser a maior do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo, após a inauguração da Estrela de Nanchang (160 m), localizada na cidade de Nanchang, China. Atualmente, a maior roda gigante do mundo é a High Roller (167 m), localizada em Las Vegas, USA.

[72] Tower Bridge – A Ponte da Torre de Londres, ou simplesmente Ponte da Torre, é uma ponte-báscula construída sobre o rio Tâmesa, na cidade de Londres, capital do Reino Unido.

[73] The City – A chamada Grande Londres é uma área de 33 distritos entre eles Westminster Greenwich, Kensington, Islington, Camden e tantos outros. Um desses distritos é a City of London, o distrito que foi onde a cidade teve origem e o centro financeiro de Londres. Área de Londres que é compreendida pela City of London, também chamada de “The City”. Foi aqui que a cidade teve origem, quando os romanos fundaram a cidade de Londinium por volta de 50 d.C. Ainda na área há vestígios e ruínas das antigas muralhas que cercavam a cidade.

[74] O 30 St. Mary Axe, informalmente conhecido como Gherkin, é um arranha-céu comercial localizado na Cidade de Londres, principal distrito financeiro londrino. Foi concluída em dezembro de 2003 e inaugurado em abril de 2004.

[75] Fato fictício para dar enredo ao livro. O Gherkin é hoje uma propriedade do grupo de investimentos brasileiro Safra.

[76] Chaise Longue – Cadeira alongada, espécie de espreguiçadeira, mais sofisticada utilizada em ambientes fechados.

[77] Bowl – Tigela redonda e profunda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[78] She-Ra é uma personagem da série de animação She-Ra: A Princesa do Poder. Ela é o alterego da Princesa Adora e irmã gêmea de He-Man.

[79] Mo lit — Minha iluminada em irlandês.

[80] Pantalona – Calças extras largas.

[81] Revolvinho – Neologismo para um revólver pequeno, indicando o jeito irreverente da personagem falar.

[82] Sincericídio - Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[83] Usain Bolt – Corredor Olímpico, considerado o homem mais rápido da história.

[84] Royal Honnor – Grupo de inteligência secreta e missões especiais criado para o livro.

[85] Ecstasy – Considerada a droga do amor. “Não use drogas.”

[86] VPN – Processo de respiração boca a boca para desobstrução respiratória em primeiros socorros.

[87] Neologismo – Muito dentro... indicando a determinação da personagem.

[88] Cansadaço - Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[89] Dadivoso - Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[90] Fodidamente - Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[91] RSVP (Répondez S'il Vous Plait) – Responda, por favor, em francês. Uma sigla comumente encontrada nos convites no qual o anfitrião do evento pede que o convidado confirme a presença no mesmo.

[92] Job — Termo comum em agências de publicidade para se referir a um trabalho.

[93] James Bond – Também conhecido pelo código 007 é um personagem fictício criado pelo autor Ian Fleming.

[94] TOC – Transtorno obsessivo compulsivo.

[95] Hacker – Indivíduo que no mundo da informática se dedica, com intensidade incomum, a vasculhar, conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e rede de computadores, extrapolando os limites do funcionamento “normal” dos sistemas como previsto por seus criadores.

[96] *MI6 – Serviço secreto inglês.*

[97] The Times – Fundado em 1785, em Londres, o Times é um dos principais jornais da Grã-Bretanha.

[98] Heterocromia — Condição onde a parte colorida de um olho (íris) é diferente do outro.

[99] Babuskas – Mais comumente conhecidas como Matrioskas, são bonecas de origem russa. A denominação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Babuskas é mais comum na Sérvia, país europeu.

[100] Pacman — Famoso personagem de jogo eletrônico, vulgo come-come. Ele come bolinhas para escapar e se tornar mais forte e superar os obstáculos.

[101] Peixe frito e fritas (Fish and Chips em inglês) – Prato popular que é praticamente uma instituição gastronômica de Londres. Simples, ele é exatamente o que o nome diz: peixe empanado frito com batatas fritas. Os peixes mais tradicionais para o fish and chips são o bacalhau fresco e o hadoque.

[102] Fin and Flounder – Peixaria e restaurante local. Só trabalha com produtos a base de peixe sustentável

[103] Manor House Hotel and Golf Club – Único hotel cinco estrelas da cidade de Castle Combe, em sua propriedade há um campo de golfe com vegetação abundante.

[104] Owl – Coruja em inglês.

[105] Dadeira – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[106] Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[107] Fofocaiada – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[108] Printezinho - Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[\[109\]](#) Googlei – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[\[110\]](#) Peitão – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[\[111\]](#) Afinzaça – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[\[112\]](#) QG – Revista dirigida ao universo masculino.

[\[113\]](#) Gap – termo em inglês – Atraso, descompasso ou disparidade entre as coisas, países, pessoas ou ações.

[\[114\]](#) Full Time – O tempo todo em inglês.

[\[115\]](#) Piscantes – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[\[116\]](#) MMA – É a sigla para Mixed Martial Arts ou em português “Artes Marciais Mistas”. MMA são artes marciais que incluem golpes de luta em pé e técnicas de luta no chão.

[\[117\]](#) Black tie – Traje de gala masculino, mais formal que terno, geralmente smoking.

[\[118\]](#) Grace Kelly – Atriz norte-americana que abdicou da carreira no cinema, após casar-se com Rainier III, príncipe-soberano de Mônaco.

[\[119\]](#) Drag Queen – Homem que se veste com roupas extravagantes de mulher e imita voz e trejeitos, tipicamente femininos, geralmente apresentando-se como artista em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

shows.

[120] Audrey Hepburn – Atriz britânica, nascida na década de 30, considerada ícone de estilo. Moda e beleza. Consagrada em filmes clássicos como *Sabrina*, *A princesa e o plebeu* e *Bonequinha de luxo*.

[121] Clutch – Bolsinha de mão, geralmente usada em festas.

[122] Gandola – É a peça do vestuário da farda militar, utilizada na parte superior do corpo. Tal peça é constituída por fechamento de botões, alça de ombreiras, bolsos característicos de corte militar e cores da instituição, patente ou país.

[123] Quepe – Chapéu militar.

[124] Aquelazinha – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[125] Guinness – Publicação que lista records mundiais, algumas categorias são bem curiosas como o maior novelo de lã do mundo.

[126] Dólmã – É uma espécie de túnica utilizada como uniforme de trabalho dos cozinheiros.

[127] Marilyn Monroe – Estrela de cinema de Hollywood, um dos maiores símbolos sexuais do século XX.

[128] Púlpito – Plataforma elevada utilizada por oradores.

[129] Nascimento de Vênus – É uma pintura de Sandro Botticelli.

[130] Photoshop – Programa digital para tratamento e edição de imagens. Muito usado por fotógrafos e designs.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[131] Oompa-Loompas – São um tipo de anões com roupas vermelhas existentes na obra de ficção *A fantástica fábrica de chocolate*.

[132] Judieira – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[133] Desamá-lo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[134] Coitadismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[135] Sr. Hyde e Dr. Jekyll uma referência a obra literária clássica, *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson.

[136] Posição missionário – Conhecido também como papai e mamãe.

[137] Portobello – Bairro residencial em Dublin 2, um dos distritos nos quais a capital Dublin é subdividida... Dentro de cada distrito englobam-se diversos bairros.

[138] Brownie – É uma sobremesa de chocolate típica da culinária dos Estados Unidos e pode considerar-se um bolo feito num tabuleiro e partido em pequenos pedaços.

Geralmente, é acompanhado de sorvete.

[139] Danger! Bad Girl is coming – Perigo... Garota má está vindo, em inglês.

[140] Corpo Aéreo – Descrição meramente ilustrativa e fictícia para o livro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[141] Ventos em velocidade de cruzeiro – Termo que indica tempo ameno com velocidade dos ventos tranquilas.

[142] Militarês – Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[143] Kylemore Abbey – Castelo em estilo gótico localizado na Connemara, Irlanda.

[144] Picada de insetos – Nesse trecho, usei de uma licença poética para alterar o motivo da morte. A história conta que ela contraiu uma doença e morreu, não há nada sobre picadas de insetos.

[145] Bentinho e Capitu – Personagem da obra clássica da literatura brasileira *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Foram citados como leitura fictícia da personagem Beatrice Wild como forma de homenagear a nossa literatura.

[146] Chaos Paradise – Paraíso do Caos em inglês.

[147] Peter Pan – Personagem fictício criado por J.M. Barrie para a notória peça de teatro *Peter and Wendy* que originou o livro homônimo publicado em 1911.

[148] Terra do Nunca – Universo Fantástico habitado por Peter Pan e seus amigos.

[149] Dul Fuck – Vá à merda em irlandês.

[150] Nárnia – Mundo fantástico criado pelo escritor Irlandês Clive Staples Lewis como local narrativo da obra *As Crônicas de Nárnia*.

[151] Odin – Por seu amor às batalhas, é o principal Deus da mitologia nórdica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[152] Ná – Não em Irlandês.

[153] Tarzan – Personagem de ficção que viveu entre macacos e gorilas, criado pelo escritor Edgar Rice Borroughs em 1912.

[154] Creeds – Crendices em irlandês.

[155] Chita – Nome da macaca do Tarzan.

[156] Irish Stew – Prato tradicional na Irlanda. Ensopado com carne de cordeiro, batata, cenoura, cebola e salsa picada.

[157] Uma brincadeira com o filme de terror *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado*.

[158] Born in Chaos – Nascido no caos. Rótulo fictício para o livro, premiações também fictícias.

[159] Tenho medos bobos e coragens absurdas – Referência feita como uma homenagem à escritora Clarice Lispector.

[160] Tarântulas – Não são venenosas e são inofensivas para os seres humanos, mas a sua picada apesar de mais fraca do que de uma abelha, dói bastante e sua penugem pode irritar a pele.

[161] Bird – Pássaro em inglês.

[162] Haters – inimigos em inglês.

[163] Plugais - Neologismo: chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[164] Karl Marx – Sociólogo, jornalista e revolucionário alemão.

[165] Análise de sequência de números fictícia para o livro e não corresponde à realidade.

[166] Team leader – Líder de torcida em inglês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[\[167\]](#) Tupperware – Recipientes plásticos para armazenamento e conservação de alimentos.

[\[168\]](#) Tudo o que você faz, um dia pra você... — Ditado popular.

[\[169\]](#) Love Story (História de Amor) – Filme clássico romântico dos anos 70. Oliver Barrett IV (Ryan O'Neal), um estudante de Direito de Harvard, conhece Jenny Cavilleri (Ali MacGraw), uma estudante de música de Radcliffe. Um rápido envolvimento surge entre eles, sendo que logo decidem se casar. No entanto, Oliver Barrett III (Ray Milland), o pai do jovem, que é um multimilionário, não aceita tal união e deserdá o filho. Algum tempo depois de casados, ela não consegue engravidar e, ao fazer alguns exames, se constata que Jenny está muito doente.

[\[170\]](#) Ryan O'Neal – Ator norte americano considerado um dos maiores galãs de sua época.

[\[171\]](#) Pret a Manger – Pronto para comer em francês. Uma das redes de *fast-food* mais conceituadas em Londres que oferece apenas o serviço “take away” (pegar, pagar e sair), sem mesinhas.

[\[172\]](#) Beagles – Raça de cães.

[\[173\]](#) Venom – Filme de 2018, estrelado por Tom Hardy... sobre um anti-herói e um extraterrestre.

[\[174\]](#) Pitstop – Termo comum no automobilismo para as paradas nos boxes.

[\[175\]](#) Comfort Food – Termo em inglês para comidas que trazem conforto e sensação de bem-estar.

[\[176\]](#) Tesco – Rede de supermercados. É a terceira maior do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo, só perdendo para Wal-Mart e Carrefour.

[177] Cidade Luz – Termo mundialmente utilizado para denominar Paris.

[178] “Dama de Ferro” – Apelido carinhoso que os franceses dão a Torre Eiffel.

[179] La Comtesse – A condessa, em francês. Hotel da capital francesa, situado nos arredores do monumento *Hôtel dos Invalides*. Este hotel boutique tem 40 quartos e todos com vista para a Torre Eiffel.

[180] Dom Pérignon – Marca conceituada e cara de champanhe produzida pela casa francesa Moët & Chandon.

[181] Bisa – Forma coloquial e abreviada para bisavô.

[182] Team – Time em inglês.

[183] Mesdames et messieurs – Senhoras e senhores em francês.

[184] Walkie-talkie – Pequeno aparelho de rádio emissor e receptor que uma pessoa pode usar para se comunicar a uma distância relativamente curta.

[185] Piada comum na internet.

[186] Dory – Peixinha com problemas de memória do filme em animação - *Procurando Nemo*.

[187] Ever – Sempre em inglês.

[188] Claridge’s – Hotel cinco estrelas em Londres, localizado na elegante região do Mayfair. Recheada de lojas de luxo, como Louis Vitton e Tiffany & Co, essa região oferece variadas opções para quem quer gastar de dinheiro. Sem contar que muito provavelmente você pode se deparar com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma celebridade, já que elas adoram fazer compras por lá.

[189] Maître – Anfitrião ou gerente do restaurante.

[190] Matb – Mãe em russo.

[191] Andros – É uma ilha da Grécia, ao norte do arquipélago. Tem cerca de 40km de comprimento e 16 km de largura. É montanhosa, com vales férteis e encostas.

[192] Ser humaninha - Neologismo: Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[193] Taque-tique... Taque-tique... Taque-tique– Inversão proporcional na ordem da onomatopeia, (figura de linguagem que reproduz um som, fonema ou palavra), para caracterizar a regressão do tempo. Neologismo – Chama-se de neologismo o processo de criação de novas palavras na língua. No livro, são usadas para dar mais fluidez e leveza ao texto.

[194] Harleys – Referência às motos de marca Harley-Davidson.

[195] AppleWatch – Relógio de pulso da marca Apple.

[196] Um por todos, todos por um – Referência literária em homenagem a obra clássica *Os Três Mosqueteiros*, do escritor francês Alexandre Dumas.

[197] Guildford – Cidade de pouco mais de 80 mil habitantes localizada na região de Surrey, a 40 km de Londres.

[198] Biometria – Medição e análise de diversas partes do corpo humano que pode ser usada na identificação criminal, controle de acesso de dados, contas bancárias, etc. Exemplos biométricos: digitais dos dedos, palmas da mão, olhos, retina e íris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[199] Castelo de Windsor – Castelo localizado na cidadezinha de Windsor, a 34 Km de Londres. Considerado como a residência oficial preferida da Rainha Elizabeth II.

[200] Sororidade – Conceito usado há mais de 40 anos que acaba com todos os preconceitos segundo os quais as mulheres não conseguem ser amigas, que são rivais entre si por natureza ou que são cruéis entre elas.

[201] Willow – Uma homenagem ao último cachorro Corgi da Rainha Elizabeth II, que foi sacrificado em função de um câncer. Ao longo dos anos, a Monarca já teve mais de 30 cachorros dessa raça. Na vida real, Willow foi uma cadelinha, mas para efeito de ficção, o sexo foi alterado.

[202] *Happily ever after* — Felizes para sempre em inglês.

[203] Proa – Parte dianteira da embarcação.

PERIGOSAS ACHERON